

MAXIMILIANO

PRINCEPE DE WIED NEUWIED

VIAGEM ao BRASIL

Tradução de
EDGAR SUSSEKIND DE MENDONÇA
& FLAVIO POPPE DE FIGUEIREDO

Refundida e anotada por
OLIVERIO PINTO

—
EDIÇÃO ILUSTRADA

BRASILIANA
GRANDE FORMATO

Série 5.ª

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Vol. 1

"BRASILIANA"

Série

GRANDE FORMATO

★

A série "BRASILIANA" que, lançada há quasi dez anos, já está para completar a segunda centena de volumes, é a maior, mais vasta e mais completa biblioteca de estudos brasileiros. O êxito invulgar que devemos à simpatia com que o público acolheu essa iniciativa e ao apoio franco e generoso que nos trouxeram os aplausos de uns e a colaboração valiosa de outros, nos animou a alargar o plano primitivo, criando na série "BRASILIANA" uma seção especial de obras em grande formato.

A experiência nos havia mostrado a inconveniência de publicar, no formato regular dos livros dessa coletânea, certas obras que, pelo número e pela importância das gravuras, seriam sacrificadas em volumes de menores dimensões. As gravuras reduzidas em tamanho para reprodução em páginas dos volumes comuns, perderiam, sem dúvida, com a nitidez, parte de seu interesse pitoresco ou de seu valor documentário. Daí a resolução que tomamos de publicar em volumes de formato maior essas obras que exigem, pela sua natureza, melhor apresentação material, difícil e, em certos casos, impossível de se obter em volumes de proporções reduzidas.

Essa iniciativa representa, pois, mais um esforço para corresponder à confiança do público e facilitar a incorporação, na série "BRASILIANA", de obras do maior alcance e interesse que dela ficaram excluídas por uma dificuldade de ordem puramente material, fácil de ser removida, sem quebrar a unidade orgânica de concepção e de plano dessa coleção.

★

Edição da

COMPANHIA EDITORA
NACIONAL
SÃO PAULO

J.P. Monting ma
1947 mi

46 254 b*





BRASILIANA

5.ª SERIE da

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

★

Volumes publicados:

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — OLIVEIRA VIANA: *Raça e Assimilação* — 3.ª edição (aumentada).
8 — OLIVEIRA VIANA: *Populações Meridionais do Brasil* — 4.ª edição.
9 — NINA RODRIGUES: *Os Africanos no Brasil* — (Revisão e prefácio de Homero Figueira). Profusamente ilustrado — 2.ª edição.
22 — E. ROQUETTE-PINTO: *Ensaio de Antropologia Brasileira*.
27 — ALFREDO ELIAS JÚNIOR: *Populações Paulistas*.
59 — ALFREDO ELIAS JÚNIOR: *Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano*.

ARQUEOLOGIA E PREHISTÓRIA

- 34 — ANGELO COSTA: *Introdução à Arqueologia Brasileira* — Ed. ilustrada.
127 — ANÍBAL MATOS: *Prehistória Brasileira* — Vários Estudos — Ed. ilustrada.
148 — ANÍBAL MATOS: *Peter Wilhelm Lund no Brasil* — Problemas de Paleontologia Brasileira — Ed. ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 — PANDIÁ CALÓGERAS: *O Marquês de Barbacena* — 2.ª edição.
11 — LUIZ DA CÂMARA CASCUDO: *O Conde d'Eu* — Vol. ilustrado.
107 — LUIZ DA CÂMARA CASCUDO: *O Marquês de Olinda e seu tempo* — (1793-1870) — Edição ilustrada.
18 — VISCONDE DE TAUNAY: *Pedro II* — 2.ª edição.
20 — ALBERTO DE FARIA: *Mauá* (com três ilustrações fora do texto).
ANTÔNIO GONTIJO DE CARVALHO: *Calógeras*.
65 — JOÃO DORNAS FILHO: *Silva Jardim*.
73 — LÚCIA MIGUEL-PEREIRA: *Machado de Assis* — (Estudo Crítico-Biográfico) — Edição ilustrada.
CHAVEIRO COSTA: *O Visconde de Sinimbuá* — Sua vida e sua atuação na política nacional — 1840-1889.
81 — LEMOS BRITO: *A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império* — Frei Caneca — Edição ilustrada.
35 — WANDERLEY PINHO: *Cotegipe e seu tempo* — Ed. ilustrada.

- 88 — HÉLIO LOBO: *Um Varão da República*: Fernando Lobo.
114 — CARLOS SCHNEKIN DE MENDONÇA: *Silvio Romero* — Sua Formação Intelectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliográfica — Ed. ilustrada.
119 — SUD MENNUECCI: *O Precursor do Abolicionismo*: Luiz Gama — Ed. ilustrada.
120 — PEDRO CALMON: *O Rei Filósofo* — Vida de D. Pedro II — 2.ª Edição ilustrada.
133 — HEITOR LYRA: *História de Dom Pedro II* — 1825-1891 — 1.ª Vol.: "Ascensão" — 1825-1870 — Edição ilustrada.
133-A — HEITOR LYRA: *História de Dom Pedro II* — 1825-1891 — 2.ª Vol.: "Pragmática" (1870-1890) — Ed. ilustrada.
133-B — HEITOR LYRA: *História de Dom Pedro II* — 1825-1891 — 3.ª Vol.: "Declínio" — 1880-1891 — Ed. ilustrada.
135 — ALBERTO PIZARRO JACOBINA: *Dias Carneiro (O Conservador)* — Ed. ilustrada.
136 — CARLOS FONTES: *Tavares Bastos (Aureliano Cândido)* — 1839-1875.
140 — HERMES LIMA: *Tobias Barreto* — A Época e o Homem — Ed. ilustrada.
143 — BRUNO DE ALMEIDA MAGALHÃES: *O Visconde de Abaeté* — Ed. ilustrada.
144 — V. CORREIA FILHO: *Alexandre Rodrigues Ferreira* — Vida e Obra do grande Naturalista Brasileiro — Ed. ilustrada.
153 — MÁRIO MATOS: *Machado de Assis* — (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor). — Ed. ilustrada.
157 — OTÁVIO TARQUÍNIO DE SOUZA: *Evaristo da Veiga* — "Homens da Regência" — Ed. ilustrada.
166 — JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADE e SILVA: *O Patriarca da Independência* — Dezembro 1821 a Novembro 1823.
177 — JONATAS SERRANO: *Farias Brito* — O Homem e a Obra.
182 — AFRONSO SCHMIDT: *A vida de Paulo de Alencar* — Seguida de uma Coleção de suas Poesias organizada por José Gonçalves.

BOTANICA E ZOOLOGIA

- 71 — E. F. HOERNE: *Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI* — (Pesquisas e Contribuições).
77 — C. DE MELO-LEITÃO: *Zoologia do Brasil* — Edição ilustrada.
99 — C. DE MELO-LEITÃO: *A Biologia no Brasil*.

CARTAS

- 12 — WANDERLEY PINHO: *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe* — Ed. ilustrada.
 38 — RUI BARROSA: *Mocidade e Exílio* (Cartas inéditas, prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.
 61 — CONDE D'EU: *Viagem Militar no Rio Grande do Sul* (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comentadas por Max Fleissner) — Edição ilustrada.
 109 — GEORGES HAEDERS: *D. Pedro II e o Conde de Gobineau* (Correspondência inédita).
 142 — FRANCISCO VENÂNCIO FILHO: *Eucleides da Cunha e seus Amigos* — Edição ilustrada.

DIREITO

- 110 — NINA RODRIGUES: *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.
 165 — NINA RODRIGUES: *O Alienado no Direito Civil Brasileiro* — 3.ª Edição.

ECONOMIA

- 90 — ALFREDO ELIAS JÚNIOR: *Evolução da Economia Paulista e suas Causas* — Edição ilustrada.
 100 e 100-A — ROBERTO SIMONSEN: *História Econômica do Brasil* — Ed. ilustrada em 2 tomos.
 152 — J. F. NORMANO: *Evolução Econômica do Brasil* — Tradução de T. Quantim Barbosa, R. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.
 155 — LEMOS BRITO: *Pontos de Partida para a História Econômica do Brasil*.
 160 — LUIZ AMARAL: *História Geral da Agricultura Brasileira* — No triplice aspecto Político-Social-Econômico — 1.º Volume.
 160-A — LUIZ AMARAL: *História Geral da Agricultura Brasileira* — No triplice aspecto Político-Social-Econômico — 2.º Volume.
 162 — BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA: *O Pau-Brasil na História Nacional* — Com um capítulo de Artur Neiva e parecer de Oliveira Vianna — Ed. ilustrada.
 183 — OSÓRIO DA ROCHA DINIZ: *O Brasil em face dos Imperialismos Modernos*.

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

- 66 — PRIMITIVO MOACIR: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º Volume — 1823-1853.
 87 — PRIMITIVO MOACIR: *A instrução e o Império* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º Volume — Reformas do Ensino — 1854-1888.

121 — PRIMITIVO MOACIR: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º Volume — 1854-1889.

147 — PRIMITIVO MOACIR: *A Instrução e as Províncias* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1825-1889 — 1.º Vol.: Das Amazonas às Alagoas.

147-A — PRIMITIVO MOACIR: *A Instrução e as Províncias* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1825-1889 — 2.º Volume: Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato-Grosso.

147-B — PRIMITIVO MOACIR: *A Instrução e as Províncias* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º Volume: Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

98 — FERNANDO DE ABEVEDO: *A Educação Pública em São Paulo* — Problemas e Discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

ENSAIOS

- 1 — BATISTA PEREIRA: *Figuras do Império e outros ensaios* — 2.ª edição.
 6 — BATISTA PEREIRA: *Valores e episódios do Brasil* — 2.ª edição.
 26 — ALBERTO RANGEL: *Rumos e Perspectivas*.
 41 — JOSÉ-MARIA BELO: *A inteligência do Brasil* — 3.ª edição.
 43 — A. SARDIA LIMA: *Alberto Torres e sua obra*.
 56 — CHARLES EXFILLY: *Mulheres e Costumes do Brasil* — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penha.
 70 — AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO: *Conceito de Civilização Brasileira*.
 82 — C. DE MELO-LEITÃO: *O Brasil visto pelos Ingleses*.
 105 — A. C. TAVARES BASTOS: *A Província* — 2.ª edição.
 151 — A. C. TAVARES BASTOS: *Os males do Presente e as esperanças do Futuro* (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano TAVARES BASTOS.
 116 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: *Estudos Pirulentes* — Edição ilustrada.
 150 — ROY NASH: *A Conquista do Brasil* — Tradução de Moncir N. Vasconcelos — Edição ilustrada.

ETNOLOGIA

- 30 — E. ROQUETTE-PINTO: *Rondônia* — 3.ª edição (aumentada e ilustrada).
 44 — ESTEVÃO PINTO: *Os Indígenas do Nordeste* — (Com 15 gravuras e mapas) — 1.º Tomo.
 112 — ESTEVÃO PINTO: *Os Indígenas do Nordeste* — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro).
 52 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: *O selvagem* — 4.ª edição completa, com parte original Tupi-guaraní.

- 60 — EMÍLIO RIVASSEAU: A vida dos índios Guarijús — Edição ilustrada.
 75 — APOSSO A. DE FREITAS: Vocabulário Nheengatú (vernaculário pelo português falado em São Paulo) — Língua Tupi-Guaraní (com 3 ilustrações fora do texto).
 92 — ALMERANTE ANTÔNIO ALVES CÂMARA: Ensaio sobre as Constituições Nativas Indígenas do Brasil — 2.ª edição ilustrada.
 101 — HERBERT BALDUS: Ensaio de Etnologia Brasileira — Prefácio de Afonso de E. Taunay — Edição ilustrada.
 139 — ANJIONE COSTA: Migrações e Cultura Indígena — Ensaio de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. ilustrada.
 154 — CARLOS FR. PHIL. VON MARTTUS: Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros (1844) — Trad., Prefácio e Notas de Pirajá da Silva. — Ed. ilustrada.
 163 — MAJOR LIMA FIGUEIREDO: Índios do Brasil — Prefácio do General Rondon — Edição ilustrada.

FILOLOGIA

- 25 — MÁRIO MARROQUIM: A Língua do Nordeste.
 46 — RENATO MENDONÇA: A influência africana no português do Brasil — Edição ilustrada.
 164 — BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA: Dicionário da Terra e da Gente do Brasil — 4.ª edição da "Onomástica Geral da Geografia Brasileira".
 178 — ARTUR NEIVA: Estudos da Língua Nacional.
 179 — EDGARD SANCHES: Língua Brasileira — 1.º Tomo.

FOLCLORE

- 57 — FLAVERIO RODRIGUES VALE: Elementos do Folclore Musical Brasileiro.
 103 — SOUSA CARNEIRO: Mitos Africanos no Brasil — Edição ilustrada.

GEOGRAFIA

- 30 — CAP. FREDERICO A. RONDON: Pelo Brasil Central — Ed. ilustrada, 2.ª edição.
 33 — J. DE SAMPAIO FERREAS: Meteorologia Brasileira.
 35 — A. J. SAMPAIO: Fitogeografia do Brasil — Ed. ilustrada — 2.ª edição.
 53 — A. J. DE SAMPAIO: Biogeografia dinâmica.
 45 — BASÍLIO DE MAGALHÃES: Expansão Geográfica do Brasil Colonial.
 63 — RAIMUNDO MORAIS: Na Planície Amazônica — 5.ª edição.
 80 — OSVALDO R. CABRAL: Santa Catarina — Edição ilustrada.
 85 — AURÉLIO PINHEIRO: A Margem do Amazonas — Edição ilustrada.

- 91 — ORLANDO M. DE CARVALHO: O Rio da Unidade Nacional: o São Francisco — Edição ilustrada.
 97 — LIMA FIGUEIREDO: Oeste Paranaense — Edição ilustrada.
 104 — ARAUJO LIMA: Amazônia — A Terra e o Homem (Introdução à Antropogeografia).
 106 — A. C. TAVARES BASTOS: O Vale do Amazonas — 2.ª edição.
 138 — GUSTAVO DODT: Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupá — Prefácio e notas de Gustavo Barroso — Ed. ilustrada.

GEOLOGIA

- 102 — S. FRÓES ABREU: A riqueza mineral do Brasil.
 134 — PANDIÁ CALÓGERAS: Geologia Econômica do Brasil (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.º — Distribuição geográfica dos depósitos auríferos — Edição refundida e atualizada por Djalma Guimarães.

HISTÓRIA

- 10 — OLIVEIRA VIANA: Evolução do Povo Brasileiro — 3.ª edição ilustrada.
 13 — VICENTE LUCIANO CAROSO: A margem da História do Brasil — 2.ª edição.
 14 — PEDRO CALMON: História da Civilização Brasileira — 4.ª edição.
 40 — PEDRO CALMON: História Social do Brasil — 1.º Tomo: Espírito da Sociedade Colonial — 2.ª edição ilustrada (com 13 gravuras).
 83 — PEDRO CALMON: História Social do Brasil — 2.º Tomo: Espírito da Sociedade Imperial — Edição ilustrada — 2.ª edição.
 173 — PEDRO CALMON: História Social do Brasil — 3.º Tomo: A Época Republicana.
 176 — PEDRO CALMON: História do Brasil — 1.º Tomo: "As Origens" — 1500-1600.
 18 — PANDIÁ CALÓGERAS: Da Regência à queda de Rosas — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
 42 — PANDIÁ CALÓGERAS: Formação Histórica do Brasil — 3.ª edição (com 3 mapas e foto do texto).
 23 — EVARISTO DE MORAIS: A escravidão africana no Brasil.
 36 — ALFREDO ELLIS JÚNIOR: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano — 2.ª edição.
 37 — J. F. DE ALMEIDA PRADO: Primeiros Povoadores do Brasil — (2.ª edição ilustrada).
 47 — MANUEL BOMFIM: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Maril.
 48 — URBINO VIANA: Bandeiras e sertanistas Baianos.
 49 — GUSTAVO BARROSO: História Militar do Brasil — Ed. ilustrada (com 50 gravuras e mapas).

76 — GUSTAVO BARROSO: *História secreta do Brasil* — 1.ª parte: "Do descobrimento à abdicação de Pedro I" — 3.ª edição (ilustrada).
 84 — GILBERTO FREIRE: *Sobrados e Mucambos* — Decadência patriarcal e rural no Brasil — Edição ilustrada.
 89 — PRADO MALA: *Através da História Naval Brasileira*.
 89 — CORONEL A. LOURIVAL DE MOURA: *As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil*.
 93 — SERAFIM LEITE: *Páginas da História do Brasil*.
 94 — SALOMÃO DE VASCONCELOS: *O Fico — Minas e os Mineiros da Independência* — Edição ilustrada.
 108 — PADRE ANTÔNIO VIEIRA: *Por Brasil e Portugal* — Sermões comentados por Pedro Calmon.
 111 — WASHINGTON LUIZ: *Capitania de São Paulo* — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes — 2.ª edição.
 117 — GABRIEL SOARES DE SOUZA: *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* — Comentários de Francisco Adolfo Varnhagen — 3.ª edição.
 123 — HERMANN WÄTJEN: *O Domínio Colonial Holandês no Brasil* — Um Capítulo da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
 124 — LUIZ NORTON: *A Corte de Portugal no Brasil* — Notas, documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição ilustrada.
 125 — JOÃO DORNAS FILHO: *O Padroado e a Igreja Brasileira*.
 127 — ENRIQUE EXNER: *As Guerras nos Palmares* (Subsídios para sua História) — 1.ª Vol.; Domingos Jorge Velho e a "Troia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taubay.
 128 e 129-A — ALMIRANTE COSTÓDIO JOSÉ DE MELO: *O Governo Provisório e a Revolução de 1893* — 1.ª Volume, em 2 tomos.
 132 — SEBASTIÃO PAGANO: *O Conde das Arcas e a Revolução de 1817* — Edição ilustrada.
 140 — AURÉLIO PIRES: *Homens e fatos do meu tempo*.
 149 — ALFREDO VALADÃO: *Da aclamação à maioridade* — 1822-1840 — 2.ª edição.
 158 — WALTER SPALDING: *A Revolução Farrapoilha* (História popular do grande declínio) — 1835-1845 — Edição ilustrada.
 159 — CARLOS SEIDLER: *História das Guerras e Revoluções do Brasil, de 1825-1835* — Trad. de Alfredo de Carvalho — Prefácio de Sílvio Cravo.
 168 — PADRE FERNÃO CARDIM: *Tratados da Terra e da Gente do Brasil* — Introduções e Notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia — 2.ª edição.
 170 — NELSON WERNICK SODRÉ: *Panorama do Segundo Império*.

171 — BASÍLIO DE MAGALHÃES: *Estudos de História do Brasil*.
 174 — BASÍLIO DE MAGALHÃES: *O Café — Na História, no Folclore e nas Belas-Artes*.
 180 — JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES e JOAQUIM RIBEIRO: *Civilização Holandesa no Brasil* — Edição ilustrada.
 181 — CARVALHO FRANCO: *Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo*.

MEDICINA E HIGIENE

29 — JOSÉ DE CASTRO: *O problema da alimentação no Brasil* — Prefácio do prof. Pedro Escudero — 2.ª edição.
 51 — OTÓVIO DE FREITAS: *Doenças africanas no Brasil*.
 129 — AFRÂNIO PEIXOTO: *Clima e Saúde* — Introdução bio-geográfica à civilização brasileira.

POLÍTICA

3 — ALCIDES GENTIL: *As idéias de Alberto Torres* — (Síntese com índice remissivo) — 2.ª edição.
 7 — BATISTA PEREIRA: *Diretrizes de Rui Barbosa* — (Segundo textos escolhidos) — 2.ª edição.
 21 — BATISTA PEREIRA: *Pelo Brasil Maior*.
 16 — ALBERTO TORRES: *O Problema Nacional Brasileiro* — 2.ª edição.
 17 — ALBERTO TORRES: *A Organização Nacional* — 2.ª edição.
 24 — PANDIÁ CALÓGERAS: *Problemas de Administração* — 2.ª edição.
 67 — PANDIÁ CALÓGERAS: *Problemas de Governo* — 2.ª edição.
 74 — PANDIÁ CALÓGERAS: *Estudos Históricos e Políticos* (Res Nostra...) — 2.ª edição.
 31 — AKEVEDO AMARAL: *O Brasil na crise atual*.
 50 — MÁRIO TRAVASSOS: *Projeção Continental do Brasil* — Prefácio de Pandiá Calógeras — 3.ª edição ampliada.
 55 — HILDEBRANDO ACCIOLY: *O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América*.
 131 — HILDEBRANDO ACCIOLY: *Limites do Brasil* — A fronteira com o Paraguai — Edição ilustrada com 8 mapas fora do texto.
 84 — ORLANDO M. CARVALHO: *Problemas Fundamentais do Município* — Edição ilustrada.
 96 — OSÓRIO DA ROCHA DINIZ: *A Política que convém ao Brasil*.
 115 — A. C. TAVARES BASTOS: *Cartas do Solitário* — 3.ª edição.
 122 — FERNANDO SÁBOTA DE MEDEIROS: *A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América*.
 141 — OLIVEIRA VIANA: *O Idealismo da Constituição* — 2.ª edição aumentada.

169 — HELIO LOBO: O Pan-Americanismo e o Brasil.
172 — NESTOR DUARTE: A Ordem Privada e a Organização Política Nacional — (Contribuição à Sociologia Política Brasileira).

VIAGENS

5 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Segunda Viagem ao Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822) — Trad. e prefácio de Afonso de E. Taunay — 2.ª edição.
58 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem à Província de Santa-Catarina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
68 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 1.º tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.
78 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 2.º tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.
72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
126 e 126-A — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.

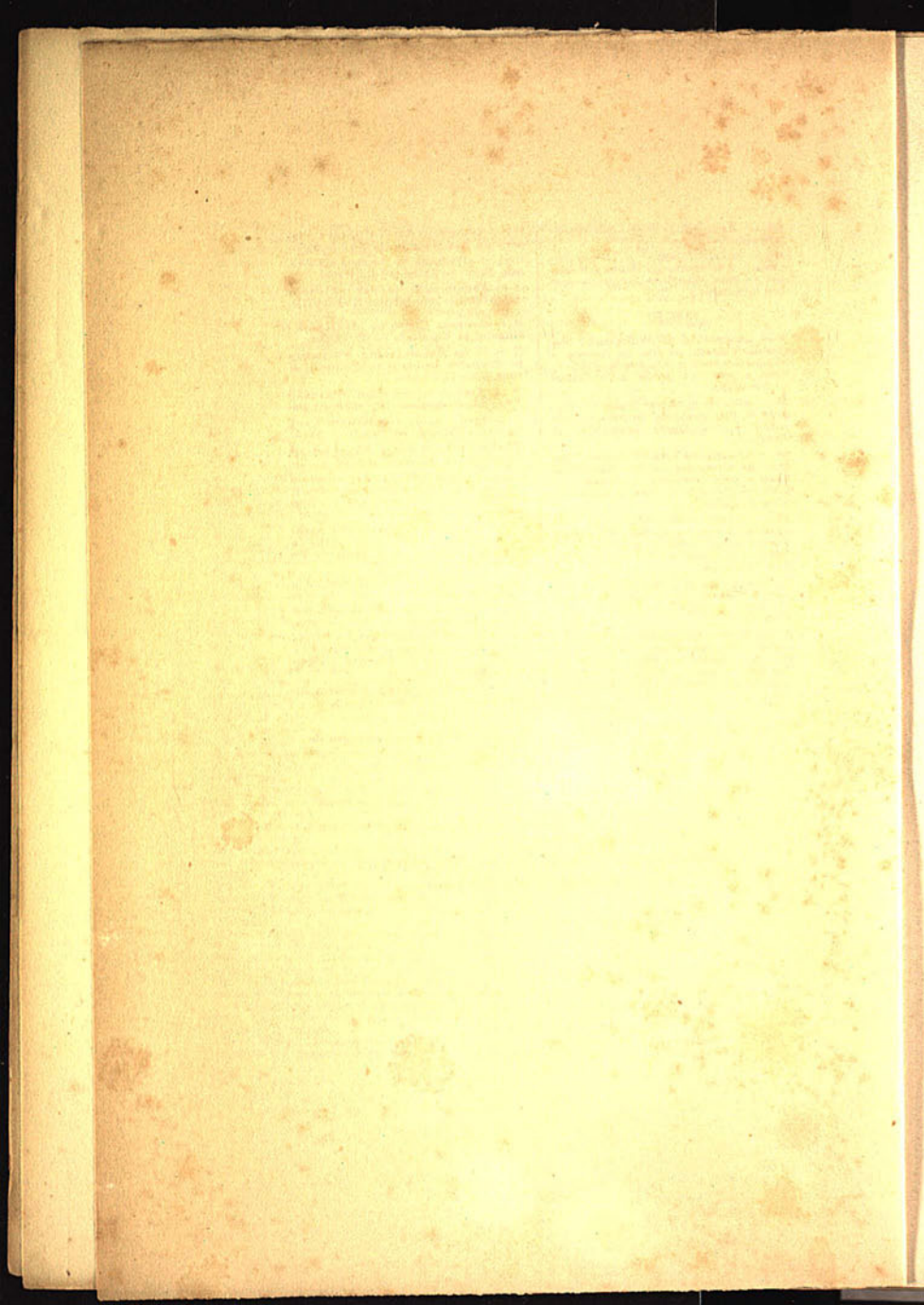
167 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem ao Rio Grande do Sul — 1820-1821 — Tradução de LEOBARD DE AZEVEDO PENA — 2.ª edição ilustrada.
19 — AFONSO DE E. TAUNAY: Visitantes do Brasil Colonial (Sécs. XVI-XVIII), — 2.ª edição.
28 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: Viagem ao Araguaia — 4.ª edição.
32 — C. DE MELO-LEITÃO: Visitantes do Primeiro Império — Edição ilustrada (com 19 figuras).
62 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: O Rio São Francisco — Edição ilustrada.
95 — LUIS AGASSIZ e ELIZABETH CART AGASSIZ: Viagem ao Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edgar Stæckind de Mendonça — Edição ilustrada.
113 — GASTÃO CRULS: A Amazonia que eu vi — Obidos — Tumuc-Humac — Prefácio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.ª edição.
118 — VON SPIX e VON MARTIUS: Através da Baía — Excertos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
120 — MAJOR FREDERICO RONDON: Na Rondônia Ocidental — Ed. ilustrada.
145 — SILVEIRA NETO: De Guairá aos Saltos do Iguaçu — Ed. ilustrada.
156 — ALFRED RUSSEL WALLACE: Viagens pelo Amazonas e Rio Negro — Tradução de Orlando Tóres e prefácio de Basílio de Magalhães.
161 — REZENDE RUBIM: Reservas de Brasília — Edição ilustrada.

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação.

Edições da

Companhia Editora Nacional

RUA DOS GUSMÕES, 118/140 — SÃO PAULO







Principe Maximiliano de Wied Neuwied
(ex. *Bol. do Museu Nacional*, tomo VII).

Série 5.ª

BRASILIANA
GRANDE FORMATO
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Vol. 1

MAXIMILIANO
PRINCE DE WIED NEUWIED

VIAGEM AO BRASIL

Tradução de

EDGAR SÜSSEKIND DE MENDONÇA
e FLAVIO POPPE DE FIGUEIREDO

Refundida e anotada por
OLIVERIO PINTO



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO - RECIFE - PORTO-ALEGRE
1940

PM
918.1
W642v

Advertência dos Editores

EM 1931, quando começámos as publicações da *Brasiliiana*, uma das cinco series de que se compõe a Biblioteca Pedagógica Brasileira, as primeiras dificuldades, — e não foram poucas as que tivemos de enfrentar para levar por diante essa iniciativa, — não chegaram a abalar-nos a confiança no seu exito completo. A conciencia profunda de que esse empreendimento correspondia a uma aspiração geral, e estava destinado a prestar os maiores serviços à cultura brasileira, deixava-nos tranquilos sobre o acolhimento com que mais dia menos dia acabariam por consagra-lo todos os que se dedicam aos estudos nacionais. Mas a aceitação unânime que logrou a nossa biblioteca de estudos brasileiros, o impulso que adquiriu, os rápidos progressos que realizou e a repercussão que teve nos maiores centros de cultura excederam, alguns anos depois, a nossa expectativa e nos permitiram apreciar ao justo o alcance cultural dessa obra verdadeiramente fecunda e o ardente interesse do público pelos estudos e problemas nacionais.

Em 1937 já atingia a *Brasiliiana*, o primeiro centénio de volumes, com a *Historia Economica do Brasil*, de Roberto Simonsens, tendo levado, portanto, cerca de sete anos, para alcançar esse alto grau de desenvolvimento e de expansão. Era a primeira vez, no Brasil, e talvez na América que subia a tão elevado numero uma coleção de obras sem aplicação didática e profissional. Em 1940, a serie que já ultrapassava 175 obras, completará, num periodo de menos de tres anos, o segundo centénio de volumes. Se se considerar, porem, que esse crescimento quantitativo extraordinário, exatamente calculado em 200 volumes em menos de 10 anos, foi acompanhado de um constante progresso qualitativo, mediante critério cada vez mais rigoroso de seleção, ter-se-á a compreensão mais clara das perspectivas que abriu e do interesse que despertou essa coleção de estudos brasileiros. Além das obras, de autores nacionais, publicadas pela primeira vez, incorporaram-se à *Brasiliiana* numerosas reedições de livros fundamentais e as primeiras edições em lingua portuguesa de obras antigas e modernas de viajantes e sabios estrangeiros.

Esse êxito invulgar que devemos à simpatia com que o público nos acolheu a iniciativa e ao apoio franco e generoso que nos trouxeram os aplausos de uns e a colaboração valiosa de outros, nos animou a alargar o plano primitivo, criando na serie *Brasiliiana* uma seção especial de obras em grande formato. A experiência nos havia mostrado a inconveniência de publicar, no formato pequeno dos livros dessa coletânea, certas obras que, pelo número e pela importância das gravuras, seriam sacrificadas em volume de menores dimensões. As gravuras, reduzidas em tamanho para reprodução em paginas dos volumes comuns, perderiam sem dúvida, com a nitidez, parte de seu interesse pitoresco ou de seu valor documentário. Daí a resolução que tomamos de publicar em volumes de formato maior essas obras que exigem, pela sua natureza, melhor apresentação material, difficil e, em certos casos, impossível de se obter em volumes de proporções reduzidas. Essa iniciativa representa, pois, mais um esforço para corresponder à confiança do público e facilitar a incorporação, na serie *Brasiliiana*, de obras do maior alcance e interesse que dela ficariam excluidas por uma dificuldade de ordem puramente material, fácil de ser removida, sem quebrar a unidade orgânica de concepção e de plano dessa coleção.

Inauguramos a série *Brasiliiana* (formato grande) com a edição brasileira da notavel obra *Viagem ao Brasil*, por Maximiliano, Príncipe de Wied von Neuwied, já vertida para o inglez e o francez. A quem já teve contato com essa obra de primeira ordem, pela leitura do original alemão ou de qualquer das traduções, francesa ou inglesa, não poderá passar despercebido o interesse particular que representa, para os estudos sobre o Brasil, a divulgação, em lingua vernácula, desse volume geralmente tão pouco conhecido. A tradução feita sobre a edição francesa e cuidadosamente revista de acordo com o original alemão, as anotações lançadas ao pé da pagina ou no fim dos capitulos por um dos nossos maiores especialistas em zoologia, e a nitidez das primorosas ilustrações do texto, mostram à evidência o empenho que puzemos não somente em conservar, na edição brasileira, todo o interesse do original, mas em atualizar e enriquecer o texto primitivo de comentários seguros e oportunos. A nova série da coleção não podia, pois, iniciar-se melhor e estamos certos de que o público brasileiro lhe dispensará o mesmo acolhimento com que consagrou definitivamente a iniciativa da *Brasiliiana*, animando-nos a novos empreendimentos em favor da cultura nacional.

PREFACIO

"Überall auf der Erde findet der gebildete Mensch Unterhaltung und Beschäftigung, doch gebührt unter allen Klassen der Menschen hierin dem Naturforscher der Vorrang"...

Reise nach Brasilien, II, p. 99.
(cf. pag. 332 da pres. edição.)

N ESSA opulenta brasileira legada pelos sábios estrangeiros que nos visitaram no decurso do século passado, o livro da Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied é, sem contestação possível, um dos mais preciosos e encantadores. Não temendo paralelo com quaisquer outros, sob muitos aspectos até a todos se vantagem, reclamando para si posto de relevo muito especial. Pelo menos, nenhum logrará rivalizar com ele na estima dos que entre nós se dedicam aos estudos zoológicos, pois que ainda hoje poderá servir de guia fiel e amêno para o conhecimento da fauna das zonas percorridas pelo douto e apaixonado viajante. Com efeito, às vagas indicações em que, via de regra, se comprazem os relatos dos exploradores-naturalistas, contrapõem-se no livro admirável do príncipe-zoólogo informações sempre exatas e precisas, de extraordinário valor e permanente atualidade. Aliando à mais intransigente proibidade científica a bonômia e serenidade de espírito do verdadeiro filósofo, nas descrições dos séres e quadros de nossa Natureza uma só vez não lhe escaparam inexpressivos lugares comuns, exagêros ou fantasias, deslises tão frequentes nas obras dos melhores autores, e ainda muito menos conceitos tenden-

ciosos ou deprimentes sobre a gente e a terra alvo de sua curiosidade esclarecida. Referindo-se aos mamíferos ou aves que ia encontrando, jamais se limitara Wied a escrever — “vi um bando de macacos”, atirei num lindo papagaio” ou “esvoaçavam borboletas multicores” — mas, invariavelmente se preocupara em indicar de modo inequívoco a espécie zoológica de que se tratava, apontando-lhe o nome pelo qual poderá quasi sempre ser rigorosamente identificada, ou, quando se supunha diante de uma forma não descrita, em fornecer a súmula dos caracteres necessários ao seu futuro reconhecimento. Muitas espécies novas foram assim apresentadas pela primeira vez, ordinariamente em notas extra-texto, fato absolutamente relevante para os sistematistas, e de todo excepcional nos trabalhos do gênero. Como si pressentisse ainda a importância capital que viria a adquirir, com o evolucionar da ciência zoológica, o estudo da distribuição geográfica em paralelismo com as modificações morfológicas apresentadas pelas formas vivas, o autor sempre timbrara em informar com escrupuloso cuidado os lugares de observação ou de procedência dos exemplares que coligira. E’ desnecessário encarecer o valor dessa contribuição, até hoje de inestimável auxílio à tarefa dos continuadores.

Não obstante porém essa feição, por assim dizer especializada, que admite ao lado da simples narrativa dos incidentes de viagem, a apresentação de novidades científicas, nunca resvalara o escritor a um falar técnico capaz de fazer a matéria inabordável ou menos atraente ao leitor comum. Antes, pelo contrário, a singeleza do estilo, a fidelidade inflexível na exposição dos fatos, o realismo esplêndido no debuxo das cenas, a que realçam amiúde requintes de pormenor, verdadeiros selos de autenticidade, a associação harmoniosa da curiosidade do sábio com a sensibilidade do esteta, tudo contribue para tornar a leitura da “Viagem” raro prazer intelectual, pelo menos para quantos o artificialismo da atual civilização não haja embotado de todo os sentimentos que prendem o homem à natureza, essa “única bíblia verdadeira” de que falou o poeta. Lê-lo é acompanhar o viajante em sua longa e acidentada perigração através das matas virgens e dos agrestes descampados, sentir com êle todas as emoções que o salteavam a cada trecho da jornada, admirar a solene beleza dos quadros admiravelmente descritos e até participar dos sustos, riscos e privações, a que se não poderia inevitavelmente furtar. Transportando-nos mentalmente a lugares primitivos e distantes, revivendo épocas que o passado reveste com a inexprimível magia peculiar às cousas extintas, é

como si muitas vezes nos vissemos num outro mundo, longe do tumulto e da vertigem da hora presente; um repouso salutar nos alheia por instantes das tribulações costumeiras; o espirito, atento ao segregar das vozes interiores, sente-se conduzir insensivelmente ao recolhimento propício às reflexões transcendentales e o pensamento alçando-se à meditação dos grandes problemas inacessíveis à sua mesquinhez, curva-se perante o enigma impenetrável do Cosmos, testemunha impassível e eterna dêsse misterioso drama em que somos comparsas efêmeros e inconcidentes. Dos quadros e cenários pintados pelo naturalista, breve não existirá mais que pálida reminiscência. Das imensas e magnificas matas que o Príncipe vira e descrevera, vae lá pouco mais de um século, o pouco que ainda resta se encontra em quasi toda parte despojado dos colossos vegetais que elas exhibiam em sua primitiva pujança; assim a grande floresta do Rio Doce, criminosamente devastada para o fabrico do carvão, assim as matas do sul da Baía, de cuja grandiosidade guardo uma das minhas mais vivas impressões de naturalista em campanha. A fauna, escorraçada em todos os recantos, por toda parte perseguida, vê-se condenada a extinguir-se até nos últimos redutos em que se refugiára. E as vozes que se levantam para profligar essa destruição iconoclasta e imprevidente, condenam-se a cassandrear estérilmente junto a uma turba delirante, atenta apenas na hora que passa e sequiosa de colher dela todos os frutos em seu exclusivo benefício.

Encerremos, porém, esta digressão inicial, passando ao verdadeiro motivo porque se ousaram estas linhas.

O livro da viagem do Príncipe de Wied teve originariamente duas edições simultâneas, ambas em dois tomos, datados de 1820 a 1821; uma, em grande formato in-4to, acompanhada de magnífico atlas e aparentemente privativa dos subscritores constantes da lista nella publicada; outra, de pequeno formato in-8vo e em caracteres góticos, desacompanhada de atlas e apenas possuidora de duas cartas geográficas referentes à zona percorrida. Contemporaneamente, sob os olhos do autor, saiu também a lume pelo menos uma edição franceza, seguida de outras, em quasi todos os idiomas cultos. Em português, não consta que haja apparecido alguma tradução antes da presente, feita primitivamente da edição franceza e depois pelo anotador refundida perante texto da edição alemã in-8vo, que reproduz tão fielmente quanto possível. Restituiram-se então ao texto traslado muitos trechos que in-

justificáveis escrupulos ou preocupações de brevidade haviam feito suprimir na primeira, mantendo intacto tudo quanto pareceu indispensável para conservar à obra as verdadeiras feições e todo o valor de documento.

No que tange aos inúmeros nomes vernáculos de animais e plantas mencionadas pelo autor, matéria que a tradução franceza sacrificara completamente, mas para nós de tão extraordinário interesse, procurou-se tanto quanto possível respeitar a grafia do original. Aparecem por isso aspeados, na mesma composição do texto porém, para que mais facilmente se destaquem das apelações técnicas latinas, compostas em grifo, consoante praxe generalizada. A estes, mais ainda do que aos nomes vernáculos, houve timbre em mantê-los intactos. Assim, foram-lhes conservadas peculiaridades chocantes muitas vezes com as atuais convenções da nomenclatura, como seja a inicial maiúscula nos nomes específicos de natureza substantiva, adotada sempre por Wied, a exemplo do que praticara Lineu. Também não se suprimiram as vírgulas entre os nomes científicos e o autor por eles responsável. Isso explica as freqüentes discrepâncias com relação às notas do comentador, onde, é ocioso dizer, todas as normas nomenclaturais foram rigorosamente observadas.

Como já anteriormente foi assinalado, enriquecem o livro do Príncipe de Wied inúmeras notas marginais, versando quasi sempre matéria estritamente zoológica, ou remetendo a fontes bibliográficas. Afóra essas, juntára ainda o autor, em apêndice no final da obra, copiosa série de notas suplementares, ferindo muita vez assunto já versado nas primeiras. Umas e outras, remetidas por asteriscos, inserem-se na presente tradução sob o texto a que se reportam, assinaladas estas pela abreviatura (Suplem.). Nenhuma cofusão é também possível entre as notas do original e as do comentador, para as quais se adotaram chamadas numéricas, em série ininterrupta.

Uma palavra convem acrescentar sobre estas últimas posto que, quasi exclusivamente zoológicas, de algum modo destôam das que é comum acrescentarem-se às obras congêneres. Seu fito principal é habilitar o leitor a tirar do livro tudo quanto êle encerra de instrutivo, quer facilitando a identificação das formas vegetais ou animais apontadas, quer indicando as publicações mais recentes a que poderá recorrer o leitor desejoso de melhor informar-se.

Grande atenção foi prestada ainda às questões de nomenclatura, tão irritantes para os que a elas não acham afeitos, mas indispensáveis à elucidação dos pontos de sistemática.

Há, nos comentários, freqüentes referências às *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien*, obra notável em que o Príncipe de Wied, anos depois da publicação do seu relato de sua viagem, tratou sob critério estritamente técnico, das formas animais que lhe fora dado observar¹. Sob o título de *Abbildungen zur Naturgeschichte Brasilien's* (Weimar, 1823-31) publicara êle também uma esplêndida série de estampas coloridas de animais, em regra extraordinariamente fiéis e magnificamente executadas.

Os exemplares zoológicos levados do Brasil pelo Príncipe Maximiliano de Wied na sua maioria ainda existem, cuidadosamente guardados pelo American Museum of Natural History de New-York, que em 1870 os adquirira, juntamente com toda a coleção que àquele pertencera. Conquanto zoólogo, ou antes naturalista, na acepção mais lata do termo, o Príncipe de Wied foi mais que tudo apaixonado ornitologista. O valor de sua obra nesta especialidade evidencia-se ao primeiro exame, e tem sido atestado pelas autoridades mais competentes, tais como J. A. Allen, a quem se deve pormenorizado estudo crítico sobre os exemplares "tipos" espécies criadas pelo grande viajante¹.

Apezar de ter sido, como conceitua o autor há pouco referido, "excelente ornitologista para o seu tempo, reunindo ampla experiência de campo a bom conhecimento técnico do assunto", o príncipe Maximiliano não fora muito afortunado com as formas que descreveu como novas. Contribuíram para isso várias circunstâncias, entre elas a rara liberalidade com que comunicara a amigos e colegas os frutos de suas descobertas, dando margem a que se lhe antecipassem nas primeiras descrições. Assim acontecêra com relação a muitos mamíferos, descritos por Kuhl², e não menor numero de aves figuradas por Tem-

(1) As "*Beiträge*" compreendem quatro volumes editados em Weimar, dos quais o primeiro trata de Anfíbios e Répteis, o segundo de Mamíferos e os dois restantes de Aves, vindos a lume em datas diferentes: I (1825); II (1826); III, 1.ª parte (1820); III, 2.ª parte (1831); IV, 1.ª parte (1832); IV, 2.ª parte (1833).

(1) Cf. *Bulletin of American Museum of Natural History*, vol. II, p. 209-276.

(2) HEINRICH KUHLE, *Beiträge zur Zoologie und vergleichenden Anatomie*, Frankfurt, sobre o Meno (1820).

minck em sua celebre coleção de estampas coloridas³. Sem falar em Spix⁴, cujo livro é anterior às *Beiträge*, em muitos casos, tiram-lhe também a prioridade Lichtenstein⁵ e Vieillot⁶, o primeiro antecipando-se-lhe na descrição das mesmas formas, e o segundo conferindo às de Azara nomes válidos perante as convenções da Nomenclatura.

A biografia do príncipe de Wied, tão interessante para os seus admiradores, está ainda por escrever-se. Entre nós escasseiam inteiramente a esse respeito fontes informativas; o mais que sabemos consta do excelente ensaio publicado por Afrânio do Amaral no tomo VII do "Boletim do Museu Nacional".

Oliverio Pinto

(3) CONRAAD JACOB TEMMINCK e LAUGIER DE CHARTROUSSE, *Nouveau Recueil de planches coloriées d'oiseaux*, semi-fol., 5 vols. (1820-1839).

(4) J. B. SPIX, *Avium Species Novae quas in itinere per Brasiliam annis 1817-1820 jussu et auspiciis Maximiliani Josefi etc.*, I vol. (1824), II vol. (1825), Munchen.

(5) *Verzeichniss der Doubletten des Zool. Mus. Berlin*, Berlin, 1823.

(6) Artigos sobre ornitologia no *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle*, Paris, Déterville (1816-1819).

VIAGEM AO BRASIL

NOS ANNOS DE 1815 A 1817

de

MAXIMILIANO
PRINCE DE WIED-NEUWIED

PRIMEIRO TOMO

Com uma carta da costa oriental do Brasil

FRANCFORT SOBRE O MENO, 1820

Impresso e editado por H. L. BRÖNNER

Reise
nach
Brasilien

in den Jahren 1815 bis 1817

von

Maximilian
Prinz zu Wied-Neuwied

Erster Band.

Mit einer Karte der Distrikte von Brasilien.

Frankfurt a. M. 1820.

Gedruckt und verlegt bey H. F. Brönner.

INDICE DO TOMO I

	PÁGS.
INTRODUÇÃO	13
I. TRAVESSIA DA INGLATERRA AO RIO DE JANEIRO.	19
II. ESTADIA NO RIO DE JANEIRO. A cidade e seus arredores. Os índios de São Lourenço. Preparativos para a viagem pelo interior	31
III. VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A CABO FRIO. Praia Grande. — São Gonçalves. — Rio Guajintibo. — Serra de de Inuá. — Lago e Freguesia de Maricá. — Guarapina. — Ponta Negra. — Saquarema. — Lago Araruama. — São Pedro dos Índios — Cabo Frio	41
IV. VIAGEM DE CABO FRIO À VILA DE SÃO SALVADOR DOS CAMPOS DOS GOITACAZES. Campos Novos. — Rio e Vila de São João. — Rio das Ostras. — Fazenda de Tapebuçú. — Rio e Vila de Macaé. — Paulista. — Curral de Batuba. — Barra do Furado. — Rio Bragança. — Abadia de São Bento. — Vila de São Salvador, à margem do Paraíba.	77
V. ESTADIA NA VILA DE SÃO SALVADOR E VISITA AOS PURIS EM SÃO FIDELIS. Vila de São Salvador. — Jornada a São Fidelis. — Os índios Coroados. — Os Puris.	97
VI. VIAGEM DA VILA DE SÃO SALVADOR AO RIO ESPÍRITO SANTO. Muribeca. — As hostilidades dos Puris. — Quartel das Barreiras. — Itapemirim. — Vila Nova de Benevente, à margem do Iritiba. — Guaraparim.	117
VII. ESTADIA NA CAPITANIA E VIAGEM AO RIO DOCE. Vila Velha do Espírito Santo. — Cidade de Vitória. — Barra do Jucá. — Araçatiba. — Coroba. — Vila Nova de Almeida. — Quartel do Riacho. — Rio Doce. — Linhares. — Os Botocudos, inveterados inimigos.	139
VIII. VIAGEM DO RIO DOCE A CARAVELAS, AO RIO ALCobaça E VOLTA AO MORRO D'ARARA, A MARGEM DO MUCURI. Quartel de Juparanã da Praia. — Rio e Barra de São Mateus. — Mucuri. — Vila Viçosa. — Caravelas. — Ponte do Gentio, no Rio Alcobaça. Estadia af.	163

- IX. ESTADIA EM MORRO D'ARARA, MUCURI, VIÇOSA E CARAVELAS, ATÉ A PARTIDA PARA BELMONTE.
 Descrição da estadia em Morro d'Arara. — Caçadas. — Os mundós. — Estadia em Mucuri, Viçosa e Caravelas 187
- X. VIAGEM DE CARAVELAS AO RIO GRANDE DE BELMONTE.
 Rio e Vila de Alcobaça. — Rio e Vila do Prado. — Os Patachós. — Os Machacalis. — Comechatiba. — Rio do Frade. — Trancozo. — Porto Seguro. — Santa Cruz. — Mogiquiçaba. — Belmonte. . . 203
- XI ESTADIA NO RIO GRANDE DE BELMONTE E ENTRE OS BOTOCUDOS.
 Quartel dos Arcos. — Os Botocudos. — Viagem ao Quartel do Salto. — Volta ao Quartel dos Arcos. — Combate entre Botocudos. — Viagem a Caravelas. — Os Machacalis do Rio do Prado. — Volta a Belmonte 229

INTRODUÇÃO

Acontecimentos extraordinários, repetidas guerras, puzeram durante longos anos obstáculos insuperáveis ao desejo dos homens de percorrerem as partes mais distantes do mundo, para ampliar os domínios da história natural e da geografia; a Inglaterra, menos constrangida por tais obstáculos, quasi que, durante esse periodo, foi a única a contribuir para o enriquecimento dessas ciências. Entre os numerosos benefícios que o restabelecimento da paz nos permite esperar, conta-se, para os homens animados pela paixão de realizar descobertas nos domínios da Natureza, a vantagem de poderem empreender com sucesso importantes viagens e transmitir as riquezas que forem encontrando àqueles de seus compatriotas presos ao solo pátrio pela vocação, pela conveniência ou pela necessidade. Possa uma sólida paz, tão ardentemente desejada, nos assegurar por longos anos esses inestimáveis benefícios!

O olhar dos naturalistas, por muitos anos, voltou-se principalmente para o Brasil, cuja feliz situação prometia rica messe às pesquisas, mas que, até agora, esteve tão rigorosamente fechado a quem quer que quizesse percorre-lo e estudá-lo.

Antigas "relações" de viagens, narrativas dos navegantes espanhóis e portugueses, informações mais minuciosas fornecidas pelos jesuítas, finalmente as observações de Piso e Marcgrave¹, constituíam tudo quanto sabíamos a respeito desse país, descoberto há três séculos e tão interessante. Entretanto, esse estado de coisas, que tanto dificultava os estudos sobre o Brasil, sofreu uma feliz mudança. Acon-

(1) GEORGE MARCGRAVE, *Historia Rerum naturalium Brasiliæ, libri VIII*, etc., Lugdunum Batavorum, 1648. Obra publicada juntamente com *De Medicina Brasiliensi, libri, IV* de Guill. Piso (num mesmo vol. e em seguida a esta ultima), sob os cuidados de Joannes de Laet, autor também de muitas obras, entre as quais merece referência especial *Novus orbis seu descriptio Indiarum occidentalis, libri XVIII* (Lugd. Batav., 1633, fol.), onde são pela primeira vez descritos muitos animais da fauna neotrópica. O livro de MARCGRAVE, cujo valor é desnecessário encarecer, domina toda a literatura historico-natural referente ao Brasil, até o advento do século XIX, quando se inicia o grande ciclo das explorações científicas do nosso país por sábios estrangeiros de todas as nações. Dal os numerosos estudos a que tem dado logar o homem e, muito particularmente, a sua obra, de que ha já preparada uma tradução, mandada fazer pelo governo de Pernambuco e em vias de ser publicada. Sobre o assunto consulte-se: RODOLFO GARCIA, *Intr. Dicc. Histor., Geogr. e Ethnogr. do Brasil* I, p. 863 e ss. (1922); ALFREDO DE CARVALHO, *Bibliotheca Exotico-Brasileira* vol. III, p. 302 e ss. (1930); JULIANO MOREIRA, "MARCGRAVE e PISO" (na *Rev. do Museu Paulista*, XIV, p. 651 e ss., 1926).

tecimentos por demais conhecidos para que se necessite narra-los, levaram o monarca a transportar-se para este belo pedaço de seus domínios, por ele ainda não vistos, e onde se encontravam as fontes principais de suas riquezas, mudança de residência esta que deveria ter uma extraordinária influência sobre o Brasil. Efetivamente, o opressivo sistema dos entraves misteriosos foi abolido; a confiança se substituiu à inquietação, e os viajantes estrangeiros conseguiram permissão para penetrar nesse campo de descobertas. As intenções liberais de um rei esclarecido, apoiado em um ministério de valor, não somente permitiu a entrada dos estrangeiros no país, como encorajou também suas pesquisas da forma a mais generosa. Assim foi que o Sr. Mawe² foi contemplado com a permissão de visitar as minas de diamantes, de que até a aproximação fôra interdita aos estrangeiros, e que percorreu parte do território de Minas Gerais para estudar a sua mineralogia. Depois disso, alguns viajantes alemães percorreram essa província: o Sr. d'Eschwege³ tenente-coronel do corpo real de engenheiros em Vila-Rica, favorecido por uma permanência de muitos anos no Brasil, já deu a publico interessantes memórias, e é com razão que devemos esperar importantes descobertas de homem tão profundamente instruído. Ele mediu as altas cadeias de montanhas de Minas Gerais, desenhou-lhes o perfil, e, em suas excursões mineralógicas, pesquisou os diferentes produtos dessas altas montanhas, onde ele, entre outras coisas, descobriu recentemente fontes sulfurosas. Costuma acolher os viajantes estrangeiros com generosa bondade, encorajando-os com os seus conselhos e ajudando-os. Outros alemães, animados do mesmo zelo, foram ao Brasil e certamente não lhes faltarão ricos materiais para suas observações. Recomendados ao Rei pelo Conde da Barca, ministro protetor das ciências, foi-lhes dada a permissão, não só de viajar sem obstáculos nas diferentes capitâneas da monarquia, como também lhes fixaram generosamente uma importância anual para se manterem; deram-lhes passaportes concebidos em termos lisongeiros e as melhores cartas de recomendação para os capitães gerais das varias províncias.

Como o atual governo, com essas medidas esclarecidas e liberais, se afasta honrosamente do antigo sistema, em que o viajante, chega-

(2) JOHN MAWE, *Travels in the interior of Brazil, particularly in the Gold and Diamond Districts of that country etc.*, London, 1912. O autor, que esteve no Brasil entre 1807 e 1810, foi dos primeiros estrangeiros a ter permissão de visitar o nosso país em caráter científico. Esteve em Santa Catarina, em São Paulo e principalmente em Minas Gerais, ocupando-se quasi exclusivamente de mineralogia. Deve-se-lhe noticia valiosa sobre os trabalhos de mineração do ouro em Jaraguá, perto da capital paulista. Muito embora no relato de suas viagens nos dê, segundo a expressão de ROD. GARCIA, "a impressão bem nítida de que o mineralogista foi a Minas Gerais tratar de seus interesses, antes do que investigar o que fosse digno de atenção", a aparição de seu livro "constituiu quasi um acontecimento mirífico". Não admira, pois, que venha ameadadamente do por WIED, apesar de todos os defeitos com que o acclamaram alguns contemporâneos seus, Aguste Saint-Hilaire à frente d'elles. (Cf. ALFR. DE CARVALHO, op. cit., III, p. 342).

(3) Dos trabalhos de ESCHWEGE (Wilhelm Ludwig von), já publicados na época em que escrevia WIED, é objeto de referencia particular o intitulado *Journal von Brasilien* (Weimar, 1818, 2 vols.). A propósito, veja-se o titulo ESCHWEGE na "Bibl. Exotico-Brasileira" (vol. II, p. 111) de ALFREDO DB CARVALHO e o cap. I da segunda parte da presente obra.

do ao Brasil, logo se via cuidadosamente cercado de soldados e vigiado! Em nome de meus compatriotas e de todos os viajantes europeus, desejo que esse solene testemunho exprima o reconhecimento de que me sinto possuído para com o monarca que tomou essas medidas liberais. Que inexprimível satisfação para o viajante longe de sua terra encontrar acolhida tão benévola e receber tratamento tão amistoso! Resulta também daí uma incalculável vantagem, de que participa todo o mundo civilizado e culto.

Quem quer que deseje percorrer útilmente o interior desse vasto território, deve destinar a isso varios anos e dirigir os seus planos de acôrdo com tal determinação. Por exemplo, para alcançar Goiás e Cuiabá, dois anos não são bastantes; que tempo, então, não será preciso para atravessar o Brasil até às fronteiras do Paraguai, até o rio Uruguai, ou até os confins mais longínquos de Mato Grosso, onde uma pirâmide de mármore, talhada em Lisboa, marca os limites do reino na foz do Jaurú! O território de Minas Gerais já foi percorrido pelos Srs. Mawe e Eschwege; e si bem que o assunto não haja sido esgotado, é pelo menos em grande parte conhecido. Por conseguinte, à minha chegada ao Brasil, achei melhor orientar as minhas excursões para a costa oriental do país, que ainda eram inteiramente desconhecidas ou que, até então, não tinham sido absolutamente descritas. Varias tribus dos primitivos habitantes dessas regiões ainda aí vivem em estado selvagem, sem terem sido perturbadas pelos europeus, que gradualmente se vão espalhando em todas as direções. A alta cadeia de montanhas, desprovida de vegetação, do Brasil central, das províncias de Minas Gerais, Goiás e Pernambuco, é separada da costa oriental por uma larga cintura de florestas virgens, que se estendem desde o Rio de Janeiro até às proximidades da baía de Todos-os-Santos, isto é por uma extensão de 11 graus de latitude, ou sejam 198 léguas portuguezas (165 milhas geográficas), ainda não ocupadas por colonos portuguezes. Até agora, só um pequeno numero de caminhos, acompanhando os rios que atravessam, foram abertos com grande dificuldade. Nessas florestas é que os primitivos habitantes do país, importunados de todos os lados, continuam a encontrar um seguro abrigo, e é aí que ainda se podem observar esses povos em seu estado original. Como não haveria essa região de atrair de preferência um viajante que não pretende passar muitos anos nessa porção da zona tórrida?

Essas tribus indígenas, que habitam tais desertos, são desconhecidas na Europa, com exceção talvez de Portugal. Os jesuitas, entre outros Vasconcellos*, em suas "Noticias curiosas do Brasil", dividiram todas as tribus selvagens, tanto as que viviam ao longo da costa marítima como as que habitavam essas antigas florestas, em duas classes, a saber: os do litoral, que, um tanto civilizados pelos portuguezes, principalmente pelos jesuitas, eram chamados "índios mansos". e os das florestas e desertos do interior que, ainda barbaros e

(*) Padre Simão de Vasconcellos.

em parte desconhecidos, eram chamados Tapuias; estes últimos, tendo se mantido até agora em estado de cultura primitiva, merecem ser mais bem conhecidos. Os jesuitas e varios antigos viajantes, na verdade, nos deram algumas notícias dessas regiões cobertas de florestas ininterruptas, porém muito imperfeitas e misturadas de incidentes fabulosos; não fornecem, também, pormenor algum referente à história natural. Por isso, pouca coisa sabíamos, ou mesmo nada, sobre os primitivos habitantes dessa região, que vivem ainda em estado nativo, assim como sobre as suas produções naturais, animadas e inanimadas. E, no entanto, quantas coisas novas e interessantes nessas regiões, mormente para o botânico e o entomologista! Quando se deseja percorre-las, é preciso de antemão resignar-se a gente a suportar uma infinidade de aborrecimentos e obstáculos, tais como a falta de víveres para si e o pessoal que o acompanha, e pastagens para os animais de carga; dificuldades para transportar os objetos de história natural; chuvas de longa duração, humidade, e uma infinidade de outros contratempos. Porém a mais penosa privação é a falta de mapas das regiões que se percorrem; o de Arrowsmith está cheio de erros; faltam-lhe rios importantes da costa oriental, e, pelo contrário, assinala-os em pontos onde não existem; desse modo, o melhor mapa do Brasil, até então conhecido, é quasi que inútil para os viajantes. Para remediar essa falta, o governo acaba de ordenar que se faça um levantamento exato do litoral, afim de se indicarem com precisão os perigos que ameaçam os navegantes. Essa útil tarefa já foi iniciada e hábeis oficiais de marinha, Srs. José da Trindade, capitão-tenente, e Antonio Silveira de Araujo, levantaram as costas desde Mucuri, São Mateus, Viçosa e Caravelas até Porto-Seguro e Santa-Cruz.

Tenho também que agradecer ao governo português ter êle, com seu modo de pensar esclarecido e liberal, permitido que eu apresentasse a meus compatriotas, essa relação de minha viagem ao longo da costa oriental, desde o 23.º até o 13.º grau de latitude sul. Dois alemães, os Srs. Freyreiss e Sellow⁴, que projetavam passar vários anos percorrendo o Brasil, encontraram um generoso apoio em Sua Magestade Rei de Portugal e do Brasil. Dificilmente um estrangeiro poderia penetrar no país com maiores vantagens do que esses dois viajantes, pois êles conhecem a sua língua e os seus costumes, e as

(4) FREIREYSS (Georg Wilhelm), chegou ao Brasil em Agosto de 1913, recomendado ao Sr. Lourenço Westin, cônsul da Suécia e Noruega no Rio de Janeiro, que lhe forneceu os meios necessários para fazer coleções de Historia Natural. Visitou primeiramente o interior de Minas Geraes, em companhia de Eschewge, fazendo importantes observações sobre os indios Coroados; jornadaeva, portanto, independentemente de Wied, embora se tornasse seu companheiro em grande parte de sua viagem. Não mais deixou o nosso país, vindo a faltar no sul da Bala, perto da Vila de Viçosa onde foi sepultado (Cf. A. LOEPFREN, *Rev. Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo*, VI, 1901, p. 236). Devese-lhe, alem de outros escritos, a obra *Beitrag zur naheren Kenntnis der Kaiserthums Brasiliens* (Frankfurt, 1824) e a descoberta, na foz do Rio Pardo, do curioso morcego branco (*Diclidurus albus* Wied) denominado a principio, em sua homenagem, por Wied *Diclidurus freireissi*.

FRIEDRICH SELLOW foi companheiro de Freireys, adquirindo como botânico grande renome. Informa ROD. GARCIA (op. cit., p. 884) ter morrido afogado no Rio Mucuri (sul da Bala), sem precisar a data.

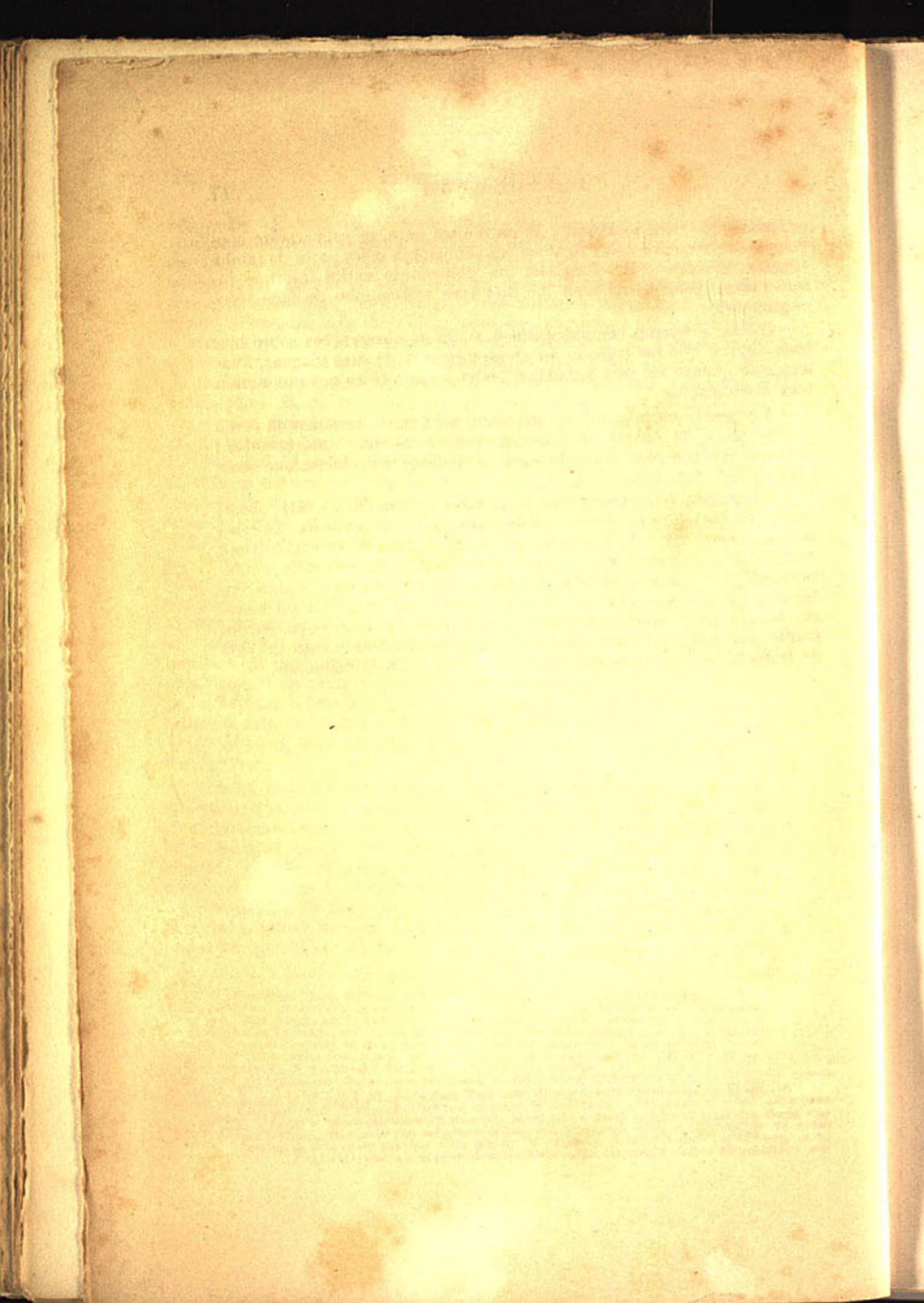
excursões que vêm realizando, já ha muitos anos, os prepararam convenientemente para isso. Realizei em companhia dêles parte de minha viagem, havendo o Sr. Freyreiss me transmitido varios informes interessantes, pelos quais aqui lhe dou vivo testemunho de meu reconhecimento.

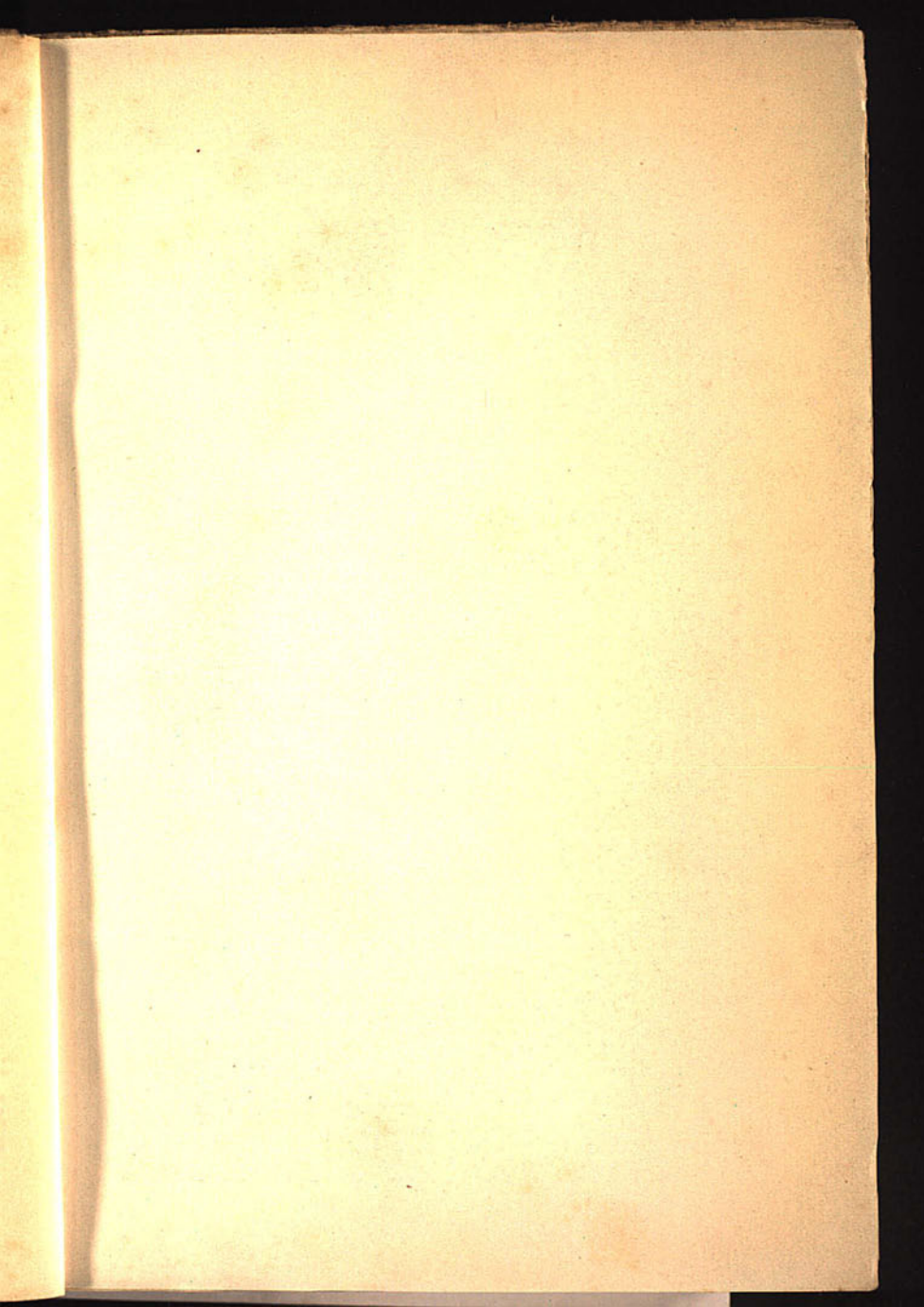
O Snr. Freyreiss comunicar-me-á ainda as observações sobre história-natural que for fazendo no prosseguimento de suas viagens, avaliando-se quanto me será agradável poder transmiti-las aos que amam taes investigações.

A presente narrativa deve, portanto, ser apenas considerada como a precursora de outras observações posteriores mais interessantes; novas minúcias e pesquisas adicionais suprirão as deficiências que occorrem no decorrer desta obra.

Sei quanto é temerário aventurar-me eu a publicar tais observações, feitas durante uma viagem através duma parte da America do Sul, depois do aparecimento da obra do nosso illustre compatriota Alexandre de Humboldt⁵! Mas a boa vontade pode suprir a inferioridade dos meios, e, si bem que não tenha a pretensão de apresentar algo de perfeito, ousou entretanto esperar que estudiosos da história natural, da geografia, dos hábitos e costumes de cada povo, encontrarão nas minhas informações contribuição não totalmente despidia de importância para os interesses da ciência e da humanidade.

(5) BARÃO DE HUMBOLDT (Fried. Heinrich Alex. von), célebre geógrafo e naturalista alemão, nascido em 1769 e morto em 1859. De 1799 a 1804 empreendeu, em companhia de Aimé Bonpland uma grande expedição científica à America Meridional, sem ter podido contudo visitar o Brasil, cujo acesso lhe foi interdictado pelas disposições draconianas interpostas pela corte portugueza aos viajantes estrangeiros. Essa memorável expedição foi relatada pelos viajantes numa série de publicações, enfilezadas sob o título *Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent* (1814-1827).







Tempestade durante uma viagem marítima.

TRAVESSIA DA INGLATERRA AO RIO DE JANEIRO

O Brasil, para o qual, ha alguns anos, grande numero de viajantes têm convergido a atenção, apresenta a vantagem de estar separado da Europa por um mar dos mais calmos. Si bem que as tempestades sejam frequentes no imenso Oceano, durante determinados meses, mormente nos equinócios, são entretanto menos perigosas nessas paragens do que nas próximas do Cabo da Boa Esperança, Cabo Horn etc.

Deixei Londres pela época em que comumente as tempestades perdem a sua maior violência⁶; esperei, portanto, desfrutar uma travessia calma e agradável. O nosso navio, o "Janus", de 320 toneladas, saiu do Tamisa por um belo tempo; e tivemos tanto maior confiança no provérbio dos marinheiros ingleses — "evening red and morning grey sign of a very fine day"⁷, quanto, na tarde de nossa partida, o céu estava de uma cor vermelha magnífica. Uma brisa fresca e favorável nos fez chegar prontamente à embocadura do Tamisa; mas, à noite, mudou, e foi preciso ancorar.

Os primeiros dias de viagem são geralmente empregados em fazer os arranjos a bordo e observar os objetos novos que nos cercam; por isso passam muito depressa. Ao raiar o segundo dia, tudo presagiava uma feliz viagem. Navegávamos em companhia de muitas embarcações de todos os tamanhos, que as velas enfunadas faziam deslizar rápidas sobre a superfície das águas. Ao meio dia, esses agradáveis preságios se dissiparam, o vento tornou-se contrário e fomos obrigados a bordejar. Passámos em frente de Margate, bonita cidadezinha, dobrámos o cabo North Foreland, com sua falejas brancas e escarpadas, entrámos na Mancha e, à tarde, ancorámos em Downs, em frente de Deal. Essa parte da costa inglesa é inteiramente desabrigada; nenhuma angra, nenhuma elevação, põem o navegante ao abrigo das tempestades. Muitos navios estavam ancorados em frente de Deal; entre os maiores viam-se os da carreira das Índias e varios navios de guerra. Um navio de linha deu o sinal de recolher, transmitido aos outros por um tiro de espingarda. Os ventos contrários nos retiveram alguns dias nesse porto. O comandante aproveitou essa

(6) Segundo a tradução francesa, a partida de Londres deu-se a 15 de maio de 1815, informe que não aparece na edição alemã.

7) "Tarde rubra e manhã cinzenta, sinal de belo dia".

parada para fazer provisão de carne fresca, verduras e alguns animais vivos. Ao cabo de alguns dias, o vento pareceu mais favorável, levantou-se âncora e dobrou-se o cabo South Foreland, juntamente com o brigue Albatross, comandado pelo capitão Harrison. O vento, porém, tornou-se de novo tão contrário e o tempo tão mau que foi preciso regressar ao porto de Deal. Cresceu a fúria do vento; foi aumentado o numero dos homens que faziam quarto durante a noite; o céu se cobriu cada vez mais e não mais se distinguia o cabo South, Foreland de que estávamos tão perto. Finalmente, a tempestade arrebitou em toda a sua fúria; arriaram-se as vergas ("yards") para aumentar a proteção contra o vento. Esse mau tempo se prolongou por alguns dias e não deu ao viajante, ainda desacostumado ao mar, uma idéa lisongeira dos prazeres da vida de bordo. Uma tarde em que o vento pareceu mais favorável, um navio de guerra deu o sinal e todos os demais levantaram âncora. Mas, ao cair da noite, novo perigo nos ameaçou; os navios navegavam a tão pequena distância uns dos outros e se aproximavam tanto a todo instante, que foi preciso grande precaução para não abalroarem. Lá para a meia noite, um grande navio veio em nossa direção a todo pano; a escuridão não o deixou ver, a não ser quando passou diante de nós, roçando-nos os bordos. O vento aumentava constantemente.

Ao raiar do dia a cena se modificou inteiramente. A atmosfera sem nuvens parecia serena e apenas velada por alguma neblina. Durante todo dia, porém, a tempestade aumentou sempre de violência. O nosso navio, inteiramente adernado, apenas se sustentava contra o vento com um pequeno numero de velas; às dez horas da manhã, estávamos diante do faról de Dungeness. Todos os passageiros se sentiam mal. Um silêncio completo reinava no salão de bordo; só o interrompiam o sibilar do vento nas cordas e o assustador barulho das ondas, batendo de encontro ao navio. O comandante fez esforços em vão para prosseguir a sua rota, mas teve que ceder e voltar ao ancoradouro. Na volta, o vento nos favoreceu; percorremos em pouco tempo e com pouco pano a mesma distância que levamos a noite inteira a percorrer. Um brigue que navegava connosco, se viu constantemente coberto pelas vagas; o nosso navio, tendo maior altura acima das ondas, nos preservava em parte desse inconveniente. Chegámos à costa de Deal com tal violência que foi preciso arriar depressa a âncora para não sermos atirados sobre aquela, o que, porém, foi feito com muita dificuldade, pois o cabo correu com tanta rapidez que a força do atrito quasi que inflamou a madeira; já ia saindo fumaça, mas evitou-se o incidente atirando-se água, e escapámos do perigo. Felizmente o nosso navio, que era muito bom e sólido, tinha cabos novos e excelentes maçames. O grande numero de navios que encontrámos no ancoradouro nos consolou de algum modo da perda de tempo que sofréramos. Os grandes navios, todos eles, haviam amainado os

seus mastros de gávea e joanete, bem como as vergas, para ficarem menos expostos ao furor da tempestade ; os vasos de guerra estavam amarrados a duas ancoras.

Escapamos do mais iminente perigo ; mas, encerrados sempre no navio, que as ondas varriam de modo terrível, levavamos uma triste vida ; por isso, sentimo-nos duplamente felizes quando a violência das vagas acalmou afinal e pudemos navegar em direção à nossa rota. Passámos em frente de Dungeness, avistámos os dois rochedos de Beachyhead, no promontório de Sussex, situado entre Hastings e Shoredam, onde em 1690 um esquadra francesa bateu as esquadras combinadas da Inglaterra e da Holanda ; avistámos ao meio dia a cidade de Brighthelmstone, por abreviação Brighton, tão afamada pelos seus banhos de mar, e achámo-nos à vista da ilha de Wight. O mar estava sereno, a lua iluminava o horizonte ; a alegria reaparecera a bordo ; as violas dos marinheiros se fizeram ouvir de novo ; os jovens dansaram, esquecendo as inquietações que os haviam atormentado.

Na manhã do dia 20 de maio, deixámos a ponta de Santa-Catarina, na ilha de Wight, e em breve nos achámos em frente da ponta de Portland, no Dorsetshire, donde se retira a bela pedra de construção empregada em Londres. Mas à noite levantou-se uma tempestade tão rude que tivemos que bordejar para não ser atirados contra os rochedos ; uma de nossas velas foi esvaçalhada pelo vento. Na manhã do dia seguinte, o mar forte e o vento pouco favorável nos forçaram a arribar em Torbay, porto seguro e amplo, rodeado por altas falejas, fechado ao norte pela ponta de Portland e ao sul pelo cabo Start-Point. Pensámos então em aguardar o bom tempo, descansando dos reveses sofridos. Apenas dois navios, que tinham o mesmo destino que o nosso, fizeram sinais de que desejavam seguir a nossa esteira. Aproveitámos também o repouso para escrever cartas para nossa terra, antes de rumarmos para o oceano. À tarde dobrámos o cabo Start Point, constituído por altas penedias recortadas, em seguida às quais se estendem, como ao longo de toda a costa do Devonshire, uma bela planície verdejante, cuja uniformidade é interrompida pela cor amarela das flores do *Ulex*, arbusto muito comum nas duas margens da Mancha. Viam-se na superfície do mar penedias, contra as quais as vagas se vinham quebrar, espetáculo esse que a luz suave do sol poente vinha embelezar. Entrementes, o nosso navio prosseguia em sua rota. Na manhã do dia seguinte, avistámos ao longe o forte Pendennis, perto de Falmouth, e deixámos a Mancha na altura do cabo Lizard que se distingue pelos seus dois brancos faróis. As costas de Cornwall e do Devonshire não têm a coloração branca das do North e South Foreland ; apresentam uma cor avermelhada.

Achámo-nos enfim no imenso oceano ; a terra desaparecera inteiramente aos nossos olhos ; o cabo Landsend, a ponta mais meri-

dional da Inglaterra, se furta à nossa vista no dia 22, ao meio-dia. Depois daí, cessa toda distração causada pelas coisas circundantes; só se avistam o céu e o mar; todos procuram se distrair escrevendo; felizes os que fizeram uma ampla provisão de bons livros!

Nada nos succedeu de notável até Madeira, que avistámos no décimo dia de viagem. Atiraram-se anzois e outros instrumentos de pesca, mas só se pescaram *Trigla Gurnardus*⁸ peixe excelente para comer. Bandos de golfinhos (*Delphinus Phocaena*, Linn.)⁹ nos acompanhavam de longe, principalmente quando o mar estava um tanto agitado; atiraram sobre eles, mas sem matar nenhum. Entre os nossos companheiros mais constantes achava-se particularmente a pequena procelária preta (*Procellaria pelagica*), que os portugueses chamam de "alma de mestre"¹⁰. Os marinheiros, que consideram como indício de tempestade próxima a chegada de um bando numeroso dessas aves em volta do navio, não a viam com satisfação.

Um "cutter" da marinha real da Inglaterra nos annunciou que o seu país havia declarado a guerra à França; convocaram imediatamente os nossos marinheiros, mas, entretanto, nenhum foi tomado para o serviço do estado. Essa notícia nos causou vivas inquietações, sobretudo quando, passando em frente da costa da Espanha, vimos um navio se dirigir para nós; mas os nossos alarmes logo se dissiparam; tratava-se de um navio inglês; ele se incumbiu de levar as nossas cartas para a Europa.

No dia 1.º de junho, ao meio-dia, uma terra elevada e algumas montanhas se mostraram confusamente ao longe; era a Madeira. Às seis horas da tarde, estávamos diante de Ponta-Parga, a sua ponta ocidental, que dobrámos com um bom vento; o mar estava coberto de procelárias, gaivotas e outras aves marinhas. O aspecto da Madeira é imponente, visto de qualquer lado; essa ilha se apresentava aos nossos olhos como um rochedo imenso cujos cimos se perdiam nas nuvens. Suas costas, escarpadas e negras, são recortadas de vales e gargantas fundas; por toda parte, as vinhas ostentam os seus pámpanos verdejantes, entre os quais se elevam as casas brancas dos seus habitantes. Nos flancos das montanhas, que as nuvens não cobriam, viam-se verdes pastagens como nos Alpes, e grupos altos e cerrados de arvores ensombravam as pequeninas casas. Essa bela ilha desfrutava

(8) Nos mares ingleses é a espécie comum do numeroso genero *Trigla*. O nome *gurnardus* é simples latinização de *gurnard*, palavra inglesa oriunda de *grogard*, que significa grunhidor e faz alusão ao habito que têm esses peixes de emitir singular e característico ruído, quando seguros pelos pescadores, ou mesmo debaixo d'água. No Brasil os seus representantes mais affins são o "peixe-cabra" *Prionotus beani* e a "cabrinha", *P. capella*.

(9) *Phocaena phocaena* (Linn.) na actual nomenclatura. Cumpre não confundir esta espécie, desconhecida no Mediterrâneo, com o verdadeiro golfinho, *Delphinus delphis* Linn., que ocorre naquelles mar e tão importante papel representou na antiga litteratura greco-latina. Não obstante, ha no genero outra espécie, *Ph. relicia* Abel, privativa do Mar Negro.

(10) Não se confundam as "procelárias" (em alemão "*Sturmvögel*", francês "*oiseaux des tempêtes*") com as gaivotas, que são também ordinariamente aves oceánicas, mas pertencem a familia perfeitamente distincta (*Laridae*).

do melhor clima ; os vegetais da zona torrida crescem aí maravilhosamente ; o calor forte se combina com grande humidade, e as chuvas são frequentes, pois as torrentes a que deram origem sulcaram profundamente os rochedos escarpados da costa. Oitenta mil habitantes retiram a sua subsistência da cultura da vinha, que dá um vinho procurado por todos, bem como da laranja, do limão, da banana e de outros frutos excelentes.

Como não pretendíamos visitar Funchal, capital da ilha, continuámos a nossa viagem com um vento fresco, e cedo perdemos a ilha de vista. Os ventos alíseos nos fizeram chegar rapidamente ao trópico. Bandos de peixes voadores se erguiam de ambos os lados do navio, acima da superfície das águas ; quanto mais próximo do equador, mais numerosos se tornam ; são mais raros antes de chegar ao trópico.

A 6 de junho, cruzámos o trópico de Cancer, divertindo-nos então com a variedade de moluscos que se mostravam à nossa vista. Aos 22.º 17' de latitude norte avistámos a primeira fisalia (*Physalis*), molusco muito singular* que, a partir desse ponto se mostra sempre em maior quantidade, à medida que se avança para o equador, de sorte que, mais ao sul, se vêem às centenas cada dia. Varios viajantes já trataram desse singular produto da natureza e por isso senti um particular interesse em observa-lo com atenção. A parte mais volumosa do animal é uma vesícula transparente cheia de ar, que flutua em cima d'água, e que parece exclusivamente destinada a sustentar a parte superior nessa posição ; a parte inferior apresenta oito a nove feixes de longos tentáculos gelatinosos que se prendem às raízes por tubérculos gelatinosos, curtos e espessos, formando uma massa na base da vesícula. A vida do animal reside nessa parte do corpo : os tentáculos são irritáveis, a vesícula não ; elles se alongam, se contraem, seguran a presa, e são cobertos por uma infinidade de ventosas. A vesícula não parece sujeita a nenhuma variação ; não consegui descobrir af o orificio de nenhum vaso. Com a morte do animal, ela não murcha, e, mergulhada em espírito de vinho, conserva mesmo a sua forma. A sua faculdade de mover-se é fraca ; contrae-se em forma de crescente ; curva também as suas duas extremidades para baixo e para cima ; com esses movimentos ergue-se de novo quando virado pela onda. Pode-se tocar a vesícula sem sentir qualquer sensação de dor ; os tentáculos, porem, produzem uma comichão violenta. Os portugueses chamam esse singular molusco¹¹ "água viva" ou "cara-

(*) Ver sobre esse molusco a nota do Sr. Tilesius, no volume terceiro da Viagem do Cap. Krusenstern em redór do mundo, edição em alemão, p. 1 a 108.

(11) Convem lembrar que a organização das fisalias (*Physalia* e não *Physalis*), animais pertencentes aos Celenteros da actual classificação, nada tem que ver com a dos Moluscos, de que já os havia separado, dentro da sua vasta "classe" dos Vermes, o próprio Linneu ; ela é extraordinariamente mais simples e tem como traço mais característico a inexistência de uma cavidade corpo-

vela", os ingleses "portuguese man of war"; os franceses "gale-re". Mais próximo do equador, diminui o número desses moluscos e, pelo contrário, aumenta o de *Medusa pelagica*.¹² Aves marinhas voavam às vezes em torno de nós. O nosso segundo comandante pegou com as mãos, depois de uma rajada de vento, uma andorinha do mar (*Sterna stolidus*, Linn.), que, cansada, veio pousar a bordo; vimos também fragatas (*Pelecanus aquilus*, Linn.)¹³ que haviam sido trazidas dos rochedos vizinhos.

Emquanto atravessávamos a parte norte da zona tórrida, o tempo se conservava geralmente belo; mas, depois, o calor que foi continuamente aumentando, tornou-se muito incômodo. Nuvens sombrias, indícios de chuva e tempestade, se elevavam isoladas no horizonte; espalhavam-se e aproximavam-se rapidamente, trazendo uma borrasca violenta e uma forte chuvarada, que num instante inundou o navio; mas, comumente, o sol brilhava de novo meia hora depois. Quando começou a se alterar nossa provisão de água potável, essas pancadas de chuva foram recebidas com prazer. Os navegantes imprudentes que, ao se aproximar semelhante meteoro, não serram as suas velas superiores, têm sofrido muito, com frequência, dessas rajadas fortes e bruscas, e delas têm sido vítimas. O nosso comandante nos contou que um acidente desse gênero se dera pouco tempo antes com um navio, que sossobrava. O nosso teve uma vela rasgada; como se tomavam sempre as necessárias providências, não sofreu outra avaria.

A 22 de junho, o "Janus" transpôs a linha. Não foram esquecidas as cerimônias habituais em semelhante ocasião. Ao sul do equador, o tempo piorou. Chuvas de pouca duração, acompanhadas de violentas rajadas, eram frequentes; o mar se mostrava muitas vezes agitado; viam-se com maior frequência procelárias, golfinhos, toninhas e outros cetáceos maiores.

Cruzámos o equador aos 28° 25' de longitude oeste de Greenwich, porquanto, navegando antes nas paragens mais próximas da costa da Africa, onde apanhámos muita chuva e furacões, havíamos aprobeado,

rea visceral (celoma), da qual faz as vezes, até certo ponto, a própria cavidade digestiva. Dentro dos Celentéreos as fisílias, ou "caravelas", pertencem à subdivisão dos Sifonóforos, seres formados por colônias errantes de indivíduos elementares, à abertura de cujas cavidades gástricas corresponde o que descreve impropriamente Wied com o nome de ventosa. Mesmo lançadas à praia pelas ondas, as caravelas são de contacto tenível, pela dolorosíssima queimadura que ocasionam com os órgãos microscópicos de defesa (nematocistos), de que são munidos os seus tegumentos; por um fenómeno singular (anafilaxia) a vítima de um primeiro acidente torna-se muito mais sensível aos ulteriores.

O padre DUTERTRE (*Hist. gén. des Antilles*, 1667-91, 4 vol.) e LEBLOND (*Voy. aux Antilles*) referidos por ALFR. FREDOL (*Le monde de la mer*), 3.^a ed., 1881, p. 190), deixaram dramática descrição dos efeitos da caravela.

(12) As medusas, também Celentéreos, têm a forma característica de guarda-chuva aberto; são ordinariamente incolores e transparentes, e locomovem-se por movimentos rítmicos dos bordos da umbrela.

(13) As "fragatas", notáveis pelo poder do voo, formam um gênero de grandes aves marinhas quasi cosmopolita. Sabe-se hoje que a espécie nomeada por Linneu é privativa aos mares da ilha Ascensão; nas costas meridionais do Brasil, a forma que existe é *Fregata magnificens rothschildi* Mathews, vulgarmente conhecida pelos nomes de "alcatraz" e "joão grande". Na Bala chamam-na "grapirá", "passaro do sul", etc.

para delas nos afastarmos, em direção oeste ; o que nos levou para as correntes marinhas que nos fizeram progredir em direção da costa da America.

Na manhã de 27 de junho, durante o almoço, annunciou-se terra. Todos acorreram ao tombadilho para contemplar a costa do Brasil, que emergia do seio do Oceano. Surgiram logo, na superfície das ondas, duas espécies de sargaços (*Fucus*) e numerosos indícios de terra próxima ; cruzámos, enfim, com uma embarcação de pescadores, carregando três homens ; chamam a essas embarcações "jangadas" ; são feitas de cinco a seis pedaços de uma madeira leve que no Brasil se denomina "pau de jangada". Koster nos deu uma estampa da jangada em sua viagem ao Brasil¹⁴. Essas jangadas navegam com grande segurança no mar ; são empregadas na pesca ou no transporte de diferentes coisas ao longo do litoral ; andam muito depressa, impelidas por uma grande vela latina, presa a um mastro curto. Tivemos com prazer aproveitado a ocasião, após uma longa travessia, de conseguir peixe fresco, mas não valia a pena, para satisfazer esse desejo, correr atrás dos pescadores. Fizemos rumo para a costa ; aproximámo-nos dela o bastante para, ao meio-dia, reconhecer que estávamos próximos de Goiana ou Paraíba-do-Norte, na capitania de Pernambuco. Tão perto da terra, como estávamos, a força do vento teria podido, durante a noite, nos fazer correr sério perigo : felizmente, pudemos virar de bordo a tempo, e voltar ao largo. À noite, caiu chuva torrencial acompanhada de vento, que nos forçou a bordejar durante alguns dias, quasi sem mudar de posição. O vento soprava furiosamente ; o navio jogava com violência. A chuva não cessava ; quasi não nos achávamos em segurança em nossos leitos. Os marinheiros eram os que mais sofriam com a humidade ; o perigo que corriamos os obrigava a estarem dia e noite no passadiço ; o "rhum" a custo mantinha-lhes a coragem e a boa vontade. O aspecto do mar, nas noites escuras, tempestuosas e chuvosas, era assustador ; as vagas barulhentas, alteando-se, vinham bater de encontro ao navio ; a imensa superfície das aguas parecia em fogo ; milhares de pontos luminosos, faixas e largos traços de luz brilhavam de todos os lados, variando de forma e posição a todo instante¹⁵. Essa luz semelha muito a que se produz na madeira apodrecida quando molhada ; é um fenómeno observado frequentemente nas florestas. Durante es-

(14) KOSTER (Henry), *Travels in Brazil* (London, 1816), vol. de 501 págs., com mapas e estampas coloridas). O autor, natural de Portugal e filho de paes ingleses, esteve uma primeira vez no Brasil, em 1810, permanecendo cerca de ano e meio entre nós e visitando vários estados do nordeste. Em fins de 1811 voltou novamente ao Brasil, estabelecendo-se com propriedade agrícola em Pernambuco (Itamaracá), donde só saiu em princípios de 1815. Seu livro teve várias edições e constituiu documento dos mais preciosos sobre a situação daquela parte do Brasil, no começo do seculo passado. Cf. ALFR. DE CARVALHO, op. cit., III, p. 104 e ss.

(15) A fosforescência do mar é ocasionada ordinariamente pela presença de animáculos microscópicos (Protozoários Cistoflagelados), dos quais o mais conhecido é a *Noctiluca miliaris* Surir. A luminosidade é porém fenómeno muito diffundido nos animais marinhos.

Nos vegetais e animais em putrefacção o fenómeno deve-se á presença de diferentes bactérias, ou mais comumente, de cogumelos.

sas noites escuras e tempestuosas, a gente põe sua esperança no dia seguinte, mas, por muitas vezes, o dia raíou sem que melhorássemos de situação. Eram tão nublados e escuros como as noites que os precediam; o pessoal de bordo não podia esconder os seus temores; receiavam uma tempestade mais violenta. Cada vez que ela parecia se anunciar, faziam-se os necessários preparativos para lhe resistir à violência, preparativos que causavam inquietações e alarmes extremos aos passageiros. Havíamos cometido o grande erro de muito nos aproximarmos da costa nas vizinhanças de Pernambuco, pois, durante o inverno da zona torrida, reinam tempestades em tais paragens. O comandante fez o seu rumo, tanto quanto lhe permitia o vento, para alcançar o mar alto, mas se viu constantemente na obrigação de bordejar, e, por conseguinte, não avançou muito. Enfim, oito dias depois de termos avistado terra pela primeira vez, o vento melhorou um pouco e permitiu-nos tomar uma rota mais direta. Media-se com frequência a força das correntes, precaução necessária para quem navega tão próximo da costa. Grandes aves marinhas, gaivotas ou procelárias pairavam isoladamente sobre nós, sem que pudessemos atirar em nenhuma, enquanto as fisálias em torno do navio, a cuja frente os peixes-voadores fendiam o ar, e grandes cetáceos jorravam água pelos seus respiradouros¹⁶.

No dia 8 de julho, ao meio dia, avistámos de novo a costa do Brasil nas vizinhanças da baía de Todos-os-Santos. Ela se nos mostrava sob o aspecto de lindas montanhas, acima das quais passavam nuvens espessas. Via-se a chuva cair sobre as praias e, no mar, sentíamos constantemente as alternativas de temporal, chuvas e ventos contrários. Como em todas as tardes, o vento soprava de terra; aproximávamo-nos da costa de dia e, à noite, ganhávamos o largo: e dessa forma nunca perdíamos a terra de vista.

No dia 10, o tempo se mostrou bom e o vento favorável. Passámos os perigosos escolhos chamados Abrolhos ("abra os olhos"); assim, pudemos tomar rumo direto a cabo Frio. A 22.º 23' de latitude sul, observei uma outra espécie de caravela (*Physalia*), muito menor do que a outra e sem a coloração vermelha; é, sem dúvida a que Bosc em sua "Histoire naturelle des Vers" figura na estampa 19. Esse animal apresentava-se em grande número. O calor do meio-dia nessas paragens se tornava cada dia mais forte: bastava uma xícara de chá para provocar uma abundante transpiração. Em compensação a temperatura das noites, durante as quais a lua brilhava e as estrelas resplandiam com um brilho singular, era muito agradável. Os indícios da proximidade da terra aumentavam de momento em momento: encontravam-se sargaços, varias plantas, troncos de árvores, toda espécie de coisas semelhantes; finalmente, no dia 14, ao meio-

(16) Cf. nota 40, inserta mais adiante,

dia, vimos de novo a costa e reconhecemos distintamente em nossa frente o cabo Frio, diante do qual existe uma ilhota rochosa. A alegria se manifestou em todos; estávamos no mar fazia mais de setenta dias, e só nos faltava fazer uma bem curta travessia para chegarmos ao Rio de Janeiro.

Pela manhã, o "Janus" dobrou o cabo Frio com uma brisa fresca e favorável; no dia 15 vimos de perto a costa meridional do Brasil, pois aquele cabo separa-a da costa oriental. O vento agitava fortemente o mar, que, semelhantemente ao das costas da Europa, tomara coloração verde claro que tem perto de terra. A vista das montanhas do Brasil, notáveis pela beleza e variedade de suas formas, pelo verdor de suas soberbas matas, iluminadas nessa hora da maneira a mais variada, pela sua extensão ininterrupta ao longo da costa, causavamos um prazer, um entusiasmo extraordinário: figurávamos em nossa imaginação as cenas novas que iríamos contemplar, e aguardávamos com impaciência a hora do desembarque. As montanhas selvagens em direção às quais fazíamos vela, apresentam as mais diferentes formas; são muitas vezes cônicas ou piramidais. As nuvens cobriam-lhes os cimos e uma névoa ligeira lhes emprestava um colorido suave muito agradável. Ao meio-dia, por uma brisa muito fraca, o termômetro à sombra se mantinha a 19° Réaumur; descia logo a 17°, numa calmaria que durou até à noite; um pouco mais tarde, o vento se tornou bastante forte, o navio se moveu rapidamente e na manhã do dia seguinte achámo-nos em frente da entrada da baía do Rio de Janeiro.

A calmaria que sobreveio em seguida nos obrigou a ficar no mesmo lugar, enquanto que a agitação do mar nos sacudia rudemente. Estávamos perto da barra que conduz à real cidade do Rio de Janeiro; uma porção de pequenas ilhas, algumas surpreendendo pelas suas formas estranhos, af se elevam da superfície das águas, unindo-se à massa das montanhas ao longe, o que constitue uma perspectiva muito pitoresca.

A vinheta que acompanha o segundo capítulo da edição in-4to¹⁸, dá dela uma imagem muito verdadeira: os raios do sol refletem-se sobre o espelho calmo do mar que aparece ladeado pela cercadura pitoresca das montanhas. Entre estas, à esquerda, vê-se o "Pão de Açúcar", assim denominado por causa de sua forma, enquanto à direita proemina a ponta de terra em que fica o forte de Santa Cruz, pequeno, mas guarnecido de numerosos canhões.

As 11 horas, como a brisa se tivesse levantado muito suavemente, o navio poz-se a andar de forma apenas perceptível, embora estivesse com todo o seu pano solto. Resolvemos aproveitar essa inação

(18) Na edição alemã in-8 vo, pela qual foi refundida a presente tradução, remete-se frequentemente para as vinhetas que ornão o começo dos capítulos na grande edição in-4to. Julgou-se de vantagem não suprimir essas remissões, não só, por maior fidelidade ao texto do livro, como pelo interesse com que serão, provavelmente, recebidas pelos estudiosos.

para visitar as ilhotas mais próximas, e travar assim conhecimento com a terra do Brasil. O comandante fez arriar um bote, e levou consigo alguns marinheiros; três passageiros, entre os quais eu, o acompanharam. Avançávamos sem perceber que a água entrava rapidamente no bote; por ter estado suspenso na pópa do navio, o calor do sol, disjuntara-lhe as costuras. Depois de termos penosamente trabalhado para vencer as vagas, vimo-nos forçados a esvasiar o barco da água que o enchia; mas, como nos faltavam os instrumentos necessários, para isso, tivemos que nos servir de nossos butins. A altura das vagas nos escondia a vista do navio; por fim, depois de esvaziarmos duas vezes o bote, chegámos felizmente à "Ilha Raza", assim denominada para distingui-la da "Ilha Redonda"¹⁷, que é elevada. Mas ao nos aproximarmos dessa ilha, reconhecemos que seria impossível nela desembarcar, visto como de todos os lados se erguiam rochedos pontudos, sobre os quais uma multidão de polípeiros estendia uma verdadeira rede de raízes e ramos. O mar se quebrava com tal barulho e com tanta fúria sobre esses recifes, que, cheios de receio, tivemos que nos contentar de admirar de longe os belos arbustos copados que cobrem a superfície da ilha, e escutar o canto dos pássaros que se fazia ouvir acima de nossas cabeças. O aspecto dessa ilha tropical era inteiramente novo e interessante para nós. Na ponta dos rochedos poisavam, aos pares, uma multidão de gaivotas de dorso negro, em tudo semelhantes a *Larus marinus* dos mares da Europa. Atirámos-lhes várias vezes sem matar uma só, pois logo ao primeiro tiro todas voaram e nos cercaram soltando gritos ensurdecedores. Depois de demorarmos cerca de uma hora junto dessa ilha, pensámos em regressar ao navio, que não mais se avistava daí. A nossa situação se tornara crítica, pois reinavam nessa barra correntes que desviavam insensivelmente os navios de sua rota, atirando-os à costa. Há muitos casos disso*. Nossos marinheiros se viram forçados a trabalhar vigorosamente contra a força das ondas, sem saber de que lado se achava o "Janus". Ajudávamo-nos o quanto podíamos, esvaziando ainda por duas vezes o bote com os nossos butins; finalmente, tivemos a felicidade de avistar por sobre as ondas o topo dos mastros do nosso navio. Depois de muitos esforços e fadigas, o alcançamos: estavam inquietos por nossa chegada.

Pouco caminhávamos, devido à fraqueza do vento, mas, mesmo assim, ancorámos à tarde no canal da entrada da baía. Essa entrada

(*) As correntes marítimas da entrada da baía do Rio são muitas vezes perigosas para os navios quando sobrevem calmaria. Um acontecimento notável do genero occorreu pouco antes de minha chegada. Um navio americano entrou e foi logo seguido por um corsário inglês. O americano hesitou muito tempo em sair, mas enfim se decidiu; o inglês quis se aparelhar imediatamente para perseguir-lo. De acordo porem com o regulamento do porto do Rio, é concedido um prazo de três horas de antecedência a um navio em relação a um inimigo que o persiga. O inglês foi portanto obrigado a esperar três horas, fúndas as quais soltou todo pano, e perseguiu o americano. Mas, apenas atingiu as vizinhanças da Ilha Redonda, sobreveio uma calmaria; a corrente atirou violentamente o corsário contra os rochedos; o navio encalhou, perecendo toda a tripulação, ao passo que o americano já se achava, havia muito, ao largo.

(17) No original lê-se "Ilha rotunda"

é imponente e muitíssimo pitoresca. De cada lado se erguem penedos ásperos e gigantescos, semelhantes aos da Suíça, terminando em cumes arredondados ou pontudos, alguns com denominações especiais; duas pontas juntas têm o nome de "Dois Irmãos"; uma outra recebeu dos ingleses o de "Parrotbeak" ("bico de papagaio"). Mais ao longe se vê o Corcovado, que os habitantes do Rio galgam para desfrutar do soberbo panorama de suas cercanias. Depois de ancorados a cerca de uma milha inglesa do forte, nossas vistas se dirigiram para a natureza grande e nova que nos cercava. As montanhas recortadas em cima são parcialmente cobertas de matas verde sombrio, do seio das quais emergem, altivos, os coqueiros de caules esguios. De manhã e à tarde, nuvens se abaixam sobre essas enormes montanhas selváticas, escondendo-lhes os cimos; o mar vem bater-lhes espumante aos pés, fazendo um barulho que ouviamos de todos os lados, durante a noite inteira. À luz do sol poente, avistávamos na superfície do mar cardumes de peixes de vivas cores e cujo vermelho intenso produzia um singular espetáculo. As algas (*Fucus*) e os moluscos que apanhávamos foram a nossa ocupação até o cair da noite; o sereno, extremamente abundante nessas paragens, nos expulsou do tombadilho. Iamo-nos entregar ao descanso, quando um tiro de canhão ao longe nos chamou novamente ao tombadilho. No fundo da baía, precisamente no ponto em que muitos grandes navios dão a supôr que se acha situado o Rio de Janeiro, um espetáculo verdadeiramente magnífico nos surpreendeu no meio da noite: era um lindo fogo de artifício.

Aguardámos o dia seguinte com redobrada impaciência; desde o raiair do dia, levantou-se âncora, e, com um vento moderado, avançou-se em direção do porto. A alegria a todos animava, reunidos no tombadilho. Um bote, trazido de terra por oito remadores índios, nos trouxe dois pilotos, que guiaram o "Janus" ao seu ancoradouro, em frente da cidade. Esses marinheiros nos trouxeram belíssimas laranjas, que nos pareceram tanto melhores quanto, depois de setenta e dois dias que nos achávamos a bordo, não havíamos tido nenhuma fruta fresca.

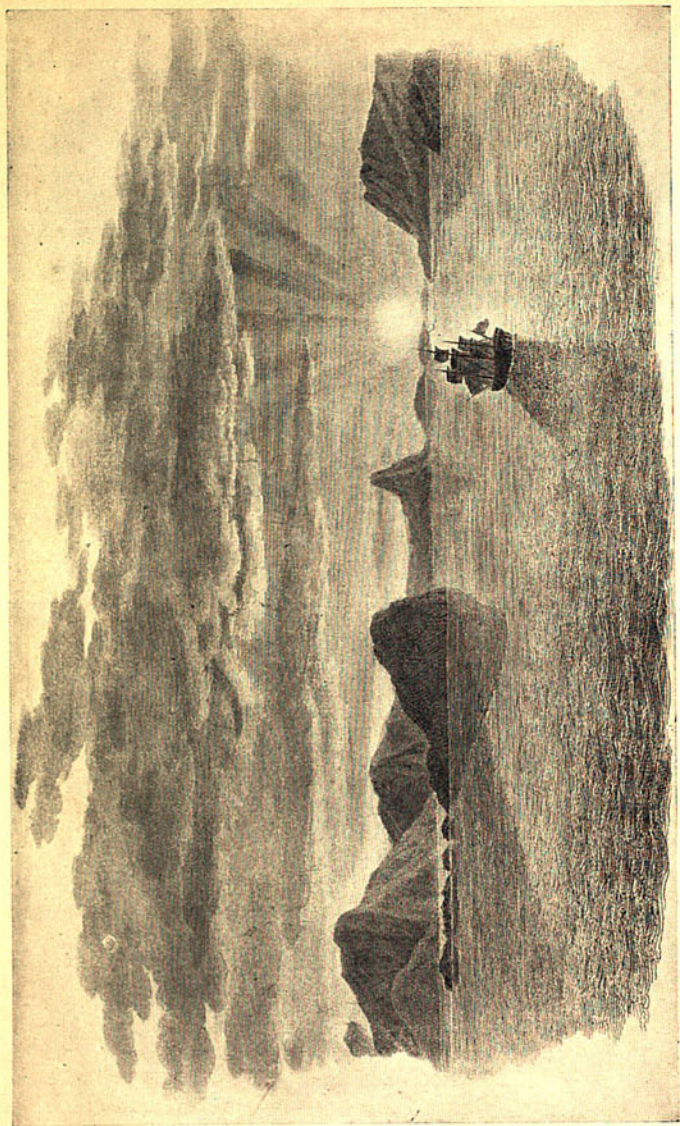
Vogámos de um lado para outro da estreita entrada, e aproximámo-nos da cidade; os morros diminuam de altura em cada margem da baía, e avistavam-se bonitas casas de telhados vermelhos, no meio de pequenas elevações sombreadas por um arvoredor espesso, e dominadas por coqueiros; embarcações passavam em todos os sentidos pelo porto. Deixámos atrás de nós varias ilhas, entre as quais aquela em que Villegagnon construiu o forte Colligny, que ainda tem o seu nome. Deste ponto se avista grande parte da baía do Rio que é cercada de altas montanhas, entre as quais a Serra dos Orgãos se destaca por seus picos, semelhantes aos dos Alpes da Suíça. Muitas ilhas lindas se acham espalhadas pelo porto, o mais belo e seguro do Novo-Mundo, e cuja entrada é defendida de ambos os lados por fortes

baterias. De onde nos encontrávamos, via-se em frente a cidade do Rio de Janeiro, construída sobre várias colinas a beira-mar. Oferece uma bela perspectiva, com suas igrejas e conventos situados no alto. O fundo do cenário por traz da cidade é constituído por montanhas de forma cônica, arredondadas em cima e cobertas de florestas; embelezam infinitamente a paisagem, cujo primeiro plano é animado por grande quantidade de navios de todas as nacionalidades. E' aí que reinam a atividade e a vida; canoas e chalupas estão aí em contínuo movimento; pequenas embarcações de portos vizinhos enchem os intervalos entre os grandes navios das nações da Europa.

Logo que a ancora foi arriada, fomos cercados de embarcações; uma trazia soldados que encheram o passadiço do navio. Empregados da "Alfândega" entraram a bordo; a comissão de saúde chegou também; vieram oficiais que examinaram nossos passaportes; finalmente, o navio se encheu de uma porção de ingleses pedindo notícias de sua pátria. A última noite que passámos a bordo, após uma prisão de setenta e dois dias, correu rapidamente; havia um belo luar, o tempo estava levemente quente mas agradável; ficámos conversando no tom-badilho até bem tarde da noite, sem no entanto podermos disfarçar uns aos outros certa impaciência de ver chegar o dia seguinte. Nossa imaginação se ocupava vivamente com o futuro. No meio desses pensamentos, os meus olhos se dirigiram para os mastros do navio que nos havia conduzido satisfatoriamente de regiões longínquas; escapando de numerosos perigos, estava tranquilamente ancorado no porto: olhei-o com vivo interesse. O viajante que, durante vários meses, faz do Oceano a sua morada, numa dessas grandes máquinas moveis, experimenta para com ela um sentimento de gratidão quando chega a hora de deixa-lo; diz um adeus cordial ao marinheiro rude, porem franco, que por tanto tempo lhe prestou auxílio, desejando-lhe no futuro uma feliz sorte em suas viagens sobre o móvel elemento tão enganador, a que consagrou a sua existência.

do
rece
lto.
has
em-
por
que
nuo
os

es ;
dos
ém;
e, o
sua
se-
mpo
om-
rçar
ossa
pen-
que
es-
no
rios
inas
an-
ru-
jan-
nen-



Vista da entrada da baía do Rio de Janeiro.

ESTADIA NO RIO DE JANEIRO — A CIDADE E SEUS ARREDORES — OS INDIOS DE SÃO LOURENÇO — PREPARATIVOS PARA A VIAGEM PELO INTERIOR.

O Rio de Janeiro, que na última metade do século XVII contava apenas 2.500 habitantes com uma guarnição de 600 soldados*, hoje se eleva à categoria das primeiras cidades do Novo Mundo. Como existam muitas descrições dessa capital, seria entrar em inúteis repetições pretender fazer uma descrição minuciosa. Barrow nos deu dela uma idéa bastante exata¹⁹; mas depois de sua descrição, as coisas mudaram muito. Cerca de vinte mil europeus, vindos de Portugal com o rei²⁰, se estabeleceram na cidade, daí naturalmente resultando que os costumes do Brasil se modificaram pelos da Europa. Melhoramentos de todo gênero foram realizados na capital. Ela muito perdeu de sua originalidade, tornando-se hoje mais parecida com as cidades européas. Todavia, os estrangeiros recém-chegados se surpreendem com o grande número de negros e mulatos que encontram nas ruas, no meio da multidão que as enche; pois a população do Rio de Janeiro conta maior número de negros e homens de cor que de brancos.

Varias nacionalidades se dão encontro aqui pelo comércio, e de sua união saíram novas e numerosas misturas. A classe que domina sobre todas as outras, em toda a extensão do Brasil, é a dos portugueses da Europa ou "filhos do Reino"; seguem-se os "brasileiros"

(*) Southey "History of Brazil" vol. II. p. 667.

(19) JOHN BARROW, *Voyage to Cochín-China*, Londres, 1806. A obra foi traduzida em francês (Paris, 1807, chez François Buisson) por MALTE-BRUN, em quatorze volumes, com grandes acréscimos e correções na parte referente ao Brasil. J. Barrow (1764-1848) foi secretário do almirantado inglês e grande navegador, seu nome estando diretamente ligado à fundação da Royal Geographical Society de Londres e a várias descobertas geográficas. Cumpre não confundir o seu citado livro com uma outra obra de autor homônimo, cheia de erros grosseiros e informações inexatas, publicada em data muito anterior (1766). A inadvertência ocorre nos comentários aduzidos ao livro póstumo de ALFREDO DE CARVALHO (Biblioteca Exótica-Brasileira, I, p. 171).

Sabemos o que era a cidade do Rio de Janeiro e seus arredores, ao tempo da viagem de Wied, através da obra de MARTIUS (C. F. P. von) e SPIX (Joh. Bapt. von), *Reise in Brasilien* (München, 1823-31, 3 vols. e 1 atlas in-fol.). Esses dois celebres naturalistas, acompanhando o séquito da arquiduchessa Leopoldina d'Austria, primeira imperatriz do Brasil, ali aportaram apenas dois anos depois de Wied (Julho de 1817); ambos realizaram, em seguida, através de todo o leste e norte do Brasil, o mais memorável dos cruzeiros de finalidade científica. Sobre sua obra consultem-se as notícias que precedem a tradução recentemente (1938) editada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

(20) Sabe-se que em fins (27 de Novembro) de 1807 D. João VI, rei de Portugal, fugindo às tropas napoleônicas que acabavam de invadir o país sob o comando do general Junot, emigrara com toda a corte para o Brasil, inaugurando fase inteiramente nova na vida da colônia.

filhos de portugueses, de origem mais ou menos pura; os "mulatos", provenientes da mistura de brancos e negros; os "mamelucos" ou mestiços saídos de brancos com índios; os "negros" d'Africa (também chamados "muleques"); os pretos "crioulos" nascidos no Brasil; os "curibocas"²¹, nascidos de negro e índio; os "índos" puros, ou habitantes primitivos do Brasil, entre os quais denominam-se "caboclos" os civilizados, e "gentios" "tapuias" ou "bugres" os que ainda vivem em estado primitivo.

Todas essas variedades de côres se exibem no Rio de Janeiro; só os tapuias aí aparecem isoladamente como curiosidade. Desde que se põe o pé nas ruas da cidade, observa-se essa singular mistura de gentes diversamente ocupadas, e junto delas uma reunião de todas as nacionalidades da Europa. Ingleses, espanhois, italianos, são aqui bem numerosos; chegam presentemente muitos franceses; encontram-se em muito menor número alemães, holandeses, suecos, dinamarqueses, russos. Os pretos, semi-nús, fazem todos os trabalhos pesados; é essa util classe de homens que transportam todas as mercadorias do porto para a cidade; reúnem-se para isso aos dez e dôze, e com páus resistentes e fortes, carregam os mais pesados fardos, mantendo o movimento do grupo por meio de cantos ou antes de gritos, pois não se empregam veículos para esses trabalhos. Por outro lado, vêm-se carruagens e outros veículos, puchados por muares, rolar nas ruas, em geral mal calçadas, porém dotadas de passeios laterais; a maioria delas se cruzam em ângulo reto; as casas só possuem comumente andar térreo, ou um só andar em cima; todavia, há enormes edifícios em alguns pontos da cidade, sobretudo nas proximidades do porto, na "Rua Direita", e perto do palácio do rei, que não é magnífico, mas muito bem situado, descortinando-se dêle uma linda vista sobre o mar. Os principais edifícios são as igrejas, cujo interior é geralmente ornado com magnificência; as festas religiosas, as procissões e outras cerimônias parecidas são freqüentes; é um costume singular em todas essas solenidades atirar, nas ruas, em frente às portas das igrejas, fogos de artifício com grande estrondo e alarido.

O Rio possui um teatro lírico suficientemente espaçoso; aí se representam óperas italianas; os bailarinos são franceses. O aqueduto é uma importante obra; o passeio à colina, donde êle se lança para a cidade, é muito agradável; daí se desfruta um panorama do porto e da cidade, que se estende num vale onde crescem coqueiros (*Cocos butyracea*). Para o interior, o Rio é rodeado de mangues (*Rhizophora*). Essa vizinhança, e a sua situação geral não devem ser muito favoráveis à saúde dos habitantes.

O europeu, transplantado pela primeira vez para esse país equatorial, sente-se arrebatado pelas belezas das produções naturais, e sobretudo pela abundância e riqueza da vegetação. As mais belas

21) "Mamelucos", "Mulecos", "Creolos", "Caribocos" é a grafia do original.

árvores crescem em todos os jardins ; vêm-se aí mangueiras colossais (*Mangifera indica*, Linn.), que dão uma sombra densa e um excelente fruto, os coqueiros de estipe alto e esguio, as bananeiras (*Musa*) em serradas touceiras, o mamoeiro (*Carica*), a *Erythrina*²², de flores de vermelho coral, e grande numero de outras espalhadas por todos os jardins pertencentes à cidade. Esses soberbos vegetais tornam os passeios extremamente agradáveis ; os bosques, que formam, oferecem à admiração dos estrangeiros pássaros e borboletas que jamais viram, entre os quais citarei apenas os colibrís de doirada plumagem, como os mais conhecidos. Os passeios à beira-mar não têm menores encantos, pela vista dos navios que chegam das mais distantes regiões do mundo. Não devo também esquecer o "Passeio Publico", grande praça plantada de árvores em aléas, terminando num terraço.

Até agora a natureza realizou mais para o Brasil do que o homem ; contudo, após a vinda do rei, muito se tem feito em benefício do país. Devem-se contar entre tais benefícios, varias medidas tomadas em favor do comércio, que é muito ativo e no qual, todavia, em detrimento dos habitantes, a Inglaterra tem exagerada preponderância, pois os navios portugueses pagam direitos mais pesados do que os da Grã-Bretanha. A circulação de consideráveis capitais tem, contudo, enriquecido muito a cidade ; a presença da corte não contribue pouco para tal prosperidade : ela sustenta grande número de pessoas, e os emissários das cortes europeas, bem como os estrangeiros atraídos ao país por diversos motivos, têm sobremodo espalhado o gosto pelo luxo diferentes classes da população. A aparência dos habitantes, as modas, semelham em tudo às das capitais europeas. Já aí se encontram tantos artistas e artezãos de todos os gêneros e nacionalidades, que em poucos anos pouca coisa faltará no Rio de Janeiro do necessário ao conforto da vida. Tem-se aí também em abundância frutas e outros produtos naturais, devidos à excelência do clima, e que o homem só sabe apreciar e aproveitar quando os obtém a custa do trabalho e da cultura e quando consegue aperfeiçoá-los. As laranjas, as mangas, os figos, as uvas, as goiabas (*Psidium pyrifera*, Linn.), os ananazes (*Bromelia Ananas*, Linn.), adquirem aqui uma excelente qualidade ; há muitas variedades de bananas, entre as quais a de "São Tomé", e a "banana da terra" que ainda se considera melhor para a saúde : ambas são muito nutritivas e saborosas. Entre as frutas que são vendidas na rua, notam-se os côcos, cujo leite²³ é tão refrigerante ; a jaca (*Artocarpus integrifolia*), cujo sabor é dum doce desagradável ; as melancias ; as amêndoas da sapucaia (*Lecythis Ollaria*, Linn.) ; as do pinheiro do Brasil (*Araucaria*). Dizem que a cana de açúcar dá naturalmente no país, principalmente nas imediações da capital. Os mercados não são menos providos de

(22) *Erythrina*, nome genérico do "mulungú" e afins.

(23) "Leite" está aqui pelo que usualmente se conhece por "agua de côco", confusão em que incorrem todos os autores estrangeiros.

peixes de diferentes espécies, das mais singulares formas e das mais belas cores; finalmente, as aves domésticas e as caças de toda espécie vêm somar-se a essa abundância. Criam aqui uma raça de galinhas de bico e pés amarelos, que parece proveniente da África. A guarnição, atualmente bastante numerosa, mantém igualmente muitos homens. A diferença entre os soldados vindos da Europa, depois de terem servido na Espanha sob as ordens de Wellington, e aqueles que não saíram do Brasil, impõe-se à primeira vista. Aqueles têm um aspecto todo militar; estes são amolentados pelo calor do clima; acabado o exercício, mandam os negros levar as suas armas para casa.

Não se espere uma descrição completa dessa capital e de seus habitantes da parte dum viajante que aí teve apenas pequena permanência. A muitos juízos precipitados e falsos se expõem os que pretendem fazer pronunciamentos apressados, sem ter podido amadurecer suas idéas em longa observação, correndo, assim, o risco de tornar suspeita a sua veracidade. Deixemos, pois, a tarefa de descrever essa capital aos europeus que a puderam estudar mais à vontade e que, sem dúvida, não deixarão esperar muito pelo fruto de suas observações²⁴.

Cheguei ao Rio durante o inverno da zona tórrida; a temperatura lembrava a dos meses mais quentes do nosso verão. Esperava ver cair chuva durante esse inverno dos trópicos, mas, com grande alegria, era um erro da minha parte, não choveu: o que demonstra o pouco fundamento da opinião vulgar de que, na estação fria da zona tórrida da America, chove constantemente²⁵.

As minhas cartas de recomendação me proporcionaram benévola acolhida no seio de varias casas. Devo citar, com profundo reconhecimento, o Sr. Westin, consul geral da Suécia, o Sr. Langsdorff²⁶, consul da Rússia, o Sr. Chamberlain, "Chargé d'affaires" da Inglaterra e o Sr. Svetskoff, da Rússia. Esses senhores porfiaram em tornar agradável a minha estadia no Rio de Janeiro; o meu compatriota Sr. Feldner, major de engenheiros, cumulou-me de gentilezas. Promoveu-me alguns passeios campestres muito alegres, que me proporcionaram o ensejo de conhecer os belos recantos do Rio. A excursão mais interessante para mim foi a que fizemos à aldeia de São Lourenço,²⁷ a única das proximidades da capital onde se encontram ainda

(24) Veja-se a nota 19 supra.

(25) Esta versão é entretanto verdadeira para toda a faixa litorânea do nordeste brasileiro, inclusa a da Bala.

(26) O Barão de LANGSDORFF, que esteve no Brasil nada menos de três vezes, fez longa permanência entre nós e merece menção muito especial, já pelo espontâneo interesse que sempre votou ao estudo de nossa Natureza, já por ter chefiado, às expensas da Rússia, uma expedição de larga envergadura pelo Brasil central. Dessa expedição, que transcorreu cheia de dramáticas peripécias e de lances até trágicos, deixou-nos o seu desenhista, Hercules Florence, viva descrição, primeiramente publicada pelo Visconde de TAUNAY no tomo XXXVIII (1875) da *Revista do Instituto Histórico, Geogr. e Ethnogr.* do Brasil. A esse respeito, além do livro de Estevão Bourroul sobre *Hercules Florence*, consulte-se o artigo de H. von IHERING no tomo V da *Rev. do Museu Paulista* e o excellentes resumo de RODOLFO GARCIA no volume I do *Dicion. Hist., Geograph. e Ethnogr. do Brasil* (1922), pp. 884-5.

(27) Colônia de índios fundada pelo cacique Arariboia, chamada depois Martim Afonso de Souza. Faz hoje parte integrante da cidade de Niterói, onde constitúe uma paróquia e bairro dos mais populosos.

habitantes primitivos do país, outrora tão numerosos na região. Para melhor poder examinar essa gente, saímos da cidade sob a direção do capitão Pereira, que conhecia muito bem o local. Tomámos uma embarcação para atravessar parte da baía. Um bellissimo tempo nos favorecia; a cada instante, desfrutávamos panoramas deslumbrantes que se renovavam sem cessar e cujo encanto aumentava com a diversidade e vivacidade de colorido que tomavam os lindos tufo de vegetação, espalhados pelas margens da baía.

Desembarcámos a pouca distancia de São Lourenço, e puzemo-nos a galgar pequenos morros, por um caminho sombreado por lindas plantas; lantanias (*Lantana*) com suas flores cõr de fogo, vermelho carregado ou cõr de rosa; helicônias (*Heliconia*) e outros arbustos de aspecto igualmente gracioso, formam aqui moitas cerradas. No alto da colina, as cabanas dos índios se espalham no meio de laranjeiras, bananeiras e outras plantas carregadas de deliciosos frutos. Aquí um paisagista teria motivos para aperfeiçoar o seu pincel, diante da rica vegetação dos trópicos e das cenas campestres duma natureza sublime. Os habitantes estavam occupados, em suas cabanas, na fabricação de potes de argila cinzento-escura, que toma uma cõr avermelhada quando passa pelo fogo; estavam sentados no chão. Fabricam grandes vasos utilizando-se apenas das mãos, sem empregar a roda, e alisam-lhes a superficie por meio de pequenas conchas que humedecem com a boca. Os homens trabalham a serviço do rei na confecção de vasilhas. A fisionomia da maior parte desses índios trazia ainda os traços distintivos de sua raça; outros pelo contrário, pareciam apresentar uma origem já mestiça. Os caracteres distintivos da raça brasileira, que observei em São Lourenço pela primeira vez, e que depois sempre verifiquei são as seguintes: estatura média, muitas vezes medíocre; corpo bem proporcionado, reforçado e musculoso nos homens; pele avermelhada ou pardo-amarelada; cabelos duros, compridos, espessos, lisos, negro carregado; face larga bastante ossuda; olhos geralmente obliquos, e, no emtanto, o conjunto do rosto bem feito; traços fortes; lábios comumente grossos; mãos e pés pequenos e de forma delicada; barba ordinariamente pouco basta e dura.

O pequeno número de índios que moram nesse lugar é o resto da antiga e numerosa gente que povoava esta região; não era, entretanto, nesse lugar, propriamente falando, que elles viviam. Originariamente, o Rio e suas circunvizinhanças eram povoados pela belicosa tribu dos "Tamoios". Estes, expulsos em parte pelos "*Tupin-Imba*" (chamados Tupinambás pelos portugueses), uniram-se em seguida a esses índios contra os portugueses, e fizeram, juntos, aliança com os franceses; mas, expulsos esses europeus em 1567 pelos portugueses, os índios que tomaram o partido deles foram em parte exterminados e em parte repellidos para as florestas. Si se dá crédito a uma tradição pouco verossímil, esses Tupinambás foram forçados a recuar atra-

vés das matas até às margens do rio Amazonas, onde se estabeleceram. Com efeito, é certo que se encontra um resto dessa tribo numa pequena ilha situada na confluência desse grande rio com o Madeira, onde está a povoação de Tupinambara,²⁸ que, depois, deu origem à de Tapajós²⁹: por aí, pode-se avaliar a extensão imensa dessa nação indígena*. O francês Jean de Léry³⁰ e o alemão Hans Staden³¹ deram-nos, em suas interessantes relações de viagens, uma descrição fidelíssima do estado, dos usos e costumes dos Tupinambás; são tanto mais instrutivas quanto retratam ao mesmo tempo todas as tribus dos índios civilizados que vivem ao longo do litoral, e que os portugueses denominam "Índios mansos". Southey em sua "History of Brazil", livro cheio de boas informações, e Beauchamp, em sua "Histoire du Brésil", obra romanesca, aproveitaram-se dessas fontes. Vasconcellos, em suas "Notícias curiosas do Brasil"*** divide em duas classes todas as tribus indígenas do Brasil oriental, os civilizados ou domesticados, "Índios mansos", e as hordas selvagens, "Tapúias". Os primeiros, por ocasião da descoberta do país pelos europeus, só habitavam o litoral; dividiam-se em numerosas tribus, que não diferiam muito entre si pela língua, usos e costumes. Todos eles alimentavam seus prisioneiros de guerra, matavam-nos nos dias de festa, com o "tacape" ou "ivera pema"³², massa ornada de penas, para comê-los em seguida. Citam-se entre essas tribus os *Tamoios*, os *Tupinambás*, os *Tupiniquins*, os *Tabajaras*, os *Tupis*, os *Tupiguds*, os *Tumiminós*, os *Amoigpiras*, os *Araboiaras*, os *Rariguaras*, os *Potiguares*, os *Cari-*

(28) Segundo o Padre d'Acunha, citado por La Condamine, p. 137, as tribus dos Tupinambás e outros índios do litoral que têm afinidades com eles, se estendiam pelo Brasil inteiro; é o que provam os nomes tirados de sua língua, encontrados em toda a costa oriental, ao longo do rio Amazonas, e mesmo no Paraguai, onde Azara lhes dá o nome de Guaranis. ("Voyage dans l'Amérique méridionale", tomo II, p. 52).

Os vocábulos de língua guarani, citados por esse viajante, apresentam algumas diferenças com a "língua geral", mas ao mesmo tempo vários pontos de semelhança, de sorte que esses dois povos parecem ter grande afinidade entre si.

(29) "Notícias antecedentes, curiosas, e necessárias, das cousas do Brasil", em Padre Simão de Vasconcellos, "Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil, etc."

(28) Refere-se indubitavelmente Wied, embora em termos vagos e quicá impróprios, a "Tupinambarana", logarejo e larga ilha formada pela confluência de rios na margem direita do Rio Amazonas e a leste do baixo Madeira.

(29) No original "Topayos", que tudo leva a crer corresponda a Tapajós.

(30) JEAN DE LÉRY, adepto da reforma instituída por Calvino, veio para o Rio de Janeiro em fins de 1556, a convite de Villegaignon, como ministro da nova seita. Havendo privado longo tempo como os Tupinambás do Rio de Janeiro, aliados então aos franceses, à sua volta para a Europa redigiu o fruto de suas observações, na célebre *Histoire d'un voyage fait en terre du Brésil, autrement dit Amérique*, saída pela primeira vez a lume em 1578 (La Rochelle). Dentre as numerosas edições desse livro, de que foram feitas traduções para as principais línguas cultas, a publicada por Payot (Paris, 1927), é uma das mais recentes e bem cuidadas. Cf. sobre o assunto as notas de Eduardo Tavares na "Bibl. Exotico-Brasileira", vol. III, p. 195 e ss.

(31) HANS STADEN, natural de Homberg (Alemanha, Hessen), que já houvera em 1548 visitado rapidamente o nordeste do Brasil (Pernambuco e Paraíba) a serviço de Portugal, conseguira no ano seguinte enganar-se numa expedição militar mandada pela Espanha ao Rio da Prata, mas no ano seguinte naufragou, arribando em Santa-Catarina. Passando-se depois para São Vicente, em virtude de um naufrágio, arribando finalmente à Europa. O que foram as suas aventuras ao cabo dos quais conseguiu escapar, retornando finalmente à Europa. O que foram as suas aventuras durante essa longa odisséia, contou num livro curioso, *Geschichte eines Landes America genannt* (1557), de que traduções existem nos diferentes idiomas. Alberto Löfgren dde publicou em 1900 uma primeira tradução brasileira, enriquecida de notas de Th. Sampaio. Uma edição condensada foi publicada, mais tarde, por Monteiro Lobato (Cia. Edit. Nacional).

(32) Grafados "Tacapé" e "Iwera-Pemme" no original.

jós etc. Como a língua dêles era falada ao longo de todo o litoral, denominava-se "língua geral" ou "matriz". Os jesuitas, com especialidade José de Anchieta, deram-nos dela uma gramática muito completa*. Si bem que todos esses índios estejam hoje civilizados e falam portuguez, compreendem ainda algumas palavras dessa língua, e alguns velhos ainda estão de posse dela, mas dia a dia se vae perdendo.

Dela derivam todos os nomes de animais, plantas, rios, que se lêem nas relações de viagens pelo Brasil. Como era falada de São Paulo até o Pará, nela se encontram todas as denominações, principalmente de animais, empregadas pelos autores, sobretudo Marcgrave em sua "Historia natural". Todavia, a adoção dessas denominações locais nas obras sistemáticas causaram lamentáveis erros, pois, embora sejam entendidas em vasta extensão da costa, sofrem grandes modificações, conforme se verá no decorrer desta narrativa. Eis alguns exemplos de palavras e nomes dessa língua: "jauarété" (*Felis Onca*, Linn.); "tamanduá" (*Myrmecophaga*); "pecari" (porco); "tapiirété" (*Tapirus americanus*, Linn.); "cuia" (cabaça)**; "tapuia"³³ (povo bárbaro ou inimigo), de que depois proveio "tapúia"; "pau-nacum" (cesto alongado); "tinga" (branco); "uassú" ou "assú" (grande); "miri" (pequeno). Os portuguezes adotaram e conservaram os nomes indígenas dos vegetais comestíveis do país e dos alimentos que com êles se preparam. Comem por exemplo o "mingau" das antigas tribus do litoral.

Os nomes de animais citados por Azara^{33 bis} em sua História natural do Paraguai, provam que essa língua era muito espalhada no Brasil e nos países vizinhos; são tirados do dialeto dos guaranis, mas em parte coincidem exatadamente com os da língua geral.

A primeira das divisões dos índios, segundo Vasconcellos, tendo mudado completamente o seu modo de viver, perdeu necessariamente o seu caráter original. O mesmo não se deu com os tapúias: estes ainda se conservam no seu primitivo estado. Habitando o interior das grandes florestas que orlam o litoral, e assim furtando-se aos olhares e à influência dos europeus que chegaram à terra dêles, viveram em mais segurança e tranquillidade que os seus irmãos que habitavam à beira mar, com os quais, como com os europeus, estavam sempre em guerra. Dividem-se os tapúias em varias tribus e, o que é notavel, todas elas falam línguas diferentes. Uma única, excessivamente es-

(*) Pater JOSEPH DE ANCHIETA, *Arte da Língua brasileira*. Lisboa etc.

(**) As cuias são porções da casca de uma dada espécie de "cabaça" que, quando vazia e limpa, fornece pratos e tigelas muito leves para com elas se comer e beber. Si fica inteira e ôca e tem a forma duma garrafa, chamam-na de "cabaça". Esse uso e a palavra "cuia" derivam, como ficou acima dito, da língua geral; um e outra foram adotados no Brasil.

(33) No original "Tapyyia".

(33 bis) Don FELIX DE AZARA, *Voyages dans l'Amérique Méridionale*, publicados pelos manuscritos do autor por C. A. WALCKENAER e seguidas da *Histoire Naturelle des oiseaux du Paraguay*, tradução do hespanhol por Sonnini, Paris, 1809, 4 vols. e 1 atlas.

quiva, a dos "Uetacas"³⁴ ou "Goitacazes", como a chamavam os portugueses, habitava a costa oriental entre as tribus da língua geral, mas falava um idioma absolutamente diferente, vivendo em estado de constante hostilidade para com essas, e deles temidas tanto quanto dos europeus. Finalmente, porém, os jesuitas, que de tal modo se tornaram capazes de civilizar essas tribus selvagens, conseguiram, pela paciência, doçura e perseverança, dominar também o caráter intratável dessa tribu.

Quando Mem de Sá³⁵ fundou São Sebastião (Rio de Janeiro), em 1567, mandou construir a aldeia de São Lourenço para os índios que se haviam distinguido nas lutas contra os franceses e seus aliados os Tupinambás, contribuindo para a expulsão dos mesmos; colocou-os sob a direção de Martim Afonso. Os jesuitas introduziram aí os "Goitacazes" recém-convertidos, para de novo povoar esses lugares. Assim, os índios que atualmente habitam São Lourenço são descendentes dessa tribu.

Voltemos às pacíficas habitações de São Lourenço. Um engradado de paus, cujos intervalos são cheios de barro, forma as paredes das cabanas, sendo que o teto é coberto de folhas de coqueiro. O mobiliário é dos mais simples. "Esteiras," de caniço colocadas sobre um estrado de varas fazem as vezes de cama; vêem-se algumas vezes redes feitas de cordas de algodão entrelaçadas, outrora usadas pela tribu. Esses dois modos de dormir são também adotados pelos portugueses de classe inferior em todo o Brasil. Grandes vasos de barro, chamados "talhas", onde se conserva a água fresca, se encontram também aqui, como aliás, em todo o país; são feitas duma argila porosa através da qual a água filtra lentamente, de sorte que evaporando-se na superfície externa do vaso, refresca o interior. Uma casca de côco, provida dum cabo de madeira, serve para tirar água da talha. Alguns potes de barro para a cozinha ("panelas"), cujas ou cabaças, que fazem as vezes de pratos, diversas bagatelas para vestimenta e ornamentação, algumas vezes o fusil ou o arco e as flechas para a caça, compõem o resto dos pertences.

Todo esse povo vive em parte da mandioca (*Jatropha Manihot*, Linn.) e do "milho" que plantam. Não descreverei a preparação dessas duas substâncias alimentícias, porque Koster³⁶ e Mawe³⁷ já de-

(*) Lifav, pág. 15.

(34) Na edição de Payot (Paris, 1927), corresponde à página 94.

(35) No original lê-se "Mendo de Sá".

(36) HENRY KOSTER, *Travels in Brazil*, London, 1816, pp. I-IX, 1-501, com 8 pl. coloridas, 1 planta e 1 mapa. O autor veio ao Brasil em busca de melhoras para a saúde e resíduo longos anos em Pernambuco, onde se ocupou de trabalhos agrícolas. Aportou entre nós nos fins de 1809, e em nosso país faleceu em começos de 1820, depois de haver voltado por duas vezes à Inglaterra. Observador consciencioso e benévolo de nossa gente e de nossas cousas, seu livro é um dos mais preciosos com que conta a bibliografia xeno-brasileira. Teve novas edições em idioma inglês e traduções em francês e alemão foi dela publicada também uma versão portuguesa, na *Rev. do Inst. Archeol. e Geogr. Pernambuco* (entre os nos. 51 e 90, saltadamente), por A. C. de A. Pimentel.

(37) Veja-se a nota 2 d'este comentário.

ram os informes suficientes sobre o assunto. Além dessas duas plantas, que constituem a base da alimentação de todas as populações do Brasil, cultivam-se, em volta das casas, "pimenteiras". Varias espécies de *Capsicum*, das quais uma, a "malagueta", tem frutos alongados e vermelhos, enquanto que a outra, chamada "pimenta de cheiro," os tem redondos vermelhos ou amarelos. Vêm-se também moitas de mamoneira ("baga")*, de folhas angulosas e com sementes de onde se extrai um óleo para as necessidades caseiras. O Sr. Sellow, nosso botânico, achou junto às cabanas dos índios, uma espécie de agrião (*Lepidium*) selvagem, cujo gosto faz lembrar o do mastruço da Europa; contam os índios que é um remédio garantido contra as doenças do peito. Enquanto o Sr. Sellow colecionava nos campos, eu comprei aos índios, que os tinham presos em gaiolas de madeira, uns lindos passarinhos, entre outros o tangará violeta e alaranjado (*Tanagra violacea*), conhecido por "gaturama"³⁸ nessa zona.

Após essa curta, mas interessante, estadia em São Lourenço, desembarcámos próximo da casa de campo do Sr. Chamberlain, situada numa pequena enseada cercada de rochedos. Está construída no meio de encantadoras laranjeiras e cacaueiros (*Theobroma*), cujos frutos crescem unidos ao caule; mangueiras (*Mangifera indica*, Linn.), que ultrapassam em altura os nossos maiores carvalhos, sombreiam uma fresca fonte que brota duma estreita garganta, formando aí um retiro delicioso e ameno. Às margens desse riacho, admirámos a diversidade de formas dos frutos selvagens; siliquis, vagens, cápsulas e nozes, e entre os quais é particularmente abundante o da paineira, que tem o tamanho e o aspecto de um pepino. E' nessa arvore frondosa, cujo caule é todo coberto de espinhos, que vive, conforme observou o Sr. Sellow, o soberbo e brilhante *Curculio imperialis*, um dos mais belos insetos do Brasil, e cujas notáveis metamorfoses serão fielmente descritas por esse culto viajante. Nas montanhas vizinhas, erguem-se, próximas à costa, muralhas de penedos extremamente altas, onde crescem imensos cactos e a *Agave foetida*³⁹; aos seus pés crescem bosques cerrados, cuja coloração escura oferece os mais pitorescos efeitos.

Regressando ao Rio, visitámos também a "armação das baleias", ou o estabelecimento de pesca da baleia. Esses cetáceos são muito numerosos ao longo da costa do Brasil; atualmente, porém, perse-

(*) Denominada "carrapato" em Pernambuco, segundo KOSTER, pág. 376 (tomo II, pág. 287).

(38) *Tanagra* (*Euphonia*) *violacea* (Linn.). O passarinho, que o autor voltará muitas vezes a referir, é ainda conhecido vulgarmente por gurinhata (do tupi guira-enguetá), vêm-vém (Ceará), povi (Goiaz), tietê, bonito, etc. A espécie, representada por duas variedades geograficas ocorre em todos os estados do Brasil, á exceção talvez de Mato-Grosso; outras ha, a ella muito affins, e por isso eventualmente conhecidos pelos nomes vulgares.

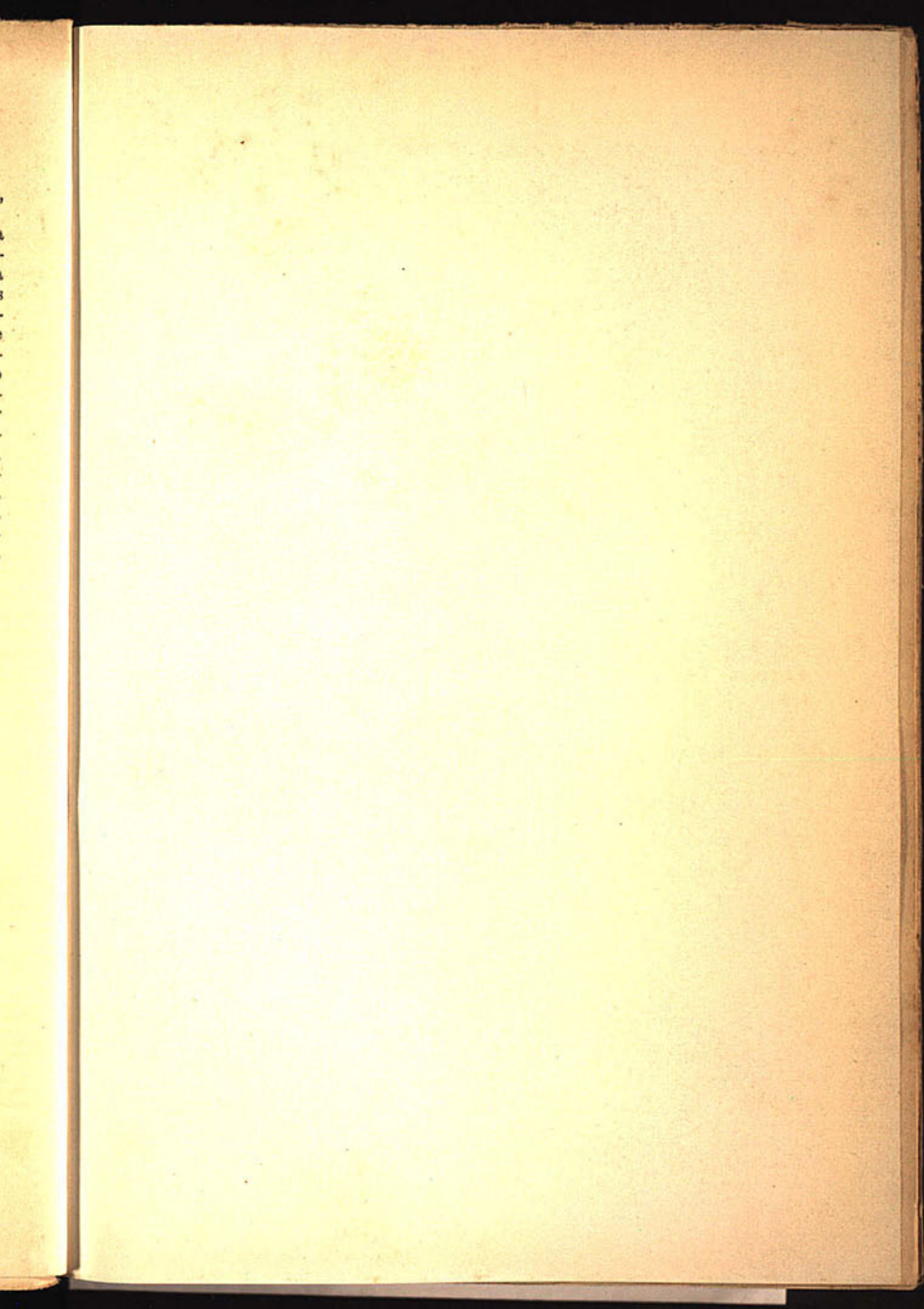
(39) Refere-se o autor á piteira (*Fourcroya gigantea* Vent.), da familia das Amarillidaceas.

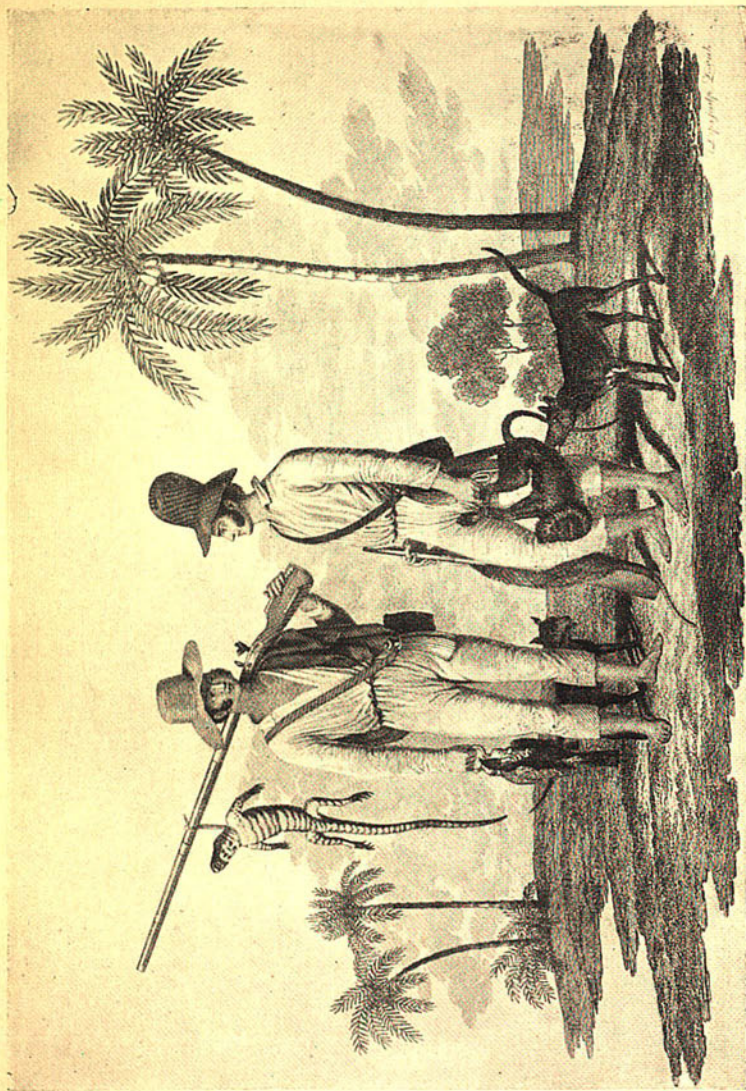
guem-nos sem tréguas. Outrora, como se vê da descrição de Léry, eles vinham até o interior da baía do Rio de Janeiro⁴⁰.

Por mais agradável que fosse para mim uma longa permanência na capital, não entrava porém nos meus planos estacionar af por muito tempo, pois nos campos e nas florestas, e não nas cidades, é que a natureza exhibe as suas riquezas. Graças ao apoio do governo, cujas disposições liberais se manifestaram na benévola atitude para conosco do ministro Conde da Barca, pude ativar os preparativos de minha viagem. Obtive um passaporte e cartas de recomendação dirigidas aos capitães-gerais das províncias, concebidas em termos tão lisonjeiros para mim, que duvido se tenham dado iguais aos viajantes que me precederam. As autoridades eram solicitadas a nos prestar auxílio e proteção toda vez que o necessitassemos e a fazer chegar nossas coleções ao Rio, fornecendo-nos, quando pedissemos, soldados, guias, carregadores e animais de carga. Dois jovens alemães, Srs. Sellow e Freyreiss, que conheciam muito bem os costumes e a língua da região, prometeram acompanhar-me na minha viagem ao longo da costa oriental, até Caravelas, auxiliando-me nas pesquisas. Levávamos dezesseis muare, carregando cada um duas caixas de madeira cobertas de couro crú, que as abrigava da chuva e da umidade. Tomámos a nosso serviço dez homens, uns para tratar dos animais de carga, outros como caçadores. Todos bem armados, seguimos viagem, providos das necessárias munições e todos os requisitos para colecionar exemplares de história natural, parte dos quais eu trouxera desnecessariamente da Europa.

(40) A pesca das baleias, de que uma meia dúzia de espécies frequenta os nossos mares, foi nos primeiros tempos uma indústria extremamente rendosa em numerosos pontos da costa brasileira. Mas, al ao tempo de Wied era lícito exprimir-se como ele o fez a respeito da progressiva escassez daqueles cetáceos, pode dizer-se que hoje entre nós está completamente extinta a sua pesca regular. Não obstante, de tempos a tempos encaimam às nossas costas alguns espécimens do gigantesco mamífero. Tive não ha muito tempo, ocasião de presenciar um fato destes na baía de Todos os Santos, próximo à ilha de Madre-de-Deus, região onde é sabido haverem funcionado outrora numerosas armações. (Cf. FERNÃO CARDIM, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, Rio, 1925, J. Leite, p. 288; J. DE LÉRY, *Voy. au Brésil*, Paris, 1927, J. Payot, p. 137).

Atualmente a pesca da baleia é praticada quasi que exclusivamente nos mares árticos e antárticos, principalmente pelos portugueses, a quem se deve o destruidor invento do arpão-granada (Svend Foyn, 1868). Nos mares do norte ela culminou em 1905, quando 24 companhias, aparelhadas de 63 navios, capturaram nada menos de 2671 espécimens, que produziram 83.000 barris de óleo. Atualmente a industria desenvolve-se especialmente nos mares antárticos, onde a produção de 1928-1929 orçou pela apavorante cifra de 1.600.000 barris. (Cf. GUNNAR ISACHSEN, em *Geographical Review*, XIX, pp. 387-403). Sobre o histórico da pesca da baleia no Brasil, além da *História do Brasil* de Frei VICENTE DO SALVADOR (ed. de 1938, p. 397) e do extenso trabalho do Almirante Alves Câmara na *Rev. Soc. Geogr. do Rio de Janeiro* (1889, V, ps. 17-43), veja-se o minucioso estudo de WALTER ALVARES no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro (n.º de 21 de Ag. de 1938) e o pequeno artigo da D.A.C. no *Estado de São Paulo* (1939, 27 Jan).





Caçadores brasileiros.

VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A CABO FRIO

Praia Grande. — S. Gonçalves. — Rio Guajintibo. — Serra de Inod. — Lago e Freguesia. de Maricá. — Gurapina. — Ponta Negra. — Saquarema. — Lago Araruama. — S. Pedro dos Índios. — Cabo Frio.

Após terminados os últimos preparativos em S. Cristovão, vilarejo nos arredores do Rio, acomodámos os burros num grande barco. Deu-nos um trabalho insano convencer esses animais, proverbialmente obstinados, a saltar para a embarcação, o que em parte se explica pela falta, no país, de instalações apropriadas ao embarque dos animais de carga.

Partimos de São Cristovão a 4 de Agosto e atravessámos a grande baía do Rio a caminho da povoação de Praia Grande⁴¹, onde chegámos à meia-noite. Todos os habitantes estavam recolhidos : encontramos, porém alguns negros, que tinham acampado em plena areia, ao ar livre : uma pequena fogueira espalhava débil calor, e apenas leve roupa de algodão cobria-lhes os corpos nus, protegendo-os muito mal contra o abundante sereno que então caía. Dirigimo-nos imediatamente a uma espécie de hospedaria, cujo dono, embrulhado em uma capa, e ainda estremunhado, nos veio abrir a porta. Foi preciso permanecer aí todo o dia seguinte, porque a nossa "tropa" (nome dado a um certo número de animais de carga que viajam em conjunto) só conseguiu desembarcar tarde do dia, devido à pouca profundidade da água. Só novamente à força de pancada foi possível obrigar os animais a saltarem do interior do barco, serviço que entretanto souberam bem conduzir os nossos dois "tropeiros", Mariano e Felipe, ambos moradores de São Paulo, capitania situada mais ao sul, onde ha muito capricho na criação de muareis. Acompanhados por alguns amigos, que amavelmente quizeram assistir à nossa partida, deixámos Praia Grande a 6, na esperança de fazer uma boa jornada ; cêdo, entretanto, verificámos ser muito mais tedioso e incômodo viajar com animais carregados, do que conduzir bagagens em carros. Os contratemplos aumentaram pela dificuldade de conseguir que muitos dêles desacostumados à sela e aos fardos, transportassem uma carga penosa. Por isso, mal iniciáramos a marcha, quando, para

(41) Hoje absorvida pela cidade de Niterói.

nosso sério aborrecimento e não pequena diversão dos espectadores, quasi todos os burros, no mais ridículo dos espetáculos, começaram a sacudir fora as bagagens. Vários o conseguiram, enquanto outros escaparam por entre as macegas, de modo que levámos algumas horas antes que os nossos "tropeiros" pudessem restabelecer a ordem e continuar o caminho. Isso impediu que fizéssemos grande avanço nesse dia⁴².

Cerca de duas horas depois, chegámos a um lindo campo emoldurado por frágeis mimosas, de folhas penadas, onde parámos afim de nos habituarmos a acampar ao ar livre, si bem que houvesse habitações nas vizinhanças. Protegendo a bagagem da umidade da noite, colocámo-la em semi-círculo e adiante estendemos as peles para dormir; acendemos um bom fogo no centro. Cobrimo-nos com grossos cobertores, fugindo ao forte sereno desse clima; os sacos de viagem serviram de traveseiros. Nossa frugal refeição de arroz e carne dentro em pouco estava pronta. Ceámos sob a constelada abobada dos trópicos; a alegria sazou a comida, e os lavradores das cercanias que voltavam à casa, observaram atentamente aquele estranho bando de ciganos⁴³. Afim de nos acautelarmos contra ladrões, si é que algum poderia aparecer, estabelecemos uma sentinela regular. Meus cães de raça alemã prestaram grande serviço, porque, ao menor ruído, corriam, latindo corajosamente, na direção do mesmo. Estava bonita a noite, e contemplámos muitas vezes o esplêndido firmamento: o "caburé"⁴⁴, pequena coruja bruno-avermelhada, piou entre as moitas; insetos luminosos cintilavam nos charcos; e as rãs coaxavam melancolicamente em derredor. A manhã seguinte ofereceu-me, pela primeira vez na vida, o prazer de uma dessas excursões que eu até então só conhecera pelas interessantes descrições de Le Vaillant⁴⁵. Nossos cobertores e a bagagem estavam todos molhados pelo orvalho; mas os primeiros raios de sol logo os secaram. Após o almoço, cada qual tomou da espingarda e, bem provido de munição,

(*) Deve haver ciganos no Brasil, visto como Koster a eles faz referências (pag. 399); eu contudo, nunca vi nenhum

(42) Com estes contratempos devem estar bem familiarizados os que ainda hoje viajam em certas zonas de nossos sertões. SPIX e MARTINS tiveram também que experimentá-los (cf. *Viagem pelo Brasil*, ed. do Inst. Hist. e Geogr. Bras., 1938, p. 169) e d'elles me ficou inapagável lembrança, da vez em que excursionel em Goiás, (cf. *Rev. do Museu Paulista*, tomo XX, p. 15).

(43) Aos a quem a nota de Wied venha a despertar interesse pela matéria, recomendo o recente e exaustivo estudo do Sr. José B. d'Oliveira China (em *Rev. do Mus. Paulista* XXI, p. 323-669 — 1937).

(44) "Caburé" ou "Caboré". *Glaucidium brasilianum* (Gmelin) é a espécie referida; apresenta-se com plumagem ora cor de ferrugem, ora parda; será referida várias vezes pelo autor, que, por esse fato a descreveu com os nomes de *Strix ferruginea* e *S. passerinoides*. Tem hábitos semi-diurnos, ouvindo-se, às vezes, mesmo durante o dia, o seu canto, que lembra muito de perto o do surucuí. Na Bala viria a descobrir Wied uma espécie ainda menor, a que chamou *Strix minutissima*.

(45) FRANÇOIS LEVAILLANT (1753-1824). Célebre ornitólogo francês, nascido em Paramaribo (hoje capital da Guiana Holandesa), a quem se devem importantes publicações, na sua maioria ilustradas magnificamente, com estampas coloridas. A interesse de seus estudos prediletos viajou através da África meridional (1781-1785), deixando dela a descrição de que nos fala Wied e mais uma grande monografia das aves da região. Não obstante o valor de sua contribuição, apontam os críticos muitas falhas e defeitos nestas e nas outras de suas obras.

foi explorar a bela região vizinha. Anima os bosques uma multidão de pássaros que iniciavam os cantos matinais. Si, de um lado, nos deliciávamos com as notas melodiosas de uns, tínhamos a atenção chamada em direção oposta pela vistosa e brilhante plumagem de outros. Num brejo próximo logo consegui uma franga d'água (*Gallinula*), diversas espécies de tangarás (*Tanagra*)⁴⁶ de lindíssima plumagem, e um bellissimo beija-flor. O sol se fez mais opressivo e eu voltei para o nosso pouso. Cada caçador então mostrou o que caçara. O sr. Freyreiss, entre outros pássaros, trouxe a soberba *Nectarinia* azul (*Certhia cyanea*, Linn.)⁴⁷.

Carregámos então a nossa "tropa". Embora os animais não se tivessem ainda aquietado e algumas vezes alijassem as cargas, melhoravam, contudo, gradualmente. A estrada seguia entre montanhas, cuja magnífica vegetação despertava grande admiração; plantações de mandioca, canas de açúcar, laranjeiras, cercando as casas de arvoredos, alternavam com pequenos brejos. Espessas touças de bananeiras, mamoeiros, altos e esbeltos coqueiros adornavam as habitações esparsas, enquanto várias e polícromicas flores desabrochavam sob as moitas baixas; entre outras a *Erythrina* vermelho-escarlate, com suas longas e tubulosas flores, e uma *Bignonia* de flores infundibuliformes, a que o Sr. Sellow deu o nome de *coriacea*. Acima desses arbustos se erguia o *Cactus*, a *Agave foetida*, e soberbas touceiras de um caníco de folhas em leque. A *Canna indica* Linn⁴⁸, de lindas flores vermelhas, cresce à margem da estrada, às vezes até dez ou doze pés de altura; mas o forasteiro ainda mais se surpreende com o *Bougainvillea brasiliensis*⁴⁹, arbusto de um admirável colorido vermelho suave. Não são, porém, as flores e, sim, as grandes brácteas que as revestem, que produzem esse magnífico efeito.

Os habitantes da região, vestidos de jaquetas claras de um leve tecido de verão, e amplos chapéus redondos de copa baixa, olhavam-nos com visível espanto, quando passavam a cavalo pela nossa caravana. Os cavalos do Brasil são bons e ligeiros, si bem que pequenos; são originários da Espanha, e têm geralmente o corpo bem feito e pernas elegantes. As selas são ainda, como antigamente, pequenas e pe-

(46) Os tangarás a que nesse momento se refere Wied não são os mesmos pássaros que o nosso povo a exemplo do índio e dos primeiros cronistas (v. gr. CARDIM, *Tratado*, ed. J. Leite, 1925 p. 53), conhece por este nome. Estes últimos se incluem na família dos Pipridas e não devem ser confundidos com os que, sob aquela mesma appelação aparecem na generalidade dos livros de escritores europeus, perpetuando velho erro, que data dos tempos de Brisson (que modificara arbitrariamente o nome em *Tangara*) e de Linneu. Com efeito, este último, adotando o nome indígena, tomado a Margrave, applicou-o indevidamente a uma multidão de aves incongêneres, de que faziam parte os sanhaços, os gaturamos, os saís, etc., sendo no entanto excluídos os verdadeiros tangarás. Não obstante Wied, em outras partes de sua obra, referir-se-á ao termo "tangará" em sua verdadeira aceção vulgar (cf. *Beitr. Naturg. Bras.*, III, p. 413).

(47) *Cyanerpes cyaneus cyaneus* (Linn.), da atual nomenclatura. Cf. O. PINTO, *Rev. Mus. Paul.*, XIX, p. 251 (1935).

(48) E' planta ornamental ainda hoje largamente cultivada nos jardins. Cresce também espontaneamente e é em alguns estados conhecida por "bananeira do mato", nome aliás comum a outras plantas de semelhante aspecto.

(49) Numerosas são entre nós as espécies do gênero *Bougainvillea*, umas trepadeiras outras arborecentes e, todas ornamentais e conhecidas pelos nomes de "primavera", "três-marias", "ceboleiro", etc., variáveis conforme a espécie ou a localidade.

sadas, revestidas de veludo, e muitas vezes curiosamente trabalhadas : têm um par de velhos estribos franceses de cobre ou ferro, trabalhados em filigrana : muitos trazem mesmo um completo sapato de madeira para receber o pé. Os portugueses, em geral, cavalgam bastante, e muitos são excelentes cavaleiros. A andadura favorita é o "trote" e costumam prender pedaços de madeira nas patas dos animais para habituá-los a esse passo. Passando pela aldeia de S. Gonçalves⁵⁰, que possui uma igreja, chegámos ao entardecer ao rio Guajintibo, onde parámos perto de uma estalagem solitária, ou "venda", como é chamada no Brasil.

O Guajintibo é um riacho que serpeia, num gracioso leito de areia, entre densas matarias. Os campos prometiam bom pasto aos nossos animais, e os bosques estavam cheios de pássaros, o que nos levou a escolher esse ponto.

Pelo amanhecer, quando nos dispersámos para caçar, corri à margem do rio, bordada por vicejantes e admiráveis mimosas. Esta planta é muito comum nas matas do Brasil, como em quasi todas as regiões tropicais. Dentro em breve descobri pássaros dos mais lindos : entre eles o tié, (*Tanagra brasilia*, Linn.)⁵¹, de côr vermelha brilhante ; o cuco bruno-avermelhado, de longa cauda (*Cuculus cayanus*, Linn.)⁵² e outras formosas espécies. Matei em pouco tempo grande número ; mas começava a experimentar as dificuldades com que topam os excursionistas nessa região : em que todos os arbustos, especialmente as mimosas, são cheias de espinhos, e as muitas espécies de trepadeiras ("cipós") se entrelaçam tão estreitamente em volta dos troncos das árvores, que se não consegue varar tais brenhas sem uma grande faca de mato "facão". E' também necessário usar fortes calçados de sola grossa ou botas de caça.

Os mosquitos atormentam extremamente o caçador, tanto no interior da mata como próximo da água. Conhecem-se esses minúsculos animais pelo nome de "maruim"⁵³ ; são muito pequenos, mas a sua picada causa violenta comichão. Alguns viajantes ingleses me asseguraram que eles não diferem em nenhum ponto das "sand-fly"⁵⁴

(50) "S. Gonzalves" no original. E' hoje a cidade de São Gonçalo, dita de Niteroi, sita na E. F. Leopoldina e distante 9 quilômetro desta cidade.

(51) *Rhamphocelus bresilius* (Linn.), mais conhecido por "tié-sangue" e "sangue de boi" (Bala). Da espécie ha no este brasileiro duas raças distintas. Cf. O. PIETRO, *Rev. Mus. Paul.*, XIX, p. 264.

(52) *Piaya cayana macroura* Gambel é precisamente a "alma de gato", de que fala e voltará a falar o viajante no curso de sua narração. Ave comum em todas as matas do Brasil meridional, e representada noutras regiões por formas mais ou menos afiis.

(53) Os "maruims" ou "mosquitos polvoras" são minúsculos mosquitos hematófagos, pertencentes principalmente ao genero *Culicoides*, da familia dos *Chironomidae* e subfamilia dos *Ceratopogonidae*. As larvas desenvolvem-se na água estagnada ou em meios úmidos, como as matérias vegetais em putrefação. Todos são extremamente molestos pelas suas picadas e alguns têm sido crimiados como vectores possíveis de certas moléstias infecciosas. Cf. A. LUTZ, *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, 1912, p. 1 e ss.; 1913, p. 45 e ss.; 1914, p. 81 e ss.

(54) Pertencem estes a uma outra familia, a dos *Simuliidae* e, no Brasil, são conhecidos por "borrachudos" (Brasil central e meridional) ou "piúns". Suas picadas costumam ser ainda mais dolorosas do que a dos maruims, constituindo, durante o dia, o maior flagelo a perseguir os viajantes, nas margens dos rios do interior. Cf. A. LUTZ, *Mem. Inst. Osw. Cruz*, 1909, p. 124 e ss.: 1909 p. 213 e ss.

das Indias Ocidentais*. Eramos, no entanto, largamente recompensados dos aborrecimentos pela novidade das coisas ambientes e, sobretudo pela beleza dos pássaros. Encontrámos, nesse lugar muitas plantas formosas; entre outras, na sombra, uma *Salvia* de flor vermelho-escuro, que o Snr. Sellow chamou *splendens*** e também uma *Justicia* de flores róseas⁵⁵.

Como, apesar do calor excessivo, a terra estivesse ainda muito úmida, dentro dos balseados devido ao orvalho da noite dirigi-me a um campo aberto e enxuto, vestido de arbustos baixos, particularmente a *Lantana* e a *Asclepias curassavica*⁵⁶ de flores alaranjadas. Aí, inúmeros colibris esvoaçavam e zumbiam em redor das flores, como abelhas. Na minha volta, caeei alguns, entre os quais o de bico vermelho (*Trochilus sapphirinus*, Linn.), muito comum; observei também o beija-flor de topete vermelho (*Trochilus ornatus*)***⁵⁷.

Poucos quadrúpedes vimos nessa primeira excursão, exceto um pequeno "tapiti" (*Lepus brasiliensis*, Linn.), que foi atraído pelo Francisco, rapagote caiapó pertencente ao snr. Freyreiss. Este animal é encontrado em toda a América do Sul; assemelha-se ao nosso coelho selvagem, e a carne é um bom petisco. Francisco era o nosso hábil caçador, pois sabia manejar a espingarda tão bem quanto o arco, e a sua dextresa, ao se esgueirar por entre os mais espinhentos e intricados labirintos, era espantosa. Como recompensa sempre lhe davamos os pássaros, depois de esfolados; ele os espetava num pequeno espêto de páu, para assar, e comia-os com grande apetite.

(*) V. OLDENDORF, *Carab.*, I. p. 123.

(**) (Suplem.) O Professor Nees d'Esenbeck dá para esta bela planta os seguintes caracteres: *S. calycibus campanulatis trilobis coloratis, verticillis trifloris subnudis, foliis deltridibus acuminatis serratis.*

(***) (Suplem.) O "beija-flor de coleira" (*Trochilus ornatus*) das zonas de leste do Brasil que percorri, parece um tanto diferente do figurado por Audubert e Vieillot; porém duvida sobre si será uma espécie diversa, tratando-se talvez de uma variação ligada à idade, muito embora eu sempre tenha observado os mesmos caracteres, até nos machos mais velhos. A coleira não é vermelho-bruna, as penas são porém brancas, com as pontas de um belo verde, de modo a formar nos bordos daquela uma orelha desta cor.

(55) O género *Salvia*, da família das Labiadas, conta no Brasil grande número de espécies silvestres e ornitofílas (a fecundação é promovida pelos beija-flores), algumas cultivadas; a descrita por Sellow ocorre do Rio ao Paraná e é vulgarmente conhecida por diversos nomes como "sangue de Adão" e "Cardal do México"; é ela representada em bela estampa colorida no livro de J. DECKER, *Asp. Biol. Fl. Brasil*, 1936, p. 288. *Justicia*, da família das Acanthaceas, apresenta flores bilabiadas, agrupadas em cacho e incluído no Brasil numerosos vegetes herbáceas ou arbustivas, de grande efeito ornamental.

(56) As espécies de *Lantana* (fam. Verbenaceas), das quais os "cambarás" ou "cambarás" contam-se entre as mais conhecidas do povo, são dos vegetais mais comuns nos nossos campos e cerrados. *Lantana camara* Lin. é representada em bellissima estampa na pl. 40 do III vol. do atlas do Dict. d'Hist. Nat. D'Orbigny, 2.ª ed. No mesmo caso está *Asclepias curassavica* Lin., vulgarmente "paina de seda", "cega-olho", oficial da sala, que aparece de igual forma em J. DECKER, op. cit., p. 256.

(57) A forma típica de *Hylocharis sapphirina* (Lin.) pertence à Amazônia, devendo o exemplar aqui citado por Wied ser referido à raça meridional da espécie, por ele mesmo descrita, com exemplares de Belmonte, sob o nome de *Trochilus latirostris*, vol. IV, pág. 64 das suas *Beitr. Naturges. Brasilien*.

Trochilus (hoje *Lophornis*) *ornatus* Bodd. é também do extremo norte do Brasil e repúblicas vizinhas; a de que trata Wied é espécie congênera, *Lophornis magnificus* (Vieillot), bastante comum em todo Brasil central e meridional.

Deixámos, depois, o Guajintibo e atingimos um denso bosque de *Rhexia*⁵⁸, de dez a doze pés de altura, entremeado de árvores altas e intercalado de clareiras. As baixadas eram envolvidas de todos os lados por altas montanhas azuis, forradas de vastas florestas e coqueiros. Entre as manadas de gado que pastavam nos campos, voava e saltitava em abundância o "papa-lagartas"⁵⁹ preto (*Crotophaga Ani*, Linn.), como também o "bemtevi" (*Lanius Pitangua*, Linn.)⁶⁰ a repetir incessantemente o próprio nome, *bemtevi!* ou *tictivi!* Perto de uma "fazenda" o sr. Sellow também achou uma bela e nova espécie de *Canna* de flores amarelas. Um pouco além, chegámos a um trecho coberto de mato rasteiro e rodeado de morros vestidos de mata, onde topámos, sobre a frescura da sombra, várias póças de água clara. Inúmeros pássaros alegravam esse lugar. O *Inondé* de AZARA (T. III, p. 461)⁶¹, côr de ferrugem e de penas caudais ponteadas, trazia materiais para o seu ninho, entre os caniços. Não longe daí alcançámos uma grande floresta: altas e esguias mimosas de casca branca, cecropias, cacaueiros e outras árvores se enlaçavam tão intimamente com inumeráveis trepadeiras, ("cipós" dos portugueses, "lianas" dos espanhóis), que o conjunto parecia formar uma só e impenetrável massa. Nos escuros cimos das árvores, as flores da *Bignonia Bellas* (assim chamada por Sellow, em virtude da marquesa de Bellas, que descobriu essa linda planta) esplendiam como fogo, além de muitas outras mais, não menos magníficas como ela: em baixo voejava grande variedade de beija-flores e de borboletas. Essa mata, entretanto, era apenas uma pálida imagem da selva primitiva que em breve conhecemos na "Serra de Inoa"⁶².

Passámos, depois, por trechos em que a floresta fôra queimada em alguns lugares para fins de cultivo, ou, como se diz aí, para fazer um "roçado" ou uma "roça". Os imensos troncos queimados pareciam ruínas de colunatas, ainda parcialmente ligadas pelo cordame dos cipós resequecidos. Enquanto aí nos detivemos incomodou-nos muito o rangido forte e desagradável dos carros que usam nas "fazendas". Estes são ainda construídos do modo mais grosseiro e elementar: pesadas e massiças rodas de madeira, com duas pequenas aberturas re-

(58) O género lineano *Rhexia*, da família das Melastomaceas, ulteriormente muito restringido pelos botânicos, não contém hoje nenhuma representante no Brasil meridional. Em virtude da grande variedade de formas pertinentes ao grupo, só conjecturar é possível sobre as espécies observadas por Wied, as quais devem, contudo corresponder às que, no grande género *Tibouchina*, são vulgarmente conhecidas por "flor de Quaresma".

(59) E' o nosso "anum" vulgar; *Madenfresser*, escreveu Wied, na ignorância ainda, talvez do nome popular, da comuníssima ave.

(60) Enganara-se aqui o autor vendo no "bem-te-vi" o passáro que Lineu descrevera, bascando-se em Maregrave (através de Brisson), com o nome de *Lanius pitangua*; este, pelo contrário, se applica a outra ave, com aquella muito parecida à primeira vista, e vulgarmente conhecida por "bem-te-vi de bico-chato" ou "net-net". Trocando-lhes os nomes, ao net-net foi alhures attribuido por Wied o nome de *Lanius sulphuratus* Linn., que, ao contrário, se applica ao verdadeiro "bem-te-vi", bem caracterizado pelo canto que lhe valeu o nome e é seu exclusivo privilégio.

(61) "L'Inondé" de AZARA (edição francesa de Sonnini) corresponde ao pequeno pássaro *Certhia cinnamomea russella* (Vieillot), frequente nas baixadas, onde, sobre arbustos, constrôe o seu volumoso ninho de gravetos. E' comumente conhecido por "corruia do brejo", "corutê", etc.

(62) Inoa (Wied escreve "Inuá"), fazenda e estação ferroviária, a 8 quilos, de Paciência e a 12 de Maricá.

dondas, giram com forte atrito em torno de um eixo⁶³ produzindo agudo e áspero ruído, que se ouve a grande distância. Não obstante parece se ter tornado para os lavradores uma necessidade o ouvir esta maviosa música; tão poderosa é a força do hábito! Mesmo em Portugal se utilizam ainda esses rudes veículos. Os bois que puxam são de tamanho colossal e da melhor raça; notei que os chifres eram muito compridos e grossos; são geralmente guiados por um escravo negro, que leva uma longa vara, em vez de chicote.

Aproximámo-nos agora de uma cadeia de montanhas, conhecida por Serra de Inoã. O selvático espetáculo excedeu de muito tudo quanto a minha fantasia concebera até então sobre as grandes cenas da natureza. Entrámos num profundo vale, em que a água muito límpida ora corre sobre um leito de pedra, ora descansa em lagoa tranquila. Pouco além uma floresta imensa, da qual nenhuma imagem pode dar uma idéia adequada. Por toda a parte, as palmeiras e as magníficas árvores da região se entrelaçavam tanto com as trepadeiras, que era impossível à vista penetrar aquela espécie de muralha verdejante. Todas elas, mesmo nos raminhos mais tenues, estavam cobertas de plantas carnosas, *Epidendrum*, *Cactus*, *Bromelia*, etc., muitas das quais com flôres de tal beleza, que quem quer que as contemplasse pela primeira vez não poderia esconder a admiração. Apenas menciono uma espécie de *Bromelia*, de flores de um vermelho-coral carregado, e cujas folhas eram matizadas de violeta; e a *Heliconia*⁶⁴ espécie de bananeira semelhante à *Strelitzia*, de invólucros cor de sangue e flores brancas. Naquelas sombras espessas, próximo às frias correntes da montanha, o viajante, afoqueado especialmente o nascido nos países do norte, gosa de uma temperatura absolutamente refrescante, aumentando o encanto que essas cenas sublimes trazem ao espírito, incessantemente arrebatado pelo selvagem panorama. A cada momento encontrávamos alguma coisa nova que atraía nossa atenção. Até as rochas se cobrem de milhares de plantas carnosas e de criptógamos: entre estes belíssimos fetos (*Filix*), que em parte pendem das árvores, de maneira pitoresca, como fitas emplumadas. Um cogumelo achatado, de cor vermelho-vivo, forrava os troncos secos; enquanto um bonito líquen carmezin, cobria de manchas arredondadas* a casca das árvores pujantes. As árvores das florestas brasileiras são tão colossais que os nossos espingardas não lhes alcançavam os cimos, de modo que muitas vezes atirávamos baldadamente em magníficos pássaros; porém muitas vezes assim nos cobriamos de flores succosas, que, infelizmente, éramos obrigados a jogar fóra, porque

(*) Este belo líquen vermelho já foi levado para a Inglaterra por Mawe (pag. 271 de sua Viagem) e pesquisas foram feitas sobre o emprego de sua matéria corante.

(63) Aqui parece falhar a observação do autor, visto como nos carros-de-bois o eixo gira juntamente com as rodas, nele solidamente engastadas. O ruído é produzido pela fricção do eixo nos tocos mancais, também de madeira.

(64) As espécies do gênero são conhecidas vulgarmente por "bananeira do mato", "bananeirinha do brejo". *Heliconia angustifolia* talvez seja a de que o autor faz menção.

cedo murchavam e não se podiam conservar num hervário. Um Redouté⁶⁵ encontraria aí copioso material para esplêndido trabalho, de valor incomum. A luxúria e a riqueza do reino vegetal na América do Sul é consequência da grande umidade que prevalece em toda parte. E' uma nítida vantagem sobre todos os demais países quentes, e Humboldt⁶⁶ se expressa com tanta felicidade a esse respeito, que não me posso furtar à transcrição de suas próprias palavras: * "A estreiteza desse continente variadamente recortado, sua grande extensão para o polo glacial, o oceano imenso sobre o qual sopram os ventos tropicais, a uniformidade da costa oriental, as frias correntes marinhas que rumam, em direção norte, da Terra de Fôgo para o Perú; as numerosas montanhas, causas de cachoeiras sem conta, e cujas cristas nevadas pairam muito acima das nuvens; a abundância de rios caudalosos, que, depois de curvas incessantes, sempre buscam o litoral remoto; desertos sem areia e, portanto, menos ardentes; florestas impenetráveis, que enchem as planícies bem irrigadas próximas ao equador; e que, para dentro do continente, onde as montanhas e o oceano ficam tão distantes, desprendem massas enormes de água embebida ou de formação local; todas essas circunstâncias dão à planície americana um clima que, pela umidade e frescura, forma surpreendente contraste com o da África. Apenas a esses fatores se devem atribuir a extraordinária opulência da vegetação e a exuberância das frondes, que constituem o principal caráterístico do Novo Continente".

Quando atingimos o alto da Serra de Inoã, vimos, acima das grandes árvores, numerosos papagaios voando aos pares em alarido. Era o papagaio de cabeça vermelha, (*Psittacus coronatus* do Museu de Berlim, ou *Perroquet Dufresne, Le Vaillant*)*⁶⁷ aí conhecidos por "camutanga", e, em outras zonas, por "chauã", devido à sua voz. Aproveitamo-los muito, posteriormente, como alimento. Continuando a viagem, descemos a uma aprazível região campestre, e passámos a noite na fazenda de Inoã. O proprietário, um capitão, que não demonstrou a menor surpresa pela inesperada visita, criava bastante

(*) V. ALEXANDER VON HUMBOLDT, *Ansichten der Natur*, p. 14.

(*) (Suplem.). O papagaio de testa vermelha (*Psittacus Dufresnianus*), Vaill. era até aqui erroneamente designado como *coronatus* do Museu de Berlim. Os brasileiros chamam-no "Chauã", nome que imita muito perfeitamente a voz da bela e inteligente ave; conhecem-no ainda por "Camutanga", nome derivado da língua dos Tupinambás, ou língua Geral, na qual ele tinha o nome de "Aiurú-Acamutanga".

(65) JOSEPH REDOUTÉ (1759-1840), exímio e apaixonado pintor de flores, ao qual se devem importantes e magníficas obras, entre as quais é famosa a sobre as *Liliáceas*, em 8 vol. in-fol.

(66) Cf. ALEXANDRE HUMBOLDT, *Ansichten der Natur*, pág. 14.

(67) O conde SALVADORI (*Ibis*, 1890, p. 370), demonstrou que o papagaio de Dufresne, *Amazona dufresneana* (Shaw), da Guiana, é espécie diversa da que ocorre nas matas de leste do Brasil; esta ficou sendo chamada *Amazona rhodocorytha* (SALVAD.). De ha muito não mais existe no Rio de Janeiro; vive porem ainda no Espírito-Santo e especialmente nas matas do sul da Bafa, até Camamó, conforme se poderá verificar através do relatório da excursão que realizei naquela zona, anos atrás (*Rev. Mus. Paul.*, XIX, p. 124, (1935)). O nome que lhe dão é, ainda hoje, "chauã" (Wide escreve "chauã").

gado e aves nos seus domínios. Vimos, criados por êle, bonitos bois, porcos gordos, de uma raça pequena e preta, com dorso caído, longo focinho e orelhas pendentes, galinhas, perús, galinhas de Angola, gansos da espécie européa e o pato almiscarado (*Anas moschata*, Linn.), que às vezes voava e tornava a voltar. Este último, como se sabe, existe nas matas do Brasil. A Serra de Inoã é um braço que se projeta para o mar da altaneira cadeia montanhosa que corre paralela à costa. Cobrem-na densas florestas, onde existem muitas qualidades úteis de madeira e em que o caçador encontra abundante variedade de caça. O dia aí transcorrido, levamo-lo a caçar, enquanto nos detinha a súbita doença de um dos nossos animais. Conseguímos grande número de lindos passaros; o Sr. Freyreiss, porém atirou em vão no pequeno macaco vermelho e dourado, conhecido por "mariquina" (*Simia Rosalia*, Linn.). Esse belo animalzinho é aí chamado "safu vermelho". Vive nas matas mais espessas e somente se encontra no sul, nas vizinhanças do Rio e Cabo Frio; pelo menos, nunca mais o encontramos para o norte. Os papagaios são muito numerosos nas florestas que cobrem essas montanhas, especialmente algumas das espécies de cauda comprida e cuneiforme, aí denominadas "maracanã", entre as quais o *Psittacus Macavuanus** e *guianensis*⁶⁸, que se abatem aos bandos sobre os milharais vizinhos.

Deixando Inoã, entramos noutra floresta de árvores gigantescas e imponentes, estreitamente entrelaçadas, onde se nos depararam algumas coisas novas. Vimos a grande "aranha caranguejeira" (*Aranea avicularia*, Linn.)⁶⁹, cuja picada, segundo se diz, causa dolorosa inflamação. Vive ela, como já verificou o Snr. von Langsdorff, principalmente sob a terra. Além desse curioso animal, vi muitos sapos enormes, não, contudo, tão numerosos quanto na Serra, que acabáramos de deixar, e onde, mal começava a escurecer, o chão ficava coadado deles. Entre muitas, observei uma espécie que provavelmente nunca foi descrita (*Bufo bimaculatus*) e que se caracteriza pela presença de duas grandes manchas escuras no dorso. Fios de "barba de velho" (*Tillandsia*) de tamanho invulgar pendiam dos alvos e elevados

(*) (Suplem.) A ave a que dou aqui o nome de *Psittacus Makavuanus*, Linn., parece constituir efetivamente uma espécie diversa, da que os Snrs. Temminck e Kuhl chamaram *Psitt. Illigeri*. Asara foi o primeiro a descrevê-la (edif. de Sonnini, IV, p. 55), denominando-a *Macarana fardula* (vide Kuhl, *Conspectus Psitt.* nas *Verhandl. der Kaiserl. Leopold. Carol. Acad.* vol. 10, pag. 19).

Por esse motivo, na primeira parte de minha descrição de viagem, sempre se deverá ler *Psitt. Illigeri* em vez de *Makavuanus*.

(68) Como viria a reconhecer o próprio Wied (nota em apêndice), ha aqui equívoco: *Psittacus macavuanus* Gmelin (hoje *Oropsittacus macavus* (Bod.) não ocorre senão no Brasil central e na Amazonia. A ave a que se refere o viajante é a vulgarmente chamada "maracanã"; seu nome mais antigo é *Macrocercus maracana* VIEILLOT, 1816 (baseado em AZARA), que prevalece sobre *Psittacus illigeri* Temm. & Kuhl, 1820. Miranda Ribeiro propôs separar-a das verdadeiras araras (*Aras*), no novo género *Propyrrhura*. Cf. O. PINTO, *Cat. Av. Bras.*, pte. 1.ª, pag. 184.

(69) Ao tempo de Wied as "aranhas caranguejeiras", apenas conhecidas, eram referidas cumulativamente à espécie *guianense* descrita por Lineu; hoje, entretanto, formam elas uma vasta superfamília, *Theraphosidae*, que Mulsant, em sua grande e bem conhecida monografia (cf. *Rev. Mus. Paris*, XIII, 1922, pag. 1-438), divide em nada menos de sete famílias, com avultado número de géneros e espécies. Claro é que se torna vã qualquer conjectura com respeito à espécie observada pelo naturalista alemão.

troncos das mimosas. Nossa atenção foi despertada por um pássaro branco (*Procnias nudicollis*) no tope de um ramo ressequido, cuja voz estridente sóa tal qual o choque do martelo na bigorna. Pertence ao gênero denominado *Procnias* por Illiger, e se chama "araponga" em toda a costa oriental. Em côr assemelha-se bastante ao *Ampelis carunculata* de Linneu⁷⁰; é todavia, espécie diferente, como o indicam suficientemente a garganta verde pelada e a ausência da excrescência carnosa na testa.

A ensombrada floresta que agora atravessávamos era extremamente aprazível; bandos de papagaios voavam em derredor numa terrível algazarra; entre eles era particularmente abundante belo periquito, de rabo pontudo, chamado "tiriba" nessa região.⁷¹ Matei também um esquilo da única espécie (*Sciurus aestuans*, Linn.) que observei em toda a viagem⁷²; distingue-o o pêlo pardo-acinzentado, misturado a amarelo. Os nativos que passavam, conduzindo tropas de animais pesadamente carregados, mostravam-se muito espantados com os tiros que ouviam de ambos os lados da estrada, disparados pelos nossos caçadores dispersos atrás da caça. Depois de atravessarmos muitas matas queimadas, pântanos e savanas, cercados por altas montanhas de pedra, chegámos em extensos campos interrompidos por charcos e brejos, onde se viam em abundância a garça branca, o pavoncinho⁷³ americano (*Vanellus cayennensis*) a "jaçanã", chamada aqui "piaçoca" (*Parra Jacana*, Linn.) e maçaricos. Havia gado pastando nesta varzea e por entre ele saltitavam inúmeros melros de um violeta brilhante (*Oriolus violaceus*)⁷⁴.

Os muare estavam agora tão mansos que pude fazer fôgo sem apavor. Com um só tiro consegui matar vários melros. Em quantidade não menor que a dos melros encontrava-se o anum (*Crotophaga Ani*, Linn.), tão comum no pasto e sobre as cercas como acontece com o nosso estorninho, em muitos logares; mostravam-se tão pouco ariscos que podíamos quasi cavalgar junto deles.

À tardinha chegámos à freguesia de Maricá, junto ao lago do mesmo nome. A população dessa ("freguezia") é de cerca de oitocentas almas. Os moradores de uma casa um pouco afastada, diante da

(70) *Procnias alba* (Hermann, 1783) é o nome que, em obediência aos direitos de prioridade, vinha para esta espécie, própria das Guianas, mas encontrada também no norte do Amazonas (Rio Negro). *Procnias nudicollis* (Vieill.) ocorre nas matas de leste, desde o nordeste da Argentina (Misiones) até o sul da Bafia.

(71) "Tiriba" é, em todo o sul do Brasil, o nome vulgar das espécies do grande gênero *Pyrrhura*, das quais *P. frontalis* (Vieill.) é geralmente a mais comum. Mais para o norte (Bafia) Wied foi encontrá-las com o nome de "fura-mato", que ainda vinha.

(72) A espécie lineana, guianense-amazonica, ocorrerá também, quando muito, no Brasil setentrional. A observada por Wied deve ter sido, com todas as probabilidades *Guerlinguetus ingrani* (Thomas). Cf. O. Pietro, *Rev. Mus. Paul.*, XVII, p. 295 (1931).

(73) Vê-se que o autor, pelo menos até aqui, não havia recolhido nenhum nome popular para o nosso "quero-quero", *Belonopterus chilensis lampronotus* (Wagl.), ave muito frequente, ainda hoje, não só em nossas costas marítimas, como nos pântanos do interior. Frequenta igualmente as malhadas, sendo visto invariavelmente nas fazendas dos sertões de Minas, Goiás e Bafia. A ave europeia (*Vanellus vanellus*, Lin.), comparada com a nossa por Wied, é o "pavoncinho" (também chamado "avecolinha" ou "abecolinho") "zallip" ou "serdizela", "abibe", etc.) dos portugueses. Cf. O. Pietro, *Mus. Paul.*, XIX (p. 16 a 78) e XX (p. 13 e 42).

(74) Refere-se o autor ao chamado "chopim" ou "vira-bosta" (*Molothrus bonariensis*, (Gmel.).

qual parámos, fecharam as portas cuidadosamente. Todos os vizinhos também se reuniram para nos contemplar, embasbacados; mas, quando começámos a esfolar e a preparar os animais mortos durante o dia, moços e velhos sacudiram as cabeças e riram-se ruidosamente dos parvos estrangeiros. As espingardas de dois canos, para elles aparição inteiramente nova, interessavam-nos ainda mais que nós próprios. O lago Maricá, junto ao qual levámos um dia a explorar-lhe as cercanias arenosas, tem cêrca de seis léguas de circunferência. Suas margens são baixas e pantanosas, e o peixe é abundante. Vi uma espécie de bagre *Silurus* que nela existe em abundância; parecem numerosas as espécies desse género na costa oriental do Brasil. À beira do lago encontramos algumas conchas, porém só de uma espécie muito conhecida; e nos paúes próximos, um caracol de terra ou brejo, de que me occuparei em outro lugar. As aves vistas na praia foram uma espécie de gaiota muito semelhante ao nosso *Larus ridibundus*⁷⁵, com cabeça preta, bico vermelho e pés da mesma cor; uma bonita espécie de andorinha do mar (*Sterna*), pavoncinhos, uma espécie de maçarico (*Charadrius*), emquanto nas alturas pairavam os "urubús", assim sobre o pântano como na mata. Foi aí que tive, pela primeira vez, o prazer de caçar o "acabiray" (*Vultur Aura*, Linn.), que somente Azara soube, até agora, distinguir devidamente⁷⁶. Assemelha-se, à primeira vista, ao urubú de cabeça cinzenta ("Iribu" de Azara), si bem que a um exame mais acurado, ou mesmo voando a considerável altura, se possa differenciar do outro. Esses abutres representam uma dádiva da natureza em todos os países quentes; porque elles limpam a terra, que, a não ser assim, encheria o ar de exalações deletérias. O seu olfato é tão agudo, que, morto um animal, logo se precipitam para o lugar, em grande número, embora um pouco antes nenhum fôsse visto, mesmo à distância⁷⁷ por isso, nunca os perseguem, sendo igualmente numerosos nas regiões descampadas e florestais. As zonas próximas do lago não parecem muito férteis, por causa do solo arenoso e alagado. Os lugares secos são campos, onde pasta o gado, ou montanhas, com rochas e matas. Parece que aqui se criam muitos cavalos, mas não prestam, sendo a maior parte de pequeno tamanho. Vimos também cabras, de pelo curto, brilhante e amarelo-avermelhado, man-

(*) As melhores gravuras desses dois abutres, ainda assim um tanto defeituosas, são as de VIEILLIOT, na *Histoire naturelle des oiseaux de l'Amérique Septentrionale*, tomo 1, pl. 2 e 2 bis. A ultima é a melhor delas, não obstante a cor da cabeça não representar exactamente a natural. O que os autores chamam *Vultur urubus* não possui, pelo menos no Brasil, a cabeça vermelha, mas sim cor de cinza, bem como o peçoço.

(75) Esta espécie, que frequenta todo o litoral sul-atlântico, do Rio de Janeiro à Argentina, foi descrita por Wied com o nome de *Larus poliocephalus* (Beitr., IV, p. 854); corresponde a *Larus cirrhocephalus* Vieillot, anterior em data e por isso prevalente.

(76) Trata-se aqui do "urubú de cabeça vermelha" também chamado "urubú-campeiro" "urubú-caçador, etc. (*Cathartes aura ruficollis* Spix) muito espalhado no litoral e nos campos do interior. Mesmo em pleno vôo, é fácil distingui-lo do urubú comum, com ter a face inferior das asas, em grande parte branca.

(77) As reflexões de Wied sobre os hábitos de espécie extendem-se às que lhe são affins. Sobre a matéria ha ainda muito que investigar; veja-se o que tive occasião de escrever a propósito do "urubú-rei" na *Rev. Mus. Paul.* XX p. 48.

chado de preto. Não muito longe das margens do lago, chega-se à estrada arenosa que passa entre arvoredos para a pequena Vila de Sta. Maria de Maricá, localidade principal da "freguezia" constituída de casas acachapadas de um só andar, de uma igreja e de ruas regulares, mas sem calçamento. As construções não possuem janelas de vidro, porém simples aberturas, que, como no Brasil inteiro, são fechadas com rótulas de madeira. Nas suas proximidades planta-se mandioca, feijão, milho, algum café e principalmente cana de açúcar, que dizem crescer a considerável altura nos lugares férteis, ao passo que mal vai além de seis palmos no solo arenoso.

Vegetação sempre nova nos distrae enquanto prosseguímos: bignônias das mais lindas flores se enroscam nos arbustos; encontramos, também, alguns frutos de forma muito original. Observam os botânicos que as leguminosas constituem a família mais numerosa da flora brasileira. Não obstante as muitas "fazendas" que aqui se encontram, a região é selvagem e forma entre altas e pitorescas montanhas, amplo vale de superfície irregular, donde, cercados pelos arbustos, sobem os troncos esbeltos das grandes árvores. Nas cimas destas, pressas aos galhos, vêm-se massas pardo-escuras, que são as casas de uma pequenina termite amarela, chamada "cupi" ou "cupim". Formigas e insetos análogos são no Brasil extremamente danosos às plantações. Encontram-se aí em tal abundância estes vorazes animais e tal é o número de suas espécies, que um entomologista poderia escrever, só sobre elas, um grande tratado. São de tamanhos diferentes; uma das maiores espécies, que tem perto de uma polegada de comprimento, e cujo corpo é desproporcionadamente grosso, é assada e comida em muitos lugares, maxime em Minas Gerais, onde é denominada "tanajura"⁷⁸. Outra espécie, pequenina e vermelha, é terrivelmente incômoda e daninha. Essas formigas são, também, bastante prejudiciais ao colecionador, pois em pouco tempo destruíram grande número de nossos insectos sobretudo borboletas. Não raro penetram, em massas compactas, nas casas de residência, onde devoram tudo que seja comível, especialmente doces⁷⁹.

Não existem meios de proteger esses alimentos, a não ser o de pôr os pés das mesas dentro de latas cheias d'água, ou untal-os com pixe; mas, ainda assim, muitas vezes elas vencem esses obstáculos. Algumas espécies constroem, com certa qualidade de terra, nas paredes dos quartos, túneis multi-ramificados, por onde sobem ou descem⁸⁰.

(78) No original lê-se "tanachura".

(79) Refere-se Wied às chamadas "formigas de correição" (Fam. *Dorylidae*, gênero *Ecton*, etc.), cujos bandos migratórios, e carnívoros, formado por número incontável de indivíduos, fazem pelos lugares onde passam verdadeira limpeza entre os outros insectos e quaisquer animais pequenos, capazes de ser por eles devorados. Cf. WHEELER, *Social Life among the Insects*, London, 1923.

(80) Não se trata no caso vertente de formigas, mas sim das termitas ou "cupins", insectos que formam uma categoria bem caracterizada (Ord. *Isópteras*, Fam. *Termitidae*), tanto morfológica como biologicamente. Alimentam-se da matéria vegetal viva ou morta (madeira) e é com terra misturada aos resíduos da digestão, evacuados pelo intestino, que eles constroem os carreiros onde se mantêm ao abrigo da luz, que evitam a todo o custo.

A história natural das termitas tem sido objeto de aprofundados estudos, devendo citar-se, no que respeita às espécies sul-americanas, os de Silvestri (cf. *Redia*, I, 1906).

Nas trilhas das florestas vimos exércitos inteiros de grandes formigas, todas carregando pedaços de folhas verdes para os formigueiros⁸¹.

Uma floresta virgem em que depois penetrámos, ofereceu-nos novos e interessantes cenários. O tucano, (*Ramphastos dicolorus*, Linn.)⁸² com o bico prodigioso e a garganta de cor alaranjado-vivo, formando belo contraste com a plumagem negra, pela primeira vez suscitou a impaciência dos nossos caçadores; a sorte, entretanto, foi-lhes adversa, porque as aves pousavam tão alto no tope das árvores, que nos era impossível alcançá-las.

Passámos em seguida pela terra escura de um charco e logo depois estávamos novamente na argila vermelha. Quanto mais avançávamos, mais soberbas e imponentes se mostravam as florestas. O europeu vindo do norte não tem a menor idéa dessa magnificência, nem há palavras para descrever o quadro com tintas comparáveis às sensações despertadas. Cresce em abundância neste logar uma palmeira de mais ou menos trinta pés de altura, chamada "airi-assú" na "língua geral" e em Minas "brejeúba". Os selvagens empregam-na na construção de seus arcos; seu caule é pardo-escuro e compactamente coberto de longos espinhos, que se implantam em anéis horizontais. As folhas são compridas e penadas como em todas as espécies de coqueiro, de junto à sua base pendem os cachos amarelos, em que posteriormente se formam os frutos, muito duros e de um preto reluzente, de forma ovoide e do tamanho de um ovo de pomba. Ha também em todas essas matas uma similar espinhosa, que se conserva sempre pequena e é chamada "airi mirim". Nenhuma delas foi ainda introduzida nos sistemas de Historia Natural, e apenas foram mencionadas por Arruda⁸³. Em todos os troncos vicejam plantas herbáceas e lenhosas, como *Cactus*, *Agave* e *Epidendrum*, ostentando entre os galhos entrelaçados flores ricamente coloridas. Quando um tronco apresenta uma cavidade ou fenda, plantas taes como *Arum*, *Caladium*, *Dracontium* e outras despontam em grandes tufos de sumarentas folhas verde-escuras, cordiformes ou sagitadas, de tal sorte que o viajante contempla a mais extraordinária associação de espécies vegetais. Entre as plantas acima mencionadas, aparece frequentemente o *Dracontium pertusum*, de folhas perfuradas do modo mais estranho: uma esplên-

(81) Faz-se referência aqui às saúvas (*Atta*), flagelo bem conhecido de todos os agricultores, sobre o qual A. St. Hilaire proferiu a sua frase célebre: "ou o brasileiro mata a saúva, ou a saúva destrói o Brasil".

(82) Pela cor atribuída pelo autor à garganta da ave, vê-se que a espécie, como elle foi o primeiro a reconhecer mais tarde (cf. *Beitr. Naturg. Bras.*, IV, p. 27, onde ella é estudada com o nome de *R. Temminckii*), não é a descrita por Linneu com o nome de *Ramphastos dicolorus*, mas sim *R. ariel* Vigors, que também ocorre na mesma zona e se reconhece pelo seu bico esverdeado (e não preto) e garganta amarela, cor de limão maduro.

(83) A primeira espécie (*Astrocaryum ayri* auct.) ocorre nas matas da Baía onde, segundo Melo Moraes (*Bot. Brasil.*, 181, p. 91), é conhecida por "brijaúba", leve variante do nome consignado por Wied. Ambas parece pertencerem ao grande número *Astrocaryum* Meyer, fartamente representado no Brasil. O autor citado é o Dr. Arruda Camara, a quem se devem copiosos manuscritos sobre a flora medicinal do Brasil, e com base principalmente nos quais foi editado, em 1873, o *Diccto. de Botan. Brasil.* de JOAQUIM DE ALMEIDA PINTO.

dida *Maranta* de flores azuis também chamou a atenção do nosso botânico.

Em nossa jornada de hoje gosámos uma cena divertida com o nosso índio Francisco. Alguem de nossa comitiva julgou vêr um pássaro no alto de uma árvore sêca e fez fôgo em sua direção ; porém logo verificou que o que lhe havia parecido um pássaro era apenas o nó de um galho. Francisco, que com a vista aguda, comum a todos os filhos da terra, percebera o erro desde o primeiro instante, conservando-se porém calado a espera do tiro, depois do qual prorrompeu em ruidosa gargalhada que a custo conseguiu reprimir. Todos os sentidos do índio são muito agudos e aperfeiçoados, motivo pelo qual um engano desses lhe parece risível ao mais alto gráu. Vezes frequentes nos divertimos com Francisco ; era fiel e tinha bom coração, embora fosse também muito birrento e genioso ; era assim que fazia questão de atirar o maior número de vezes, e nas melhores aves. Por certo não lhe faltavam exquisites de índio ; êle nunca saía para caçar em jejum como os outros, mas, pelo contrario esperava o almoço, ainda que esse devesse demorar muito, e ter-se-ia tornado muito mau para seus patrões si por ventura se houvesse querido forçal-o a proceder como os demais.

Era nossa intenção, continuando a viagem, atingir Ponta Negra nesse dia ; porém perdemos o caminho na labiríntica e quasi impraticável floresta que a estrada atravessava. Chegámos, entretanto, a uma grande "fazenda", cujo proprietário, Sr. Alferes da Cunha Vieira, nos recebeu muito hospitaleiramente. Chama-se a propriedade Gurapina, e possui um grande engenho de açúcar, cujas instalações correspondendo às já descritas e figuradas por Koster e outros viajantes. A cana é colocada entre três cilindros verticais que se engrenam uns nos outros por meio de dentes de madeira dura, que assim a esmagam. A cana sai do outro lado como palha comprimida e inteiramente lisa ; e o caldo é recebido numa tina de madeira, colocada em baixo. Os cilindros são movidos a bois, burros ou cavalos por meio de um comprido varal. O caldo, depois de cristalizar em vasilhas, é servido em tachos e posto em grandes potes afunilados com um orifício no fundo, por onde se escôa o líquido em excesso ; a superfície do açúcar que enche o pote é depois coberta com barro que se diz servir para clareá-lo⁸⁴. Assegurou-nos o Snr. Da Cunha Vieira que, com 20 escravos, obtem agora, anualmente, cêrca de 600 arrobas (de 32 libras), ou sejam 19.200 libras de açúcar ; e que si tivesse mais braços, poderia fazer de 90 a 100.000 libras. Cultivavam a prinéscio a cana de Caiena ; tornando-

(84) Introduzido no Brasil em começos do século XVII é este ainda em todo sertão o processo usual de fabricação do açúcar, quer no que respeita à moagem da canna, quer no que se refere à cristalização do xarope e á refinação consecutiva. Observei-o repetidamente em Goiás, tendo feito d'êlle breve descrição, em meu relatório de viagem. Conforme referi, é muito de praxe misturar-se escremento fresco de gado bovino ao barro que serve á clareação. Cf. *Rev. Mus. Paul.*, XX, pp. 7 e 8.

se, porém, conhecida a de Taiti⁸⁵ e revelando-se este muito mais produtivo, substituiu quasi completamente aquele.

Nosso amável hospedeiro deu-nos um aposento bastante espaçoso para abrigar todas as pessoas com a sua bagagem e onde pudemos ainda acender muitos fogos e cosinhar. Tanto êle como os demais moradores da "fazenda", vinham visitar-nos com frequência e não tinham meios de exprimir a admiração ante o nosso trabalho de preparar exemplares de história natural. Aí permanecemos durante muito tempo, enquanto caíam pesados aguaceiros e quando o tempo levantou, tivemos ótima oportunidade para caçadas produtivas nas altas montanhas cobertas de mata, que circundam o vale cheio de canaviais.

Um moço português, chamado também Francisco, que vivia na "fazenda" entrou para o nosso serviço como caçador, e revelou extraordinários talentos nesse mistér. Era de compleição franzina, mas muito resistente, de boa índole e de esplêndida pontaria. Conhecedor profundo da região e da sua fauna, conseguiu-nos uma porção de interessantes exemplares, entre os quais devo mencionar a Mariquina (*Simia Rosalia*, Linn.)⁸⁶ que ainda não obtiveramos. A "araponga" (*Procnias nudicollis*), como já foi dito, era muito comum em todas essas montanhas e de todos os lados ouviam-se as notas metálicas de seu canto. Francisco foi quem primeiro conseguiu esse pássaro para a nossa coleção. Os bons caçadores brasileiros possuem extraordinário tino para explorar as florestas: sua enorme resistência ao cansaço, e o costume de andar sempre descalços, dão-lhes grande superioridade nesse gênero de atividade. Vestem-se de uma leve camisa e calças de algodão; muitas vezes levam uma jaqueta sobre o ombro, usando-a quando chove, ou nas noites frias. Cobrem a cabeça com um chapéu de palha ou de feltro. Um cinto de couro, passando sobre o ombro, sustenta o polvarinho e o saco de escumilha, ao passo que o gatilho da longa espingarda é geralmente resguardado da humidade por meio da pele de um animal. Assim equipado, um dos caçadores trouxe-nos um macaco berrador ou "guariba"⁸⁷; outro tinha pendurado à espingarda um grande Teiú (*Lacerta Teguixin*, Linn.) e na mão alguns pássaros, entre os quais chamava a atenção um tucano. Os cães, que costumam levar consigo estes caçadores, servem na caça de veados e porcos do mato.

A temperatura de Gurapina era muito variável; havia dias tão frios, que o termômetro marcava 13°. Reaumur⁸⁸, ao meio-dia, embora tivéssemos períodos de tempo cálido e agradável. Muitas vezes

(85) Wied escreve "Otahiti", forma de transição entre o nome atual e "Otahiéite", primitiva denominação da ilha principal do arquipélago da Sociedade (situado no Pacífico meridional).

(86) *Leontocbus rosalia*, (Linn.), chamado em certos logares "mico-leão vermelho", é espécie encontrada também na Amazonia.

(87) Os "guaribas" ou "barbados", chamados no sul "bugios", formam hoje o grande gênero *Alouatta*. A espécie a que alude Wied é, com toda probabilidade, *A. ursina* Humboldt e voltará a ser mencionada várias vezes pelo autor, no decurso da obra. Cf. Wied, *Beitr.*, I, p. 48; idem, *Abd.*, pl. II. O "teiú", pertence ao gênero *Tupinambis*.

(88) O que equivale a 16° centígrados.

penetrei naqueles ermos montanhosos; e nunca pude fugir à fascinação da quietude e do solene silêncio neles reinantes, apenas interrompido por bandos ruidosos de papagaios. Vivíamos tanto mais satisfeitos e felizes no meio desses prazeres, nos arredores de Gurapina, quanto havíamos obtido farto suprimento de provisões frescas. As que o viajante, no Brasil, pode carregar consigo consistem em farinha de mandioca (comumente chamada apenas "farinha"), "feijão" preto, "milho", carne salgada ("carne seca" ou "do sertão")* e "arroz". Em vez da seca, conseguimos boa carne fresca: o proprietário da "fazenda" forneceu-nos grande quantidade de excelentes laranjas, como também de "aguardente de cana", arroz, açúcar, farinha, milho e algodão; e era tão liberal, que não aceitou a menor retribuição por tudo isso. Essa recusa obrigou-nos a partir mais cedo do que o faríamos em outras circunstâncias, já que a nossa situação ali, além de outras vantagens, nos trazia a de obter abundante material para a proveitosa continuação das nossas pesquisas científicas. Assim, despedimo-nos de nosso hospedeiro e rumámos para Ponta Negra.

As estradas dessa região estavam em péssimo estado, a ponto dos animais correrem o perigo de atolar-se sob o peso da enorme carga. Cavalgámos entre espessas moitas de altas gramineas, de *Canna*, *Rhexia* e de pequenas palmeiras; encontramos, em algumas elevações, negros desbastando o mato, para tornar o terreno próprio à lavoura, com segadeiras de cabos compridos ou "fouces"; e, em algumas "fazendas" que atravessámos, havia fileiras ou sebes compactas de laranjeiras. Com os bolsos e as sacolas pesadas de passarinhos e de diversas espécies de sementes então maduras, chegámos, por fim, à Lagôa da Ponta Negra. Nas margens brejosas e cheias de caniços desse bonito lago, vimos grandes bandos de jacanãs (*Parra Jacana*, Linn.) e garças brancas, sendo que uma destas foi abatida pelo nosso caçador; mesmo nos pântanos a plumagem branca de leite dessa ave conserva sempre a mais deslumbrante pureza, devido às longas pernas.

Alcançámos uma "venda" solitária, não longe do lago, onde os viajantes abatidos pelo calor costumam refrescar-se com limonada, ou senão com um ponche frio. Ali soubemos que a notícia da nossa próxima chegada nos precedera, e que o proprietário já imaginara especular sobre as nossas bolsas. De uma eminência perto da casa, admirámos lindo panorama do lago, do oceano e da região do Rio de Janeiro que ficara atrás de nós. Mais além, nos matos através dos quais passámos, descobrimos, e em quantidade, um pássaro ainda inteiramente desconhecido para nós, o grande "anú" (*Crotophaga major*, Linn.)⁸⁹.

(*) Em Pernambuco chama-se, segundo Koster (pag. 123 e 130), "carne do Ceará".

(89) A espécie, encontrada nos grandes rios do Brasil, onde quer que haja abundância de matas, é vulgarmente conhecida por "anum de enchente", "anum-peixe" (São Paulo), "anum coroca", "coroia" (Bafia), etc. Cf. O. PINTO, *Rev. Mus. Paul.*, XX, p. 153.

A plumagem é negra, lustrada de azul ferrete e verde cupreo. Ai ouvimos o fragor das vagas, e logo depois surgiram as dunas, de onde se via as ondas espumejantes rebentarem violentamente sobre as penedias selváticas da costa. Próximo à areia branca da "praia" há um intricado bosque de várias espécies de árvores mofinas, de crescimento tolhido pelos ventos do mar e pelas tempestades. Nesse cerrado, de cerca de vinte a trinta pés de altura, através do qual continuamos a viagem ao longo da costa, vicejam altos *Cactus* e abundam bromélias de formosas flores. Pequenos lagartos faziam ruído nas folhas secas das moitas, enquanto o grande "anú" e o "tié" (*Tanagra brasilia*, Linn.) de plumagem vermelho-sanguínea, animavam a cena. Este lindo passaro é muito comum no Brasil, sobretudo perto do litoral e nas margens dos rios⁹⁰.

À tarde, estávamos entre o mar e um extenso caniçal brejoso, onde bandos de pássaros vinham chegando para dormir: o "tié" era abundante, e o tórdo de ventre vermelho, (*Turdus rufigentris* do Museu de Berlim), desferia o canto melancólico, mas agradável, do cimo dos arbustos. Ao crepúsculo, os bacurús (*Caprimulgus*) esvoaçavam ao redor dos nossos cavalos e bem assim uma grande falena de cor azul-ardosiado (*Papilio Idomeneus*, Fabr.)* de que poderíamos caçar muitos exemplares, si tivéssemos uma rede própria. Achei um morego morto pendurado num galho, na posição mesma em que devia estar antes de morrer. Pertencia ao gênero *Phyllostoma*, assemelhava-se bastante ao descrito por Azara com o nome de *Chavesouris première ou obscure et rayée*** . Foi o único exemplar que vi dessa espécie durante todo o transecurso da minha viagem.

Quando fomos examinar a flor de uma palmeira baixa, encontramos, seguro a um ramo, o ninho habilmente construído de um beija-flor de corôa azul, espécie que se parece bastante com *Trochilus bicolor* (*Saphir émeraude*, Buff.)***⁹¹. Era elegantemente revestido com musgo, tal como os ninhos do nosso pintasilgo ou de outros passarinhos. Em todos os ninhos havia dois ovos brancos extremamente pequenos em algumas espécies. Continuando o caminho, passamos à noite entre uma porção de lagos onde cintilavam insetos luminosos e coaxavam as rãs, e, após longo dia de jornada, chegamos à

(*) (Suplem.) Minha borboleta se ajusta perfeitamente à descrição que dá Fabricius de *Idomeneus*, como ainda concorda como a figura de Seba, tomo IV, tab. 31, fig. 3 e 4.

(**) V. DON FELIX DE AZARA, *Essais sur l'histoire naturelle des Quadrupèdes de la Province de Paraguay*. Tomo II, p. 269.

(***) *Trochilus pileatus*: 4 polegadas e oito linhas (medidas de Paris); corpo de soberba cor verde-metálica; alto da cabeça, cauda bifurcada, remiges e grandes coberteiras das asas cinzentos-escuros; região anal branca; bico direito.

(90) Cf. nota 3 da pág. 34.

(91) Em nota marginal dá Wied a descrição do beija-flor por ele observado, aplicando-lhe o nome de *Trochilus pileatus*; só mais tarde (Beitr. IV, p. 85) é que verificou corresponder êle a uma espécie já anteriormente descrita por Gmelin, sob a denominação de *Trochilus glaucopsis* (e hoje pertencente ao gênero *Thalurania* Gould). O "*Saphir émeraude*" de Buffon (*Thalurania bicolor* (Gmel.)) é peculiar às Antilhas e difere da nossa espécie principalmente pela cor da garganta, que é azul, como o alto da cabeça (e não verde).

"venda" situada junto ao lago Saquarema⁹², onde encontrámos os cargueiros e camaradas, que seguiram outro caminho. Esperávamos encontrar as panelas, no fogo; porém faltava aqui tudo que é necessário para preparar uma refeição. Mandámos, por isso, alguns serviçais em busca de provisões; mas demoraram tanto, que começámos a desesperar da volta e despachámos outros atrás deles, a cavalo. Voltaram com os nossos mensageiros, trazendo apenas em seus sacos de couro ("broacas") peixe fresco. À noite, porém, já passara e a ceia converteu-se em almoço.

O lago Saquarema comunica-se com o mar e tem vasta extensão, cerca de 6 léguas de comprimento por $\frac{3}{4}$ de largura. A água é salgada, embora, em alguns lugares, desprenda um cheiro desagradável; tem, contudo muito peixe. Existe aí uma "povoação" esparsa de pescadores, que habitam as margens, em casebres de barro. Cada casa possui uma fossa cavada no terreiro, que serve como cisterna, a água da lagoa sendo muitas vezes suja. Esses pescadores andam muito à frescata, como todos os brasileiros, usam largo chapéu de palha, calças leves e folgadas e camisa, deixando completamente nus os pés e o pescoço. Todos carregam um afiado punhal à cintura. Esta arma é de uso geral entre os portugueses, mas é muito perigosa, dando frequentemente lugar a assassinatos, mómente entre homens rudes como os pescadores de Saquarema. A "venda" situada nas margens do lago é mantida por toda aquela gente, e os lucros são divididos entre eles: não é preciso dizer que os viajantes pagam aí mais caro que alhures. A uma légua mais ou menos desse lugar, fica a "freguesia" de Saquarema, grande aldeia, ou antes pequena vila, com uma igreja. Como a nossa "tropa" tinha que atravessar a lagôa, que aí desagüa no mar por estreito canal, alojámo-nos numa casa vazia, e aproveitámos a oportunidade para explorar os arredores.

Não longe da "freguezia", ergue-se sobre a praia uma colina, onde estão a igreja, o cemitério e o posto telegráfico. Subímos a colina ao pôr-do-sol: que cena grandiosa e sublime contemplámos então! À nossa frente, o oceano imenso, espumando nos sopés do monte em que estávamos; à direita, nos longes do horizonte, as montanhas do Rio; mais próximo, o longo litoral recortado, e, mais perto ainda, Ponta Negra; atrás, a serra coberta de matas, que se estendem também até a baixada, e, de permeio, a vasta superfície espelhante do lago. Aos nossos pés a "freguesia" de Saquarema, e, à esquerda, a costa, aonde as vagas vinham rebentar num tremendo rugido. Esse enorme cenário, iluminado pelos últimos raios do sol agonizante, e aos poucos esbatido nas brumas do crepúsculo, despertou em nossas almas a saudade da pátria longinqua. Encostados numa sepultura, perto de um montão de crânios empilhados debaixo da cruz de um muro musgoso, ficámos a cismar silenciosamente. Então sentimos com intensidade quantas privações tem que arrostar o viajante, que, impellido por ir-

(92) No original ve m sempre "Sagoarema".

resistível desejo de alargar os seus conhecimentos, sente-se sozinho num mundo desconhecido. A vista tentava em vão penetrar o misterioso véu do futuro, e a imaginação calculava todas as penas ainda por vencer, antes de tornarmos às plagas natais, através do oceano desmedido. A noite pôs fim a essas meditações.

Voltámos para Saquarema, habitada principalmente por pescadores, que também tiram da agricultura parte da subsistência. Antigamente criavam aí em grande quantidade, a cochoilha, mas essa criação foi abandonada. Comprava-a o Rei pelo preço de meio do-brão (6.400 réis) por libra; mas os próprios colonos destruíram o lucrativo comércio, adulterando essa valiosa mercadoria com farinha, a ponto de torná-la imprestável. No dia seguinte, domingo, meus companheiros assistiram à missa na igreja de Saquarema; enquanto isso eu fazia transportar a bagagem em canoas, atravessando o lago, e os animais, descarregados, passavam a pé através da água pouco profunda.

Deixando o lugar acima, entrávamos agora em florestas cheias de belíssimas flores. A maior beleza dessa zona está na quantidade de lagos espelhantes, que se estendem de Maricá às cercanias de Cabo Frio. Bandos enormes de aves aquáticas vivem nas margens dessas lagoas; principalmente andorinhas do mar, gaivotas e garças, de que em pouco tempo matámos grande quantidade. Impõe-se ao ornitólogo a observação de que a maior parte das aves aquáticas e palustres dessa região têm espécies análogas na Europa; vimos assim *Larus marinus*, parecida com *Larus ridibundus*, *Hirundo*, com *Sterna caspia* e uma terceira com *minuta*. De fato, a diferença entre elas é, muitas vezes, insignificante. A menor das andorinhas do mar⁹³ era muito abundante nas dunas da costa; essas lindas aves voavam como as andorinhas, e a brilhante plumagem branca mais se destacava, então, em contraste com os nimbos do céu sombrio. Por detraz das dunas litorâneas apareciam extensos pântanos, e o terreno arenoso de permeio era coberto de uma densa vegetação de coqueiros anões de cerca de três pés de altura: essa planta, que não tem caule, possui palmas dobradas em leque ou encurvadas para baixo, e cachos, presos a uma haste erecta, de côquinhos do tamanho de uma avelã; alinham-se estes como os grãos de milho, e têm na base uma substância comestível, vermelho-amarelada, de gosto adocicado. A planta,

(*) Chamo essa ave *Sterna argentea*: é fácil confundi-la com a nossa *Sterna minuta*, mas é diferente; o tamanho excede o da ave europeia, medindo nove polegadas e uma linha; o bico e os pés são amarelos, a ponta do bico é preta; a parte anterior da cabeça e todas as partes inferiores da ave são brancas, o alto da cabeça e o pescoço, negros; o dorso, as azas e o rabo de um lindo cinzento-prateado.

(93) WIED volta a descrever esta espécie no tomo IV, p. 871 das suas *Beiträge Naturg. Brasilien*. Todavia AZARA já a havia descrito (*Apuntam. Pax. Paraguay*, vol. III, p. 377) com o nome de "Hati ceja blanca", base de *Sterna supercilialis* Vieillot (1819), denominação científica até hoje prevalente. Também, pela descrição dada em *Beiträge*, (vol. IV, p. 865) de "*Sterna hirundo*" vê-se que ela corresponde à espécie encontrada em Santa Catarina por Lesson, e por ele já chamada *St. hirundinacea*. Quanto a *Larus marinus*, é exótica, não sendo possível dizer-se a qual de nossas espécies dera o autor esse nome.

é conhecida neste lugar por "côco de guriri" ou "pissandô"⁹⁴

Resolvemos passar a noite na "fazenda" do Pitanga, que avistamos numa eminência fronteiria, semelhante a um castelo antigo, deslumbrantemente iluminada pelo branco clarão da lua. Cavalcando até à casa, batemos no portão, que pouco depois se abriu para receber-nos. O obsequioso "feitor" (administrador) veio imediatamente indicar-nos a casa em que a farinha é preparada. Aí encontramos quartos espaçosos para todos, e por isso resolvemos permanecer alguns dias e explorar cuidadosamente as vizinhanças.

O engenho de farinha era muito grande. Para preparar a farinha, as raízes da mandioca (*Ialropha Manihot*,⁹⁵ Linn.) são a princípio perfeitamente descascadas; depois, levadas a uma grande roda girante, em pouco se reduzem a polpa fina. A massa é colocada em seguida em grandes sacos, feitos de taquara ou de embira que são pendurados e esticados ao comprido; desse modo espremem-se os sacos, expulsando o líquido existente na polpa.⁹⁶ A parte sólida restante é posta em seguida em grandes tachos, de cobre ou louça, nos quais fica completamente seca pelo calor; porém a massa espessa deve ser constantemente mexida para não queimar. O alimento seco, assim preparado, é chamado "farinha". Quando o tempo estava úmido, muitas vezes secamos os exemplares recentemente preparados sobre os tachos de mandioca; e embora deixássemos sempre uma pessoa vigiando durante a noite, perdemos alguns espécimens raros destruídos pelo fogo.

O tempo tornou-se muito frio; forte vento soprava sobre o litoral, o termômetro mal ia a 13° Reaumur ao meio-dia. Essa região, onde se alternam pântanos, campos, bosques e florestas, forneceu-nos muitos animais interessantes. Nossos caçadores conseguiram, pela primeira vez, a "jacupemba" (*Penelope Marail*, Linn.)⁹⁷, cuja carne é muito saborosa, e também os tucanos verdes, ou "arassarís" (*Ramphastos Araçari*, Linn.)⁹⁸ belas aves que dão um curto grito de duas sílabas.

(*) (Suplem.) O Prof. Nees von Esenbeck chama a esta planta *Allagoptera pumila*, caracterizando-a da seguinte maneira: "Classis Linneana Monoecia Monadelphia. Fam. nat. Cicadaceae. Spadix simplex. Flores ♂ e ♀ quincunciatim positi. — ♂ Calyx triphyllus, corolla tripetala, filamenta 14, basi connata. Antherae liberae. ♀ Calyx et corolla maris, ampliores. Stigma cuneiforme, trifidum. Drupa monosperma. O Prof. Martins, em sua já citada obra sobre as Palmeiras, divulgará a descrição feita pelo Sr. Nees von Esenbeck com os exemplares que lhe remeti.

(*) Cf. Gilii Saggio di Storia americana, tomo II, p. 304 e ss., tab. 5.

(94) De acordo com a nota acrescentada por Wied em suplemento ao seu livro, a planta em questão é uma Ginosperma (ord. Cicadales) e não uma Palmaça. A obra de MARTIUS *Genera et species Palmarum*, etc., de que ha menção na nota, veio a lume em 1824.

(95) No texto alemão lê-se "Mahinot", por evidente lapsus.

(96) Cf. O. PINTO, *Rev. Mus. Paul.*, XIX, p. 14-15 (1935).

(97) *Penelope marail* Gmelin (= *P. jacupemba* Spix) é espécie amazônico-guianense que não ocorre a leste do Brasil. Nas *Beiträge* retifica Wied o engano, aplicando á ave de que se occupa o seu verdadeiro nome, *Penelope superciliaris* Illiger. Não obstante, a ave este-brasilera é hoje considerada raça particular, sob a denominação de *P. superciliaris jacupemba* Spix.

(98) Os "arassarís", de que ha no Brasil uma dezena de espécies, formam o gênero *Pteroglossus*, bem distinto do dos verdadeiros "tucanos" *Ramphastos*. É exata a determinação da espécie, como se pode verificar pela descrição em *Beitr.*, IV, p. 283.

A paisagem, desse ponto, era ampla e admirável; um telégrafo se correspondia daí com o de Saquarema, que se divisava ao longe. Pitanga era a princípio um convento, como o parece provar, entre outras coisas, a velha igreja. Pelo meio-dia, estava carregada a nossa "tropa"; e o administrador prestou-nos grande serviço acompanhando-nos a cavalo para indicar o caminho. Si a noite nos apanhasse a teimosia dos burros nos teria, de certo, feito perder na treva parte da bagagem, nos péssimos caminhos, então debaixo de chuva; porque os animais, sem saberem andar carregados pelas estreitas sendas da floresta, esbarravam nas árvores, alijavam-se da carga e fugiam para a mata. Gastámos tanto tempo para segurá-los e de novo amarrarlhes os fardos, que resolvemos prosseguir com mais precaução e derubar os troncos que nos impediam a passagem. Afinal, chegámos a um pedaço mais desbravado, onde havia grandes charcos, balsedos e enormes poças d'água, que fomos obrigados a vadear; contingência desagradável para os que iam a pé, sobretudo para os caçadores europeus, ainda desacostumados a tal modo de viagem. Devido ao atraso consequente a esses aborrecidos estorvos, já era noite avançada quando chegámos à "fazenda" de Tiririca, aonde mandámos na frente, um cavaleiro pedir pouso para a noite. O proprietário, "capitão-mor" destinou-nos, de início, para nosso alojamento, o engenho de açúcar; como, porém, lhe mostrássemos a nossa "portaria" (passaporte firmado pelo ministro), tornou-se extremamente gentil e convidou-nos para a casa dele. Não aceitámos, porém, o convite, resolvidos, previamente, a ficar com o nosso pessoal.

Tiririca é um grande engenho de açúcar, aprazivelmente situado. O engenho fica ao pé de uma verde colina, em cima da qual se ergue a casa do dono, rodeada por cerca de vinte pequenos casebres para os criados e os escravos. Enormes canaviais cercam a "fazenda"; seguem-se, mais além, densas e altas matarias; e bem defronte do engenho existe um trecho inundado e pantanoso de campo, onde aflúem inúmeras aves aquáticas e ribeirinhas, que pudemos matar das janelas. Depois de almoçarmos, na manhã seguinte, com o nosso amável hospedeiro espalhamo-nos pelo mato. O Sr. Sellow e eu atravessámos os canaviais e, passando por outras pequenas "fazendas", cercadas de laranjais, penetrámos numa daquelas florestas virgens, que durante a minha estadia no Brasil, sempre me proporcionaram as mais gratas emoções. Na orla da mata, altaneiros troncos de árvores mortas traziam a marca do fogo, que desbravara a região vizinha à lavoura. A floresta era uma escuridão selvagem formada por velhas árvores de porte colossal, taes como *Mimosa*, *Jacaranda*, *Bombax*, *Bignonia* e o páo Brasil (*Caesalpinia brasiliensis*),⁹⁹ sobre que como sempre viviam, ou em que se enroscavam *Cactus*, *Bromelia*, *Epidendrum*, *Passiflora*,

(99) *Caesalpinia echinata* Lam. A árvore existia nas matas do Brasil oriental e septentrional, do Amazonas a São Paulo. Tem ainda grande emprego na indústria tintureira, como pude verificar no Rio Jucuruçú (sul da Baía), onde vi grandes lotes destinados à exportação.

Bauhinia, *Banisteria* e outras trepadeiras, cujas raízes se prendem ao solo, enquanto as folhas e as flores se expandem nas cimas das mais altas comas, motivo pelo qual só podem ser examinadas abatendo-se um desses gigantes reis da floresta, cuja madeira, de extrema dureza, desafia o gume mais afiado.

Entre as trepadeiras, é muito interessante a *Bauhinia*, cujos fortes caules lenhosos crescem sempre em arcos de círculo alternados; a concavidade de cada arco é como que artificialmente excavada pelo cinzel curvo de um escultor, e no lado oposto convexo há um espinho curto e rombo¹⁰⁰. Essa planta original, que facilmente se confunde com uma obra de arte, trepa ao tópo das mais altas árvores. A folha é pequena e bilobada; mas nunca vi a flor, si bem seja a planta bastante comum. O aroma despreendido por muitas dessas trepadeiras é forte e variável: o "cipó cravo" tem cheiro muito agradável semelhante ao do cravo: outras, ao contrário, como observou La Condamine¹⁰¹, viajando pelo Rio Amazonas, cheiram a alho. Muitas dão longos ramos para baixo, que se enraízam; o que estorva o caminho do viajante, obrigando-o a cortá-los com o "facão" antes de poder prosseguir. Ha galhos pendurados que, quando os agita o vento, dão, frequentemente, rudes pancadas na cabeça do transeunte. Em geral, a vegetação é tão luxuriante nesses climas, que vemos em cada velha árvore um verdadeiro jardim botânico, muitas vezes difícil de atingir, e formado de plantas certamente na maior parte desconhecidas. Matámos aí muitos passaros bonitos. O "surucuá" de barriga amarela (*Trogon viridis*, Linn.) era muito comum; seu canto, de notas repetidas e cada vez mais baixas, ouvia-se em toda parte¹⁰¹. Cedo aprendemos a imitá-los, e assim podíamos facilmente atrair o pássaro, que pousava nos ramos baixos, perto de nós, onde o matávamos sem dificuldade. Igualmente abundantes eram os *Dendrocolaptes*¹⁰² de Il-liger; matámos muitos, quando martelavam os troncos, em compa-

(*) Cf. De La Condamine, Voyage, etc. p. 74.

(100) O matuto conhece estas trepadeiras pela expressiva denominação generica de "cipó-escada". Chamam-nas também, às vezes, atento o feitio bilobado das folhas, "cipó unha de boi" ou "unha de vaca".

(101) Exata aqui a identificação da espécie, sendo difícil compreender como nas *Beiträge*, foi ela confundida com *Trogon violaceus* Gmelin, exclusivo às Guianas e adjacências. Não obstante, é admirável de precisão a referência de Wied ao "surucuá", de que ha no Brasil numerosas espécies, estreitamente semelhantes, assim no canto, como nos hábitos. *Trogon viridis* Linn., é contudo, sinónimo de *T. strigillatus* Linn., correspondendo este à fêmea e aquêle ao macho de uma mesma espécie. Como é regra entre os trogonídeos, os machos, cuja plumagem verde-metálica os torna uma das mais lindas de nossas aves, contrastam fortemente com as fêmeas, que têm cor sombria, acinzentada. Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 143.

(102) Dá Wied, para correspondente do termo em alemão, *Spechtspitze*, isto é, em tradução justa-literal, "picapau-melro". Em verdade *Dendrocolaptes* é o género tipo de uma vasta família de pássaros neotrópicos, cujos hábitos e organização lembram antes as "subideiras" (família *Certhiidae*) do Velho Mundo, que os verdadeiros picapaus (fam. *Picidae*). Representados por grande número de espécies no Brasil, alguns frequentam os campos, mas a grande maioria vive na espessura da mata, onde se alimentam de larvas e insetos, que catam habilmente, esgravatando com o bico assovelado, e às vezes longuíssimo, as frinças das cascas das arvores, os velhos paus meio apodrecidos, as touceiras de gravatás epifíticos, etc. A diferença dos picapaus, não dão batidas ou marteladas no lenho com o bico, que é relativamente fraco e para isso não se presta. Na Amazonia são conhecidos genericamente por "arapaçús".

nhia do bonito pica-pau de topete amarelo-pálido *Picus flavescens*¹⁰³, do de penacho vermelho (*Charpentier à huppe et cou rouge*, Azara)¹⁰⁴ e de *Picus lineatus*¹⁰⁵. Caçámos, muitas vezes, quantidades de periquitos de rabo cuneiforme, aí chamados "tiribas"¹⁰⁶. À tarde, tive a sorte de obter o "pavó" ou "Pie à gorge ensanglantée" de Azara. É um belo pássaro negro, do tamanho de uma gralha, tendo a parte anterior do pescoço de um vermelho vivo¹⁰⁷. O Sr. Sellow não encontrou muitas plantas novas; mas achou, em grande porção, a (*Alstroemeria Lilu*, Linn.), de belas flôres vermelhas raiadas de branco. Caçou também uma cobra, que, embora muito comum aí, é uma das espécies mais formosas do grupo. É conhecida na região por "cobra coral", ou "coraes"; mas não se deve confundi-la com a "Coraes" descrita por Lacépède, Daudin e outros¹⁰⁸. O nome de cobra coral é de todo justo; o mais vivo escarlate alterna-se, no corpo liso, com anéis pretos e branco-esverdeados, de modo que o inofensivo réptil pode ser comparado a um fio de contas coloridas¹⁰⁸. Conservei-a muitas vezes em álcool; porém nunca consegui fixar a bela cor vermelha. No sistema de Linneu, essa espécie de cobra foi sem dúvida descrita, com o nome de *Coluber fulvius*, segundo espécimens que perderam, no álcool, os esplêndidos matizes.

(¹⁰³) O papagaio conhecido na maior parte da costa oriental por *tiriba*, parece-me ser uma espécie ainda não descrita, que eu denominei *Psittacus cruentatus*. É do tamanho de um tordo, tem um longo rabo cuneiforme e 8 polegadas e 11 linhas de comprimento: plumagem verde: o alto e a parte posterior da cabeça são castanho-acinzentados; as bochechas e o mento verdes; entre o olho e o ouvido, pardo-avermelhado; atrás do ouvido, no lado do pescoço, u'a mancha alaranjada; face anterior do pescoço azul celeste; na barriga e *urophygium*, u'a mancha vermelho sangüínea. *Psittacus erythrogaster* do Museu de Berlim.

(¹⁰⁴) (Suplem.) A que aqui chamo "cobra coral" é uma *Elaps* e não, como anteriormente supuz, *Coluber fulvius* de Lineu (cf. Merrem, "Versuch eines Systems der Amphibien", pag. 144, e "Verhandl. der Kaiserl. Leopold. Carol. Acad.", tomo 10, pag. 105, onde eu apresento uma figura deste bellissimo réptil).

(103) = *Celeus flavescens* (Gmelin). Cf. O. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 166, com estampa.

(104) "Capintero gorro y cuello rojos" de Azara. *Phloeocastes robustus* (Lichtenstein) da atual nomenclatura. Cf. O. PINTO, op. cit., p. 188.

(105) *Cophloeus tinastus* (Linn.). As aves do Rio de Janeiro devem pertencer à raça típica desta espécie, a qual na Bala é representada por uma outra, *C. l. improcerus* Bangs & Penard, de menor tamanho. Cf. O. PINTO, Rev. Mus. Paul., XVIII, 2.ª parte., p. 59.

(106) Neste lugar descreve efetivamente Wied uma espécie nova para a ciência ornitológica. Sua descrição in-extenso aparece nas *Beiträge* (IV, pp. 183-88), depois de ter sido figurada por Temminck nas *Planches colorées* (Pl. 388). Tem habitat limitado à faixa oriental compreendida entre Rio de Janeiro e a Bala (parte sul), mas é ásas comum nos lugares onde ocorre. Na Bala chamam-na "fura-mato" e sua actual appellação científica é *Pyrrhura cruentata* (Wied).

(107) É o "pavó" (no original "pavó") da lingua vulgar, *Pyroderus scutatus* (Schaw) da litteratura ornitológica. Grande passaro frugivoro, que vive exclusivamente na floresta densa e pode ser encontrado deste do nordeste da Argentina até o sul da Bala (Cf. O. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 333). No extremo norte do continente sul-americano é substituido por formas estreitamente relacionadas.

(108) A espécie de que se occupa Wied era até então desconhecida da ciência, na qual ingressou com o nome de *Elaps corallinus*, dado pelo seu próprio descobridor. (*N. Acta Acad. Leopold. Carol.*, X, p. 108, tab. IV, 1820). Outra é a descrita por Linneu, e privativa da América Septentrional. Curioso observar que ao principe-zoólogo escapara a temibilidade de sua espécie, venenosa como todas as pertencentes ao grande género *Micrurus* Wagler (*Elaps* Schneider), em que o Brasil conta nada menos de 13 espécies, segundo a "Lista" de Afranio do Amaral (*Mem. Inst. Butantan*, IV, 1929, p. 71 e ss.) Conforme verificaram Stejneger e Barbour, *Micrurus* Wagl. (1924), cujo tipo é *M. spixii* Wagl., por monotipia, prevalece sobre *Elaps* Schneider (1801), género politípico que, embora anterior em data, só teve o tipo ulteriormente fixado por Fleming (1822), em espécie estranha ao grupo das "corais" (Cf. AMARAL, Rev. Mus. Paul., XIV, p. 7 e ss.)

À tarde, nosso hospedeiro convidou-nos a cear. Durante o repasto, as mulheres da casa, de acôrdo com o costume brasileiro, não apareceram, mas ficaram espiando, pelas frestas das portas e dos postigos, os estranhos hospedes: escravos negros dos dois sexos serviram a mesa. Como Mawe e Koster já deram cinscunstanciada descrição desse e de análogos costumes brasileiros, não preciso deter-me no assunto. Durante a refeição procurámos levar a conversação para várias questões referentes ao país; mas nosso hospedeiro, tão obsequioso sob outros aspectos, pareceu-nos incapaz ou sem vontade de dar qualquer informação a respeito.

Sendo o dia seguinte domingo, fomos cedinho à missa. Partimos após o officio divino. O calor era intenso: refrescámo-nos, por isso, em caminho, com ponche frio e excelentes laranjas, que, em muitos lugares, obtivemos gratis. Essa magnífica fruta pode ser chupada sem prejuízo para a saúde, mesmo quando se está afogado; diz-se, porém, que não é saudável de noite. Muito maior precaução é necessária com o côco e outras frutas refrescantes. Como a distância de Tiririca a Paratí é apenas de tres lagôas, avançámos através de pântanos e matas arenosas e chegámos cedo à "fazenda", que vimos à distância, num campo, e onde, dado o precedente do último hospedeiro, deveríamos encontrar acolhimento cordial. Fôra outrora um convento e possuía uma igreja nova e bastante grande, próximo da qual se erguiam varios casarões. Vimos aí, pela primeira vez, uma doença que é muito comum no sul do Brasil entre os negros e pode ser chamada de pés inchados¹⁰⁹. Estes começam por se cobrir de uma crosta dura e grossa, como na elefantíasis.

Pedimos ao proprietário para passar a noite em sua casa; mas, ao contrário dos outros lavradores brasileiros, que até então só nos mereciam elogios, deu-nos uma "varanda"¹¹⁰ miserável junto às estrebarias, cuja cobertura nos obrigava da chuva, mas que nos deixava completamente expostos ao tempo de todos os lados. Retirou-se à nossa chegada, provando, assim, que os nossos amigos de Tiririca, apresentando-o como homem hospitaleiro, tinham-lhe prestado imerecida homenagem. Mandámos pedir-lhe um pouco de arroz e de milho para os animais; mas ele negou tudo, sob o pretexto de que não tinha nem uma cousa nem outra. Mais tarde hesitou em dar-nos um pouco d'água. Depois disso, mandámos nossos camaradas explorar as vizinhanças e comprar o que precisavamos em outras "fazendas". No dia seguinte, de manhãzinha, já estava carregada a nossa "tropa" e mandámo-la à frente; nós, porém, cavalgámos até à casa do Sr. Capitão, mandando dizer-lhe que queríamos apresentar as nossas des-

(109) Afecção provavelmente do grupo dos micetomas. Estes têm como causa o desenvolvimento, dentro dos tecidos, de determinados cogumelos parasitas, cujo número, já bastante elevado, ainda cada dia cresce, com o descobrimento de novas espécies.

(110) "Varanda", termo empregado aqui no seu sentido de "alpendre" "puxado" ou "telheiro", mais legitimo do que o de sala de refeições, que veio entretanto a adquirir, atualmente, em certos meios, especialmente entre os paulistas do interior.

pedidas. Quando êle appareceu, agradecemos-lhe, com a maior polidez, a gentileza do tratamento, e acrecentámos que teríamos o cuidado de informar o Príncipe Regente, no Rio, sobre a maneira pressurosa por que tinham sido satisfeitas as amáveis intenções do Governo, manifestadas nos nossos documentos: ao que visivelmente confundido, embora risonhando de raiva, berrou: "Que tenho eu com o Príncipe Regente!"

Proseguindo a jornada, em breve alcançámos um charco rodeado de densos matagais, à beira do qual é muito comum o "quero-quero", ou pavoncinho brasileiro (*Vanellus cayennensis*)*. Essa bela ave tem aquele nome porque à vista de homens ou de outros seres estranhos começam a bradar "quero! quero!, quero!", com o que amedronta todos as outras aves. Encontra-se em todos os pastos, campos e pântanos do Brasil. E' também comum neste logar a grande andorinha de coleira branca**111.

O calor estava, agora, mais abafado do que nunca; nem a mais tenue aragem perpassava, ao passo que a areia escura e sêca refletia os raios do sol, aumentando a ardência atmosférica.

Na mata atravessada pelo nosso caminho, os caçadores mataram uma bonita espécie de "maracanã" (*Psittacus guianensis*, Linn.)¹¹²,

(*) E' esta a ave a que se refere MAWE (*Travels inter. Braz.*, pag. 80), quando diz ter matado bonitos "Lapwings", com um esporão vermelho em cada asa e muito barulhentos.

(**) A andorinha aí encontrada (*Hirundo collaris*) é uma bonita espécie nova, do tamanho do nosso *Cypselus* da Alemanha. A plumagem é negro-acastanhada, toda ella lustrada de verde; rodeando o pescoço, há um anel esbranquiçado. As penas da cauda têm o raque terminando em espinho, cujo comprimento excede a uma linha; os tarsos não são emplumados; os dedos, muito fortes e unidos, possuem unhas agudas e recurvas, próprias para trepar nas rochas. Achei essa espécie, pela primeira vez, nos rochedos próximos do Rio de Janeiro.

(Suplem.) Segundo o sistema ornitológico apresentado pelo Sr. TEMMINCK na nova edição de seu *Manuel d'Ornithologie* (prim. part. pag. XXXIX) *Hirundo collaris* é um *Cypselus*. Como ella só tem tres dedos para deante e um para traz, eu não a separei das andorinhas. *Hirundo pelagica* Linn., apresenta exactamente a mesma disposição. *H. collaris* vive nos montes rochosos do Rio de Janeiro e alhures, mesmo em regiões planas, posto que haja rochedos nas proximidades, como por exemplo nas lagoas de Maricá, Sagoarema e outras, em torno de cujas margens voeja. Em contraste com esta grande andorinha, acha-se no Rio de Janeiro uma outra espécie muito pequena, que tenho por ainda não descrita, motivo pelo qual dou a seguir, resumidamente os seus caracteres. *Hirundo minuta*: 4 polegadas e 3 linhas de comprimento, 8 polegadas e 4 linhas de envergadura; bico negro; pés bruno-escuros; dedo médio quasi duas linhas mais comprido do que os restantes; calcanhares implumes; dorso dos pés escutelado; partes superiores inteiramente pretas, lustradas de azul-ferrete; cauda levemente bifurcada e sem brilho, como também as asas; ventre, garganta e peito alvos; coberteiras inferiores da cauda e cristo bruno-pretas, ás vezes com algum brilho esverdeado; rebordo deanteiro das asas um pouco escamado de branco; juvenis com a fronte e o baixo dorso mesclados de pardacento. Nidifica abundantemente nos edificios da cidade.

(111) Trata-se de *Streptoprocne zonaris* (Shaw), uma das duas espécies, conhecidas pelas denominações vulgares de "andorinha-coleira", "tauerussú", "andorinhão", etc. Por exemplares fornecidos por Wied foi ella pouco depois (1823) representada a cores por Temminck, na Pl. 195 do seu famoso *Nouveau Recueil de Planches Colorées*, com o nome de *Hirundo collaris*. Já era todavia conhecida da ciência, através de Schaw (1796), cuja denominação por isso prevalece. No tomo III das *Beiträge*, ha informes complementares sobre a ave, dos quais o mais interessante é o que se refere à sua existência, por aquele tempo, nas pedras do aqueduto ("Arcos da Carioca") da cidade do Rio. Outro *tauerussú*, do mesmo porte e encontrado também nos estados do sul, é *Streptoprocne bicincta* Scater, com uma nódoa branca na nuca e outra no peito, em vez de collar completo. São aves da família dos Cípselidas, grupo muito diverso, com o segmento terminal da asa (mão) muito mais longo do que nas verdadeiras andorinhas (Hirundinidae), com que, não obstante, dada a semelhança de aspecto e de hábitos, passam ordinariamente confundidas pelo povo. A disposição dos dedos, a que fez Wied referência em nota suplementar, varia muito nos representantes da família, podendo ser deanteiros dois, três, ou mesmo todos quatro. *Hirundo pelagica* Linn., 1766 (= *Chaetura pelagica* (Linn., 1758) é também um Cípselida. *Hirundo minuta* Wied (descr. na nota suplem.) corresponde a *Hirundo cyanoleuca* Vieillot, 1817.

(112) E' o "Araguaí" de alguns estados do Brasil, ou *Aratinga leucophthalma* Müller dos ornitologistas.

que se encontra aí em bandos incontáveis. Chegámos, além da floresta, a um lugar onde numerosos índios de S. Pedro ocupavam-se em melhorar a estrada: era para nós um quadro novo e interessante. Depois de transpormos alguns morros, apareceu-nos subitamente a lagôa de Araruama^{*113}, que tem seis léguas de comprimento e, além disso, muito larga; comunica-se com o mar, légua e meia ao norte de Cabo Frio, e abunda em peixe. O sal é extraído, diz-se, em alguns pontos da margem. Matas e umas poucas habitações orlavam a praia oposta, e, à distância, sobre pequena elevação, erguia-se a igreja da vila de S. Pedro. Depois de cavalgarmos em volta do lago, chegámos à "venda" da vila, onde encontrei os burros descarregados, e esperei pelos caçadores, que vinham fatigados do calor e da longa viagem a pé. Chegaram logo, trazendo muitos animais interessantes, que mataram em caminho.

S. Pedro dos Índios é um aldeamento indígena ("aldeia"), que os jesuitas pareciam ter primeiramente formado com os goitacazes^{**}. Ha aqui, como era de esperar, uma bonita igreja, além de várias ruas, mas as residências são simples casebres de barro, todas elas, bem como a maior parte das habitações esparsas pelas cercanias, ocupadas por índios. Tinham estes um "capitão mor", (equivale a comandante ou alcaide de sua propria raça, mas que não possuía nenhum privilégio além do título. Afora o padre, ha poucos portugueses. Quasi todos os índios têm a estampa genuína da raça, que foi descrita mais detidamente a propósito da nossa visita a S. Lourenço; entretanto, ella é aqui ainda mais caraterística. As roupas e a linguagem eram as das classes baixas portuguezas, e somente em parte conservavam o conhecimento da lingua original. Tinham a presunção de querer passar por portuguezes e olhavam com desprezo os irmãos ainda selvagens das florestas a quem denominavam "Cabôclos" ou "Tapuias". As mulheres enrolavam os compridos cabelos negros como carvão, num coque no alto da cabeça, como as portuguezas.

As rédes, em que a família dorme, ficam penduradas nos cantos das cabanas. Encontrei, também, nessas habitações, muitas vasilhas de barro cinzento. Os homens são em geral bons caçadores e habituados ao uso da espingarda; os meninos têm ótima pontaria com os pequenos arcos feitos da madeira do "airi", chamados "bodoque"¹¹⁴. Este arco tem duas cordas separadas por duas pecinhas de madeira: no meio, as cordas se unem por intermédio de uma espécie de malha,

(*) Esta lagôa é também chamada "Iruama" ou "Aruama".

(*) A *Corografia brasílica*, tomo II, p. 45, diz o seguinte sobre a origem deste aldeamento: Neste local os tres irmãos Corrêas, Gonçalo, Manoel e Duarte, com o capitão Miguel Ayres Maldonado e muitos outros, em Abril de 1629, sob Salvador Corrêa de Sá, resolveram libertar dos Índios Goitacazes um vasto trato de terra, que lhes tinha sido dado de presente desde Agosto de 1553.

(113) Segundo THEODORO SAMPAIO (*Tupi na Geogr. Nac.*, 3.^a ed., p. 228) o nome "Iruama", citado por Wied nesta nota, era o nome primitivo da lagôa e significa "comedouro ou viveiro de lontras" (e não de araras, como sugere a actual appellação), etimologia por todos os pontos accitável.

(114) No original "Bodoc". Edição princeps da presente obra em alemão.

onde se coloca a bola de barro ("pelota") ou uma pequena pedra redonda. A corda e o projétil são esticados para trás pelo polegar e o indicador da mão direita, soltando-se depois repentinamente, para arremessar o projétil. Já o Snr. Langsdorff havia mencionado tal tipo de arco, visto por ele em Sta. Catarina; encontramo-lo em todo esse litoral, e, no Rio Doce, até os adultos o empregam contra os Botocudos, quando não têm armas de fogo. São os índios extraordinariamente destros nessa maneira de caçar, podendo abater um pequeno passaro a grande distância; e o que é mais, até borboletas pousadas nas flores, como Langsdorff relata. Azara, na sua descrição do Paraguai*, conta que naquele país eles arremessam, com tais arcos, vários projéteis ao mesmo tempo (na edição in-4to. este instrumento está representado na fig. 1 da 13.ª estampa)¹¹⁵.

Koster na sua viagem pela "capitania" de Pernambuco, descreve os índios mansos com precisão porém faz deles juízo bastante desfavorável; é possível, contudo, que estejam lá numa etapa inferior de civilização. Devo também observar que parte das acusações sobre a rudeza e o frequente mau caráter desses Índios se deve desconstar do tratamento errado e opressivo, que outrora lhes dispensaram os europeus, os quais, muitas vezes, nem reconheciam neles criaturas humanas, associando, aos apelidos de "cabóelos" ou "tapuias", a idéia de animais, criados apenas para serem maltratados e tiranizados.

Em linhas gerais, porém, deve reconhecer-se que Koster lhes descreve corretamente o caráter; porque ainda mostram invariável tendência para a vida indolente e desregrada. Gostam de bebidas fortes e detestam o trabalho, não têm firmeza em suas palavras e são poucos os exemplos, entre eles, de caracteres dignos de nota. Não que tenham inteligência apoucada; compreendem rapidamente o que lhes ensinam, sendo além disso espertos e astuciosos. Um traço notável de seu caráter é o orgulho inflexível e a forte atração pelas suas matas. Muitos deles ainda não se libertaram das velhas crenças, e os padres se queixam de que são más cristãos. A profissão eclesiástica lhes foi aberta, porém, bem poucos a abraçaram. Havia em Minas Gerais um padre índio, pertencente a uma das tribus mais selvagens. Era um homem geralmente estimado e viveu muitos anos em sua paróquia; de repente, entretanto, desapareceu; descobriu-se que jogara fora as vestes clericais e corraera, nú, ao encontro dos irmãos das selvas, entre os quais teve várias mulheres, depois de parecer, anos a fio, fervoroso crente das doutrinas que pregara. Os negros que vivem no Brasil são bastante diferentes desses índios; têm mais capacidade e perseverança para aprender todas as artes e ciências; alguns chegaram mesmo a tornar-se homens muito hábeis**.

(*) AZARA, *Voyages*, etc., vol. II, p. 67.

(**) Veja-se o 1.º volume, pag. 94 das "Beyträge zur Naturgeschichte" de Blumenbach, tanto para o que se refere à capacidade intelectual dos negros, como para o que diz respeito ao modo de vida e ao apego dos povos rudes à sua terra natal.

(115) Grafado por Wied "Baducca".

Enquanto os índios têm o suficiente para comer, não é fácil persuadi-los a trabalhar: preferem passar o tempo em dansas e bebedeiras. As dansas atualmente em voga foram tomadas aos portugueses: delas, a mais querida é o "batuque"¹¹⁵. Ao som da "viola" (guitarra), tomam os dansarinos, nú perante os outros, diversas atitudes indecorosas, batem palmas, estalam a língua*, não se esquecem do famoso "cauí"¹¹⁶, que é feito, agora, apenas de farinha de mandioca, milho ou batatas. As raízes são raspadas, cortadas em pedaços, cozidas ao fogo e depois mastigadas; tomada à bôca a massa com os dedos, a massa é posta numa vasilha, onde fermenta com adição de água, convertendo-se numa beberagem algo nutritiva e enebriante, de gosto ácido e muito semelhante ao do sôro de leite.

E' a libação favorita, que, em geral, se toma quente. O modo de vida seguido por esses índios ainda não se diferencia do dos antigos habitantes do litoral. Os portugueses adotaram muitas coisas dêle e, entre outras, a preparação da farinha de mandioca. Usam no começo duas espécies de farinha; uma grossa, chamada "uy-entam" e outra mais fina, de nome "uy-pu"¹¹⁷, e ainda hoje, embora civilizados, esses índios conhecem muito bem o nome "uy". Já naqueles primeiros tempos, preparavam o "mingau" engrossando o caldo de carne com farinha de mandioca. Os portugueses também adotaram isso. Durante as refeições, colocavam do lado uma porção de farinha de mandioca seca, e iam-na jogando em punhados para a bôca com tal agilidade, que não perdiam o mínimo grão. Esse costume ainda se observa entre os descendentes, bem como entre os lavradores portugueses¹¹⁸. Os antigos Tupinambás distinguem uma excelente espécie de mandioca, a que davam o nome de "aipi" e que assada na braza ou cosinhada em água¹¹⁹, ainda hoje é largamente usada, ora com aquele nome, ora com o de "mandioca doce"¹²⁰. Como estes, outros costumes ainda hoje sobrevivem.

Embora professem a fé cristã, muitos só vão à igreja para salvar as aparências, e assim mesmo poucas vezes; são além disso, supersti-

(*) Cf. ESCHWEGE, *Journal von Brasilien*, 1.º caderno, pag. 59.

(**) SIMÃO DE VASCONCELOS refere em suas *Notícias curiosas do Brasil*, pag. 86 e 87, todos os tipos de cauí preparados naquele tempo pelos índios do litoral; a bebida era guardada em "talhas" que denominavam "igacubas". Dele enumeram-se 32 variedades, tais como o de "acaiã", "aipi" (chamado também "cauí caracá" e cauí macachêra"), de "pacoba" ("Pacoly"), milho ("Abatüy"), ananás ("Manary"), este mais forte e que facilmente embriaga, o de batata ("Jefu"), gengipapo, beijú ou mandioca ("Tepicou"), mel de abelha selvagem, assucar ("garapa"), cajú, etc. Os últimos são os mais estimados. Veja-se também sobre o "cauí" JEAN DE LERY, p. 123.

(***) JEAN DE LERY, *Voyage*, etc., p. 116.

(****) *Ibid.* p. 118 e 119.

(*****) *Ibid.* p. 119.

(116) Para certos pontos do país, menos influenciados pela renovação dos costumes, poder-se-á, ainda hoje, renovar a interessante observação registrada por Wied. A curiosa usança presenciá-la pelo menos eu, na Bala, entre pessoas idosas, especialmente do sexo feminino.

(117) E' sabido que no norte do país a mandioca doce, chamada também "mandioca mansa", "aipim" (Bala) "macachêra" (Nordeste), ou simplesmente "mandioca" (São Paulo e sul do Brasil), é de largo uso na alimentação, como substitutivo do pão, a que certas variedades nada ficam a dever em aroma e sabor, mormente se servidas ainda quentes e condimentadas com sal e manteiga.

ciosos e cheios de credices. Koster* chegou mesmo a encontrar em Pernambuco "maracás"**, numa casa indígena; prova de que em parte ainda estão presos aos costumes dos antepassados. Contudo, à proporção que se fizeram mais civilizados, a originalidade desse povo e as últimas sobrevivências dos antigos costumes se irão desvanecendo, de modo que dêles não se encontrará futuramente nenhum vestígio e só serão conhecidos através das descrições de Hans Staden e de Lery.

Conversámos longamente com os habitantes de S. Pedro, que aproveitavam a frescura da tarde á porta de suas choupanas. O capitão mor, velho indígena desconfiado, e com êle todos os moradores do lugar, não pôde esconder a suspeita de que éramos espíões ingleses; mesmo depois de lhe termos mostrado a nossa "portaria"¹¹⁸ não ficou de todo satisfeito. Os ingleses são no Brasil muito mal-quistos; e todos os europeus do norte, com cabelos louros e pele branca, são tidos como pertencentes à sua nacionalidade.

Como as circunvizinhanças parecessem oferecer abundante material para as nossas pesquisas, permanecemos aí vários dias. Os caçadores trouxeram-nos por exemplo, alguns micos (*Simia fatuellus*, Linn. "o sauhi" cornudo)¹¹⁹ e uma preguiça de coleira negra*** espécie ainda muito pouco conhecida, que fomos encontrar, posteriormente em grande número nos distritos do sul, mas não vimos nenhuma no norte. Sendo domingo o dia seguinte, todos os habitantes das redondezas acorreram à missa. Fomos também à igreja, ante a qual se estendia uma longa aléia de palmas ressequidas, fincadas no chão, que tinham servido para um festival passado. Um tal Snr. "capitão" Carvalho, que também foi, mostrou-se muito atencioso para conosco. Possuía nas proximidades uma "roça" e em Cabo Frio não muito distante da "vila" uma casa, que nos ofereceu insistentemente para hospedagem, quando lá estivéssemos. Em S. Pedro foi êle o nosso guia e convidou-nos repetidas vezes a conhecer-lhe a casa das vizinhanças,

(*) Koster's travels, etc., p. 314.

(**) Hans Staden chama-os *Tamaracds*.

(***) A preguiça de coleira *Bradybus torquatus* Illiger) é uma espécie nova, ainda não descrita. Difere muito pouco do "af", em tamanho e forma; oôr, porém, é u'a mescla de cinzento e avermelhado; a cabeça pendre mais para o avermelhado, e é misturada de branco. Na parte superior do pescoço há uma larga mancha de pêlo comprido e negro. Essa espécie tem nos pés três dedos como o "af" e não dois, como diz Illiger no seu *Prodromus*.

(118) Wied escreve sempre textualmente "Portaria".

(119) E' quasi inextricável a confusão em que vivia a zoologia dos nossos "macacos-prego" ao tempo de Wied, reinando ainda hoje muita obscuridade no tocante à matéria. Torna-se assim impossível dizer com absoluta precisão de qual de nossos símios se ocupa aqui o autor. Não é, todavia de *Cebus fatuellus* (Linn.), espécie guianense, que no Brasil poderá ocorrer apenas na Amazônia setentrional. Todas as probabilidades falam, pelo contrário, em favor de *Cebus cirrifer* Geoffr. conhecido entre o povo por "mico de topete", opinião que tem em seu apoio a autoridade de Daniel Elliot (*Res. of the Primates*, 11, pp. 63 e 109). Não fala contra isso a circunstância de haver o autor, nas *Beiträge*, tratado *C. fatuellus* e *C. cirrifer* em títulos distintos. O macaco figurado com o nome de *C. cirrifer* nas *Abbildungen* é mais provável que pertença a *C. variegatus* Geoffr.

(120) *Bradybus torquatus* Illig. caracteriza-se de maneira inconfundível pela grande mancha preta da nuca, em contraste com a côr clara, quasi uniforme, do restante do pêlo. Ocorre no Brasil oriental, do Rio para o norte, havendo no Museu Paulista dois exemplares de Itabuna (Bala).

o que foi aceito pelo Sr. Sellow. Durante a missa observámos muitos índios bruno-escuros, com as suas fisionomias características, o que constituiu para nós, estranhos, espetáculo bastante curioso. À tarde, dansaram na casa do "capitão mor": o cauí andou em roda e eles mostraram-se extremamente alegres. O padre esteve presente, mas não parecia tratar-se com muito respeito, exceto na igreja.

A visita que o nosso companheiro botânico fez à casa do Capitão Carvalho, proporcionou-nos alguns conhecimentos sobre os interessantes espécimens das grandes florestas próximas de S. Pedro. Nelas há uma enorme abundância das melhores madeiras de lei e de plantas medicinais. O sr. Carvalho fôra acusado de exportar essas preciosas madeiras, que são propriedade da Corôa, e preso por ordem do governo; posteriormente, provada a inocência, puzeram-no em liberdade.

O páu-brasil (*Caesalpinia brasiliensis*, Linn.), tão celebrado e conhecido na Europa, é aí muito comum; também o ipê (*Bignonia*)¹²¹ de várias espécies, de grandes flôres amarelas ou brancas, motivo pelo qual uma é conhecida por "ipê-amarelo", enquanto a outra, que fornece, talvez, a madeira mais durável para construção naval, se chama "ipê-tabaco", porque do cerne, quando é partido, sai um pó esverdeado; o "pequiú", cujo fruto é às vezes comido pelo homem, e constitui alimento comum dos macacos¹²²; do mesmo modo, a "pitomba"¹²³ ó "oleo pardo" (*Laurus*)¹²⁴, e o "ipê-una" (*Bignonia*)¹²⁵, a mais dura de todas. Sendo esta elástica e ao mesmo tempo muito leve, os índios usam-na, às vezes, na confecção dos arcos. Além disso, encontram-se aí a "imbiú", a "jaquá", a "grubú", a "grumbari", e a "maçaranduba"¹²⁶ que apresenta, sob a casca, um suco leitoso, com o qual os indígenas fazem o visgo; a "grauna"¹²⁷, a "sergeira" (uma *Cassia* ou *Mimosa* de folhas caducas), árvore das mais belas e frondosas, de lenho

(121) Os verdadeiros "ipês" ou "páos-d'arco" pertencem ao gênero *Tecoma* (fam. Bignoniaceas); ha d'elles grande número de espécies, algumas ainda mal estudadas, ou pelo menos impossíveis de identificar precisamente, pela simples designação vulgar. São geralmente arvores de grande porte e lenho durissimo, que, durante a florescência se destacam no verde da mata, como gigantescos ramalhetes coloridos, de bellissimo effeito. Têm flores amarelas *T. chrysotricha* Mart., *T. orallacea* D. C., *T. pedicellata* Bur & Sch., etc.; róxas *T. impetiginosa* Mart., "ipê-tabaco" ou "ipê-assú"¹²³, segundo Löfgren, nome que mais propriamente se applica à espécie *T. pedicellata* Bur & Sch. Da mesma familia é o "ipê branco" (*Zeyhera tuberculosa* Bur.).

(122) Ha várias "piquilás" ou "piquis", tipicamente todos do gênero *Caryocar* (fam. Cariocaraceas). *C. brasiliense* Camb. é comum nos estados do norte, até São Paulo. Dos frutos de uma espécie faz-se, principalmente em Mato-Grosso, um licor do mais requintado paladar.

(123) Wied escreve "Pitoma" (fam. Sapindaceas). A pitombeira é planta hoje cultivada; produz fruto de polpa açucarada e comestivel, não obstante a toxicidade de suas sementes e de sua casca.

(124) Haverá provavelmente engano do autor ao referir às *Laumceas* o seu "Oleo pardo". Ora por esse nome, ora pelo nome de "caibredna", são conhecidas plantas do gênero *Myrcorrhupum* (fam. Leguminosae, tribu Papilionaceae), e mais particularmente a espécie *M. frondosus* Fr. All.

(125) "Ipê preto" ou "Ipê-una" são nomes também usuaes para o "ipê-róxo" (*Tecoma impetiginosa* Mart.).

(126) "Imbiú" está provavelmente por "imbaúba" (*Cecropia*); "jaquá" poderá estar por "ja-ca" (*Artocarpus integrifolia* Lin.); "grubú"?; "grumbari" ou "grumarie, segundo Melo Moraes, uma árvore (familia?) de madeira amarela, semelhante ao buxo, em estrutura; "massaranduba" (*Mimusops elata* Fr. Allem), grande arvore da familia das Sapotaceae, occorrente desde o Amazonas até São Paulo.

(127) "Baraúna", "guaraúna" ou "graúna" (*Melanoxylon brauna* Schott., Legumin., Cesalpinia), uma das nossas maiores arvores (Rio, Minas-Gerais), de cerne preto-arroxado, durissimo. "Sergeira", aparentemente indeterminavel.

bastante leve, capaz de substituir a tília e o álamo, e usada no fabrico de canoas. Af existe igualmente uma árvore chamada "Jaraticupitaya"¹²⁸, de casca aromática, usada como remédio pelos índios; o "jacarandá"¹²⁹ ou *bois de rose* (*Mimosa*), de um belo castanho escuro, madeira dura, pesada, preciosa para os ebanistas, e possuindo um ligeiro mas agradável perfume de rosas; a parte branca externa da madeira não é utilizada, mas apenas o cerne; a "cuiranna"¹³⁰ (*Cerbera* ou *Gardenia*), madeira muito leve com que se fazem pratos e colheres, e cuja casca produz um suco leitoso; a "peroba", dura e sólida madeira para construção naval, que é usada pelo govêrno e declarada propriedade real; "canela" (*Laurus*), muito aromática, cheirando a canela; "catibi" (*Mimosa*), "majole", "sepepira" "putumujú", aqui no Rio de Janeiro chamada "araribá", e outras espécies¹³¹. Da mesma maneira, af se encontram plantas medicinais em abundância: mencionarei somente algumas, como a "herva moura do sertão"^{131 bis}, que tem gosto de alho; o *Costus arabicus*, empregado nas molestias venéreas; a "ipeacacuanha preta" (*Ipeacacuanha officinalis*, Arruda, que é, sem duvida a raiz preta do *Journal von Brasilien* de Eschwege, cad. 1, com gravura); a "ipeacacuanha branca" (*Viola Ipeacacuanha*, Linn., ou *Pombalia ipeacacuanha*, Vandelli), a "buta"¹³², que dizem substituir o chá, etc¹³².

Depois de termos caçado bastante, com os índios, nas cercanias de S. Pedro, deixámo-los durante o dia e seguimos para Cabo Frio, cerca de duas léguas de distância. Um atraso causado, em caminho,

(*) (Suplem.) "Herva moura do sertão", *Canella axillaris* Nees von Esenbeck: "C. floribus axillaribus nutantibus decandris. O Prof. Nees v. Esenbeck dará uma descrição mais completa dessa planta nas publicações da Kaiserl. Leopold. Carol. Acad.

(**) Não pude achar, para determinação da familia a que pertence, nem flores nem frutos desta planta aproveitavel, que será talvez um *Convolvulus*.

(128) No mesmo caso de "sergueira" (v. nota supra).

(129) Ha enorme confusão no emprego deste nome vulgar, denominando-se "jacarandá", ora várias Leguminosas dos gêneros *Dalbergia* e *Machaerium*, ora algumas *Bignoniaceas* (gênero *Jacaranda*). As últimas são no sul mais conhecidas por "carobas" e "catobinas". O a que se refere Wied é, sem dúvida, o "jacarandá preto" (duas espécies, pelo menos, recebem este nome vulgar: *Machaerium incurvibile* Fr. Allem. e *M. legale* Benth.), famoso pelo seu emprego nas obras de marcenaria antigas.

(130) Estará por "coirana"? E' possível; mas as plantas correntemente chamadas por este nome são, quando muito, arbustos (*Cestrum*, familia *Solanaceas*) e nunca poderão ser a mencionada por Wied.

(131) "Catibi"? "majole", provavelmente por "monjolo" (*Pithecolobium*, sp.); "sepepira", ou "sucupira" (*Bowdichia virgiloides* H. B. K. e outras, da fam. *Leguminosae*, subfam. *Mimosae*), outra outóra como a melhor madeira para a construção de navios; "putumujú", "araribá" ou "araroba" (*Centrolebium robustum* Mart. e affins, fam. *Legum.*, *Papilionaceae*).

131 bis) Em vez de "herva moura" (ou "moira"), lê-se no original "Herva moeira". Trata-se de uma solanacea, de espécie difficil de precisar.

(132) *Costus arabicus* Aubl. entra na larga e confusa sinonímia das espécies indígenas do gênero *Costus* (fam. *Zingiberaceae*) vulgarmente conhecidas por *cana do brejo*, *c. do mato*, *c. da Índia*, *jacuanga* etc., alguns dos quais são nomes comuns a plantas de outras familias, com que urge evitar confusão.

"Ipeacacuanha (ou mais conumente "poaia" nos estados do sul) é nome usual de várias *Rubiaceae* de propriedades eméticas, a mais conhecida das quais é *Psychotria ipeacacuanha* M. Ar.g (= *Cephaelis ipeacacuanha* Rich.); no sul do Brasil o vulgo applica também o mesmo nome, a várias *Polygalae* de analogas propriedades (*Polygala angulata* D. C., *P. cornuta* Mart., etc.) As "abutuas" ou "butuás", constituem numeroso grupo de plantas da familia *Menispermaceae* (gêneros *Abutua*, *Cissampelos*, etc.), quasi todas famosas pelos empregos na medicina popular e official.

por um dos animais, deu-nos a oportunidade de matar uma "maracanã ave descrita com o nome de *Psittacus macavuanna*¹³³; bandos inteiros habitam essas florestas, e se abatem sobre os milhares próximos das moradas indígenas, causando, muitas vezes, grandes estragos.

Já era tarde avançada quando atravessámos a lagôa em direção á vila de Cabo Frio, e fomos recebidos pelo Capitão Carvalho em sua casa. Cabo Frio é o conhecido promontório já por mim referido; formam-no altas montanhas rochosas, frente às quais ficam algumas ilhas; numa destas, próxima da costa, dentro de uma angra ergue-se um forte. Uma enseada ("lagoa") entra pela terra firme, formando um semi-círculo, em cujas margens se assenta a cidade de Cabo Frio. Esta cidade, embora pequena e mal calçada, possui diversas casas de bonita e asseada aparência. A lingua de terra, em que está construída, é paludosa perto da "lagoa" e arenosa ao longo do mar, medrando aqui arbustos de várias espécies. Descobrimos algumas plantas novas; entre elas, duas andromedas herbáceas*, uma de flores amarelo-pálida e outra de flores róseas. Toda a região circunjacente é cortada de lagos e pântanos, e por isso dizem ser sujeita a febres; entretanto, os habitantes afirmam que os fortes ventos do mar purificam grandemente a atmosfera.

Os habitantes do lugar vivem da exportação de certos produtos, como a "farinha" e o açúcar. Elles são objectos de um comércio com a costa, feito por alguma "lanchas". Essa região, bem como a próxima do Rio de Janeiro, era outrora ocupada pelas poderosas tribus dos Tupinambás e dos Tamoios, que, no tempo de Lery, estavam aliadas aos franceses contra os portugueses. Salema atacou-as em 1572, em Cabo Frio, e infligiu-lhes memorável derrota, após a qual se retiraram para o interior. Em consequência, os portugueses se instalaram no lugar. Na última metade do século XVII, um pequeno número d'elles vivia aí, fundada que tinha sido a aldeia de S. Pedro. Segundo a *History of Brazil* de Southey, havia perto um forte, sem guarnição.

Convidados por um Capitão, que reside em S. Pedro, a visitar o seu engenho de açúcar, embarcámos na manhã de um domingo em companhia do sr. Carvalho e de um padre. Como de costume, "esteiras" de palha forravam o fundo das canoas para nos sentarmos. Os Tupinambás e outras tribus aborígenes usavam embarcações desse tipo, que os portugueses depois adotaram. São feitas de um único tronco de árvore, e extremamente leves; os índios manejam-nas com admirável destreza. Variam muito de tamanho: umas são tão estre-

(*) O professor Schrader de Göttingen, a cuja bondade devo a maior parte das determinações de plantas citadas neste livro reconheceu, como novas essas duas plantas, e pertencentes a espécies até agora não descritas, daquelle género.

(Suplem.) Sobre estas duas novas espécies de *Andromeda* veja-se a notícia dada pelo Prof. Schrader no fasc. 72 dos "Anzeigen de Göttingen."

(133) Como já ficou dito, a espécie aqui referida por esse nome é *Ara maracana* Vieillot, cabendo a uma ave guianense o nome que Wied lhe supôz.

tas, que quem vai dentro precisa muito cuidado ao mexer-se, para não virá-las; outras, ao contrário, são de troncos de tamanha grossura, que oferecem segurança mesmo no mar, desde que não muito agitado. O canoeiro encarregado da direção em pé fica tão firme, que não causa o menor desequilíbrio. Os remos têm uma pá oblonga na extremidade e são manejados, a mão livre, nas canoas pequenas, bastando dois remadores hábeis para impulsional-as com extraordinária rapidez.

A lagôa era pouco profunda, e tão transparente, que podíamos ver nitidamente a areia branca do fundo, com a sua vegetação coralina; em alguns pontos, chegámos mesmo a encalhar. Nas "lagoas" abundam gaivotas, andorinhas do mar, garças brancas e maçaricos. Duas espécies de corvos marinhos são, também, bastante comuns aí: uma é o mergulhão pardo-acinzentado^{*134} e a outra uma assás parecida com o corvo marinho europeu^{**135}; ambas pescam nessas águas e chegam bem próximo das casas da cidade.

A "fazenda" do capitão, cercada pelas cabanas dos negros, fica aprazivelmente situada numa colina. Vêm-se em tórno montanhas cobertas de mata e encostas silvestres, formando amavel contraste com os canaviais verde-claros. À esquerda, numerosas manchas água e graciosas moradas alegravam a paisagem, emoldurada, nos últimos planos pelas montanhas azues.

Percorremos o engenho, que nos pareceu bem instalado. Para engrossar e purificar o caldo da cana, com que se faz a aguardente, junta-se-lhe forte lixívia. Obtem-se esta jogando água quente sobre

(*) E' talvez o "Petit Fou de Cayenne". BUFFON., pl. 973. (*Pelecanus parvus*).

(Suplem.) Apesar de certos pontos de divergencia com a descrição de Buffon, considero ser esse o "Petit Fou de Cayenne", figurado na Pl. enlum. n.º 973. As principais discordancias entre a descrição de Buffon e a ave brasileira por mim observada estão no tamanho e na coloração. Buffon dá para o comprimento de sua ave apenas 1½ pé, ou sejam 18 polegadas, ao passo que a por mim observada mede de comprimento 28 polegadas; além disso, esta ultima não é preta, mas sim brun-acinzentada. A divergencia no tamanho facilmente se explicaria na hipótese de ter Buffon tomado as suas medidas n'uma ave empalhada ou numa pele, ao mesmo tempo que a diferença de cor entre ambas não é bastante grande para separar uma de outra. Esta ave vive principalmente na parte sul da baía do Rio de Janeiro, vendo-se à tardinha voltarem do mar os seus bandos, dispostos em forma de angulo, tal como fazem os grou e gansos selvagens, e avançando céleres, quasi rastejantes à superficie.

(**) (Suplem.) Este corvo marinho, sem duvida o mesmo representado por BUFFON na Pl. enl. N.º 974, tem grande semelhança com o nosso *Carbo graculus* em plumagem juvenil, razão pela qual o Sr. TEMMINCK, na nova edição de seu *Manuel d'Ornithologie* os considerará uma mesma espécie. Restará todavia explicar ainda algumas pequenas divergencias descriptivas. A ave europeia consta ter a iris pardo-acinzentada, ao passo que na brasileira ella é, nos individuos edosos, de um lino do azul; dá-se aquella de 23 a 24 polegadas de comprimento, enquanto que a maior das ultimas que pude medir tinha 26 polegadas e 8 linhas. Nunca vi mudanças na plumagem da ave brasileira. Essas divergencias fazem-me pensar que a especie sul-americana deve ser separada da nossa.

(134) Era de todo procedente a suposição, largamente discutida pelo autor em nota suplementar, de ser o mergulhão de nossas costas, mais vulgarmente conhecido por "atobá", o "Petit Fou de Cayenne" de Buffon e Daubenton. Seu primeiro batismo científico foi dado por Boddaert (1783), quando ao criar denominações para as aves figuradas por Daubenton nas suas celebres "Planches Enluminées", deu-lhe o nome de *Pelecanus leucogaster* (Pl. 973), hoje mudado em *Sula leucogaster* em nosso littoral sul-atlântico, inclusive nas baías de Guanabara e de Santos. Cf. LUDERWALD e PINTO da FONSECA, Rev. Mus. Paul., XIII, p. 471 (1923).

(135) Refere-se Wied à ave comumente conhecida por "biguá", nome transportado para a nomenclatura técnica por Vieillot que, conhecendo-o através da descrição de Azara, propôs chamá-lo *Hydrocorax vigua*. Hoje accorda-se em ver o biguá na ave a que Humboldt, em 1805, deu o nome de *Pelecanus olivaceus*, hoje convertido em *Phalacrocorax olivaceus olivaceus* (Humb.), feitas as necessárias retificações.

as cinzas de uma espécie de *Polygonum*, denominada "cataya" na língua aborígine, mas entre os portugueses conhecida por "herva de bicho"¹³⁶. Essa planta tem sabor muito amargo e apimentado, e é usada em diversas doenças*. A maior parte das "fazendas" tem igreja, ou um grande aposento arranjado de modo que nelle se possa dizer missa, aos sábados e domingos. Os viajantes devem assistir às missas; porque, si assim o fizerem, lograrão muito melhor conceito por parte dos moradores. Sempre nos trataram com gentileza e atenção quando respeitámos esse costume, mostrando manifesta frieza e aversão, quando não fomos à igreja.

Depois da missa, voltámos com o proprietário para a cidade, onde vimos o que é uma raridade nessa parte do país, isto é, o genuíno coqueiro (*Cocos nucifera*, Linn.). Essa bela árvore é muito comum para o norte, como observáramos no decorrer da viagem; porém é bastante rara nas regiões do sul. Chama-se, na costa oriental, "côco da Baía".

Na "fazenda" das proximidades de Cabo Frio, havia segundo me afirmaram, duas tamareiras (*Phoenix dactylifera*, Linn.) que deram frutos; uma, entretanto, fôra derrubada, e a outra deixara de dar¹³⁷.

Começámos a caçar e a fazer excursões por todos os lados, e tomámos, com êsse intuito, os serviços de dois novos caçadores, práticos da região, um de nome João, outro Inácio. Em breve conseguiram para nós vários animais, especialmente macacos berradores ou "guaribas", provavelmente da espécie descrita com o nome de *Stentor*, ou *Myceles ursinus*, e cuja voz poderosa se ouve frequentemente nessas florestas. Caracteriza-se pelo grande órgão vocal, que Humboldt, servindo-se de uma outra especie do mesmo genero figurou na 4.ª prancha de suas "*Beobachtungen aus der Zoologie*".

Em virtude da densa barba do macho, o "guariba" é conhecido, nessa costa, por "barbado"; em São Paulo chamam-no "bugio"¹³⁸. Além desses macacos, obtivemos também dos que tem dois topetes no alto da cabeça (*Simia fatuellus*, Linn.) e o pequeno "sahui" vermelho (*Simia Rosalia*, Linn.), que não são raros nesta zona, mas que desapparecem mais para o norte¹³⁹.

(*) Diz-se que, no Rio S. Francisco, essa planta é usada com vantagem na moléstia chamada "6 largo". Consiste esta, de accordo com o médico húngaro que ali residia e descrevera as moléstias locais, numa dilatação do recto causada pelo exgotamento. Neste caso, a planta é fervida em água; deixa-se o decocto esfriar e depois se applica em clisteres, como também em banhos.

(136) O infuso de "cataya", "cataya" ou "herva de bicho" (*Polygonum anti-haemorrhoidale* Mart.), sob a forma de tisana ou de clisteres, além do seu emprego na refinação do açúcar, gosou efetivamente da reputação de heroico medicamento durante algumas epidemias que assolaram o Brasil nos séculos XVIII e XIX. A doença a que refere Wied em nota era também denominada "macúlo", "doença do bicho", etc.. Grassou outrora epidemicamente em muitos pontos do Brasil, occupando lugar destacado na patologia indígena, conforme se depreende da referência que invariavelmente lhe fizeram os velhos autores. Sobre o assunto consulte-se a substancial síntese elaborada pelo douto prof. Fernando São Paulo em seu magnifico livro "Linguagem Médica Popular do Brasil" (Rio, 1936, vol. II, p. 48).

(137) É sabido que a tamareira, como algumas outras palmeáceas, é dioica, não podendo, consequentemente, fructificar quando não haja em próxima vizinhança plantas de sexualidade diferente.

(138) Cf. nota 1 da pag. 43. O "bugio ruivo" (*Alouatta ursina* (Humb.)) tem larga distribuição, occorrendo não só em toda floresta este-brasileira, do Rio à Baía, como ainda na Amazônia, Wied descreve-o à pag. 48 do II vol. das "eBtraege" e figura-o também em boa estampa nas "Abbildungen".

(139) Sobre o "mico de topete" já houve referencia página antes (cf. nota 2, pag. 54). O "sahui vermelho" ou "mico-leão" (*Leontideus rosalia* (Linn.)) ocorre também na alta Amazônia.

Na beira das lagoas e paúes, principalmente perto dos mangues (*Rhizophora*, *Conocarpus* e *Avicennia*)¹⁴⁰, descobrimos grande número de buracos cavados na terra; servem de refúgio a caranguejos chamados "guayamú"¹⁴¹; não se devem confundir com outra espécie, encontrada na areia da praia, conhecida por "ciri"; ambas as espécies foram mencionadas por Maregraf. O "guayamú" é maior do que o "ciri"; cór de ardósia suja, tendendo um pouco para o plúmbeo, e sem manchas¹⁴². É difícil de caçar, porque, ao menor ruído, se esconde na toca. Adotei, por isso, para o apanhar, o chumbo de caça. Constitue um alimento básico entre os brasileiros, cuja indolência é muitas vezes tão grande, que tornando-se o peixe escasso, vivem apenas do "guayamú", regime que achámos miserável. Vimos frequentemente na areia, entre as moitas, duas espécies de lagarto; a maior delas, *Lacerta Ameiva* de Daudin, tem o dorso verde e os flancos manchados¹⁴³. Também obtive, aí, a pele de uma gigantesca serpente, a *Boa constrictor*¹⁴⁴. Daudin, erradamente, indica a África como o único lugar nativo desse réptil; quando é a mais comum das espécies brasileiras do género *Boa*. A maior parte dos representantes do referido género são conhecidos, na costa oriental, pelo nome de "gibóia".

Prometeu-nos o capitão Carvalho mandar, para o Rio de Janeiro, grande coleção já feita por nós, e que crescera consideravelmente em Cabo Frio, principalmente em aves aquáticas e ribeirinhas. Cedo,

(*) (Suplem.) E' esta a *Lacerta litterata* dos modernos naturalistas. Foi dada uma descrição dela pelo Dr. Kuhl, em sua *Beiträge zur Zoologie* (p. 116). Raramente encontro variações no colorido do animal brasileiro, de que se ocupa o referido autor na página 88 do citado trabalho. Os indivíduos novos têm às vezes a parte anterior do dorso pontada de escuro, ao passo que os mais idosos têm-na em geral imaculada e uma bela cór verde-clara; os lados do pescoço são marcados com duas ou tres riscas longitudinais pardo-escuras; os flancos são verdes e enfeitados de cada lado do ventre com series perpendiculares de manchas arredondadas amarelas, rodeadas de preto. As figuras das estampas 90 e 88 de Seba, citadas por Kuhl, si é que pertencem a esse animal, estão muito mal feitas. Sloane parece ter representado o nosso lagarto na Tab. 273, fig. 3.

(140) Nos mangues vivem plantas de várias famílias diferentes, a que á estreita adaptação ao mesmo habitat dá configuração e disposições fisiologicas análogas. Fazem parte desta associação vegetal, entre outros, o "mangue vermelho" (*Rhizophora mangle* Linn., fam. Rhizophoraceae), o "mangue branco" (*Laguncularia racemosa* Gaertn., fam. Combretaceae) e o "mangue amarelo", às vezes chamado também "m. branco", "siriba" ou "siriba" (várias espécies do género *Avicennia*, fam. Verbenaceae). Os do género *Conocarpus* (fam. Combretaceae) são de habitat tropical e parecem estranhos aos estados meridionais. Vide a respeito o estudo de H. LUDERWALD na Rev. Museu Paulista, XI, 309.

(141) *Cardiema guianum* Latr. O "guayamú" é muito comum nos fundos das bacias e nos estuários lodosos dos rios, onde não de raro cava as suas tocas em terra firme e a apreciável distância do limite atingido pelas altas marés.

No mangue propriamente dito é substituído pelo "caranguejo", (*Oedipheura cordata* (Linn.), ordinariamente muito mais procurado hoje pelos praleiros, como recurso alimentar.

(142) Os "siris", crustáceos de configuração e aspecto muito diverso dos acima referidos, pertencem a várias espécies, bem distintas. O "siri de mangue" ou "siri-assá" (*Callinectes exasperatus* Gest.) tem hábitos análogos aos do caranguejo e é por igual muito procurado pelos marisqueiros. Outra espécie bastante apreciada é o "siri branco" (*Callinectes danae* Smith) peculiar aos fundos arenosos e limpos. O "caxangá" ou "puá" (*Callinectes sapidus* Rathb.) frequenta os mesmos sítios que o precedente, mas é tido em pouco apreço.

Siris e caranguejos são seguros ou fígados diretamente pelo pescador, enquanto que os guayamús, muito mais difíceis de capturar, como refere Wied, são caçados em armadilhas, ditas ratoeiras.

(143) *Ameiva ameiva* (Linn.), lagarto verde, fissilingue, herbívoro, conhecido ordinariamente por "calango" ou "calangro". Existe, representado por duas variedades muito pouco diferenciadas, desde o Amazonas até os estados do sul, onde frequenta os terrenos secos cobertos de capoeira rala.

(144) *Constrictor constrictor* (Linn.) na nomenclatura atual.

porém, tivemos razões para desconfiar das importunas amabilidades desse homem ; vimos que elle agia por extremo egoísmo, que chegou ao ponto de levar-nos a dar-lhe um atestado dos importantes serviços por elle prestados. Fomos igualmente infelizes nas nossas relações com o farmacêutico, personagem que, a principio, parecia tomar grande interesse pelas nossas actividades, e a quem, por isso, ensinámos alguma coisa. Logo verificámos, no entanto, que não tinha intelligência das mais claras ; e, embora no começo lhe deplorassemos apenas a debilidade, fomos por fim obrigados a tratá-lo de maneira mais severa, quando elle começou a prejudicar-nos com intrigas na vila ; motivo por que, como soubemos mais tarde, a polícia o puniu com alguns dias de prisão.



Cabana de pescadores, no rio Bragança.

VIAGEM DE CABO FRIO A VILA DE SÃO SALVADOR DOS CAMPOS DOS GOAITACASES

Campos Novos. — Rio e Vila de S. João. — Rio das Ostras. — Fazenda de Tapebuçú. — Rio e Vila de Macaé. — Paulista. — Curral de Batuba. — Barra do Furado. — Rio Bragança. — Abadia de S. Bento. — Vila de S. Salvador, à margem do Paratiba.

A 7 de Setembro, atravessámos com a bagagem a "lagôa", próximo à "vila" e reunimos os burros, que, durante a nossa estadia, foram pastar numa solitária "fazenda" da outra margem. A 8, acompanhados pelo sr. Carvalho, deixámos os arredores de Cabo Frio e avançámos vagarosamente pela beira da lagôa, quando, porém, a estrada enveredou pela mata, alguns dos animais fugiram. Fomos, por isso, obrigados a varejar a floresta em todas as direções, e só depois de um trabalho insano conseguimos captura-los. Logo após, ao passarmos num valado, a "tropa", que ficara muito bravia com o longo estágio na boa pastagem de Cabo Frio, ocasionou-nos dissabor ainda mais serio. Cavalgava devagar, diante da tropa, por esse valo, quando ouvi, subitamente, atrás de mim, os burros todos em disparada, com as grandes caixas de madeira que carregavam. A besta que eu montava disparou também imediatamente e com tal fúria que não houve possibilidade de refreá-la. Puxei-o para um lado, afim de que os caixões, levados pelos animais em disparada, não me quebrassem as pernas e os joelhos, vendo no mesmo momento, toda a tropa dispersar-se pela floresta; quatro ou cinco dêles jogaram fora a carga, arrancaram e arrebentaram os arreios. Parámos ofegantes e cansados, sem sabermos precisar a causa real dessa catástrofe tragicômica. Batemos, após, a floresta vizinha em todas as direções, e só passado muito tempo conseguimos, por fim, reunir os animais dispersos, graças ao auxilio dos nossos hábeis "tropeiros" alguns portugueses, que caçavam veados nessa mata, e procuravam um cão perdido, puzeram-nos na boa pista. O veado dessa zona é de duas espécies diferentes, que Azara descreveu com os nomes de "guazupita" e "guazubira" e que Mawe* chama erroneamente de *Fallow-Deer*¹⁴⁵. Koster diz mesmo,

(*) J. Mawe's travels, etc. p. 80.

(145) Nome inglês do "gamo." (*Cervus dama* Linn.) espécie primitiva à metade ocidental do Velho Mundo.

a respeito de uma dessas espécies de veado, que matara um antílope*, embora se saiba que animais desta última espécie não se encontram no Novo Continente**. Ao todo, há, no Brasil, quatro espécies de veados, que Azara descreveu em primeiro lugar; e parecem espalhar-se por grande parte da América do Sul. A mais comum é o "veado mateiro" dos portugueses, "veado vermelho", ou "guazupita", de que existe uma ótima descrição do autor acima¹⁴⁶ referido. Esse animal se encontra em todas as florestas e matagais, e é frequentemente comido, si bem que a carne seja seca e dura.

Depois de termos acomodado a nossa "tropa" tão bem quanto possível, continuámos a viagem através de florestas de árvores altas e esguias, entremeadas constantemente de trechos escampados, recordados de charcos e brejos, onde viviam grandes quantidades de garças, patos, maçaricos e outras espécies análogas. Por toda a parte ouvia-se o grito do "quero-quero"¹⁴⁷, e na mata ecoava frequentemente a voz alta e estridente da "araponga". Várias espécies arbustiformes de *Eugenia* estavam carregadas dos frutos negros, maduros e muito gostosos, do tamanho mais ou menos de pequenas cerejas¹⁴⁸. Cavalgámos por florestas magestosas de árvores de casca esbranquiçada ou avermelhada, que despertam admiração pelo seu porte altaneiro e erecto, enquanto em plano subjacente, mimosas e justicias floridas, espalhavam delicioso perfume. Descobrimos aí grandes ninhos de termitas, de oito ou dez pés de altura, o que é prova bastante de sua idade. Os cargueiros causaram-nos mais um contratempo, atolando-se, por diversas vezes, em lamaçais: fomos também atormentados pela picada de vespas venenosas, chamadas "marimbondos"¹⁴⁹. A ferroada produz uma inchação e ao mesmo tempo dor intensa, embora fugaz. A linda *Bougainvillea brasiliensis*¹⁴⁹ adornava-se de flores vermelhas, e bignônias, cobertas de uma profusão de grandes flores douradas, enfeitavam os cumes sombrios das árvores soberanas.

(*) KOSTER's travels etc. p. 136.

(**) (Suplem.) A não existência de antílopes no Novo Mundo tem sido ultimamente contestada pelos Srs. Leach e Blainville; apesar disso, não deveremos abandonar a opinião até aqui geralmente aceita, até que venha ser definitivamente provada de um verdadeiro antílope na América.

(***) MAWE pag. 134, chama-as, erradamente, *Mirabande*.

(146) Os nossos veados foram estudados em conjunto por Miranda Ribeiro (*Rev. Mus. Paul.*, XI, p. 208 e ss.), que não reconheceu sete espécies. As referidas por Wied são o "veado mateiro" (*Mazama americana* (Erzl.), chamado também "guatapará", "guacú-pita", "suacú-tê", etc., e o "veado catiguero" (*Mazama simplicicornis* (Illiger), conhecido ainda por "virá", "birá", "virote", etc. Ambos têm vasta dispersão em toda porção cisandina da América do Sul, equatorial e temperada.

(147) Cf. nota (3) á pag. 39.

(148) Refere-se certamente o autor às "Jaboticabeiras" (*Myrciaria cauliflora* Berg e outras), mirtáceas muito encontradas nas matas do Brasil meridional e oriental.

(149) No original aparece *Bugivillaea*, por lapso evidente. Já houve menção anteriormente a estas belas árvores.

As espécies aqui denominadas por Wied *Ciconia americana* e *Tantalus locustator*, passaram a chamar-se, à luz da crítica moderna, *Jabiru mycteria* (Licht.) e *Mycteria americana* (Lin.), respectivamente; o primeiro é geralmente conhecido por "jaburú", o outro por "jaburú-moleque", "passarão". "cabeça seca" etc.. A garça branca "schnee-weissen Egretten" de que fala o autor, tanto pode ser a grande, *Casmerodius albus egretta* (Gmel.), como a menor, *Leucophox thula thula* (Molina).

Vimos, num vasto campo pantanoso, o "jabirú" (*Ciconia americana*, ou *Tantalus loculator*, Linn.)* e garças de várias espécies, sobretudo a nívea garcinha branca, andando garbosamente**150. O gado, aí, entra pela água e come as ervas que crescem nos charcos. Uma grande cobra, de seis ou oito pés de comprimento, a "cipó" verde (*Coluber bicarinatus*)¹⁵⁰ passou por nós, no alto capinzal, com a rapidez de uma flecha; e um bando de "maracanãs" (*Psittacus Macavuanus*, Linn.) pousou nas moitas da orla do campo. Um cavaleiro, com quem cruzámos, deu-nos a boa notícia de que os caçadores, que mandáramos na frente, já tinham reunido uma porção de belos passaros. Enveredámos ainda mais pela floresta, e refrigerámo-nos com laranjas silvestres ("laranja da terra")*** que são insípidas****. Suas flores exalam um aroma delicioso, atraindo grande número de beija-flores. Deixando a floresta, entrámos num campo aberto, onde, numa suave eminência, ficava a grande "fazenda" de Campos Novos, ou antes, "Fazenda do Rei". Perto da casa do proprietário, um capitão, os casebres dos negros se dispõem num quadrado e formam uma aldeiola. Essa "fazenda", ou ao menos a igreja nela existente, foi construída pelos jesuítas.

Porque tivéssemos de esperar por um animal que ficara atrás, passámos aí vários dias, empregando-os em excursões pelas adjacências. Um caçador italiano, filho de Nápoles, apareceu-nos na "venda" e mostrou-nos a pele de um macaco, que vive em certa zona das grandes florestas e é conhecido, entre os habitantes, por "mono". Procurámos esse animal por muito tempo, mas em vão; posteriormente, porém, fomos mais bem sucedidos, e eu descobri tratar-se de uma espécie do gênero *Ateles******: é o maior macaco da região que atravessávamos¹⁵¹; os caçadores usam-lhe a pele para proteger da chuva o gatilho da espingarda.

(*) (Suplem.) Isso significa que ambas as aves são confundidas no Brasil sob o nome de "jabirú".

(**) (Suplem.) Vivem no Brasil duas garças inteiramente alvas, a pequena e a grande. Azara chama àquela "petit heron blanc à manteau" (vol. IV, p. 200) e a esta "grand heron blanc à manteau" (p. 201). A primeira é muito parecida com a "garçeta" européia, embora diferente, a última é a *Ardea leucos* do Museu de Berlim.

(***) (Suplem.) A presença de "laranjas da terra" nessa mata era meramente causal, e decorria do fato de ter sido o lugar sede de uma "fazenda", cujas ruínas ainda em parte se podiam ver.

(****) As laranjas, para serem boas, devem ser enzertadas, mesmo no Brasil; si crescem selvaticamente, o fruto perde a doçura e até se torna amargo.

(*****). *Ateles hyopanthus*, de membros compridos e uma cauda longa e grossa; pelo cinzento-amarelado; raias da cauda, muitas vezes, vermelho-amarelado; cara cor de carne, com manchas e pontos escuros; comprimento total, da ponta do nariz à extremidade da cauda, 46 polegadas e 8 linhas. O polegar da mão ou pé dianteiro é, apenas, um pequeno rudimento: o que distingue essa espécie da *arachnoides* do sr. Geoffroy, na qual os polegares são completamente ausentes.

(150) A determinação é inexacta. Trata-se no caso evidentemente de uma das várias espécies do gênero *Philedryas* Wagler (= *Chlorosoma* Wagler), talvez *Phl. schottii* (Licht.).

(151) O "mono" (*Brachyteles arachnoides* (Geoffr.)), conhecido também vulgarmente por "miriqui" ou "buriqui", ocorre ainda com relativa frequência nas grandes matas de leste, onde é o gigante dos macacos; colecionei-o, pelo menos, nas matas do Rio Gongogoy este Bala, anos atrás. O polegar, de que em regra não ha nenhum vestigio, em certos espécimens pode apresentar-se sob forma rudimentar, facto que, individualmente interpretado, fizera, a principio, considerar a esta espécie diversa, sob a denominação de *Ateles hyopanthus* Kuhl. Wied descreve-o minuciosamente às páginas 32-45 do vol. II das *Beiträge*.

As matas próximas de Campos Novos, embora só a uma certa distância da "fazenda", estavam cheias desses animais. Os caçadores tinham matado vários "guaribas" ou "barbados"¹⁵². Falando destes singulares animais, o viajante inglês que por aqui andara tempos atrás e que não parece grande zoólogo, diz, comicamente: "Descubram-nos como grandes macacos barbados, que, dormindo, roncam tão alto a ponto de assustar o viandante"^{*}. Nos pântanos vizinhos, descobrimos os bonitos ovos rosados do caracol que Mawe figurou com o nome de *Helix ampullacea*^{**}, suspensos, em cachos, aos junços e às gramineas. Esse caracol é muito comum em todos os charcos secos do Brasil. A concha é de um pardo-oliváceo escuro. Em todas as florestas até então atravessadas, encontramos também, muito frequentemente, o grande caracol da terra, que Mawe apresentou como variedade da *Helix ovalis*. Tem uma pálida cor amarelo-alaranjada; a concha, porém, é geralmente de um leve amarelo-acastanhado. Vimos aí, nas frondes das árvores, casas de uma espécie de vespa (*Pelopaeus lunatus*, Fabr. S. Piez. p. 203), feitas de terra e do tamanho e forma de uma pera. Quebrando-as, vêm-se cinco, seis ou sete larvas, ou insetos adultos, espalhados na massa. Essa espécie tem estreita afinidade com a que descreve Azara^{***} si não é a mesma. Prende pequenas casas de barro às paredes das casas e dos quartos, como se pode ver na maioria das construções da costa oriental do Brasil. Considero-a idêntica à espécie que constrói as casas nas árvores.

À nossa partida, a paisagem, em frente era muito aprazível. Pequenas eminências, cobertas de mata, cercavam a planície verdejante: moitas de um raro e lindo verde vivo lembravam-nos as cores da nossa primavera da Europa. Consistiam de uma variedade de *Gardenia*, aí chamada "cuiçana", que é uma espécie provavelmente não descrita até agora, e que cresce até formar uma árvore, cuja madeira é usada para vários fins. Devido à considerável distância do mar, as florestas abundam em macacos e caça variada.

A soberba e imponente floresta primitiva "mato virgem", que se estende, quasi sem interrupção, de Campos Novos ao rio S. João, numa distância de quatro léguas, e em cujos frescos e umbrosos recessos penetramos, merece mencionar-se aqui. Cêdo atingimos um lugar pantanoso e pitoresco, cercado de coqueiros novos e touceiras de heliconias. Formam estes a mataria baixa, acima da qual se altanam, imponentes, frondosas e sombrias, as grandes árvores. Eram comuns os "surucuás" (*Trogon viridis*, Linn.) de cor verde, azul e amarela, cantando nos galhos sob a espessura das folhagens¹⁵³. Imitámo-lhes o canto e em pouco matámos vários machos e fêmeas. E' uma das aves mais frequentes nesses lugares. A floresta prosseguiu cada vez

(*) J. MAWE'S Travels, etc., p. 133.

(**) (Suplem.) O caracol representado por Mawe deve ser considerado variedade de *Helix ampullacea*.

(***) AZARA, Voyages, etc., vol. I, p. 173.

(152) Cf. nota 138.

(153) Cf. nota 101.

mais exuberante, e novas e magníficas flores não regatearam trabalho ao nosso botânico. Vimos "cipós" entrelaçados da maneira mais singular; notadamente lindas *Banisteria*¹⁵⁴ a maior parte de flores amarelas; troncos de formas curiosas; sucessivos coqueirais, magníficos e impressionantes, ornamentos das florestas de que nenhuma descrição consegue dar uma idéa justa. Sobre nós, entre as ramagens, viam-se as belas flores das bromélias. Vozes inéditas de pássaros excitaram-nos o interesse, ao passo que a branca *Procnias* ("araponga") era particularmente comum.

O percurso pelo solo arenoso era fatigante, mas o cenário esplêndido da floresta pagava-nos generosamente as canseiras. Descobri, no tronco oblíquo de uma árvore, uma cobra côr de chumbo, de seis ou sete pés de comprimento, que descreverei com o nome de *Coluber plumbeus*¹⁵⁵. Deixou-nos passar a todos sem se mover.

Mandei que um dos meus caçadores a matasse, mas só com grande dificuldade conseguimos convencer o negro, carregador das plantas colecionadas, a transportar esse grande réptil, inteiramente inofensivo, que amarrámos com um pano à extremidade de uma vara comprida, apoiada ao ombro. Após ter vencido bom percurso, o negro sentiu um leve movimento da carga, e ficou tão apavorado, que a atirou fora e fugiu. Um pouco além, encontramos os caçadores, que mandáramos na frente, sentados ao pé de uma velha árvore. Tinham caçado algumas belas aves: vários tucanos, arassarís (*Rhamphastos Aracari*, Linn.), surucuás (*Trogon*), e o pequeno sauí vermelho (*Simia Rosalia*, Linn.).

À tarde, chegámos ao rio S. João, que deságua no mar, perto da vila aí existente. Tem trezentos a quatrocentos passos de largura, e é atravessado em canoas: os animais o vadearam mais acima. Desembarcámos na outra margem, na Vila da Barra de S. João, lugar pequeno com algumas ruas e construções sofríveis, segundo a moda do país. Tem uma igreja, obra dos jesuítas, isolada num rochedo da praia. Barra de S. João é um desses lugares onde se examinam os viajantes e as mercadorias provenientes de Minas Gerais, por causa do contrabando de pedras preciosas para o exterior. No rio, até certo ponto navegável, havia cinco ou seis brigues ancorados. Um ferreiro inglês, aí estabelecido, contou-nos que navios ingleses já aportaram àquele

(*) O comprimento desse animal era de 6 pés, 1 polegada e 4 linhas; tinha 224 divisões no ventre, e 79 pares de escamas na cauda. As partes superiores eram côr de chumbo escuro; as inferiores, de um bonito branco-amarelado, brilhante como porcelana.

(154) Gênero de Malpighiaceae trepadeiras, a que pertence, por exemplo, o "caapi" ou "timbó branco" do Amazonas.

(155) Essa cobra, de que o Príncipe informa alhures (*Beiträge*, I, p. 317) não haver encontrado mais do que o exemplar acima referido, outra não é senão a vulgarmente conhecida por "cobra preta", "boirú", "limpa mato", ou, mais comumente, "mussurana". A espécie, aliás já descrita antes de Wied por Daudin (*Hist. Nat. Rept.*, VI, p. 330, pl. LXXVIII, 1803), com o nome de *Coluber cloelia*, tornou-se hoje muito conhecida, graças ao notável regime alimentar, constituído quasi exclusivamente de outras cobras, a maior parte das vezes peçonhentas, circunstância que a torna eminentemente útil na luta contra estas últimas. *Oxyrhophus cloelia* (Daudin), tal como é tecnicamente conhecida atualmente, ocorre de modo geral em todo o Brasil, e em vários países limítrofes. A respeito consulte-se o belo capítulo a ela consagrado por Vital Brasil em seu bem conhecido livro *La Défense contre l'Ophidiisme* (2.^a edic. São Paulo, 1914).

lugar solitário, e que, por isso, ia pedir o emprêgo de vice-consul. Deilhe para consertar uma porção de espingardas de caça, tendo-se o consul em expectativa desobrigado a nosso inteiro contento. Os naturalistas em trânsito, no Brasil, sentem muito a falta de bons armeiros para o reparo das armas de fogo; porque é muito raro encontrar-se quem possa fazer mesmo o trabalho mais simples nesse gênero. Cultivam perto de S. João, grandes quantidades de arroz e mandioca; e dizem que os terrenos são muito férteis sobretudo rio acima; até a areia, quando bem irrigada, produz com abundancia.

Da língua de terra arenosa entre o rio e o mar, onde se ergue a vila, seguimos o litoral para o norte. Encontrámos frequentemente, numa planura cheia de arbustos de várias espécies, entre os quais certa *Amaryllis* de flores escarlates, *Banisteria* de flores amarelas e lindas variedades de murta. Tínhamos, à esquerda, uma altaneira montanha solitária, o Monte de S. João, diante do qual avança para o oceano uma planície coberta de pujantes florestas e, depois, de brejos.

Após cavalgarmos através de algumas plantações de mandioca, recentemente iniciadas, como o provavam os troncos carbonizados por aí dispersos, tomámos uma larga estrada de areia escura em direção à costa e encontrámo-nos numa bela eminência rochosa cheia de coqueiros, que entrava pelo mar; perto, um riacho, chamado Rio das Ostras, desemboca no oceano. Andámos uns cem passos ao longo do riacho, e descarregámos a "tropa" para que o atravessasse. A água desse riacho é clara e as margens, aprazíveis; numerosos ramos entrelaçados pendiam sobre elle, encimados pelos coqueiros esbeltos. Aí reside uma só família, composta de um português casado com uma india. O homem pertence à milícia e é canoeiro. Parecia muito descontente com a sua situação, porque o duplo encargo era bastante trabalhoso. Seria extremamente fácil construir aí uma pequena ponte, o que evitaria, aos viajantes, consideráveis perdas de tempo; porque, pouco depois de ter tido o grande trabalho de carregar pela manhã, em São João, toda uma "tropa", é-se obrigado daí a duas léguas, a descarregá-la de novo.

Do outro lado do rio, encontrámos vários alguns casebres de barro cobertos com folhas de coqueiro, onde nos abrigámos de uma pancada de chuva. Antes de se alcançar novamente a praia por esse caminho, atravessam-se algumas colinas quasi que só cobertas por uma espécie de *Bambusa* de 30 a 40 pés de altura, chamado "taquarussú". Os colmos formidáveis, que chegam a ter 6 polegadas de diâmetro, sobem a grande altura, arqueando-se suavemente em cima: as folhas são penadas e nos ramos existem espinhos curtos e fortes, que os tornam uma barreira impenetrável. Essa variedade de bambú forma touceiras inextricáveis, onde a multidão de folhas secas e de bainhas ressequidas produz, com a mais leve aragem, um sussurro peculiar. E' extremamente bemfazeja ao caçador; porque, cortando-a pelos nós, encontra-se, nos colmos mais novos, um líquido de agradável fres-

cura, embora de gosto adocicado e enjoativo, que atenua logo a sede mais ardente. Essa notável planta prefere os lugares montanhosos e secos; por isso, é sobretudo abundante na "capitania" de Minas Gerais, onde se fazem copos com os colmos.

Continuámos pelo litoral e descobrimos, próximo de habitações dispersas, outra planta útil, a *Agave foetida*¹⁵⁶. As folhas, rijas e de bordos lisos, de 8 ou 10 pés de comprimento, formam sebes espessas; do meio das quais o grosso caule de trinta pés de altura, carregado na ponta de flores verde-amareladas, o que dá ao panorama uma aparência original. A medula do caule, denominada "pita", substitue a cortiça para o colecionador de inestos. Na praia também crescem palmeiras anãs, bromélias e outras plantas, enfezadas pelo vento e formando touceiras impenetráveis. Alcançámos, a seguir, a fazenda de Tapebugú, situada numa colina próxima do mar, onde fomos recebidos cortezmente pelo proprietário, alferes da milícia. A posição dessa "fazenda" é muito agradável; logo por detrás erguem-se veneráveis florestas, dela separadas apenas por um lago, no qual as árvores se espelham encantadoramente. A eminência em que se acha a casa olha para um vasta planície, coberta por impenetrável mata, de cujo meio se ergue a Serra de Irirí, serra notável e solitária, de quatro ou cinco picos cônicos, também cobertos pela mataria; mais à esquerda, para o sul, fica, isolado, o monte de S. João. (Na estampa 15 da edição in-4to. representa-se este lugar, vendo-se a "fazenda" no primeiro plano e pouco além a lagoa).

As terras pertencentes à propriedade têm uma légua de comprimento e são parcialmente plantadas de mandioca e arroz; também se cultiva algum café. O peixe é abundante no lago. Perto das habitações ficam laranjais, cujo esplêndido aroma atrai numerosos beija-flores. Nossos caçadores encontraram, nos matos vizinhos, fartura de caça; mataram papagaios, maracanãs, tucanos, pavós, e outros belos passaros; também enriquecemos muito o nosso herbário. Encontrei diversas espécies de coqueiros; entre outras, o "airi", com cachos de frutos maduros, e a palmeira espinhosa do charco, "tucum" de estipe de cerca de quinze palmos de comprido, que, assim como o peciolo das folhas, se reveste de espinhos finos e acerados. Mawe cita essa planta*, mas atribue-lhe folhas lanceolares e denteadas quando tem "frondes" penadas, com folíolos pontudos, macios e de bordos inteiriços. Arruda** descreve-a melhor, porém não examinou a flor; de acôrdo com a opinião do sr. Sellow, parece fora de dúvida que não pertence ao género *Cocos*¹⁵⁷. Seus usos já foram suficientemente explanados por Maregraf, Mawe e Kostér. Os ver-

(*) *J. Mawe's Travels*, etc., p. 127.

(**) Cf. ARRUDA, citado por Kostér no apêndice, pag. 484.

(156) O nome botânico carece de exatidão; estará por *Agave americana* L., ou, mais provavelmente, por *Fourcroya gigantea* Vent., que é a "piteira" comum.

(157) Ha várias palmeiras conhecidas por "tucum" ou "tucum". A referida por Wied parece ser *Astrocaryum vulgare* Mart., que fornece fibra tenacíssima e, por assim dizer, imputrescível.

des folíolos (*pinnulae*) possuem fibras muito fortes; quebrada a folha, a camada verde superior se destaca e as fibras se soltam; estas são torcidas e formam fios verdes e finos, muito resistentes, com que se fazem ótimas rédes de pesca. Essa palmeira cresce aí em abundância, e dá pequenos côcos, duros e pretos, que contém uma semente comestível. Por outro lado, colhem-se as folhas ainda dobradas, quando começam a se abrir no tope, arrancam-se as bainhas e separam-se umas das outras, reunidas que são por um líquido viscoso, para depois empregá-las na cobertura das casas, ou em trabalhos de trança.

Encontrámos, nessas florestas sombrias, muitas árvores mages-táticas. O "ipê" carregava-se profusamente de grandes flores amarelo-escuras, e nos pântanos havia outra *Bignonia*, de grandes flores brancas. A imponente "sapucaia" (*Lecythis Ollaria*, Linn.) ergue-se bem acima das frondes dos gigantes das florestas; tem folhas pequenas e enormes frutos pendentes, em forma de pote, que abrem uma tampa perfeita e deixam cair as grandes sementes comestíveis*. Os macacos e sobretudo as grandes araras vermelhas e azues (*Psittacus Macao* e *Ararauna*, Linn.)¹⁵⁸, apreciam-nas muito. E' bastante difícil, sem as asas dos papagaios ou a agilidade para trepar dos macacos, colher os frutos dessa árvore, tão altos ficam; em geral, abate-se a própria árvore. Os índios se valem da ajuda das trepadeiras ou "cipós", o que sem dúvida facilita muito a subida. Em outras excursões, examinámos as flores de uma bela palmeira, que, segundo a opinião do Sr. Sellow, deve pertencer a um novo gênero. Seus lindos cachos de flores amarelas cáem com uma inclinação suave, as espátas são grandes, em forma de canôa, e notavelmente belas assim como as palmas penadas: cortando-se a árvore, vê-se que a madeira é muito dura; desde, porém, que se atinge a medula porosa, cái imediatamente.

A 16 de Setembro, despedimo-nos da família do nosso digno hospedeiro e continuámos a viagem para Macaé. A chuva e o vento escureciam o amplo panorama da região, onde, sombria, a Serra de Iriri se elevava sobre as florestas pardacentas, e o morro de S. João se delineava ao longe. O caminho de Tapebuçú ao rio Macaé segue por vasto areal na extensão de quatro léguas, quasi sempre ao longo da praia litorânea; aqui e ali, pequenos rochedos entravam pelo mar, nos quais descobrimos conchas e musgos em não muito grande variedade. Soprava um vento forte e as vagas espumejantes quebravam-se furiosamente nas fragas. Da costa arenosa "praia" sobe uma série

(*) V. *Mémoires du Muséum d'histoire naturelle*, 5ème cahier, onde este fruto é representado na estampa do ACOUTI.

(158) Houve durante muito tempo grande instabilidade na nomenclatura de nossas araras vermelhas, aliás fáceis de confundir pelo observador desprevenido. Uma, todavia, ocorre apenas nos estados irrigados pela bacia amazônica; possui coberteiras externas da asa amarelas, sem mescla de verde e coincide com a espécie descrita por Linneu, sob o nome de *Psittacus macao*. A outra, embora ocorra também na área da primeira, distribue-se principalmente pelo Brasil central e meridional, reconhecendo-se pelas suas asas tingidas externamente de verde, de perneiro com o amarelo; corresponde ela à "araracanga" de Marcgrave e foi a encontrada também por Wied. G. R. Gray batizou-a com o nome de *Ara chloroptera* e este é o seu exato nome científico.



(Est. 15). Vista da Fazenda, de Tabebuçu e da costa marítima, com o monte de S. João e a Serra de Iriri cercados pela mata virgem.



de colinas, onde bonitas árvores e arbustos, enfezados pelos ventos, parecem encolhidos: entre eles, vimos pés de maracujá com flores grandes e brancas, e o *Cactus* quadrangular, também de vistosas flores brancas.

Transcorria, então, a primavera desses climas; todos nós, até aí, acháramos a temperatura geralmente fresca, e nunca mais quente que a dos cálidos dias do verão na Alemanha. A última milha da nossa viagem foi feita através de espessa e alta floresta, na qual caçamos tucanos, arassaris e o pequeno cuco preto (*Cuculus tenebrosus*)¹⁵⁹. Numerosas variedades de árvores estavam desfolhadas, porque, embora a maior parte, nessa região, guarde a folhagem durante o inverno, as mais delicadas, entretanto, costumam perdê-la. Muitas reverdeciam de novo, mostrando na ponta dos galhos, cobertos de folhagem verde-escura, as folhas tenras, amareladas ou verde-amareladas, algumas vezes tingidas de vermelho claro ou escuro, as quais constituem belo e original ornamento. Outras se cobriam de flores, e outras, ainda, de flores e frutos ao mesmo tempo. Assim, a fusão da primavera com o outono, nessas encantadoras florestas tropicais, oferece ao viajante nórdico o mais interessante dos espetáculos. Completamente molhados da chuva, chegámos à vila de Macaé, à beira do rio do mesmo nome. Este, que não é dos menores, desagua aí no oceano, depois de atravessar a serra de Irirí no seu curso de cerca de quinze léguas. Lery*, na sua obra, menciona esse lugar, que os primitivos habitantes chamavam "Mag-hé". A esse tempo, habitavam-no selvagens, que estavam em guerra com os "Uetacas" ou "Goitacazes" do Paraíba.

A pequena vila de S. João de Macaé se estende entre capoeiras, às margens do rio, que forma, na foz, uma curva em torno de uma ponta saliente de terra. As casas, acachapadas, são, em geral, limpas e bonitas, feitas de barro, de pau a pique, muitas vezes rebocadas a cal e pintadas de branco. Possuem terrenos "quintais" cercados de coqueiros, onde se criam cabras, porcos e toda espécie de aves domésticas. Os moradores fazem algum negócio com o produto das plantações, consistente de farinha, feijão, milho, arroz e um pouco de açúcar. Exportam, também, madeiras: daí se verem, geralmente, ancorados, alguns navios costeiros, "sumacas" ou "lanchas". Dizem que, rio acima, para o interior, vivem os índios "Gorulhos" ou "Guarulhos" em "aldeas". A "*Corografia Brasileira*" cita essa tribo com o nome de "Guará", e esclarece que, na serra dos Orgãos, ainda existiam alguns remanescentes dela, conhecidos por "Sacurús", inteiramente civilizados, os quais, talvez, tanham já hoje desaparecido. Diz-se que ainda são encontrados, entre outros pontos, na freguesia de Nossa Senhora das Neves**. Depois de passarmos alguns

(*) J. DE LERY, *Voyage*, etc., p. 49.

(**) V. *Corografia brasileira*, II, p. 45.

(159) *Chelidoptera tenebrosa* (Pallas) ou "andorinha do mato", comum nas margens dos grandes rios do sertão.

dias nesse lugar, devido ao tempo chuvoso, e de conseguirmos sementes de bonitas espécies de bignônias¹⁶⁰ arenícolas e de outras plantas leguminosas partimos num domingo, porém de tarde, atrasados por causa de uns burros que fugiram.

Apanhámos um aguaceiro, novamente, durante légua e meia de viagem, através de capoeiras e florestas, ao longo da praia litorânea, até à "fazenda" de Baretto, onde chegámos à noite e nos alojámos numa casa vazia.

Nos alagadiços e matas percorridos, piscavam muitos insetos luminosos; entre eles, o *Elater noctilucus*, já citado por Azara¹⁶¹, com dois claros pontos luminosos verdes no segmento torácico.

Os bacuráus (*Caprimulgus*), cujo alto grito é pelos portugueses comparado à frase *João corta pao*, esvoaçavam em bandos, alígeros, nas trilhas sombrias da floresta, e muitas vezes pousavam no chão, aos nossos pés. Fizeram lembrar-nos do pio da coruja (*Strix Aluco*, Linn.) na treva das florestas européias.

Continuando o mau tempo, permanecemos em Baretto durante o dia 18 de Setembro e aumentámos nossas coleções com alguns passaros interessantes. De uma feita, quando procurava surpreender o cuco descrito por Azara, com o nome de "chochi"¹⁶², e que eu tentara caçar inutilmente, apareceu, de súbito, sobre a minha cabeça, um soberbo casal do milhafre preto e branco, de rabo em forma de garfo (*Falco furcatus*, Linn.), cuja plumagem de deslumbrante alvura contrastava admiravelmente com as nuvens escuras¹⁶³. Atirei imediatamente num deles, escondi-me, e em pouco consegui abater o segundo, indenizando-me, assim, da perda do cuco.

Ficámos contentes em deixar Baretto, porque dois botequins ou "vendas", meteram a nossa gente em sérias brigas. A viagem para o norte, ao longo da praia, é fatigante, em parte na areia solta, e, por isso, já era tarde do dia quando atingimos o lugar de destino. Encontrámos, a caminho, bonitos cercados de mimosas fechando os quintais de algumas habitações, e também alguns coqueiros cultivados (*Cocos nucifera*), carregados de frutos, grande raridade nessa região. Passámos através de plantações de mandioca, onde os pés se erguiam den-

(*) AZARA, *viagens*, etc., vol. I, p. 211.

(*) AZARA, *viagens*, etc., vol. IV, p. 33.

(160) As bignônias (no sentido extensivo de planta da família. *Bignoniaceae*) são mencionadas ordinariamente no texto de Wied sob o nome de "Trompeten" (= trombetas). *Trompetenbäumchen*, etc. Vê-se assim que ele não empregava o termo "Leguminosas" ("Schotengewächse") na mesma acepção botânica dos tempos atuais.

(161) *Pterophorus noctilucus* (Linn.), da atual nomenclatura.

(162) O "chochi" de Azara não é outro senão o nosso bem conhecido "sacy" ou "sem-fim" (*Tapera naevia* (Linn.)), tão intrigante pela singular faculdade de, quando canta solitário em algum galho, dar impressão sempre errada do local em que se encontra.

(163) E', com efeito, inapagável a impressão produzida pelo "gavião tesoura" (*Elanoides forficatus* (Linn.)), quando contemplado em seu vôo majestoso. Vide as referências que lhe fiz no meu trabalho sobre as aves da Bala (Rev. Mus. Paul., XIX, p. 104).

Falco forficatus é nome dado por Lineu na 10.ª edic. de *Systema Naturae* (1758); na 12.ª edição (1766) aparece mudado em *F. furcatus*, que gozou de preferência até as modernas convenções de nomenclatura.

tre os troncos derrubados e semi-carbonizados, e o chão era regularmente revolvido em torno das raízes, como se faz com as batatas.

Atingimos, depois, trechos pantanosos, vestidos de altaneiras bignonias de alvas flores e de árvores imponentes. As ruínas de um edifício, outrora considerável, aí existentes, bem como a aparência geral dos arredores, levaram-nos a concluir que esses lugares, antigamente, foram muito mais prósperos. Observámos, também, um incrível número de urubús, (*Vultur Aura*, Linn.), rodeando uma carniça e tão pouco ariscos, que dividiam amigavelmente os despojos com um grande cão, sem o mínimo cuidado pela nossa presença. Vimos, também, novamente, grandes bandos de papagaios rabilongos "maracanãs" e "periquitos", que, em enorme algazarra, faziam as mais diversas evoluções no espaço. Todos os papagaios caçados tinham os bicos sujos de azul por certo fruto, então amadurecido. Em alguns pontos da floresta, onde as árvores eram muito altas, matámos tucanos; e vimos, frequentemente, a espreita, nos mais altos galhos sécos das árvores, solitárias aves de rapina, sobretudo o falcão côr de chumbo (*Falco plumbeus*, Linn.)¹⁶⁴ que se arremessa sobre a presa num vôo impetuoso e audaz.

Entre outras árvores observadas, estava a conhecida por "tentot"¹⁶⁵ pelos portugueses. Tem folhagem veludosa e verde-escura e dá grandes vagens com bonitas favas vermelho-carregado, que os portugueses usam como tentos nos jogos de cartas. Não pude observar a flor. Nos matagais arenosos desses lugares há muitas plantas interessantes.

Descobrimos, nos charcos, uma árvore de oito ou dez pés de altura, de grandes flores brancas, que parece aparentada à *Bonnetia palustris*** ; uma bela espécie de *Evolvulus**** ; uma pequena *Cassia* de flores amarelas*** ; uma graciosa trepadeira florida *Asclepiadea****** de lindas flores branco-róseas ; uma nova *Andromeda******,

(*) E' a *Ormosia coccinea*. JACKS, nas *Transactions of the Linnean Society*. Pertence a gênero novo, e foi encontrada, pela primeira vez, em Guiné. Não é citada em Willdenow.

(**) (Suplem.) *Wikstroemia fruticosa* SCHRADER, op. cit., pag. 710. Acha-se em companhia desta planta, uma outra muito parecida, a *Kiseria stricta* do Prof. Nees von Esenbeck: "Classis Linneana Polyandria Polygynia: Fam. nat. Guttiferarum. Corolla penta petala, petalis integris. Calyx quinque-partitus, bracteatus-Antherae erectae liberae. Germen triloculare, septis simplicibus, loculis monospermis.

(***). Espécie nova, ainda não descrita por Persoon, nem por Willdenow, Ruiz e Pavon. (Suplem.) *Evolvulus phylloides*, SCHRADER, op. cit., pag. 707.

(****) (Suplem.) E' a *Cassia uniflora* Spr.

(*****). (Suplem.) *Echites variegata* SCHRADER, op. cit., pag. 707.

(*****). *Andromeda* nova com flotes vermelho vivo.

(Suplem.) *Andromeda coccinea* SCHRADER, op. cit., pag. 709.

(164) *Itinia plumbea* (Cmelin), conhecido vulgarmente por "gavião pomba" (nome comum a outras espécies) ou "sovi". Como o "gavião-touso", era antigamente visto com frequência nas fazendas, pela época do vôo dos içãs, (segundo me informou verbalmente o meu amigo Sr. Pio Lourenço, de Araraquara) ; hoje, porém, é em regra apenas encontrado nos sertões mais distantes e menos povoados. Cf. O. PINTO, *Rev. Mus. Paul.*, XX, pp. 23 e 53.

(165) Ha várias leguminosas de sementes vermelhas conhecidas pelo nome de "tentos", e como taes usadas. Uma das mais vulgares, a que chamam também de "carolina" é *Adeanthera pavonina* (L.), importada da Asia; na Bala é mais conhecido o "olho de pombo" ou "Jequiriti" (*Abrus precatorius* Linn.), de sementes bem menores.

de flores vermelho-escuras, e as duas espécies do mesmo gênero já encontradas em Cabo Frio; e muitas outras plantas.

À tarde, nossa caravana alcançou a praia, onde as ruínas de uma velha capela, na região arenosa, deserta e melancólica, casavam-se harmoniosamente com o estrondo e o rugido dos vagalhões furiosos. Mato baixo e mofino se estendia para a floresta, atestando a violência dos ventos reinantes. Por pequena língua de terra, entre o oceano agitado e uma comprida lagôa, continuámos a jornada até depois do anoitecer, quando chegámos a uma casa de pastor solitária, chamada "Paulista" onde não havia nada para nos saciar fome, a não ser um pouco de farinha de mandioca, e algum milho para os animais. Tínhamos, felizmente, provido em Baretto com um pouco de "carne seca" e de "feijão"¹⁶⁶. Como a casa fôsse regularmente espaçosa, aí permanecemos o dia seguinte, para nos refazermos das fadigas.

Bandos do "papa-oustras" brasileiro¹⁶⁷ (*Haematopus*) andavam pela costa; caçámos muitos. Nas matas vizinhas, em que os coqueiros são numerosos, matámos várias pequenas corujas, da espécie que os nativos chamam "caburé"¹⁶⁸ que não deve, porém, ser confundida com a espécie mencionada, com o mesmo nome, por Marcgraf¹⁶⁹. Abatemos o palmito, muito comum aí, para lhe tirarmos a medula. Essa árvore é uma das mais elegantes da família dos coqueiros; o estipe é um fuste alto, esbelto e anelado; no tope do qual uma coma pequena, de oito ou dez palmas penadas, verde-brilhantes, ondula no espaço; sob essa bela copa existe, no estipe cinzento-prateado, uma tumefação da cor verde-brilhante das folhas, que contem as folhas novas, ainda enroladas: dentro destas, ficam as tenras flores por desabrochar; somente as flores já desenvolvidas libertam-se da capsula verde.

(*) Esta ave, que os primeiros naturalistas não chegaram a conhecer, observei-a eu em grande quantidade na costa brasileira, dando para distingui-la o nome de *Haematopus brasiliensis*. É menor do que a espécie europeia, mas tem o bico mais comprido. O Sr. TAMMINSCK, a quem dei a conhece-la, chamou-a na nova edição de seu "Manuel d'Ornithologie" *Haematopus palliatus* (sec. part., pag. 532).

(**) *Strix ferruginea*; 6 polegadas e 7 linhas de comprimento; cor vermelho ferrugem, com diversas manchas amarelo-claro nas espáduas, e asas de grandes penas; grande mancha branca na parte inferior da garganta; rabo cor de ferrugem, sem manchas; ventre de um brilhante amarelo-ferruginoso, com estrias longitudinais brancas e castanhas; iris amarelo-escuro. Essa coruja, que não tem orelhas parece ser o "caburé" de Azara.

(166) No original "Feijões" (feijões?).

(167) "Papa-oustras" é a tradução que melhor cabe ao "Austerfresser" dos alemães, a que os portugueses dão, em sua terra, os nomes de "pêga do mar", "passa-rios", "gavita" etc. A ave europeia (*Haematopus ostralegus* (Linn.)) muito se parece com a nossa, que é, todavia, espécie distinta (*H. palliatus* Temm.) e vulgarmente conhecida por "balagô" ou "piró-piró".

(168) "Orelhas" (ou "martinetes", termo aqui usado na descrição da ave, são os penachos atreves que algumas corujas possuem a ornar-lhes o alto da cabeça.

(169) Não obstante a opinião externada pelo autor, o primeiro naturalista europeu a descrever o nosso "caburé" foi Marcgrave (1638); Brisson reproduzia a notícia em sua grande *Ornithologie* (1760), a qual, por sua vez, serviu de base à *Strix brasiliensis* de Gmelin (1788). A ave, cujo nome atual é *Glauclidium brasilianum*, é muito comum em nossas matas, á cuja orla pode ser vista cantar, (a vez do caburé lembra muito de perto a do surucua), mesmo durante o dia. Apresenta-se ora com plumagem pardacenta, ora cor de ferrugem, donde tel-a descrito Wied duas vezes nas Beltrage, sob os nomes de *Strix ferruginea* (vol. III, p. 234) e *S. passerinoides* (p. 239). Outro tanto não acontece, porém, com a sua *Strix minutissima* (p. 242), que provou ser uma boa espécie, muito mais rara, e diferente da primeira pelo seu tamanho ainda mais exiguo.

Cortada do caule, essa tumefação ou capsula, contendo as folhas novas, mostram um miolo tão macio, que se pode comer crú; quando cozido, porém, é muito mais saboroso. Achámo-lhe a madeira muito dura e deu-nos grande trabalho cortar a árvore com "facão". A palmeira "tucum", nos charcos, estava também florida: bem assim, nos areais escampados, uma bonita espécie nova de *Stachytarpheta** e um belo *Cactus* globoso, semelhante ao *mamillaris*, que apresenta na superfície uma penugem branca, envolvendo as pequenas flores vermelhas-escuras. Mr. Sellow considerou-o espécie nova.

Nossas coleções ornitológicas não cresceram muito aí; porque descobrimos pouca coisa nova, exceto algumas aves palustres. Nos matos baixos, em toda essa costa se ouve o "sabiá da praia" (*Turdus orphocus*, Linn)¹⁷⁰, que, ao lado da medíocre plumagem possui voz tão bela, que deve ser considerado como dos primeiros pássaros cantores do Brasil. Nas casas, o pequeno "gecko" esbranquiçado**¹⁷¹ que sobe e desce pelas paredes perpendiculares, era muito comum; do mesmo modo, a lagartixa de coleira preta***¹⁷² ambos frequentes em todas as regiões que atravessassei. Encontrámos muito poucas conchas no litoral; e, nos charcos, casas de uma espécie de vespa já mencionada (*Pelopaeus lunatus*, Fabr.), construídas de barro, em forma de pera, pontudas em baixo, e seguras aos ramos dos arbustos.

De Paulista, acompanhámos as dunas. Extensos paludes e "lagôas", cobertos de caniçais, onde pastavam bois e cavalos, por vezes em grande número, afundados até o ventre, entravam pelo continente: aí se encontravam inúmeros maçaricos (*Vanellus cayennensis*), garças, gaivotas, andorinhas do mar e patos; os maçaricos, chamados "quero-quero", que já citámos mais de uma vez como importunos para

(*) (Suplem.) *Stachytarpheta gracifolia*, SCHRADER, op. cit. #pg. 709.

(**) E', em toda probabilidade, o *Gecko spinicauda* de DAUDIN, Histoire Naturelle des Reptiles, tomo IV, p. 115.

(***) *Stellio torquatus*: parece aparentado ou idêntico ao *Stellio quest-paleo* de DAUDIN, Hist. Nat. des Reptiles, I, p. 26. Essa espécie é de cor muito variável. Quando nova, apresenta, no dorso, grandes estrias escuras, que desaparecem quando envelhece: torna-se, então, cinzento-prateada, lavada de púrpura e cômputo; tem, às vezes, manchas mais claras: entretanto, o característico da espécie permanece sempre: u'a mancha escura um pouco longa no lado do pescoço, adiante da espádua, assim como três estrias escuras, correndo em direção perpendicular sobre as palpebras cerradas. Todas as descrições do *quest-paleo* são insuficientes; contudo, não pode ser confundido. A espécie de collar preto é conhecida, na costa oriental, por *lagarta*.

(170) Duas aves inteiramente diversas têm no norte do Brasil o nome de "sabiá-da-praia". Não são verdadeiros sabiás, e pertencem a uma família à parte (Mimidae); tampouco a ave referida agora por Wied corresponde a *Turdus orpheus* Linn., que é peculiar às Antilhas. Sua determinação científica foi retificada no vol. III das *Beiträge* (p. 653) onde a ave é identificada, com acerto, à que Lichtenstein tinha acabado de descrever, sob a denominação de *Turdus lividus*. Essa todavia foi, por infelicidade, reconhecida ultimamente inválida por homonímia, perdendo a espécie o clássico nome de *Mimus lividus* Licht. pelo de *M. antilus* Oberholser. Relativamente comum em toda a faixa costeira do litoral brasileiro, menos porém que o seu companheiro *Mimus saturninus* (Licht), de que aliás existem várias raças, com habitat distinto.

(171) A "lagartixa" doméstica, comum nos estados do norte (*Hemidactylus mabouia* (JONAS, 1818)), é espécie estranha à nomeada por DAUDIN, como o reconheceu depois o próprio Wied, ao descrever-a sob a denominação do *Gecko tenebrans* (Beitr., I, p. 101).

(172) *Tropidurus torquatus torquatus* (Wied), é mais um exemplo das inúmeras descobertas zoológicas de Wied; deste lagarto, encontrado em todo Brasil este-meridional, é na região nordestina substituído por uma outra raça, *Tr. t. hispidus*, descoberta por SPIX (Lacert. Bras. Spec. Nov. p. 12, tab. 15, fig. 2).

o caçador, voam-lhe em redor da cabeça quando este se aproxima dos ninhos, da mesma maneira que as espécies europeias¹⁷³. Nas dunas, as capoeiras consistem geralmente de bromélias e cactus esbeltos, de permissão com outras plantas frondosas. As flores brancas desabrochavam no caule sobranceiro dos cactus; os ramos destes eram quadrangulares, penta e hexagonais: pareciam, porém, pertencer a uma só espécie, ou no máximo a duas, porque essas originais plantas espinhosas variam muito, de acordo com a idade, no número de ângulos. Os cactus são sobretudo perigosos para os burros e cavalos em viagem; com efeito, si um espinho se crava no casco ou numa junta, o animal pode ficar estropeado. Descobrimos, na areia, a *Turnera ulmifolia*; nos charcos, duas espécies de *Nymphaea* de flores brancas, a *indica* e outra chamada *erosa* pelo Sr. Sellow, de flores enormes; ademais, uma alta *Alisma* de flores nêvas, também nova, provavelmente, e de folhas estreitas e alongadas. Não era fácil alcançar essa bonita planta no fundo lamaçal; o Sr. Sellow enterrou-se, a considerável altura, na água negra e lodosa; e não me foi menos penoso perseguir ali algumas aves aquáticas.

Essa extensa planura é habitada por manadas de bois, entregues a si próprias, mesmo à distância de vinte ou vinte e cinco milhas de qualquer morada humana. Uma ou duas vezes no ano, conduzem-nas os donos, proprietários das "fazendas" próximas, a um curral¹⁷⁴, ou lugar cercado de estacas onde são contadas e marcadas. Acampámos essa noite no chamado Curral de Batuba, a cinco léguas de Paulista, numa espaçosa cabana de barro, situada para dentro da cerca. A região circunvizinha é uma vasta planície, que excede o alcance da vista. A água se acumula frequentemente nas depressões pouco profundas, formando "lagôa", cobertas de capinzais rasteiros, de que se alimentam as manadas de gado. Si alguém se aproxima desses animais, levantam a cabeça, cheiram o ar e saem galopando com as caudas erguidas. E' sem dúvida admirável que esse útil animal, pela extraordinária atividade e o cuidado dos europeus, já se encontre na maior parte do globo. No norte, o boi pasta nas frígidas florestas de bétula; na zona temperada, nos nossos aprazíveis vales relvados, entre matas sombrias de faias; nos trópicos, sob palmeiras e bananeiras; nas ilhas dos mares do Sul, debaixo das *Melaleuca*, *Metrosideros* e *Casuarina*. Indispensável ao homem civilizado, o boi, multiplicando-se por toda parte, engrandece-lhe a riqueza e a prosperidade.

Ao cair da tarde, todos os caçadores dispersos se reuniram em volta do fogo alegre da cozinha, esperando cada um de nós pagar-se das canseiras e saciar a fome; infelizmente, porém, as provisões nunca estiveram mais escassas do que então; era, entretanto, inadmissível

(173) Sobre este pormenor da biologia do "quero-quero" veja-se a nota que inseri na *Rev. Mus. Paul.*, tomo XX, ps. 12 e 42.

(174) A palavra aparece em Wied., como na generalidade dos autores estrangeiros, grafada "corral".

vel que um grupo de caçadores morresse de fome entre manadas de gado bravo: dirigimo-nos, por isso, à planície, colocámo-nos numa longa fila e tentámos matar uma vitela; mas a noite surpreendeu-nos muito depressa; o gado era muito arisco, e cactus solitários, espalhados no areal, feriam nossos pés; fomos, assim, obrigados a desistir e a adiar, para a manhã seguinte, a caça imposta pela necessidade. Na casa triste e arruinada, onde a chuva entrava pelo tecto, pouco repouso tivemos nas rédes que armámos, porque uma infinidade de pulgas não nos deu trégua, além de uma multidão de "bichos de pé" (pulgas da areia, *Pulex penetrans*)¹⁷⁵, dos quais, no dia seguinte, tirámos um número incrível dos pés. Esse inseto, sobretudo comum em todas as casas vazias das regiões arenosas, penetra entre a pele e a carne da planta do pé e dos artelhos, e muitas vezes mesmo sob as unhas dos dedos. Dizer-se, como se ouve algumas vezes, que ele penetra no próprio músculo, é exagero: localiza-se sempre entre a pele e a carne, apenas. Violenta comichão torna-lhe logo sensível a presença, transformando-se, depois, em leve dor: é aconselhável, portanto, tirá-lo imediatamente com uma agulha, sem lesar-lhe o corpo, que é como uma vesícula cheia de ovos*. Para evitar a inflamação, é bom friccionar a picada com pó de tabaco ou *unguentum basilicum*¹⁷⁶, vendido pelos farmacêuticos brasileiros.

Manhã chuvosa e pardacenta seguiu-se a essa noite desagradável; e nossos estômagos cedo nos lembrara a caçada que iniciamos sem sucesso no dia anterior. Mandámos aos caçadores que montassem e saíssem pelo campo, onde espalharam o gado bravo, que correu em pânico em todas as direções. Nossos animais, em geral, galopavam bem: por fim, os caçadores Thomas e João conseguiram matar um boi. Foi imediatamente esquartejado; saciámos o pessoal esfaimado o mais depressa possível e logo nos separámos para caçar. Há muitas curiosidades ornitológicas nessa região. Francisco, o índio coropó¹⁷⁷, caçou o íbis de faces glabras e côr de carne, que Azara descreve com o nome de *Curucau rasé**¹⁷⁸; outros mataram duas espécies de falcão, dos quaes um era uma bela espécie nova de mi-

(*) Cf. OL. SWARTZ, em *Sw. Vetensk. acad. nya Handlingar*, t. IX., para 1788, p. 40 e ss., com gravura.

(**) D. F. DE AZARA, *Voyages, etc.*, vol. IV., p. 222.

(175) Atualmente *Tunga penetrans* (Linn.).

(176) Velha fórmula em cuja composição entra o breu, pez negro, cera de abelhas e azeite de oliva.

(177) Os coropós, assim como os coroados e os puris, são por alguns autores considerados descendentes dos goiatacases, com que, pelo menos, apresentavam indiscutível e próximo parentesco. Estudou-os, entre outros, Eschwege, que os pôde observar ainda em 1818, no Rio Pomba, em Minas Gerais.

(178) Informa Wied nas *Beiträge* que essa pernalta tinha então na região por elle visitada o nome vulgar de carão ("Caron"), hoje usual para ave diversa.

A espécie, através da descrição de Azara, recebeu de Lichtenstein (1823), o nome de *Ibis infuscatus*; Spix, pouco depois (1824), descreveu por sua vez a ave brasileira sob a denominação de *Ibis nudifrons*, que já vem usado em *Beitr.*, IV, p. 699. Provado modernamente serem ambas raças distintas de uma mesma espécie, e feita a correção do nome generico, a atual da ave referida por Wied passou a ser *Phimosus infuscatus nudifrons* (Spix). Cf. O. PIETRO, *Rev. Mus. Paul.*, XX, p. 45.

lhafre^{*179} com uma corôa na cabeça, como o nosso *Falco cyaneus* e o *Falco Busarellus*¹⁸⁰, de corpo côr de ferrugem e cabeça branco-amarelada. Descobri, nos arredores da casa, cheio de ovos, o ninho do "bem-tevi" (*Lanius Pitangua*, Linn.)¹⁸¹, em forma de fórnio, fechado em cima.

Ao norte de Batuba, a planície se entremeia de extensas "lagôas", pouso de inumeráveis patos, garças e outras aves aquáticas e palustres; as espécies peculiares à região podem estudar-se nesse lugar, com particular facilidade. Disseram-nos que aí encontraríamos o belo e róseo "bico de colher" (*Platalea Ajaja*, Linn.)¹⁸² e de fato o vimos, nesse dia, pela primeira vez. Cêrca de trinta dêles repousavam juntos, num local pantanoso, e logo nos chamaram a atenção como uma grande mancha róseo-escura. Os caçadores se aproximaram devagar e mesmo rastejantes, quando mais perto; mas em vão: as tímidas aves levantaram vôo imediatamente e passaram, num esplêndido cortejo, sôbre as cabeças dos outros caçadores, que descarregaram, infelizmente sem resultado, as espingardas de dois canos. Conseguimos apenas enfeitar nossos chapéus com as lindas penas róseas das asas, que encontramos no charco. Garças, tapicurús^{*183}, patos, maçaricos e biguás animavam o amplo cenário. As "lagôas" eram divididas por molhes cobertas de mato, constantemente procuradas por aves de rapina, das quais caçamos algumas. Nas margens de uma delas, vi a "anhinga" (*Plotus Anhinga*, Linn.)¹⁸⁴, que persegui em vão. Não correspondia esse lugar ao seu verdadeiro habitat, que são os rios, onde depois conseguimos mata-la frequentemente. A cinco ou seis léguas de Batuba, há um lugar chamado Barra do Furado, onde a lagôa Feia se

(*) *Falco palustris*: 19 polegadas e 8 linhas de comprimento: a cabeça é rodeada por uma corôa igual à da coruja, mistura de branco-amarelado e castanho-escuro; sôbre o ôlho, uma estria esbranquiçada; partes inferiores, vermelho-amarelado claro com listas castanho-escuras longitudinais; garganta, castanho-escuro; coxas e uropígio, vermelho-ferrugem; todas as partes superiores, castanho-escuro; penas da asa e do rabo, cinzentas com listas castanho-escuras transversais.

(*) Entre as espécies brasileiras da família dos pernaltes de bico falciforme, destaca-se o "guará" (*Tantalus ruber*, Linn.) pela côr vermelho-vivo da plumagem. Não encontrei essa linda ave em nenhum ponto da costa, e a *Corografia Brasílica* afirma que não existe mais na Ponta de Guaratiba, um pouco ao sul do Rio de Janeiro, onde, outrora, era tão comum. Hans Staden diz que os tupinambás daquela região usavam as magníficas penas vermelhas para enfeite.

(179) Esse rapineiro tem larga distribuição na America do Sul (da Venezuela ao Estreito de Magalhães) e no Brasil é conhecido às vezes por "gavião do mangue". A ave colecionada por Wied foi belamente figurada por Temminck e Laugier na *Planch. color N.º 22* (cf. *Beiträge* etc., III, p. 230).

(180) Deve-se entretanto a Latham a primeira descrição da especie, cujo nome técnico é *Circus buffoni* (Gmelin), usado hoje em substituição a *C. maculosus* (Vieillot), posterior em data.

(181) Cf. nota 60.

(182) *Busarellus nigricollis* (Latham). Grande e belo gavião, de plumagem côr de ferrugem, comum perto dos pantanaes e lagôas, particularmente na Amazônia, onde o conhecem por "gavião belo" e "gavião padre".

(183) *Ajaja ajaja* (Linn.): "colheiroiro" da nomenclatura vulgar.

(184) Por "tapicurús" são vulgarmente conhecidos todos os nossos ibídeos de côr preta ("schwarze Ibiere", no original alemão), assim como "biguá" é o nome popular do corvo marinho ("Cormorane") indígena (*Phalacrocorax olivaceus* Humboldt).

(184) *Anhinga anhinga* (Linn.) Chamada também "biguá-tinga" "carará", "miuá" etc., é relativamente comum em quasi todos os rios do sertão

lança ao mar, como está corretamente registado no mapa de Arrow-smith*.

Arranjámos, desde logo, os meios de despachar, para o pouso combinado, a bagagem e alguns dos caçadores que ficaram para trás, numa grande canôa pertencente a um morador solitário do lugar. E continuámos a jornada pelas dunas, próximo da furiosa rebentação das ondas, divertindo-nos com o espetáculo dos numerosos maçaricos (*Charadrius*), baturas e baiagús (*Haematopus*), comendo uma porção de pequenos insetos¹⁸⁵ cada vez que uma vaga recuava. Passámos por duas humildes cabanas de pescadores, onde nos indicaram o caminho, orlado, do lado da terra, por amplos pantanais, onde pastavam inúmeros bois e cavalos. Era verdadeiramente espantosa a multidão de patos e aves palustres que afecontrámos. Grandes bandos negros da marreca (*Anas viduata*, Linn.) e da espécie de espáduas verdes, dita assobiadeira, que AZARA descreveu com o nome de "ipecutiri"¹⁸⁶, voaram em nuvens ao nosso primeiro tiro; esta última é a espécie de pato mais comum em todas as regiões brasileiras que visitei¹⁸⁶.

Aproximava-se o crepúsculo, quando o nosso guia, um negro, nos conduziu pela água a uma ilha pantanosa. Disse que o senhor dêle viria com uma canôa para nos transportar através da lagôa Feia; não apareceu, entretanto, nesse dia. Como o tempo ameaçasse aguaceiro, alguns dos nossos propuzeram cavalgássemos de volta a uma pequena cabana, cêrca de meia légua distante, onde encontráramos cinco ou seis soldados, afi de guarda para evitar os contrabandistas de diamantes vindos de Minas. Tornámos a esse posto; os soldados acenderam-nos um bom fogo, deram-nos farinha de mandioca e carne seca, e palestraram conosco o resto da noite. De tez geralmente escura, usam calças e camisas brancas de algodão, o pescoço descoberto e os pés descalços; e, como todos os brasileiros, trazem ao pescoço um rosário. Um mosquete sem baioneta é a única arma. Durante o dia, pescam nas lagôas, de que tiram todo o sustento, fora da carne seca e da farinha que recebem. Perto da cabana, estendem cordas de couro enarançado, em que penduram o peixe para a secagem. A cabana

(*) A lagôa Feia divide-se em duas partes, ligadas por um canal; a sua configuração não está rigorosamente inscrita em meu mapa, porque apenas a atravessei e não lhe pude abrangeir toda a superfície. De acôrdo com a *Corografia Brasileira* (t. II, p. 49) a parte norte tem cêrca de seis léguas de comprimento de este a oeste, e perto de quatro léguas de largura; a parte sul, cinco léguas de comprimento e uma e meia de largura. Peixe abundante, água doce. A extensa superfície é geralmente agitada pelo vento e, por isso, quasi sempre perigosa para canôas; não dá calado a embarcações maiores. A Barra do Furado seca nos períodos em que o nível da água baixa. Toda essa região é recortada, ao longo da costa, de numerosos lagos, muitos dos quais inexistentes no mapa. Com tal abundância d'água e a fertilidade do solo, cedo se tornaria uma das zonas mais produtivas do país, caso a habitasse um povo mais ativo e laborioso.

(**) D. F. AZARA, *Voyages*, etc., vol. IV, p. 345.

(185) O termo "Insecten", encontrado no original, corresponde à sua acepção primitiva e lata, abrangendo deste modo também os crustáceos, que, com os vermes e moluscos, são a presa habitual das pernaltas referidas por Wied.

(186) A espécie a que o autor aqui se refere é *Nettion brasiliense* (Gmelin), cuja frequência ainda hoje não desmente a observação registrada. Cf. *Rev. Mus. Paul.* XX, pp. 23 e 47.

é disposta como um corpo de guarda, com diversos quartos, redes para dormir e trastes de madeira.

Só na manhã seguinte apareceu a canoa com os caçadores, que foram apanhados pela noite, quando entretidos com os bandos de patos. Começamos então a atravessar a "lagoa", e, assim que desembarcamos, os caçadores se dispersaram. Entre outras aves, mataram o ibis de cara vermelha ("carão")¹⁸⁷, e o "caracará" (*Falco brasiliensis*)¹⁸⁸, bonita espécie de gavião. Quando reunidos na margem norte da "lagoa" tivemos um desagradável contratempo; as mulas, que estavam pastando, foram atraídas para longe por cavalos, e nós passamos o dia inteiro debaixo de chuvas torrenciais, até que, ao anoitecer, apareceu um pescador e nos conduziu à sua cabana, onde esperamos pelos animais desgarrados. Alcançamos, através de uma pequena capoeira, a margem do rio Bragança,¹⁸⁹ que corre da lagôa Feia. Ali existiam duas miseráveis cabanas de pescadores (que vêm representadas na vinheta desta parte da edição in-4to.) onde tivemos recepção muito cordial. Eram constituídas, simplesmente, de um teto de sapé apoiado ao chão, e tinham duas pequenas divisões interiores. Nem toda a nossa numerosa comitiva pôde passar a noite abrigada, mas apenas os europeus, desacostumados ao sereno do Brasil. Sentámo-nos em esteiras, com as duas famílias dos pescadores, em volta da cabana; a fogueira ficava no meio; e comemos peixe cozido e farinha de mandioca.

As amabilidades dessa boa gente suavizaram o desconforto e fizeram-nos, de certo modo, esquecer a dureza da cama. A dona da cabana em que me alojei era u'a mulher loquaz e jovial, de tez descorada, vestida muito ligeiramente e trazendo à boca um cachimbo, como a maioria das mulheres das classes baixas do Brasil. Os brasileiros fumam, de preferência, cigarros feitos de papel, colocando-os atrás da orelha. Essa maneira de fumar não foi levada ao Brasil pelos europeus, mas veio dos Tupinambás e de outras tribus do litoral. Costumavam estes enrolar certas folhas aromáticas numa folha maior, acendendo-as na ponta*. Os cachimbos usados pelos pescadores, como em todo o Brasil, particularmente pelos negros e outras pessoas das classes mais humildes, constam de um pequeno recipiente de barro cozido escuro e de um tubo fino e liso, feito da haste de uma espécie de feto, que cresce a considerável altura, ("samambaia"), a *Mertensia dichotoma*. Entretanto, prefere-se geralmente, entre todas as classes do povo brasileiro, tomar rapé a fumar; com efeito, o escravo mais

(*) JEAN DE LERY, Voyage, etc. p. 189.

(187) "Carão", como haveremos de ver mais adiante, aparece no livro de WIED como nome de várias aves ribeirinhas ou palustres. A espécie a que se reporta o autor, neste lugar, é *Phimolopus infusatus nudifrons* (Spix), uma das que o sertanejo chama "tapicuré". V. notas 72 e 178.

(188) "Cara-cará" ou "carancho", *Polyborus plancus brasiliensis* (Gmelin), um dos nossos gaviões mais comuns. E' visto, não raro, em convivência com os urubús.

(189) No original vem "Barganza".

indigente possui a sua caixa de rapé, de folha de Flandres ou de chifre em geral uma simples peça de corno de boi tampada com uma rolinha de cortiça.

Mal raiara o dia nas cabanas apinhadas, e já os pescadores diziam as suas preces com grande fervor, depois do que banharam as crianças em água morna, prática usual entre os portugueses, e, segundo parecia, impacientemente aguardada pela miúçalha. Em seguida, estenderam esteiras diante das cabanas, trouxeram peixe cozido e sentámo-nos todos no chão para comer. Logo que fizemos a digestão, os pescadores prepararam o barco para conduzir os nossos animais a váu, através do rio Bragança, que, nas proximidades das cabanas, é tapado de bambús. Milhares de aves aquáticas, sobretudo garças, biguás, frangas d'água, mergulhões e outras, tinham aí os ninhos; aí aparece por vezes, o lindo colhereiro côr de rosa. Entre os pescadores que conduziram a nossa "tropa", notei especialmente um velho de longas barbas e de sabre ao lado. Um homem mais moço, montado num pequeno cavalo, prometeu mostrar-nos o caminho através dos campos alagados. Vestia-se de modo original: usava um gorro de pano, um pequeno jaleco, calções indo apenas até os joelhos e esporas nos pés nus. De muito bom gênio e amável, cavalgava sempre na frente, pelos campos parcialmente inundados a grande altura, a explorar, não sem perigo, a melhor trilha, a qual, entretanto, era tão fatigante para os animais, que tínhamos toda a razão de temer a perda de parte da bagagem. Contudo, atravessámos sem acidente os alagadiços, debaixo de chuvas copiosas.

Vencemos o último trecho das águas em canôas, perto da solitária igreja de Sto. Amaro, e em seguida a nossa "tropa" começou a avançar por imensas planícies verdejantes. Toda essa região plana forma as planícies dos Goaitacazes¹⁰⁰, que se estendem até o Paraíba, e donde a vila de S. Salvador tirou o nome adicional "dos Campos dos Goaitacazes". Encontra-se, nos capinzaes dessas paragens, bem como em todas as campinas da costa oriental do Brasil, a *Sida carpinifolia*¹⁰¹, de caule lenhoso arbustiforme e de flor amarela: viceja luxuriantemente e serve muitas vezes de retiro a uma espécie de "inambú", a que dão, aí, o nome de "perdiz"¹⁰². Tal espécie, ainda muito pouco conhecida, assemelha-se, na côr, à nossa codorniz, sendo, porém, um pouco maior; e oferece ao perdigueiro uma caça tão boa quanto a nossa perdiz, como tive ocasião de convencer-me por diversas vezes. Depois de cavalgarmos até ao anoitecer através dessa região, muito boa para pastagem, e onde se viam grandes rebanhos de gado, chegá-

(¹⁰⁰) O Snr. Temminck descreve essa ave com o nome de *Tinamus maculosus*. (Vide Hist. Nat. Gén. des Pigeons et des Gallinacés, tom. III. p. 557.)

(190) Lê-se no original "Goaitacases".

(191) O género *Sida* (fam. Malvaceae) conta muitas espécies conhecidas vulgarmente por "vassouras", "vassourinhas" (norte) "guaxumas" ou "guanxumas".

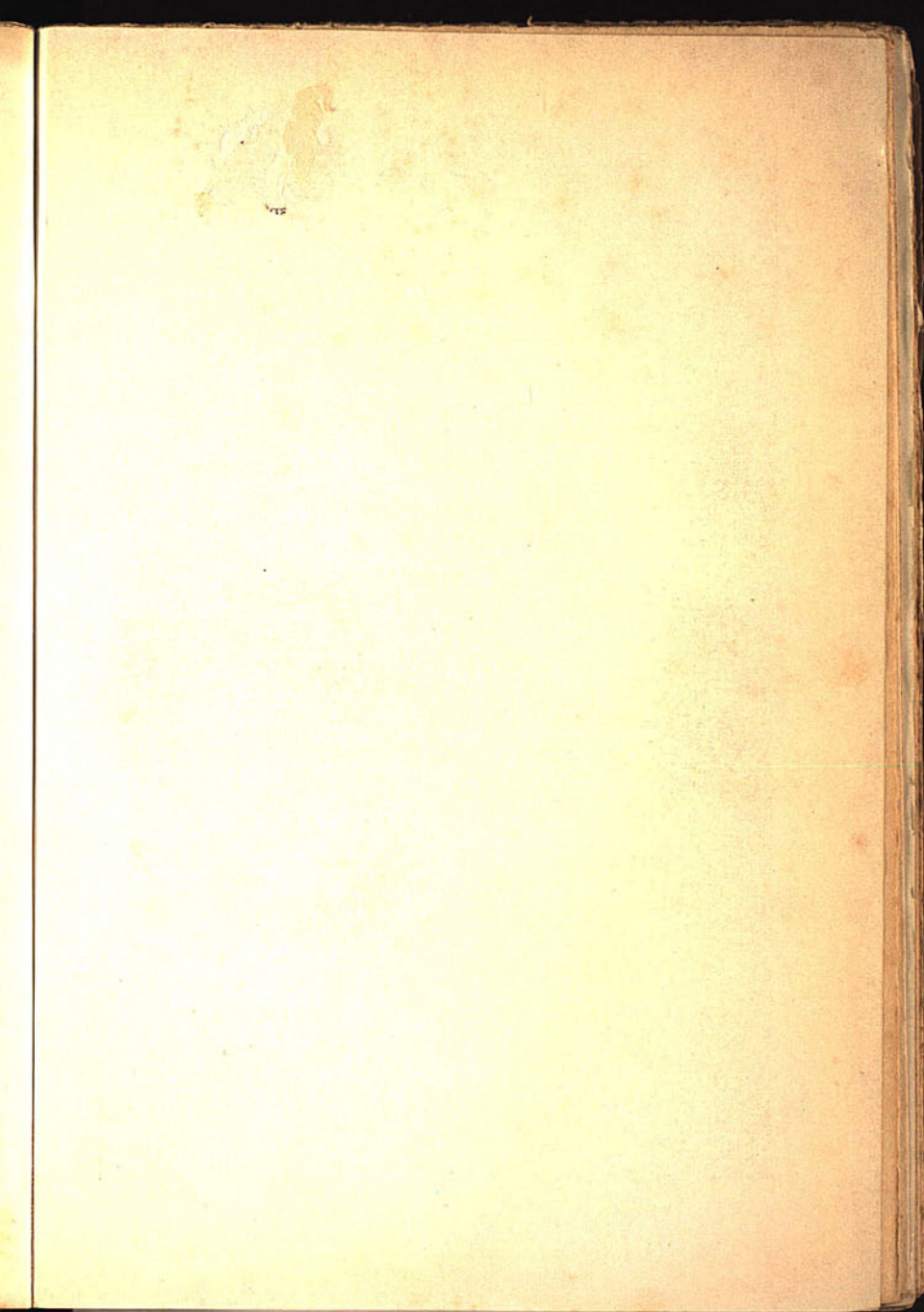
(192) E' a "codorna" comum de São Paulo e Minas (*Nothura maculosa maculosa* (Temm.).

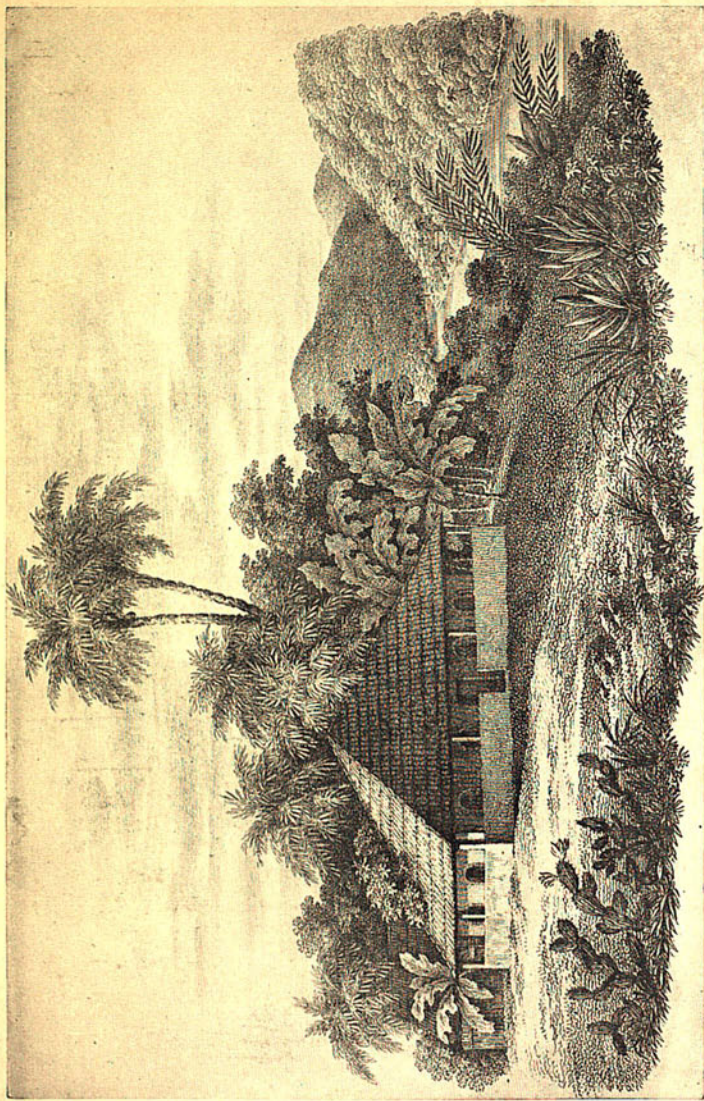
mos, por fim, à grande Abadia de S. Bento, onde esperávamos encontrar o repouso e as acomodações que havia tanto tempo não tínhamos. Esse convento, pertencente à Abadia de S. Bento do Rio de Janeiro, possui terras e bens valiosos. O edifício é vasto, tem uma bonita igreja, dois pátios e um pequeno jardim interno, com canteiros cercados de pedras e plantados de balsaminas, tuberosas, etc. Num dos pátios se erguem altos coqueiros carregados de frutos (*Cocos nucifera*, Linn.). O convento tem cinquenta escravos, as choças dos quais ficam perto de uma praça ampla, em cujo meio se levanta, do pedestal, um grande cruzeiro. Além disso, há um grande "engenho" de açúcar e muitas benfeitorias. Esse rico convento possui também muitos cavalos e bois, e vários currais e "fazendas" nas cercanias. Recebe mesmo dzimias de açúcar de diversas propriedades das vizinhanças.

O Sr. José Inácio de S. Mafaldas, eclesiástico que estava à testa do estabelecimento, recebeu-nos muito hospitaleiramente. Deram-nos quartos com boas camas nas compridas e frias galerias do convento, onde, das largas janelas, mesmo aí sem vidraças, se contemplava bela paisagem da extensa planície. No andar inferior do edifício ficavam a cozinha e o engenho de farinha de mandioca, no qual era fácil secar nossas coleções. Tiveram, ao mesmo tempo, a delicadeza de descarregar o algodão de que necessitávamos; para esse fim, a pequena máquina, descrita pelo barão de Langsdorff na sua obra *Sta. Catarina*, é de uso generalizado. Aproveitámos do melhor modo o tempo aí gasto, divertindo-nos em caçar patos, de que existem multidões inculcáveis nos grandes charcos e "lagôas".

Prosseguindo a viagem, tivemos por guia um mulato, que trazia um punhal numa botoeira, um sabre de lado e esporas nos pés descalços, segundo o costume local. Conduziu-nos pela grande planície, onde as casas eram cada vez mais numerosas, e os rastros dos carros indicavam que nos íamos aproximando de uma zona mais populosa. Vimos, à beira da estrada, sebes de *Agave* e *Mimosa*; atrás destas, bananeiras e laranjeiras em flor; perto das residências, cafeeiros carregados de flores brancas de leite; quadro encantador. As habitações e as "fazendas" surgiam mais e mais numerosas. Ao longo de todo o caminho, o viajante encontra "vendas", cujos proprietários cumprimentam delicadamente os transeuntes, convidando-os a entrar, portanto, a esvasiar os bolsos. Ainda ia alto o sol, quando chegámos à Vila de S. Salvador, situada na margem sul do belo rio Paraíba, numa região fértil e aprazível, vestida de vegetação de múltiplos matizes. Nosso amável hospedeiro de S. Bento nos indicara, para a estadia na cidade, a sua própria casa, onde vimos os primeiros jornais, desde a nossa partida do Rio. Trazia a importante notícia da derrota do exército francês em Belle Alliance¹⁹³, recebida com grande satisfação pelos habitantes da vila.

(193) Belle-Alliance, nome pelo qual os alemães designam a batalha de Waterloo, fica situada entre esta última localidade e Genappe, na Bélgica. Como é sabido, ali foi Napoleão derrotado, em 18 de Junho de 1815, pelos exércitos aliados sob o comando de Wellington e de Blücher.





Casa de campo, à margem do Paraíba.

ESTADIA NA VILA DE S. SALVADOR E VISITA AOS PURIS EM S. FIDELIS

*Vila de S. Salvador — Jornada a S. Fidelis — Os
índios coroados — Os Puris.*

As planícies, que se estendem ao sul do rio Paraíba, eram outrora habitadas pelas tribus selvagens e guerreiras dos "Uetacas"* ou "Goaitacazes", que Vasconcelos coloca entre os "Tapuias", porque falavam uma língua diferente dos dialetos da "língua geral"¹⁹⁴ Dividiavam-se em três tribus, "Goiatacá assú" "Goaitacá jacorito" e "Goaitacá mopi"**; que mantinham perpétua hostilidade entre si e contra os vizinhos. Contrariamente ao costume das outras tribus indígenas, deixavam o cabelo crescer e usavam-no solto; distinguíam-se, pela tez mais clara, complexão mais robusta e maior ferocidade, de todos os seus irmãos, além de pelejarem mais bravamente em campo aberto. A esse respeito, tivemos algumas informações na Biografia do Padre José de Anchieta, onde, entre outras coisas, lemos: "Era esta sorte de gente a mais feroz e desumana que havia por toda costa, em corpos eram agigantados de grandes forças, destros em arco, inimigos de todas as nações, etc." Ainda mais: "O distrito que habitavam era pequeno dentro dos termos dos Rios Paraíba e Macaé, etc."¹⁹⁵. Segundo o relato de Southey, o padre João de Almeida***, horrorizado, encontrou entre eles, na floresta, um esqueleto humano inteiro e armado. De acordo ainda com o mesmo autor, construíam as choças na forma de um pombal, suspendendo-as sobre um só moirão, tinham por leito um montão de folhas, e não bebiam água da chuva ou das cascatas, mas a que se coletava em buracos cavados na areia****.

(*) JEAN DE LERY, *Voyage*, etc., p. 45.

(**) S. DE VASCONCELOS, *Notícias*, etc. p. 39.

(***) Biografia do Padre João de Almeida.

(****) SOUTHY'S *History of Brazil*, vol. II, p. 665.

(194) Na classificação de Von den Stein, posterior à de Martius e anterior à de Ehrenreich, os Goitacazes formam um grupo étnico autónomo, a maneira dos Tupis e dos Guês. Quanto ao termo *sapuias*, é noção assente que ele não encerra nenhum conceito etnográfico preciso, sendo originário da língua dos tupis, e servindo para designar indistintamente todos os índios de raça diversa da destes últimos e portanto seus inimigos. Cf. RODOLFO GARCIA, cap. sobre a Etnografia na *Intr. ao Dic. Hist. Geogr. e Ethn. do Brasil*, I, p. 250 (1922).

(195) Os trechos aspeados aparecem traduzidos no texto do original alemão. Vêm entretanto fielmente transcritos em nota marginal, de onde foram, taes quais ali se acham, transferidos agora para o texto da presente tradução.

Essas três tribus guerreavam em todas as frentes, entre si, contra os europeus e contra os índios da costa, mas foi sobretudo a colônia portuguesa do Espírito Santo que lhes sofreu os ataques. No ano de 1630 foram seriamente derrotados*. Daí por diante, eliminaram-nos pouco a pouco ou os submeteram e amansaram, donde resultou a colonização do Paraíba, que é atualmente a zona mais próspera entre o Rio de Janeiro e a Baía. Toda a região é ocupada por "fazendas" dispersas e plantações; e, na margem sul do rio Paraíba, que corta essa fértil planície, cerca de oito léguas do mar, fica uma importante vila, que de certo merece o nome de "cidade".

A Vila de S. Salvador dos Campos dos Goitacazes tem de 4 a 5.000 habitantes; a população de todo o distrito é calculada em 24.000 almas. É de ordinário chamada simplesmente Campos, sendo razoavelmente construída e possuindo ruas regulares e calçadas na sua maior parte, bem como belos edifícios, alguns dos quais de vários andares. Balcões, fechados com rótulas de madeira, à antiga moda portuguesa, são ainda comuns. Próximo do rio há uma praça, onde fica o edifício público em que se reúnem as autoridades municipais, e no qual, além disso, está a prisão. Há na cidade sete igrejas, cinco boticas e um hospital, com capacidade para cerca de vinte doentes. O "lazareto" é dirigido por um cirurgião, além do que consta haver no lugar médicos muito mais competentes que em outras partes da costa, onde, muitas vezes, se procura em vão um profissional digno de confiança.

A situação da cidade é bastante aprazível; acompanha em longa extensão a margem do belo Paraíba e oferece lindo panorama, especialmente quando vista da estrada rio abaixo. A paisagem ribeirinha é sempre animada; um povo atarefado, quasi todo de côr, agita-se continuamente, entregue ao comércio e a outras ocupações. Praticamente, em Campos, ativo intercâmbio de diversas mercadorias; a região do Paraíba acima produz, nesse particular, grande quantidade de açúcar; e existem grandes engenhos junto ao pequeno rio Muriaé, que desemboca no Paraíba na margem norte, oposta a S. Salvador. Café, algodão e outros produtos agrícolas dão ôtimamente; até verduras européias se encontram nos mercados. O principal produto, entretanto, é o açúcar e a aguardente dêle destilada. Há, entre os habitantes, gente opulenta, possuidora de vastos engenhos perto do rio, em alguns dos quais se ocupam cento e cincoenta escravos ou mais: além da aguardente, produzem-se, em cada um desses estabelecimentos, anualmente, quatro a cinco mil arrobas de açúcar.

Projetam-se aperfeiçoamentos no processo de fabricação e o emprego, para esse fim, de máquinas a vapor. O engenho do Capitão Neto Fiz, que se mostrou muito cortez, simpático e alinhado; possui vastos canaviais, além de duas outras "fazendas" no Muriaé. Nes-

(*) Ibid., p.666

sa região no Paraíba e no Muriaé, já em 1801 havia duzentos e oitenta engenhos, dos quais oitenta e nove grandes e muito lucrativos*.

Vê-se bastante luxo na cidade, especialmente no trajar, coisa em que os portugueses despendem muito dinheiro. O asseio é geral entre esse povo, mesmo nas classes baixas, pelo menos entre os filhos do país. Visitando-se, porém, o interior, ou vilas menores, nota-se quasi sempre que os colonos conservam os antigos costumes, não demonstrando a menor idéa de melhorar de condição. Vêm-se, aí pessoas opulentas, que enviam à capital, todo ano, várias "tropas" carregadas de gêneros, e talvez umas mil ou quinhentas cabeças de gado para venda, mas cujos casebres, apesar disso, são peores do que os dos mais pobres camponeses germânicos; baixos, de um só pavimento, feitos de barro e até mesmo sem calçamento. Toda a economia doméstica e maneira de viver estão no mesmo nível; mas poucas vezes se vê desasseio nos trajes. É pequena a criação de gado na região do Paraíba, embora as suas planícies sejam tão próprias para isso. Criam-se aí alguns muareis; não são, porém, fortes e bonitos como os de Minas Gerais e Rio Grande. Os carneiros e as cabras são pequenos, e os porcos não crescem tão bem como em outras zonas. Visitei os Campos dos Goitacazes, não para colher dados estatísticos a respeito da região (o leitor procurará outras obras para esse fim), mas para conhecer o que houvesse de notável no povo ou nos produtos naturais. Assim que consegui o meu objetivo, abreviei a minha estadia, e apressei-me em visitar, o que representava para nós a curiosidade, de maior interesse, uma tribo de rudes e selvagens "Tapuias" ainda existente nas vizinhanças, junto ao Paraíba.

O coronel Manoel Carvalho dos Santos, comandante do distrito de S. Salvador e do regimento da milícia, recebera-nos mui polidamente; quando lhe comunicámos o nosso desejo de visitar a missão de S. Fidelis, Paraíba acima, teve a gentileza de dar-nos um oficial e um soldado como guias. Preparámo-nos prontamente para essa interessante excursão, e partimos de S. Salvador a 7 de Outubro, deixando aí a bagagem.

O Paraíba nasce na capitania de Minas Gerais, corre entre a serena dos Orgãos e a da Mantiqueira, em direção léste, estando já registrado no pequeno mapa que o sr. Mawefez da sua viagem ao Tejuco. Recebe diversos cursos d'água menores, o Paraíbauna, o rio Pomba e outros, e continua o trajeto através de florestas virgens, entre margens pedregosas, até que por fim penetra, já próximo da foz, nas planícies dos índios Goitacazes. Aí, toda a região é cultivada e movimentada; entretanto, além dessas planuras, as margens do Paraíba são ainda habitadas por aborígenes, em parte civilizados e estabelecidos.

Nosso caminho seguia, a princípio, ao longo do rio, cujas margens eram cobertas de capoeiras de belas mimosas, bignonias e outras árvores análogas. Erguiam-se, perto da vila, altos coqueiros solitários:

(*) *Corografia Brasileira*, t. II. p. 47.

vinham, depois, campos e matagais, entre "fazendas" isoladas. Cedo perdemos de vista o rio, de que se afastou o caminho. Vimos, frequentemente, nos campos, em companhia do anum (*Crotophaga Ani*, Linn.), o cuco pintado (*Cuculus Guira*, Linn.) "anú branco" dos portugueses, que é muito semelhante aos primeiros na forma e na maneira de viver. Essa ave, a que Azara dá o nome de "piririgua", havia pouco tempo que era conhecida nas cercanias de Campos, dizendo-se que descera, nos últimos anos, dos planaltos de Minas às baixadas da costa.

Por muitas vezes admirámos a beleza e a fertilidade desses rios. Sucodem-se, à beira do rio, as grandes "fazendas": vastos canaviais se alternam, nas alegres planícies, com extensas campinas. Bois e cavalos, corpulentos e belos, além de alguns muars, pastam em grande quantidades. Nos arredores de várias casas, num campo, admirámos uma dessas colossais "figueiras"¹⁹⁶, na expressão dos portugueses, presente dos maiores que a Natureza ofereceu aos países cálidos; a sombra dessa árvore magnífica refaz o viajante que repousa sob as frondes incrivelmente amplas, de brilhante matiz verde-escuro. As figueiras de todos os países quentes têm, em geral, troncos muito grossos, galhos extremamente fortes e uma ramaria prodigiosa. Vi, no Brasil, muitas, realmente gigantescas; nenhuma, porém, igualava as dimensões do tronco da famosa dragoeira de Oretava, que tinha, de acôrdo com a medição do Humboldt, quarenta e cinco pés de circunferência. Nos ramos superiores da figueira mencionada, descobrimos o curioso ninho do pequenino "bico-chato", verde e de barriga amarela *Todus*¹⁹⁷: de forma globulosa, e feito de lanugens, é fechado em cima, e tem uma entrada estreita. No Brasil há maior número de passaros que constroem ninhos assim fechados do que entre nós, provavelmente porque são mais numerosos os inimigos dos filhotes.

As montanhas começam algumas léguas além do S. Salvador; uma vez transpostos os canaviais, contemplámos à distância as altas neiras florestas. Viam-se, nessas matas, manchas vermelhas, formadas pela folhagem nova da "sapucaia", que é de côr rósea quando brota na primavera. Estava-se, justamente, na mais favorável estação do ano para as excursões, porque em toda a parte as folhas tenras aparciam na mais encantadora diversidade de tons; a fragrante vegetação cobria todo o panorama, e a suave temperatura era-nos sumamente aprazível, a nós, homens do norte, não acostumados aos grandes calores. Depois de caminharmos cêrca de três leguas, atingimos de

(196) Várias espécies de figueiras bravas, dos gêneros *Ficus*, e *Urostigma* (fam. Moraceae), *F. benjamina* Linn., *U. dollartium* Miq., *U. enorme*, etc., no norte do Brasil (Bala, etc.), mais conhecidas por "gameleiras", graças ao emprego que de sua madeira, branca e leve, se fazia no fabrico de gamelas (usadas como tabuleiros, tachos, ou bacias de banho).

(197) Conforme se lê a página 967 do tomo III das "Beiträge", o passarinho a que, por informações fornecidas pelos naturais, atribuiu Wied o ninho em questão, é o pequeno tirânido *Todirostrum poliocephalum* Wied, espécie conhecida em certos estados do Brasil em que ocorre, pelo nome de "teque-teque" e cuja descoberta e primeira descrição a ciência lhe deve. Euler, que ponde descrever o ninho do passaro por observação própria (cf. *Rev. Mus. Paul.*, IV, p. 40), confirma a suposição do zeloso e probo ornitologista germânico.

novo as margens do Paraíba, que eram, nesse ponto, de admirável beleza. Três ilhas, parcialmente cobertas por imponentes árvores seculares, recortavam-lhe a superfície. O rio, de largura não inferior à do Reno, corre com rapidez, e em suas margens se intercalam colinas verdejantes, cobertas de florestas e bosques, e vêm-se grandes fazendas, cujos telhados vermelhos contrastam agradavelmente com a folhagem verde, enquanto as choças dos negros formam pequenas aldeias em torno delas. (a vinheta anexada à edição in-4^{ta}. representa uma das menores destas casas). Os vales, entre essas colinas marginais, estão cheios, de brejos aos quais uma espécie alta de bignoniácea empresta, muitas vezes, a triste aparência de mata resequida. Tronco e ramos são de cor cinzenta brilhante, e a escura folhagem verde-pardacenta dá-lhe um sombrio aspeto de coisa morta, sobretudo porque se condensa em bosques espessos; a flor, entretanto, é bonita, grande e branca. Há muitas outras plantas formosas; entre elas, uma *Cleome** arborescente completamente carregada de enormes tufos de lindas flores branco-róses¹⁹⁸. Ladeavam o caminho bignonias amarelo-escuras e brancas, e nas margens se vêm moitas erectas de *Al-lamanda cathartica*, Linn.¹⁹⁹, de grandes flores amarelo-vivas.

Quando estávamos, mais ou menos, a meio caminho, nosso guia levou-nos a uma "fazenda" vizinha, cujo dono, um capitão, nos convidou mui hospitaleiramente a jantar. Em frente à casa dele, que, situada em suave eminência, domina belíssimo trecho do rio, havia uma dessas lindas bignoniáceas, a chamada "ipê amarelo"²⁰⁰, coberta de grandes flores desta cor, que despontam antes das folhas; a madeira é muito forte e bastante empregada. A tarde, continuámos a viagem, mas fomos apanhados por violenta tempestade, que tornou penoso o caminho antes aprazível. Da beira do rio subimos escarpada montanha, o Morro de Gambá, cavalgámos-lhe pelo dorso dentro de espessa mataria, e, quando a deixámos, vimos embaixo, surpresos, um magnífico trecho do rio. Entre os picos silvestres, altaneiros e alcantilados, destacava-se o cume rochoso do Morro de Sapateira, de forma particularmente curiosa; e o contraste que fazia com as colinas verdes e risonhas, onde os habitantes ergueram as alegres moradas, aumentava o encanto da paisagem. Bem sob os nossos pés, debaixo de uma rocha a pique, ficava uma pequena planura à beira do rio, onde algumas casas ensombradas por coqueiros formavam um cenário delicioso. A trilha estreita seguia ao longo do abrupto despe-nhadeiro até considerável altura, para de novo descer ao vale, onde o viajante se regalava, em cada "fazenda", como delicioso perfume dos laranjais.

(*) (Suplem.) *Cleome arborea* SCHRADER, op. cit. p. 707.

(198) Várias espécies do género *Cleome* (fam. Capparidaceas) tem vasta distribuição no Brasil oriental, onde são ordinariamente conhecidas por "massambês" ou "mussambês", "mussambês", etc.

(199) Planta sobejamente conhecida, muito usada nas sebes e jardins, pelo efeito ornamental de suas belas flores caliciformes, de intensa cor amarela.

(200) No original "Ipe"-amarello.

Chegámos a um brejo, coberto de caniços e da *Bignonia* cinzenta de flores brancas, cuja altura chegava a vinte ou trinta pés. Nos troncos desta, inúmeras garças noturnas (*Ardea nycticorax*)*²⁰¹ construíram os ninhos. Essa garça é muito parecida com a *Nycticorax* da Alemanha, sendo, apenas um pouco menor; parece, por isso, ser a mesma ave. Vimos, em cada ninho, os adultos e os filhotes olhando-nos como a estranhos, inquisidoramente; nossos caçadores mataram várias, mas não se aventuraram ao charco um tanto profundo, para a colheita. Informaram-nos que numerosos "jacarés" (*Crocodilus*) vivem nesses charcos, mas não vimos nenhum.

Após atravessarmos agradável região cheia de pitoresco, atingimos a Fazenda do Colégio, quando anoitecia; seguimos, porém, antes que ficasse completamente escuro, até o pequeno Rio do Colégio, que eramos obrigados a transpor. Os cavalos e burros tiveram que deslizar por forte rampa, que a chuva tornara de todo escorregadia, e alguns rolaram por ela abaixo. Contudo, passámos sem novidade a profunda e rápida corrente, embora ficássemos completamente encharcados. Logo penetrámos numa densa floresta, à margem do rio, que prossegui, durante légua e meia, até S. Fidelis. Era, então noite fechada, e a trilha muito estreita, passando, muitas vezes, sobre o próprio e íngreme barranco do rio, era inhospita e obstruída pela galharia seca e as árvores tombadas. O soldado, que conhecia bem o caminho, cavalgava adiante, e constantemente apeava, com o nosso pessoal, para remover os obstáculos, o que nos obrigou, muitas vezes, a afastar os cavalos a boa distância. Chegámos, por fim, a uma brusca e profunda ribanceira, atravessada por estreita ponte constituída por três troncos de árvores. Fizeram nela uma série de entalhes, para garantir marcha mais firme aos animais; apesar disso, escorregaram em várias ocasiões; e alguns quasi cairam. Com um pouco de paciência, conseguimos, felizmente, superar mais essa dificuldade. Nas sombras da floresta, esvoaçavam inúmeros insetos luminosos, gritavam os curiangos (*Caprimulgus*), grandes "cigarras" se ouviam a extraordinária distância, e a singular atoadade de um exército de rãs ressoava nas trevas noturnas da brenha solitária. Alcançámos, afinal, um campo à beira do rio, e achámo-nos de repente no meio das cabanas dos ín-

(*) (Suplem.) A garça noturna do Brasil tem todos os característicos da ave alemã, a própria cor dos pés, do bico e da íris sendo a mesma; acha-se apenas uma pequena diferença no tamanho, a ave europeia medindo 20 polegadas de comprimento, ao passo que a brasileira alcança 24 polegadas e 10 linhas. Essa diferença de porte não constitui nenhuma base suficiente para fazer delas duas espécies distintas, tanto mais quanto a mesma garça noturna ocorre também na América do Norte.

(201) A garça noturna sul-americana, depois de ter sido tratada pela generalidade dos ornitólogos da segunda metade do século passado como espécie autónoma, voltou modernamente a ser considerada simples raça ou sub-espécie da ave europeia, sob o nome de *Nycticorax nycticorax horticola* (Gmelin). Isso comprova a agudeza do senso sistemático de Wied, a quem a dúvida sobre como proceder nesse ponto difícil faria ainda, em suas "Beiträge" (IV, p. 646), antepôr uma interrogação ao nome que a seu juízo melhor à ave competia. Convém a propósito lembrar a existência no Brasil de uma garça noturna, *Nyctanassa violacea cayennensis* (Gmelin), vulgarmente "dorminhoco", "tamatião", "sibacú", cujos hábitos e aspecto são muito semelhantes aos da "anteriormente citada mas da qual facilmente se distingue por ter o alto da cabeça inteiramente preto.

dios "Coroados" de S. Fidelis. Nosso guia se dirigiu imediatamente à casa do padre, chamado João e mandou pedir-lhe, por um dos escravos, pouso para a noite; esbarrámos, porém, numa recusa peremptória, e foram inúteis todas as tentativas para movê-lo. Não fosse a gentileza do capitão, em cuja casa nos trataram tão bem ao meio-dia, e certamente teríamos passado a noite ao relento. Encontrámos abrigo na casa vasia desse gentilhomen, na qual armámos as rédes e dormimos com todo o conforto.

S. Fidelis, situada nas belas margens do Paraíba, que tem aí grande largura, é u'a missão ou aldeia de índios "Coroados" e "Coropos", e fôra fundada, havia cerca de trinta anos, por alguns frades capuchinhos vindos da Itália. Eram, a esse tempo, quatro missionários, um dos quais ainda vive aí como padre; outro reside na sua missão de Aldeia da Pedra, sete ou oito léguas rio acima; os dois restantes morreram. Os habitantes indígenas pertencem às tribus dos "Coroados", "Coropos" e "Puris", esta ainda selvagem e vagueante pelas vastas solidões situadas entre o mar e a margem norte do Paraíba, projetando-se, para oeste, até o rio Pomba, em Minas Gerais*. Vivem atualmente em paz, defronte a S. Fidelis, mas, rio acima, em Aldeia de Pedra, estiveram, havia pouco tempo, em guerra com os "Coroados". Na realidade, o principal retiro dessas duas tribus fica em Minas Gerais, donde se estendem à região mencionada, ao longo do Paraíba e do litoral. Na margem direita ou sul se encontram os "Coroados", e, em S. Fidelis, também alguns "Coropos" presentemente civilizados, isto é, fixados.

A zona destes acompanha a margem sul do Paraíba até o rio Pomba; aí na margem esquerda do último rio, se acham ainda em estado selvagem, mas já constroem choças melhores que as dos Puris, com quem estão em guerra e por quem se diz que são temidos. O sr. Freyre visitou-os na sua primeira viagem a Minas, não os encontrando mais de todo selvagens, mas ainda assim, em condições mais primitivas que os irmãos do Paraíba**. Esses aborígenes, como disse, já estão quasi todos fixados; isto é, os "Coropos" inteiramente, e os "Coroados" na maior parte; mal começaram, no entanto, a abandonar os costumes e maneiras selvagens; de fato, um mês apenas antes da nossa chegada, os "Coroados" de Aldeia da Pedra mataram, numa de suas excursões, um Puri, e festejaram ruidosamente o acontecimento durante vários dias sucessivos. Entretanto, essas três tribus foram a princípio aparentadas, como o atesta a semelhança das línguas***. Cultivam mandioca, milho, batatas, abóboras, etc. São caçadores desde a infância e hábeis no manejo dos sólidos arcos e flechas.

(*) A *Corografia Brasílica* não descreve acuradamente a situação dos Puris no baixo Paraíba; com efeito, declara que esses selvagens se acham aí reunidos em diversas aldeias, o que não é verdade.

(**) Cf. Eschwege, *Journal von Brasilien*, cap. I, p. 119.

(***) A *Corografia* diz que os Coroados são descendentes dos antigos Goitacazes (vol. II, p. 53), o que parece improvável, de vez que os últimos usam cabelos compridos, enquanto os Coroados dos primeiros tempos tiravam o nome do costume de cortá-los em uma pequena corça.

Ainda bem não alvorecera, e já nos dirigiamos às choças construídas pelos missionários para os "Coroados" e os "Coropos". Achámos esse povo ainda bastante puro, de tez moreno-escura, fisionomia rigorosamente nacional, compleição robusta e cabelos negros como o carvão. As moradas são boas e espaçosas, feitas de madeira e barro, e as coberturas são de folhas de palmeira ou de bambú como dos portugueses. Armam nelas as rédes de dormir e encostam, num canto da parêde, o arco e a flecha. O resto dos rudimentares utensílios domésticos compõe-se de panelas, pratos ou tijelas ("cuias"), feitas por elles mesmos de cabaças e da cueira (*Crescentia cujele*, Linn.), cestos de palmas entrançadas e muitos outros objetos. O traje é constituído de calções e uma camisa branca de algodão; aos domingos, porém, vestem-se melhor e assim não se distinguem da classe baixa portugueza; todavia, mesmo então, vêm-se, frequentemente, homens sem chapéus e descalços. As mulheres, ao contrário, são mais elegantes, usam às vezes um véu e gostam de atavios. Todos falam portuguez, mas geralmente empregam entre si a língua nacional. As línguas dos "Coroados" e "Coropos" são em extremo parecidas, e ambos, na sua maior parte, comprehendem os "Puris". Nosso jovem "coropo", Francisco, falava todas elas.

A differença de linguagem entre as diversas tribus de aborígenes do Brasil é um assunto digno de investigação. Quasi todas as tribus dos "Tapuias" têm dialetos peculiares: da semelhança de certas palavras em várias línguas, alguns inferiram que elas se derivam de nações europeias; mas sem razão, provavelmente; *papae* e *mama* têm, sem dúvida, entre os "Cambevas" ou "Omaguas", a mesma significação que entre nós, e a palavra *ja* segundo se diz, na língua "Coropo" quer dizer também *sim*, como em alemão, afora, porém, essas coincidências fortuitas e insignificantes, não há a menor identidade entre essas línguas e as da Europa. As armas originaes dos "Coroados", e às quais ainda estão fortemente presos, são o arco e a flecha, que só diferem dos "Puris" em algumas pequenas particularidades. Empregam, geralmente, nas flechas, penas das lindas "araras" vermelhas (*Psittacus Macao*, Linn.)²⁰² que se encontram, subindo o Paraisba, na "Aldeia da Pedra". A semelhança de todas as tribus que lhe são aparentadas, possuem admirável destreza no uso dessa arma, e levam grande parte do tempo caçando nas grandes florestas, que principiam não longe das choças. Afirma-se, na *Corografia Brasilica**, que em cada morada sempre residem várias famílias de "Coroados", o que devo reduzir a duas. Outrora, esse povo enterrava os chefes defuntos, sentados, em grandes vasos de barro, a que chamavam *camucis*, e ba-

(*) Vide *Viagem de DE LA CONDAMINE*, p. 54. Mesmo entre os novh-zelandeses nossos antipodeses, as crianças chamam o pai de *pah-pah*. Vide DAW COLLINS's, *Account of the English Colony in New South Wales*. Londo, 1798, IV, p. 535.

(**) Cf. *Corografia brasilica*, t. II, pg. 54.

(202) Já anteriormente vimos que a arara a que o autor se refere é *Ara chloroptera* Gray.

nhavam-se toda manhã, ao alvorecer; presentemente, porém, abandonaram esses costumes.

Sendo domingo o dia seguinte ao da nossa chegada a S. Fidelis, assistimos, pela manhã, à missa na igreja do mosteiro, onde se reuniram os habitantes dos arredores, por pura curiosidade, para admirarem os estranhos visitantes. Padre João fez uma longa prédica, de que não entendi uma palavra. Visitámos, depois o mosteiro deshabitado, a observar-lhe as curiosidades. A igreja é grande, clara e espaçosa, e foi pintada pelo padre Vitório, morto havia apenas dois meses. Esse missionário promovera zelosamente o bem-estar dos índios, que lhe respeitavam muito a memória, ao passo que não pareciam amigos do padre vigente: de fato, expulsaram-no certa vez, alegando que não lhes podia dar instrução, porque era pior do que eles. A pintura interior da igreja não se podia, de certo, chamar de bela, mas era tolerável e representava um grande ornamento nesse lugar remoto e quasi deserto, surpreendendo agradavelmente o forasteiro. Os nomes dos quatro missionários estavam inscritos atrás do altar; viam-se, dos lados, vários quadros votivos, entre os quais uma pintura representando um negro, cujo braço ficara prêso entre os cilindros de u'a moenda de cana, que parou imediatamente, quando o negro, na sua angústia, invocou um santo*. Acidentes assim acontecem comumente aos negros, porque são muito imprudentes. O convento não é grande, porém possui razoável número de aposentos claros e alegres, e uma torre baixa. O trabalho de subir-lhe a escadaria meio arruinada foi pago pelo aprazível panorama do belo e romântico vale. (A 1.ª prancha da edição in-4to. representa essa igreja e uma parte da aldeia de São Fidelis, com as matas adjacentes).

Seria muito fácil, ao padre João, dar-nos, no dia imediato, bons quartos no espaçoso mosteiro; mas a sua indelicadeza foi tamanha, que se recusou mesmo a ceder-nos algumas provisões. Quando, pela manhã, conheceu dos termos favoráveis em que estavam vasados os nossos passaportes, achou melhor mostrar-se mais polido, e ofereceu-nos um carneiro do seu rebanho, que comprámos para o almôço. Tendo-nos procurado depois da missa, com êle fizemos as pazes, o que pôs fim às animosidades. Todos os habitantes de S. Fidelis souberam da história da nossa chegada e manifestaram, em voz alta, a sua desaprovação à conduta do padre.

O ponto mais importante do nosso programa era, agora, o conhecer os selvagens "Purís" nas florestas. Passámos, portanto, para a outra margem do Paraíba, onde tivemos amigável recepção na fazenda de um senhor "Furriel". Nosso hospedeiro chegou até a mandar o irmão à floresta em busca dos Purís, para lhes informar da chegada de alguns estrangeiros que os queriam visitar. Esse convite aos selvagens foi um grande sacrifício que fez para nos obsequiar, porque não só não lhe trouxeram nenhuma vantagem, como o prejudicaram

(*) KOSTER conta fatos semelhantes à pagina 348.

consideravelmente. Quando bem acolhidos, fixam-se próximo às plantações e lhes consomem o produto, como si fôsem feitas para o seu benefício, chegando mesmo, muitas vezes, a roubar camisas e calções dos negros que vão trabalhar nas matas circunvizinhas.

Foi há pouco tempo que essa horda de Puris* se estabeleceu perto de S. Fidelis e, no entanto, supõe-se pertença aos que exerceram hostilidades no litoral, nas cercanias de Muribeca. Tanto isso é verdade, que, logo depois da sua chegada, receberam, em S. Fidelis, notícias sobre um assassinato cometido por gente dela, na costa, o que prova que eles mantêm comunicação direta através das florestas; diz-se até que se comunicam constantemente entre a costa e Minas**.

Essa "fazenda" fica apazivelmente situada à margem do Parafaba, que é, aí, em muitos pontos, tão largo quanto o Reno. Sombrias, densas, altas florestas se alternam com verdejantes colinas, que se abeiram do rio, e nas quais existem numerosas "fazendas". Em alguns lugares, essas matas imensas e românticas vão longe, acompanhando o rio, e se estendem, sem interrupção, pelo interior a dentro. Do cume sobranceiro das montanhas, divisam-se, em baixo, vales umbrosos interceptando o ermo agreste, compactamente coberto pelos altaneiros gigantes da floresta, e cujo silêncio só de raro em raro é quebrado pelas passadas do Purí saqueador e solitário. Para trás da "fazenda", subimos a um outeiro rochoso, donde contemplámos a mais deslumbrante e ao mesmo tempo solene dos panoramas das imensas solidões. Mal nos reuníramos à numerosa comitiva parada ao pé do outeiro, quando vimos, de um lado, selvagens saindo de um pequeno vale e dirigindo-se a nós. Sendo os primeiros que víamos, nossa alegria foi tão grande quanto nossa curiosidade. Fomos-lhes ao encalço e, surpresos pela novidade da cena, estacámos antes deles. Cinco homens e três ou quatro mulheres, com os filhos, aceitaram o convite para se encontrar conosco. Eram todos baixos, não tendo mais de cinco pés e cinco polegadas de altura; em geral, homens como mulheres, eram robustos e de membros musculosos***. Estavam completamente nus, exceto uns poucos que usavam lenços em torno da cintura ou calções curtos, obtidos dos portugueses. Alguns traziam a cabeça toda rapada; outros tinham os cabelos naturais, grossos e negros como o carvão, cortados sobre os olhos e caíndo dos lados sobre o pescoço: alguns cortavam rente a barba e as sobrelhas. Tinham, geralmente, pouca barba; esta, em muitos, formava apenas um ralo círculo em volta da boca e descia cerca de três polegadas abaixo do queixo****.

(*) O nome Puris ou "Pury", é explicado por v. Eschwege em seu *Journal von Brasilien*, cap. I, p. 108.

(**) São ainda numerosos em Minas: pensou-se em removê-los e escravizá-los para que se civilizassem, mas a tentativa falhou por completo.

(***) Entre as tribos da costa oriental que eu vi, considero os Puris a de mais baixa estatura. O sr. Freyreiss afirma que, em Minas Gerais, são eles mais corpulentos que os Coroados. Não vi essa observação confirmada em S. Fidelis, porque os Coroados são, aí, na maior parte das vezes, mais altos e robustos.

(****) Muitos escritores erraram por completo, dizendo imberbes os americanos, embora tenham, geralmente, a barba fina e rala. Uma tribo de nativos, caracterizada por ter barba mais forte, diz-se que habitou em "Syputuba"; os portugueses, por isso, chamavam-nos de "Barbados".

Alguns traziam, na testa e nas faces, manchas vermelhas e redondas pintadas com "urucú" (*Bixa Orellana*, Linn.); no peito e nos braços, ao contrário, usavam listas azuis, feitas com o suco do fruto chamado genipapo (*Genipa americana*, Linn.): são essas as duas cores empregadas por todos os "Tapuias". Em redor do pescoço, ou à tiracolo, usavam fios de grãos negros e duros, no meio dos quais, na frente, se viam numerosas prêsas de macacos, onças, gatos e outros animais selvagens. Alguns traziam desses colares, sem dentes. A figura 5 (da edição in-4to) da prancha 12 representa um desses colares, e a figura 6 um outro ornato análogo, que parece feito da casca de certas excrecências vegetais, provavelmente dos espinhos de algum arbusto*. Os homens carregavam longos arcos e flechas, que, como tudo o que produzem, trocaram, a nosso pedido, por ninharias.

Recebemos da maneira mais amigável essa gente curiosa. Dois deles tinham passado a meninice entre os portugueses, e falavam um pouco a sua língua; — daí serem, muitas vezes, de grande utilidade para as "fazendas". Demos-lhes facas, rosários, pequenos espelhos e distribuímos algumas garrafas de aguardente de cana, o que os tornou extremamente alegres e comunicativos. Dissemos-lhes da nossa intenção de visitá-los nas florestas, na manhã seguinte, se nos recebessem bem: e, à nossa promessa de levar-lhes, ainda, outros presentes, despediram-se contentíssimos, e, em altos gritos e cantando, correram para as selvas.

Na manhã seguinte, mal deixáramos a casa e já percebíamos os índios saindo da mata. Fomos depressa ao encontro deles, oferecemos-lhes aguardente e os acompanhámos à floresta. Quando cavalgávamos em volta dos canaviais da "fazenda", encontrámos toda a horda dos Puris descansando na relva. Aquele grupo de gente nua e escura constituía um espetáculo dos mais interessantes e singulares. Homens, mulheres e crianças se misturavam, observando-nos com olhares curiosos mas tímidos. Todos se tinham enfeitado do melhor modo possível: sòmente poucas mulheres usavam um pano em roda da cintura ou do peito; a maioria estava completamente despida. Alguns homens se ornavam com um pedaço de pele do macaco por eles chamado "mono"²⁰³, enrolado na testa; observámos também alguns que usavam os cabelos cortados muito rente. As mulheres carregavam os filhinhos em faixas feitas de esteira, prêsas ao ombro direito; outras os traziam nas costas, suspensos por faixas largas que passavam pela testa. Essa é a maneira pela qual geralmente transportam os cestos de provisões, quando viajam. Alguns homens e mulheres estavam muito pintados; tinham uma mancha vermelha na testa e nas faces,

(*) Esse ornato consiste em objetos castanho-escuros, ôcos e alongados, cuja forma é perfeitamente semelhante à de um *Dentalium*, donde se supôs fossem de origem animal, até que um exame mais acurado mostrou que eram feitos de uma crôsta ou casca, sem dúvida envólucro de certos espinhos. Diz-se que também se encontram nas "Caxoeiras" do Paraíba.

enquanto outros listavam o rosto de vermelho ; outros, ainda, usavam listas pretas ao longo do corpo, além de barras transversais pintalgadas ; e muitos dos pequeninos estavam completamente mosqueados, como leopardos, com pequenas pintas negras. A pintura parece arbitrária e depender do gosto individual. Algumas das moças usavam uma espécie de fita em tórno da cabeça ; e as mulheres, em geral, amarram fortemente, em redor dos punhos e dos quadris, uma faixa de esteira ou corda, para, dizem, torná-los menores e mais elegantes.

Os homens ficavam acorados, eram geralmente robustos e, não raro, muito musculosos ; cabeça grande e redonda ; rosto largo, maçãs quasi sempre muito salientes ; olhos negros, pequenos e algumas vezes oblíquos ; nariz curto e largo, dentes muito brancos : alguns, porém, eram de compleição mais delicada, pequeno nariz aquilino e olhos muito vivos, de expressão às vezes agradável, mas em geral grave, sombria e astuciosa, obscurecida pela fronte abaulada.

Um dos homens se destacava pela sua fisionomia Calmuck ; tinha uma grande cabeça redonda e os cabelos cortados a uma polegada de altura ; corpo muito robusto e musculoso ; pescoço curto e grosso ; cara chata e larga ; olhos oblíquos, maiores do que os comuns entre os Calmucks, muito negros, arregalados e ferozes ; sobrancelhas pretas, espessas e muito arqueadas ; nariz pequeno, mas de narinas grandes ; lábios mais para grossos. Esse indivíduo, que, segundo afirmaram nossos homens, nunca fôra visto antes no lugar, pareceu-nos tão formidável, que todos nós, sem exceção, confessámos que não gostaríamos de encontrá-lo, sozinhos e desarmados, num local solitário. Eschwege, dá como traço dos "Purís" a pequena estatura dos indivíduos do sexo masculino ; devo confessar que nenhuma diferença nesse particular observei entre eles e as outras tribus ; os Purís são geralmente muito baixos*, e, a esse respeito, todas as tribus brasileiras são inferiores aos europeus e mesmo aos negros.

Todos os homens traziam as armas, longos arcos e flechas. Algumas tribus sul-americanas, especialmente as do Maranhão, usam lanças curtas de madeira dura, enfeitadas de penas ; outras, como as do Paraguai, Mato Grosso, Cuiabá e Guiana, bem assim as tribus "tupís" da costa oriental do Brasil, utilizam pequenos cacetes de madeira dura, e até hoje ainda não os puseram completamente de lado ; a principal arma, porém, de todas as nações aborígenes americanas, é o grande arco ao lado da flecha comprida. Apenas algumas tribus que habitam as planícies da América do Sul, os Pampas de Buenos Aires e alguns rincões do Paraguai, e que vivem montados a cavalo quasi todo o tempo e carregam uma longa lança como arma principal, usam, à semelhança da maior parte das tribus africanas, arco e flechas pequenos**. Não assim os Tapuias da costa oriental ; suas únicas ar-

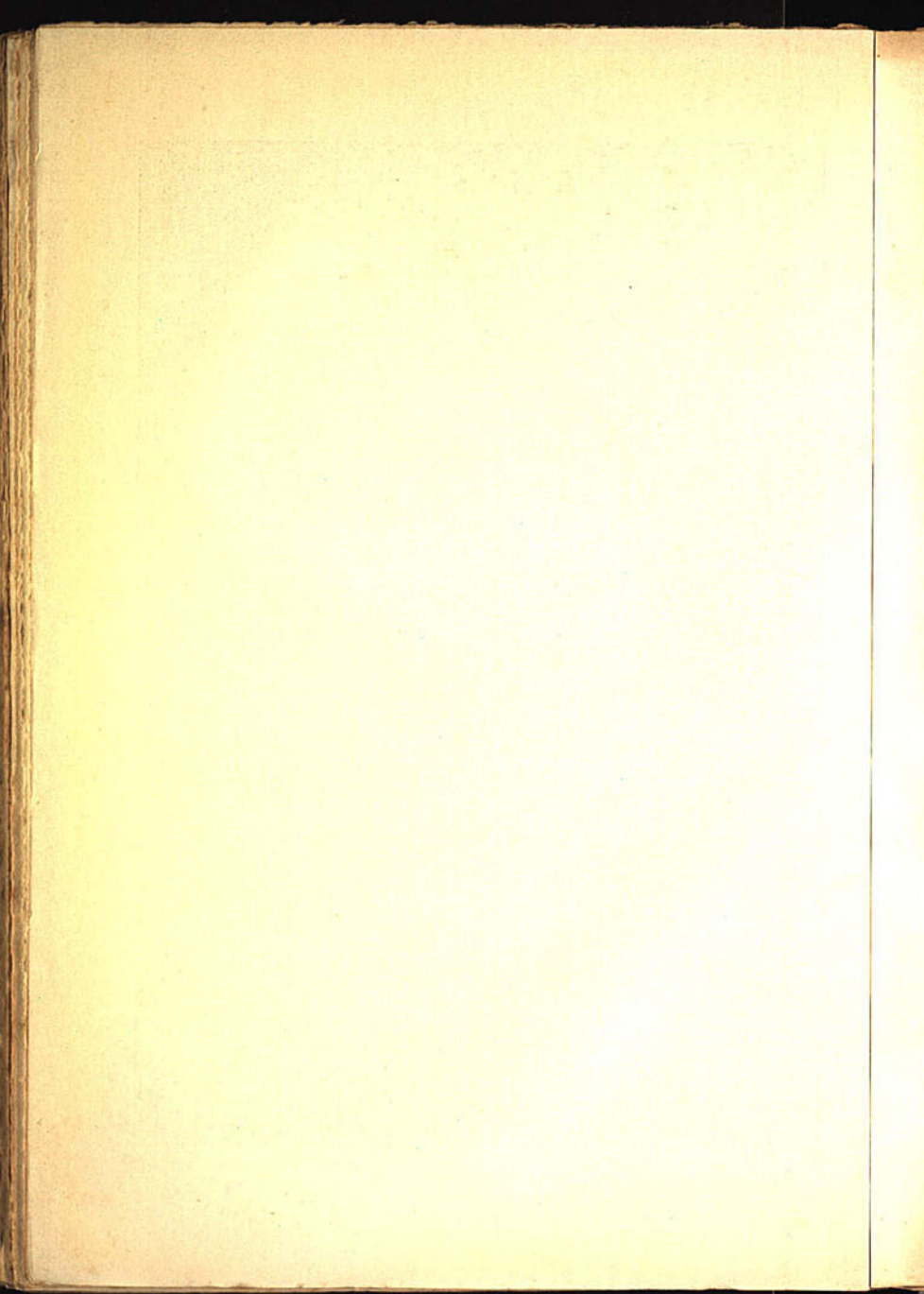
(*) Cf. ESCHWEGE, *Journal von Brasilien*, cap. 1, p. 162.

(**) AZARA, *Voyages*, etc., vol. II.



Puris na choça.

(Est. 2).



mas são arcos e flechas enormes, que, à maneira dos Paiaguás do Paraguaí*, não levam num carcaz, porém na mão, devido ao grande comprimento. O arco dos Purís" (fig. 1 da prancha 12 na edic. in-4to.) e dos "coroados" tem seis pés e meio, e até mais. E' liso, feito com a madeira castanho-escura, resistente e flexível da palmeira *airi*, e a corda é de fibras de "gravatá", (*Bromelia*). As flechas dos Purís têm, muitas vezes, mais de seis pés de comprido, são fabricadas de um bambú forte e nodoso "taquara", que dá nas matas enxutas, e enfeitadas, na extremidade inferior, de lindas penas azues ou vermelhas ou com as do "mutum" (*Craz Alector*, Linn.)²⁰⁴ ou da "jacutinga" (*Penelope leucoptera*). As dos Coroados são feitas de outro bambú, sem nós. As flechas de todas essas várias tribus são de diferentes tipos, caracterizados pelas pontas. O primeiro (pr. 12, fig. 2, da edic. in. 4-to) é a flecha pròpriamente de guerra. A ponta é do bambú grosso mencionado anteriormente com o nome de "taquarussú" (*Bambusa*?) muito aguçado na extremidade. O segundo tipo (pr. 12, fig. 3) tem uma longa ponta de "airi", com uma série de dentes de um lado. O terceiro, (pr. 12, fig. 4), de ponta rombuda, é utilizado para matar pequenos animais. Descrevê-las-ei adiante com mais pormenores, de vez que são geralmente idênticas em todos os Tapuias da costa oriental. Nenhuma das tribus que visitei, nessa parte do litoral, envenena as flechas; porque a ignorância desses povos, ainda no mais baixo estágio da civilização, não lhes permitiu, felizmente, conhecer essa arte; muito menos descobrimos, entre eles, qualquer traço das unhas envenenadas dos polegares dos Ottomacks do Orenoco**, ou do tubo que os índios aí faziam das hastes compridas do capim, ou das "esgravatanas" das tribus do rio Amazonas***.

Saciada a curiosidade, pedimos aos selvagens nos conduzissem às suas choças. Toda a horda partiu e acompanhámo-la a cavalo. O caminho conduzia a um vale que atravessava os canaviais; continuou, depois, por uma trilha estreita, até que, afinal, no mais espesso da floresta, encontrámos algumas choças, denominadas *cuari* na língua dos "Purís". São, não há dúvida, dos mais primitivos do mundo. (estão figuradas na prancha 3 da edic. in 4-to.) A rede de dormir, tecida de *embara* (fibra cortical tirada de uma espécie de *Cecropia*) fica suspensa entre dois troncos de árvores, aos quais, em cima, está amarrada transversalmente, com uma corda de *cipó*, uma viga, contra a qual dispõem obliquamente, do lado do vento, grandes palmas, forradas em baixo com folhas de *Heliconia* ou de "patioba" e, quando perto das plantações, de bananeiras. Próximo a uma pequena fogueira,

(*) Ibid., p. 145.

(**) A. HUMBOLDT, *Ansichten der Natur* pp. 45 e 154.

(***) DE LA CONDOMINE, *Voyage*, etc., p. 65.

(204) *Craz alector* Linn., é espécie peculiar à região amazônico-guianense; a aqui em apreço denomina-se *Craz blumenbachii* Spix (= *C. rubrirostris* Spix), ou "mutum de bico vermelho" e é peculiar à grande mata costeira do Brasil centro-oriental. Cf. Wled, *Beiträge*, etc., I, pag. 345.

vêm-se, no chão, tijelas feitas com os frutos da *Crescentia cujele*, ou umas poucas cabaças, uma pequena vela, várias miudezas, bambús para flechas e pontas de flecha, algumas penas e provisões, tais como bananas e outras frutas. Os arcos e as flechas ficam encostados numa árvore, e cachorros esqueléticos lançam-se, latindo ruidosamente, sobre o estrangeiro que penetra nessa solidão. As choças são pequenas e tão expostas de todos os lados, que, si o tempo é mau, os escuros moradores procuram proteção comprimindo-se em roda do fogo e agachando-se nas cinzas: fora daí, o homem se estende à vontade na rede, enquanto a mulher cuida do fogo e assa a carne, que eles espetam num páu pontudo.

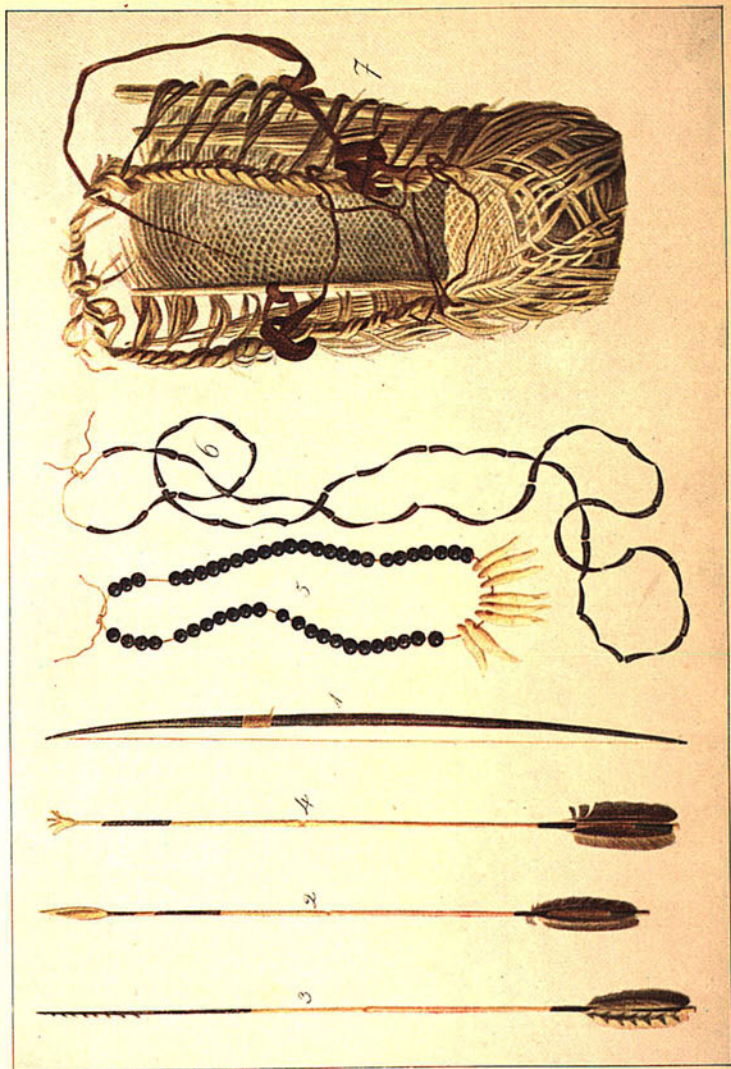
O fogo, que os "Puris" denominam *poté*, é uma necessidade primordial para todas as tribus brasileiras: nunca o deixam extinguir-se e o alimentam durante toda a noite, porque, doutro modo, devido à falta de agasalho, seriam muito castigados pelo frio; e porque, também, traz a importante vantagem de afugentar as feras de perto das choças. Os índios abandonam, tais moradas sem saudades, quando a região circunvizinha não mais lhes garante alimento suficiente; deslocam-se, então, para outros lugares, onde encontrem maior abundância de macacos, porcos, veados, pacas, cotias e outras caças.

Dizia-se que os Puris tinham caçado um grande número de macacos berradores ou barbados (*Myctes*, Illigeri), nessas circunjabências, e, de fato, ofereceram-nos diversos pedaços mal assados desses animais; um deles era uma cabeça, outro um peito com os braços, mas sem a cabeça; era, de fato, repugnante! sobretudo porque assavam a caça com a pele, que ficava, assim, esturricada e preta. Dilaceram, com os fortes dentes brancos, esses macios petiscos mal assados. Dizem que devoram, da mesma maneira, por vingança, carne humana; quanto, porém, a comer os próprios parentes falecidos, como derradeiro tributo de afeição, de acôrdo com o referido por alguns antigos escritores*, não se encontra nenhum traço desse costume, pelo menos nos nossos tempos, entre os "Tapuias" da costa oriental. Os portugueses do Parafba afirmam, sem discrepância, que os "Puris" comem a carne dos inimigos mortos, e, realmente, parece haver alguma verdade nessa afirmativa, como veríamos depois; mas jamais nô-lo confessaram. Quando lhes fizemos perguntas a respeito, responderam-nos que só os Botocudos tinham esse costume. Mawe conta que os índios de Cantagalo comem os pássaros sem depená-los. Nunca vi um selvagem fazer isso; tiram, mesmo, com todo o cuidado, as vísceras, e com certeza quizeram pregar uma grande peça ao viajante inglês**.

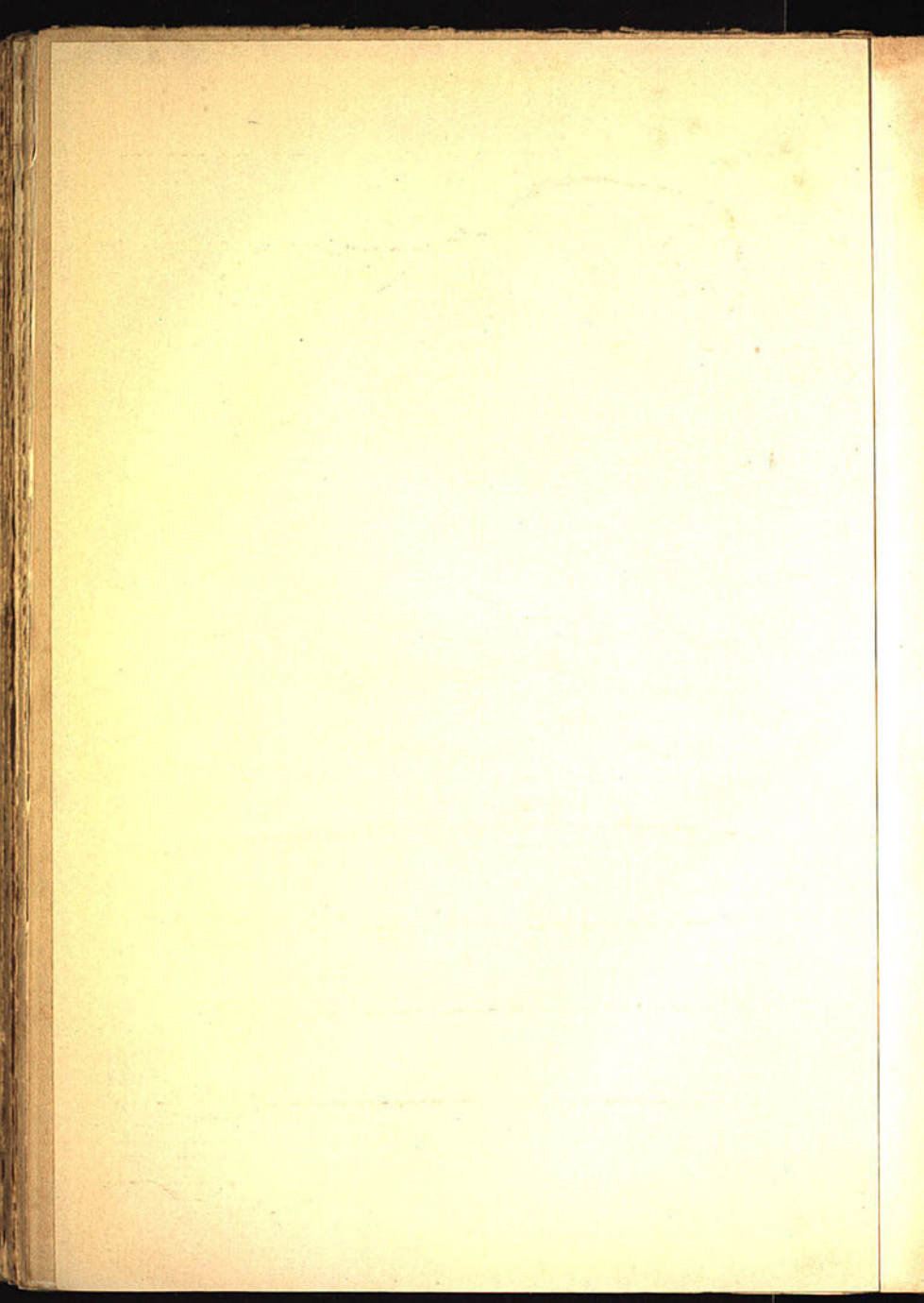
Logo que chegámos às choças, começámos a troca de objetos. Presenteámos as mulheres com rosários, por que tinham predileção, embora arrancassem a cruz e se rissem desse emblema sagrado da Igre-

(*) SOUTHEY'S *History of Brazil*, vol. I, p. 379.

(**) J. MAWE'S *Travels*, etc. p. 124.



Armas adornos e utensilios dos Puris.



ja Católica; mostram, também, grande preferência por gorros de lã vermelha, facas e lenços vermelhos, trocando prontamente os arcos e as flechas por esses artigos; as mulheres são ávidas por espelhos, mas não dão valor às tesouras. Obtivemos déles, por troca, muitos arcos e flechas e diversos cestos grandes. E estes são feitos de folhas verdes de palmeira entrelaçadas; em baixo, na parte que se applica às costas, têm um fundo de esteira, e, dos lados, uma borda alta do mesmo gênero, sendo geralmente abertos em cima. Carregam-n'os, como já observáramos, da mesma maneira que as crianças, applicando-os às costas por meio de uma faixa passando pela testa, e algumas vezes por meio de uma tira passando pelos ombros. (Na fig. 7 da pr. 12 da edic. in-4to. está representado um desses cestos).

Todos os selvagens costumam, frequentemente, oferecer à venda grandes bolas de cera, que juntam quando colhem mel silvestre. Utilizam essa cera escura na confecção dos arcos e flechas, e também para velas, que vendem aos portugueses. Os Tapuias fazem essas velas, que queimam muito bem, enrolando um pavio de algodão em torno de um fino páu de cera e, logo depois, rolando todo êle com força. Dão grande valor às facas, que penduram ao pescoço por um cordão, deixando-as pendentes nas costas; consistem, em geral, apenas de uma peça de ferro, que êles afiam constantemente nas pedras, conservando-as muito cortantes. Si lhes dão uma faca, geralmente tiram fora o cabo e fazem outra de acôrdo com o próprio gosto, colocando a lâmina entre dois pedaços de páu e ligando-os solidamente com uma fibra.

Terminado o nosso comércio, tornámos a montar e fomos a outras choças, situadas mais para dentro da floresta; o caminho era fatigante, estreito, atravancado de raizes, cheio de altos e baixos. Alguns selvagens vieram na garupa dos nossos cavalos, e uma tropa inteira de índios "Coroados" de S. Fidelis acompanhou-nos a pé. Num pequeno vale solitário, no meio da mata, encontrámos a casa de um português, que mora entre os "Puris". Daí, o caminho seguia em subida suave, e logo chegámos às choças de numerosos selvagens, onde fomos de novo atacados por uma quantidade de cães esqueléticos. Diz-se que os "Puris" receberam esses animais, a que dão o nome de *joare*, dos europeus, e eu encontrei-os entre todas as tribus nativas da costa oriental*.

Havia, nas choças, grande número de mulheres e crianças; viam-se, em algumas, várias rêdes de dormir, si bem houvesse, geralmente, apenas uma em cada choça. Um "Puri", ao ofertar-lhe eu uma faca, desarmou a sua rêde e entregou-ma; (ela está representada na fig. 7 da prancha 13 da edição in-4to.), outros tiravam da testa as tiras de pele de macaco, os colares do pescoço, e assim por diante. O sr. Freyreiss entrou em negociação com um dos "Puris" para a compra do filho, oferecendo-lhe diversos artigos. As mulheres consultaram-se alto, no tom cantante que lhes é peculiar, algumas com gestos de

(*) Humboldt encontrou, na América Espanhola, muitos cães sem pêlo: nós porém, não vimos nenhum destes nesse littoral.

desaprovação ; a maioria das palavras terminavam em *a* e eram arastadas, do que resultava forte e singular vozearia. Era evidente que elas não se queriam desfazer do menino ; mas o chefe da família, um homem idoso, grave e de bom aspeto, disse umas poucas palavras cheias de ênfase e ficou, depois, durante algum tempo, olhando para o chão, perdido em pensamentos : ofereceram-lhe, sucessivamente, uma camisa, duas facas, um lenço, uns fios de contas de vidro colorido e alguns pequenos espelhos : não pôde resistir à tentação : entrou na floresta e em pouco voltava, trazendo pela mão um menino, que era, porém, mal conformado e tinha um ventre muito dilatado, não sendo, por isso, aceito ; trouxe logo um segundo, que se aceitou. Foi inacreditável a indiferença com que o menino soube do seu destino. Não mudou de fisionomia, nem mesmo se despediu dos amigos, mas, ao contrário, montou alegremente atrás do sr. Freyreiss. Essa empedernida indiferença em todas as circunstâncias, alegres ou tristes, se encontra na totalidade das tribus americanas. Alegria e tristeza não os impressionam muito ; raras vezes riem e é pouco comum falarem alto. A comida é-lhes o desejo mais premente ; seus estômagos precisam estar sempre cheios ; comem, por isso, com rapidez fora do comum, olhares ávidos, a atenção inteiramente voltada para o alimento. Em compensação diz-se que suportam a fome por muito tempo. Deixam-se geralmente atrair pelos canaviais das "fazendas", em cujas cercanias acampam: e podeis vê-los, sentados aos grupos, chupando cana durante quasi todo um dia. Cortam, também, grande quantidade de canas e carregam para a mata. O caldo de cana é apreciado não só pelos Tapuias, como por todas as classes baixas do Brasil, entre as quais o costume de chupar cana é geral. Koster* diz o mesmo de Pernambuco.

Acabadas as trocas na floresta, tornámos a montar ; com um Puri na garupa de cada um dos cavalos, voltámos para a "fazenda". A horda inteira, homens e mulheres, em pouco chegava aí, e todos pediam de comer. Enquanto voltávamos, o selvagem que eu trazia à garupa tirou o meu lenço do bolso. Surpreendi-o no momento em que o procurava esconder, e perguntei-lhe si queria dar um arco por êle, o que logo aceitou : mas, depois, esgueirou-se rapidamente entre a multidão e não deu mais sinal de si. Alguns homens tinham bebido muita aguardente e ficaram embriagados. Com bons modos nos livrariamos dêles facilmente ; os colonos, porém, de acôrdo com o critério errado de considerá-los animais, ameaçaram-nos logo com o "chicote", o que naturalmente lhes excita a cólera, acarretando a má vontade, o ódio e a violência. Estavam, por isso, de todo encantados conosco, estrangeiros, porque os tratávamos com brandura e delicadeza ; também se aperceberam de pronto, pelos nossos cabelos claros, de que pertencíamos a outra nação. Chamam, aliás, à gente branca, indistintamente, *rayon*.

(*) KOSTER, *Travels*, etc., p. 345.

Como não pudésemos obter, na "fazenda", "farinha" para todo aquele povo, procurámos outros meios de corresponder aos ruidosos apêlos dos seus estômagos. O dono da casa deu-nos um pequeno leitão, de que lhes fizemos presente, dizendo que o matassem; desse modo, tivemos oportunidade de observar com que selvagem cruieza preparam os animais para comer. O leitão pastava perto de uma casa; um "Puri" avançou de mansinho e flechou-o muito alto, sob a espinha; o animal fugiu berrando, com a flecha cravada. O selvagem, então, pegou uma segunda flecha e fincou-a na espadua do animal a correr e depois o agarrou. Entrementes, uma mulher acendera o fogo. Quando todos nós nos aproximámos, feriram de novo o animal, no pescoço, para matá-lo, e em seguida no torax. Entretanto, ainda não estava morto; grunhia e sangrava profusamente: sem fazer caso dos berros, puzeram-no vivo ao fogo para chamuscar-lhe o pêlo, rindo-se gostosamente dos grunhidos que êsses sofrimentos lhe arrancava. Só depois que os nossos protestos contra a barbaridade se tornaram cada vez mais impacientes, foi que um dêles avançou e enterrou uma faca no peito do torturado animal; no mesmo momento lhe rasparam o pêlo e o esquartejaram*. Devido ao pequeno tamanho do leitão, muitos não conseguiram um pedaço, e voltaram resmungando para a mata. Mal se tinham ido, quando chegou, para êles, um saco de farinha de S. Fidelis, que lhes mandámos ao encalço.

A rude insensibilidade, como me mostraram êsse e muitos outros exemplos, é um traço predominante do caráter dos selvagens. E' uma consequência necessária do modo de vida; porque é o mesmo que tornam o leão e o tigre sedentos de sangue. Além disso, a vingança, um certo grão de inveja e um indomável amor à liberdade e à vida nômade lhes são peculiares. Têm em geral, diversas mulheres; muitos possuem quatro ou cinco, enquanto as podem manter. Ao todo, não as maltratam, mas o marido considera a mulher como sua propriedade; tem que fazer o que êle ordena; anda por isso, carregada como uma besta de carga, enquanto, ao lado, êle vai apenas sopesando as armas.

A língua dos "Puris" é diferente da da maior parte das outras tribus; guarda, porém, afinidade com as dos "Coroados" e "Coropos". Alguns autores, entre os quais Azara, tendem a negar qualquer idéia religiosa a essas tribus americanas; mas o assêrto parece pouco fundado, de vez que o mesmo Azara encontrou, entre alguns índios do Paraguai, noções que sem dúvida provêm de uma religião ainda rudimentar. O tradutor de seu livro, o Snr. Walckenaer, fez em vários lugares essa observação**. Entre todas as tribus dos Tapuias que visitei, descobri provas evidentes de uma crença religiosa; estou,

(*) Nem af, nem posteriormente encontrei, entre os selvagens, qualquer confirmação do que o sr. Freyreiss diz na pag. 208 do primeiro volume do *Journal von Brasilien* de Eschwebo, a saber, que os selvagens nunca comem a carne dos animais que êles próprios matam.

(**) AZARA. *Voyages*, vol. II, p. 34, em nota.

por isso, convicto de que não há um só país na face da terra destituído por completo de idéias religiosas*. Os selvagens do Brasil acreditam em vários seres poderosos, o maior dos quais identificam ao trovão sob o nome de *tupá* ou *tupan*. Muitas tribus coincidem na invocação desse ser sobrenatural; e o que é mais, certas tribus Tapuias coincidem até com as Tupís, ou índios que falam a "língua geral". Os Purís dão-lhe o nome de *Tupan*, que Azara faz derivar da língua dos Guaranís; mais uma prova da afinidade desta nação com as tribus da costa oriental. Não se vêem ídolos entre os Tapuias, nem mesmo os "maracás", instrumento mágico e protetor dos "Tupinambás". Somente no rio Amazonas se encontraram, segundo se diz, algumas imagens que pareciam ter certa relação com a fé religiosa dos habitantes**. A maior parte dos índios da América do Sul guarda, também, uma confusa idéa a respeito de um dilúvio universal, além de várias tradições, entre outros, acentuou Simão de Vasconcellos nas *Notícias curiosas do Brasil****.

Não aceitámos o convite do nosso gentil hospedeiro para passar a noite em sua casa, e voltámos no mesmo dia, através do Paraíba, para S. Fidelis. Os índios "Coroados" do lugar estavam muito descontentes conosco, porque, como diziam, déramos tanta coisa aos "Purís" e nada a eles: comprámos, por isso, para de certo modo satisfazê-los, alguns arcos e flechas. Visitámos, em seguida, o padre João. O Paraíba passa-lhe em frente às janelas da residência, donde se abarca uma vista magnífica do rio, o maior da capitania do Rio de Janeiro, que, depois da "cachoeira" ou queda que fica acima de S. Fidelis, se diz ter setenta e duas ilhas: corre ele entre a Serra dos Órgãos e a Serra da Mantiqueira. O rio estava, então, na extrema vasante; mas na estação chuvosa, Dezembro e Janeiro, transborda e inunda grande extensão das margens.

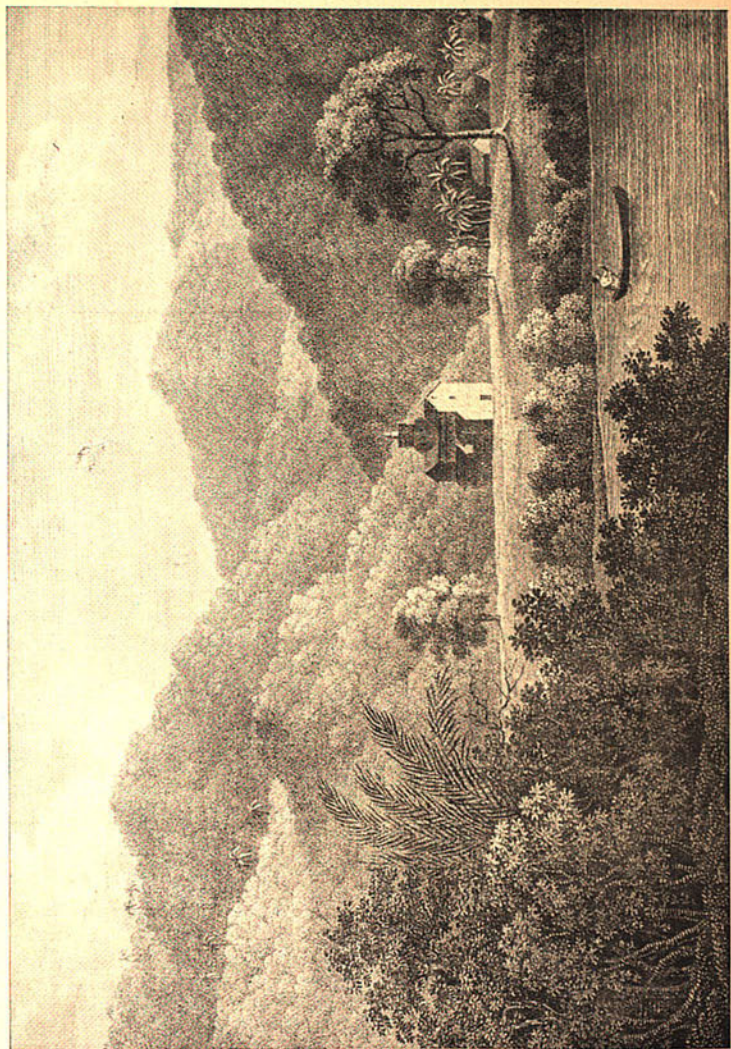
Dêse lugar parte uma estrada que, pelas montanhas, se dirige a Cantagalo, e outra que vai a Minas Gerais. Cantagalo, fundada por alguns paulistas que andavam em busca do ouro, permaneceu durante muito tempo oculta nas florestas, até que, por fim, foi descoberta graças ao canto de um galo, donde o nome. Quando os jesuítas se estabeleceram no Brasil, dizem que uma raça muito clara de índios habitava as vizinhanças de Cantagalo****. Os jesuítas aí descobriram areia aurífera, que os índios lhes levavam ao Paraíba, em embrulhos de papel, e pela qual pagavam ninharias. Nossa despedida do padre João foi mais cordial que o primeiro encontro; muito mais, entretanto, foi a que fizemos ao bom velho que nos tratara com tan-

(*) O fato de que o padre de São João Batista diz não haver encontrado qualquer idéa religiosa entre os Coroados nada prova, pois que sendo eles considerados semelhantes aos Purís ainda bravos, devem certamente se comportar como estes. Conclúe-se assim que eles temem, sob o nome de Tupan, um ser sobrenatural e onipotente. Cf. ESCHWEZE's *Journal*, parte I onde, na página 165, a primeira palavra da lista de nomes é a contestação do que se diz na página 106.

(**) SOUTHEY'S *History of Brazil*, vol. I, p. 620.

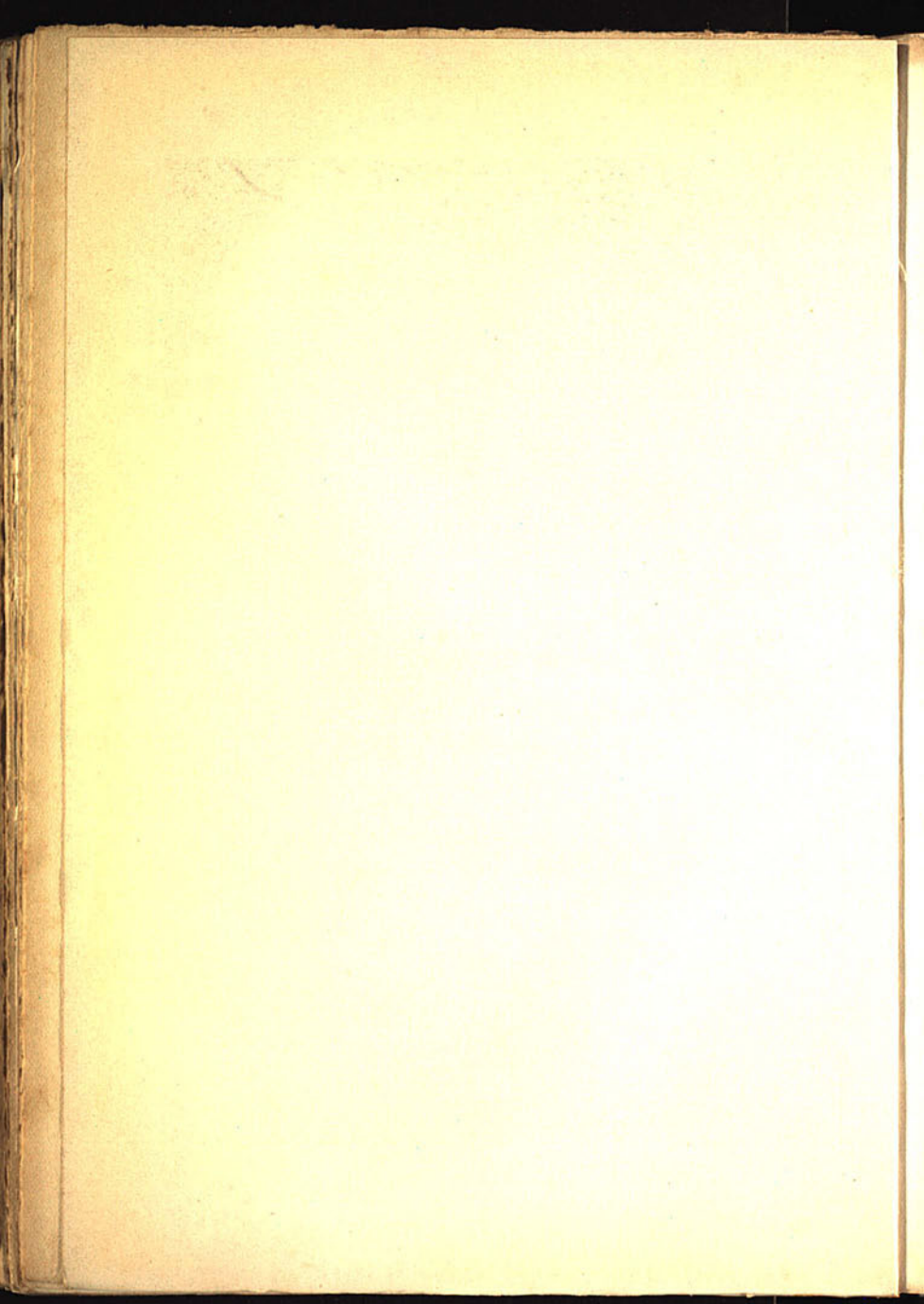
(***) SIMÃO DE VASCONCELLOS, op. cit., p. 47.

(****) V. a descrição de Canta-Galo em J. MAWE, *Travels*, etc., cap. IX, p. 120.



(Est. I).

Vista da Missão de São Fidélis.



ta gentileza. Tornámos a atravessar o Paraíba em caminho da "fazenda" do sr. "Furriel" e de novo vimos os "Purís" dirigindo-se ao engenho para chupar cana. O rapaz que o sr. Freyreiss comprara na véspera, foi conduzido até eles, para se ver a impressão que causaria aos parentes; mas, para nosso espanto, nenhum se dignou lançar um olhar sobre ele; nem este olhou para os pais e os parentes, sentando-se entre os mesmos com perfeita indiferença. Não encontrei tamanha apatia em nenhuma outra tribo: parece, contudo, que ela só existe em relação aos filhos mais ou menos adultos, porque não lhes falta ternura pelas crianças menores. Enquanto um rapazinho não pode procurar a própria subsistência, é absoluta propriedade do pai; logo, porém, que fique de certo modo apto a fazê-lo, o pai deixa, por assim dizer, de preocupar-se com ele.

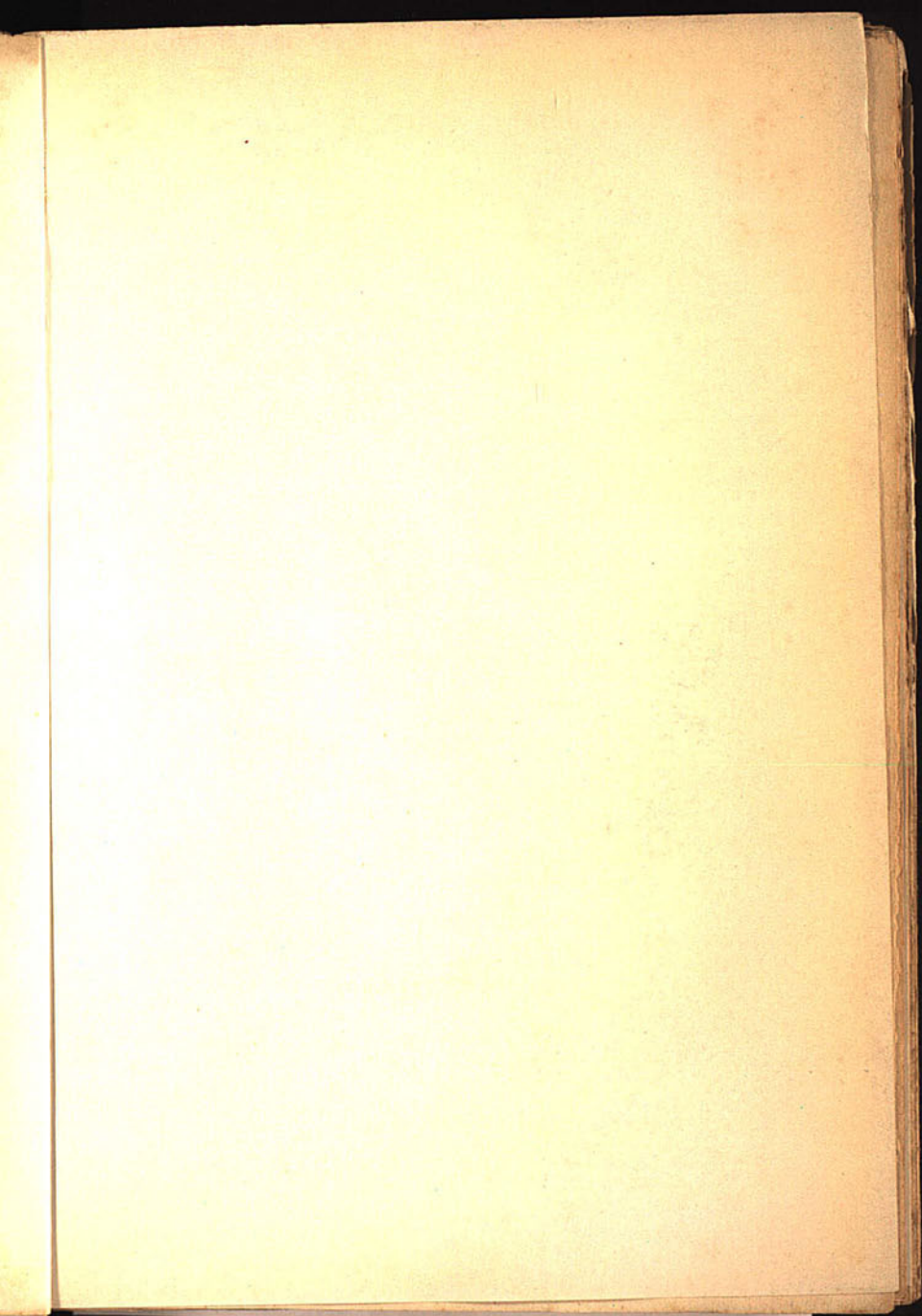
Alguns "Purís" passaram por nós com as mulheres enormemente carregadas. As cargas consistiam nos filhos e em cestos de folhas de palmeira, cheios de bananas, laranjas, côcos de sapucaia, bambú para pontas de lança, cordas de algodão e alguns artigos de enfeite. O marido carregava um filho; suas três mulheres os outros, mais os cestos. (A estampa 2 da edic. in-4to representa uma horda de Purís em viagem pela mata).

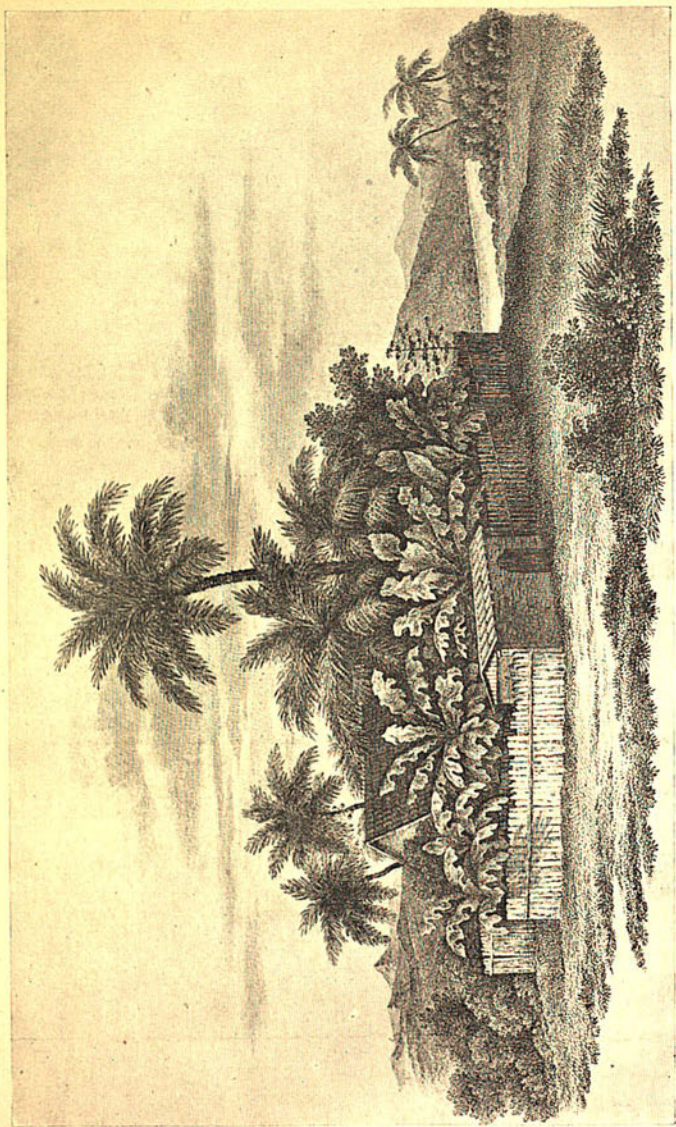
Despedimo-nos do nosso hospedeiro e dos índios e descemos a margem esquerda do Paraíba, que achámos tão bela e pitoresca, e tão cultivada quanto a margem direita. Vimos aí grandes "fazendas", cercadas de árvores lindíssimas, entre as quais a sapucaia, com a tenra folhagem rósea em pleno brotamento, e carregada das belas e grandes flores lilazes de forma estranha. Parámos perto da casa do sr. Moraes. Esse inteligente agricultor fizera algumas preparações de história natural, que nos ofereceu. Ordenou, também, lhe selassem imediatamente o cavalo, para nos acompanhar. Enquanto parados aí, algumas famílias de "Purís" vieram acampar próximo da casa. São muito apegados a esse digno homem, que os trata de maneira sinceramente bondosa. Sem olhar para os prejuízos que lhe causam, permite-lhes saquear as laranjeiras e as bananeiras, bem como os canaviais, e eles lhe acarretam, muitas vezes, danos consideráveis. Esse homem, que lhes grangeou a estima e o apêgo, e que sabe como proceder com eles, foi mais bem sucedido do que qualquer outro em domesticá-los e reuni-los em "aldeias" ou povoados. Acompanhou-nos pelas estradas montanhosas ao longo do rio, onde tivemos, por várias vezes, que passar por lugares muito, inhóspitos sobre escarpados precipícios; penetrámos, em seguida, numa sombria e magestosa floresta, onde lindíssimas borboletas voaram-nos em torno. Nesse lugar, vimos no rio, junto à margem, uma ilhota toda cercada de rochas íngremes, na qual havia algumas velhas árvores, repletas de ninhos em forma de sacco do guache (*Cassicus hoemorrhous*). Canaviais, arrozais, cafezais (estes, raramente), e algumas plantações de milho sucediam-se. A corrente espelhante do Paraíba era recortada de encantadoras ilhas, umas

cultivadas, outras cobertas de mato. À tarde, chegámos a uma planura perto do rio, onde havia importante fazenda entre verdes pastagens, na qual fomos bem recebidos e onde, por isso, resolvemos passar a noite. Do outro lado do vale se elevavam altaneiras montanhas, entre elas o Morro de Sapateira, alta cadeia de vários picos.

Na manhã seguinte, depois que os nossos cavalos foram reunidos no campo, continuámos a viagem, e alcançámos, pelo meio-dia, o Muriaé, que não é largo, mas é profundo e rápido, e se diz causar grandes estragos na estação das chuvas. Nasce na Serra do Pico, na região dos Puris, e é navegável, como nos informaram, na extensão de sete léguas.

Há, nas margens, grandes "fazendas", em que se produz muito açúcar. Uma pequena canôa levou-nos pela corrente, e, à tarde, atingimos um lugar donde se vê, graciosamente situada, estendendo-se na margem oposta, a Vila de S. Salvador. Encontrámos, nas cercânias, a Aldea de S. Antonio antigo povoado indígena, estabelecido pelos jesuítas com os índios "Gorulhos", mas que, atualmente, não conta mais Caboclos entre os habitantes.





Casa de um lavrador brasileiro.

VIAGEM DA VILA DE S. SALVADOR AO RIO ESPIRITO SANTO

*Muribeca — As hostilidades dos Puris — Quartel
das Barreiras — Itapemirim — Vila Nova de Benevente,
à margem do Iritiba — Goarapirim.*

À nossa chegada à vila alegrámo-nos muito com a confirmação da notícia da importante vitória de Belle-Alliance²⁰⁵ com a qual também exultaram todos os moradores do lugar. Começámos, em pouco, a fazer os preparativos necessários para o prosseguimento da viagem, em direção norte, ao longo do litoral; contratámos mais dois caçadores, além de um soldado, como guia; e tendo-nos despedido do coronel Carvalho dos Santos, comandante, que fôra tão cortez, e de outros amáveis moradores de S. Salvador, deixámos a vila a 20 de Novembro e avançámos pela margem do Paraíba, rumo à foz. A cidade acompanhava até bom pedaço a beira do rio, oferecendo uma bela paisagem. A massa de casas ergue-se imediatamente acima do rio; pairam, sobre elas, coqueiros solitários, e o magnífico fundo de cena é formado pelas montanhas azues longínquas. A brilhante superfície do rio, que tem aí razoável largura, é cortada em todas as direções por barcos remados por negros, e as margens são guarnecidas de capoeiras, prados e moradas pitorescas. Um pintor poderia, desse lugar, fazer um lindo quadro da cidade e arredores. Nossa jornada, nesse dia, foi muito penosa; não só porque o longo repouso tornara os animais indóceis, como por termos passado por muitas "fazendas" em cujas cercas havia aberturas feitas pelo gado, dando azo a que os burros por elas se transviassem. Vimos, nas cercanias, gado vacuum muito bonito; de fato, esses úteis animais são, em todo o Brasil, grandes, musculosos, bem proporcionados e elegantes. Os couros de Buenos Aires, Montevideo, Rio Grande e outras províncias das Américas Portuguesa e Espanhola são famosos pelo grande tamanho. Os bois, além disso, têm cornos muito maiores que os da Europa. Inúmeros cavalos se criam igualmente nessas paragens.

A região é pitoresca e aprazível; ademais, encontrámos algum material novo de história natural, entre eles o lindo martim-pescador

(205) Como vimos anteriormente (nota 193), designam os alemães por esse nome a batalha de Waterloo, vitoriosa para as armas prussianas.

azulado (*Alcedo Alcyon*, Linn.)²⁰⁶, de que matei muitos. Cerca de meio-dia, chegámos à casa de um "tenente", em cuja ausência fomos bem recebidos pela mulher. Quando, de manhã, nos preparavamos para partir, o tenente, que chegara durante a noite, mandou selar o seu cavalo e acompanhou-nos à Vila de S. João da Barra. O tempo estava extremamente cálido: nas rasas pôças da mata, já quasi secas, viam-se inumeráveis borboletas brancas e amarelas, que as buscavam em procura de umidade. Essas multidões de borboletas nos lugares úmidos é seguro indício da proximidade da estação quente: vêm-se, então, nuvens delas esvoaçando nas vizinhanças da água.

A vista do Paraíba era interrompida pelas capoeiras. O solo arenoso provava que estávamos muito perto do mar. Lindas aves vieram aumentar-nos as coleções, sobretudo martins-pescadores (*Alcedo*); e quando atingimos a margem do rio, tivemos ocasião de experimentar um gênero de caça inteiramente novo para nós, a do "jacaré", ou "alligator" desses rincões (*Crocodylus sclerops*)²⁰⁷. Vive esse "anfíbio" em todos os rios do Brasil, maximé naqueles sem muitas cachoeiras, nos lugares pantanosos e nos remansos. Estes se reconhecem logo pela presença de plantas aquáticas de grandes folhas, tais como a *Nymphaea*, a *Pontederia* e outras, que emergem do fundo e estendem horizontalmente as folhas na superfície. Entre elas é que o "jacaré"

(*) Parece duvidoso que o jacaré descrito por AZARA seja o *Crocodylus sclerops*: sua descrição é muito vaga e, além disso, regista cor muito diferente. Cf. *Essais sur les Quadrupèdes du Paraguay*, etc., vol. II, p. 380.

(206) Refere-se Wied ao maior dos nossos martim-pescadores, *Megaceryle torquata* (LINN. 1776), o único em que o colorido predominante da plumagem é azul ardozido, e não verde. Corresponde a *Alcedo cyanus* Vieillot (1818), e por esse nome é descrito por Wied à pag. 5 do volume IV das "Beltrage". A ave a que deu Linnaeus o nome de *Alcedo alycon* muito a ele se assemelha: é porém espécie diversa, estranha à America do Sul.

(207) Pelos estudos modernos (cf. FR. SIEBENROCK, em *Denks. Akad. Wien math.-naturh. Kl.*, LXXXVI, p. 29), verifica-se que o "jacaré" encontrado por Wied durante todo percurso de sua viagem corresponde à forma descrita por Daudin, com o nome de *Caiman latirostris*.

Muito se tem trabalhado e escrito sobre as espécies de jacarés correntes no Brasil, assunto que entre nós foi objeto, anos atrás de uma revisão por parte de H. LUEDEKOWALD (*Rev. Mus. Paul.*, XIV, 1926, p. 387) e que, pela sua importância, merece deter o comentador por alguns momentos. Segundo K. P. Schmidt, autor de estudo mais moderno e completo sobre a matéria, os jacarés brasileiros até hoje conhecidos compreendem seis espécies, repartidas em dois gêneros, conforme o resumo que dou a seguir, indicados os nomes vulgares e a distribuição peculiar a cada uma.

Paleosuchus trigonatus (Schneider): Venezuela, Guianas, Perú, Amazonas (Rio Negro), Pará (Rio Tocantins).

Paleosuchus palpebrosus (Cuvier): Venezuela, Guianas, Amazonas (Rio Branco), Pará (Rio Tapajós), Mato-Grosso (alto Paraguai).

Caiman niger Spix, vulg. "jacaré-azul", "jacaré-una": Perú, Equador, Amazonas (Rio Negro, Rio Madeira), Pará (Marajó e outras ilhas do delta).

Caiman latirostris (Daudin), vulg. "jacaré de papo amarelo", "ururau": leste do Brasil (de Pernambuco ao Rio Grande do Sul), alto Rio Paraná, baixo Paraguai.

Caiman yacare (Daudin), vulg. "jacaretinga" (confundido pela generalidade dos autores com *C. sclerops*): alto Paraguai, alto Paraíba.

Caiman sclerops (Schneider): *C. crocodilus*, Linn. = Venezuela, Guianas, Pará, Amazonas.

Persistem, contudo, muitos pontos obscuros, que ao futuro cabe esclarecer. Avulta particularmente entre elas a distribuição da espécie que o autor separou sob o nome de *C. yacare* (Daudin). Com efeito, a sua presença em dois pontos tão distanciados como o alto Paraguai e o alto Parnaíba, induz a suposição de que ela deve existir igualmente em toda faixa intermedia do sertão brasileiro, fato que parece atestado pelas informações dos naturaes, que afirmam a presença nos rios do Brasil este-meridional de duas espécies, que distinguem pelos nomes de "jacaretinga", *C. yacare*, e "papo-amarelo" ou "ururau", *C. latirostris*. Note-se de passagem, que o termo "jacaretinga", como é a regra entre os nomes vulgares, varia de aplicação conforme a zona, bastando para prova-lo lembrar que Wied o registra como usual para a espécie por ele colecionada.

deve ser procurado; aí o observador experimentado lhe descobre a cabeça, que, espreitando a presa, sai fora d'água. Também se encontram, por vezes, no meio dos rios, especialmente dos quasi estagnados ou remansosos. Cobrem as margens do Paraíba bosques de uma árvore de dezoito a vinte pés de altura, de caule esguio e grandes folhas pubescentes e cordiformes (provavelmente um *Croton**, parenta muito próxima do *Tridesmys* (*Monoecia*). Pode-se, por entre elles, aproximar cautelosamente da margem e ver o "jacaré" com a cabeça acima da superfície, aquecendo-se ao sol, aguardando a presa. A princípio, quando nos acercavamos do rio sem pensar nêles, e sem conservar o necessário silêncio, ouviamos apenas o barulho que faziam ao mergulhar; agora, porém, que nos aproximavamos cautelosamente para descobrir donde vinha o ruído, certificámo-nos de que era produzido pelos "jacarés". Com a minha espingarda de dois canos, empregando carga média, feri um desses animais no pescoço; elle ergueu-se, virou do dorso e afundou. Embora estivesse certo de ter-lhe feito um ferimento mortal, não tinha meios de içá-lo do fundo da água; matámos, da mesma maneira, em pouco tempo, três ou quatro outros, sem podermos apanhar nenhum. Não tínhamos ido longe, quando ouvimos uns tiros adiante de nós e descobrimos, cavalgando para lá, que os dois caçadores, que mandáramos na frente, em pé numa ponte sobre uma corrente remansosa, tinham ferido duas vezes um "jacaré" no pescoço, matando-o. Como houvesse, perto, algumas cabanas de pescadores, conseguimos um homem com um bote e um longo forçado de ferro com três dentes, com o qual sondou o fundo, fисgou o animal e trouxe-o à tona.

O comprimento desse "jacaré" era de cerca de 6 pés; cor cinzento-esverdeada, com listas transversais escuras, especialmente na cauda; ventre de um amarelo brilhante homogêneo. Ficámos muito contentes por ter obtido o belo animal, ainda novo para nós; carregámos com elle um dos burros, do qual espalhou-se em torno um cheiro almiscarado extremamente desagradável. O "jacaré" da costa oriental do Brasil é muito inferior ao gigantesco crocodilo do velho mundo, e mesmo aos existentes nos países da América do Sul mais próximos do equador. Humboldt viu o corpo destes últimos coberto de várias aves**); até a cabeça de um dêles, fora extravagantemente escolhida como pouso pelo grande e esguio flamengo. Os "jacarés" são muito comuns no Paraíba, e os negros comem-n'os algumas vezes. Contam-se muitas histórias fabulosas a respeito da sua voracidade, mas a espécie aqui mencionada, que tem no máximo 8 a 9 pés de comprimento, não é temível, embora alguns pescadores mostrem cicatrizes nos pés, dizendo-as causadas pelas dentadas desse animal; e de nenhum modo é provavel que pudesse, como nos contaram, atacar e devorar um cachorro, que atravessava o rio a nado. Na corrente quasi estag-

(*) (Suplem.) *Croton gnaphaloides* SCHRADER, op. cit., pag. 708.

(**) *Ansichten der Natur*, p. 141.

nada, perto da ponte acima referida, eram êles tão numerosos, que sempre pudemos contar vários ao mesmo tempo; como, porém, atirássemos em alguns a grande distância, tornaram-se ariscos e não obtivemos mais nenhum especimen além do já descrito. Próximo da corrente, no chão arenoso, vimos touceiras de *Eugenia pedunculata*, bonito arbusto bem conhecido, que dá o fruto vermelho, carnudo, quadrangular e saboroso, conhecido no país por "pitanga". Cresce isolado no pedúnculo, e todo o arbusto se carrega dêle; achámo-lo, nessa ocasião, muito fresco. Os cajueiros (*Anacardium occidentale*, Linn.) estavam floridos. Perto dêles, num campo, vimos um bonito carneiro de quatro chifres.

Chegámos, por fim à Vila de S. João da Barra, próximo da desembocadura do Paraíba no oceano. Graças à interferência do nosso companheiro, o tenente, a "Casa da Camara", edificio destinado à residência do official da corôa, foi-nos cedido. E' um espaçoso edificio com ótimos quartos e um quintal plantado com laranjeiras e pés de goyaba (*Psidium pyrifera*, Linn.), alguns dos quais em flor. S. João da Barra é uma localidade que se não pode comparar a S. Salvador, pois que só tem uma igreja, ruas sem calçamento, casas de um só andar, construídas de madeira e barro. Mas, por outro lado o rio é navegável por navios de regular tamanho, briges e sumacas, e tem comunicação immediata com o oceano. Todas as embarcações com destino a S. Salvador passam por esse lugar, embora o braço do rio próximo da vila seja rasa, e o canal, propriamente, fique do outro lado de algumas ilhas. Os habitantes são, sobretudo, pescadores e marinheiros, cuja subsistência é garantida pelo comércio, com S. Salvador, dos produtos da região. Nossos caçadores, que vieram na frente, e encontrámos na vila, tinham caçado diversos animais, entre os quais também, um casal de tatús (*Dasytus*) vivos. Esses curiosos animais são muito comuns no Brasil, existindo várias espécies. A que conseguíramos apanhar viva se chamava, aí, "tatú peba", sendo, porém, mais conhecida alhures por "tatú" comum ou "tatú verdadeiro", o qual assado, constitúe ótimo prato²⁰⁸. Separámos os dois animais durante a noite, pondo um num saco e outro num sólido cubículo. Quando nos dispusemos a comê-los no dia seguinte pela manhã, o primeiro fugira do saco, furara a grossa parede de barro da casa e escapara.

Permanecemos dois dias em S. João para preparar nosso "jarcaré", o que nos ocupou um dia inteiro. Após terminarmos essa operação, retomámos a viagem. O "juiz" nos cedera quatro grandes canoas e os canoeiros para o transporte da bagagem pelo Paraíba. O vento agitava tanto a superfície do rio, que barcos pequenos corre-

(*) Essa espécie é o "Tatou noir" de AZARA. V. *Essais sur les Quadr. du Paraguay*, etc., t. II, p. 175.

(208) *Dasytus novemcinctus* Linnaeus. Cf. WIED, *Beitr.* II, p. 531.

riam o risco de virar. Ouvimos constantemente o rumor do oceano, quando, longe, rio abaixo, remávamos em redor de uma ilha coberta de lindas matarias. Af, entre outros, medrava uma bela *Cleome* herbácea, com cachos de grandes flores branco-amareladas, de estames purpúreos; uma "malvacea", de doze a quinze pés de altura, flores grandes amarelo-pálidas e folhas cordiformes*; a "aninga"²⁰⁹ espécie notável de *Arum* de caule comprido (*Arum liniferum*, Arruda)**,

de frutos ovais e flor esbranquiçada. A seguir, atravessámos o segundo braço do rio, remando, então, por um pequeno canal, entre duas ilhas, cujas águas, ensombradas de todos os lados pelas florestas altaneiras, são quasi estagnadas, motivo pelo qual cheias de "jacarés". Enquanto a canôa avançava devagar, não tirávamos os olhos d'êles. As raízes nús e arqueadas do *Conocarpus* e da *Avicennia*, emergindo dos troncos a considerável altura, formavam na margem estranho emaranhado. Vimos, entre essas raízes, por vezes, sobre velhos troncos de árvores e pedras da margem, "jacarés" aquecendo-se ao sol. Minha espingarda estava sempre carregada para êles, mas não tive nenhuma oportunidade de atirar. A canôa muitas vezes balançava, e, antes que retomasse o equilíbrio necessário a uma boa pontaria, o animal mergulhava de novo. Na saída do canal, observámos, nas praias das ilhas, muitos dos martin pescadores azulados (*Alcedo Alcyon*, Linn.),²¹⁰; viam-se, também, grande número de aves muito parecidas com o nosso corvo marinho (*Carbo Cormoranus*), mas eram bem ariscas²¹¹. Impossibilitados de fazer outras descobertas importantes af, tivemos que nos contentar com o achado de duas espécies de *Fucus*, já encontradas perto do Rio de Janeiro***, ao mesmo tempo que numa longa e estreita "lagôa", atrás das dunas, tivemos também a boa sorte de matar um dos corvos marinhos que mergulhavam. Ao norte desse lugar, a costa, a certa distância da praia, é atapetada por muitas variedades de arbustos, entre os quais os mais frequentes são a "pitangueira" (*Eugenia pedunculata*), de frutos saborosos, uma nova espécie de *Sophora* de flores amarelas****, o *Cactus* hexagonal, e muitas outras espécies deste gênero, enfezadas pelo vento. Acompanhado pelos srs. Freyreiss e Sellow, segui adiante da "tropa" echeguei antes da noite à "fazenda Mandin-

(*) Koster, em apêndice, observa que Arruda, em sua descrição das plantas de Pernambuco, chama esta herba de "Guachuma do mangue" (*Hibiscus pernambucensis*).

(**) Arruda in loc. cit.

(Suplem.) *Caladium liniferum* Nees de Escabeck: C. caulescens, erectum, foliis sagittatis, lobis acutis, spadice cucullatum ovato-lanceolatum aquante, caule attenuato. Aninga Piso, Bras., p. 103. Parece ser diverso de *Caladium arborescens*, Ventenat.

(***) *Fucus lentigerus*, Linn. é uma espécie intermediária entre *Fucus incisifolius* e *latifolius*. Tourn., Hist. Fuc.

(****) (Suplem.) *Sophora littoralis*, SCHRAEDER, op. cit., pag. 709.

(209) A planta é muito abundante nas margens do Amazonas, onde constitue o refúgio predileto das "ciganas" (*Opisthocomus hoazin* (Mueller)).

(210) Cf. nota 206.

(211) Refere-se o autor ao chamado "biguá" (*Phalacrocorax olivaceus*, *olivaceus* Humb.), vigoroso palmípede ictiófago muito comum nos estuários e nas margens lodosas das baías.

ga", que fica isolada na praia oceânica. Nossa gente, detida num estreito canal, só chegou na manhã seguinte. Af encontrámos o "correio", que vai do Rio até à Vila de Vitória, sem prosseguir mais para o norte, e recebemos cartas, que nos ocuparam agradavelmente a noite.

De Mandinga continuámos para o norte, ao longo do litoral, marchando pelo amplo areal constantemente molhado pelo mar. O caminho pela areia é bom e suave para o cavaleiro, mas os burros e os cavalos, desacostumados à vista e ao rumor das ondas escachoantes, detestam muitas vezes essa útil estrada. A passagem de uma "tropa" pela areia branca e lisa, à beira do oceano azul, é um lindo quadro, vista de longe; porque, a não ser que a costa forme uma grande reentrância pode-se vê-la a tamanha distância, que os animais se reduzem a pequenos pontos. Na língua de terra saliente, onde o litoral suporta o mais violento embate da ressaca, encontram-se pedras perfuradas do modo mais extraordinário pela água. Algumas espécies de batuiras e maçaricos animam a costa, onde só existem umas poucas conchas e sargassos (*Fucus*). Depois de termos caminhado algumas léguas por essa "praia", uma picada levou-nos a algumas "lagôas" rodeadas de eminências silvestres. Toda a nossa "tropa" estava com uma sede ardente; apeámos, por isso, para nos saciar, mas, com grande aborrecimento nosso, verificámos que as marés tornavam salobra a água dessas "lagôas"; e dois casebres de barro, a que recorremos para mitigar a sede, estavam abandonados; entretanto, as "pitangas", que medravam em abundância nos arredores, atenuaram, até certo ponto, a nossa decepção. Uma trilha, vinda da costa, cêdo nos conduziu, através de espessos bosques, a uma grande floresta. Cavalgava adiante da tropa, observando as belas plantas, e puz-me a pensar nos "Tapuias", que algumas vezes infestam essas paragens, quando, para meu não pequeno espanto, vi de súbito, em frente de mim, dois homens escuros e nús. Tomei-os por selvagens no primeiro momento, e preparava a espingarda de dois canos para me defender de qualquer ataque, quando percebi que eram caçadores de lagartos. Os colonos, que vivem esparsos nessas solidões, gostam muito da carne da grande espécie de lagarto (*Lacerta Teguxin*, Linn.) denominado "teíú" na "língua geral" dos índios da costa. Por isso, partem muitas vezes, entre matagais e florestas, em busca desses animais, levando um par de cães treinados para esse fim. Quando os cães se aproximam de um lagarto, este se lança com a rapidez de uma flecha para a toca subterrânea, que lhe serve de retiro, donde é arrancado e morto pelos caçadores. Sendo grande o calor, esses homens, cuja pele do corpo inteiro fica tão tisonada pelo sol que podem passar por "Tapuias", desnudam-se completamente. Carregavam machados e dois lagartos de mais ou menos quatro pés de comprimento, inclusive a longa cauda. Esses caçadores, que conheciam bem a região, asseguraram-nos que estávamos, em menos de uma hora, na "fa-

zenda de Muribeca", onde pretendíamos passar a noite. Com efeito, em breve passávamos a cerca que lhe servia de limite. Nas sombras da imponente floresta encontrámos bonitas plantas, e o lindo *Convolvulus* de flores azul-celeste enlaçava-se nos arbustos até grande altura. O "juó"* soltava o forte e grave assobio, em três ou quatro notas: é ouvido, nessas matas imensas, em todas as horas do dia e mesmo à meia-noite²¹². A carne dessa ave é tão saborosa quanto a das outras espécies do género, às quais se dá, usualmente, o nome de "tinamús" ou "inambús".

Depois de atravessada a floresta, encontrámo-nos em extensas plantações recentes; de uma elevação, onde se viam troncos por terra em todas as direções, divisámos um quadro encantador da magestosa solidão, às margens do Itabapuana, que, como uma fita de prata, vai coleando entre as selvas umbrosas, e corta uma planície verdejante, em cujo meio se localiza a grande "fazenda" de Muribeca, cercada de vastas plantações. Em todo o redor, florestas imensas limitam o horizonte. Numerosos negros, que trabalhavam nas plantações, olharam com espanto para a nossa "tropa", saindo da mata como uma aparição do outro mundo.

Atingimos, primeiro, Gutinguti, que, juntamente com Muribeca, forma a "Fazenda de Muribeca": pertenceu, outrora, ao lado de um trecho da região de nove léguas de comprimento, aos jesuítas, que fizeram essas construções: é propriedade, agora, de quatro indivíduos associados. Existem aí, ainda, tresentos escravos negros, entre os quais, porém, não há mais de cinquenta capazes, sob a direção de um "feitor", português de nascimento, que nos recebeu com muita cortezia. O trabalho é bastante árduo para os escravos; consiste principalmente em derrubar as matas. Plantam-se mandioca, milho, algodão e um pouco de café. O Itabapuana, rio pequeno, corre perto de Gutigunti, e, quando enche, inunda os campos. A "Corografia Brasileira" chama-o erroneamente de Rerigitiba**, que é de fato, o Benevente; nasce na serra do Pico, não longe das fontes do Muriaé. As grandes florestas das cercanias de Muribeca são habitadas por

(*) *Tinamus noctivagus*, espécie nova, ainda não descrita de "tinamú" ou "inambú".. É menor que a "macuca" (*Tinamus brasiliensis*, Lath.) treze polegadas e cinco linhas; partes superiores cinzentas-escuras e pardo-avermelhadas; dorso mais para castanho-pardacento; alto da cabeça, cinzentazulado, com manchas; parte inferior de dorso e uropígio, pardo-avermelhado, ferruginoso; ademais, todo o dorso apresenta estrias escuras transversais; mento e garganta, esbranquiçados; parte inferior do pescoço, cinzenta; peito pardo-amarelado vivo; ventre de cor mais pálida.

(**) V. *Corografia brasileira*, t. II, p. 61.

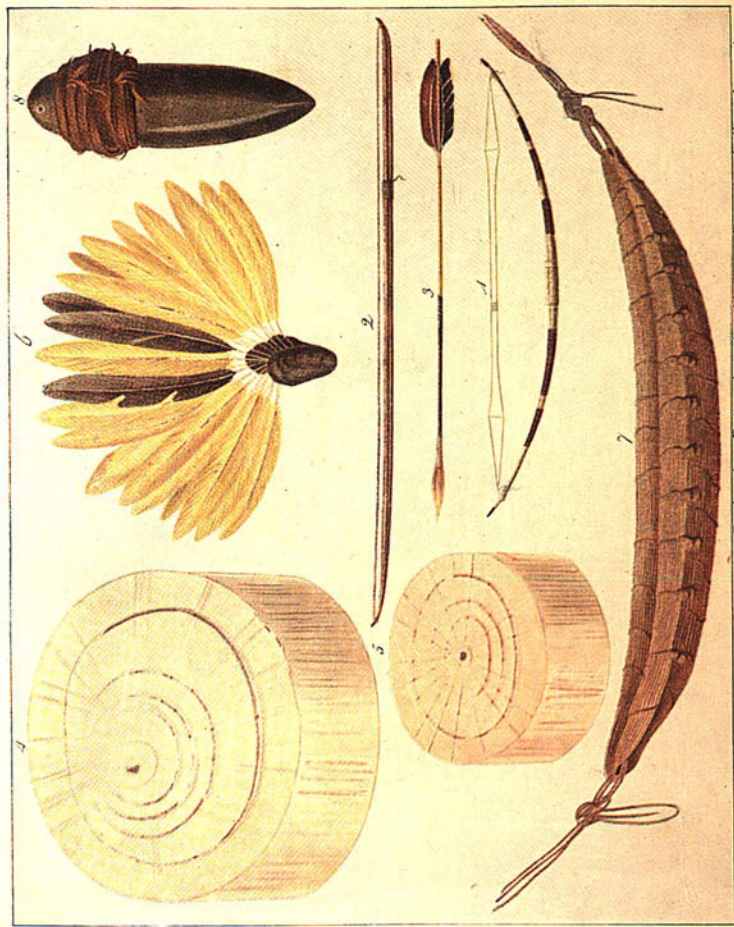
(212) É o "juó" dos nossos estados meridionais e o "zabêlé" dos baianos e nordestinos. A Wied deve-se, efetivamente, a primeira descrição dessa esplêndida ave, cuja área de distribuição abrange todo o Brasil oriental, desde o Piauí, ao Rio Grande do Sul. Seu nome técnico actual é precisamente *Crypturellus noctivagus noctivagus* (Wied), por isso que uma raça, apenas diferente dela (*C. noctivagus dissimilis*, Salvadori), vive na baixa Amazonia, estendendo-se até a Guiana. Pelo mesmo nome "juó", ou pela sua variante "juó", são ainda designadas no Brasil central duas raças de uma outra espécie bem caracterizada, (*Crypturellus undulatus*, Temminck). Uma de habitat mais ocidental (*C. u. undulatus*, Tem.), ocorre em todo Mato-Grosso, em cujas matas é de ordinário muito comum ainda hoje; a outra (*C. u. vermiculatus* Tem.), encontra-se em Goiás, estendendo-se para o norte até o Maranhão e ao sul até o oeste de São Paulo. Todas se incluem entre o que de melhor temos em caça plumada; assemelham-se fielmente nos hábitos e só educado ouvido sabe distinguir os cantos das duas espécies tratadas.

"Puris" nômades, que, nessas paragens e na extensão de um dia de jornada para o norte, se mantêm hostis. Supõe-se, não sem razão, serem os mesmos que vivem amistosamente com os colonos de perto de S. Fidelis. Havia pouco, em Agosto, mês que precedera o da nossa visita, atacaram os rebanhos da "fazenda", à margem do Itabapua-na* e mataram, de maldade, trinta bois e um cavalo. Um rapazote negro, que tomava conta do gado, foi isolado dos companheiros armados, feito prisioneiro, morto, e, segundo afirmam, assado e devorado. Acham que eles separaram os braços, as pernas e a carne do corpo, levando-os consigo; porque, pouco depois, encontraram no local a cabeça e o tronco descarnado do negrinho; porém os selvagens tinham-se internado precipitadamente nas florestas. Reconheceram, também, as mãos e os pés, assados e roídos, e dizem que até se viam as marcas dos dentes. O "feitor", que está sujeito a esses ataques dos selvagens, declarou-lhes profundo ódio, acentuando, repetidamente, que mataria de bom grado o nosso jovem "Puri". "E" inconcebível", acrescentou, "que o governo ainda não tenha adotado medidas efetivas para exterminar esses brutos; si avançarmos, por pouco que seja, rio acima, encontraremos fatalmente seus "ranchos" (choças).

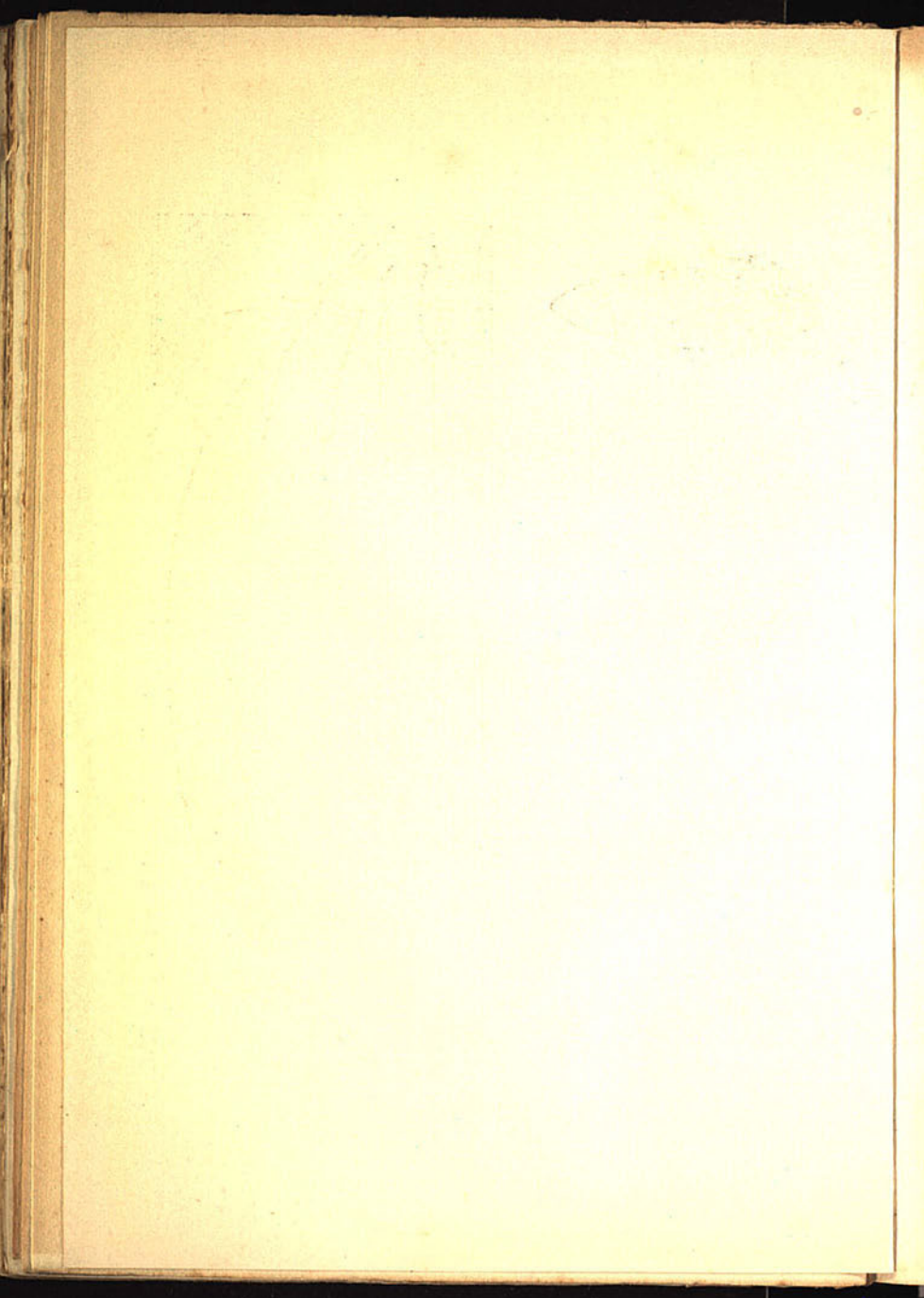
E' sem dúvida desagradável tê-los tão perto; mas deve ser lembrado que os colonos, pelo mau tratamento que dispensaram aos habitantes aborígenes, logo no começo, foram os causadores principais dessa hostilidade. Nos primeiros tempos, a avidez de lucros e a sede de ouro extinguiram todos os sentimentos humanos dos colonizadores europeus; consideravam animais esses homens pardos e nus, criados apenas para trabalhar, como o demonstra a controvérsia, no seio do próprio clero da América espanhola, sobre si os selvagens deviam ou não ser considerados "homens como os europeus", de que fala Azara no segundo volume de suas Viagens. Que os "Puris" comam, às vezes, os corpos dos inimigos mortos, confirmam-no várias testemunhas dessa parte do país. O padre João, de S. Fidelis, assegurou-nos que, viajando certa vez para o rio Itapemirim, encontrou, na selva, o corpo de um negro, morto pelos "Puris", sem braços e pernas, em volta do qual havia uma porção de urubús. Acentuámos acima que os "Puris" jamais nos confessaram comer carne humana; depois todavia dos idôneos testemunhos aduzidos, essa negativa carece de peso. Nosso "Puri" contou-nos, também, que a sua tribo finca num pau a cabeça dos inimigos abatidos, dansando em torno. Mesmo entre os "Coroados" de Minas Gerais, conforme o sr. Freyreiss, prevalece o costume de pôr um braço ou um pé dos inimigos dentro de um vaso de "cauí", que é em seguida bebido pelos convivas.

Durante a nossa estadia em Muribeca, fizemos diversos acréscimos às coleções de história natural. Não obstante as chuvas frequen-

(*) Esse rio aparece em diversos mapas com o nome de Comapuam; alguns habitantes, ocasionalmente, e denominam Campapoana; mas o nome verdadeiro é o dado no texto.



(Est. 13). Trastes, adornos e armas dos Puris, dos Botocudos, dos Machacaris e dos indios da costa.



tes, nossos caçadores aproveitaram bem as estiadas. Nas grandes matas e alagadiços das margens do Itabapua, descobrimos os ninhos do pato almiscarado (*Anas moschata*, Linn.)²¹³, que ainda não encontráramos. Essa linda ave, que é comum ver-se domesticada na Europa, caracteriza-se pela pele vermelho-enebecida, glabra e carunculada em redor dos olhos e do bico; a plumagem é toda negra, mais ou menos lustrada de verde e púrpura; os encontros das asas são, nas aves velhas, brancas como a neve, e pretas nas novas. O macho velho é muito grande e pesado, e tem a carne um pouco dura; os novos, porém, constituem bom prato, sendo, por isso, bem-vindos o caçador.

Nós, europeus, sentíamos muita dificuldade em caçar nesses lugares pantanosos e silvestres, à beira do rio; mas os caçadores índios, semi-nús, penetravam com muito mais facilidade nas brenhas. Três escravos negros também se ofereceram para caçar conosco; demos-lhes espingardas, pólvora e chumbo, e toda tarde traziam certo número de animais, que eram então divididos. Entre esses figuravam principalmente garças, ibis, patos (*Anas moschata* e *viduata*), o "ipecutiri" de Azara, ou pato de espáduas verdes, a "garça real", bela espécie até agora mal descrita, de corpo branco-amarelado e lindo bico azul*, as garças brancas grande e pequena, ambas de deslumbrante plumagem branca, e muitos mais²¹⁴. O Itabapua, do mesmo modo, deu-nos várias raridades. Num passeio rio acima, os srs. Freyreiss e Selow se divertiram com o espetáculo de um grande bando de "lontras" (*Lutra brasiliensis*)²¹⁵, caçando na água, adiante deles, sem o menor sinal de alarma. A lontra brasileira difere da dos nossos rios europeus, principalmente por ter o rabo um pouco achatado, como Azara observa; caráter este inexistente nos espécimens empalhados e, por isso, esquecido nas obras de história natural. O pelo é muito macio e bonito. Nos rios principais do interior do Brasil, no S. Francisco, por exemplo, atinge um tamanho prodigioso: é aí denominada "ariranha", e não "lontra". Conseguimos uma dessas grandes lontras da seguinte maneira. Informaram-nos que avantajado animal, com mãos de homem, jazia, morto, na água. Fomos ao lugar para ver que estranha criatura seria essa, e topámos com uma lontra colossal, de cinco a seis pés de comprimento, que de fato estava morta, mas inda bastante

(*) *Ardes pileata*, Latham; ou "le Heron blanc à calotte noire". Buffon, Sonnini, vol. 21 p. 192.

(213) *Cairina moschata* (Linn.), vulgarmente "pato do mato", "pato bravo", ou simplesmente "pato", é ainda bastante comum em certos rios do interior do Brasil. Foi o que verifiquei, pelo menos, em Goiás, no Rio das Almas, não longe de Jaraguá. Cf. *Rev. Mus. Paul.*, XX, p. 47.

(214) Afóra o grande pato (*C. moschata* (Linn.)), as outras aves aqui especificadas por Wied são: a "marrêca viúva" (*Dendrocygna viduata* (Linn.)), a "garça branca" (*Casmerodius albus egretta* (Gmelin)), a "garça branca pequena" (*Leucophox thula thula*, (Molina)), a "garça real" (*Ptilerodius pileatus* (Boddart)).

(215) Pela descrição dada resumidamente aqui e com muito mais desenvolvimento nas "Beiträge" (t. II, p. 320 e ss), verifica-se que a espécie referida por Wied é efetivamente a "ariranha", (*Pteronura brasiliensis*, (Zimm.)), que nos estados meridionais concorre com a "lontra" propriamente dita, *Lutra paramensis* Renniger, espécie muito menor e de hábitos notadamente noturnos.

fresca para ser aproveitada nas nossas coleções. Não pudemos descobrir a causa da morte do bicho, de vez que não parecia haver lesão externa.

Encontraram-se também "jacarés", Itabapuana acima. Nas matas reboavam os berros do macaco roncador (*Myceles ursinus*)²¹⁶, semelhantes aos sons de um tambor, e a voz forte e rouquenha do "safassú" (*Callithrix personatus*, Geoffroy)²¹⁷, muito comuns nessas paragens. Os caçadores mataram, em pouco tempo, quatro a cinco desses belos macacos; porque, ao darem com um bando disparavam rapidamente e carregavam de novo, enquanto um ou mais deles procuravam impedir que os animais fugissem pela galharia. O "safassú" ainda não foi descrito em nenhuma obra de história natural. Tem os seguintes belos caracteres: a cabeça e os quatro pés, negros; o corpo, cinzento-acastanhado pálido; o comprido rabo, amarelo-avermelhado. Diversos carregavam os filhotes nas costas, e cedo descobrimos que se domesticavam com facilidade. Entre as aves figurava uma interessante e bonita espécie de picapáu, que eu denomino *Picus melanopterus*²¹⁸. A plumagem é branca, exceto as asas, o dorso e parte do rabo, que são pretos; os olhos são rodeados de pele glabra alaranjada.

Em Campos, contratáramos dois caçadores, que foram mandados à "barra" do Itabapuana, onde tentariam a sorte, para depois se encontrarem conosco em Muribeca. Como o prazo que lhes déramos se expirara havia muito, e tivessem levado as nossas melhores espingardas de caça, estávamos seriamente apreensivos com a possibilidade de terem fugido. Por isso, mandamos com muito silêncio uma canoa com o nosso pessoal rio abaixo, até à foz, onde os caçadores foram surpreendidos sem nada fazer; tiradas as espingardas, deixámo-los que fossem embora tratar da vida.

A viagem de Itabapuana para o norte exige alguma precaução, porque o viajante tem que atravessar um trecho de seis a oito léguas, até o rio Itapemirim, em que os "Purís" sempre se mostraram hostis. Como já tivessem cometido vários assassinatos terríveis nesse distrito, achou-se conveniente estabelecer um pósto militar, chamado "Quar-

(*) (Suplem.) AZARA, no vol. IV, pag. 11, descreveu este pica-páu sob o nome de "Charpentier blanc et noir", porém, sua descrição é muito curta e superficial, de modo que para torná-la clara seria necessário fazer-lhe muitos acréscimos.

(216) Cf. nota 87.

(217) (*Callithrix personatus* (E. Geoffroy)). O "saf-assú" (no original "Safassú") devia existir primitivamente em toda mata costeira do este brasileiro, entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo; hoje parece antes raro. O Museu Paulista dele possui um exemplar, colecionado em Vila Colatino, no ano de 1906, por E. Garbe. A espécie foi uma das "descobertas" que a pilhagem do Museu de Lisboa propiciou a E. Geoffroy St. Hilaire, por ocasião da invasão napoleônica; sua descrição data de 1812, já sendo portanto conhecida ao tempo em que Wied escreveu o relato de sua grande viagem. A ele se deve, contudo, a primeira notícia sobre o animal vivo e em seu habitat natural. Cf. *Beiträge*, II p. 107.

(218) Espécie bem conhecida pelos nomes de "pica-páu branco" ou "birro", e cuja primeira descrição, feita por Azara, tinha já servido de base a *Picus candidus* Otto, publicado em 1772, na edição alemã da História Natural de Buffon. Tornou-se depois tipo do gênero *Leuconerpes* Swainson.

tel" ou "Destacamento das Barreiras". O "feitor" de Muribeca resolveu acompanhar-nos a esse posto. Seguimos através de velhas e altaneiras florestas, alternadas com extensões arenosas e escampas, onde descobrimos muitos rastros de antas (*Tapirus americanus*)²¹⁹ e veados. Afinal, alcançámos a praia litorânea, e daí admirámos uma graciosa curva da costa, que terminava ao longe numa língua de terra, onde se erguia o "quartel", no litoral montanhoso. Como essas paragens fôsem infestadas pelos selvagens, estávamos bem armados, e em caso de ataque teríamos vinte peças prontas para a defesa. Vários dos nossos tinham mesmo feito cartuchos, que podiam tornar a carregar o mais rapidamente possível. Os soldados pertencentes ao posto vêm geralmente ter com os viajantes, quando percebem, à distância, uma "tropa" avançando pela areia branca; destarte, depois de termos vencido uma légua ao longo da costa, topámos com uma patrulha de seis homens, a maior parte negros e mulatos, que o oficial do posto mandara vir ao nosso encontro.

Cerca de meio-dia, chegava nossa "tropa" ao "quartel", onde fomos muito hospitaleiramente recebidos pelo "alferes" comandante. Consiste esse posto em um oficial e vinte praças armadas com mosquetes sem baioneta. Numa eminência, sobranceiras ao mar, construíram duas casas de barro e plantaram um pouco de mandioca e de milho, para a subsistência dos soldados. A costa sobe, nesse ponto, em ribanceiras de argila, altas e perpendiculares "barreiras", em cujo tôpo fica o "quartel"; deste se descortina, por isso, um amplo panorama do oceano, para o norte e para o sul do litoral onde as "tropas" dos viajantes são vistas a grande distância.

Na terra, as construções do "destacamento" são compactamente cercadas por sombria floresta secular, em que já se havia começado a fazer "roçados". Em Agosto, dois meses, portanto, antes da nossa chegada, os "Puris" se aventuraram a atacar o pôsto. Vieram com o propósito de saquear as plantações dos soldados; e lançaram-se à empreza, abrigados pelas árvores e pelas moitas; um soldado e dois cães ficaram feridos; mas os "Puris" perderam tres homens, mortos ou feridos, que foram levados pelos companheiros. Desde então, o pôsto tem estado tranquilo, e os selvagens não apareceram mais nesse pedaço da costa. O "quartel" conserva como troféos as setas tomadas aos "tapuias".

O official comandante mantém uma guarda permanente de três homens na embocadura do rio Itabapuana. Esse destacamento se estabelece aí por prazo indeterminado, e já tem dado serviço durante cerca de um ano; bem penoso deve ser, sem dúvida, morar nesses ermos, em que até as provisões são miseráveis, e onde só há choupanas de barro, cobertas de folhas de palmeira. A casa do official é, de fato, espaçosa, contém vários quartos, mobilados com trastes de ma-

(219) *Tapirus terrestris* (Linn. 1758), com a retificação actual da nomenclatura, à luz das regras de prioridade.

deira ; mas o teto está tão arruinado, que deixa entrar a chuva. A construção do pósto foi resolvida depois do massacre de seis pessoas em lugar próximo da praia. Seis anos atrás, mais ou menos, sete pessoas voltavam de Itapemirim, a cuja igreja tinham ido, quando foram atacadas pelos "Purís", salvando-se apenas um homem de todo o grupo. Uma rapariga, que fugira ao primeiro assalto, foi perseguida e cruelmente assassinada. Encontraram-se depois os corpos, com os braços e as pernas arrancados, e o tronco descarnado. Logo em seguida, os "Purís" capturaram um soldado nas cercanias e igualmente o mataram. O oficial comandante do Quartel das Barreiras deu-nos interessantes informações a respeito dos "Purís". Assegurou-nos que, presentemente, esses selvagens desejavam viver em boa paz com os portugueses ; o que coincide exatamente com os desejos manifestados ao sr. Moraes de S. Fidelis. Tal solução seria muito vantajosa para o litoral ; porque, estando os habitantes dispersos, estão constantemente expostos aos cruéis ataques desses desalmados bárbaros, e a região corre o perigo de tornar-se deserta, a menos que sejam tomadas outras medidas. Os selvagens, senhores das florestas, surgem de súbito ora num ora noutro ponto, e somem tão depressa quanto aparecem, como se viu no ataque a Ciri ; conhecem os menores meandros das selvas, são astuciosos e destros, sabem perfeitamente de todos os pontos fracos dos colonos portugueses, cuja língua muitos deles falam um pouco.

No dia da nossa chegada ao posto, percorremos as matas e os alagadiços vizinhos, acompanhados e guiados pelos soldados. Toda a nossa presa consistiu em alguns patos (*Anas viduata*) e num interessante pássaro novo para nós, pertencente à família das *cotingas**²²⁰. Nadando próximo à costa, cujas praias procuram na primavera, viam-se as grandes tartarugas marinhas soerguendo lentamente, acima d'água, as cabeçorras redondas. À noite, desencadeou-se violenta tempestade e choveu a cântaros ; razão por que o teto esburacado do nosso abrigo de pouco nos valeu.

No escuro dia que se seguiu, tivemos o desagradável contratempo de encontrar completamente desleixada, sem pontes nem caminhos transitáveis, a única rota ao longo da costa : perto dos casebres do "quartel", ha um lugar onde estivemos a pique de perder alguns dos nossos melhores burros. Tendo ainda que viajar quatro léguas pelo distrito assolado pelos "Purís", entre os rios Itabapuana e Itapemirim, tomámos a precaução de caminhar em grupo compacto, e avançámos lentamente, sob escolta, através de uma planície arenosa, firme

(*) *Procnias melanocepalus* : cabeça negra, iris vermelho-cinábrio ; todas as partes superiores são da cor verde do pintaroxo ; as inferiores, verde-amarelado com estrias transversais mais escuras ; 8 polegadas e sete linhas de comprimento.

(220) Como se vê pela nota acrescentada pelo autor, trata-se do "corocochó", ave encontrada nas matas densas do Brasil oriental, desde a Bahia até São Paulo. Pela minha viagem ao Rio Jucuru-cú, vi-o certa vez em numeroso bando, numa árvore de cujos frutos foram regalar-se.

e perfeitamente horizontal, acompanhando as íngremes encostas do litoral, formadas de argila branca, amarela ou castanho-avermelhada*, e de camadas de arenito ferruginoso.

Os despenhadeiros ou ravinhas, as altas ribanceiras da costa, toda a região é coberta de florestas, em que ninguém se aventura a penetrar, por causa dos selvagens; não tínhamos nada que recluir, possuíamos vinte peças prontas para recebê-los, e, no entanto, a nossa gente contemplou horrorizada o local onde os selvagens espostejaram as seis infelizes vítimas. Em poucas horas chegámos, num trecho baixo da costa, à "Povoação" de Ciri, agora inteiramente abandonada. Em Agosto último, os "Purís" ou outros "Tapuias" atacaram subitamente esse lugar, mataram três pessoas na primeira casa, e espalharam tanta consternação, que todos os habitantes fugiram sem demora: apenas duas casas, para lá de uma pequena "lagóia", estavam ainda habitadas, porque seus moradores, bem armados, se consideravam em segurança. Os selvagens carregaram todos os utensílios de ferro e as provisões que puderam encontrar, retirando-se depois para a mata. Após esse assalto, o "Sargento mor" de Itapemirim, com cinquenta homens armados, fez uma "entrada" na mataria em busca dos "Purís". Descobriu um largo caminho, bom para cavaleiros, que levava a alguns "ranchos" e, daí, mais para o interior; não encontrou, porém, nenhum índio, e em breve tinha que regressar, por falta de provisões.

Para lá da "lagóia" de Ciri, nas casas acima referidas, os quatro soldados despediram-se de nós. Afastamo-nos do mar e entrámos numa bela mata, topando aqui e ali plantações. Estas também se acham sujeitas aos ataques dos selvagens, mas os moradores estão suficientemente armados. À proporção que avançávamos, a floresta se tornava cada vez mais linda, altaneira e espessa e pitoresca; os troncos compridos e esguios formavam uma sombria trama de modo que o caminho, coberto de todos os lados, parecia um túnel estreito e escuro. Vimos muitos gaviões sobretudo o *Falco plumbeus*, Linn.²²¹, bastante comum nessas paragens, pousados nas cumiadas da galharia seca de sobranceiras árvores seculares, à espreita da presa. O milhafre branco de rabo bifurcado (*Falco furcatus*, Linn.)²²², uma das mais belas aves de rapina dessa região, planava constantemente acima da selva magnífica. Teríamos gostado imensamente de caçar aí, não fôsse a multidão importuna de mosquitos: rostos e mãos ficaram imediatamente cobertos de picadas, e os cavalos e os burros foram tor-

(*) De acordo com a análise do professor Hausmann de Göttingen, esse "fossil" que é um componente fundamental de grande parte da costa do Brasil, está entre as altomargas duras, de que é também exemplo "Wunder-Erde" da Saxônia. Coincide em todos os característicos com a litomarga.

(221) Cf. nota 164.

(222) Cf. nota 163.

turados pelas "mutucas"*. Cêdo atingimos terrenos escampos, onde os charcos e as "lagoas" estavam cheias de patos, gaivotas e garças. Ao meio-dia, mais ou menos, chegámos ao rio Itapemirim, em cuja margem sul fica a vila do mesmo nome. Está a sete léguas de Muri-beca**, num local recentemente edificado, e possui algumas boas construções, não podendo, porém, ser considerada mais que uma vila. Os habitantes são ou agricultores pobres, cujas plantações ficam nas vizinhanças, ou pescadores, além de poucos artifices. O "capitão comandante", ou capitão-mor, do distrito de Itapemirim reside geralmente na própria "fazenda", que não é longe da vila; aliás, tem sargento-mor da milícia. O rio, no qual se viam alguns brigues ancorados, é muito estreito, mas comporta certo comércio de produtos das plantações, como açúcar, algodão, arroz, milho e madeira das florestas. Um temporal, desencadeado nas montanhas, veio mostrar-nos quão rápida e perigosamente sobem as águas na zona tórrida; porque o rio se tornou logo tão caudaloso, que quasi transbordou: aliás, tem sempre correnteza maior que o Itabapuana. As montanhas donde desce se vêem a grande distância, com os picos nitidamente recortados: conhecem-se por Serra de Itapemirim. São famosas pelos trabalhos de faiscação de ouro, outrora estabelecidos nas cercanias, no lugar chamado Minas de Castelo²²³, cinco dias de jornada rio acima. O distrito era, entretanto, tão assolado pelos "tapuias" que os poucos colonos portugueses o abandonaram há cerca de trinta anos atrás, e foram morar na vila e arredores. A região do alto Itapemirim é habitada pelas hordas bravias dos "Tapuias", sobretudo pelos "Purís" e, como os "mineiros" asseveram, por outra tribo selvagem, que apelidam de "Maracás". O massacre de Ciri é atribuído a estes últimos. Os "Botocudos", porém, que são os verdadeiros tiranos desses ermos, ainda fazem grandes incursões rio abaixo. Conta-se que, pouco depois de terem ouvido os moradores de uma "fazenda" situada à margem do rio Muriaé, um barulho e um clamor intensos vindos da floresta próxima, alguns "Purís" feridos apareceram e pediram proteção aos portugueses, dizendo que os "Botocudos" haviam atacado e matado muitos do seu povo. Por todos esses fatos, é evidente que essas florestas estão cheias de selvagens independentes e hostis. Acusam os "Tapuias" de terem assassinado quarenta e três colonos portugueses do Itapemirim no espaço de quinze anos. Apesar de tudo, abriu-se uma estrada através dessas perigosas solidões, indo de Minas de Castelo à fronteira de Minas Gerais, num percurso de perto de vinte e duas léguas.

O Capitão-mor do distrito recebeu-nos amavelmente, após lhe termos apresentado os passaportes; mandou, para nossa morada,

(*) SOUTHEY, op. cit., escreve "mutuca". Vol. I, p. 618.

(**) Já LERY, à pag. 45 de sua viagem, cita esta região com o nome de Tapemirim.

(223) Com o nome de Castelo é hoje ponto terminal de ramal férreo e dista 38 quilom. de Cachoeira do Itapemirim.

abundantes provisões, lenha, água e outras necessidades, razão porque lhe fomos agradecer pessoalmente, em sua "fazenda". Esta casa de campo fica à beira do rio, rodeada de belos prados, onde se via pastando grande quantidade de gado.

Deixámos esse lugar depois de alguns dias de permanência. A pequena distância da vila, atravessámos o rio, perto do local em que desemboca no mar. Nos alagadiços da região, encontrámos frequentemente a *Jatropha urens*²²⁴, muito mais dolorosa para os pés dos nossos caçadores que as ortigas (*Urtica*) mais causticantes, por isso que os seus pêlos picam mesmo através das roupas. Nas baixadas pantanosas e à margem dos rios, ao longo de toda a costa, o lindo "tié"²²⁵ sanguíneo (*Tanagra brasilia*, Linn.) é muito comum; pelo contrário, nas montanhas e nas grandes florestas do interior, encontra-se bem mais raramente. Na foz do Itapemirim, vimos bandos enormes de uma espécie de gaivota (*Larus*), assim como inúmeras andorinhas do mar (*Sterna*). Batuiras (*Charadrius*) e maçaricos (*Tringa*) animavam o litoral, onde frequentemente encontrámos na areia, o pequeno curiango (*Caprimulgus*)* e, na mata próxima, uma espécie maior desse mesmo gênero. De acôrdo com Maregrave, os brasileiros, nas circunvizinças de Pernambuco, chamam esses passaros de "ibijau"²²⁶; entretanto, no trecho litorâneo que visitei, são conhecidos por "bacurau". O calor era intenso e tínhamos muita sede, que o nosso joven Purí ensinou a mitigar de maneira infalível. Arrancam-se as duras folhas centrais das bromélias, em cujos cantos se colecciona a água da chuva e do orvalho; e esse nectar é servido aplicando-se rapidamente a folha à bôca.

Nos pontos salientes da costa, encontrámos nesse dia colinas pedregosas, onde se erguiam numerosos coqueiros silvestres, cujas belas palmas ondeavam orgulhosamente à fresca viração. O "papa-ostres" (*Haematopus*) era comum em toda parte, bem como as batuiras e os maçaricos. Numa bela floresta secular, divertimo-nos imensamente ouvindo as vozes vigorosas de vários passaros, às quais, ao cair da tarde, se veio juntar a de uma coruja; papagaios vozeavam em alarido, e o doce apêlo do "juó" (*Tinamus*)²²⁷ sobressaía do concerto tumultuoso, repercutindo longe, pelas solidões imensas. Alojámo-nos, nessa noite, na "fazenda de Agá", onde se cultiva mandioca, algodão e café. Matas extensas, repletas de toda espécie de animais ferozes, acompanhavam as plantações do lado do continente. Na noite anterior, uma grande onça ("yaguarété") *Felis Onca*, Linn.) matara uma égua pertencente ao proprietário, cujos caçadores, seguidos de

(*) Talvez aquele a que VIEILLON deu o nome de *Caprimulgus popetui* em sua "Histoire naturelle des oiseaux de l'Amerique Septentr.", vol. I, tab. 24".

(224) Vulgarmente "cansação".

(225) No original "Tijé".

(226) "Ibiban" no texto alemão.

(227) Cf. nota 212.

seus cães, a procuraram em vão nas selvas vizinhas. Perto da "fazenda" alta montanha arredondada e solitária, chamada Morro de Agá, levanta-se dentre as florestas circunjacentes. Formam-na rochas e precipícios nús e escarpadas, e é envolvida por elevadas colinas; do cimo se abrange, segundo dizem, magnífico panorama. Próximo das habitações, descobri um pequeno charco, onde, pelo crepúsculo, ouvi, espantado, o notável coaxar de uma rã até então desconhecida para mim: soava exatamente como o martelo do funileiro ou do caldeireiro; apenas o som era mais profundo e cheio. Só muito depois conheci melhor esse animal que os portugueses apelidam de "ferreira"²²⁸ devido ao coaxar. Outra curiosidade foi um espesso bosque de uma variedade de *Heliconia*, que ainda não vira; e cujas flores abobadadas tem hastes que, a certa altura, se arqueiam para baixo e depois, na ponta, novamente se voltam para cima; muitas flores, de cálices escarlates, cobrem a parte recurva do pedúnculo, que também possui belo matiz. Esse esplêndido arbusto forma um verdadeiro caramanchão. A "praia", nesse trecho, deu-nos algumas conchas bivalvas e caracóis.

Passámos, perto de Agá, pela "povoação" de Piuma ou Ipiuma, onde um riacho do mesmo nome, navegável apenas por canoas, desagúa no mar. Existe, nesse lugar, uma ponte de madeira de trescentos passos de comprimento, assentada no ponto de maior largura do riacho, verdadeira raridade nessas paragens. As margens são cobertas de vegetação densa, e a água é parda, côr de café, como a maioria das correntes florestais e dos pequenos rios da região. Humboldt observou o mesmo com o Atabapo, o Temi, o Tuamini, o Guainia (Rio Negro) e outros rios. Na sua opinião, tiram a original côr de uma solução de hidrogênio carbonado, da exuberância de vegetação dos trópicos e da grande quantidade de matéria vegetal impregnando o leito em que correm*.

Quando atravessávamos a ponte, os índios apareceram, de rostos bruno-escuros característicos, curiosos de verem os estranhos. Um marinheiro espanhol aí estabelecido serviu de hospedeiro, dirigiu-se-nos imediatamente em várias línguas, que manejava em parte, falou-nos de todos os países que visitara, e mostrou-se convicto de que éramos ingleses. Nos vales e mesmo em logares elevados e secos, são comuns as touceiras de uma espécie alentada da cana, alta de dezesseis a dezoito pés, e de cujo caule um pouco achatado sae um formoso leque de folhas lanceoladas e inteiras; estas mais ou menos se implantam num ponto único, subindo do meio uma longa haste a que as flores estão presas como pequenas bandeiras. Essa bonita

(*) *Ansichten der Natur*, I, p. 298.

(228) A espécie, com o nome de *Hyla faber* vem minuciosamente descrita por Wied em *Beiträge*, Vol. I, p. 519 e ss. Posteriormente, E. GOELDI observou-lhe os curiosos hábitos de nidificação, publicando a respeito importante artigo, nos *Proceedings of Zoological Society* de Londres (1895-p. 89).

espécie de cana é aí conhecida por "ubá", e mais para o norte, no Rio Grande de Belmonte, por "canna brava", servindo aos selvagens para a confecção de flechas. As touceiras formam massas impenetráveis e cobrem regiões inteiras²²⁰.

Num pequeno vale aprazível encontramos um bosque de árvores imponentes e frondosas, tais como *Cecropia*, *Cocos*, *Melastoma*; entre elas corre o escuro riacho Iriri, atravessado por uma pitoresca ponte feita de troncos. Tucanos e "maitacas" (*Psittacus menstruus*, Linn.) eram comuns, e foram abatidos pelos nossos caçadores. Os macacos pulavam tão rapidamente entre os galhos das árvores, que era impossível atingi-los. No ôco de um velho tronco descobrimos uma gigantesca "aranha caranguejeira", que tencionávamos capturar depois de nos termos alojado, coisa, porém, que não pudemos pôr em prática. Cavalgamos por uma região montanhosa, com matas e campos alternados, e chegámos, à tarde, a uma última elevação, à beira do rio Benevente, donde súbito contemplámos formoso panorama. Ao pé de uma colina, na margem norte, vimos uma povoação, a Vila Nova de Benevente; à direita, o espelho azul do oceano, e, à esquerda, o rio Benevente, que se espraia como um lago; em derredor, soberbas e sombrias matas e, atrás destas, montanhas rochosas limitando o horizonte.

Vila Nova de Benevente foi fundada, à margem do rio Iritiba, ou melhor, Reritigba*, pelos jesuitas, que aí reuniram grande número de índios convertidos. A igreja dêles e o convento contíguo ainda existem: este, que nos serviu de pouso, é utilizado atualmente como "Casa da Camara." Fica numa eminência sobranceira à vila, de cuja sacada, no lado norte, se descortina deliciosa paisagem. O sol mergulhava no oceano azul-escuro que se estendia à nossa frente, transformando-lhe a imensa superfície num mar de fogo. Os sinos bateram a "ave-maria", e, escutando-os, todos se descobriam para dizer suas preces vesperais. Reinava o silêncio na planície enorme, apenas a voz do *Tinamus* e de outros animais da mata interrompiam a solene quietude da cena noturna.

Vimos diversos pequenos brigues ancorados no porto de Vila Nova, o que nos levou a pensar, erroneamente, num grande comércio local: cêdo, porém, convencemo-nos do nosso engano. Há muito pouco comércio, e aqueles navios apenas se abrigavam do vento desfavorável. Os jesuítas reuniram aí, a princípio, seis mil índios, fundando a maior "aldeia" dessa costa: a maioria, entretanto, abando-

(*) No mapa de Faden, o rio é chamado "Iritibu", no de Arrowsmith, "Iritiba": a Vila não está registada em nenhum desses mapas.

(229) A "cana brava" (*Gynerium parviflorum* Nees & Eoenb.) recebe ainda hoje inúmeras aplicações por parte das populações praias do norte, e especialmente do Recôncavo baiano. Afóra o emprêgo do raque das inflorescências como vara de pescar, de seu côlmo fazem-se tiras longas, resistentes e flexíveis, usadas à guisa de vime na construção de balaios, cestas e armadilhas de pesca, das quais é particularmente característica a que denominam "munzú", figurada no relatório da excursão que fiz àquela zona. Cf. *Rev. Mus. Paul.*, XIX, p. 25 e estampa.

nou-a por causa do duro trabalho exigido pela corôa, e devido à maneira tirânica por que eram tratados; espalharam-se por outras paragens, de modo que todo o distrito de Vila Nova, incluindo os colonos portugueses, não possui mais de oitocentos habitantes, dos quais cerca de seiscentos são índios. Embora a população tenha decrescido tanto, o comércio aumentou desde então: com efeito, as exportações, há apenas vinte anos atrás, não excediam de 100.000 réis, ao passo que atualmente subiram a 2.000 cruzados, só para o total de açúcar exportado. Outrora, os selvagens livres perseguiram terrivelmente essa colônia do Iritiba, maximé os "Goaitacazes" e as tribus dos "Tapuias", destes sobretudo os "Purís" e os "Maracás"; o padre, porém, assegurou-nos que essas hordas selvagens nunca mais apareceram, desde que se começou a celebrar, anualmente, em honra ao Espírito Santo, uma grande festa, com procissões e cerimônias religiosas.

Vila Nova, propriamente, é um lugar pequeno, com algumas boas casas, mas anima-se aos domingos, porque os moradores dos arredores vão aí assistir à missa. O "capitão" da milícia, que comanda nesse distrito, pertence ao regimento de Espírito Santo, cujo chefe é o coronel Falcão, comandante da Capitania. Veio visitar-nos no domingo e, como lhe pedíssemos bons caçadores, teve a gentileza de mandarnos alguns homens conhecedores da região; além desses, contratamos um índio que tinha a mão destra. Esses homens conseguiram vários animais interessantes, entre os quais muitos macacos "safassú", cujo alta voz se ouve frequentemente nas margens do rio. Dois dos caçadores encontraram, na floresta, uma grande cobra venenosa. Estava imóvel num oco de árvore, onde era difícil capturá-la; por isso, um deles subiu a uma árvore baixa e daí matou-a. Essa bonita cobra é denominada "surucucú" na região, atinge 8 a 9 pés de comprimento e considerável grossura, é de cor amarelo-avermelhada com um rosário de manchas losangonais no dorso. A forma dos escudos, das escamas e do rabo mostra que se trata da grande víbora das florestas de Caiena e Surinan, descrita, si bem um pouco incorretamente, por Daudin, sob o nome de *Lachesis**230. Sua picada é muito temida, dizendo-se que as pessoas mordidas morrem em menos de seis horas.

Seguindo do Iritiba, chegámos primeiro ao rio Goaraparim. Campos alagadiços e lamaçais se sucedem próximo à praia litorânea, alternando com pequenas moitas, ao lado das quais, às vezes se juntam, para deleitar o viandante, trechos de mata-virgem. Ouvíamos conti-

(*) Marcgraf menciona esse reptil com o nome de "curucucú"; nos últimos tempos só o Conselheiro Merrem, um dos nossos mais distintos reptilólogos, descreveu e figurou uma pele incompleta deste animal nos "Annalen der Wetteranischen Gesellschaft für Naturgeschichte".

(230) A suposição de Wied é de todo procedente, constituído hoje *surucucú* (no original "Curucucú" a única espécie (*L. muta*, (Linn.) do genero *Lachesis* Daud.

Também, das nossas cobras venenosas nenhuma se lhe avanta em tamanho. E' ovípara, ao contrário do que acontece com as serpentes do genero *Bothrops* Wagl., cujas numerosas espécies, como a "Jararaca" o "Jararacussú" o "urutú", etc., são ovovíparas. Cf. AFRANIO DO AMARAL, *Rev. Mus. Paul.*, XV, p. 43 (1927); idem, in *Cartas*, etc. de Padre Anchieta, Rio de Janeiro, 1933, edic. da Acad. Bras. de Letras, p. 135 (nota 112).

nuamente o rugido do oceano, cujo litoral montanhoso era coberto de matas. As ramarias tapavam o caminho escuro; orlavam-no árvores magestosas e seculares, que tinham os troncos cobertos de um mundo de plantas, e os galhos, de fungos e líquens; coqueiros novos, em baixo, se entrelaçavam com trepadeiras, cuja tenra folhagem, de lindos matizes vermelho e verde brilhante, despontava; ao passo que, muito acima de nossas cabeças, o penacho das comas de velhas palmeiras ondeavam no espaço, e os estipes se curvam, estalando, para a frente e para trás. Em certo ponto, encontrei um bosque admirável, composto exclusivamente de palmeiras "airi". Árvores novas e vigorosas dessa espécie, de 20 a 30 pés de altura, erguem os caules erectos e pardo-escuros, rodeados de anéis de espinhos; as belas palmas protegem o chão úmido do abraçador sol do meio-dia; enquanto outras mais novas, ainda sem caule formado, constituem a vegetação rasteira, sobre a qual se abatem, como colunas partidas, velhas palmas secas e mortas. Em cima dessas árvores, votadas à destruição, trabalha o solitário picapáu de topete amarelo (*Picus flavescens*, Linn.), ou a bonita espécie de cabeça e pescoço vermelhos (*Picus robustus*)²³¹. Perto de nós, a flor da *Heliconia* cor de fogo enfeitava as moitas baixas, nas quais se enroscava um lindo *Convolvulus* de admiráveis flores azues campanuliformes. Nessa magnífica floresta, as trepadeiras lenhosas mostram-se em toda a originalidade, com formas e curvaturas singulares. Contemplávamos embevecidos esse ermo sublime, animado somente pelos tucanos, pelos "pavós" (*Pie à gorge ensanglantée*, Azara)²³², papagaios e outras aves. Nossos caçadores agiam em todas as direções e encheram as bolsas de caça. Alcançamos, além dessa floresta, a Povoação de Obú, constituída de algumas cabanas de pescadores, a duas léguas de Vila Nova. Essas habitações, à sombra de florestas ou de densos balsedos, são geralmente mais pitorescas do que as situadas em lugares escampos. Uma "povoação" (uma vila sem igreja) denominada Miaipé²³³, ocupada por sessenta ou oitenta famílias de pescadores, abrigou a nossa "tropa" pelo escurecer. Alojamo-nos numa casa de situação um pouco alta, onde apareceram imediatamente diversas pessoas, olhando com grande admiração para o

(*) Esse nome foi dado pelos naturalistas de Berlim, depois que Azara descreveu a ave no 4.º vol. de suas Viagens, p. 6, onde o chama de "Charpentier à huppe et cou rouges".

(231) (*Celeus flavescens* Gmelin), de que há no Brasil pelo menos tres raças e (*Phalacrocorax robustus* (Lichtenstein)), são os nomes atuais das espécies citadas. Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul. XIX, p. 166 (1935).

(232) O "pavó" (*Pyroderus scutatus scutatus* (Shaw)), é um grande passaro frugívoro, da família dos Cotingidas, encontrado em todas as grandes matas do Brasil este-meridional, do Rio Grande do Sul à Bahia.

Possede voz cavernosa e característica, que dá ao ouvinte a impressão das batidas de um moinho, trabalhando ao longe (Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 233).

(233) "Miaipé" no texto original. Povoação marítima, situada 6 quilom. ao sul de Guarapirima.

Parece útil acrescentar que as cobras-cipó verdes (*Philodryus schottii*, aestivus, olfersi, etc.), si bem que praticamente inofensivas são serpentes opistogíffas, cujos dentes, embora minúsculos, podem infligir, em quem as segure imprudentemente, ferimento superficial, mas ainda assim bastante dolorido e seguido de inflamação persistente.

nosso selvagem "Puri", e acompanhando-lhe todos os movimentos. Fomos bem recebidos nessa casa, que era espaçosa e tinha um amplo aposento, onde em pouco um fogo vivo secava-nos as roupas, completamente encharcadas pela chuva. Perto de Miaipé, fica a vila de Guarapirim, aonde vai ter um caminho sobre montes rochosos, que entram pelo mar. Próximo da vila, um braço de mar, de água salgada, corre para o interior; é chamado Guarapirim, e muitas vezes se fala dêlo como de um rio.

A vila tem cerca de 1.600 habitantes, sendo, portanto, um tanto maior que a Vila Nova de Benevente: o distrito inteiro contém mais ou menos três mil almas. As ruas não são pavimentadas, tendo apenas medfocres calçadas junto das casas, que são pequenas e quasi todas de um só andar. O lugar é geralmente pobre; na vizinhança, porém, existem grandes "fazendas". Uma delas, com quatrocentos escravos negros, é denominada Fazenda de Campos, e outra, com duzentos negros, Engenho Velho. Quando o último proprietário daquela morreu, sobreveio uma desordem geral: os escravos se revoltaram e cessaram o trabalho. Um padre informou aos herdeiros em Portugal, do estado de ruína da propriedade, e ofereceu-se para restaurar a ordem, si lhe dessem uma parte na fazenda. Assim se combinou; mas os cabeças dos escravos mataram-no na cama, armaram-se e formaram, nessas florestas, uma república negra, que não foi fácil submeter. Tomaram posse da "fazenda", viviam livres sem trabalhar muito, e caçavam nas florestas. Ao mesmo tempo, os escravos da "fazenda" Engenho Velho também se libertaram, e uma companhia de soldados nada pôde contra êles. Esses negros se ocupam, sobretudo, em colher alguns dos principais produtos das matas, como sejam o odorífero bálsamo do Perú, o "óleo de copaiba" e um de outra espécie. Este último se extrai de uma grande árvore, o "pao de óleo"²³⁴. Faz-se nela uma incisão, e, quando a seiva escorre, enche-se o corte com algodão, que se impregna da matéria resinosa: é crença geral que a incisão deve ser feita na lua cheia, e o óleo colhido no quarto minguante. Os negros ou índios, que extraem esse produto, vendem-no dentro da casca de pequenos côcos silvestres, cuja abertura, em cima, é tapada com cera. O bálsamo é tão sutil, que no tempo quente se escapa através da casca espessa. Atribuem-lhe, na região nativa, maiores virtudes do que as que possui realmente*.

Os rebeldes negros das duas "fazendas" acima referidas recebem os forasteiros de maneira amigável, e, nesse particular, são muito diferentes dos escravos negros fugidos de Minas Gerais e outros lugares, que são chamados, devido às suas aldeias nas florestas, "quilombos", "gaiambolos". Atacam estes os viajantes, saqueiam e muitas vezes

(*) Vide MURRAY, *Apparatus medicamentum*, vol. IV, p. 52.

(234) Várias *Cesalpinaeae* do género *Copaifera* (*C. officinalis*, Lin., *langsdorffii* Desf. etc.) têm na língua vulgar os nomes de "pau-de-óleo", "copaiba", etc.

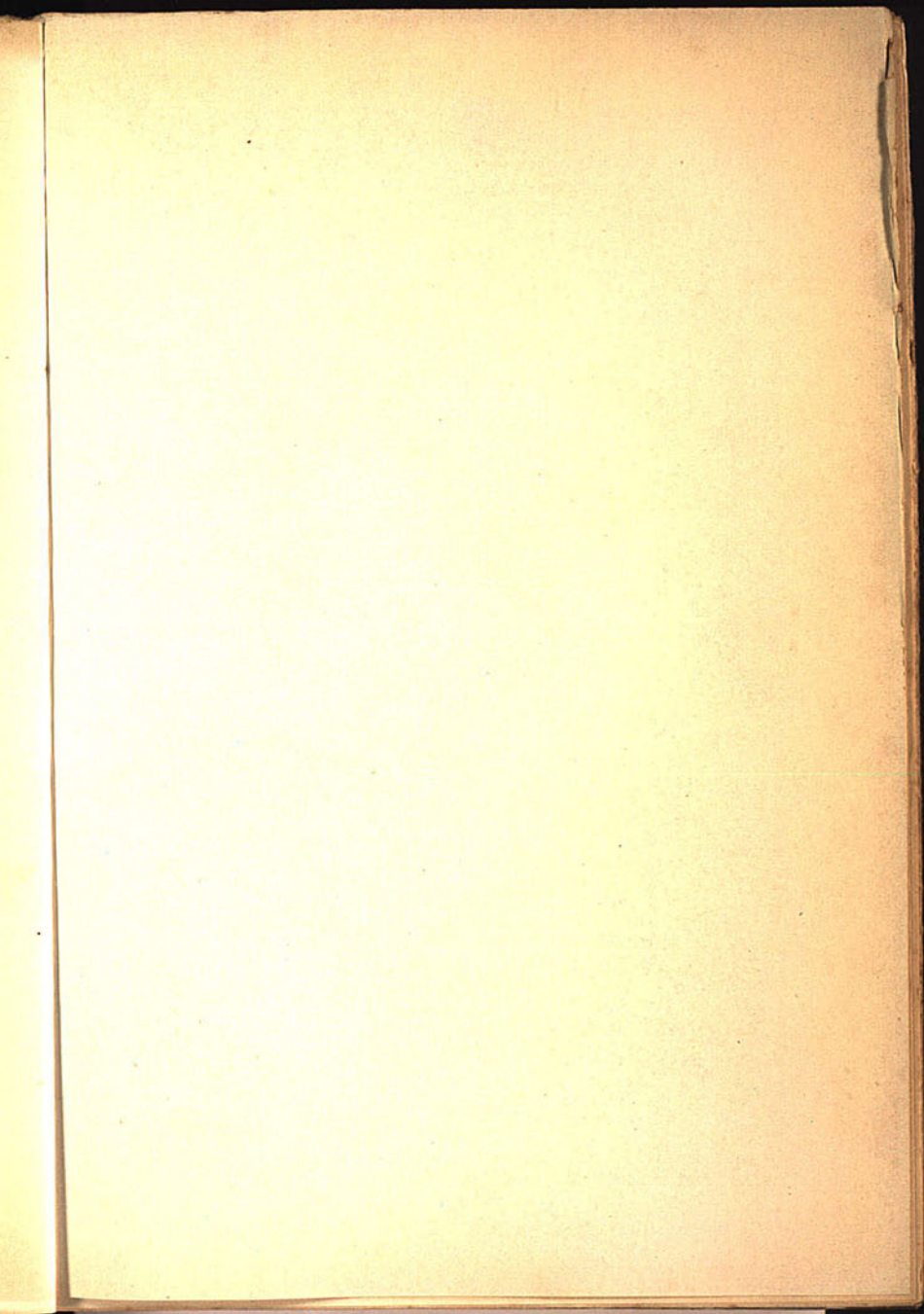
matam; razão pela qual existem aí caçadores de gaiambolos, chamados "capitães do mato"*, cuja única tarefa é caçar os negros em seus refúgios, ou matá-los.

O capitão da milícia de Goaraparim recebeu-nos polidamente e indicou-nos uma casa para passarmos a noite. No dia seguinte atravessámos o rio, não longe da vila: serpeia êle, pitorescamente, entre mangues (*Conocarpus*) de um verde suave, e é limitado, à distância, por verdejantes colinas: na margem norte há uma vila habitada por pescadores. Cavalgámos através de grandes charcos, cheios de moitas da linda *Rhexia* de flores violetas; e por belas colinas silvestres cobertas de "airi" e outros coqueiros, muitos dos quais foram motivo de insaciável curiosidade para nós; depois, passámos um grande canal de "ubá", ou cana de folhas em leque, perto de Perocão e atravessámos um riacho por uma ponte de madeira. Seguimos a praia até à Ponta da Fruta, onde várias casas, à sombra de pequeno bosque, formam uma aldeia dispersa, cujos habitantes, descendentes de negros portugueses, receberam-nos bem. Tiram parca subsistência das plantações e da pesca. Próximo da Ponta da Fruta, vimos, numa montanha distante, o convento de Nossa Senhora da Penha, perto da Vila de Espírito Santo, para chegarmos a qual tínhamos que viajar cinco léguas. Sucediam-se florestas, campos, cerrados e extensos canigais brejosos. Viam-se nestes numerosas garças brancas e outras, e muitas plantas novas e belas despertavam a atenção do forasteiro. Na relva, na margem arenosa de uma "lagoa", descobri a cobra cipó verde**, que deve o nome à sua forma esguia e flexível. E' de um verde-olivaceo escuro, amarela em baixo, cresce até 5 ou 6 pés, e, embora seja completamente inofensiva, os brasileiros a matam onde quer que a encontrem, porque antipatizam com todas as serpentes. Encontrei aí o esqueleto de um exemplar notavelmente grande dessa espécie.

Não longe do pequeno rio Jucú, sobre o qual passa comprida ponte arruinada, que é preciso atravessar com precaução, encontramos, na costa, uma aldeia de pescadores; continuámos, em seguida, através de bela floresta secular e, por fim, atingimos a Vila do Espírito Santo, à beira do rio do mesmo nome.

(*) Em Pernambuco tem o nome de "capitães do campo". Cf. KOSTER, *Travels*, etc., p. 399.

(**) *Coluber bicarinatus*, provavelmente espécie nova: o seu principal característico é um rosário de escamas careniformes de cada lado do dorso. Escudos ventraes 155; pares de escamas caudais, 137.





Soldados de Linhares, com suas mochilas.

ESTADIA NA CAPITANIA E VIAGEM AO RIO DOCE

Vila Velha do Espírito Santo — Cidade de Vitória — Barra de Jucú — Araçatiba — Coroba — Vila nova de Almeida — Quartel do Riacho — Rio Doce — Linhares — Os Botocudos, inveterados inimigos.

O rio Espírito Santo, que ao lançar-se no mar é bastante caudaloso, nasce nas montanhas, nas fronteiras da "capitania" de Minas Gerais, desce em diferentes rumos através das pujantes florestas dos "Tapuias", em que "Purís" e "Botocudos" vagueiam, e vem sair ao pé de uma dessas serras mais altas, que se dirigem para a costa, e da qual o Monte de Mestre Alvaro se diz ser o ponto mais elevado. Os estabelecimentos portugueses na desembocadura desse belo rio são muito antigos; foram severamente castigados pelas guerras com os "Tapuias", e particularmente com as três tribus dos "Uetacas", ou "Goaitacazes", que viviam no Parafba*. Na última metade do século XVII, a região do Espírito Santo não continha mais que quinhentos portugueses e quatro aldeias indígenas**. Presentemente, encontramos na margem sul do rio, não longe da foz, numa linda baía, a Vila Velha do Espírito Santo, pequena e miserável vila aberta, construída quasi toda numa praça. Numa das extremidades fica a igreja, e na outra, a "Casa da Camara" (edifício real ou câmara municipal). Numa alta colina coberta de vegetação, junto à vila, ergue-se o famoso convento de Nossa Senhora da Penha, um dos mais ricos do Brasil, dependente da abadia de S. Bento do Rio de Janeiro. Dizem que possui uma milagrosa imagem de Maria, razão por que o procuram numerosos peregrinos. Na época de nossa visita só havia dois eclesiásticos no lugar.

E' bem penoso subir a íngreme elevação para gosar o indescritível e amplo panorama que daí se descortina; domina-se a imensa superfície oceânica, e, do lado da terra, vêem-se belas cadeias de montanhas, com vários picos e vales intermediários, donde surge pitorescamente o largo rio. A vila é formada de baixos casebres de barro e de cai a olhos vistos, desde que se fundou a Vila de Vitória, na margem norte, á meia légua de distância: esta é um lugarejo gracioso, e foi

(*) Na história da vida do Padre Anchieta diz-se, a esse respeito, entre outras cousas: "Por este tempo, anno 1554 pouco mais ou menos, moveram guerra contra os moradores desta Capitania do Espírito-Santo contra uma nação de gentios perniciosa, barbara, cruel e terrível por nome Goitacá, cujas noticias quero dar aqui brevemente, etc.".

(**) Southey's History of Brasil vol. I pag. 667.

elevada à categoria de "cidade" depois de minha partida. Espírito Santo fôra outrora um governo subordinado, mas posteriormente fôra elevado a "capitania". A "cidade de Nossa Senhora da Vitória" é um lugar limpo e bonito, com bons edifícios construídos no velho estilo português, com balcões e rótulas de madeira, ruas calçadas, uma câmara municipal razoavelmente grande, e o convento dos jesuitas, ocupado pelo governador, que tem, à sua disposição, uma companhia de tropa regular.

Além de vários conventos, há uma igreja, quatro capelas e um hospital. A cidade é, entretanto, um tanto morta, e os visitantes, sendo raros, são objetos de grande curiosidade. O comércio marítimo não é desprezível; por isso, diversas embarcações estão sempre aí ancoradas, e fragatas podem aportar à cidade. As "fazendas" vizinhas produzem muio açúcar, farinha de mandioca, arroz, bananas e outros artigos, que são exportados ao longo da costa. Vários fortes protegem a entrada do belo rio Espírito Santo: um, logo na foz; o segundo, construído de pedra, um pouco acima, com oito canhões de ferro; e ainda um pouco mais acima, numa colina entre o último e a cidade, um terceiro forte com dezeseite a dezoito canhões, alguns dos quais de bronze. A cidade está edificada um tanto desigualmente, sobre colinas aprazíveis, e o rio, que lhe passa atrás, corre entre altas encostas, cobertas de trepadeiras, em parte rochosas e em muitos lugares nús e alcantiladas. A bela superfície do rio vasto é semeada de numerosas ilhas verdejantes, e a vista, aonde quer que lhe siga o curso através da região, encontra sempre um pouso ameno em altaneiras e fragrantes montanhas vestidas pela mata.

À nossa chegada, alojamo-nos na Vila Velha do Espírito Santo, porque aí tínhamos boa pastagem para os animais. Partimos, em seguida, em grandes barcos, para a "cidade" de Vitória, não sem certo perigo, devido ao forte vento que soprava do mar, e à largura do rio. O governador, a quem fomos cumprimentar, recebeu-nos com todas as aparências da cortezia. Pedimos-lhe pouso na região, por perto da cidade, e ele destinou-nos uma boa casa em Barra do Jucú, na foz do pequeno rio Jucú, cerca de quatro léguas de Vitória. Essa casa pertencia ao coronel Falcão, comandante do regimento da milícia do distrito, e um dos maiores lavradores dessa parte do país.

Tivemos de novo notícias da Europa, porque existe um serviço de correio, por terra, do Rio de Janeiro até à cidade em questão, não continuando, porém, para o norte. Enquanto liamos as gratas e tão desejadas notícias do lar, uma multidão de gente de todas as cores envolveu-nos, fazendo os mais estranhos comentários a respeito dos nossos países e do motivo da extraordinária visita: aí também, como em toda parte, fomos tomados por ingleses. Voltando à Vila Velha, encontrámos, entre o nosso pessoal, alguns doentes de febre, esta se espalha tão rapidamente, que em poucos dias a maioria estava atacada. O mal era atribuído à água: mas, sem dúvida, é também causa-

do pelo clima e pelas provisões²³⁵. Cêdo, entretanto, curámos nossa gente com quina, e, assim que pudemos, dirigimo-nos à morada de Barra de Jucú, onde o ar marinho, fresco e extremamente puro, em breve completava o restabelecimento dos pacientes. Fizemos, então, arranjos para passar vários meses nesse novo abrigo, onde pretendiamos permanecer durante a estação chuvosa. Nossos caçadores percorreram as florestas próximas e distantes.

Barra de Jucú é uma pequena aldeia de pescadores à beira do rio Jucú, que aí desemboca no mar, depois de um percurso cheio de coleios através das florestas, desde as grandes "fazendas" de Coroaíba e Araçatiba. O peixe é abundante, e perto das margens há muitos lugares de agreste pitoresco. As casas dos pescadores de Barra de Jucú ficam mais ou menos dispersas; no meio delas, próximo da ponte sobre o rio, está a casa do coronel Falcão. Esse opulento lavrador possui várias outras "fazendas" nos arredores, a maior das quais, Araçatiba, se acha a quatro léguas de distância. O coronel estava acostumado a passar os verões em Barra de Jucú, para tomar banhos de mar, de modo que lhe foi muito desagradável o fato do governador ter-nos dado a casa dele para nossa residência, fato, porém, que só soubemos depois. Veio, apesar disso, alojando-se em outra casa, na vizinhança, que se preparou para recebê-lo, até que se pudesse mudar para aquela que ocupávamos.

As mais interessantes excursões aí realizadas, para conhecermos a zona circunjacente, levaram-nos, primeiro, imediatamente depois da ponte sobre o rio Jucú, a uma bela mata virgem, que se estende em direção à Vila Velha do Espírito Santo. Encontrámos uma bonita variedade de "sauim"²³⁶, até então desconhecida para nós (*Jacchus leucocephalus*, Geoffroy), em pequenos bandos, especialmente gulosos dos côcos de certo coqueiro silvestre; o porco-espinho de rabo prensil (o "Couy" de Azara)²³⁷, e outros animais. Entre os passaros, o

(235) Dispensam comentário as suposições referentes à origem do impaludismo, endemia que ainda hoje é o flagelo dos nossos rios do litoral e do sertão; nenhuma noção idêia então sobre o papel fundamental dos mosquitos perniciosos (são responsáveis numerosas espécies da família Culicidae e sub-família das Anofelinas) na transmissão da molestia, ocasionada, como se sabe, pela presença no sangue, de protozoários do gênero *Plasmodium*, cuja descoberta, em 1880, se deve a Laveran. Como a multiplicação dos mosquitos depende da existência da água, onde vivem (a princípio como larvas e depois como ninfas) até o momento de atingirem o estado adulto, explica-se imediatamente a relação, verificada desde a antiguidade, entre a doença e o meio físico.

(236) No original lê-se "Sahui" e "Sahuim"; hoje a pronúncia mais usada no norte é "sagui" ou mais propriamente "saguim".

Não serão deslocadas aqui algumas notas sobre os saguis do gênero *Hapale* Illig. (= *Jacchus* Geoff.), encontrados no centro-leste brasileiro. *Hapale leucocephala* (Geoff.) reconhece-se pela sua cabeça perfeitamente branca em toda a metade anterior, em contraste com a outra metade, que é preta, inclusive as orelhas e os tufo de longos pêlos que as ornarn; em *H. penicillata* (Geoff.) existe um pouco mais ao norte (Minas, sul da Bala), só a testa e as bochechas são brancas; *H. flaviceps* Thomas, também do Espírito Santo, é muito destacado pela cor ferruginea característica do alto da cabeça; *H. jacchus* (Linn.), que é o sagui comum na faixa litorânea do Brasil este-setentrional, desde o Recôncavo da Bala, e o primeiro descrito pela ciência, tem porte bem menor e se caracteriza pelos longos pinças de pêlos das orelhas, brancos, e não pretos como em *leucocephala*, cuja fronte e rosto alvos também não possui.

(237) Sob o nome de (*Hystrix insidiosa*, Licht.) este animal vem bem descrito por WIED no vol. II (pag. 434) das suas *Belir. Naturg. Bras.* É o *Coendu villosus* (Fred. Cuvier, 1822) dos livros modernos e corresponde ao nosso grande ouriço caixeiro, não raro no interior do Brasil. Dêle me lembro de ter visto magnífico exemplar próximo de Sant'Ana do Paranaiha, no sudeste de Mato-Grosso, capturado dentro de uma habitação, em que se introduzira furtivamente, durante a noite.

mais comum nessa floresta era a linda e azul *Nectarinia cyanea* (*Certhia cyanea*, Linn.)²³⁸; as seguintes espécies de tangarás²³⁹ *Pipra pareola*, *erythrocephala* e *leucocilla*; ainda uma pequena espécie até aqui não descrita, que denominarei *strigilata*²⁴⁰, uma linda espécie nova de "tangará" (*Tanagra elegans*)²⁴¹ e uma admirável espécie de safra (*Procnias cyanotropus*)²⁴² cuja plumagem muda de cor conforme a luz. Podíamos estar sempre certos de encontrar as pequenas e bonitas tangarás numa certa árvore, as bagas pretas da qual constituíam o seu alimento predileto. Há, também, veados nessa mata; para caça-los o coronel Falcão trouxe os seus cães de caça de Araçatiba. Para matar, porém, animais raros e de grande porte, que evitam a vizinhança do homem, procurámos as extensas florestas secundárias, distantes cerca de duas a três léguas, nos arredores da "fazenda" de Araçatiba.

(*) *Pipra strigilata* menor que a *Pipra erythrocephala*; alto da cabeça, vermelho-escuro; parte superior do corpo, verde-oliva; parte inferior, esbranquiçado com raras castanho-avermelhadas. grande variedade de formas pertinentes ao grupo, só conjecturar e possível sobre as espécies observadas por Wied, as quais devem, contudo corresponder às que no grande gênero *Tibouchina*, são vulgarmente conhecidas por "flor de Quaresma".

(**) *Tanagra elegans*: cabeça, amarelo-escuro; dorso, negro com raíais amarelas; garganta e peito, azul-esverdeado brilhante; lados e ventre, verde.

(***) *Procnias cyanotropus*: visto contra a luz, todo o passarinho é de um esplêndido azulado; protegido da luz, é de um brilhante verde-claro; asas e garganta, negro; parte inferior do corpo, branco. No Museu de Berlim recebeu o nome de *Procnias ventralis*.

(238) Cf. nota 47.

(239) Não se confundam os "tangarás" de atual linguagem vulgar (fam. *Pipridae*), com os termos *Tanagra* e *Tangara* (fam. *Tanagridae* da nomenclatura científica).

Wied, consoante o uso dos autores ingleses e alemães, chama-os "Manakins" que significa "manequim" e foi primitivamente aplicado a uma espécie (*Pipra manacus*, Linn.), caracterizada pela presença, no queixo, de penas com uma tal ou qual aparência da barba humana.

Os nomes atuais das três formas, aqui assinaladas pelo autor, são, respectivamente: *Chiroxipha pareola*, *pareola*, (Linn.), *Pipra erythrocephala rubrocapilla* Temm. e *Pipra pipra cephaloleucos* Thunberg. Todas ocorrem ainda hoje nas matas do Espírito Santo e leste da Bahia, embora possam já ser tidas como raras.

(240) Por diferença apenas de um ano perdeu Wied a prioridade na descrição desta espécie, para a qual HAHN (1821) já havia proposto o nome de *Pipra regulus*. A conformação toda especial das remiges secundárias dos indivíduos do sexo masculino, cujo raque anormalmente reforçado e espesso parece relacionar-se com o seu emprego nos combates que travam os machos uns com os outros, no período nupcial, induziu Bonaparte a fazê-la tipo de um gênero especial, sob o expressivo nome de *Macharopterus*, hoje universalmente adotado. *Macharopterus regulus* (Hahn), alem da raça brasileira, encontrada nas matas de leste, entre Bahia e Rio de Janeiro, conta com mais duas variedades, aparentemente estranhas ao Brasil.

(241) *Tangara* (= *Calospiza*) *cyanovenis* (Vieillot).

Tanagra elegans P. L. S. Müller (1766), que corresponde ao "Tanagra de Cayenne" de Daudenton, já havia recebido de Linneu o nome de *Tanagra chlorotica*; é, porém, ave diversa da referida por Wied e incluída entre os vulgarmente chamados "gaturamos" (São Paulo) ou "gurihatás" (Bahia). Nas "Beiträge" (tomo III, pag. 464) reconhece Wied a confusão, descrevendo o passarinho com o nome de *Tanagra citrinella*, proposto antes por Temminck, que dêle deu uma magnífica figura na bem conhecida coleção de suas "Planches coloriées". Verificou-se ulteriormente que já Vieillot o tinha descrito (1819), como *Tanagra cyanovenis*, aceito pela nomenclatura, no que tange à apelação específica. É passarinho pertencente ao brilhante e numeroso gênero das safra, tecnicamente conhecido por *Tangara* Brisson (= *Calospiza* Gray). Ocorre nas matas do Brasil oriental, da Bahia a São Paulo, inclusive o leste de Minas.

(242) Em "Beiträge" (vol. III, pag. 385) já renuncia Wied o nome que aqui lhe propõe: o passarinho ali aparece com a denominação de *Procnias ventralis*, proposto por Illiger, mas inédito até então. Ambas as apelações cfm. todavia, em face de nome mais antigo, *Hirundo viridis*, proposto por Illiger, em 1811, para a fêmea, cuja plumagem peculiar, verde em vez de azul, fê-la ser considerada, a princípio, ave distinta. *Procnias viridis* (Illig.), de que no Brasil ocorre também só a raça típica, é formosa ave, ainda muito comum à margem dos rios e regatos do interior, e especialmente do Brasil central.

Era muito agradável o caminho até lá; primeiro passávamos através de grandes varzeas arenosas, repletas de plantas palustres as mais diversas; subíamos depois morros, onde cerrados de coqueiros novos e outras belas árvores ofereciam uma sombra densa. Uma espécie de graminea parecida com o junco cobre os lugares escampos, em que o pequeno tentilhão côr brilhante de aço (*Fringilla nilens*, Linn.)²⁴³ é muito comum. Cavalgando por uma trilha estreita na mata, topei com uma grande cobra enrolada, que não arredou do caminho. Meu cavalo estremeceu, e por isso saquei da pistola carregada e matei-a. Examinando-a vimos que era uma espécie inócua, e sabemos ser conhecida na região por "caninana". Demais a mais pertence ao gênero *Coluber*²⁴⁴. Não foi sem muita persuasão que o negro do coronel Falcão, que nos acompanhou, consentiu em carregá-la nas costas. A imponente selva de Araçatiba era um ermo sole-ne; por toda parte os papagaios esvoaçavam com alarido, e a vozearia dos macacos "saf-assú" se ouvia em todo o redor. Trepadeiras ou "cipós", das espécies mais belas e variadas, entrelaçavam-se nos troncos gigantes, formando impenetrável mata: as esplêndidas flores das plantas carnudas, os pendentes festões dos fetos, enrolados nas árvores, vicejavam luxuriantemente; em toda parte, coqueiros novos adornavam o mato baixo, sobretudo nos pontos úmidos; aqui e ali, a *Cecropia peltata*²⁴⁵, de caule anelado cinzento-prateado, formava muitas distintas. Dessa magestosa penumbra passámos inesperadamente para um trecho escampo, e tivemos grata surpresa, quando, de súbito, descortinámos o grande edifício branco da "fazenda de Araçatiba", com as suas duas torres pequenas, situada numa linda planura verde, ao pé do altaneiro Morro de Araçatiba, montanha rochosa coberta de mata. Essa propriedade tem quatrocentos escravos negros, e plantações muito extensas nas cercanias, especialmente de açúcar. Os filhos do coronel vivem em "fazendas" diferentes, não longe daí.

Araçatiba foi a maior "fazenda" que encontrei durante a minha viagem: o edifício possui extensa fachada de dois pavimentos, e uma igreja; as choças dos negros, junto com o engenho de açúcar e a casas de trabalho, ficam ao pé de uma colina, perto da residência. A

(*) Esta espécie é, com toda verossimilhança, a cobra variável de Merrem. Cf. a *Beiträge zur Naturgeschichte der Amphibien*, 2.º fac., pag. 51, estampa XII.

(243) Denominação científica inexistente, que decorre da confusão (feita primeiro por Gmelin, *Syst. Nat.*, II, pag. 909) do nosso passarinho, o muito conhecido "tsu" ou "serrador", com ave africana, de plumagem semelhante. Nas "Beiträge" (vol. III, p. 597) aparece retificado em *Fringilla splendens* Vieillot, que não obstante teve que ceder lugar a *Tanagra jacarina*, Lin., nome mais antigo. A descrição lineana baseia-se em "Jacarini" de Maregrave que é, para a ornitologia o verdadeiro descobridor da espécie, hoje chamada *Volatinia jacarina*, Lin., feita a correção do nome genérico.

(244) *Coluber pullatus* Lin., tipo, depois do gênero *Splites*, Wagler. Afranio do Amaral distingue, distribuídas em zonas diferentes do Brasil, três raças de *Splites pullatus*, Lin., uma das quais a forma típica, que de todas é a mais extensamente distribuída e corresponde ao exemplar visto por Wied, vai até a América Central.

(245) São muito numerosas as espécies de "imbuaba" (*Cecropia*) encontradas em nossas matas de leste, sendo assás problemático que nos lugares aqui descritos corresse apenas a que recebeu o nome referido por Wied.

uma légua mais ou menos, num pitoresco local à margem do rio Jucú, inteiramente cercada de grandiosas florestas virgens, situa-se uma segunda "fazenda", chamada Coroaba, que pertence a outro proprietário. O governador começara a construir uma igreja em Sto. Agostinho, não longe de Coroaba, razão por que estava residindo nesse lugar. Existe aí um pósto militar de guarda contra os selvagens; nessa época, os soldados estavam ocupados em abrir uma estrada até Minas Gerais, para onde já viajara um oficial, por ordem do governador, afim de abrir caminho através das matas. O governo estabelecera em Sto. Agostinho cerca de quarenta famílias, que vieram de Açores, sobretudo da Terceira e S. Miguel, e algumas poucas de Fayal. Essa gente, que vive em grande pobreza, queixa-se amargamente de miséria; fizeram-lhe magníficas promessas, que não foram cumpridas.

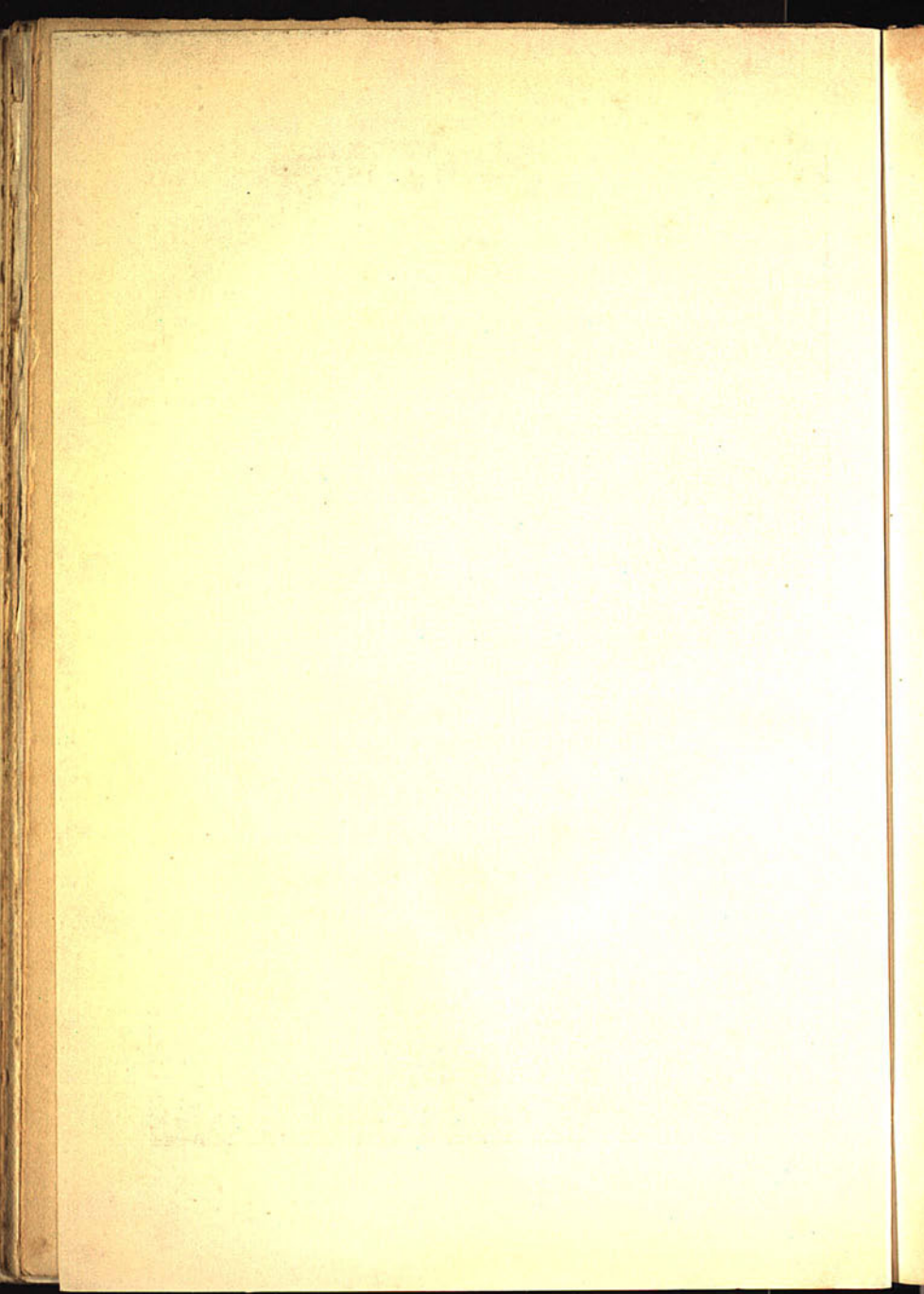
Ficáramos muito satisfeitos si nos instalássemos em Coroaba, mas a impossibilidade de encontrar aí acomodações para nossa numerosa comitiva, obrigou-nos a permanecer em Barra de Jucú.

Muitas coisas de que tínhamos grande necessidade e que esperávamos ter na Capitania (também simplesmente assim é chamada a região do Espírito Santo) foram enviadas para Caravelas, fato que nos trouxe não pequeno transtorno. Afim de remediá-lo, o sr. Freyreiss e eu resolvemos partir imediatamente para Caravelas e lá acertar as coisas. Levemente equipados, e acompanhados de alguns homens bem armados e a cavalo, deixámos Barra de Jucú a 19 de Dezembro; o restante de nossa "tropa", que permanecera atrás, dirigiu-se para Coroaba afim de aí exercer a sua atividade. Poderíamos ter feito a mesma viagem por mar, em muito menor prazo; mas viajar ao longo da costa em embarcações pequenas e incômodas, e com tempo tempestuoso, não é muito agradável.

Seguimos para Pedra de Agua, casa solitária sôbre uma elevação à margem do rio, com o fim de transportar as nossas quatro montarias e dois burros de carga através do rio Espírito Santo. Frente a a nós, num dos cumes montanhosos da outra banda, vimos o notável rochedo de Jucutucoara, situada não longe da Vila de Vitória. Parecida com o "Dente de Jaman" do "Pays de Vaud", chama a atenção de longe; está colocada em tranquilas e verdejantes eminências, parcialmente vestidas de pequenas matas. Diante dela, mais perto do rio, fica a aprazível "fazenda" Rumão; frente a esta, a "filha das Pombas" recorta a superfície espelhante do rio. (na edição in-4to. há uma vista panorâmica desse lugar). Era muito agradável, das alturas dessa margem, o panorama do belo rio, onde algumas "lanchas" e canôas de pesca velejavam corrente abaixo. Pretendíamos atravessar logo, mas por infelicidade nenhuma canoa apareceu para nos transportar; por isso, pedimos abrigo ao idoso morador de Pedra de Agua, e passámos a noite numa pequena cabana, que mal nos protegeu do vento e da chuva; entretanto, a boa vontade do nosso hospedeiro compensou a falta de conforto. Ao cair da noite, o gado que pastava começou



(Est. 4). Vista do rochedo de Jucutucoara, no rio Espírito Santo, perto de Vitoria.



a reunir-se; observámos, no meio dêle, um curioso carneiro, que nos disseram ter resultado do cruzamento de um carneiro com uma cabra. O animal se assemelhava muito à mãe; era gordo, corpulento e arredondado, tinha pêlo macio de cabra e os chifres virados um pouco mais para fora*. Os cordeirinhos, que os meninos apanharam, mostravam frequentemente, no umbigo ainda mal cicatrizado, uma porção de larvas, para matar as quais esfregavam mercúrio no lugar. Essas larvas são um mal bastante comum nos países quentes; onde quer que haja uma ferida, as moscas estão prontas para desovar. Existe no Brasil outro inseto que deposita os ovos no tecido muscular ou debaixo da pele, até do próprio homem; depois da picada deste animal sobreveem uma pequena dôr local, o lugar começa a inchar, até o momento em que os naturais, perfeitamente conhecedores desta nociva praga extráem uma pequena larva branca e alongada, cicatrizando-se depois a ferida. Azara refere-se provavelmente ao mesmo inseto**, acreditando que êle já penetra na pele como larva, o que não concorda com a nossa experiência²⁴⁶.

As canoas chegaram na manhã seguinte e então atravessámos o rio, que tem perto de mil passos de largura. Prosseguimos por um vale, que se estende coleando logo por baixo das alturas em que está Jucutucoara; vimos bem próxima a casa alvejante de uma "fazenda" pertencente a um sr. Pinto. Cruzámos o pequeno rio Muruim ou Passagem, sobre o qual passa uma ponte de madeira geralmente fechada por uma porteira; e depois de cavalgarmos através de charcos cobertos de "mangues", (*Rhizophora*, *Conocarpus* e *Avicennia*) alcançámos a costa. Olhando para trás, distinguimos mais claramente a cadeia de montanhas de Espírito Santo, que o viandante não pode dominar enquanto se acha colocado entre os pontos extremos de suas eminências. A três léguas de Capitania, conseguimos pouso para a noite na pequena "povoação" de Praia Mole.

Aí, numa verde planície, um pouquinho acima do nível do mar, encontram-se esparsas várias habitações. Numa delas, encontrámos amigável acolhimento; e como todos os habitantes tivessem muito gôsto pela música, fomos, à tardinha, agradavelmente entretidos com

(*) V. BUFFON, Supplement, t. V, p. 4 (ediç. in-12).

(**) AZARA, Voyages, etc., vol. I, p. 217.

(246) Wied refere-se inequivocamente ao "berne", larva de uma mosca silvestre, (*Dermatobia cyaniventris*, Macquart), da família dos Estrídids. Só modernamente, graças aos esforços de investigadores estrangeiros e especialmente brasileiros, a curiosa biologia do inseto pôde ser completamente aclarada, verificando-se que, no tocante ao meio de propagação, a verdade estava antes com Azara. Com efeito, a mosca berneira não põe directamente os seus ovos na pele do futuro hospedeiro das larvas, mas deposita-os, em massa compacta, sobre o corpo de outras moscas (como a mosca das estrebarias, *Stomoxys calcitrans*, Geoffr.), as quais se tornam assim simples portadoras das larvas, prontas a abandonar na primeira oportunidade o veículo transitório, por um hospedeiro adequado. Este é as mais das vezes um animal bovino; mas pode ser também um equino ou porco, sem falar no próprio homem, como nolo refere Wied, e é facto de observação relativamente frequente (Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus., Paul., XX, pag. 13).

São muito numerosas as contribuições bibliográficas sobre a matéria, cuja importância científica e económica salta aos olhos, merecendo consulta, entre outras, as seguintes: ARTHUR NEIVA, Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1914, p. 206; A. NEIVA & FLORENCIO GOMES, Collectanea dos Trab. do Inst. Butantan, vol. II, p. 3; ED. NAVARRO DE ANDRADE, Arch. do Inst. Biológico, II, p. 53.

música e dansas. O filho do hospedeiro, que era muito hábil na fabricação de guitarras ("violas") tocava, e o resto da meninada dansava o "bataque"²⁴⁷ entregando-se a estranhas contorções do corpo, batendo palmas e estalando dois dedos de cada mão alternadamente, imitando as castanholas dos espanhóis. Embora os portugueses tenham grande talento natural para a música, não se vê, pelo Brasil, outro instrumento sinão a "viola". Si o amor à música e à dança é geral entre o povo, também o é a hospitalidade, pelo menos na maioria dos lugares. Encontrámo-la aí; com efeito, nossos hospedeiros fizeram tudo para nos agradar e o tempo, assim, passou suavemente.

Deixando Praia Mole, chegámos cedo, na manhã seguinte, ao povoado de Carapebuçú. Desse lugar em diante, ao longo do litoral, se estendiam florestas, orlando as enseadas e cobrindo as pontas de terra. Nessas matas, agora que o estio justamente começava, viam-se esvoaçando inúmeras borboletas das espécies mais diversas sobretudo *Nymphales*. Aí observámos o notável ninho saciforme de um pequeno passaro do gênero *Todus*, que sempre o constrói próximo a casas de certa espécie de vespa ("marimbondo"), com o fim, dizem, de se pôr a coberto do ataque dos inimigos. Tentei aproximar-me de um ninho desse passaro, mas fui impedido pelas vespas, que apareceram imediatamente. Nos cerrados que margeiam a costa, habitam famílias pobres e esparsas, que vivem da pesca e da colheita de suas plantações. São em geral negros, mulatos e outras gentes de côr: há muito poucos brancos entre eles; queixam-se logo ao forasteiro de pobreza e indigência, que só podem prover da preguiça e da falta de iniciativa, porque o solo é fértil. Pobres demais para comprar escravos, e demasiadamente indolentes para o trabalho, preferem morrer de fome.

Continuando para o norte, alcançámos um trecho onde moravam, não creoulos ou mulatos, mas índios civilizados. As habitações se espalhavam por uma sombria floresta de magníficas árvores-gigantes; trilhas escuras vão serpenteando de uma choça a outra; nos regatos cristalinos, em que se espelha a bela vegetação, vêem-se rapazes pardo-escuros, nós e com a cabeleira negra como carvão, pescando e brincando. Descobrimos passaros lindos nessa mata deliciosa; o "jacamar" auri-verde (*Galbula magna*)²⁴⁸ pousava nos ramos rasteiros vizinhos da água, à espreita de insetos; e vozes desconhecidas ressoavam na solidão. Depois de quatro léguas de viagem, saímos da selva e contemplámos, à frente, numa eminência sobranceira ao mar, a Vila Nova de Almeida.

Vila Nova é uma grande aldeia de índios civilizados, fundada pelos jesuítas: possui uma grande igreja de pedra e contém, em todo o distrito, de 9 léguas de circunferência, cerca de 1200 almas. Os moradores da vila são principalmente índios, havendo também portugue-

(247) No original "Baduca".

(248) *Galbula rufoviridis* Cabanis (confundida em "Beiträge", IV, p. 436, com *G. viridis* Latham, espécie amazônica), vulgarmente "beija-flor do mato virgem", "beija-flor d'água", "cuitelão" etc. Comum onde quer que haja água fresca e ambiente rústico.

ses e negros. Muitos, tendo casas aí, só voltam das plantações aos sábados e aos feriados. No convento dos jesuítas, que serve atualmente de residência ao padre, ainda existem algumas velhas obras dessa ordem, o que é uma raridade, porque as bibliotecas de todos os outros conventos, deixadas ao abandono, se destruíram ou dispersaram. Aí, outrora, os jesuítas ensinaram na "língua geral"; diz-se que a capela deles, "Dos Reis Magos", foi muito bonita. O lugar é morto, e não parece populoso; também se vê muita pobreza. Os índios tiram a subsistência das plantações de mandioca e milho; exportam, igualmente, um pouco de lenha e de artigos de cerâmica, mantêm uma pesca nada desprezível no mar e no rio Safanha²⁴⁰ ou Dos Reis Magos, que passa além da aldeia. O sr. Sellow, que posteriormente visitou esse lugar, teve oportunidade de conhecer a curiosa maneira de pescar com os ramos da árvore chamada "tingui" que Condamine refere como praticada no rio Amazonas*. Cortam ramos da árvore "tingui", esmagam-nos e fazem molhos com eles, jogando-os à água, sobretudo nos trechos em que ha pouca correnteza; algumas vezes, represam o rio com esses molhos, afim de barrar o caminho ao peixe, que, intoxicando-se com o sumo misturado à água, vem à tona e morre, ou pode ser facilmente apanhado à mão. As plantas que produzem esse efeito são espécies do gênero *Paullinia*, e a *Jacquinia obovata*, arbusto de grãos vermelhos e folhas de forma oval, que medra nas pequenas matas litorâneas, sendo, por isso, denominada "tingui" da praia²²⁵⁰.

Em Vila Nova, ouvimos falar muito de um animal marinho, nunca visto antes aí, e que uns índios mataram na praia havia pouco, a tiros de mosquete. Era grande, e dizia-se possuir pés parecidos com mãos humanas. Extraíra-se dele grande quantidade de gordura. A cabeça e os pés foram enviados ao governador. Todas as nossas tentativas para obter informações mais pormenorizadas sobre esse animal foram inúteis, mesmo porque partiram e cozinham o esqueleto, e em parte o enterraram. De tudo o que soubemos, entretanto, parece que se tratava de uma "phoca" ou "manati"²²⁵¹.

(*) Viagem de CONDAMINE, p. 156. VASCONCELLOS também a menciona em suas "Memórias curiosas sobre os índios; segundo elle, os índios pescavam com folhas de "Japical", com "cipó", (chamado "timbó putyara") ou "tingui" também dito "tiniuri"; além disso, com o fruto "curarúapé", com as raízes do "mangue", etc., p. 76. Vide ainda, sobre este assunto: Blumenbach, em notas à Viagem ao Rio Beribe (ano 1671) de ANDR. VAN BERKEL, p. 180, e também Krusenstern, I, p. 180.

(249) No original "Sañanha" (= Safanha).

(250) O "tingui da praia" chamado também "barbasco," (*Jacquinia armillaris* Jacq. fam. Theophrastaceae) é um dos muitos "tinguis" de que se serviam os nossos índios para intoxicar o peixe. Os "timbós", usados para o mesmo fim, compreendem série numerosa de vegetaes ictiotóxicas filiadas a diferentes famílias botânicas e abundam particularmente nas matas amazônicas; pertencem às Leguminosas papilionáceas o "timbó de Caiena" (*Tephrosia toxicaria*, Sw.), o "timbó legítimo" (*Lonicocarpus nicoi*, Aubl.), o "timbó vermelho" ou "t. uruci", além de muitos outros, na sua maioria do gênero *Lonicocarpus*; às Sapindáceas, varias espécies do gênero *Paullinia* (*P. pinnata*, Lin., *P. grandiflora*, St. Hilaire), etc.; às Compositas os "conamis" (*Cibadium bicarpum* Mart., Cl. surinamense Lin.), nome aliás comum a outras plantas venenosas, como *Phyllanthus conami* Aubl., uma Euforbiacea.

(251) A presença de extremidades semelhantes a mãos humanas compromete a hipótese de estar aqui em jogo um Sirenio, como o "peixe-boi", parecendo tratar-se antes de um Pinípede, a me-

As florestas percorridas pelo Safanha, que se chamava Apiaputang na antiga linguagem aborígene, dizem ser habitadas por "Coroados" e "Puris". Também ouvimos falar de outra tribo, denominada "Xipotós", que afirmam viver na região rio acima, entre o rio Doce e o Safanha: mas essas declarações a respeito dos nomes das diferentes tribos indígenas não merecem confiança. Mais além, do Safanha ao Mucur, o litoral é quasi que exclusivamente habitado por famílias esparsas de índios. Falam apenas a língua portuguesa e trocaram o arco e a flecha pelo mosquete; até as moradas diferem muito pouco das dos colonizadores portugueses; ocupam-se principalmente da lavoura e da pesca no mar. Ao norte do Safanha, toda a costa é coberta de densas florestas. Em poucas horas se atinge o rio "Pyrakäässú" (rio do peixe grande), como originalmente os índios o denominavam. Aí, na "barra" ou foz, existe uma "povoação" chamada Aldeia Velha; e, um pouco acima no rio, uma grande aldeia fundada pelos jesuítas, que reuniram, nesse lugar, considerável número de índios. Alimentam-se sobretudo de moluscos e peixes; daí haver ainda, nas margens do rio, grandes montões de conchas. Estes, segundo algumas pessoas, teriam origem diferente, mas diversos autores* confirmam a asserção de serem os índios grandes comedores de ostras, e as circunstâncias explicam suficientemente o fato; não há dúvida, portanto, que esses acúmulos de conchas derivaram dos repastos dos antigos habitantes da zona. Consta que, quando, posteriormente, vários colonos portugueses se fixaram no Pirakäässú, os jesuítas levaram embora os índios que aí viviam, afim de afastá-los dos portugueses.

Atingimos Vila Velha à tardinha. Depois de dobrarmos uma ponta de terra que entrava pelo mar, encontrámo-nos de repente junto a um belo e vasto rio, que surgia das margens cobertas de florestas para se lançar ao oceano. Vila Velha consiste em seis ou sete cabanas cobertas de palha, num pequeno vale plano; dentre todas, apenas uma casa é de aparência um tanto melhor, então ocupada pelo comandante do distrito, tenente da guarnição de Espírito Santo. Fomos aí recebidos com a maior gentileza em casa do snr. "Tenente"; os moradores exultaram com a oportunidade de falar a seres humanos; consideram esse pôsto, onde o oficial é mantido por alguns anos, como uma espécie de exílio. O oficial aí estabelecido na época da nossa visita, queixava-se muito de falta de distração e de conforto; eram mes-

(*) SOUTHER'S, etc., vol. I, p. 36.

nos que tenha havido erro nas informações colhidas pelo viajante naturalista. Seja como for, o peixe-bol, a que os tupis da costa oriental chamavam "goaragó", era nos primeiros tempos provavelmente comum em todos os grandes rios da vertente oriental do Brasil. O padre FERNÃO CARDIM (*Tratado da Terra e Gente do Brasil*, ed. de J. Leite, Rio de Janeiro, 1925, p. 79 e ss.), deu-nos dele longa e pitoresca descrição, ao passo que a sua ocorrência na Baía é testemunhada por Gabriel Soares e no Espírito-Santo por Anchieta; Sua existência ainda em nossos dias no alto Rio Doce foi-me verbalmente asseverada por Pinto da Fonseca, bastante conhecedor da fauna daquela região. Admite-se geralmente que a espécie seja a mesma do Amazonas (*Trichicus inunguis* (Pelzeln)); faltam-nos entretanto elementos, para affirmá-lo com segurança.

A prevalência de *Trichicus* Lin., 1758, sobre *Manatus* Lin., 1766, foi decidida pela Comissão Intern. de Nomenclat. Zoológica (opinião 112; cf. *Mem. Inst. Butantan*, V. p. 264).

mo obrigados a dispensar, nesse lugar isolado, muitas utilidades necessárias. Dificilmente se obtinham provisões, exceto farinha de mandioca e peixe. Os habitantes de Aldeia Velha são pescadores pobres; contudo, o peixe é abundante no rio, que possui bôa "barra", de modo que as "lanchas" podem singrar até longe, rio a dentro.

Não havendo no lugar nada que nos pudesse deter mais, despedimo-nos do nosso amável hospedeiro no dia seguinte, e atravessámos o rio. A corrente era muito profunda, larga e rápida, e um dos burros de montaria por pouco não se afogou, o que teria sido uma perda irreparável nessas paragens. Um índio moço, a serviço do comandante, que manejava destramente a nossa canôa balançada pelas ondas, foi-nos de muita valia. Nos lugares rasos, próximo das margens, vimos gaiotas e andorinhas do mar, e numerosos bandos de *Rynchops nigra* (Linn.), bem conhecida pelo curioso bico. Além do rio viam-se matas extensas, onde se espalhavam as plantações dos índios: cultivam principalmente milho, mandioca e "baga" (*Ricinus*), de cuja semente extráem óleo. De novo entrámos numa espessa e bela floresta, onde lindíssimas borbolêtas esvoaçavam sobre flores variegadas, e o rugido do oceano ressoava em nossos ouvidos. A voz da "jacupemba" (*Penelope Marail*, Linn.)²⁵², ave da mata pertencente ao grupo do faisão, chamou a atenção dos nossos caçadores; sendo, porém, muito arisca, não matámos nenhuma. Cedo alcançámos novamente a costa e prosseguimos por mais quatro léguas, até que chegámos, pela tardinha, ao pôsto militar do Quartel do Riacho. O litoral forma muitas enseadas nesse trecho, o que dá ao caminho uma monôtona uniformidade, pois, mal se vence um promontório, e já outro aparece à distância. Encontrámos aí diversas espécies de sargaços (*Fucus*), arremessados à costa pelo mar, mas sômente poucas conchas. A andorinha de colorido azul-ferrete (*Hirundo violacea*)²⁵³ nidificava em alguns grupos de rochedos marítimos. Nesse trecho costeiro, vêm-se habitações isoladas de índios, a grande distância uma das outras, esparsas entre as capoeiras. Alguns habitantes se aventuram ao mar em canôas, em busca do peixe. Uma pequena corrente, cujo leito era tão mole que os animais nêles se atolavam profundamente, deteve-nos muito tempo: dois dos nossos tropeiros, Mariano e Felipe, despindo-se, procuraram, guiando os burros de sela, e por fim, encontraram, um lugar mais firme, por onde todos nós passámos sem acidente, embora um pouco molhados. Ainda não escurecera quando chegámos ao "quartel".

Quartel do Riacho é um pôsto militar, composto de um oficial e seis praças, que tem por fim transmitir ordens e manter-se em comunicação com a zona à margem do rio Doce. Na praia há duas casas, uma das quais ocupada pelas famílias de alguns dos soldados, que tiram o sustento das plantações próximas. O oficial subalterno que af

(252) O nome da espécie (*Penelope superciliaris* Temm.), hoje conhecida apenas por "jacá"; ja foi retificado em nota anterior.

(253) E' a andorinha domestica grande, *Progne chalybea* Linn., determinação aliás retificada pelo autor nas Beiträge (vol. III, p. 354).

comandava era um homem inteligente, e deu-nos informações muito interessantes. Dêle soubemos maiores minúcias a respeito da guerra, travada nas matas do rio Doce, com a tribo hostil dos "Botocudos", justamente quando atingíamos as fronteiras dessa nação. O próprio oficial fôra atingido por uma flecha no ombro, quando servia num dos postos do rio Doce; mas já estava completamente curado da perigosa ferida. A tribo dos "Botocudos" (assim chamada pelos europeus) vagueia nas florestas, à beira do rio Doce, até às nascentes deste na Capitania de Minas Gerais.

Esses selvagens se distinguem pelo costume de comer carne humana e pelo espírito guerreiro: têm oferecido, até agora, obstinada resistência aos portugueses. Si algumas vezes se mostraram amigáveis em certo lugar, cometeram excessos e hostilidades em outro; daí nunca ter havido um entendimento duradouro com eles. Muitos anos atrás, existia um pósto militar ("destacamento") de sete soldados a oito ou dez léguas rio Doce acima, no local onde hoje se ergue a "povoação" de Linhares; êsse pósto estava guarnecido com uma peça de canhão para proteger a projetada estrada nova para Minas. A peça, a princípio, manteve os selvagens à distância, mas, à proporção que foram conhecendo melhor os europeus e suas armas, os temores desapareceram. De uma feita assaltaram repentinamente o "quartel" mataram um dos soldados, e teriam apanhado e massacrado os outros, si estes não fugissem e procurassem escapar pelo rio, tomando uma canoa, que aconteceu justamente vir chegando com a salvação. Não podendo alcançá-los, os selvagens encheram o canhão de pedras e retiraram-se para as selvas.

Depois desse fáto, o último ministro de estado, conde Linhares, declarou-lhes guerra formal, numa proclamação bem conhecida: ordenou que os postos militares já estabelecidos à margem do rio Doce fossem reforçados e que se instalassem outros, afim de assegurar-se os estabelecimentos dos europeus e as comunicações com Minas através do rio. Desde então não se deu tregua aos "Botocudos", que passaram a ser exterminados onde quer que se encontrassem, sem olhar idade ou sexo; e só de vez em quando, em determinadas ocasiões, crianças muito pequenas foram poupadas e criadas. Essa guerra de extermínio foi mantida com a maior perseverança e crueldade, pois acreditavam firmemente que eles mantavam e devoravam todos os inimigos que lhes caíam nas mãos. Quando mais tarde se soube que em alguns lugares, no rio Doce, simularam disposições pacíficas, batendo palmas, e depois mataram traiçoeiramente, com os formidáveis arcos, os portugueses que dêles se acercaram confiantes nas maneiras amigáveis, extinguiram-se todas as esperanças de descobrir-se sentimentos de humanidade entre êsses selvagens. Que, porém, essa opinião, deprimente para a dignidade da natureza humana, foi levada muito longe, e que a incorrigibilidade desse povo provém tanto da maneira como foram tratados, quanto da rudeza nativa, prova-o exuberantemen-

te o benéfico resultado da conduta humana e moderada do governador Conde dos Arcos, na "capitania" da Bafa, para com os "Botocudos" residentes à margem do Rio Grande de Belmonte. E' justamente o viajante, que deixa o teatro dessa guerra desumana no rio Doce, quem mais se impressiona e mais a fundo pode refletir, quando, depois de algumas semanas, chega ao distrito do Rio Grande, e aí vê que os habitantes, em virtude da paz concluída três ou quatro anos atrás vivem com esses homens tão selvagens do modo mais amigável, o que assegura aos primeiros o sossego desejado, e aos últimos as maiores vantagens além da segurança.

Afim de explorar a notável região do rio Doce, de que ouvíramos muitos pormenores interessantes na "capitania", partimos pela manhã bem cedo do Quartel do Riacho, acompanhados por dois soldados, e atravessámos o "riacho", donde se origina o nome do posto, e em cuja imediata proximidade ficam as cabanas. Daí partimos para uma fatigante jornada de oito léguas pelo areal, sob o intenso calor de Dezembro.

O sólo é constituído de areia grossa misturada a quartzos e pequenos seixos, fatigante em extremo tanto para o homem como para o animal. Um tanto para o interior, as areias são cobertas de mato baixo, sobretudo de coqueiros anões*; mais atrás se erguem espessas florestas, nas quais, não longe da "praia", fica o Quartel dos Combos, onde permanecem três soldados de guarda às comunicações.

Aí encontramos rastros das colossais "tartarugas" marinhas, que vêm à costa depositar os ovos em buracos cavados na areia. Em muitos lugares se viam dispersos restos desses animais, tais como carapaças e esqueletos, em cujo exame nos surpreendemos com o tamanho dos crânios; descobri um que não pesava menos de três libras. Os índios comem a carne dessas tartarugas, delas extraíndo grande quantidade de gordura: buscam, também, cuidadosamente, os ovos, dos quais se encontram muitas vezes, num buraco, doze a dezesseis dúzias. São redondos, brancos, revestidos de casca flexível e coriacea, contém uma albumina clara como água e uma gema de lindo amarelo, que tem bom gosto, embora saiba um pouco a peixe. Topámos famílias indígenas levando para casa cestos inteiramente cheios desses ovos. O tamanho das tartarugas do mar pode ser deduzido das carapaças que encontramos aí, com 5 pés de comprimento.

Ao meio-dia, quando o calor se tornou opressivo, nossa "tropa" estava por demais fatigada; não tínhamos água para saciar a sede ardente dos animais, e nem mesmo a dos companheiros que iam a pé, alagados de suor. Fizemos alto e procurámos abrigo à sombra do matagal baixo; mas aí, também, a terra estava tão aquecida que foi muito pequeno o refrigério; nossos pés, entretanto, descansaram, e aliviámos os animais alijando-lhes a carga. Nessa emergência, tirámos grande proveito da experiência dos nossos jovens índios, que se

(*) Mais adiante ha uma enumeração das diferentes espécies de palmeiras.

meteram pelas moitas com alguns vasos e colheram a água de dentro das folhas das bromélias. Essa água é pura e clara pouco depois das chuvas; agora, porém, que havia muito tempo não chovia, estava negra e suja; encontrámos até ovos de rã e girinos. Coámos-la num pano, juntámos suco de limão, aguardente e açúcar, e dessarte tivemos um delicioso refresco. Nos pés de bromélia achavamos frequentemente uma pequena rã amarelada* que, à maneira de muitos animais desse gênero, desovam em terra; também encontrámos, muitas vezes, aí, as suas pequenas larvas pretas. Não deve surpreender o fato de reptéis, essencialmente terrestres, criarem os filhotes em cima de árvores, de vez que, em certas partes dessa porção do globo, onde tanto abundam fenômenos curiosos, até o próprio homem nelas vive, como disso são exemplo os Guaraunas, de quem o snr. von Humboldt dá interessante notícia.

Depois de repousarmos um pouco, prosseguimos a jornada até tarde da noite, e por fim nos encontrámos, ao luar, numa região arenosa, plana e descampada, perto da foz do rio Doce. Os dois soldados, que tomáramos como guias, perderam o rumo, e fomos obrigados, cansados como estávamos, a esperar longo tempo, até que descobrissem o caminho certo, que nos levou ao Quartel da Regencia. Trata-se de um pósto militar de cinco soldados, estabelecido na embocadura do rio Doce, incumbido de transmitir ordens ao longo do litoral, transportar viajantes através do rio e vigiar as comunicações com a povoação" de Linhares. Passámos a noite na casa regularmente espaçosa dos soldados, em que havia diversos quartos com trastes de madeira, e um tronco**. Essa gente passa muito mal; peixe, farinha de mandioca, feijão preto e, por vezes, um pouco de carne seca, constituem a sua única alimentação. São todos de côr, creoulos, índios, mamelucos ou mulatos. Mal raiara a manhã, e a curiosidade nos impelia a sair e a contemplar o rio Doce, o maior rio entre Rio de Janeiro e Bafá: nessa época, toda a caudal rolava impávida e magestosamente para o oceano; a imensa massa d'água corria num leito que nos pareceu duas vezes mais largo do que o Reno no ponto de maior largura. Poucos dias depois, entretanto, tinha diminuído alguma coisa. Só nos meses chuvosos, principalmente em Dezembro, é que fica tão volumoso; em outras épocas, especialmente após estiagens muito longas, vêm-se surgir por toda parte do leito bancos de areia, de que, todavia, atualmente não se observava nenhum vestígio. A foz, por isso, nunca é navegável; as grandes embarcações não podem entrar por causa dos baixios e dos bancos de areia; nem mesmo "lanchas", a não ser quando as águas estão na maior cheia. O rio Doce nasce na "capitania" de Minas Gerais, formado pela junção do rio Piranga com o Ribeirão

(*) Espécie nova e ainda não descrita da rã pequena, *Hyla luteola*, de tom amarelado pálido, com uma estria mais escura através dos olhos.

(**) O "tronco" é um castigo militar. Consiste numa tábua comprida, colocada em pé sobre um dos bordos, na qual há cortada uma série de furos redondos, destinados a prender a cabeça dos delinquentes. A tábua fecha em volta do pescoço, e o homem é obrigado a permanecer no chão a fio comprido. V. von Eschwege, *Journal von Brasilien*, I. p. 128.

do Carmo : pois é depois dessa confluência que recebe o nome de Rio Doce*. Atravessa considerável trecho do país, e forma muitas pequenas "cachoieras", três das quais, sucedendo-se com pequeno intervalo, conhecidas por "Escadinhas". As margens do belo rio são cobertas de espessas florestas, refúgio de grande número dos mais diversos animais. Af se encontram, comumente, a "anta" (*Tapirus americanus*), duas espécies de porco selvagem (*Dicotyles*, Cuvier), "pecari" ou "caiteté" e o "porco de queixada branca" (*Tailetu* e *Tagnicati* de Azara)²⁵⁴ duas espécies de veado (o *Guazupita* e o *Guazubira* de Azara), e mais de sete espécies de felinos, entre as quais a onça pintada (*Yaguarélté*, Azara) e o tigre negro (*Yaguarélté noir*, Azara) são as maiores e as mais perigosas²⁵⁵. Contudo, o rude selvagem Botocudo, habitante aborígene dessas paragens, é mais formidável que todas as feras e o terror dessas matas impenetráveis. A região é escassamente povoada, de modo que ainda não há vias de comunicação, exceto ao longo do rio. E' verdade que, poucas semanas antes, se abria na floresta uma picada (trilha) acompanhando a margem sul, mas estava longe de ficar pronta e só podia ser utilizada, por causa dos selvagens, pelas pessoas bem armadas. O Conde de Linhares, último ministro de estado, teve a atenção particularmente dirigida para essa bela e fértil zona. Estabeleceu novos postos militares e construiu a "povoação" atualmente, devido a ele, chamada Linhares, oito a dez léguas rio acima, no local onde se fundara o primeiro "quartel". Mandou desertores e outros criminosos para povoar a nova colônia, que teria certamente prosperado em curto prazo, não fosse a morte arrebatadora tão cedo o ativo ministro. Desde então, a zona ficou inteiramente ao abandono, e, a não ser que se adotem medidas enérgicas, estará de todo deserta dentro em pouco.

Estávamos impacientes por subir o belo rio Doce, afim de, si possível, conhecermos o teatro da guerra com os "Botocudos" nas florestas ; mas, devido à agitação do rio, ocasionada por violenta ventania, a 25 de Dezembro, os soldados aconselharam-nos a transferir a partida para o dia subsequente. A manhã seguinte esteve cálida e serena, de modo que embarcámos, ao amanhecer, numa comprida canoa conduzida por seis soldados. Nossa comitiva se compunha de nove pessoas, todas bem armadas. Para subir o rio Doce na cheia, são ne-

(*) Cf. v. Eschwege, *Journal von Brasilien*, I. p. 58.

(254) Nos porcos de mato brasileiro são reconhecidos ainda hoje duas espécies : pertencentes ambas ao gênero *Dicotyles* Cuvier, 1817 (nome cuja preferência a *Tayassú* Fischer, 1814, foi recomendada pela Com. Intern. de Nomencl. Zool.) : o "queixada", *Dicotyles albirostris* Illiger 1811 (= *D. pecari* Fischer, 1814, *D. labiatus* Cuvier, 1817) e o "caiteté" ou "cateto", *Dicotyles tajacu* Lin. (= *Dicotyles torquatus* Cuvier), de que o "canela ruiva" é simples variedade. O primeiro, maior e muito mais temível, reconhece-se, pela sua maxila inferior branca, e o segundo pela faixa ou coleira esbranquiçada que circunda a parte baixa do pescoço.

(255) A "onça preta" a que entre nós aplicam comumente a denominação de todo imprópria de tigre, e uma simples variedade melânica da "onça pintada" (*Felis onca* Lin.), reconhecendo-se sempre perceptivelmente sobre o fundo negro as manchas características da espécie. Distinguem os sertanistas e caçadores, sob nomes diversos, certo número de variedade de onça ; zoológicamente formam porém todas, no opinar da generalidade dos zoólogos, uma só espécie.

cessários quatro homens pelo menos, que impulsionam a canoa por meio de longas "varas". Como há por toda parte lugares rasos, que surgem como bancos de areia no período da seca, as varas sempre podem alcançar-lhes o fundo, mesmo quando as águas estão muito altas; e, em circunstâncias favoráveis, é possível atingir Linhares em um dia, mas não antes da noite.

O tempo estava lindo, e depois de nos acostumarmos ao balanço da estreita canoa, causado pelos soldados andando para trás e para a frente afim de impulsioná-la, achámos a excursão muito agradável. Em plena manhã, a vasta superfície do rio cintilava ao sol; as margens distantes estavam tão densamente vestidas de selvas umbrosas, que, em todo o percurso vencido, não havia uma simples brecha onde se pudesse erguer uma casa. Ilhas numerosas, de vários tamanhos e formas, recortavam o espelho das águas; eram cobertas de velhas árvores de frondes luxuriantes. Cada qual tem nome próprio, e, segundo dizem, aumentam de número à proporção que se sobe. Na cheia, a água do rio Doce é turva e amarelada, e produz febres no consenso geral dos habitantes. O peixe é abundante: mesmo o espadarte (*Pristiserra*) sobe muito além de Linhares, até à "lagoa" de Juparanã, onde é frequentemente pescado.

Vinham das florestas gritos de numerosos macacos, sobretudo dos "barbados" (*Myceles ursinus*), e dos "saí-assús" (*Callithrix personatus*, Geoffroy, etc.)²⁵⁶. Vimos aí, pela primeira vez em estado selvagem, as magníficas araras (*Psittacus Macao*, Linn.), um dos maiores ornamentos das florestas brasileiras; ouvimos-lhes os gritos altos e estridentes, e as admirámos a esvoaçar, esplêndidas, por sobre as cimas das altaneiras sapucaias. Podíamos reconhecê-las à distância pelos rabos compridos, e a brilhante plumagem vermelha refulgia deslumbrantemente sob os raios do sol. Periquitos, maracanãs, maitacas, tiribas, curicas, camutanga, jandaia e outras espécies de papagaios voavam aos bandos, em algazarra, de uma margem a outra; e o grande e magestoso pato almiscarado (*Anas moschata*, Linn.)²⁵⁷ pousava no ramo de uma *Cecropia*, na orla da mata, à beira do rio. O talhamar (*Rhynchops nigra*, Linn.) permanecia imóvel, de pescoço encolhido, nos bancos de areia (corôas): tucanos e surucuás (*Trogon viridis*, Linn.)²⁵⁸ emitiam os altos gritos. Esses animais selvagens e os "Botocudos", agora, aliás muito mais raros, são os únicos habitantes das margens do rio. Escasseiam os colonos; apenas em dois lugares se estabeleceram algumas pessoas, suficientemente armadas para a defesa. Carregam sempre as espingardas, quando vão às plantações; e os que não têm armas de fogo possuem, pelo menos, um bodoque, com que atiram pelotas ou pedras. Só de vez em quando, durante as ex-

(256) Já houve ocasião de referir a estes dous símios. Cf. notas 87 e 217, respectivamente.

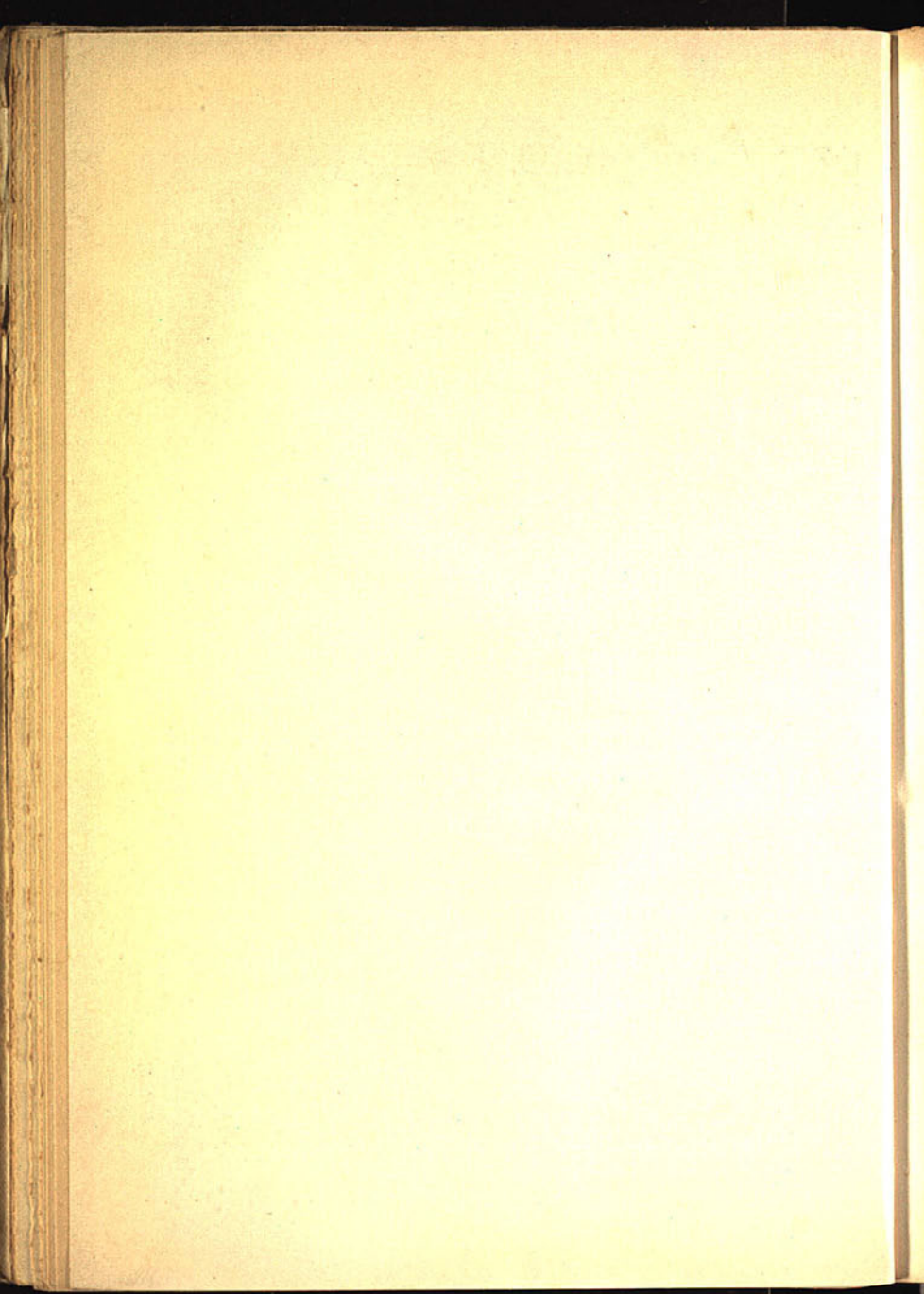
(257) V. nota 213.

(258) V. nota 101.



(Est. 5).

Viagem por um braço do Rio Doce.



cursores nômades, os "Botocudos" descem tanto o rio, surgindo nessas paragens.

Ao meio-dia, atingimos a ilhota denominada Carapuca, devido à forma. Aí descansou o nosso pessoal fatigado; e achámos de todo impossível chegar a Linhares no mesmo dia. Para abrigar a embarcação da rápida correnteza do rio, subimos até um estreito canal, entre uma ilha e a margem, onde esvoaçavam inúmeras aves belas especialmente papagaios, entre os quais as magníficas araras produziam singular e admirável efeito, quando o sol descambante lhes iluminava a plumagem vermelha. As margens dessas ilhas e do canal são, na maior parte, revestidas pelas densas touceiras das altas "ubás", a haste de cuja inflorescência é empregada nas flechas pelos "Botocudos". Quando a noite se aproximava, os soldados indagaram o que seria melhor, dormir na Ilha Comprida ou numa das outras. A primeira foi rejeitada, porque apenas a separa da margem estreito e raso canal, e não estaríamos livres de uma incursão dos selvagens. Fomos, por isso, para a Ilha de Gambin, onde outrora os governadores costumavam passar a noite, durante as visitas à colônia do rio Doce. O atual governador não continuou essas visitas, e encontrámos o matagal da costa tão viçoso e denso, que um dos meus caçadores teve que abrir caminho com o facão, antes que pudéssemos saltar em terra. Acendeu-se logo grande e alegre fogueira em lugar desbravado, donde voaram uma grande "coruja" e um pato almiscarado, temerosos dos inesperados hospedes. As picadas dos mosquitos nos importunaram um pouco, mas dormimos tranquilamente até a manhã.

Deixámos a ilha muito cedo, subimos o rio passando por diversas ilhas, até um canal entre a Ilha Comprida e a margem norte. A correnteza não era aí tão forte, mas encontrámos muitos troncos e galhos caídos, que precisámos remover antes de prosseguir. Os cerrados e as grandes árvores, que orlam esse canal, oferecem o mais variegado e magnífico dos espetáculos. Várias espécies de coqueiros, sobretudo o elegante "côco de palmito", conhecido em outras partes por "jissara", de caule alto e delgado e pequena copa de folhas penadas verde-brilhantes, adornam essas florestas sombrias, de cujos recessos vêm ferir os ouvidos vozes surpreendentes de passaros. Em baixo, junto à água, havia algumas flores esplêndidas, ainda novas para nós, entre as quais uma *Convolvulus* (ou planta aparentada) de flôr branca notavelmente grande, e uma leguminosa da classe *Diadelpia*²⁵⁹, com grandes flores de um amarelo vivo, enlaçando-se às moitas num denso entrançado. Um "jacaré", que se aquecia tranquilamente ao sol, fugiu ao ruído dos remos. A 5.ª estampa da nossa edição in-4to. representa a viagem nesse estreito canal e dá precisa idéa de sua natureza luxuriante e magestosa. Breve chegámos a uma porção de ilhas, onde os ha-

(259) No sistema fito-taxinômico sexual de Linéu a classe *Diadelpia* forma um conjunto heterogêneo de quatro ordens, das quais a última, caracterizada pelo androceu de dez estames reunidos em dois feixes ordinariamente desiguais, é de todas a mais vasta e compreende a grande maioria das Leguminosas Papilionaceas das modernas classificações.

bitantes de Linhares fizeram plantações; porque sòmente nessas ilhas ficam a salvo dos selvagens, que não possuem canoas e não podem, em consequência, atravessar o rio, exceto quando a largura e a profundidade do mesmo são insignificantes. O "guarda-mor" reside na Ilha do Boi, e o padre de Linhares na Ilha do Bom Jesus. Ao meio-dia estávamos à vista de Linhares, e saltámos na margem norte, depois de termos, com grande esforço, feito caminho contra a rápida caudal, no que duas "varas" se partiram.

Quando chegámos a Linhares, dirigimo-nos à casa do "alferes" Cardoso da Rosa, que comandava esse pôsto do rio Doce. Aconteceu estar ausente, na "fazenda" de Bonjardim, situada noutra parte da "povoação" do lado oposto do rio. Fomos convidados logo a ir até lá depois da nossa chegada; atravessámos a larga e veloz corrente numa leve canoa, admiravelmente dirigida por dois negros da "fazenda", e tivemos amável e calorosa recepção em casa do "tenente" João Felipe Calmon, onde se reunira jovial sociedade. Também nos encontramos com o "alferes", a quem cumprimentámos e demos parte do objetivo da nossa viagem. Percorremos a "fazenda" cujo proprietário foi o primeiro a estabelecer lavouras de açúcar no rio Doce. As plantações de cana de açúcar, arroz, etc., estavam exuberantes a mandioca, entretanto, não dá tão bem nessas paragens. O sr. Calmon prestou grandes serviços à região por sua inteligência e operosidade, encorajando a população, pelo exemplo, a cultivar a terra. Com dezete escravos (pelo menos esse era o número de então), desbravou considerável trecho da floresta, e provou, pelo florescente estado das plantações, serem as margens do rio férteis em extremo, e próprias para toda espécie de cultura. Aí passámos um dia bastante agradável (28 de Dezembro), esforçando-se ambos, o "alferes" e o "tenente" por nos serem amáveis.

Linhares é ainda um povoado insignificante, apesar do trabalho desenvolvido, como foi dito acima, pelo ministro Conde de Linhares para o seu progresso. Por ordem deste, construíram-se os edificios numa praça situada em área aberta na mata, perto da beira do rio e sobre íngreme ribanceira de argila. As casas são pequenas, baixas, cobertas de folhas de coqueiro ou de uricana, feitas de barro e não rebocadas. Ainda não tem igreja, sendo as missas oficiadas numa casinhola. No meio da praça formada pelos edificios, ha uma cruz de madeira, para cuja feitura se desgallhou simplesmente o cimo de uma grande e bela sapucaia, pregando-se-lhe uma viga transversal. Os moradores estabeleceram as plantações parte na mata circunjacente, parte nas ilhas fluviais. O "tenente" Calmon foi, entretanto, o primeiro, e é ainda a única pessoa que fundou uma "fazenda" e um engenho de açúcar. Quando se quis fixar na margem oposta a Linhares, levou trinta ou quarenta homens armados e atacou um magote de "Botocudos", que resolveu disputar-lhe o terreno. Um dos selvagens foi morto; mas cedo se compreendeu que essa horda, que somava 150

arcos, não podia ser expulsa apenas pela força; adotou-se outra maneira; foram ameaçados pela retaguarda e, por esse estratagemas, compelidos à retirada. Desde então, nunca mais o incomodaram durante os três anos que aí residia. Si houvesse algum comércio local, as diversas e valiosas variedades de madeira, que essas florestas produzem em abundância, merecer-lhe-iam tanta atenção quanto o fértil solo da "fazenda". E' verdade que a "peroba", excelente madeira de lei para construção naval, é considerada propriedade da corôa, mas o sr. Calmon obteve permissão para construir belas e grandes canoas de mar, que envia à Capitania e a outros lugares, carregadas com os produtos da "fazenda" e com muitos tipos preciosos de madeira, já frequentemente mencionados.

Afim de proteger toda essa colônia dos ataques e crueldades dos "Botocudos", estabeleceram-se, em diferentes direções, oito postos no interior das florestas: ao mesmo tempo se destinam a proteger as ligações comerciais com Minas Gerais, ultimamente tentadas pelo rio acima. De fato, já tinham descido, dessa provincia, soldados em número sufficiente, bem armados e providos de uma couraça defensiva, chamada "gibão d'armas". Essas couraças, de que todos os postos possuem algumas, constituem proteção indispensável contra as flechas, que os selvagens arremessam com grande força. São largas, feitas de tecido de algodão e espessamente acolchoadas com várias camadas de paina na do mesmo, têm uma gola alta e dura, que protege o pescoço, e mangas curtas que cobrem a parte superior do braço; descem até os joelhos, mas são incômodas por causa do peso, sobretudo nas épocas de calor. A vinheta deste capitulo, na edição in-4to., mostra um par de soldados munidos desse protetor. A flecha mais forte, mesmo quando disparada de perto, não penetra facilmente essa cota, e de nenhum modo tem força bastante para produzir um ferimento sério. E' verdade que a população tem nela confiança demasiada, porque nos asseguraram que mesmo uma bala não a consegue atravessar. Afim de convencer-me da verdade do assérto, mandei um dos meus caçadores atirar de rifle numa delas, à distância de oitenta passos, e a bala varou-a de lado a lado, ademais sem esvasiá-la. Entretanto, em experiências ulteriores, viu-se que uma tiro mais forte, disparado a sessenta passos, jogava-a ao chão sem vará-la, e que constituía, portanto, defesa bastante contra flechas. Na "capitania" e em outros lugares são feitas de seda; por isso, muito mais leves, embora muito mais caras. Na última refrega, próximo a Linhares, um "Botocudo" extremamente forte disparou, de perto e com tremenda energia, uma flecha contra um soldado. A flecha penetrou a cota, mas o dono só ficou ferido levemente, de lado; contudo, mesmo quando a flecha é detida, sempre causa um choque violento.

Ultimamente, abriu-se um caminho da "fazenda" de Bonjardim ao Quartel do Riacho; esse caminho passa por uma "lagoa", deno-

minada Lagoa dos Índios*. Aí existe um segundo pôsto, chamado Quartel d'Aguiar. Residem no lugar algumas famílias indígenas, e oito soldados índios exercem a vigilância. Os índios civilizados portam-se como bons soldados contra os irmãos das selvas. Estes lhes votam um ódio mortal, e dizem que os procuram atingir em primeiro lugar, porque os consideram traidores do seu povo. A certa distância além de Linhares, fica, na mata, o "Quartel segundo de Linhares" (a própria aldeia sendo considerada o primeiro), com vinte e três soldados: na margem sul do rio Doce, estabeleceram-se dois "quarteis" para cima de Benjardim. O "quartel de Anadya" possui doze soldados; e o do Porto de Souza, que é o mais avançado, vinte homens. Há, em Linhares, oito dos gibões descritos acima, quatro em Porto de Souza, e um em Anadya; os homens que os utilizam são obrigados a empenhar-se no primeiro ataque, em caso de ação.

O oficial comandante de Linhares tem uma tarefa muito penosa, porque está obrigado, sem respeitar calor ou chuva, a visitar mensalmente todos os postos, o que representa uma jornada de noventa léguas. O sr. "alferes" Cardoso de Rosa, que havia muito servia no lugar, manda os soldados dos "quarteis" patrulhar as florestas, para a segurança dos habitantes. Si encontram selvagens, dão alarma com dois tiros seguidos, sinal a que acorrem todos em condições de manejar uma espingarda. Mas os selvagens atacam muitas vezes as plantações, e destarte já mataram muitos habitantes de Linhares. Um fato dessa ordem aconteceu bem recentemente em Agosto de 1816, no segundo posto de Linhares, onde, entretanto, um resolutu mineiro (nativo de Minas), official subalterno, chefiou a defesa e repeliu os selvagens.

A população atual de Linhares compõe-se principalmente de soldados, um alferes, um cirurgião e um padre, e alguns colonos, que vivem da agricultura. O padre, protegido, como nos disseram, do governador Rubim, da Capitania, assumiu na colônia poderes que lhe não pertenciam, e interferiu em todos os negócios, mesmo nos que não diziam respeito aos seus deveres officiais: era muito temido, porque vivia, alternadamente, aí e na Vila de Vitória, junto ao governador.

Essa colônia, que se poderia tornar facilmente um dos pontos mais importantes da costa oriental, era, ao tempo em que aí estive, dirigida de maneira cruel e errônea. Assim, as pessoas que quisessem viajar tinham que pedir permissão; não se permitia a nenhuma família consumir mais que uma garrafa de aguardente em três meses; e muitas outras restrições análogas. O povoado, provavelmente, teria desaparecido, si não tivesse logo recebido socorro; com efeito, terei ocasião, na sequência dessas viagens, de contar o que lhe aconteceu depois.

A estadia no rio Doce foi, sem dúvida, uma das etapas mais interessantes das minhas viagens pelo Brasil; porque, à margem desse rio, de cenários tão soberbos e tão rico em especimens notáveis, o na-

(*) Depois que estive em Linhares, três soldados foram assassinados, nesse caminho, pelos "Botocudos", em Abril de 1816; mais adiante se encontrará noticia mais pormenorizada do fato.

turalista tem por muito tempo com que se ocupar e as mais variadas e agradáveis emoções. Todavia, os frutos de nossas pesquisas teriam sido muito maiores, caso pudéssemos atravessar, sem impedimento e perigo, essas florestas ainda inexploradas. Dizem não ser fácil encontrar-se paisagens mais deleitosas do que, por exemplo, a da Lagoa de Juparanã*, extenso lago não longe de Linhares, em comunicação com a margem norte do rio por meio de estreito canal. Esse belo lago é mencionado por muitos escritores antigos. Sebastião Fernandez Tourinho, o primeiro a subir o rio Doce, em 1572, diz que topou um lago a oeste, que é com certeza essa "lagoa", apenas não coincide a direção do riacho que desagua no rio, nem a cachoeira; e as distâncias são também diferentes. Consulte-se a esse respeito SIMÃO DE VASCONCELLOS e a *História do Brasil de SOUTHEY*.

O sr. Freyreiss, que tornou a visitar Linhares alguns meses mais tarde, enviou-me a seguinte descrição de sua visita a essa "lagoa" que reproduzo textualmente: "Um canal, que raras vezes ultrapassa sessenta pés de largura, porém profundo, e de cerca de légua e meia de comprimento, conduz ao grande lago, onde o peixe é abundante. As margens do canal são ainda habitadas pelos Botocudos, outrora chamados Aimorés, que possuem, mais ou menos a meio canal, uma passagem feita de cipós que os portugueses chamam imprópriamente de ponte. Essa ponte foi cortada pelos portugueses há vários anos atrás, e os selvagens não procuraram repará-la; iludidos por esse fato, os habitantes estavam imprudentemente tranquilos, sinão quando alguns Botocudos apareceram de súbito diante do "segundo quartel de Linhares", à beira do canal, e mataram um soldado a flecha. O fato se deu poucos dias antes da nossa chegada, mas o cadáver não caiu, dessa vez, nas mãos dos Botocudos. Devido essas circunstâncias e à estreiteza do canal, os colonos do rio Doce preferem a noite quando vão pescar ao lago. Este, cercado de margens montanhosas, tem perto de sete léguas de comprimento, de sudeste a noroeste, meia légua de largura e de dezesseis a dezoito léguas de circunferência. A profundidade é desigual, mas chega, em muitos pontos, a oito e doze toesas. Essa grande massa d'água é formada por um pequeno rio e diversas correntes que se lançam no lago, vindos de NNO. Desemboca, próximo a Linhares, através do canal referido, no rio Doce, avolumando-se consideravelmente quando os fortes ventos do sul lhe dificultam o escoamento através do mesmo canal. O fundo e as margens do lago são de areia fina, encontrando-se, aqui e ali, arenitos ferruginosos. Cerca de cinco léguas da entrada, fica uma pequena ilha de granito, que, devido à distância da margem, não é visitada pelos selvagens, e oferece, por isso, seguro abrigo aos pescadores'."

(*) A palavra "Juparanã", ou melhor, "Juparaná" não provém da linguagem dos "Botocudos", que habitam essas paragens, mas da "língua geral"; e "Paraná" significa mar ou água. Essa "lagoa" não está registrada no mapa de Arrowsmith. Faden mencionou-a pelo nome exato, mas não a colocou no verdadeiro local.

Já em 1662, os "Aimorés" (Botocudos), "Purís" e "Patachós" foram mencionados por Vasconcellos entre as tribus tapuias do rio Doce; e embora sejam os primeiros os verdadeiros senhores dessas paragens, os outros incursionam algumas vezes até aí. O mesmo viajante também observa, com toda razão, que alguns dos Aimorés ou "Botocudos" são quasi tão brancos quanto os portugueses. A desgraçada guerra sustentada contra os "Botocudos" no rio Doce torna impossível tratar, nessa região, com esse notável povo; quem quizer vê-los aí, deve preparar-se para uma flechada. Porém mais ao norte, à margem do Rio Grande de Belmonte, os habitantes vivem em paz com eles, e, portanto, transiro todas as minhas observações sobre essa interessante tribu de aborígenes para o momento da minha visita a essa parte do país.

Linhares é ótimo lugar para o amante da caça: pois, quando alvorece, os macacos se chegam tanto às casas, que se não precisa sair à procura deles: os papagaios se reúnem em grandes bandos, e as magníficas "araras" são atraídas, na estação mais fria, por certas frutas. Estas grandes e lindas aves constróem os ninhos, todos os anos, na mesma árvore, desde que encontrem, ôcos, um galho forte ou tronco. São frequentemente caçados: a carne é comida: as penas das azas se usam para escrever, e, pelos selvagens, para enfeitar as flechas, ou como adorno. Na quietude, raramente perturbada, desses ermos não é difícil voltar para casa, à tardinha, com a canoa cheia de caça; mas é preciso, em todas as excursões, estar sempre de guarda contra os selvagens. A experiência faz dos soldados de Linhares bons conhecedores da maneira de perseguir um selvagem na floresta, mas todos confessam que os "Botocudos" são caçadores muito mais hábeis, e mais práticos da floresta do que eles; daí a grande precaução exigida por essa atividade e essas expedições às selvas. Em geral, os "mineiros" (ou habitantes de Minas Gerais) são considerados os melhores caçadores de selvagens, porque estão familiarizados com esse modo de vida e com as guerrilhas nas florestas, e são, além disso, um povo audaz e impetuoso. Em Linhares, a última expedição importante contra os "Botocudos", no último mês de Agosto, foi chefiada pelo Guarda Mor, que era um "mineiro", banido de Minas para aí; Presentearam-nos com algumas armas e ornamentos dos "Botocudos". e mesmo nos ofereceram uma criancinha, que fôra criada em Bonjardim, depois que a mãe morrera em refrega. Satisfeito o fim de nossa visita a Linhares, despedimo-nos e continuámos viagem para o norte, ao longo da costa. Embarcámos numa grande e cômoda canoa, que o tenente Calmon nos emprestou; e o obsequioso proprietário teve a gentileza de acompanhar-nos. Na jornada rio abaixo, visitámos o "guarda-mor" na Ilha do Boi, onde fez belas plantações de milho

e mandioca. Percebemos logo, em sua casa, que era "mineiro", porque se alimentava mais de milho do que de farinha de mandioca, o que constitua hábito característico dos habitantes dessa província. Para reduzir o milho a farinha, fazem uso de um pilão, denominado "preguiça". O sr. Mawe deu uma figura dêle, na descrição de sua viagem ao Tejuco*. Nossa canoa, muito segura e cômoda, provida de um toldo, e bem suprida de provisões, levou-nos em quatro horas à "barra" do rio Doce, à Regência, distância que nos tomou um dia e meio, quando subimos a corrente.

(*) J. Mawe's, *Travels*, etc., p. 134, com a gravura em cobre, sob o nome de "Sloth".

of the *Republic of Venice* from the year 1453 to the year 1797. By *John Smith*. In three volumes. London, 1797.

The first volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1453 to the year 1564. The second volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1564 to the year 1669. The third volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1669 to the year 1797.

The first volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1453 to the year 1564. The second volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1564 to the year 1669. The third volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1669 to the year 1797.

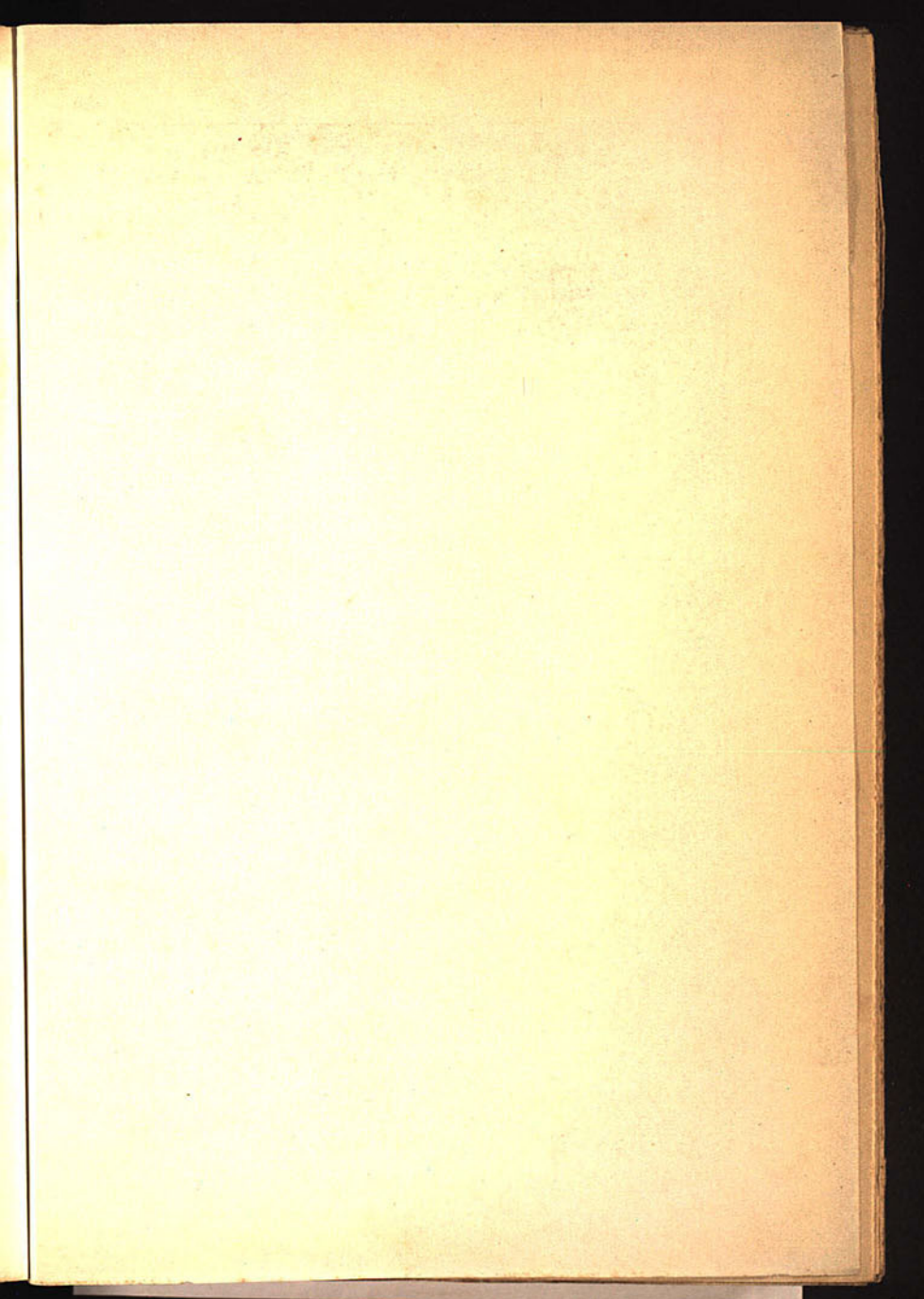
The first volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1453 to the year 1564. The second volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1564 to the year 1669. The third volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1669 to the year 1797.

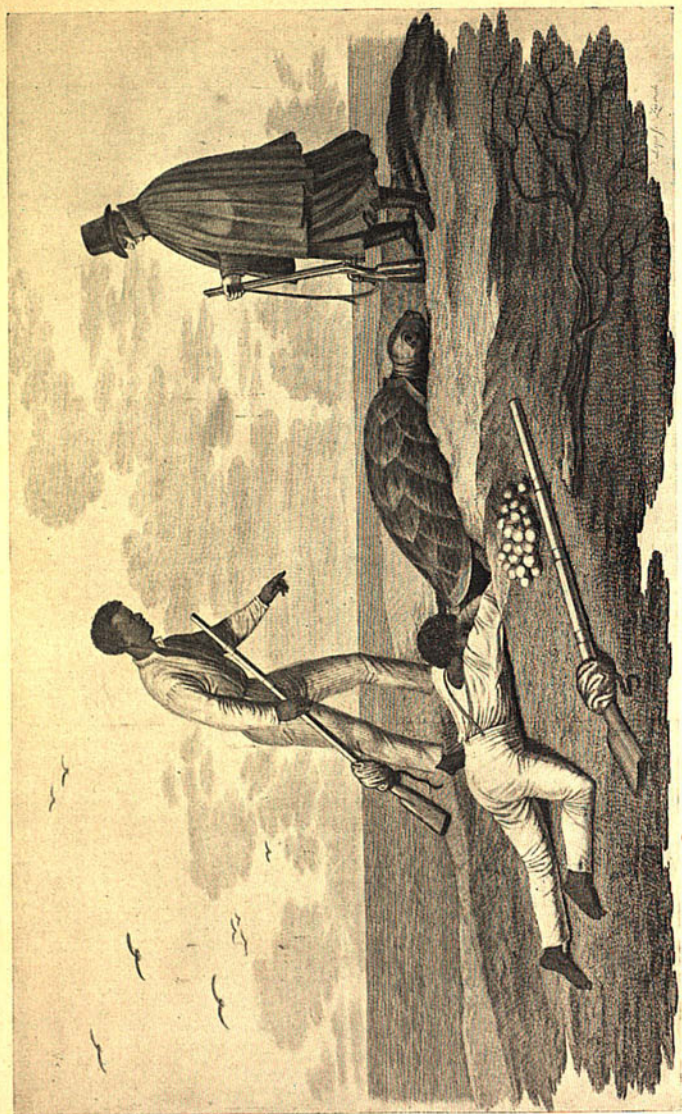
The first volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1453 to the year 1564. The second volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1564 to the year 1669. The third volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1669 to the year 1797.

The first volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1453 to the year 1564. The second volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1564 to the year 1669. The third volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1669 to the year 1797.

The first volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1453 to the year 1564. The second volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1564 to the year 1669. The third volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1669 to the year 1797.

The first volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1453 to the year 1564. The second volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1564 to the year 1669. The third volume contains the history of the Republic of Venice from the year 1669 to the year 1797.





Ninho e ovos de tartaruga na costa marítima.

VIAGEM DO RIO DOCE A CARAVELAS,
AO RIO ALCobaÇA, E VOLTA AO
MORRO D'ARARA, À MARGEM
DO MUCURI

*Quartel de Juparanã da Praia. — Rio e Barra de
S. Mateus. — Mucuri. — Vila Viçosa. — Caravelas.
— Ponte do Gentio, no rio Alcobaça. — Estadia af.*

Depois de passarmos a noite com os nossos amigos no Quartel de Regência, a muito custo, na manhã seguinte, a 30 de Dezembro, transportámos os muares, numa grande canoa, através do rio. Atravessámo-lo nós em seguida, e cavalgámos, à tarde, acompanhados pelos dois gentilhomens de Linhares, duas léguas ao longo da costa arenosa e deserta, chegando ao Quartel de Monserra, ou Juparanã da Praia, onde servem sete soldados. Próximo a esse "quartel", existe uma longa e estreita "lagoa", conhecida por Lagoa de Juparanã da Praia para distinguir da muito maior, que fica perto de Linhares. No tempo da cheia, a "lagoa" se comunica com o mar, nesse trecho da costa, por um largo canal, que pode ser percorrido em canoas; então, porém, estava seco, e os animais carregados puderam atravessá-lo sem molhar as patas. O "quartel" fica na praia, junto ao mar; logo por detrás se estende a "lagoa" e, além, densas florestas, onde pudemos distinguir grande número de coqueiros. Os soldados fizeram plantações nas vizinhanças, de mandioca, milho e mesmo ótimas melancias, suficientes para o seu próprio sustento. Possuem, além disso, algumas canoas, e completam a alimentação caçando e pescando.

Topámos aí um velho muito curioso, chamado Simão, que, de longa data, morava quasi segregado numa casinha perto do "quartel", sem nenhum receio dos selvagens. Embora muito idoso, ainda gosava de excepcional vigor e lucidez de espírito, sendo estimado por todos os vizinhos. Ele mesmo fazia as suas plantações, era caçador e pescador consumado, e conhecia, em minúcias, a região em derredor. Visitámo-lo diversas vezes no pequeno eremitério, e encontrámo-lo, com as suas restritas necessidades, não só absolutamente satisfeito da vida, como, além disso, tão bem humorado e contente, que contagiava a todos com a sua alegria. Fez-nos presente da pele de um grande ta-

manduá (*Myrmecophaga jubata*, Linn.)²⁶⁰, aí denominado "tamanuá cavalo", morto por ele havia pouco. Em Monserra conseguimos outras raridades para as coleções de história natural; por exemplo, o *Scarabaeus Hercules*²⁶¹, o maior escaravelho do Brasil, que um soldado apanhou e nos trouxe vivo. Ulteriormente, um homem trouxe, de uma vez, quatro a cinco cabeças desse raro escaravelho; perguntando-lhe a causa da lamentável mutilação, soubemos que, em muitos lugares, as senhoras usam essas cabeças enfiadas em volta do pescoço, como adorno.

Afim de obtermos a necessária escolta através dos ermos que se estendem até S. Mateus, dezoito léguas de extensão, pedimos ao "alferes", nosso companheiro, ceder-nos dois soldados, como os documentos, que recebêramos do ministro, Conde d'Aguiar, nos autorizava a solicitar. Tínhamos mostrado esses documentos ao governador em Capitania, e lhe pediramos assegurar-nos o pessoal indispensável à consecução da nossa viagem. Neste interim, recebemos uma carta d'ele para o alferes de Linhares, autorizando-lhe a ceder-nos um soldado. Considerando, no entanto, a extensão e a insegurança do caminho até S. Mateus, ao próprio oficial pareceu muito temerário expor um único homem ao perigo de voltar sózinho; as nossas ponderações acabaram de convencê-lo, e conseguimos dois soldados para a escolta. Soubemos, depois, que o governador, muito injustamente, o punira com longa prisão; e lamentámos sinceramente ter acarretado, a esse digno homem, tão imerecido e severo tratamento.

Tendo-nos despedido dos gentis amigos que nos acompanharam assim tão longe, vencemos, no mesmo dia, seis a sete léguas ao longo do monótono litoral. Os dois soldados, um negro e um índio, paravam muitas vezes para desencavar, na areia, ovos de tartaruga, com que enchiam as mochilas. Embora isso nos desagradasse, porque as paradas nos atrasavam, tivemos, à noite, toda razão para nos congratular com o fato. O trecho do rio Doce a S. Mateus, como já observámos antes, é uma solidão melancólica, na maior parte da qual nem mesmo água fresca se encontra; não se deve, portanto, de nenhum modo, deixar passar os poucos lugares em que ela pode ser achada, e, por isso, um guia bem prático do caminho é de todo indispensável. Infelizmente, nenhum dos dois soldados fizera antes essa jornada. Perdemos o primeiro lugar de aguada, chamado Cacimba de S. João, mas encontramos o segundo, que é uma "lagoa", num pequeno vale baixo, denominado Peringa, ao lado da estrada, ao meio-dia, quando nos dispersámos em todas as direções em busca de água: nós e os animais gosámos aí de alguns refrigerio. À tardinha, no local em que parámos,

(260) *Myrmecophaga tridactyla* Lin. (1758), nome vigente. Hoje, no Brasil, é quasi que exclusivamente conhecido por "tamanuá-bandeira". Muito enconstrado nos campos de Goiás e Mato-Grosso. Incapaz de agredir, é temibilíssimo na defesa, graças às garras enormes e à vigorosa musculatura dos membros. Vem a talho referir, em apoio dessa asserção, o tristíssimo exemplo de um sertanejo, que conheci pela minha viagem ao Rio das Almas, completamente alejado, em consequência do que me explicou, em lacônica resposta: "unha de tamanuá".

(261) *Dynastes hercules* da nomenclatura hodierna.

a procura foi infrutífera ; não se encontrou nenhuma, e, por isso, não pudemos fazer uso das provisões, muito secas para serem comidas sem água. Nosso único recurso, para matar a fome, foi comer um pouco de farinha seca de milho e os ovos de tartaruga, providencialmente colhidos pelos soldados, os quais cozinhámos em água do mar. Enquanto o pessoal se ocupava em procurar um pouco d'água e em apanhar madeira boiando na praia, descobrimos, a curta distância da nossa fogueira, uma gigantesca tartaruga marinha (*Testudo Mydas*, Linn.), que ia justamente pôr os ovos : nada poderia ser mais benvido à nossa esfaimada companhia ; o animal parecia ter aparecido expressamente para nos oferecer uma ceia. Nossa presença não a incomodou ; pudemos tocá-la e mesmo levantá-la ; isso, porém, exigiu a força conjunta de quatro homens. Apesar de todas as exclamações de surpresa e das deliberações sobre o que fariamos, a criatura não deu sinal de inquietação, a não ser uma espécie de sopro, mais ou menos como o ruído feito pelos patos quando alguém se aproxima dos filhotes. Continuou a trabalhar como começara, cavando na areia, com os membros posteriores em forma de nadadeira, um buraco cilíndrico de oito a doze polegadas de largura ; jogou a areia para os dois lados, muito regular e ágilmente, como si marcasse compasso, e começou imediatamente a botar os ovos.

Um dos soldados deitou-se a fio comprido perto dessa fornecedora da nossa cozinha, e foi retirando os ovos do buraco tão depressa a tartaruga os ia pondo ; e assim reunimos 100 ovos em cerca de dez minutos. Pensámos em incorporar o belo espécimen às nossas coleções ; mas o grande peso da tartaruga, que exigiria um burro só para carregá-la, e a dificuldade de transporte de uma carga tão desageitada, levou-nos a poupar-lhe a vida, e a contentar-nos com os ovos. A vinhetta do oitavo capítulo representa com exatidão esta cena original.

Esses enormes animais, a midas e a tartaruga de concha mole (*Testudo Mydas* e *coriacea*), e bem assim a *Testudo Caretta* ou *Cauane*²⁶², depositam os ovos, na areia, nos meses mais quentes do ano, sobretudo nesse trecho deserto da costa, entre o Riacho e o Mucuri ; para esse fim, dão à praia ao crepúsculo, arrastam-se pesadamente pela costa arenosa, cavam um buraco onde põem os ovos, enchem-no de areia, calcam-na e, uma ou duas horas depois do ocaso, voltam para o mar. Foi esse o caso da tartaruga que tão generosamente nos supriu ; quando tornámos à praia algumas horas após, tinha-se ido ; tapara o buraco, e o largo rasto, deixado na areia, mostrava que voltara para o seu meio natural. Uma só tartaruga dessa espécie pode fornecer, com os ovos, abundante repasto a todo um bando ; porque,

(262) As espécies aqui registradas por Wied, aparecem usualmente na literatura zoológica atual com os seguintes nomes : *Chelone mydas* (Linn.), *Dermatochelys* (= *Sphargis*) *coriacea* (Linn.), *Caretta* (*Thalassochelys*) *caretta* (Linn.). A primeira e a última possuem carapaça ossificada, com revestimento de substância córnea característica ; a segunda, que de todas é a mais rara e a que atinge maiores dimensões, possui carapaça membranosa, sem revestimento de placas córneas.

segundo dizem, a midas chega a pôr, de uma vez, dez a doze dúzias, e a de concha mole, de dezoito a vinte. Esses ovos constituem muito bom alimento, e são, por isso, avidamente procurados no litoral deserto, pelos índios, como pelos brancos nas cercanias da colônia.

Nossa frugal ceia logo terminou; acendemos, a seguir, várias fogueirinhas entre os bosques de palmeiras anãs, afim de afugentar as feras de perto dos burros. Na manhã seguinte, descobrimos, na areia, pegadas recentes de um grande felino que estivera rondando pelos arredores durante a noite. O velho Simão assegurou-nos que a onça preta, ou tigre negro (*Felis brasiliensis*), chamado por Azara "Yagua-rété noir", não é rara nessas paragens: os portugueses a conhecem por "tigre" ou "onça preta"; Koster*, em sua viagem, também se refere a esse formidável carnívoro, porém, o apelida *Felis discolor*, — nome impróprio, porque só tem realmente uma côr. Parece mais correto dar-lhe um nome de acôrdo com o país de origem, porque se encontra exclusivamente no Brasil; mesmo Azara nos informa que o não viu no Paraguai. Pensámos ter ouvido os urros desses animais; mas o nosso sono não foi interrompido, e retomámos a viagem, cedo, na manhã seguinte.

A 1.º de Janeiro, dia em que nossa terra fica geralmente amortalhada em gelo e neve, já às sete horas tínhamos uma ardente soalheira, e, ao meio-dia, o calor era demasiado e intolerável. Na tarde anterior, quando a sede nos affligia tanto, paráramos, sem o saber, perto de água muito fresca: pois mal cavalgávamos uma hora, e atingíamos Barra Sêca, safda de uma "lagoa" para o mar, em certas épocas tão rasa que quasi se interrompe, e se pode, junto à praia, atravessar a pé enxuto. Ao tempo, entretanto, o nível d'água estava alto, e fomos obrigados a vadear o profundo e veloz canal, o que nos atrazou bastante. Descarregámos todos os animais; os índios e os negros, habituados à água, despiram-se e, depois de transportarem, na cabeça, as caixas para o lado oposto, levaram também a nós, europeus. Encontrámos, do outro lado, um casebre em ruínas, onde houvera um "quartel" (posto militar) próximo do qual existia muito boa água fresca.

Alguns índios tinham pernoitado no lugar, provavelmente em busca de ovos de tartaruga e de peixe, de que há fartura em Barra sêca; também se estendem, pelos arredores, "campos" extensos (trechos abertos, despidos de vegetação), muito bons para criação de gado. As choças dos índios ("ranchos") feitas de folhas de palmeira, ainda podiam ser vistas. Ao meio-dia, descobrimos uma caverna, na qual havia uma queda d'água fresca e cristalina, descoberta que, nesse momento, era para nós de valor inestimável. A tarde e a noite passámos de novo na costa deserta: a *Remiria littoralis* formava alguns pontos verdes no areal; mas as palmeiras anãs eram numerosas, e atrás mais para o interior, erguiam-se grandes florestas. Nada, além do

(*) KOSTER's, Travels, etc. p. 102.

rasto de feras na areia, indicava que seres vivos visitassem, por vezes, essas paragens. Mal tínhamos água para beber, e, conseqüentemente, muito pouco para comer. Com a aproximação da noite, uma sólida e segura choça de folhas de coqueiro, para cuja construção todos nós trabalhámos, estava pronta. Esperávamos descansar das fadigas do dia, mas nuvens de mosquitos nos atormentaram tanto, que nem se poudes pensar em dormir. Desgraçadamente não pudemos fugir deles para o ar livre, devido ao pesado aguaceiro que caía. Na manhã seguinte, descobrimos que os cargueiros tinham voltado, em busca de água, para a cascata onde saciaram a sede no dia anterior, pelo meio-dia; e perdemos doze horas até conseguir recambiá-los; felizmente os animais de sela não foram tão longe; por isso, recapturámo-los mais cedo e cavalgámos na frente.

À tardinha, chegámos à "barra" de S. Mateus, rio de tamanho regular, de margens aprazíveis cobertas de mangues (*Conocarpus* e *Avicennia*) e, mais além, de florestas. Duas "lanchas" (barcos pequenos) estavam ancoradas à margem sul; na margem norte fica a aldeio-la chamada Barra de S. Mateus, constituída de vinte e cinco casas. O rio desce de florestas seculares, povoadas por tribus livres de selvagens, e forma diversas cachoeirinhas, sendo navegável, por sumacas, cerca de nove léguas para o interior. As margens são o trecho mais fértil da região, porque, segundo se diz, as formigas não fazem aí tanto estrago; nas florestas, há abundância de "jacarandá", "vinhático", "putumujú", "sergueira" e outras madeiras úteis.

Recebe uma porção de pequenos rios, dos quais o Rio de Santa Anna, o Rio Preto, ou Mariricú, e o S. Domingos são os maiores. Estava, então, profundo, porque era a época da cheia, e talvez por isso ninguém daria atenção aos nossos chamados e tiros, para que nos viessem buscar em canôa. Perambulámos muito tempo entre as pequenas matas e pela areia, e sentiamo-nos quasi resignados à penosa contingência de passar a noite onde nos achávamos, quando uma canoa, conduzida por dois escravos negros, veio e nos levou. Nossa "tropa" só chegou tarde da noite; estavam, porém, mais preparados para acampar, porque tinham alimento, fogo e cobertores, e havia uma linda queda d'água, perto da costa, para lhes apaciar a sede.

Na pequena "povoação" de Barra de S. Mateus, alojámo-nos em uma "venda", cujo dono era intitulado "Capitão Regente". Nossos documentos, e as recomendações do ministro, garantiam-nos, em toda parte, muito boa recepção. Segundo Arrowsmith, a "barra" do rio S. Mateus fica a 18° 15'; segundo outros, a 18° 50'; havendo mesmo diferenças maiores. A última posição parece a mais certa, de vez que no local destinado ao S. Mateus por aquele mapa, o Mucuri deve lançar-se ao oceano. Aproximadamente oito léguas rio acima, ergue-se a vila de S. Mateus, cuja situação dizem não ser muito salubre, devido aos pântanos vizinhos. Tem cerca de 100 casas, tendo o distrito perto de 3000 habitantes, incluindo brancos e gente de cor. Apesar de ser

uma das vilas mais novas da região de Porto Seguro, acha-se em situação próspera. Os habitantes cultivam grande quantidade de mandioca, exportando, anualmente, 60.000 alqueires de farinha ; bem como pranchas de madeira provenientes das florestas vizinhas. Somente oito léguas, subindo o rio, além da cidade de S. Mateus, se encontram terras cultivadas ; isto é, no "quartel" de Galveias, último pôsto militar estabelecido contra os selvagens. Cêrca de meia légua rio acima, fica a "povoação" indígena de Santa Ana, formada por, mais ou menos, vinte famílias, somando setenta pessoas. Um Botocudo foi morto em Santa Ana pouco depois de nossa partida. Era um homem idoso e usava grandes batoques de madeira nas orelhas e no lábio inferior. O sr. Freyreiss, que de novo visitou o lugar em Fevereiro, trouxe o crânio desse selvagem, que está agora em poder do professor Sparmann.

Nas matas à margem do rio S. Mateus, os índios não civilizados (*tapuias* ou "gentios") são muito numerosos, e vivem em constante guerra com os brancos dessas paragens. Ainda durante o último ano mataram dezeseite pessoas. A margem norte é frequentada pelos "Patachos", "Cumanachos", "Machacalis" (os portugueses os conhecem por "Machacaris", mas eles não sabem pronunciar bem o r) e outras tribus, até Porto Seguro. Os "Botocudos" são também numerosos, dizendo-se que dominam principalmente a margem sul ; são temidos pelas outras tribus, e considerados inimigos por todas, que, dada a inferioridade de número, fazem causa comum contra eles. As plantações de uma "fazenda" situada rio acima eram comumente pilhadas pelos selvagens, até que a proprietário imaginou um meio curioso de livrar-se dos aborígenes hostis. Carregou um canhão de ferro, que havia na "fazenda", com fragmentos de chumbo velho e ferro, ligou-lhe um ferrolho de mosquete, colocou-o na picada estreita por onde os selvagens costumavam vir em coluna, puseram um pedaço de madeira atravessado na trilha, ligando-o ao gatilho por meio de um cordão. Os "tapuias" apareceram pelo crepúsculo e pisaram o pedaço de pau, como se esperava. Quando a gente da "fazenda" correu ao local para ver o resultado, encontraram o canhão arrebatado e trinta índios mortos e mutilados, alguns ainda no lugar outros esparsos pela mata. Dizem que os gritos dos fugitivos se ouviam a grande distância em redor. Desde esse terrível massacre, nunca mais a "fazenda" foi incomodada pelos selvagens.

No rio S. Mateus, cujo nome brasileiro original é Cricaré, encontra-se um animal raro, que até agora só foi encontrado em muito poucos rios da costa oriental. Trata-se do manati, ou "peixe-boi" dos portugueses. A história natural desse curioso bicho é ainda obscura em muitos pontos ; é bastante frequente no rio em questão, dizendo-se que algumas vezes sai para o mar e se dirige, ao longo do litoral, para outros rios ; assim, por exemplo, já foi capturado no Alcobaça. Em S. Mateus, o refúgio preferido do manati é uma "lagoa" densa-

mente coberta de caniços e gramíneas outras. Não é sem dificuldade que pode ser caçado. O caçador, num pequeno barco, rema atenta e silenciosamente entre os caniços e o capinzal; si vê o bicho com o dorso acima d'água, como acontece habitualmente quando está passando, aproxima-se com cautela e arremessa-lhe um arpão ligado a uma corda²⁶³. O manati fornece grande quantidade de gordura e a carne é apreciada. O osso timpânico do ouvido é tido como remédio poderoso pelo povo ignorante, e comprado a alto preço. Embora fizesse, constantemente, grandes promessas, durante a minha estadia de três a quatro meses nessas paragens, com o intuito de obter um desses animais, falharam as minhas esperanças, e fui obrigado a contentar-me em ver, ao voltar do Brasil, os manatis empalhados do gabinete de História Natural de Lisboa.

Além desse curioso animal, o rio S. Mateus tem abundância de peixes. Muitas espécies de um género chamado "piauí", sobretudo a que, pelo de que se alimenta, é conhecida por "piauí de capim"²⁶⁴ se encontra, no tempo da cheia, principalmente nos campos inundados. Por aí remam, em canoas pequenas e leves, os índios civilizados, flechando o peixe referido. Encontra-se em muitos lugares, entre os índios, essa espécie de caça ao peixe. O arco usado tem de dois e meio a três pés de comprimento, do tamanho do arco denominado bodoque, empregado para arremessar pelotas; a flecha, de cerca de três pés de comprimento, é de "taquara", tendo a ponta de pau ou ferro, com uma farpa de cada lado.

Aproximadamente a meia légua de S. Mateus, o pequeno rio Guajintiba desemboca no mar. Costuma-se embarcar nele e subir três léguas até a "fazenda". As Itaunas, que pertence ao ouvidor da "Comarca" de Porto Seguro, o sr. Marcelino da Cunha. As margens do pequeno rio, então caudaloso, são vestidas de vegetação densa; perto do mar ela é formada principalmente pelos mangues, cuja casca se usa para cortar couros. A água é barrenta, como a da maioria das pequenos correios da mata, no Brasil, e o peixe é abundante; quando passávamos, alguns pescadores tinham justamente pescado uma canoa cheia. Saltámos numa plantação deserta e parecendo abandonada, onde esplêndidos ananazes (*Bromelia*) medravam selvagens, grandes, sumarentos e cheirosos. Abacaxis bons de comer não se encontram no Brasil em estado selvagem, mas são fartamente cultivados nas plantações, vingando tão vigorosamente como plantas silvestres. Utiliza-se também esse fruto para a fabricação, de aguardente; é empregado para o mesmo fim o fruto do "cajeiro" (*Anacardium*). Esta ár-

(263) O "peixe-boi" (*Trichechus inunguis* Pelz.) já foi referido no Rio Doce, páginas atrás (nota 251). Atualmente é muito problemático que ainda ocorra em qualquer dos rios da costa oriental do Brasil. No próprio Amazonas, onde foi outrora tão abundante, é já hoje bem difícil caçá-lo; não virá longe o dia em que a espécie se possa tristemente dizer extinta de todo, a menos que venha em seu socorro adequada proteção. Sobre os hábitos e os modos de captura desse animal, encontra-se minucioso relato em José Veríssimo, "Pesca na Amazonia" (Fr. Alves edit., 1895, p. 48 e ss.)

(264) A espécie é de identificação difícil. Deve todavia incluir-se no género *Leporinus* (da família Characidae), cujos numerosos representantes são chamados "piabas" ou "piavas" no sul, e "piaús" no norte e centro do Brasil. São peixes de escama e bastante reputados como alimento.

vore cresce em todos os trechos arenosos da costa oriental do Brasil. Assemelha-se à nossa macieira; possui ramos vigorosos e as folhas se dispõem isoladamente, dando, por isso, muito pouca sombra; a flor é pequena, de uma viva cor avermelhada; o fruto escuro e reniforme cresce ligado a um pedúnculo carnudo, do tamanho e forma de uma pera. Come-se esta parte do fruto, de sabor um tanto ácido e adstringente. A castanha²⁶⁵ é assada, ficando então muito boa, mas deve ser primeiro descascada. O suco da parte carnuda, sendo diurético, é bastante eficaz nas doenças venéreas e na hidropisia.

A jornada, à tardinha, tornou-se extremamente agradável, porque deixámos de ser atormentados pelos mosquitos, que muitas vezes nos estragaram as mais belas tardes. Matas imponentes e sombrias formavam grupos pitorescos nas margens, e o brilhante plenilúnio, em todo o esplendor, veio completar o encantamento do quadro. Aproximando-nos da "fazenda", ouvimos, distantes, os tambores dos negros. Os escravos negros procuram conservar os costumes do seu país tanto quanto lhes seja possível; assim, por exemplo, encontram-se entre eles, todos os instrumentos de música referidos pelos viajantes da África, e entre os quais o tambor desempenha papel predominante. Onde quer que muitos negros vivam juntos numa "fazenda", celebram as suas festas, pintam-se e vestem-se à moda natal, e executam as danças nacionais. Pode observar-se isso, por exemplo, no Rio de Janeiro, num lugar próximo da cidade, próprio para esse fim.

Na "fazenda" das Itaunas, encontrámos um jovem Puri, que fôra criado pelo ouvidor; já falava português, e diziam ser muito dócil. As poucas palavras que lhe sabíamos da língua nativa, conquistaram-nos logo a sua confiança. Lamentámos não ter conosco o nosso "Puri" de S. Fidelis, que ficara atrás, à margem do "Jucú". Itaunas é uma fazenda de criação, com um curral ou cercado para o gado, e uma miserável choupana para negros e índios, que tomam conta dos animais. O proprietário reunira, af algumas famílias de índios, para, com o tempo, formarem um povoado; destinavam-se, a princípio, a proteger a costa contra os tapuias, e Itaunas é, por isso, considerado um "quartel". Alguns índios, que iam pelo mesmo caminho nosso, acompanharam-nos para o norte, vindos de Itaunas. Levavam as espingardas de caça, e conheciam perfeitamente a região. Cavalgámos entre duas pequenas correntes, o Riacho Doce e o Rio das Ostras, ambas insignificantes, mas que, saindo dum pitoresco cenário de verdejante floresta encimada de belas palmeiras, formavam romântica paisagem.

Atingimos, pouco além, um local onde "tapuias" hostis foram vistos muitas vezes. O lugar se chama "Os Lençóis", porque, numa ponta rochosa, trechos de areia branca refulgente se intercalam com a

(265) No original "*den schwarzen Kern*". O termo "castanha", conquanto o saibamos usado desde os primeiros tempos da colonização portuguesa, através de Gabriel Soares e de Cardim, não aparece no texto do príncipe de Wied.

relva, parecendo assim, do mar, que brancos lençóis foram aí suspensos. Os "Patachós", habitantes dessas paragens, havia muito viviam pacificamente, quando um dos seus foi morto, razão por que recommençaram as hostilidades. Perto do Rio das Ostras, encontramos acidentalmente, na praia, próximo do mar, um jacaré de cerca de cinco pés de comprimento, que com certeza tencionava ir, por terra, de um rio a outro, sendo por nós surpreendido durante o percurso; tinha, à direita, o penhasco rochoso, o mar à esquerda, e, impossibilitado de arredar caminho, ficou imóvel. Depois de muito instigado com uma vara, tentou, morder, mas poudo ser atacado sem perigo. Esse animal, tão ativo e ágil quando novo, parece lerdo na velhice, arrastando-se vagarosamente sobre o chão. Depois de viajarmos cerca de duas léguas, chegámos ao ribeirão Barra Nova, onde ha uma "povoação" de poucas casas, construída numa eminência de moderada altura, porém íngreme. Parámos aí para descansar durante as horas de maior calor; e alcanámos, no lusco-fusco da tardinha, a foz do Mucuri, rio não muito grande, que vem de densas florestas; os mangues marginaes fazem-no muito aprazível.

A Vila de S. José do Port'Alegre, comumente denominada De Mucuri, está situada na margem norte do rio, perto da foz. E' um lugar pequeno, constituído de trinta a quarenta casas, em cujo meio se ergue uma capelinha, e forma um quadrilátero, aberto do lado proximo ao oceano. As casas são pequenas e quasi todas cobertas de palha: carneiros, porcos e cabras criam-se na área central. Os habitantes, índios a maior parte, são pobres e não comerciam; algumas vezes, entretanto, exportam um pouco de farinha de mandioca, não havendo, porém, engenhos de açúcar à margem do rio; apenas o "escrivão" da vila vende um pouco de aguardente e outros artigos de primeira necessidade. Também existe aí um padre, e dois dos habitantes exercem, alternadamente, a função de "juiz", como em quasi todas as vilas do Brasil.

O "padre" Vigario Mendes, sacerdote do lugar, é a única pessoa dessas paragens que possui uma "fazenda" de tamanho razoável. E dono de algumas vacas, que lhe suprem de leite, verdadeira raridade nesse litoral. O sr. Mendes, a quem fomos particularmente recomendados pelo ministro Conde da Barca, recebeu-nos muito gentilmente. O ministro possui consideráveis trechos de terra nesses rincões, às margens do Mucuri, tendo-se tomado medidas para protegê-los dos selvagens.

Nas matas da região abundam os mais valiosos tipos de madeira. Afim de aproveitá-las, pretendeu-se instalar uma serraria; e um construtor da Turíngia, de nome Kramer, foi contratado para isso. Quasi todas as madeiras de lei da costa oriental aí se encontram: "jacarandá", "oiticica", "jiquitibá" "vinhático", "cedro", "caixeta", "ipê", "peroba", "putumujú", "pau-brasil", etc. Como, porém, a região es, tivesse ainda totalmente dominada pelos "Patachós" e pelas feras-

e, por isso, até então não se pudesse construir a serraria, o ministro ordenou ao sr. José Marcelino da Cunha, "ouvidor" da "comarca" de Porto Seguro, que fôsse para ali, reunisse o número de braços necessários para abrir uma "fazenda", fizesse as plantações requeridas pelo sustento dos moradores e escravos, e os protegesse contra os ataques dos "Tapuias". Sucedeu, casualmente, que o capitão Bento Lourenço Vaz de Abreu Lima, habitante de Minas Novas, que penetrara, das fronteiras da Capitania de Minas Geris, até às margens do Mucuri, através das matas, alcançou o litoral justamente nesse momento. Seu aparecimento inesperado na Vila de Port'Alegre levou o ministro a dar outra ordem ao ouvidor, a de fornecer a esse empreendedor mineiro o pessoal necessário para a construção de uma estrada transitável através das florestas, seguindo a rota tomada por ele. Tive o prazer de encontrar esse homem interessante, e de saber-lhe, de viva voz, os pormenores da audaz e perigosa empresa. Ocupando-se em procurar pedras preciosas, e vivendo constantemente nas selvas, resolveu varar por esses sombrios e intrincados ermos, descendo o rio que ele pensava ser o S. Mateus. Durante vários anos foi abrindo, às próprias expensas, uma picada através das matas; e quando o trabalho tinha tomado certo avanço, empreendeu a viagem a pé com vinte e dois soldados e voluntários armados. Encontrou a "aldeia" do "Capitão" Tomé, famoso chefe índio que reunira aborígenes de diversas tribus nas florestas do interior, no alto Mucuri; nesse lugar já anteriormente batizara muitos dêles. A aldeia há muito tempo não existe, tendo o chefe morrido; mas, no local em que esteve situada, bananeiras e outras plantas crescem em estado selvagem, sendo agora utilizadas pelos índios nas suas excursões. Depois de uma jornada de cinquenta dias, o "capitão" atingiu o litoral, e aí descobriu que seguira o curso do Mucuri, e não do S. Mateus, como havia suposto. A viagem esbarrou em grandes obstáculos. Muitas vezes as provisões faltaram; não havia animais para caçar e a pesca era pouco frutuosa. Mastigavam, então, raízes e frutos, ou arranjavam-se com palmito e mel silvestre, até que um acaso feliz lhes puzesse algum animal no caminho. Por felicidade, não encontraram "Botocudos" que vivem nas altas paragens dessa florestas, mas toparam-lhes, muitas vezes, as choças abandonadas, e chegaram mesmo a pensar que eram espreitados por eles. Os numerosos soldados índios foram muito úteis ao "capitão", como caçadores e como guardas contra os selvagens; porque entre o pessoal havia "Capuchos" e outros, e até um Botocudo, que fôra criado pelos portugueses. Estiveram a pique de perder toda a bagagem nas quedas do Mucuri, quatro dias de viagem rio acima. Construíram uma jangada de troncos de árvores, para transportar as armas, as provisões, as roupas, etc., mas a jangada foi carregada pela correnteza, e toda a carga jogada fora dela pela vegetação das margens; só com grande dificuldade, conseguiram pescar as armas de fogo.

Nos últimos dias dessa audaz e perigosa viagem através da mata, os viajantes ficaram reduzidos à fome absoluta; já estavam quasi

exaustos, quando atingiram inesperadamente, abandonada, a ultima plantação que existe à margem do rio, e pertence ao Morro d'Arara, cêrca de dois dias de jornada da Vila de Mucuri. O bando inteiro atirou-se vorazmente às raízes cruas de mandioca, entre as quais desgraçadamente, havia uma grande porção de "mandioca brava", espécie venenosa*. Vômitos violentos, que foram a consequência, enfraqueceram ainda mais os desencorajados aventureiros, quando alguns dos caçadores tiveram a bôa sorte de matar uma grande anta (*Tapirus americanus*), que forneceu a todos substancial alimento. No dia seguinte alcançaram a meta da corajosa empresa, e entraram na Vila de Mucuri, entre as aclamações festivas dos habitantes. Tinha-se agora decidido a abrir uma estrada através dessas florestas, seguindo a picada do "capitão"; só esperavam, para isso, a chegada do "ouvidor". Para a derrubada aos poucos, foram chegando, de S. Mateus, Viçosa, Porto Seguro, Trancozo, e outros pontos da costa oriental, muitos homens, na maior parte índios, enviados com esse objetivo.

Entre as montanhas de Minas Gerais e a costa oriental fracamente povoada, estendem-se ermos imensos, onde perambulam muitas hordas das tribus selvagens de aborígenes, que, com toda a certeza, ainda permanecerão durante muito tempo independentes dos portugueses. Tomaram-se medidas para a construção, em diferentes rumos, de estradas através dessas brenhas, afim de facilitar o transporte dos produtos de Minas para o litoral mais pobre e escassamente povoado, e garantir-lhe comunicação mais rápida com as principais cidades e o mar. Constituindo os rios as comunicações mais curtas, decidiu-se fazer as estradas ao longo dêles. Uma foi aberta à margem do Mucuri, outra do Rio Grande de Belmonte, uma terceira do Ilhéus, e duas mais estão sendo feitas à beira do Espírito Santo e do Itapemirim, para Minas.

As florestas próximas do Mucuri são principalmente habitadas pelos "Patachós". Só acidentalmente andam os "Botocudos" por esse trecho da costa. Várias outras tribus de selvagens residem nessas matas: nos limites de Minas, os "Maconis", os "Malalis" e outros vivem em povoados fixos. Os "Capuchos", os "Cumanachos", "Machacalis" e "Panhamis" também perambulam por elas. Dizem que as últimas quatro tribus se aliaram com os "Patachós", para que assim unidos, possam fazer frente aos "Botocudos" mais numerosos. A julgar pelas semelhanças de linguagem, maneiras, costumes, as referidas tribus parecem ter entre si estreita afinidade. Há vinte anos atrás, o "capitão" Bento Lourenço batisou muitos dos "Maconis" e dos outros, quando esteve entre êles. Alguns atualmente, se estabeleceram à margem do Mucuri, porém outros vivem, segundo se afirma, mais para o norte, junto ao rio Belmonte. Essa tribo tem, no rio Doce, a fama de extremamente feroz, si bem a não mereça, de acôrdo com

(*) Até o suco dessa espécie de mandioca é pernicioso e mata animais, como por exemplo carneiros, conforme nos conta KOSTER (p. 370).

outras versões. Os "Malalis", tribu, agora, muito pequena, habitam o alto rio Doce, perto do "destacamento" de Peçanha, tendo-se estabelecido aí, sob a proteção dos portugueses, afim de se defenderem dos "Botocudos" inimigos. As linguas das duas tribus em questão, das quais se encontrarão exemplos no apêndice ao segundo volume destas descrições de viagem, diferem grandemente das demais tribus. Como disse, as cinco tribus aliadas possuem afinidades nas maneiras e costumes. Fazem comumente um orifício no lábio inferior, metendo por ele pequeno pedaço de bambú fino, uma de cujas extremidades pintam de vermelho com "urucú". Usam curto os cabelos no pescoço e sobre os olhos; alguns usam-nos rente em quasi toda a cabeça. À maneira de todos os "tapuias", pintam o corpo de vermelho e preto. Todos eles acreditam que o trovão seja a voz de um sêr poderoso, a quem chamam "Tupan" palavra comum a muitas tribus, entre as quais a dos "Purís", e que é usada mesmo pelas tribus "Tupís" no litoral. Parentes próximos nunca se casam, mas, afora isso, não seguem regras, obedecendo inteiramente às próprias inclinações. As mulheres jovens consideram a pintura do corpo como o melhor meio de agradar os homens moços, razão por que trazem geralmente consigo um pouco de urucú*. Os "Patachós" à margem do Mucuri, têm-se mostrado, até agora, hostis; não havia muito, tinham assassinado um índio à porta da morada, na "fazenda" do sr. João Antonio.

Decorridos dez dias, prosseguimos a viagem. Quando deixámos o Mucuri, a noite estava agradável e fresca e a lua-cheia refulgia deslumbrantemente: o suave e acariciante clarão refletia-se na luminosa superfície do mar sereno, compensando-nos da monotonia do caminho ao longo do litoral, arenoso e plano; enquanto isso o grande bacurau** esvoaçava sobre nossas cabeças, mas, infelizmente, a uma altura a que não alcançavam as espingardas de caça.

A cinco léguas do Mucuri fica o rio Peruípe; antes de se atingir a ponta formada pela costa, a estrada se dirige para Vila Viçosa. Aí

(*) Além das tribus aqui enumeradas, a *Corografia Brasileira*, t. II, p. 74, menciona outras como habitantes dessas paragens, cujos nomes, porém, nunca ouvi na costa oriental.

(**) Essa ave é uma espécie ainda não descrita do gênero, denominada por mim *Caprimulgus aetherius*, porque sobe a grande altura no espaço, planando como um gavião. Tem 22 polegadas de comprimento; plumagem cor de ferrugem, com manchas pardo-escuras e anegradas. As pequenas coberteiras superiores da asa formam uma mancha pardo-escura. Uma lista transversal castanho-escura limita no baixo do peito.

(266) A Wied cabe efectivamente a descoberta deste "urutau", que é imprópriamente confunde nas "Belträge" (vol. III, p. 303) com a espécie descrita por Spix sob o nome de *Caprimulgus longicaudatus*. Depois de *Nyctibius grandis* (Gmelin), que ocorre também na mesma zona, que mais facilmente se diferencia pela sua plumagem, cinzenta muito mais clara, é a maior espécie do gênero, a cujos representantes o povo conhece ainda, conforme os lugares, pelos nomes de "mê da lua", "chora lua", etc. Todos possuem uma voz semelhante, constituída por várias notas longas destacadas, de intensidade progressivamente decrescente, que ecoam à noite, no silêncio da mata, como um sinistro lamento, capaz de ser tomado por voz humana e impossível de ouvir-se sem duradoura impressão. A este propósito, narrou-me Arthur Neiva a emoção viva que lhe comunicou o canto da merencória ave, quando a ouviu pela primeira vez, durante a grande excursão científica, que em 1912 empreendera, nos sertões da Baía, Piauí e Goiás (cf. *Memor. Inst. Oswaldo Cruz*, 1916, p. 74 a 224). Traço não menos notável da biologia de todas as espécies de *Nyctibius* é o seu admirável mimetismo protetor, referido por todos os observadores familiarizados com os seus hábitos e confirmado por mim, anos atrás, em curiosas circunstâncias, quando em viagem de exploração ornitológica no Rio de Jurucú. Cf. *Rev. Mus. Paul.*, XVII, 2.ª parte, pág. 132.

perdemos o caminho, e fomos parar na bôca do Peruípe, onde encontramos, esparsas, cabanas de pescadores. Tivemos que voltar. Era pleno dia, quando, saindo das capoeiras, entrámos num campo verdejante à margem do rio, e vimos, sob um encantador coqueiral, a Vila Viçosa, formada por cêrca de 100 casas. Um edificio branco, destacando-se, pelo tamanho, das construções acachapadas circunjacentes, se reconhecia logo como sendo a casa da "camara", ou edificio real; dirigimo-nos para lá, e encontramos o "ouvidor" em companhia de dois capitães navais, José da Trindade e Silveira José Manoel de Araujo, que, conforme se disse, foram contratados pelo govêrno para fazer um levantamento astronomico desse litoral e organizar uma carta. O séquito do "ouvidor" era o mais misturado possível; pois, além de alguns portugueses e escravos negros, incluía dez ou doze jovens botocudos de Belmonte, e um rapaz Machacali.

A vista dos "Botocudos" causou-nos indescritível espanto; nunca viramos antes seres tão estranhos e feios. Tinham o rosto enormemente desfigurado por grandes pedaços de páu, que atravessam no lábio inferior e nas orelhas: destarte, o lábio inferior fica muito projetado para a frente, e as orelhas de alguns pendem como azas largas sobre os ombros: os corpos bronzeados estavam completamente sujos. Já eram muito íntimos do "ouvidor", que os tinha sempre em casa, afim de lhes conquistar cada vez mais a confiança. Dispunha de algumas pessoas que falavam a língua dos Botocudos, e deixou-nos ouvir demonstrações de canto dos selvagens, parecido com um uivo desarticulado. Muitos deles tiveram variola havia pouco: ainda estavam completamente cobertos de cicatrizes e crostas, que, somando-se à grande magreza trazida pela doença, aumentavam ainda mais a fealdade natural.

A variola introduzida nessas paragens pelos europeus, é extremamente letal para os índios; muitas tribus foram totalmente exterminadas por ela. Vários dos serviçais do "ouvidor" morreram em Caravelas; muitos, porém, restabeleceram-se, segundo me garantiram, a poder de aguardente, que lhes foi administrado em grandes doses. Os selvagens têm enorme pavor dessa doença. Contaram-me um caso terrível a respeito da crueldade de um colono. Para vingar-se dos "Tapuias", seus vizinhos e inimigos, dizem que levou para as florestas roupas usadas por pessoas mortas de variola, tendo perecido numerosos selvagens em consequencia desse procedimento deshumano.

Quando o "ouvidor" partiu para o Mucuri, embarcámos afim de visitar Caravelas e o rio Alcobaça. A canoa foi deslizando, rio abaixo, entre as lindas margens verdejantes do Peruípe, e, no ponto em que a leste o rio se lança no mar, seguiu por um amplo braço, que vai ter a Caravelas. Altos coqueiros se erguiam perto da Vila, emprestando bela e original feição ao panorama. O leite ou água que existe dentro do fruto é muito insípido e de máu gosto nos côcos velhos que chegam à Europa; aí, porém, são colhidos antes de completamente maduros,

quando a água tem agradável sabor agridoce e é muitíssimo fresca e refrigerante. Preparam-se, na região, numerosos e excelentes pratos com esse admirável presente da natureza; assim, por exemplo, ralam o côco e o cozinham com feijão preto, o que lhe dá gosto muito bom; também fazem dele, com açúcar e outros ingredientes, doces ótimos, que infelizmente não suportam uma viagem à Europa. Um coqueiro, às vezes, carrega-se de cem côcos ao mesmo tempo, avaliados em cerca de cinco a seis táleres, de modo que uma plantação de tresentos a quatrocentos coqueiros dá uma renda considerável. Uma árvore perfeita é vendida por 4000 réis, ou um "Carolin" mais ou menos. A madeira do coqueiro é também útil, porque é dura e flexível; por isso, o tronco não se quebra facilmente num vendaval, mas se encurva e parte com estrépito. As raízes se estendem horizontalmente na terra, formando espesso emaranhado. De Peruipe para o sul, ao Rio de Janeiro, o genuíno coqueiro (*Cocos nucifera*, Linn.) é de extrema raridade; mas de Viçosa para o norte, sobretudo em Belmonte, Porto Seguro, Caravelas, Ilhéus, Bafa, etc., é muito comum; conhece-se por "côco da Bafa" em toda a costa oriental. A árvore parece gostar de água salgada, porque viceja melhor na areia varrida pelo vaivem das ondas*. O espessamento existente na base do tronco dessa espécie, quando nova, fá-la facilmente reconhecível. Navegando-se para Caravelas, os olhos se comprazem, muitas vezes, com a encantadora vista de altaneiros coqueirais, sob cuja sombra densa surgem as pitorescas habitações campestinas. A margem é inteiramente coberta de "mangues" (*Conocarpus* e *Avicennia*), cuja casca é de grande uso em cortume, sendo exportada, com esse objetivo, para o Rio de Janeiro. Um cortidor desta cidade mantém uma porção de escravos, em Caravelas, só para tirar e secar carregamentos inteiros de casca de "mangue". Uma grande embarcação veleja constantemente de um ponto para outro, transportando a casca, e é, por isso, denominada "casqueiro". Há diversas espécies de "mangues"; para cortume, porém, prefere-se a casca do "mangue" vermelho (*Conocarpus racemosa*): difere muito, pela menor altura e pela folha larga e oval, do "mangue" branco (*Avicennia tomentosa*), que tem folha estreita e alongada, carrega-se de uma capsula oval de sementes lanuginosas, do tamanho de uma pequena ameixa, e é mais alta e esguia²⁶⁷.

À tardinha, a viagem tornou-se extremamente agradável; saímos de um canal para outro, pois que entre Viçosa e Caravelas há um verdadeiro labirinto, formado por uma multidão de ilhas de "mangues". Bandos de papagaios vozeavam nas capoeiras, mas eram to-

(*) Encontrámos confirmação desse fato nas *Viagens* de HUMBOLDT, vol. I.

(267) Ha desacerto na nomenclatura dos mangues dada aqui pelo viajante, pois o vermelho corresponde a *Rhizophora mangle* (fam. Rizoforáceas). *Avicennia tomentosa* (fam. Verbenáceas), tem, segundo DECKER, *Aspectos Biol.* da Fl. Bras., p. 248, os nomes vulgares de "mangue siribua" e "guapiré", enquanto *Avicennia nitida* é chamado "mangue amarelo".

dos da espécie da "curica"²⁶⁸. Vimos garças brancas sobre as curiosas raízes dos "mangues", que, brotando muito alto do tronco, inclinando-se sobre a água e enraizando-se na terra, formavam perfeitas arcadas em várias direções. Uma pequena espécie de ostra se encontra em abundância na casca dessas árvores, bem como, também em grande quantidade, o carangueijo multicôr chamado "aratú"²⁶⁹.

Violenta tempestade, acompanhada de chuvas torrenciais, surpreendeu-nos aí, e continuou até nossa chegada a Caravelas, que atingimos já pela noite, e onde nos alojámos na *Camara*, residência do "ouvidor". Caravelas é a maior vila da "comarca" de Porto Seguro. Possui ruas retas cruzando-se perpendicularmente, cinco ou seis principais e diversas outras menores; todas, porém, sem calçamento e cheias de capim. A maior igreja fica num local aberto, perto da "Casa da Camara". As casas da vila são bem construídas, mas geralmente de um só andar. Caravelas mantém animado comércio dos produtos da região, sobretudo farinha de mandioca, um pouco de algodão, etc. Exporta, por vezes, 54.500 alqueires de farinha por ano, o que, avaliando o alqueire pelo preço moderado de cinco patacas ou florins, representa cerca de 272.500 florins. Esse comércio traz ao lugar considerável número de navios de Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro, Capitania e outros pontos da costa oriental. Vêm-se aí, algumas vezes, ao mesmo tempo, trinta a quarenta pequenas embarcações ancoradas; também são frequentes as oportunidades de mandar, pelo "casqueiro", cartas para o Rio. Os de Pernambuco destinam-se principalmente ao transporte de farinha de mandioca, porque este importante produto é escasso nessa parte do país, onde, por vezes, a fome surge nos períodos de seca, como Koster observou***.

Tencionando, depois de nossa viagem ao Mucuri, onde decidimos passar algum tempo, voltar a este lugar, nêle permanecemos, então

(*) *Psittacus ochrocephalus*, Linn. ou *amazonicus*, Latham. Cf. LE VALLANT, "Hist. natur. dos Perroquets", pl. 110.

(Suplem.) Segundo o consenso dos naturalistas, a "curica" não é *Psittacus ochrocephalus* Linn., mas sim *Psittacus aestivus* (v. Kuhl, Comp. Psitt., no tomo 10 das Verhandl. der K. L. C. Akad.); devemos, contudo, notar que as descrições de Lineu são imprecisas, podendo facilmente se aplicar às duas aves. *Psittacus aestivus* (LE VALLANT, pl. 110) não varia em seu paiz natal, alem do que nunca lhe encontramos nos encontros das asas penas vermelhas, como em *Ps. ochrocephalus*. A vista disso, neste primeiro tomo da descrição de viagem dever-se-á ler sempre *aestivus* em vez de *ochrocephalus*.

(**) MARCGRAVE se refere ao carangueijo chamado "aratú" pelos brasileiros, à pag. 185.

(***) V. KOSTER, *Travels*, etc., p. 135.

(268) Pela nota aposta à margem, é-se levado a supôr que o autor então identificava acertadamente a "curica" a *Psittacus amazonicus* Linn., Entretanto quer no Suplemento, quer em "Beltrige" (Vol. IV, p. 205) a opinião de Wied se mostra em divergência com o que fora concluído pela critica ulterior.

Com effeito, a "Curica" vem já em Marcgrave com o nome *Amazona amazonica* Linn., espécie cuja larga distribuição abrangia toda a America do Sul setentrional e oriental, desde a Colombia ao estado de São Paulo. *A. ochrocephala* Gmelin é papagaio mais estritamente amazônico e só ocorre na porção mais septentrional da área da primeira. Por consequente, onde no texto se escreve *Ps. ochrocephalus*, devemos ler sempre *Ps. amazonicus* e não *Ps. aestivus*.

(269) Penso referir-se Wied à espécie *Coniopsis cruentatus*, notável pelo seu vistoso colorido vermelho e cuja presença parece invariável nos logares em que existe o mangue vermelho, com o qual estaria em curiosa associação. Outras espécies, dos gêneros *Grapsus*, *Aratus*, etc., recebem ainda o mesmo nome de "aratú", sujeito, como o comum dos nomes populares, a aplicação muito extensiva.

apenas três dias, e seguimos logo para o Alcobaca, que core entre florestas seculares, ao norte de Caravelas. As suas margens fica a "fazenda" do ministro Conde da Barca, chamada Ponte do Gentio, que desejávamos visitar. De Caravelas viajamos de canoa durante umas horas, rio acima, e depois continuamos por terra. À tardinha, chegamos à pequena "fazenda" de Pindoba, onde fomos, nessa noite, mui hospitaleiramente alojados pelo dono, sr. Cardoso. A região é deserta e coberta de florestas ainda inexploradas, vendo-se, apenas, aqui e ali, uma morada ou plantação. Encaminhando-se o assunto da nossa palestra com o sr. Cardoso para a região e suas curiosidades naturais, mandou ele que trouxessem uma pedra, descoberta debaixo da terra; era um arenito bruto, cortado em forma de machadinha. Entretanto, nosso hospedeiro afirmou ser um "corisco" (raio), o qual caíra e penetrara no solo durante uma tempestade; do mesmo modo que outras pessoas presentes, fico muito pouco satisfeito com a nossa opinião, de que era, sem dúvida, um instrumento feito e perdido pelos selvagens. O maravilhoso tem grandes encantos para as pessoas incultas.

Cruzamos, em Pindoba, um pequeno córrego, em cavalos emprestados pelos proprietários das "fazendas" vizinhas, e cavalgamos por ermos agrestes, onde florestas, cerrados e charnecas se sucediam. Nas "fazendas" esparsas se viam amplos alpendres, nos quais se preparavam grandes quantidades de farinha de mandioca, produto principal da região. Abertos de todos os lados, são constituídos simplesmente de uma cobertura de colmo ou folhas de palmeira suportada por fortes moirões, resguardando muitos tachos grandes para secar farinha, murados em volta.

Numa secular floresta de árvores altaneiras e magestosas, fomos surpreendidos pelo estranho concerto de uma espécie de passaro até então desconhecida para nós. Em toda a mata ressoava o seu assobio agudo e singular, composto de cinco ou seis notas penetrantes. Esses barulhentos habitantes da floresta se reuniam em bandos, e, assim que um começava a cantar, todos os demais se juntavam em côro. Nossos caçadores, prêsos da mais viva curiosidade, enveredaram logo pelas capoeiras, mas, apesar do número, deu-lhes grande trabalho matar alguns desses gritões. O pássaro é do tamanho de um melro*, e de um cinzento-sujo muito pouco agradável à vista²⁷⁰. Os portugueses da

(*) *Muscicapa vociferans*: dez polegadas de comprimento: partes superiores cinzento-escuras, em alguns pontos com um tom pardacento ou amarelado; partes inferiores de côr cinzenta mais clara; com o peito e a garganta um pouco mais escuros; aqui e ali, a ponta das penas das partes inferiores é um pouco amarelada. No Museu Zoológico de Berlim lhe deram o nome de *Muscicapa ampelina*.

(270) Antes de Wied, a ave era já conhecida das matas da Guiana Francesa, até onde estende a sua vasta distribuição; fora descrita primeiramente por Fr. Levaillant *Hist. Nat. Ois. Nouv. et Rares de l'Amérique et des Indes*, '801 com o nome de "Cotinga cendrê", mudado depois sucessivamente em *Ampelis cinerea* (nome inválido por ter sido usado anteriormente Latham, para ave diversa) e *A. cineracea*, Vieillot (em 1817 e 1822 respectivamente), de acordo com as normas da nomenclatura Lineana. Corresponde a *Muscicapa plumbea* de Lichtenstein (1823) e pertence hoje ao gênero *Lipaugus*.

O canto (?) do "bastião", chamado ainda "tropeiro", é uma das vozes mais impressionantes das grandes matas úmidas do Brasil centro-oriental e amazônico. Tive já ensejo do externar a viva emoção que me produziu o ouvi-la pela primeira vez, nas matas do Gonzoy, quando por ali estive a serviço do Museu Paulista, faz mais de um lustro. Cf. *Rev. Mus. Paul.*, XIX, p. 13 (1935). Deve ser o mesmo pássaro que Roquette Pinto na Rondonia, diz ser chamado "pocalreiro", no norte de Mato-Grosso.

costa o conhecem por "sebastião", e em Minas Gerais é chamado "sabiá do mato virgem" (tordo da floresta). Chegámos, ao fim da mata, à casa da "Senhora Isabela", dona de grandes plantações de mandioca, senhora muito caridosa e estimada, por isso, em todas as circunâncias. Como tivesse a fama de poder curar diversos males, era visitada por muita gente pobre e doente, que ela curava ou mandava embora com presentes e mantimentos. Foi-nos muito hospitaleira, e deu-nos, quando a deixámos, um leitãozinho e um pato grande; pois, segundo nos assegurou, em Ponte do Gentio, nada encontraríamos para matar a fome.

Alcançámos em pouco o rio Alcobaça, que é aí muito estreito, onde embarcámos. Subimo-lo durante duas horas, no frescor da tarde, passámos pela fazenda do sr. Munis Cordeiro; e atingimos, em seguida, a "fazenda" do ministro, situada na margem norte. A água do rio, em que há abundância de peixe e muitos "jacarés", é escura. As margens são inteiramente cobertas de densos cerrados e florestas; a aninga (*Arum liniferum*, Arruda) viceja na água. Ponte do Gentio é uma "fazenda" com certa extensão de terra anexa, comprada pelo ministro aos herdeiros do "capitão-mor" João da Silva Santos; foi, outrora, muito próspera. O último proprietário era um homem empreendedor, que em várias expedições contra os selvagens mostrara não lhes ter medo; e que, entretanto, na sua "fazenda", vivera sempre em paz com eles. Foi o primeiro que subiu o rio Belmonte até Minas Novas. Depois que morreu, a propriedade arruinou-se por falta dos necessários cuidados. Em vez de se manter a paz com os selvagens, provocaram-nos. Um negro matou na floresta um índio da tribo dos "Patachós"; os selvagens se encolerizaram e, por vingança, atacaram os negros numa das plantações, matando-os a flechadas. Isso aumentou a desordem, acarretando a desvalorização da propriedade; o ministro comprou-a por preço muito reduzido. Esforçam-se atualmente para restaurar a paz com os selvícolas e melhorar o estado da "fazenda". Aí estão residindo algumas famílias de índios, além de seis famílias de "Ilhores" (habitantes das ilhas Açores), nove chineses, escravos negros e um português, como "feitor" administrador. Os chineses foram trazidos, pelo governo, ao Rio de Janeiro, para que lá cultivassem chá; depois, mandaram alguns a Caravelas e outros para aí, a serem empregados como jornaleiros; são, porém, muito indolentes, e só executam trabalho extremamente leve. Vivem conjuntamente numa casinhola; um deles se fez cristão e casou-se com uma índia. Conservaram os costumes do seu país natal; celebram-lhe as festas, apreciam toda espécie de caça plumada, e dizem não serem muito exigentes na escolha do alimento. Guardam o maior asseio e ordem em sua choça de sapé. As camas, por exemplo, são guardadas de finas cortinas brancas, dispostas com bom gosto, e suspensas, dos lados, a lindos ganchos de cobre. Essas belas camas contrastam de maneira estranha com o miserável casebre de colmo em que estão colocadas. Os chineses dormem em delicadas esteiras de palha

e descansam a cabeça num pequeno travesseiro redondo. Vimo-las comer arroz à típica moda chinesa, com dois pauzinhos. Alegaram-se muito com a nossa visita; contaram-nos, em péssimo português, coisas do seu caro país, e como lá tinham muito mais conforto do que no Brasil. Abriram também as malas, onde guardavam sofríveis porcelanas chinesas e grande número de leques de diversas variedades, que trazem para vender. As casas da "fazenda", incluindo o engenho de farinha de mandioca, ficam numa pequena depressão do terreno, perto do rio, entre duas elevações. Subindo a que está mais para leste, na qual se ergue a povoação pode dominar-se grande extensão da zona circunjacente; tanto quanto a vista pode alcançar, tudo, até o horizonte longínquo, é coberto, sem interrupção, de matas sombrias; exceto na margem direita do rio, onde se vêem, em alguns pontos, habitações humanas.

Atravessámos as florestas vizinhas com os nossos caçadores e alguns mamelucos indolentes, que aí viviam. Caçámos várias espécies de animais; entre outras, pela primeira vez, a preguiça comum (*Bradypus tridactylus*, Linn.), pois até então só víramos a preguiça de co-leira preta (*Bradypus torquatus*, Illiger)²⁷¹.

Nesse local, quasi tivemos a desgraça de perder o sr. Freyreiss. Certa manhã, foi-se embora sozinho, com a espingarda de caça, e não voltou à hora costumeira do jantar. Caiu a tarde; fazia-se cada vez mais escuro, e continuávamos a esperá-lo em vão. Nossos temores aumentavam de momento a momento; mandei, por isso, que parte do pessoal atirasse repetidamente, para dar-lhe aviso: por fim, ouvimos a amortecida resposta de um tiro, à grande distância. Ordenei imediatamente aos índios acorressem, com archotes acesos, ou antes tições, ao ponto donde proviera o som ouvido. Felizmente, encontraram o companheiro perdido, voltando com êle à meia-noite. Chegou extenuado, e contou-nos a perigosa aventura. Havia êle avançado demais por uma picada pouco transitável da floresta, quando, súbito, ela terminou; não obstante, proseguiu e ao pensar na volta, perdera por completo o caminho. Levou o resto do dia a procurá-lo, marcando as árvores para saber onde passara; mas foi tudo inútil. Afinal, escalou uma montanha, na esperança de que, aumentando o campo visual, pudesse descobrir a trilha, e só viu, entretanto, de todos os lados, imensas florestas ininterruptas. Chegou, em seguida, a um regato, que foi acompanhando no intuito de atingir o Alcobaca e de caminhar pelo curso deste até encontrar o caminho de volta à "fazenda";

(271) *Bradypus tridactylus* Lin. e *B. torquatus* Illiger são as preguiças que ocorrem no Brasil centro-oriental.

Em ambas as extremidades possuem três dedos com longas unhas ganchosas mas, emquanto a primeira, muito mais comum e de área de dispersão notavelmente mais vasta (numerosas raças geográficas distribuídas do Rio Grande do Sul a Colombia), tem todo o pêlo de colorido praticamente uniforme, pardacinzento, a última se reconhece a primeira vista pela larga mancha negra, sagittiforme e nitidamente destacada, na parte mais anterior da linha média do dorso. Sobre os hábitos singulares da espécie vulgar, ha interessantes observações de LUDERWALDT, publicadas na *Rev. do Museu Paulista* (tomo X, pp. 795 a 812 e tomo XIV, pp. 395 e 396). A "preguiça real" (*Chalepus didactylus* (Lin.)), "unu" dos tratadistas europeus, não possui mais do que dois dedos functionaes nas extremidades anteriores; é muito maior e privativa da Amazônia e Guianas.

mas as esperanças de novo se malograram, porque o regato logo depois se perdia num charco, terminando. A situação, nesse ponto, tornou-se a mais alarmante possível. Extenuado pela fome, afogado pela enorme caminhada, encharcado pela água do riacho, deixou-se caír, incapaz de continuar. Mas o crepúsculo se aproximava; reuniu todas as energias, e construiu pequena choça de folhas de palmeira. Ai os mosquitos o vieram atormentar terrivelmente; nem podia ter sossego por causa dos selvagens e dos animais ferozes, tanto mais quanto lhe faltava o indispensável para acender uma fogueira que os afastasse. Resolveu esperar pela manhã, a qual no entanto, não lhe oferecia melhores perspectivas, de vez que não contava descobrir o caminho perdido, a não ser por acaso; e estava, além do mais, tão mal fornecido de pólvora e balas, que a caça não o poderia sustentar por muito tempo. Foi nessas angustiosas contingências que ouviu, por fim — e quem poderá descrever com que alegria? — o nosso tiro de Ponte do Gentio. Ergueu-se de alma nova, respondeu com dois tiros, que, devido à atenção que púnhamos em perscrutar o silêncio da noite, foram felizmente ouvidos por nós. Estivesse elle um pouco mais longe, ou atrás de uma elevação, e não teria ouvido o nosso tiro, nem nós os dêle; ser-nos-ia impossível encontrá-lo, e a sua sorte, nessas temíveis brenhas, talvez fosse trágica, pois que, na manhã seguinte, pretendia procurar o caminho de volta justamente no rumo oposto ao da “fazenda”.

Esse fato deve servir de exemplo para mostrar a necessidade da maior cautela a todos quantos penetram sôzinhos nessas selvas imensas, sem as conhecerem um pouco, ou possuírem a extraordinária habilidade dos índios em retomar o caminho. O “feitor” de Ponte do Gentio, português bem experimentado em caçar nessas paragens, perdeu-se duma feita, vagando na mata durante sete dias; achava-se, porém, munido de uma boa espingarda, pólvora e chumbo, de modo que pôde satisfazer as mais urgentes necessidades e alcançou, por fim, uma plantação à margem do Alcobaça. Dois índios, mandados pelo “ouvidor” a seguir-lhe as pegadas e achá-lo, chegaram pouco depois dêle. E’ errado pensar que, nessas florestas, o alimento se encontra em toda parte. Apesar dos inúmeros animais que as habitam, pode-se, às vezes, viajar dias seguidos sem descobrir um sêr vivo; também aqui a experiência mostra que os animais sempre vivem mais próximo das habitações humanas, do que no interior das grandes florestas.

Nossas coleções receberam alguns acréscimos interessantes; porém os insetos, sobretudo as borboletas, sofreram muitos estragos das formiguinhas vermelhas. Só conseguimos salvá-los aspergindo-lhes rapé. Deixámos Ponte do Gentio a 25 de Janeiro, e voltámos para a casa da Senhora Isabela, onde encontrámos o pessoal occupado em preparar farinha de mandioca. Tivemos a atenção presa por um tucano (*Ramphastos dicolorus*. Linn.) domesticado: suas maneiras cômicas, o tôdo desgracioso e o bico enorme nos divertiram muito. Devorava, com incrível avidez, tudo que alcançasse e fôsse comível, sem excetuar

a carne. Ofereceram-no-lo de presente, mas declinámos, porque essa ave não resiste ao nosso clima. Obtem-se aqui grande quantidade de mel de uma espécie de abelha amarela, sem ferrão. Penduram ao teto, para isso, achas ócas de lenha, tapadas com barro nos extremos, e tendo, no meio, um buraquinho redondo destinado à entrada das abelhas. O mel é muito aromático, mas de modo algum tão doce quanto o europeu. Mel com água, aí usado, é um refrêscio muito agradável.

No dia seguinte, voltámos a Pindoba e, à tardinha, chegámos de novo a Caravelas. Resolvemos nossos negócios em dois dias e embarcámos novamente para Viçosa, numa linda noite de luar. Milhares de vagalumes (*Lampyris*, *Elater*), e talvez ainda outros insetos luminosos) luziam entre as moitas da margem. Quando chegámos à casa da "camara" de Viçosa, os "Botocudos" do "ouvidor" ainda aí estavam. Mais que essa desagradável companhia, incomodou-nos o uivo contínuo de um cão mordido por uma cobra venenosa. Deram-lhe o suco do "cardo santo" (*Argemone mexicana*)²⁷², um cardo de flores amarelas, muito comum em toda parte*; mas o animal morreu. Supõe-se, aí, erradamente, existir no Brasil um número de cobras peçonhentas maior do que o real. A exceção de algumas poucas e nomeadamente das grandes espécies de *Boa*, os próprios habitantes da terra afirmam que as cobras são na maioria, venenosas. Há, certamente, algumas espécies venenosas, como por exemplo, a víbora verde*^{272 bis} e a "jararaca", ambas do gênero *Trigonocephalus*²⁷³; muito mais terrí-

(*) Sem dúvida alguma, AZARA alude a essa planta, quando, nas suas *Voyages*, vol. I, p. 132, fala da cura de uma certa febre.

(**) (Suplem.) *Cophias bilineatus*, uma espécie bonita e até hoje não descrita. O exemplar que me trouxeram media 22 polegadas e 8 linhas de comprimento, incluída aí a cauda de 3 polegadas e 3 linhas, ou seja cerca de $\frac{1}{4}$ (sic) do comprimento total. Placas ventraes 210, pares de escamas caudales 66. Forma geral esguia, cabeça cordiforme, com duas grandes placas superciliares e recoberta, como o corpo, de escamas pequenas, estreitas, alongadas, ponteadas e carenadas. Ao lado das placas ventraes corre uma série de grandes escamas romboidales, quasi lisas e só uma pequena depressão em seu bordo superior; anus simples, recoberto por uma escama semilunar indivisa; cauda terminada por uma ponta aguda e cornea, de cor bruno-avermelhada e de 1 linha de comprimento. Todas as partes superiores coloridas de verde-claro muito brando e azulado, marcadas de cada lado por uma linha amarelo-palha, sem brilho e formada pela serie das grandes escamas marginaes do abdomen; no alto do dorso duas séries distintas de manchas, dispostas frequentemente aos pares e sempre circundadas de preto. Ao longo de cada lado da cabeça, partindo do olho, cuja pupila é vertical uma lista amarelo-ferruginea, ladeada e pintalgada de preto; no occiput duas listas semelhantes; bordos das maxilas guarnecidos de placas de viva cor amarelo-esverdeado marginadas de preto; parte inferior da cabeça e garganta de intensa coloração amarelo-claro; lado inferior do pescoço amarelo-claro vivo; ventre e lado inferior da cauda branco-amarelados, os escudos ventraes com a base um tanto azul-esverdeada; lado superior da cabeça e da porção deanteira do corpo finamente ponteadas e marmorizadas de preto; sobre a cauda uma lista longitudinal azulada, sem brilho. Chamada no Brasil "cobra verde" ou "surucucú de patiboa".

(272) Não têm conta as plantas a que o vulgo attribua, ou mesmo ainda hoje attribue, virtudes curativas nos accidentes ofídicos. Desnecessário dizer que estas apregoadas virtudes são nada menos que imaginarias e resultantes da observação falha do povo, que de modo geral, não sabe distinguir entre as cobras inofensivas e as serpentes peçonhentas. Como o próprio fumo, o "cardo santo", chamado ainda "papoila ou dormideira espinhosa", é uma papavéacea rica em principios tóxicos, cujos efeitos só podem logicamente contribuir para o agravamento dos accidentes que deveria combater. Sobre esta interessante materia, leia-se VITAL BRAZIL, *La Defense contre l'Opidisme*, 2.^a ed., 1914, p. 225 e ss.

(272 bis) *Bothrops bilineata* (Wied), vulgarmente "jararaguinha verde".

(273) Wied refere a *Trigonocephalus* as serpentes atualmente incluídas em *Bothrops*. O gênero *Trigonocephalus* Oppel (1811) abrangia inicialmente espécies distribuídas hoje nos gêneros *Leischis* Daudin (1803) e *Bothrops* Wagler (1824); com a designação recentemente feita por A. AMA-

veis, porém, são a cascavel (*Crotalus horridus*) e a "surucucú" (*Lachesis mutus*, Daudin, ou *Crotalus mutus*, Linn.); a última, principalmente, que atinge sete a oito pés de comprimento, se encontra em todos os pontos do Brasil²⁷⁴. A serpente de chocalho, chamada pelos portugueses *cobra cascavel* habita somente os lugares secos e altos; é bastante comum em Minas Gerais e no interior da "capitania" da Baía.

De Viçosa voltamos ao Mucuri, mas não demoramos muito tempo na vila, porque o "ouvidor" já estava no lugar em que trabalhavam na fundação da nova fazenda de Morro d'Arara. O sr. Freyreiss resolveu voltar desse ponto, com a nossa "tropa" para a Capitania. Preferi subir o Mucuri até às obras da mata, e passar alguns meses nessas florestas. Enfardamos a bagagem e passamos dois dias em Mucuri. Daquí fizemos algumas excursões a cavalo, uma para ver o início da nova estrada, que o Capitão Bento Lourenço, com seus mineiros e outros trabalhadores, já começara e de que construira três léguas. A estrada sai logo por trás das casas de Port'Alegre e percorre, a princípio, terrenos pantanosos e terras descampadas ("campos"), cobertas de capim, onde se viam pontes tóscas feitas com páus: passa, depois, entre capoeiras e densas florestas. Ainda estava muito em começo, simples picada, não muito larga: além disso, aqui e ali, troncos imensos de árvores a atravancavam. As léguas eram medidas com um cordel e gravadas no frontispício das árvores, descascando-as e entalhando-as. Em alguns pontos da mata, ainda encontramos de pé as choças em que a turma de "mineiros" se alojava de noite.

À altura da última plantação à beira do Mucuri, pertencente ao sr. João Antônio, a estrada dos "mineiros" se aproximava da margem e das casas nela edificadas. Chegamos em companhia do sr. Padre Vigário Mendes e do "escrivão" de Mucuri; e aí encontramos o Capitão Bento Lourenço, que nos recebeu, mais a sua gente, com uma salva de tiros da eminência em que se erguia a sua morada. É uso geral, no Brasil, entre as corporações de homens armados, e especialmente nos postos militares, quando forasteiros os vão visitar nos ermos do sertão, dar, em regosio, tiros de espingarda, com cargas maiores que as usuais. Passamos algumas horas agradáveis em companhia do honesto capitão e do amável dono da "fazenda", sr. João Antônio, e em seguida tornamos por água, à vila. Na manhã de 3 de Fevereiro, cada um de nós tomou rumo diferente. O sr. Freyreiss atravessou o Mucuri, de volta à Capitania²⁷⁵; e eu, com duas canoas, segui rio acima. Já a considerável distância, saudámo-nos com tiros de es-

RAL (Cf. Rev. Mus. Paul., XIV, p. 37), da espécie *ammodytes* (= *Crotalus mutus* Lin.), para seu genotipo ele se torna definitivamente sinônimo de *Lachesis*, cuja única espécie é o "surucucú" ou *L. mutus* (Linn.).

(274) O "surucucú", que é, efetivamente a maior das nossas serpentes venenosas, pode avançar-se ainda às dimensões dadas por Wied (até 3 m, 60 de comprimento, segundo A. Amaral); existe em todo o leste e norte do Brasil, desde Minas e Espírito Santo até o Amazonas, estendendo-se ainda até a América Central. Cf. a nota 286, inserta mais adiante.

(275) Como se tem visto este é o nome pelo qual, acompanhando certamente hábito de então, designa sempre Wied o atual estado do Espírito Santo

pingarda e pistola, e logo nos perdemos de vista. O local escolhido para a "fazenda" e a serraria do ministro, Conde da Barca, fica a cerca de dia e meio de viagem, subindo o Mucuri, e chama-se Morro d'Arara, devido ao número de "araras" (*Psittacus Macao*, Linn.)²⁷⁶. Dirigi-me a esse lugar, em companhia do "escrivão" de Belmonte, Capitão Simplicio da Silveira, que foi de grande préstimo quando se tentou fazer um acôrdo com os "Botocudos" do rio Belmonte. Ele e um jovem índio "Menien"*²⁷⁷, que o acompanhava, falavam a língua desses selvagens.

As margens do Mucuri, cobertas de espessas matarias, apresentam, devido aos frequentes coleios do rio, que é em geral estreito, grande diversidade de pitorescas perspectivas. Tínhamos que fazer grande esforço para impelir nossa canoa contra a corrente, então volumosa e rápida, trabalho dos mais fatigantes, pois o sol do meio-dia projetava os raios causticantes sobre nossas cabeças, e a madeira da canoa ficou tão aquecida que mal suportávamos segurá-la. Os martins-pescadores verdes, de ventre côr de ferrugem (*Alcedo bicolor*, Linn.)²⁷⁷, e a linda andorinha verde-branca (*Hirundo leucoptera*)²⁷⁸ são aí muito abundantes: estas últimas pousam nos galhos secos e nos arbustos aquáticos, ou esvoaçam sobre eles; em terra, só se encontram perto das margens dos rios. Vimos, nos velhos troncos debruçados sobre a água, e nas rochas, grande número de uma espécie de morcego cinzento*²⁷⁹, que procura os lugares frescos durante o dia; distingue-se pelo focinho proeminente. Matámos, numa árvore marginal, o belo pombo conhecido na costa leste por "pomba trocaz" e, perto da Bafia, por "pomba verdadeira"; trata-se da (*Columba speciosa*)*** dos naturalistas²⁸⁰.

(*) Os "Meniens", que vivem em Belmonte, são restos degenerados dos índios "Camacan" de que, mais adiante daremos notícia.

(**) *Vespertilio naso*, espécie nova, com um focinho muito alongado, quasi igual a uma tromba, e projetando-se como um apêndice sobre o maxilar superior. Comprimento total, duas polegadas e quatro linhas. A membrana da asa é muito peluda; orelha estreita e muito pontuda; pêlo da parte superior do corpo, pardo-azinzentado escuro; da parte inferior mais pálido, cinzento-amarelado.

(***) TEMMINCK, *Histoire Naturelle des Pigeons et des Gallinacés*, vol. I, p. 208.

(276) Vide o que ficou dito anteriormente sobre as araras encontradas por Wied (nota 158).

(277) *Chloroceryle inda* (Linn.), da atual nomenclatura.

(278) *Hirundo leucoptera* Gmelin (1788), nome precedido por *H. albiventris* Boddaert (1783), ambos baseados na *Hirondelle à ventre blanc de Cayenne* de DUBREUIL. (*Iridoprocne albiventris*, Bodd.), como é chamada na moderna ornitologia, ocorre desde o nordeste da Argentina (Misiones), até a Colombia e as Guianas.

(279) *Rhynchiscus* (= *Rhynchonycteris*) *naso* (Wied). Ha no Museu Paulista exemplares deste interessante morcego, colecionados no Rio Doce e Cidade da Barra (Bafia). Spix julgou ver nelle duas espécies, para as quais propoz o género *Proboscidea*, sob os nomes de *Pr. savatilis* e *Pr. rivalis*, alusivos aos hábitos curiosos do animal, encontrado, ora nas paredes lisas de rochedos a prumo, ora sobre o leito dos rios, debaixo das pontes, ou pendentes dos velhos troncos de arvores caídas.

Dobson (*Catal. Chiroptera Brit. Mus.*, p. 368) chama atenção para o mimetismo que, nas últimas circunstâncias dificulta a visibilidade d'estes pequenos morcegos, que ordinariamente se reúnem em colônia de números variável de indivíduos.

(280) E' a mais bela de nossas pombas silvestres; muito fácil de reconhecer entre as congêneres pela sua plumagem, ornamentada de linhas transversais que lhe dão aspecto escamoso. Em minhas peripetias ornitológicas, só me recordo tê-la encontrado abundantemente no sul de Goiás, na região do Rio das Almas; ocorre porém, aqui e ali, nos nossos sertões, desde o Amazonas até o extremo sul do Brasil. Conhecem-na ainda em certos lugares por "piratú" e "rôla pedrês".

À tarde, atingimos a última plantação, pertencente ao sr. João Antônio, onde, alguns dias antes, o Capitão Bento Lourenço nos saudara com uma salva de tiros; tinha ele seguido, então, com a sua gente, mais para dentro da floresta. Ao crepúsculo, saltamos na densa mataria e acendemos as fogueiras. A noite estava muito quente e linda, mas, como é comum nos países cálidos, extremamente úmida. Muitos pássaros, como o "caburé"²⁸¹ o "choralua"²⁸², o "bacuráu" (*Caprimulgus*) e a "capueira"^{282 bis} (*Perdix guianensis*), só se ouvem ao escurecer, quando vêm animar esses vastos e solenes ermos. O caburé, em particular, chegou-se muito perto de nós; sua voz tremida vinha de uma árvore próxima à fogueira, que ele parecia contemplar, curioso. Nossos destemidos canoieiros índios semi-nús, deitaram-se logo, sem se cobrirem, e alguns à distância da fogueira, no chão úmido, adormecendo profundamente. Nós, ao contrário, embrulhámo-nos nos grossos cobertores, num leito arranjado com galhos de árvore e palmas de coqueiro.

Na manhã seguinte, durante o preparo do almôço, um bando de "araras" pousou perto de nós, em grande alarido. Mariano, um dos nossos, levantou-se dum pulo, pegou da espingarda e aproximou-se cautelosamente: o estampido ecoou magestosamente pelas solidões selváticas, e o caçador voltou alegre, com a primeira dessas esplêndidas aves que conseguimos matar nessa viagem.

Depois do jantar, embarcamos de novo, saltando, à tardinha, num banco de areia, no qual fizemos uma fogueira. Enquanto preparávamos a "arara" para a coleção, vimos uma grande canoa cheia de gente rumando em nossa direção. Era o sr. Charles Frazer, inglês possuidor de um estabelecimento em Comechatiba, no litoral, perto de Porto Seguro, com sua gente. Tinha o mesmo objetivo nosso. Passamos a noite nesse lugar e pela manhã, partimos juntos. Ao meio-dia, alcançamos na margem norte do Mucuri a entrada de um canal estreito e sombrio, de cerca de dez a doze passos de largura. Esse canal natural, antes intransitável por causa da ramaria compactamente entrelaçada sobre ele, fôra desbravado, havia alguns dias, por ordem do "ouvidor". Constitui a entrada para um bonito lago, bastante grande, chamado Lagôa d'Arara, inteiramente cercado de montanhas cobertas de mata. Fôra justamente a um quarto de légua acima da "lagôa" que o "ouvidor" começara a edificar a propriedade do ministro, em Morro d'Arara; já se principiara a derrubar a floresta, e havia algumas cabanas construídas. O "ouvidor" recebeu-nos com amabilidade, e eu me pus logo a arranjar as coisas para permanecer uns dois meses nessas brenhas solitárias.

(281) Sem ser propriamente diurno como a "coruja buraqueira" (*Speotyto cunicularia* (Molina)), o "caburé" (*Glaucidium brasilianum* (Gmel.)) pode ser ouvido a cantar mesmo durante o dia (donde o nome de "caburé do sol", de que também gosa), divergindo neste particular da generalidade das corujas. Sua voz lembra de perto a dos "surucutús" e, imitada com softível exactidão, pode trazer a ave a poucos passos do observador.

(282) O mesmo que "urutau" e "mãe-da-lua", *Nyctibius aethereus* (Wied).
(282 bis) *Odontophorus capueira* (Spix) e o nome da espécie existente nos estados de leste e sul do Brasil, onde também é chamada "urú".

...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...

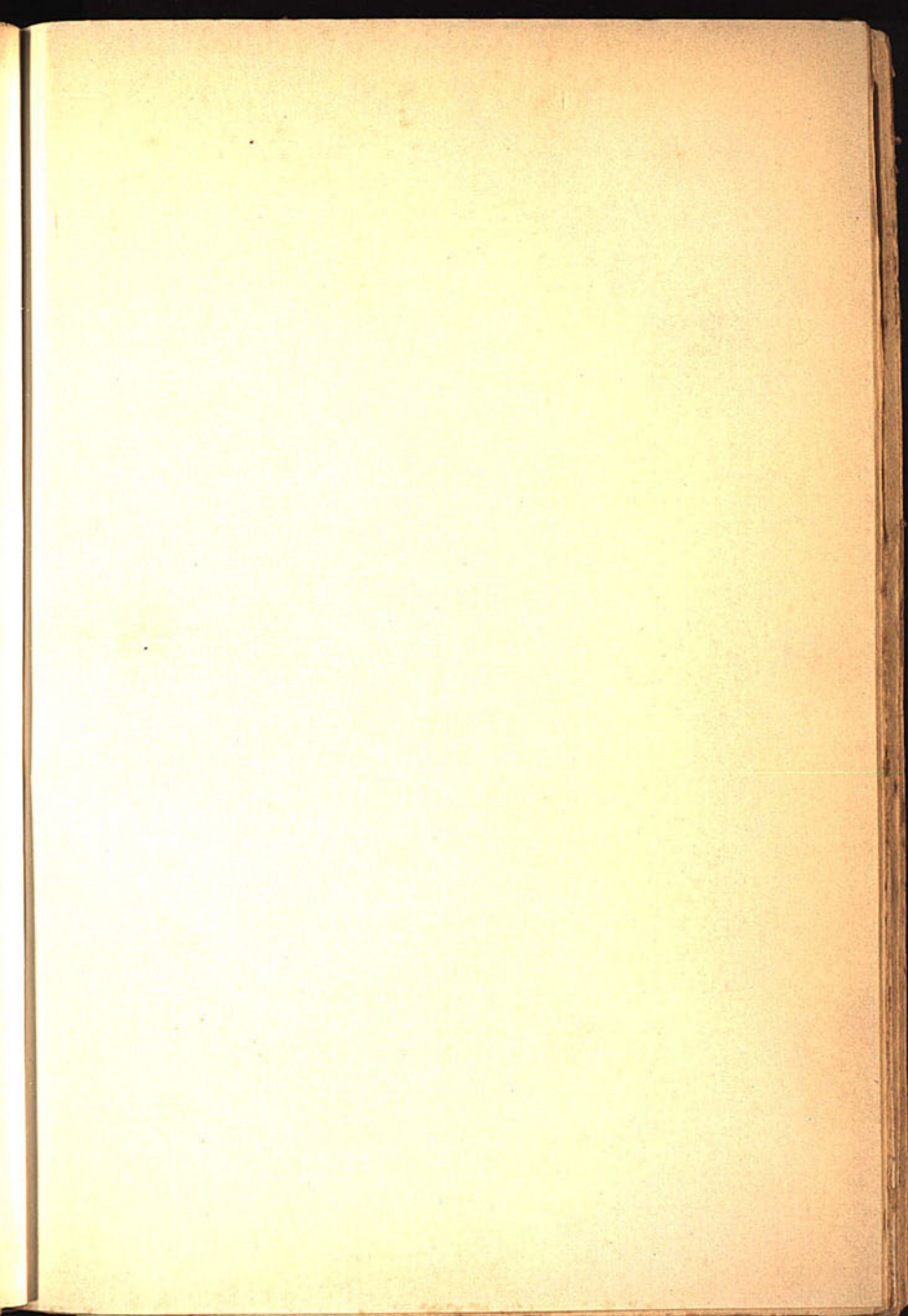
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...

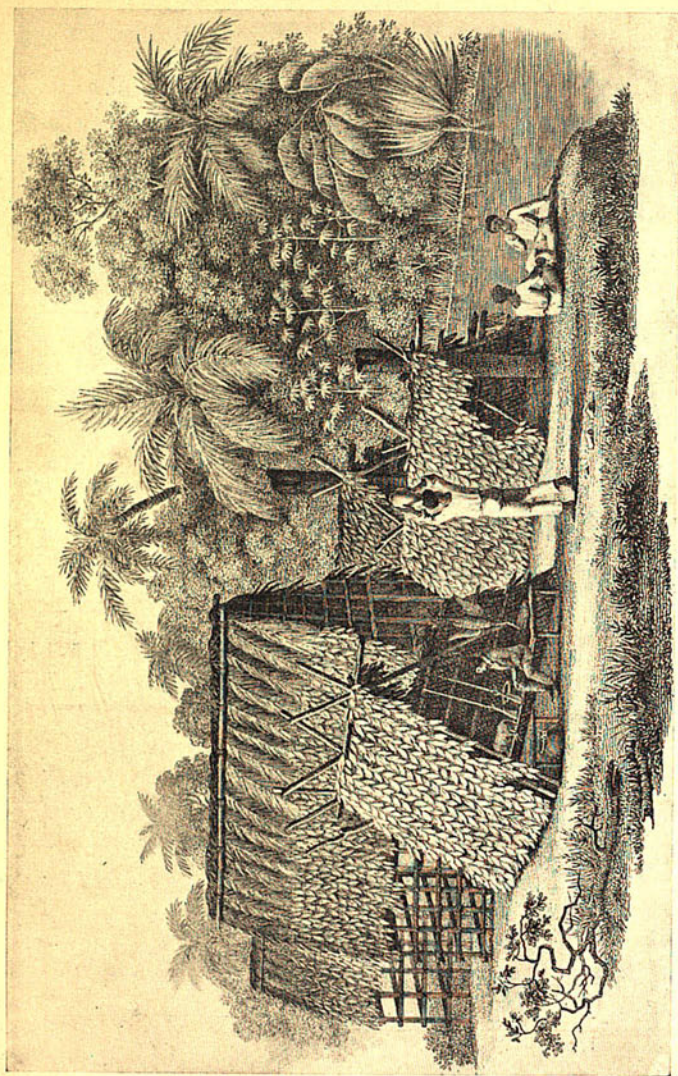
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...

...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...

...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...

...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...





Nossa choupana em Morro d'Arara.

ESTADIA EM MORRO D'ARARA, MUCURI,
VIÇOSA E CARAVELAS, ATE' A
PARTIDA PARA BELMONTE.

(De 5 de Fevereiro a 23 de Julho de 1816)

*Descrição da estadia em Morro d'Arara. — Caçadas.
Os Mundéus. — Estadia em Mucuri, Viçosa e Caravelas.*

Para se fazer idéia do nosso modo de vida em Morro d'Arara, conceba-se uma solidão em que um bando de homens forma uma vanguarda isolada, suficientemente providos, pela natureza, com o indispensável à vida, graças à abundância de caça, peixe e água potável; mas, ao mesmo tempo, devido ao afastamento dos lugares povoados, entregues inteiramente aos próprios recursos, e adstritos a ficar em guarda constante contra os selvagens da floresta, que os rodeiam de todos os lados.

"Patachós", e talvez também "Botocudos", rondavam-nos diãriamente, à espreita dos nossos movimentos; andávamos, por isso, sempre armados; éramos de cincoenta a sessenta homens capazes. Já se abatera a mata da encosta de uma montanha, à beira da "lagoa".

Vinte e quatro índios, muito úteis para esse mistér, safam todos os dias para o trabalho; alguns levavam machados, outros, um instrumento em forma de segadeira ("fouce"), fixado a um cabo comprido; os primeiros derrubavam as árvores, o segundo, o mato baixo e as moitas novas. Quando uma grande árvore caía, arrastava ao solo muitas outras menores; porque todas essas árvores são cerradamente entrelaçadas por meio de "cipós" fortes e lenhosas; muitos troncos, quebrados por outros, permaneciam erectos como colunas colossais: plantas espinhosas, sobretudo caules da palmeira "airi", que são cobertos de espinhos, juncavam o chão, tornando essas derrubadas completamente impenetráveis. O "ouvidor" mandara construir cinco a seis cabanas perto da "lagoa", cobertas com folhas de "uricana". Quatro dos nossos índios, que, à semelhança da maioria dos conterrâneos, são ótimos caçadores, e ainda melhores pescadores e canoeiros, eram mandados, todas as manhãs, caçar e pescar o dia inteiro, e examinar os nossos "mundéus" ou armadilhas para animais, voltando sempre, à tardinha, com muita caça e abundância de peixe, principalmente "piabanhas", "trafras", "piaus" "robalos" e outras espécies. Logo que a nossa gente se reunia ao escurecer, não havia mais razão para

temermos um ataque franco dos selvagens. Contra uma surpresa noturna, que eles não empreenderiam facilmente na treva, mas de preferência nas noites de luar, estávamos garantidos pela vigilância dos nossos cães. Um grande cão pertencente ao "ouvidor" distinguia-se dos demais; parecia farejar os selvagens quando rondavam pela montanha, além da "lagoa". Enfurecia-se nesses momentos, latindo sem parar na direção do local suspeito. Os "Patachós", com toda a certeza, nos observavam dos sombrios esconderijos, não sem espanto e desagrado, e os caçadores precisavam de grande cautela para não se deixarem apanhar desprevenidos. Ouvimos, muitas vezes, esses aborígenes imitar a voz da "curuja", da "capueira" e outras aves, sobretudo noturnas; porém nossos índios, igualmente hábeis nessa arte nunca confundiam a imitação com o natural. Uma pessoa incauta se sentiria, talvez, tentada a seguir a voz do passaro, até que as flechas dos "tapuias" lhe mostrassem o engano. Quando a nossa gente dançava o *batuque* nas noites de luar, tocando a "viola" (guitarra) e acompanhando sempre com palmas, estas eram repetidas pelos selvagens do outro lado da "lagoa". O "ouvidor", que não perdia ocasião de lhes tentar a amizade, fez frequentes esforços, durante a nossa estadia, para os atraír, gritando-lhes: *Schmanih*. (camarada)! ou "capitão" *Nei* (grande chefe)! etc. porém em vão; não obstante, os índios, que mandávamos à inspeção, notavam muitas vezes, pelas pegadas, que os selvagens se acercavam da derrubada durante a noite, explorando todas as circunjunções do acampamento. Uma noitinha, como esperássemos ser subitamente atacados, por causa da extraordinária agitação dos cães, estivemos em guarda constante, e aqueles que precisavam apanhar água, combustível, ou fazer qualquer outra coisa na mata iam sempre bem armados.

Nossas coleções receberam grandes acréscimos em Morro d'Arara, sobretudo de quadrúpedes, por meio dos "mundéus". Os índios são extremamente hábeis no arranjo dessas armadilhas. Escolhem, para isso, de preferência, um local na floresta, próximo da margem de um rio. Aí levantam um comprido cercado de galhos verdes, formando ângulo reto com a margem, e podendo ter de dois e meio a três pés de altura. Em cada quinze ou vinte passos, deixam uma pequena abertura, sobre a qual três toras de madeira, compridas e pesadas, são colocadas obliquamente, escoradas com pequenos pedaços de pau. Os animais pequenos, no seu vaivem costumeiro à beira do rio, procuram uma passagem e, encontrando a abertura na tapada, pisam a base constituída de ramos entrelaçados; as pesadas toras de madeira se despenham e matam o animal. E' comum fazerem, em linha, trinta, quarenta ou mais desses mundéus, onde a caça cai diariamente. Encontrámos, com frequência, sobretudo nas noites escuras, cinco, seis ou mais animais de cada vez. E' preciso, porém, revistar as armadilhas uma ou duas vezes por dia; porque, nos grandes calores, a caça apanhada apodrece depressa.

Por ordem do "ouvidor" armaram-se, em dois lugares próximos do Morro d'Arara, mundéus desse tipo : eram o nosso principal meio de subsistência, pois, embora o povo da terra se sustente sobretudo de peixe, nós, europeus, sempre preferimos carne fresca. A paca (*Coelogenys Paca*), a cotia (*Dasyprocta Aguti*)²⁸³, a "macuca" (*Tinamus brasiliensis*)^{283 bis} e o tatú comum (*Tatou noir*, Azara), cuja carne é branca, macia e saborosa, eram particularmente bem-vindos à nossa mesa. Um dia, tínhamos ido examinar as armadilhas, e atravessávamos a "lagoa", quando o índio que dirigia a minha canôa nos mostrou, de repente, uma "anta" nadando no lago e querendo alcançar a margem. Atirámos de certa distância, mas a maioria dos tiros se perdeu, até que, por fim, o disforme animal foi ferido, porém ao de leve, porque o chumbo não conseguiu varar a pele grossa. Fomos à margem e seguimos o rasto sangrento, mas logo o perdemos de todo, devido ao grande perigo que raspou o meu índio. Passou ele muito perto de uma "jararaca"²⁸⁴ de cinco pés de comprimento, escondida entre as folhas secas : ela ergueu-se, mostrando os dentes formidáveis, e ia mordê-lo, quando, com um tiro feliz, a abati e salvei o apavorado caçador. Os índios, e mesmo os caçadores portugueses, vão sempre descalços à caça ; pois calçados e meias são, no país, artigos muito caros para os habitantes, e, conseqüentemente, usados apenas nos dias feriados. Estão, assim, mais expostos às picadas das cobras, que muitas vezes se escondem entre as folhas secas ; contudo, mesmo nessas circunstâncias, são os acidentes mais raros do que se poderia pensar. O horror pelas serpentes sentido entre os habitantes é excessivo : o vulgo conserva diversas e por vezes ridículas crendices a esse respeito : assim,

(*) A "jararaca", referida em nossas viagens atuais, foi introduzida nos sistemas sob o nome de *Vipera atrox* ; ela, porém, difere da víbora, pela abertura que se encontra nas bochechas de todas as serpentes venenosas da América do Sul que tive a oportunidade de achar. Na Revista da "Gesellschaft naturforschender Freunde zu Berlin", ano terceiro, p. 85, há uma descrição da "jararaca" da autoria de H. H. Tilesius, si é que esse nome em Sta. Catarina significa a mesma coisa que no Continente. A "jararacussú" é apenas um espécimen velho e muito grande da mesma espécie, diferindo um pouco na cor, naturalmente, dos espécimens mais novos.

(283) Conhecem-se hoje no Brasil nada menos de uma meia dúzia de cotias, na sua maioria da região amazônica ; na era de Wied, porém, a única espécie reconhecida pela ciência era *Dasyprocta aguti* (Linn., 1766), baseada em "Aguti" de Marcgrave e portanto tipicamente este-brasileira. De qualquer modo, a ela deve referir-se o animal mencionado pelo sólogo.

(283 bis) *Tinamus solitarius* Vieillot é o nome que cabe a esta ave, conhecida ora por "macuco" (Brasil meridional), ora por "macuca" (Baía). *Tinamus brasiliensis* Latham, deriva de *Perdix brasiliensis* Brisson, equivalente a *Tinamus major* Gmelin, espécie guiano-amazônica, extranha ao Brasil oriental. *Tinamus solitarius* estendia-se primitivamente, pelo menos, até Pernambuco, correspondendo ao "macucagun" de Marcgrave.

(284) Largo contingente forneceu Wied à sistemática das serpentes solenogíglas (de dentes caniculados) brasileiras, que, por aquele tempo, estava ainda em plena elaboração. Seja como for há a distinguir-se entre a "jararaca" propriamente dita, *Bothrops jararaca* (Wied) e outra espécie, notavelmente parecida, *B. atrox* (Linn.), que ora se conhece pelo mesmo nome, ora pelo de "calçaca" (nordeste do Brasil). Ambas ocorrem na região oriental ; mas a espécie em jogo no caso presente é a primeira, havendo depois (*Isis*, II, p. 1103, pl. 6 ; *Beitr.*, I, p. 470 e ss.) o próprio Wied, reconhecido tratar-se de uma serpente até então não descrita, e perfeitamente distinta daquela cujo nome fora dado por Lineu. *Bothrops lanceolatus* (Lacépède), que vemos amêrde usado, já para uma, já para outra das duas espécies referidas, é hoje considerado estrito sinônimo de *B. atrox* (Linn.).

Com referência as "jararacussú", que, como no-lo informa a nota marginal, supunha Wied ser apenas a própria "jararaca" depois de velha, ficou depois provado constituir espécie perfeitamente à parte, a que J. B. Lacerda denominou *Bothrops jararacussú*. Cf. A. AMARAL, *Rev. Mus. Paul.*, IV, p. 37 ; *Mem. Inst. Butantan*, XI, pp. 217-229.

por exemplo, acreditam que haja cobras de duas cabeças²⁸⁵; que algumas se deixam atraír pela luz ou pelo fogo²⁸⁶, e que as espécies venenosas cospem fora o veneno, quando vão beber.

Alguns dias mais tarde, consegui outra, completamente inofensiva, mas de beleza notável, em cuja pele se sucediam anéis vermelhos, pretos e esverdeados; assemelha-se um pouco, no aspecto, à cobra coral ("cobra coraes"), da qual, entretanto, é muito diferente²⁸⁷.

A caça, nessas brenhas solitárias, era o nosso mais agradável, útil e, na realidade, único passatempo; e embora os perigos da floresta nos enleassem bastante, obrigando-nos a adotar como regra nunca saír sozinho em companhia suficientemente numerosa, mesmo assim, conseguimos sempre caça abundante. De manhã, a qualquer hora que saíssemos das cabanas, ouviamos a voz, parecida com o som de um tambor, dos barbados *Mycetes*, e o ronco forte do "guigó", **²⁸⁸ outro macaco ainda não descrito; as araras, voando em algazarra sobre as cabanas, aos pares, as três ou às cinco, juntavam-se ao rumoroso concerto, que ressoava pela mata; e assim nos envolviam os bandos de papagaios, de chauús, maitacas, jurús (*Psittacus pulverulentus*, Linn.²⁸⁹, curicas e várias outras espécies.

(*) *Coluber formosus*, espécie não descrita; 32 polegadas e 5 linhas de comprimento, incluindo a cauda, que tem 7 polegadas; 202 a 203 escudos ventrais e 65 a 66 pares de escudos dorsais; cabeça de um alaranjado brilhante; íris, vermelho; 76 dentes na boca; a metade dianteira do corpo possui faixas transversais alternadamente pretas e amarelo-esverdeado pálido; a trazeira, alternando, listas pretas e largas listas de vermelho. É um animal de beleza incomparável.

(**) *Callithrix melanochir*, 35 polegadas e 10 linhas de comprimento, incluindo a cauda, que tem 21 polegadas e 10 linhas; pelo longo, espesso e macio; a face e as quatro mãos pretas; o pelo é uma mescla de esbranquiçado e negro, de modo a parecer cinzento; dorso castanho-avermelhado; rabo esbranquiçado, muitas vezes quase branco, e, outras, amarelado.

(285) Cobras de duas cabeças, no sentido anatómico do termo, não aparecem como fato muito raro na teratologia dos ofídios; é fácil verificá-lo pelo artigo, assás interessante, publicado por AFRÂNIO AMARAL, na *Revista do Museu Paulista* (Vol. XV, p. 95-101; 1927). A essas, contudo, não é que se aplica a expressão "cobra de duas cabeças", usada pelo povo e referida por Wied; o que o vulgo conhece por tal, não são cobras no sentido zoológico do termo, mas sim animais muito diferentes, pertencentes, ora à classe dos lagartos (*Amphisbaena*), ora ao grupo dos anfíbios ápoes (*Cecilia*, *Siphonops*, etc.); nêles, as duas extremidades do corpo serpentiniforme são, à primeira vista, muito semelhantes, sugerindo a absurda hipótese de serem ambas verdadeiras cabeças.

(286) Existe, efetivamente, arraigada nos sertanejos do norte, a ideia, aliás fartamente aproveitada pela literatura de ficção, de que certas cobras investem à noite contra as fogueiras, como que procurando a todo transe espalhar os tijões e apaga-los; tal singularidade parece, todavia, ser atribuída exclusivamente ao "surucucú" (*Lachesis muta* (Lin.)), que por isso, é também conhecido pelo nome de "surucucú de fogo". Do fato nunca pude colher nenhuma observação fidedigna; mas, por mais estranho e paradoxal que se nos afigure, conta com o testemunho de Spix e Martius, que narram havê-lo presenciado no sertão de Minas, quando em viagem de Tejuco para o termo de Villas Novas. Cf. J. B. SPIX e C. F. P. MARTIUS, *Viagem pelo Brasil*, trad. brasil, edit. pelo Instituto Hist. e Geogr. Brasileiro, Rio de Janeiro, 1938, vol. 11, p. 161.

(287) *Pseudoboa* (= *Oxyrhopus*) p. p.) *formosus* (Wied, 1820). A espécie, uma das que o vulgo denomina "coral falsa", foi contemporaneamente descrita por Wied nas Nova Acta Acad. Leop. Carol., X, p. 109.

(288) Tive ocasião de observar repetidas vezes o extraordinário concerto entoado pelos "guigós" (Wied escreve "Gigó") nas matas vizinhas do Rio Gongogi; nenhum exemplar pude ali coleccionar, entretanto.

A descrição, que neste momento nos dá Wied, de mais esta espécie por ele descoberta, é perfeitamente válida perante as regras da nomenclatura e facilmente se explica que D. G. ELLIOT, em sua grande *Review of Primates* (N. Y., 1913), tomo I, p. 245, atribua a Kuhl o nome da espécie, sob o fundamento de que o trabalho deste último (*Beitr. Zool.*, 1820) é posterior em data à descrição do príncipe, aparecida nas *Beiträge* (vol. II, 1826, p. 114).

(289) "Chauú" ou "chau", denominação popular onomatopáica da espécie *Amazona rhodocorytha* (Salvad.), já anteriormente tratada (nota 67); "maitaca" (*Pionus* sp.), "jurú", "jerú", "jeru-assú" ou "moleiro", nomes do papagaio *Amazona farinosa* (Bodd., 1783), ou *Psittacus pulverulentus* Gmelin, 1788.

Nas cabanas, nosso pessoal ainda trabalhava na terminação das coberturas. As duas habitações maiores, em que eu morava em companhia do "ouvidor", dos dois capitães navais e do moleiro alemão Kramer, tinham paredes de barro e as coberturas estavam prontas. Estas são usualmente feitas de folhas de "uricana", palmeira de caule pequeno e flexível : as belas e grandes folhas penadas (*folia abrupte pinnata*) implantam-se por meio de peciolas delgadas ; faz-se um feixe com várias delas ; os peciolos, muito compridos, são depois enrolados num sarrafo de madeira de coqueiro, e amarrados, debaixo, com um "cipó verdadeiro" (*Bauhinia*), bastante grande para prender os feixes uns aos outros. As ripas, com as palmas assim amarradas, são superpostas de maneira que dois terços da largura fiquem cobertos. Em seguida, cobre-se a cumieira com outras folhas, sobretudo com os compridos leques do coqueiro, afim de torná-la absolutamente à prova de água. Essa cobertura, que aí sabem fazer muito bem, é leve e sólida ; deve, entretanto, permitir-se que a fumaça a atravesse de quando em vez, porque, doutro modo, os insetos destruiriam as folhas secas dentro de um ano.

Construía-se, então, uma espaçosa cabana para a oficina do ferreiro ; porquanto, em virtude da dureza das diferentes madeiras serradas e trabalhadas, os instrumentos precisavam frequentemente de conserto. O ferreiro, filho da região, era um morador de Alcobaca, a quem o "ouvidor", querendo punir por certa falta, fizera prender em casa durante a noite, mandando-o para aí trabalhar. Enquanto os trabalhadores levantavam as cabanas, os lenhadores desbravavam o local em que resolvera fazer a serraria. O "ouvidor" deixou-nos, com boa parte do seu pessoal, e permaneceu algum tempo em Caravelas ; nossa sociedade diminuiu bastante, mas logo recebeu grande reforço. O Capitão Bento Lourenço avançara tanto a nova estrada, com os "mineiros", que já se aproximava dos nossos êrmos. Os "picadores" (gente que segue adiante, marcando nas árvores a direção a ser seguida pelos lenhadores) chegaram um dia mais cedo, e anunciaram a vinda da turma. Na outra tarde, apareceu o capitão com oitenta ou noventa homens, alojando-se conosco. No pequeno espaço que ocupávamos se reunia, agora, grande número de pessoas ; os sons da "violão" o canto e o batuque entravam pela noite : enormes fogueiras iluminavam as derrubadas próximas, na escura floresta, e os clarões vermelhos iluminavam o vasto espelho da "lagôa". A extensão da estrada, de Mucuri a esse ponto, é de cerca de 7 ou 8 léguas. Os "mineiros", descobriram, perto do Morro d'Arara, outra grande "lagôa", abundante em peixe, e na qual havia inúmeros "jacarés", tiveram que ladear o lago e atravessar pantanais, motivo pelo qual o trabalho se atrazou muito. Os homens de várias raças existentes na turma do "capitão" deram à nossa sociedade feição pitoresca e original. Além de nós, alemães e portugueses, tínhamos negros, mulatos, índios do litoral, um botoecudo, um malali, alguns maconís e capuchos, todos soldados vindos de Minas Gerais.

O "capitão" e sua gente passaram uns dias em Morro d'Arara, esperando que o nosso ferreiro lhes consertasse os instrumentos e os fechos das espingardas. Fez a sua turma trabalhar diariamente : a estrada atravessou as derrubadas no espigão das montanhas, tendo-se aberto uma trilha, ou picada, dos nossos alojamentos à nova estrada, que depois usámos nas caçadas. A 22 de Fevereiro, o pessoal do capitão deixou-nos para prosseguir o trabalho através da floresta. Alguns dentre nós os seguimos até certa distância pela estrada nova, dentro da mata. Aí repousámos à sombra de veneráveis árvores seculares, e nos regalámos com as bebidas refrigerantes dos mineiros. Esta cena é representada na estampa 6.ª de nossa edição in-4to. Estamos sentados em círculo, enquanto o Capitão Bento Lourenço, distinguindo-se dos demais pelo grande chapéu de castor cinzento, prepara, numa "cuia", a bebida, chamada "jacuba". As espingardas se acham encostadas aos troncos das árvores, tendo algumas os fechos protegidos da umidade com folhas de "patioba". Alguns índios ainda mourejam em derrubar as árvores, guardados por soldados aborígenes, sentados nas provisões enfardadas ("muqueca" ou farinha de mandioca embrulhada)²⁹⁰ em folhas de "patioba". Um negro mostra um macaco morto por ele, e os "mineiros" e os soldados indígenas se vão reunindo aos poucos.

O "Capitão" ainda voltou conosco dessa vez, deixando-nos no dia seguinte para se juntar à turma. Desejámos-lhe sucesso na prossecução da árdua empresa, então cheia de perigos, pois ia encetar um trabalho exaustivo nos profundos recessos da floresta, próximo à estação chuvosa, geradora de muitas doenças. A partir daí, Morro d'Arara parecia quasi deserto ; quando, à tardinha toda a nossa gente votava do trabalho, não éramos mais de vinte e nove pessoas.

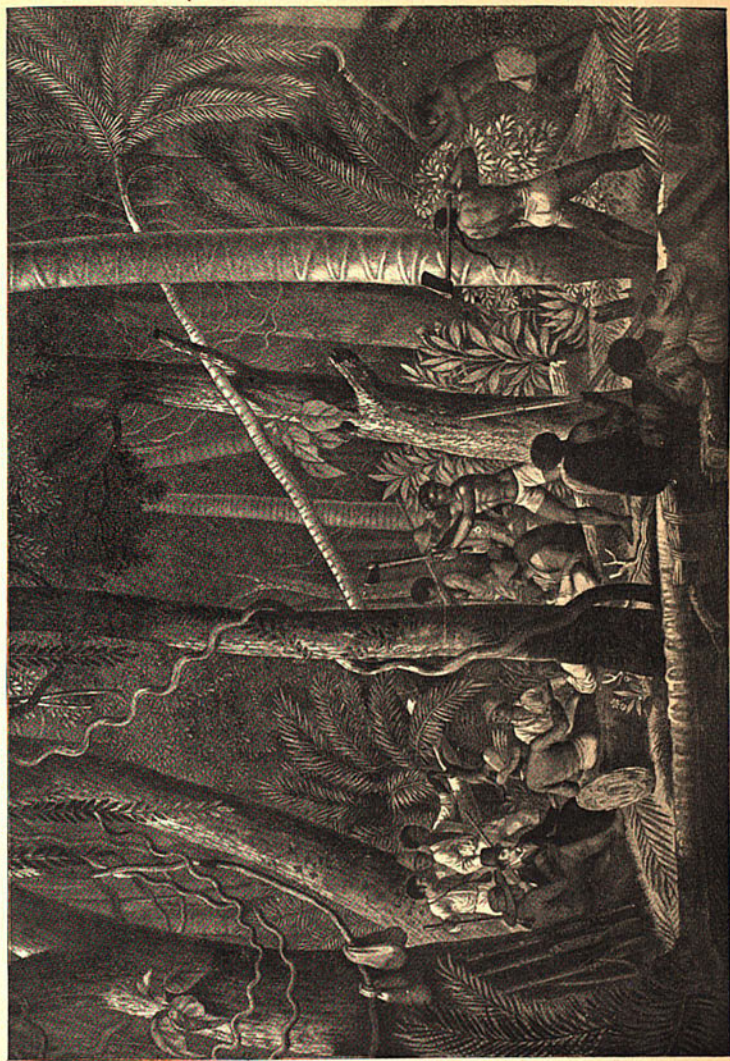
Nosso sucesso na caça não diminuiu por isso ; pois se armaram novos "mundéus", que renderam muito. Para se ter uma idéa da abundância da caça nessas florestas imensas, é indispensável dar, aqui, uma lista dos animais mortos ou capturados nos "mundéus", nesse período de cinco semanas²⁹¹ :

Antas,	<i>Tapirus americanus</i>	3
Veados,	{ "Guazupita", Azara	1
	{ "Guazubira"	2
Porcos do mato,	<i>Dicotyles labiatus</i> , Cuv.	11
	{ "Barbados" (<i>Myctes</i>)	9
Macacos	{ "Micos", de espécie não descrita*	9
	{ "Guigós"	10

(*) (Suplem.) Denominei este macaco *Cebus robustus* ; o Dr. Kuhl deu uma noticia provisoria dele em suas "Beitrage zur Zoologie".

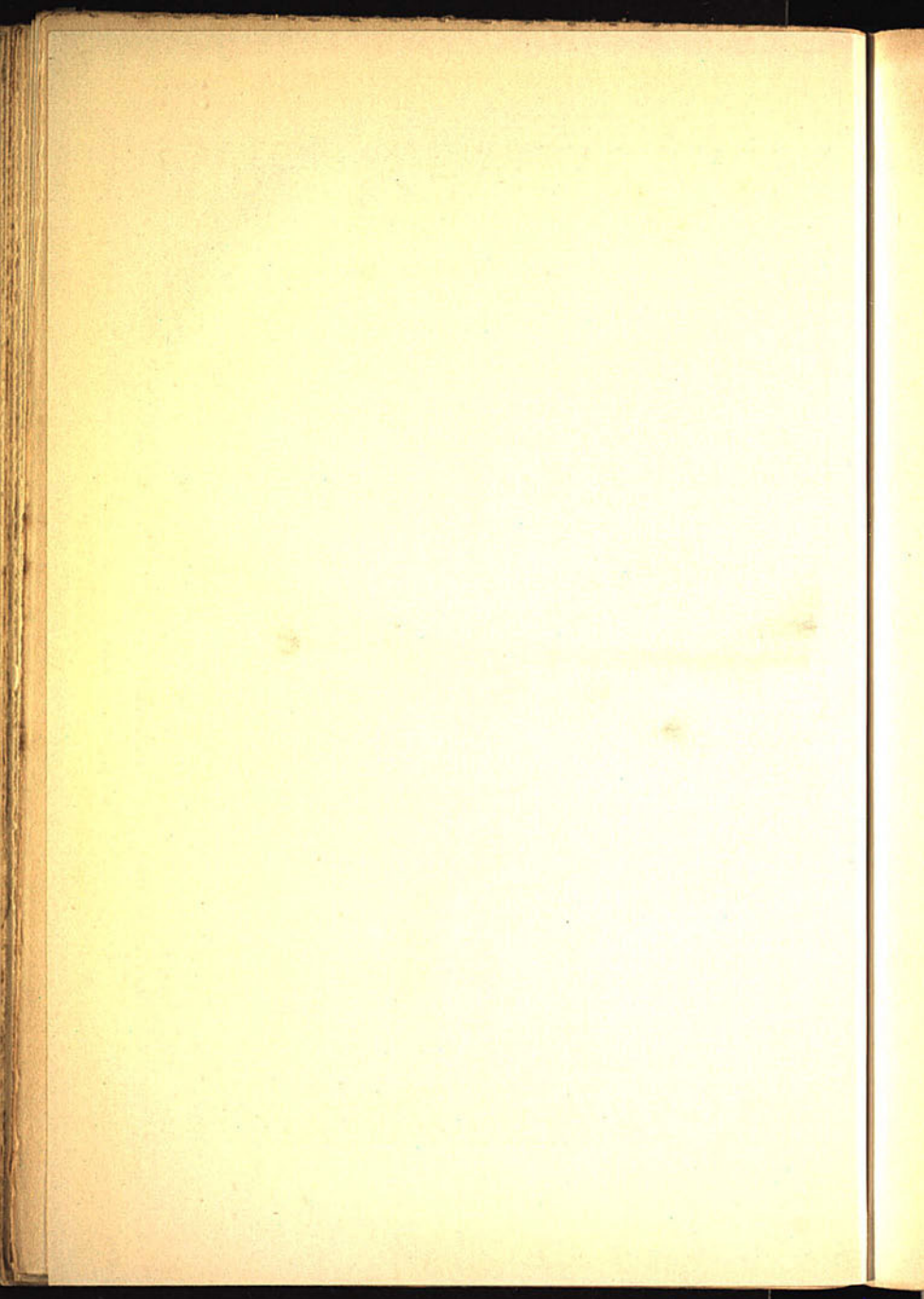
(290) Difficil penetrar no sentido da expressão fechada no parêntese por Wied, sabendo-se que "muqueca" (ele escreve "Muklicke") significa, na Baía, certo molho com que é de praxe preparar os alimentos, particularmente o peixe, molho que se caracteriza principalmente pelo largo emprego do limão e mais ainda da pimenta (de preferência a chamada "malagueta").

(291) A determinação e nomenclatura das numerosas espécies mencionadas na lista, algumas das quais já foram objecto de comentários, deixa de ser aqui objecto de reparos, para os quais não tardará a se oferecer melhor oportunidade.



Nas matas do Mucuri em companhia do Capitão Bento Lourenço e seus "mineiros".

(Est. 6).



Coatis,	<i>Nasua</i>	10
Tamanduás	<i>Myrmecophaga</i>	2
Lontras	<i>Lutra brasiliensis</i>	2
Iraras,	<i>Mustela</i>	4
Mbaracayás,	<i>Felis pardalis</i>	4
"Gatos pintados"	<i>Felis tigrina</i> ?*	3
"Gatos mouriscos"	<i>Felis Yaguarundi</i>	2
Tatús	<i>Dasypros</i>	30
Pacas,	<i>Coelogenys Paca</i>	19
Cotias,	<i>Dasyprocta Aguti</i>	46

AVES COMESTÍVEIS

Mutum,	<i>Craz Alector</i> , Linn.	8
Jacutingas,	<i>Penelope leucoptera</i>	5
Jacupembas,	<i>Penelope Marail</i> , Linn.	2
Macucas,	<i>Magoua</i> , Buffon	5
Chororão,	<i>Tinamus variegatus</i> , Latham.	6
Patos,	<i>Anas moschata</i> , Linn.	4

Ao todo, 181 quadrúpedes e 30 grandes aves comestíveis. Com os macacos caçados, muitos filhotes também caíram em nossas mãos; não conseguimos, porém, conservar vivas por muito tempo essas frágeis criaturinhas, provavelmente porque não tínhamos alimento apropriado para elas.

Além de provisões para nossa cozinha, as caçadas forneciam-me materiais para investigações de história natural, e o tempo, assim, passava rapidamente nessa solidão. Entre os animais encontrados, menciono, apenas, algumas espécies até agora não descritas; assim, a cotinga purpúrea**292, o "sabiá-cica"***293, papagaio de voz notavelmente bem modulada, a "maitaca", de cabeça vermelha***294, etc.

(*) (Suplem.) Esse gato constituiu uma espécie ainda não descrita, a que dou o nome de *Felis macroura*; dei dela uma nota prévia na tradução "Regne Animal" de Cuvier, feita pelo Dr. Schinz.

(**) *Ampelis atro-purpurea*; 7 polegadas e 9 linhas de comprimento; a plumagem dos passaros velhos é purpureo-anejado, tendendo, no alto da cabeça, para o vermelho vivo; penas das asas, brancas. A plumagem dos passaros novos é cinzenta, com asas de penas brancas.

(***) *Psittacus cyanogaster*; linda plumagem verde-escura; u'a mancha azul cobalto no ventre; rabo um pouco comprido; essa espécie, devido à voz, é frequentemente criada nas casas.

(****) *Psittacus mitratus*; incluindo a cauda curta, 7 polegadas e 8 linhas de comprimento; linda cor verde brilhante, com asas de penas azul - escuras; olhos e cabeça, até ao pescoço, escarlates.

(292) *Xipholena atro-purpurea* (Wied), como atualmente se chama é mais uma espécie cuja descoberta se deve ao Príncipe. Ocorre comumente ainda hoje no Espírito Santo e nas matas de leste da Baía, inclusive as do Recôncavo; parece porém, problemático a sua existência atual no estado do Rio de Janeiro e em Pernambuco, que assinalam os limites conhecidos de sua primitiva área de distribuição.

(293) O "sabiá-cica" ("Sabiassica", no original) ou "araçua-i-ava", nomes indígenas, ou *Trichclaria malachitica* (Spix) da nomenclatura científica, é ave encontrada do sul da Baía ao Rio Grande do Sul. *Psittacus cyanogaster* Vieillot (1817), conquanto anterior ao de Spix é nome prejudicado pela sua aplicação anterior a ave diversa, por Shaw (1811).

(294) *Pionopsitta pileata* (Scop.) apelidada então na zona "maitaca da cabeça vermelha", como informa textualmente Wied em *Beiträge* (vol. III, p. 247), onde reconhece ter sido a espécie já descrita sob o nome de *Psittacus pileatus* Scopoli (1769). Hoje é conhecida vulgarmente por "periquito rei", "cuíu-cuíu", "caturra" (Rio Grande do Sul). "Baitaca" ou "maitaca", em nossos dias, parecem nomes privativos às formas do gênero *Pionus*.

Da classe dos insetos, obtivemos comumente o *Cerambix longimanus*, e da dos répteis, a tartaruga do mato ou "jabuti" *Testudo tabulata*²⁹⁵, etc.

Após uma ausência de cerca de três semanas, o "ouvidor" voltou com algumas canoas e muita gente. Deu-nos a triste noticia de que os selvagens, a 28 de Fevereiro, mataram cinco homens, mulheres e crianças, a uma légua aproximada da Vila do Port'Alegre, na nova estrada do "capitão" Bento Lourenço. Alguns outros, apercebendo-se do grande e compacto bando dos "tapuias", esconderam-se precipitadamente, no mais espesso da mata, tendo a felicidade de escapar. Um homem de Mucuri, que trabalhava nas próprias plantações, na mata próxima ao local, ouviu os gritos lamentosos das desgraçadas vítimas; êle e um moço, seu filho, tomaram logo das espingardas e correram em socorro dos infelizes; antes, porém, de chegar à cena de massacre, o pai descarregou a arma, a que os selvagens fugiram imediatamente. Deram com as vítimas banhadas em sangue, sem sinais de vida, traspassadas por muitas flechas e cobertas de pequenas feridas, feitas com a ponta das flechas; uma criança, que se escondera atrás de uma moita, passando despercebida, contou os pormenores do lúgubre acontecimento. Como os selvagens não se retirassem depois do ataque, rondando pelas cercânias das plantações do Mucuri, foram estas abandonadas pelos proprietários, que se refugiaram na "vila". O "ouvidor" deu ordens immediatas para uma expedição, reunindo, para isso, gente armada de S. Mateus, vila Verde, Porto Seguro e outros lugares, após o que voltou ao Morro d'Arara. Daqui, com dez ou quinze homens, retomou a estrada nova, permanecendo dois dias na floresta, nivelando um curso d'água para a serraria do ministro. Os dois oficiais da marinha, que vieram com êle, empreenderam, rio acima, afim de levantar o mapa do percurso, uma viagem de dois dias, até a "cachoeira"; aí encontraram o "capitão" Bento Lourenço, cujos trabalhos já tinham alcançado êsse ponto. O "ouvidor" deixou Morro d'Arara no dia 9, voltando para a vila. Levou-nos os homens e as armas de que necessitava, para enfrentar os selvagens; mas a expedição não deu resultado, porque não encontraram os prudentes "Tapuias".

Fiquei, então, de novo, em companhia só do "feitor" da "fazenda", dos meus dois criados alemães, de cinco negros e seis ou sete índios, que iriam aos poucos, adiantando o serviço. Como os nossos "mun-deús" não capturassem muita caça nas noites de lua, resolvemos construir outros; fizemo-los em cima da montanha, de outro lado da estrada nova. Prepararam-se trinta armadilhas e três "fojos". Embora os "Patachós" nos prejudicassem muito, levando, por diversas vezes, os animais capturados, e escangalhando a cobertura das fojos, ainda assim conseguimos alguma caça, até que o local foi perturbado pelos

(295) Na Bafa o Jabuti é comumente designado pela simples denominação de "cágado". E ainda bastante comum nas matas do Rio Congô, onde me recordo de ter visto, caçados na chamada Serra do Palhão, muitos avantajados espécimens.

lenhadores, vindos da vila para construir canoas. As árvores abatidas foram a "oiticeira", o "jequitibá" e o "cedro", que, ao lado da "sergueira", que são o que há de melhor para construção de canoas.

O mês de Março chegou e, com ele, a estação fria, que começa com chuvas abundantes²⁹⁶. Fazia, às vezes, forte calor pela manhã, interrompido ao meio-dia por violentas tempestades, que ocasionalmente se prolongavam durante um ou dois dias, chovendo a cântaros. Com um tempo assim, nossa morada solitária, num pequeno e sombrio vale, na floresta, tornou-se extremamente melancólica: das matas encharcadas subiam vapores como nuvens espessas, envolvendo-nos de tal modo, que mal se podia lóbrigar mata fronteira embora tão próximo de nós. Esse tempo variável e húmido causou muitas doenças; febres e dores de cabeça fizeram-se frequentes, e mesmo os nativos aborígenes não eram delas isentos, a ponto de ser preciso mandar vários deles para a vila. Nós, estrangeiros, sofremos com especialidade; estávamos desprovidos dos remédios necessários, sobretudo de quina, de todo indispensável aos viajantes nesses climas cálidos.

A febre também atingiu, os da turma do "capitão" Lourenço, com a maior violência; ele mesmo estava muito doente e enfraquecido. Deitando-se no chão molhado da mata, com falta de bebidas fortes, não tendo para beber sinão água, e dada a absoluta carência de remédios apropriados, muita gente sua ficou tão abatida, que houve necessidade de manda-la para a vila. Até ele veio para Morro d'Arara, onde o tratámos por algum tempo, deixando-o ir mais ou menos restabelecido. De minha parte, ao perceber que a febre não me largaria, recorri à quina que existe nativa no Rio Mucuri.^{**296} Os pedaços que

(*) (Suplem.) Essa árvore foi descrita por Arruda, com o nome de *Pteraginia umbrostissima* (cf. o apêndice de KOSTER, *Travels*).

(**) Consiste essa casca de pedaços de quatro a seis polegadas de comprimento, uma e meia a duas de largura, e meia (mais ou menos) de espessura. A maioria dos pedaços são curvos, de modo que o lado de dentro forma um canal de meia a uma polegada de largura e de um sexto a um quarto de polegada de profundidade. Externamente, são pardo-avermelhados escuros, com manchas de vermelho claro; internamente, é de cor mais clara e de aparência lenhosa. O lado externo é rugoso, nervado e sulcado longitudinalmente, tendo, ademais, aqui e ali, fissuras transversais, tal como a casca de Angustura. Ainda nesse lado se vêem pontos mais altos do que o resto da superfície, de cor cinzenta e vermelho-clara, como que pertencente a uma formação exterior; trata-se, provavelmente, de um liquem que se desenvolve sobre a casca. Partindo-se, nota-se que é quebradiço e um pouco brilhante, não havendo traços de tecido lenhoso ou de fibras. Ao ser quebrada, a casca interna parece ser formada de uma só substância, que é, externamente, vermelho-escuro, brilhante e muito resinosa; internamente, vermelho-pálida, sem brilho e muito pouco resinosa. É mais pesada do que a água; o gosto é desagradavelmente amargo, mais adstringente do que o da quina vermelha; o pó assemelha-se ao da *rub. tinct.*, com a única diferença de que o da quina tende para o violeta, e o da *rub. tinct.* é pardo; não pode ser comparado com o da quina vermelha. O decocto é pardo-avermelhado escuro; misturado com uma infusão de noz de galla dá um precipitado cinzento-avermelhado pardo, tão forte como o das outras espécies de quina; com cloroto de estanho, o precipitado, mais abundante e espesso, torna-se pardo-violáceo avermelhado; com um decocto de casca de carvalho não há precipitado, mas uma mistura dos dois; com acetato de chumbo, o precipitado é de um pardo-claro sujo, tendendo para o avermelhado; o tártaro emético dá uma ligeira tonalidade de tígido, o sulfato de ferro um cinzento-escuro-azulado, e o sulfato de cobre um precipitado vermelho-pardo-acinzentado. Não se podem estabelecer dados satisfatórios sobre o uso interno dessa quina, pois não levei, com esse intuito, quantidade suficiente para o dr. Berstein, que é o autor da descrição precedente. Seu uso parece mais vantajoso na fraqueza do estômago do que o das outras espécies de quina. Não pude empregá-la nas febres intermitentes. Sobre este assunto V. também v. ESCRIBER, *Journal von Brasilien*, cap. II, p. 36.

(296) E' sabido que em toda faixa costeira do Brasil este-setentrional, ao contrário do que acontece com os estados do sul e o interior do país a estação chuvosa coincide paradoxalmente com os

me deram dessa quina, com os quais o "capitão" se curou, foram descascados muito grossos, e ainda frescos, de modo que não podiam ser reduzidos a pó. Cortámo-los, por isso, em pedacinhos, e fizemos um forte decocto, que bebemos. Os portugueses, acostumados ao clima, beneficiam-se do remédio; porém nós, alemães, achámos que éle apenas adia o acesso, o qual volta, depois, com redobrada violência. Como a falta de alimentação conveniente se tornasse cada vez mais sentida nessas precárias circunstâncias, e eu visse que não recobriria a saúde continuando a sustentar-me de feijão preto, carne gorda ou seca, a que estávamos reduzidos, resolvi transportar-me para a vila, o que fiz no dia 10 de Março. Os fortes ventos que varrem o litoral nesse período, são mais bemfazejos à saúde do que o ar abafado e humido das florestas. A descida do Mucuri foi muito agradável, pois não choveu. As provisões também escasseavam na vila, pois, na verdade, há, geralmente, muita pobreza nessas paragens; a população não tinha sino farinha de mandioca, feijão e, às vezes, um pouco de peixe: nós, doentes, tivemos, entretanto, a sorte de obter alimento conveniente, comprando alguns frangos. De vez que não parecíamos melhorar com a quina brasileira, mandámos um mensageiro à Vila de S. Mateus, o qual nos trouxe um pouco da quina legítima do Perú. Esta, de fato, deu cabo do mal, mas decorreram várias semanas antes de podermos recuperar todo o nosso vigor.

Em começos de Maio, o sr. Freyreiss, com o resto da nossa gente, apareceu no Mucuri. Tinha feito uma curta estadia em Linhares, no rio Dóce, encontrando esse povoado muito diferente de quando o visitámos. Os "Botocudos", mais audazes e ferozes do que nunca, appareceram, de novo, numa grande horda. Na margem sul do rio, perto do quartel "d'Aguiar" junto da "Lagoa dos Indios", mataram três soldados e, segundo alguns, os devoraram; enviou-se contra elles, de Linhares, uma entrada com toda a gente que se pôde reunir (cerca de trinta e oito pessoas); porém toparam tamanho número de selvagens, que acharam mais prudente bater em retirada. Em uma só das "tocaías"* havia perto de quarenta homens armados de arcos. Este desfecho da empresa levou o pânico a Linhares, cujos habitantes, dis-

(*) Tocaías são lugares que os selvagens preparam no mais esconso das florestas, onde se escondem à espreita dos inimigos. Em geral, possuem várias em diferentes locais: adiante, trataramos delas mais amúde.

mêses mais frios do ano, iniciando-se ordinariamente em Abril ou meados de Março e prolongando-se até Julho ou Agosto. A observação de Wied, concordante aliás com o que pude eu próprio observar em minha viagem ao Rio Jucuruê (cf. *Res. Mus. Paul.*, XIX, p. 37), demonstra que a zona em que tal fato se observa estende-se, pelo menos, até o sul extremo da Baía, em vez de ter o seu limite meridional na região do Recôncavo, como é corrente supôr. (cf. H. MORIZE, *Diccion. Hist. Geogr. e Ethn. do Brasil*, introd. geral, vol. I, p. 112).

(297) Wied não fornece qualquer dado botânico em que se possa apoiar qualquer tentativa de determinação do vegetal a que se referere. Tal determinação é tanto mais difficil quanto se sabe que no Brasil o nome de "quina" é applicado, com epítetos vários, a um sem numero de plantas mais ou menos comprovadamente febrífugas; não obstante, ellas, na sua maioria pertencem à mesma familia da quina do Perú, a saber as Rubiáceas, onde se incluem nos gêneros *Ladenbergia*, *Remijia*, *Coutarea*, etc., em algum dos quais é de toda probabilidade situar-se a planta a que o autor se refere.

se-nos o sr. Freyreiss, fugiam aos grupos de quatro e de oito, com medo de serem devorados pelos ferozes selvagens. A "fazenda" do "tenente" Calmon ficou em situação muito crítica e perigosa. O "guarda-mor", que estava em Linhares como prisioneiro, escapou-se para S. Mateus, o comandante do quartel do Porto de Souza desertou com seis soldados, etc., de modo que a colônia, situada numa região das mais férteis, estaria fadada a desaparecer, si o governo não adotasse as medidas adequadas.

Depois de passar umas semanas em Mucuri com o sr. Freyreiss, afim de me restabelecer completamente, partimos para Vila Viçosa, onde nos acomodámos na casa da "Camara", e donde excursionámos às circunvizinhanças.

Vila Viçosa é um vilarejo, apazivelmente situado entre coqueiros. Mantem algum comércio de farinha de mandioca, que é exportada pela costa. Diz-se que, no último ano, a quantidade exportada atingiu 9000 alqueires, no valor de 9000 crusados. Diversos habitantes possuem pequenas lanchas, nas quais exportam, por mar, o produto de suas plantações. Aí vive um carpinteiro naval alemão; trouxe-o um navio inglês, que naufragou, e atualmente exerce a sua profissão; veio logo visitar-nos; porém só muito mal fala ainda a sua língua nativa; consideram-no inglês no lugar.

Os donos das lanchas são os habitantes mais ricos e importantes. Entre eles, o snr. Bernardo da Motta distingue-se pelo bom coração e pela integridade. Conhecedor de muitas das doenças regionais, possuindo bastante experiência, adquirida gradualmente, esforçou-se em ser útil aos contrerrâneos enfermos, aconselhando-os e dando-lhes bons remédios. No clima quente do Brasil, os habitantes estão sujeitos a numerosos males, sobretudo a várias enfermidades da pele e a febres persistentes, que, tratadas convenientemente por médicos ou cirurgiões, são, de certo, muito pouco perigosas, mas das quais morrem muitas pessoas, devido à falta da assistência necessária ou ao tratamento impróprio. O snr. da Motta tentou, em Viçosa, atenuar esse inconveniente tanto quanto possível; embora não tenha conhecimentos médicos profundos, a experiência ensinou-lhe muitos tratamentos excelentes e práticos; e dada a modéstia com que age, adotando tudo de bom e útil que lhe comunicam, seus conhecimentos e o alcance dos seus benefícios vão-se continuamente dilatando.

O maior serviço que o rei poderia prestar aos súditos, no Brasil, seria a distribuição de médicos e cirurgiões competentes pelos diferentes pontos do país, e o estabelecimento de boas escolas públicas, afim de, gradualmente, dissipar a rude ignorância e a cega superstição, que acarretam e espalham entre o vulgo, tantas misérias e males. Tais escolas são de todo inexistentes. Padres arrogantes, a que tanto falta a energia quanto a vocação para o ensino e a educação do povo, têm, pelo contrário, contribuído ativamente para recalcar a razão sadia e o exercício do raciocínio, e impedir o progresso intelectual. Apesar

de toda a rusticidade, o vulgo possui, em alto grau, amor próprio e orgulho, combinados a uma ignorância completa da situação do resto do mundo; o que se deve atribuir, sobretudo, ao pernicioso sistema, seguindo outrora por Portugal, de inteira exclusão do Brasil do intercâmbio internacional. Um estrangeiro é aí considerado com espanto, ou como algo de semi-humano. Deplorando esse obscurantismo, o amigo da humanidade deve rejubilar-se com as esperanças que o presente governo, mais esclarecido, permite alimentar.

O rio Peruípe, regularmente largo, forma, antes de desaguar no oceano, dois braços, dos quais a Barra Velha se considera situada a 18° de latitude. Para cima, as margens são deshabitadas, tendo-se aí estabelecido, contra os "tapuias", o "quartel" de Caparica. Diante da foz há bancos de areia, que tornam a navegação insegura. Durante a nossa permanência no lugar, uma lancha carregada de farinha naufragou no rio, morrendo quatro homens. As célebres ilhas rochosas denominadas Abrolhos, terror dos navegantes, ficam próximo, entre Caravelas e Viçosa, a poucas milhas da costa: pescadores dirigem-se para ali, demorando vários dias ou mesmo semanas, e conseguindo muito peixe e tartarugas. As ilhas são cobertas de mato rasteiro, onde muitas aves marinhas fazem os ninhos, especialmente as "grapirás" (*Halieus forficatus*)²⁹⁸.

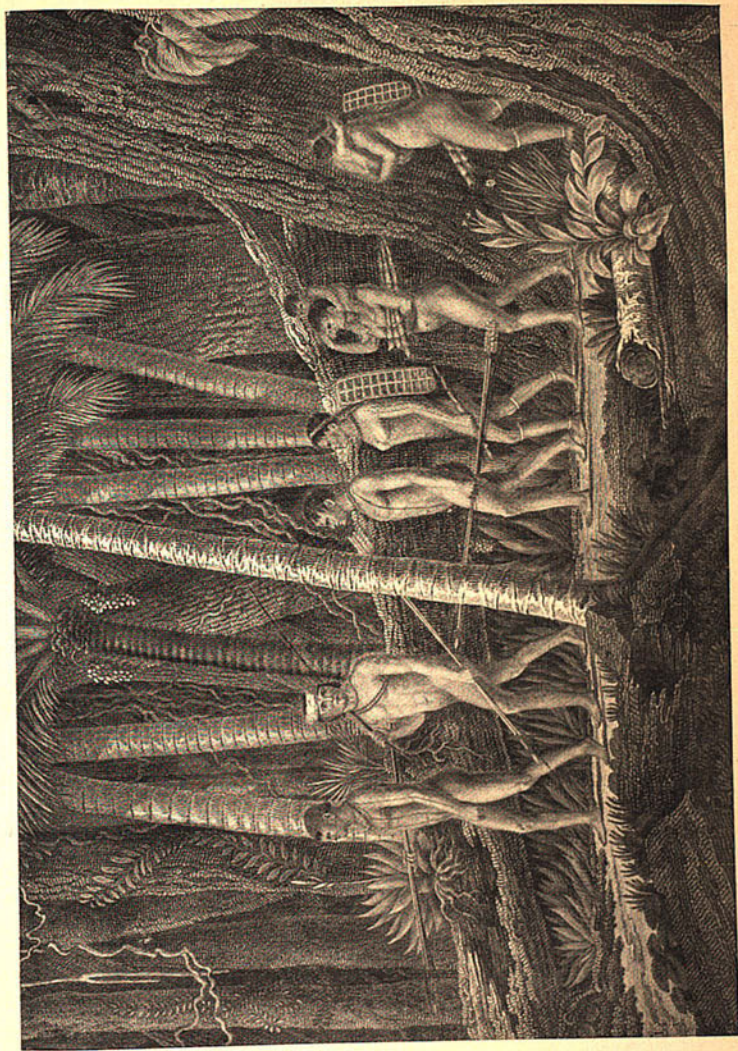
Nas cercanias de Viçosa há extensas e belas florestas, a esse tempo parcialmente inundadas pelas chuvas frequentes. Árvores altas espalhavam sombras amenas; encontrámos, sobretudo, numerosos coqueiros, cujas espécies conhecidas pelos habitantes se vêm na lista anexa. Conhecem-se, na região à margem do Mucuri e do Peruípe, as seguintes espécies de palmeiras, todas elas tendo os caracteres externos do género *Cocos*; mas não se pode estatuir definitivamente que pertençam, sem exceção, ao mesmo, porque não tive-mos oportunidade de examinar as flores de todas. A esse respeito, os botânicos nos poderão, com um exame mais acurado, dar melhores informações.

A. Espécies de palmeiras sem espinhos.

1. CÔCO DA BAFÁ (*Cocos nucifera*, Linn.)²⁹⁹ não dão em estado selvagem, porém muito comumente cultivados, no litoral, do Mucuri,

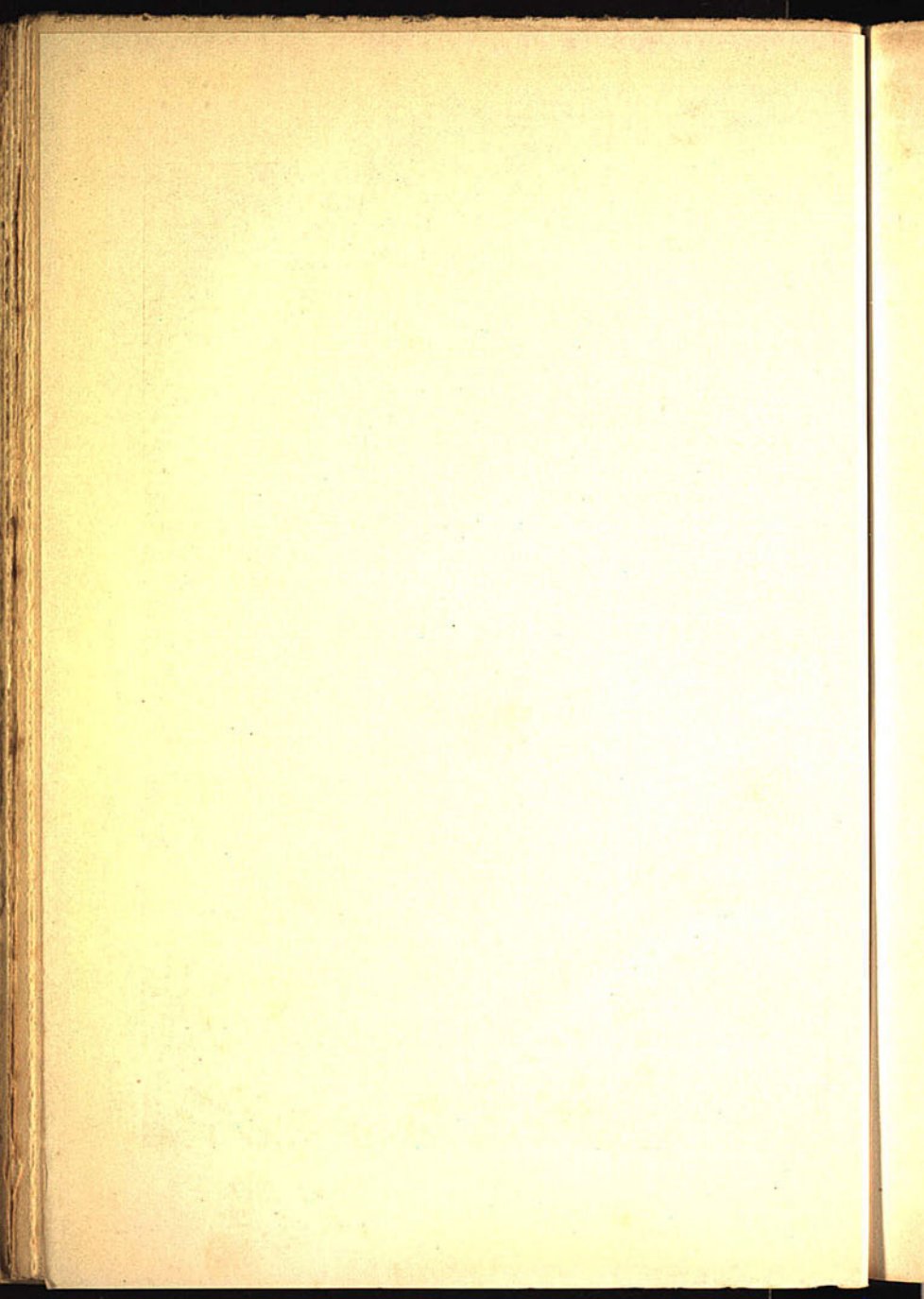
(298) A espécie referida pelo viajante corresponde à *Fregata magnificens rothschildi* Math. da hodierna nomenclatura. Ela e as suas congêneres são ainda ordinariamente mencionadas nos livros didáticos com o nome de "fregata", por influência dos autores europeus, franceses em particular. Tal denominação é, entretanto, inteiramente estranha à língua de nosso povo, que, em compensação, conhece a ave por número avultado de apelações, variáveis para cada região, como "joão-grande" (Rio, São Paulo), "alcatra" (sul do Brasil), "tesourão", "passaro do sul" (Recôncavo), etc., sem falar no nome indígena "grapirá", ainda usual em alguns lugares. Em Fernando de Noronha e Trindade ocorrem espécies intimamente aparentadas com a que frequenta o nosso litoral.

(299) Wied escreve invariavelmente "Cocos", em lugar de "côco": "Cocos da Bafá", "Cocos de Imburi", etc. Essa grafia imprópria trõe o pouco conhecimento do viajante com a nossa língua e cumpria retificação na presente tradução. Si o chamado "côco da Bafá" ou "côco da praia", como é mais ordinariamente conhecido no Nordeste, existia no Brasil antes do descobrimento, fazendo parte da flora indígena, ou si é planta exótica para aqui importada, é assunto ainda hoje muito debatido. A opinião mais corrente, já adotada por MARTIUS (Cf. *Viagem pelo Brasil*, ed. bras., II p. 39) é a de que seja originário das ilhas do Pacífico ou do Oceano Índico, onde ele existe, ao lado de outras



Purís na mata.

(Est. 3).



isto é, de 18°, para o norte, até Baía e Pernambuco; para o sul é muito raro. Caracterizam-se, quando novos, por um espessamento na base do caule, junto ao solo.

2. CÔCO DE IMBURI; de folhas estreitas de regular comprimento, branco-prateadas em baixo, de um verde brilhante em cima; produzem cachos de coquinhos muito duros, que só os selvagens comem.

3. CÔCO DE PINDOBA*; não tem caule, brotando, apenas, do solo, belas folhas compridas; rente ao chão há um cacho de côcos comestíveis.

4. CÔCO DE PATI; tem um caule alto e grosso, vastas, pujantes e colossais "frondes", e magestosa aparência; o cacho de frutos é muito grande, constituído de numerosos e duros coquinhos.

5. CÔCO INDALÁ-ASSÚ; de caule alto e forte, lindas e largas palmas, e *rachis* lenhoso e rijo; as *pinnulae* são muito lisas, de bordos não denteados, pontudas, de um verde-escuro brilhante em cima, em baixo de um brilhante verde-claro. Dá um grande cacho de frutos, de numerosos côcos comestíveis de cinco polegadas de comprimento. O cacho é tão grande que um homem o não pode carregar. É uma árvore de porte magestoso, a mais bela das palmeiras da região; havia, na Lagoa d'Arara, algumas grandes e imponentes árvores dessa espécie.

6. CÔCO DE PALMITO, no Rio Doce, e mais ao sul; para o norte, às margens do Mucuri, conhecido por CÔCO DE JISSARA. Os mais elegantes de todos. Caule muito alto e esguio; coma pequena, formada de oito ou dez lindas folhas verde-brilhantes, luxuriantemente empenachadas, arqueando-se como plumas de avestruz. Sob a copa, o caule cinzento-prateado mostra uma excrecência de três a quatro pés de comprimento, contendo as folhas novas e as flores que formam como que uma medula, comestível e chamada "palmito". Entre a parte lenhosa do caule e a excrecência verde contendo a medula, cresce e pende o cacho de flores amarelas. O cacho de frutos é pequeno, constituído de coquinhos pretos, que mal chegam ao tamanho de uma avelã.

(*) Nas diversas variedades de palmeiras acima enumeradas, os nomes acrescentados a palavra "côco" são, em sua maioria, os reais nomes antigos, provindos da língua dos Tupinambás e outras tribos Tupis aparentadas. Assim, por exemplo, um famoso chefe indígena era chamado *Pindobassú* ou grande palmeira Pindoba. Vide SOUTHEY'S, history, etc. vol. I, p. 289, e outros trechos.

palmeiras estreitamente afins (cf. A. J. SAMPAIO, *Phytogeographia do Brasil*, São Paulo, Cia. Edit. Nac., 1934, p. 199).

Quanto às inúmeras espécies que o autor menciona pelos seus nomes vulgares, nem sempre é fácil identificá-las com satisfatória precisão; não obstante, feita esta ressalva, e advertindo que alguns nomes vulgares se aplicam frequentemente a mais de uma espécie, enquanto as denominações técnicas podem estar também antiquadas, apresento a seguir uma tentativa de sua determinação: "imburi", "imbiri", "pati" ou simplesmente "biri", *Diplazium caudex Mart.*; "pindoba", *Attalea compita Mart.*; *Diplazium caudex Mart.*; "indalá-assú" ou "indalá", *Attalea in-daya Drude*; "palmito doce", *Euterpe edulis Mart.* e "jissara" ou "jussara", *Euterpe oleracea Mart.*; "piassava" ou "piacaba", *Attalea funifera Mart.*; "aricuri", *Cocos schizophylla Mart.*; "airi-assú" ou "airi", *Astrocaryum ayri Mart.*; "tucum" ou "ticum", *Bactris acanthocarpa, Mart.*

7. CÔCO DE GURIRI (o *Pissandó* dos índios). Palmeira anã, que dá na areia das praias : de folhas lisas, porém arqueadas como plumas ; as *pinnulae* são, muitas vezes, um pouco enroladas para o lado de dentro e, ao mesmo tempo, duplas. Próximo ao solo há um espádice, contendo coquinhos, que, na origem, é algo pontuda e revestida por uma polpa doce, vermelho-amarelada, comida na região.

8. CÔCO DE PIASSABA ou PIAÇABA ; uma das mais úteis, notáveis, e, ao mesmo tempo, belas das espécies ; o fruto é do tamanho e forma do N.º 5, e um pouco pontudo. Começa a aparecer nas proximidades de Porto Seguro, tornando-se cada vez mais frequentes daí para o norte, e sendo mais abundantes na "comarca" de Ilheos. Seu estipe é alto e forte, as *pinnulae* algo destacadas das folhas, todas as *frondes* porém, subindo erectas, e não pendentes como nas outras espécies ; daí ter essa curiosa palmeira semelhança com uma pluma turca de penas de garça. A bainha, quando seca, reduz-se a fibras lenhosas, finas e muito compridas, com que se fazem cordas para navios. O duro côco é trabalhado para a confecção de rosários.

9. CÔCO DE ARICURI ou ARACUÍ : palmeira de quinze a dezoito pés de altura, crescendo na areia das praias, nas vizinhanças de Alcobaga e Belmonte, tendo três, quatro ou mais folhas, cujos pecíolos mostram, na origem, de ambos os lados, excrescências rombas e aculeiformes. Quando as *frondes* cáem, ficam os pedúnculos : tornando-se estes em hastes curtas e muito ásperas. As *frondes*, elegantemente arqueadas, são verde-brilhantes e lisas. O cacho é formado de numerosos frutos drupáceos, redondos e do tamanho de uma ameixa grande, revestidos de uma saborosa polpa alaranjada. Fazem-se, com as folhas, chapéus leves.

B. Espécies tendo espinhos verdadeiros.

10. CÔCO DE AIRI ASSÚ ; a grande palmeira airi (conhecida, em alguns pontos de Minas Gerais, por "brejeúba", cujo só estipe tem 20 a 30 pés de altura, de cor pardo-escura e totalmente coberto de espinhos do mesmo tom, dispostos em anéis. O cacho é constituído de coquinhos trigueiros, muito duros, ovais, um pouco acuminados, do tamanho de uma ameixa. Nos lugares em que é abundante, a palmeira forma capoeiras impenetráveis : medra nos matos enxutos. Não se encontra mais ao norte ; não a observei mesmo nas circunvizinhanças de Porto Seguro. Por isso, enquanto os Purús, os Patachos e os Botocudos do Rio Doce fazem os arcos do lenho dessa árvore, as tribus que vivem mais para o norte, inclusive os Botocudos do Rio Grande de Belmonte e os Patachós de Rio do Prado, empregam, nesse mistér, o "pao d'arco" (*Bignonia*).

11. CÔCO DE AIRI MIRIM (pronunciado *miri*), de caule esguio e espinhoso, e folhas rentes ao solo e ao longo do caule ; o fruto é pequeno, comido pelas crianças.

12. CÔCO DE TUCUM ; tem um caule de quinze pés de comprimento, crescendo nos charcos ; ao passo que o airi prefere os lugares secos. Caule e folhas espinhosos. O fruto é um coquinho preto, contendo uma amêndoa comestível. Quebrando-se as *pinnulae*, aparecem delicados fios verdes, muito resistentes, que são trançados sob a forma de barbantes e assim usados na confecção de belas rédes verdes de pescar e para outros fins.

Apesar de todos os caracteres diferenciais que essas várias espécies de palmeiras apresentam aos olhos do botânico, a maioria possui uma forma comum ; as do gênero *Cocos*, de caule esguio, em algumas mais grosso em cima, noutras em baixo, e em outras, inda, de diâmetro todo igual, na maioria delas, inclinado, provido de anéis salientes e com a parte mais alta anelada ou escamosa ; as folhas são penadas, como penas de avestruz, bela e graciosamente arqueadas, com *pinnulae* crespas ou um tanto encaracoladas, em algumas, n'outras, erectas ; são crespas e prateadas na "imburi" graciosamente recurvas, qual uma pluma, na "jissara" ; altaneiras, fortes, largas, projetadas em todas as direções e pendentes para o solo na bela e imponente "ndaia" ; subindo verticalmente a grande altura na "piassaba", etc.

Resulta, do que ficou dito, que a região pela qual viajei é muito mais pobre de variedades de palmeiras do que as do continente sul-americano situadas mais perto do equador, nas quais Humboldt encontrou grande multiplicidade dessas magníficas plantas, de que nos dá encantadora descrição nos seus admiráveis "Quadros da Natureza"*. Relacionados com as palmeiras, nos altos pontos dos Andes do Perú, existem os fetos arborescentes (*Filix*), que se não encontram na costa oriental brasileira, embora, erroneamente, alguns trabalhos modernos sobre esta região os registem a³⁰⁰. Em compensação, as espécies baixas dessa família são numerosas e várias, tanto no solo como sobre o tronco das árvores. Entre elas, a *Mertensia dichotoma* é comum no Mucuri e nas cercanias de Caravelas : cresce nas árvores a boa altura e distingue-se pelo crescimento dicotômico. A haste lisa, bruna e luzidia, esvasiada da medula pelos negros e usada nos cachimbos, com o nome de "canudo de samambaia".

As florestas dos arredores de Viçosa não nos interessaram apenas sob o aspecto botânico, mas também zoológico. A estação fria, obrigando as aves da mata a arribar, em grande número, do interior para

(*) Ansichten der Natur, p. 243.

(300) Si Wied houvesse conhecido as matas da cordilheira marítima nos estados meridionais verificaria a improcedência, de sua tão categorica contestação. Os grandes fetos arborescentes são elementos ali eminentemente característicos, contando-se em número avultado as suas espécies ; a "samambaia real" ou "samambaiussú" (*Dicksonia sellowiana*) é particularmente notável pelo seu caule robusto, liso e erecto que não raro atinge a 6 metros de altura, enquanto que outras samambaias, como *Alsephia corcorandensis*, assinala-se pelo seu caule longo e flexuoso, sempre revestido pelas porções bases das folhas emurchecidas. Veja-se a esse respeito SPILX & MARTIUS, *Viagem pelo Brasil*, diç. brasil. vol. II, p. 59.

o litoral, permitiu aos nossos caçadores matar inúmeros papagaios, sobretudo maitacas (*Psittacus menstruus*, Linn.), tucanos, etc., que nos serviram de alimento. A carne do papagaio dá um caldo muito forte, mas não tive nenhuma confirmação do assêrto de Southey*, de que é usada como remédio. A linda cotinga negro-purpurea (*Ampelis atro-purpurea*) era frequente nessas florestas; o belo e azul "quiruá" ou "crejoá" (*Ampelis cotinga*, Linn.)³⁶¹, que se distingue, pela esplêndida plumagem azul, de todos os pássaros do Brasil, era menos comum no Mucuri, bem como uma nova espécie de papagaio*³⁰², etc. A incomparável plumagem do quiruá é empregada pelas freiras da Baía na confecção de lindas flores feitas de penas. Entre os passaros menores, podemos apontar a *Nectarinea cyanea* (*Certhia cyanea*, Linn.) e a *Spiza*³⁰³, às quais se dá o nome genérico de "saf". Conseguimos, também, belas serpentes, como sejam vários espécimens de "jararacas" e uma pele de "giboia" (*Boa constrictor* de Daudin)^{***}, que não existe na África como afirmam alguns autores, mas é, no Brasil, a espécie mais comum do gênero.

A 11 de Junho deixámos Viçosa e partimos para Caravelas, onde esperei pela chegada do Casqueiro do Rio de Janeiro.

(*) Southey, *History of Brazil*, vol. I, p. 617.

(**) Cinco polegadas e nove linhas de comprimento; cauda curta; verde: o peito, o ventre e os lados tendendo ao azul; dorso côr escura de café; uropígio quasi inteiramente negro; as duas penas medianas da cauda, verdes, as inferiores avermelhadas, as outras de um lindo vermelho com largas extremidades negras. No Museu de Berlim, essa ave está classificada sob o nome de *Psittacus melanonotus*. O principal característico da espécie, só nítido, porém, no espécimen fresco, é a orla cutânea do olho, glabra e côr de vermelhão.

(***) No livro de Seba, encontram-se as seguintes figuras de *Boa constrictor*, que é fácil de identificar pelas suas manchas alongadas de ponta romba e truncada: tomo I, tab. 36, fig. 5 (de que parecem variantes tab. 53, fig. 1 e tab. 62, fig. 1); tomo II, tab. 101 (da qual parecem variedades tab. 100, fig. 1, tab. 104 e tab. 108, fig. 3).

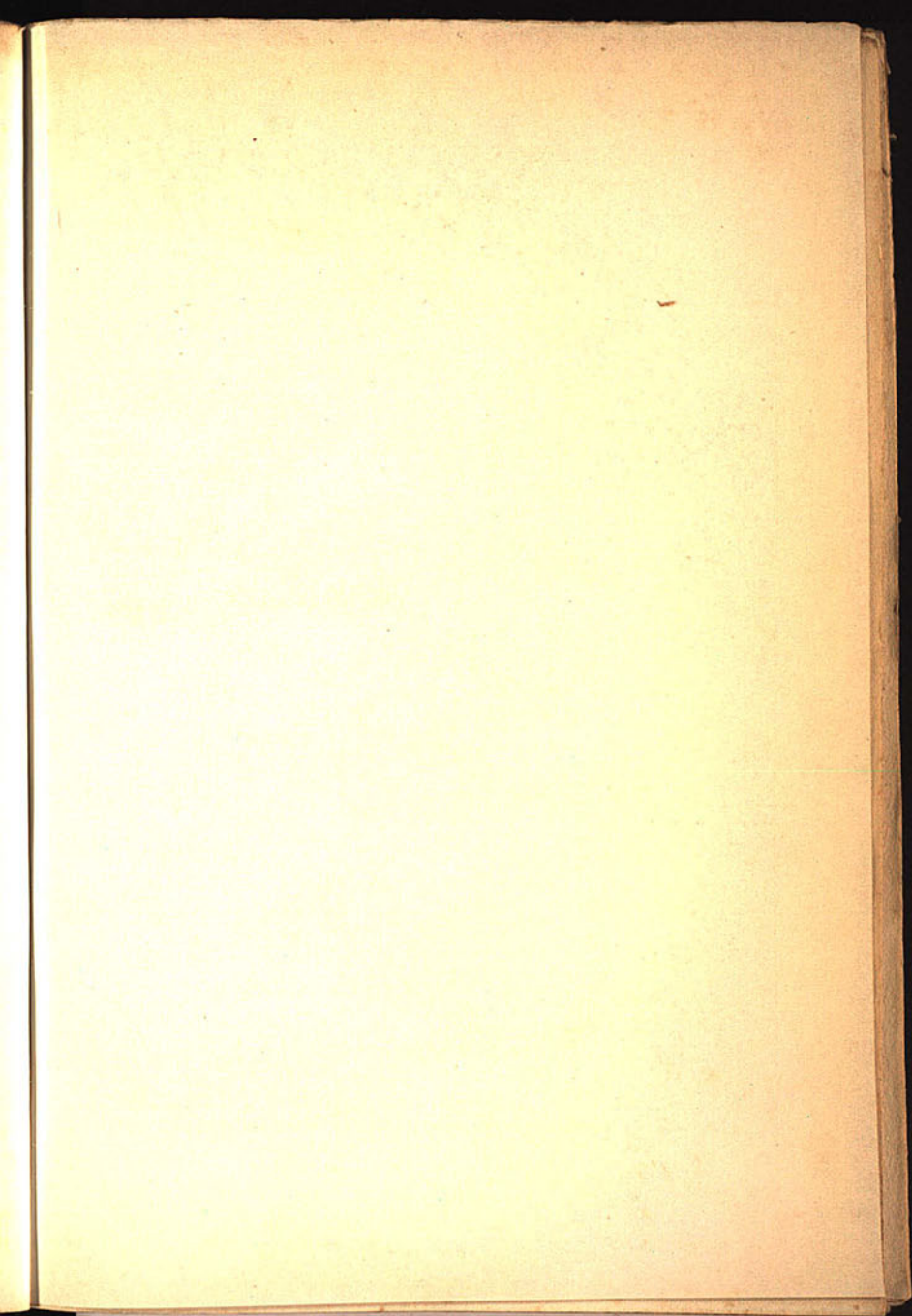
(301) *Cotinga maculata* (Müller), nome atual.

Houve engano do autor em reconhecer o pássaro balano em *Ampelis cotinga* Lin., espécie baseada na "Cotinga" de Brisson, ave da Amazônia. *Ampelis maculata* Müller (1776), com base na estampa 188 de Daubenton, têm em sua sinonímia *Ampelis cincta* Kuhl, 1820, de uso clássico, até pouco tempo atrás.

A ave é longe de ser comum; durante minha permanência na Cachoeira Grande do Rio Jucuruçú não conseguí colecioná-la, nem mesmo avistá-la; vi-a, porém, ao descer o rio, no lugar chamado Ponte do Gentio (nome que aparece repetidamente nos rios da região).

(302) A espécie *Urochroma wiedi* Allen da nomenclatura hodierna, vem descrita nas "Beiträge", com o nome de *Psittacus melanotus* "Licht.", tornado inválido pela existência de um homônimo anterior (Shaw, 1798). Deve ser hoje rara, não tendo sido por mim encontrada durante a viagem ao sul da Baía, onde, entretanto, pude conseguir numerosos espécimens de *Urochroma surda* (Kuhl), sua próxima parenta. Larga deveria ter sido, todavia, sua primitiva distribuição, visto que ia até o sul de S. Paulo (Iguape).

(303) *Cyanerpes cyanea cyanea* (Linn.), vulgarmente "saf", "safra", "sapítica", etc., foi já referido às notas 47 e 238. A segunda é *Chlorophanes spiza axillaris* Zimmer.





Choças dos Patachós.

VIAGEM DE CARAVELAS AO RIO GRANDE DE BELMONTE

*Rio e Vila de Alcobaça. — Rio e Vila do Prado. —
Os Patachos. — Os Machachalis. — Comechatibá. — Rio
do Frade. — Trancozo. — Porto Seguro. — Santa Cruz.
— Mogiquiçaba. — Belmonte.*

Após uma espera de quatro semanas em Caravelas, o tão desejado "Casqueiro," chegou, afinal. Trouxe-nos do Rio de Janeiro muitas coisas de que estávamos necessitados, e recebeu as nossas coleções, enviadas a amigos nossos da capital. O "capitão" Bento Lourenço também chegara a Caravelas, logo depois de ter concluído a estrada. Dirigia-se ao Rio, onde, como subsequentemente nos contou, recebeu uma comenda como prêmio dos seus esforços, além da patente de coronel e do encargo de inspetor da estrada do Mucuri. Terminados os nossos negócios, encetei viagem para o norte, ao longo da costa; ao passo que o sr. Freyreiss e sua gente ficaram no Mucuri.

Parti de Caravelas na manhã de 23 de Julho. Embora o período mais frio desses climas já tivesse começado, o calor, no dia referido, estava abafante. Os habitantes da região eram atacados frequentemente de tosse, resfriados e dores de cabeça; pois o que chamam de inverno tem, sobre seus organismos acostumados ao calor, a mesma influência que a primeira geada de novembro ou dezembro exerce sobre nós. Muitas pessoas morreram em Caravelas de doenças causadas pelas mudanças de temperatura, ao passo que nós estrangeiros, as suportámos melhor. A planura escampa em que está situada Caravelas é cercada de matas e cerrados pantanosos, onde se distribuem as plantações dos moradores. Essas matas são muito mais aprazíveis na estação bela do ano do que na de então; pois me pareceram muito mais bonitas quando as visitei de novo, no começo da primavera, no mês de novembro.

O canto alegre do sabiá (*Turdus rufiventris*) vinha da sombra espessa dos coqueiros, entre os quais encontrei, acidentalmente, um que deitara raízes no tronco excavado de uma grande árvore e já crescera a considerável altura. Cavalga-se por essa floresta até à foz do rio Caravelas, onde uma dúzia, mais ou menos, de cabanas de pescadores forma uma pequena "povoação". Da "barra" ou embocadura do rio, que é espaçoso e navegável, segue-se o plano arenoso da praia, contra a qual o oceano, agitado pelo vento, arremessa, com estrondo, as va-

gas espumejantes. Do lado da terra, a praia é orlada por densos bal-sedos, enfezados pela ventania; formam-nos árvores e arbustos, de folhas verde-escuras, assemelhando-se às do loureiro, algo leitosa, su-marentas e rijas; bem como as duas variedades de *Clusia*, de lindas flores brancas e róseas, que dão em abundância por toda a praia lito-rânea. Aí, como em toda a costa oriental se encontram frequentemente o arbusto conhecido por "almecega" (*Icica*, *Amyris*, *Aublet*)³⁰⁴, que é em todas suas partes muito aromático. Do mesmo exsuda uma goma extraordinariamente cheirosa, de usos vários, sobretudo como pez ou resina para navios e como bálsamo e remédio para feridas. Gran-de parte dos cerrados da costa arenosa é constituída pelas duas espé-cies de coqueiros de "guriri" e de "aricuri"³⁰⁵, muito comuns no li-toral, e já mencionados a propósito da nossa estadia no Mucuri. A pri-meira estava então em flor e carregada de frutos verdes; a outra é mais bonita, atinge 15 a 20 pés de altura onde o vento não sopra com demasiada violência; na costa, porém, é menor. Os belos frutos re-dondos e côr de laranja têm gosto adocicado, mas dizem não serem saudáveis. Na areia firme e plana, além do alcance da arrebenção das vagas, rasteja uma linda campanulácea purpúrea (*Ipomoea litto-ralis*)³⁰⁶, de caule pardo-escuro, semelhante a uma corda, e folhas gros-sas, leitosas, oval-arredondadas; encontrei-a em quasi todo o litoral, onde se prende na areia. O mesmo acontece com duas espécies de flo-res amarelas da classe diadelfia, uma, rastejante, espalhando-se pelo solo, nova espécie de *Sophora*; outra, a *Guilandina Bonduc*, Linn., com muitas vezes 3 a 4 pés de altura e uma capsula curta, larga, espi-nhosa, muito áspera. Entre essas plantas, o duro capim da costa (*Re-mirea littoralis*) medra abundantemente por toda a parte.

À tardinha, alcançamos uma rápida corrente, denominada Barra Velha, porque é a velha ou primitiva bôca do rio Alcobaça, que atin-gimos logo depois. Essas pequenas correntes do litoral constituem, muitas vezes, sérios obstáculos ao viajante, podendo detê-los durante seis ou oito horas. Chegámos ao Barra Velha no pior tempo: estava muito caudaloso e veloz; não nos restava senão descarregar os mu-a-res e fazer alto. Mais atrás dentro do cerrado, viviam algumas pessoas, circunstância essa que só fomos conhecer posteriormente. Sentados por detrás do tronco tombado de uma árvore antiga, que de certo modo nos acobertava da cortante viração marinha, a qual varria sobre nós a areia fina da praia, logo acendemos uma viva fogueira, em cujo

(304) "Almecega da praia", *Amyris brasiliensis* Spreng., ou *Icica maritima* Cazar.

(305) Convém não confundir o "aricuri" (*Cocos schizophylla* Mart.) com o "ilcuri" ou "ouricuri", outra palmeira (*Cocos coronata* Mart.) que mais tarde o autor iria encontrar em sua viagem de Conquista à Bala. O primeiro é também chamado "licurioba" no Riêncavo e adjacências.

(306) "Salsa da praia", "batata da praia" ou ainda "gitirana" (*Ipomoea pes-caprae* Sweet.), planta rasteira comum em todas as praias arenosas do Brasil oriental e fácil de reconhecer pelas suas flores campanuliformes e róxas.

derredor nos deitámos nos cobertores e capotes. Af vimos uma das belas fragatas (*Pelecanus Aquilus*, Linn., *Halieus*, Illig.)³⁰⁷ que se mostram na costa brasileira, voando a grande altura, em bandos de quatro, cinco ou mais ainda. Após uma pobre ceia, passámos a noite nesse triste local, muito pouco protegidos, pelos capotes, do vento áspero. Por isso, saudámos alegremente a alvorada do dia, que nos convidou a continuar a viagem; mas só às dez horas a maré baixara bastante para permitir que os animais passassem a nado; o pessoal transportou a bagagem na cabeça.

Desse ponto, alcançámos em pouco tempo a foz do Alcobaça, bastante larga. Próximo ao oceano, as margens são cobertas de densos manguesais, porém logo depois substituídos por florestas imponentes e sombrias. Não longe da foz, na margem norte, ergue-se a Vila de Alcobaça numa branca planície arenosa, atapetada de capim rasteiro, mimosas rastejantes, *Plumbago* de flores alvas, e das belas flores róseas da *Vinca rosea*. Alcobaça tem cerca de duzentas casas e novecentos habitantes; a maior parte dos edifícios são cobertos de telha, e a igreja é de pedra. Faz-se aí, como em toda a costa, algum comércio de farinha de mandioca, de que se exportam anualmente, segundo se diz, perto de quarenta mil alqueires para as principais vilas do litoral, e para todos os lugares em que o referida planta não dá tão bem. Algumas lanchas se empregam no transporte do produto, trazendo de volta outros artigos da Baía. Esses pequenos barcos vão longe rio acima, isto é, até à plantação do sr. Munis Cordeiro, um dos mais importantes moradores de Alcobaça, cujo excelente carácter lhe grangeou merecida reputação entre os contrerrâneos.

O rio Alcobaça, denominado "Tanien", ou "Itanien" ("Itanhem") no primitivo idioma brasílico, é abundante de peixe; dizem que até "manatis"³⁰⁸ foram nêles capturados; a barra tem leito arenoso, com 12 a 14 palmos d'água de profundidade, podendo ser transposta por sumacas pesadamente carregadas. Os seus "sertões", ou sejam as seculares florestas de ambas as margens, são habitadas pelas tribus selvagens dos "Patachós" e "Machacaris", a que já nos referimos por diversas vezes, e as quais, nessas paragens e mais ao norte, visitam pacificamente as moradas dos brancos, oferecendo, em ocasiões, cêra ou caça em troca de outros produtos. Não os pudemos ver então, porque se tinham interhado na mata. Nas florestas do Alcobaça são abundantes as madeiras de lei e as plantas úteis; o "páu-brasil", por exemplo, e, sobretudo, uma profusão de "jacarandá" "vinhatico", extraídos pelos índios civilizados, que formaram o núcleo original da Vila, mas substituídos, atualmente, na maior parte, por brancos e negros. Alcobaça é um lugar salubre, de atmosfera constantemente purificada pela viração marinha; entretanto, durante grande parte

(307) E' a "grapirá" ou "João grande", já referido pelo autor, páginas atraz (v. nota 298).

(308) Nome pelo qual, os europeus, de ordinário, conhecem o "peixe-boi" (*Trichechus inunguis* (Pelz.) e seus afins (cf. nota 263).

do ano, os ventos e as tempestades são muito desagradáveis. A 5 léguas ao norte do Alcobaça, o Rio do Prado desemboca no mar; outrora, os aborígenes da região chamavam-no *sucurucú**³⁰⁹. O caminho até lá, pela costa, seguia a praia compacta e plana, onde o oceano se quebrava com fúria, encrespado pelo vento impetuoso. Nos densos bosques de palmeiras "guriri" e "aricuri", que se prolongavam pelo litoral, sobranceadas por árvores mais altas do gênero do loureiro, era muito frequente uma pequena espécie de *Penelope*, que parece estreitamente aparentada à "parraqua" (*Penelope parraqua*, Temminck). É conhecida por "aracuan"^{**}³¹⁰ na costa oriental, sendo muito procurada como ótima carne pelos caçadores; em tamanho como em gosto se assemelha bastante aos nossos faisões. Meu cão, caçando constantemente pelos matos, topou muitas dessas aves, que sempre alçavam vôo aos pares, numa grande vozeria; não era fácil balea-las, de vez que as moitas, atulhadas de plantas espinhosas, eram muito intrincadas.

Ao meio-dia, chegámos a outra Barra velha, antiga bôca do Rio do Prado, que os muares puderam vadear carregados, pois estava justamente na época da baixa. Do outro lado, perto do Rio do Prado, também havia manguesais, ficando a Vila na margem norte, num plano arenoso um pouco elevado. Estendidos na areia da margem, tivemos de esperar muito tempo, antes que alguns moradores se lembrassem de vir buscar-nos numa canôa. Deram-nos um pouso suportável na "casa da Camará".

A Vila do Prado, formada com índios no começo, é menor que a de Alcobaça; com efeito, conta apenas de 50 a 60 casas e 600 habitantes. As casas são em parte construídas em fila, em parte espalhadas num branco terraplano arenoso. A *Vinca rosea* acoberta esse solo ardente, onde nossos muares só encontraram escasso e ruim sustento. O lugarejo é ainda mais desprovido de recursos do que Alcobaça. Umas poucas "lanchas" mantêm pequeno comércio costeiro de farinha de mandioca, de que se exportam, anualmente, 8000 alqueires, ao lado de algum açúcar e outros produtos das matas e das plantações. O rio

(*) A *Corografia Brasilica* escreve *Jucurucú* mas os habitantes da região pronunciam, sem discrepância, *sucurucú*.

(**) A primeira vista, a "aracuan" parece ser a mesma "parraqua"; as é, sem dúvida, uma espécie diferente, pois é sempre muito menor, e tem a cor da plumagem também algo diversa. Parece ser o *Phasianus garrulus* de Humboldt.

(Suplem.) Imagino agora que a *aracuan* ("Aracuan") possa ser também diferente de *Phasianus garrulus* de Humboldt, embora aceite considera-las idênticas; penso porém que deve ser separada "parraqua". Matámos muitas dessas aves e nunca observámos nelas nenhuma diferença na cor, apresentando-se-lhes o abdomen invariavelmente branco; penso, por isso, que o Sr. Temminck erra quando acha que este penelope de barriga branca é o jovem da "parraqua".

(309) A pronúncia brasileira é de fato *Jucurucú* (cf. OLIV. Pinto, *Rev. Mus. Paul.*, XIX, p. 32 e 33), embora sôasse "Sucurucú" aos ouvidos germânicos do autor, que invariavelmente grafava o nome desta última maneira.

(310) Coube a Spix reconhecer a individualidade desta espécie, a que ele chamou *Penelope aracuan*. Pertence hoje ao gênero *Oriolus*, tendo ficado *Penelope* privativo aos jacás. Mais para o norte (Piauí, Maranhão, etc.) vive uma outra, muitas vezes confundida com a primeira, *O. spixi* Hellmayr. Veja-se a nota 305 supra e O. PINTO, *Rev. Mus. Paul.*, XIX, pp. 57-60.

é de razoável largura, abundante em peixe, a "barra" não é má para a navegação, pois deixa entrar sumacas carregadas. Por ordem do governo, nosso patrício, Major Feldner, engenheiro, partindo de Vila do Prado, penetrou nas florestas em direção noroeste, afim de abrir uma estrada para Minas Gerais. Entrou em contenda com o "ouvidor", Marcelino da Cunha, que lhe não deu apoio, e, como dependesse inteiramente das providências deste, o empreendimento falhou por completo. O Major Feldner foi obrigado a passar algum tempo numa ilha : aí casu doente, e passou tantas privações com o seu pessoal, que chegaram a matar um cachorro para saciarem a fome. Um botocudo manso, chamado Simão, curou-o de uma febre violenta com um copo de mel, que conseguiu para êle. Depois de tomá-lo, começou a suar fortemente, o que deu cabo do mal.

As plantações dos moradores de Prado ficam esparsas nas matas à beira do Jucuruçú. Essas brenhas abrigam grande número de animais bons de caçar ; belas variedades de madeiras e frutos silvestres. O páu-brasil é abundante ; os sapateiros usam-no para tingir o couro de preto ; juntando-se cinzas à tinta, torna-se avermelhado "róxo". Entre as aves que animam as florestas, perto da vila, a aracua acima mencionada é muito comum ; os habitantes caçam tucanos e papagaios em grande quantidade, comendo-os nas festas como petiscos, pois que, em geral, a farinha de mandioca, o feijão preto, a carne seca e, algumas vezes, um pouco de peixe constituem a alimentação constante dos brasileiros, a que o viajante tem que se acostumar. A principal dentre as pragas naturais da região é o "bicho do pé" (*Pulex penetrans*), muitíssimo comum na areia litorânea ; são abundantes mesmo nas casas, sendo necessário, por isso, examinar frequentemente os pés.

Caindo um aguaceiro, e tendo, além disso, fugido um dos burros, fui obrigado a permanecer dois dias nesse lugar arenoso e triste. No segundo dia, porém, fui amplamente recompensado por esse contratempo, porque apareceu na vila um bando dos selvagens que eu tanto queria conhecer. Eram da tribo dos "Patachós", dos quais não vira nenhum até então, e tinham vindo, havia poucos dias, das florestas para as plantações. Entraram na vila completamente nus, sopesando as armas, e foram imediatamente envolvidos por um magote de gente. Traziam para vender grandes bolas de cera, tendo nós conseguido uma porção de arcos e flechas em troca de facas e lenços vermelhos.

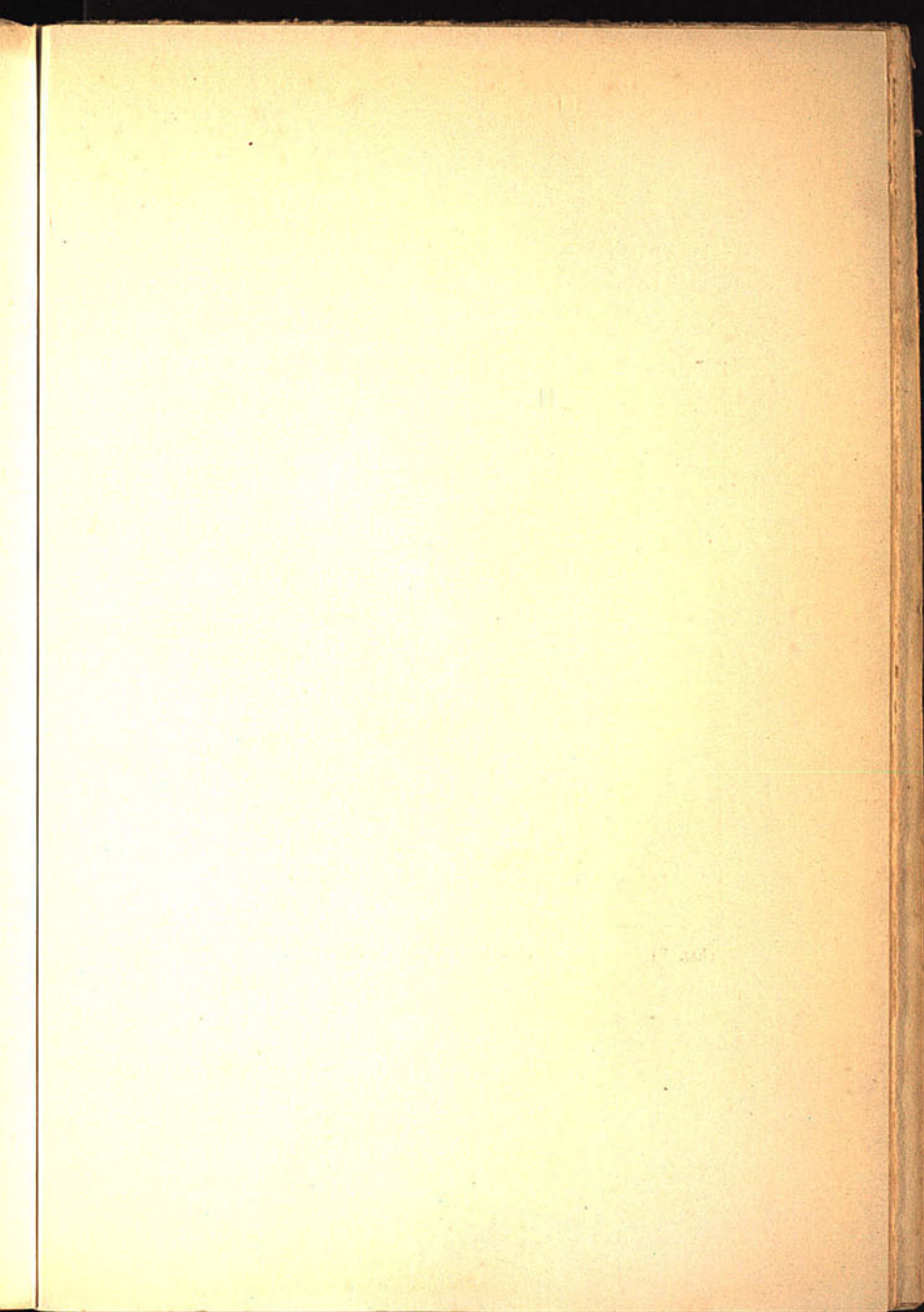
Esses selvagens não têm nenhuma aparência extraordinária, não são nem pintados nem desfigurados : alguns são baixos, a maioria é de estatura meã, um tanto delgados, de caras largas e ossudas, e feições grosseiras. Uns poucos, somente, traziam, amarrados em volta do pescoço, lenços que lhes deram em ocasiões anteriores ; o chefe, que não tinha nada de notável (os portugueses o chamavam de "capitão", usava uma carapuça de lã vermelha e calções azues obtidos algures. Comida era o principal desejo dêles ; deram-lhes côcos e um pouco de farinha ; abriam aqueles mui destramente, com uma macha-

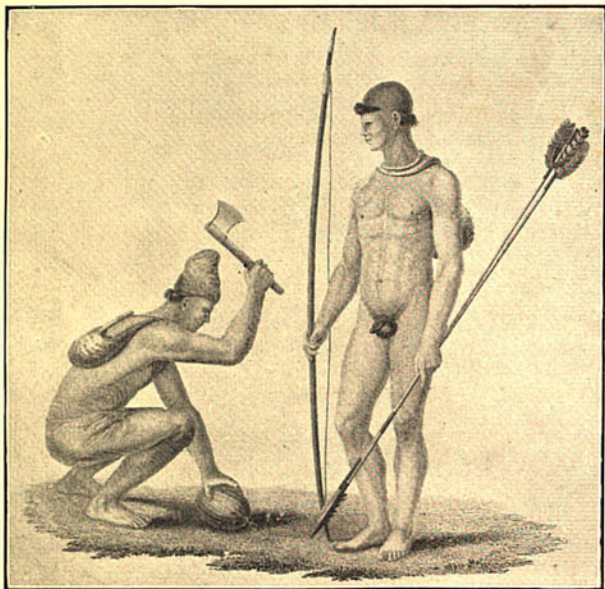
dinha; arrancando, em seguida, da casca dura, com os dentes poderosos, a polpa branca: a ávidez com que comiam era notável. Em nossa estampa 7.^a estão representados dois destes selvagens; o "capitão" occupa-se em abrir um côco. Alguns dêles tinham muito tino para comerciar. Queriam, sobretudo, facas e machadinhas, sendo que um, entretanto, logo adquiriu um lenço vermêlho e o amarrou em volta do pescoço. Um côco fixado na extremidade de um pau foi posto à distância de quarenta passos, tendo-se-lhes pedido atirar nesse alvo, o que nunca falharam. Não havendo ninguém que pudesse conversar com êles, demoraram-se pouco, voltando às moradas. Para conhecê-los melhor, subi o rio Prado, a 30 de julho, até ao lugar onde ficaram as choças dos selvagens, mas não os encontrei, porque se tinham retirado para muito longe.

Tanto os "Patachós" como os "Machacaris" vivem nas florestas da região, às margens do Jucurucú. Os últimos sempre se mostraram mais inclinados à paz com os brancos do que os primeiros, que somente chegaram a um acôrdo amigável havia três anos. Pouco antes disso, porém, surpreenderam na floresta alguns habitantes de Prado, ferindo o "escrivão" e matando várias pessoas. Os "Machacaris" amigos foram depois chamados como medianeiros da paz com os "Patachos".

No aspecto externo, os "Patachós" lembram os "Purís" e os "Machacaris", com a diferença de que são mais altos que os primeiros; como os últimos, não desfiguram os rostos, usando os cabelos naturalmente soltos, apenas cortados no pescoço e na testa, embora alguns rapem toda a cabeça e deixem só um pequeno tufo adiante e outro atrás. Há os que furam o lábio inferior e a orelha, metendo um pequeno pedaço de bambú na abertura. Os homens, à maneira de todas a tribus da costa oriental, trazem as facas penduradas a um cordel amarrado ao pescoço; os rosários que lhes dão, penduram-nos do mesmo modo. A pele tem o tom natural pardo-avermelhado, não sendo pintada. Conservam o curiosíssimo costume de arregaçar o prepúcio com um ramo de trepadeira, o que dá ao órgão aparência muito singular. As armas são, no essencial, as mesmas que as dos outros selvagens; os arcos, entretanto, são maiores que os das demais tribus; medi um dêles, e achei 8 pés, 9 polegadas e meia, medida inglesa; são feitas com o lenho do "airi" ou do "pau d'arco" (*Bignonia*). As flechas, que costumam levar para a caça, são um pouco curtas; mas, provavelmente, fazem as de guerra mais compridas, de acôrdo com o costume das outras tribus. Essas flechas têm a cauda guarnecida de penas de "arara", "mutum" ou de aves de rapina; a ponta é feita de "taquarussú" ou "de ubá": mas nenhures encontrei, entre as várias tribus aborígenes, a corda do arco feita de tripa ou nervo de animais, como Lindley erroneamente assevera*. Cada homem leva às costas uma bolsa ou saco feito de "embira" (entrecasca), suspendendo-o

(*) LINDLEY, narrative, etc. p. 22.





(Est. 7).

Patachós do Rio do Prado.

ao pescoço, o qual serve para carregar diversas miudezas. As mulheres, tanto como os homens, não se pintam, e andam inteiramente nús. As choças desses selvagens são de construção diferente da dos "Puris", relatada antes. Os caules das árvores novas e os moirões cravados no solo são encurvados na extremidade superior, amarrados uns aos outros e cobertos de folhas de coqueiro ou de patioba. As choças são muito acachapadas e baixas; cada uma tem, perto, uma espécie de fogão, constituída de quatro forquilhas fincadas na terra, nas quais repousam quatro varas, sendo estas cruzadas por outras, colocadas bastante juntas, de modo a permitir assar ou cozer a caça. Os "Patachós" lembram, em muitos pontos, os "Machacaris" ou "Machacalis"; as línguas têm alguma afinidade, embora difiram enormemente a vários respeito.

Dizem que ambas as tribus se aliaram contra os Botocudos, e que tratam os prisioneiros como escravos; pois, recentemente, ofereceram, em Prado, uma rapariga botocuda à venda. Sempre se alimentaram suspeitas mal fundadas de que os "Patachós" comem carne humana. O caráter de todas essas tribus selvagens é, de certo, muito semelhante nos traços essenciais, si bem cada uma tenha as suas peculiaridades; assim, os Patachós são, entre os restantes, os mais desconfiados e reservados; o olhar é sempre frio e carrancudo, sendo muito raro permitirem que os filhos se criem entre os brancos, como as outras tribus o fazem prontamente. Vagueiam pelas cercanias; as hordas surgem, alternadamente, no Alcobaça, em Prado, Comechataba, Trancoso, etc. Chegando a qualquer lugar, os moradores lhes dão algo para comer, trocando com elles miudezas por cêra e outros produtos da mata, após o que voltam às brenhas.

Satisfeito com a oportunidade de conhecer essa tribo de habitantes aborígenes, deixei Vila do Prado e corri ao encalço da minha gente e dos burros de carga, que partiram antes de mim. Depois de Prado, o litoral toma para o norte, feição diversa. Erguem-se, do lado do mar, altas ribanceiras de argila, vermêlhas e de outras côres, de base formada de arenitos ferruginosos e variegados: as elevações costeiras são cobertas de mata, e vales numerosos abrem-se para o oceano; são estes atapetados por florestas virgens, verde-escuras e umbrosas, refúgio dos Patachós. Por todos esses vales correm pequenos cursos d'água, cujas "barras" (as embocaduras no mar) na época das cheias, representam, muitas vezes, grande contratempo para o viajante. Outro obstáculo para o viajante, nesse trecho da costa, são os rochedos que das grandes ribas se projetam para o mar. Na maré-baixa se pode contorná-los em praia enxuta; na alta, porém, é impossível fazê-lo, porque as vagas se quebram furiosamente contra elles, lançando a espuma a grande altura. Uma pessoa que acontecasse estar a meio caminho entre dois desses penedos, em baixo da alta ribanceira da costa, no justo momento da maré começar a encher, correria grande perigo, porque seria então impossível escapar ao rápido afluxo do oceano. E' portanto, necessário que o viandante procure saber dos habi-

tantes da região as horas propícias. Si perde o momento favorável, é muitas vezes obrigado a esperar seis horas pela volta da vasante; nem há, em todo esse litoral, nenhum caminho sinão o referido, rente ao mar. Entre Prado e Comechatibá, encontram-se tais penhascos em três lugares; num deles, passei através das ondas, que me subiam até à sela; dez minutos mais tarde, teria que esperar seis horas e procurar um pedaço desbravado da costa. Mesmo assim, o escachoar das vagas nos rochedos era terrível; forasteiros sem o hábito desses caminhos, não mais nos aventurámos a meter os animais por entre os vagalhões, servindo-nos de dois negros de uma "fazenda" vizinha, que cavalgavam na frente para nos mostrar o lugar de passagem. Transposto felizmente esse lugar, dei-me pressa de sair da perigosa "praia", batida pelo mais terrível dos elementos, e galopei a toda a brida. Mais para fora, encontram-se, nos penhascos do mar, diversas espécies de moluscos; entre outros, duas espécies de ouriços do mar (*Echinus*) das quais uma serve de alimento aos habitantes mais pobres. A variedade não comestível é brancacenta, cerradamente coberta, de espinhos violetas; a comestível, preta, também coberta de longos espinhos. Em todos esses rochedos também existem caracões que produzem um líquido purpurino; são especialmente abundantes nas vizinhanças de Mucuri, Viçosa, Comechatibá, Rio do Frade, etc. O sr. Sellow, numa de suas excursões, teve ocasião de fazer algumas observações a esse respeito; Mawe também trata do assunto*. Diversos colonos moram em alguns dos vales do litoral; entre eles, o "Senhor" Calisto, de quem já recebera gentilezas na Vila do Prado. A cavalo, acompanhado de dois homens da minha tropa, dirigi-me à ponta de terra denominada Comechatibá, ou, mais exatadamente, na antiga língua indígena, "Currubichatibá". A lua-cheia refletia-se, magnífica, no oceano, e iluminava as choças solitárias de alguns índios praianos, a quem os nossos burros de carga, que iam adiante, arrancaram ao sono. A curta distância das choças ficava a "fazenda" de Caledônia, fundada sete anos atrás pelo inglês Charles Frazer. Este cavalheiro, que viajara por grande parte do globo, comprara cerca de trinta fortes negros para o cultivo da "fazenda". Os índios das cercanias trabalharam para elle durante uns anos, desbravando as belas eminências que acompanham a costa, e plantando-as todas. Plantou, no litoral, grande número de coqueiros; a casa de residência era de barro, coberta de palha; do mesmo modo, construíram-se muitas choças para os negros, um grande engenho de farinha de mandioca e um armazem. O engenho, entretanto, achava-se em estado muito precário. E' verdade que ainda havia nêle oito a dez gamelas de barro para a secagem da farinha; mas, algumas quebradas. A situação da propriedade é excelente; colinas verdejantes erguem-se da costa e um largo trecho de terra já fora desbravado. Parece, contudo, que não sabiam disciplinar os negros, pois estavam insubordinados; consumiam o produto das plantações e

(*) J. MAWE'S, *Travels*, etc., p. 54.

muitas vezes recusavam-se ao trabalho de que os incumbiam; ao invés disso, iam caçar pelas florestas vizinhas, ou capturar animais ferozes com "mundéus". O sr. Frazer estava então na Baía, e deixara um português da Vila do Prado tomando conta da "fazenda" na sua ausência. O "feitor" recebeu-nos à chegada; os negros, que estavam justamente reunidos para dançar ao ritmo do tambor, vieram imediatamente cercar e espiar os forasteiros. O quarto logo se encheu com os escravos, que eram moços, bem feitos, e, muitos, altos e robustos; fatigados como estávamos, o "feitor" não teve autoridade bastante para nos livrar das visitas importunas. Aí permaneci uns poucos dias e tive oportunidade de visitar as choças dos "Patachós" na mata, bem recentemente abandonadas; conduziram-me até lá alguns índios de Comechatibá.

O litoral forma, nesse trecho, um porto seguro protegido, não de certo dos ventos, mas do oceano, por arrecifes, e com um bom ancoradouro, tendo ainda a vantagem da entrada estar referida aos navegantes por meio de um marco. As vagas arremessam à praia inúmeras espécies de sargaços, sertulárias e outros zoófitos, mas poucas de conchas. No lusco-fusco da tarde, esvoaçavam numerosos grandes vampiros, ou "guandirás" (*Phyllostomus Spectrum*), que, durante o voo, podiam ser facilmente tomadas por corujas pequenas. Os muare foram mordidos por alguns, sangrando profusamente³¹¹. Essa propensão das espécies maiores de morcêgos, na zona tórrida, a sugar o sangue de animais, também se encontra, segundo os habitantes do Brasil, em todas as espécies menores; mas não vi confirmado o assérto de que atacam os homens da mesma maneira. Os índios do lugar vivem do produto das plantações, da caça e sobretudo da pesca; razão por que, no bom tempo, são vistos frequentemente em canôas, pelo mar. Voltam com grande quantidade de pescado; e, em volta das choças, espalham as conchas, os crânios e os ossos das enormes "tartarugas".

Ao norte de Comechatibá, o mar volta a ser marginado por ribanceiras altas e íngremes e rochedos, que, num ponto, entram tanto por êle, que é necessário fazer uma grande volta por cima, onde se passa uma planície chamada Imbassuaba. E' um "campo" inteiramente cercado de matas, no qual medravam bela shervas e várias plantas agrestes, novas para nós, e que foram muito bemvindas às nossas coleções. Entre outras, descobrimos no solo, em abundância, à sombra das árvores, o liquem de rena (*Lichen rangiferinus*, Linn.). Esse vegetal, que é no norte o alimento da utilíssima rena, acha-se profusamente espalhado. Daí alcançámos de novo e em pouco tempo a costa, e, a uma légua e meia de Comechatibá, o riacho Cai, que só se pode transpôr na maré-baixa. Quando o atingimos, já quasi era impossível atravessá-lo; mas os negros e os índios da "fazenda", conhe-

(311) Pelas mordeduras nos animais deviam ser responsáveis outros morcêgos, provavelmente *Desmodus rufus*, ou congêneres. *Phyllostomus spectrum*, em que pese a responsabilidade que lhe confere o nome de "vampiro", não é hematófago.

cedores perfeitos dos caminhos e das águas, vadearam a corrente, levando nossa bagagem na cabeça e nos ombros, até à margem oposta, felizmente sem molhá-la. O Cai, que, à semelhança de todos os rios da região, corre por um vale selvoso e sombrio, é insignificante na época da vasante, porém caudaloso e violento na cheia. Para o norte, a três ou quatro léguas, encontramos outro rio, um pouco maior o Corumbao. Estorvou-nos um tanto a passagem, e mais fatigados ficamos com o calor abafante.

O litoral, por vezes altanado e íngreme, baixo logo depois, era coberto de matas verde-escuras do gênero do loureiro. Vimos frequentemente, na praia, a palmeira "aricuri", bem como muitas e belas espécies novas de gramineas. Os pequenos vales, abertos para o oceano, eram em parte ocupados por lindos e pitorescos lagos ou "lagoas", que às vezes estendiam braços para o mar; estavam geralmente cheios de canas do brejo. A maré continuou a encher até perto do meio-dia; e como o caminho, aqui e ali, fosse bloqueado por troncos caídos, eramos obrigados a passar pelas ondas. E assim chegámos, sem acidente, à desembocadura do Corumbao, que está referido ao 17° de latitude sul. Na "barra" desse pequeno rio, de cujas férteis margens se dizia produzirem diversas e belas variedades de madeiras de lei, no entanto inaproveitadas, existem várias ilhas de areia, entre as quais a corrente formava então grandes vagas. As margens arenosas ou pantanosas, forradas de "mangues", eram somente frequentadas, no momento, por garças e certas espécies de maçaricos e gaivotas (*Larus*), já que os "Aimorés" ou "Botocudos" expulsaram os habitantes com os seus ferozes ataques. Próximo ao rio, na margem norte, morava, na época da nossa visita, uma família de Prado, que o "ouvidor" mandara para aí afim de transportar os viajantes à outra margem, e que vivia da pesca. Não havendo, porém, segurança nessas brenhas solitárias, abandonaram o posto pouco tempo depois. Encontrei na sua cabana um pouco de peixe, parte do qual acabado de pescar; e provemo-nos com o resto necessário à refeição, pelo que, entretanto, tivemos de pagar bom preço. O homem aproveitou-se da fome estampada na fisionomia dos forasteiros, fatigados do calor do dia, e pediu três vezes o valor dos víveres.

Desse ponto a região se torna cada vez mais escampa; nas ardetes eminências arenosas aparecem numerosos cactos penta e hexagonais, ameaçando as pernas dos burros com agudos espinhos. Léguas e meia ao norte do Corumbáo, o rio Cramemoan desemboca no mar. Atravessa-se, nesse trecho, vasta planície coberta de capim, de palmeiras anãs "aricuri" e "guriri", belos arbustos, etc., entre os quais uma linda *Clitoria* violeta, de caule lenhoso e erecto: aqui e ali, surgem alagadiços. Para o interior, à esquerda, a vista abarca magnífica e ampla paisagem das montanhas, em direção a Minas Gerais; mais perto, no primeiro plano, vê-se alta montanha, perto das quedas

do rio Prado, denominada Morro de Pascoal (*) e que serve de ponto de referência aos navios no oceano : pertence à Serra dos Aimorés. A planície oferece ao botânico grande entretenimento e ocupação.

O sol já se punha quando alcançamos o vilarejo índio de Cramemoan, que foi construído, por ordem do ouvidor, numa colina à margem do rio, servindo mais de posto militar com o nome de Quartel da Cunha, para segurança da região.

Não foi pequeno o espanto dos índios ante tão desusada e tardia visita de uma "tropa" carregada a esse lugar solitário logo se juntaram em torno para conversar conosco, enquanto nossa gente acendia e fogueira numa cabana isolada. Sustentam-se das plantações, da pesca no rio e no mar, tirando da floresta "estôpa" e "embira", que vendem em Porto Seguro. Sendo raros e extremamente caros, na costa, a pólvora e as balas, fazem, nas caçadas, uso parcial, dos arcos e das flechas, que vão buscar aos Patachós, nas florestas vizinhas, trocando-os por facas. Si bem tenham sido aí colocados pelo "ouvidor" com o fim expresso de ajudar os viajantes a passar o rio, não estão satisfeitos com o encargo, e vivem sobretudo nas suas plantações das cercânias. São fortes e robustos, mas tão indolentes, que, no mau tempo, preferem ficar sem viveres nas cabanas a enfrentar qualquer dificuldade no trabalho. Os índios forneceram-nos algum peixe ; também obtivemos uns bolos de farinha de mandioca, de que já tinham pronto uma porção. As várias formas de emprêgo culinário da farinha de mandioca foram-lhes transmitidas pelos ancestrais, os Tupinambás, e outras tribus da "língua geral". Nas margens do rio Cramemoan se vêem muitas de *Rhizophora* ou *Conocarpus*. Vinha da mata, no frescor da manhã, a algazarra de bandos de papagaios da espécie *Psittacus amazonicus*, Latham, ou *ocrocephalus*, Linn.³¹², aí conhecido por "curica" : esta ave vive nos mangues marginaes, onde fazem os ninhos.

Uma vez alcançada a margem do norte com toda a "tropa", avançamos, ao longo da costa, pela planície coberta de frondosas balsas, limitadas à distância por colinas; mas logo e de novo encontrámos altas e íngremes ribanceiras de argila e arenito, que foi preciso escalar, pois as vagas impetuosas tornavam a costa inacessível. Segue-se uma trilha escarpada até o cimo dessas "barreiras", e entra-se num altiplano, num "campo", denominada Jauassema ou Juassema. Nesse local, de acôrdo com a tradição dos moradores, houve outrora, nos primórdios da colonização portuguesa, grande e populosa vila do mesmo, ou Insuacome, mas que, à maneira de Sto. Amaro, Porto Seguro e outros estabelecimentos, foi destruída pela guerra com uma bárbara nação de canibais, a "Abaquirá" ou "Abatirá". Essa tradição

(*) LINDLEY, escreve erroneamente "Monte Paschoa". Vide *Narrative of a voyage to Brazil*, p. 228.

(312) Veja-se o que ficou dito sobre a "curica" (nota 268).

se baseia, sem dúvida, nas devastações que os Aimorés, ora Botocudos, levaram à "capitania" de Porto Seguro, quando a invadiram em 1560, conforme encontramos relatado na *History of Brazil* de Southey e na *Corografia Brasileira*. Também assolaram, então, os estabelecimentos à margem do rio Ilheos, ou S. Jorge, até que o governador, Mem de Sá, os rechassou. Dizem que ainda se acham, em Juasema, pedaços de tijolos, metais e objetos análogos; são os mais antigos testemunhos da história do Brasil, porquanto não há, no litoral, monumentos mais antigos que os do tempo da primeira colonização dos europeus. Os primitivos habitantes não deixaram, como as nações Tuleca e Azteca, monumentos que prendessem a atenção dos pósteros após milhares de anos: pois a memória do rude "Tapuia" desaparece da terra com o seu corpo desnudo, que seus irmãos confiavam à cova, e é indiferente, para as futuras gerações, si um Botocudo ou uma fera viveram, outrora, nesse ou naquele lugar. Achei em Jauasema uma espécie particular de palmeira, a "piassaba", que será mencionada para diante com mais frequência, caracterizando-se pelas folhas penadas, largas e erectas; ainda a não víramos antes. Poucas plantas estavam então em flor, mas quando, em Novembro, tornámos a visitar essas paragens, muitas, belas e raras, floresciam; entre as quais uma linda *Epidendrum* de inflorescências escarlates. Esta espécie viceja em todas as ribas litorâneas.

Dessa altiplanura, o panorama do ermo litoral e do oceano imenso é sublime, e arrasta o espírito do viandante solitário à contemplação embevecida. Os coleios da costa vão perder-se nos longes do horizonte azul; as ribanceiras vermelhas e alcantiladas alternam-se com os vales umbrosos, que, tanto como as alturas, são forrados de florestas de matiz verde-escuro; os vagalhões do oceano raivoso escachoam com um rumor profundo e cavo; na distância indistinta, os olhos contemplam a branca espumarada torvelinhando nas fragas, e o estrondo trovejante da eterna e compassada ressaca, que a voz de nenhum sêr vivo interrompe, rebôa magestosamente pelas solidões intermináveis. Profunda e solene é a impressão que produz a cena sublime, quando pensámos na sua constância e uniformidade através de todas as vicissitudes do tempo.

De novo atingimos o mar, e, pelo meio-dia, chegámos a um trecho em que as ondas, espadanando-se contra os rochedos, bloqueavam inteiramente o caminho. Era de todo impossível escalar as alturas com os muare carregados; por isso, alijámos a carga e esperámos com paciência. Acendeu-se uma fogueira na vizinhança de um pequeno córrego de águas claras; os cobertores e os couros de boi nos protegeram um pouco do frio e cortante ar marinho, e nosso frugal repasto foi para um caldeirão, a cozinhar no fogo. Matas sombrias cercavam completamente o pequeno prado em que pastavam os animais; por entre as moitas esqueiravam-se chilrando a *Nectarínea flaveola* (Cer-

thia flaveola, Linn.) e a verde *Sylvia trichas*³¹³. O "caracará" (*Falco crotophagus*)³¹⁴ logo apareceu, pousando no lombo dos burros para catar os insetos. Os muares parecem gostar da visita dessa ave curiosa; pois ficam quietos quando ela pousa e anda pelo lombo. Azara a menciona entre as aves do Paraguai com o nome de "chimachima". Ficámos nesse pitoresco lugar até que a lua-cheia surgiu; a água tinha agora baixado, de modo que pudemos contornar os rochedos. O litoral, do Prado ao Rio do Frade, ora até pouco tempo considerado como muito perigoso por causa dos selvagens, e ninguém se aventuraria a percorrê-lo sozinho. Lindley* diz o mesmo; mas, presentemente, a população está em boas relações com os Patachos e não os teme; embora, não sendo total a confiança, preferira-se sempre viajar em comitiva numerosas. Quando de novo passei por esse caminho em Novembro do mesmo ano, encontrei, com a maré-baixa, extensos bancos de areia e rochas calcáreas, que avançam pelo mar, e cuja formação se deve segundo todas as probabilidades, principalmente aos coraliários. A superfície delas é dividida por fendas regulares e paralelas; nas cavidades, feitas pela água, vivem caranguejos e outros animais marinhos: são em parte atapetadas por um musgo verde de natureza do *Byssus*³¹⁵. Continuando a baixar a maré, contornámos vários penhascos, de todo inacessíveis na cheia, enquanto o vasto espelho do oceano resplandia magnificamente ao clarão do luar.

No meio da noite chegámos à beira do Rio do Frade, rio pequeno cujo nome provém de um missionário franciscano que se afogou nele. A "barra" é navegável por canoas grandes, que podem fazer dois dias de viagem rio acima, e as margens são férteis. Doze léguas a oeste fica o Monte Pascoal. O "ouvidor" estabeleceu algumas famílias indígenas na margem oposta, para o transporte dos viajantes através do rio, deu-se a este posto o nome de destacamento de Linhares, si bem os ocupantes não sejam soldados. As plantações se espalham pelas capoeiras próximas, entre as quais têm as moradas particulares, de modo a se abrigarem um pouco dos ventos oceânicos. Ao tempo, entretanto, viviam numa cabana, na planície arenosa cerca da costa, bem mal protegidos dos ventos e intempéries.

Habitudo a sempre cavalgar na dianteira da tropa, apeei na beira do rio, profundo demais para ser atravessado a váo, e deixei o ani-

(*) Narrative of a voyage to Brazil, p. 228.

(313) Respectivamente *Basileuterus flaveolus* Baird ("canário do mato") e *Geothlypis aquinoctialis* (Gmelin) da moderna nomenclatura. Da última espécie, a raça *velata* Vieill. (= *cucullata* Lath.) é a encontrada em todo o Brasil oriental, onde é conhecida ordinariamente pelo nome de "pia-cobra". Vivem de insetos, que catam diligentemente, saltitando de galho em galho, rente ao chão sombrio da mata, onde também descem a cada passo, na mesma faina, deixando ouvir ameadamente notas vibrantes e características.

(314) *Milvago chimachima* (Vieillot). Ocorre em todo o Brasil, onde é conhecido por numerosas appellações: "gavião carrapateiro", "caracará-i" (Amazonas), "pinhé" e "carapinhé" (São Paulo), etc.

(315) Este termo, criado por Lineu para enfaçar uma multidão de vegetaes criptógamas de organização a mais diversa, carece de qualquer sentido taxinómico preciso. O nome é ainda usado para a secreção filamentosas, graças à qual muitos moluscos bivalvos, como os mexilhões (*Mytilus*), prendem-se aos rochedos.

mal, que parecia muito fatigado, descansar; êle, porém, estava impaciente para chegar às habitações do outro lado, escapou-se me e meteu-se logo a atravessar o rio, levando muitos dos animais de carga a seguir-lhe o exemplo. Encontrámos, de certo, abrigo nas cabanas dos índios, mas, dada a sua miserabilidade, muito pouco conforto e descanso após a cavalgada noturna. Pendurámos em roda as nossas roupas molhadas, ao bafejo da viração que invadia de todos os lados as cabanas tóscas, e em seguida deitámos sobre os cobertores estendidos na areia. Enquanto íamos cortindo um frio bem regular, vimos os moradores semi-nús deitar-se nas rédes, perto da fogueira, a qual, embora sempre acesa, não dava provavelmente para os aquecer. O cuidado de alimentar o fogo cabia à mulher e ao filho, já crescido, a quem a mãe chamava de vez em quando para não desleixar o encargo. A manhã seguinte foi ventosa e fria; embrulhámos as roupas molhadas e rumámos para Trancozo. A maré estava então na maior baixa, e o mar deixara completamente descobertos trechos extensos de bancos rochosos e planos: alguns índios, moradores esparsos das pequenas matas vizinhas, apanhavam moluscos para comer. Comem várias qualidades de mariscos, sobretudo a variedade preta e comestível de ouriço do mar (*Echinus*). Após uma caminhada de três léguas, atingimos o ponto em que um riachinho se lança ao mar; é comumente conhecido por Rio de Trancozo; porém na velha língua aborígene era chamado Itapitanga (filho das pedras), provavelmente porque vem de montanhas pedregosas: corre em um vale bastante profundo, rodeado de montanhas de cimos extensos e planos. Do lado sul se percebe erguendo-se sobre o litoral baixo, as comas de altanados coqueiros e o telhado e a cruz do convento de jesuítas de Trancozo. Alguns homens, indo adiante, conduziram-nos por um caminho escabroso até à vila, onde nos alojámos, por esse dia, na "casa da camara".

Trancozo é uma vila índia, edificada numa longa praça. No meio fica a "casa da Câmara", e na extremidade, do lado do mar, a igreja, que foi outrora um convento de jesuítas. Depois da dissolução da ordem, o convento foi demolido e a biblioteca dispersada ou destruída. Em 1813, a vila possuía cerca de 50 casas e 500 habitantes, todos índios, muitos dos quais de tez bronzeada muito escura, pois bem poucas famílias de portugueses aí residem, entre estes o padre, o "escrivão" e um mercador. As casas, então, estavam na maior parte vazias, porque os moradores vivem nas plantações, limitando-se a vir à igreja nos domingos e dias santos. Exportam perto de 1000 alqueires de farinha de mandioca, um pouco de algodão e diversos produtos da floresta; entre estes, pranchas, "gamelas" (tigelas de madeira) e canoas, além de alguma "embira" e "estopa" (entrecasca de duas espécies diferentes de árvores). Em 1813, o valor desses vários produtos foi de 539\$520 reis. As plantações dos índios estão bem tratadas; cultivam diversas raízes comestíveis, tais como "batatas" "mangaranitos" (*Arum esculentum*), "cará", "aipí" ou "mandioca", etc., e às vezes vendem esses produtos. A pesca é também uma das ativida-

des essenciais desses índios ; no bom tempo saem a pescar mar a fora, nas canoas. Também fazem, no litoral, currais ou "gambóas", a que nos referimos antes.

Cria-se algum gado nas colinas do Trancozo, e o "escrivão", sobretudo, possúe um grande rebanho ; mas a criação tem que af vencer sérios inconvenientes. O "campo" dá um pasto sêco e nutritivo, com que o gado engorda depressa ; entretanto, si não é mandado imediatamente para uma pastagem fresca e úmida, morre todo. Afim de afastar esse perigo, o rebanho é levado de vez em quando ao Rio do Frade. A mudança de pasto deve realizar-se diversas vezes por ano, e essa é provàvelmente a razão por que as vacas produzem muito pouco leite. Ao visitar de novo esse lugar, em Novembro, uma grande onça (*Felis Onca*, Linn.), refugiada nas circunjacências, diàriamente assaltava o gado pertencente aos moradores da vila. Fizeram-se "mundéus", e, felizmente, apanharam o filhote da onça : esta, porém, ainda rondava pelas cercanias, enchendo as noites com os seus roucos lamentos. Pouco depois, os índios collocaram armadilhas de arma de fogo em uma trilha que ela costumava seguir, conseguindo matá-la. A onça foi logo trazida e eu comprei a pele em Trancozo, parecendo-me que o animal pertencia à variedade conhecida, no "sertão" da "capitania" da Bafa, pelo nome de "cangussú", caracterizada pelo grande número de pequenas manchas.

A situação de Trancozo é deveras aprazível : da extremidade da íngreme eminência, perto da igreja, dominávamos amplo panorama de sereno espélho oceânico, azul-escuro e cintilante ; o encontro, muito nítido, da água verde do mar com a pardacenta do rio dava especial encanto ao quadro. As comas soberbas dos altos coqueiros ondeavam sobre as cabanas acachapadas dos índios e, em redor, o "campo" inteiro verdejava. Todos esses planaltos incultos são interceptados por vales profundos, alguns dos quais de considerável largura ; do meio deles o conjunto parece um plano continuo ; só se percebem os vales das bordas. No fundo dos vales correm pequenas correntes, que se lançam no Itapitanga. O que fica ao pé da elevação do Trancozo é um belo prado cheio de arbustos, em que o lindo pombo aí conhecido por "pucaçú" ou "caçaroba" e na sistemática por *Columba rufina*³¹⁶, é visto frequentemente. Bosques e capinzais orlam as margens do pequeno curso d'água, onde então se construa uma lancha. Por trás de Trancozo, as florestas mais distantes são habitadas pelos "Patachós". O "senhor Padre" Inácio, o digno e velho sacerdote local, disse-me que esses aborígenes aparecem muitas vezes na vila ; vão sempre completamente nus, e, si êle amarra um lenço em tórno da cintura das mulheres, nunca deixam de arrancá-lo imediatamente.

(316) Sobre estas pombas veja-se O. PIETRO, *Rev. Mus. Pual.*, XIX, p. 28 e 61.

O caminho do Trancozo a Porto Seguro é pouco variado : vêm-se "fazendas" nos cimos aplanados de altas ribanceiras feitas de uma substância branco-azulada, vermelha ou violeta, parecida com a argila* sôbre as quais ondeiam ao vento as copas dos coqueiros. Atravessa-se o Rio da Barra por uma ponte de madeira, que merece menção como raridade ; e tem-se a todo instante que subir ou descer as ribas abruptas da costa, porque os rochedos da praia são inacessíveis. Um desses trechos era de tal modo íngreme, que, na descida, fomos obrigados a descarregar os muare e transportar os caixões separadamente. Embaixo, na areia da praia, encontrámos muitos especimens de belas espécies de algas, além de algumas conchas. Havia gente procurando ouriços comestíveis, nos bancos rochosos de que o mar se retirara. Depois de vencidas três léguas, saímos de uma pequena mata e achámo-nos à margem do rio Porto Seguro, em cuja margem norte os telhados vermelhos da parte baixa da Vila do Porto Seguro, encimados por altos coqueiros, ofereciam uma vista amável. A parte alta fica mais para trás, num elevado espigão, dela só se vendo o tópo do convento de jesuítas. Atravessei logo o rio em direção à "vila" e obtive pouso na casa da câmara, na parte alta.

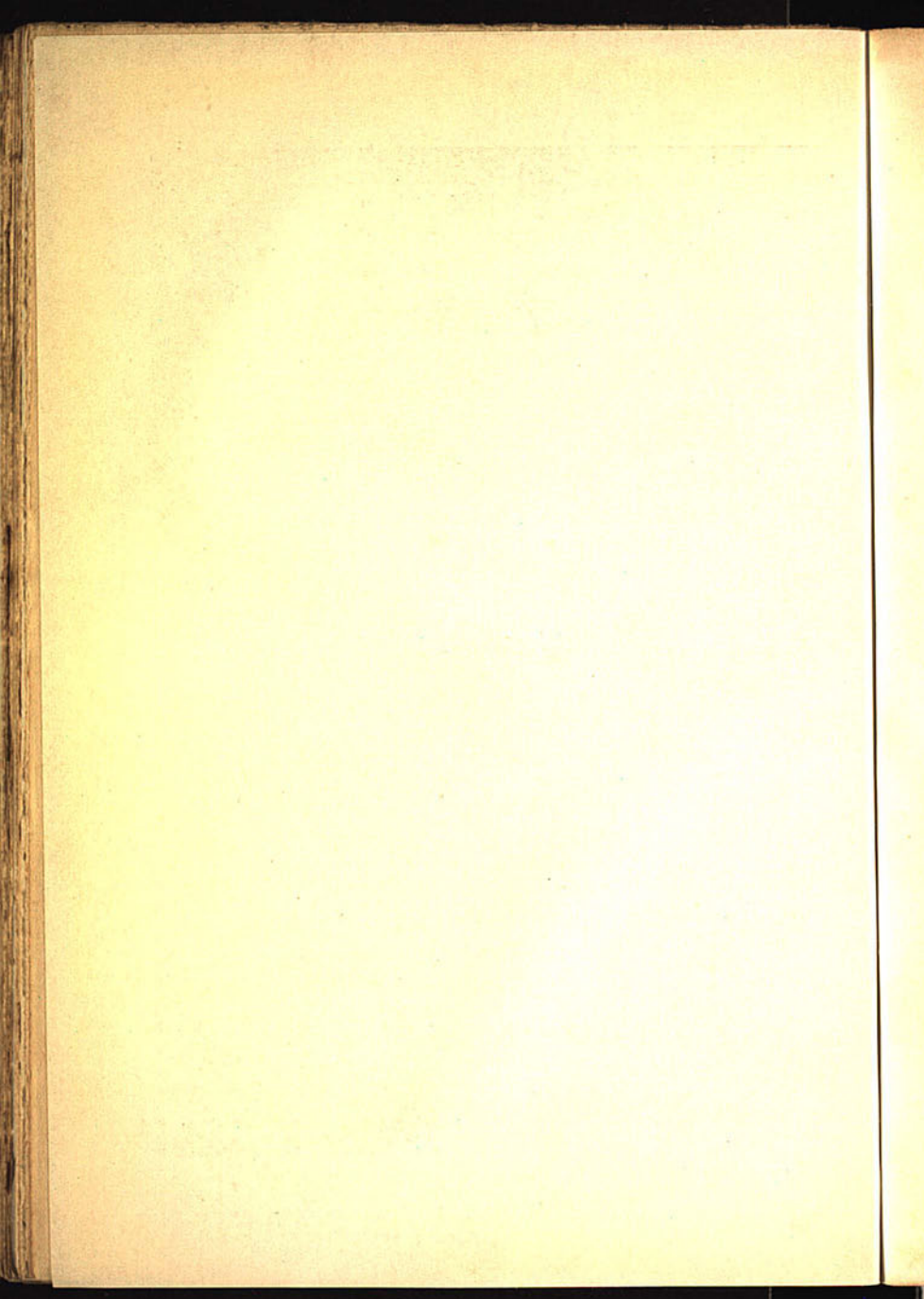
Porto Seguro, a primeira vila em categoria da comarca de Porto Seguro, porém menor do que Caravelas, é um lugar pouco importante, de 420 casas, edificado em várias partes separadas. A principal delas é pequena, constituída de umas poucas ruas cobertas de mato, de casas quasi sempre achapadas, de um só pavimento, as de dois pavimentos sendo bastante raras. Aí estão a igreja, o antigo convento de jesuítas, hoje residência do professor de latim, e a casa da câmara com a prisão. A maioria dos habitantes, entretanto, transferiu-se a outra parte da vila, mais perto do rio, denominada "Os Marcos", de melhor situação para o comércio. Esse pedaço da vila, mais extenso, fica no declive e é construído de maneira tortuosa e irregular, consistindo sobretudo de casas baixas, em geral rodeadas de laranjais e bananeiras. Nela residem os mais opulentos, os donos das embarcações empregadas no comércio de Porto Seguro. A terceira parte da vila, chamada Pontinha ou Ponta d'Areia, situa-se junto à foz do rio ; excetuando algumas vendas, é formada de casas baixas e esparsas, habitadas por pescadores e marítimos, e ensombradas por coqueiros. A parte alta é geralmente morta ; muitas casas estão mesmo fechadas e em ruínas ; pois só nos domingos e dias santos os moradores vão para a parte alta, que fica assim bastante animada pela quantidade de pessoas bem vestidas. Os portugueses não perdem a missa, todos ansiosos de aparecer nos melhores trajes. Gente que anda quasi nua durante a semana, mostra-se, aos domingos, vestida com o maior apuro. Aliás, manda a justiça dizer que o asseio e o apuro no trajar são gerais entre os brasileiros de todas as classes.

(*) Essa espécie de litomarga já foi referida antes, entre o rio Itabapuna e o Itapemirim.



Vista da vila de Porto Seguro, no rio Buranhem.

(Est. 16).



O convento dos jesuítas, edifício grande e massiço, fica imediatamente acima do forte declive. Fui aí recebido mui hospitaleiramente pelo professor, Antônio Joaquim Moreira de Pinho: das janelas divisámos belo panorama da superfície serena do oceano; acompanhámos com o olhar as embarcações que de nós se afastavam em busca do horizonte remoto, e nossos pensamentos, seguindo-as, procuraram a pátria distante. Dominávamos, de ambos os lados, extenso trecho da costa, sobre a qual o augusto oceano, no seu movimento incessante e invariável, vinha quebrar surdamente as vagas. Nas sombrias divisões do velho edifício, através das quais o vento assoviava, e onde outrora os jesuítas pontificavam, sentimos fundamentalmente as vicissitudes do tempo. As celas, dantes animadas de uma vida ativa, estavam então vazias, alojando silenciosos morecos nas paredes vetustas. Da biblioteca aí existente em outras eras, nem um só traço restava.

O rio do Porto Seguro, chamado Buranhaem na antiga língua indígena, tem ótima "barra", ou foz, do leito petreo, protegida por um arrecife rochoso saliente; é profunda e muito útil ao comércio da vila, que não é nada desprezível. É este feito por cerca de quarenta das pequenas embarcações de dois mastros denominadas "lan-chas"⁽³¹⁷⁾, que saem em busca da "garoupa" e do "mero" duas espécies de peixe de água salgada, permanecendo sempre de quatro a seis semanas no mar; então voltam, cada uma com uma carga de 1500 a 2000 peixes salgados, do que a vila exporta, anualmente, de 90 a 100,000. Um pouco é consumido no próprio lugar, sendo o resto mandado para a Bafa e outros portos. Cada peixe é vendido, em média, por 160 a 200 réis, de modo que o comércio traz grandes lucros à vila. Entretanto, entre os 2600 habitantes, que dizem haver, poucos estão em situação folgada, carecendo a maioria dos requisitos industriais necessários para prosperar. Geralmente trocam o peixe na Bafa, e alhures, por vários produtos, consumindo pessoalmente grande parte do mesmo, que constitui, assim, o principal meio de subsistência. Dai resulta que muitas pessoas são atingidas pelo escorbuto; e o forasteiro, mal entra na vila, é imediatamente rodeado por um magote de gente pobre e doentia. Há muito pouca lavoura, e só escasos moradores possuem plantações; de geito que a maior parte da farinha de mandioca de consumo vem de Santa Cruz. O convento de

(*) (Suplem.) Não pude descrever nem determinar esses peixes, porque só consegui vê-los salgados, secos e muito desfigurados. A "garoupa" de Porto Seguro é um grande peixe carnívoro de 5 a 6 palmos de comprimento com a parte anterior engrossada, cabeça e olhos grandes, e provido de ossos nos lábios; o corpo adelgaça-se para a parte posterior, terminada numa nadadeira caudal longa e bifurcada. Todas as escamas são de um belo e delicado vermelho, com a base porém branca; das guelras até a cauda corre uma fita larga e amarelada, abaixo da qual ainda se vêem três finas listras longitudinais amarelas; acima da linha amarela mediana há manchas amarelas alongadas e irregulares; ventre branco. Não vi o "mero", mas é provavelmente o mesmo peixe que MARC-GRABE descreveu à pag. 169 com esse nome.

(317) Ainda hoje as lanchas de dois mastros são a embarcação usada correntemente na Bafa, para o transporte de mercadorias entre a capital e os diferentes pontos do Recôncavo, onde são construídas, de acordo com os primitivos processos, conservados pela tradição.

S. Bento do Rio tem uma grande "fazenda" na vizinhança, dirigida por um padre. Os moradores de Porto Seguro gosam da reputação de bons marinheiros, e, sendo tão ativo o comércio com a Baía, em nenhum outro ponto do litoral há maiores oportunidades de viajar-se até lá. As únicas embarcações empregadas nesse tráfego são "lanchas garoupeiras", muito velozes, mesmo quando o vento não é favorável. Têm dois pequenos mastros, dos quais a mezena é o mais curto; o mastro grande leva uma larga vela quadrada, a mezena uma pequena e triangular; podem ser dispostas de tal sorte, que o barco singre ao menor bafejo, quando outros de nenhum modo poderiam velejar.

A primitiva história de Porto Seguro regista vários e notáveis acontecimentos. Durante a guerra holandesa no Brasil, o lugar não tinha mais de 50 habitantes, havendo nas cercanias três aldeias de índios. A esse tempo, somente 40 portugueses viviam nas margens do rio Caravelas. Na última metade do século XVII, alguns remanescentes dos "Tupinambás" e "Tamoios, uniram-se, contra os portugueses, aos seus inimigos, os "Aimorés" ou Botocudos. Os "Tupiniquins" eram aliados dos portugueses; mas os inimigos destes somavam muito mais, e destruíram Porto Seguro, Sto. Amaro e Santa Cruz. No primeiro dos referidos lugares, conta Southey*, surpreenderam os moradores na missa. Dizem que, então, Porto Seguro era maior do que atualmente. Um chefe aliado dos "Tapuias", originário do Rio S. Antônio, chamado Tatenó, defendeu a vila contra os próprios conterrâneos, salvando-a da inteira destruição**. Das aldeias indígenas mencionadas acima, nenhuma existe mais a não ser Vila Verde, situada a um pequeno dia de jornada rio acima. E' inteiramente habitada por índios; apenas o padre ("padre vigário") e o "escrivão" são portugueses. A maioria deles, entretanto, vive pelas plantações, vindo somente às casas da aldeia aos domingos e dias santos. Existe aí um convento de jesuítas em ruínas, mas cuja igreja é ainda usada. A vila tem de 40 a 50 casas e cerca de 500 habitantes: exporta perto de 1.000 alqueires de farinha de mandioca, e algumas pranchas. Um pouco acima, o "ouvidor" fundou o posto de Aguiar, com seis índios, que dizem já exportar 500 alqueires de farinha de mandioca.

Vários riachos desembocam no Porto Seguro, ou Buranhaem, ainda conhecido por Rio da Cachoeira, entre outros o Patatiba. Dessa junção até à foz, que se alcança depois de um percurso de aproximadamente três léguas, recebe o nome de Ambas as Agoas.

Estivemos algum tempo em Porto Seguro, afim de conhecermos o lugar e as circunyacências; em seguida, continuámos a viagem ao norte, ao longo da costa, caminho que é o único, não havendo nenhum que leve para o interior. Nossa tropa teve de atravessar diversos rios, insignificantes na maré-baixa, mas intransponíveis na alta. Conhecem-se por Rio das Mangues e Barra de Mutari. Para

(*) Southey's *history of Brazil*, vol. II, p. 665.

(**) *Corografia Brasileira*, etc., t. II, p. 81.

o interior, colinas cobertas de sombrias florestas limitavam o horizonte ; e os coqueiros, encimando-as, indicavam, ao longe, as habitações escondidas na mata.

Os moradores dessas paragens falam frequentemente de um ataque, que, há cerca de vinte e dois anos atrás, sofreram por parte de dusa fragatas francesas, cujas tripulações desembarcaram para saquear os arredores. Com uma bandeira à frente, uma horda numerosa e selvagem avançou sobre Santa Cruz, mas os habitantes acorreram às armas, postando-se por trás das moitas da praia um fogo bem dirigido matou vários dos inimigos, ferindo outros ; ao que os ladrões reembarcaram precipitadamente, depois de terem assassinado, por vingança, um simples transeunte, que, sem suspeitar do perigo, seguia por acaso o mesmo caminho.

Na fóz do Mutari, rasa e arenosa, encontrámos um bando da *Anas vidua* Linneus³¹⁸, bonito pato que caçáramos frequentemente para o sul, mas não viamos durante muito tempo. Si bem que nossos caçadores tentassem se aproximar com a maior precaução, não conseguiram matar nenhuma dessas aves ariscas. Na minha segunda visita a esses lugares, alguns meses mais tarde, dei, no litoral, com numerosos restos de grandes baleias, indicando uma pescaria de largas proporções. Bandos inteiros do abutre preto "urubú" cobriam os despojos, que infectavam toda a costa, até longe.

O rio de Santa Cruz desagúa no mar perto de cinco léguas de Porto Seguro ; é um pouco mais estreito que o anterior, porém possúe, igualmente, bôa e segura "barra", protegida, por um arrecife rochoso saliente, da fúria do oceano. Santa Cruz é bem conhecida como o mais antigo estabelecimento dos portugueses no Brasil. Pedro Alvares Cabral aí desembarcou a 3 de Maio de 1500, sendo amigavelmente recebido pelos habitantes. Celebrou-se a primeira missa, e deu-se à terra o mesmo nome que ainda conserva ; ao rio mais próximo, para o sul, chamou-se Porto Seguro, referência ao seu protegido ancoradouro. Posteriormente, Santa Cruz tornou-se uma paróquia, que ainda leva o nome de "Freguesia de Nossa Senhora da Bella Cruz". A vila de Santa Cruz fica na embocadura do rio, na margem sul ; a igreja e parte da vila estão situadas em uma elevação, que se distingue pela presença de dois coqueiros, como vem representado na estampa 8.^a (edição in-4to). Ao pé da eminência se estende a restante vila, formada de casas acachapadas, esparsas entre os laranjais e as bananeiras.

O povo ocupa-se mais com a lavoura que o de Porto Seguro, pois supre o lugar de farinha de mandioca, exportando-a também para outros pontos da costa oriental : os moradores, entretanto, têm fama de muito indolentes, e de trabalhar muito pouco. A pescaria da "garoupa" utiliza algumas embarcações, mas só havia, ao tempo, quatro

(318) *Dendrocygna vidua* Linn., vulgarmente "marreca-viuva", "marreca-piadeira" (R. Gr. do Sul), "irêrê" etc. É uma das mais comuns de nossas marrecas e se reconhece facilmente pela curiosa coloração da cabeça, branca até quasi a nuca e preta dal para traz.

lanchas em serviço. Santa Cruz é, sob todos os pontos de vista, muito menor que Porto Seguro. Dizem que foi outrora muito mais florescente, porém os habitantes mais opulentos faleceram. O rio Santa Cruz nasce à distância de uns poucos dias de viagem, provindo de duas fontes principais, que se unem e correm para o mar. Essas nascentes são tão próximas do Rio Grande de Belmonte, que, segundo dizem, um tiro desfechado perto delas se ouve neste último, um pouco acima da Ilha Grande, da qual falaremos adiante. O Rio Grande de Belmonte, no entanto, dirige-se logo um pouco para o sul. Os Botocudos vagueiam pelo alto Santa Cruz; mais perto do litoral, porém, o rio lhes demarca os limites do território, vivendo os "Patachos" e os "Machacalis" na região situada à margem sul. As plantações existentes rio acima foram assoladas, não havia muito, pelos Botocudos, do mesmo modo que a vila, em outros tempos, pelos "Abatirás" e "Aimores" ou "Botocudos": e, apenas dois anos antes, o "ouvidor" achara necessário estabelecer o destacamento de Aveiros, onde já se encontram algumas plantações. Os arredores de Santa Cruz são muito apropriados ao cultivo de vários produtos, mas o "páu Brasil" não dá em tanta abundância como nas cercânias de Porto Seguro.

Em Santa Cruz, fiz minha "tropa" atravessar imediatamente o rio, alojando-me na "povoação" de Sto. André, situada a pequena distância da margem norte do rio.

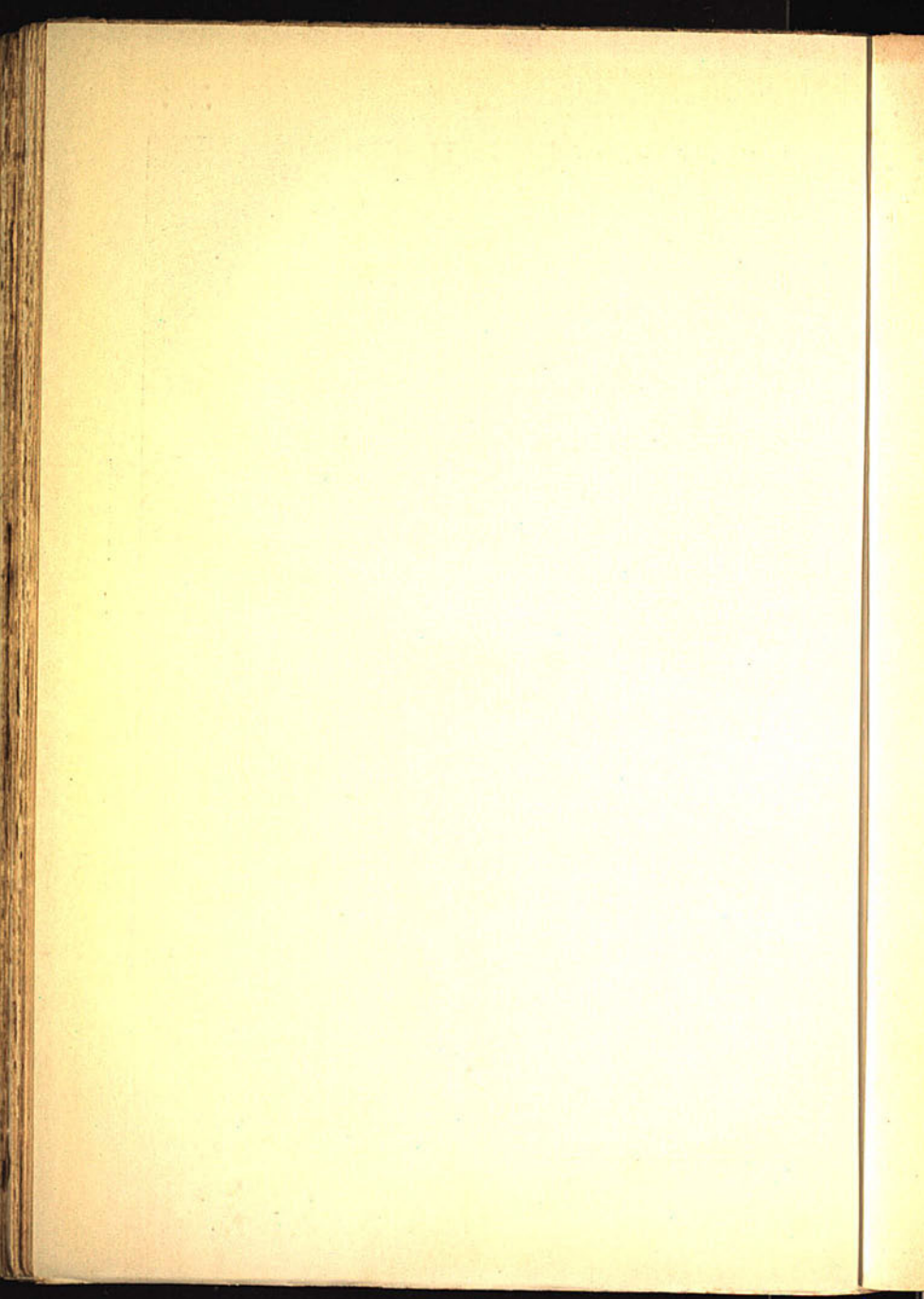
Os moradores desse lugar nos receberam hospitaleiramente, e várias pessoas doentes vieram desde logo visitar-nos; pois todos os viajantes estrangeiros são aí tomados por médicos. Muitos têm febres, doença muito comum na zona; felizmente, pude fornecer-lhes um pouco de quina verdadeira. A residência em que nos alojámos nessa noite era de situação bastante aprazível: as poucas casas de Sto. André se espalham entre pitorescos bosques e moitas de coqueiros, sob os quais o chão se atapeta de viçosa verdura; e onde, no frescor da tardinha, nossos animais encontraram repouso depois de cá-lida jornada pela costa arenosa. Entre as árvores que rodeavam a casa, havia uma enorme "gameleira" (*Ficus*), que estendia longe e horizontalmente os galhos gigantescos, e suportava, no tronco curto e muito grosso, copas magníficas; as folhas ovais e rijas são largas e verde-escuras, e os rebentos contêm um suco leitoso. No tronco e nos ramos dessa árvore existia rica coleção de botânica; porquanto muitas variedades de *Bromelia*, um lindo *Cactus*, trepadeiras, musgos e líquens, além de várias outras plantas sumarentas e folhudas, intrincavam-se extraordinariamente à sombra da ficácea. Mais ao sul, nesse litoral, dão o nome de "gameleira" a diversas espécies de árvores; porém a "gameleira preta" e a "branca", mencionadas por Koster*, parecem ter afinidade com a árvore em questão. Em alguns lugares, os selvagens usam a madeira da "gameleira" para acender fogo, girando um pedaço em outro. O cajueiro (*Anacardium occidentale* Linn.)

(*) KOSTER'S, *Travels*, etc., p. 303.



(Est. 8).

Vista da fés do rio e da igreja de Santa Cruz.



era também muito comum; come-se bastante seu fruto agri-doce e perfume; achava-se, então, em plena, florescência.

Encontrei, em St. André, moradores ocupados na confecção de cordas finas, nas quais, logo que terminadas, esfregavam a casca fresca e sumarenta da "aroeira" (*Schinus molle*), dando-lhes um tom Bruno lúzio e tornando-as muito resistentes à água, pois o suco oleo-resinoso da casca as reveste e penetra completamente; o método só é aplicado, entretanto, às cordas de "tucum" que, assim preparadas, valem bom preço na Baía. As cordas de "gravatá" (*Bromelia*), ou de algodão são esfregadas com as folhas do "mangue" *Rhizophora*. O suco da "aroeira" é também usado pelos índios nas moléstias dos olhos; porém só empregam, para tal fim, a seiva esverdeada das plantas novas.

Quando melhorou um pouco o tempo desagradável e ventoso, despedi-me do nosso hospedeiro de St. André, no intuito de alcançar no mesmo dia o rio Mogiquicaba, que os habitantes da região chamam geralmente Misquicaba. A praia, assim como o rio, é muito bonita na maré-baixa, e tão plana quanto uma eira. Algas e conchas se espalhavam pela areia compacta, tendo nós topado, morto, um bom espécime de andorinha do mar azul (*Procellaria*); perecera, com certeza, nas últimas tempestades. A espécie de carangueijo denominada "ciri" pelos portugueses, aparece em abundância em todas essas costas arenosas e planas do este brasileiro. O curioso animal tem corpo azul-acinzentado, patas e ventre branco-amarelados. Cava buracos na reia molhada pelas vagas, fugindo de um perigo iminente. Si alguém se aproxima, ergue-se, abre as tenazes e, ligeiro como uma flecha, corre de lado para o mar. E' um bom prato, assado ou cozido; tem igualmente uso medicinal, pois, quando moído, dizem que o suco dá resultado nas hemorroidas.

Alcancei o pequeno rio St. Antônio, cuja bôca, sendo vasante, estava muito rasa, não podendo, porém, ser vadeada na enchente, porque deságua no mar por diversos braços, então percorridos por grandes vagas. Ultimamente, rio acima, os Botocudos exerceram hostilidades, matando todos os moradores de uma casa. Um jovem botocudo, criado pela família, avisou-a da aproximação dos conterrâneos; mas não lhe deram atenção.

Além do St. Antônio, descobri na areia numerosas carapaças de uma variedade de ouriço do mar (*Echinus pentaporus*), com seis aberturas elípticas*. São extremamente frágeis; encontrámo-las misturadas a grande quantidade de conchas comuns. Nesse ponto, as capoeiras da costa são rodeadas de trechos extensos cobertos pela variedade de cana chamada "ubá",¹ de belos leques, sobre os quais espiga e longo tufo de flores. Cavalos e bois pastavam por aí. Umás poucas famílias estabeleceram e fundaram uma "povoação" à margem de um

(*) Provavelmente, a espécie figurada por BRUGUIÈRE na prancha 149, fig. 3, e por BOSCH, *Hist. Natur. des Vers.*, Vol. II, pl. 14, fig. 5.

riachinho denominado Barra de Guaiú. Deste ponto, logo depois alcançamos o rio Mogiquiçaba, menor que o Santa Cruz. Na margem sul, perto da foz, há uma "fazenda" pertencente ao "ouvidor" desta "comarca" onde só existe gádo, além de umas cabanas miseráveis. Nela trabalham cerca de dezoito escravos negros, que, entre outras coisas, se ocupam em fazer cordoalhas para navios com as fibras dos "côco de piassaba", palmeira que dá nessas paragens, sendo muito comum para o norte. Dizem que as fibras provêm das bainhas das folhas; rijas, secas e resistentes, têm 4 a 5 pés de comprimento, e desprendem-se sozinhas, quando puchadas. Graças a um método especial, são entretecidas em cordas, muito fortes e à prova d'água, porém um pouco ásperas e desagradáveis ao tato; enviam-se para a Baía em grandes quantidades, onde as empregam a bordo dos navios. O fruto dessa árvore é um côco alongado, pontudo e de cor castanho escura de 3 a 4 polegadas de comprimento: penso que o vi nos museus catalogado com o nome de *Cocos lapidea*: a palmeira não é encontrada ao sul de Santa Cruz. Não há, além disso, muita coisa digna de nota na região do Mogiquiçaba: perto como longe, cobrem-na densas florestas, e apenas algumas pessoas se encontram estabelecidas um pouco acima da "fazenda" do "ouvidor." O rio é abundante em peixe, perfazendo grande parte da alimentação dos habitantes. Encontram-se, para o alto, selvícolas nas florestas marginais, porém não são vistos na embocadura: segundo se afirma, são todos botocudos.

Tivemos o prazer de achar leite no Mogiquiçaba, de que havia tanto nos achávamos privados. As vacas da região são bonitas e gordas, mas não dão tanto nem tão bom leite quanto as nossas da Europa, o que provavelmente se deve ao solo arenoso. Todas as tardes os rebanhos são tangidos para um cercado de forma quadrada, a que chamam "curral"; o bezerro é imediatamente separado da vaca, quando se quer ordenhá-la no dia seguinte. Na cabana onde passámos a noite morava uma escrava negra macróbia pertencente ao "ouvidor"; mulheres assim, no Brasil, são frequentemente consideradas "feiticeiras" ou bruxas pelo vulgo. Fechara bem a porta da sua morada, e pareceu em extremo descontente quando lhe tentámos abrir o santuário, afim de conseguirmos uma fogueira: pois sem dúvida não poderíamos passar a noite sem ela, expostos como estávamos à fria e cortante viração; a porta da macróbia foi, assim, aberta à força.

Uma planície de cinco léguas se estende de Mogiquiçaba ao rio Belmonte. Mais ou menos a meio caminho há um lugar onde um braço do rio, atualmente seco, desembocava outrora no mar; é ainda denominado Barra Velha, ou seja foz antiga. O caminho litorâneo segue por areia firme, mas há um atalho mais curto que leva a uma pastagem de capim baixo, onde, aqui e ali, se viam grupos esparsos de palmeiras "aricuri" e "guri". Minha "tropa" perdeu o caminho nesse trecho, enredando-se entre numerosas valas, lagôas e pântanos, em que esteve em perigo de atolar-se. Livrámo-nos, entretanto, me-

lhor do que seria de esperar, e tornámos à costa, onde as vagas mostravam desusada violência, tendo arremessado à praia e partido em pedaços uma lancha de Belmonte, cuja tripulação se salvava.

Após fatigante e incômoda jornada sob a canícula e pelos areiais estéreis e ardentes, descortinámos jubilosamente, à tardinha, as comas ondeantes dos palmeirais em que a Vila de Belmonte fica situada. E' um lugar pequeno e medíocre, ora em caminho da decadência, fundado, cinquenta a sessenta anos atrás, com índios de que restam poucos atualmente. A casa da câmara, feita de madeira e barro, estava a pique de ruir; uma parede caíra por completo, de modo que se devassava todo o interior. A vila forma uma praça com cêrca de 60 casas, tendo do aproximadamente 600 habitantes; a igreja fica numa das extremidades. As casas de residência são cabanas acachapadas feitas de barro; a única de alguma apresentação pertence ao "capitão mor", a do "ouvidor", na qual me deram pouso, não era melhor do que as outras. Quasi todas as cabanas são cobertas de palha, e as ruas irregulares e sem calçamento, cheias de capim, tornam o lugar equivalente às nossas mais atrazadas aldeias; o único ornamento está no número de coqueiros da planície arenosa, que por toda parte rodeiam as habitações, unindo as cimas altanadas em um bosque farfalhante. Esses coqueiros são aí notavelmente produtivos; julga a população que rendem tanto por causa dos buracos feitos nos caules, um pouco acima do solo.

Bem junto à vila, o importante Rio Grande de Belmonte se lança ao mar: a foz está referida aos 15.º 40' de latitude sul. Nasce nos altos espigões montanhosos de Minas Gerais, mas recebe primeiramente o nome de Rio Grande em Minas Novas, depois da junção do Araquai e do Jequitinhonha, cujos garimpos de ouro e diamantes já foram descritos por Mawe. Esse largo rio é caudaloso por ocasião da cheia, porém a entrada é sempre difícil e perigosa, havendo, aqui e alí, bancos de areia, que então, época da vasante, podíamos ver, mas que, mesmo durante o período das águas, são perigosos à navegação, tendo já destruído muitas lanchas. Belmonte possui três ou quatro lanchas, com que mantem, com a Baía, algum comércio de farinha de mandioca, algodão, arroz e madeiras de lei. A exportação anual de farinha de mandioca é de cêrca de mil alqueires; o mesmo de arroz, dois mil de milho, e um pouco de aguardente, embora só haja aí duas destilarias. As margens do rio são férteis, pois que parcialmente inundadas. Havia, nesse tempo, no lugar, um escocês que mantinha um comércio de algodão bastante desenvolvido; acabou justamente de perder um navio quasi que inteiramente carregado, devido à conduta desleal do capitão. O pobre vilarejo tira agora alguma vantagem da comunicação feita com Minas Novas, na "capitania" de Minas Gerais, pelo rio e ao longo dele, mas, ainda assim, mal tem o indispensável à vida, sendo que nós, forasteiros, não conseguiríamos nada por dinheiro, si acaso não tivessemos as mais urgentes necessidades satisfeitas graças ao nosso conhecimento com os moradores; entre-

tanto, os "mineiros", de tempos a tempos, traziam em canoas, para o litoral, víveres e outros artigos, tais como milho, toucinho, carne seca, pólvora, algodão, etc., que supriam em parte a Vila de Belmonte e em parte eram mandados para Porto Seguro e Baía.

As florestas das margens do Belmonte constituem o principal retiro da tribo dos "Botocudos", tantas vezes referida, e em virtude da qual o rio não podia, antigamente, ser navegado sem perigo. É verdade que alguns aventureiros, em data anterior, subiram o rio em canoas feitas com a madeira de "barriguda"³¹⁹; porém o Capitão Mór foi o primeiro quem, em 1804, se aventurou a subi-lo até Vila do Farnado em Minas Novas. Fez êle circunstanciado relatório da expedição, na qual o acompanharam o Capitão Simplicio José da Silveira e o "escrivão" de Belmonte. Por ordem do "conde" dos Arcos, governador da "capitania" da Baía, o "ouvidor", Marcelino da Cunha, depois de tratar os selvícolas de maneira prudente e razoável, concluiu com êles um acôrdo, três anos atrás, que pôs fim às hostilidades de ambos os lados. Um único chefe dessas tribus, chamado Jonué, a quem os com-patriços, devido à sua incansável agressividade, apelidam de Jonué *iakiiam* (o guerreiro), não concordou: êle ronda com sua gente o alto Belmonte, perto da Cachoeira do Inferno, e alveja as canoas que por lá passam; mais ainda, vive em discórdia com os conterrâneos que fizeram a paz com os portugueses. No intuito de conquistar os "Botocudos", mandaram-lhes facas, machados e outros instrumentos de ferro, com que alcançaram o almejado objetivo. O "capitão" Simplicio, sobretudo, foi muito ativo por essa ocasião: pode considerar-se como prova do bom entendimento subsistente o já irem os portugueses compreendendo alguma coisa da língua dos referidos selvagens.

Afastados, assim, os temores que os selvícolas justificavam, os portugueses começaram a abrir uma estrada para Minas Novas, através das grandes florestas seculares da margem sul do rio. Está hoje quasi acabada, e prestaria grandes serviços si tudo o que lhe foi gahado fosse efetivo. Não se construíram pontes sobre as profundas fendas ou ravinas das pequenas correntes florestais, ou "córregos", que em muitos pontos interceptam essa estrada; razão por que os muare carregados não as podem transpôr: dizem também que, em vários trechos dessa longa viagem pela mataria incessante, medram hervas venenosas, letais para o gado. Confiante na informação sobre a excellência da estrada, um "mineiro" tentou vencê-la com uma "tropa" numerosa carregada de algodão, perdendo, porém, grande parte dos burros; é verdade que se alega dever êle o desastre, até certo ponto, à própria imprudência; mas o insucesso deteve outros, de modo que atualmente ninguém palmilha a parte baixa da estrada; a parte alta, pelo contrário, está em uso. Tive ocasião de convencer-me pessoal-

(319) Wied escreve "Barrigudo", em vez de "barriguda", nome que no norte, corresponde às plantas chamadas paineiras (*Bombax*, *Chorisia*) no sul do país.

mente de que a mesma estrada, a qual em melhor estado seria utilíssima à região, não merece os elogios recebidos de muitos, embora se tenha, depois disso, feito algo para a melhorar. A comunicação se realiza melhor pelo rio, em canôas, do que pela estrada. Várias delas, carregadas de produtos, descem anualmente de Minas, levando de volta, em geral, sal e outros artigos. São precisos perto de vinte dias para chegar às primeiras paragens habitadas de Minas, viagem sempre incômoda, ainda que Mawe a pareça ter imaginado mais fácil. Para o fim de proteger tais comunicações contra os selvagens ainda hostis, diversos postos militares foram estabelecidos rio acima, em direção à Minas: são em número de seis, Quartel dos Arcos, Quartel do Salto, Quartel do Estreito, Quartel do Vigia, Quartel de S. Miguel e dos Tucaios de Lorena. O primeiro é geralmente apelidado Ca-xoeirinha, devido às pequenas quedas d'água do rio vizinho, acarreta das pela presença de escarpas rochosas. A navegação fluvial traz certo arrimo à Vila de Belmonte; os habitantes, todos pescadores, são, à semelhança da maioria dos compatriotas, muito destros no manejo das canôas.

Há em Belmonte uma raça peculiar de índios civilizados convertidos ao cristianismo, e conhecidos por índios "Meniens", que a si próprios, porém, se chamam "Camacans". Os remanescentes da antiga língua, ora em extremo corrompida, testemunham-lhe a origem real, que eles mesmos conhecem bem. Outrora viveram rio acima, até que os Paulistas (habitantes da "capitania" de S. Paulo) os rechas-saram dessa região, matando muitos. Os que escaparam fugiram para a vila, onde se estabeleceram. Aos poucos, abandonaram de todo o antigo modo de vida, sendo agora completamente mansos e em parte cruzados com a raça negra, alguns empregados como soldados, outros como pescadores e lavradores. Apenas uma minoria de gente velha ainda entende algumas palavras da antiga língua. São hábeis em trabalhos manuais, e fazem "esteiras", chapéus de palha, cestos, rêdes de pescar e rêdes menores para pegar caranguejos*. São também bons caçadores, como todos os índios, mas há muito deixaram o arco e as flechas pela espingarda.

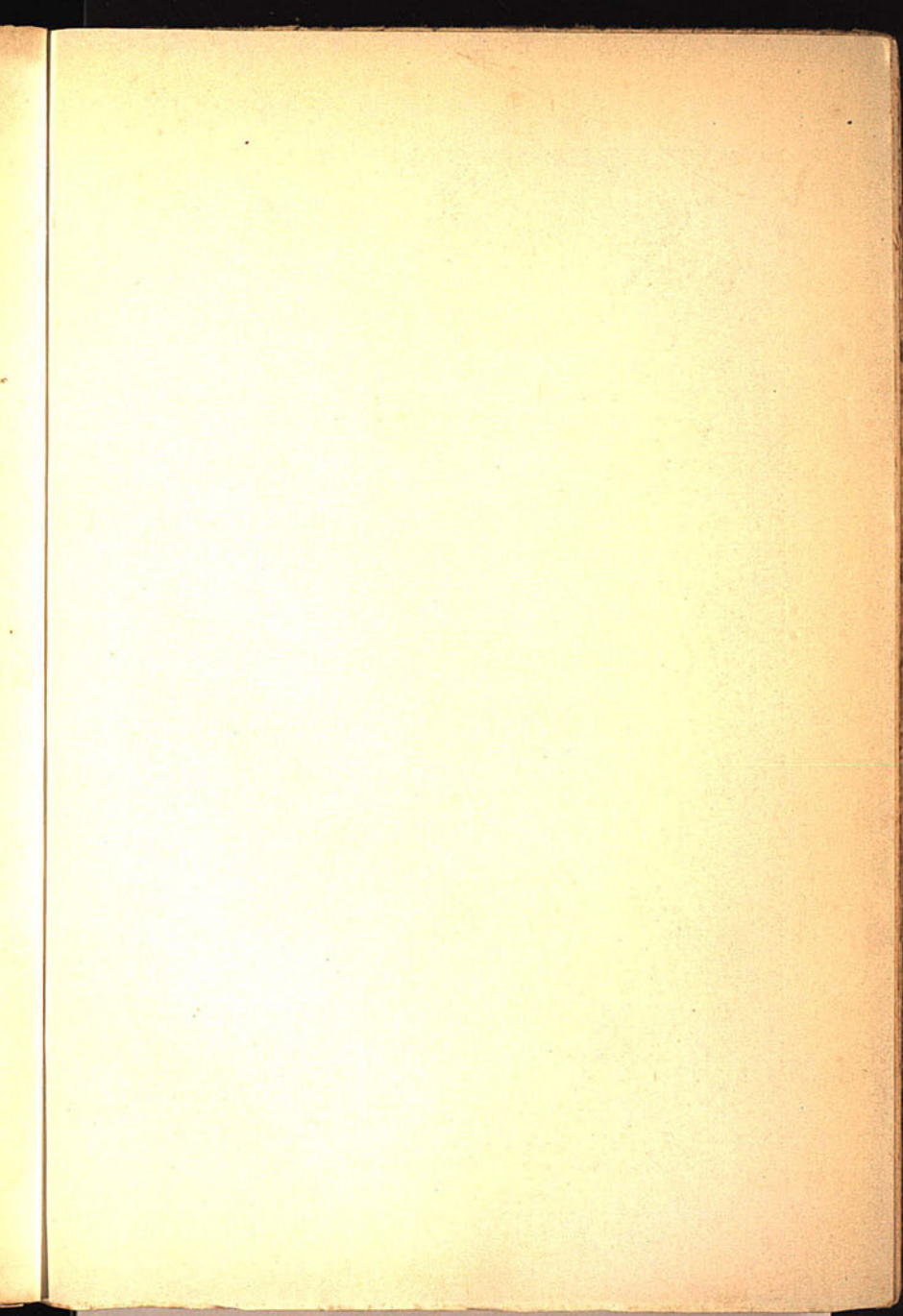
Passei algum tempo em Belmonte, afim de que meu pessoal e os animais repousassem, embora a região não seja considerada muito salubre; febres e catarros são frequentes, e a população se queixava de que este ano de 1816 fôra desusadamente doentio. Os mosquitos representam uma praga nessa região; uma espécie, conhecida por "vincudo"³²⁰ é entre todas molesta. Dizem que na estação cálida, sobretudo, tornam-se tão intoleráveis no interior das casas, que os moradores fogem com as esteiras para a praia, na intenção de obter, na fresca viração marinha, uma trégua nos ataques desses insetos importunos.

(*) Essa rêde, chamada "puçá", é um saco fortemente amarrado, que dois homens arrastam pelo fundo do mar.

(320) "Fincudo" (no original "vincudo"), "muricoca", "carapanã", "pernilongo", etc., são outras tantos nomes vulgares dos mosquitos hematófagos da grande família dos Culicidas.

The Language of Religion

There is a great deal of talk about the language of religion, and it is true that it is a very important part of our life. But what is the language of religion? Is it the words we use to describe God? Or is it the way we think about God? Or is it the way we live our lives? These are all questions that have been asked for centuries, and they are still being asked today. In this book, we will explore the language of religion in a new way. We will look at the words we use, the way we think, and the way we live, and we will see how they are all connected. We will see how the language of religion is not just a set of words, but a way of life. We will see how it is a language that is always changing, and that is always with us. We will see how it is a language that is both simple and complex, and that is both beautiful and terrifying. We will see how it is a language that is the heart of our faith, and that is the heart of our life.





Botocudos. O chefe Kerengnatnuck e sua familia.

ESTADIA NO RIO GRANDE DE BELMONTE E ENTRE OS BOTOCUDOS

Quartel dos Arcos. — Os Botocudos. — Viagem ao Quartel do Salto. — Volta ao Quartel dos Arcos. — Combate entre Botocudos. — Viagem a Caravelas. — Os Machacalis do Rio do Prado. — Volta a Belmonte.

Desejando travar conhecimento com as belas e interessantes matarias das margens do Belmonte, resolvi passar alguns meses nos "Sertões", e talvez subir o rio até Minas. Aluguei duas canoas na vila, equipei-as com cinco homens e embarquei minha gente e a bagagem. A 17 de Agosto deixei Belmonte, durante a enchente da maré, e segui por um pequeno braço até o rio, que é aí bastante largo e em parte ocupado por bancos de areia ("coroas"). Assemelha-se este em muitos pontos ao Rio Doce, com a diferença de ser mais estreito, tendo de quinhentos a seiscentos passos de largura. Florestas e altos canaviais, da espécie denominada "ubá", ou "cana brava", orlam as margens, interrompidas aqui e ali por "fazendas" e plantações. Vimos, nas bordas dos bancos de areia, o talha-mar (*Rhynchops nigra*, Linn.) pousado e imóvel; e o grande "carão" (*Numenius Caraua*, Latham)^{*321}, bela ave palustre, passeava gravemente, olhando em volta com timidez; a muito custo conseguimos matar uma dessas aves ariscas.

Na "fazenda" de Ipiçura, pertencente aos herdeiros do falecido "capitão-mor" de Belmonte, parei um pouco para tomar alguns víveres necessários à viagem e, sobretudo, prover-me de aguardente, de tanta precisão nas febres. Essa fazenda possui o único engenho de açúcar da região do Belmonte; verdade é que ficara parado por muito tempo, mas parecia estar então para trabalhar de novo. Também fa-

(*) (Suplem.) *Numenius guarana* e não *caraua*, como está no texto por erro tipográfico. Este é o "Carau" de Azara (ed. Sonnini, IV, p. 223); eu o tomara por *Ardea scolopacea*, Linn., ou "Courlins ou Courlan" de Buffon, si este não tivesse a unha do dedo médio pectinada, caráter que falta à ave brasileira. O Prof. Lichtenstein, com muito acerto, identificou-o ao "Guarauna", de Marcgrave (*Numenius gigas* do Museu de Berlim).

(321) "Carão" é, como se verá adiante, nome empregado também, às vezes, com menos propriedade, a outras aves ribeirinhas. No caso presente, segundo opinião hoje universalmente aceita, e em que pese o parecer de Lichtenstein e o do próprio autor, trata-se da espécie a que Vieillot chamou *Aramus scolopaceus*, baseando-se exclusivamente no "Carau" de Azara (na nota de Wied, grafado "Cará" em vez de "Carau", por evidente erro tipográfico). A confusão com *Scolopax guarana* Linn., ibídida de cor preta, que corresponde precisamente à "Guarauna" de Marcgrave, permanece nas Beitr. (IV, p. 777), onde o carão é descrito, com mudança apenas de nome generico (*Nothrodus*). *Aramus scolopaceus* (Vieill.) de que hoje se reconhecem duas variedades geográficas, é ainda relativamente comum na Amazônia e nos estados centrais do Brasil. Cf. O. PINTO, *Rev. Mus. Paul.*, XVII, 2.ª parte, p. 715 (1932), e XXII, p. 106 (1938).

bricam aí "água ardente de cana". Ambas as margens do rio são bonitas : nelas ondeavam altas e compactas touceiras de "ubá", de inflorescência parecida com uma bandeira e folhas abertas em leque ; sobre elas, num segundo plano, uma faixa de esguias *Cecropia*, de caule anelado e côr de prata ; o fundo, de grande pitoresco, era formado por florestas densas e sombrias, cuja variegada folhagem verde-escura se erguia atrás em cerradas massas. A própria margem era um espesso intricado de plantas as mais diversas, onde trepadeiras de flores azues ou côr de violeta medravam luxuriantemente, entrelaçadas, e bonitas macegas de altas ervas, sobretudo do gênero *Cyperus*, enchiam os espaços restantes.

Ao pôr-do-sol saltámos numa "corôa", ou banco de areia, perto de Ibibura, onde alguma gente, na sua maioria índios "meniens" vivia em habitações esparsas. Pude aí comprar a bela pele de uma onça ultimamente abatida. Ficaria contente si conseguisse ou, pelo menos, pudesse ver o esqueleto do animal, mas o homem que a caçara me assegurou tê-lo deixado muito longe, na mata, e que eu encontraria o crânio na Corôa de Timicui, rio acima, lugar de parada costumeiro. Uns pescadores, que tinham as cabanas em Ibibura, deram-nos ovos de tartarugas fluviais, os quais são completamente redondos, do tamanho de cerêjas grandes, e de casca dura de um branco brilhante : não têm o desagradável gôsto de peixe dos ovos das tartarugas do mar, sendo, por isso, muito bons de comer. Começava então a época em que se encontram frescos : são enterrados às porções em todos os bancos de areia, e os pescadores procuram-nos ávidamente*. Quando anoiteceu, começou a chover violentamente e nós fugimos para nos abrigar em umas cabanas de pescadores, velhas e abandonadas, onde, entretanto, fomos importunados por inúmeras pulgas e "bichos" de pé. Os mosquitos também nos atormentaram, e só mesmo a fumaça sufocante da fogueira conseguiu atenuar os seus ataques. Esses insetos eram de todo intoleráveis na orla da mata, onde vimos, igualmente, o vampiro (*Phyllostomus Spectrum*)³²² a esvoaçar. Durante a noite, tivemos constantemente sob as vistas as canôas com a bagagem ; ficamos, por isso, todos encharcados e tivemos de passar a noite com as roupas molhadas.

Na manhã seguinte, encontrámos nossa canôa grande meio cheia d'água, e toda a bagagem molhada ; mal pudéramos proteger, nas cabanas, as armas de fogo e a pólvora seca. A água foi tirada o mais depressa possível, e, para alegria geral, o sol rompeu entre as nuvens pejudadas, aquecendo-nos e secando as pernas meio entorpecidas. Bem humorados, prosseguimos.

(*) Esses ovos são da espécie de tartaruga que nós capturámos no Mucuri com linha e anzol. Parece tratar-se de uma espécie até aqui desconhecida, caracterizada por duas barbelas debaixo do queixo e pela concha muito chata.

(322) Objeto de nota anterior (n.º 311).

Assim como ouvíramos no Rio Doce, os gritos dos macacos, sobretudo dos guaribas e saf-assús, também aí reboavam, nas florestas seculares, os gritos agudos e penetrantes das "araras", das "anacans"³²³ (*Psittacus severus*, Linn.) e muitos outros papagaios. Nos bancos planos de areia, que então, estando baixo o nível das águas, surgiram no rio recortado de lindas ilhas, a andorinha do mar de bico amarelo (*Sterna flavirostris*)³²⁴ pousava aos pares; ela plana no espaço e cai perpendicularmente sobre a água, em caça do peixe, e, caso alguma pessoa se aproxime do ninho, mergulha sobre ela como si lhe quizesse traspassar o crânio, intenção que, de fato, os habitantes lhe atribuem.

Ao meio-dia, chegámos à boca do Obú, pequeno rio que deságua no Belmonte, subindo-o um pouco, encontra-se às margens d'ele uma pequena "povoação", que lhe recebeu o nome, de doze a quatorze casas, onde se cultiva e manda para a vila grande quantidade de mandioca, arroz e milho, além de alguma cana de açúcar. Não existem aí engenhos de açúcar; os habitantes limitam-se a extrair o caldo da cana, espremendo-o entre dois róis, e conseguindo, assim, o xarope necessário ao próprio consumo. A embocadura do pequeno rio é denominada Boca d'Obú, e diante dela fica uma ilha, chamada Ilha da Boca d'Obú. Mandeí abicar as canoas para a boca desse riacho, afim de obter a farinha exigida pelo sustento do meu pessoal para a prossecução da viagem, e aproveitámos a oportunidade de conhecer a floresta vizinha. Aconteceu que uma canoa, carregada de farinha, descia o Obú, permitindo-nos apressar o negócio; comprámos o que quizesmos e de novo deixámos a margem. Num trecho largo do rio, na ponta de uma "corôa", vimos um bando de patos de uma espécie ainda inobservada por nós, e que se distingue pela plumagem pardo-amarelada³²⁵. Quando nos acercámos, levantaram vôo, descrevendo

(*) (Suplem.) Ela se parece com *Sterna cayennensis*, que também não existe somente na Guiana, mas é ainda encontrada nas costas brasileiras. Para o sul encontra-se desde o Espírito Santo, mas talvez vá ainda mais longe. Vive nas costas marítimas, lagoas e, mais ao norte, no interior da própria mata, bancos de areia dos rios, onde é a primeira ave a saudar o romper do dia com a sua voz sonora.

(**) *Anas virgata*, espécie nova, de plumagem amarelo-ferrugenta; toda a parte interna da asa, preta; as primeiras penas da asa têm riscas brancas; penas laterais do corpo com uma estria longitudinal branco-amarelada; comprimento total do macho, 17 polegadas e 9 linhas.

(323) "Ariranã" ou "maracanã" são os nomes aplicados hoje à *Ara severa* Linn., comquan to não dela privativos.

No Brasil oriental, "anacã" parece nome atualmente em desuso, quer para esta, quer para outra qualquer espécie de psitácida. Na Amazônia, porém, continúa a ter, acessoriamente, esta acepção, mas é sobretudo empregado com referência a outra ave, *Derophtus accipitrinus* Lin., também chamado "papagaio de coileira", pelo seu singular hábito de eriçar, em toda volta, as penas ornamentais do pescoço.

(324) A espécie em questão é *Phaethusa simplex* (Gmelin), mais geralmente referida sob o nome de *Ph. magnirostris* (Licht.). Ocorre tanto no litoral marítimo como nos grandes rios do interior; no Rio Grande do Sul é conhecida por "trinta-reis grande". A ave este-brasileira é hoje considerada raça particular, diversa da de Calena e cientificamente denominada *P. simplex chloropoda* (Vieillot). *Sterna cayennensis*, citada em nota do suplemento, corresponde a *Sterna maxima* Boddaert.

(325) *Dendrocygna bicolor* Vieillot, mais comumente referida sob *D. fulva* Gmelin, nome invalidado por homonímia. Entre seus nomes, vulgares citam-se "marreca peba" (Amaz.) e "marreca caneleira" (R. G. do Sul).

um grande círculo, e logo se reuniram de novo. Perseguimo-los desse modo durante muito tempo, até que por fim se refugiaram por trás de uma eminência da margem. Mandámos imediatamente um caçador, que se aproximou deles com precaução, matando dois com um tiro, os quais nos proporcionaram boa refeição, para a tarde.

Passámos a tardinha na Corôa de Piranga, onde excavámos ovos de tartaruga na areia. Nesse vasto areal, os rastros das onças e das antas, que por aí rondam durante a noite, cruzavam-se em todas as direcções. Não vimos seres vivos sinão andorinhas do mar (*Sterna*), que, na sua solicitude pelos filhotes, caíam, em alarido, sobre os intrusos. Aí levantámos umas poucas choças de folhas de coqueiro, onde dormimos a noite. Na manhã seguinte, retomámos a rota, estando o tempo sereno e amável. Nunca víramos antes as margens vestidas de plantas, tão belas e intrincadamente entrelaçadas. Admirámos, sobretudo, um esplêndido arbusto, muito vizinho do ipê *Bignonia* e com grandes flores vermelho-brilhantes, que fulgem como fogo na treva densa. Por toda a parte, plantas trepadeiras vestem de um tecido inextricável os altaneiros troncos seculares; brotavam as folhas novas das "sapucaias", de um róseo delicado; e rente à margem, onde, como girândolas, as *Cecropia* espalhavam os ramos cobertos de folhas palmadas, ondulavam sobre a areia as altas touceiras da "cana brava". Atingimos, perto da embocadura de um riacho, o Rio da Salça ou Peruaçu, que une o Rio Grande ao Rio Pardo. Devido a ser pouco favorável à navegação a boca do rio Belmonte, foi atualmente organizado um plano para tornar esse canal navegável por canoas, pela remoção de todos os obstáculos, maximé dos troncos de árvores caídos. Dizem que, na época do estio, é êle, muito raso porém, subindo as águas, torna-se suficientemente profundo.

Ouvindo o grito das "araras" nas matas adjacentes, não resistimos ao desejo de dar-lhes caça. Desembarcámos alguns dos caçadores e, dessa vez, fomos bem sucedidos. Um deles chegou-se cautelosamente e, com um tiro, cujo eco reboou magestosamente pela imponente floresta, matou de uma vez duas dessas grandes e lindas aves. Aí, surpresos, viram os caçadores um bando de pequenos saús (*Jacchus penicillatus*, Geoffr.)³²⁶, que, entretanto, pulando como esquilos por entre os cimos das árvores, desapareceram depressa demais para serem perseguidos. Tais macaquinhos são muito comuns nas florestas brasileiras; uma das espécies mais bem conhecidas é a *Simia jacchus* de Linneu, que já se encontra um pouco mais ao norte, nas circunscências da Bafa. As esplêndidas araras e outras belas aves da mesma família adornam essas matas umbrosas, vestidas das mais variadas folhagens. Um bando de vinte ou mais, tal como o que vimos, iluminado pelos raios esplendentes do sol, pousado numa ár-

(326) *Hapale penicillata* (E. Geoffr.). Wied aduz interessantes observações sobre este sagui no vol. II das "Beiträge" (p. 142 e ss.). A partir do Recôncavo, até a foz do Amazonas, ocorre *H. jacchus* (Linn.), com pinéis brancos nas orelhas e de todos os saguis o mais comumente conhecido.

vore de um verde muito brilhante, constitue, de certo, um quadro magnifico, só imaginável pelos que o contemplaram. Trepam com enorme agilidade pelos cipós entrelaçados e descobrem orgulhosamente, aos raios do sol, em todos os ângulos os corpos terminados pelos rabos compridos. Eram, então, vistas frequentemente nas partes média e inferior de uma trepadeira espinhosa (*Smilax* ?), aí denominada "espinho"³²⁷, de cujo fruto, que a esse tempo amadurecia, gostavam muito, como ficou provado pelo encontro frequente, no papo das que matámos, do seu caroço branco. E' pois, fácil matá-las nessa época ; ao passo que, em outras estações, procuram o alimento no cimo das árvores mais altas da floresta.

Encantados com o successo da nossa primeira caça de araras, reembarcámos e passámos pela Corôa da Palha, onde um riacho, o Riacho da Palha, desagúa no rio ; e atingimos, à tardinha, a Corôa de Timicui, onde encontrámos pouso numas velhas e abandonadas cabanas de pescadores. Era aí que eu devia achar o crânio da bela e grande onça, ("yaguaraté") cuja pele comprara em Ipi-bura, abatida, havia uma semana, nesse trecho da floresta. Dois caçadores, atravessando a mata com alguns cães, em busca do veado de outras caças, toparam acidentalmente o animal, não longe do rio, próximo a um "riacho", e, como muitas vezes acontece, acuraram-na de encontro a um tronco de árvore caído obliquamente, onde lhe desfecharam um tiro mortal. Apanhara um dos cães nas garras, quando um segundo tiro no pescoço a abateu de vez. Encontrei o crânio no banco de areia próximo das cabanas, mas, infelizmente, já estava muito estragado. Os caninos tinham sido arrancados, para servirem como amuletos, emprestando-lhes a superstição local grandes virtudes na cura ou prevenção de várias doenças. A pele dessa onça era lindamente mosqueada ; media mais de cinco pés de comprimento, sem contar a cauda, e, apesar disso, não era das maiores da espécie. Esse e os outros grandes felinos, o tigre negro e a "cuquarana", ou onça vermelha (*Felis concolor*, Linn.)³²⁸, não são raras nas florestas do Belmonte ; porém pouco perseguidos, porque não há, nessas paragens, cães próprios para tal gênero de caçada. Encontram-se comumente, em todas as margens arenosas do rio, os rastros dessas feras ; e, durante a noite, ouve-se-lhes muitas vezes o urro áspero e entrecortado.

Atraído pelas muitas pegadas de animais ferozes, resolvi passar o dia seguinte em Timicui e explorar as matas circunvizinhas em todas as direções. O tempo estava ótimo, mas não conseguimos caçar nenhum quadrúpede e, sim, aves de panela, entre as quais um pato almiscarado (*Anas moschata*, Linn.), uma "jacupemba" (*Penelope Marail*, Linn.) uma "arara", cinco "capueiras" (*Perdix guianensis*, Latham, ou *Perdix dentata*, Temminck)³²⁹, que nos proporcionaram uma

(327) Lê-se "Espinha" no original, consoante a fonética alemã.

(328) "Onça parda", é o nome usado nos estados meridionais, em vez do termo tupi.

(329) As três espécies foram já objeto de referência nas notas, respectivamente, 213, 68 e 283.

bôa refeição. O último perdigueiro que me restava foi muito útil na caça às capueiras; logo descobriu o bando, que levantou vôo para todos os lados, indo pousar nas árvores, onde um caçador, tendo bôa vista, facilmente as descobre e alveja. Um "gambá"* que, corrido pela minha cadela galgou o tronco de uma árvore, foi por ela derrubada, mas devido ao cheiro desagradável do bicho, ela apenas o agarrou cautelosamente, como as pontas dos dentes, sacudindo-o até matá-lo. As "araras" bem com outros papagaios, deram-nos substancioso caldo; a carne das primeiras é dura, mas nutritiva e parecida com a de vaca.

Quando voltámos da excursão, no lusco-fusco da tardinha, vimos uma porção de grandes morcegos esvoaçando sobre a superfície da água. Carregámos as espingardas com chumbo pequeno e tão felizes fomos, que abatemos alguns. A um exame mais acurado, pareceu-nos agora tratar-se de uma espécie do género *Noctilio*³³⁰; uns eram de côr vermelho-ferrugem uniforme; ao passo que outros tinham uma risca branco-amarelada na parte inferior do dorso. Não encontrei alhures, tanto quanto aí, esse belo morcego. Os dois homens, que deixáramos na "corôa" tratando da cozinha, ficaram encantados ao verem a caça que lhes levávamos; também tinham descoberto muitos animais interessantes pelas vizinhanças; em volta da alacre e esplendente fogueira, contámos uns aos outros os acontecimentos do dia, enquanto na escura solidão ecoavam as vozes da "capueira", do "choralua"³³¹ e do "bacurau" (*Caprimulgus*).

No dia 21 deixámos, de manhãzinha, Timicui, subindo o rio até a uma ilha comprida, chamada Ilha Grande; é ela coberta de densas matas virgens e estava então deshabitada, encontrando-se apenas as plantações que ali tinham deixado os moradores de Belmonte. Estavam nossas canôas bem em frente dessa ilha, perto da margem norte, quando nos surpreendeu violenta chuvarada, escurecendo tanto a atmosfera, que mal podíamos entrever as matas adjacentes. Enquanto atracávamos, para deixar que a violenta tempestade passasse, ouvimos de súbito, perto de nós, o barulho de uma vara de porcos selvagens, que estourava, em pânico pela nossa aproximação. Não obstante o aguaceiro, dois dos nossos "canoeiros" pularam logo em terra com as espingardas, seguiram o rasto e ao cabo de meia hora voltaram com um porco (*Dicotyles labiatus*, Cuvier)**; abatido por eles.

(*) (Suplem.) Deve tratar-se aqui de *Didelphys cancrivorus* ou *marsupialis*.

(**) (Suplem.) Dúvida tem havido sobre si as duas espécies de porcos selvagem da América do Sul são de fato distintas, assunto discutido também pelo Prof. Lichtenstein em seus comentários às descrições de Marcgrave. As duas espécies chamadas por Azara "Tagnicati" e "Taytetu" baseiam-se rigorosamente na observação da Natureza e delas encontro notícia em todos os escritos re-

(330) Provavelmente *Noctilio leporinus* (Lin.), sobre que registrei alhures algumas observações (cf. *Rev. Mus. Paul.* XIX, p. 31).

(331) Cf. nota 282.

Quando iam pular para a canôa com a sua presa, perceberam uma grande "jararaca" entre os capins altos da margem, que imediatamente mataram, amarrando-a à canôa. Os caçadores estiveram em grande perigo, porque só por acaso não pisaram na cobra escondida no capim; si a tivessem tocado, sem dúvida que ela lhes teria picado os pés descalços.

Logo que a borrasca amainou, seguimos caminho. Nesse trecho, o rio é vasto e belo; na margem, surgem, por intervalos, planuras arenosas, onde, aqui e ali, se erguem choças abandonadas de folhas de coqueiro que servem de abrigo aos moradores de Belmonte, quando sobem o rio para pescar ou caçar. Aí vimos frequentemente a "anhinga" (*Plotus*) e o grande pato selvagem (*Anas moschata*) deste, sobretudo de manhãzinha, vimos bandos inteiros. À tarde saltámos numa "corôa", na parte chamada "As Barreiras", lugar ótimo para caça, quasi que o único, no baixo Belmonte, em que se encontra o grande macaco cinzento-amarelado, conhecido na região por "miriqui" (*Ateles*)³³².

Deixámos a "corôa" antes do alvorecer do dia 22, e já vencêramos certa distância, quando nos vieram saudar os alegres clarões da manhã. A batida dos remos e as vozes dos "canoeiros", discutindo por causa do prêmio que eu prometera ao mais expedito dentre eles, animaram e agitaram toda a região; bandos de patos selvagens, amedrontados pelo barulho, voaram diante de nós. Já no dia anterior percebêramos à distância uma cadeia de montanhas, que então distinguimos mais nitidamente; chama-se Serra das Guaribas e intercepta as grandes florestas, na direção de norte a sul; não parecia muito elevada, embora não ficasse junto longe de nós.

No ponto em que estávamos, as margens do rio começavam a subir gradualmente; montanhas forradas de sombrias florestas surgiam de ambos os lados; fragmentos de pedras e rochas anunciavam a aproximação de montanhas inexploradas, e as "corôas" ou bancos de areia se faziam mais raras, à proporção que o leito do rio se tornava mais estreito e a corrente mais profunda. O escuro e refulgente espelho do rio era muitas vezes apertado entre montanhas alcantiladas, si bem continuasse consideravelmente largo. Ouvimos e vimos, nas margens, as lindas araras, e encontrámos, pela primeira vez, uma ave

lativos à América. No Paraguai têm elas precisamente aqueles nomes, na costa oriental do Brasil por onde viajei, os de "porco de queixada branca", ou "porco do mato verdadeiro", e "caietê", entre os Botocudos os de "kurlick" e "hokuling", assim por diante. Marcgrave cita apenas uma espécie, o "caietê", ou "caietê", verdade é que sob a denominação de "Talaçu-caiçoara". Nada pelo menos é mais certo do que existência dessas duas espécies de porco selvagem na maior parte da América do Sul; assim é que, segundo o testemunho do missionário Eckart elas existem no Maranhão, onde se denomina "Cahucuma" a uma espécie menor. A maioria dos escritos sobre a América do Sul falam de duas espécies de porco do mato; só a Corografia brasileira é que cita três. Esse livro, porém, não deve ser tomado em consideração no tocante a assuntos de História Natural, podendo terem passado como atributos de uma outra espécie, diferenças que alguma das primeiras apresente por influência da idade.

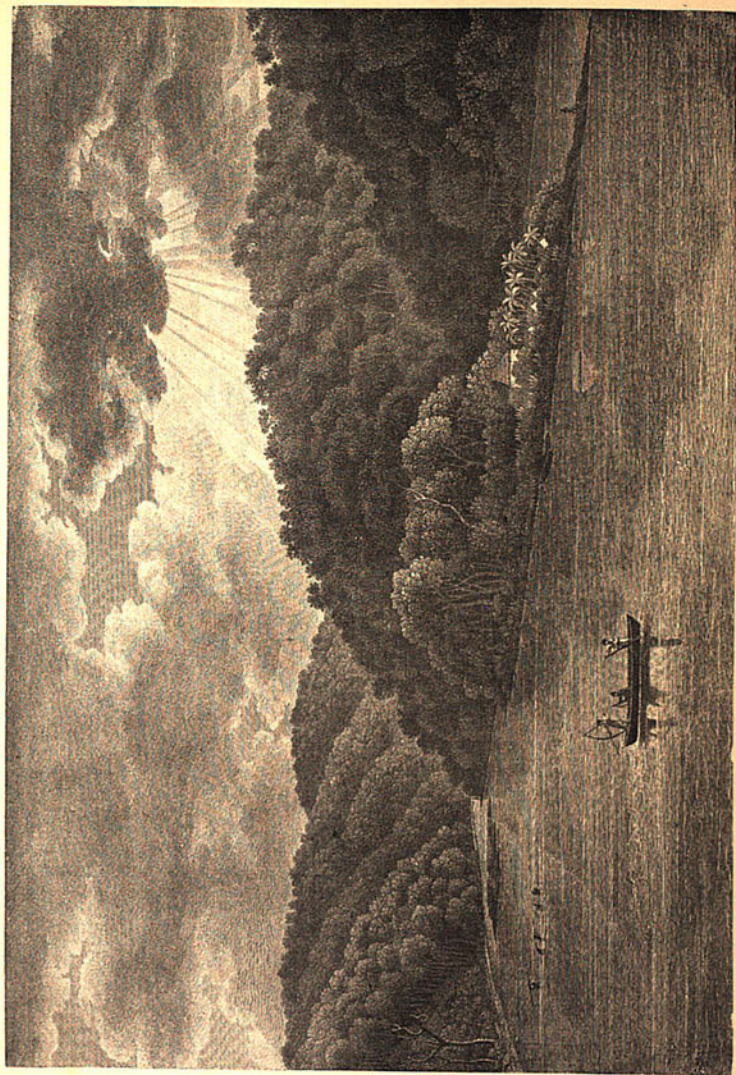
(332) Sobre o "miriqui" ou "mono", cf. nota 151 (pag. 000).

notabilíssima, a "aniuma", ou "anhuma" (*Palamedea cornuta*, Linn)³³³, que não é rara nessa altura do rio. Essa linda ave, do tamanho de um ganso grande, mas de pernas e pescoço maiores, tem na testa um apêndice longo e delgado, semelhante a um chifre, de quatro a cinco polegadas de comprimento, e, ao nível da articulação dianteira de cada asa, dois fortes esporões pontudos. É arisca, mas logo se trai pela voz forte, que, embora muito mais sonora e potente, tem modulações algo semelhantes à voz do nosso pombo selvagem (*Columba Oenas*), sendo, porém, acompanhadas de algumas estranhas notas guturais; esse grito ressoava pelas brenhas e trouxe nova distração para os caçadores. Várias das aves referidas, amedrontadas pela batida dos remos, voaram para a floresta; voando, pareciam-se com o urubú (*Vultur Aura*, Linn.)³³⁴.

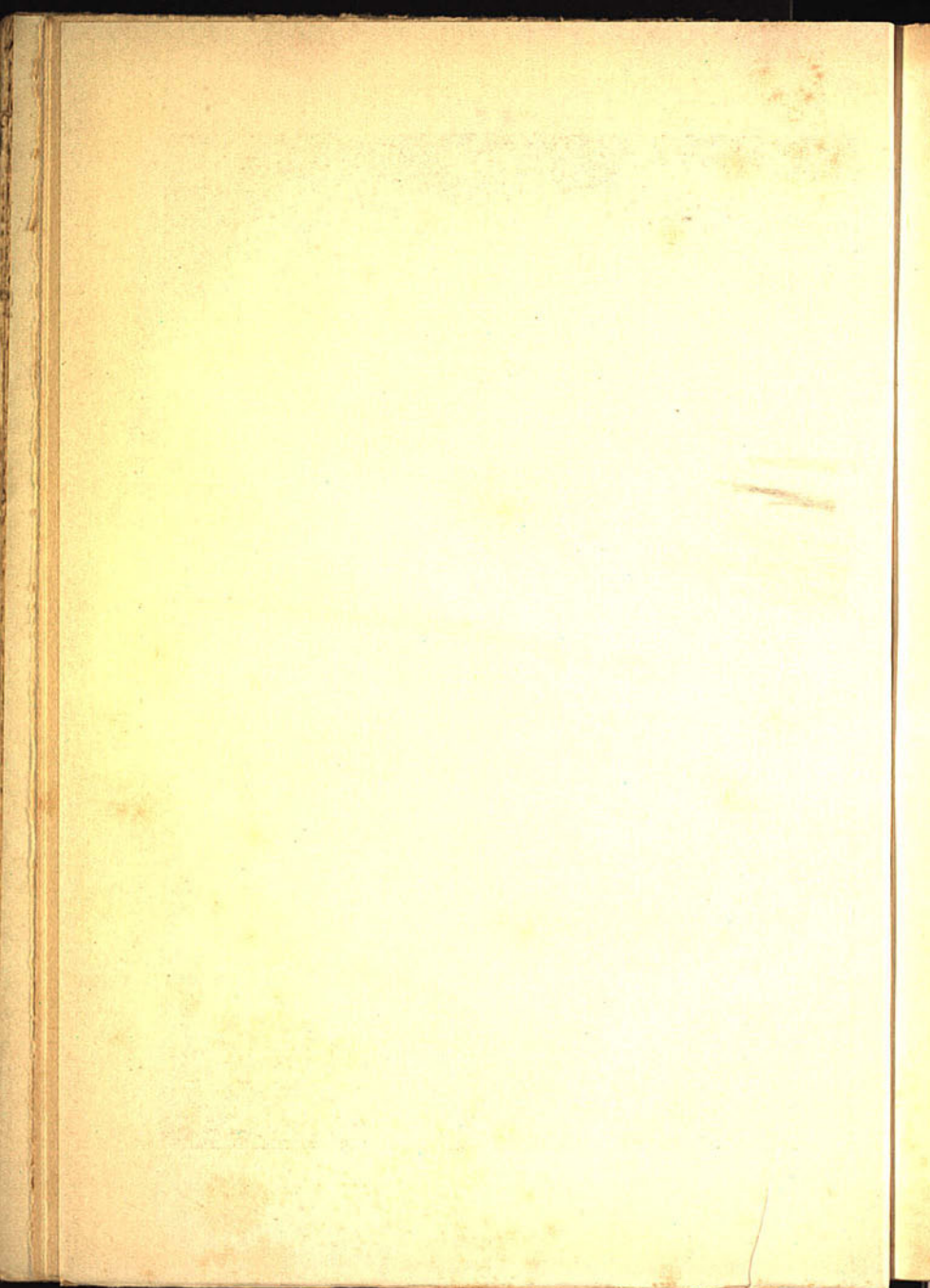
À tarde, chegámos a uma curva do rio, onde fomos apanhados por terrível tempestade, com chuvas torrenciais e ventos furiosos, que sacudiu violentamente a nossa grande canoa coberta. Logo amainou, entretanto, e, quando o céu clareou, vimos diante de nós a ilha da Cachoeirinha, onde fica o Quartel dos Arcos. Esse posto militar fôra estabelecido, dois anos e meio antes, pelo sr. Marcelino da Cunha, "ouvidor da comarca" por ordem do governador, Conde dos Arcos. A princípio, um "destacamento" de cerca de sessenta homens foi colocado, três dias de viagem rio acima, no lugar denominado Salto; porém os soldados indígenas, mostrando-se muito descontentes, foram transferidos para a ilha da Cachoeirinha, e o "capitão" Julião Fr. Leão, comandante do Quartel de Minas Novas, ocupou o posto com dez a doze homens, que ainda formam o Quartel do Salto. Umass poucas cabanas feitas de barro e cobertas de palha erguem-se na extremidade mais próxima da ilha, cujo mato, parcialmente desbravado, foi substituído por plantações. A outra ponta ainda está coberta de imponentes florestas. Fizeram-se aí plantações de mandioca e, em volta das habitações, plantaram-se numerosas bananeiras e mamoeiros (*Carica*), cujos frutos, entretanto, muitas vezes só servem para alimentar os botocudos, a quem os habitantes permitem de bom grado apanhá-los, no intuito de não perturbar o trato pacífico em que vivem com eles. Entre a ilha e a margem norte, o rio é estreito, estando a êsse tempo tão raso, que se podia atravessá-lo a vau; o braço do sul é mais largo. Padre Faria, originário de Minas, aí fizera ultimamente, de frente à ilha, grandes plantações de milho, mandioca, arroz, algodão, etc.; vive totalmente isolado; a estrada para Minas passa junto à casa dêle.

(333) *Anhima cornuta* (Lin.). A frequência com que ocorre o nome desta ave em nossa toponímia é indício expressivo da com que eram outrora encontradas e do interesse que despertavam. Hoje, porém, vivem somente em zonas apartadas do sertão, frequentando os charcos ou margens pantanosas dos rios; onde não a perseguem, nada tem todavia de arisca, fato que pude eu próprio verificar em Goiás (cf. *Rev. Mus. Paul.*, pags. 23 e 48).

(334) *Cathartes aura ruficollis* Spix, "urubú campeiro", "urubú de cabeça vermelha", etc.



(Est. 9). Vista da Ilha Cachoeirinha e do Quartel dos Arcos, na foz do Rio Grande de Belmonte.



O destacamento dos Arcos foi constituído por um "alferes" e vinte homens ; tantos, porém, desertaram, que só dez restavam, sobretudo gente de côr índios ou mulatos. Os soldados passam muito mal ; o soldo é pequeno, sendo obrigados a obter, à custa do próprio trabalho, toda a alimentação, que consiste em farinha de mandioca, feijão e carne seca. Todas as reservas de pólvora e balas mal vão além de duas libras ; e muito poucos mosquetes são utilizáveis ; de modo que, em caso de ataque, estariam em sérias dificuldades. Além disso é da obrigação desses soldados transportar, rio acima e rio abaixo, os viajantes e suas coisas e bagagem ; razão por que são, pela maior parte, muito destros nesse mistér e podem ser qualificados de excelentes "canoeiros". O comandante encetara viagem havia pouco, deixando no comando, durante a sua ausência, um official subalterno : punira êste um botocudo por qualquer irregularidade, o que por tal modo ofendeu a todos da mesma tribo, que em geral vivem em grande número nesse lugar, a ponto de se retirarem em massa para as florestas. Quando de volta, o "alferes" encontrou o "quartel" completamente desertado pelos botocudos, e soube a causa da retirada, mandou um jovem da referida tribo, chamado Francisco, que vivia em sua companhia, tentar persuadi-los a voltar.

Os botocudos que habitualmente residem nas cercanias do "quartel", formam quatro hordas, tendo cada uma um chefe próprio, a quem os portugueses chamam "capitão", tinham-se afundado todos na mata, e apenas se sabia que um dêles, "capitão" June, apelidado Keren-gnatnuk pelos selvagens, estava, com sua gente, a três dias de viagem para cima, no Salto : mas nada se conhecia quanto ao paradeiro dos outros três. A missão de Francisco não surtiu desde logo o almejado efeito ; por isso, convenci o comandante de enviar atrás dêles vários jovens botocudos, que acabavam de voltar do Rio de Janeiro, para onde os mandara o "ouvidor".

Como levasse recomendações ao comandante, fiquei muito bem instalado no "quartel". E' verdade que as coisas de primeira necessidade eram escassas nessas solidões, e os únicos alimentos eram farinha de mandioca, feijão e peixe salgado, de uma espécie pescada em abundância no rio : mas, por outro lado, o naturalista viajante, acostumado a privações, encontrava aí ampla ocupação e o mais agradável dos recreios. Fazíamos diáriamente excursões de caça às florestas da margem, voltando tão cansados, que mal tínhamos tempo e forças para registar as observações feitas.

Aproveitei-me da ausência dos botocudos para visitar as choças que deixaram recentemente, as quais ficavam bem longe do rio, nos mais fundos recessos da mata. Consistiam apenas de folhas de coqueiro fincadas no solo, de modo que as pontas, encontrando-se no topo, formavam uma espécie de arcada. Nelas não encontrei nenhum utensílio, exceto pedras grandes e grossas, com as quais costumavam partir certo côco silvestre, a que denominam "ororó". Não longe de uma

dessas choças existia uma sepultura, que também quizemos examinar. Ficava num pequeno lugar desbravado, debaixo de imponentes árvores seculares, e era coberta com toras grossas e curtas de madeira. Removidas estas, encontrámos a cova cheia de terra, donde tirámos alguns ossos destacados. Um jovem botocudo, chamado Burneta, que mostrara a sepultura, expressou em voz alta o seu descontentamento, quando atingimos a ossada; a excavação foi suspensa, e voltámos ao "quartel": mas não renunciei a idéia de examinar a cova mais detidamente.

Alguns dias mais tarde, voltei ao local, na esperança de conseguir o meu intento antes da volta dos selvagens. Por isso, além das espingardas, armámo-nos com uma enxada. Era intenção nossa completar o exame tão depressa quanto possível, mas na trilha estreita e serpenteante, entre árvores altaneiras, surgiram muitos pássaros curiosos, que nos detiveram: matámos alguns, e ia justamente apanhar um, quando me surpreendeu o curto, mas áspero som de uma voz rude. Voltei-me imediatamente e eis que bem atrás de mim estavam diversos botocudos! Nós e pardos, como os animais da mata, mostravam-se com os grandes botoques de pau branco enfiados nas orelhas e no lábio inferior, arcos e flechas nas mãos. Confesso que o meu espanto não foi pequeno; fôsseem eles hostis e seria transpassado pelas flechas antes que os pudesse pressentir. Avancei destemerosamente para eles, e todas as palavras da sua linguagem que me ocorreram à memória no momento proferi-as. Apertaram-me ao peito, á maneira dos portugueses, bateram-me no ombro e pronunciaram, em voz alta, umas frases, ásperas; quando viram, então, a minha espingarda de dois canos, exclamaram repetidamente, admirados: *pun-uruhú* (muitas espingardas).

Algumas mulheres, carregadas de sacos pesados, chegaram-se depois, uma atrás da outra, olhando-me com igual curiosidade e comunicando entre si as impressões. Tanto os homens como as mulheres estavam completamente nus; eram os primeiros de estatura mediana, fortes, musculosos e bem feitos, si bem que em geral um tanto esguios muito desfigurados, porém, pelos grandes botoques de pau metidos nas orelhas e nos lábios: sobraçavam feixes de arcos e de flechas, e alguns traziam também vasilhas d'água feitas de "taquarussú". Usavam o cabelo cortado rente, deixando somente um tufo redondo no alto da cabeça; o mesmo acontecia com as crianças, muitas das quais as mães carregavam nos ombros, ou levavam pela mão.

Um dos meus, chamado Jorge, que entendia um pouco da língua deles, aproximara-se nesse interim, começando a conversar, ao que se tornaram muito familiares. Perguntaram pelos outros botocudos que o "ouvidor" mandara ao Rio, mostrando grande alegria ao saberem que os encontrariam no "destacamento". Ficaram tão impacientes, que partiram logo e depressa. Sentia-me agora bem alegre

por ter perdido tempo em caminho ; pois si os selvagens, que teriam de passar junto à sepultura, nos surpreendessem entregues à excavação, poderiam ressentir-se a ponto de correrem grave perigo*. Resolvi, então, transferir para oportunidade mais favorável a execução do meu propósito; e apenas dera alguns passos, quando o chefe da horda, "capitão" June, velho de aspeto rude, mas de boas intenções, me apareceu de repente. Saudou-me da mesma maneira que os companheiros ; a fisionomia, porém, era ainda mais extraordinária que o dos outros, pois usava, nas orelhas e no beijo, batoques de quatro polegadas e quatro linhas inglesas de diâmetro ; mostrava-se, também, forte e musculoso, mas já enrugado pela idade. Tendo deixado a mulher atrás, carregava às costas dois pesados sacos e um grande feixe de flechas, bem como caniços para flechas. Arquejava sob a carga, andando depressa com o corpo muito inclinado para a frente, como vem representado na vinheta deste capítulo (na ed. in-4to). Sua primeira pergunta foi si os seus companheiros botocudos tinham voltado do Rio de Janeiro ; e a mais viva alegria estampou-se-lhe no semblante, quando respondemos pela afirmativa.

Ao voltar, pouco depois, para o "quartel", encontrei muitos botocudos deitados à vontade em todos os quartos da casa. Alguns estavam sentados diante da fogueira, assando "mamão" verde ; outros comiam farinha que o comandante lhes dera ; grande parte examinava com espanto a minha gente, cujo aspeto era para eles bem estranho. Não escondiam a surpresa diante da pele branca, dos cabelos claros, dos olhos azues. Esquadrinhavam todos os cantos da casa, procurando comida, de apetite sempre aguçado : subiam em todos os mamoeiros, e assim que o fruto mostrava, pela côr verde-amarelada, um princípio de amadurecimento, arrancavam-no imediatamente ; mais ainda, muitos o comiam completamente verde, ou assado em brazas, ou cozido.

Comecei logo a barganhar com os selvícolas, dando-lhes facas, lenços vermelhos, contas de vidros e outras ninharias, em troca de armas, sacos e outros utensílios. Manifestavam decidida preferência por tudo que fosse feito de ferro ; e, à semelhança de todos os "tapuias" da costa oriental, penduravam imediatamente as facas obtidas a um cordão amarrado em volta do pescoço. Foi-nos dado assistir a uma cena muito interessante a recepção que fizeram aos conterrâneos e parentes, aos jovens botocudos que estiveram com o "ouvidor" no Rio, e que vinham chegando aos poucos. Receberam-nos com a maior cordialidade ; o velho "capitão" June cantou uma canção alegre, chegando alguns a afirmar que o viram deitar lagrimas de contentamento. Tem-se assegurado que os botocudos costumam, cum-

(*) Segundo os informes depois disso recebidos do sr. Freyreiss, vindos do Brasil, as minhas apreensões sobre as consequências de ser surpreendido pelos selvagens no ato de abrir a sepultura, eram infundadas ; pois abria várias, operação em que foi ajudado pelos próprios "Botocudos".

primimentando-se, cheirar os punhos uns dos outros ; o sr. Sellow, entre outros, diz que observou essa prática ; mas eu, embora tenha estado muito tempo e muitas vezes entre eles, e visto frequentemente cumprimentarem recenvindos, nunca observei ou ouvi falar de qualquer coisa nesse gênero.

O velho "capitão" e os chefes amigos se alojaram num alpendre, aberto de todos os lados e simplesmente coberto de palha, que se destinara ao preparo da farinha de mandioca ; aí fizeram uma boa fogueira, perto do engenho de farinha e do grande fogão para a secagem da mesma, em redor da qual, envolvidos pela fumaça espessa, se sentaram nas cinzas, que lhes davam à pele bruna um tom cinzento. O "capitão" se levantava frequentemente, pedindo, àpero, um machado e indo apanhar lenha ; também aventurava, de vez em quando, um assédio a nós ou aos portugueses, para ganhar farinha, ou sacudia os mamoeiros afim de que os frutos caíssem.

Os "Botocudos", tão irreconciliavelmente hostis no Rio Doce, são de tal modo pouco temidos no Belmonte, que pessoas já se aventuravam até a partir com eles para as grandes florestas, em caçadas de vários dias, e o dormir nas mesmas choças : fatos esses, entretanto, não muito comuns, pois que a desconfiança que lhes vota, não pode ser facilmente superada. Mas a desconfiança e o medo de entregar-se-lhes completamente à discrição não perfazem todos os motivos que tornam os europeus avessos a essas excursões à mata em companhia dos selvagens ; devem acrescentar-se a grande força muscular destes e a capacidade de resistir à fadiga ; de fato, nossa gente voltava sempre absolutamente exausta das caçadas em parceria com os botocudos. A força muscular permite-lhes caminhar rapidamente, tanto descendo como subindo montes ; penetram nas florestas mais densas e intrincadas ; vadeiam e nadam em qualquer rio, caso não sejam por demais velozes ; completamente nus, sem, portanto, o incômodo das roupas, jamais suando, levando apenas o arco e as flechas na mão, curvando-se com facilidade ; a pele endurecida, que não teme espinhos nem injúrias, permite-lhes rastejar pelas menores brechas das moitas e vencer, assim, grandes extensões num dia. Meus caçadores tiveram provas dessa superioridade física por meio, sobretudo, de um botocudo moço, chamado Jukeräcke : aprendera ele a atirar ôtimamente com a espingarda e era, ao mesmo tempo, de uma perícia fora do comum no manejo do arco. Mandeí-o algumas vezes caçar à mata, em companhia de outros botocudos ; por um pouco de farinha e aguardente caçavam de bom grado um dia inteiro. Jukeräcke, principalmente, era muito útil, dada a sua agilidade e aptidão para todos os exercícios físicos. A princípio, meus caçadores o acompanhavam ; mas cedo se queixaram de que os "botocubos" andavam muito depressa e os deixavam caçar sôzinhos. Caçámos diariamente nas cercanias

do "quartel"³³⁵. Quando os selvagens andam por essas paragens, as "araras" rareiam, porque são constantemente perseguidas: tinham voltado durante a curta ausência dos "Botocudos", mas encontraram, então, formidáveis inimigos em nossas espingardas. Damos várias dessas lindas aves, que foram duplamente bemvindas, pois não só as caçadas nas circunvizinhanças renderam muito pouco, como, por outro lado, os viveres a nós distribuídos, no Quartel, eram muitas vezes tão escassos, que quasi passávamos fome. Além da caça, continuávamos também a pescar; logo depois da nossa chegada foram capturados diversos "espardartes"³³⁶, (*Pristis Serra*), que apreciámos muito. Uma única espécie de peixe, o "crumatan", é aí pescado em ré-de; porém muitos a anzol, como o "robalo" a "piabanha", o "piauí", o "jundiá" (*Silurus*), o "cação" (*Squalus* ?), o "espardarte", o "sucurupora" (*Squalus* ?), o "surubi" o "camurupi"³³⁷ e vários outros. O "cruma-

(*) (Suplem.) Na própria Ilha Cachoeirinha em que estávamos, não obstante ser ela muito pequena, achámos numerosos passaros. O mato rasteiro da vizinhança imediata do edifício era visitado por uma quantidade de "pombas de espelho" (*Columba geoffroyi*, Temm.), que vinham caritar sementes no chão; apareciam por igual nas proximidades da casa a "juriti" (*Columba jamaicensis*), a "cararoba" ou "pocassú" (*Columba rufina*), a "rôla" (*Col. minuta*) e outras espécies dessa simpáticas aves. Nas matas de arbustos via-se a "pêga" (*Oriolus cayennensis*); o "japú" (*Cassicus cristatus*) e o "guache" (*Cassicus haemorrhous*) procuravam em bandos as árvores frutíferas, ao passo que todas as manhãs os "japuls" (*Cassicus persicus*) expunham-se ao sol, sobre os galhos secos das árvores da mata, afim de se enrugarem do orvalho. Inúmeros beija-flores zumbiam em torno das flores das laranjeiras e dos mamoeiros (*Carica*), principalmente *Trochilus mango*, *auritus*, *ferrugineus*, *ater*, *viridissimus* e, mais que qualquer outro, *T. saphirinus*, além de muitos mais. Na mata voavam e gritavam em profusão os papagaios, *Pratinclus severus*, *guyanensis*, *erythrogaster*, *squamosus*, *menstruus*, *Dufrenoyi*, enquanto o periquitinho verde e azul (*Psitt. passerinus*, Linn.) aparecia em numerosos bandos, junto mesmo das casas. Na densa tranqueira de bambús e de mato, que cercava o contorno da ilha, morava a grande "Batara" de AZARA (vol. III, p. 419), ave que eu não tinha ainda encontrado em nenhum outro lugar. Ela vive escondida no mais espesso e sombrio das moitas, donde de quando em quando sde para empoleirar-se em algum galho e desferir o seu curioso canto.

(335) Merece atenção a longa nota introduzida pelo autor em apêndice ao seu livro. Nada se terá a acrescentar à essa esplêndida e realística descrição do que era o feérico espetáculo da pequena ilha onde estacionou o nosso ilustre e simpático viajante; apenas, para lhe assegurar todo o valor documental e fazer rigorosamente exata a reconstituição mental do quadro descrito, torna-se útil retificar a nomenclatura de algumas das aves citadas, pondo-a também de acordo com a ciência ornitológica de nossos dias, posto que tudo leva a crer tenham sido determinadas por Wied, com a exactidão habitual (cf. Oliv. PISTRO, "Catalogo das Aves do Brasil", in Rev. Museu Paulista, tomo XXII).

Columba jamaicensis — *Leptotilva verreauxi ochroptera* Pelzel.
Columba minuta — *Columbigallina minuta minuta* (Linn.).
Oriolus guyanensis — *Icterus guyanensis tibialis* Swainson.
Cassicus cristatus — *Xanthornis decumanus maculatus* (Chapman).
Cassicus haemorrhous — *Cacicus haemorrhous affinis* (Swainson).
Cassicus persicus — *Cacicus cela cela* (Linn.).
Trochilus mango — *Anthracocharax nigricollis nigricollis* (Vieill.).
Trochilus auritus — *Heliothryx auritus auriculatus* (Nordm.).
Trochilus ferrugineus — *Glaucis hirsuta hirsuta* (Gmel.).
Trochilus ater — *Melanotrochilus fuscus* (Vieill.).
Trochilus viridissimus — *Polytmus guinumbi thaumantias* (Linn.).
Trochilus saphirinus — *Hylocharis saphirinus latirostris* (Wied).
Psittacus severus — *Ara severa* (Linn.).
Psittacus guyanensis — ? *Dipsittaca nobilis nobilis* (Linn.).
Psittacus erythrogaster — *Pyrrhura cruentata* (Wied).
Psittacus squamosus — ? *Pyrrhura leucotis* (Licht.).
Psittacus menstruus — *Pionus menstruus* (Linn.).
Psittacus Dufrenoyi — *Amazona rododorytha* — (Salvadori).
Psittacus passerinus — *Forpus passerinus viridis* (Ridgway).

(336) O autor escreve "Espardartes", em vez de "espardartes", nome que, aliás, parece hoje de pouco uso com relação aos peixes-setra (*Pristis*), mas que, pelo contrário, cabe a outra espécie, *Xiphias gladius* Lin., peixe ósseo, capaz de atingir igualmente avantajadas proporções, mas cujo longo rosto é liso, desguarnecido de dentes.

(337) Retificou-se aqui, para alguns, a grafia dos nomes usada no original: "Crumatan", "Robol", "Jundiá", "Cação", "Espardarte", "Cucurupora", "Curubi". Deixa-se de tentar a determinação específica de cada qual, por isso que ela só poderia ser muito hipotética.

tan," peixe macio e muito espinhoso, é pescado pelos selvícolas com arco e flecha⁴³³⁸. Os "Botocudos", que gostam de estar perto dos europeus por causa do proveito que daí tiram, também aprenderam, por experiência própria, que nos "quarteis" os mantimentos são, às vezes, parcos, motivo pelo qual alguns deles fizeram plantações. Havia uma dessas na margem norte do rio, defronte do posto. Aí se erguiam umas choças, em derredor das quais os selvagens plantaram, bananeiras; entretanto, novamente as abandonaram, depois de terem enterrado alguns dos seus mortos, sendo que, no retorno de então, chegaram até a queimar as choças; mas ainda conservavam as bananeiras, devido às frutas. Para cima do Belmonte, no território de Minas Novas, há outro lugar em que os "Botocudos" fizeram plantações; daí também se retiraram novamente para as florestas, tendo os Machacaris fundado no lugar uma aldeia ou grande "rancharia". Esses exemplos mostram que os "Botocudos" já se vão aproximando da civilização, mas provam, igualmente, que lhes é muito difícil renunciar à vida natural de nômades caçadores, de vez que abandonam com tanta facilidade as plantações feitas por eles mesmos. Somente o aumento da população européia e a diminuição dos terrenos de caça podem induzi-los a uma mudança gradual do modo de vida.

Os "Botocudos" vivendo então sob o mesmo teto que nós, foram motivo de grande divertimento e, muitas vezes, de cenas interessantes. Assim, o velho "capitão", de quem eu comprara o arco e as flechas, veio um dia mos pedir emprestados, alegando que não poderia caçar sem eles. Satisfiz-lhe o pedido, mas o tempo aprazado passou e as minhas flechas não apareceram; nem mais as vi nas mãos do selvagem. Pedi-as de maneira amigável, porém em vão. Por fim, soube que as escondera na floresta, e só depois de muito tempo, diante das minhas severas censuras, apoiadas pelo comandante do "quartel", foi que se resolveu a ir buscá-las e trazer-mas. Machadinhas (*carapó*

(*) Os principais instrumentos de pesca usados em Belmonte são, além de gambos, ou curral a tarrafa, grande rede redonda, que é lançada por uma pessoa; diversos tipos pequenos de cestos; o *puá*, feito de madeira cortada em tiras muito finas, ou de bambu, um pouco achatado e bojudo tendo uma abertura na parte inferior côncava; o *jiáá*, cesto cônico e comprido de cipós cortados em tiras, fixadas separadamente do lado de dentro, por meio de anéis também de cipó; o *musúá*, como o precedente, mas cilíndrico, com uma abertura em cada uma das duas extremidades, e feito de tiras finas de cana brava. Nas aberturas de todos eles, sobretudo nas duas extremidades do último tipo mencionado, pauzinhos aguçados são dispostos em cone, de pontas para dentro, de modo que o peixe pode entrar mas não sair. Usam-se especialmente para apanhar o camarão, de riscas negras e castanho-alaranjadas, que também encontramos nos córregos florestais do interior. Têm quatro a cinco palmos de comprimento. Possuem também redes de arrastão, que estendem por uma área considerável, ocupando vários indivíduos ao mesmo tempo, colocados em diferentes canoas. Ainda devemos mencionar, entre os instrumentos de pesca, a *ciripoiá*, que os meninos lançam na água, suspendendo-a por meio das linhas que lhe ficam amarradas, e serve para caranguejos e camarões. Essa rede consiste de um saco preso a um anel. Finalmente, o *lapasteiro* é uma rede amarrada a uma cruz de madeira, que é arrastada pelo fundo e serve, do mesmo modo, para apanhar caranguejos e camarões. O pescador, geralmente, entra pela água até o meio do corpo, e sempre de costas. Pendura ao pescoço a vasilha onde guarda o peixe apanhado.

(338) Dos processos de pesca referidos minuciosamente em nota por Wied, dificilmente se encontrará um que não seja usado ainda hoje, com o respectivo nome, no litoral balano e muito particularmente no Recôncavo. O "musúá" ou "munzuá" apresenta agora ali, invariavelmente, forma característica e diversa da que vem descrita pelo autor; ao em vez de cilíndrico, tem a forma de um tronco de prisma muito baixo e com duas faces laterais reentrantes, como se poderá ver na figura que dele publiquei, anos atrás. Cf. *Rev. Mus. Paul.* XIX, pag. 25.

na língua dêles) e facas são-lhes da maior valia. Usam as primeiras, sobretudo, para rachar a madeira dura do "pao d'arco" (*Bignonia*), com que fazem os arcos : barganham os arcos e as flechas por ambas ; todavia, o apetite dêles é tão imperioso que, por um pouco de farinha, se desfazem da faca que acabam de obter.

A ilha, em que estão os edificios do "quartel", é apenas desbravada, como já dissemos, na porção anterior ou mais baixa, onde também ficam as plantações, que sustentam os soldados bem como os botocudos : ao passo que a outra parte, pelo contrário, é coberta de "capueiras"³³⁹ e florestas, através das quais não existem picadas : o mesmo acontece com as margens vizinhas do rio. Com exceção da estrada para Minas na margem sul, não se encontram, nessas densas florestas, sinão trilhas estreitas, que os próprios "Botocudos" e os animais ferozes formam. Por isso, a maioria das nossas excursões de caça foram feitas, em parte, em canoas : vencia-se um pedaço do caminho, subindo ou descendo o rio, saltava-se e penetrava-se na mata. Algumas dessas excursões, sobretudo as rio acima, eram muito agradáveis. O trecho do rio, que dá nome à região vizinha, e se chama Cachoeirinha, merece particular menção. Subindo a corrente, fica de meio a três quartos de hora, a remo, da ilha do "quartel", descendo, porém, da Cachoeirinha para o "quartel", basta um quarto de hora, dada a rapidez da corrente. O rio é aí apertado entre duas grandes montanhas, forradas de matas ininterruptas. Estavam estas na sua maior beleza, coloridas com os matizes da primavera, tanto pelas folhas novas, verde-acinzentadas, verde-escuras, verde-claras, verde-amareladas, bruno-avermelhadas ou róseas, como pelas flores, brancas, amarelo-escuras, violetas ou róseas ; ao pé dessas montanhas, junto ao rio, massas rochosas, algumas muito grandes e de formas singulares, preludiam as formações montanhosas de Minas, que parecem começar aí, porquanto não se encontram tais blocos mais abaixo.

Uma ilhaota, próximo da margem, totalmente constituída de blocos pedra, é notável pela quantidade de ninhos de pássaro, de que umas pequenas árvores tortuosas estão repletas. O passarinho que constrói, das fibras de *Tillandsia*, ninhos em forma de saco, é o "japuí" (*Cassicus* ou *Oriolus persicus*)³⁴⁰, de plumagem negra e amarela. Belmonte foi o extremo ponto sul em que o encontrei. E' muito sociável ; como todos os do gênero *Cassicus*, fazem ninhos em forma de saco, que prendem a um ramo fino, e põem dois ovos. Os ninhos nessa época estavam vazios, pois a procreação se dá nos meses de novembro,

(339) Termo de origem indígena, muito empregado pelos sertanejos, para designar a vegetação baixa, que vicia espontaneamente no local em que a mata primitiva fôra derrubada ou destruída pelo fogo. Conquanto tendam, ao cabo de anos numerosos, para a regeneração da mata preexistente, caracterizam-se pela predominância de certas espécies botânicas, entre as quais, pelo menos em São Paulo, merecem especial referência as mimosáceas grimpantes e ordinariamente espinhosas ("arranhagão").

(340) *Cassicus cela* (Lin. 1858), (= *Oriolus persicus* Lin., 1766). A espécie, que observei recentemente no litoral pernambucano (ilha de Itamaracá), parece não mais existir nas matas do sul da Baía : pelo menos, não a observei quer na zona do Gongogi, quer no Rio Jacurú. Em compensação, nas margens do Gongogi é abundantíssima a outra congênere, chamada também "japuí" ou "japuirá", *Cassicus haemorrhous* (Linn.). Cf. Rev. Mus. Paul. XIX, p. 292..

dezembro e janeiro. Os filhotes são procurados pelos pescadores, que os usam como isca. Pequenos bandos de melros negros voavam em redor dos rochedos da margem; e o lindo "tijé-piranga" (*Tanagra brasilica*, Linn.) era muito freqüente, como nos densos balseados marginais de todos os rios.

Subindo-se o rio, chega-se a uma curva onde o leito inteiro é de tal modo obstruído por blocos rochosos, que apenas uma apertada passagem fica no meio para as canoas. A caudal precipita-se, rapidamente, por entre êles e depois cái suavemente sobre as rochas; é esse o lugar denominado Cachoeirinha. A energia da massa d'água, atroadora, cavou nas rochas, de maneira mais singular, aberturas redondas, algumas de surpreendente regularidade. Eu tinha uma canoa grande, manejada por dois botocudos, Jukeräcke e Ahó, e um dos meus; mas a corrente era tão veloz que todos êles, reunidos, não podiam impelir a canoa para tão perto da queda como eu queria. Subindo o rio, as canoas têm de vencer esse lugar e outros semelhantes, mas, descendo, são guiadas pelos soldados dos quartéis, que conhecem bem as peculiaridades locais dessa região. Quando o nível d'água está alto, os barcos deslisam sobre os obstáculos quasi sem perigo e mui rapidamente, os quais, entretanto, estando baixo o nível, são muitas vezes perigosos, mesmo para barqueiros experimentados. Em épocas que tais, quando as fragas aparecem como então, o lugar lembra um dos cenários pittorescos da Suíssa.

Aí vicejam muitas espécies interessantes de plantas; entre outras, um arbusto parecido com o salgueiro, chamado "ciriba"* pelos habitantes provavelmente um *Croton*; tem ramos muito resistentes, os que melhor servem aos barqueiros para imprimir velocidade aos barcos, quando impelidos por correntes morosas. A "ciriba" parece ser o único representante do gênero do salgueiro *Salix*, na costa oriental brasileira; pelo menos, não encontrei uma só espécie dessa família, durante toda a minha viagem. Aí medra, igualmente, um arbusto com tufos de flores brancas**, que desprende um perfume muito agradável, parecido com o do cravo da Índia, bem como outra linda planta que parece ter afinidade com o gênero *Scabiosa****, e cujas flores róseas adornam as rochas milenares, núas e cinzentas. Várias bignonias encimavam o rio; estavam carregadas de grandes e belas flores violetas, que aparecem antes das folhas e então desabrochavam.

Não se viam aí mamíferos nem pássaros, exceto diversas espécies de andorinhas caseiras, que perseguiram os insetos no ar fresco, sobre as águas agitadas. Mas entre os blocos de pedra, na areia, observei as pegadas dos senhores dessas brenhas solitárias, os "Botocudos", as quais são das mais nítidas e perfeitas, pois nenhum calçado defor-

(*) (Suplem.) *Sebastiania riparia* SCHRADER, op. cit., p. 713.

(**) (Suplem.) *Ocotea angustifolia*, SCHRADER, op. cit., p. 711.

(***) (Suplem.) *Schulleria capitata*, SCHRADER, op. cit., p. 708.

mante lhes arrocha os artelhos. Visitámos as choças abandonadas que os viajantes "mineiros" construíram no lugar, e depois voltámos ao "quartel". Nessa excursão, tivemos o prazer de matar uma bela "miuá" (*Plotus Anhinga*, Linn). É uma ave muito arisca; para consegui-la, a pessoa deve conhecer o modo de caçá-la e agir mui cautelosamente. Deixa-se a canoa ir descendo o rio, acompanhando a margem e tendo todo o cuidado de não fazer o menor movimento; o caçador tem a espingarda pronta para atirar e olha fixamente a ave; assim que ela começa a erguer as asas, deve fazer fogo, porque, depois, não conseguirá mais aproximar-se dela. Meus botocudos ficaram absolutamente quietos, eu agachei-me na prôa e atirei, ao que a ave imediatamente se precipitou no rio, mergulhando sob a canoa; mas Jukeräcke segurou-a com a maior destreza.

Quando de novo chegámos ao destacamento, vimos que havia falta de víveres, tendo a pescaria sido muito improdutiva; por isso, mandámos imediatamente os caçadores descer o rio em duas canoas. Foram, dessa vez, mais bem sucedidos que de costume, pois, ao cabo de trinta e seis horas, à tardinha, os cinco caçadores trouxeram onze porcos selvagens numa canoa, noutra dez, ao todo vinte e um, da espécie chamada "queixada branca" (*Dicotyles labiatus*, Cuvier); toparam, durante a excursão, quatorze varas desses animais. Isso pode dar uma idéia da grande quantidade de porcos selvagens que habitam as florestas seculares do Brasil; os selvagens perseguem-nos; não há nada de que mais gostem do que desses porcos e de macacos.

A chegada dos caçadores, com os barcos tão pródigoamente carregados, foi muito bem recebida, não só por nós, europeus esfomeados, como sobretudo pela horda inteira dos "Botocudos", que já pareciam devorar os despojos com os olhos ávidos. Tornaram-se logo sófregos, oferecendo imediatamente os serviços para chamuscar e preparar os porcos, si lhes déssemos uma parte. Os selvagens são, de fato, de extrema agilidade nessa operação; velhos e moços meteram mãos á obra sem perda de tempo; acenderam de pronto diversas fogueiras, passaram os porcos pela chama, arrancaram-lhes rapidamente o pêlo chamuscado, rasparam-no bem, arrancaram fora as entranhas, lavando-as no rio; receberiam, em troca desse trabalho, as cabeças e as vísceras. Os soldados ocuparam-se depois em trinchar os porcos e dividilos em pedaços, que punham na salga; razão por que tivemos provisões por algum tempo.

Além da satisfação de uma necessidade urgente, essa excursão rendeu muito material interessante de história natural. Minha gente caçou uma "anhuma" (*Palamedea cornuta*, Linn.), que não é fácil de matar, chegando-se prudentemente ao banco de areia onde se achava. Como tinha apenas uma asa quebrada, foi deixada viva por algum tempo e observada. Buffon deu dessa ave, com o nome de *Camichi*, uma figura bastante correta. O nosso era macho, e tinha, na testa, preso somente á pele e por isso movel, um chifre de tamanho regular, cousa que as fêmeas também possuem. Os Botocudos, encorajados pelo nosso

rápido sucesso na caça, também fizeram excursões pelo interior da mata, voltando com alguns veados, cutias e outros animais, que em geral devoravam imediatamente, Assam a carne (o que chamam de "muquiar") e secam ao fogo a que não vão comer logo, afim de conservá-la. Meu auxiliar nas caçadas, Ahó, abateu, certa vez, vários animais do alto de uma árvore, voltando muito contente; depois de uma caçada assim bem sucedida, ele, sempre repartia amigavelmente os despojos com os companheiros.

Muitos "Botocudos" foram para a floresta com machadinhas emprestadas, no intuito de fazer arcos e flechas novos, que substituísem os trocados conosco. O "pao d'arco" ou "tapicuré" com que os confeccionam, é uma árvore muito alta, de madeira dura e flexível, que em agosto e setembro se cobre de bela folhagem bruno-avermelhada, mostrando, então, grandes e lindas flores amarelas. A madeira é esbranquiçada, porém o cerne é amarelo como enxofre, sendo desta parte que os selvícolas do Belmonte, e de paragens mais ao norte, fazem os arcos. Como esse trabalho é muito penoso, são-lhe muito avessos, preferindo pedir os nossos arcos emprestado e, o que é mais, alguns tentaram mesmo rouba-los.

Como tivesse, então, bastante vagar para subir ainda mais o rio Belmonte, e tomar conhecimento dos produtos zoológicos das florestas adjacentes, empreendi uma jornada ao Quartel do Salto, que fica, por terra, a 12 léguas, mais ou menos, do Quartel dos Arcos, mas a três dias de viagem pelo rio, e, ainda assim, quatro homens, em uma canoa não muito carregada, precisam pegar firme, para realizar a viagem nesse tempo. Minha canoa estava bastante leve e levava quatro "canoeiros" perfeitos conhecedores do rio. Não deixei o Quartel dos Arcos antes do meio-dia; por isso nesse dia, apenas passámos pela já referida Cachoeirinha, ou seja pela parte baixa do rio. As rochas, que aí estreitam a corrente, e por toda a parte obstruem o leito, sobre as quais o rio passa espumando, em queda suave, por cerca de meia milha, constituem sérios escolhos para as Canoas. Descendo essa queda d'água, as Canoas perigam por causa da rapidez da caudal, e das saliências das fragas e das voltas que os canais fazem entre elas.

Antes de alcançar Cachoeirinha, parámos na margem sul, para o fim de cortar na mata algumas varas compridas de madeira dura e flexível, usadas na propulsão das Canoas. Também cortámos longos "cipós"; trançam-se três ou quatro dessas fortes trepadeiras lenhosas em uma corda ("regueira")³⁴¹, que é amarrada na prôa da canoa para ser posta a reboque. Assim preparados, começámos a fatigante passagem da Cachoeirinha. Dois canoeiros, que às vezes entravam pela água até à metade do corpo, ou pulavam de rocha em rocha, e em ocasiões se esgueiravam por entre os blocos de pedra com água pelo pescoço, puxavam a canoa vasia, que o resto do pessoal empurrava por

(341) No original "Regeira". O termo aplica-se também ao próprio "sulco" por onde a água se escóia (cf. AULETE, *Dic. Contempor.*) e deriva, evidentemente, de "rêgo".

trás. Nesse comenor trepei com a minha espingarda nas rochas da margem, e matei uma andorinha de espécie nova para mim, de cauda bifurcada e uma faixa preta na garganta³⁴²; outras espécies a branca e verde e a de garganta vermelha³⁴³, voavam em bandos por toda parte. Uma espécie de papa-moscas (*Muscicapa*), tendo parte da plumagem vermelho-ferrugínea e conhecida, no "sertão" da Bafa, por "gibão de couro", também se aninha entre essas rochas³⁴⁴. Encontra-se em Minas, e mesmo, porém mais raramente, na costa oriental, abrigando-se, em toda parte, por entre as pedras ou nos telhados das casas. Nas rochas do Belmonte, é vista muitas vezes no cume de um bloco, donde sobe perpendicularmente em perseguição dos insetos, descendo depois ao primitivo lugar. Todas as plantas que, havia pouco, se encontraram nesse lugar, estavam mais carregadas de flores, vendo-se, ademais, diversas bignonias róseas ou violetas, que florescem antes do aparecimento das folhas, mas cujos tufo de flores, infelizmente, cedo murcharam e caíram.

Quando os canoieiros venceram as quedas da Cachoeirinha, o dia já ia avançado; resolvemos, por isso, passar a noite num banco de areia, à beira da corrente, um pouco acima daquelas. Esse lugar é chamado Araçazeiro³⁴⁵. Ainda gosávamos da luz do sol, e já era noite nas florestas vizinhas; as ásperas notas vesperais das araras anunciavam às corujas e às andorinhas noturnas que era agora chegado o período de suas atividades. Estando a noite serena e bela, decidimos passá-la ao relento, junto a uma boa fogueira, eu agasalhado num coberto grosso, os canoieiros em esteiras de palha: serviu-me de cama um couro de boi grande e seco. No dia seguinte continuámos a viagem. Desse ponto para cima, o rio desce um pouco menos, mas o aspeto geral permanece o mesmo. A corrente era rasa, interrompida por grandes blocos de granito, mais numerosos nas margens e maiores junto à orla das florestas seculares, onde formavam amontoados den-

(*) *Hirundo melanoleuca*, espécie nova, de rabo bifurcado; parte superior do corpo negra; parte inferior, branca; uma risca transversal sob a garganta. Comprimento total, cinco polegadas e quatro linhas e meia.

(**) *Hirundo leucoptera e lugularis*; esta última, de garganta ferrugíneo-clara e ventre amarelado-pálido, é, provavelmente, a *Hirondelle à ventre jaunâtre* de Azara. Azara, Voyages, Tom. IV, pg. 105

(***) *Muscicapa rufepetris*, espécie nova; seis polegadas e onze linhas de comprimento; toda a parte superior da plumagem é pardo-acinzentada escura; e inferior, bem como as coberteiras da cauda vermelho-ferrugínea clara; rectrizes cor de ferrugem, com as pontas pardo-escuras; coberteiras das asas pardo-escuras, com duas manchas transversais e irregulares cor de ferrugem.

(342) *Atticora* (= *Diplochelidon*) *melanoleuca* (Wied). Da espécie, que acabava de descobrir, forneceu o autor exemplares a Temminck, o qual a figurou nas "Planches colorées" (pl. 209, fig. 2), antes mesmo que sua descrição minuciosa aparecesse nas *Beiräge* (tomo III, p. 371). Pequena e bela andorinha, pouco comum, que ocorre no Brasil central (Goias, Mato-Grosso) e aparece também na Amazônia, na Venezuela e nas Guianas.

(343) Respectivamente *Iridoprocne albirostris* (Boddaert) e *Stelgidopteryx ruficollis* (Vieillot), da nomenclatura actual.

(344) *Hirundinea bellicosus* (Vieill. 1819), tiránida relativamente comum nas fazendas do interior de São Paulo e encontrado desde o norte da Argentina e o Paraguai até os estados nordestinos. Corresponde a *Tyrannus bellicosus* Vieillot, nome cunhado para o "Sulíri roxo obscuro" de Azara, verdadeiro descobridor da espécie, e antecedente de um ano ao proposto por Wied. Euler observou-lhe os interessantes hábitos, inclusive a nidificação. Cf. Rev. Mus. Paul. IV, p. 48.

(345) O autor escreve "Raçazeiro", mas não deve haver dúvida em que tenha adulterado o nome tomado a tão conhecida planta.

sos. Desses fragmentos de rocha, que dividem o rio em vários canais, podemos deduzir-lhe a descida dos altos espigões de Minas. Muitos desses blocos estão misturados a certa quantidade de mica; também se encontra ouro e até mesmo pedras preciosas em todos os rios da região, sobretudo nos córregos que desagüam nêles. A água do Belmonte, que, na época da cheia, é amarela e suja, estava então pura e clara, e podíamos, portanto, com a maior facilidade, evitar as pedras que jaziam no fundo.

As vertentes desse vale sobem rapidamente em colinas cobertas de florestas primitivas, e as grandes massas rochosas surgem em grande número, estendendo-se mesmo para dentro da mata. Muitas árvores perdem as folhas nesse período, porém a maioria fica sempre verde, de modo que a floresta estava meio verde, meio cinzenta; para Minas esse aspeto é ainda mais nítido; e o que é mais, dizem que em certos lugares as folhas caem por completo. As múltiplas variedades de folhas tenras que vinham brotando, começavam a dar à paisagem vida e beleza novas. O "tapicurú" (*Bignonia*), estava completamente vestido com as belas folhas vermelho-castanhas, que despontavam; um róseo lindíssimo adornava as cimas da "sapucaia" (*Lecythis*); a *Bougainvillea brasiliensis* entrelaçava-se no tópo das árvores, ainda em parte desfolhadas, forrando-as todas com as flores róseo-escuras; numerosas espécies de bigonias, algumas subindo a grande altura, outras rastejantes, medravam luxuriantemente, enfeitadas de flores variegadas, róseas, violetas, brancas e amarelas. Nessa estação, seria impossível ao melhor paisagista retratar a infinita multiplicidade de tintas que matizam as frondes das gigantescas árvores dessas florestas; e, si o conseguisse, qualquer pessoa que não tivesse admirado esses rincões, consideraria o trabalho simples devaneio da imaginação. Como anteriormente, tivemos nesse trecho do rio grande trabalho em avançar pela maneira acima descrita, entre inúmeras rochas e através de correntezas; e o pessoal que rebocava a canôa chegou muitas vezes a ficar com água pelo pescoço, sem deixar, embora, a corda escapar-lhes das mãos.

Já era grande o calor, e numerosas nuvens de mosquitos atormentavam-nos; dizem, porém, que são muito mais intoleráveis durante a cheia. Na tardinha do segundo dia, de novo fizemos a nossa fogueira, num plano arenoso contíguo ao rio; a lua resplandecia gloriosamente, prometendo-nos ótimo tempo para o dia seguinte. Pela manhã, todo o vale, por onde o rio corre, estava submerso em espesso nevoeiro, que cedo, entretanto, se desfez. Quando a atmosfera clareou, vimos um bando de grandes andorinhas, da família do andorinhão (*Cypselus*) e de uma espécie até então desconhecida para mim, cuja plumagem negro-fuliginosa não tinha nada de notável; devido ao vôo extremamente rápido, não pudemos matar nenhuma.

Prosseguimos a viagem, contornámos grandes penhascos e atingimos, depois, uma "cachoeira", de notáveis proporções. Transpuzemo-la, entretanto, sem descarregar a canôa, graças ao uso da "reguei-

ra", como havíamos feito com as outras. Alcançámos em pouco um lugar em que o rio desliza suavemente, sem muita correnteza. Na margem norte há um rochedo alto e saliente, sob o qual existe uma espécie de caverna; esse lugar é conhecido por "Lapa dos Mineiros". Tal caverna, como transparece do nome, é a bem dizer, apenas um recesso coberto, formado pela projeção da rocha, onde os viajantes costumam passar a noite, quando o descambar do dia os surpreende nesse trecho, dado que o fogo fica aí perfeitamente protegido do vento e da chuva. Mais além, o rio se aperta entre as montanhas marginais, jazendo nas beiras grandes blocos de pedra. Parámos junto a um pequeno riacho "córrego"; meus "canoeiros" saltaram em terra, procurando segundo disseram, pedras de amolar; as pedras encontradas nesse ribeiro representavam diversas variedades de rochas primitivas existentes em Minas, misturadas a muita mica; meu pessoal, de que fazia parte um "mineiro" experimentado, afirmava que, não raro, também o ouro era aí encontrado, e que o aparecimento da pedra indicava com certeza a existência do metal. No áspeto álveo dessa corrente agreste, que desce através de brenhas deshabitadas, descobrimos os sinais das "antas" (*Tapirus*) e das "capivaras"³⁴⁶, pacíficos habitantes dessas solidões, a quem o "corrêgo" garante água clara, mesmo na estação chuvosa, e as matas circunjacentes o melhor refúgio.

Passámos por outras pequenas quedas ou "cachoeiras", que nos deram muito trabalho em safar a canoa, visto a pouca profundidade da água. A tardinha nos surpreendeu em um trecho apertado do rio; acampámos num plano arenoso da margem, entre rochas. Duas onças vermelhas ("onça sussuarana" *Felis concolor*, Linn.) tinham recentemente rondado pelo local; os rastros ainda estavam bem frescos; e ocupávamo-nos em examiná-los, quando a nossa atenção foi atraída por um bando de "lontras", que, enquanto pescavam, deixavam-se arrastar rio abaixo. Erguiam frequentemente as cabeças acima d'água, assoprando alto; mas, infelizmente, achavam-se além do alcance do nosso fôgo. Essas lontras (*Lutra brasiliensis*) pegam no rio grande quantidade de peixe, cujos restos são largados nas pedras; assim, por exemplo, nelas encontrei, muitas vezes, a cabeça e os operculos de uma espécie de *Silurus** mostrando, num fundo castanho-amarelado, manchas pretas redondas: as lontras parecem desprezar essas partes duras. Diversos animais apareceram perto do nosso acampamento. As "araras" gritavam na floresta e grandes morcegos esvoaçaram sobre nossas cabeças, no lusco-fusco. Quando as sombras da noite envolveram completamente a cena, ouvimos os pios singulares e estranhos das corujas e dos curiangos. A manhã seguinte também

(*) Aí chamada "Roncador": ao sul de Capitania, dá-se esse nome a outra espécie de peixe. Da primeira, não tive ocasião de ver um espécimen perfeito.

(346) No original "Capybara": *Hydrochoerus hydrochaeris hydrochaeris* (Linn., 1766) (= *H. capybara* Erxl., 1777).

surgiu submersa em densa neblina, que, entretanto, não era fria, mas apenas úmida. O poderoso sol tropical logo porém, rasgou o véu espesso que cobria o vale, secando-nos de novo.

Dirigimo-nos, então, para a maior "cachoeira" que tínhamos de transpôr nessa viagem: aí era necessário descarregar a canoa numa ilha rochosa, e todos ajudaram a alçá-la para cima da rocha, de três pés de altura, operação grandemente dificultada pela água que estuava embaixo. A bagagem inteira foi levada por terra à outra extremidade da ilha; mas gastou-se muito tempo e canseiras sem conta para transportar a canoa até lá, tirar-lhe a água, tornar a carregá-la e pô-la flutuando.

Enquanto minha gente se ocupava com a canoa, olhei casualmente para a margem oposta e, com grande espanto, vi um corpulento e robusto botocudo, sentado com socego, de pernas cruzadas. Chamava-se Jucakemet e era bem conhecido do meu pessoal, que, entretanto, não o percebera; tinha ficado a ver-nos trabalhar sem fazer a menor bulha. Mal se lhe distinguia o vulto bruno-acinzentado entre as rochas cinzentas; essa a razão por que esses selvagens se podem aproximar facilmente sem serem percebidos e por que os soldados, em outras paragens, quando em guerra com eles, precisam de extrema cautela. Pedimos-lhe que viesse a nado ao nosso encontro; mas ele nos deu a entender que a corrente estava demasiado rápida e que voltaria ao Quartel do Salto, não muito longe daí, onde nos esperaria. Também vimos, na margem norte, alguns botocudos, que iam à caça com um dos soldados do "quartel": recusaram-se igualmente a vir até nós. Passámos por um alto penhasco enegrecido, atravessado de veios de quartzo amarelado, e em pouco chegámos ao desembarcadouro ("porto") do Quartel do Salto.

Perto desse posto militar, uma grande cascata torna o rio de todo inavegável, sendo necessário saltar nesse ponto e prosseguir em terra por sobre uma montanha; acima do "quartel", embarca-se novamente em outras canoas. Minha bagagem foi descarregada e transportada para o "destacamento". O caminho galga uma ribanceira íngreme, onde se construiu um alpendre para os produtos vindos de Minas, aí desembarcados. Em cima, entra-se em um mato alto, onde as *Bromelia* atapetam o solo, formando um balseado impenetrável; uma *Begonia*, de grandes folhas, com cinco a seis pés de altura, medra em abundância*. Ergue-se aí a *Bombax ventricosa* de Arruda, cujo tronco, de colossal circunferência, é mais fino perto da terra e abaixo da copa, porém inchado no meio, motivo por que os portugueses lhe deram o nome de "barriguda"³⁴⁷. Há diversas variedades dessa *Bombax* bojuda;

(*) O gênero *Begonia* tem numerosas espécies no Brasil, algumas das quais atingem altura e tamanho consideráveis.

(347) O autor escreve "Barrigudo", evidentemente em vez de "barriguda", nome pelo qual até hoje é conhecida na Baía a bela árvore que nos estados do sul conhecemos por "paineira branca" ou simplesmente "paineira". Seu nome botânico é *Chorisia speciosa* St. Hilaire, o gênero *Bombax* cabendo a plantas afins, como o "imbrusú" (*B. cyathiforme*) e o imprópriamente chamado "castanheiro do Pará" (*B. affinis*).

uma tem a casca lisa, apenas um pouco sulcada ; noutra, o tronco é revestido de espinhos curtos, fortes e rombos ; as folhas, que se dispõem separadamente na copa rala e pouco ramosa, são palmadas. As flores, de côr esbranquiçada, são grandes e belas ; assim que murcham, caem e cobrem o chão sob as árvores. O tronco pujante dessas árvores têm uma medula muito mole e aquosa, na qual se encontram as larvas de diversos insetos grandes, que os "Botocudos" procuram, assam num espêdo de páu e devoram àvidamente. Fazendo-se uma incisão na árvore, surge um suco ou resina viscosa. Nessas brenhas, pequena trilha solitária conduz às colinas em que reside uma horda de "Botocudos" : muitos vão frequentemente ao "destacamento", trabalhando por certo tempo, si lhes dão alimento em paga.

A distância até o "quartel", por terra, é de cêrca de meia légua ; o caminho sobe e desce através da mata, o que constitue sério obstáculo ao transporte dos produtos, que deve ser todo carregado sobre ombros humanos. O Quartel do Salto fica à margem do rio, num trecho mais largo do vale, onde, estando baixo o nível d'água, uma rocha nua e plana emergia, orlando de ambos os lados a corrente estreita. As construções são de barro, cobertas com grossas e compridas placas da casca do "pao d'arco". O comandante, um "cabo" (oficial subalterno) e homem de côr, recebeu-me bem, dando-me um quarto num dos edifícios. Tinha somente dois soldados consigo, o resto partira em canoas para Minas ; todos os quartos vasiaos estavam então ocupados pelos botocudos, a quem se permitia habitá-los no intuito de conservar-lhes as boas disposições. Encontrei aí a mulher do "capitão" June velha que também andava completamente nua, e ficara atrás quando a restante horda prosseguira para a Cachoeirinha. Além dessa bruxa feia, encontrámos outros botocudos muito bem feitos, alguns belamente pintados à sua maneira. Uns conservavam a côr natural do corpo, pintando apenas o rosto, com o vermelho brilhante do "urucú", até ao nível da bôca ; outros pintavam toda a parte posterior do corpo, deixando unicamente, com a côr natural, o rosto, as mãos e os pés. Em capítulo posterior descreveremos os vários modos por que se costumam pintar esses selvícolas.

Jucakemet também chegara : era um dos botocudos mais altos que já vira, e usava grandes batoques de páu nas orelhas e no lábio inferior. Tivera recentemente, segundo nos contaram, violenta disputa com o "capitão" Gipakeiu, chefe de outra horda, chegando mesmo a agredi-lo, ao que este lhe atirara uma flecha, ferindo-o de leve no pescôço. Ele nos mostrou a cicatriz. Desde então, Jucakemet evitava cuidadosamente a zona por onde vagasse o "capitão" Gipakeiu ; elle estava em Salto, na margem sul do rio, e o outro na margem norte, nas cercanias do Quartel dos Arcos, ocupado em caçar porcos selvagens nas grandes florestas. A estrada para Minas passa junto aos edifícios do "destacamento" ; deste ponto para cima transitável é e está em boas condições ; mas, como observámos antes, para baixo, até Belmonte, não pode ser usada. Uma tropa, carregada de algodão, des-

cera de Minas Novas poucos dias atrás, levando sal de volta, artigo que é muito escasso nessa região montanhosa. Alguns "mineiros", que permaneciam no lugar para fins de comércio, muito lastimaram, igualmente, o abandono dessa tão gabada estrada no trecho inferior do rio. Quando viajam por ela, dão aos muare, todos os dias, uma mistura de óleo e pólvora, que dizem ser excelente remédio contra os efeitos das más pastagens, encontradas em certos pontos da estrada; costumam dar, também, um pouco de sal aos animais. Si o caminho fôsse, de fáto, tão bom quanto se afirmava, poderia manter-se, em pouco tempo, importante comércio com Minas, de vez que o transporte de mercadorias do Salto, pelo rio, é feito com muita dificuldade, e, mais ainda, precisam todas ser levadas, com grande trabalho, do desembarcadouro para o "quartel". Poderia, pelo menos, construir-se uma boa estrada do Salto ao desembarcadouro, por onde se transportassem as mercadorias em carros de dois; mas a diligência dos habitantes dessas brenhas não chega a tanto. E' de presumir-se que as queixas gerais feitas, ultimamente, sobre as más condições de grande parte da estrada, determinarão, afinal, cuidadosa inspeção e completo reparo da mesma.

Passei o dia seguinte no Salto, e parti, de manhã cedinho, em excursão à cachoeira vizinha, cujo rumor pode ser ouvido a grande distância^{*347 bis}. Para descortiná-la, precisei trepar em grandes blocos de rocha, irregularmente empilhados uns sobre os outros. O rio, em canal muito estreito, precipita-se rugindo e espumando para a bacia de baixo, espalhando em redor uma nuvem de vapor e de espuma pulverizada; pouco depois, forma outra cachoeira sobre uma grande leito rochoso. Tornei a sentir aí o prazer que experimentara oito anos antes, contemplando as cataratas muito maiores da Suíça. Muitas quedas do Belmonte, sobretudo a Cachoeira do Inferno, parecem ter, em miniatura, alguma semelhança com a Raudal de Atures e Maipures, de que Humboldt faz interessante descrição**, com a única diferença de que não são tão contíguas e pegadas como no imenso Orinoco. Entre os blocos rochosos, molhados pela espumarada do Salto, medram belas espécies de arbustos; entre outras, uma linda murta (*Myrthus*) de folhas pequenas, então em flor.

A esperança de obter um crânio de botocudo foi outro motivo que me levou a passar aí mais um dia. No Quartel dos Arcos, não conseguira exumar um corpo para esse fim; porém, agora fui mais feliz.

(*) (Suplem.) A *Corografia Brasileira*, Tomo II, p. 79, refere-se nos seguintes termos a essa cachoeira: "Quando atravessa a cordilheira dos Aymorés, estreita-se por entre dois montes de desigual altura, sendo o da banda do Norte, chamado Monte de S. Bruno, o mais alto e de repente precipita-se num peço, formando uma bica com mais de vinte braças de altura, cuja evaporação conserva ali uma eterna nuvem; e a zoadá ouve-se ás vezes em distância de quatro leguas". A parte final da narrativa mostra-se um tanto exagerada.

(**) *Ansichten der Natur*, p. 312.

(347 bis) O trecho da *Corografia Brasileira*, traduzido para o alemão no texto de Wied, está literalmente transcrito na presente edição.

A curta distância das casas, no recesso da floresta, sob a mata luxuriante e florida, enterraram um jovem botocudo, de vinte a trinta anos de idade, um dos mais turbulentos guerreiros da sua tribo. Armados de picaretas, dirigimo-nos à sepultura e apanhámos o notável crânio. Notámos, à primeira vista, uma curiosidade osteológica: o grande pedaço de pau, usado no lábio inferior, não apenas deslocara os incisivos inferiores, como também comprimira e apagara, nesse crânio novo, os alvéolos dos dentes, o que geralmente só acontece com as pessoas muito velhas. Azara, nas sua "Viagem pela América do Sul"*², observa que os crânios dos americanos se estragam muito mais depressa que os dos europeus. Tal assérto não está de acôrdo com o de Oviedo, citado por SOUTHEY (*Hist. Brazil*), I. 631, segundo o qual as espadas espanholas não podiam marcar os crânios americanos devido à dureza; provávelmente, ambas as alegações são por igual infundadas.

Embora tomasse o maior cuidado em guardar segredo sobre a minha intenção de abrir a sepultura, a notícia em pouco se espalhou pelo "quartel", causando forte sensação entre aquela gente ignara. Impelidos pela curiosidade, máu grado um secreto terror, vários se acercaram da porta do meu quarto e quizeram ver a cabeça, que eu, entretanto, escondi imediatamente na mala e tratei de mandar o mais cedo possível para a Vila de Belmonte. Si bem que os "Botocudos", como então verifiquei, se sentissem menos chocados com o desenteramento que os soldados do "quartel", não é menos verdade que muitos dêles se recusaram a presenciá-lo. Satisfeitos os meus propósitos nesse interessante lugar, voltei ao desembarcadouro e embarquei de novo, de manhã cedinho, no segundo dia após a minha chegada.

A descida do rio é muito rápida; chega-se em um dia à ilha da Cachoeirinha. Transpuzemos, então, sem muita dificuldade, a Cachoeirinha, ao passo que, subindo, fomos obrigados a alijar a carga. Nossa canoa era muito grande; fazia, entretanto, muita água, porque, precipitando-se rocha abaixo, a prôa mergulhava na água, violentamente agitada pela queda; ficámos, por isso, completamente molhados, e um pequeno botocudo, que eu trouxera comigo, chorava, de medo, lágrimas copiosas. Com a mesma felicidade, a canoa desceu por todos os outros saltos pequenos. Perto da Lapa dos Mineiros, vimos uns botocudos na margem sul, ocupados em flechar peixes. Um dêles, o que estava mais próximo de nos, logo nos acenou para que o fôssemos buscar e lhe dêssemos algo de comer. Desejando vê-lo mais de perto e fazer negócio com as armas dêle, fiz a canoa dirigir-se para a margem; impellido, porém, pelo apetite imperioso, não esperou pela nossa chegada, ficou com a água pelo pescoço e veio, então, ora a váo, ora nadando, sustendo as armas acima da cabeça, até uma massa rochosa, já bem para dentro do rio, onde se pôs a fazer sinais, indicativos de rude e indomável impaciência. A mais curta dis-

(*) AZARA, *Voyages*, etc., vol. II, p. 59.

tância, vimos que o botocudo era um homem alto e robusto, traíndo nos menores gestos a sua natureza selvagem. Abriu a bôca quanto poud e berrou; *nuncull* (comer), ao que lhe atirámos às guélas, alguns punhados de farinha; enquanto as engulia vorazmente, um dos meus, que entendia um pouco da linguagem desses selvícolas, pulou em terra, apanhou-lhe as armas e as trouxe para a canôa, em lugar seguro, dizendo-nos que o homem era tão selvagem, que devíamos estar prevenidos contra êle; ao mesmo tempo, colocou uma faca na extremidade do remo, apresentando-o ao aborígene, que pareceu muito satisfeito com a troca; após o que nos puzemos rapidamente ao largo. O botocudo, cuja fome ainda não se aplacara, não perdeu a esperança de alcançar-nos; correu um bom pedaço pela margem atrás da canoa, pulando de pedra em pedra, nadando e vadeando; até que, por fim, vendo que a canoa estava muito longe para ser alcançada, voltou descontente para a floresta. Pouco depois topámos dois outros selvagens, que também falaram conosco e fizeram igual pedido de comida; não estávamos, porém, dispostos a entabolar conversação com êles, e, o que é mais, não tínhamos tempo a perder. À tardinha, quando a canoa descia a Cachoeirinha, bateu contra uma rocha e imediatamente estacou. Eu desembarcara antes, e galgava a margem a pé, pois, não sendo bom nadador, não me queria expôr a um banho desagradável. Fiquei muito contente por ser apenas um expectador distante do choque, que fez se precipitarem todos os da canôa uns contra os outros. A água começou a entrar e o meu pequeno botocudo poz-se novamente a gritar, angustiado; a canoa, entretanto, safou-se sem acidente e atingimos o Quartel dos Arcos antes do ocaso.

À minha chegada à ilha, encontrei um dos meus doentes de febre, o que me obrigou a permanecer uns dias no lugar; provido de bôca quina, curei-o logo. Segui, então, com alguns caçadores, para a Ilha da Chave, várias léguas rio abaixo, onde, segundo nos contaram, não só encontraríamos muitas "anhumas" como abundância de caça em geral. Durante a descida matámos algumas "araras" e encontrámos na margem diversos e belos arbustos floridos; nas cimas densamente entrelaçadas da floresta, distinguimos, sobretudo, as folhas róseas da sapucaia e a *Petraea volubilis*, com os compridos cachos de flores azulestes*.

À tardinha, debaixo de aguaceiro, chegámos ao fim da jornada e desembarcámos na ilha arenosa. A chuva diminuiu um pouco à noite, mas um abrigo sêco e socegado para a dormida estava fora de cogitação; metemo-nos, completamente encharcados, em umas velhas e estragadas choças de pescadores, cujas cobertas de folhas havia muito se arruinaram. Tentámos proteger-nos da chuva com cobertores e couros de boi, fizemos uma fogueira para nos aquecer e secar; mas,

(*) (Suplem.) *Petraea denticulata*, SCHRADER, op. cit., p. 712.

como a chuva caía sem cessar, mal podíamos tê-la acesa e, assim, esperámos com impaciência pelo fim da incômoda noite. Na manhã seguinte bem cedo, mandámos gente à floresta, em canoa, afim de cortar lenha para a fogueira, palmas, varas e "cipós", com que pudéssemos construir uma choça grande e espaçosa. O tempo tornou-se algo mais favorável, mas como o nosso trabalho fôsse frequentemente interrompido por pancadas d'água, tomou-nos êsse e mais todo o dia seguinte até acabarmos a construção. Aí residimos eu e mais quatro dos nossos, além de um botocudo chamado "Ahó", que me acompanhara para caçar. Ficavam sempre duas pessoas de guarda na ilha e cozinhando enquanto as demais iam à caça na floresta.

Um dia, mal saíra a canoa para uma dessas excursões, quando vi os caçadores fazer fogo, voltando imediatamente. Tinham percebido as quatro patas de um quadrúpede saindo fora d'água, tomando-as como de um porco morto, mas, em se aproximando, deram com enorme serpente, que se enroscara, em muitos anéis, numa grande "capivara", matando-a. Descarregaram, de imediato, dois tiros no monstro, e o botocudo mandou-lhe uma flecha; só então abandonou a presa e, não obstante o ferimento, fugiu como si nada houvera. Minha gente apanhou a "capivara" ainda perfeitamente fresca, acabada de morrer, e voltou para me relatar o acontecimento. Desejando muito obter aquela extraordinária cobra, mandei de novo e imediatamente os caçadores atrás dela; mas foram inúteis todas as tentativas. O tiro perdera a força na água, e a flecha fôra encontrada partida na margem por onde a serpente a arrastara; ferida ao de leve, retirou-se para tão longe, que, a meu grande pesar, não se encontrou novamente.

Esse réptil, a "sucuriuba" do rio Belmonte, ou "sucuriú", como a chamam em Minas Gerais, é a maior espécie de cobra do Brasil, pelo menos das regiões acima mencionadas; estão inçadas de erros as descrições que dela fazem os naturalistas. Daudin citou-a com o nome de *Boa Anaconda*. Encontra-se em toda a América do Sul, atingindo o maior tamanho dentre as espécies do gênero, nessa parte do mundo. Devem-se-lhe todas as denominações alusivas ao habitat aquático das cobras *Boa*: pois as outras jamais vivem na água, ao passo que a "sucuriú" ou "sucuriuba" vive constantemente n'água ou próximo dela, sendo, assim, verdadeiro anfíbio no sentido literal da palavra. Está longe de ter um belo colorido: o dorso é de um tom preto-oliváceo, percorrido longitudinalmente, por duas fileiras de manchas pretas redondas, dispostas aos pares e, em geral, com bastante regularidade. Nas paragens solitárias, aonde não vai o homem, atinge o tamanho prodigioso de 20 a 30 pés, e até mais, de comprimento³⁴⁸. Daudin, na sua História Natural dos Répteis diz ser da África tida por ele como sendo a genuína *Boa constrictor*; esta, porém, si é que se encontra também na

(348) As dimensões máximas verificadas com satisfatória precisão, em exemplares muito raros aliás, não ultrapassam 12 a 13 metros de comprimento. O insuperável pavor que inspiram as sucuris em todo interior do Brasil, onde são mais temidas do que as onças, explica o exagero que atribue, não de raro, dimensões gigantescas, a indivíduos de modestas proporções.

África, habita todos os rincões do Brasil, onde é a *Boa* terrestre mais comum e conhecida em toda parte por "giboia"³⁴⁹. O Belmonte é o mais sulino dos rios da costa oriental em que se encontra a "sucuriuba"; para o norte, ocorre universalmente. Contam-se muitas fábulas a respeito do modo de vida desses imensos réptis, repetindo-se ainda nos tempos modernos, o que disseram os velhos viajantes. Os relatos sobre o sono invernal das referidas cobras não são também bastante precisos. Diz-se, na verdade, que entram em letargo, durante a estação quente, nos charcos dos campos descendentes, mas tal não acontece nos vales das matas do Brasil, onde a água é sempre abundante e onde não vivem propriamente em pântanos, porém em grandes lagoas, em lagoas que jamais secam, rios e correjos, de margens ensombradas pelas florestas seculares.

No dia da malograda caça à cobra, meu pessoal matou muitas aves interessantes, entre as quais uma pequena águia escura, com um tufo de penas na parte posterior da cabeça, espécie até agora não descrita³⁵⁰, além de algumas araras e um grande "mutum" (*Craz Alector*, Linn.)³⁵¹, que nos foi muito bem-vindo à mesa. A águia ia justamente apresar um "jupati" (marsupial)³⁵² quando foi baleada; nela, tudo indicava audácia e coragem: os olhos eram vivos e orgulhosos e as compridas penas da parte posterior da cabeça davam-lhe belo semblante.

Continuando o tempo chuvoso a impedir-nos de caçar, sobretudo as "anhumas", aproveitei a oportunidade para visitar o Quartel dos Arcos, onde, durante a minha ausência, chegara uma nova horda de botocudos, cujo chefe, "Makiângiang", era chamado, pelos portugueses, "capitão" Gipakeiu (o grande capitão). Já vinha a noite, e achava-me a curta distância do "destacamento", quando, por acaso, vi num banco de areia um casal de grandes "antas" (*Tapirus*)³⁵³.

(*) *Falco Tyrannus*, espécie nova: macho, vinte e seis polegadas e sete linhas de comprimento; penas da parte posterior da cabeça alongadas e erectas; partes traseiras da cabeça e do pescoço, lados do pescoço e parte superior do dorso cobertos de penas brancas de extremidades escuras, superpondo-se de tal jeito que a parte branca fica escondida; partes restantes do dorso castanho-escuro; as maiores coberteiras superiores das asas um pouco mosqueadas de branco; remiges com algumas faixas transversais de um preto mais carregado; cauda robusta e larga com quatro faixas transversais esbranquiçadas; penas das coxas, pernas, parte inferior do dorso, uropígio e crissum, pardo-escuro, com linhas brancas estreitas e transversais; pés emplumados até aos artelhos.

(349) A "giboia" (*Constrictor constrictor* (Linn.)), de fato, é cobra exclusivamente americana.

(350) *Spizaetus tyrannus* (Wied) é o nome atual do belo gavião preto descoberto pelo viajante-naturalista. É ave da mata, que ocorre em vasta área, desde o México até o extremo sul do Brasil, sem ser todavia comum em qualquer parte. De porte bem modesto, em face dos gaviões de penacho maiores, como a *Harpia*, rivaliza com eles, porém, em audácia e valentia.

(351) Cf. nota 204 (pag. 109).

(352) Aos marsupiais menores que o gambá, chama o povo de "cuícas", "gualiquicas" e "jupatis", o último dos quais parece aplicar-se, a julgar pela observação de Wied (*Beitr.*, II, p. 411), mais propriamente às numerosas espécies dos gêneros *Marmosa* Gloger e *Peromyscus* Lesson, cujo tamanho não excede, por vezes, ao de um camundongo.

(353) "Anta ou tapir": tecnicamente *Tapirus terrestris* (Linn., 1758), nome baseado em "Tapiriré" de Marcarave. É o maior de todos os mamíferos terrestres do Brasil. A ciência reconhece apenas uma espécie indígena, embora os matutos e caçadores acreditem distinguir diversas, sob as denominações de "anta sapateira", "anta xurê", etc. Não obstante, é plausível a existência de várias raças geográficas na espécie lineana, cuja patria típica é o Pernambuco (cf. THOMAS, *Proc. Zool. Soc. Lond.*, 1911, p. 155), conforme se depreende do estudo comparativo dos crâneos e do vulto acentuatadamente diferente entre os espécimens de diversa procedência (cf. J. ALLEN, *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, XXXV, 1916, p. 566).

Para tornar mais seguro o êxito da caçada, mandei o meu botocudo, Ahô, contornar pela mata e cortar-lhes a retirada. Ao se aperceberem de que lhes interceptaram a fuga, os animais meteram-se na água e tentaram alcançar a margem oposta, sendo barrados pela nossa canoa. Uma delas, voltando, de novo atingiu o banco de areia e, se não tivesse arrebatado a corda do arco, dando-lhe tempo de fugir, teria recebido uma flecha do meu botocudo. Atirámos diversas vezes na outra, que mergulhou e depois ergueu a cabeça acima d'água para tomar fôlego, mas o nosso chumbo era muito leve e a canôa tinha peso demais para avançar rapidamente; não tínhamos balas, e esses animais só podem ser alvejados quando põem a cabeça fora d'água, perto da canoa; a pontaria, então, deve ser feita na orelha: o apavorado animal perdeu muito sangue, mas ainda assim escapou, o que difficilmente conseguiria, si tivéssemos cães conosco. A facilidade e a desenvoltura com que nadam são-lhes de muita valia quando fogem aos caçadores. Si bem que a anta, animal grande e pesado, seja protegida por um couro muito espesso, os portugueses sempre o abatem a chumbo e não a bala: têm, para isso, necessidade estrita de arcabuzes compridos e cargas grandes de chumbo grosso; preferem, igualmente, atirar de chumbo doze a dezeseis vezes num animal a carregar com bala. Para que possam, nas caçadas, matar qualquer espécie de animal, os brasileiros levam sempre as espingardas carregadas com chumbo, e dessarte abatem ora um porco selvagem, ora uma anta, ora uma "jacutinga" (*Penelope*). A anta é procurada principalmente por causa da carne, sendo os cães muito úteis então. E' geralmente encontrada pela manhã e à tardinha, nos rios, aonde gostam de ir tomar banho para se refrescarem. Si o animal é gravemente ferido e fica um pouco exausto, os brasileiros muitas vezes o atacam, a nado, de faca na mão, intentando cravar-lha. Assim justificam o costume do país de levar-se sempre um punhal ou faca à cintura, costume que até os padres observam, e de que resultam muitos assassinios.

Detido pela infrutífera caçada, só cheguei ao "destacamento" noite avançada; e pela manhã cedinho fui acordado pelos botocudos recém-vindos, impacientes por travar conhecimento com o forasteiro. Bateram violentamente à porta, que estava fechada, até que eu a abrisse, enchendo-me, então, de manifestações de amizade. O "capitão" Gipakeiu se agradara muito de mim, porque lhe disseram que eu era um admirador dos botocudos, e ardia de impaciência para o conhecer a êle, grande chefe. Era de estatura mediana, porém, forte e musculoso; usava nas orelhas e no lábio inferior grandes batoques de pau; o rosto, até à boca embaixo, estava pintado de vermelho vivo; pintara uma linha negra sob o nariz, de orelha a orelha, deixando, porém, ao corpo a cor natural. Mostrava-se sincero e bem intencionado para com os portugueses, e nunca houve af razão de queixa contra a sua conduta. Embora não se distinguisse externamente dos outros membros da tribo, os conterrâneos tinham-no em grande consideração, o que por vezes o tornava útil aos próprios portugueses. De uma feita, por

exemplo, quando estes pela primeira vez se puzeram de boas pazes com os Botocudos, um outro chefe apareceu no "Quartel" e pediu, importunamente, grande quantidade de artigos de ferro. Estando, porém, reduzida a guarnição do "destacamento" e numerosos selvícolas o cercassem, achou-se prudente anufr-lhe aos desejos. Pouco depois chegava o "capitão" Gipakeiu; os portugueses queixaram-se-lhe do que acontecera, ao que ele se internou na mata, obrigando os conterrâneos a restituir grande parte dos instrumentos. Abraçou-me várias vezes à moda portuguesa, mas a nossa conversa foi muito curiosa, pois nenhum de nós entendia o outro; entretanto, o "capitão" fez-me logo compreender que estava com muita fome e esperava que eu lhe desse algo de comer: satisfazer o apetite insaciável é sempre a mais urgente necessidade desses selvagens.

Depois de o regalar com farinha de mandioca e angariar-lhe mais ainda o favor, mandou ele buscar à choça da floresta alguns objetos para trocar; entre os quais se destacava uma buzina curta, ("*cuntschun cocann*")*, feita com o rabo do tatú grande (*Dasyus maximus*, "Grand Tatou" ou "Tatou premier" de Azara)**.

Os selvagens usam-na para conchamar a população da floresta.

Defronte ao "quartel" do outro lado do rio, existe um bananal, já antes mencionado como obra de alguns botocudos; havia nele cabanas abandonadas, onde enterraram duas mulheres. Por esse tempo, à chegada do Capitão, queimaram as cabanas, pois jamais ocupam habitações que serviram de túmulos. Várias outras, entretanto, foram construídas nesse lugar; a vida e a atividade reinavam na mata umbrosa, pois os recém-vindos não ergueram as moradas somente na margem, porém muito mais para dentro da floresta. Por toda parte se viam jovens trigueiros, uns tomando banho no rio, outros fazendo arcos e flechas, trepando nas árvores atrás dos frutos, fisingando peixe, etc. Os homens se dispersaram para todos os lados da mataria vizinha, chamando-se uns aos outros, apanhando lenha ou ocupando-se em outras tarefas. Formavam o quadro admirável de uma república de selvagens construindo uma nova colônia, e não se podia contemplar sem prazer a agitação que ia entre eles.

Quando o "capitão Gipakeiu" chegou com sua gente ao Quartel, cada um deles trazia dois páus compridos, como desafio à horda de Jucakemet, que esperavam encontrar aí, mas que, conforme dissemos antes, ficara prudentemente no Salto, na margem sul do rio. O "capitão" Gipakeiu permaneceu, com o seu povo, alguns dias próximo do pósto, internando-se depois nas florestas da margem norte, para colher os diversos frutos que então amadureciam. Isso é costume entre todos os selvícolas. Conhecem a época exata em que os frutos sazonom,

(*) Em vez do rabo de tatú, os Coroados de Minas Gerais, mais civilizados, usam para isso o corno de boi. Cf. v. ESCHWEGE, *Journal von Brasilien*, fasc. 1.

(**) D. F. de AZARA, *Essais sur l'histoire naturelle de Quadrupèdes du Paraguay*, etc Vol. II, p. 132.

e ninguém os detem quando é tempo. Chegara, no momento, a vez do "cipó" planta trepadeira que eles chamam "atschá"*. Amarram em feixes os ramos verdes dessa planta, levando-os para as choças; assam-n'os aí ao fogo, mastigando-os; contém u'a medula muito nutritiva, cujo gosto é exatamente o da nossa batata.

Atingido o meu propósito e conhecidos os botocudos que háviam chegado ao Quartel voltei para a Ilha da Chave, onde meu pessoal me aguardava. Numa ilhota vizinha, coberta de mato denso, e apenas separado da terra firme por um canal raso e insignificante, tinham descoberto veados, matando um. Era da espécie chamada "guazu-pita"³⁵⁴ por Azara**, a mais comum em todo o Brasil. Achámos a carne desse animal muito diferente do que é no da Europa; está longe de ter bom sabor, é extremamente magra, seca e de fibra muito dura, que dificilmente se pode comparar com a carne de uma vaca velha. Contudo, já que a escolha de víveres nessas brennas solitárias é muito restrita, todo animal comível nos era bem vindo. Passámos outra semana na ilha, durante a qual choveu frequentemente; os caçadores, porém, pagaram-me dos incomôdos, obtendo vários e interessantes acréscimos para minhas coleções. Toda manhã e toda tardinha, no lusco-fusco, ouvia-se invariavelmente o pio alto de uma grande coruja. Depois de muitas procuras, infrutíferas, conseguimos por fim capturá-la; parece pertencer a uma espécie até aqui não descrita**³⁵⁵; obtivemos também o grande urutáu alvacentos e pintado (*Caprimulgus grandis*, Linn.), cujo piado forte³⁵⁶ vai ecoar longe na solidão das florestas, além de outros lindos pássaros, entre os quais mencionarei o beija-flor preto de cauda branca, ainda não descrito nas obras de história natural³⁵⁷. Caçaram-se também algumas lindas e avantajadas "anhumas"; elas fazem desse logar o seu sitio predileto; ouviamos-lhes quasi todos os dias o retumbante concerto, é sua voz so-

(*) Essa planta é provavelmente uma *Begonia*: trepa alto nos troncos das árvores.

(**) *Essais sur l'histoire naturelle des Quadrupèdes du Paraguay*, vol. I, p. 82.

(***) *Strix pulsatris*, assim chamada por causa da voz, que parece uma batida; sem orelhas; macho com 17 polegadas e 4 linhas de comprimento; 44 polegadas e 9 linhas de envergadura; a maior parte da plumagem é de uma bela cor pardo-ferrugínea levemente acinzentada; uma mancha esbranquiçada na garganta; penas escapulares com finas matmORIZAÇÕES de um tom mais escuro, bem como as asas e a cauda; penas das asas e da cauda com faixas transversais mais escuras e mais claras; todas as partes inferiores são de um amarelo claro, pendendo, no peito e no ventre, para um amarelo-ferrugíneo.

(354) *Mazama americana* (Erleben), "veado mateiro" ou "guataparâ", da nossa linguagem vulgar.

(355) *Pulsatrix pulsatris* (Wied) na nomenclatura atual. Das nossas corujas é uma das mais imponentes; abunda nas matas do sudeste da Bala, tendo eu trazido, por ocasião de minha viagem àquela zona, exemplares dos rios Gongogi e Jucurucú.

(356) É singular que assim ("Pfiff") denomine Wied a voz deste urutáu, uma vez que todas as espécies do gênero parecem singularizar-se pelo extranho e lamentoso grito (?), que tanto impressiona ao observador desprevenido. Veja-se o que ficou dito a respeito da outra espécie *Nyctibius aethereus* (Wied).

(357) Como reconhecia o autor ao referir-se a ela nas suas "Beitraege" (tomo IV, pag. 52), esta espécie já fora anteriormente descrita por Vieillot sob o nome de *Trochilus fuscus*, feita mais tarde tipo do gênero *Melanotrochilus*.

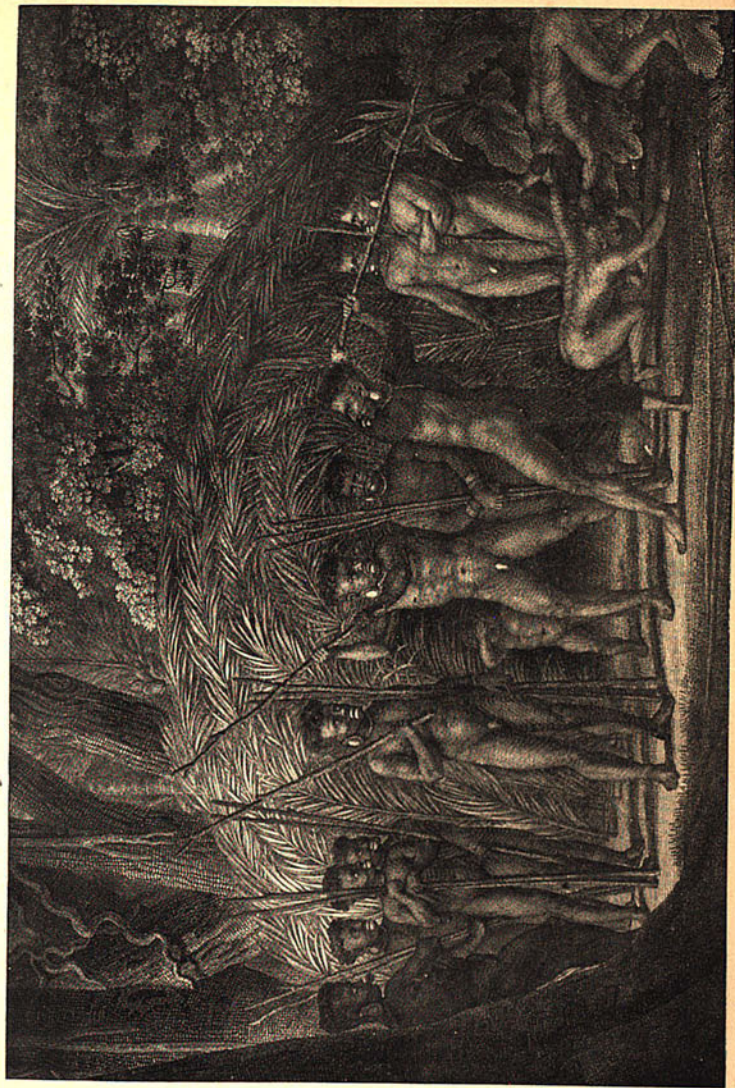
nora e singular era uma ordem para os meus caçadores pegarem da espingarda³⁵⁸.

A 25 de Setembro deixei a ilha e voltei, com todo o pessoal, ao quartel". Em caminho encontrei um grupo de "botocudos", sentado em redor da fogueira; pertenciam à horda do "capitão" Gipakeiu e tinham atravessado a várzea do rio, raso nesse trecho, estabelecendo-se contra o costume, na margem sul. Muitos meninos pularam para a canoa, querendo ir conosco até o "destacamento". Mal chegáramos e aparecia outro bando de selvícolas, vindo da margem sul; era a horda do "capitão" Jeparack, (Jeparaque), que eu ainda não vira. Formava um quadro estranho toda aquela gente escura erguendo os arcos e as flechas acima da cabeça, passando o rio a vau; ouvia-se ao longe o barulho feito na água pelo cortejo.

Todos os selvagens traziam aos ombros feixes de páus de seis a oito pés de comprimento, para o fim de lutar com os "capitães" June e Gipakeiu e respectivas hordas; o último, entretanto, estava longe, na floresta, e mesmo June, com o seu bando, encontrava-se no momento, ausente do "quartel". Os selvícolas correram, pressurosos, todos os compartimentos das habitações, atrás dos adversários, mas, não os achando, deixaram os páus no "quartel", em sinal de desafio, partindo novamente à tardinha. Estiveram, porém, nos dias subsequentes, em constante comunicação entre as duas margens, como em geral fazem quando o rio está raso. A 28, o "capitão" Jeparack veio mais uma vez com o seu povo: traziam de novo os páus compridos, e perguntaram pelo "capitão" Gipakeiu, ainda aqui em vau: contudo, vagando constantemente pelas vizinhanças, tiveram, por fim oportunidade de satisfazer o desejo de luta. O "capitão" June, com os três filhos crescidos, e mais o resto de seus homens, aceitou o desafio, aliando-se ao "capitão" Gipakeiu.

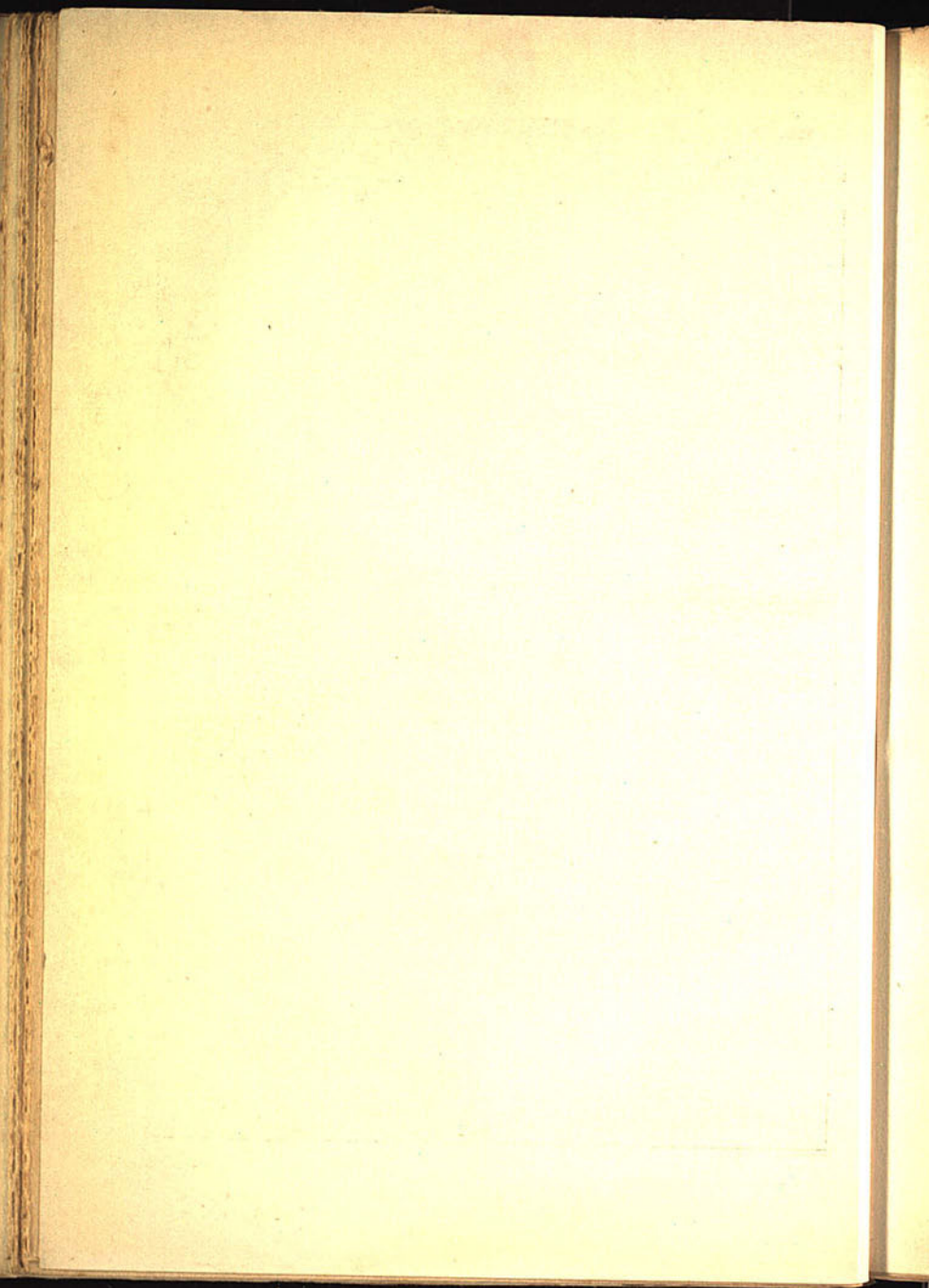
Num domingo de manhã, estando o tempo esplêndido e sereno, vimos os botocudos do "quartel", alguns com o rosto pintado de preto, outros de vermelho, surgir de repente e vadear o rio em direção à margem norte, todos com feixes de páus aos ombros. Pouco depois, o "capitão" June e sua horda saíram da mata, aonde uma porção de mulheres e crianças buscaram refúgio numas choças grandes. Mal se soube, no "quartel", do próximo combate, uma multidão de espectadores, entre os quais os soldados, um sacerdote de Minas e vários forasteiros, a que me juntei, acorreu, ao campo de batalha. Por precaução, cada um levou, sob o casaco, uma pistola ou faca, para o caso do combate virar contra nós.

(358) Em parte alguma a anhuina parece hoje animal muito comum; mas, onde porventura ainda existem, a favor de condições particularmente propícias, apresentam-se sempre em sociedade mais ou menos numerosa. Frequentam sobretudo logares apartados; mas, não temem a proximidade do homem, quando não se sentem por ele molestadas; assim é que, no sul de Goiás, um vilarejo outrora denominado Goiabeira, passou a chamar-se Inhumas, pela abundância das ditas aves em suas cercanias e até mesmo no próprio povoado. A esse propósito veja-se a notícia inserta no tomo XX (págs. 23 e 48) da *Rev. do Museu Paulista*.



(Est. 11).

Duelo entre Botocudos no Rio Grande de Belmonte.



Quando saltámos na margem oposta, encontrámos todos os selvagens juntos, e formámos meio círculo em torno deles. O combate começava. De início, os guerreiros de ambos os lados soltavam gritos curtos e rudes em desafio mútuo, cercando-se como cães raivosos, ao mesmo tempo que aprontavam os páus. Em seguida, o "capitão" Jeparack adiantou-se, passou entre os homens, olhando sombriamente para diante, de olhos esbugalhados, e cantou, com voz trêmula, uma longa cantiga, que provavelmente descrevia as afrontas recebidas. Dessa maneira os bandos contrários se tornavam cada vez mais inflamados: de súbito, dois deles avançaram, empurraram-se pelo peito, obrigando a recuar, e começando, então, a terçar os páus. Um desferiu com toda a força uma pancada no outro, sem escolher lugar: este suportou o primeiro ataque séria e calmamente, sem tugar; foi então sua vez e assim se arrumaram pauladas violentas, cujos vestígios por muito tempo ficaram visíveis nos corpos nus, sob a forma de grandes inchações. Havendo nos páus muitos esporões agudos resultantes dos galhos cortados, o efeito das pancadas nem sempre se limitava ao barulho, pois o sangue escorria da cabeça de muitos dos combatentes. Logo que dois deles acabavam de malhar-se dessa bela maneira, outros dois se adiantavam; muitas vezes, diversos pares pelejavam ao mesmo tempo: mas nunca se agrediam à mão. Quando a liça se prolongava um pouco, tornavam a cercar-se de olhar sério, soltando gritos de desafio, até que o heroico entusiasmo os tomava de novo e punham os páus a funcionar.

Nesse ínterim, as mulheres também brigavam valentemente: chorando e berrando, seguravam-se pelos cabelos, esmurravam-se, unham-se, arrancavam-se das orelhas e do lábio inferior os batouques de páu, espalhando-os como troféus pelo campo de batalha. Si alguma punha por terra a adversária, uma terceira, que estava por detrás, agarrava-a pelas pernas, derrubando-a também ao chão, e assim se iam prostrando mutuamente. Os homens não se rebaixavam a bater nas mulheres do lado contrário, mas apenas as empurravam com a ponta dos páus, ou davam-lhes ponta-pés nos flancos, fazendo-as rolar umas sobre as outras. Os gritos e os lamentos das mulheres e das crianças, vindos das malocas vizinhas, ainda mais aumentavam o efeito dessa curiosíssima cena.

E por esse modo o combate durou cerca de uma hora; quando todos aparentavam fadiga, alguns ainda mostravam coragem e perseverança, rodeando-se aos gritos de desafio. O "capitão" Jeparack, figura principal do bando ofendido, resistiu até o fim; todos pareciam cansados e exaustos, quando ele, ainda não disposto a fazer a paz, continuou a cantar a trêmula cantiga e a encorajar sua gente a persistir no combate, até que fomos a ele e batemos-lhe no ombro, dizendo-lhe que era um guerreiro valente, mas já estava em tempo de fazer-se a paz; ao que, por fim, se retirou subitamente do campo, voltando para o "quartel". O "capitão" June não mostrou tanta energia; sendo

velho, não tomou parte no combate, ficando constantemente na reserva.

Todos nós deixámos então o campo da luta, juncado de batoques de orelha e de páus quebrados, e voltámos para o "quartel"; onde encontrámos os velhos conhecidos Jukeräcke, Medcann, Ahó e outros, lastimavelmente cobertos de pisaduras; mas não ligavam importância aos membros inchados, demonstrando até que ponto pode o homem castigar-se; chegavam a se deitar sobre as feridas abertas e a comer avidamente a farinha que o comandante lhes deu. Os arcos e as flechas dos selvícolas ficaram, durante todo o combate, encostados às árvores vizinhas, sem que lhes tocassem; dizem, entretanto, que, em tais ocasiões, já aconteceu algumas vezes largarem os páus e pegarem das armas, motivo por que os portugueses não gostam muito de semelhantes pelejas próximo deles. Só algum tempo depois soube da razão do combate, de que fora expectador. O "capitão" June, com seu povo, estivera caçando na margem sul do rio, nas terras de Jeparack, matando alguns porcos do mato. Este se sentiu grandemente insultado; pois os "Botocudos" sempre respeitam, mais ou menos estritamente, os limites das zonas de caça, que, em geral, têm o cuidado de não ultrapassar; tais infrações constituem os motivos habituais das querelas e guerras. Um único combate igual ao acima descrito ocorrera antes perto do "destacamento" dos Arcos, e foi, portanto, um acaso muito feliz que me permitiu assistir a esse espectáculo durante a minha curta estadia no lugar. Muito raramente os estrangeiros conseguem testemunhá-lo, embora seja tão importante para os que querem conhecer perfeitamente os selvagens e o seu carácter. Pouco depois da minha partida do Quartel, segundo me informaram, deu-se aí um combate ainda maior, por ocasião da volta do "capitão" Gipakeiu, amigo e aliado do "capitão" June.

Como vários negócios exigissem a minha volta ao Mucuri, dei-xei a ilha da Cachoeirinha no fim de Setembro e desci o rio para a Vila de Belmonte. A viagem foi um pouco demorada, porque, a esse tempo, as águas estavam baixas; a caça, porém, ao lado da observação de muitas curiosidades naturais, tornou-a agradável e divertida. Nas margens do rio, então emersas, vimos os buracos feitos pelo extraordinário peixe que Lineu chama *Loricaria plecostomus*; é conhecido, aí, por "cachimbó" ou "cachimbao"; para o norte, nas margens do rio Ilhéus, é denominado "acari", e Maregrave, que o observou em Pernambuco, descreve-o com o nome de "guacani". Quando quer repousar, cava buracos de profundidade insignificante da margem, procurando apoio contra a violência da corrente, na época da cheia; por vezes, afirmam os pescadores, bate no fundo das canoas, o que dizem fazer com a cabeça, enquanto come a lama e *Byssus*, que habitualmente aderem ao fundo das embarcações.

A primavera já ia muito avançada, e ouvíamos frequentemente, nas florestas, a voz forte e grave do "mutum" (*Crax Alector*, Linn.) que ecoava pelas brenhas, facilitando muito a caça dessa grande e bela

ave. Ela aparece em maior quantidade na época em que os rios enchem. Passámos duas noites nas "corbas" do rio, o que nos deu a oportunidade de matar "araras" e outras lindas aves. Perto de uma dessas "corbas" não longe da Bôca d'Obú, encontrámos numerosos símios ("macacos" ou "micos"), entre os quais uma espécie de peito amarelo, aí conhecida por "macaco de bando"³⁵⁹.

A 28 de Setembro alcancei a Vila de Belmonte. Parti para o Mucuri logo que terminei os preparativos necessários à viagem; estando o tempo, porém, extremamente desfavorável, tive que superar muitas dificuldades. Fui obrigado a atravessar a cavalo o Corumbao e o Caf, então muito cheios, e depois a continuar a jornada, completamente encharcado, ao longo do litoral, sob chuvas torrencias. Alguns viajantes portugueses, com quem nos encontrámos, informaram-nos que tinham topado com os "Patachós" no Caf, mas do outro lado do rio; não vimos nenhum, o que, nesse lugar solitário, nos foi muitíssimo agradável.

Após muitas fadigas, sem, contudo, qualquer acidente sério, atingimos Caravelas e Mucuri, onde passámos três semanas com os srs. Freyreiss e Sellow, que foram meus companheiros na fase precedente da viagem; em seguida, voltei a Belmonte. Na ida para lá, no Rio do Prado, ou Jucurucú, tive ocasião de conhecer os "Machacarís", já por mim freqüentemente mencionados. Desejava muito visitar uma "aldeia", que, como disse, foi fundada por esses selvagens, longe do Prado, rio acima. Subi por isso, o rio a partir da "fazenda" onde, no mês de Julho, em vão esperara os "Patachós". Era muito fácil distinguir, nas margens, as diferentes camadas superpostas de areia; e eu observei que, cerca de 10 pés abaixo da tona, grande quantidade de água corria daquelas camadas para dentro do rio. Esse vasto acúmulo de água na terra explica facilmente o rápido crescimento dos rios durante a estação chuvosa nos países quentes: era então Novembro, auge da estação chuvosa nessa região, quando todas as "lagoas" estão cheias.

(*) *Cebus xanthosternus*, espécie nova: de membros pardo-escuros e fortes e cauda redonda, cabeça grande, barbas pardo-escuras, corpo pardo-acento, peito e garganta amarelados: comprimento total 32 polegadas e 8 linhas; do qual a cauda perfaz 17 polegadas e 7 linhas.

(359) Este macaco participa da grande obscuridade que envolve a nomenclatura das espécies do complexo e intrincado gênero *Cebus* Linn.

Cebus xanthosternus Wied (nome geralmente creditado a Kuhl, Beitr. Zool., 1820, p. 35), descrito, ao que parece, de exemplar fornecido pelo nosso ilustre viajante (cf. Beitr. Naturg. Bras., II, p. 96) é geralmente tido, a exemplo de Elliot (*Monogr. of Primates*, II, p. 95), como sinônimo de *Cebus variatus* Et. Gervais e S. H. LAURENT (*Ann. Mus. Hist. Nat. Paris*, XIX, 1872, p. 111), espécie baseada num indivíduo de desenvolvimento aparentemente incompleto e sobre cuja procedência se disse apenas, vagamente, "vient sans doute du Brésil". Opinando-se em contrário, como fez TROUESART (*Catal. Mamm.*, I, p. 39) deve, a meu ver, aceitar-se o nome de Wied como válido para a espécie que FRÉD. CUVIER descreveu e figurou em 1820 (*Mammalogie*, livr. XIX), com os nomes de *Cebus monachus* F. Cuv. e "Sai à grosse tête". A sinonímia desta última com *C. xanthosternus* é reconhecida pelo próprio Wied na obra supracitada (Beitr., II, p. 96). Ao mesmo macaco se aplica a denominação *C. cucullatus* Spix. É uma das espécies mais variáveis em colorido, e tem-se como distribuída por toda a faixa oriental do Brasil, compreendida entre Rio de Janeiro e Baía. Sobre o assunto consulte-se Angel Cabrera, "Notas sobre el género *Cebus*", na *Rev. de La Real Acad. de Ciencias de Madrid*, tomo XVI, pp. 221 e ss. (1917).

Para cima, as margens do rio apresentam cenários muito pitorescos; destaca-se, entre estes, um trecho da margem sul chamado Oiteiro (môrrô); aí se vêem "fazendas" aprazivelmente situadas em graciosas eminências, à sombra de coqueiros. Já próximo o verão, numerosas e belas árvores e arbustos estavam em flor: a *Visnea*, de folhas sedosas e brilhantes, ruivo-pardacentas na face inferior; *Rhexias*, de grandes flores violetas; a espécie de *Melastoma* com folhas de um lindo branco-prateado na face inferior; *Bignonias*, com os esplêndidos ramos floridos trepando e entrelaçando-se nos arbustos, acima dos quais se erguia "genipapeiro" (*Genipa americana*), de grandes flores brancas. O tom verde-escuro natural das flores do Brasil estava então atenuado pelos tenros renovos verde-amarelados ou vermelhos; e sob todas as moitas havia uma sombra mais densa, muito amena nos grandes estios, que os mosquitos, porém, tornavam bem menos aprazível ao transeunte. Uma bela flor, uma *Amaryllis* branca de estames purpúreos, debruava as margens do rio.

A superfície do rio tomara agora um tom pardacento, resultante das correntes vindas das florestas, dos pântanos e das montanhas, e formava uma perfeita câmara-escura onde as margens verdejantes e floridas se refletiam maravilhosamente. Viam-se na tona ilhas de *Pontederia*, nas quais observávamos a bonita "jassanã" (*Parra Jacana*, Linn.), cuja voz alta, semelhante a uma risada, ouvimos a grande distância. Cheguei a um lugar em que se construía uma lancha; os trabalhadores nos disseram que as matas do Jucuruçú não contém muita madeira para construção naval; encontram-se, de certo, grandes árvores, próprias para fazer canoas, mas, para isso, também se podem empregar variedades menos duras de madeira. Vi, na margem, pequenas bacias d'água, cheias de capim, de canas e juncos, cercadas de caniços para apresar o peixe dentro delas. A cêrca é aberta quando a maré sobe, afim de que o peixe entre; fecha-se depois, e o peixe é apanhado na maré-baixa. A viagem foi-me muito agradável à tardinha: o silêncio reinante nos ermos imensos que me envolviam, depois que as cigarras e os "grilos" deixaram de cantar, era apenas interrompido pelo coaxar forte e estranho das rãs*, pelo assobio melancólico da "mãe-da-lua"³⁶⁰ (*Caprimulgus grandis*, Linn.), e os altos pios das corujas nas florestas escuras. Já era assás tarde da noite quando alcancei o "destacamento" de Vimieiro, onde estão situadas a residência e as plantações do Senhor Balanqueira, "juiz" da Vila do Prado, num alto espigão que acompanha a margem do rio. O dono da casa estava ausente, mas tive, por sua ordem, amigável acolhida e bom pouso para a noite. O som da música e da dansa vinha das casas dos índios, que aí formavam dez famílias.

(*) Trata-se, provavelmente, do mesmo sapo que, em Viçosa e outros lugares, é chamado "sapo marinho".

(360) No original "Mandua".

O dia seguinte descerrou-me magnífico panorama selvático. Até aonde alcançava a vista só se viam as cimas verde-escuras e sombrias das árvores, que se adensavam em selvas primitivas e impenetráveis, onde o rude "Patachó" e o "Machacari" dividem a soberania com a onça e o tigre negro³⁶¹. Duas planuras, no meio das quais se erguia uma eminência, indicavam o lugar em que os dois braços do Jacurucú (antigo nome indígena do Rio do Prado) descem, um em direção norte, outro em direção sul: o primeiro recebe o nome de Rio do Norte, o segundo o de Rio do Sul³⁶². Distingua-se, ao longe, a Serra do João de Leão e a de Sto. André, que pertencem à Serra dos Aimorés, cadeia de montanhas situada a quatro dias de viagem do litoral, não longe da "cachoeira" do rio, onde dizem que a caça e o peixe são abundantes. O Jucurucú cedo começa a estreitar-se, quando se sobe às nascentes: prova de que o seu percurso não é muito grande. Não distante do lugar em que então me achava, os dois braços se unem para formar o rio: mais para cima, toda colonização européia cessa por completo; pois no Rio do Norte não há absolutamente nenhuma, e existe apenas uma colônia no do Sul, que fica logo depois da junção dos dois braços. Quando me fartei da bela e romântica paisagem, dirigi-me à margem do rio, às habitações dos índios. Entre estes encontrei uma mulher da tribo dos "Machacaris", que entendia perfeitamente a língua dos "Patachós", coisa muito rara; porque, sendo os últimos, de todas as tribos aborígenes, os mais desconfiados e discretos, é difícil a uma pessoa, que não pertença à tribo, aprender-lhes a linguagem. Perto daí, quasi para dentro, no recesso da floresta, existe uma "aldeia" de "Machacaris", já várias vezes por mim mencionada, mas onde apenas cerca de quatro famílias desse povo vivem juntas numa casa. Tinha muito vontade de conhecer também essa tribo e, por isso, fui até lá com alguns índios. O caminho era muito incômodo, pois tivemos, durante meia légua, de vadear águas e pântanos e de passar por cima de muitos troncos de árvores caídas.

Encontrei todos os selvagens morando juntos numa casa espaçosa; aí viviam perto de dez anos e eram sofrivelmente civilizados. Alguns mostravam-se cordiais e sociáveis, outros, ao contrário, arrogantes e reservados; alguns falavam um pouco de português, porém entre eles sempre faziam uso da língua nativa. Possuíam, para uso próprio, plantações de mandioca e de um pouco de algodão e milho. O "ouvidor" forneceu-lhes um engenho para moer ou ralar as raízes da mandioca; mas, de acordo com o costume dos ancestrais, tiram da caça grande parte da subsistência. O arco e a flecha são-lhes ainda as armas habituais, si bem alguns sejam também destros no uso da espingarda. Os arcos dos "Machacaris" diferem dos das outras tribos, tendo entalhado na parte anterior um sulco profundo, onde uma fle-

(361) Já houve menção a este animal, simples variedade melânica da onça pintada.

(362) Sobre esta região, a Cachoeira Grande em particular, que tive ocasião de explorar zoológicamente, veja-se a *Rev. do Mus. Paulista*, tomo XIX, pag. 1 e ss. (1935).

cha pode ficar pronta de reserva, enquanto outra é arremessada*; de modo que a segunda flecha, que os outros índios têm que apanhar no solo, fica à mão para ser atirada. Encontrei aí um belo arco feito de "pao d'arco", de tamanho fora do comum, que possuía um gancho na parte superior, muito útil para prender a corda. As flechas dessa tribo, à semelhança dos arcos, são muito bem feitas; a ponta é de madeira dura e a cauda se prolonga bastante além das penas: também aí, à feição de todas as tribos da costa oriental, se usam três tipos de flechas, que eu já descrevi quando tratei dos "Puris". Vi igualmente os mesmos sacos pendurados que se observam entre os "Patachós", com quem os "Machacaris" coincidem em muitas particularidades. A compleição é a mesma dos "Botocudos", sendo, porém um pouco mais grosseiros. São altos, fortes e espadados. Em geral não desfiguram muito o corpo, apenas, como os "Patachós", amarram na frente o "membrum virile" com um "cipó"; muitos fazem também um pequeno orifício no lábio inferior, onde por vezes, usam um pedacinho de bambú. Deixam o cabelo crescer, cortando-o atrás; e às vezes, igualmente, tosam o cabelo como os "Patachós". Dizem que constroem as choças da mesma maneira. As línguas das duas tribos são, entretanto, diferentes, como se poderá verificar pelos exemplos que serão anexados a estas "Viagens". Fazem causa comum contra os "Botocudos" mais numerosos, mas já tiveram, muitas vezes, disputas e guerras entre si. Obtive deles armas em troca de facas. Regalaram-me com o "caui", bebida favorita dos índios em geral, que, como todos os povos rudes, gostam muito de bebidas fortes. O que a raiz da *Jatropha manihot* fornece ao brasileiro, dá ao Guarane o suco da palmeira *Mauritia***, ao ilhéu dos Mares do Sul a *awa*, e ao Calmuck o *kumiss*.

A casa dos "Machacaris" fica num verdadeiro ermo, onde se ouve de pertinho os gritos dos macacos e de outros animais da selva: derrubaram e queimaram a mata do lugar e fizeram as plantações. Após curta estadia, desci o Jucuruú na minha canoa.

No abafante calor do meio-dia, delíciei-me nas trilhas cheias de sombra, que iam ter, sob árvores magestosas e por entre a mataria densamente entrelaçada, às habitações dos índios, esparsas e isoladas na margem do rio. Muitos desses índios da costa se assalariam aos plantadores portugueses, cultivando ao mesmo tempo as próprias lavouras; outros, sobretudo jovens, se empregam como marinheiros a bordo dos navios ou "lanchas" pertencentes à vila.

Nesse trecho descortinámos, de novo, cenários muito pitorescos, que, fixados pelo pincel de um hábil paisagista, poderíamos, com grande prazer, rememorar de maneira mais viva. Vi uma velha árvore re-

(*) Rio Belmonte muito acima, em Minas Novas, há uma ilha, a Ilha do Pão, onde os Machacaris, os Panhamis e outras tribos se estabeleceram conjuntamente e fizeram plantações. As armas dos Machacaris, que eu recebi desse lugar, são exatamente iguais às da mesma tribo no Jucuruú; por outro lado, também encontrei os arcos e as flechas dos Machacaris entre os Botocudos.

(**) *Ansichten der Natur*, p. 27.

clinada sobre a água que oferecia verdadeira coleção de botânica. No tôpo medravam *Cactus pendulus* e *Phyllanthus*, cujos ramos pendiam como cordas; no meio, *Caladium* e *Tillandsia* vicejavam luxuriantemente entre vários musgos, enquanto fetos (*Filix*) e outras plantas cresciam na base. Nos galhos dessa árvore curiosa havia numerosos ninhos, em forma de saco, do "guache" (*Oriolus haemorrhous*, Linn.), que, à feição de todos desse gênero, nidifica sempre em colônias. Tal é a lei da vida, universalmente esparsa, e sob os modos mais diversos, por êsses climas tropicais. Em muitos pontos pequenos córregos en-sombrados desagüam no rio, nas margens dos quais a "aninga" (*Arum liniferum*, Arruda), já mencionada, cresce em abundância. O caule cônico grosso em baixo e adelgado em cima, atinge seis a oito pés de altura. Aqui e ali surgem "fazendas", onde a mata foi derrubada e se cria agora um pouco de gado; em tôrno das casas se vêem, também, inúmeras laranjeiras.

Colhido por violento aguaceiro com trovoadas, voltei à vila, prosseguindo depois para Comechatibá. Um grande barco fôra, ultimamente, jogado à costa nesse lugar, morrendo as seis pessoas que iam a bordo: prova de que esses litorais são perigosos à navegação; não há cartas dos mesmos e só se empregam pequenos e leves navios costeiros. O rei está fazendo grande beneficio ao país, mandando proceder a um acurado levantamento dessas costas.

Na "fazenda" de Caledonia fui recebido com a maior hospitalidade pelo sr. Charles Frazer, e aí encontrei, para minha grande alegria, jornais da Europa. Fui obrigado a passar uma longa e aborrecida noite à beira do rio Corumbao, porque a vasante já terminara. Chovia sem parar; fazer uma choça era impossível, pois não tínhamos nem galhos nem folhas; quando muito, pudemos acender uma fogueira miserável. Na manhã seguinte procurámos caranguejos ("ciri"), de que há abundância no rio e na "lagoa" vizinha. Duas espécies vivem aí, uma no mar e outra nos rios. Conseguimos uma grande medusa (*Medusa pelagica*, Bosc.) que o mar arremessara à costa; e tiramos-lhe dos intestinos um caranguejinho esbranquiçado, ainda perfeitamente vivo. Vimos numerosos "urubús", que muitas vezes pousavam, em grande número, numa árvore: além disso, vimos também gaivotas, que voavam em alarido sobre a bôca do rio, e a águia-pesqueira (*Falco Haliaetos*, Linn.)*, que planava acima do mar, ávida, em busca do peixe. Vira muitas vezes essa formosa ave de rapina, mas ela sempre se mostrara muito esquiua aos meus caçadores: entretanto, quando cheguei a Belmonte, encontrei-a na coleção que meu pessoal, tendo ficado atrás, fizera na minha ausência. Assemelha-se, sob todos os pontos de vista, à águia-pescadora alemã, e, como muitas outras aves, parece contradizer o assêrto de que o mundo vivo da America nada tem em comum com o das demais partes do globo.

(*) (Suplem.) A águia pesqueira do Brasil assemelha-se perfeitamente com a europêa: um exemplar fêmea, morto por meus caçadores no Rio Belmonte, media 22 polegadas e 2 linhas de comprimento.

A 28 de Dezembro cheguei de novo a Belmonte, e continuei os preparativos para minha futura viagem ao norte, ao longo do litoral. Durante a estadia de três meses e meio no Belmonte, nossa coleção de história natural recebeu o acréscimo de muitos exemplares notáveis, obtidos em parte nas matas rio acima, em parte perto da vila, numa grande "lagoa" que chamam de Braço e que, embora de não muita largura, se estende por várias léguas. Aí vive grande número de aves aquáticas, sobretudo patos, mergulhões, gaivotas, garças, maçaricos, cegonhas "tuiuiú" aí chamada "jabirú", etc. Jamais faltou aos caçadores caça fresca, ao passo que o povo da vila estava em precisão: na "lagoa" ha também abundância de peixe, motivo por que geralmente se encontram os habitantes da região ocupados em pescar. A lagoa é envolvida de todos os lados por um vasto campo" de quatro léguas de extensão, onde se cria grande quantidade de gado. Dizem que, a principio, aí havia alguns milhares de cabeças, mas que o número está muito reduzido. Uma grande onça "yaguarété", que então vagueava pela vizinhança, andava ássolando os rebanhos : em geral, limitava-se a chupar o sangue da presa, sem lhe tocar na carne : isso constitufa sério perigo para o caçador ; a população não tinha cães apropriados para descobrir o refúgio do voraz animal, e, por isso, era obrigada a quedar-se inativa, enquanto uma ou duas cabeças de gado morriam todas as noites.

VIAGEM AO BRASIL

NOS ANNOS DE 1815 A 1817

de

MAXIMILIANO

PRINCIPE DE WIED-NEUWIED

SEGUNDO TOMO

Com uma carta da costa oriental do Brasil

FRANCFORT SOBRE O MENO, 1821

Impresso e editado por H. L. BRÖNNER

N e i s e
nach
B r a s i l i e n

in den Jahren 1815 bis 1817

von

Maximilian
Prinz zu Wied-Neuwied.

Zweiter Band.

Mit einer Karte der Flüsse von Brasilien.

Fraunkfurt a. M. 1821.

Gedruckt und verlegt bey H. L. Brönner.



*O Principe Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil. A' sua direita
o indio botocudo Guack.*

Copia de retrato existente no castelo de Neuwied. — Por gentil envio de S. A. o
Principe Frederico de Wied Neuwied.



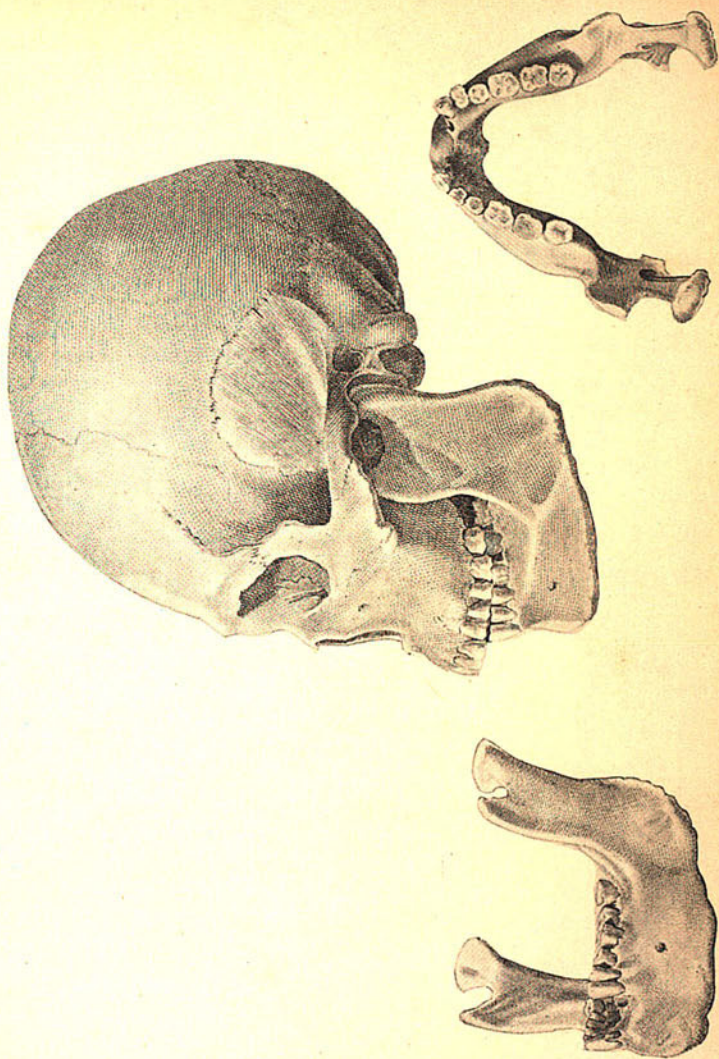
*GUACK, o indio Botocudo que Max de Wied Neuwied levou para
Alemanha.*

(Fotografia de quadro original existente no castelo de Neuwied. Envio gentil
de S. A. o Príncipe Frederico de Wied-Neuwied).

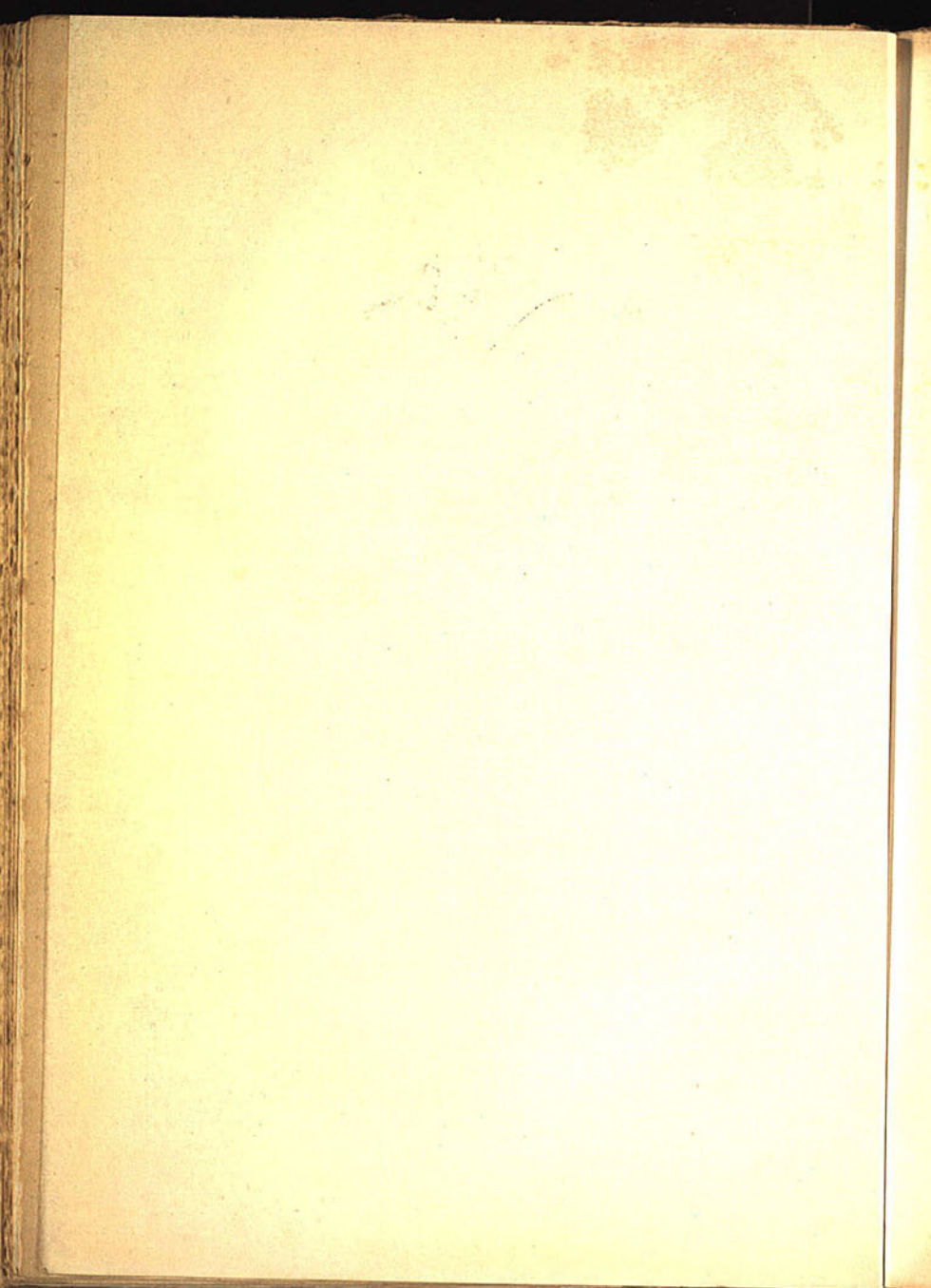
INDICE DO TOMO II

	PÁGS
I. ALGUMAS PALAVRAS SOBRE OS BOTOCUDOS	273
II. VIAGEM DO RIO GRANDE DE BELMONTE AO RIO DOS ILHÉUS. O Rio Pardo. — Canavieiras. — Patipe. — Poxi. — Rio Comandantuba. — Rio Una. — O córrego Araçari. — Meço e Oaqui. — Vila Nova de Olivença. — Os índios desse lugar. — Utilização do fruto da Piaçaba. — Vila e Rio dos Ilhéus. — Rio Itape, Almada. — Os Guerens, descendentes dos antigos Aimorés	315
III. VIAGEM DE VILA DOS ILHÉUS A SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA, ÚLTIMO POVOADO RIO ACIMA. PREPARATIVOS PARA A VIAGEM PELO SERTÃO, ATRAVÉS DAS MATAS. Viagem para São Pedro, através da mata. — Noite em Ribeirão dos Quiricos, com a ponte destruída. — São Pedro de Alcântara. — Viagem rio abaixo até à vila. — Semana de Natal e festas. — Regresso a São Pedro. — Preparativos para a longa viagem através da mata virgem	333
IV. VIAGEM ATRAVÉS DAS MATAS VIRGENS DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA ATÉ BARRA DA VAREDA, NO SERTÃO. Estreito d'Agua. — Rio Salgado. — Sequeiro Grande. — Joaquim dos Santos. — Ribeirão da Inara. — Serra da Suguarana. — Vestígios dos índios Camacans. — João de Deus. — Estadia no Rio da Cachoeira. — Em procura dos Camacans. — Rio Catolé. — Estadia neste último. — Berruga. — Barra da Vareda.	347
V. ESTADIA EM BARRA DA VAREDA E VIAGEM ATÉ OS CONFINES DA CAPITANIA DE MINAS-GERAIS. Descrição da zona. — Angicos. — Vareda. — Criação do gado no sertão. — Os caqueiros. — Tamburil. — Ressaca. — Ilha. — Posto aduaneiro de Minas. — Os Campos Gerais. — Descrição de seu aspecto físico e considerações a respeito. — Caça da ema e da seriema.	375
VI. VIAGEM DAS FRONTEIRAS DE MINAS GERAIS AO ARRAIAL DAS CONQUISTA. Vareda. — O trabalho dos vaqueiros. — A caça da onça. — Arraial da Conquista. — Visita aos Camacans de Gibóia. — Algumas palavras sobre essa tribu	401

VII.	VIAGEM DE CONQUISTA À CAPITAL DA BAÍA E ESTADIA NESTA CIDADE.	
	O vale pitoresco de Uruba. — Cachoeira. — Coronel João Gonçalves da Costa. — Rio das Contas. — Rio Jiquiriçá. — Lage e desagradável incidente aí ocorrido. — Prisão em Nazaré das Farinhas. — Rio Jagoaripe. — Ilha de Itaparica. — Cidade de São Salvador da Baía de Todos os Santos	421
VIII.	REGRESSO À EUROPA	
	Viagem até Lisboa. — Travessia até Falmouth. — Percorso terrestre pela Inglaterra. — Trajeto até Ostende.	453
APÊNDICE		
I.	SOBRE A MANEIRA DE SE EMPREENDEREM NO BRASIL VIAGENS RELATIVAS À HISTÓRIA NATURAL	467
II.	VOCABULÁRIOS DOS POVOS INDÍGENAS DE QUE SE FAZ MENÇÃO NESTE RELATÓRIO DE VIAGEM.	475
	1) Vocabulário dos Botocudos	477
	Sobre a língua dos Botocudos.	483
	2) Vocabulário dos Machacaris	487
	3) Vocabulário dos Patachós	487
	4) Vocabulário dos Malalis	488
	5) Vocabulário dos Maconis	489
	6) Vocabulário dos Camacans civilizados de Belmonte, chamados pelos portugueses de Meniens	490
	7) Vocabulário dos Camacans ou Mongoiós da Capitania da Baía.	491
	NOTA SOBRE A CARTA QUE ACOMPANHA A SEGUNDA PARTE DESTA DESCRIÇÃO DE VIAGEM.	495



Crânio típico de Botocudo.



ALGUMAS PALAVRAS SOBRE OS BOTOCUDOS ³⁶³

Entre as tribus indígenas do Brasil, existem ainda hoje algumas cujos nomes são apenas conhecidos na Europa. Entre a costa oriental a as montanhas de Minas Gerais, na grande faixa de matas virgens que se estende do Rio de Janeiro à Baía de Todos os Santos, isto é, entre os paralelos de 13 a 23 grãos de latitude sul, vivem diversas hordas errantes de selvagens, sobre os quais até agora muito pouco sabemos.

Entre elas se distinguem particularmente os Botocudos por diferenças muito características. Até aqui nenhum viajante forneceu informações precisas sobre os índios dessa tribo^{363 bis}. Blumenbach fez menção dela em seu tratado de *Generis humani varietate nativa* e Mawe* também incidentemente a ela se refere; apenas eles eram conhecidos nos primeiros tempos pelos nomes de "Aimorés", "Aimborés" ou "Amburés". Mawe, em sua carta, limita-se a indicar de modo geral a região por eles habitada como sendo pátria dos índios antropófagos. Como em Minas Gerais, província onde ele esteve, estava-se em luta aberta com os Botocudos, não lhe foi possível observá-los de modo a colher dados precisos.

A princípio foram os "Aimorés" extremamente perigosos para os estabelecimentos ainda fracos dos portugueses; mais tarde, porém, foram eles vigorosamente repelidos para o interior das matas, onde ainda hoje existem com o nome de "Botocudos". Na *History of Brazil* de Southey e na *Corografia Brazilica* acham-se descrições das repetidas devastações praticadas por esses selvagens em vários lugares, particularmente em Porto Seguro, Santo Amaro e Ilhéus. Dos "Aimorés" que habitavam o Rio Ilhéus resta apenas um último vestígio, a saber

(*) J. Mawe's travels in the interior of Brazil, p. 171.

(363) Este capítulo que não figurava na tradução francesa, foi vertido diretamente do alemão pelo comentarador.

363) As observações de Wied, representam, efetivamente, não só o primeiro, como o mais copioso estudo sério sobre a raça e a língua dos indígenas universalmente conhecidos pela alcunha de Botocudos. Após ele, com observações próprias, versaram o mesmo tema alguns outros autores, entre os quais merece especial referência A. Saint-Hilaire (*Voyage dans les prov. de Rio de Janeiro et Minas Geraes*, Paris, 1830). A *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* inseriu também duas interessantes contribuições, da lavra de Hermen. A. Barboza d'Almeida (tomo VIII, 1846, p. 451-2) e M. Jomard (XI, 1847, p. 107-13). Com referência particularmente à língua, há na Biblioteca Nacional, segundo informa C. Loukotka (*Rev. Arch. Munic. São Paulo*, LIV, 1939, p. 168), um manuscrito inédito de Ch. Fr. Hartt, sendo de nossos dias a contribuição de Simões da Silva (*Anais do XX Congr. dos Americanistas*, I, p. 61-84), que se ocupou dos remanescentes das velhas raças residentes na região do alto Rio Doce e conhecidos por Índios Crenauques.

alguns velhos, conhecidos com o nome de "Guerens" e moradores no Rio Itaipé ou Taípe. Não obstante, os nomes "Aimorés" e "Botocudos" continuam a despertar nos europeus sentimentos de horror e de repulsa, em virtude da crença de serem antropófagos. O nome de "botocudos" lhes vem de usarem, no lábio e nas orelhas, uma grande cavilha de madeira, à semelhança de batoque, que é como chamam os portugueses as rôlhas de barril. Eles mesmos a si se chamam "engeräckmung"* e têm grande aversão a que os chamem de "botocudos". Apesar de terem sido expulsos do litoral marítimo, ficou-lhe ainda, como abrigo seguro e tranquilo, uma enorme extensão de florestas impenetráveis. Atualmente ocupam uma área, paralela à costa e dela distante muitos dias de viagem, entre 15 e 19½ graus de latitude sul, ou seja entre o Rio Pardo e o Rio Doce. Mantêm-se em comunicação, entre esses dois rios, ao longo da fronteira de Minas Gerais; mais para a costa, porém, acham-se outras tribus, como os "Patachós"³⁶⁴ e os "Machacalis". Para oeste os botocudos se estendem até os limites da zona habitada de Minas Gerais; Mawe dilata suas posições mais avançadas até as cabeceiras do Rio Doce, perto de São José da Barra Longa. Tanto em Minas Gerais como no Rio Doce vive-se em guerra conta eles; em tempos passados eram os paulistas (habitantes da "capitania" de São Paulo) os seus piores inimigos. No Rio Grande de Belmonte, até Minas Novas, acham-se famílias de botocudos vivendo em perfeita tranqüilidade. Cada horda tem o seu chefe (que os portugueses chamam "capitão") que é mais ou menos considerado, de acordo com as suas qualidades guerreiras. Mais para o norte, na margem direita do Rio Pardo, mantêm disposições hostis; suas sedes principais são, porém, as grandes matas virgens de ambas as margens do Rio Doce e do Belmonte. Nessas matas eles erram livremente e não raro chegam até as proximidades da costa, pelo Rio São Mateus.

Tais são as regiões atualmente habitadas. Southey, em sua "History of Brazil" reuniu tudo quando deixaram os Jesuítas e outros escritores sobre sua velha história; vê-se que foram sempre considerados como os mais ferozes de todos os "Tapuias", opinião que ainda hoje firmemente sobrevive.

A Natureza dotou esses índios de boa compleição, sendo eles melhor conformados e mais belos do que os das demais tribus. Apresentam, em geral, estatura mediana, não obstante apresentarem alguns porte mais avantajado. São fortes, em regra largos de peito e espadaúdos, mas sempre bem proporcionados; mãos e pés delicados. Como nas

(*) O "e" no começo das palavras quasi não se ouve.

(364) No texto de Wied o nome desta tribu aparece aqui, como na maioria das vezes, grafado "Patacho", sem o acento necessário às palavras portuguesas oxítonas. Não deve haver dúvida, porém, que a acentuação predominante deva cair na última sílaba do vocábulo, como se infere das inúmeras analogias existentes entre nomes de outras tribus (*serbi gratia* Cotaxós, Calapós, Capoxós, etc.), e, de modo mais decisivo, da grafia "Patachós" ou "Pata:aschós", adotada pelo autor, na epígrafe do vocabulário referente à tribu, encontrado no final da obra. Ademais, a pronúncia oxítona é a adotada pelos nossos escritores de mais autoridade, como Rodolfo Garcia e outros, donde ter-se aqui como a legítima.

outras tribus, têm traços fisionômicos muito salientes, as maçãs do rosto grandes, o rosto às vezes achatado, mas, ainda assim, não de raro bastante regular; olhos, na sua maioria, pequenos, às vezes grandes, mas em geral pretos e vivos; lábios e nariz de ordinário grossos. Contam que também alguns existem com olhos azues, referindo-se a propósito o caso da mulher de um chefe do Belmonte, tida como de grande beleza pelos seus conterrâneos. Barbot acredita que entre os "Gabilis" a maioria das mulheres tem olhos azues*, o que não é todavia verosímil.

Não ha exagero nessa figura, porquanto eu medi uma destas placas cilíndricas no chefe Kerengnatnuck, que vem estampado na minha 11a. vinheta da primeira parte, e achei que ela tinha quatro polegadas e quatro linhas inglesas de diâmetro, por uma polegada e meia de espessura. O desenho representa-a em seu tamanho natural. Esses discos são feitos com a madeira da "barriguda" (*Bombax ventricosa*), que é mais leve do que a cortiça e muito alva. A cor branca obtem-se fazendo-se secar cuidadosamente ao fogo, afim dem que se evapore toda a seiva. Apesar de ser a dita madeira muito leve, ela mantem o lábio pendente nos indivíduos idosos, ao passo que nos moços êle fica horizontal, ou meio levantado.

Este extravagante costume dá-nos uma prova evidente da extraordinária extensibilidade da fibra muscular, porquanto o lábio inferior adquire a aparência de um estreito anel em torno da placa, o mesmo acontecendo com os lobos das orelhas, que caem quasi até os ombros. O batoque pode ser tirado quantas vêzes o queiram, a orla do lábio ficando entrão caída e os dentes inferiores inteiramente a descoberto. A abertura cresce incessantemente com o correr dos anos, a ponto de os lobos das orelhas ou o lábio se romperem; neste caso as duas partes são atadas por meio de um "cipó", reconstituindo-se assim o anel. Nos indivíduos idosos é muito comum terem uma, ou às vêzes mesmo as duas orelhas, rôtas dessa maneira. Como o batoque dos lábios des-cansa de encontro com os incisivos inferiores médios, comprimindo-os e atritando-os, esses dentes caem ao cabo de algum tempo, dos vinte aos trinta anos de idade, ou senão se deformam e se deslocam. Ofereci ao célebre gabinete antropológico do Snr. Ritter Blumenbach de Göttingen o crâneo de um jovem botocudo de vinte anos, que é uma verdadeira singularidade osteológica. Nessa cabeça verifica-se que o batoque não só fizera cair os incisivos inferiores, como ainda de tal forma comprimira o maxilar, que os alvéolos desapareceram inteiramente e a mandíbula, nesse lugar, tornou-se tão cortante como uma faca. Na vinheta que encima este capitulo na edição in 4 to está justamente representado o crâneo a que acabo de me referir, cumprindo-me agradecer ao douto antropólogo Snr. Ritter Blumenbach a curta descripção

(*) BARBOT, em sua *Relation of the Province of Guiana*, diz dos Gabilis: "The eues of the woman for the most part blue". BARRÉRE, pelo contrário, nada diz a respeito.

que ilustra aquela gravura, e vem agora em apêndice ao 10. capítulo da 2a. parte da minha "Viagem"³⁶⁵.

O nariz é forte, quasi sempre direito, levemente arqueado, curto, de narinas mais ou menos dilatadas; ha poucos casos em que é muito saliente. Entre elles observam-se, não obstante, como em nós, muitas e acentuadas diferenças fisionômicas, o que não impede que tipo fundamental mais ou menos se conserve. A testa inclinada para traz não representa um seguro caráter distintivo**.

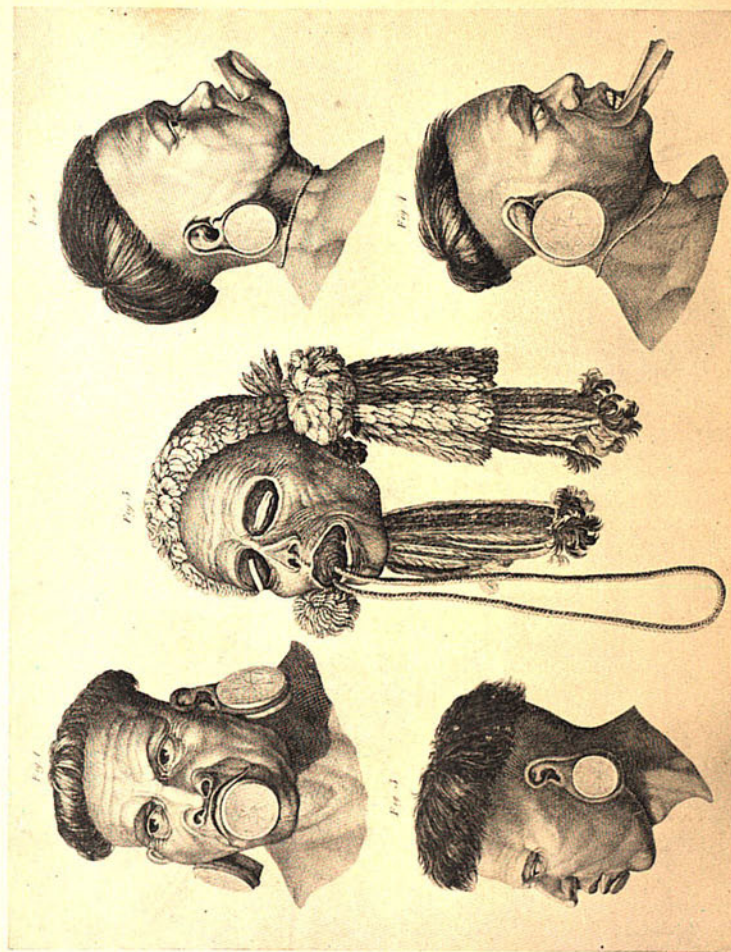
A côr dos botocudos é um bruno avermelhado, ora mais claro, ora mais escuro; ha entre elles indivíduos quasi perfeitamente brancos, e até de faces coradas; nunca encontrei, porém, exemplos de côr tão escura quanto dizem certos escritores, mas, pelo contrario, são frequentes os de côr bruno-amarelada. Os cabelos são fortes, pretos como carvão, duros e lisos; os pêlos do corpo finos e igualmente rijos; na variedade esbranquiçada os cabelos são bruno-enegrecidos. Muitos raspam as sobrancelhas e a barba, enquanto outros as deixam crescidas, ou apenas aparadas; as mulheres não toleram nenhum pêlo no corpo. Os dentes são-lhes bem conformados e alvos. Perfuram as orelhas e os lábios inferiores introduzindo no orificio um pedaço cilíndrico de pau, que vão substituindo por outros cada vez mais grossos, de modo a adquirirem um aspecto estranho e repulsivo. Como essa deformação lhes confere uma caracteristica tão frizante, parece-me vantajoso dar informações pormenorizadas sobre esse assunto, baseando-me já nas minhas proprias observações, já no que, a seu respeito, disseram escritores de fé.

A vontade do pai é que decide do momento em que a criança deve sofrer a operação e receber a ornamentação peculiar à sua tribo; isso acontece de ordinário dos sete aos oito anos, às vezes até antes. Estiram-se pela ponta o lobo da orelha e o lábio inferior, fazendo-se então neles, por meio de um pau duro e pontudo, um orificio, onde se coloca depois um pequeno pedaço de madeira, que vai sendo pouco a pouco substituído por outros progressivamente maiores, até que os lobos das orelhas e o lábio inferior adquiram um tamanho descomunal. Como se torna horrível a sua fisionomia com semelhantes orelhas e lábio pode concluir-se do tamanho do batoque representado na figura 4 da 13ª. estampa de meu atlas. Saído da pena de tão reputado antropólogo, esse aditamento será, por certo, apreciado de todos os naturalistas. Os botocudos

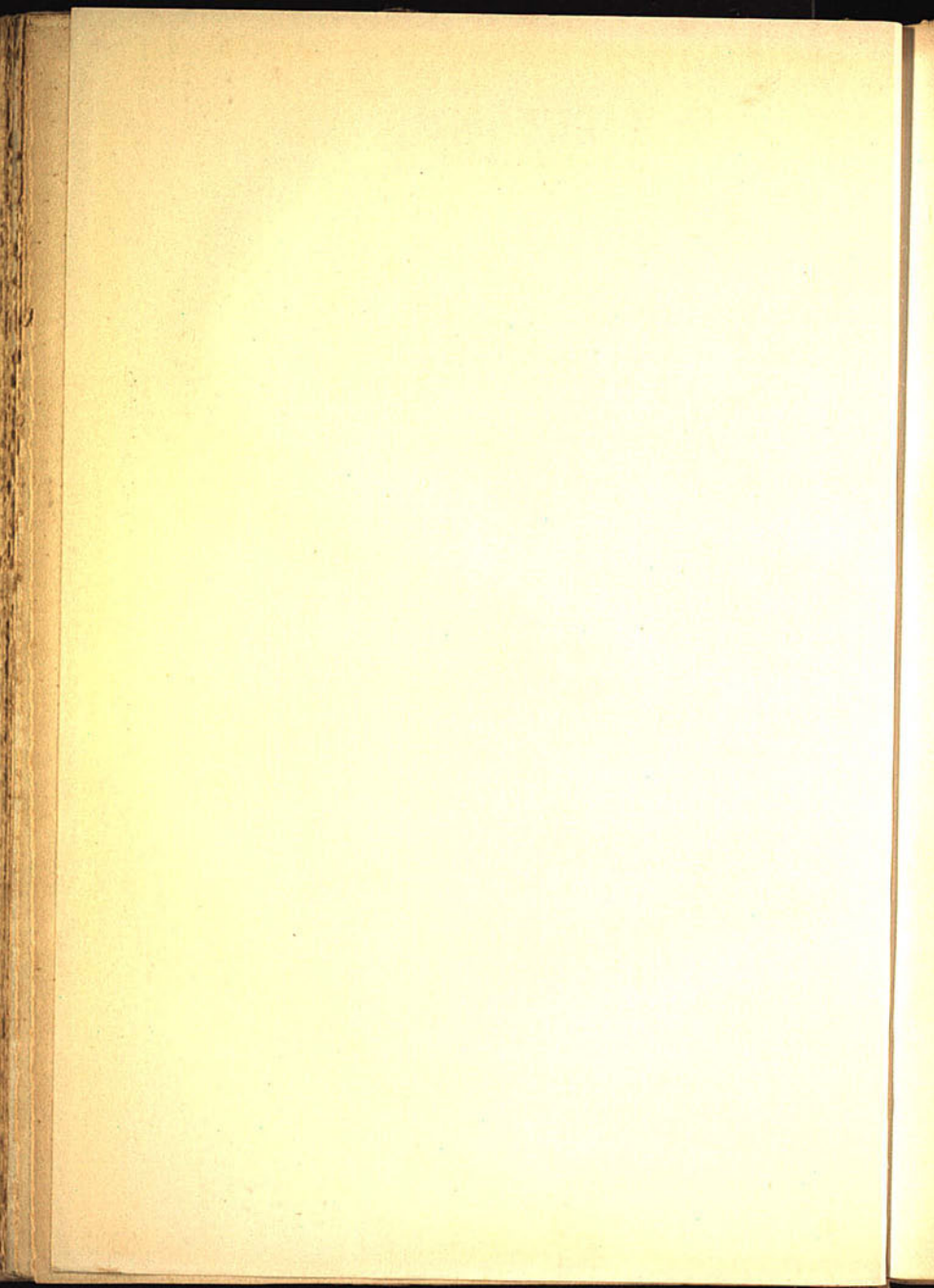
(*) O Sr. RITTER BLUMENBACH editou ulteriormente o 6.º caderno de suas *Decades Craniorum*, onde aparece o mesmo crânio, acompanhado das explicações a elle referentes.

(**) Vide VATER, na 3.ª parte, 2.ª Abtheilung, de *Mithridates*, p. 311. Para dar idéa da configuração fisionômica dos Botocudos, há dèz numerosas figuras na estampa 17 do meu atlas (edição 4.ª), e, também, ultimamente, em Sir WILLIAM OSSELEY, *Travels in various countries of the East; more particularly Persia*, vol. I, p. 16 e ss., onde há a figura de um botocudo que, pela fisionomia, parece uma velha matrona, em que se vê um tanto mal a deformação das orelhas e do lábio inferior, mas com uma cabeleira crespa, cousa que jamais se observa em qualquer raça pura sul-americana.

(365) Julgou-se desnecessário fazer figurar na presente edição a legenda a que se refere o autor. E', de resto, o único trecho que se torna a liberdade de suprimir, atendendo que aos poucos leitores a quem ela possa interessar, será, com toda probabilidade, accessível uma das duas edições alemãs do livro.



(Est. 17). Quatro retratos originaes de Botocudos e, ao centro, cabeça de múmia.



raramente retiram o "batoque" para comer, do que resulta, forçosamente, falta de asseio*. Quando lhe compravamos os batoques das orelhas, imediatamente penduravam a orelha pendente do lobo na parte superior das mesmas**. As mulheres adornam-se também com "batoques", porém estes são nelas menores e mais delicados do que nos homens. Em minha estampa 13, figura 5 (edição in 4 to.), vem representado um destes batoques de mulher, em tamanho natural. A prática dessa repelente deformação é inteiramente estranha aos outros "Tapuias" que habitam a costa, a ponto de servir entre eles para designar os Botocudos; assim é que os remanecentes da tribo dos "Malalis" moradores atualmente no alto Rio Doce, sob a proteção do "Quartel de Peçanha", dão-lhes o nome de "Epcoseck", isto é, grande-orelha.

Em muitos povos nativos da América do Sul existe, todavia, o uso de furar o lábio inferior; a tribo dos "Tupinambás", na costa brasileira, trazia no beijo uma pedra verde (nephrite) e Azara descreve o mesmo fato nos indígenas de Paraguai. Segundo este autor os "Aiquetechichagas" tinham nas orelhas*** um pedaço redondo de pau, o mesmo acontecendo com os "Lengoas", que tinham o hábito de trazer ali um batoque de duas polegadas de diâmetro(*). Essas gentes usavam também no lábio inferior um pedaço de madeira; mas como este tinha a forma de uma língua, não desfiguravam tanto os dos botocudos. Azara encontrou a mesma praxe entre os "Charruas" (b) e La Condamine observou no rio Maranhão selvagens com os lobos das orelhas pendurados até os ombros e tão dilatados, que o orifício nêles existentes chegava a medir 18 linhas de diâmetro. Em vez de batoques usavam ali ramalhetes floridos****. Ainda se encontram hábitos análogos nas Índias Ocidentais e nas ilhas do Oceano Pacífico*****. Os habitantes do golfo de Príncipe William, na costa oeste-septentrional da América (*), e os de Oonalashka (b) trazem pedaço de osso no lábio inferior; La Pérouse figura os habitantes do Port des Français com um orifício no mesmo órgão, e, segundo Quandt*****, os "Caraibas" e os "Warauen" da Guiana guardam nos buracos feitos nos lobos das orelhas as agulhas e os alfinetes. Os "Gamelas" do Maranhão, usavam batoques no lábio inferior, como os Botocudos.

(*) Não havia nenhuma relutância em venderem esses ornamentos. Fizemos, a propósito, a observação de que os que conheciam o valor do dinheiro, não sabiam entretanto o valor individual de cada moeda, acotando quaisquer que se lhes desse, uma vez que fossem redondas. Davam a todas as moedas portuguesas o nome de "pataca", que de fato pertence só a uma, do valor aproximado de um florim.

(**) Cook encontrou este costume entre os habitantes da Ilha da Páscoa. Vide a sua *Segunda viagem à volta do Mundo*, vol. I, pl. 46., p. 291: "Both men and women have very large holes or rather flits in their ears, extendet to near three inches in length. They sometimes flit over the upper part, and than the ear looks as if the flap was cut off."

(***) AZARA, *Voyages dans l'Amérique Méridionale*, vol. II, p. 83; (a) *idem* p. 149; (b) *idem* p. 11.

(****) DE LA CONDOMINE, *Voyage dans l'int. de l'Amérique Mérid.*, etc., p. 82.

(*****) BLUMENBACH, *De generis humanæ varietate nativæ*.

(******) Cook, *Ultima viagem à volta do Mundo*, vol. I, pl. II; (a), *idem*, vol. II, pl. 46, 47; (b) *idem* pl. 48, 49.

(******) Vide QUANDT, *Nachrichten von Surinam*, p. 246.

De tudo isso se conclúe que o costume de praticar aberturas nos lobos das orelhas e de guarnecel-as de enfeites é muito espalhado nos selvagens de todas as partes do Globo, mas que é entre os botocudos que a prática deste artifício atinge a sua máxima expressão. Assim, enquanto Azara encontrou aberturas de duas polegadas, eu, no Belmonte, observei-as com trez polegadas e quatro linhas inglesas; daí serem nos botocudos, as orelhas e o lábio muito mais deformados. Si dermos crédito, porém, a Gumilla, haveria um povo que ultrapassaria os proprios botocudos no que respeita à extravagância da ornamentação das orelhas, visto como conta êle ter encontrado, entre os "Guamos" do Apure e do Sarare, orelhas tão fendidas, que serviam de bolsa*. A separação de toda a orla das orelhas, tal qual é observada em certos povos da América do Norte**, inclúe-se igualmente entre as maiores aberrações a que pode chegar a fantasia dos povos primitivos. A 17ª. estampa de meu atlas mostra, com grande exatidão, muitas fisionomias de botocudos, podendo ter-se através delas idéia perfeita da deformação produzida no lábio e na orelhas, pelos batoques.

Outro meio de ornamentação muito apreciado pelos botocudos está na maneira de cortar os cabelos. Todos raspam inteiramente a parte inferior da cabeça, até tres dedos, ou mesmo mais, acima das orelhas, de modo a deixar apenas no alto do cocoruto um topete, que os distingue de todos os conterrâneos da costa oriental. Para cortar o cabelos servem-se de um pedaço de "taquara", que fendem e aguçam numa das arestas. Esta espécie de navalha é muito cortante e raspa perfeitamente o cabelo, mas atualmente está em grande parte substituída pelas de ferro. Southey, em sua Historia do Brasil***, fala também da maneira de cortar o cabelo usada pelos "Aimorés", os quais já desde os primeiros tempos costumavam raspar-o à toda volta, deixando apenas um tope no alto da cabeça. Como já tive ocasião de dizer, usam raspar inteiramente os pêlos do corpo. E' falso que os índios da America sejam imberbes embora vários escritores o afirmem; muitos existem possuidores de barba regularmente espessa, mas, de modo geral, possuem apenas um cfrculo de pêlos finos em torno da boca****. Ha até entre os Botocudos crianças cujos braços são muito cabeludos, como pude ver num filho de certo chefe do Rio Grande de Belmonte; êles têm, porém, aversão aos pêlo e raspam-nos. Os órgãos sexuais masculinos parece serem sempre de tamanho medifocre nos povos nativos da America do Sul; desse ponto de vista dá-se com êles o contrário do que acontece com as tribus africanas da raça etiópica, como no-lo informa Blumenbach*****.

Não posso verificar o que diz Azara sobre as partes sexuais das mulheres das tribus do Paraguai; pois eu só poderia dizer sôbre elas

(*) Vide GUMILLA, *Histotre Naturelle, civile e géographique de l'Orenoque*, tomo I. p. 197.

(**) Vide o mesmo autor, p. 630, e também CARVER.

(***) R. SOUTHEY, *Hist. of Brazil*, vol. I, p. 282.

(****) Vide, para confirmação d'esses fatos, BLUMENBACH, *De Generis humanae varietate nativa*.

(***** V. BLUMENBACH, op. cit.

o que acabei de relatar com respeito aos homens*. Os botocudos têm o hábito de esconder o membro viril num estôjo de folhas trançadas de "issara", chamadas por eles "giucann" e pelos portugueses "tacañhoba". A figura 4 da estampa 14 (na ed. in 4 to.) representa um desses objetos, em seu tamanho natural. Ha o mesmo costume entre os "Camacans", a respeito dos quais terei ocasião de ocupar-me mais adiante. Cada vez que precisa satisfazer as suas necessidades naturais o botocudo retira o referido estôjo, que é depois reposto com todo o cuidado.

Com tudo isto, estes selvagens não mutilam o corpo; usam ainda muito, porém, tinta-lo. Todavia, em nenhuma tribu da costa oriental vê-se uma tatuagem artística como as dos "Nucahiver"; o único indício desta arte, que pude observar, foi uma pequena figura no rosto de um índio "coropó"³⁶⁶. As côres com que se pintavam os botocudos (e como eles todos os "Tapuias" do Brasil) são tiradas do fruto do "urucú" (*Bixa orellana*, Linn.), muito espalhado nas matas, e do "genipapo". O primeiro fornece uma tinta vermelha-amarelada intensa, proveniente da pelécula que envolve as sementes; do último obtem-se pigmento azul-negro muito duradouro, capaz de permanecer na pele de oito a quatorze dias, e com o qual os índios cristãos do Amazonas desenhavam em sua vestes figuras de animais, do sol, da lua e das estrelas³⁶⁷. Com o urucú, que facilmente se apaga, pintam principalmente o rosto, da bôca para cima, com o que adquirem um aspecto extremamente feroz e afogueado. O corpo, em geral é todo tingido de preto, com excepção apenas da cara, dos ante-braços e das pernas, das panturrilhas para baixo; aqui costumam separar, porém, com uma lista vermelha, a parte pintada da que não o é. Outros dividem longitudinalmente o corpo em duas metades, uma das quais pintam de negro, deixando a outra em seu estado natural, à maneira da máscara a que se costuma chamar dia e noite; outros, ainda, limitam-se a pintar o rosto de vermelho-vivo. Não encontrei outras côres, além destas tres. Quando pintam o corpo de preto, é comum enfeitarem a cara vermelha com uma lista preta, estendida das orelhas até em baixo do nariz, à maneira de um bigode. Alguns, por fim, têm o corpo pintado de ambos os lados e desde os hombros até os pés, deixando apenas o meio sem pintura. As côres são moidas na carapaça de uma tartaruga, utensílios que eles transportam freqüentemente com a sua bagagem. Em sua idéia de beleza, o Botocudo ainda não se contenta só com essas pinturas; necessita ainda de um colar, feito de sementes, ou de frutos

(*) V. AZARA, *Voyage*, etc., vol. II, p. 59.

(**) V. ESCHWEGE, *Journal von Brasilien*, fasc. 1, pag. 137.

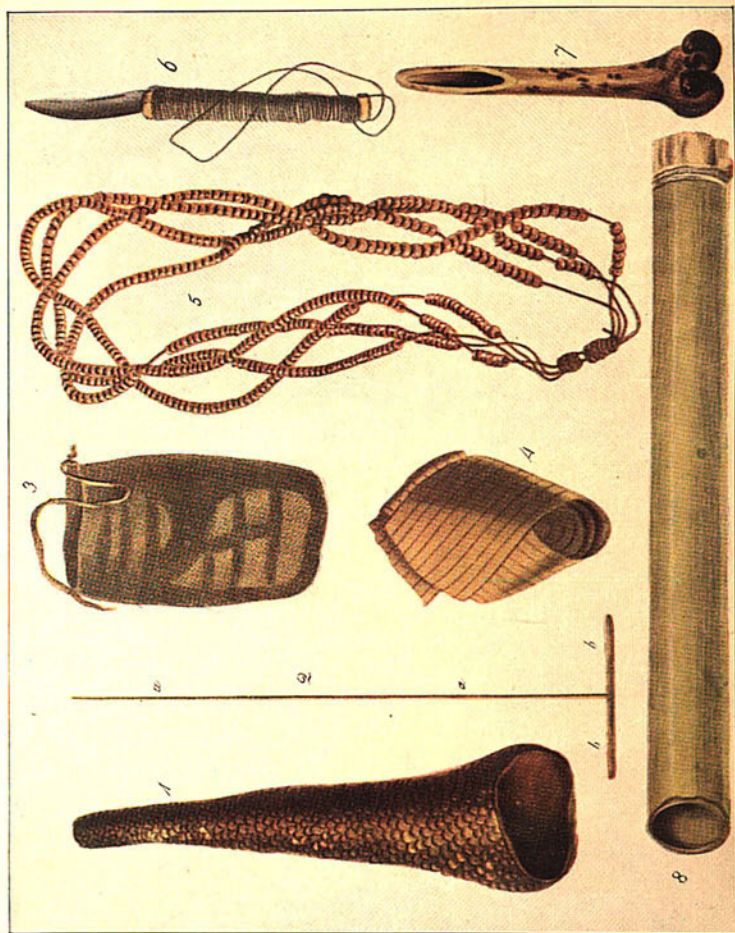
(***) V. MURR, *Reisen einiger Missionäre der Gesellschaft Jesu*, p. 528.

(366) Wied grafia "Coropo"; mas a palavra, como "patachó" (v. nota 2), deve ser aguda. A tribu vivia a sudeste de Minas, na região do rio Pomba (aff. do baixo Paraíba, margem esquerda), onde a visitaram Eschwege (*Journ. von Brasilien*, p. 165) e pouco depois Martius (*Reise in Brasilien*, II, p. 167, tomos I, p. 341 e II, p. 146, na edição brasileira do Inst. Hist. e Geogr., Rio de Janeiro, 1938), que a encontrou reduzida a cerca de trezentos indivíduos.

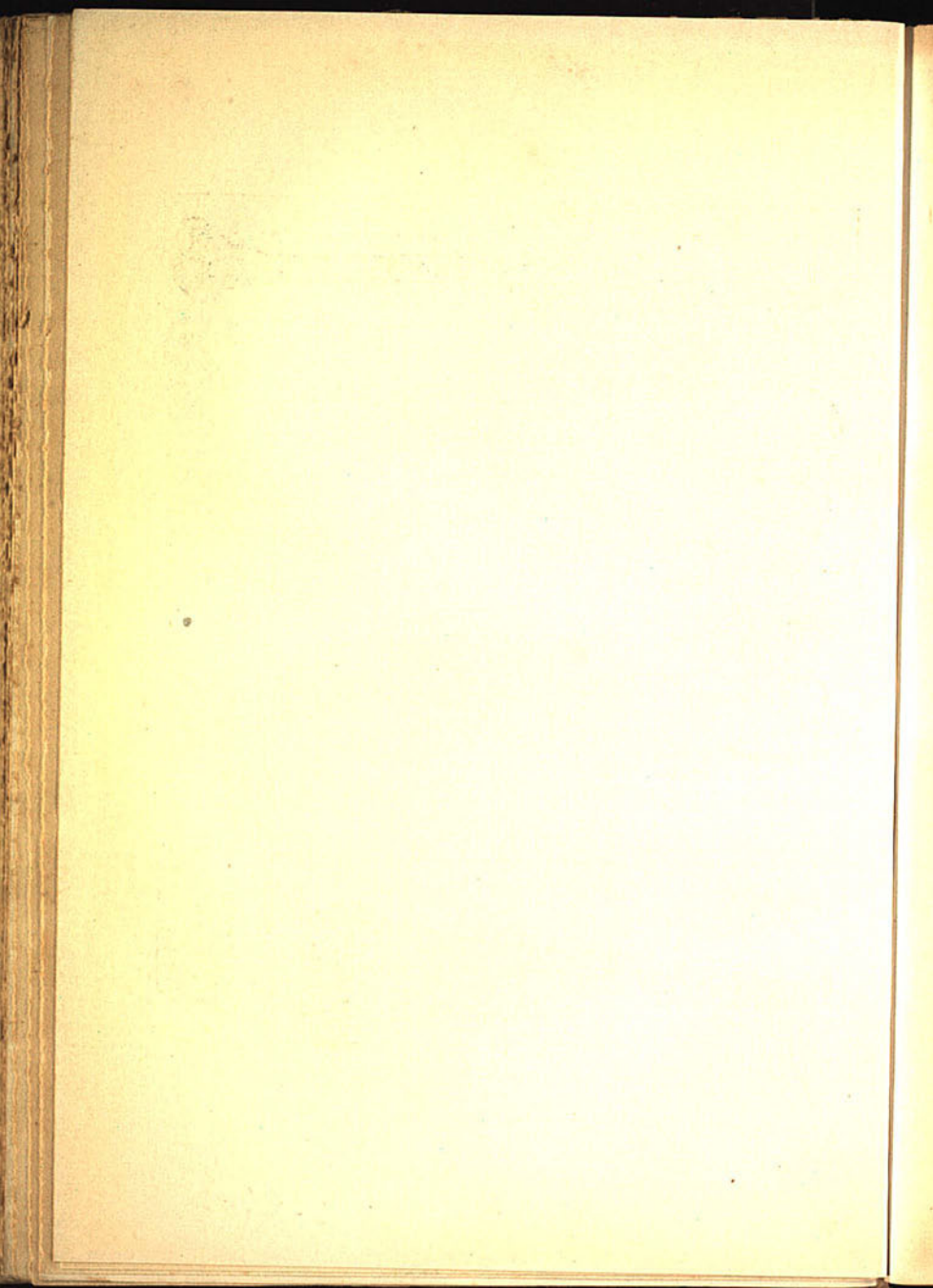
pretos. No Rio Doce, os colares, a que chamam "pohuit", são feitos de bagas pretos e duros, entre os quais, no meio, são colocados dentes de macaco ou de carnívoro. Também os "Puris", como ainda a maioria dos indígenas brasileiros, usam desses enfeites. Na região do Belmonte parece não haver destes frutos pretos, visto como são utilizadas pequenas sementes amarelo-pardacentas e lustrosas. As mulheres e crianças trazem quasi sempre desses colares, mas os botocudos homens raramente os usam, não obstante haver eu encontrado alguns, com uma porção deles presos à testa. No Rio Doce, os chefes trazem, não de raro, pendurados muitos desses cordões, em que especialmente se vêem grande número de dentes de animais.

Esses selvagens têm por costume, quando se põem em marcha, levar consigo muitos pequenos objetos, de que devem fazer uso na primeira oportunidade. Cada homem traz pendurado ao pescoço, por um forte cordão, a sua maior preciosidade, uma faca, que muitas vezes é apenas um pedaço cortante de ferro, ou mesmo uma simples lâmina, que, à força de ser usada, se acha reduzida a um pequeno fragmento. Esse instrumento é sempre muito cortante, pois não cessam de afial-o; a figura 6 da estampa 14 representa um deles, enrolado num cordel, como é de costume usal-o.

Os chefes distinguíam-se às vezes por meio de penas de aves presas à cabeça ou a outras partes do corpo. Antigamente enfeitavam-se também com um leque de doze, quinze, ou mesmo mais penas de "japú" (*Cassicus cristatus*), presas aos cabelos da testa com cêra e amarradas com um cordão, o que fazia um bonito contraste com a côr denegrida dos cabelos. A esses leques de penas, de que a figura 6 da 13ª estampa, dá uma figura, chamam "nucancann" ou "jakeräiunn-ioké". Essa velha usança parece ter desaparecido desde algum tempo, pois no Belmonte só pude ainda encontrá-la no interior das choças. Outros chefes enfeitam-se simplesmente com duas penas, a maior parte das vezes de papagaio, que prendem à testa, com um cordel. Em 1815, num ataque contra Linhares, no Rio Doce, foi morto um chefe muito paramentado, que trazia enfiadas de penas vermelhas de "arara" nos braços, antebraços, côxas e pernas, e cujo arco era enfeitado em cada ponta com um feixe de penas alaranjadas, de garganta de tucano (*Ramphastos dicolorus*, Linn.). E' raro porém que os botocudos se enfeitem assim de penas, pois os próprios chefes andam quasi sempre nus e pintados como os outros. No Rio Grande do Belmonte, onde graças às suas disposições pacíficas houve ensejo de entreter com eles um certo comércio, foram-lhes fornecidos alguns lenços e outros objetos, que entretanto nunca vi em poder deles. As mulheres têm preferência pelos enfeites e escolhem particularmente colares, lenços vermelhos e pequenos espelhos; os homens escolhem machados, facas e outros utensílios de ferro. Nenhum gosto artístico demonstram os botocudos nos objetos que fabricam; pelo contrário, outras tribus, como os "Camacans" do "sertão" da capitania, fazem trabalhos muito perfeitos. Os indígenas do Mexico e do Perú, as tribus do rio Maranhão em particular, levam



Utensílios e ornatos dos Botocudos.
(Est. 14).



nesse particular enorme vantagem aos botocudos e demais "tapuias" da costa oriental, pois confeccionam lindos trabalhos de penas, que de modo geral se assinalam por uma bela e intensa cor vermelha. Vê-se no real gabinete de Historia Natural de Lisboa uma coleção extremamente interessante de ornamentos raros, os quais, pela delicadeza, lembram os dos indígenas das Ilhas Sandwich. Como exemplo posso referir, entre outros, a notável cabeça mumificada, que faz parte da coleção de raridades antropológicas do Senhor Ritter Blumenbach, em Göttingen. Está representada na 4ª. estampa das "*Decades Craniorum*", porém sem as penas, ao passo que na figura 1 da 17ª. estampa de nosso atlas, ela aparece em toda sua beleza. As mulheres, que em todas as partes do mundo têm mais vaidade e mais gosto do que os homens para se enfeitarem, levam pouca vantagem aos homens, aqui nessas matas virgens; pintam o corpo com as mesmas cores e do mesmo modo que os homens, trazem no pescoço os mesmos colares e ainda um fino cordel de "tucum". Usam igualmente "batoques" nas orelhas e no lábio; é-lhes peculiar o costume de enrolar as pernas, desde os joelhos até os tornozelos, com fibras de "gravatá" ou embira, afim de conservar-as finas.

Seja como fôr, os "Tapuias" da costa não usam deformar o corpo. Não ha entre eles o costume, que tem os "Omaguas" ou "Cambevas", de comprimir a testa entre duas tábuas*, para dar a aparência de lú-cheia, nem o de achatar o nariz**, como contaram dos "Tupinambás" os velhos viajantes franceses; não mais se encontram tais costumes nesses povos, hoje civilizados. As crianças dos botocudos são por vezes muito bonitas e já em tenra idade mostram um topetezinho na cabeça.

As tribus indígenas do Brasil em seus caracteres morais assemelham-se tanto quanto na constituição física. Domina as suas faculdades intellectuais a sensualidade mais grosseira, o que não impede que sejam às vezes capazes de julgamento sensato e até de uma certa agudeza de espírito. Os que são levados entre os brancos observam atentamente tudo quanto vêm, procurando imitar o que lhes parece visível, por meio de gestos tão cômicos, que a ninguém pode escapar o significado de suas pantomimas. Aprendem mesmo, facilmente, certas habilidades artísticas, como a dança e a música. Mas, como não são guiados por nenhum principio moral, nem tampouco sujeitos a quaisquer freios sociais, deixam-se levar inteiramente pelos seus sentidos e pelos seus instintos, tais como a onça nas matas. Os irreprimíveis ímpetos de suas paixões, a vingança e a inveja em particular, são nêles tanto mais temíveis, quanto irrompem rapida e subitaneamente. E' também freqüente esperarem uma oportunidade favorável para exercer vingança, dando então plena expansão aos seus intentos. Nunca deixam

(*) Os espanhóis chamam a esse povo de "Omaguas" enquanto os portugueses os conhecem por "Cambevas". A seu respeito veja-se LA CONDAMINE, *Voyage*, etc., p. 69, e *Corografia brasileira*, tomo II, p. 326.

(**) AZARA, *Voyage*, etc., vol. II, p. 60.

de tirar uma desforra pela menor ofensa, e é uma felicidade quando não restituem muito mais do que aquilo que receberam. São da mesma sorte impetuosos nos acessos de cólera. Nas cercanias do Quartel de Belmonte, por motivo de ciúmes, um botocudo matou a tiro uma de suas mulheres, que se distinguia entre as outras pela sua formosura e pela vivacidade da inteligência. Certa vez, um soldado foi caçar nas matas de Belmonte, com alguns botocudos. Todos eram muito pacíficos; mas, tendo um deles pedido ao mulato a faca e esta lhe tendo sido recusada, fez menção de apoderar-se dela à força. O soldado fez um movimento, como se quizesse ferir o selvagem, ao que foi imediatamente morto por ele. De outra vez, vários botocudos de Quartel dos Arcos foram, na ausência do oficial superior, insultados pelo sub-oficial; sem mais demora fizeram causa comum e marcharam todos juntos, conseguindo-se a muito custo obter a paz e chama-los à razão, por meio de boas palavras. Quando, em ocasiões semelhantes, querem se reunir, utilizam uma buzina feita com a casca do rabo do tatú grande (*Dasyppus gigas*, Cuv.), chamada por eles "cuntschung-cocann", que eu fiz representar na figura 1 da estampa 14 da edição in-4 to. Quando são tratados com franqueza e benevolência, não raro correspondem com mostras de bondade, e até fidelidade e dedicação. Decididamente esquecem um bom tratamento, como é regra acontecer entre os povos cujo natural não foi ainda corrompido. Nas proximidades de Santa Cruz, á margem do pequeno correjo St. Antonio, 7 a 8 milhas de Belmonte, vivia uma família, que em sua casa recebia freqüentemente um jovem botocudo, e sempre o tratava com a maior amizade. Seus compatriotas penetravam de quando em quando no lugar, com intenções hostis. Certo dia o moço selvagem aparece dando mostras de grande aflição, fazendo entender que era preciso fugir, porque se aproximavam os seus compatriotas. Ninguém acreditou nesse aviso; mas, efetivamente, surgiu um bando de botocudos selvagens, que matou a quasi todos da casa. Apesar de tudo, é sempre perigoso sair a passeio nas matas, só com algum deles, por melhor que nos pareça ser, visto que nenhuma lei os detem, quer interna, quer externa, e um incidente de mínima importância pode provocar a sua inimizade. Por isso, é sempre mais seguro evitar a sua companhia. No Rio Grande de Belmonte estão convencidos das boas disposições dos portugueses a seu respeito; pode-se lá ir com eles à mata, até para caçar, mas, ainda assim, é necessário certa prudência e cautela.

Um dos traços mais característicos desses selvagens é a preguiça. Indolente por natureza, o botocudo descança em sua choça, sem nada fazer, até que surja a necessidade de alimentar-se. Ainda aqui faz ele valor os seus direitos de mais forte, deixando para as mulheres e filhos a maioria dos trabalhos. A indolência dos botocudos, apesar de tudo, não é tão grande como a que Azara* nos conta dos Guaranis. Quando se lhes promete um pouco de farinha e alguns goles de aguardente, eles

(*) AZARA, Voyages, etc., vol. II, p. 60.

de boa vontade são companheiros, num dia inteiro de caça. A mulher é forçoso obedecer servilmente ao marido, podendo avaliar-se pelas cicatrizes de seu corpo, quanto lhe são de temer os acessos de colera. Pertence às mulheres tudo quanto não diz respeito à caça e à guerra. Elas é que constróem as choças, procuram toda espécie de frutos para comer e levam todos os volumes durante as viagens, como animais de carga. Esses múltiplos e fatigantes trabalhos não lhes deixam tempo para cuidar dos filhos. Si são pequenos, costumam trazê-los sempre às costas; si já mais crescidos, são deixados a si mesmos e rapidamente aprendem a fazer uso de suas forças. O jovem botocudo arrasta-se no chão até que saiba manejar um pequeno arco; depois daí, começa a exercitar-se sózinho, e, para sua formação, nada mais é necessário do que as lições da própria natureza. O amor pela vida livre, rude e independente, grava-se desde cedo profundamente no espírito dos jovens, e assim permanece durante toda vida. Todos os selvícolas levados de sua matas para o convívio dos europeus têm suportado durante algum tempo este sacrifício, mas aspiram sempre voltar ao lugar de seu nascimento, e freqüentemente para ali fogem, quando não se atendem seus desejos. Quem é que desconhece a mágica atração da terra natal e dos primeiros anos da vida!

Para não falar senão do caçador, qual é aquele que, transportado para o tumulto e o ruído de uma grande cidade, não suspira pela mata que se acostumara a perocorrer durante a infância, em pleno gozo dos espetáculos belos da natureza? Selvagens, que criados pelos europeus conseguiram depois fugir, têm muitas vezes prestado bons serviços a estes últimos, quando bem tratados; em ocasião de guerra, porém, não de raro se tornam prejudiciais, por conhecerem todas as fraquezas das colônias.

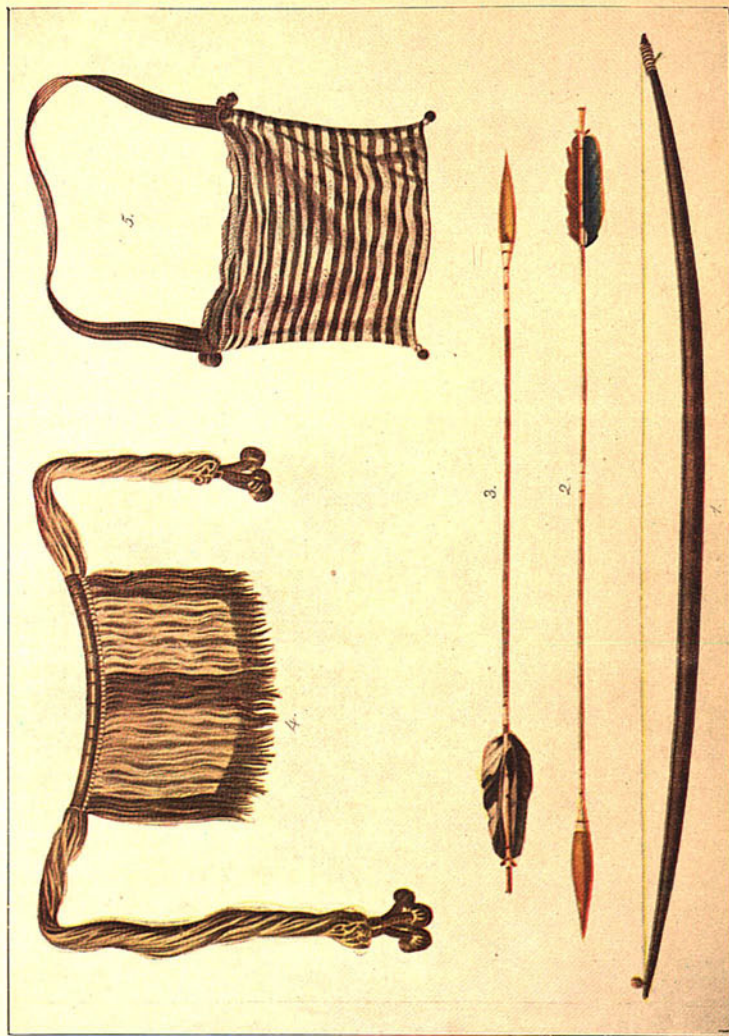
Quando uma horda de botocudos acampa em algum ponto da floresta, as mulheres imediatamente acendem o fogo, pelo mesmo processo da maioria dos povos selvagens. Tomam elas para isso um pau comprido em que foram feitas algumas pequenas cavidades; apoiam sobre uma destas a extremidade de um outro pau, colocado perpendicularmente e emendado quasi sempre a uma flecha, para que fique mais longo e mais fácil de segurar, tomando-o entre as duas mãos espalmadas e fazendo-o girar velozmente, num e noutro sentido. Enquanto isso, outras colocam em baixo do pau horizontal, no lugar em que gira a ponta do outro, estôpa tirada da casca da arvore chamada pelos portuguezes "pau d'estôpa" (*Lecythis*); o fogo manifesta-se nos fiapos esparsos e comunica-se em seguida às fibras da estôpa. São muito seguros os resultados com esse aparelho de fazer fogo, a que os botocudos chamam "nomnan", e vem representado na fig. 2 da estampa 14^a. (da edição alemã in-4 to.); êle exige, porém, muito tempo e esforço, sendo tão fatigante a manobra de girar o pau, que é freqüente varias pessoas precisarem se revezar nessa manobra, quando não dispõem de outro

meio de fazer fogo ³⁶⁷. Para tal fim são usadas duas espécies de madeira ; uma é quasi sempre tirada da "gameleira" (*Ficus*), a outra, da "imbaúba" (*Cecropia*). Uma vez acêso o fogo, põem-se logo as mulheres a construir as choças. Cortam as grandes folhas dos coqueiros silvestres, fincando-as no solo, umas ao lado das outras em torno de um círculo alongado, e fazendo curvarem-se para o centro todas as suas extremidades naturalmente flexíveis, de modo a formar uma espécie de abóboda. Estas rudimentares cabanas tem ordinariamente forma alongada, ás vezes, porém, redonda ; dentro delas colocam-se algumas pedras, umas em volta do fogo, outras para quebrar o carvão duro dos côcos. Diversas famílias vivem quasi sempre dentro de uma dessas choças, e um conjunto de choças constitue o que os portugueses chamam "rancharia". Si o tempo de permanência num lugar se torna mais longo afeiçoam-se a moradia, dispondo em torno dela estacas e ramos de árvores e reforçando sua cobertura com palha de grandes folhas de "patioba".

Todos os utensílios domésticos são espalhados pelo chão. São todos muito simples, mas de melhor aparência que os dos "Puris" de São Fidelis, no Paraíba ; quasi todos são também fabricados pelas mulheres. Vêm-se, painéis de barro cinzento, cosido ao fogo ; nem todos os botocudos, porém, deles se servem. Para beber e guardar água, usam, na maioria das vezes, cabaças, ou, se ha moradores europeus nas vizinhanças, cuias, feitas de fruto ôco da cuieira (*Crescentia Cuete*, Linn.) ; nas grandes matas empregam, porém, pedaços grandes do bambú denominado "taquarussú" na "língua geral" dos "tupinambás", hoje civilizados. E' uma espécie de *Bambusa* que, conforme ja tive ocasião de dizer, chega à altura de 30 40 pés, com a grossura de um braço forte. Para fazer um copo, corta-se um segmento do colmo, deixando numa das partes o nó, para servir de fundo. Essa vasilha, chamada "quecroc", cuja gravura se vê na fig. 8 da estampa 14 (edic. in-4 to. alemã), pode ter 3 a 4 pés de comprimento, cabe muita água, mas é sujeita a rachar-se com facilidade ; é comum fecharem-lhe, então, as fendas, com cêra. A água, que nunca deve faltar nas cabanas, é trazida pelas mulheres e crianças, que fabricam também linhas de tucum para pescar, cordeis de fibra de uma bromeliácea chamada pelos botocudos "orontionaric" ("o" breve), ou fortes cordas de embira para os arcos. Para obter fibras põem as folhas n'agua para amolecer a parte

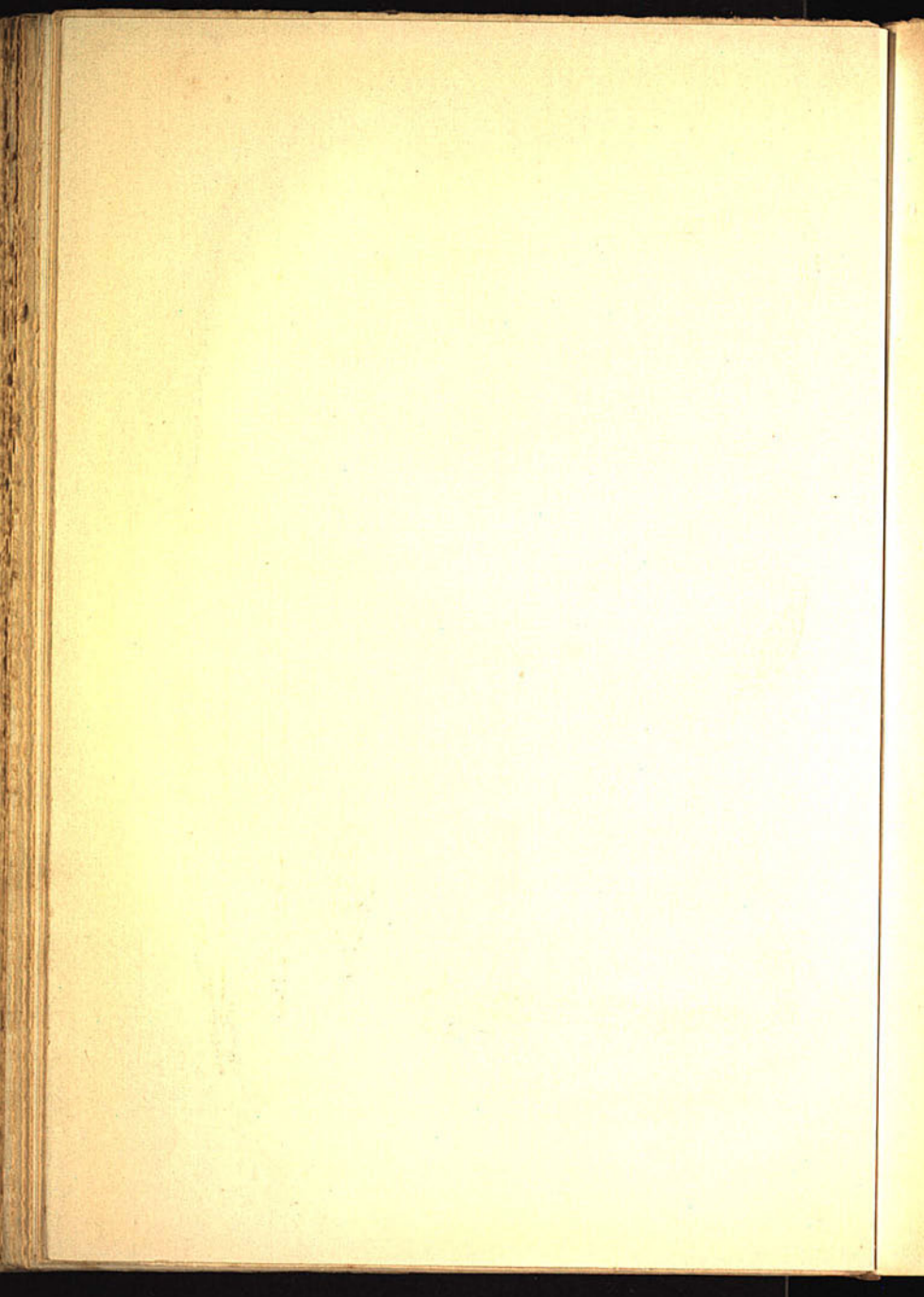
(*) De acôrdo com a língua geral os portugueses chamam "folha de patioba" as folhas novas, saídas de pouco do chão, do "côco de patí", espécie de palmeira. Todas as plantas dessa bela palmeira fazem brotar do solo folhas prequeadas de 4 a 5 pés de largura ; os folíolos acham-se então unidos ainda uns aos outros em uma larga superfície, e graças ao seu parênquima coriáceo oferecem um excelente material para cobrir as choças, defendendo-as da chuva.

(367) Ultimamente (Agosto de 1937), em viagem de estudos pelo interior de Mato-Grosso, tive ensejo de ver praticado, por um índio bororó de Rondonópolis, o curioso processo que o autor vem de descrever, com a exatidão habitual. Serviu-se o operário, índio maduro e bastante musculoso, de dous paus roliços, pedaços de galhos de urucú, da grossura aproximada de um dedo ; apesar de ainda meio verdes e algo humedecidos pela chuva, a fina serragem acumulada em consequência do próprio atrito, entrou em ignição, ao cabo de duas energicas manobras. Esta observação, acompanhada de gravuras, foi detalhada em interessante artigo de Fred. Lane, dado a lume na revista "Ethnos" de Stockolmo (1938, III, n.º 1, p. 1).



Armas e utensílios dos Botocudos.

(Est. 21).



carnuda e retiram depois a pelvecula externa. Essas cordas duram tanto quanto as de cânhamo. Não falta com que fabricar cordoalha nas matas virgens da America, pois para tal fim existem, além de outros, o "pau de estôpa" (*Lecythis*), o "pau de embira", a "embira branca", a "barri-guda" (*Bombaz*). E' com o "pau de estôpa", cuja casca, cortada em grandes tiras, usam abundantemente os portugueses, que esses selvâgens fazem suas camas; porque não usam dormir em rédes, como os "Puris" e a maior parte dos povos sul-americanos. Para deitar basta-lhes um pedaço de estôpa estendido no chão. Essa casca parece ter parentesco com a que os índios "Encabellados" do Rio Napo chamam "yanchama" e usam para cobrir as camas. Os habitantes do Rio Maranhão, ordinariamente dela não se servem senão como colcha ou como tapête. Frutos de varias espécies, víveres outros, bem como as armas, constituem todo o resto dos utensílios de uma cabana debotocudos.

Uma vez instalados, a necessidade mais imperiosa dos selvagens é a alimentação; não ha limites ao seu apetite, pelo que comem com grande avidê e, enquanto comem, são cegos e surdos para tudo quanto se passa ao redor. Para conseguir a sua amizade, basta que se lhes encha bem o estômago, e, si a isso se acrescentar algum presente, ter-se-á como certa a sua dedicação.

A natureza, que dispoz, para a satisfação da fome dos selvagens, os animais da mata, ensinou-lhes tambem a caçar e a inventar armas grosseiras, que são sempre as mesmas em quasi todos os paizes, a saber o arco e a flecha. Fizeram uso dêles os europeus, os asiáticos, os africanos e americanos; seu emprego ainda se conserva por parte de alguns. Só os habitantes da quinta parte do mundo, por se acharem num gráu ainda mais baixo de civilização, têm a lança e clava como únicas armas. Os asiáticos e os africanos usam a clava, o chuço e o arco; os americanos a clava*, o arco, a sarabatana** e a lança***; os oceânicos a clava, a lança e uma arma de fogo.

De todas as armas usadas pelos selvagens, o enorme arco, com a flecha de proporcional tamanho, parecem as mais temíveis. Um botocudo robusto e entroncado, de olhos agudos e braços musculosos, acostumado desde a mocidade a vergar o lenho duro do grande arco, é, na solidão das florestas sombrias, causa de verdadeiro pavor. São muito

(*) Embora os "tapúas" da costa oriental brasileira não usem a clava, esta arma é todavia encontrada entre os que combatem os portugueses nas provincias de Cuiabá e Mato-Grosso. Ao número dêstes pertence a tribo que os espanhóis chamam "Mbayas" e os "Payaguas". Vide AZARA, vol. II; tambem as tribos do rio Maranhão, os "tupinambás", hoje civilizados, e outras afins, faziam uso de macetes de pau pesado e duro, à semelhança das da Guiana.

(**) Tubos de soprar ("esgaravatanas" ou "esgaravatanas"), que LA CONDAMINE descreveu nas tribos do rio Amazonas, sob o nome de "sarbacanas". As pequenas setas, a serem lançadas por um longo tubo de 10 a 12 palmos de comprimento, têm uma das extremidades um chumaço de algodão, que fecha exatamente o oco do tubo. O veneno enérgico, em que foi embebida a ponta da flecha, mata rapidamente o animal atingido. Tambem von HUMBOLDT dá a descrição de tubos dessa espécie, usados pelos índios do Orenoco, e feitos de um grande cano, em que a distância de um nó a outro atinge 17 pés. Sobre o assunto veja-se *Amichien der Natur*.

(***) A lança é uma arma muito rara nos povos nativos da América, não obstante usarem-se as tribos equestres do Paraguai e as que noutras regiões, criam tambem cavalos. Ela tem o comprimento de 10 pés; as do rio Amazonas e da Guiana, pelo contrário, usam como arma de viagem uma lança curta, enfeitada com bonitos feixes de penas (vide LA CONDAMINE, p. 158). Há no Gabinete real de Lisboa uma preciosa coleção de armas desse tipo, em que se admiram belos ornamentos de penas.

semelhantes, em seus pontos essenciais, as armas usadas por todos os selvagens do Brasil; notam-se porém, às vezes, em certas tribus, pequenas diferenças, em parte derivadas das condições locais. Em muitas, as flechas são feitas de uma espécie de caniço ("taquara"), comum justamente nos logares por elas habitantes, e os arcos de alguma madeira forte e elástica. As que residem na costa oriental e na "capitania" de Minas Gerais constróem estes últimos com o lenho da palmeira espinhosa chamada "airi", que em Minas tem o nome de "brejeúba", mas é entre os tupinambás conhecida por "airi-assú". O lenho fibroso dessa palmeira é extremamente compacto, elástico, muito difficil de vergar quando de certa espessura, mas sujeito a quebrar-se si é forçada em demasia. Fazem uso dela os "Purús" e a maioria dos selvagens da costa, bem como todos o botocudos do Rio Doce; a palmeira parece, porém, não crescer mais para o norte. Os "Patachós", os "Machacaris", bem como os botocudos que vivem ainda mais para o norte, no Rio Belmonte, usam para tal fim de uma outra madeira, o "hierang", denominada pelos portuguezes "páu d'arco". Provém ela de uma *Bignonia* de alto porte e belas flores amarelas, cujo lenho é muito resistente, elástico, branco, com cerne amarelo como enxofre, e bruno-avermelhado depois de trabalhado*. O lenho de "airi" é pardo-escuro e dá, quando polido, armas muitos agradáveis à vista. A maior força do arco está no meio diminuindo gradativamente para as pontas. Hemens fortes trazem arcos de 6½ a 7 pés de comprimento; mas, entre os "Patachós" vi um que media 8 pés e 8½ polegada inglesas. A corda muito forte, e feita com fibras de "gravatá".

Nas flechas, cujo comprimento é muitas vezes de 6 pés, usam os botocudos no Rio Doce duas espécies de caniço, que são a "ubá" e a "canachuba", que é lisa, sem nós e fácil de distinguir da primeira, porque não tem medula. No Belmonte, pelo contrário, comumente só usam a "ubá", que cresce ali em grande abundância, embora também tragam de lugares distantes outras espécies de canas, que têm em muito apeço. A extremidade trazeira da flecha, que deve apoiar-se na corda, é guarnecida de penas de "mutum" (*Crax Alector*, Linn.), de "jacutinga" (*Penelope leucoptera*), de "jacupemba" (*Penelope Marail*, Linn.)³⁶⁸, de "arara", etc.; de cada lado da flecha põem uma pena, disposta longitudinalmente e amarrada com casca de cipó. Os portuguezes chamam estas trepadeiras "imbé", tirado da "lingua geral", os botocudos "meli".

Ha tres espécies de flechas, que se distinguem pela ponta, a saber, a flecha guerreira, "uagicke-cosum", a flecha farpada "uagicke-nigmeran", e a flecha de caçar animais pequenos "uagicke-bacannumock".

(*) Pela primavera, isto é, em fins de Agosto ou começo de Setembro, o pau-d'arco se apresenta com folhagem nova de uma bella cor bruno-avermelhada, contribuindo para dar à mata um aspecto variegado. Suas lindas flores, amarelas e grandes, brotam em profusão, cobrindo toda a árvore. A casca, muito espessa, sob a forma de grandes placas chamadas "cavacos" servem para cobrir as casas.

(368) As três espécies de que aqui há menção correspondem respectivamente os seguintes nomes atuais: *Crax blumenbachii* Spix, *Pipile jacutinga* (Spix) e *Penelope superciliosa jacupemba* Spix.

A primeira tem uma ponta muito aguda, alongada ou elíptica, feita com um pedaço de "taquarussú".

Queima-se o páu para fazê-lo mais duro, talha-se e raspa-se de modo que as bordas fiquem cortantes como uma faca, e aguça-se-lhe a ponta como a de agulha. Estas flechas produzem ferimentos graves, motivo pelo qual são usadas na guerra, ou para matar grandes animais; como o canião é ôco, o sangue corre abundantemente pelo lado côncavo da ponta, de modo que os animais por elas atingidos sangram abundantemente.

Nas flechas farpadas a ponta é feita da mesma madeira que os arcos, ora de "aïri", ora de "páu-d'arco"; é fina, muito ponteguda e tem de cada lado uma série de oito a doze entalhes, dirigidos para traz, formando as farpas. Esta espécie de flecha, que serve tanto para caçar animais grandes e pequenos, como ainda para a guerra, produz também ferimentos serios. Como é difícil extraí-la, por causa das farpas, faz-se, quando isso é possível, com que sua ponta atravesse inteiramente, para ser então quebrada e permitir a retirada da haste, fazendo-a girar entre as duas mãos espalmadas.

As flechas do terceiro tipo servem só para a caça dos pequenos animais; são feitas de um galho tendo na ponta quatro ou cinco nós, cujos ramos se cortam muito rente, de modo que, em vez de serem pontudas, elas terminam em uma roseta. Nas figuras 2, 3, e 4 da 12.^a estampa (da edição in-4-to.), estão representadas estes tres tipos de flechas, das usadas pelos "Puris"; as dos botocudos apenas diferem por não ter nós.

Para dar mais resistência às pontas das flechas dos dois primeiros tipos, elas são untadas com cêra e depois passadas pelo fogo, fazendo-se também com os arcos cousa semelhante. Os indígenas do Rio Maranhão empregam igualmente madeira dura na ponta de suas lanças, ao passo que os do Rio Napo se servem de bambú. Os selvagens da costa oriental do Brasil desconhecem a aljava, suas flechas são muito compridas e precisam por isso ser sempre trazidas na mão. O arco e a flecha dos ameríndios são sempre de tamanho considerável, distinguindo-se nisso das dos povos africanos e asiáticos. Ha, não obstante, na América do Sul algumas nações que se servem de flechas curtas, que não transportadas em aljavas; vivem, porém, na maioria das vezes a cavalo, como os "Charruas" e os "Minuanos".*

Não ha entre os "tapuias" da costa oriental brasileira o uso de flechas envenenadas; usam-nas, pelo contrário, as tribus do Rio Amazonas. Afim de aprenderem a se utilizar das armas, os rapazes começam muito cedo a manejá-las, usando para isso arcos e flechas pequenas. Nos lugares baixos e nos muitos bancos e areia do Rio Belmonte fomos muitas vezes testemunha de semelhantes exercícios, vendo jovens que lançavam suas flechas verticalmente a grande altura, para depois

(*) Vide AZARA, Voyages, vol. II, pgs. 18 e 66.

apanhá-las. Nestes exercícios os jovens são muito estimulados pelos pais, fazendo progressos tão rápidos que dos 14 aos 15 anos podem já tomar parte nas caçadas.

Nessas imensas extensões ininterruptas de florestas virgens, o reino animal fornece aos selvagens rica provisão de gêneros alimentícios não sendo menor a quantidade de saborosos petiscos que o mundo vegetal põe à disposição de seu grosseiro paladar. Assim, encontram eles tudo quanto precisam, condição tanto mais indispensável quanto não sabem tomar nenhuma precaução para o dia de amanhã. Em caso de necessidade, podem suportar o jejum durante muito tempo; mas, em compensação, comem também desregradamente. Si o acaso lhes proporciona um animal de grande vulto, todos têm nele parte igual, de modo que em pouco tempo se esgota uma provisão considerável. Tem-se se visto sobrecarregar o estômago de tal forma, que se põem a pisar os ventres uns dos outros*. E' lhes a moderação completamente estranha, motivo pelo qual são para eles, é tão perigosa a aguardente, como qualquer bebida muito espirituosa. Incapazes de reprimir suas paixões, quando em estado anormal, si se acham então embriagados com enorme facilidade se envolvem em sangrentas disputas.

Na caça, sua ocupação principal, são extremamente práticos e hábeis; sabem surpreender os animais com incrível precisão, no que devem auxilia-los a extraordinária acuidade dos sentidos. Conhecem todos os rastros e sabem segui-los, com segurança, até onde os nossos olhos nada mais vêm; sabem, além disso, imitar as vozes de todos os bichos a ponto de enganar a qualquer um. Sua rija constituição fa-los suportar facilmente todas as provações, quer sejam os calores do dia ou a umidade fria da noite. Si têm que dormir sem teto dentro da mata, cousa que freqüentemente acontece, acendem uma fogueira, que aliás nunca deixam de entreter também, durante toda a noite, no interior das choças. Quando os mosquitos perseguem-lhes o corpo nú, vibram ruidosas pancadas para mata-los. Tem-se feito a surpreendente afirmação de que esses insetos ávidos de sangue atacam muito mais os estrangeiros de que os nativos. Alguns autores acreditam que a fricção do corpo com certos óleos ou substâncias odoríferas, seja capaz de garantir contra a picada dos referidos insetos; contudo, embora não faltem na região muitas substâncias desagradáveis aos últimos, parece que os botocudos nunca experimentaram esse recurso, visto como andam para lá e para cá, com o corpo sem pintura.

A água não costuma faltar aos selvagens durante as caçadas, pois, além dos pequenos regatos que murmuram de todos os lados no solo pedregoso daquelas matas, ha nelas ainda inúmeras plantas de refrigerante suco, como o "taquarussú". Como já tive ocasião de referir, cortando-se as hastes mais tenras deste último, acha-se no interior dos

(*) Esse processo é empregado pelos povos mais primitivos como por exemplo, os "Araucás" da Guiana, como no-lo conta QUANDT, pg. 198.

entrenós uma grande quantidade de água fresca, de sabor um tanto adocicado ; igual fato se verifica entre as folhas rijas das *Bromelia*.

Os selvagens, até as proprias crianças de um ou outro sexo, têm grande habilidade para nadar. Trepam também nas mais altas árvores, com muita presteza ; para esse fim, amarram os "Puris" os dois pés com um "cipó", o que porém não fazem os botocudos. Nas caçadas vão ora isoladamente, ora aos grupos ; os chefes são também, de ordinário, os que melhor atiram com o arco e os melhores caçadores, sendo por isso muito considerados. Fazendo uso de arco, o botocudo tem constantemente o punho da mão esquerda enrolado, num cordão, para não ser ferido pela corda, cada vez que é distendida ; essa praxe não existe, todavia, entre os Puris. No punho, lugar em que antigamente amarravam uma corda de "embira", trazem atualmente os botocudos uma linha de pescar, que tem o duplo papel de servir tanto para a caça como para a pesca. Anzóis, obtêm eles dos portugueses, por meio de tróca.

Aos grandes animais, seja um bando de porcos-do-mato (*Dicotyles labiatus*, Cuvier, "kurech" na língua deles), procuram cerca-los na mata, e, caso o consigam, apressam-se em crivar os animais com o maior número de setas, afim de esgota-los pela perda de sangue, porque raramente as flechas produzem morte rapida. Da "anta" comem não só todo o corpo do animal, deixando apenas os grandes ossos, como ainda o couro. Tanto para a caça, como para a guerra na mata, a flecha é uma boa arma e, embora não tenha a mesma eficiência de uma bala de fusil, alcança tão longe quanto o nosso chumbo mais grosso, sendo além disso mais segura. A flecha é arma tanto mais perigosa quanto o seu golpe é vibrado sem nenhuma ruido ; depois disso, a umidade não tem nenhuma influência sobre ela, que nunca falha, como succede ás nossas armas de fogo. Quantas vezes nas primitivas selvas do Brasil, o estado atmosférico não foi fatal aos conquistadores europeus ! Estivessem molhadas as suas armas e poderiam ser trucidados pelos selvagens, sem nenhum esforço. A flecha rompe veloz, por entre a espessura das folhas e dos galhos da mata, sem que se possa perceber de onde ela partiu ; por isso, os selvagens, num bando de animais bravios podem matar muitos indivíduos, sem que os outros dêem pelo fato e procurem fugir. Ao lado porém destas vantagens, essa maneira de caçar apresenta também os seus inconvenientes ; porque a longa flecha, si atirada para cima, fica muitas vezes pendurada nos emaranhados de "cipó", existentes no cimo das árvores, sendo então necessário que o caçador nélas suba, para busca-la. Nessas ocasiões, os índios que empregávamos durante a viagem na caça de aves para as nossas coleções, despiam-se inteiramente de suas roupas, pois, assim nus, podiam trepar com mais rapidez. Num tronco de mediana grossura, eles collocam os dois pés á mesma altura, applicando-lhes fortemente a planta, que molham com saliva, de encontro á casca ; trepam desse modo com grande prestesa, em attitude comparável á das rãs, quando marcham nos pântanos.

Para atirar a flecha, o índio a põe sempre do lado esquerdo do arco, segurando-a também com o indicador da mão esquerda, enquanto puxa para traz a corda, com os dous primeiros dedos da mão direita. O raio visual deve ser aplicado em linha com a flecha, mas o arco é mantido sempre em posição perpendicular. São condições capital importância que a flecha seja reta e de peso equivalente em todas as suas partes. Para conseguir a primeira, põe o índio o olho em direção ao comprimento da flecha, fazendo-a girar rapidamente entre o polegar e o indicador. E' também muito importante que as penas da extremidade inferior da flecha estejam no mesmo plano de largura da "taquara" que termina a outra ponta. Habitualmente não levam os selvagens consigo mais de quatro ou seis flechas, porque o comprimento delas fa-las muito incômodas. O tamanho colossal do arco desses indígenas e o comprimento da flecha tornam os ferimentos feitos por essa arma muito mais perigosos do que os produzidos por flechas mais curtas.

Para os selvagens, entre todas as caças da mata, os macacos são o melhor petisco. Quando descobrem desses animais em alguma arvore alta, rodeiam-na e verificam de que lado eles procuram fugir. Si a árvore é muito elevada, um dos caçadores sobe noutra que lhe esteja próxima e tenta flecha-los de uma distância menor. Os botocudos comem quasi toda a espécie de animal, até os gatos do mato, a que dão o nome comum de "cuparack". A onça, ou "yaguareté" é chamada em sua língua o gato grande ("cuparack gipakeí"). O próprio tamandú (*Myrmecophaga*) é comido pelos botocudos. Também não desprezam o jacaré (*Crocodylus sclerops*), muito abundante nos rios, si conseguem apanha-lo. Entre as cobras, que de modo geral odeiam e matam, aproveitam apenas a especie grande do genero *Boa*, conhecida dos portugueses, pelos nomes de "sucuriú" ou "sucuriuba", tirados á "língua geral", e chamada pelos botocudos "kitomeniop". Espreitam o momento em que a grande cobra aquática se acha em descanso, atirando-lhe, si possível na cabeça, uma flecha farpada, para que melhor se prenda ; esse processo, porém, dá, apenas resultado com animais novos. Parece que a matam principalmente por causa da gordura.

Como acima fiz vêr, os índios preferem os macacos a qualquer outra caça, e, uma vez que o esqueleto desses animais tem tanta semelhança com o do homem, é possível que os europeus, ao encontrar restos das refeições dos botocudos, cometessem o engano de accusa-los de preferir especialmente carne humana. Seja como for, como espero mostrar adiante, esses selvagens não podem ser isentados da culpa de comer carne humana ; parece, todavia, certo, que não o fazem por acha-la mais saborosa, senão que raramente se entregam a essa inqualificável abjeção, e só com o fito de satisfazer a sede de vingança. Tem-se dito que os "tapuias" preferem a qualquer outra a carne dos negros ; nada posso decidir a tal respeito, mas é também crença que os botocudos tem os negros como uma especie de macacos, chamando-os por isso macacos da terra.

Todo o animal que se destina a ser comido é tomado pelas mulheres, que o passam pelo fogo, para esfolá-lo, atravessando-lhe em seguida um espêto de pau, que põem em pé, perto da fogueira. Assim que o animal esteja um pouco assado, começam a dilacera-lo com as mãos e com os dentes, devorando-o meio crú, e muitas vezes a correr ainda sangue. Os intestinos, que haviam sido previamente arrancados, não são entretanto postos fóra, mas, pelo contrario, expremidos entre os dedos, para se esvaziarem, e depois igualmente assados e comidos. A cabeça é roída de tal forma, que até os ossos mais duros são quebrados e chupados : em uma palavra, nada deixam que se perca.

Na classe dos insetos, ha na mata certas grandes larvas, que vivem na madeira e são muito apreciadas pelos índios. No tronco da "barriguda" (*Bombax ventricosa*) aparece, entre outras, a larva de *Prionus cervicornis*, que tem quasi o comprimento de um dedo. Para extrair estas larvas da medula da arvore, tomam êles uma estaca, que aguçam numa das pontas ; tiram com ela o inseto para fora, enfiam vários deles num espêto, depois assam-nos e comem-nos. Todavia, o achado desse pestisco está inteiramente à mercê do acaso, porque não dispõem de instrumento capaz de rachar as grandes árvores. De outras larvas, como a do *Curculio palmarum*, fazem o maior consumo. Têm grande prática em achar ovos de aves, especialmente os das diferentes espécies de "inambús" (*Tinamus* ou *Crypturus*), a "macuca", o "zabelê", o "chororão" e outras, que põem os seus ovos no chão. Para pegar peixes, como já disse, fabricam com a madeira do "côco de palmito", que no Belmonte chamam "issara", um pequeno arco de 3 a 3½ pés de comprimento e uma flecha de tamanho proporcional, sem penas e de ponta lisa, destituída de farpas. Costumam despejar antes, nos logares em que a água é raza, raizes esmagadas de certas arvores, afim de atrair ou entorpecer o peixe. Raramente lhes escapa à flechada o peixe que está dentro d'água ; cheguei a vê-los pescar até com as flechas compridas de caça. As crianças é que principalmente pescam com arco e flecha. Apreciam extraordinariamente os anzóis, que aprenderam a usar com os portugueses, não havendo para êles presente mais agradável.

O reino vegetal não fornece ao aborígene dessas matas menor cópia de produtos comestíveis que o animal. Tal é a abundância e variedade de plantas existentes nelas, que um botânico precisaria gastar a vida toda para adquirir um regular conhecimento a seu respeito. Cresce lá uma quantidade de frutos aromáticos, muitos dos quais, cultivados em jardins, tornar-se-iam maiores, mais succulentos e saborosos. Muitos coqueiros selvagens produzem frutos comestíveis ; a "issara" fornece o "palmito", que é formado pela parte medular da porção mais alta do caule, logo abaixo da copa da árvore, juntamente com as folhas e as flôres tenras, incluídas no broto. Os viajantes e caçadores portugueses usam também esse alimento agradável com um pouco de sal ; os indígenas comem-no crú. Os "tapuias" aprenderam com os europeus a fazer uso do sal ; afirmaram-me no Brasil que êle teria diminuído consideravelmente o número de nascimentos. Azara

pensa que as tribus indígenas que não comem sal suprem-no com outras substâncias salinas, como por exemplo a argila ("barro!"), de que se tornam grandes comedores*; entretanto, a argila do Brasil não contém sál algum, e eu não pude achar, entre elles, nenhum alimento salgado. Para obter o palmito a que chamam "pontiäck-atá", os botocudos depois que possuem alguns machados, derrubam a esguia palmeira, trabalho esse que é em grande parte feito pelas mulheres. Quebram o fruto do "côco de imburi", a que chamam "ororó", batendo com grandes pedras, e fazendo com isso grande ruído, que muitas vezes traiu a presença dos índios aos soldados idos à sua procura. Para lhes tirar a amêndoa servem-se de ossos de onça e de outros grandes felinos; cortam-lhes obliquamente a ponta e afiam-na à maneira de uma goiva: a fig. 7 da estampa 14 (da edic. in 4 to.) representa um instrumento dessa espécie, um tanto reduzido no tamanho. Nas raízes de certo "cipó" formam-se tubérculos, que arrancam e assam no fogo; chamam os portugueses a essa planta "cará do mato" e consta que é muito saborosa. Nas cabanas dos botocudos acham-se rôlos de uma espécie de trepadeira (*Begonia?*), que sobe pelas árvores; os botocudos põem-na abaixo, enrolam-na em rôlos como os de fumo, e assam-na ao fogo. Mastigando-a encontra-se dentro dela uma medula muito nutritiva e saborosa, cujo gosto é em tudo semelhante ao da nossa batata. Na língua dos botocudos esta planta é chamada "atschá".

As vagens do "ingá" (*Inga*, Willd.), árvore que cresce em abundância nesses matas especialmente nas margens dos rios, procuram-nos os "tapuias" por causa de seu miolo branco e doce; também os europeus apreciam esse fruto. Uma outra árvore produz uma vagem, cuja semente, chamada "feijão do mato" pelos brasileiros (entre os botocudos "uaab", pronunciado pelo nariz), é comestível e de muito bom sabor, depois de torrada. São estas florestas ainda ricas de muitos outros frutos, entre os quais o "maracujá" (*Passiflora*), o "araticum", o "araçá", a "jaboticaba", o "imbú", a "pitanga", a "sapucaia" e outros. Os "tapuias", além disso, são muito prejudiciais a todas as plantações dos europeus; pois, toda a vez que lhes é possível, roubam tanto o milho, denominado "jadnirun" na língua dos botocudos, como a mandioca e outros gêneros semelhantes. Apreciam ainda a "abobora" (*Abobara*), a batata, a banana, o mamão (*Carica*) e outros frutos das plantações. Cosinham a abóbora e assam a batata na cinza quente. Quando visitam os portugueses no "quartel", dão-lhes comumente grandes quantidades de farinha. Fizeram nas proximidades do Quartel dos Arcos, em Belmonte, uma plantação de fumo; mas os selvagens pilharam-na antes da colheita. Costam de fumar, o que parece terem aprendido com europeus. Todavia, já os "tupinambás" da costa tinham o hábito de fumar folhas enroladas, quando os portugueses os encontram pela primeira vez. Dizem que os "tapuias" comem sem nenhum perigo a raiz da "mandioca brava", que provoca aos europeus vômitos tão

*) Voyages, etc., vol. I, p. 55.

violentos; consta, porém, que eles sempre quebram antes um pedaço, passando saliva, na superfície seccionada, e que não comem nunca a raiz fresca, mas deixam-na passar um dia; talvez que, murchando, perca ela as suas propriedades nocivas.

Ha nas matas virgens do Brasil frutos que nascem em árvores extremamente altas e de lenho duríssimo; os poucos machados de que dispõem os botocudos, a custo bastariam para derrubar uma só, donde a necessidade de lhes vir aqui em auxílio a habilidade em trepar. Está entre as mais altas dessas árvores a "sapucaia" (*Lecythis Ollaria*, Linn.), cujo fruto, semelhante a uma panela e chamado "há" pelos botocudos, contem saborosas sementes, para a posse das quais os selvagens têm que entrar em competição com numerosos animais, e especialmente com as "araras", de potente bico. Nenhum esforço acham eles demasiado para obter tal fruto, pois, do contrário, nada no mundo seria capaz de fazê-los subir a árvore tão alta. Em tais circunstâncias é inacreditável a rapidez com que galgam os mais elevados cimos. Afora esses frutos, o mel das abelhas selvagens é outro motivo que os leva a escalar as árvores mais altas. Aliás, a razão que então os move não é só o mel, alimento que a mata oferece em abundância, mas também a cêra, ingrediente tão indispensável a todos os seus trabalhos. Nas matas interminas da América do Sul são muito numerosas as espécies de abelhas selvagens, muitas das quais não possuem ferrão; um entomologista encontraria nelas com que se ocupar durante muito tempo³⁹⁹. Em verdade, o mel que produzem não é tão doce como o da abelha européa, mas, em compensação, é muito aromático o seu sabor. Para extrai-lo dos galhos ôcos das árvores, são necessários instrumentos cortantes. Embora toda a horda de botocudos possua hoje, pelo menos, um machado de ferro, eles ainda se servem também do que chamam "carutú", feito de uma nefrite dura, de côr verde ou cinzenta. Depois de convenientemente afiada, podem com ela abrir ramos e troncos ôcados de dureza não muito grande; para isso, ora seguram-na só com a mão, ora amarram-na solidamente entre dois paus, grudando-a

(*) Esta pedra é a nefrite, ou, mais precisamente, a nefrite punamu, que os habitantes da nova Zelândia fabricam os seus machados, talhadeiras etc.; da mesma natureza são os "tuacaras" dos Galibis, bem como, em geral, as pedras verdes que os povos da Guiana têm em alta estima. Sobre esse assunto veja-se BARRÉRE, *Beschreibung von Cayenna* (Trad. alemã), p. 131.

[399] As "abelhas selvagens" de que trata o autor constituem a família das Melipônidas, cujos numerosos representantes, incluídos no grupo das "abelhas sociais", vivem em colmeias mais ou menos numerosas e ainda se caracterizam pela carência de ferrão. Graças ao extraordinário apreço em que é tido o mel que produzem, elas figuram entre os poucos insetos a que o nosso sertanejo, a exemplo do índio, sabe distinguir especificamente, aplicando a cada tipo nomes especiais. Assim, no número daquelas cujo mel é particularmente apreciado, citam-se a "jatá amarela" ou "sete-portas" (*Trigona jaty*), a "jandaira" (*Melipona interrupta*), a "mandassala" (*Melipona quadrifasciata*), a "manduri" ou "mandurim" (*Melipona marginata*), além de muitas outras.

O matuto, até hoje, para apropriar-se do mel ("melar"), derruba habitualmente a árvore em que se encontra o cortiço; não recuando diante do esforço que por vezes isso lhe custa, não seria também por espírito de previdência ou de amor à Natureza que se furtaria à condenável prática, transmitida de geração a geração. Arthur Neiva e Belisário Penna, no relatório de sua celebrada "Viagem científica pelo Norte da Baía", etc. (*Mem. do Instituto Oswaldo Cruz*, VIII, 1916, ps. 115 e 201), dão-nos excelente observação sobre a psicologia do fato. Veja-se também Rod. v. Ihering, "Dic. dos animais do Brasil", em *Boletim de Agricultura*, de São Paulo (ano de 1931 e seguintes).

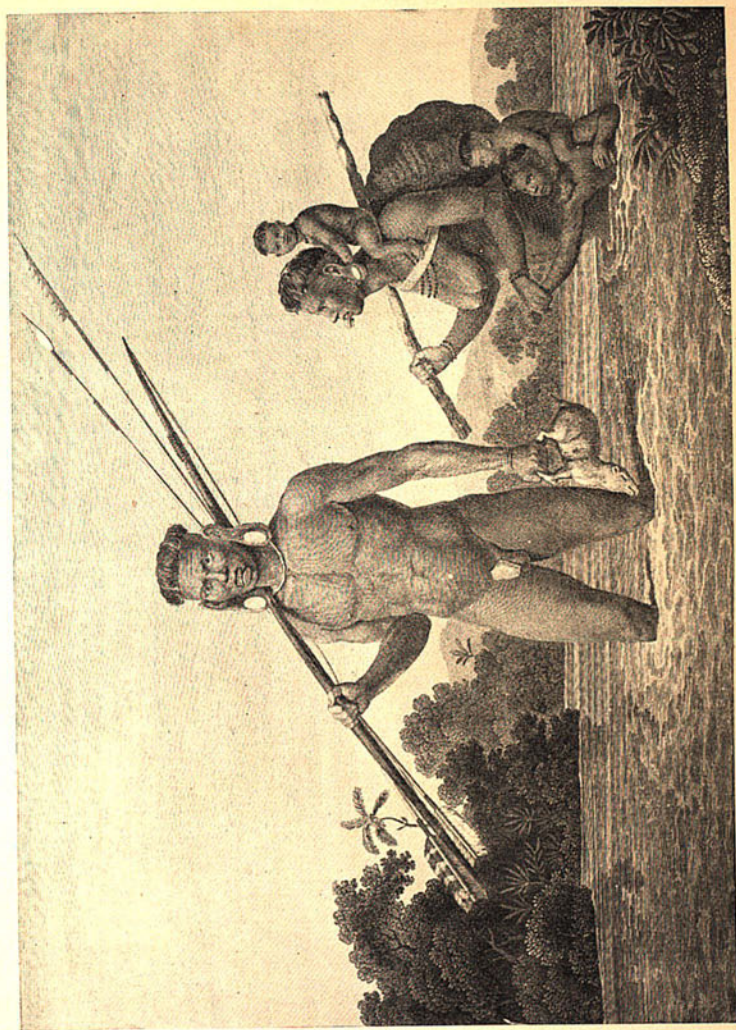
depois com cêra. A fig. 8 da estampa 13 (ed. alem. in-4 to) representa um desses instrumentos, reduzido de tamanho. Os "Galabis" da Guiana, segundo Barrère, servem-se de machados semelhantes. Os brasileiros chamam tais pedras de "corisco" (pedra de raio), porque pensam que elas caem do céu durante as tempestades, enterrando-se profundamente no sólo.

Finalmente, para completar a lista dos variados produtos de que se alimentam os botocudos, devo mencionar ainda uma formiga, chamada em Minas-Gerais "tanachura", cujo abdômen, extraordinariamente volumoso, assam e têm como muito saboroso.

Tudo quanto ficou dito mostra que os botocudos, cujo paladar aliás nada tem de exigente, não sofrem facilmente fome, até porque sabem acomodar a vida às circunstâncias de cada lugar. Não obstante, às vezes se vêm desprovidos, por força de seu apetite descomedido; vão então pedir mantimentos aos estabelecimentos portugueses, e, caso lhos neguem, saqueiam as plantações. Têm como companheiros magros cães, dados pelos europeus. Utilizam-nos muito para caçar, mas os alimentam muito mal, motivo pelo qual são ordinariamente pérfidos e investem, ladrando, sobre os estranhos. Servem-se de grandes cães principalmente na caça dos porcos selvagens, que são muito abundantes nas matas e se deixam facilmente acuar, particularidade em que se assemelham exatamente aos javalis da Europa. Depois que o cão dá o sinal, ha tempo para o caçador aproximar-se sorrateiramente e lançar a flecha sobre o animal. Por isso, nos seus assaltos aos destacamentos, os cães grandes eram umas das primeiras cousas que roubavam. Quando uma horda de botocudos chega a caçar tanto numa região, a ponto de não encontrar mais meios de sustento, ela imediatamente abandona suas cabanas, e muda-se para outra parte, como costumam fazer outras tribus selvagens. Não lhes é nada penoso deixar o local em que moravam até então, pois nada deixam ali que os pudessem prender e em qualquer ponto da selva irão encontrar com que satisfazer todas as suas necessidades. Poucos vestígios permanecem de suas habitações abandonadas, a não ser as folhas secas das palmeiras, de que eram feitas as suas chôças, e seria baldado procurar ali bananeiras ou mamoeiros, como sucede com os índios hespanhóis, conforme nos conta com Humboldt, em sua interessante memória sobre os aborígenes da América e respectivos monumentos*.

Quando uma família de botocudos se põe a caminho, colocam as mulheres os poucos utensílios na bolsa feita de trança (fig. 3 da estampa 14, ed. in-4 to.), que ordinariamente levam às costas, pendurada a uma tira, passada sobre a tétta. A sacola, já de si pesada, não de raro leva a sobrecarga de uma creança, sentada sobre ela. Enchem a bolsa de pedaços de "taquara" para pontas de flecha, cascos de "tatú" e de tartaruga, "urucú" para tinta, estôpa ou entrecasco para cama de

(*) Vide o que deixou assentado von HUMBOLDT sobre os povos primitivos da América e seu monumentos no novo *Berlinischen Monatsschrift*, Março de 1806, p. 180.



Familia de Botocudos em viagem.

(Est. 10).



dormir, ossos para comer côcos, algumas pedras pesadas para quebrar estes ultimos, cordas de "gravatá" e de tucúm, bolas grandes de cêra, colares feitos de contas, batoques para os lábios e para orelhas, trapos velhos e outras cousas que tais. Encontrei certa vez, em viagem, um chefe, carregando dous grandes sacos; debaixo do grão levada êle um grande feixe de flechas, arcos, caniços para flechas e ainda um grande ancorote de "taquarussú". A vinheta do 11 capítulo do 1º. volume (edição alemã in-4-to.), representa uma imagem fiel desta cena. Carregado desse modo atravessou um braço do Rio Belmonte, com agua até os quadris, uma horda, composta de homens, mulheres e crianças. Uma mulher, já muito carregada, tinha ao ombro uma criança pequena e levava pela mão uma maior, em cujo ombro por sua vez, ia ainda uma mais pequena; a água chegava até à altura dos ombros da grande, e a pequena, por conseguinte, nela mergulhava os pés. A 10ª. estampa (ediç. in 4-to.) figura de modo exato uma família em viagem.

Afora o que foi ainda referido, levam também em suas peripetrias muitos gêneros alimentícios, tais como frutos, carne, etc. O homem viaja ao lado da mulher, sem carga e apenas com o arco e a flecha na mão. Quando não são largos os rios, atravessam-nos em pontes feitas com "cipó", que em cada logar quasi sempre preparam de antemão, para esse fim. São muito grosseiras e constituídas de um unico e comprido cipó, estendido um pouco bambo acima da superfície da água; marcham sobre ela em pé, segurando com as mãos um outro, estirado mais acima*. Sobre tais pontes atravessa a horda toda, velhos e moços, com toda a bagagem. Nas proximidades de Quartel dos Arcos, onde o rio faz grandes curvas, acha-se um pequeno banco de areia, chamada Corôa do Gentio, onde atravessam sem ponte. Os botocudos não possuem canôas e nem outra qualquer embarcação; as tribus da costa, pelo contrário, constróem grandes embarcações, com casca de árvore, semelhantes às grandes que viram dos primeiros descobridores, Cabral e outros. Antes da instalação, pelos europeus, dos postos militares ou "quarteis" nos rios do interior, os botocudos só sabiam atravessar os pequenos rios, e nos lugares mais estreitos; é verdade que foram sempre bons nadadores, mas não levavam consigo a bagagem; depois daí, tanto no rio Doce, como no Belmonte, tentaram construir canôas. Foram vistos embarcados em troncos ôcos de "barriguda", que governavam com um pedaço de pau. Contam até que viram certa vez no primeiro daqueles rio numa muito mal construida; a verdade, porém, é que hoje não possuem nenhuma.

Cada homem tem ordinariamente muitas mulheres, tantas quantas possa sustentar, chegando às vezes possuir um duzia; todavia não encontrei nenhum com mais de tres ou quatro mulheres. Os casamentos se realizam sem nenhuma cerimônia, dependendo apenas da vontade dos dois e dos pais; também podem ser dissolvidos com a mesma

(*) HUMBOLDT encontrou também pontes feitas de cipó entre os indígenas do Orenoco. Vide *Ansichten der Natur*, p. 294.

facilidade. Na ausência do marido a mulher pode fugir para a companhia de um outro, que tenha feito uma grande caçada, sem que daí lhe venham consequências desagradáveis. Si, porém o marido encontra a mulher em companhia de outro homem, castiga ordinariamente a sua infidelidade dando-lhe muita pancada, e no acesso de colera serve-se do primeiro objeto que acha à mão, muitas vezes até de um tição ardente, fatos de que se vêem abundantes vestígios no corpo das mulheres. Muitos homens, nessas ocasiões chegam a assinalar as suas mulheres a faca; golpeiam-nas nos braços e nas côxas, de modo que muitos anos depois vêem-se ainda ali cicatrizes de seis a oito polegadas e com uma de largura, muito próximas uma da outra. Foi assim que um chefe botocudo ("capitão Gipakeiú") cortou à sua mulher todo o rebordo das orelhas e do lábio, deixando os dentes inferiores inteiramente a descoberto, de modo a desfigurar-lhe horivelmente a fisionomia.

O casamento dá às vezes aos botocudos muitos filhos, que pelo menos enquanto pequenos, são muito queridos e muito cuidadosamente tratados.

Muitos escritores, Azara, particularmente, informaram-nos da existência entre os índios da America de hábitos contra a natureza; nenhum vestígio deles encontrei porém entre os "tapuias" da costa oriental do Brasil, não obstante o ínfimo grau de civilização em que se acham. Os "Guanas"* enterrariam vivas as crianças recém-nascidas do sexo feminino; os botocudos tomam-se de horror à uma simples proposta desta espécie. Dos "Mbayas"(*) conta o referido autor que é hábito fazer abortar todos os filhos depois do primeiro casal e que isso as mulheres grávidas deixam que outras lhes dêem sôcos no ventre, até a expulsão da criança. Também esta prática é inteiramente desconhecida dos botocudos, em cujas matas não se tem noticia de nenhum hábito anti-natural analogo. Segundo o mesmo autor, os "Gauicurús" (b) só deixariam sobreviver o último filho; da mesma maneira os "Lengoas" e os "Machieuys" (c) fariam morrer todos os filhos até o primeiro homem. Embora não me abalance a supôr uma pura invencionice nestas asserções, parece-me muito provável que provenha de fatos mal observados, pois que eu entre os selvagens mais primitivos das selvas este-brasileiras, a quem não repugna assar e devorar a carne de seus inimigos, nada observei nem ouvi contar de semelhante.

Os botocudos tiram os nomes dos seus filhos de atributos dos objetos, de animais, de plantas, ou coisas semelhantes; temos assim, como por exemplo, "Ketom-cudgi" (olho pequeno! "Cuplick" (macaco berrador). Costumam tratar os filhos com benevolência, isto é, fazer-lhes todas as vontades; só o seu choro lhes causa impaciência; nestas ocasiões seguram-nos pelo braço e mandam-nos embora para longe, ou então lhes batem com a mão, ou mesmo com um pau. Os partos

(*) AZARA, Voyages, etc., vol. II, p. 93; (a) idem, p. 116; (b) idem, p. 146; (c) idem, p. 152 e 156.

das mulheres são como em quasi todos os selvagens, muito fáceis, não se encontrando aleijados entre elles. Os botocudos não são inteiramente despidos de amor, ou pelo menos de cuidado, pelas crianças e pelos velhos desvalidos; ha disso muitas provas. Viu-se no Quartel dos Arcos um moço que conduzia pela mão, com muito cuidado, o pai cego e nunca o abandonava. Um de seus chefes teve extraordinária alegria com a volta de um filho de dezoito anos que durante muito tempo estivera ausente, entre os portuguezes; apertou-o então de encontro o peito e tinha até lágrimas nos olhos. Não observei porém, como Sellow pretende ter verificado, que os botocudos apalpassem uns aos outros as pulsações nos punhos, seja para exprimir as boas vindas, seja em qualquer outra circunstância.

Para os jóvenes mais crescidos, os selvagens parecem demonstrar indiferença, fato de que já narrei significativo exemplo, ao occupar-me dos "Puris" de São Fidelis, no rio Paraíba. Isso condiz exactamente com o carácter dos povos em estado primitivo; está igualmente provado que a sensibilidade dos botocudos não é tão grande como no-lo conta Lafitau, em sua narrativa sobre um missionário brasileiro; nenhum sinal se percebe de tão finos sentimentos. Não se pode efetivamente esperar encontrar na natureza bruta desses homens os sentimentos de delicadeza e de afeto que a cultura e a educação desenvolveram em nós; mas, nem por isso devemos pensar que nêles sejam completamente embotados todos os attributos que distinguem o homem dos irracionais.

Nas horas de descanso, para passar o tempo, os botocudos se divertem cantando e pilheriando, o que particularmente acontece depois de uma boa caçada ou de um combate feliz. Sua arte musical é toda-via, das mais rudimentares. Nos homens o canto se assemelha a um ruído desarticulado, que oscila invariavelmente entre tres ou quatro notas, ora subindo ora descendo, e parece provir do mais fundo do peito; erguem então o braço esquerdo acima da cabeça, ou senão fecham os ouvidos com os dedos, especialmente si ha pessoas a assistir, abrindo enormemente a boca, deformada pelo batoque. As mulheres cantam mais baixo e de modo menos desagradável; mas também não vão além de umas poucas notas, incessantemente repetidas. Consta que figuram no canto palavras referentes a guerra ou à caça; o fáto é que tudo quanto tive oportunidade de ouvir dêles pareceu-me um simples vozerio, sem palavras. A língua que falam, abundante em sons nasais, mas destituida de guturais, é muito diversa da de todas as tribus circunvizinhas; como de regra em todas essas gentes, é muito pobre, a mesma palavra provindo numerosas significações. Dispõem só de poucos números: um diz-se "mokenam", dois "hentiatá", mais ou muitos "ururhú"*; passando daí socorrem-se dos dedos das mãos

(*) Entre os Arauacks da Guiana esta noção se exprime por termo parecido: "ujuhu", embora nenhuma semelhança exista entre as duas línguas. Ocorrem, além disso, na costa da Guiana muitas palavras brasileiras, pelo fato de terem para lá emigrado muitos índios da América portuguesa.

e pés. Ha muitas síllabas que pronunciam com o céu da bôca, como por exemplo "bacan" (carne), em que o *an* sôa indistintamente como produzido pela abóbada, pronunciando-se ainda o ultimo *an* à maneira francesa ; também o *g* no começo das palavras, como em "gipakeiú" sôa quasi com *ch* alemão, pronunciado até certo ponto com a ponta da língua.

Tem-se dito que para tornar uma festa perfeitamente alegre, homens o mulheres se reúnem em círculo e dansam ; Queck porém, um de meus botocudos afirmou-me nunca ter e assistido dansa dessa espécie. Em compensação, entregam-se a outros exercécios e divertimentos. Fazem às vezes para si flautas de canudo de taquara, com alguns orificios na extremidade inferior, que comumente são tocados pelas mulheres ; fora este, não se vê entre elles nenhum instrumentos de música. O missionário Weigl fala da existência de flautas análogas entre os Maynas ; Barrère e Quandt viram-nas na Guiana. As crianças e os jovens divertem-se, como já tive ocasião de dizer, atirando com o arco ; entre os adultos observa-se algo de semelhante ao jogo da pela. Usam para este fim um grande bola feita com um couro de preguica (*Bradypus*), chamada por elles "ihó", a que tiram a cabeça e os membros, cosem as aberturas e enchem depois de musgo. Todo o grupo, muitas vezes numeroso, se distribúe em círculo, cada um jogando a bola para outro, sem deixar que caia ao chão. As vezes entregam-se, nos rios, a um outro divertimento, que consiste em lutarem nadando doze ou mais mulheres em companhia de tres ou quatro homens, procurando cada qual fazer os outros mergulhar, exercécio esse em que é de admirar a destreza com que nadam. Embora a maioria dos povos selvagens sejam peritos nessa arte, não tem razão Azara em afirmar que os "Guaranis" são nadadores de nascença, nem tão pouco Southey, quando escreve que os "Aimorés" não sabem nadar. O certo é que nenhuma das tribus indígenas do Brasil desconhece esta faculdade ; para isso seria necessário que alguma habitasse estepe inteiramente desprovida de água. A asserção de Southey, repetida por alguns escritores, decorre do fato de não possuirem os "Aimorés" canoas, como todas as outras tribus, de modo que, viajando pelo rio, está-se a salvo de seus ataques.

Nunca vi que os divertimentos dessem lugar, entre os tapuias, a desinteligências, disputas ou brigas ; isso nada tem que vêr, porém, com a minha observação, já anteriormente descrita, de um terrivel duelo a cacete, motivado pela penetração em alheio território de caça. Combates em que tomam parte toda a horda ou família, podem ocorrer em virtude de ofensa grave feita a algum dos membros, ou mais comumente, como foi ha pouco referido, por desrespeito à regra que estabelece para cada grupo ou horda um districto de caça especial. Desinteligências domésticas são muito freqüentemente o ponto de partida das brigas. E' por exemplo, a criança com fome, que enquanto a mãe está a assar a carne, atormenta-a com chôro e gritos ; aparece o pai e dá-lhe pancadas ; a mãe, porém, toma a defeza do filho ; enfurece-se, com isso, o marido contra a mulher, dando-lhe uma grande sova ; os

parentes entram então em cena, armam uma briga a cacete ((chamada "giacacué", pronunciando-se pelo nariz), em que não de raro toma parte toda a horda ou toda a tribo. Finda a luta, marido e mulher se separam, as crianças ficam com a última, que passa a viver às expensas do pai. Homens assim iracíveis recebem comumente o castigo que merecem, não encontrando mulher que os queira. Essas desavenças trazem outras após si. Rixas mais graves envolvem toda tribo, conduzindo assim à guerra.

Os botocudos, numerosos, cõncios de sua força, irrequietos e ávidos de liberdade, raramente vivem em paz com os vizinhos durante muito tempo. Desde a época das primeiras descobertas houve no Brasil, assim como em todas as partes do mundo, povos selvagens em guerra permanente uns com os outros. Nesse caso, estão os botocudos, que guerreavam ininterruptamente as tribus vizinhas, levando sobre elas a vantagem de serem mais fortes e muito temidos, por terem a fama de antropófagos. Eles repeliram para as altas montanhas de Minas Gerais e Minas Novas outra hordas de selvagens, que quasi destruíram, entre as quais as dos "Malalis", cujos remanescentes vivem sob a proteção do Quartel de Peçanha, no alto Rio Doce. Já os "Maconis", muito mais numerosos, opuzeram-lhes maior resistência; segundo o testemunho de pessoas dignas de fé, levam agora vida sedentária e são em grande parte batizados. Esse povo era tido como um dos mais belicosos, sendo feitos no Rio Doce grandes elogios à sua bravura. Consideram-no alguns uma tribo dos botocudos, o que todavia é errôneo, visto como a língua que falam é inteiramente diferente da destes últimos.

Do lado da costa marítima os botocudos vivem em guerra com diversas tribus, entre os quais destacam-se particularmente os "Patachós" e os "Machacaris"; mais para o interior, com os "Panhamis" e ainda com outras, mais ou menos a caminho de desaparecimento, como os "Capuchos". Todos esses últimos, por serem mais fracos, reuniram-se contra os "Botocudos". As próprias hordas de "tapuias" travam entre si rudes combates, quando acaso se encontram. Empregam nessas circunstâncias toda a sua astúcia e todo o seu tino de caçadores; é natural, porém, que se deixem mais depressa enganar pelos seus compatriotas do que pelos brancos. Ordinariamente trava-se terrível batalha, em que todas as flechas são utilizadas por ambas as partes, cabendo geralmente a vitória à que as possua em maior número. O ataque é feito debaixo de enormes gritos e, quando os inimigos chegam-se mutuamente ao alcance das mãos, entram em ação unhas e dentes. Uma xilogravura de Lery dá-nos figura muito exata de um desses combates entre "Tupinambás" e "Margayas", que ainda em nossos dias seria verdadeira. O vencedor sãe ordinariamente em perseguição aos vencidos, e, pelo menos no que respeita aos botocudos, só faz muito poucos prisioneiros. Contaram-me, porém, terem sido visto alguns em Belmonte, utilizados em trabalhos diversos, como escravos. Si conseguem os botocudos pôr a mão em seus inimigos, sejam eles "Pata-

chós", a que chamam "Nampuruck", ou "Macharis" ("Mavon"*, na língua que falam), homens, mulheres e até as crianças são por eles mortos. A carne é devorada por alguns, exceção feita da cabeça e do ventre, que põem fora. Na região do baixo Belmonte asseguraram-me que se acaso derrubam a flechadas um "patachó" de cima de uma árvore, deixam-no apodrecer intacto sobre o solo. Esta asserção é todavia desmentida pelo depoimento de meu botocudo Queek. Das numerosas hordas dessa tribu, que habitam o Rio Grande de Belmonte, algumas ha que vivem em harmonia com os portugueses. Entram nesse número as dos chefes ("capitães") Gipakeiu (Maciengiang), Jeparack, June (Kerengnatnuck) e ainda uma quarta, que todos hoje podem acompanhar nas matas, sem receio.

Todos se queixam de um certo chefe, de nome Jonué Jackiim. Vagueia êle habitualmente pela margem norte do rio Belmonte, na Cachoeira do Inferno, a cerca de oito dias de viagem da ilha da Cachoeirinha, rio acima. Todas as propostas de paz têm sido, até agora, por êle rejeitadas tendo-lhe sido dado pelos seus compatriços, por causa de belicosidade, o apelido de Jariam (o guerreiro). Viajantes que passam no rio em canoa têm sido convidados a descer, sendo depois recebidos a flechadas. Os próprios botocudos mansos de Quartel dos Arcos temem enormemente esse chefe selvagem e hostil, dizendo às vezes aos portuguezes que se Jonué fosse morto haveriam de comê-lo, o que bem exprime o ódio que lhe votam. Kerengnatnuck tinha porém motivo especial para odial-o, porque um de seus irmãos fôra por êle morto, só por causa de uma machado, quando no alto de uma árvore occupava-se em extrair mel de abelha selvagem. Graças ás medidas humanitárias e adequadas e aos esforços do Conde dos Arcos, então governador da "Capitania" da Baía e hoje ministro da marinha, cessou no Belmonte a guerra com os botocudos, podendo-se agora viajar sem risco, em quasi todo o rio. O mesmo não se dá no Rio Doce, onde os selvagens apezar de terem muitas vezes batidos, ainda na primavera de 1816 voltaram a fazer suas ameaças.

A guerra contra os selvagens é feita por meio de caçadores e de forças volantes nas matas. Uma parte dos soldados é protegida contra as flechas pelo chamado "gibão d'armas" (couraça), a respeito do qual já me estendi anteriormente. Os sentidos dos selvagens, exercitados desde a infância, tornam-se de uma extraordinária acuidade. Diz-se que chegam a reconhecer as diferentes tribus pelo rasto, e que são capazes de descobrir pelo olfato o rumo por elas tomado, podendo assim atingi-las através de caminhos abertos e limpos. Si percebem que ha inimigo perto, a espreita-los, como costumavam fazer os soldados dos destacamentos, fincam às vezes no caminho pequenas estacas ponteagudas de bambú e põem-se depois em emboscada; usam mesmo com esconderijos, árvores caídas, ou outro qualquer anteparo. Quem passe então calmamente pelo caminho, sem pensar no perigo, cai in-

(*) O en no final das palavras sôa como na língua francesa.

falivelmente vítima de suas fortes setas. Quando um estabelecimento europeu, ou um posto militar, é por eles atacado, deixam-se geralmente correr uns tres ou quatro dias, sem nada lhes fazer ; assim torna-se mais garantido cair depois sobre eles com facilidade. Para ir ao seu encaço através das matas, recebem os soldados uma libra de pólvora e quatro libras de chumbo, sendo muito raro fazer-se uso de bala. Levavam um mosquetão sem baioneta e, geralmente um "facão" à cintura ; às costas uma longa mochila, com uma quarta e meia (meio alqueire saxão) de "farinha", um pouco de "rapadura" (pedaço grande e quadrangular de açúcar grosseiro e escuro), e ainda doze libras de carne seca, tudo isso ração calculada para doze dias. Descobertos os sinais dos selvagens, o bando segue-lhes a pista, aproximando pouco a pouco do local em que os primeiros devem estar estacionados. Si acontece a sorte de lhes descobrir os ranchos, muitas vezes em grande número e próximos uns dos outros, mormente si à noite, faz-se-lhes em torno um grande cerco, cada qual se deitando sem o menor ruído à espera que amanheça. Ao fazer este cerco é necessário ter o cuidado com os cães e os porcos do mato, que os selvagens costumam amarrar às arvores, a uma certa distância, para sua segurança. Quando farejam alguma cousa estranha, os cães se põem a latir e os porcos a grunhir desabaladamente. Assim que o dia desponta, os soldados dois a dois, se distribuem em círculo, ocultando-se atrás dos troncos das árvores grossas, quando isso é possível, até que o dia tenha clareado bastante para permitir uma boa pontaria. Desfecham então o ataque, em que tomam a frente os que estão protegidos de couraça. Quando conseguem chegar até as choças sem serem percebidos, apontam para dentro as armas e fazem fogo sobre os moradores adormecidos. Aos primeiros tiros estabelece-se enorme confusão, com berros e exclamações ; homens e mulheres e crianças são mortos pelos seus ferozes perseguidores, sem distinção de sexo ou idade. Os homens lançam mãos dos arcos e flechas, mas ordinariamente sucumbem, em virtude da desigualdade das armas. A fumaça da pólvora, condensando-se ao contacto da humidade retida pela vegetação, envolve a mata numa escura nuvem baixa e espessa. A crueldade dos soldados nesses ataques excede a tudo quanto se possa imaginar. No ataque dirigido a Linhares, pouco antes de minha chegada, prendeu-se uma mulher, que não queria se entregar, defendendo-se por meio de dentadas e arranhões ; um soldado abriu-lhe o crânio com um golpe de "facão", tão violento, que chegou a ferir a cabeça do menino que ela trazia às costas. A criança foi, ainda assim, poupada e podemos-la vêr depois na colônia supra-mencionada, em casa do "tenente" João Felipe Calmon. Não obstante tudo isso, nem sempre é tão favorável para os soldados o resultado desses recontros. Ainda no penúltimo ataque, levado a efeito pelo guarda-mór, com cerca de 30 soldados, em outubro de 1816, perto de Linhares, uma grande chuva-rada impediu que as armas de fogo funcionassem, de modo que muitos botocudos escaparam, ferindo tres soldados nos braços e nas mãos, onde não havia a proteção da couraça ; uma grande quantidade de

flechas resvalou, porém, inutilmente, de encontro às vestes. Foram abatidos nessa ocasião cerca de dez selvagens, entre os quais o chefe enfeitado de penas, que fôra morto dentro da própria casa. Alcançada a vitória e postos em fuga os índios, cortaram-se as orelhas dos mortos, troféus que, segundo me contaram, tinham sido, não ha muito tempo, remetidos ao governador, na vila de Vitória; foram também enviados muitos arcos e flechas obtidos no combate.

Si os selvagens, porém, estão prevenidos da aproximação dos soldados, os acontecimentos tomam rumo muito mais funesto para estes, que cáem facilmente nas emboscadas que lhes foram preparadas. Armam os índios nessas circunstâncias as chamadas "tocaiaes", que são esconderijos em cuja volta o mato foi desbravado, de maneira a permitir atirar em todas as direcções; os galhos seriam também arranjados de tal maneira que os lutadores poderiam ficar atraz d'elles em varias turmas, escondidos pelos troncos das árvores. Não costumam os selvagens combater em campo aberto, faltando-lhes verdadeiramente a coragem, pelo que as suas vitórias são obtidas exclusivamente à custa de astúcia ou da superioridade numérica. Causa horror o simples pensamento de cair nas mãos desses implacáveis bárbaros a quem uma justa e ilimitada sede de vingança torna ainda mais terríveis. Eles fazem em tiras a carne de seus inimigos, cosinham-na em sua panelas, ou assam-na; espetam-lhes depois, com grande festa, as cabeças em estacas, em torno das quais dansam, cantam, e gritam. Os ossos, depois de chupados, seriam pendurados em suas cabanas, como narra também Barrère, a respeito dos índios da Guiana.

Os europeus são ainda muito fracos nas imensas matas do Brasil oriental; fossem os selvagens unidos entre si e se juntassem todos para atacar o inimigo comum, e a costa não tardaria a cair novamente em seu poder, um vez que muitos d'elles, fugidos das cidades, conhecem bem os pontos fracos dos europeus. Vivia, por exemplo, nas proximidades de Linhares um botocudo, conhecido entre os portuguezes pelo nome de Paulo, mas que fugiu depois para a mata. Ao ser atacada á aldeia em que fora residir, elle gritou para os soldados, em portuguez: "não atirem em Paulo! "Foi, porém, encontrado depois, entre os que dali não mais se levantaram. Quando lhes sobra tempo, os "tapuias" ordinariamente carregam às costas para lugar seguro, os seus mortos e feridos; gastam nisso às vezes muito tempo, o que a muitos tem custado a vida. Para entrar em combate pintam-se os botocudos de vermelho e de preto. Aos que nunca assistiram dessas cenas, terrível deve ser a impressão produzida por um ataque desses selvagens, com a cara vermelha esbrazada, e debaixo de estrondosa gritaria. Não ha muito que investiram desta sorte sobre o Quartel Segundo de Linhares, onde foram todavia repellidos pelo sub-official comandante, um mineiro decidido. Tudo que acaba de ser dito sobre a maneira de caçar, de guerrear e sobre o modo de vida dos botocudos, applica-se mais ou menos a todas as tribus indígenas da costa oriental do Brasil.

Quasi todos os primeiros viajantes concordam em acusar de antropofagia a maior parte dos indígenas do Brasil ; contudo, talvez se tenham enganado com relação a muito deles, uma vez que os membros dos macacos, depois de sécos, assemelham-se muito aos das pessoas e poderiam ter passado como tais. O mesmo fato pode ter acontecido com referência à carne que Vespucci encontrou nas cabanas de índios. Apesar de tudo, não é sem fundamento que se tem noticiado a existência daquele bárbaro costume em muitas tribus de selvagens brasileiros. Os "tupinambás" e outras tribus da costa aparentadas com eles, engordavam os prisioneiros e depois os matavam com "ivera-peme", nome que davam a uma pesada massa de madeira, cheia de enfeites*. O carrasco devia depois disso permanecer quieto na rede, e, para que seus braços não perdessem a segurança nos golpes, punha-se a atirar com um pequeno arco numa bola de cêra**. Todas essas tribus tupis acham-se civilizadas nos dias de hoje, persistindo porém o hábito da antropofagia em algumas tribus de "tapuias", como os Botocudos e os "Puris". E' difficil acreditar, como alguns afirmam, que comam carne humana por uma questão de gosto, pois fala contra isso o fato de que também deixam prisioneiros com vida ; não ha dúvida porém que, por vingança, devoram a carne dos inimigos mortos em combate, como prova muito claramente a declaração feita pelos chefes mansos do Rio Belmonte, de comerem a Jonué, seu inimigo comum. Quando se interrogavam os botocudos de Belmonte sobre esse horrível costume, negavam sempre a sua existência entre eles; acrescentavam porém usaremos ainda Jonué e outros compatriotas seus : que faria ele então dos braços e pernas cuidadosamente cortados aos inimigos mortos ? Além disso, o que contou o jovem botocudo Queck, tira qualquer dúvida a respeito. Durante muito tempo receiu ele falar-me a verdade sobre o assunto ; resolveu porém, finalmente, faze-lo, depois que lhe assegurei saber que todos os da sua horda, no baixo Belmonte, haviam desde muito tempo abandonado aquele hábito. Contou-me então a cena que vou narrar, e de cuja verdade devemos tanto menos duvidar, quanto mais difficil nos foi conseguir dê-lo a sua descrição. Um chefe de nome "Jonué cudgi", filho do famoso "Jonué iakiim", aprisionara um "patachó". Todo o bando se reuniu, o prisioneiro foi trazido de mãos amarradas, sendo morto por "Jonué cudgi", com uma flechada no peito. Fizeram então uma fogueira, onde foram cortadas e depois assadas, as côxas os braços e as outras partes carnudas do corpo, que todos depois comeram, dansando e cantando. A cabeça foi pendurada num poste, por meio de uma corda, que entrava pelos ouvidos e saia pela bôca, de modo a poder-se ergue-la e abaixa-la. Ali ficou a secar, depois de lhes haverem arrancado os olhos e raspado os cabelos, com

(*) Vide a história verídica de HANS STADEN, cap. XXVIII. As mulheres desempenhavam papel importante nesses festins. BARRÉER conta que as mulheres das tribus da Guiana procedem de modo diverso, manifestando a sua reprovação pelas refeições canibalescas dos homens.

(**) Idem.

exceção de um tufo sobre a testa*. Queck contou ainda outro exemplo, de um botocudo bem conhecido, chamado Mecan, que matou e devorou um "patachó". Da maneira pela qual esses selvagens, em seus festins canibalescos, suspendem as cabeças de seus inimigos, conclúe-se a significação da cabeça mumificada, que existe na coleção antropológica do Snr. Ritter Blumenbach, em Göttingen. Ao tratar dos trabalhos que os selvagens do Brasil fazem com penas, tive o ensejo de referir-me à cabeça em questão, que está representada na 17ª. estampa. Parece que também que ela foi suspensa em alguma festa, por um cordão passado pela boca e pelas orelhas. E' possível que muitas das tribus que outróra comiam sem pejo a carne dos inimigos, tenham deixado já este bárbaro costume, principalmente nos pontos em que se acham em boas relações com os europeus. A própria energia com que os botocudos do Belmonte defendem a sua horda da acusação de praticá-lo, prova que eles acabaram por se convecer quanto é degradante semelhante costume e justifica a esperança de que esse povo, cujo estágio de civilização é de todos o mais baixo, possa gradualmente progredir para um gráu de cultura mais avançado.

Doenças são, de modo geral, muito raras entre os "Tapuias". Nascidos em plena Natureza, criados em completa nudez, habituados a todas as mudanças do clima tropical, aos calores ardentes do dia, como ao frio e a humidade das matas e das noites, nenhuma influência tem a atmosfera sobre o seu organismo resistente, ao mesmo tempo que a simplicidade de seu modo de vida insenta-os dos males, que inevitavelmente traz a civilização. Os banhos frequentes e o exercício contínuo dão ao corpo uma perfeição, de que conhecemos apenas o nome.

A experiência lhes ensinou muitos meios de combater não só os ferimentos externos como até várias doenças. Com ela aprendem muitos remédios alguns dos quais talvez podessem achar aplicação em nossas farmácias. Grande quantidade de plantas aromáticas e ativas existe nas matas; muitas árvores fornecem bálsamos excelentes, como por exemplo a "copaiva"**. (*Copaifera officinalis*), o bálsamo peruviano (*Myroxylon peruiferum*) e muitos outros; outras produzem um leite, ora mais ou menos venenoso, ora com propriedades curativas. Famílias inteiras de plantas fornecem cascas benéficas á saúde, tais como as das espécies de *Cinchona*, de que na região existem varias. Conheceriam os selvagens todas as plantas dotadas de ação sobre o seu organismo, cabendo quasi sempre aos velhos opinar sobre as suas virtudes. Não é fácil conhecer os remédios que usam porque disso, mesmo entre si, fazem segredo. Quando se lhes pergunta como pode ser tratada esta ou aquela doença, respondem: "venha conosco à mata, haveremos de experimentar". Sirva de exemplo

(*) Também os indígenas da Guiana içam as cabeças dos inimigos. Ver sobre o assunto BARREIRA, edição alemã, p. 127.

(**) Na costa oriental do Brasil é chamado "copaúba".

um caso, cuja verdade me foi muitas vezes afiançada. Um índio, que morava em Trancoso, sofria de um grave incômodo intestinal; os "patachós" levaram-no consigo para a mata e em tres mezes deram-no completamente são. Puzeram-lhe sobre a cabeça, como depois êle contou, uma forquilha de madeira, colocaram o intestino no logar devido, aplicando depois sobre o lugar doente um espuma espessa feita com o suco fervido de uma planta, e puxaram-lhe um pé para o lado. Depois de o manterem durante algum tempo nessa incômoda posição, deitaram-no ora de costas, ora de ventre, alternadamente, e applicaram-lhe demoradamente cataplasmas daquela mesma planta, despedindo-o por fim completamente são. Quando querem tirar sangue de uma região doente, acoitam-na com o "canção" (*Jatropha urens*), a que chamam "giacutectec", ou com uma espécie de "urtiga" (*Urtica*), fazendo depois, com uma pedra afiada ou com uma faca, varias incisões na parte inflamada, de onde o sangue corre em abundância. O Sr. Freyreis, numa viagem que fez a Minas Gerais, observou entre os "Coroados" um processo notável de tirar sangue das veias. Servia-se o médico de um pequeno arco e flecha*, tendo esta última na ponta um pedaço de vidro, envolvido em algodão, de modo a ficar livre apenas o necessário para penetrar na veia, que era aberta do modo mais original, com uma flechada**. Por essa mesma ocasião viu Freyreis curar uma menina, que sofria provavelmente das consequências de um resfriado. Aqueceu-se no fogo uma grande pedra, até ficar em brasa, e derramou-se nela depois água. A paciente foi posta o mais perto possível de modo a ser envolvida pelos vapores que se desprendiam, com o que em breve começou a suar, e assim curou-se. Os "Tapuias" curam os ferimentos externos com muita perícia e segurança, colocando sobre êles certas hervas, que previamente mastigam; contudo a cura é sem dúvida devida à sua constituição sadia e a fortes nervos. Vi uma grande ferida muito bem curada num rapaz "machacali", de propriedade do "ouvidor" Marcelino da Cunha, em Caravelas. Uma anta, atirada pelos selvagens, passando casualmente perto do rapaz, foi por este ainda mais provocada com um flechada, investindo então sobre êle a dentadas e dilacerando-lhe todo um lado. O ferimento começava na parte media do peito e fazia toda a volta do omoplata, até às costas; os tecidos tinham sido muito bem costurados e reconstituídos. Dizem que os selvagens curam infalivelmente as mordeduras de cobras, e que entre êles ninguem morre por esse motivo. E' essa a opinião dos portugueses, com que aliás muito pouco concorda o depoimento do jovem Queck, que me diz não conhecerem os botocudos do Belmonte nenhum remédio contra tais mordeduras, de que muitos morrem.

(*) Ambos estão figurados no trabalho do Sr. von ESCHWEGE, *Journal von Brasilien*, que acaba de vir a lume (Fasc. I, pl.2, fig.).

(**) A maneira de fazer essa operação (ff) descrita na *Viagem a Darien* de LIONEL WATER (*Viagem do Capitão Dampier à volta do Mundo*).

Segundo o que me informou, o unico remédio consiste em amarrar um colar ("pohuit") acima da região mordida. Entre as moléstias das crianças, merecem especialmente menção as que advêm do hábito de comer terra. A fome fal-as às vezes pôr terra na bôca e enguli-la. E' bem verdade que os pais severamente as repreendem si conseguem então surpreendê-las; mas, elas acham sempre oportunidade para satisfazer esse apetite doentio. Esses comedores de terra têm o rosto de côr amarela-pálida, o corpo magro, barriga dura e volumosa e em regra não vivem muito tempo. A argila que usam comer é na maioria da vezes um barro amarelo-avermelhado ou cinzento, cuja composição deve ser muito diferente da que Humboldt encontrou entre os Ottomaques, como alimento habitual. O missionário e célebre viajante Frei Ramon Bueno, afirma que em La Concepcion di Uruana, no Orenoco, o barro comido pelos indígenas nenhum maleficio ocasiona, embora o comam às vezes, em grande quantidade*. Humboldt reputa muito nocivo este genero de alimentação, e eu pude verificar que entre os brasileiros êle acarreta as mesmas consequências que foram observadas na Africa e nas Indias**370. Acreditam curar as dôres de barriga comuns esfregando no baixo ventre uma carapaça de tatú ou de tartaruga. Os defeitos na visão são também muito espalhados entre os índios brasileiros. E' difficil encontrarmos um grupo de pessoas sem que uma ou duas sejam cegas de um olho. Manchas nos olhos não são menos frequentes. Não vi entretanto caso de inflamação, de vista curta, ou de qualquer outra doença dos olhos, o que só se pode explicar pela sua resistência física. As pontas dos galhos, ou os espinhos das arvores, devem ser a causa dos accidentes ha pouco apontados. O selvagem, que, com a ferocidade do tigre, fixa toda a sua atenção na presa que persegue, nem sempre repara nas pontas que lhe podem entrar nos olhos. Quando sâe à perseguição de um porco do mato, de um macaco, ou de outro animal qualquer, que não raro foge com a seta presa ao corpo, o índio não despreza dele os olhos, para que a presa não lhe escape, ferindo-se assim com facilidade; essa causa natural parece confirmada pela observação, feita por Azara, de que entre as populações que habitam as planícies descampadas do Paraguai não se observam defeitos nos olhos.

(*) *Ansichten der Natur*, p. 143.

(**) Sobre este assunto veja-se o trabalho fundamental do Conselheiro OSIANDER no *Neure hannôverischen Magazine* de Março de 1818, ps. 26 e 27...

(370) Em todo esse relato a geofagia é considerada como causa dos disturbios da saúde a que o autor faz menção. O certo, porém, é que tal aberração do appetite, pelo contrário, aparece como symptoma de moléstias ou perturbações occasionadas por causas várias, a cuja frente deve citar-se a infestação por certos minúsculos parasitas intestinaes, pertencentes à classe dos Nematodes (englobados com os "vermes" na linguagem vulgar) e conhecidos tècnicamente por *Ankylostomum duodenale* Dubini (1843) e *Necator americanus*, Stiles (1902). Dos dois, o último é no Brasil o mais comumente encontrado entre as populações rurais, como responsável pela doença bastante conhecida sob as denominações de "amarelão", "opilação", etc. Têm-nos os parasitologistas como animal importado do Velhu Mundo; isso não se opõe, todavia, a que, no tempo da Viagem de Wied, já existisse disseminado entre as tribus costeiras, cujo contacto com os colonos, e principalmente com os pretos, era mais ou menos frequente.

Morrendo um botocudo, enterram-no logo na propria choça ou nas suas proximidades, abandonando-se depois o lugar, para construir outra habitação. O defunto, no primeiro dia é chorado com gemidos pavorosos, as mulheres principalmente comportando-se como loucas; isso não parece, contudo, traduzir uma dor muito profunda, porque já no dia seguinte cada um toma seu caminho, reatando a vida habitual. No Belmonte, amarram com um "cipó" as mãos do defunto e depois o estendem numa cova longa, em vez de enterra-lo de cócoras, como fazem muitos outros selvagens da America*; noutros pontos, porém, as cóvas seriam redondas. Naquela mesma região não se costuma enterrar nada com o defundo, fato confirmado pela escavação que fizemos de varios túmulos. No Rio Doce, o snr. "tenente" João Felipe Calmon encontrou nos túmulos armas e mantimentos, ali postos para o defunto; isso vai de encontro às minhas observações e não me parece crível. Muitos túmulos por mim escavados, no interior da mata, continham apenas ossos e demonstravam ter sido enchidos com terra. Sobre eles, na superfície do chão, viam-se bastões curtos e grossos, ou pedaços roliços de pau, iguais em comprimento e dispostos uns juntho dos outros. Perto, viam-se ainda as cabanas que haviam sido abandonadas. Depois da morte de um botocudo, de cada lado da sepultura, entretém-se durante algum tempo uma fogueira, com o fim de afastar o demônio, tarefa de que os parentes não descuidam, ainda que precisem vir de lugar distante. Si o morto era muito estimado, erguem-lhe sobre o túmulo uma cabana de folhas de coqueiro. Os braços do defunto são amarrados com "cipó", embora nem sempre se observe este preceito. Conta Azara que ha entre os "Charruas" o costume de cortar fóra um dedo, que aliás sabemos existir entre os índios da Oceânia. Disse-me o Snr. Calmon ter visto no Rio Doce cortarem as mulheres o cabelo, em sinal de luto, hábito muito comum entre os americanos, mas a que devem ser estranhos os botocudos, por isso que não o observei em Belmonte. A demais disso, parece-me terem sido atribuidos aos habitantes do Rio Doce hábitos que eles não possuem, já porque de modo geral, só têm sido observados de maneira imperfeita, à distância e com olhares receiosos, já porque, em todas as partes do mundo, ha a tendência de vêr, em tudo quanto desperta a nossa curiosidade, aspecto mais extraordinário e maravilhoso do que o existente na realidade. A maneira pela qual os botocudos enterram os mortos é muito semelhante à dos "Tupinambás" e à de outras tribus da costa, aparentadas com os últimos; havia entre estes também o costume de construir uma choça de folhas de coqueiro sobre o túmulo, mas o corpo era enterrado em posição erecta, amarrados nêle as mãos e dos pés, como nos conta Lery**.

(*) Muitas tribus americanas, enterram os mortos pelo último processo, contando-se entre elas os primitivos habitantes do Canadá, dos quais diz o velho missionário CHÉVÉ, em sua *Histoire Canadensis*, Par., 1664, 4, p. 92: "Ubi cum extremo habitu excessit animus, corpus statim in glomans conformant, ut quo habitu in matris a loco fuerit, eodem conquescat in tumulo". Teriam igual costume os Caralbas, os Chilenis, os Hottentotes, e em alguns lugares, os próprios Botocudos.

(**) LERY, *Voyage à la terre du Brésil*, etc., p. 302.

Walckenaer, na tradução da Viagem de Azara, diz, com muita justeza que todos os povos da Terra possuem certas idéias religiosas, donde haver certamente erro quando nega Azara a existência, entre os "Charruas", de qualquer vestígio de religião, de música, de dança, etc.*.

Eschwege confirma também a presença de idéias religiosas nos "Guaicurús". Até os bravios botocudos possuem uma porção de crenças extravagantes a respeito de espíritos maléficos, dos quais só se poderia adquirir noção exata, conhecendo perfeitamente a língua desse povo. Temem os espíritos máos pretos, ou demônios, a que dão o nome de "Janchon"; alguns são grandes e chamam-se "Janchon gipakeiu"; outros pequenos, "Janchon kudgi". Quando o diabo grande passa pelas suas cabanas, todos que o viram estão fadados a morrer; sua presença seria sempre breve; mas, apesar disso, morre sempre muita gente depois de suas visitas. Deita-se e dorme junto à fogueira dos túmulos e vai-se depois embora; desenterra porém o morto si não encontra ali nenhuma fogueira. Frequentemente agarra também um pedaço de pau e batê nos cães, até mata-los. Matam ainda, às vezes, as crianças que saíram a buscar água; dizem que, nessas ocasiões, encontra-se a água derramada nas redondezas. Pode-se comparar este Diabo com o "Aignan" ou "Anhangá" dos "Tupinambás". Por medo dele, os selvagens não são capazes de passar a noite sozinhos na mata; preferem sempre ir acompanhados. A lúá ("Tarú"), entre todos os astros, parece ser o que os botocudos mais veneram, pois é a ela que atribuem a maioria dos fenômenos naturais. Seu nome aparece em muitas das denominações aplicadas aos meteoros; assim é que o sól chama-se "Tarudipó", o trovão "Tarudecuvong", o raio "Tarutemareng", o vento "Turucuhú" a noite "Tarutatú" etc. Segundo imaginam, é a lúá quem dá origem ao trovão e ao raio; ela às vezes cairia sobre a terra, ocasionando a morte de muitos homens. Atribuem-lhe também o malogro na colheita de certos produtos alimentícios, de frutos etc., além de muitas outras superstições que têm a seu respeito.

Como acontece com a maior parte dos povos do mundo, haveria também entre eles a tradição de uma grande dilúvio. Encontramos em Simão de Vasconcellos notícia sobre as crenças que a respeito do assunto tinham os índios da costa, que falavam a "língua geral". Apenas uma família, contavam eles, a do velho Tamandaré de Tupá, avisada pelo Ente-Supremo, subindo numa palmeira, livrou-se da inundação que fez desaparecer todo o resto a humanidade. Mais tarde, ela deceu e povoaou novamente a terra. Seja como fór, as idéias religiosas dos botocudos não são mais absurdas do que as da generalidade dos colonos portugueses que vivem no Brasil; como os índios do litoral os últimos acreditam também num espírito das selvas, chamado "caipora", ao

(*) AZARA, Voyages, etc., vol. II, p. 14.

qual atribuem o rapto de crianças e de jovens, que sdepois escondem no ôco das árvores e ali os alimenta.

São estas as observações que pude fazer durante minha permanência nas matas em que estive. Com o povoamento crescente da costa, os botocudos têm sido repelidos cada vez mais para o interior, não sendo de duvidar-se que afinal marchem também a caminho da civilização. Isso levará ainda muito anos, porque não se conhece mais no Brasil a arte com que os Jesuitas, abstração feita de muitas instituições nocivas e dos males decorrentes de seu domínio, sabiam instruir as tribus selvagens dos primitivos incolos daquelas matas. Para adquirirmos conhecimento aprofundado sobre os botocudos, faz-se mistér procurar o Rio Belmonte, porque não é ainda hoje possível observar os que vivem no Rio Doce.

Para dar ao leitor uma noção da língua que falam esses selvagens, apresento a seguir a lista de alguns nomes: no fim deste segundo volume porém, darei, para os linguistas, uma tabela comparativa de diversas palavras.

N O M E S D E H O M E M

Jucakemet (o primeiro e muito breve)
Cupilick
Jukerecke (*J* com som de *i*)
Macina (o primeiro *n* pronunciado pelo nariz)
Mecann (*a* sóa entre *a* e *e*)
Makiengjeng
Ahó (pelo nariz)
Kerengnatnuck (pelo nariz)

N O M E S D E M U L H E R

Enkëpmeck (*En* muito breve e, como a segunda sílaba, pronunciado pelo nariz)
Marinhjopó
Uéwuck
Schampacham
Pucat

S U P L E M E N T O

Estavam já escritas as minhas notas sobre os Botocudos, quando travei conhecimento com a notícia que sobre os indígenas da Capitania de Minas Gerais apresentou o Snr. von Eschwege, funcionário do Reino, residente em Vila Rica, em seu trabalho "Journal von Brasilien" publicado pelo Industrie-Comptoir de Weimar.

Alegra-me verificar que as opiniões do autor concordam com as minhas; mas ha em seu trabalho certos pontos que reclamam de minha parte alguns reparos. Penso que me assiste tanto mais o direito de faze-lo, sem incorrer em censura, quanto a minha critica de modo

nenhum poderá diminuir os méritos do nosso compatriota. A longa permanência do Sr. Eschwege na "capitania" de Minas Gerais, tão importante do ponto de vista mineralógico, autorizava-nos a esperar dele notícias e observações do maior interesse, uma vez que os seus conhecimentos, e a posição favorável em que se encontrou, dever-lhe-ão ter oferecido muito mais ensejo de investigar o paiz e seus habitantes, que o de que poderá dispôr um viajante, incapaz de, numa curta estadia, adquirir noções completas sobre a lingua, usos e costumes do povo. Entretanto, o estudo dos indígenas daquela capitania fornece resultados inferiores aos que se podem obter em outras menos cultivadas, ou não ainda habitadas pelos europeus. Ademais d'isso, não havendo aquele autor observado pessoalmente os Botocudos, teve forçosamente que se basear em informações de outros, às mais das vezes inseguras e quasi sempre exageradas. Ao numero destas pertence particularmente o relato, extremamente inverosímil (pag. 93), de um negro, que estivera longo tempo entre os Botocudos; porque é fóra de dúvida que não só não existe nenhum rei botocudo, ou qualquer forma de governo monárquico nesse povo rude, como ainda não é provável que a perfuração dos lábios e das orelhas seja praticada em alguma assembléia geral. Si fossem convocadas todas as diferentes tribus e hordas de botocudos, talvez não se podessem reunir tantas quantas disse o negro Agostinho ter algum visto, por ocasião da operação referida. E' patente o cunho de inverdade em toda a narrativa sobre o caso. Já o mesmo não acontece no que se refere ao tratamento cruel infligido aos pobres indígenas pelos conquistadores de suas matas, mais poderosos e providos de armas de fogo. Vê-se aqui, infelizmente, a expressão de uma verdade, que não é possível contradizer. São por igual interessantes os informes referentes às ordens baixadas pelo reino, relativamente ao tratamento a dispensar aos índios, as quais, por desgraça só muito imperfeitamente são obedecidas. As notas que abaixo se lêem podem servir para a retificação de alguns pontos concernentes às tribus selvagens.

Pagina 77: O nome dado a todos esses selvagens provém da palavra "botoque", donde ser mais correto escrever "Botocudos" do que Botecudos*. Foram ainda chamados "Guerens" (pronunciado como na palavra franceza "Guerins") e não "Grens", do que ainda hoje poderemos nos convencer, no Rio Itafpe. O nome "Arari" parece existir apenas em Minas, porque nunca o ouvi, quer no baixo Rio Doce, quer no Belmonte; ademais, é muito raramente encontrado nos escritores que trataram do Brasil, os quais, entretanto, também os chamam de "Aimorés" ou "Amborés". No Rio Doce, como no Belmonte, os costumes dos Botocudos parece serem os inesmos, fato de que penso ter podido convencer-me plenamente, muito embora contra isso se oponha o que diz a respeito o Sr. Eschwege. Pelo simples fato de no Rio Belmonte entreterem, até certo ponto, trato pacífico com os brancos, não se deve concluir que pertençam a outro grupo étnico. Tudo nos leva a crêr

(*) Vide *Corografia Brasileira*, etc., tomo II, p. 72, em nota.

que não seriam lá menos pacíficos do que aqui, si não os houvessem tratado de modo tão cruel ; aliás como foi referido antes, não ha muito que ainda se mostravam igualmente hostis duas milhas ao norte do Rio Belmonte, no Rio Pardo e em Sto. Antonio, duas milhas ao sul deste rio. As relações que entre si mantêm, atravez da mata, do Rio Doce ao Rio Belmonte, foram também mencionadas atraz ; mas, nas regiões do São Mateus e do Mucuri, ao que parece, mantêm-se isolados. E' certamente destituida de fundamente a asserção de que constrôem especialmente casas enfeitadas de penas, para enterrar os mortos, realizando anualmente nelas festas funebres ; eu proprio tive occasião de me revoltar contra as fantasiosas invencionices que me contavam sobre estes assuntos, e que são muitas vezes oriundas do conhecimento incompleto dos fatos, mormente em se tratando de regiões, em que os selvagens se mantêm em hostilidade. Pude conhecer de perto muitos moradores de Minas-Novas e da região do Jequitinhinha, todos concordantes com o que foi dito por mim. Nos lugares em que se mantêm em guerra, como no Rio Doce, os botocudos, por ódio, comem a carne dos seus inimigos ; no Belmonte, pelo contrário, são pacíficos, parece terem perdido progressivamente esse bárbaro costume, muito embora esteja fóra de dúvida que êle primitivamente também ali occurresse, como se conclúe dos informes de alguns daqueles selvagens, os de Queck inclusive. Os "Patachós" frequentam as proximidades da costa marítima, apezar de existirem ainda alguns em Minas Novas.

Dá-nos o Snr. Eschwege algumas notícias sobre as rigorosas medidas tomadas pelo Conde Linhares contra os Botocudos, medidas estas que, significando embora uma guerra de extermínio contra êles, não foram todavia narradas de modo suficientemente incisivo. Só ha verdade no que conta o autor sobre as atrocidades praticadas contra os indefezos índios, pois nenhum meio ficou esquecido, capaz de dizima-los. Houve até pessoas deshumanas que fizeram a tentativa de exterminá-los, lançando mão de roupas contaminadas com as pústulas da varíola, afim de que êles espalhassem entre os seus a terrível doença.

O Snr. Eschwege, acha inexacto comparar a côr dos índios de Minas com a do cobre. Devo confessar que ha entre indígenas grande variedade na côr, alguns sendo escuros, bruno-acinzentado, outros de um pardo mais amarelado e ainda outros de côr mais vermelho-acobreada; não obstante, todos possuem uma tonalidade vermelha, quer sejam bruno-acinzentados, quer bruno-amarelados. Por outro lado, as minhas observações trouxeram-me a convicção de que as crianças nunca nascem perfeitamente brancas como os europeus* ; têm uma côr amarelada mas tornam-se muito depressa brunas. Vi muitas que, embora muito novas, tinham uma côr bruno-escura perfeitamente caracterizada. Como já tive, porém, occasião de dizer, existe entre os botocudos, cousa notavel, uma variedade esbranquiçada, que só nas

(*) Encontra-se uma confirmação deste fato, de importância capital, na descrição da Viagem do Snr. von HUMBOLDT, parte I, p. 500.

costas é um pouco amarelada e possui cabelos castanho-anegrados ; as crianças novas desta raça podem apresentar ao nascer uma cor quasi inteiramente branca. O Snr. v. Eschwege, diz que as crianças, ao nascer, não seriam de cor vermelha acobreada, ponto em que estou plenamente de accordo com elle ; discordo, todavia, em que ellas possam ser então, como elle afirma, perfeitamente brancas como nós. Nesse ponto baseio-me nas informações de meu botocudo Queck. Deve aqui remeter-se leitor a Mithridates (Vol. III, 3 parte, pag. 313), onde este autor exprime de modo exato as minhas idéias sobre a matéria. O excellente tratado sobre o povos da America, que illustra aquele trabalho, fornece ao leitor os verdadeiros pontos de vista sobre que se deve encarar esse interessante assunto. A cor da pele e certos outros caracteres, parecem peculiares a todas as raças americanas ; apenas variam infinitamente nas numerosas tribus e ramos étnicos daquella vasto continente e em cada individuo assumem uma modalidade diferente ; por estas razões nada de absolutamente geral é possível reconhecer na arquitetura do esqueleto desse povo, em que ha altos, baixos, gordos e delgados, nada ficando elle a dever aos europeus, no tocante à variedade. Não é exacto que possuam em regra testa fugidia e uma mesma conformação da bacia*, pois estas partes oferecem as mesmas variações que entre nós. Vi Botocudos com testa alta e larga, outros achei que a tinham pequena e estreita, embora não se possa negar que muitas tribus se distingam de outras por certos caracteres a ellas peculiares.

Muitos autores têm contestado que os indígenas da America do Norte e do Sul pertençam a uma mesma raça. No entanto, pessoas instruidas e fededignas asseguram-me que a fisionomia e a cor, não só nos Botocudos, como ainda nas outras tribus do Brasil, concordam perfeitamente com as das nações indígenas da Norte-América, como por exemplo as dos Cherokees, da Carolina do Norte. Pode servir para este confronto o jovem botocudo Queck, que trouxe comigo para a Europa**. Chame-se vermelho-acobreada ou bruno-acinzentada a cor dos nativos da América, ella fica sendo sempre o caracter de todas as raças americanas, tanto da porção septentrional, como da meridional, exceptuadas as das regiões frias ; ella está além disso, por toda a parte, sujeita a muitas variantes de matiz. O proprio Queck serve para mostrar, de uma maneira eloquente, a influencia do clima sobre a cor da pele ; com effeito, enquanto a cor do seu rosto no verão era um tanto bruna, tornou-se tão clara no inverno que chegaram a toma-lo por europeu ; até a propria cor das bochechas parece se ter tornado um pouco avermelhada. Devo, porém, lembrar que elle não pertence à raça mais escura dos botocudos. Entre os índios norte-americanos, Volney achou

(*) V. v. Eschwege, *Journal von Brasilien*, cap. I, p. 87.

(**) Sobre este assunto veja-se VATER em *Mithridates*, tomo III, parte 2.ª, p. 309 e seguintes. E' para mim de maior interesse saber dum viajante instruido, como o Snr. Coronel Thorn, que viveu muito tempo na India, que a fisionomia de meu botocudo concorda inteiramente com a dos Malaios, facto que também confirma BLUMENBACH, pelo estudo comparativo dos crânios trazidos por mim e apresentados não só na estampa 58 das *Decades Craniorum*, como também na vinhetta deste capitulo de meu livro (edição in 4.ª).

que as partes cobertas do corpo eram mais claras do que as descobertas, fato de que não vi no Brasil nenhum exemplo, uma vez que os índios civilizados, embora se vistam com calças e camisa, têm em todo o corpo uma coloração uniforme. Da observação de Volney parece depreender-se que a cor verdadeira da pele daqueles povos septentrionais é a das partes mais claras abrigadas pelas vestes, e que conseqüentemente as tribus da Norte-América, tem, de modo geral, cor mais clara do que as da América do Sul. Entretanto, em ambas as partes do continente Americano encontram-se exceções a esta regra; pois, na América do Norte se conhece a existência de povos escuros e na do Sul ha os botocudos brancos, além de algumas outras nações de pele clara. Fosse só o clima a origem da pigmentação bruna dos americanos e os portugueses adquiririam, depois de várias gerações, esta pigmentação; o certo, entretanto, é que, nos lugares em que não se mesclam com o sangue negro ou índio, elles conservam a cor dos seus antepassados europeus. Não pude verificar nos portugueses do Brasil modificações como as que descobriu Smith* nos lavradores da America do Norte, attribuindo-as ao clima. Os traços fisionômicos deles não mudaram, os cabelos permanecem crespos e encaracolados e a própria cor só raramente chega a adquirir a tonalidade escura da dos índios. A verdade é que, no Brasil, os descendentes dos portugueses só raramente se occupam em trabalhos agrícolas, que deixam aos negros; em compensação, dão-se muito à caça e à pesca, expondo-se assim, aos raios solares, durante longo tempo. Dáí adquirirem comumente uma cor mais amarelada, mas nunca tão escura, bruno-acinzentada, como a da maioria dos índios. Devo aqui remeter o autor á formosa passagem em que Humboldt, no seu ensaio sobre as condições polticas da Nova Espanha (tomo I, pag. 115), discorre da maneira mais interessante sobre a matéria. Ainda que os fatores externos intensifiquem a pigmentação das tribus de que nos occupamos, a cor bruna fundamental sempre permanece; porém, como observa exatamente von Eschwege, ela se altera sob o influxo de moléstias, tornando-se de um amarelo pálido, principalmente no rosto. Estas considerações não se opõem todavia a que os habitantes dos paizes quentes possuam, de modo geral, uma cor mais escura do que os dos frios, e a grande diversidade de matizes das tribus sul-americanas, cujo próximo parentesco ninguem contesta por esse motivo, parece falar em favor da origem da Humanidade a partir de um unico casal, assunto sobre o qual o inglez Sumner publicou trabalho muito interessante**.

Apezar da semelhança existente entre os Mongóes, os Malaioes e os povos nativos da America, estes últimos parece possuirem em comum um certo numero de caracteres externos. Na estampa 17 (ediça in 4-to.), estão figuradas varias fisionomias de botocudos; a figura 4, que devo á bondade do Snr. Sellow e foi feita do vivo, exhibe traços nitidamente

(*) Vide J. S. VATER, *Untersuchungen, über Amerika's Bevölkerung*, p. 72.

(**) Vide J. B. SUMNER, *A Treatise on the records of the creation, etc.*

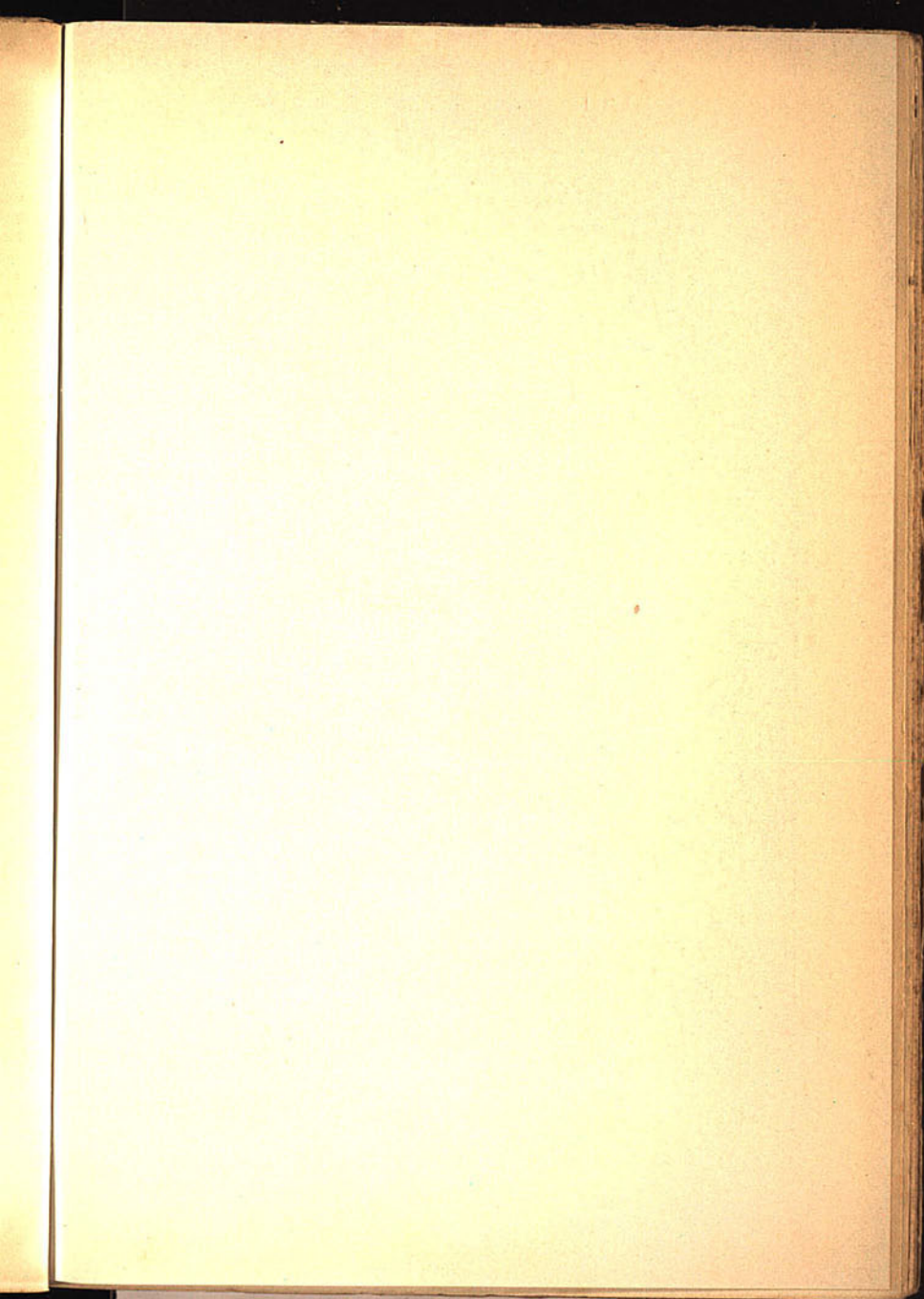
mongólicos, mas errar-se-ia em supôr que todos aqueles selvagens possuem um tal semblante. A 3.^a figura, por exemplo, que apresenta Juquereck, tem igualmente fisionomia genuinamente brasileira, mas apesar disso, difere muito das demais. A 2.^a figura mostra a mulher de Jeparack e a 5.^a a cabeça mumificada de índio, que tem sido aqui citada em várias passagens e pertence á coleção do Snr. Ritter Blumenback. A comparação com as curiosas figuras de rostos esquimaus, estampadas recentemente na Viagem do Capitão Ross ao Polo Norte, mostra quão diferente é o aspecto fisionômico dos índios brasileiros, confirmando assim a opinião dos missionários do Nain, que tiveram ocasião de ver o meu Queeck. E' extremamente difficil decifrar o mistério da origem de muitos grupos raciaes da America.

Os chefes dos "Tapuias" não podem ser chamados caciques. Esse termo tem sentido muito mais elevado e não se enquadra com os chefes dos indígenas do Brasil, que não são objeto de nenhuma veneração particular e em nada se distinguem dos restantes da tribo; para lhes conferir na horda um voto decisivo, nenhum atributo de superioridade os assinala, tais como a maior prudência, a experiência ou a valentia. Caciques devemos chamar os poderosos dos povos mais adiantados do Novo Mundo, como os Americanos os Peruanos e outros, cuja autoridade e cujo poderio, não de raro ilimitado, constituíram forte obstáculo aos conquistadores hespanhois.

Muitos possuíam vastos domínios e uma cultura que ainda hoje causa espanto aos viajantes e de que nos dão idéia as belas illustrações do livro de Humboldt*. Quanto estão longe deles os brutos habitantes das matas virgens do Brasil! Reina aqui a mesma lei que entre os animais, e a maior força dos braços é a unica superioridade reconhecida. Nenhum hieroglifo ou qualquer sinal gravado se encontra nos rochedos ou nos troncos seculares daquelas florestas, e os unicos monumentos erguidos pelos entes humanos que vivem nestas últimas são as choças efêmeras, feitas de galhos e incapazes de resistir ás vicissitudes de um único ano.

Os brasileiros, então, portadores de um boné de soldado portuguez, perderam já a sua originalidade e só pouco interesse despertam. Nunca vi néles algo de parecido com os selvagens da costa oriental.

(*) Vejam sobre a matéria os escritos de ALEX. von HUMBOLDT e bem assim os de VATER, no 3.^o tomo, 2.^a parte de *Mithridates*.





Indios em viagem.

VIAGEM DO RIO GRANDE DE BELMONTE AO RIO ILHÉUS

O Rio Pardo. — Canavieiras. — Patipe. — Pozi. — Rio Comandatuba. — Rio Una. — O córrego Araçari. — Meço e Oaqui. — Vila Nova de Olivença. — Os índios desse lugar. — Utilização do fruto da Piaçaba. — Vila e Rio dos Ilhéus. — Rio Itatpe, Almada. — Os Guerens, decendentes dos antigos Aimorés.

Minha demora nas margens do Rio Belmonte e nas florestas habitadas pelos Botocudos inspirou-me o desejo de encontrar um novo terreno para minhas observações. Fizemos portanto os preparativos necessários para continuar nossa viagem para o norte, e, de acordo com o plano que eu estabelecera, penetrar nas florestas e alcançar Minas Gerais. Tive, em parte da minha viagem, a agradável companhia do Sr. Charles Fraser, que, como eu, ia até Ilhéus.

O Rio Grande de Belmonte, que se lança no mar a pouca distância da Vila de Belmonte, é muito largo e às vezes torrencioso em frente dessa cidade. Adquiri, porisso, grandes canoas para transpô-lo; meus burros e meus cavalos haviam-no atravessado a nado na véspera. Quando as canoas atingem a margem oposta, entram numa passagem estreita cercada de mangues, onde as águas são muito calmas: chamada Barra das Farinhas. Provavelmente essa passagem foi outrora um braço de rio, cuja embocadura pouco a pouco se foi cobrindo de areia; dão-lhe também o nome de Barra Velha.

Depois de carregarmos a nossa tropa, marchámos uma legua e meia, até alcançarmos a fóz do Rio Pardo, importante curso d'água. Percorre-se uma costa arenosa e deserta, em que todas as árvores e arbustos são encurvados e maltratados pelos ventos freqüentes do mar e pelas tempestades. Encontrei nesse local ossos de tartarugas marinhas, espalhados*, o que aqui constitue uma raridade, ao passo que se mostram muito comuns, mais para o sul, nas costas vizinhas do Rio Doce, que são desertas e tranquilas*³⁷¹.

(*) Na primeira parte desta "Viagem", escrevi que a grande tartaruga marinha era *Testudo Midas*; o estado em que me encontrava então as margens do Rio Doce impediu-me de dar dela uma descrição conveniente; esperava encontrar outras, mas não vi mais nenhuma; tenho, contudo, um crânio completo dessa tartaruga e o exame d'ele dará a conhecer si pertence a uma espécie conhecida

(371) *Chelonia mydas* (Linn.), descrita nas "Beiträge" (vol. I, p. 21), sob a denominação de *Caretta esculenta* Merrem. Espécie largamente espalhada em todos os mares quentes e temperados.

O Rio Pardo forma o limite entre a "comarca" de Porto Seguro e a de Ilhéus; lança-se ao mar por diversos braços; o mais meridional, que desemboca em Canavieiras, se chamava Imbuca no tempo dos índios. Na margem meridional da "barra", encontramos uma pequena casa, habitada por um passador de gado, que conduz os viajantes à grande ilha, em que está situada Canavieiras, entre os dois braços do rio. Embarquei, à tardinha, numa canoa pequena, estreita e pouco segura; a maré enchia e grossas ondas a fustigavam de um e de outro lado, sacudindo-a com extrema violência, de modo que a travessia foi penosa e cheia de perigos. Entretanto, graças à habilidade do "canoero", que evitou cuidadosamente expôr os flancos da embarcação às ondas, chegámos sem acidente.

Observei, nos "mangues" que cobriam as margens do canal, uma quantidade prodigiosa de andorinhas, com a plumagem de colorido fuliginoso uniforme, e que, embora não me fosse possível examina-las de mais perto, não podiam ser senão da espécie denominada *Hirundo pelagica*³⁷². Tinham se reunido nesse local para passar a noite, mas se elevavam algumas vezes em bandos numerosos a grande altura, e voltavam a cair imediatamente nos mangues, a que a quantidade assombrosa desses pássaros emprestava uma côr escura.

Encontrei o Sr. Frazer, que havia atravessado o rio antes de mim, instalado numa grande casa; aquecemo-nos ambos junto a um bom fogo, com a família do proprietário. Fomos depois nos deitar nas camas de tábua que se havia colocado num espaçoso quarto, que serviu também de dormida para parte dos moradores da casa.

Canavieiras é uma "vila" ou "aldeia", com casas bastante espaçadas e uma igreja; produz principalmente mandioca e arroz. Os habitantes são, na maioria, brancos e "pardos", isto é descendentes de homens de diferentes tonalidades de côr, produzidas pela mistura com os negros; esses pardos constituem o fundo da população do litoral. Como não existe no lugar nem juiz nem qualquer outro governante, não ha também polícia, e Canavieiras é conhecida em toda a região pela liberdade e pelo estado mesmo um tanto selvagem de seus habitantes. Eles não querem saber de juiz, declarando que se podem governar por conta própria e que só devem pagar poucos impostos. Aliás o caráter deles é jovial, e se divertem às vezes dias seguidos, tocando música, dansando, jogando cartas, divertimentos que os levam muitas vezes a excessos.

A "barra" do rio é melhor que a do Belmonte e, por isso, constroem-se aí algumas embarcações para o comércio com a cidade da Baía e

(372) A espécie, que pertence à família dos cipéllidas ou "andorinhões", foi durante muito tempo confundida com *Hirundo pelagica* Linn., 1758 (= *H. palagica* Linn., 1766), da América Septentrional. A ave sul-americana, muito parecida aliás com a sua congênera, constitue espécie autónoma, descrita em 1902, no Orenoso, por Bredespich & Hartert, com o nome de *Chaetura andrei*, e é representada nas costas este-brasileiras por uma raça particular, individualizada em 1907 por Hellmayr, sob a denominação de *Ch. andrei meridionalis*. Deve ser comum em São Paulo, de onde o Museu Paulista possui numerosos exemplares, alguns dos quais obtidos dos bandos que frequentemente aparecem a fazer evoluções em torno do próprio edificio em que a repartição tem a sua séde.

outras do litoral. O Rio Pardo atravessa as matas onde os Botocudos ainda se apresentam como inimigos, ao passo que são pacíficos, pelo menos em parte, nas margens do Rio Belmonte. Recentemente ainda, eles mataram várias pessoas e supõe-se que os assassinos são da tribo do "capitão" Jeparack, cujo retrato é a primeira figura da prancha 17 (ediç. in-4 to. alemã). Anteriormente já haviam destruído diversas plantações dos portugueses. Atacaram-nos e eles se defenderam fortemente; cinquenta de seus guerreiros foram mortos nessa luta. Eles se vingaram matando quatro pessoas e os portugueses se viram obrigados a abandonar as plantações na parte superior do rio, pois os Botocudos as devastavam e ameaçavam. Dizem que eles não passam além do Rio Pardo, porquanto ainda não foram vistos em Comandatuba. Algumas hordas de "Patachós" eram nas margens desse rio e nas matas da "barra" de Poxi.

A pouca distância de Canavieiras, um braço do Rio Pardo, denominado Rio da Salsa, se destaca e vai reunir-se ao Rio Grande de Belmonte. Vi em Canavieiras um homem que o Conde dos Arcos enviara da Baía para tornar o Rio da Salsa navegável. Esperava-se da execução dessa empresa grandes vantagens para o comércio com Minas pelo Rio Belmonte; poder-se-ia chegar a esse último rio pelo canal do Rio da Salsa, partindo do Rio Pardo, cuja embocadura é melhor para a navegação do que a do Rio Belmonte.

Não querendo deixar passar a estação favorável para viajar pelas florestas, não pude ficar muito tempo caçando em Canavieiras; verdade é que aí encontrava-se pouca coisa que pudesse interessar às nossas coleções. Assim mesmo, houve sempre algo de novo em cada região. Assim, nas vizinhanças do Rio Belmonte e do Rio Pardo, vive um belo animal da classe dos répteis, que é provavelmente aquele que Marcgrave descreveu pelo nome de "ibiboboca". Essa cobra* se parece muito, pela distribuição de suas cores, com a coral, pois os anéis pretos, verdes, esbranquiçados, e vermelho acarinado, alternam-se nela da forma mais agradável. A cobra coral, a serpente de cabeça alaranjada descrita por mim** (*Coluber formosus*), que acima mencionei e uma quarta***, ainda mais bela do que as outras, se

(*) *Elaps Marcgravi*. O Sr. Merrem reconheceu essa cobra levada por mim para a Europa como sendo a "ibiboboca" de Marcgrave, o que julgo bem provável. Russel se engana quando a toma por sua "kala-jin" da Índia. O Sr. Merrem deu dela uma descrição resumida em seu "System der Amphibien", p. 142, em que a ela se refere pelo nome de *Elaps Ibiboboca*.

(**) *Elaps coralinus*. No primeiro volume desta "Viagem" tomei essa serpente por *Coluber fulvius* de Linneu, e dela falei com esse nome. Uma comparação atenta, porém, me fez ver depois que realmente ela muito se assemelha, mas que no entanto dela difere; eis porque adoto o nome que o Sr. Merrem lhe deu em seu "System der Amphibien", p. 144. Dei dessa serpente, da precedente e das duas outras cobras a que me refiro no texto, uma pequena nota que se encontra no último volume das "Memórias da Academia Imperial Leopoldina-Carolina dos curiosos da Natureza. Juntei-lhe um desenho de *Elaps coralinus*.

(***) Denominei-a *Coluber venustissimus*. É a mais bela espécie de cobra. Parece-se muito pela cor com *Elaps coralinus*, porém a sua cabeça é maior, a sua boca fendida mais fundo; os dentes muito pequenos são exatamente os das cobras; placas abdominais 200; caudais 51. O comprimento da cauda ultrapassa de perto de um oitavo a do animal; cor do corpo, vermelho carmim, cuja intensidade é realçada por anéis pretos dispostos dois a dois, muito próximos uns dos outros, e envolvidos exteriormente por um anel estreito cinzento branco esverdeado. Todas as escamas da parte superior do corpo, mesmo as dos largos anéis vermelhos, têm uma ponta preta.

assemelham tanto pela natureza e disposição das côres, que os brasileiros as confundem no designação geral de "cobra coral" ou "coraes". Todas elas possuem anéis de cada uma das cores que acima indiquei, dispostos alternadamente; mas o naturalista que as observa com atenção, reconhece à primeira vista que pertencem a quatro espécies diferentes.

O Sr. Freyreiss, que se demorou por mais tempo nesta região, encontrou por acaso entre as palmeiras uma espécie de morcego, notável e ainda desconhecida, que poderia constituir um gênero novo^{*373}. Em vez de cauda, tem dois apêndices córneos, colocados horizontalmente um em cima do outro, o superior, que é o maior, tem 5 linhas de largura; é de algum modo o prolongamento do osso da cauda que se termina por essa forma; o apêndice superior é formado pela dobra que a membrana da cauda faz sobre si mesma. O pêlo desse animal é um tanto felpudo e branco; conserva-se escondido durante o dia, entre as folhas colossais dos coqueiros, que ao longo de toda a costa são habitados e animados pelos tangarás de côr viva cinzento-esverdeada**.

Quem quer que dispuzesse de lazer e fosse favorecido pelo bom tempo, poderia fazer em Canavieiras observações interessantes sobre os peixes do rio e do mar. Encontram-se aí em geral as mesmas espécies que freqüentam a porção mais meridional da costa. Em Espírito-Santo apanha-se freqüentemente o "catauá" (*Perca punctata*) peixe vermelho carregado, com inúmeras manchas violetas; varias espécies de *Scomber* de brilhantes côres, o *Squalus*, o *Silurus*, as belas espécies de *Grammistes*; o "peruá" (*Balistes Ventula*, Linn.) cujo corpo é na parte de cima de um belo verde e azul celeste, e rodeado de listas amarelo-escuras e muitas outras.

O mar, porém, em Canavieiras estava por demais agitado pelo vento para que os pescadores pudessem pescar alguma coisa.

Os viajantes que levam comsigo tropa, fazem-na seguir ao longo da costa marítima e passar a nado as diversas embocaduras ("barras") do Rio Pardo; quanto a êles, embarcam e percorrem durante dois dias, com algumas interrupções, numa canoa, uma laguna, que se estende paralelamente à costa, e deve a sua origem a vários braços do Rio Pardo e ao mar. Suas águas são salgadas; sobem e descem como o oceano, de que se acha separada por uma estreita língua de terra cortada pelas diferentes bocas do Rio Pardo.

(*) Del uma descrição dêsse notável animal em "Isis", ano de 1819, caderno 10.º, p. 1630.

(**) Esse pássaro foi até agora considerado como a fêmea do *Tanagra episcopus* e o Sr. Desmarest representou-o como tal. É um erro, pois *Tanagra episcopus* ou *sayaca*, o "sanyaçá" dos brasileiros da costa oriental, é muito diversa da pretensa fêmea; possuímos desenhos das duas espécies, que são muito parecidas. Esse último pássaro, considerado como a fêmea, é a que, por viver sempre entre os coqueiros, dou o nome de *Tanagra palmarum*, distingue-se inteiramente do "sanyaçá" pelo seu canto que é um gorgeio muito doce.

(373) *Diclidurus albus* Wied, 1819 (= *D. freyreissii* Wied, 1838), rara espécie de morcego, de que, quando estudante, na Bafa, obtive um exemplar, proveniente do Recôncavo (vizinhanças da Saubara).

Depois de ter percorrido duas léguas, desde a Barra de Canavieiras, chegou a tropa à Barra de Patipe, assim denominada por causa duma "povoação" situada nas vizinhanças, numa ilha formada pelas suas duas "barras". A navegação nessa laguna salgada é aprazível; "mangues" fechados cobrem as margens, para além se estendem as florestas. De espaço a espaço, a laguna se abre para dar passagem aos braços do rio que surgem daquelas imensas solidões.

Avistam-se, nas margens, habitações isoladas, anunciadas de longe pelos coqueirais.

O braço de mar se prolonga para além da Barra de Patipe, ao longo da costa, e, legua e meia adiante, chega-se à Barra de Poxí, outra embocadura. Havia aí antigamente algumas cabanas de pescadores, mas elles abandonaram esse local, faz pouco tempo. Tivemos grande trabalho em conseguir água potavel para os nossos animais. Plantas úteis e cultivadas em todos os jardins ainda se vêm crescendo ao pé das casas abandonadas, entre elas algumas árvores frutíferas e a "pimenteira" (*Capsicum*), cujos frutos, compridos e de côr vermelha viva, são tão procurados pelos habitantes da região para temperar a comida.

Embora a noite fosse tempestuosa, preferimos passa-la na areia, nas praias próximas de Poxí, a passa-la nas casas abandonadas onde seríamos devorados pela praga dos insetos. Uma canoa, que o acaso nos fez descobrir nas vizinhanças, transportou nossa tropa na manhã do dia seguinte para o outro lado da "barra". Não havia, então, nenhum "passageiro" e, em geral, nessas paragens, ninguém se preocupa muito com os viajantes. Não existe nenhum mapa dessa região e é preciso fiar no acaso e nas informações defeituosas dos habitantes, quando se deseja percorrer a costa. Um cirurgião francês, chamado Petit, havia pouco se estabelecera numa pequena elevação, um pouco distante para o interior; contam os moradores, seus vizinhos, que, descontentes com o seu genio de brigão, os pescadores de Poxí abandonaram suas casas. Acrescentaram que é elle um fervoroso adepto de Napoleão e que por isso não conta muito com as simpatias dos portugueses.

A laguna, que se estende para o norte da Barra de Poxí, é muito rica em peixes; ao despontar do dia via-se uma porção de peixes saltando muito alto no ar; poder-se-ia, com uma grande rêde, fazer uma abundante pesca sem grande trabalho.

Daf até à embocadura do Comandatuba, a costa não varia de aspecto: sempre num labirinto de ilhas cobertas de manguesais. A melhor hora para se viajar nessas aguas salgadas é no refluxo da maré. Vêem-se então, sobre os galhos cheios de raizes dos "mangues", o garrido caranguejo de pés vermelhos, chamado "guaiamú"³⁷⁴ e, na espessura das moitas, o papagaio amazona comum (*Psittacus ochro-*

(374) Wied applica aqui, por engano evidente, o nome "guaiamú" ao bem conhecido aratú dos mangues (*Gonopsis cruentata*).

cephalus, Linn.)³⁷⁵, denominado "curica" pelos índios e portugueses; parece afeiçoar-se muito particularmente a esse meio razão pela qual podiam dar-lhe designação dela derivada. Encontram-se sempre nas margens e embocadura dos rios, onde os outros papagaios raramente vivem. A voz desses papagaios é muito forte, variando em muitas tons, e parecendo imitar outras aves. Os seus ninhos são encontrados frequentemente nos grossos troncos dos mangues, nos buracos que possuem. Os habitantes apanham os filhotes, criam-nos e ensinam-lhes a falar.

O Comandatuba não é um rio muito importante. A pouca distância de sua fôz, existem, na margem meridional, com areias de um branco que ofusca a vista, algumas choças onde vivem famílias de índios, cujas plantações estão na margem septentrional. Atravessámos o Comandatuba e três léguas adiante chegámos à fôz de um rio maior, o Una. Só se vêem aí umas poucas habitações. Um rico lavrador, que possui vastas propriedades no Una, construiu uma venda na sua embocadura, com uma grande "venda" cercada de coqueiros. Essa bela planta se ergue a grande altura na areia branca que, entretanto, parece ser estéril. Com sete anos, quando ainda é baixa, produz já frutos abundantes que mitigam a sede. Cultivam-se aqui a mandioca e o arroz; o café, o algodão e todos os produtos do clima equatorial dão maravilhosamente nessas paragens. O proprietário a quem me referi estava então cuidando de fazer aquelas plantações. Vi também a couve branca européia, o rabanete pequeno e o grande para o gado, e cabeças de repolho pesando 14 libras.

O Rio Una se divide em dois braços próximo à sua fôz; o braço esquerdo se chama Rio Muruim e o direito Rio da Cachoeira, nome este tirado das varias quedas que forma. Subindo um pouco o rio, vêm-se bellissimas espécies de madeiras, entre as quais muitos jacarandás ("bois de rose"). O Una é tão baixo na vasante que os nossos animais puderam atravessa-lo. Adiante encontrámos dois regatos: o Araçá, o Meio e o Oaqui, que também puderam ser atravessados a cavalo na vasante; na cheia, pelo contrário, dois deles são profundos e rápidos.

Para o lado da terra, avistam-se elevações cobertas de matas, que se prolongam ao norte, formando as margens do Rio Muruim. Nesses morros, vê-se uma árvore extremamente alta conhecida por "Pau-do-Muruim", que é avistada de muito longe do mar e serve de ponto de referência para os navegantes.

E' a partir das margens do Una que se começa a encontrar o tipo de embarcação denominado "jangada", de que já falei. Koster descreveu-o e desenhou-o. E' utilizada durante a vasante, para pesca em lugares rasos; ou sa-se mesmo navegar ao largo em grandes jangadas,

(375) Como já se viu antes (cf. p. 170, nota 2), há engano por parte do autor, em referir o "papagaio do manguê" a *Psittacus ochrocephalus* Linn., espécie privativa do Brasil septentrional e ocidental (Amazonas, Pará, Mato-Grosso); ele aparece ainda imprópriamente identificado a *Psittacus aestivus* Linn. nas "Beiträge" (tomo IV, pag. 205), mas, pela descrição, corresponde precisamente a *Psittacus amazonicus* Linn., ou seja *Amazona amazonica amazonica* Linn. da nomenclatura atual.

assim como para o transporte de mercadorias ao longo da costa. Essas "jangadas" têm 25 pés mais ou menos de comprimento. São formadas de 7 troncos de madeira leve, sendo que 5 colocados uns ao lado dos outros, são apenas ligados por duas varas transversais de madeira resistente. Os que ficam do lado de fóra são um pouco mais compridos do que os outros e cada um deles suporta um outro, sobre o qual com o do lado oposto, está o acento do timoneiro. Não entra uma única peça de ferro na construção de semelhante embarcação. Os páus são talhados em bisel nas duas pontas. As maiores embarcações desse tipo têm comumente um pequeno mastro, com vela, e podem levar as vezes muitas pessoas. A madeira leve de que são feitas tem o nome de "páu de jangada". Foi descrito por Arruda sob a denominação de *Apeiba cimbalaria* ou "embira jangadeira"*; tida como pertencente á *Polyandria Monogynia*.

Os mais hábeis condutores dessas jangadas são os índios civilizados da costa que têm suas habitações, nessa região, espalhadas pelas matas litorâneas. Cada família possui a sua embarcação na areia das praias; na ocasião de ser utilizada, basta volta-la e metê-la no mar na cheia da maré. Mais ao sul desaparecem as jangadas e só se vêem canoas; mais ao norte, pelo contrario, estas rareiam e aquelas é que se tornam comuns. Talvez esta região seja a mais meridional daquelas em que cresce o pau de jangada.

Depois de deixarmos o Una, chegámos, ao termo de 6 léguas, a Olivença, vila habitada por índios. Na última metade de distancia, erguem-se colinas verdejantes do lado da terra, que oferecem nova curiosidade para um botânico. O "côco de piaçaba"**; a que já me referi ao tratar de Mogiquicaba, cresce aí em grande abundância. As suas folhas, que se elevam quasi que perpendicularmente, parecem um penacho; o seu caule é alto e forte, mostrando-se altivamente acima das outras árvores. Em Mogiquicaba fabricam-se cordas com as fibras dessa planta; em Olivença fazem-se trabalhos com os frutos.

A Vila de Olivença se acha aprazivelmente situada sobre colinas bastante elevadas, e é cercada de espessas matas. O convento dos jesuitas se ergue acima dessa muralha de verdura. A costa, formada de rochedos extremamente pitorescos que avançam pelo mar a dentro,

(*) Cf. KOSTER, *Travels*, etc., em apêndice, p. 488. Marcgrave descreve tambem a árvore e dá-nos a sua figura em p. 123 e 124.

(**) Por uma inesperada casualidade dei-se de examinar com sufficiente attenção a palmeira piaçaba nas florestas de Ilhéus, para saber si as longas fibras de que falei nascem sobre os cachos dos frutos ou sobre os envólucros das folhas. Esperava encontrar essa bela árvore mais ao norte; entretanto, me enganhei.

(Suplem.). Como não posso dar, por observação própria, os necessários informes sobre a procedência das longas fibras da "piaçaba", quero pelo menos transmitir o que o Sr. Freyre me contou ter sabido dos índios. Segundo asseguram estes últimos, aquellas fibras se formam no raque das folhas e dos espádices, cujo crescimento acompanham, aumentando em largura e percorrendo às vezes o caule desde a base da copa até o solo. Os índios frequentemente subiram na planta, por causa dos frutos. Os cabos que se fabricam com aquellas fibras são muito duráveis e usam-se nas embarcações de toda essa porção da costa. O fabrico desses cabos é uma occupação muito lucrativa: os escravos encarregados de trazer as fibras ganham de 12 a 14 vintens por dia (um vintém valendo approximadamente 1/20 de florim).

é constantemente batida pelas vagas barulhentas que enchem de espuma toda a baía. Índios vestidos de camisas brancas ocupavam-se em pescar na praia. Havia entre eles alguns tipos muito belos. O seu aspecto lembrava-me a descrição que faz Léry dos seus antepassados, os Tupinambás. Os Tupinambás, escreve ele, são esbaltos bem conformados, têm a estatura media dos europeus, embora mais espadaúdos*. Perderam infelizmente as suas características originaes. Lastimei não ver avançar na minha direção um guerreiro Tupinambá, o capacete de penas na cabeça, o escudo de penas ("enduap") nas costas, os braceletes de penas enrolados nos braços, o arco e a flecha na mão. Ao envez disso, os descendentes desses antropófagos me saudaram com um "adeus" à portugüesa. Senti com tristeza as vicissitudes das coisas deste mundo, que, fazendo essas gentes perder os seus costumes bárbaros e ferozes, despojou-as também de sua originalidade, fazendo delas lamentáveis seres ambíguos. Em meu atlas vem representada fielmente uma família de índios, em viagem pela costa.

Vila-Nova de Olivença é uma cidade de índios, fundada pelos jesuitas há uma centena de anos. Nessa época, buscaram-se índios do Rio dos Ilhéus ou São Jorge para trazê-los para aqui. A Vila possui agora cerca de 180 fogos e todo o seu território conta com cerca de 1.000 habitantes. Com exceção do padre, do "escrivão" e de dois negociantes, Olivença não conta quasi com portugueses. Todos os demais habitantes são índios, que conservaram os seus traços característicos em toda a sua pureza. Vi, entre eles, varias pessoas muito idosas, cujo aspecto provava a salubridade do lugar, entre outras um homem que se lembrava de ter visto fundar a cidade e construir a igreja, havia cento e sete anos. Os seus cabelos ainda eram de um negro de azeviche, o que aliás é muito comum entre os índios velhos. Entretanto, o cabelo de alguns deles embranquece com a idade; mas isso não se dá com frequência nos indivíduos de raça pura e isentos de mistura com o sangue preto. Os índios de Olivença são pobres, mas em compensação têm poucas necessidades; como em todo o Brasil, a indolência é o traço distintivo do seu carater. Cultivam as plantas necessários ao seu sustento; tecem eles mesmos os panos leves de algodão de que fazem as suas vestimentas. Não se ocupam absolutamente com a caça, que em outros lugares é um dos principais passatempos dos índios, pois não têm pólvora nem chumbo, coisas que raramente se podem comprar em Villa-dos-Ilhéus, e que, por conseguinte, se têm que comprar por alto preço. Um dos principais ramos de indústria dos habitantes de Olivença é a fabricação dos rosários, que eles fazem com coquinhos de "piaçaba" e carapaças da tartaruga careta ("tartaruga de pente").

A família das palmeiras foi um dos mais uteis presentes que a Providência fez às regiões equatoriais. A piaçaba dá uma excelente madeira para construção; as suas fibras fornecem aos navegantes

(*) Tenho, habitualmente, nas citações de LÉRY, consultado a edição francesa; a alemã apresenta a desvantagem de trazer erroneamente escritos os termos brasileiros, e nem sempre seria possível ao Autor passar para o francês o que foi vertido para a lingua alemã.

cordame extremamente durável, que desafia tanto as tempestadas como a umidade ; seu fruto alimenta os habitantes de várias regiões deste litoral. A *Mauricia* fornece moradia e mobiliário para ela. A existência de toda uma tribu, os Guaranis, está ligada à existência dessa palmeira, segundo a expressão de Humboldt*.

Os frutos que se encontram nos gabinetes de história natural com o nome de *Cocos lapídea* parecem ser o da "piaçaba" : têm 4 a 5 polegadas de comprimento, são regulares e um pouco pontudos na extremidade anterior e de côr castanho escura. Nas mãos do torneador tomam um belo polido, donde a idéia de fazer rosários com êles. O maquinismo com que se torneia os côcos é muito simples : uma corda, ligada a um arco de madeira fixo ao teto, tem preso na outra ponta um páu que se põe em movimento com o pé, o que faz as vezes de roda ; divide-se a nôz em pequenos pedaços de dimensões convenientes para as contas do rosário, que são depois furadas e arredondadas. Um trabalhador pode fazer num dia uma dúzia de rosários que custam apenas 10 réis (7 centimos) cada um. Saindo das mãos desse operário, os "rosários" são amarelo pálido ; mandados para a cidade da Bafa, af são tintos de preto.

Fui ver os índios em suas choças ; a maioria deles trabalhava na confecção de rosários. As suas habitações, muito simples, não differem das que se encontram ao longo de toda a costa. Todas as suas coberturas são de folhas de "uricana", que substitue a palha. Em vez das folhas inteiras dos coqueiros, com que se cobre o alto das choupanas, para impedir a água de penetrar, empregam-se aqui as longas fibras da piaçaba. Essas cabanas, dispostas em linha nos flancos duma colina, estão em aprazível situação, desfrutando-se da vista do Oceano. Um pouco distante, para o interior, chega-se a um "campo" (planície sem árvores), donde se avista ao longe a Serra da Maitaraca, cadeia de montanhas que, assim como todas as dessa região, encerra, segundo dizem, muito ouro e pedras preciosas.

Como a falta de gosto desses índios pela caça não me deixava esperar grande auxílio da parte deles nas minhas excursões através das matas, prosegui na minha viagem após uma pequena demora, e, percorridas as 3 léguas, cheguei ao Rio dos Ilhéus. A estrada era muito agradável ao frescôr da manhã. Foi preciso aguardar a hora da vazante para caminhar pela praia arenosa, lisa e firme ; nela se viaja com muita facilidade. Encontramos algumas habitações ; os coqueirais, que as cercam, fazem-nas distinguir no meio da vegetação rasteira. A meio caminho atravessa-se a vau um pequeno riacho denominado "Cururupe" ("Cururupe"), sapo inchado, na velha lingua brasílica, em que "cururú" significa sapo). Uma ponta de rochedo, avançando pelo mar, estava coberta por uma *Posoqueria***, lindo arbusto de 6 a 8 pés de altura, com folhas rijas, verde escuras ; suas flores cheirosas se distinguem

(*) *Ansichten der Natur*, tomo I, p. 27.

(**) (Suplem.). *Posoqueria revoluta* Schrada, em *Göttingischen gelehrten Anzeigen*, fasc. 72, de 5 de Maio de 1821, p. 714.

pelas compridas corolas de 6 polegadas de comprimento ; não observei essa planta mais ao sul. As praias dessa região são pobres em conchas ; observei em alguns pontos pequenos fragmentos de um fóssil leve, avermelhado, esponjoso, rolado pelas águas do mar ; já o observara atentamente, reconheci ser um tufo vulcânico esponjoso, com mistura quasi imperceptível de anfibólio basáltico, conhecido da Ilha Ascensão*.

Depois de transpormos uma ponta de terra, fomos agradavelmente surpreendidos pelo inesperado espetáculo do pequeno e lindo porto de Ilhéus. O rio desse nome se lança aí no mar, depois de ter bruscamente inflitado para o sul, entre duas rochosas colinas muito pitorescas, onde crescem coqueirais. Diante da embocadura do rio, vêm-se pequenas ilhotas pedregosas, de que o lugar tirou o seu nome, pontas de terra fecham o porto da cada lado ; na do norte, entre o rio e a costa marítima, bela bacia tranquila e bem abrigada, cuja vista, já de si pitoresca, é realçada por um conjunto de coqueirais. Ao pé dos majestosos coqueiros, cujos elegantes cimos lindamente se balançam no ar, crescem duas pequenas plantas, uma *Calceolaria* e uma *Cuphea***, ambas desconhecidas dos botânicos. Do lado da terra, elevam-se espessas florestas, e, do lado da vila, uma colina coberta de vegetação, dentre cuja sombria folhagem emerge a igreja de Nossa Senhora da Vitória. Do alto dela, avista-se um dos mais belos panoramas imagináveis, cuja representação um minha 18ª. estampa devo à bondade do snr. Sellow. O contraste dessa natureza, alegre e serena, com as vagas do oceano, rolando sem cessar com um surdo ruído, para se quebrarem, espumando, de encontro aos rochedos, é de efeito admirável.

Vila-dos-Ilhéus é um dos mais antigos estabelecimentos do litoral do Brasil. Depois que Cabral mandou dizer a primeira missa em Santa Cruz e desembarcou em Porto Seguro, foi fundada a colônia de São Jorge. Francisco Romeiro lançou em 1540 as fundações da Vila-dos-Ilhéus, depois de concluir um acordo amigável com os Tupiniquins, que habitavam o lugar***. A colônia creceu e tornou-se florecente ;

(*) O gabinete do Sr. Blumenbach de Goettingen contém vários exemplares d'esses fósseis. provenientes da ilha de Ascensão. O Sr. Cunningham também descreveu-o em "Transactions philosophiques", tomo XXI, p. 300. As correntes marinhas trazem esse fóssil para as costas do Brasil, da mesma forma que levam as sementes de mimosas e outras plantas tropicais para as costas da Inglaterra e da Noruega. Como estou a ponto de deixar a costa do Brasil para me afundar no interior das terras, vou enumerar sucintamente as diversas espécies de conchas que encontrei, nas praias desde o Rio de Janeiro até Ilhéus, por conseguinte entre o 23º e o 15º grau de latitude sul. Algumas conchas fluviais se encontram também entre elas :

Lepas tintinnabulum ; *Pholas candida* ; *Tellina rostrata* ; *Cardium flavum* ; *Macra striatula* ; *Donax denticulata* ; *D. cuneata* ; *Venus paphia* ; *V. gallina* ; *V. lacta* ; *V. castrensis* ; *V. phryne* ; *V. affinis* ; *V. concentrica* ; *Spondylus plicatus* ; *Chama gryphoides* ; *Arca Noe*, *A. barbeta* ; *A. decussata* ; *A. aequilatera* ; *A. indica* ; *A. rhomboides* ; *Ostrea edulis* ; *Mytilus edulis* ; *Pinna nobilis* ; *Conus stercus muscarum* ; *Cypraea carnea* ; *C. caurica* ; *Bulla Ampulla* ; *B. Velum* ; *Voluta Auris Malchi* ; *V. Auris Sileni* ; *V. Oliva* ; *V. hiatalis* ; *V. Ispidula* ; *V. Glabella* ; *V. bullata* ; *Buccinum Galea* ; *B. tuberosum* ; *B. decussatum* ; *B. Harpa* ; *B. haemastoma* ; *B. porcatum* ; *B. fluviatile* ; *Strombus Lucifer* ; *S. Bryonia* ; *Murex Lohorium* ; *M. Mario* ; *M. Trapezium* ; *M. Aluco* ; *Trochus radiatus* ; *T. distortus* ; *T. americanus* ; *T. obliquatus* ; *Turbo stellatus* ; *Helix Peltis serpentina* ; *H. ampulacea* ; *H. ovalis* ; *H. aspersa Müller* ; *Nerita Cairena* ; *N. Mamilla* ; *N. fluviatilis* ; *N. littoralis* ; *Patella saccharina* ; *P. striatula*.

(**) (Suplem.). A "*Calceolaria*" é *Physidium procumbens*, Schrader, op. cit., p. 714 ; a outra é *Cuphea fruticulosa* Schrader, op. cit., p. 715.

(***) (Suplem.). Southey, *History of Brazil*, tomo I, p. 41.



(Est. 18).

Vista da Vila e do Porto de Ilhéus.



mais tarde, porém, sofreu muitas incursões dos "Aimorés", hoje conhecidos pelo nome de "Botocudos". Em 1602, na "capitania" da Baía, foi feita a paz com essas tribus. Mas o tratado só foi cumprido em Ilhéus no ano de 1603; de acordo com as condições do mesmo, foram construídas para esses selvagens, dois aldeamentos para que ali morassem. Os restantes desses índios têm em parte o nome de "Guerens" (em francês "Guerins"). A colônia, em seguida foi decaindo cada vez mais, de sorte que, em 1685, estava em extrema decadência e já hoje nenhum vestígio mostra da antiga prosperidade. Seu último sustentáculo desapareceu com a ordem dos jesuitas, pois deles é que provêm todos os monumentos antigos que ainda se conservam. O convento pesado, que é a construção mais importante da Vila, foi edificado em 1723; está hoje inteiramente vazio e já muito deteriorado: em alguns pontos não existe mais telhado; os muros são de tijolo e pedra calcária; as numerosas conchas que nesta rocha se encontram denotam-lhe a origem. Pode-se ainda contar, entre os monumentos dos Jesuitas, um belo poço sólidamente construído e coberto por um alpendre. Apesar de todo o mal que os Jesuitas fizeram, deve-se confessar que a maior parte das instituições cultas e beneficentes da América Meridional lhes são devidas. Vila-dos-Ilhéus se compõe de pequenas casas cobertas de telhas, em parte mal tratadas, em decadência ou abandonadas; as ruas são mais ou menos regulares, cobertas de capim; somente aos domingos e dias de festa é que nelas se observam movimento e vida; vêm-se então algumas pessoas reunidas, pois os habitantes das redondezas acorrem à Vila para a missa. Há três igrejas. A de Nossa Senhora da Vitória, situada, como já disse, dentro da mata, foi construída, segundo a tradição supersticiosa do lugar, para conservar a memória de um milagre. Desejava-se construir uma igreja na Vila, e para tanto já se havia aparelhado uma viga colossal; numa certa manhã, descobriu-se essa enorme peça de madeira no alto da montanha vizinha, e viu-se, nesse prodígio, um sinal certo da vontade de Nossa Senhora, que desejava ter a sua igreja naquelas alturas; tratou-se de atendê-la. Contam-se três eclesiásticos em Vila-dos-Ilhéus, o primeiro é chamado "padre vigário geral". Entre os monumentos da história antiga de Ilhéus, notam-se restos do tempo em que esteve na posse dos holandeses, entre os quais três redutos junto da entrada do porto, e, na praia, uma grande pedra de lioz em forma de rebolo que, dizem, serviu para moer pólvora.

O tráfico dessa colônia com outros portos do Brasil são de pouca importância. Algumas "lanchas" ou "barcos" fazem um pequeno comércio de produtos das plantações e das florestas vizinhas com a cidade da Baía. Cultiva-se apenas a "mandioca" bastante para o consumo dos habitantes; eis por que acontece às vezes ao estrangeiro não achar o que comer. Tem-se menos ainda o com que matar a fome que em outras vilas mais ao sul, pois na estação quente rareia até o peixe; na estação fria, isto é em abril, maio, junho, julho, agosto e setembro, as águas são mais produtivas. Exporta-se de Ilhéus um pouco

de arroz e certa quantidade de madeiras, sobretudo o belo "jacarandá" (*Mimosa*) e o "vinhático". Vêm-se poucos engenhos de açúcar no Rio-dos-Ilhéus; são mais comuns os que se chamam "engenhocas", isto é os que só fabricam "melado" e aguardente; entre aqueles, o da Fazenda de Santa Maria merece ser citado; essa Fazenda possui terras com 20 léguas de extensão, e tem 270 negros; pertenceu aos Jesuítas. Ligadas ao engenho de açúcar, vêm-se as machinas para beneficiar arroz e algodão, movidas a água; fizeram-nas recentemente concertar por um inglês e foram dotadas de rodas horizontais. Só há um outro engenho de açúcar nessa região que tenha também uma máquina para beneficiar arroz.

A Vila-dos-Ilhéus, pela sua vantajosa situação na "barra" do rio, e pelo seu porto bem abrigado, embora pequeno, tem as maiores facilidades para fazer um ativo comércio. O rio não é muito caudaloso, pois a sua nascente se acha a pouca distância no interior das florestas; pouco acima da Vila ele se divide em dois ramos. O mais septentrional, denominado Rio do Fundão, é o menos comprido e importante; o médio ou o principal, Rio da Cachoeira, vem das grandes matas que cobrem o interior do "sertão" da "capitania" da Baía; o mais ao sul é o segundo em volume d'água. A "fazenda" de Santa Maria, situada em suas margens, fez com que lhe dessem o nome de Rio do Engenho.

Curioso por conhecer os índios do Rio dos Ilhéus, resolvi visitar o Rio Itapé (comumente chamado Taípe), que tem a sua embocadura uma meia légua ao norte da do Rio-dos-Ilhéus. Desde há muito tempo, construíram aí um estabelecimento para os "Guerens" tribu dos "Aimorés" ou "Botocudos"; ela tem o nome de Almada. Chega-se a esse aldeamento após um dia de viagem, subindo o rio desde a sua embocadura; a estrada é muito aprazível e oferece muitas oportunidades aos caçadores.

O Taípe é a princípio um rio de muito pouca importância; ornamente as margens muitas "fazendas" de lindo aspecto; todas são cercadas de coqueiros e algumas delas de bosques dessa palmeira. Quasi todos os moradores possuem nas margens do rio, os seus "curraes" ou "gambôas"³⁷⁶, invento muito engenhoso de apanhar peixe, já referido na primeira parte desta descrição de viagem. Pesca-se muito nessas paragens. As tartarugas do rio abundam; já falei delas a respeito do Rio Belmonte**.

(*) A "gambôa" ou "curral" é construído da seguinte maneira: fixa-se na terra, nas margens do rio, uma fila de varas formando um cercado que desce até o fundo d'água. A extremidade está bastante afastada da beira do rio para que se possa dispor em torno dela três compartimentos arredondados, feitos também de varas, e arranjados de maneira que o peixe possa neles entrar facilmente, e, uma vez preso, não encontre modo de sair. Visto do alto, um desses currais tem a forma de uma folha de trevo cujo pedicelo é perpendicular à margem do rio.

(**) Denomine-se *Testudo depressa*; O Sr. Merrem deu-lhe o nome de *Emys depressa* em seu "Sistema dos anfíbios", p. 22; é uma espécie inteiramente nova que vou descrever em resumo. Corpo muito achatado, pescoço alongado que não se pode esconder e que o animal coloca entre os bordos da carapaça e os do plastron; duas barbilhas em volta do mento; o disco da carapaça apresenta três placas hexagonais, orladas de dez outras maiores; as dos bordos são em número de vinte e cinco, sendo a externa estreita e alongada; o plastrão é composto de treze placas, a abertura posterior ocupando

Ouvimos nas matas vizinhas o suave assovio do pequeno "sauí" (*Jacchus penicillatus*, Geoffroy), que as percorrem em bandos. Os habitantes das redondezas costumam criar os filhotes desses delicados animais; si bem que os consigam domesticar, conservam quasi sempre grande disposição para morder. Seriam muito apreciados na Europa e levados para aí freqüentemente si pudessem suportar a viagem pelo mar.

Encontra-se no Rio Taípe um engenho de açúcar e varias engenhocas, onde se fabrica aguardente. A qualidade mais comum no Brasil é a chamada "aguardente-de-cana", a que é um pouco mais bem distilada se chama "aguardente-de-mel", e a melhor de todas, vinda da Baía, "cachaça"³⁷⁷. Trazem da Europa várias espécies de bebidas fortes, como por exemplo a "aguardente-do-reino", que vem de Portugal, a "genebra" da Holanda, o "rum", etc.

Nas fazendas do Taípe, cultiva-se mandioca, arroz, cana de açúcar, etc.; mas, conforme eu já disse, não se produz mandioca em quantidade bastante para fornecer à Vila-dos-Ilhéus, prova manifesta da indolência e da falta de indústria dos habitantes. Contentam-se em ter um pouco de farinha, peixe e carne seca, e, às vezes "caranguejos", que obtêm nos mangues ao redór. Muito poucos são aqueles que pensam em melhorar a sua condição ou cultivar melhor a terra. A sua incúria vai ao ponto de lhes ser indiferente ganhar dinheiro. O café dá muito bem nas margens do rio, e, mesmo assim, plantam-no muito pouco. O comércio desse produto é insignificante, e o café, tão estimado e procurado entre nós, tem um preço insignificante na Vila-dos-Ilhéus.

Só as partes inferiores do rio apresentam fazendas e casas; subindo-se o rio, vêm-se apenas, dos dois lados, altas florestas; nos trechos em que estão não existem as margens estão em geral cobertas de relva, que ora cobra pitorescos montes, ora risonhas colinas. Do seio das mais altas florestas, emergem os cimos dos coqueiros. Uma porção de plantas aquáticas formam em cada margem espessa tapagem, de

na fêmea quasi todo o comprimento da cauda que é muito curta; a do macho é mais comprida; as patas dianteiras têm cinco dedos ligados por uma membrana; as trazeiras só têm quatro; todas são armadas de unhas fortes e agudas. A cor dessa tartaruga é oliva escuro, a parte de baixo do pescoço amarelo pálido, com manchas e listas escuras por trás das barbilhas; uma delas tem a forma de uma ferradura. A carapaça é comumente coberta por um bissus verde escuro carregado; quando limpo, parece bruno com listas negras que se irradiam da extremidade superior de cada placa até á sua extremidade inferior ou anterior; na parte anterior de cada pata trazeira, vê-se em frente da articulação inferior uma apófise córnea amarelada, semelhante uma unha um pouco compridada.

Encontrei nos alagadiços e nos campos inundados do Espírito-Santo uma pequena tartaruga muito parecida com esta pelos seus principais caracteres, mas que dela se differencia pela sua carapaça mais estreita, menos achatada e um pouco levantada nos bordos; as placas do palstrão são atravessadas por linhas paralelas e a parte inferior do pescoço é amarelo pálido sem mancha. Tais differenças são tão pequenas que não sei si se deve considerar essa tartaruga como uma espécie particular ou como uma *Testudo depressa* ainda jovem. É notável que a maioria das tartarugas d'água doce da América Meridional parece pertencer ao grupo desses animais caracterizados por barbilhas ou apêndices membranosos embaixo do mento. Em todos os pontos do Brasil que percorri, só encontrei tais tartarugas de água doce. Humboldt parece que diz a mesma coisa a respeito dos rios situados mais ao norte. Podem-se ler os detalhes interessantes que elle fornece sobre a procura dos ovos de tartaruga no Orenoco, na pag. 243 da primeira parte do segundo volume da edição franceza da sua descripção de viagem, onde são descritas duas espécies novas, *Testudo Arrau* e *Testudo Terekay*, que muito se parecem com as que encontrei.

(377) "Cachaça" no original.

onde surge a "aninga" (*Arum liniferum*, Arruda). Essa planta, com as suas hastes cônicas afiladas no alto, com 7 a 8 pés de comprido, e suas grandes folhas sagitadas, constitui um arranjo singular. Piso representou-a fielmente na pag. 103, capítulo LXX do 4 to. livro seu tratado (*De Facultatibus simplicium*).

Várias aves vivem nessas plantas aquáticas, entre outras o tordo de pescoço amarelo e nú (*Turdus brasiliensis*)³⁷⁸, a "piaçoca" (*Parra jacana*, Linn.), e a linda franga d'água azul (*Gallinula martinicensis*)³⁷⁹, que não viamos havia muito tempo. Essa ave tem uma plumagem magnífica, e se assemelha perfeitamente, por seu modo de vida, à nossa *Gallinula chloropus* alemã; ela também nada muito bem, saltando sobre as hastes e os ramos das plantas aquáticas. O grande "miuá" (*Plotus melanogaster*)³⁸⁰ era comum nessas paragens, sendo, porém, menos assustadido que os dos rios mais meridionais; matámos muitas deles, assim como a linda "pica-para" (*Plotus surinamensis*, L., ou *Podoa*, Illiger)³⁸¹, que transporta os seus filhotes implumes debaixo das asas, como o mergulhão (*Podiceps*).

As lontras oferecem também nesse rio um agradável passatempo para o naturalista. Vivem em sociedade, e aproximam-se a nado das embarcações até o alcance do tiro; algumas vezes se erguem acima das águas, respiram fortemente, fazendo ouvir um ruído singular. Às vezes aparecem com um grande peixe na boca, como si quizessem exibir a sua presa, e depois entram n'água de novo, prontamente. E' raro serem apanhadas, pois o tiro não as fere mortalmente e, uma vez atingidas, não mais se vêm.

As margens de todos esses rios alimentam também capivaras; mas esses animais não são aqui tão numerosos como nas zonas situadas mais próximo do equador, uma vez que Humboldt os encontrou no Apuré e no Orenoco, em bandos mesmo de sessenta a cem. Segundo o testemunho desse ilustre viajante*, a capivara come peixe, afirmação de que me sinto obrigado a duvidar.

Nesse trecho do rio, há um pequeno canal lateral, aberto através da mata, que corta uma grande volta do rio e abrevia, portanto, o

(*) V. von HUMBOLDT, *Voyage au Nouveau Continent*, t. II, cap. XVIII, p. 217.

(378) *Turdus brasiliensis* Gmelin (1788), sinônimo de *Turdus atricapilla* Linn.. O nome atual da ave, pertencente à família dos Mímidas (vizinha dos Túrvidas), é *Donacobius atricapilla* (Linn.). O primeiro a noticiá-la na literatura científica foi Marcgrave (p. 212), sob o nome de "Iapacani", hoje, no que parece, desusado e substituído por variadas apelações, como "casaco de couro" (comum a muitas outras aves), "pássaro angú", "viola", etc..

(379) *Porphyryla martinica* (Linn.). "franga d'água", contraditória não só em todos Estados do Brasil, como ainda no norte da Argentina, nos Estados Unidos e nos países intermédios. Cf. O. Pinto, *Rev. Mus. Paul.*, XIX, p. 75 (1935).

(380) *Anhinga* Brisson, 1760, usado de preferência a *Plotus* Linn., 1766.

A espécie sul-americana é *Anhinga anhinga* (Linn.), enquanto que *A. melanogaster* (Gmelin) é exclusivamente asiática e malásica.

(381) *Plotus surinamensis* Gmel., sinônimo de *Colymbus fulca*, Bodd., *Heliornis fulica* (Bodd.) a nomenclatura atual.

caminho para as canoas leves ; é muito razo durante a vazante, que ainda se faz sentir fortemente a essa distância, e algumas vezes mesmo não se pode por ele passar ; mas, na cheia, não se tem a menor dificuldade. Mais acima, o rio lança um braço, em direção do norte, para um grande lago que se estende por duas milhas entre lindas montanhas.

Essa "lagoa", como impropriamente a chamam é afamada em toda a redondeza por ser muito piscosa ; fazem-se aí, algumas vezes, grandes pescarias ; vários habitantes de Ilhéus têm plantações nas suas margens ; esta tem perto de 2 milhas alemãs de comprimento e 1 de largura. Os morros, cobertos de matas e muito pitorescos, que a cercam, contêm plantações em alguns dos trechos sem vegetação. Durante o dia, uma pequena brisa ("viração") se levanta sobre a vasta superfície da lagoa, agitando as suas águas com tamanha violência que põe em perigo as canoas. Dizem que, antigamente, ela se comunicava com o mar, o que me parece muito provável. Um trecho baixo, entre duas colinas pouco elevadas, ao longo da margem virada para o lado do Oceano, parece ter sido o ponto de comunicação, mais tarde coberto pela areia, ou a "barra". Dizem também que são comuns na "lagoa" varias conchas marinhas, e que, em certas partes de suas margens, observam-se rochedos perfurados, com orifícios redondos e em forma de funil, como os que formam os parcsis ao longo da costa marítima : esses orifícios têm o nome de "caldeiras".

No ponto em que o Taípe entra na "lagoa", as suas margens são guarnecidas por grandes tufos de aninga, sobre cujas hastes poissam bandos de pequenas garças, de sabacús (*Cancroma cochlearia*, L.) e de "socó boi" (*Ardea virescens*, Linn.). Essas aves se conservam suspensas acima da superfície das águas, para caçarem peixes, insetos ou as larvas destes. Logo na entrada do rio, vê-se uma ilha fixa que, a princípio, flutuava na superfície do lago : é formada por plantas aquáticas, sobre as quais cresceu uma relva, que deu origem a outros vegetais. Muitos dos grandes lagos da Europa apresentam fenómeno semelhante. A ilha, a que me refiro, está apoiada numa das margens do lago junto à entrada do Taípe, e aí se fixou. Os habitantes de Vila-dos-Ilhéus costumam vir aproveitar a riqueza em peixes desse "lagoa" ; passam muitos dias nas suas margens e voltam para casa levando abundante pescado.

A beleza e a utilidade desse lago lhe emprestam tão grande valor aos olhos dos habitantes do lugar, que é uma das primeiras coisas de que falam aos viajantes que chegam. Misturam-se muitas lendas a essas histórias sobre o lago, sobre a sua origem, a zona que os cerca e os fenómenos que exhibe ; costumam exagerar-lhe o tamanho e os benefícios. Dizem que as montanhas vizinhas são ricas em ouro e pedras preciosas ; situou-se mesmo no seio das solidões dessas montanhas um Eldorado fabuloso, um país em que não ha necessidade de muito trabalho para se adquirirem grandes riquezas. Os aventureiros europeus, ávidos de ouro, excitados por essas narrativas fabulosas, se arriscaram a percorrer todas as partes do Novo Mundo à procura desse paraizo

tão ardentemente desejado ; para achá-lo, penetraram nas mais distantes florestas desse vasto continente e muitos nunca voltaram.

Devem-se, portanto, a essa séde de ouro dos espanhoes e portugueses as poucas noções incompletas que se possuem sobre o estado e a geografia dessas solidões interiores da América meridional. A maior parte dos países desse continente têm a tradição de serem regiões que encerram no seu interior grandes riquezas em ouro : La Condamine falamos de um "Dorado" ou duma "Lagoa dorada"* . Humboldt** e outros escritores também os mencionam ; tradição semelhante reina nas margens do Mucuri e do Rio-dos-Ilhéus. A crença, entretanto, na existência desses países maravilhosos diminuiu muito, presentemente, entre os lavradores da América meridional, pois a pobreza geral dos mineiros que procuram ouro leva à immediata conclusão de que a cultura da terra, nessas zonas tão favorecidas pela natureza, é o meio mais seguro para se conseguir sólida fortuna.

Voltámos da lagoa para o Rio Taípe, cujo braço principal percorremos, subindo para o oeste o seu curso sinuoso, através das matas, até um ponto em que o seu curso diminue consideravelmente. Aproximava-se a noite ; uma grande ave, o ibis verde brilhante (*Tantalus cayennensis*)³⁸² errava pela mata sombria, fazendo ouvir o seu forte grito, exatamente como a galinhola nas florestas da Europa. Sua voz forte retinha ao longe na solidão tranquila. Já era noite quando cheguei a Almada, último povoado que se encontra quando se sobe o Taípe. Fui recebido da maneira mais amigável possível pelo Sr. Weyl, proprietário, havia pouco chegado da Holanda.

Almada, agora, apenas indica o local onde, há uns sessenta anos, se tentou fundar uma "aldeia" de índios. Uma tribo, de descendente dos "Aimorés" ou "Botocudos", conhecida nos rios Itaípe e Ilhéus pelo nome de "Guerens", consentiu que se fundasse um estabelecimento, com a condição de que lhes dessem terrenos e habitações. A proposta foi aceita ; construíram-se cabanas e uma pequena igreja ; um padre e vários índios do litoral vieram habitar a aldeia. Esse estabelecimento fracassou. Os "Guerens" morreram todos, com exceção dum velho chamado "capitão" Manoel, e de duas ou três velhas ; ultimamente, levaram os índios do litoral para povoar a Vila de São Pedro d'Alcantara que, também, está próxima do seu fim.

Vários escritores afirmam que os "Guerens" são realmente descendentes dos "Botocudos" ; a perfeita semelhança da língua desses dois povos prova-o indiscutivelmente. Pessoas que há trinta anos os viram,

(*) DE LA CONDAMINE, Voyage, etc., ps. 98 e 122.

(**) Sobre uma "Laguna del Dorado" no Orenoco, veja-se von HUMBOLDT, *Ansichten der Natur*, p. 293. Arrow Smith figurou-a em sua carta.

(382) *Mesembrinibis cayennensis* (Gmel.), da actual nomenclatura. Ocorre desde o norte da Argentina até a Colômbia e as Guianas, afeiçoando-se sempre às regiões vestidas de mata, donde lhe haver chamado Vieillot *Ibis sylvatica*. Em minhas peregrinações ornitológicas pelo interior do Brasil, só me recordei de havê-lo encontrado em Goiás (Inhumas), pelo que pode considerar-se espécie já relativamente escassa.

dizem que, então, usavam batoques na orelha e no lábio inferior, e os cabelos cortados em corça como os "Botocudos". A tribo, pertencente aos Aimorés, que em 1685 expulsou os índios "Tupiniquins" da "capitania" da Baía, e da qual uma parte devastou Ilhéus, Santo-Amaro e Porto-Seguro, pertencia aos "Guerens". Alguns deles voltaram para as suas matas, outros concordaram em morar em habitações fixas*.

O aspecto exterior do "capitão" Manoel deixa ver que ele descende dos "Botocudos"; já não usa, todavia, a ornamentação característica dessa tribo; suas orelhas e o lábio não são desfigurados por placas de madeira e ele deixa o cabelo crescer até a nuca. Manifestou, porém, grande predileção pela sua gente e sentiu uma enorme satisfação quando me ouviu pronunciar algumas palavras de sua língua. Aumentei ainda a sua alegria e a sua curiosidade quando lhe disse que trazia comigo um jovem botocudo, que não se separara de mim; lastimou muito não o poder ver, pois eu o deixara na Vila. Falava dele constantemente. Esse velho conserva sempre o seu arco e as suas flechas, como recordação dos seus velhos tempos. Está afeito à fadiga, é ainda vigoroso e capaz de caçar nas florestas, apesar da sua avançada idade. Aprecia a aguardente acima de tudo. A chegada do Sr. Weyl foi para ele o acontecimento mais feliz que podia desejar. Nunca, na casa desse homem generoso, deixou de soar a hora em que lhe distribuíam a divina bebida. Tampouco o "capitão Manoel" conheceu em Almada tempos tão felizes.

O Sr. Weyl, que escolheu recentemente esse local para as plantações que pretende fazer, é proprietário de terras que medem uma légua quadrada e que foram destinadas à instalação dos "Guerens". Não tendo tido ainda tempo de construir uma casa para si e sua família, aproveitou-se de uma das que foram construídas para os índios. Destas só restam umas três, que são os últimos vestígios da Vila de Almada. O Sr. Weyl pretende fundar aqui uma grande fazenda; todas as circunstâncias parecem favorecer-lo. Plantará principalmente café e algodão, que dão perfeitamente nessa zona, onde a maioria das plantas, pelo seu crescimento vigoroso, denunciam a excelente qualidade do solo e do clima, e onde as matas estão cheias das mais belas espécies de madeiras.

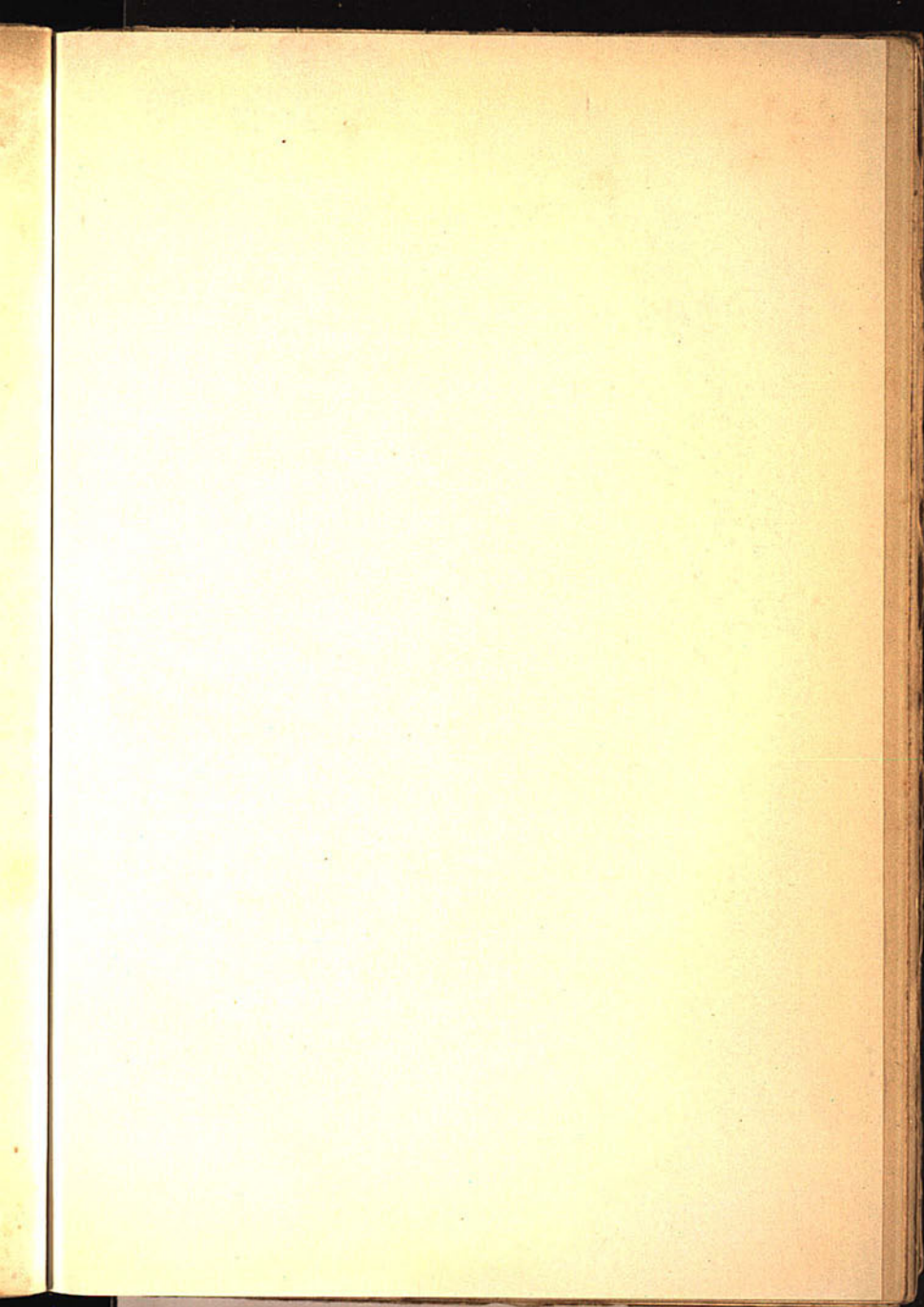
O novo colono espera construir para si uma casa, assim como uma igreja, no alto duma colina donde a vista é admirável. Do lado do norte, vê-se a "lagoa" entre dois morros cobertos de matas e muito pitorescos; por traz dele, se ergue o monte denominado "O Queimado": dizem que, durante muito tempo, os mineiros retiraram daí muito ouro e muitas pedras preciosas. O horizonte, além dessas elevações, é limitado pela Serra Grande, cadeia de montanhas que se prolonga em direção ao mar, escondendo à vista as florestas que o Rio das Contas atravessa. À esquerda, vê-se ao longe o sertão que confina com Minas Gerais; montanhas cobertas de matas se elevam, umas sobre outras, nessas extensões desertas. Nessas matas do sudoeste é que passa a

(*) SOUTHEY, *History of Brazil*, vol. II, p. 562.

estrada aberta até Minas Gerais pelo "tenente-coronel" Filisberto Gomes da Silva, e que eu projetei percorrer.

As cercanias de Almada são também muito pitorescas : o Taípe se divide em vários ramos pequenos que lhe trazem o tributo de suas águas, saindo dos vales sombrios e precipitando-se por sobre as pedras, murmurando e formando pequenas "cachoeiras". Abaixo do flanco escarpado da elevação em que será construída a casa, o rio se lança ruidoso por sobre os obstáculos que lhe opõem os rochedos, formando aí uma pequena cascata. O espetáculo dessa natureza grande, majestosa e selvagem, compensará o Sr. Weyl da corajosa resolução de deixar a sua pátria para vir viver unicamente com a sua família nessas remotas paragens. O homem instruído encontra sempre passatempo e ocupação ; mas, entre todas as classes, é ao naturalista que cabe a maior vantagem sobre os outros ; que campo imenso de observações, que fonte inesgotável de satisfações puras não lhe ofereceria essa morada solitária nas nascentes do Taípe !

Passsei em Almada um dia delicioso em companhia do Sr. Weyl e sua família. Regressei em seguida à Vila, onde procedi imediatamente aos preparativos necessários para percorrer o sertão de Minas Gerais pela estrada aberta, a partir do porto, dois anos atrás. Foi muito dispendiosa a abertura dessa estrada através das matas, e, nesse curto espaço de tempo, já se encontra inteiramente abandonada. Destinava-se a estabelecer comunicações entre os territórios interiores das "capitanias" de Minas Gerais e Baía e os portos marítimos, para transportar para esses os seus produtos e por eles receber as mercadorias de que necessitassem. Alguns negociantes de gado vieram, com efeito, do sertão até Ilhéus com as suas suas "boiadas" ; mas não acharam a quem vendê-las, nem como embarca-las para a cidade da Baía. Foram obrigados a vender por ínfimo preço o seu gado. Depois, como os animais estragassem as plantações dos habitantes de Ilhéus, estes os caçaram a tiros. O fracasso de tal empreza dissuadiu os vendedores de gado de realizarem outras tentativas. Desde então, ninguém mais frequente essa estrada, que está hoje tão obstruída de mato, espinhos e árvores novas que um viajante a cavalo, somente com a foice e o machado, pode abrir caminho através dela ; por conseguinte, animais de carga não podiam caminhar por tal estrada. Não obstante, convencido de que nas montanhas do interior da "capitania" da Baía eu haveria de encontrar exemplares naturais inteiramente diferentes dos do litoral, decidí-me a empreender tão penosa viagem.





Viagem de canoa pelo rio dos Ilhéus.

VIAGEM DE VILA DOS ILHEUS A SÃO PEDRO
DE ALCANTARA ULTIMO POVOADO RIO ACI-
MA — PREPARATIVOS PARA A VIAGEM PELO
SERTÃO, ATRAVÉS DAS MATAS.

Viagem para São Pedro, através da mata. — Noite em Ribeirão dos Quiricos, com a ponte destruída. — São Pedro de Alcântara. — Viagem rio abaixo até à vila. — Semana de Natal e festas. — Regresso a São Pedro. — Preparativos para a longa viagem através da mata virgem.

Fui muito bem acolhido na Vila dos Ilhéus pelo Snr. Amaral "juiz" do lugar; vantagem essa aliás que desfrutei em toda parte. O Sr. Amaral muito se empenhou por me prestar auxílio, tornando menos sensível a falta de recursos de que sofria a "vila"; teve a bondade de mandar vir de sua "fazenda", situada na "lagoa" grande, farinha e outros víveres para o meu pessoal.

O Sr. Fraser, que viera de Belmonte comigo, tendo encontrado um navio prestes a zarpar para a Bafa, aproveitou-o.

Verifiquei não haver conveniência em permanecer na "vila", porque os brasileiros que eu contratara para me acompanharem na travessia das florestas, eram todos grandes bebedores de aguardente e deram ocasião a várias cenas desagradáveis. Resolvi, por conseguinte, apressar os preparativos da minha viagem, afim de inicial-a logo que pudesse. Um mineiro, que se achava na Vila de Ilhéus, concertou as "cangalhas" dos meus animais de carga, que a longa viagem por terra, do Rio de Janeiro até aqui, havia posto em muito mau estado. Reparalas era tanto mais importante quanto esses animais iam empreender, muito mais carregados, uma travessia por matas inteiramente deshabitadas: as caixas e os fardos batem frequentemente contra os troncos, e esses choques os arrebentam e estragam, si a cangalha não fôr macia e reforçada e a carga bem equilibrada.

A grande viagem que eu ia fazer pelas matas exigia também outras providências. Como no percurso de quarenta léguas através de zonas pouco freqüentadas eu não esperava encontrar nenhuma habitação humana, era preciso levar a provisão de farinha de mandioca, "carne seca" e aguardente. Um dos burros foi carregado, portanto, com um barril desse líquido aqui tão indispensável; dois outros levaram víveres, guardados em sacos de couro ("broacas"). Finalmente, cada qual dos meus índios levava às costas sua provisão de farinha para seis ou oito dias. Haviam-me prevenido de que, nessa estrada obstruída por mata-

gais, eu não poderia caminhar sem o recurso de machados e foices; mandei, por conseguinte, fabricar várias dessas ferramentas de boa qualidade, e confiei-as a Hilario, Manuel e Inácio, três homens que eu contratara para a viagem. O primeiro era um mameluco, o segundo um mulato de notável força, afeito à fadiga e acostumado a percorrer as florestas, e o terceiro um índio.

Terminados esses arranjos, mandei carregar algumas grandes canoas com as nossas bagagens, e partí da Vila a 21 de dezembro. A estrada de Minas Gerais, à beira-mar, acompanha subindo o curso do rio, e a uma légua e meia de Ilhéus penetra nas matas ininterruptas. Desembarquei, à noitinha, numa "fazenda" onde os meus cargueiros, para aí mandados alguns dias antes, descançaram e refizeram as forças em pastos excelentes. Encontrei nesse local um "mineiro" chamado José Caetano, que fazia uma derrubada nas matas vizinhas e levava consigo dois jovens selvagens da tribo dos "Camacans" ou "Mongoiós". Terei ocasião de falar mais adiante desse homem, que tomei por minha conta durante algum tempo. Como me informasse de que uma ponte dessa estrada se achava em mau estado, mandei na frente seis dos meus homens com machados para examinarem o local e, em caso de necessidade, construir em uma ponte provisória ou um pranchão para facilitar a passagem. Encarreguei também dois dos meus caçadores de acompanhá-los para lhes fornecerem caça; fiquei com o restante da minha tropa na "fazenda" de um certo Simão, de onde fizemos varias excursões pela mata.

A pouca distância da casa do dono da "fazenda", um pequeno "córrego" se precipitava do alto das pedras, entre moitas cerradas de *Heliconia*, *Cocos*, e outras belas plantas correndo para o rio. Havia nesse sítio uma sombra muito fresca e agradável, onde aparecia em abundância um mimoso passarinho que, a qualquer hora do dia, fazia ouvir um canto breve, porém bastante agradável. Já em Belmonte, encontrara esse cantor dos bosques ermos e sombrios, entre os rochedos banhados pela água, ao longo dos córregos³⁸³. Mas nesse local, era encontrado com mais frequência; aí descobri o seu ninho, construído num buraco à margem do rio, em baixo de tufo de palmeiras novas. Grande número de outras aves animavam as vizinhanças da fazenda, sendo particularmente abundantes os "araçarís" (*Ramphastos Aracari*, L.), num genipapeiro próximo (*Genipa americana*, Linn.), coberto também de belas flores brancas e de frutos. Outras grandes árvores estavam tão carregadas de ninhos de "japuí" (*Cassicus persicus*), que se via um deles suspenso em cada ponta de galho. Esses pássaros faziam

(*) *Muscicapa rivularis*. Comprimento, 5 polegadas e 3 linhas; envergadura das asas, 7 polegadas e 3 linhas; fronte e lados da cabeça cor de cinza, éstes um tanto misturados de branco; linha branca amarelada em cima dos olhos; papo amarelado branco; peito cinzento amarelado; assim como o uropígio e as penas de debaixo da cauda; toda a parte superior do corpo verde oliva com forte colorido verde claro. Esse pássaro tem o modo de vida e os hábitos das *toutiniegas* (*Sylvia*).

(383) *Basilæstus rivularis rivularis* (Wied), mais comumente citado sob *B. stragulat* (Licht.), seu sinónimo. E' regra entre as espécies do género, voz delicada e harmoniosa. O exemplar que serviu à descrição de Wied encontra-se ainda na coleção do American Museum de New York.

ouvir sem cessar o seu grito áspero, e mostravam, como os nossos estorninhos, o seu talento singular para imitar o canto de todas as aves que se achavam então nas vizinhanças. A sua plumagem negra e amarela, bem marcada, é magnífica, sobretudo quando elle abre a cauda, e sobe voando até o ninho, que parece uma bolsa.

Os meus homens voltaram após um dia e meio de ausência com a noticia de que a ponte não podia ser reparada e que, por conseguinte, a passagem seria muito difficil. Todavia, parti a 24 de dezembro, com toda a minha tropa, para tentar transpô-la; encontrei o caminho ainda em peor estado do que me haviam dito. Por toda parte os espinhos rasgavam a péle e a vestimenta dos viajantes; era preciso abrir caminho constantemente com o "facão"; às vezes touceiras espessas de "banana do mato" (*Heliconia*) com suas longas folhas duras tornavam, por causa da umidade do orvalho, penosa e desagradável a marcha através da mata. A estrada sobe e desce, percorrendo florestas imensas e sombrias, cheias de árvores gigantescas, excellentes para construção e todas as espécies de trabalhos. Desde o primeiro dia de nossa caminhada por essas solidões, transpuzemos várias montanhas consideráveis, entre as quais assinalarei o monte "Miriqui", assim denominado pela grande quantidade de macacos (*Ateles*)³⁸⁴ que aí se encontram, e o "Jacarandá", onde essa bella espécie de *Mimosa* é extremamente comum. A estrada, em volta desse último morro, foi traçada em serpenteio; apezar disso a subida por ella foi muito penosa para os nossos burros sobrecarregados; os pobres animais paravam constantemente, descansavam, para depois continuarem a marcha. Grandes obstáculos eram para nós os vales ermos e silenciosos, fechados entre montanhas e onde as palmeiras, numerosas, constituem o principal ornamento; muitas vezes os nossos animais afundavam as patas num solo alagadiço e mole ("atoleiro"). Os caçadores que conheciam o caminho abriam a marcha e avisavam a "tropa" quando surgiam esses obstáculos. Então fazia-se alto; os cavaleiros desciam do cavallo, os caçadores penduravam suas armas nas árvores mais próximas, tiravam-se as cargas e cada qual punha mãos a obra. Abatiam-se as árvores menos grossas, que eram extendidas sobre o caminho, recobertas por folhas de palmeiras e galhadas, e com isso se conseguia uma passagem artificial.

Assim conseguíamos avançar à força de trabalho durante o calor do dia; mas não tardávamos em encontrara gigantescas árvores atravessadas na estrada, que tinha de 8 a 10 passos de largura; era então necessário abrir uma trilha lateral na parte mais cerrada da mata, e contornar por essa forma o obstáculo. Tais difficuldades, que fazem recuar os viajantes nessas imensas matas virgens e retardam grandemente a sua marcha, não assustam absolutamente quem, como nós, está no começo duma tentativa como essa, posto que não falem, a

(384) *Brachyteles arachnoides* (Geoff.) vulgarmente "mono" ou "buriquí". E' o maior dos macacos brasileiros, como já houve occasião de referir.

saude e as provisões. O homem constantemente em atividade esquece os males a que está sujeito, e o aspecto das florestas majestosas ocupa o seu espírito com cenas sempre novas e variadas ; o europeu, sobretudo, que a percorre pela primeira vez, encontra-se constantemente entretido. A vida, a vegetação a mais abundante, se mostram em toda parte ; não se vê o mais pequeno espaço sem plantas. Ao longo de todos os troncos das árvores vêm-se crescer, trepar, enrodilhar-se, prender-se, uma profusão de especies de *Passiflora*, *Caladium*, *Dracontium*, *Piper*, *Begonia*, *Epidendrum*, vários fetos (*Filices*), liquens e musgos os mais diversos. Espécies dos generos *Cocos*, *Melastoma*, *Bignonia*, *Rhexia*, *Mimosa*, *Ingá*, *Bombaz*, *Ilex*, *Laurus*, *Myrthus*, *Eugenia*, *Jacaranda*, *Jatropha*, *Vismia*, *Lecythis*, *Ficus* e mil outras espécies de árvores, a maior parte ainda desconhecidas, compõem o massiço da floresta. O solo está juncado de flores, e fica-se embaraçado para saber de qual elas provêm. Alguns galhos gigantes, cobertos de flores, de longe parecem brancos, amarelo vivo, vermelho escarlate, róseos, violetas, asil celeste, etc. ; nos lugares pantanosos, erguem-se em grupos unidos, sobre longos pecíolos, as grandes e belas folhas elípticas das helicônias, que têm ás vezes de 8 a 10 pés de altura, ornadas de flores de forma extravagante, e cõr vermelha carregada ou de fogo. No ponto de divisão dos galhos das árvores maiores, crescem enormes bromélias, de flôres em espiga ou em panícula, escarlates ou de outras côres igualmente belas ; descem grandes tufos de raizes, à semelhança de cordas que caem até o solo, e causam novos obstáculos ao viajante. Esses tufos de bromélias cobrem as árvores até que, depois de muitos anos de existência, morram e, desarraigadas pelo vento, caiam em terra com grande fragôr. Milhares de plantas trepadeiras de todos os tamanhos, desde as mais delicadas até às que têm a grossura de uma côxa, e cujas fibras são duras e compactas (*Bauhinia*, *Banisteria*, *Paullinia* e outras) entrelaçam-se em volta dos troncos e dos galhos, elevam-se até o cimo das árvores, onde dão flores e frutos sem que o homem os possa perceber. Alguns desses vegetais têm forma tão singular, como por exemplo certas espécies de *Bauhinia*, que não podem ser observadas sem surpresa. Algumas vezes o tronco em volta do qual elas se enroscaram, morre e vai se consumindo ; vêm-se então caules colossais entrelaçando-se uns aos outros e mantendo-se de pé, e compreende-se facilmente a causa do fenómeno. Seria bem difficil representar o aspecto dessas florestas, pois a arte ficará sempre a quem do que pretende exprimir.

No primeiro dia, à tarde, cheguei a um sítio denominado Curral do Jacarandá, porque as boiadas, vindas do sertão, passavam aí a noite antigamente. Os "vaqueiros" constroem um parque ou curral cortando paus, que prendem horizontalmente aos troncos, com força bastante para que os animais de chifres ou os cavalos não possam fugir durante a noite. O Curral do Jacarandá está escondido numa porção tão fechada e alta da floresta que nele já muito cedo escurece. Vimos ainda, junto ao cercado um par de velhos "ranchos", construídos muito ligeiramente como as outras que já víramos : compõem-se de trançados,

de paus inclinados, cobertas de "patioaba" ou outras folhas para os proteger da chuva. As que ainda se viam no lugar eram tão velhas e em tão mau estado que não ofereciam o menor abrigo; e, no entanto, a contingência de passar aí a noite tornava-as bem necessárias: efetivamente, a noite já ia em meio quando caíu uma pancada de chuva, que nos molhou completamente a todos. No dia seguinte, o céu se mostrou claro e sereno, porém precisámos ainda de algum tempo para nos esquentar com o café e com um bom fogo para em seguida nos pôrmos novamente a caminho. Os nossos animais de carga passaram uma noite pior do que nós, si isso é possível, porquanto, depois do primeiro dia de viagem, a custo encontraram algumas hervas na floresta para matar a fome. A floresta estava tão úmida ainda, que foi com penoso trabalho e grandes estorvos que prosseguimos em nossa travessia por uma estrada atravancada por espessa vegetação.

Durante o segundo dia de viagem por essas velhas matas, encontramos vários "córregos" que rolavam, murmurantes, suas frescas e límpidas águas sobre leitos de pedras. Em suas margens cresciam novas espécies de salvas (*Salvia*), cujas flôres eram de um vermelho carregado. Uma planta notável, que ainda eu não observara, e que nunca mais tive ocasião de encontrar*, atraíu principalmente a minha atenção: tem um caule lenhoso, de perto de 2 pés de altura, com folhas quasi opostas, carnosas, ovais, acuminadas; entre as folhas se erguem pedúnculos alongados, finos, quasi filiformes, flexiveis, com 8 a 10 polegadas mais ou menos de comprimento. Trazem na extremidade uma flôr de cálice rôxo escuro, quinquéfido, cujas divisões são estreitas, lanceoladas e acuminadas; a corola, com 2 polegadas de comprimento, de uma viva côr escarlate, larga, um pouco entrada na frente perto da abertura, é, da mesma forma que o cálice e o pedúnculo, coberta de pequenos pêlos esbranquiçados. As anteras são unidas junto da abertura da corola, e sustentadas por filetes distintos. Essa bela planta, da *Didynamia Angiospermia*, só se me apresentou aos olhos nesse local, infelizmente não lhe pude obter a semente pois não lhe vi o fruto.

Não encontramos, no correr do dia, muitos morros; em compensação, outros obstáculos, cujo efeito ainda não tiveramos ocasião de conhecer, apareceram em grande número. Conforme o meu hábito, eu precedia a "tropa" montado em meu cavalo, e levava à minha frente dois homens armados de "facão" e machado, para desembaraçarem a estrada da mataria; de repente, ouvi os meus homens, que vinham atrás, me chamarem, e todos os animais correrem, fugindo de onde eu estava. A indocilidade desses animais não me deixou outra alternativa senão ceder-lhes lugar, o mais depressa que pude, para que passassem, sem ser ferido pelas caixas que carregavam. Todos se puzeram a correr e, como continuassem em disparada, pude perceber a causa de sua fuga. Havião esbarrado, à borda do caminho, nas folhas dum arbusto em que havia um ninho de vespas ("marimbondos"). Enxames dessas vespas

(*) Suplem.). *Nemathantus corticola*, Schrader, op. cit., p. 718.

furiosas, cujas picadas causam dor cruciante, se haviam lançado contra os pobres muares; esses animais têm tal pavor dessas picadas que fogem imediatamente e se precipitam infrenes nas moitas mais cerradas e embaraçadas de espinhos. Os meus homens não ficaram mais isentos de acidentes: uns tinham a cabeça a doer, outros o rosto; finalmente, após uma demora bastante considerável, a tropa se reuniu de novo e poz-se em ordem.

Conhecem-se varias espécies de "marimbondos"³⁸⁵; são pequenas vespas alongadas; a maior e a mais temível é de côr acastanhado escuro; uma outra espécie é amarelo castanho. Suspendem a um galho de árvore, ou a uma planta qualquer, um pouco acima do solo, o seu ninho, construído à moda do das vespas da Europa: como este, é constituído duma massa cinzento-esbranquiçada, semelhante ao papel, e apresenta uma forma geralmente elíptica e pontuda nas duas extremidades; fica preso pela parte superior; na inferior há uma pequena entrada redonda; outras vezes a forma é arredondada. Essas perigosas habitações são muitas vezes fixadas na face inferior duma grande folha de *Heliconia*; quando acontece que um viajante nelas toca por acaso, mesmo de leve, as vésperas irritadas saim logo em quantidade para se vingarem. Os brasileiros evitam com temor esses ninhos, quando não podem imediatamente destrui-los.

Ao meio-dia, cheguei a um trecho da floresta onde o Ribeirão dos Quiricos, de leito profundamente excavado, corria outrora por baixo duma ponte: essa desaparecera, caída de velha, desagradável contratempo que nos fez imaginar o atrazo que nos ameaçava; por isso, resolvi passar a noite nesse lugar, para dar tempo ao meu pessoal de fazer a tropa passar o rio. Junto do local da ponte encontrámos um velho "rancho", cuja coberta de folhas de coqueiro estava em parte apodrecida, mas assim mesmo nos deu um regular abrigo contra a humidade da noite. Perto da choça havia também uns restos de fogueira, feita de pequenos paus, que a minha vanguarda de caçadores já havia aproveitado a para preparar nossa refeição. Fomos ver o acampamento dêles, onde havia um porco do mato, três grandes macacos "miriquis" e uma "jacutinga" extendidos nas brazas, espetáculo grandemente satisfatório para viajantes esfomeados; sentámo-nos todos em volta do fogo, e cada qual contou as aventuras do dia. Hilario, um dos caçadores, depois de ter matado o porco do mato, deixou-o no próprio local, coberto de galhos, para vir busca-lo no dia seguinte; mas quando voltou, uma grande onça ("yaguarété") havia devorado a melhor parte do animal. O viajante que percorre essas imensas florestas deve considerar-se feliz por encontrar com que se sustente; por isso ainda

(385) "Marimbondo" (escrito ordinariamente "maribondo") é, no Brasil a denominação vulgar que de modo geral cabe não só a todos os vespídeos, como a várias outras famílias de Himenópteros, as abelhas excetadas. No caso vertente êle se applica porém, particularmente, às Vespas sociais. Segundo o catálogo publicado por Ad. Ducke (*Rev. Museu Paulista*, X, 1918, p. 315) orgam estas, em nosso país, bem averiguadas, em 120 espécies, distribuídas por 20 gêneros, entre os quais são particularmente importantes, pelo número de espécies e largueza de distribuição, *Polybia* Lepellet, *Mischocyttarus* Saussure e *Polistes* Latreille.

ficámos muito satisfeitos de a onça nos ter deixado alguma coisa para comer.

Refeitas as nossas forças, tratou-se de transportar a bagagem para o outro lado do ribeirão, operação em que os índios demonstraram muita habilidade e destreza. Depois de atravessarem uns páus de margem a margem, passaram por cima deles carregando aos ombros uma caixa pesada, e assim fizeram até que toda a bagagem foi transportada para a margem oposta, sem que tivesse havido o mínimo acidente. Os mures deram mais trabalho. As margens do ribeirão eram altas, escarpadas, escorregadias, e o terreno em baixo encharcado; os pobres animais muito tiveram que lutar para atingir a margem oposta, pois afundavam no leito; vimo-nos obrigados a colocar neste os restos da velha ponte e, graças a esse recurso, todos os animais foram levados para a outra margem.

Apenas essa operação terminara, fômos surpreendidos pela noite. Era a estação das chuvas; nuvens espessas toldavam o céu, o que mergulhava a floresta numa escuridão incrível, que parecia ainda mais profunda ao clarão da nossa fogueira. Uma quantidade inumerável de rãs coaxavam nas touceiras de bromélias que cobriam os cimos das árvores; eram gritos cada qual diferente, uns roucos e curtos, outros semelhantes à batida de uma ferramenta, estes a um silvo breve e claro, aqueles a uma pancada; insetos luminosos, à maneira de faíscas, voltejavam de todos os lados, entre outros o *Elatér noctilucus*³⁸⁶, com suas duas lanternas, donde jorra uma luz esverdeada; nenhum deles, porém, é tão luminoso como *Lampyrus noctiluca* da Europa. Nunca observámos o menor vestígio da luz da *Fulgora laternaria*, embora a tenhamos varias vezes apanhado nas árvores, principalmente na caixeta³⁸⁷; os habitantes do lugar tampouco confirmaram o que se conta a respeito da claridade que espalha, o que me leva a supôr que se fôrjaram fábulas sobre esse inseto³⁸⁸. Humboldt conta que, em sua viagem pelo Orenoco, ouviu durante a noite vozes de macacos, preguiças e aves diurnas*. Quanto a mim, nada ouvi de parecido nas florestas

(*) V. HUMBOLDT, *Voyages aux régions équinoxiales du Nouveau Continent*, tomo II, cap. 18, p. 221.

(386) O povo conhece estes coleópteros luminosos, cuja maioria está hoje no género *Pyrophorus* (fam. dos Elatéridas), pelo nome genérico de "vagalumes", confundindo-os, portanto, com os *Lampyris*, família a que pertencem os vagalumes europeus e aqui também largamente representada.

(387) "Caixeta", "cinzeiro" ou "pau de tucano", *Vochysia tucanorum*, Mart.

(388) A lenda, si assim posso me exprimir, da luminosidade da "Jequitranabola" (ou "Jaquirá nabola", nomes dados pelo povo às espécies do género *Laternaria* Linn., para elas modernamente desmembrado de *Fulgora*) foi espalhada na Europa pela viajante alemã Sibylla Merian, que andara pela Guiana em fins do século XVII e deixara um livro curioso sobre as metamorfoses dos insetos, notável sobretudo pela perfeição das gravuras. A menos que se a atribua ao veso, muito comum aos viajantes da época, de dar largas à fantasia, o fato pode explicar-se pela observação de uma luminescência acidentalmente produzida por cogumelos (ou senão bactérias) fotógenos, a menos que se quizesse invocar uma ilusão visual, proveniente do pavor inspirado pelo inseto, de aspecto efetivamente impressionante. Mais de uma crendice corre, aliás, a respeito dos insetos de que nos ocupamos; tem-nos ainda o povo como terrivelmente venenosos, até para as próprias plantas, que não tardariam a succumbir às picadas de seu rosto, em tudo aliás análogo ao das cigarras, suas próximas parentas. Sobre o assunto consulte-se Neiva e Penna, *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, VIII, p. 113. Da sistemática do género occupou-se J. Pinto da Fonseca em *Rev. Museu Paulista*, XIV, p. 473-500, com as estampas (1926).

do Brasil oriental; as onças, as corujas, os curiangos e o "juó" (*Tinamus noctivagus*), as rãs, os sapos e alguns insetos, são os únicos animais cujo canto ferem à noite o ouvido dos viajantes.

No terceiro dia de viagem pelas matas, encontrei uma picada freqüentada pelos habitantes de São Pedro de Alcântara; ela facilitou muito a minha marcha através da floresta; mas terminava em frente a um trecho do rio denominado Banco do Cachorro. Os habitantes costumam, desse ponto em diante, seguir uma outra "picada" ao longo do rio, mas como este é impraticável para animais com carga, fui obrigado a seguir o mesmo caminho: triste necessidade essa, pois este tornou-se ainda pior do que antes, embora lhe tenham dado mais largura do que no caminho do Rio Mucurí; os troncos derrubados e partidos, os espinhos, as touceiras, as árvores pequenas, molhadas pela chuva abundante, interrompiam constantemente a nossa marcha. Achámos, num recanto isolado, rodeado de folhagens espessas, um esconderijo que um grande onça construira para si, afastando, como costuma fazer, os galhos e as folhas, e que havia pouco abandonara.

À sombra desses bosques fechados, floreciam belas plantas; árvores majestosas ostentavam seus cimos gigantescos; em alguns pontos o solo estava como que forrado de grandes flores escarlates dum maracujá (*Passiflora*), planta sarmentosa cujo caule sobe ao longo das árvores e, enrolando-se nos galhos mais altos, cobre internamente as copas, fazendo destas uma bola. Soberbas bignônias ornavam os lados do caminho, e suas flores róseas, brancas, lilazes, róxas, de todos os matizes, enfeitavam o solo por baixo das plantas que as viram nascer. O "pau d'arco", com que os selvagens conforme disse acima, fazem seus arcos, se destacavam pela sua bela cor amarela viva. Foi provavelmente essa árvore tão útil pela sua madeira, dura e elástica, que Maregrave descreveu e representou pelo nome de "guirapariba" ou "urupariba" (p. 118). Os exemplares que vimos não tinham ainda as folhas desenvolvidas; seus ramos estavam carregados de flores. Os troncos se cobriam de *Dracontium pertusum*, cheios de brancas flores, e de várias espécies de *Caladium*, que não contribuíam pouco para embelezar o conjunto dos vegetais que nos rodeavam, enquanto que uma ligeira aragem trazia-nos o aroma suave das baunilhas. Essa planta apreciável é muito comum; entretanto é pouco procurada e raramente tiram partido dela; varios animais, entre outros os ratos e os camandongos; devoram com singular âvidez suas vagens ainda verdes.

As numerosas espécies de fetos escondiam o solo, principalmente no lugar por onde outrora passava a estrada, e como tinham muitas vezes 8 a 10 pés de altura, era preciso abrir caminho a muito custo através de seus tufos cerrados. Várias espécies são pequenas e procuram a sombra, outras, pelo contrário, são tão vigorosas que podem dar sombra a um homem a cavalo. Devo observar a esse respeito que já foram encontrados nesse região dois gêneros dessa família, que são espinhosos e que podem ser classificados entre os fetos arborecentes.

Arranhado e rasgado pelos espinhos, encharcado pela chuva, esgotado pela contínua transpiração devida ao calor, o viajante, apesar de tudo, sente-se admirado diante de tão magnífica vegetação.

A chuva, que caía em torrentes, aumentava ainda para nós os contratempos da estrada, mas não impedia que os habitantes das florestas se fizessem ouvir. Fomos surpreendidos pelo grito singular duma ave de rapina que ainda não tínhamos visto. A sua voz era extremamente penetrante e vigorosa, semelhante a um grito queixoso, forte, diminuindo aos poucos, e precedido de algumas notas curtas e distintas; dir-se-ia o canto de uma galinha que está pondo. Era o gavião preto e de barriga branca, denominado pelos habitantes do lugar "gavião do sertão", já descrito por Buffon com o nome de "Petit Aigle d'Amerique" (*Falco nudicollis*, Daudin)²⁸⁹. Estava poisado no cimo de uma das arvores mais altas. Fiz a tropa fazer alto; dois caçadores se aproximaram de vagarinho; cuidado inútil, porque a chuva tinha por tal forma molhado as suas armas, que delas não se puderam servir, e a ave acabou por voar, depois de haverem falhado varios tiros.

Não nos achávamos longe de São Pedro de Alcântara, último povoado que encontra quem sobe o Rio dos Ilhéus, pois, à tarde, saindo da espessura da mata, entrámos nos campos cultivados pelos seus habitantes; atravessámos plantações de "mandioca" por entre velhos troncos queimados* e, pouco depois, chegavamos às suas casas.

O lugar em nos encontravamos agora era uma miserável aldeia com apenas umas dez casas de barro e uma igreja, que não passa de uma espécie de alpendre, também de barro; deram, no entanto, a essa aldeia o nome de Vila de São Pedro de Alcântara; algumas vezes indicam-na simplesmente pelo nome de "As Ferradas", porque, a pouca distancia dela, o leito do rio é atravessado por porção de pedras conhecidas por Banco das Ferradas. Essa lugarejo foi fundado, há dois anos, quando se concluiu a estrada de Minas. Reuniram-se aí homens de toda sorte, alguns espanhois, varias famílias de índios, e homens de côr ("pardos"); enfim, das florestas vizinhas, foi tirado um grupo de índios "Camacans", descendentes de uma tribu que os portugueses conhecem com o nome de "Mongoiós". Esses índios só se estendem ao sul até o Rio Pardo e, ao norte, se encontram até além do Rio das Contas, mas aí renunciaram de todo à vida selvagem. Sòmente aqui, no "sertão" da "capitania" da Bafa, pode-se ainda observa-los em seu estado primitivo, pois muitos deles nunca viram um europeu. Entretanto são mais civilizados que seus vizinhos os "Patachós" e os "Botocudos"; não vivem mais exclusivamente da caça, já cultivam plantas

(*) Wesel, missionário que percorreu a provincia dos Maínas e as margens do Rio Amazonas, fornece-nos minúcias sobre o modo porque os índios derrubam e queimam as matas para fazerem as suas plantações. V. a coletânea de Munn, intitulada *Reiser einiger Missionäre der Gesellschaft Jesu*, Nürnberg, 1785, p. 142.

(389) *Daptrius* (= *Ibycter*) *americanus americanus* (Boddaert), vulgarmente chamado "grailho", "cã-cã", "caracará preto", etc. (cf. Oliv. Pinto, *Rev. Museu Paulista*, XX, ps. 15 e 50).

para sua subsistência, e, assim, se ligam mais ou menos ao lugar que desbravam, embora não para sempre. Terei ocasião, mais tarde, de descrever com minúcia os costumes desse povo. Já disse, ao tratar de Belmonte, que aí encontrei um resto desses índios, levados pelos paulistas e completamente degenerados.

A vila de Almada, situada sobre o Rio Taípe, e a que já acima me referi, forneceu também alguns habitantes à nova vila de São Pedro d'Alcântara nas margens do Rio da Cachoeira. Quando concluíram a igreja, o "ouvidor" da "comarca" instalou nela a paróquia; mais adiante, a alguns dias de viagem, no ponto em que a nova estrada atinge o "sertão" do Rio Salgado, construiu-se também uma igrejinha onde se celebrava missa, e havia plantações para os viajantes; esse pequeno estabelecimento, porém, caiu em ruínas, o lugar se tornou um deserto, ficando inúteis todas essas despesas, pois a estrada não foi mais utilizada e, dentro de pouco tempo, não se poderá mais reconhecê-la. Os "mineiros" preferem a esse caminho difícil através das matas o que atravessa os campos ou as planícies nuas do sertão interior da capitania da Baía, porque não encontram na Vila dos Ilhéus nem colocação para mercadorias, nem navios que as transportem para a cidade da Baía. A decadência da Vila de São Pedro acompanhou a da estrada, cujo mau estado experimentáramos varias vezes durante a nossa viagem. Porque os homens, constrangidos a viver no lugar, não encontrando mais os recursos de que necessitavam, em parte o abandonaram, enquanto uma grande parte dos índios "Camacans" morreu duma moléstia contagiosa e os que escaparam fugiram imediatamente para as matas. A Vila de São Pedro só é habitada, nesse momento, por um cura ("padre vigário") e meia dúzia de famílias, que desejam ardentemente que o governo lance sobre elas um olhar benevolente. Dizia-se que a estrada ia ser desobstruída e que se mandaria para São Pedro uma nova leva de moradores.

Essa povoação está situada numa zona inteiramente selvagem, rodeada por todos os lados de florestas cheias de animais ferozes e percorridas por bandos de "Patachós". Esses índios não causaram até então o menor mal aos habitantes, mas como não se conseguiu concluir com eles um tratado, são olhados com desconfiança, evitando-se ter com eles o menor contacto, tanto mais que, em caso de ataque, os colonos, em menor número, não se poderiam defender. As casas são rodeadas pelas plantações, de onde um caminho estreito conduz à estrada grande; os nossos animais, com suas cargas, só puderam passar por ele depois de aberto a machado.

Chegámos a São Pedro num dia santificado, o que era contra as nossas intenções, pois no Brasil não se costuma viajar em tais dias. A nossa demora inespérada junto à ponte destruída fôra a única causa do atraso. Um dos meus homens, morador em São Pedro, ouviu por isso vivas censuras da parte da mulher; a discussão quasi terminou em vias de fato. No dia seguinte era também santificado; o cura teve

a gentileza de pôr à nossa escolha a fixação da hora da missa. Esse respeitável eclesiástico teve grande contentamento de ver pessoa com que pudesse conversar. Não cessavam as suas atenções para conosco. Tendo eu necessidade de regressar à Vila de Ilhéus, onde tinha novas providências a tomar, êle me emprestou uma grande canoa. Procurei um preto em que pudesse confiar e que conhecesse bem as matas do lugar, afim de toma-lo a meu serviço; faziam-me também falta vários objetos, que eu tivera a veleidade de pretender adquirir em São Pedro.

O Rio dos Ilhéus, ou antes o braço desse rio denominado Rio da Cachoeira, passa perto de Ferradas, como acima já disse; da costa até esse lugar, a estrada de Minas corre paralelamente ao curso do rio, e em varios pontos fica-se dele muito pouco distante; eis porque se faz freqüentemente a viagem da Ilhéus por água, gastando-se nela um dia, emquanto para subir o rio são necessários dois dias. Estávamos na estação seca, o rio baixara tanto que em vários trechos só difficilmente avançava a canoa, com o leito do rio algumas vezes inteiramente revestido de pedras. Esses detritos pedregosos fazem-no lembrar um pouco a porção superior do Rio Belmonte, com essa diferença, no emtanto, que o Ilhéus parece sempre pequeno em comparação com o Belmonte, muito mais considerável. Há quedas bem fortes, que dificultam a navegação; si os canoeiros não fossem experimentados, essas pequenas cachoeiras seriam às vezes muito perigosas; a denominada Cachoeira do Banco do Cachorro é a primeira para quem vem de São Pedro, e uma das mais fortes. O rio, no seu estado normal, é bastante impetuoso nesse trecho e cai de uma altura de cinco pés. Além dessa queda d'água, há varias outras. Embora não façam correr grande risco às canoas, estas costumam encher-se d'água, molhando os viajantes, assim como as bagagens. Mesmo quando o rio atinge o nível mais baixo, as águas são sempre profundas entre determinados rochedos; os peixes aí se reúnem em grande número, porque a correnteza é menor.

Vimos sobre os rochedos grandes jacarés, cuja cor cinzento-escura indicava uma idade avançada. Costumavam mergulhar nagua quando nos aproximávamos e era inutilmente que lhes atirávamos. Esta espécie, o *Crocodilus sclerops*, nunca atinge as grandes dimensões dos jacarés que habitam mais ao norte, próximo do equador, pois os que Humboldt observou no Apure, no Orenoco e em outros rios, chegavam a ter 20 e mesmo 24 pés de comprimento. O viajante não se pode banhar nesses rios sem perigo, tendo ainda que temer os ataques dos "caribes" ou "caribitos", peixes ávidos de sangue³⁹⁰.

(390) "Caribe" (de "carib", canibal), nos países hispano-americanos, nome dos peixes carnívoros denominados no Brasil "piranha". Há várias espécies sob esse nome vulgar, distribuídas nos gêneros *Serranodon* e *Pygocentrus*. Nos rios e lagoas em que existem, as piranhas constituem o mais temeroso flagelo, pois, em regra, aos cardumes de milhares de indivíduos, sanguiscentas se precipitam sobre todo animal que, por desgraça, ali se aventure a penetrar ou simplesmente matar a si. Páginas sugestivas sobre o que são os seus malefícios encontra-se na maioria dos naturalistas que percorreram desde Humboldt as regiões quentes da América do Sul, podendo consultar-se sobre o assunto o interessante relato dado por R. v. Ihering, no "Dic. dos Animais do Brasil" (in Boletim de Agricultura, São Paulo, 1937, p. 389).

As margens do Ilhéus são geralmente cobertas de belíssimas florestas. As árvores gigantescas, os arbustos, as menores plantas, tudo estava florido. Varias espécies de mimosas parecia estarem cobertas de neve e exalavam o mais suave perfume. Nessas florestas sombrias ouvia-se frequentemente o canto singular do "sebastião" (*Muscicapa vociferans*), cujo assobio alto era sempre repetido por muitos pássaros, ao mesmo tempo; ouviamos também muita vez o canto doce e agradável duma espécie nova de pomba³⁹¹, denominada "pomba amargosa" no sertão da Baía, por ser amargosa a sua carne. Parecia pronunciar baixinho algumas palavras; os portugueses as interpretam como "um só fico!"; o seu canto se compõe efetivamente de quatro notas, que, moduladas muito doce e destacadamente, agradam muito aos ouvidos na espessura das matas e podem ser interpretadas daquela forma. A plumagem dessa ave muito mansa é côr de cinza quasi uniforme.

Meus "canoeiros" fizeram passar a canoa por sobre as pedras, o que muito a estragou, ficando com o fundo todo cortado. Uma viagem desse gênero, subindo a corrente, ainda deve ser pior para as embarcações, pois se vêm pedaços de algumas delas presos às quinas agudas das pedras. Uma canoa não dura muito tempo nesse rio; na vinheta que acompanha este capítulo na edição in-4 to. fiz representar uma canoa, destinado agua abaixo, numa pequena "cachoeira", dois índios a governar por meio de "varas" e deixam-na correr sosinha, depois de lhe haver dado direção conveniente. Vê-se a floresta marginal-com as longas franjas de "barba da pau" (*Tillandsia*) e, pendentes de uma velha *Mimosa*, os ninhos bursiformes dos "guaches" (*Cassicus haemorrhous*).

À distancia de cerca de uma légua do litoral, o Ilhéus apresenta um aspecto inteiramente diferente; não se vêm mais rochedos nem pedras soltas; as fazendas nas margens alternam com as matas, verdejantes colinas, atapetadas de pastagens; plantações de cana alegrem as casas sombreadas pelos coqueirais; junto a algumas dessas habitações, encontrei pequenos cercados feitos de estacas, em que se criavam para comer grande quantidade de "jabotís" (*Testudo tabulata*)³⁹², espécie de tartaruga que vive no mato.

(*) Denominei-a *Columba locutrix* por causa de seu canto; comprimento, 1 pé e 8 linhas; envergadura das asas, 1 pé, 6 polegadas e 10 linhas; pés vermelhos; pápebras vermelho violeta carregado; plumagem cinzento escuro; papo um tanto amarelo avermelhado; cabeça, pescoço e peito cinzento púrpura; ventre um pouco mais pálido; lado do alto do pescoço violeta um pouco mais vivo; parte superior do corpo cinzento esverdeado cobre, ou oliva pálido furta-côr.

(391) *Columba plumbea* Vieill. (1818) é nome que já fôra antes do de Wied dado a esta pomba, com base em um exemplar, colecionado por Delalande, em 1816, nos arredores da cidade do Rio de Janeiro (talvez dos mangues que all abundavam). Propoz-se modernamente aproveitar o nome de Wied para as aves do nordeste brasileiro, tidas como raça particular (Cf. Peters, *Checklist. Bds. World*, III, p. 73).

(392) O nome "jaboti" parece tender atualmente a desaparecer da linguagem vulgar; na Baía pelo menos, onde o animal existe ainda hoje com relativa abundância nas matas do Rio de Contas (cf. O. Pinto, "Rev. Museu Paulista", XIX, p. 17), é chamado simplesmente "cágado".

Cheguei a Ilhéus no fim da semana do Natal ; muita gente se reunira nessa cidade por ocasião dessa festa. Já estavam nos preparativos para celebrar a de São Sebastião. Erguera-se um alto mastro, enfeitado de bandeiras e, no dia da festa, homens mascarados percorriam a cidade, ao som de tambores e fazendo toda sorte de brincadeiras. Durante o dia dão mesmo muitos tiros de espingarda nas ruas ao passo que, durante a noite, o som do violão e das mãos, batendo em acompanhamento dos batuques, ressoavam por toda parte. Os mais ricos habitantes custeiam esses festejos ; costuma-se representar a vida do santo por mascaradas, cenas de teatro, combates e outros espetáculos do gênero. As pessoas que representam nessas pantomimas absurdas são escolhidas alguns dias antes, e vestidas apropriadamente. No dia de São Sebastião, havia dois partidos que se guerreavam, os portugueses e os mouros ; cada qual tinha seus capitães, seus tenentes, suas insígnias. Erguera-se junto da igreja uma fortaleza de ramadas. Os mouros tomam a imagem do Santo e levam-no para a sua fortaleza ; na última noite o partido oposto toma-a de novo e condu-la para a igreja, com grandes demonstrações de respeito. Essa representação durou vários dias, durante os quais o povo vivia num constante movimento e não saía da igreja ; só se ocupava, ao mesmo tempo, de se divertir entregando-se à ociosidade e a todas as espécies de desordens. Os índios, que não demonstram a menor disposição para os dogmas e preceitos da religião, tomam às vezes parte muito ativa nessas pantomimas e nas cerimônias externas. Por isso, vêm-se os missionários aproveitar muitos dos costumes dos selvagens para conseguir a aceitação de sua doutrina por essas gentes. Encontram-se nos relatos dos viajantes muitos exemplos desse costume. Humboldt, quando estava nos Andes, viu os índios da província de Pasto, mascarados e com chocalhos executarem dansas selvagens em volta do altar, enquanto um monge de São Francisco elevava a hóstia*. As considerações desse ilustre viajante, explicando como a religião mexicana se misturou com a cristã, podem se aplicar perfeitamente aos índios da costa oriental do Brasil. "Não foi um dogma, escreve êle, que cedeu ao dogma, foi apenas um cerimonial que substituiu um outro. Os naturais do país só conhecem da religião as formas exteriores do culto. Amantes de tudo o que se relacione com uma ordem de cerimônias prescritas, encontram prazeres especiais no culto cristão. As festas da igreja, os fogos de artifício que as acompanham, as procissões misturadas de dansas e mascaradas barocas são para a atrazada gente indígena uma fonte fecunda de divertimentos**.

Observa-se aqui uma diferença : muitos indígenas da costa oriental do Brasil não observam nem mesmo as cerimônias exteriores da religião católica. A razão disso é extremamente simples : os mexicanos, antes da conquista de seu país pelos europeus, tinham uma religião regular, ao passo que os brasileiros estavam no mais baixo gráu de civilização.

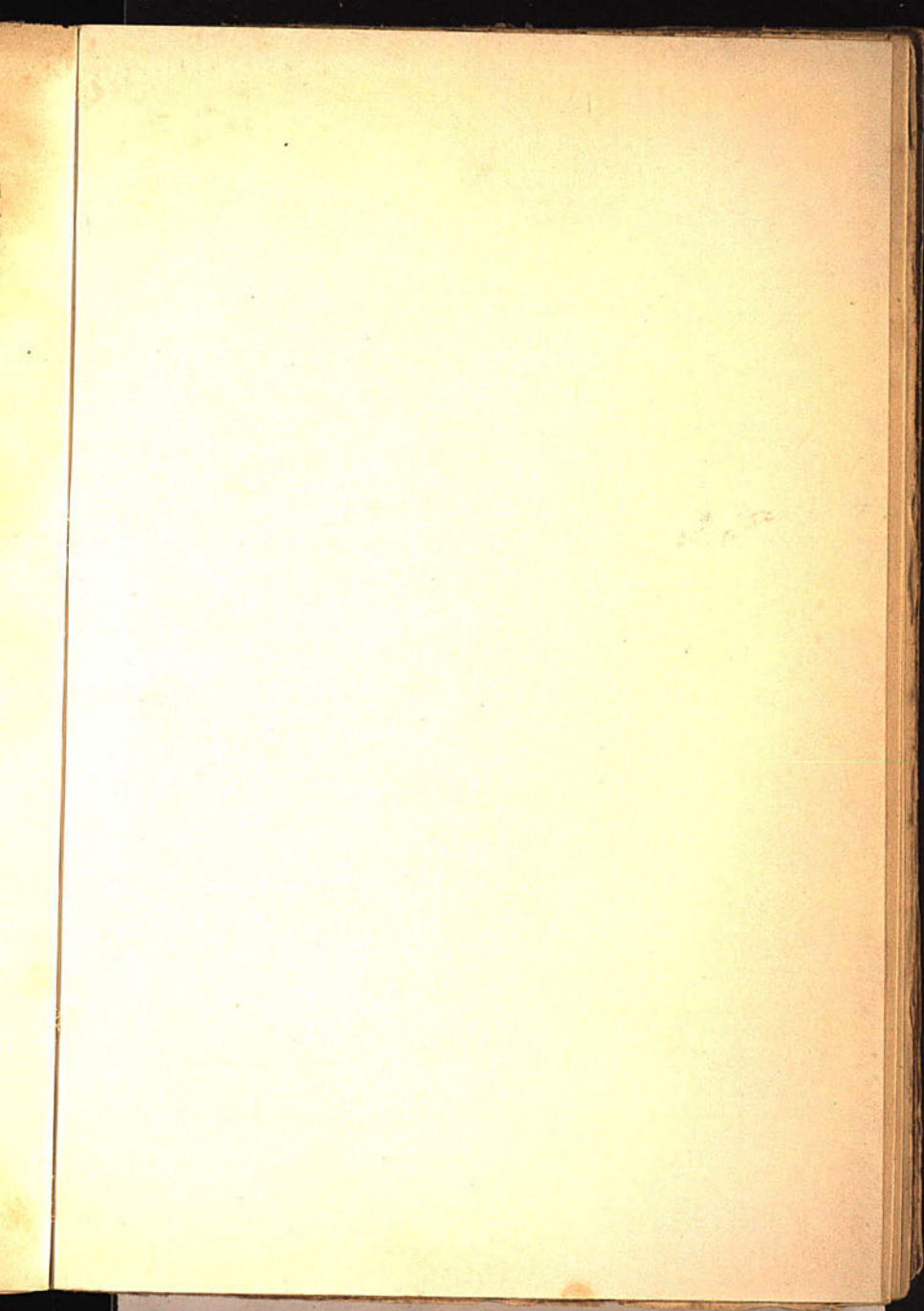
(*) V. von HUMBOLDT, *Versuch über den politischen Zustand des Königreichs Neu-Spanien*, tomo I, p. 135.

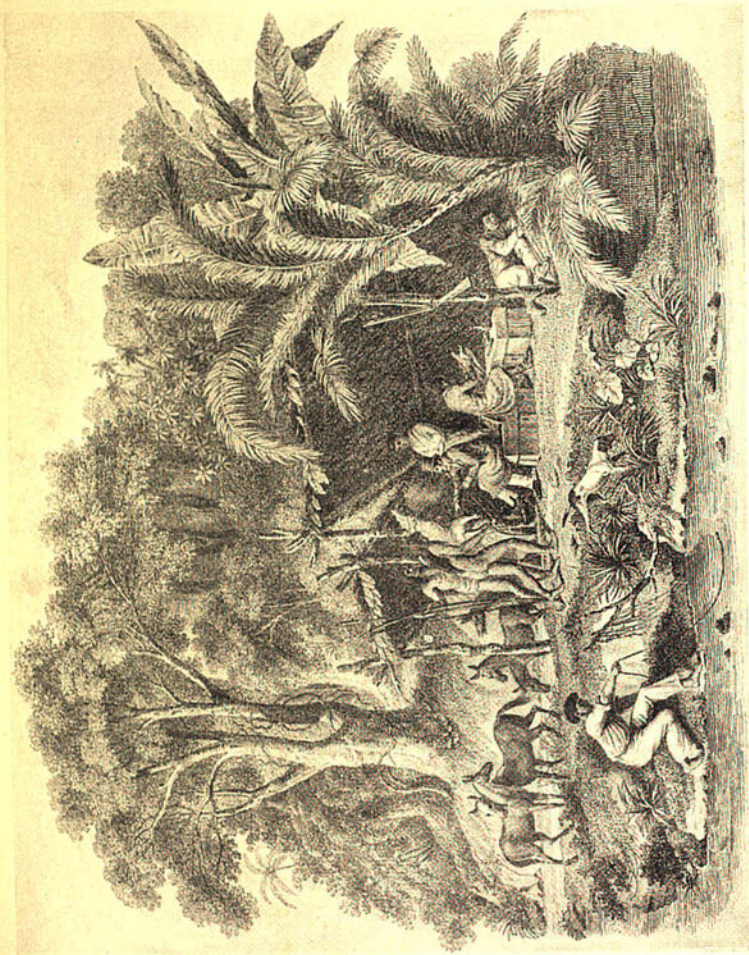
Terminados que foram os meus preparativos na Vila, embarquei para subir novamente o rio. Foi preciso trabalhar com afinho, num dia quantíssimo, para içar, às vezes a 3 e 4 pés de altura, as pesadas canoas por cima das pedras e das "cachoeiras". A nossa navegação foi muito agradável durante a noite fresca, com o ar embalsamado pelas suaves emanações das flores das árvores que havia nas margens, emanações que aumentam durante a noite. Levei dois dias para regressar à Vila de São Pedro.

Durante a minha ausência, os meus homens colecionaram muitas raridades de história natural, entre as quais uma bela serpente, ainda não descrita, que eu havia encontrado com frequência, mais ao sul, no Parafba e no Espírito Santo, mas que, no entanto, nunca mais vira, daí para o norte. Distingue-se esse animal por manchas arredondadas esverdeadas, dispostas regularmente pelo corpo todo*.

Tornava-se necessário apressar os preparativos para a viagem pelo "sertão", afim de aproveitar a estação seca que era a mais favorável para os meus trabalhos. O "mineiro" José Caetano, a que já me referi, encontrando-se nesse momento em São Pedro d'Alcântara, ofereceu-se para ficar a meu serviço e guiar a tropa através das matas. Ele sabia dirigir os animais, arreia-los, e tratar deles; conhecida a estrada, já a tendo percorrido uma vez com as boiadas que vinham do sertão. Um jovem camacan o acompanhava sempre; serviu-nos de muito nas caçadas; costumávamos manda-lo na frente, de manhã, com um de seus companheiros, para caçar e esperar-nos.

(*) Denominei essa serpente *Coluber Merremii*, em testemunho de meu reconhecimento pelos serviços que o Sr. Merrem prestou à história natural dos anfíbios. Essa cobra tem 148 placas abdominais e 37 pares de placas caudais; corpo grosso, arredondado, coberto de escamas lisas e escuras; as da parte superior são tôdas marcadas por uma mancha redonda amarelo ou cinzenta esverdeada; nos lados as manchas são amarelas, todo o ventre é amarelo claro, com algumas manchas escuras nos bordos. As placas caudais são orladas de amarelo e preto.





Estada no Rio da Cachoeira.

ALCANTARA, ULTIMO POVOADO RIO ACIMA. PREPARATIVOS PARA A VIAGEM PELO SERTÃO.

Estreito d'Agua. — Rio Salgado. — Sequeiro Grande. — Joaquim dos Santos. — Ribeirão da Issara. — Serra da Sussuarana. — Vestígios dos índios Camacans. — João de Deus. — Estadia no Rio da Cachoeira. — Em procura dos Camacans. — Rio Catolé. — Estadia neste último. — Berruga. — Barra da Vareda.

A 6 de Janeiro, pela manhã, fiz carregar a minha tropa e dei sinal de partida. Para poder alcançar a estrada que conduz à mata, através das lavouras de São Pedro, tive de mandar alargar a picada que para lá se dirige, afastando da passagem os troncos queimados deixados no chão. Atingimos assim rapidamente a estrada, por onde depois prosseguimos através da floresta sombria, até o lugar chamado Rancho do Veado. Uma ponte, cujos páus estavam pódres, quebrou-se sob o peso de alguns de nossos cargueiros, e, se não fosse o auxilio pronto do "mineiro" José Caetano, teria desabado completamente sobre o ribeiro. Foi-nos muito penoso o "atoleiro" existente num "córrego"; todavia, vencemos também este obstáculo, podendo chegar à tardinha num pequeno riacho chamado Estreito d'Agua, cuja ponte havia também caído, de pódre. Acendemos nosso fogo não longe da ponte, entre altas árvores, enquanto os nossos caçadores vinham chegando, uns após outros. Um deles trazia dois exemplares do já por mim referido "gavião do sertão"³⁹³ (*Falco nudicollis*, Daud.), cuja voz forte era ouvida em todas essas matas. Tem a plumagem negra com belo lustro azul-ferrete, o ventre branco e a garganta nua, de cor vermelha viva, bem como a iris. Como as aves trazidas não prestavam para comer, algumas pessoas foram pescar, sendo igualmente bem sucedidas. Enquanto jogavam o anzol de cima de uma das traves da ponte caída, viram nadar uma cobra, que devorava um grande sapo; com um tiro de espingarda conseguimos mata-la, verificando-se ser uma linda espécie do genero *Coluber**, cuja pele era agradavelmente enfeitada de faixas bruno-

(*) Essa cobra é, com toda a probabilidade, *Coluber versicolor* de Merrem; consulte-se *Versuch eines Systems der Amphibien*, p. 95.

(393) *Daptrius americanus americanus* (Boddaert), conhecido em Goiás e Mato-Grosso por "gralhão". Já referido anteriormente (nota 389). Vive sempre em bandos mais ou menos numerosos e espanta aos não habituados com o clangor de sua possante voz, audível a mais de um quilômetro de distância.

vermelhas e amarelo-desbotadas, mas inteiramente desconhecida dos brasileiros.

A 7, muito cedo arranjámos com o facão uma picada, afim de contornar a ponte e podermos passar o "córrego". Como seguísse antes da tropa, encontrei na mata, toda coberta de orvalho, muitos "inambús" da espécie da "macuca" ou "macucava" (*Tinamus brasiliensis*, Lath.) e do "chororão" (*Tinamus variegatus*)³⁹⁴, que com o barulho, voavam para o interior da mata e não puderam ser atirados. Sob um velho e grosso tronco descobrimos um monte de terra, acumulada pelo grande tatú ("tatú assu" dos brasileiros, ou "Tatou géant" de Azara), que ali havia cavado no chão a sua toca³⁹⁵. Com esse extraordinário animal, cujo tamanho e força são consideráveis, costuma cavar os seus grandes buracos entre as raízes mais grossas das velhas arvóres, não é fácil pôr-lhe a mão; durante toda viagem não podemos vêr um só, apesar de lhes encontrarmos frequentemente as tocas.

Uma segunda ponte parecia nos dever obrigar a uma nova parada; mas, dessa vez, conseguimos passar com os nosso cargueiros. Chegámos depois daí ao Rio Salgado, de onde nos restava fazer apenas uma légua para chegarmos ao próximo pouso. Esse ribeirão, que tem uma largura de 40 a 50 passos e entra, não longe do ponto em que estávamos, no Rio Ilhéus ou Rio da Cachoeira, é, como este último, cheio de fragmentos de rocha, e estava também com as águas no nível mais baixo. Atravessamo-lo a vau e acendemos o nosso fogo na margem oposta. Como nos sobrava agora algum vagar, fomos à caça. Trouxemos uma porção de "miriquis" (*Ateles*), atirados por muitos dos nossos caçadores, e bem assim algumas "macucas", um "mutum" (*Craz alector*) e algumas "capueiras" (*Perdix guianensis*), cuja carne moqueámos numa grelha feita de varas³⁹⁶. Examinada de perto, a mata que nos cerca, parece das mais fechadas e ininterruptas; só na margem leste do rio encontram-se alguns sinais das plantações, que o capitão Felisberto Gomes da Silva havia feito, quando construiu esta estrada, ha dous anos passados. Não obstante, já se desenvolvera ali vegetação alta, reconhecendo-se os lugares das antigas plantações pela falta de grandes árvores e pelas cabanas de barro, que tinham servido de igreja e de moradia para os trabalhadores. Nestas plantações retornadas ao estado silvestre minha tropa não encontrou mais do que plantas já altas e de lenho duro, prova da rapidez com que se desenvolve a vegetação nestas

(394) "Macuca" ou "macuco", já determinado anteriormente como *Tinamus solitarius* (Vieill.); "chororão", nome ainda usado nas matas do sudeste da Baía para *Crypturellus variegatus* (Gmelin). Cf. O. Pinto, *Rev. Museu Paulista*, XIX, ps. 51 e 54.

Sobre a etimologia obscura de "ema", consulte-se Alfr. Newton, "Dict. of Birds", p. 212.

(395) *Prodonates gigantes* (Desmarest, 1804). O "tatú-acú" ou "tatú-canastra", como é mais comumente conhecido, deveria ter sido bastante comum na Baía; já Gabriel Soares a elle se refere em satisfatória descrição, dizendo-o pegado pelos índios em armadilhas e achando-lhe a carne boa e saborosa. Disseminado irregularmente em quasi toda América Meridional, desde a Guiana até o norte da Argentina. No Brasil existe ainda em relativa abundância nas Estados centro-ocidentais, Mato-Grosso em particular.

(396) As três espécies foram já objeto de comentários (veja-se, pelo índice, as referências anteriores).

regiões quentes do globo. Nas proximidades das choupanas encontramos ainda muitas das pimenteiras (*Capsicum*) que lá haviam plantado; seus frutos acres foram para nós um feliz achado, pois é um condimento que, acrescentado ao peixe, nessas florestas úmidas muito contribue para facilitar a sua digestão, podendo ser ainda encarado como um remédio contra as febres. Nas viagens pelas matas do Brasil é uso levar uma provisão de pimentas secas*, que vão sendo consumidas durante as refeições.

"Antas" e "capivaras" frequentam essas roças abandonadas, devorando o que resta de plantas uteis, pois que nesses lugares ermos o homem é ainda incapaz de aproveitá-las.

Nossa refeição de hoje constou de três espécies de peixes, o "piauí", a "piabanha" e a "traíra"**, de que conseguimos pescar grande quantidade; favorecia-nos tempo calmo e bom, de maneira que tivemos uma noite quente e amena, tornada ainda mais agradável pelas grandes fogueiras que acendemos.

A 8, pela manhã muito cedo, a tropa foi carregada, pois tinha eu em mira aproveitar o dia da melhor maneira. A estrada sobe e desce incessantemente, alternando-se morros e vales. Nesse lugar, que chamam Sequeiro Grande, a mata apresenta grande abundância de velhas árvores, de grossura e altura consideráveis; são frequentes também as extraordinárias "barrigudas" (*Bombax*), e o "mamão do mato", a que me referi quando fiz a descrição da minha viagem ao Rio Belmonte, também é muito comum. Encontram-se nas florestas da América do Sul árvores enormes tanto em altura como em espessura, que apresentam uma disposição singular, na parte próxima ao solo. A quatro ou cinco pés do solo, e às vezes mais alto, formam-se no tronco quinas salientes que se vão alargando e acabam por formar expansões achatadas como pranchas, que se enterram obliquamente no solo e tornam-se as grandes raízes dessas árvores³⁹⁷. O missionário Quandt viu também dessas singulares árvores no Surinam. Conta ele que os índios batem com os seus machados nessas raízes quando procuram alguém que se perdeu na floresta***.

As aves que, nessas profundas solidões, animam as matas são principalmente várias espécies de pica-paus (*Picus*), de subideiras (*Dendrocolaptes*), de papa-moscas (*Muscicapa*), de papa-formigas (*Myiothera*), bem como algumas espécies de pequenos papagaios ("pe-

(*) Barrère refere o mesmo hábito entre os índios da Guiana (p. 121 da trad. alemã).

(**) (Suplem.). O "piauí" é *Salmo Friderici*, que também ocorre em Surinam; a "piabanha" caracteriza-se por uma mancha vermelho-cinábrio por detrás das nadadeiras peitorais e a "traíra" é provavelmente a "tarefa do rio" de Macgregor (p. 137). Lamentável acidente, em que se molhou uma parte dos meus papeis, fez-me perder as descrições de vários peixes; por esse motivo não tenho meios para determinar ou descrever os peixes que menciono, falta que tenho todavia a esperança de sanar para o futuro.

(***) QUANDT, *Nachrichten von Surinam*, p. 60, com uma estampa; também em Gaspar Barlaeus vem a representação duma grande árvore dessa espécie no primeiro plano da estampa 8.

(397) Refere-se o autor às chamadas "sapopemas" ou "sapopemas", grandes raízes tabulares que aumentam a base de sustentação de certas árvores como as figueiras ou gomeiras (*Urostigma*), de que se pode ver boa estampa em J. S. Decker, *Aspectos biológicos da Flora Brasileira*, p. 9.

riquitos"), que em bandos barulhentos voam com rapidez entre as copas das árvores, e, finalmente, os inambús (*Tinamus*). Nunca encontrei tantos bandos de "miriquís", pulando do alto de uma árvore para outra, ou correndo em fuga pela estrada. Pouco habituados à presença do homem, fogem à sua aproximação, mas os nossos caçadores não os perdiam de vista, apontando para eles e atirando. Muitas vezes, quando feridos, ficavam suspensos nas árvores ou se deitavam nos galhos para se esconderem. A carne deles constitui o alimento quasi exclusivo do viajante nessas florestas.

Alguns dos meus caçadores, percorrendo essas matas imensas, contaram-me haver visto uma espécie de macaco preto, que ainda não observáramos e que não conseguiram apanhar. Já me tinham falado em Ilhéus desse animal ainda não descrito e, por isso, eu desejava muito conhecê-lo; e foi o que efetivamente se deu alguns dias mais tarde.

O canto do "juó" (*Tinamus noctivagus*), chamado aqui "zabelé"³⁹⁸, fez-se de novo ouvir, após um longo intervalo. Essa ave, com efeito, encontrada em toda a parte desde o Rio de Janeiro até o Rio Belmonte, parece não frequentar as vizinhanças do litoral deste rio até Ilhéus.

Achávamo-nos então no caminho de Minas, nas alturas do trecho do Rio dos Ilhéus denominado Porto da Canoa, porque se sobe de canoa até aí. A mata em que nos encontrávamos à tarde é da espécie que aqui se chama "caatinga"³⁹⁹. A medida que a gente se afasta das planícies baixas e úmidas do litoral, o solo se eleva insensivelmente e se vai tornando gradativamente mais seco, e as árvores menos altas. As mesmas espécies vegetais que, nas grandes florestas, úmidas e espessas da costa, se erguem a consideráveis alturas, ficam aqui muito mais baixas. Essas matas secas apresentam também muitas árvores de espécies peculiares. Neste local o solo se mostra coberto de touceiras de brumélias, cujas folhas armadas de espinhos são muito incômodas para os caçadores brasileiros, que andam sempre descalços; cresce também em abundância o "capim de zabelé", bonita gramínea cujas folhas delicadamente penadas, fornecem alimento para os burros; infelizmente não as encontramos em flor*. Cobre inteiramente a antiga estrada e as clareiras do mato com um espesso tapete verde.

(*) Essa herva, que cobre o chão como um denso tapete, tem hastes de 1 pé e meio de altura; suas folhas são delicadamente penadas, estímulas estreitas, quasi lineares. Não vi nem a flor nem as sementes.

(398) Wied escreve "Sabélé". É o "Juó" dos estados do sul (São Paulo).

(399) No original lê-se sempre "Catinga", mas a grafia legítima é "caatinga" (do tupi: *caa*, mata e *tinga*, clara aberta). É sobremodo difícil de definir esta entidade florística, cuja característica dominante de modo geral está na adaptação aos rigores de um clima seco, mediante a perda das folhas durante o verão. A. J. Sampaio (*Phytographia do Brasil*, p. 106) atribue à caatinga típica o aspecto de "floresta de pequenas árvores tortuosas, entrecruzadas de espinheiros, cardos e gravatás", a que não de raro se associam, "como árvores muito características, as conhecidas "barrigudas" (*Chorisia ventricosa* ou "barriguda de espinho", e *Cavanillesia arborea* ou "barriguda lisa") e o "ja racatá", que é o mesmo "mamão do mato", referido por Wied.

O caminho através da "caatinga" era incômodo e obstruído por toda sorte de plantas : altos *Solana*⁴⁰⁰ de várias espécies interessantes, mimosas diversas e o "canção" (*Jatropha urens*) nos molestavam muito com os seus espinhos, e pareciam mesmo querer despojar-nos das nossas roupas : ficámos todos mais ou menos ensanguentados. Para cúmulo do mal, encontrámos frequentemente casas de marimbondo, que tornavam ainda mais lamentável o nosso estado : os da grande espécie pardo-escura sobretudo nos atacaram com tal fúria certa ocasião, que todos os nossos animais desembestaram e os homens, picados ao mesmo tempo por seis ou sete desses insetos, ficaram gemendo muito tempo depois. Com o rosto e as mãos inchadas, os joelhos esfolados pelos espinhos, percorremos, num calor exaustivo, essas matas extremamente cerradas. Ao cair da noite novo inconveniente sobreveio para os nossos animais : o terreno era cortado por fundos valados alternando-se com elevações consideráveis ; avistavam-se vales sombrios, de aspecto selvagem, onde reinava uma frescura perpétua ; à beira dos "córregos" que se precipitavam pelos rochedos abaixo, cresciam magníficas flores que o homem nunca veio admirar nessas longínquas paragens ; só o passo solitário do caçador "patachó", caçadores da "anta" ou da onça, pode perturbar o silêncio dessas selvas deshabitadas. O calor secara os riachos em muitos dos vales ; foi preciso, pois, apesar do cansaço dos nossos animais, percorrer ainda uma grande distância para chegar a um lugar onde tivéssemos água perto do nosso acampamento. Encontrámos afinal um claro riacho que corria através de sombria floresta : deram-lhe assim como ao vale, o nome de Joaquim dos Santos, porque, na época da construção da estrada, um homem desse nome construiu aí uma tendinha, para vender mantimentos aos trabalhadores. Acampámos junto do riacho e imediatamente se prepararam três "miriquis", mortos nesse dia. A planta de flores vermelhas que se aproxima das bignônias, a que me referi, ao tratar do Rio Belmonte*, e que foi descrita pelo Prof. Schrader, bem como outra de flores alaranjado escuro, ornavam o nosso acampamento ; folhas de palmeiras serviram para construirmos uma cabana ligeira, que nos protegesse do sereno.

Para repousarmos um pouco da longa marcha da véspera, fizémos no dia 9 um percurso só três léguas, através da floresta densa, onde se nos depararam muitas plantas interessantes e magníficas flores, com que enriquecemos nosso herbário. A "taquara" de folha meúda entrelaçava-se na mata em espessa trama. Alguns pequenos "córregos" continham ainda água límpida e fresca ; a *Bignonia* de flores escarlates crescia-lhes às margens. Pequenas elevações vales alternavam-se continuamente. Nos altos, a vegetação era representada por "caa-

(*) O professor Schrader reconheceu nessa bela planta um gênero novo da família das Bignônias mas faltou-lhe o fruto para completa determinação (V. Adendo).

(Suplem.). *Neowedia speciosa*, Schrader, l. c. p. 706.

(400) O autor põe aqui no plural o nome genérico "Solanum".

tingas"; nos vales, cresciam ainda matas altas. A frescura destas era tanto mais agradável quanto, nas colinas, o terreno é seco e aquecido pelo sol.

Os nossos caçadores mataram, nas margens dum riacho, num vale sombreado por grandes árvores, vários macacos, entre outros o de peito amarelo que já avistáramos no Rio Belmonte⁴⁰¹: verificou-se, examinando-o, que já havia sido ferido, fazia pouco tempo, por uma flecha de índio.

Nesta região, chega-se às margens do córrego da Piabanha, que é considerado o ponto extremo das incursões que os "Patachós" do litoral fazem no interior. O território dos índios "Mongoiós", ou "Camacans" principia nesse córrego e se estende pelo "sertão" à fora.

A partir desse local, encontrámos frequentemente, poisada na casca das árvores, do lado oposto ao norte, a maior borboleta do Brasil (*Phalaena Agrippina*)* que atinge nove polegadas e meia de largura (medida francesa); é de cor cinzento-esbranquiçada suja, com manchas pretas; permanece, durante o calor do dia, colada contra as árvores e só abandona tal posição na frescura da tarde. E' preciso, para apanhá-la, aproximar-se dela com a maior precaução e, assim mesmo, ela frequentemente voa. Empreguei, todavia, um meio mais seguro: o jovem botocudo Queck foi se chegando aos poucos e atirou-lhe uma flecha de ponta rombuda; a borboleta, tonta, caiu imediatamente ao solo; Queck adquirira grande destreza nesse gênero de caçada.

Chegados que fomos a uma cadeia de montanhas ("serra"), em que cresciam muitas "barrigudas" e outras grandes árvores, muita delas estavam tombadas no caminho, sendo preciso, porisso, abrir passagem através da mata, operação que nos tomou muito tempo. Nas "caatingas", observámos muita vez caules colossais de *Cactus* tetrágonos e pentágonos, entre os quais vimos um que se elevava por entre as árvores a mais de cinquenta ou sessenta pés, sobrepujando em altura as árvores e que media dois pés de diâmetro. Outras espécies desse singular vegetal atingem também prodigiosas dimensões nestas regiões equatoriais: o *Cactus brasiliensis*, por exemplo, muito comum no país e que Piso representou na página 191.

Entre as observações zoológicas dessa zona da mata, figura o sapo de chifres ou "intanha" (*Bufo cornutus*)⁴⁰², encontrado por nós em abundancia, entre as folhas que cobriam o solo úmido. Conseguimos apanhar muitos exemplares ainda jovens, que se distinguem pela bela coloração verde claro e castanho de suas costas, muito mais viva

(* CRAMERS, *Schmetterlingen*, tomo I, est. 87, fig. A — MERIAN, *Sur. Ins.*, est. 20.

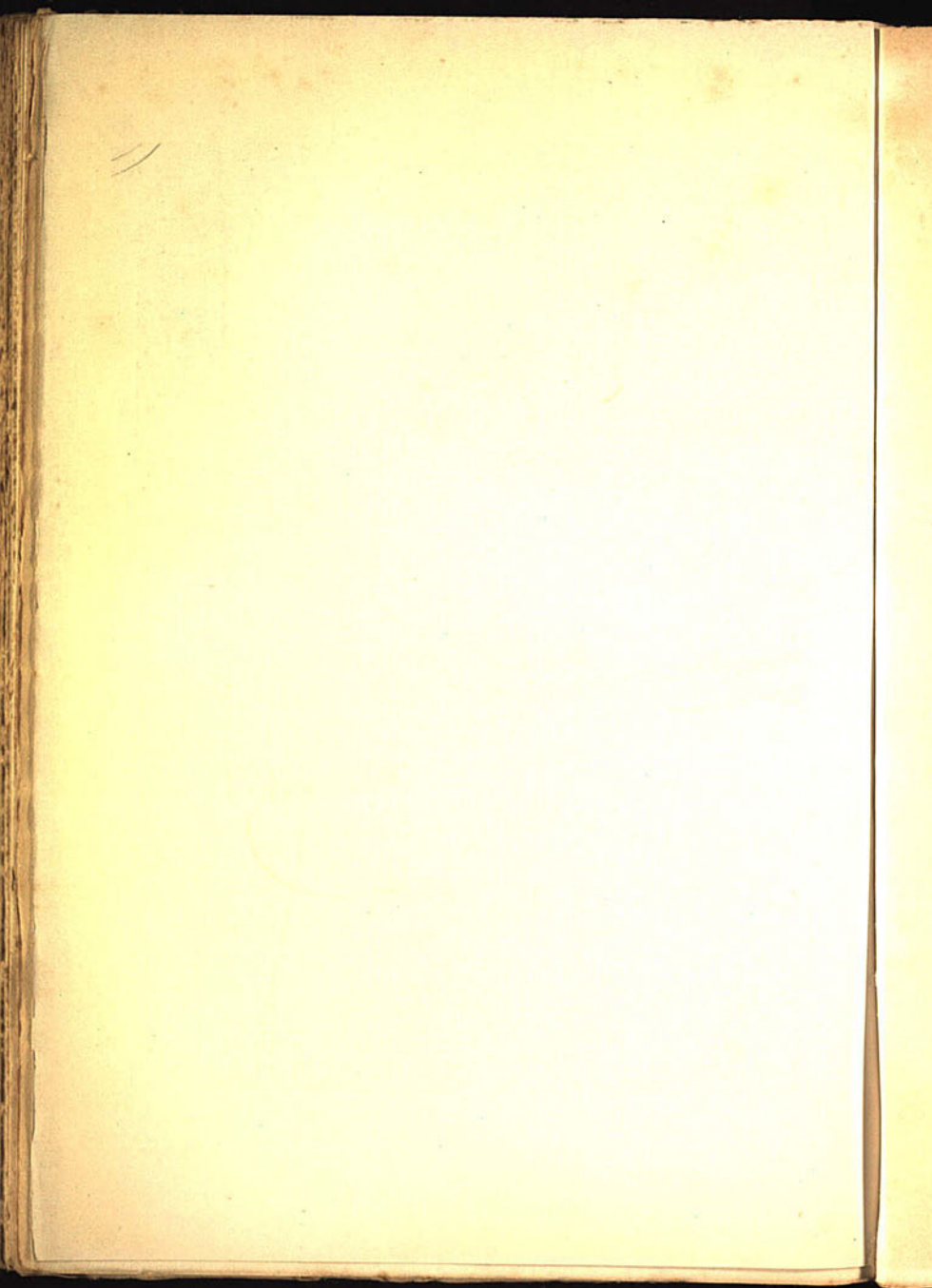
(401) *Cebus variegatus* E. Geoffr. (= *C. xanthosternus* Kuhl). Cf. nota anterior.

(402) Wied escreve "Itannia". Hoje a forma usual é "intanha" e aplica-se indistintamente aos grandes sapos de gênero *Ceratophrya*, singularizados pela existência de um apêndice em forma de chifre, de cada lado da cabeça.



(Est. 20).

Grupo de Camacans na mata.



do que nos indivíduos idosos*. Apanhou-se num tronco de árvore um lagarto, tendo no pescoço uma grande bolsa cor de laranja, que incha quando alguém se aproxima**103. Observámos com frequência um sapo avermelhado, com as costas marcadas por uma triplíce cruz de cor preta***; como em geral todas as espécies do gênero nessa região do Brasil é conhecido pelos portugueses simplesmente pelo nome de "sapo".

Nesta parte do Brasil, estas, como as demais espécies próximas, são conhecidas pela denominação comum de "sapo" que é portuguesa.

Entretidos na contemplação das inúmeras curiosidades naturais dessas florestas chegámos a um lugar que nos proporcionou os primeiros vestígios de ocupação, pelo homem, dessas afastadas solidões. Índios "Camacans" errantes haviam acampado neste local, algumas semanas antes, tendo erguido várias choças. Eram estas de forma quadrangular e formadas por paus presos uns aos outros; pedaços de casca de árvores, colocados descuidadamente, compunham a cobertura; o terreno, em redor, estava juncado de penas de "mutuns" e "jacutingas", que tinham servido de alimento aos moradores. Não pudemos, todavia, atinar com a direção que deveriam ter tomado esses selvagens caçadores. O nosso guia e seu jovem "Camacan", que conheciam bem essas paragens, nos asseguraram que, à nossa esquerda, ao sul por conseguinte, havíamos passado por perto de uma das aldeias maiores e mais povoadas desses índios.

(*) O Sr. Tilesius publicou a estampa desse sapo no "Magazin der Gesellschaft naturforschender Freunde zu Berlin", 3.º ano (1808), est. 111. É bem boa a estampa, porém inexactamente colorida, pois não encontro nesse animal as cores violeta e alaranjado vivo que nela vêm representadas; é, contudo, a melhor de todas as que conheço, pois as que vêm publicadas nas obras de história natural são verdadeiras caricaturas. A estampa publicada pelo Sr. Tilesius representa um indivíduo fêmea; o macho tem colorido muito diferente.

(**) É um *Anolis*, que considero espécie nova, e denominei *Anolis gracilis*. Apresenta certa semelhança com *Anolis a points blancs* de Daudin, de que, todavia, parece sensivelmente diferir. Tem o corpo muito esguio, a cabeça alongada, estreita, quasi em forma de tromba, ocupando quasi um terço do comprimento do corpo, fora a cauda, que mede mais de duas vezes o comprimento do resto do corpo. A cabeça lembra, pela sua forma, a do jacaré; por baixo da garganta se vê um grande saco membranoso de cor alaranjada, com algumas filas de grossas placas verde claro; o resto do corpo é coberto de placas muito finas, imitando "chagrin". Uma crista membranosa, pouco saliente, se prolonga pelas costas e base da cauda; a abertura das orelhas é lisa; todas as partes superiores do animal são de cor castanho avermelhado escuro e marcadas de pequenos pontos brancos dispostos em linhas transversais; observa-se em algumas porções do corpo uma leve coloração verde. A descrição que Daudin fez de seu *Anolis a points blancs*, é por demais imperfeita para poder decidir da identidade desses dois animais.

Encontrei no Morro d'Arara, nas matas do rio Mucuri, uma outra, igualmente delgada e de cauda muito comprida, a que denominei *Anolis viridis*. A sua cauda mede mais de duas vezes o comprimento do resto do corpo, que é como o do outro coberto de pequenas placas. A coloração do animal, que muda conforme diferentemente é excitado, agrada à primeira vista; é geralmente de um belo verde claro, atravessado, da cabeça à cauda, por sete faixas mais carregadas, que, geralmente, são ora castanhas, ora verde escuro, ora cinzento escuro. Os lados são marcados de pontos brancos circulares que, quando o animal é excitado, se tornam azul esverdeado. A cauda é verde claro na base, com listas transversais e manchas de coloração pardas muito escuras.

Essas duas espécies de *Anolis* vivem sobre as árvores das florestas. Os brasileiros dão-lhes o nome de "camaleão", que bastante lhes convém, pois a última, pelo menos, muda de cor.

(***) *Bufo crucifer*. É sem dúvida o *Crapaud perlé* (*Bufo margaritifera*) de Daudin (*Histoire naturelle des rainettes, des grenouilles et des crapauds*, p. 89, tomo XXXIII).

(403) A espécie corresponde a *Anolis punctatus* Daudin, 1802 e inclui-se entre as que o povo chama "papa-vento" ou "camaleão" (fam. Iguanidas). *Anolis gracilis* Wied e *A. viridis* Wied, consideradas distintas na nota do autor e em "Beiträge" (vol. 1, ps. 108 e 113), são hoje tidas como sinónimas.

Queimados pelo sol e picados pelas urtigas e "marimbondos", chegámos à tarde ao Ribeirão da Issara, que rola suas cristalinas águas sobre leito de pedra e estava então pouco cheio ; fizemos uma parada na solidão romântica desse vale, debaixo de velhas árvores. Descarregaram-se os burros, pendurando as cargas nos cipós e teríamos passado uma boa noite ao relento, si, depois da meia noite, violenta tempestade, acompanhada de forte chuva, não nos tivesse tirado do nosso sono profundo. Diante disso, tivemos que cobrir as bagagens com couros de boi, e nos abrigarmos com um manto grosso e o guarda-chuva, que tivemos o cuidado de trazer. Trazer comsigo uma barraca ou coberta é grandemente incômodo, pois seu transporte exige vários animais e estes, em grande número, teriam dificuldade de se alimentar nas florestas fechadas em que se viaja. Quem se decida a empreender uma viagem semelhante deve gosar de excelente saúde, ser capaz de suportar fadigas de todo gênero, animado de ardente zelo pelos objectivos da mesma, suportando tranquila e alegremente todo e qualquer desconforto, acomodando-se às privações e sabendo tomar no bom sentido todas as contrariedades que experimente. Contemplávamos com calma filosófica a chuva torrencial que caía sobre nós e achávamos mesmo motivo para rir dos grupos singulares, formados pelos nossos homens, para se garantirem, cada qual a seu modo, da melhor forma possível, contra as inclemências do tempo. Consolávamos uns aos outros com a esperança de que essa catastrófica chuva não tardaria a passar ; mas não podíamos deixar de refletir que bem mal estaríamos si ela durasse varios dias, pois, em tais circunstâncias, os homens e, sobretudo os animais, caem logo doentes, não suportando estes a humidade. Comitivas inteiras de viajantes têm em pouco tempo perdido a vida nessas florestas espessas e úmidas.

Finalmente rompeu o dia, e, que felicidade !, os raios quentes do sol romperam a travéz nuvens e restituíram a coragem a todo o nosso pessoal. Bem necessitados disso estavam todos, pois aos animais enfraquecidos pela falta de alimento era penoso suportar a carga molhada pela chuva e portanto mais pesada, para depois continuar a nossa marcha através de vales e montanhas. Tínhamos avançado tanto nesse 10 de Janeiro, que em um dia poderíamos atingir o ponto em que se transpõe pela última vez o Rio da Cachoeira. Mas, para não exigir demais dos nossos burros, já tão carregados, dividimos a nossa caminhada em duas partes.

No primeiro dia, o caminho se apresentou quasi que livre de massios de vegetação ; mas algumas plantas rasteiras, armadas de espinhos, a *Jatropha urens*, e, sobretudo, uma espécie de *Ilex*, juntamente com muitas de *Mimosa* e ainda os "marimbondos" nos afligiram cruelmente. Estes últimos insetos, todavia, nos atormentaram menos do que receíamos, pois os combatemos tenazmente, destruindo muitos de seus ninhos. Atravessámos uma zona montanhosa, denominada Serra da Çuçarana, porque, quando se abriu a estrada, aí foi morta uma onça vermelha ("*Çuçaranna*", *Felis concolor*, Linn.). As mon-

tanhas dessa serra não são muito altas, mas são ásperas e áridas, cobertas de fragmentos de pedras e seixos, no meio dos quais cresce ua mata intrincada de árvores de altura medíocre ou uma caatinga, cujo solo, nos pontos mais desembaraçados, e principalmente na estrada, é coberto de "capim de zabelê", bela gramínea a que acima já me referi.

Caminhando pelos tufos cerrados dessa gramínea desmanchamos um ninho solitário de uma "macuca" (*Tinamus brasiliensis*, Lath.), que põe seus grandes e belos ovos em terra. Encontram-se frequentemente tais ninhos nessas matas, e têm servido de alimento a mais de um viajante. A relação das trágicas aventuras de Madame Godin, que se lê no livro de La Condamine, fornece-nos impressionante exemplo*. Deveu ela a conservação dos seus dias àqueles ovos que um feliz acaso lhe fez descobrir, enquanto que os seus companheiros de infortúnio expiravam de fadiga ao lado dela.

O meu melhor animal de carga adoeceu numa das subidas da Serra da Chuçarana e foi ficando para traz; tornou-se assim, necessário carregar um dos nossos animais de sela. Apesar de todos os socorros que lhe foram ministrados, o animal morreu: sentimos muito a sua perda.

Uma ave, que havia muito procurávamos, o urubú-rei (*Vultur Papa* Linn.)⁽⁴⁾, mostrou-se-nos nessa ocasião plainando nas alturas; seu sutil olfato lhe indicara a presença de um cadáver; mas a sua prudência o retinha a considerável distancia, e foi debalde que mandei um caçador se esconder para pegá-lo de surpresa. Entretanto, como eu desejasse possuir uma dessas aves, passei a noite nas proximidades dum "córrego" denominado João de Deus, nome tirado de um índio, que foi enterrado em suas margens, por ocasião da abertura da estrada e em cuja sepultura colocaram uma cruz, que ainda hoje ali se vê. O comum dos brasileiros não passa de bom grado a noite no lugar em que alguém foi enterrado, pois o medo das almas-do-outro-mundo é ainda muito forte entre eles. Si isso porém acontece, não deixam de murmurar algumas rezas em seu rosário; mas, quando estão junto de outras pessoas, têm mais coragem, pois acreditam que o espírito se atemoriza com o número.

O lugar por mim escolhido, junto da cruz para pernoitar, já havia sido ocupado antes de nós por um macaco (*Cebus xanthosternus*), que, ao avistar-nos, fugiu precipitadamente. Um outro habitante do local.

(*) DE LA CONDAMINE, *Rélation abrégé d'un voyage*, etc., p. 355.

(404) *Sarcoramphus papa* (Linn.), "urubú-rei" ou "corvo branco". Grande e vistosa ave, de bico e pescoço ornamentados de carúnculos carnosos vivamente coloridos de vermelho e plumagem quasi inteiramente branca, mais ou menos distintamente tingida de róseo. Não fossem os seus hábitos e poder-se-ia não suspectar, à primeira vista, o seu estreito parentesco com o surubú, de que é formoso e agigantado rival. No interior do Brasil, longe das zonas habitadas, a par dos urubús comuns, banqueteia-se comumente nos cadáveres dos grandes herbívoros, logo no início da putrefação. Sobre seus hábitos divulguei alhures (Rev. Museu Paulista, XIX, p. 17 e XX, p. 48) algumas observações colhidas em Goiás, aliás algo discordantes do que corre geralmente a respeito (cf. A. Neiva & Penna, *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, VIII, p. 104).

deu-se melhor com os novos hóspedes ; preso a fôlha duma pequena árvore via-se o ninho de dois colibris, de uma espécie (*Trochilus ater*)⁴⁰⁵, já por mim citada à página 000 do primeiro tomo. O pequeno ninho estava preso 2 face superior do galho e era construído de lâ vegetal amarelo-avermelhada ; havia nele dois filhotes implumes que tomam sob nossa proteção.

Tendo ainda presentes na memória as torrentes de chuva da noite precedente, derrubámos uma árvore (*Bignonia*), e tirámos-lhe a casca e cobrimos com ela uma choça, que construímos, às pressas, com uns galhos. Os viajantes fazem "ranchos" nessas solidões com as folhas resistentes de palmeira ou de "patioba", quando as encontram ; fixam-se alguns paus na terra, prendem-se-lhes outros atravessados e cobre-se tudo de modo a formar uma cobertura inclinada. Si faltam tais fôlhas como na maioria dos lugares por onde passa a nossa estrada, São João de Deus, sendo exemplo desse caso, destacam-se grandes pedaços de casca de árvore e com eles se cobre a cabana ; a casca do "pau-darco", a que anteriormente já me referi, é das mais empregadas nesse mister.

A 11 de janeiro, os caçadores, que haviam passado a noite ao pé do burro morto, chegaram e contaram-me que não haviam conseguido matar um "urubú-rei", pelo que, em seguida, levantámos acampamento. A "tropa" não tardou em atingir o Ribeirão da Cajazeira, depois o Ribeirão das Minhocas. Encontrámos em suas margens, pela primeira vez, a bela gralha de barba azul (*Corvus cyanopogon*)^{*406}, a que chamam "geng-geng"⁴⁰⁷ no sertão da Baía. Matámos algumas dessas aves, pois não são ariscas. A plumagem delas é simplesmente branca e preta, mas é fácil de reconhecer por uma mancha azul de cada lado da parte inferior do bico ; o alto da cabeça é ornado de um pequeno tope de penas.

Matámos também no mesmo local, pela primeira vez, o "sauí" ("sauim preto") a que já me referi. Fiquei muito satisfeito por poder ter esse belo animal que é uma espécie nova que se distingue por cores muito características^{*408}. Esses "sauís" vivem em pe-

(*) L'ACADÉ DE AZARA, Voyages, etc., vol. III, p. 152.

(***) *Hapale chrysomelas*. Comprimento do corpo, 8 polegadas e 8 linhas ; da cauda, 11 polegadas e 11 linhas. Cara rodeada de longos pelos ruivos que são erectos como em *Sittia rosalia* ; o pelo do ante-braco apresenta também essa bela coloração vermelho-amarelada. Ao longo da cauda, desde a base até o meio, estende-se uma lista de linda cor amarelo-avermelhada clara. Toda a parte superior do corpo é de um preto carregado.

(405) *Melanotrochilus fuscus* (Vieillot) da moderna nomenclatura (cf. nota anterior).

(406) Não nos admitemos que Wied ao escrever o relatório de sua viagem, tivesse deixado de reconhecer uma nova espécie na ave que acabava de descobrir, confundindo-a com a gralha dos Estados do sul, ou "Acabê" de Azara (*Cyanocorax chrysops* Vieillot). E' de lamentar, porém, que assim equivocasse se apropriar Temminck, quando pouco depois (*Nouv. Réc. Planches Color.*, p. 169-1922) a descrevia e figurava, mediante exemplares remetidos pelo nosso zoólogo-viajante. *Cyanocorax cyanopogon* (Temm.) é peculiar à porção oriental do altiplano brasileiro, de Minas para o norte.

(407) Onomatopéia que em português deve corresponder a quem-quem. "Can-can", leve variante deste nome, é o usado ainda hoje, para a ave, na costa da Baía (C. O. Pinto, *Rev. Museu Paulista*, XIX, p. 32).

(408) *Leontoceros chrysomelas* (Wied), bastante contraditório ainda nas matas de leste da Baía. Coleccionei para o Museu Paulista vários exemplares da espécie, em 1932, no Rio Gongogoy.

quenos grupos de quatro a doze indivíduos, e correm pelo cimo das árvores. São muito numerosos nas grandes florestas desta região; mas parece que não se dispersam por área muito extensa, pois ainda não os observei em outro ponto. Si alguém se aproxima da árvore em que estão, alarmam-se, escondem-se por traz dos grossos galhos, e olham com curiosidade, esticando o pescoço e procurando fugir. Facilmente podem ser mortos, mas são muito pequenos para serem comidos. Fazem-se às vezes no sertão bonés com a sua pele, mas geralmente não são aproveitados para nada. O grupo dos pequenos "sauís" (*Jacchus*, *Hapale* e *Midas*) é extremamente numeroso nas florestas da América Meridional: são atualmente conhecidas muitas espécies dêles e, com certeza, depois de se fazerem pesquisas mais rigorosas nessas florestas, ainda se descobrirão outras.

Os nossos caçadores só matavam geralmente pequenos animais, principalmente macacos. Desejávamos vivamente encontrar uma principalmente macacos. Desejávamos vivamente encontrar uma onça ("Jaguarétê"), mas tal desejo nunca se realizou; distingufamos, todavia, traços recentes dêsse carnívoro, e vimos repetidamente troncos em que êle tinha afiado as suas perigosas garras, pois para'isso êle arranha a casca das árvores. Mais felizes não fomos em relação aos porcos do mato, cujos rastros encontrámos várias vezes, sem que conseguíssemos matar um só; os nossos tiros, o barulho que faziam os nossos cargueiros, ecoando ao longe nestas florestas solitárias, junto aos gritos dos "tropeiros", em parte bem poderão ter sido a causa desse insucesso. Nossos cães latiam com força quando descobriam um animal e, às vezes, forçavam os grandes "teíus"⁴⁰⁹ a se refugiarem no ôco das árvores; seria preciso tirar-lhes daí a machadinha, mas faltou-nos tempo para essa operação.

A mata fora hoje fortemente regada pela chuva, repartindo conosco parte de sua umidade, muito contra a nossa vontade. Foi assim necessário pensar em construir um abrigo contra novos aguaceiros, que ameaçavam cair durante a noite. Fizemos então um "rancho" com todas as folhas de "patioba" que conseguimos encontrar, e carregados com esse fardo salvador, chegámos antes do pôr do sol, às margens do Rio da Cachoeira.

O Rio dos Ilhéus ou da Cachoeira é atravessado nessa altura pela última vez; faz aí um cotovelo e corta a estrada, ao sul da qual ele corre sempre, desde aí até o mar. Para oeste a estrada prolonga-se

(*) As obras de história natural contem muitas inexactidões sobre o "teíu". Julga-se, entre outras coisas, pelos exemplares conservados em espírito-de-vinho, que esse lagarto de cauda redonda é preto com manchas azuladas, quando estas são de fato amareladas. (V. Cuvier, *Règne animal*, tomo II, p. 27, etc.). Observei também que esse lagarto mergulha água apesar do que disse Humboldt (v. *Rélation du voyage au nouveau Continent*, tomo II, p. 80). Seba representou provavelmente esse animal na estampa XCIV, figs. 1, 2 e 3 do seu primeiro volume; mas essas figuras não são exatas, pois o fundo da coloração deve ser escuro, com manchas amarelo claro. A primeira figura da estampa XCIX apresenta diferenças de cor muito grandes para se applicarem a esse animal.

(409) *Tupinambá teguixin* (Linn., 1758). E' o maior dos nossos lagartos, atingindo cerca de um metro de comprimento; pratica regimen carnívoro e é muito comum nas grandes matas do este baiano, como a mim próprio foi dado observar. (Cf. *Rev. Museu Paulista*, XIX, p. 17).

gens cuja lembrança fica profundamente gravada na memória. A nossa principal preocupação era, então, a de os ver voltar caminho, e em linha reta, e todos os cursos d'água que a cortam se vão lançar no Rio Pardo. O Rio da Cachoeira é muito pequeno nessa altura, e estava tão raso então que pudemos atravessá-lo a vau; seu leito estava cheio de detritos de rochas e de seixos; pouco mais acima, divide-se em dois e chega-se aos "córregos" que lhe dão origem. Não tardámos em encontrar, em sua margem ocidental, algumas cabanas feitas de estacas, que cobrimos com as folhas de "patioba" que trouxéramos. Os nossos homens tiveram daí a pouco um prato grande de peioe, principalmente constituído de "piabanhas", que constituíram a nossa refeição da tarde.

Os animais estavam bastante fatigados com a viagem pela mata, durante a qual pouca forragem verde tiveram, além de estar quasi esgotada a nossa provisão de milho. Tornou-se por isso preciso ir buscar outra numa aldeia de "Camacans" situada na mata e conhecida de nosso jovem índio, que pertence a essa tribo. José Caetano se ofereceu para acompanhá-lo, trazer o milho de que necessitávamos e até, si fosse possível, alguns índios que nos acompanhassem e auxiliassem ns caçadas.

Estando a "aldeia" dos "Camacans" à distancia de um dia e meio de viagem, tivemos que nos resignar a passar quatro ou cinco dias nessas solidões desertas. Fiz acompanhar os dois portadores, bons conhecedores da mata, pelo meu mulato Manoel, homem robusto e destemido; todos os três bem armados, providos de pólvora e chumbo, assim como dos víveres necessários, partiram a 12 de janeiro, de manhã cedo.

Nós, os que ficámos no rancho, começávamos a sentir imperiosa necessidade de carne fresca para poder comer alternadamente com peixe, cujo uso muito repetido causa febres. Enquanto alguns dos meus homens deitavam o anzol, outros percorriam a floresta vizinha; mataram grande quantidade de "sauís" pretos e bem assim de cinzentos (*Jacchus penicillatus*, Geoffr.); mas esses pequenos animais, que são do tamanho de um serelepe, não foram bastantes para matar a fome dos caçadores. Essa região pareceu-nos pouco abundante em caça grande, própria para se comer: em cinco dias os nossos caçadores só mataram três "guaribas", um "guigó"⁴¹⁰ (*Callitrix melanochir*) e uma "jacupemba" e algumas outras aves comestíveis além de grande número de sauís. Ao cabo de alguns dias, os peixes não quizeram morder mais as iscas, de sorte que ficámos reduzidos a "carne seca" e "farinha de mandioca". Os animais de carga não foram mais bem aquinhoados que os homens, pois no solo sombreado pela mata fechada, não cresce muita relva e ao longo da estrada só se viam arbustos duros e na maior parte espinhosos. Não era, pois, de surpreender que êsses inteligentes animais procurassem a toda hora voltar para as pasta-

(410) Wied escreve, à maneira germânica, "Gigó". E' o nome usual nas matas do Gongoy onde ouvi muitas vêzes os concertos que entãoam estes macacos.

tivemos que empregar toda a vigilância para impedi-lo. Tivemos, por conseguinte, de obrigar os burros a andar para a frente pela velha estrada da floresta e, sendo ela impraticável pelos lados, juntas como são as árvores, bastou fechar o caminho, por traz deles, com compridos paus e pequenas árvores atravessadas. Assim mesmo, fugiram, conforme o seu costume, logo que anoiteceu; ouvimo-los atravessar a trote o rio, sem os poder distinguir na escuridão: tivemos muito trabalho em reconduzindo-los ao acampamento. Cedo reconhecemos a inani- dade dos nossos esforços, pois assim que os largámos eles atravessaram de novo a espessura da mata e correram para o rio. Começámos, então, a pensar que outro motivo se somava ao de procurar melhores pastagens para fazê-los fugir. despachei, por conseguinte, ao raiar do dia, dois caçadores para reconhecerem o caminho para diante; descobrimos os rastros de duas grandes onças ("Jaguarété") que, durante a noite, haviam passado pelas nossas proximidades; si o tivessem podido, não teriam deixado de se apoderar de um par de burros nossos. Depois disso, demos várias batidas no local e, à noite, acendemos grandes fogueiras na estrada.

O nosso tempo de descanso nesses afastados ermos foi aproveitado em percorrer a floresta que nos cercava em todos os sentidos. A nossa coleção de plantas curiosas foi abundantíssima; encontramos, entre outras, muitos fetos interessantes*. Limite-me a citar um dos mais belos, *Asplenium marginatum*, que se ergue a dez ou doze pés, e que só se nos deparou uma vez durante toda a nossa viagem; pode, por isso, ser incluído entre as raridades da região.

Aumentámos a nossa coleção com aves de várias espécies novas, entre as quais uma subdeira cor de ferrugem (*Dendrocolaptes trochilrostris* do Museu de Berlim)⁴¹¹, de bico muito comprido e recurvado em foice, e outra espécie muito aparentada, de plumagem bruno-ferruginosa, que trepa nas árvores e nelas bate com a bico, fazendo ouvir um grito singular**⁴¹².

(*) (Suplem.) Trouxe da minha viagem mais de cem espécies de fetos; o Sr. Schrader reconheceu como novas mais de metade delas.

(**) Essa ave pertence a uma família que tem afinidades com os arapaçús e com as toutinegras (Sylvia). TEMMINCK lhe deu o nome de *Anabates leucophthalmus* a espécie, de que dou uma curta descrição. Comprimento do macho, 8 polegadas e 2 linhas e meia, envergadura das asas, 11 polegadas e 3 linhas. Toda a parte superior do corpo é ferrugíneo carregado, ou bruno avermelhado; a coloração do uropígio passa insensivelmente ao ferrugíneo claro; cauda da mesma cor; base das penas bruno muito escuro; mento garganta e parte inferior do pescoço, branco amarelado claro, que contrasta nitidamente com as cores das partes superiores do corpo; a tonalidade esbranquiçada passa ao amarelo sujo à medida que se afasta do peito; ventre cinzento amarelado pálido passando ao acinzentado pardo nos flancos; cristo pardo amarelo muito pálido; retrizes interiores da asa, amarelo arruado claro; fronte um pouco mais avermelhada; iris cinzenta pérola ou branco-prateada.

(411) *Campylorhynchus t. trochilrostris* Licht., da actual nomenclatura. A denominação *Dendrocolaptes trochilrostris* é devida a Lichtenstein, que descreveu o pássaro em 1920, nas "Abhandl. Akad. Wissensch.", de Berlim. Em 1933 colecionei no Rio Jucuruçú um exemplar, que atribuo à forma referida por Wied. No norte da Bala (Bomfim) vive uma outra raça, que descrevi com o nome de *Campylorhynchus trochilrostris omisus* (cf. *Boletim Biológico*, nov., ser. II, p. 61, 1933).

(412) *Automolus l. leucophthalmus* (Wied.). É pássaro relativamente abundante nas matas do este baiano, dois exemplares topotípicos dela existindo no Museu Paulista e vários outros tendo sido por mim trazidos dos Rios Gongogoy e Jucuruçú (cf. *Rev. Museu Paulista*, XIX, p. 186). Sua área geográfica é muito extensa, compreendendo o sul de Goiás e o leste do Paraguai (cf. *Rev. Museu Paulista*, XXII, p. 431/2).

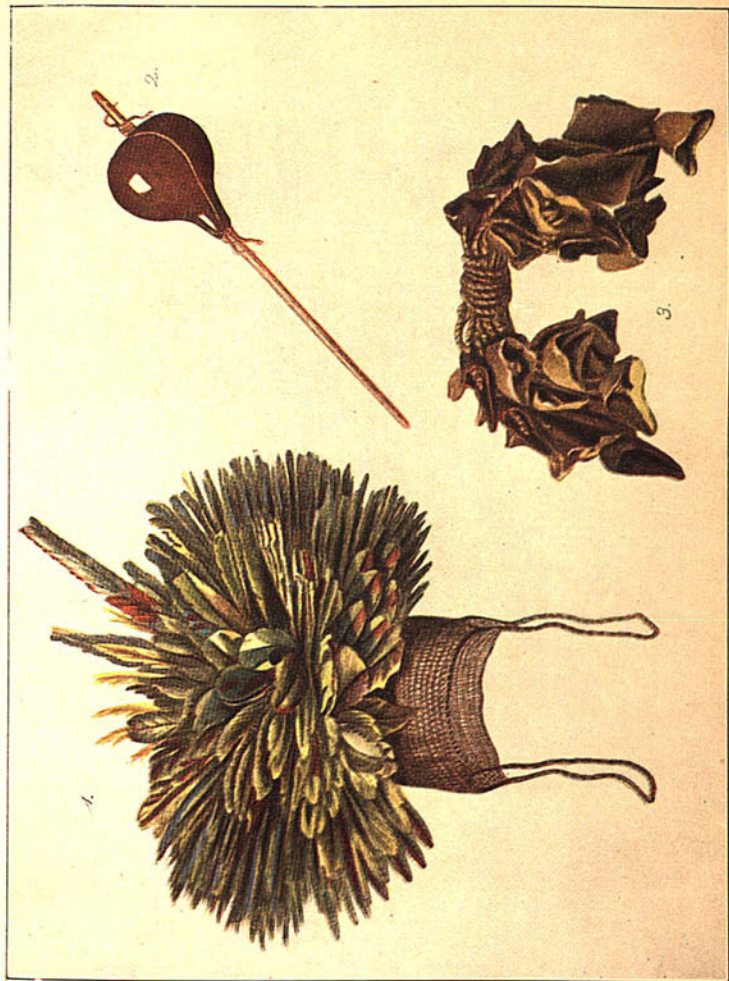
No quarto dia da nossa parada nas margens do rio, no dia 16, lá para o meio-dia, ouvimos um tiro de espingarda que logo nos deu a esperança de ver regressar Caetano e seus companheiros. A seguir ouviram-se várias vozes ressoar na espessura da mata e avistámos, do outro lado do rio, Manoel acompanhado de dois Camacans. Trazia na mão, ainda vivo, um bellissimo gavião branco, de espécie desconhecida de mim⁴¹³. José Caetano não regressára com eles porque, conforme combinação nossa, preferira voltar da aldeia para São Pedro de Alcântara com o seu "Camacan". Manoel contou-me que encontrara uma pequena aldeia de índios "Camacans", vivendo em estado ainda de extremo atrazo. Nela só se contavam cinco homens um dos quais tinha um grave ferimento no pé. Esses "Camacans" viviam quasi que exclusivamente de caça; só cultivavam um pequeno número de plantas para as suas limitadíssimas necessidades; por isso não conseguimos obter milho para os nossos animais. Nalgumas dessas "rancharias" (aldeias) de "Camacans", não se haviam visto brancos ainda. Noutras "aldeias", situadas mais para o "sertão", colhe-se bastante algodão, mandioca e milho, de modo a permitir que aí nos abastecemos.

Os Mongoiós, como são eles denominados pelos portugueses, estão colocados um pouco acima dos "Botocudos" e "Patachós", seus vizinhos, na escala da civilização. Cultivam geralmente alguns vegetais úteis e há muitos anos vivem em paz com as colônias europeias. Os dois homens dessa tribu que acabavam de chegar ao acampamento eram bem constituídos, robustos e musculosos; inteiramente nus, com exceção apenas da "tacanhoba" ou bainha de folhas de "issara", que os homens trazem, à moda dos "Botocudos". Suas orelhas e lábios não estavam desfigurados. Alguns deixam os cabelos crescer tanto que caem até à cintura e lhes dão um ar feroz; outros, ao contrário, cortam-nos em volta da nuca, sendo, entretanto, essa moda pouco comum. Seus arcos e suas flechas eram fabricados com muito esmero. Mais adiante, darei amplas informações sobre essa tribu. Fiz representar a assembléia desses índios na vinhetta que precede este capítulo na edição in-4to. (alemã). Um deles havia matado a flechadas um gavião branco que estava no ninho em cima duma árvore muito alta e a uma distância em que as nossas melhores espingardas nem sempre atingem o alvo. O prazer, que senti quando consegui obter essa bela ave, foi tanto maior quanto muitas vèzes a viramos plainando nos ares, sem nunca a podermos apanhar. No resto da minha viagem, nunca mais a avistei⁴¹⁴.

(*) E' sem dúvida a "petit Aigle de la Guiane" de Mauduyt (*Falco guianensis*, DAUDIN, *Traité élém. et comp. d'ornith.*, tomo II, p. 78).

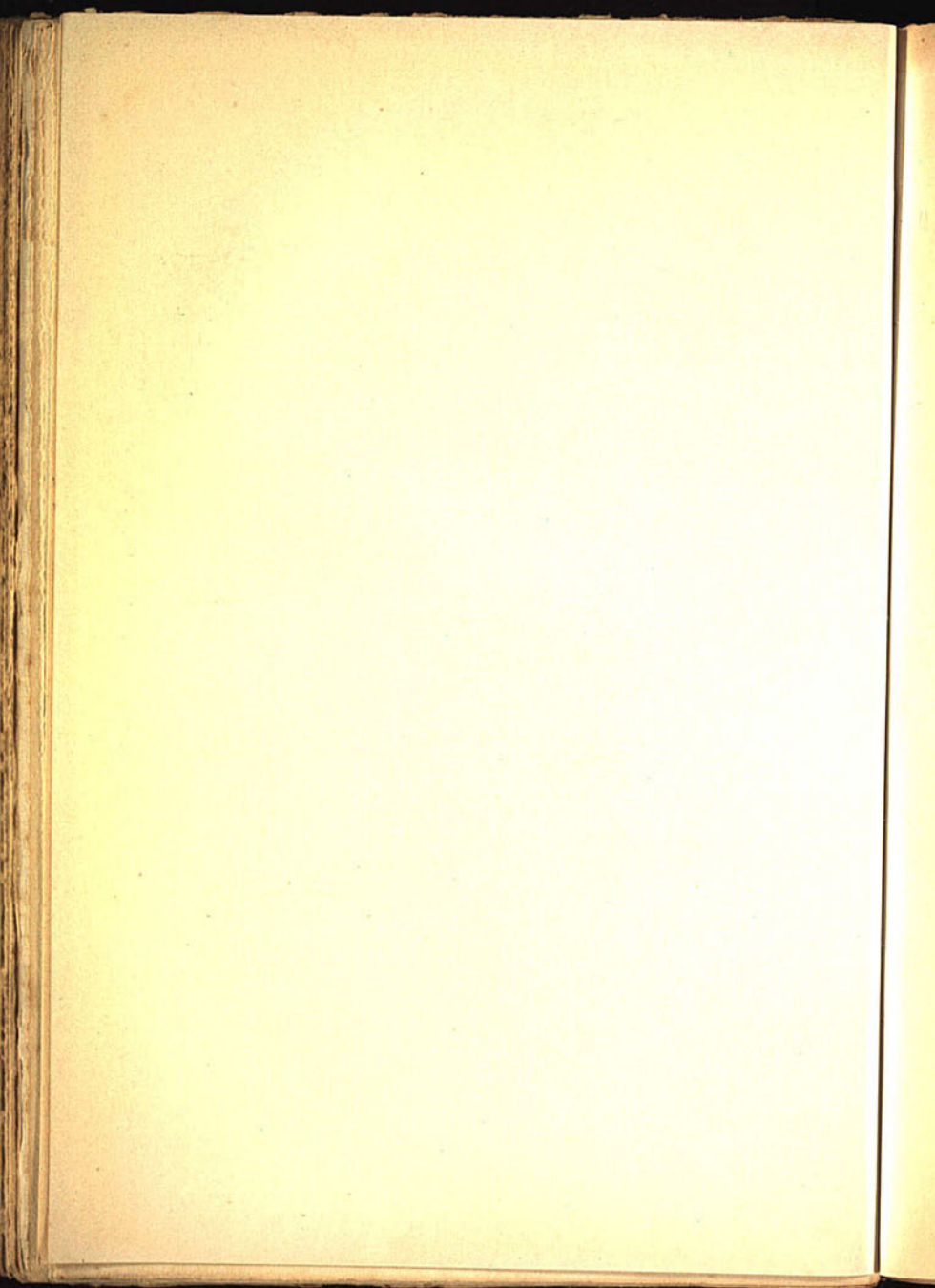
(413) Não há elementos para determinar a que gavião deve referir-se aqui o autor. Pelo menos, é impossível reconhecê-lo em qualquer das espécies descritas por Wied no vol. III (1.ª parte) das "Beiträge". Talvez se trate de alguma forma de género *Leucopternis*, nomeadamente *L. polionota* (Kaup), de que no Rio Jucuruçú colecionei um exemplar (cf. *Rev. Museu Paulista*, XIX, p. 103).

(414) E' um dos chamados "gaviões de penacho" e constitue a única espécie do género *Morphnus*. Em tamanho, no Brasil, rivaliza com a "águia cinzenta" (*Harpyhalisctus coronatus* (Vieill. e é excedido apenas pelo "gavião real" (*Harpyia harpyja* Linn.).



Ornatos e utensilios dos Camacans.

(Est. 22).



Os nossos dois selvagens olharam fixamente os forasteiros sem dizer uma palavra e sentaram-se junto à fogueira. Depois que descansaram um pouco mandei-os caçar. A habilidade que possuem para esse exercício, por assim dizer inato neles, é realmente extraordinária; voltaram à noite trazendo dois macacos (*Cebus xanthosternos*)⁽⁴¹⁵⁾ e uma "jacupemba", todos atravessados em pleno peito, pela flecha vigorosa dos "Camacans".

Nessa mesma noite fomos testemunhas de uma das mais animadas cenas de caçada que se possa imaginar. Estávamos todos em nossas cabanas, cada qual em sua ocupação, quando um numeroso bando de lontras surgiu no rio, que não era muito fundo. Não desconfiando de nossa presença no local, esses tímidos animais haviam avançado até aquele ponto. Como as águas do rio eram muito baixas para nelas se esconderem, corremos todos a apanhar nossas armas. Infelizmente as espingardas não estavam em muito bom estado e algumas negaram fogo; vários tiros erraram o alvo e os nossos cães se recusaram a atacar as lontras, que mordiam furiosamente, de todos os lados. Assim, escaparam ao nosso vivo ataque, com exceção de uma só, que Manoel matou com um violento golpe de "facão", quando procurava fugir por cima de uma pedra. As lontras do Brasil têm um pelo bellissimo que não é tão apreciado no país quanto é entre nós o da lontra européia⁽⁴¹⁶⁾; são muito comuns na América Meridional e adquirem grande tamanho, motivo pelo qual deram motivo à tradição das sereias, que habitam não só os mares como os rios. Quandt (p. 106) e outros escritores acreditaram na existência desses seres singulares e todas os dias os periódicos repetem na Europa que, nesse ou naquele ponto foi encontrada uma mulher marinha, tanto é difícil desarraigar uma crendice, seja ela a mais absurda, até nos países que mais se gabam dos progressos de sua civilização.

Malograda a minha esperança de obter milho na "aldeia" dos "Camacans", não atinava com um meio de obter melhor alimentação para os meus animais; dei, por isso, ordem de partida na manhã do dia 17. Os dois selvagens, não nos querendo acompanhar mais longe, voltaram para suas cabanas depois de terem trocados por facas e outras ninharias os seus arcos e flechas. O calor estava fortíssimo, as elevações cobertas de "catingas" nos pareceram extremamente áridas; a água extremamente rara. Tendo encontrado muitas folhas de "issara", levamo-las para com elas fazer um abrigo para a noite. Percorremos duas léguas e meia, e parámos à noite nas margens de um límpido "córrego". A 18, puzemo-nos novamente em marcha, fazendo mais três léguas. Lá para o meio do dia, atingimos o vale do Boqueirão, sombreado

(*) Esse macaco, a que já me referi no primeiro volume, foi depois representado na obra de Geoffroy e Frederico Cuvier sob a denominação de "Sai à grosse tête".

(415) Sobre este símio veja-se nota inserta anteriormente.

(416) Convém lembrar que a lontra a que se refere Wied é a mesma espécie a que os tupis denominavam "ariranha" (*Pteronura brasiliensis* Zimm.), muito maior, mais bravia e de pelo muito mais bravia do que a que conhecemos hoje propriamente por lontra (*Lutra paranaensis* Rengger).

por altas florestas; um pequeno riacho, quasi sêco, serpenteia ao longo d'ele. Suas margens, como todo o fundo do vale, estavam cobertas pitorescamente de fetos de formas as mais variadas. Cresciam aí várias espécies de *Anemia* e, notadamente, um *Pteris* não conhecido ainda*, cujas fôlhas estéreis (*frondes steriles*) são sagitadas; as fecundas, pelo contrário, são recortadas profundamente e de maneira diversa, à semelhança de várias outras belas espécies dessa interessante família. O meu perdigueiro varejou sofregamente as moitas e trouxe-me inesperadamente uma grande "macuca", que não mostrava nenhum ferimento e que provavelmente surpreendera no ninho. Nossos caçadores, que se haviam adiantado, aditaram a essa caça uma segunda "macuca", um "guigó" e um "zabelê" (*Tinamus noctivagus*).

A declividade que fomos obrigados a subir, para sair do "boqueirão", foi tão penosa para alguns dos nossos animais, esgotados de fadiga, que eles nem mais sentiam o chicote e ficaram muito para traz dos outros; estavam cobertos de suor, pois o calor era intolerável e a atmosfera repleta de electricidade que procurava se pôr em equilíbrio mediante repetidos trovões⁴¹⁷; trovejava ainda bastante, quando fizemos o nosso acampamento entre dois límpidos "córregos" donde o local tirou o seu nome de Dois Riachos. Víamos com inquietação a noite se aproximar, pois seríamos forçados a passá-la a céu aberto e os raios, que se repetiam sem cessar por sobre o vale, nos faziam temer ser assaltados por uma tempestade. Em vista disso, procurámos arranjar com os couros, e da melhor maneira possível, uma espécie de cabana, que, entretanto, não nos poderia suficientemente proteger contra as torrentes de chuva, que acompanham as tempestades nos trópicos. Por felicidade nossa não choveu, e as nuvens se dissiparam.

A árvore que derrubámos junto ao nosso pouso acampamento exalava uma emanção extremamente aromática, o que fez lhe darem os brasileiros o nome de "canela". Não pude obter nem as flores nem os frutos, mas trata-se sem dúvida da planta que Arruda descreveu com o nome de *Linharia aromatica**⁴¹⁸.

Do nosso pouso ao Rio Catolé havia quatro léguas, que foram cobertas no dia 19. A estrada passa por numerosas elevações, dentro duma floresta interrupta; atravessámos vários "córregos"; muitas plantas e aves interessantes desafiavam a nossa curiosidade. Ao cair da tarde atingimos um lugar situado às margens do Catolé, onde só crescia mato rasteiro. Alguns anos atraz, o "Capitão-mór" Antônio

(*) O Prof. Schrader, de Goettingen, denominou essa interessante planta de *Pteris paradoxa*. (Suplem.). *Pteris paradoxa*, Schraderi. Essa planta se distingue principalmente porque as fôlhas estéreis são ora divididas em 5 lóbulos desiguais, ora sagitadas em lança (*hastatosagittata*); as fôlhas que contêm frutificação são ao contrário *pinnatifida*, *laciniis linearibus*: *infimis* 2 - 3 *fidis*, *reliquis indivisis*.

(**) Vide KOSTER, *Travels*, etc., p. 493.

(417) Respeita-se aqui a fidelidade da tradução ("Gewittern"); raios seria aqui o termo adequado.

(418) A planta mencionada aqui pelo autor não pode ser identificada com precisão, atenta a circunstância de que a espécie escrita por Arruda Câmara, parece confinar-se aos Estados do Nordeste.

Dias de Miranda mandara os seus escravos fazer aí uma plantação, que foi depois abandonada, voltando o lugar a ser novamente um deserto. Uma grande choça de barro, coberta de cascas de árvore, que servira de alojamento aos pretos, estava em péssimo estado, cheia de formigas, bichos de pé (*Pulex penetrans*) e lagartixas (*Stellio torquatus*) de 14 polegadas, si não mais, de comprimento; apesar de seu mau estado, ela nos proporcionou um sofrível abrigo, contra a chuva e o sol; assim, mesmo nessa falta de conforto, entregámo-nos ao sono, após uma refeição frugal de algumas "piabanhas", "guarabás" e outros peixes apanhados no pequeno riacho.

De Catolé a Berruga, primeiro ponto em que se deparam habitações humanas, contam-se próximamente dois dias de viagem. Resolvi mandar na frente alguns dos meus homens com animais sem carga para buscar milho, pois não podíamos esperar retirar as nossas bagagens, dessa inhóspita região, sem restituir as forças aos nossos burros de carga, com uma alimentação mais substancial. Enquanto esperava a volta daqueles homens, mandei que os outros explorassem a floresta, em todas as direções.

Aves diversas animavam os bosques vizinhos, tais como bandos de "anacans" (*Psittacus severus*, Linn.) e "tiribas" (*Psittacus cruentatus*)⁽¹⁹⁾, bem como passarinhos, entre os quais o papa-môscas com duas longas penas na cauda⁽²⁰⁾; o biceudo preto de bico vermelho (*Loxia grossa*, Linn.)⁽²¹⁾, bem como diversos arapaçús (*Dendrocolaptes*) e as espécies vizinhas da toutinegra (*Sylvia*)⁽²²⁾, que Temminck, conforme acima já dissémos, reuniu num gênero novo denominado *Anabates*. Esses pássaros se distinguem pelo canto composto de várias notas muito agudas; saltam e trepam nos galhos e estão sempre em movimento. Entre as novas espécies que encontrei neste local, menciono o *Anabates erythrophthalmus*⁽²³⁾, o *leucophthalmus* (vide as páginas preceden-

(19) "Le Colon" de AZARA, *Voyages dans l'Amérique Mérid.*, etc., vol. III, p. 369.

(20) *Anabates erythrophthalmus* é um lindo pássaro: comprimento, 7 polegadas e 9 linhas; envergadura das asas, 7 polegadas e 8 linhas; iris vermelho de fogo; fronte, mento, garganta e a maior parte do lado inferior do pescoço, bem como toda a cauda, ruivo; as partes posteriores de coloração menos viva e bela do que a frente e o papo. O resto todo do corpo cinzento-bruno acizentado, passando um pouco para amarelo avermelhado no peito e no ventre; asas cor de ferrugem. Dedos externos muito pouco unidos.

(19) Respectivamente *Ara seera* (Linn.) e *Pyrrhura cruentata* (Wied.), da atual nomenclatura. A última já fora descrita por Wied no capítulo III da obra, na relação do trajeto do Rio a Cabo-Frio, quando a descobriu.

(20) *Colonia colonus* (Vieillot), bem conhecida pela apelção vulgar de "vivinha", aplicada aliás, também, a outra espécie muito diversa (*Arundincola leucocephala* Linn.). A primeira é ave de campos e serrados, a segunda, a cuja cauda faltam as duas penas longas daquela, não se aparta das balizadas húmidas ou margens de rios ou lagoas.

(21) *Phyllos fuliginosus* (Daudin), comumente chamado "bico pimenta" e, às vezes, "bicudo", é o pássaro a que aqui o autor se refere. *Loxia grossa* Linn., tem habitat septentrional (do vale amazônico ao Maranhão) e difere por muitos caracteres berrantes (tamanho menor, plumagem mais azulada, garganta branca). No 3.º vol., p. 552 de "Beiträge", retifica Wied a determinação do pássaro, descrevendo-o sob *Fringilla gnatho* Licht., sinónimo de *Loxia fuliginosa* Daudin.

(22) Em muitos pontos, ao tempo de Wied, a ornitologia estava ainda consideravelmente atrasada. Temos aqui um exemplo disso. A família dos Silvídidas, de que a toutinegra europeia é o exemplo mais notório, pertence ao grande grupo dos pássaros canoros (*Oscines*) e nenhum parentesco particular possui com os *Dendro coláptidas*, de que *Anabates* é um gênero, aliás ulteriormente cindido em vários grupos genéricos, sob diversas denominações.

(23) Hoje *Dryocopus erythrophthalmus* (Wied). Espécie rara que se estende, porém, até o litoral de São Paulo, como o prova um exemplar de Ubatuba, existente no Museu Paulista.

tes)⁴²⁴, o *atricapillus*⁴²⁵, cuja fronte é de bela cor negra, o *macrourus*⁴²⁶, etc. Constróem com pequeninos galhos secos entrecruzados, um ninho pendente, de forma muito curiosa; observámos vários deles em nossas vizinhanças, suspensos de velhas árvores solitárias. Os bosques mais rasteiros serviam de asilo ao bicudo preto de bico vermelho (*Loxia grossa*, Linn.), ao tangará de cabeça listada (*Tanagra silens*, Linn.)⁴²⁷ e a várias pequenas espécies de bicudos, toutinegras e papa-mósas, bem como ao melro de mancha nua de cada lado do pescoço (*Turdus brasiliensis*) que poisava no meio dos caniços que orlavam as margens. Uma ave ainda não descrita⁴²⁸, de canto forte, composto de três notas, também era comum nessas paragens. Tem afinidades com os representantes da família das toutinegras (*Sylvia*), que apresentam um bico recurvado e longo. Já a tinha encontrado nas margens do Rio Doce mas depois nunca mais a encontrei.

O tapicuré verde (*Tantalus cayannensis*)⁴²⁹ habita também aos casais a beira dos riachos solitários que cortam essa floresta; éle pois nos velhos troncos que emergem d'água e faz ouvir o seu forte canto de som tão singular; os brasileiros o chamam "carauína" como já o referi acima; mataram um deles junto de nossa cabana, e o meu cachorro foi buscá-lo n'água para trazê-lo para terra. Esse meu cachorro en-

(*) *Anabates rubricapillus*, denominado *Sylvia rubricata* por Illiger. A fronte, juntamente com uma faixa atravessando os olhos e uma outra indo desde a mandíbula até abaixo dos olhos, são bruno escuro. Uma lista entre o alto da cabeça e os olhos, outra abaixo dos olhos, a garganta, os flancos, a parte superior do corpo, a parte inferior das costas, a cauda e todas as partes inferiores são um tanto ruivas; o ventre tem uma coloração bruno-azeitonada; cauda ferrugíneo claro; costas bruno-ferrugíneas carregadas; asas da mesma cor, porém um pouco mais escuras e orladas de amarelo bruno.

(**) *Anabates macrourus*, chamada *Sylvia striolata* no Museu de Berlim. Comprimento, 10 polegadas e 6 linhas; envergadura das asas, 8 polegadas e 11 linhas; a cauda tem mais de 3 polegadas e 3 linhas de comprimento; a ave trás essa asa um tanto aberta, o que permite reconhecê-la de longe; coloração da cauda, amarelado claro e ruivo. Todas as partes superiores do corpo bruno-ferrugíneas, aproximando-se muito do ferrugíneo carregado. As penas da fronte são negras na ponta, ruivas na parte restante e o raquis avermelhado mais vivo; porção superior do pescoço um pouco mais clara; raquis amarelo-arruivado claro, toda a porção anterior do corpo bruno-ferrugíneo, entrecortada de faixas amarelo-arruivadas; parte inferior do dorso e penas superiores da cauda, bruno-ferrugíneas, aquele com listas mais claras.

(***) Esse pássaro parece pertencer ao novo gênero *Opetiorynchos* de Temminck. Dou-lhe o nome específico de *turdinus* por apresentar os traços gerais do nosso tordo da Europa. Macho: comprimento, 7 polegadas e 11 linhas; envergadura das asas, 9 polegadas; as partes superiores todas cinzento bruno claro; borda das penas um pouco mais pálidas, sobretudo na cabeça e por cima do pescoço; lista por cima dos olhos, desde o bico até atrás da cabeça; papo, parte inferior do pescoço e peito, esbranquiçados; papo não manchado, parte inferior do pescoço, peito e ventre tendo espalhadas manchas cinzento bruno isoladas e um tanto angulosas; penas do meio da cauda manchadas de bruno preto nos lados e, junto destas, marcadas de manchas amarelo-arruivado pálido; grandes penas da asa orladas de ruivo pálido com manchas transversais da mesma cor.

Encontram-se no Brasil várias outras aves semelhantes que constituem uma família tendo muita analogia com as toutinegras (*Sylvia*) e todas se distinguindo por um canto forte, porém singular e pouco melodioso.

(424) Cf. nota 50, dêste comentário.

(425) *Philydor atricapillus* (Wied.). Ocorre do sul da Bala ao Paraguai e território das Missões.

(426) *Triphaga macroura* (Wied.), passarinho silvestre, confinado às matas da Bala e do Espírito-Santo. Cf. Oliv. Pinto, Rev. Museu Paulista, XIX, p. 185.

(427) *Arremon tacturnus* (Hermann, 1783), substitue, por direito de prioridade, *Tanagra silens* Boddaert, 1783. É vulgarmente conhecido no norte por "pae-Pedro".

(428) *Helodytes turdinus turdinus* (Wied), nome atual. Com o nome de "garrinão", ocorre abundantemente este Trogloditida nas matas do rio Gongogi, onde tive ocasião de observá-lo e colecioná-lo (cf. Rev. do Museu Paulista, XIX, p. 237).

(429) Na atual nomenclatura, *Mezembrinibis cayannensis* (Gmel.). Já referido anteriormente (nota 382).

controu sua principal ocupação com as "preás" (*Cavia Aperea*, Linn.)⁴³⁰, pequeno quadrúpede muito comum nas moitas perto do nosso acampamento; vivia procurando esses animais; muitos deles foram mortos, porém nós, europeus, não apreciámos a sua carne demasiadamente mole. Nesse lugar, que fora outrora cultivado, encontrei a confirmação do asserto que as grandes florestas do interior são mais pobres de animais de espécies diferentes que os sítios cultivados, pois principalmente onde o terreno é despojado de suas matas é que se encontra maior diversidade de animais. As partes interiores das grandes florestas possuem também seus animais peculiares; mas é na orla dos terrenos cultivados que, nas matas, se encontra o maior número de seres diferentes.

Nessa latitude austral, achávamo-nos em pleno verão; o calor estava fortíssimo. A 22 de janeiro, o termómetro Réaumur, entre duas e três horas da tarde, mantinha-se a 24 graus e meio, à sombra, e ao sol subia em alguns minutos a 31 graus. Tivemos dias ainda mais quentes; todavia, encontrei raramente 30 graus à sombra⁴³¹. No dia seguinte, as tempestades se sucederam, a trovoadas se fez ouvir com violência, cafu chuva em torrentes, mas não vimos nenhum relâmpago. Essas chuvas torrenciais frequentes haviam enchido gradualmente os rios a tal ponto que os peixes se tornaram muito raros; a umidade também dificultou a caça. Suportámos a falta de que comer por várias vezes, e vimmo-nos reduzidos a apaziguar a fome com carne seca velha extremamente dura. Sentíamos viva compaixão dos nossos pobres animais de carga, pois quasi não encontravam na floresta o necessário para poder viver e rodavam em volta de nossas cabanas, como a pediir-nos sustento. As aperturas se tornavam cada dia mais prementes, mas o velho provérbio, segundo o qual tanto mais próximo vem o socorro, quanto maior é a necessidade, verificou-se mais uma vez. Alguns "guaribas" (*Myceles ursinus*)⁴³² se aproximaram de nosso acampamento e puzeram-se de repente a berrar com todas as suas forças. Levantámo-nos logo de nossos lugares e pegamos nossas armas. Ao cabo de algumas horas havíamos matado um número suficiente desses grandes macacos para várias refeições; de outro lado, a pesca no rio fôra igualmente feliz.

Foi assim que nos passou depressa o tempo nesses ermos, por entre as ocupações que a história natural nos proporcionava. Até que, finalmente, na tarde do sexto dia, ouvimos com alegria as vozes dos nossos homens, que regressavam de Berruga. Trouxeram-nos boa provisão de milho que nos apressámos a distribuir aos animais famintos,

(430) Pelo texto das "Beiträge" (II, p. 462) e pela figura das "Abbildungen" (fig. 26), é lícito supor-se que a espécie referida pelo autor é a mesma descrita por Gmelin (13.ª edic. do *Syst. Nat. de Linné*), com base em Marcgrave, visto que é a mais largamente distribuída no Brasil. Na zona percorrida por Wied deve porém ocorrer também *Cavia spixii* Wagl.

(431) Em escala centígrada, 22 e 30 graus Réaumur correspondem respectivamente, a 30 e 375 graus, temperaturas, como se vê, longe de serem excessivas.

(432) Sobre este macaco, veja-se a nota inserta na primeira parte.

e regosijámo-nos com a consoladora perspectiva de vermos satisfeita a sua fome extrema.

Felizmente encontrámos muitas árvores atravessadas no Rio Catolé, que se vai lançar no Rio Pardo, de sorte a formarem como que uma ponte, duma a outra margem. Proporcionava-nos o único meio possível de atravessar o rio, pois era bem provável que a corrente houvesse carregado as duas canoas que o capitão-mór mandara colocar nesse local. Depois de demorada procura, descobrimos uma delas, meio enterrada na areia, por baixo dos troncos; os meus homens entraram nágua até o peito para retirá-la, mas não o conseguiram. Tomou-se então a resolução de transportar para a outra margem a bagagem, que consistia em várias caixas muito pesadas. Os índios as carregaram na cabeça e marcharam com a maior dextreza sobre a ponte oscilante e perigosa. Nós, os europeus, embora não estivéssemos carregados, tínhamos dificuldade em nos defender da vertigem ao passar por essas árvores tão finas, tanto mais que os seus troncos arredondados rolavam a todo instante sob nossos pés.

Após uma marcha de três quartos de hora, chegámos às margens dum bonito "córrego", além do qual a estrada se apresentava coberta de matagal espesso e impraticável. Fomos, de algum modo, compensados desse inconveniente pelo encontro de vários exemplares de história natural. Várias vezes avistamos, no meio da estrada, pendurados a algum galho por um cipó fino, um amontoado de musgos ou de filamentos sedosos reunidos numa massa piramidal, de base voltada para baixo. Essas espécies de novelos apareciam em grande número, balançando-se livremente bem sobre as nossas cabeças, de modo que batíamos neles frequentemente com os nossos chapéus; já vinham despertando a minha curiosidade, pela sua forma singular, quando, de repente, vejo sair de um deles um passarinho, verificando então que se tratava de ninho duma espécie de papa-môscas (*Muscicapa*)⁽⁴³³⁾. Esse pássaro constróe seu curioso ninho com *Tillandsia* e outras plantas que dão felpas, que ele mistura com musgos; suspende-o a um galho por meio duma planta trepadeira que daí cai sobre um lugar descoberto: a entrada desse oscilante abrigo é em baixo, na base da pirâmide, e, em frente da abertura, existe um anteparo pendente, que a protege; os filhotes estão assim, nessa moradia singular, bem garantidos contra o calor, a humidade e todos os seus inimigos.

Estávamos ainda cerca de meia légua distantes do local em que resolveríamos acampar, quando encontrámos num grande e velho

(*) O pássaro que eu suponho haja construído esse ninho é um "papa-môscas" a que denominei *Muscicapa mastacalis*. Coloração oliva-esverdeada, uropígio amarelo-limão pálido; penas do alto da cabeça amareladas na base, e cinzento-amareladas na ponta, de sorte que quando estão em repouso não se distingue a primeira cor. Asas e cauda bruno-escuro. Comprimento total da ave, 4 polegadas e três quartos.

(433) Com o nome de *Myiobius barbatus mastacalis* (Wied.), este passarinho é hoje considerado raça particular de uma espécie existente em todo o Brasil septentrional e oriental. Não se lhe conhece nome vulgar, além de "caga-sebo", comum a tantos outros. Encontre-o abundantemente nas matas do Gongoi (Cf. *Rev. Museu Paulista*, XIX, p. 219).

"rancho" uma choça bastante espaçosa, coberta de cascas de árvore, que se conservava desde o tempo em que se abriu a estrada. Si bem que essa cabana nos oferecesse abrigo para passar a noite, preferimos prosseguir nossa caminhada até um "córrego" que se denomina Boqueirão, pois aí contávamos encontrar boa água, ao passo que, onde estávamos, a água era má e pouco abundante. Ao cair da noite, as rãs e os sapos fizeram um barulho ensurdecedor e os mosquitos nos incomodaram durante toda a noite.

A 27 a estrada se mostrou ainda mais cercada que comumente de helicônias de fôlhas altas e rijas e de arbustos espinhosos. Os ferrões dolorosos dos marimbondos aumentaram ainda os incômodos do dia; mas a esperança de encontrar as primeiras habitações humanas fez com que tudo suportássemos alegremente, e atravessámos céleremente montes e vales, pois, a cada refeição, restaurávamos as forças dos nossos burros com abundantes rações de milho.

Depois de percorrermos cerca de duas léguas e meia, a tropa chegou às margens dum pequeno rio, junto do qual os moradores de Berruga, desde algum tempo, haviam feito uma plantação e, para tanto, derrubado as matas em volta; respirámos um pouco mais livremente aí, pois, embora nos achássemos rodeados de florestas sombrias e muito altas, avistávamos os cimos das montanhas e já nos considerávamos como libertados do cativeiro sombrio das eternas florestas virgens; mas ainda faltava um trecho fatigante cujas dificuldades teríamos que vencer. A estrada estava em muitos pontos obstruída por "taquaras", cujas touceiras, com seus galhos e fôlhas finamente recortadas, formavam como que novelas; o "taquarussú", de que já falei atrás, erguia-se, em vários pontos da estrada, a trinta e quarenta pés de altura, e formava consideráveis sebes, que os seus espinhos tornariam intransponíveis sem o auxílio do "facão", que nos permitia abrir passagem. Para compensar o estorvo que nos causava, êsse vegetal nos fornecia, nos seus grossos caules, uma refrescante bebida, pois a natureza dum lado dá abundantemente o que ela tira de outro.

Pequenos bandos de bicudos amarelo-esverdeados, com garganta preta (*Loxia canadensis*)⁴³⁴, animavam as touceiras de bambús. A estrada passava em seguida por colinas cobertas de catingas, de solo pedregoso; embora a subida fosse fácil, o terreno se vai elevando insensivelmente. A maioria dos córregos, que fomos encontrando, estavam secos; viam-se, nos seus leitos, seixos rolando, amontoados de mistura com muitos quartzos, provenientes das primitivas montanhas.

Nossos cães perseguiram várias vezes cotias (*Cavia Aguti* Linn.), mas não tivemos a sorte de vê-los apanhar uma que fosse. Viam-se,

(434) Coleção este belo pássaro no Rio Gongoy e dele tive de ocupar-me no relato de minha expedição à Bala (Rev. Museu Paulista, XIX, p. 279). Seu nome atual, *Caryothraustes canadensis brasiliensis* Cabanis, significa ser de uma raça da espécie guianense descrita por Lineu, com o nome impróprio de *Loxia canadensis*, e na sinonímia da qual entra *Coccythraustes viridis* Vieillot, adotado por Wied em "Beiträge" (vol. III, p. 555).

em geral, muito poucos animais, nessas paragens. Só se encontravam ninhos muito frequentes do papa-moscas pequeno⁴³⁶.

Encontrámos, também, uma velha cabana, coberta de casca, nas margens dum córrego; atraíu então a nossa atenção uma linda planta, baixa, de flores tubuladas e de côr alaranjado muito vivo*, que crescia ao pé da cabana. Essa planta começa a aparecer com frequência na estrada, a partir desse pinto, à medida que se avança pelo sertão a dentro.

Meia légua adiante, feriu-nos de repente o ouvido o canto de um galo, companheiro do homem mesmo nessas solidões longínquas. Saímos da escuridão da floresta e tivemos diante de nós uma plantação de milho e mandioca. O azul do céu se ostentava de novo, num vasto espaço, a nossos olhos; para além das florestas, avistavam-se os cimos azulados das montanhas, cujo espetáculo era para nós extraordinário e cheio de encantos.

Achávamo-nos então sobre o rio Berruga, pequeno rio que se lança, pouca distância acima, no Rio Pardo. Três famílias de gente de côr fizeram aí o primeiro estabelecimento neste sertão, na época em que se projetou fundar nesse sítio uma aldeia para comodidade dos viajantes, quando se abriu a estrada. Os colonos do lugar já possuem importantes plantações e ainda derrubam matas para aumentá-las. Pode-se avaliar da fertilidade do solo pela altura e pelo vigor dos pés de milho e pela abundância de sua produção. O milho ainda não estava maduro; as banas, plantadas em grande número, também não haviam atingido o ponto; por isso só pudemos nos prover de farinha.

Três pequeninas casas de barro, cobertas de cascas e cheias de "carrapatos" (*Acarus*) é o que constitui até agora a "aldeia" de Berruga. Alguns "Mongoyós" ("Camacans"), que trabalham como diaristas, se estabeleceram com as mulheres e os filhos, numa pequena choça pouco distante; estavam quasi nus e tinham várias partes do corpo pintadas de vermelho e preto, com "urucú" e "genipapo"⁴³⁶; traziam em volta do pescoço colares de sementes grandes e redondas tiradas e uma espécie de gramínea. O governo nomeou um mulato para chefe dos "Camacans"; reside nesta localidade e as "aldeias" ou "rancharias" desses índios estão sob as ordens dele; o chefe os reúne quando se trata duma expedição contra as tribos selvagens inimigas, como por exemplo os "Botocudos", e consta que, nessas ocasiões, eles se têm portado com bravura.

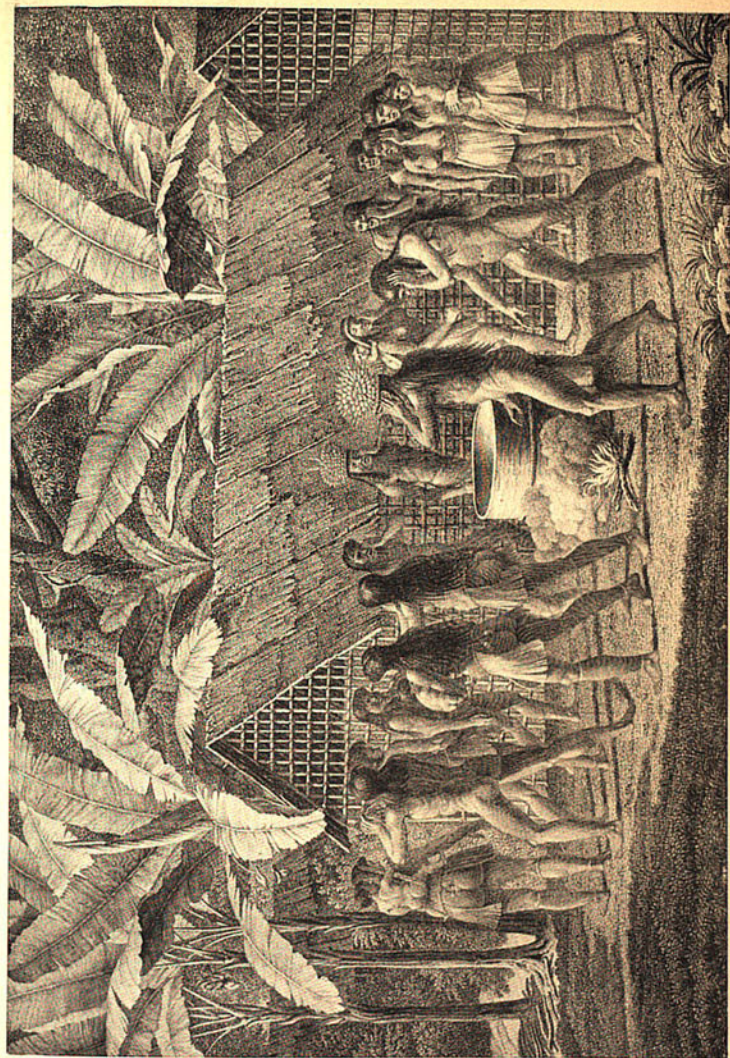
Tendo passado vinte e dois dias viajando em plena floresta virgem, desde a nossa partida de São Pedro até à nossa chegada a Ber-

(*) Não pude conhecer o fruto dessa bela planta, que por isso não pode ser determinada com precisão; parece ser uma *Ruellia*.

(Suplem.). *Synandra amoena*, Schrader, op. cit., p. 715.

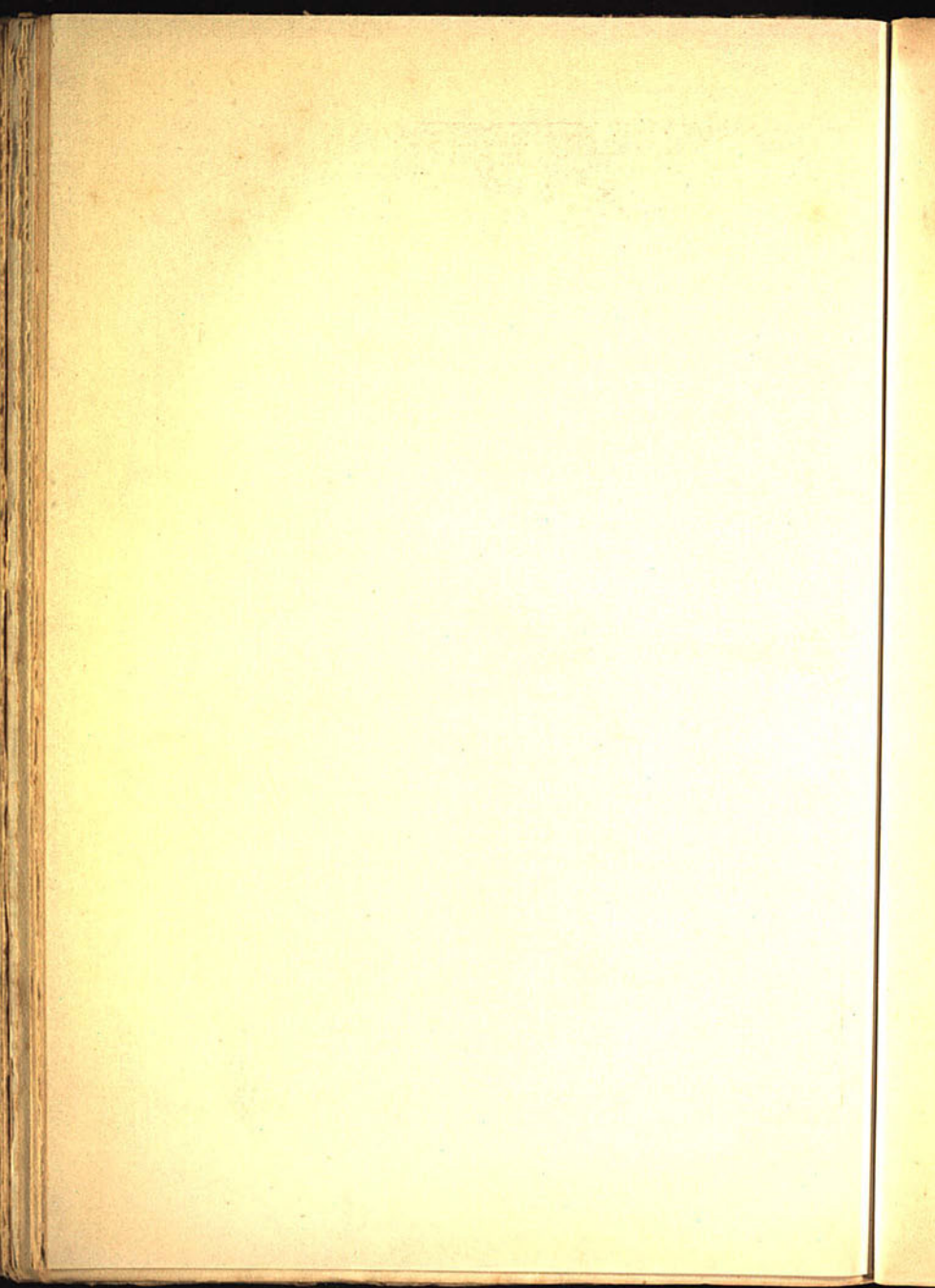
(Wied).

(436) Wied escreve "Genipaba".



(Est. 19).

Festa dançante dos Camacans.



ruga, sem ver uma única habitação humana, experimentámos naturalmente o mais vivo desejo de poder dormir, ao abrigo da chuva e do sereno, debaixo dum teto. Não nos inquietámos muito, portanto, com os tormentos que teríamos a sofrer dos "carrapatos" e mosquitos que pululavam nessas moradias miseráveis, e passámos o dia 28 nelas descansando. Conseguimos obter feijão preto e farinha; não eram petiscos muito apetecidos, mas quem suportou o jejum durante algum tempo habitua-se com a frugalidade. Os nossos animais descansaram; não puderam encontrar bons pastos, pois toda a terra despojada de suas matas fôra transformada em plantações: daí a razão por que, durante a noite, a nossa tropa muita vez fugia para as plantações de milho.

Os meus homens empregaram o seu dia de repouso caçando e pescando; foram quasi até às margens do Rio Pardo e trouxeram daí muitos peixes. O "conquistador" (hoje coronel) João Gonçalves da Costa, desceu esse rio até à sua embocadura, em Patipé. Falarei mais adiante dessa expedição.

As florestas que cercam de todos os lados as plantações de Berruga fornecem, como as de Catolé, principalmente para os amadores de aves, agradável e útil ocupação, pois ouvem-se por todos os lados vozes maviosas desses cantores alados. Observam-se várias espécies de *Tanagra* e *Loxia*, tais como *Tanagra silens*, *guyannensis*, *magna*, *brasilica*, *brasilensis*, *cayennensis*⁴³⁷ e muitas outras, bem como *Loxia grossa*, *canadensis*⁴³⁸ e diversas espécies de *Pipra*. Fere-nos o ouvido a voz penetrante dos papagaios, que se reúnem nas plantações de milho, juntamente com o assóvio agradável e estridente do tucano (*Ramphastos dicolorus*)⁴³⁹, o grito de duas notas do arassari (*Ramphastos Aracari*) e o assóvio repetido dos "surucuás" (*Trogon*).

A parada em Berruga constituiu uma agradável interrupção à minha viagem através das florestas virgens, porém não o seu fim; tínhamos ainda que percorrer, por mais dois dias, essas solidões sombrias antes de chegar à Barra da Vareda, onde penetraríamos nos trechos abertos do "sertão" da "capitania" da Baía, ou, pelo menos, entrecortados de florestas, planícies e pastagens.

Parti de Berruga a 29 e seguí a estrada que, no extremo das plantações, mergulha imediatamente nas florestas ininterruptas; as árvo-

(*) (Suplem.). Leia-se *Tanagra flava*, em vez de *Tanagra cayennensis*.

(437) Os nomes atuais destes passarinhos, em geral já referidos pelo autor, são, retificada a determinação e a nomenclatura: *Arremon taciturnus* Hermann, *Cyechlaris guyanensis* *cearensis* (Baird), *Salpator maximus maximus* (Müller), *Ramphocelus bresilius brasilius* (Linn.), *Tangara* (= *Calospiza*) *brasilensis* (Linn.) e *Tangara cayana flava* (Cmelin, aos quais, na linguagem vulgar, correspondem os seguintes nomes, respectivamente, "pae-Pedro", "gente de fôra é vem", "trínca-ferro", "sangue de boi" e "saí amarelo".

(438) Sobre *Loxia grossa* e *L. canadensis*, cf. notas anteriormente incluídas.

(439) Ha aqui erro de nomenclatura; o tucano a que se refere Wied deve chamar-se *Ramphastos arici* Vigors e não *R. dicolorus* Linn., espécie bem distinta, nunca verificada acima do Espírito-Santo. Em "Beiträge", vol. IV, p. 272, ele aparece descrito com o nome de *R. temminckii* Wagler, sinónimo de *R. arici* Vig.

res, porém, são de altura medíocre : trata-se de uma caatinga ; é ainda um tanto espessa e fechada, porém o caminho é menos impraticável por ser mais frequentado.

Um "Camacan" matara a flecha, havia pouco, uma onça ("Jaguarété"). Encontrei o esqueleto na beira da estrada. Pelo crânio, reconhecia-se que o animal, na ocasião de ser morto, estava mudando os dentes ; o seu esqueleto constituiria, pois, uma peça muito interessante para um gabinete de osteologia, si vários ossos já não tivessem sido retirados por animais carnívoros.

Quando chegámos a Jiboya, pequeno rio que se lança um pouco acima no Rio Pardo, estávamos tão próximos dêste que ouvíamos o barulho de suas águas. O Jiboya corre sobre um leito de granito tão liso, que se deve fazer com que os cavalos e os burros, que estejam ferrados, o atravessem com extrema precaução, para que não caiam. Havia na margem oposta uma casa aberta, porem coberta de cascas, e, junto dela, um curral para os rebanhos que contavam ver passar por aí com a estrada inaugurada.

Penetrámos, então, no vale do Rio Pardo e seguimos a sua margem setentrional, através da mata. A' direita se elevava uma das vertentes do vale coberta de matas, que diminuíam de altura, à medida que o terreno subia, de sorte que, no alto, formavam simplesmente uma catinga. As águas do Rio Pardo, turvas e cinzentas, se precipitavam espumando pelos detritos dos rochedos. Podíamos às vezes contemplar livremente o azul do céu e as altas montanhas, cobertas de mataria, que nos cercavam. Essa solidão tem um caráter imponente e terrível. Seu silêncio só era interrompido pelo fragor das águas do rio, quando a êste se veio misturar o grito singular dum numeroso bando de gaviões de pescoço vermelho (*Falco nudicollis*)⁴⁴⁰, que um fortíssimo eco repetia pelo vale selvagem. Nossos caçadores não podiam tentar atingir essas aves na altura em que se achavam. Atraiu-lhes a atenção outro espetáculo : um bando numeroso de miriquis (*Ateles hypoxanthus*)⁴⁴¹ saltou de galho em galho por cima de nós ; examinámos êsses macacos durante um certo tempo, e três deles foram mortos. Os limites que lhes marcam nessa região passam pelas proximidades daquí : são as margens do córrego do Mundo Novo, pois êles parecem preferir as florestas altas das planícies às zonas elevadas e secas, cobertas de matas baixas.

Queck apanhou muitas das grandes borboletas noturnas de côr esbranquiçada (*Phalaena Agrippina*) que era bastante comum no local.

Num ponto em que a estrada se afasta uns cem passos do rio, os nossos homens, que conhecem a região, nos fizeram tomar apressadamente por uma trilha, que quasi não se percebia, no meio das moitas cerradas, e que descia em direção das margens do Rio Pardo.

(440) Vide nota 393.

(441) *Brachyteles arachnoides* (Geoffr.), vulgarmente "mono" ou "buriquí", já referido em várias passagens. *Ateles arachnoides* Geoffr. tem prioridade sobre *A. hypoxanthus* Desmarest.

Encontrámos aí dois alpendres, cobertos de cascas de árvores; embora estivessem um tanto arruinadas, prometiam abrigo suficiente contra o sereno e as chuvas; acendeu-se logo uma fogueira e assaram-se os macacos para a nossa ceia. Os burros ficaram na estrada e a passagem lhes ficou impedida com paus atravessados. O caráter selvagem desses ermos emprestava um aspecto bastante pitoresco ao nosso acampamento. Algumas ilhotas, formadas por blocos de pedra, cobertos de belas plantas, que excitavam a nossa curiosidade, dividiam as águas turvas e espumantes do rio. Distiguia-se entre elas uma magnífica planta, alta, de flores amarelas; de longe, tomámo-la por uma *Oenothera*; à beira do rio pendiam os sarmentos floridos das bignônias, vivamente coloridos.

O ar da noite, nesse vale, estava muito úmido; devido a isso, partimos no dia 30, muito cedo, e, depois de transpormos o córrego do Mundo Novo, galgámos uma cadeia bastante elevada de montanhas, arredondadas e cobertas de pedras fragmentadas e blocos de granito, entre os quais se viam, principalmente, blocos de quartzo de grandes dimensões. Uma espessa mata ensombrava as montanhas e os rochedos. Essa cadeia se denomina Serra do Mundo Novo. A primeira montanha é a mais alta de todas; si bem que se eleve em declive suave, gasta-se bem uma hora para chegar ao alto dela. Viaja-se em seguida por vales e montes e acaba-se descendo a uma considerável profundidade. O Rio Pardo murmura à esquerda, no fundo de um vale, seguindo a mesma direção da estrada. As matas que revestem essas montanhas estavam cheias de diversas espécies de bignônias, de aspecto extremamente agradável pela grande variedade de suas cores; viam-se todas as tonalidades de branco, amarelo, alaranjado, violeta e rosa. O canto dos zabelês (*Tinamus noctivagus*) e das arapongas (*Procnias nudicollis*) ecoava nas profundezas do vale como no alto das montanhas, animando esses ermos.

Transposta a serra, observámos que as árvores se iam tornando cada vez mais baixas; mesmo no fundo dos vales não mediam mais de 60 pés de altura; a floresta estava cheia de touceiras de cactos e bromélias, coberta de tilandsias e entremeiada de árvores que nela só atingiam um porte insignificante. Lá estava o "pau de leite" (provavelmente um *Ficus*) temido pelo seu suco leitoso e corrosivo. Não conseguí nunca encontrar o benéfico leite do "palo de vaca", descrito por Humboldt*; teria sido de muito auxílio na nossa situação. Encontrámos também a barriguda, que aqui só cresce até uma altura medíocre; várias espécies de *Mimosa*, *Bignonia*, etc., misturadas a pedaços de pedras e blocos de granito. Tudo o que estávamos observando era uma prova de que fomos gradativamente subindo, através de florestas virgens, das regiões úmidas e sombrias das grandes matas do litoral para uma região mais elevada e seca. Observei, entre outros, um bloco isolado de granito, com 20 a 30 pés quadrados de base:

(*) Vide HUMBOLDT, *Voyage au Nouveau Continent*, etc., t. II, p. 107.

a sua parte superior, coberta de terra, ostentava belos tufo de bromélias e palmeiras entrelaçadas. Esse pequeno jardim em plena floresta apresentava um aspecto extremamente pitoresco, lembrando certas trechos isolados e atapetados de flores que orn timer os vales gelados do Monte Branco e que são designados pelo próprio nome de jardins ou "courtils". Fazia grande calor nessas matas baixas que dão pouca sombra e que, por isso, são ressequidas e queimadas pelo sol; todos os viajantes adquirem em pouco tempo a cor dos Botocudos; supor tamos, no entanto, esse contratempo, sem proferir uma queixa, porque nos considerávamos num mundo novo. Logo depois de galgarmos a serra, as matas apresentavam um caráter estranho: o canto de novas aves feriam-nos o ouvido; não mais reconhecíamos as borboletas que voavam em volta de nós; grande número de plantas, que nunca observáramos, alegravam os nossos olhos; tudo o que nos cercava, então, anunciava uma natureza inteiramente diversa daquela que observáramos até ali, e a contemplação desses seres diferentes, prome tendo a cada passo enriquecer as nossas coleções, enchia-me de viva Impaciência por atingir o fim de nossa jornada.

Aproximávamos-nos do segundo sítio habitado por homens: chama-se Barra da Vareda; já entrevíamos com prazer o fim da nossa penosa viagem através das matas. Lançamos um olhar de surpresa em torno de nós, quando, saindo da mataria, avistamos de súbito, ao lado dum vale suavemente inclinado, uma planície aberta atapetada de relva e de arbustos, limitada ao longe por montes arredondados e cobertos de vegetação, tendo alguns trechos cultivados. A alegria iogo se manifestou no nosso grupo; felicitavam-se uns aos outros por se ter vencido com tanta felicidade as fadigas da viagem através das matas; a nossa satisfação foi tanto mais sincera quanto os mora dores da Barra da Vareda nos afiançaram que havíamos sido extrema mente favorecidos pela sorte, pois raramente se dá que homens e ani mais saiam sãos e salvos daquelas paragens, quando começam a cair as chuvas seguidas. Contemplávamos com alegria as vastas planta ções e os morros mais próximos; nossa vista media a extensão das matas virgens que deixáramos atrás de nós, agora que nos achávamos em segurança numa região onde tudo prometia abundância de recur sos e repouso para os homens e os animais. A tropa avançou na pla nície coberta de ervas altas, onde várias aves, inteiramente novas para nós, espalhadas pelos bosques e moitas de *Mimosa*, *Cassia*, *Alla manda*, *Bignonia* e outras, atraíram logo a nossa curiosidade. Lindas pombas de cauda cuneiforme alongada (*Columba squamosa*) *442, passejavam aos pares no solo verdejante; o "vira-bosta", um melro

(*) Vide TEMMINCK, *Histoire naturelle des pigeons*, est. 59, onde ela está ôtimamente represen tada.

(442) *Scardafella squammata squammata* (Lesson). Sempre aos casais, esta rôla é bastante co mum no centro (oeste de São Paulo, Goiás, Minas) e principalmente no nordeste do Brasil, onde a co nhecem geralmente pelos nomes de "fogo-apagou" (Bala), e "rôla cascavel", o primeiro imitativo do seu canto, o segundo alusivo ao singular ruído de chocalho que produz, quando ergue o vôo.

de côr negra⁴⁴³ brilhante, caíam em bandos sôbre as moitas. Viam-se voando por sôbre a relva a *Fringilla nitens* Linn.⁴⁴⁴, e o tentilhão de crista vermelha⁴⁴⁵. Numerosos bois pastavam nesses campos selvagens.

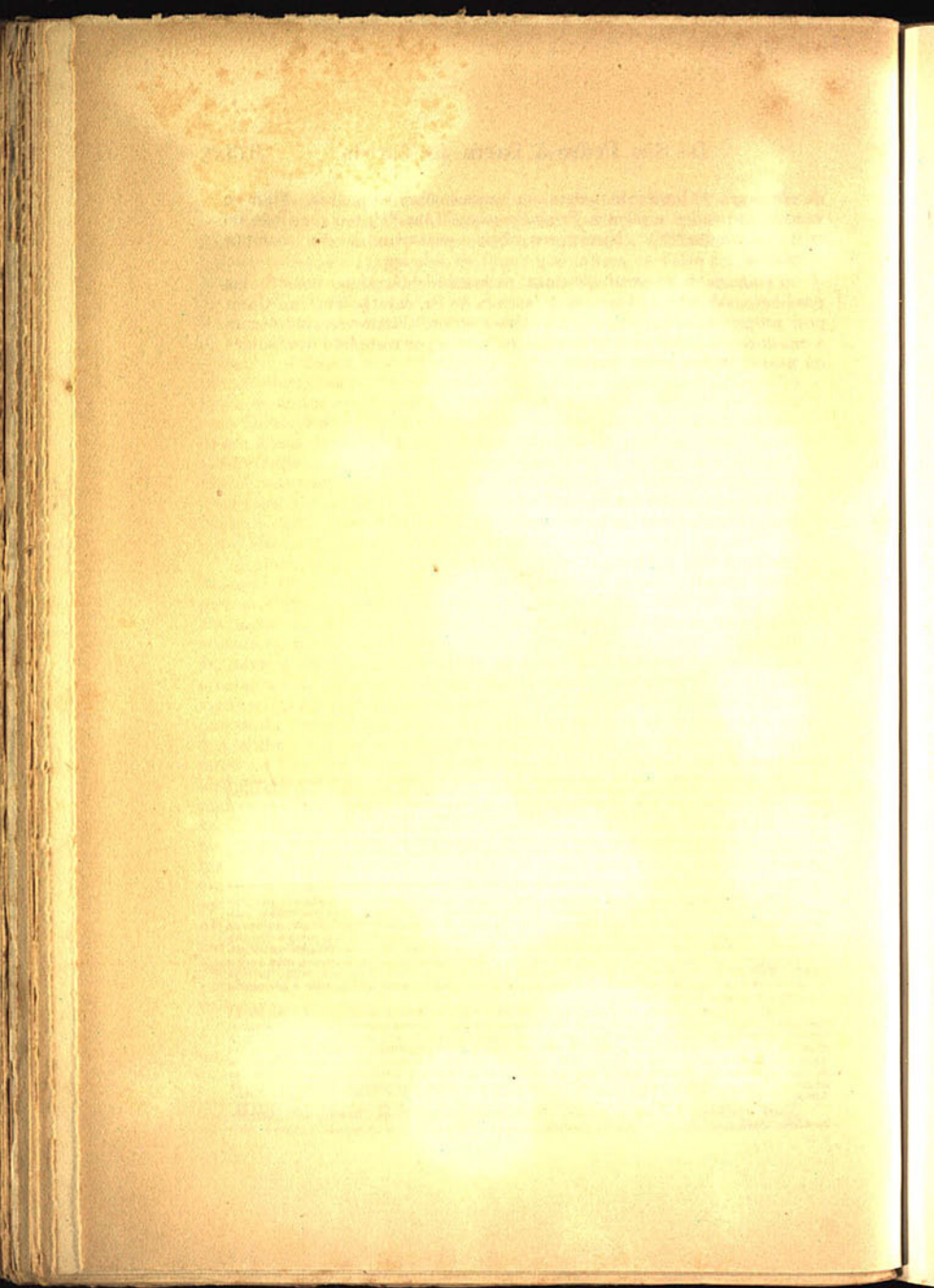
Passámos por perto de duas pequenas choupanas, construídas por homens de côr, e chegámos à fazenda do Sr. capitão Ferreira Campos, proprietário da maior parte dêsses sítios. Fomos recebidos com a maior cordialidade, e depressa nos refizemos por completo das fadigas da nossa viagem pelas matas.

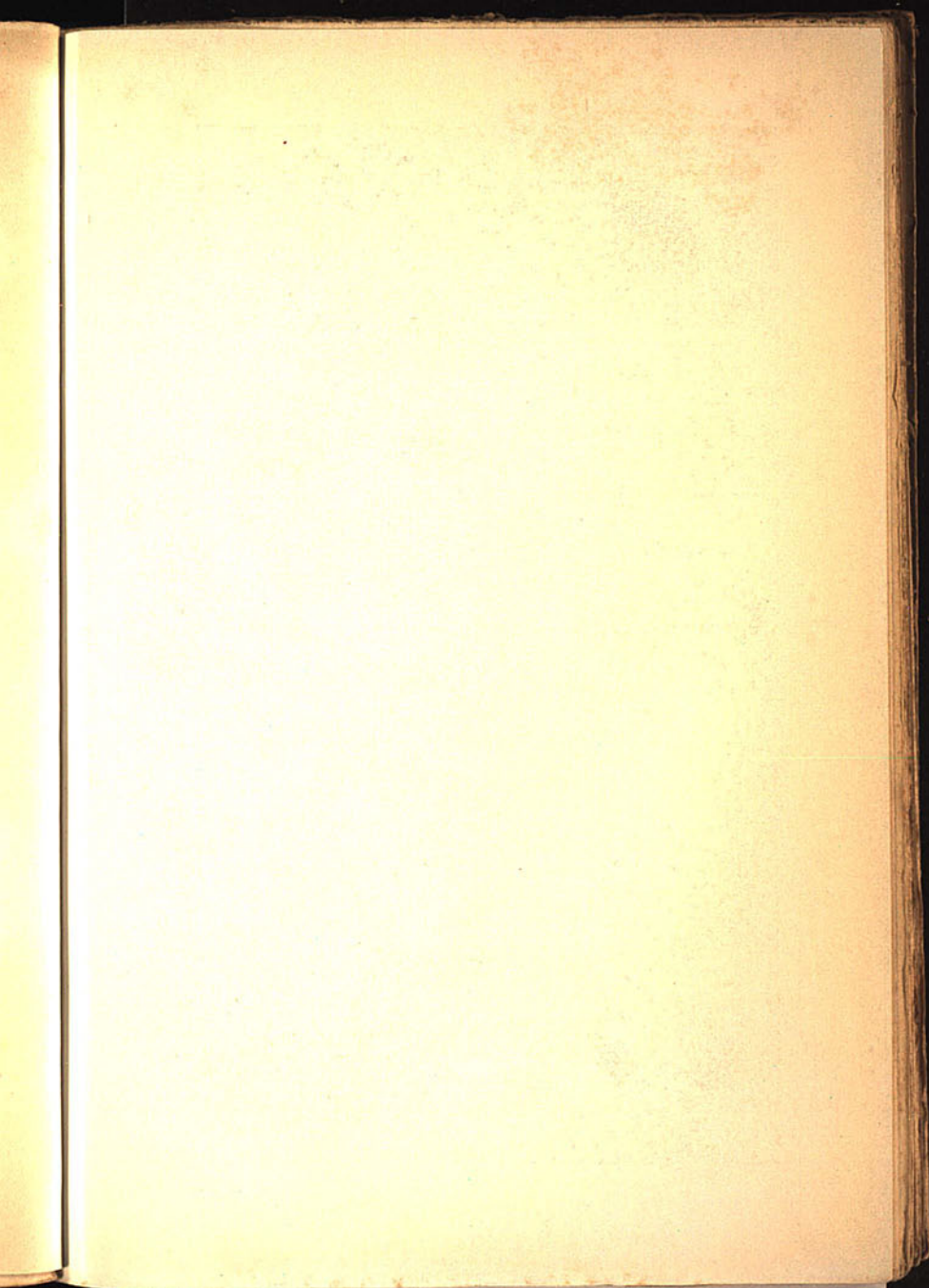
(*) *Fringilla pileata*. Macho, comprimento 5 polegadas e 6 linhas; envergadura das asas, 7 polegadas e 7 linhas. Plumagem inteiramente cinzenta um tanto tinta de bruno nas partes superiores; peito, ventre, uropígio e em baixo da cauda esbranquiçado, mais escuro dos lados; mento e garganta esbranquiçados; em baixo do pescoço e alto do peito cinzento claro; asas e cauda cinzento bruno carregado; ápice da cabeça coberto de penas estreitas, longas, com cêrca de meia polegada, de um vermelho escarlate intenso, estendendo-se um pouco por cima da parte posterior da cabeça e formando penacho; são cercadas de cada lado por uma lista preta que, quando em repouso, escondem um pouco as penas vermelhas.

(443) *Gnorinopsar chopi chopi* (Vieillot). Nos Estados do sul é geralmente conhecido por "pássaro preto", reservando-se o nome "vira-bosta" ou simplesmente "vira", para outro passarinho, *Molothrus bonariensis* Gmelin, mais comumente ainda chamado de "chopim". Este último tornou-se popular pelo singular instinto que o faz depositar os ovos no ninho de outras aves, tais como o tico-tico (*Zonotrichia capensis* (Linn.)), a cujos legítimos filhos usurpa, com o abrigo, todos os cuidados maternos. O homem da roça, embora freqüentemente lhes aplique indistintamente os mesmos nomes, sabe perfeitamente distingui-los, o que aliás é fácil. O "pássaro preto" é maior e tem plumagem negra, lustrada de azul-ferrete; o "chopim" ou "vira" é menor, menos denegrido e, quando adulto, é-lhe a plumagem realçada por intenso brilho violáceo.

(444) *Volatinia jacarina jacarina* (Linn.). Foi anunciado ao mundo científico por Maregrave; "serrador", "tsiu", "pinéo", "saltador", etc., da linguagem vulgar. Dêstes nomes, o segundo é onomatopéico, os outros derivam do hábito que tem o passarinho, tão comum nos capinzais, de saltar verticalmente do lugar em que se acha pousado, proferindo o seu canto característico, "tsiu", e voltando em seguida ao mesmo ponto. Esta manobra, com frequência repetida, lembra os movimentos alternativos de uma serra vertical. *Fringilla nitens*, além de posterior ao de Linneu, é nome sob que Gmelin, em sua edição da obra do último, confundiu o pássaro brasileiro com outro inteiramente diverso, natural da África.

(445) *Coryphospingus pileatus pileatus* (Wied), muito aparentado ao "tico-tico rei" (*Coryph. cucullatus* (Müll.)), do Brasil meridional e central.







Desfile de uma tropa carregada.

ESTADIA EM BARRA DA VAREDA E VIAGEM ATE' AOS CONFINES DA CAPITANIA DE MINAS GERAIS

Descrição da zona. — Angicos. — Vareda. — Criação do gado no sertão. — Os vaqueiros. — Tamburil. — Ressaca. — Ilha. — Porto aduaneiro de Minas. — Os Campos Gerais. — Descrição de seu aspecto físico e considerações a respeito. — Caça da ema e da seriema.

O vale de Barra da Vareda tem pouca profundidade e é, do lado de sudeste, cortado pelo Rio Pardo, que nesse ponto recebe o ribeiro Vareda, devendo o seu nome a essa circunstância. O sr. "capitão" Ferreira Campos, nascido na Europa, mandou abater as florestas do local e fazer plantações em que cultiva mandioca, milho, algodão, arroz, café e todos os demais produtos do país*. Vêm-se ainda, ao lado de tais plantações, consideráveis espaços ainda incultos, cobertos de altas ervas secas, e onde surgem, aqui e ali, moitas e arbustos; traem o caráter selvagem próprio dos países áridos da zona torrida dos dois hemisférios; o seu aspecto lembra, assim, as solidões da Africa e da India, que são ainda mais desertas e menos ricas em grandes flores-tas que a América meridional.

Para aproveitar esses campos incultos, o proprietário tem constantemente necessidade de um considerável número de negros. A riqueza de um lavrador brasileiro consiste em seus escravos, e as quantias que retira do produto de suas colheitas são logo empregadas na compra de mais escravos. Esses são tratados geralmente com doçura e, em Barra-da-Vareda são muito bem alimentados. Na hora do maior calor do dia, levam-lhes nas roças em que trabalham, grandes vasilhas do melhor leite, e dão-lhes em abundância excelentes "melancias", muito refrescantes. Nestas regiões, os proprietários que possuem cento e vinte escravos, ou mais, moram comumente em casas de barro, e, como as pessoas pobres, vivem de farinha, feijão preto e carne seca. Raramente pensam em melhorar o seu modo de vida, que os bens de fortuna não tornam mais alegres.

Neste "sertão", o resultado que se tira da agricultura não iguala o produzido pelo gado, que nêle se cria. O meu generoso hospedeiro, por exemplo, criava nos "campos" recentemente explorados de sua

(*) Planta-se pouca cana de açúcar e a pequena quantidade que se colhe é quasi toda empregada no fabrico de aguardente.

propriedade consideráveis rebanhos de bois e cavalos; os primeiros são guardados por rapazotes pretos, e voltam à tarde para a "fazenda", onde os fazem entrar num grande "curral", para a ordenha das vacas. Vi pela primeira vez como se criam bois no "sertão", assunto sobre o qual falarei detalhadamente mais adiante. Já aqui pude também travar conhecimento com os homens encarregados de guardar o gado; são os "vaqueiros" ou "campistas", como os chamam em Minas Gerais, vestidos de couro de veado da cabeça aos pés. Essa vestimenta parece extravagante à primeira vista, mas é muito adequada, pois esses homens têm muitas vezes de correr atrás do gado, que foge através dos arbustos espinhosos e das "caatingas", ou então são obrigados a fazer passar o gado por aí, para reuni-lo. A sua vestimenta consta de sete peças feitas de couro de veado.⁴⁴⁶ o "chapéu", pequeno e arredondado com abas estreitas, que se alarga e se alonga para trás para formar uma pala que abriga o pescoço; o "gibão" ou jaqueta, aberto na frente, por baixo do qual está o "guarda-peito", largo pedaço de couro que desce até a barriga; as "perneiras" ou calções, por debaixo das quais estão as botas munidas de esporas. Uma vestimenta desse gênero dura muito tempo, é fresco, leve e defende dos espinhos e das pontas dos galhos. O "vaqueiro", montado num bom cavalo sobre uma sela acolchoada, leva na mão uma longa vara cuja extremidade é guarnecida por uma ponta de ferro rombuda, com que afasta ou abate os bois furiosos; às vezes leva também um "laço" para pegar os animais mais bravios. Na vinheta n.º 17, anexa a este capítulo (na edição in-4.ª alemã) vêem-se dois homens com esta roupa original, justamente no momento em que procuram derrubar um boi. Cada fazenda de gado tem um número suficiente de vaqueiros, entre os quais vêem-se negros, mulatos, brancos e algumas vezes índios. São geralmente bons caçadores, exercitados em perseguir e combater, com grandes cães educados para isso, as onças, ou os grandes felinos que costumam escolher a sua morada na vizinhança das grandes boiadas. O proprietário da fazenda envia, de acordo com as necessidades, os seus vaqueiros aos diferentes pontos de seus domínios onde estão os animais; geralmente, por isso, estabelecem várias fazendas de gado, onde alguns de seus vaqueiros vivem separados do mundo, levando uma verdadeira existência de solitários.

Há também sempre em Barra-da-Vareja algumas famílias de índios "Camacans", que trabalham mediante um certo salário; são empregados, sobretudo, em abater as matas ou caçar na floresta.

(*) Do couro do "veado mateiro" (Guazupita de Azara), que é mais forte, faz-se comumente o peleto. O "veado catigueiro" (Guazubira de Azara) dá as vestimentas mais leves.

(446) O autor, preciso como sempre em suas informações, especifica em nota os veados cujo couro usavam os vaqueiros na confecção de sua característica indumentária. Esse pormenor não permite duvidar de que, por aquele tempo, os sertanejos se pudessem dar ao luxo de empregar matéria prima aparentemente tão cara; hoje, porém, o couro de boi deve ter substituído, quase por toda parte, os couros de veado. Não obstante, na Bala, há sítios em que, senão o "veado mateiro" ou "guataparí" (*Mazama americana* (Erl.)), pelo menos o catigueiro (*Mazama simplicicornis* (Illig.)) se multiplicam ainda em notável abundância (Cf. O. Pinto, *Rev. Museu Paulista*, XIX, p. 10).

Tiram ainda das plantações do proprietário o que lhes convém ; o "capitão" Sr. Ferreira é bom demais para impedi-lo. Cobrem-se com algumas vestes, sobretudo camisas, e suas mulheres usam aventais de retalhos de algodão. A maioria havia sido batizada : alguns traziam uma cruz vermelha pintada com "urucú" na testa ; as mulheres traziam semicírculos pretos pintados entre os seios, e outros riscos da mesma cor no corpo e na face. Preparam a tinta vermelha em bastões compridos que parecem com as tabletes de tinta da China, feitos esmagando a casca vermelha do caroço de "urucú".

Encontrei entre esses índios um velho que tinha os cabelos grisalhos, porém o corpo forte e robusto ; entendia a língua dos portugueses e com estes vivia. Outrora matara um de seus patrícios que havia servido aos portugueses, quando estes buscavam os "Camacans" nas florestas ; foi na época em que aqueles, animados por deplorável zelo de constranger a ferro e fogo os selvagens a abraçar o cristianismo e se deixarem batizar, enviavam destacamentos armados para as florestas. Um desses grupos, guiado por um selvícola desertor, avançou por esta região ; os "Camacans" fugiram para todos os lados : mas o velho de que acabo de falar, que se achava entre eles, seguiu-os durante vários dias a uma certa distância, e, sem ser percebido, quando os portugueses voltavam para as suas terras, aproveitou uma ocasião favorável para atravessar com uma flecha o índio pérfido. Esse Tell brasileiro fixou na terra com várias flechas, o corpo do traidor e ainda hoje se orgulha de tal façanha.

O Sr. "capitão" Ferreira Campos me acolheu da forma mais amigável possível, juntamente com a minha numerosa "tropa", e deu-nos generosamente viveres, leite, provisões essas extremamente raras até então, e grande quantidade de milho para os nossos animais. Não contente de proceder com exemplar desinteresse, fez amavelmente questão de me mostrar as suas vastas plantações ; o arroz e o milho tinham sofrido um pouco com a seca. A provisão de milho e algodão, que havia na fazenda, era extremamente considerável. Havia, entre outras coisas, 91 arrobas de algodão embalado em grandes sacos quadrados de couro, prestes a serem expedidos para a Baía.

Os couros de boi, tão comuns no sertão, pertencem aqui ao número dos objetos de primeira necessidade. São cortados em tiras, ou em cordas e correias, servindo também para cobrir a carga dos animais. O gado dessa região é grande e gordo, dando, por conseguinte, couros muito grandes. Um couro, de muito boa qualidade, custa 3 a 4 florins. Só se matam bois raramente e para o consumo doméstico ; porém se mandam numerosas "boiadas" para vender na Baía, conduzidas por vaqueiros que vão a cavalo. Um boi grande vende-se aqui por 7.000 réis ; na Baía custa mais caro. Os proprietários convizinhos fazem em comum as suas remessas.

Passei algum tempo neste local, não só para me inteirar a respeito da criação do gado nessa zona, como para conhecer a história natural

dessas regiões altas, que por muitos títulos se parece com as do interior de Minas Gerais. Encontrei entre os mamíferos uma espécie de *Cavia* ainda não descrita, o "mocó", pequeno animal, do tamanho de um coelho, que vive sob os amontoados de pedras no Rio Pardo, no alto Belmonte, no Rio São Francisco e em outros lugares semelhantes. Um "camacan", que mandei caçar, trouxe quatro destes animaais, cuja carne é boa para comer. Koster diz que o "mocó" vive no sertão de "Agú", ⁴⁴⁷ e que é uma espécie de coelho ⁴⁴⁸.

Entre as aves havia muitas espécies interessantes e para nós desconhecidas, que vivem nas montanhas de Minas Gerais, do gênero *Myiothera* de Illiger, e diversos passarinhos granívoros, entre os quais *Loxia torrida*, *lineola* ou *crispa* (sem penas crespas no abdômen todavia), *Pyrrhula misya* Vieillot, *Fringilla nilens*, *Emberiza brasiliensis* Linn., *Fringilla pileata*, o "Chingolo" e bicudo azul-celeste ("Grosbec bleu du ciel") de Azara, além de outros ⁴⁴⁹.

As nossas coleções de botânica foram enriquecidas de vários espécies de gramíneas, belos fetos (*Filix*) e algumas plantas de belas flores entre as quais distingui a *Allamanda cathartica*, de grandes flores amarelas, que em alguns lugares era muito comum, formando touceiras no meio dos rochedos. Encontrámos também uma *Cassia* magnífica de copa cônica muito basta: estava enfeitada com uma profusão de longas girândolas de flores cor alaranjado escuro, muito semelhantes à do castanheiro da Índia (*Aesculus*)**. Essas árvores contribuíam infinitamente para embelezar os campos e tornar as moitas avermelhadas escuras.

(*) *Cavia rupestris*, de que dei uma curta descrição em "Isis" (ano 1820, tomo I).

(**) Esta bela *Cassia* forma uma espécie nova, a menos que não tenha sido descrita na monografia dessas plantas publicada em Montpellier.

(Suplem.). *Cassia excelsa*, Schrader, op. cit., p. 717.

(447) Henry Koster nascido em Portugal, filho de ingleses, veio para o Brasil em 1809, fixando-se em Pernambuco, onde residiu largos anos, ocupando-se de trabalhos agrícolas. Viajou também pelos Estados vizinhos do Nordeste, inclusive no Rio Grande do Norte, onde fica o sertão do Assú, a que o texto de Wied se refere. Koster compôs sobre sua permanência no Brasil um copioso livro, traduzido depois em várias línguas e tido como um dos mais fiéis e minuciosos depoimentos sobre o que era então a sociedade e a vida naquela parte do nosso país. Cf. Alfredo de Carvalho, *Bibl. Exótico-Brasileira*, III, pp. 104 e 111.

(448) O "mocó", *Kerodon rupestris* (Wied), parece-se muito com a "preá"; é, porém, pouco maior do que esta e vive de preferência no interior seco e pedregoso dos estados nordestinos, do norte da Bala ao Piauí.

(449) Segue a identidade destes pássaros, retificada a determinação e posta em harmonia com a nomenclatura vigente:

Loxia torrida Scopoli = *Oryzoborus angolensis* (Linn.), vulgarmente "curió" ou "avinhado".

L. lineola Lin., ou *crispa* Müll. = *Sporophila lineola* (Linn.), conhecido vulgarmente, como outros, por "papa-capim" ou "colleira" ("bigodinho" em São Paulo).

L. misya Vieill., que Wied viria a considerar sinônimo do precedente (cf. "Beiträge", III, p. 577), corresponde a *Sporophila americana* (Gmelin), espécie amazônica, referida às vezes sob *Sporophila lineola* (Gmel.).

Fringilla nilens Gmel. = *Volatinia jacarina* (Linn.), vulg. "serrador" ou "tsiu", etc.

Emberiza brasiliensis Gmel. = *Sicalis flaveola flava* (Müller), "canário da terra".

Fringilla pileata Wied = *Coryphospingus pileatus* (Wied), "tico-tico rei".

"Chingolo", Azara = *Zonotrichia capensis matutina* (Licht.), "tico-tico".

"Gros bec bleu de ciel" = *Cyanocampa cyanea cyanea* (Linn.), vulgarmente "azulão" ou "bicudo azul".

No dia 5 de fevereiro, despedi-me do sr. Ferreira, que tão generosamente nos dera hospitalidade e partí da Barra-da-Vareda. A pouca distância da casa, penetra-se numa floresta de 3 léguas de extensão, cujo solo se eleva insensivelmente. As montanhas dessa região elevada são suavemente arredondadas e anunciam a vizinhança de planícies amplas e altas serras, que ocupam grande parte do Brasil. Era para nós bem salutar respirarmos o ar sêco e saudável dessas altas regiões, depois de termos por tanto tempo lutado penosamente contra a febre nas florestas úmidas da costa. No sertão, não se tem mais que temer êsse mal que exgota as forças: os rios correm aí, rapidamente, sobre pedras, sem se misturar com as plantas corrompidas dos pântanos, cujas emanções produzem, nas florestas da costa, um ar úmido e pouco saudável. O próprio leite, principal produto das zonas de criação, ocasiona frequentemente, nos lugares baixos e úmidos, indisposições e febres. Porém, nas regiões elevadas, não faz mal nenhum e alimenta grande número de homens, cujo corpo robusto e boa aparência provam que o ar aí é saudável e seu modo de vida bom. A vegetação da Barra-da-Vareda, como todas as das regiões elevadas, não é mais constituída de matas virgens, mas sim uma caatinga, das mais altas porém. Grande número de árvores e outras plantas estavam em flor, entre outras, bignônias das mais belas cores, uma árvore da família das malvas*, com flores escarlates, e que constituirá um gênero novo; uma trepadeira da classe *Diadelphia*, de flores cor de carmim claro** ; grande quantidade de colibris da espécie *Trochilus Moschitus* Linn., com o alto da cabeça vermelho e o peito dourado, rodeavam as flores zunindo. Em vários pontos da floresta há "lagôas" cobertas de grandes caniços, enquanto outros são inteiramente descampados, pois lhes queimaram as árvores, para que o solo produzisse capim para o gado. Esses sítios não tardam em se revestir de altas samambaias (*Pteris caudata*), cuja fronde, disposta horizontalmente, apresenta um aspecto singular. Ao sair da floresta, depa-ram-se-nos lindos prados verdejantes, cuja cor, mau grado a secura da estação, era tão fresca como a dos prados europeus. A sombria mata que cerca essa viridente planície realça-lhe agradavelmente o efeito; um variegado bando de jumentos pastava com os seus potrinhos no meio do capim alto, fugindo à chegada inesperada da nossa "tropa".

Viam-se, à orla da mata, árvores de 20 a 30 pés, cujas flores indicavam pertencerem elas à classe *Syngenesia*. Os trechos cobertos de mata alternavam com os campos, no fundo dos quais havia pequenas "lagoas". Entre as novidades que chamaram a nossa atenção nessas paragens, citarei os cactos: de todos os lados êles se erguiam, isolados por vêzes a uma grande altura; seu caule, anguloso e coberto de espinhos, é lenhoso na parte inferior, onde ainda se distinguem os

(*) (Suplem.). *Schouwela semiserrata*, Schrader, op. cit., p. 717.

(**) (Suplem.). *Clitoria coccinea*, Schrader, op. cit., p. 717.

vestígios das arestas que o caracteriza quando novo, e são sobretudo claramente visíveis nos galhos ramificados em forma de girândola e agora carregados de frutos redondos. Esse cacto parece ser *hexagonus* ou *octogonus*; tem flores muito grandes e brancas na ponta dos ramos e os frutos são avidamente comidos por uma espécie ainda não descrita de papagaio, o periquito de barriga alaranjada, a que chamei *Psittacus cactorum*⁴⁵⁰. Ele devora a polpa do fruto, que é de um vermelho-sangue, ficando com o bico dessa cor. Algumas grandes árvores da *Cassia* de flores amarelas, ofereciam vivo contraste com as formas rígidas dos cactos.

De uma lagôa, por entre o gado que pastava, levantou vôo o grande "jabirú" (*Mycteria americana*)⁴⁵¹; a esta grande e bela ave, a mais rara entre as grandes pernaltas da região, chamam aqui "tuiuiú". Quando voava, com a sua plumagem de uma alvura deslumbrante, no seu longo pescoço estirado distinguiam-se o colar vermelho que o caracteriza. Pouco depois, voaram em bandos o pelicano silvestre (*Tantalus loculator* Linn.)⁴⁵² e as cegonhas (*Ciconia americana*)⁴⁵³, ambos chamados taquí ambém jabirús. Todas essas aves são grandes e têm a plumagem branca, motivo pelo qual os brasileiros as confundem umas com as outras e, como não é costume matá-las, os próprios caçadores experimentados não as sabem distinguir com exatidão. A significação dos nomes de animais dados por Maregrave refere-se geralmente à Baía e Pernambuco.

Nesse trecho da mata a voz muito forte de uma ave desperta a atenção do caçador, que caminha pela planície descoberta. Inúmeras curicacas (*Tantalus albigollis*)⁴⁵⁴ voam em bandos, sarapintados de preto e branco, e passando por cima das baixas colinas maciças de vegetação baixa cobertas de matas, dirigem-se às "lagoas", char-

(⁴⁵⁰) *Psittacus cactorum*. Comprimento 9 polegadas e 8 linhas; envergadura das asas 15 polegadas e poucas linhas; cauda alongada e cuneiforme; todas as partes superiores de uma coloração verde-vivo, misturadas com um pouco de cinzento pardo no alto da cabeça e parte posterior do pescoço; bochechas, mento e garganta cinzento-azetoados, passando gradativamente para esta última cor ao aproximar-se do peito; pelo, flancos e barriga, até o uropígio, alaranjado vivo; recitres um tanto azul celeste na ponta e na barba interna; cauda, verde claro; penas médias de cor baça, todas amareladas na porção interna.

(Suplem.). Kuhl, por engano, em seu *Conspectus psittacorum*, p. 82, colocou essa ave entre os papagaios de cauda curta, quando a sua cauda é longa e cuneiforme.

(⁴⁵¹) Considerou-se geralmente a "curicaca" de Maregrave como *Tantalus loculator* de Linneu, até que Lichtenstein retificou tal erro explicando a obra de Maregrave segundo os desenhos originais que ele descobriu. Apesar de todos os meus esforços, não pude obter essa bela ave, que se nos mostrava todo dia em pequenos bandos e parecia ter o corpo escuro ou misturado de preto e o pescoço esbranquiçado. Tudo isso confirma que a "curikake" do sertão da Baía e a "curicaca" de Maregrave são uma e mesma ave.

(450) *Aratinga cactorum cactorum* (Kuhl, 1820). Como se vê, o nome específico, altamente expressivo, foi criado por Wied; entretanto, em nomenclatura, sua paternidade é atribuída a Kuhl que, embora se baseasse nas informações e nos exemplares do primeiro, ponde dar a lume o seu trabalho (*Conspectus psittacorum*, p. 82), antes do último.

(451) *Jabiru mycteria* (Licht.), já mencionado anteriormente.

(452) Hoje *Mycteria americana* Linn., nome antigamente atribuído ao "jaburú" (cf. *Rev. Museu Paulista*, XXII, p. 40).

(453) *Euxenura galeata* (Molina). *Ciconia maguari* Gmelin é nome posterior ao dado pelo autor chileno.

(454) *Theristicus caudatus caudatus* (Boddaert), vulgarmente "curicaca" (o autor escreve "Kurikake"), é ave ainda frequente no Brasil central e muito especialmente nos pantanais mato-grossenses. Cf. *Rev. Museu Paulista*, XVII, 2.ª parte, ps. 699 e 716.

cos e pastagens em que habitualmente vivem. Essa ave tem aqui a denominação pela qual Marcgrave a designa em sua História Natural do Brasil. Pode ser reconhecida, no vôo, pelo seu pescoço branco e suas asas pintadas de preto, assim como por sua voz forte, diversamente modulada e de modo algum desagradável. Observam-se às vêzes, nessas paragens, bandos de colhereiros (*Platalea Ajaja* Linn.)⁴⁵⁵ voando, que vão de uma lagoa a outra, e que são notáveis pela sua bela cor rósea.

Todas essas aves, extremamente assustadiças, voam logo que avistam o homem, e vão de novo poisar nos campos, no meio dos cavalos e dos bois; nada têm aí a receiar; o vaqueiro, em movimento incessante sobre o cavalo, muita vez as espanta, mas não lhes atira nunca. Vivem pacificamente com os quadrúpedes que pastam e, ao lado deles, procuram tirar-lhes o alimento dos prados e dos pântanos; só fogem do homem, que, na natureza, se mostra como o mais cruel dos tiranos para perturbar a sua paz e harmonia.⁴⁵⁶

Penetrando-se mais além, entre os prados e os massiços de floresta, depara-se uma região mais aberta e unida. As vastas pastagens do planalto, em que então viajávamos, eram aquecidas pelo sol do meio-dia, cujos raios pareciam tanto mais ardentes, quanto eram refletidos em inúmeras pedras. Ao cair da noite chegámos a Angicos, nome de uma velha habitação em ruínas, construída na mata, a pouca distância duma "lagoa". O "capitão" Ferreira, proprietário dessas pastagens, nela habitara outrora.

Esse local é conhecido como o último em direção à costa, ou o mais oriental dos em que se encontra comumente a cobra de chocalho, "cobra cascavel"⁴⁵⁷ dos portugueses. Só se conhecia anteriormente, na América Meridional, uma única espécie desse gênero pertencente à América e, sobretudo, à parte septentrional desse continente. Humboldt deu-nos a conhecer duas espécies novas⁴⁵⁸. Desse ponto, tomando-se a direção de Minas Gerais e do interior do Brasil, a cobra de chocalho se torna cada vez mais comum; encontram-se frequentemente algumas muito grandes, sobretudo nas "catingas" ou matos baixos e nas moitas pedregosas dos campos. Esse preguiçoso reptil não abandona a sua morada durante dias inteiros, e volta espontaneamente ao lugar que para isso escolheu. Assim é que tem acontecido

(*) *Crotalus toeflingi* e *C. cumanensis*. Vide Humboldt, *Abhandlungen aus der Zoologie und vergleichenden Anatomie*, t. II, p. 1.

(455) *Ajaja ajaja* (Linn.), "colhereiro" ou "ajajá", grande perna de bico achatado em colher, plumagem branca tingida de róseo, encontrado nos banhados de Mato-Grosso, na Amazônia e em alguns pontos do litoral marítimo (Maranhão).

(456) Proposição cruel e desalentadora, cuja veracidade assistimos, infelizmente, acentuar-se dia a dia.

(457) No original, "Cobra Cascavella".

(458) As serpentes com cauda terminada em chocalho (crepitáculo), formam a subfamília das Crotalidas, a que pertencem todas as cobras venenosas brasileiras de dentes canaliculados (excluídas portanto as "corais"). São representadas no Brasil pelo gênero único *Crotalus* Linn., com uma só espécie, a "cascavel", *C. terrificus* (Laurentius), e várias no Centro e Norte-América. Cf. Afrânio do Amaral, *Memórias do Inst. Butantan*, XI, p. 217 e seguintes.

ao passar um rebanho diariamente por certo lugar, ser mordido cada vez um boi, que vinha a morrer em consequência do ferimento; êsse fato despertou a atenção: examinou-se o caminho seguido pela boiada e se achou quasi sempre a cobra tranquillamente enrolada, sem dar muito trabalho para matá-la. As mordeduras da cobra de chocalho e do "gurucucú" quasi que são igualmente mortais. Encontram-se ambas nessa região, da mesma forma que a "jibóia" (*Boa constrictor*), porém não é conhecida a "sucuriuba"; esta é muito mais comum em Minas Gerais, segundo me convenci à vista de enormes peles de tais serpentes que daí me enviaram*.

As matas de Angicos alimentam uma quantidade de espécies diferentes de aves, entre as quais periquitos e melros pretos. A casa em ruínas, em que passámos a noite, estava repleta de borboletas crepusculares (*Hesperia*), extremamente pequenas, que voavam em tão grande número que não se podia fugir à sua importunação; eram elas perseguidas por grandes morcegos, que também volteavam incessantemente em torno de nossas cabeças.

Deixando Angicos, percorri quatro léguas antes de chegar a Vareda, fazenda de gado que pertence ao Sr. Ferreira. Encontram-se a principio vastas pastagens planas; sua área é entrecortada de pequenos bosques e, na ocasião em que a visitámos, estava coberta de capim alto, ressequido. A vista procurava em vão um ponto agradável em que pudesse repousar. Arbustos cinzentos e verde escuros, e cactos isolados erguendo-se em girândolas de todos os lados, contribuindo para dar à paisagem uma fisionomia hirta e fúnebre. Percorriamos prados imensos que só tinham por limite o horizonte, e nos quais pastavam bois e cavalos, atormentados em pleno dia por enxames inumeráveis de môscas de ferrão ("mutucas")⁽⁴⁵⁹⁾; ou então atravessávamos matas de pouca altura e planícies cobertas de relva baixa e muitas pedras. Avistámos pela primeira vez nessas planícies o "pica-páu do campo" (*Picus campestris*)^{***460}, que só habita as terras altas do interior do Brasil e ocupa quasi toda a extensão em largura da América Meridional; foi Azara quem primeiro a descreveu entre as aves do Paraguai. Vive especialmente de termitas e formigas, que são extremamente abundantes nessas planícies. Encontram-se, nas florestas e pastagens, grandes montículos de forma cônica, formados de barro amarelo, tendo às vêzes, 5 a 6 pés de altura, obra das termitas. Nos terrenos abertos ou "campos", a forma deles é ordinariamente um pouco mais

(*) A "Boa" de que fala Eschschon em seu *Journal von Brasilien*, (2.ª parte, p. 276), sob o nome de "Sucuriá", sem dúvida que não é *Boa constrictor* mas sim *Boa Anaconda*, Daudin. O autor pretende também que muito se tem exagerado o perigo da cobra de chocalho (parte I, p. 15).

(**) *Picus campestris*, "Les Charpentier des champs", Azara, *Voyage*, etc., t. IV, p. 9.

(459) "Motuca" ou "Botuca", nome vulgar das môscas hematófagas da família dos Tabánidas, ricamente representada no Brasil.

(460) *Colaptes campestris campestris* (Vieillot), mais conhecido nos estados do Sul pelo nome de "chá-chá", imitativo de sua voz, forte e característico. No nordeste, a partir do norte da Bahia, é substituído por uma raça levemente diferenciada, a que Swainson deu o nome de *C. campestris chrysotermus*.

achatada*. Ninhos semelhantes, de forma arredondada e cõr negro-pardacenta, são suspensos aos grandes ramos das árvores, e cada caule de *Cactus* sustenta um ou vários deles. O referido pica-páu poisa sobre esses ninhos e bate neles com o bico; é por isso muito útil nessas paragens, destruindo esses insetos prejudiciais, que no Brasil constituem o maior flagelo da agricultura. Quando esses insetos destruidores se acham construindo suas galerias por cima e por baixo do solo, e, dentro da terra, levam-nas até às paredes das habitações humanas, são perseguidos nesta região por numerosos inimigos. Os tamanduás (*Myrmecophaga*), os picapáus, as *Myiothera*⁴⁶¹ e vários outros animais, vingam os lavradores cuja colheita inteira é devorada às vezes por esses pequenos inimigos devastadores. Na verdade, eles não causam nas pastagens do "sertão" e nos extensos "Campos Gerais" tão grandes danos como nos lugares cultivados, pois os seus habitantes se ocupam principalmente com a criação de gado. Aí são mais para temer as secas e a falta de chuva, flagelos estes que há três anos consecutivos vinham causando prejuízos incalculáveis.

A' tardinha cheguei, sob uma fortíssima chuva, à "fazenda" de Vareda, onde os vaqueiros se achavam ocupados em mungir as vacas, que tinham acabado de fazer entrar no "curral"⁴⁶². Todas as tardes trazem do pasto certo número de vacas; depois deixam mamar bezerros, que estiveram presos durante o dia todo num pequeno cercado. E' um defeito da criação de gado no "sertão" da Baía, que não se verifica, conforme dizem, em Minas Gerais. Nesta província só se vão buscar as vacas, levando-se os bezerros para um pasto diferente; ao cair da noite, junta-se o gado todo no "curral". O modo de tratar do gado selvagem no sertão da Baía é, sob outros aspectos, bem mais atrasado do que em Minas Gerais, onde o gado é manso; as fazendas são fechadas por cercas e valos, pelo que, para pegar as vacas, apenas se faz necessário o uso do laço, atirado nos chifres; aqui, pelo contrário, o gado é perseguido a cavalo através dos campos e matas, e muitas vezes, se é obrigado a defender-se a gente dos seus ataques com uma "vara". O gado de Minas Gerais é mais corpulento e dá mais leite, e, por conseguinte, mais queijo para vender; aí não se matam os vitelos, mas, para fazer a separação da caseína emprega-se em vez de labramento de vitelo o de "anta" (*Tapirus*), do "tatú canastra" (*Tatou géant*" de Azara), de veado ou de porco. Para que a raça do gado não se abastarde, manda-se vir sempre um touro de outra "fazenda" e não se deixa que as vacas fiquem prenhes antes do seu quarto ano. No Brasil não se sabe fabricar manteiga; aliás o calor impediria que

(*) Vide Eschwege, *Journal von Brasilien*, p. 109.

(461) O género *Myiothera* Illiger (1811), relegado atualmente à sinonímia de *Formicarius* Boddaert (1783), enfilexava nos tempos de Wied a maior parte dos *Formicaridas* mais típicos, habitantes das matas, em cujo solo procuram ordinariamente o seu sustento. Estão nesse número as "tovacas" (géneros *Grallaria*, *Chamaea*, etc.), os "pintos do mato" (*Formicarius*, etc.), os "papa-taocas" (*Pyrgilena*, etc.).

(462) No original lê-se sempre "Coral".

essa se conservasse e o alto preço do sal muito a encareceria. As regras mais conhecidas da criação do gado não são seguidas neste sertão. Os "vaqueiros", ou antes os "campistas" de Minas, têm a sua tarefa bem mais facilitada do que os do sertão, e não usam as vestes de couro indispensáveis a esses.

A situação de Vareda, no meio de vastas planícies unidas, rodeadas de morros achatados e cobertos de "catingas" entremeadas de "lagos" onde se vêem "jabirús", "tuiuiús", "curicacas" e "colhereiros", não é nada desagradável, embora seja comumente fustigada pelos ventos. Em todas as planuras do "sertão", e tanto mais quanto mais próximas dos "campos gerais" de Minas, Goiás e Pernambuco, mais o ar é purificado frequentemente pelos ventos; em consequência disso, desde que se ultrapassa Barra-da-Vareda, não reinam mais febres e o viajante, acostumado com o calor, acha que as vestimentas leves, que até então lhe bastaram, não só se tornam insuficientes para protegê-lo contra o frio das manhãs e das noites, como mesmo durante o dia, não são bastante quentes. Assim, depois de nossa chegada a Vareda, começámos a sentir os sintomas de defluxo, que, porém, desapareceram logo que nos fomos, aos poucos, acostumando com a temperatura mais fresca.

A 8, pela manhã muito cedo, deixei Vareda e prossegui minha viagem, a princípio através dos campos alagados, de caniços baixos, onde o pato de crista⁴⁶³ faz seu ninho e depois por entre matas de pequena altura e pastagens secas e áridas. Muitas novidades para a história natural se nos depararam; contentar-me-ei em referir uma espécie nova de caprimulgo, aqui chamada "criangú"⁴⁶⁴, que voa

(*) "Le Canard à Crête", AZARA, *Voyages*, etc., vol. IV, p. 331.

(**) *Caprimulgus diurnus*: ave de corpo entroncado e cabeça volumosa; comprimento da fêmea, dez polegadas e duas linhas; envergadura das asas, vinte e sete polegadas; iris cor de café; partes superiores agradavelmente misturadas de bruno-acinzentado, amarelo ruivo e pardo-escuro; grandes manchas escuras com largos bordos amarelo ruivo, e, na cabeça, pequenos pontos da mesma coloração espalhados; penas escapulares com a mesma pontuação; as manchas escuras apresentam cercadura amarelo ruivo; raia amarelo claro quasi imperceptível acima dos olhos; mento amarelo pálido, listado transversalmente de cinzento castanho, larga mancha transversal branca na garganta; as cinco primeiras penas das remiges pardo-escuras, com uma faixa transversal branca no meio; cauda marmorada de castanho escuro e amarelo claro com faixas transversais, em número de nove ou mesmo dez, salpicadas de pardo muito escuro; por abaixo do pescoço e no alto do peito com coloração imitando agradavelmente o mármore; todas as demais partes inferiores brancas com linhas transversais bruno-acinzentadas claras, o meio do ventre, branco, não manchado.

(Suplem.). E' o "Nacunda" de Azara, t. 4, p. 119.

(463) Trata-se, com segurança, da mesma espécie que Azara descreveu sob o nome de "Pato crestado" ("Le Canard à Crête"), na edição de Soncini, base de *Anas carunculata* Licht., 1819. Na última página de suas "Beiträge" (vol. IV, p. 942) lamenta Wied não ter podido obter exemplares da ave, cujo nome popular, "pato de crista", consigna todavia. A aplicação que lhe cabe em nomenclatura científica é *Sarkidiornis sylvicola* Iher. & Ihering (1907), substituto do de Lichtenstein, já anteriormente usado para outra espécie por Vieillot (1816). Ocorre da Argentina ao Amazonas e é relativamente comum no Nordeste (Maranhão, Piauí, Ceará) onde o conhecem também pelo nome de "putrillo" (teste Pompeu Sobrinho). Já Marçgrave, aliás o havia descrito sob a designação tupi de "pecati Apoa", que justamente significa "pato de crista levantada", segundo Rodolpho Garcia (*Bol. Museu Nacional* vol. V, n.º 3, p. 7).

(464) *Podagrus nacunda* Vieillot, 1817, descrito pela primeira vez por Azara. É um bacurau de porte alentado, que durante o dia repousa no chão, em pleno campo descoberto, e põe-se em movimento logo às primeiras sombras do crepúsculo, ou mesmo durante o dia, si nuvens de tempestade obscurecem o sol (cf. Oliv. Pinto, *Rev. Museu Paulista*, XX, ps. 12 e 61). Wied, por isso, chamou-o *Caprimulgus diurnus* (Beiträge, III, p. 326). Lugares há em que acampam em grandes bandos, como me aconteceu observar, em Setembro de 1937, em Cuiabá (Mato-Grosso), no subúrbio denominado Várzea, que as enchentes anualmente inundam.

durante o dia e costuma pousar nos pastos, junto dos cavalos e bois.

Como, durante o percurso feito nesse dia, encontrásemos muita mata e muita "catinga", grande número de plantas interessantes foram vistas por nós; diversos pássaros canoros animavam de novo os bosques, entre outros uma espécie de melro que ainda não observáramos, o "sofré" (*Oriolus Jamacaii*, Linn.)⁽⁴⁶⁵⁾, de plumagem parte alaranjado vivo e parte preta, cujo canto é extremamente agradável, pela diversidade e mudança de tons. Poisados em grande número, numa árvore frondosa, ofereciam um quadro magnífico, pelo contraste de suas cores com o verde da folhagem.

A Senhora Simoa, proprietária duma fazenda em Tamburil, aldeia situada na região montanhosa a que chegámos de tarde, deu-nos hospitalidade em sua casa, agradavelmente situada numa floresta do Riacho da Ressaca. Fomos aí observados com muita curiosidade, pois asseguraram-nos que nunca até então se havia visto ingleses; porém nada nos faltou e fomos alojados, em companhia de uns viajantes brasileiros numa grande sala, onde armámos as nossas redes. Ao cair da noite, todos os comensais se reuniram para entoar ladainhas, segundo o costume da terra; nessas moradias solitárias ou "fazendas" costuma haver uma sala onde existe uma grande caixa ou um armário, contendo algumas imagens de santos; os moradores se ajoelham diante dessas imagens para fazer orações. Não ouvi falar, aqui, de padres, que vão de um lado para outro com um altar, como Koster encontrou no "sertão" do Ceará*.

Para se ir de Tamburil até às fronteiras de Minas Gerais, atravessa-se uma região áspera, coberta uniformemente de "catingas", um tanto montanhosa e entrecortada de barrancos. Segue-se o curso do Riacho da Ressaca subindo um caminho que é a princípio muito agradável, enfeitado por arbustos que crescem na sombra e povoado de lindos colibris. O riacho forma vários saltos e espalha uma frescura que nos pareceu deliciosa, pois o calor era considerável e a estrada, em parte, muito difícil para os nossos animais de carga. A variedade das flores que nos cercavam compensava amplamente das pequenas fadigas da viagem. Entre os belos vegetais que encontrei, limito-me a citar soberbas *Cassia*, cujos grandes cachos de flores alaranjadas espalhavam um aroma balsâmico** ; maracujás (*Passiflora*) de flores roxas e vermelhas, porém inodoras, e uma planta trepadeira com flores vermelho escuras*** que, entrelaçando-se no alto dos arbustos, por

(*) Vide KOSTER, *Travels*, etc., p. 85.

(**) Essa espécie parece ser *Cassia mollis* de Wahl. (Suplem.). *Bactrylobium ferrugineum*, Schrader, op. cit., p. 713.

(***) É provavelmente uma nova *Ipomoea*. (Suplem.). *Ipomoea sidaefolia*, Schrader, op. cit., p. 719.

(465) *Icterus jamacaii* (Gmelin). Belo e bem conhecido pássaro, de vistosa plumagem e dolente canto, muito procurado pelos amadores. Ocorre nos campos e catingas, desde o Recôncavo baiano até o Maranhão, sendo conhecido na Bala por "sofré" (corrupt. de sofrer) e em Pernambuco por "concoriz".

cima de nossas cabeças, formavam uma fileira coberta. As moitas de mimosas, de folhas delicadas e finamente recortadas, eram muito incômodas nas veredas, em parte impraticáveis, cobrindo com seus galhos espinhosos a argila amarela ou vermelha, que forma aqui a superfície do solo e que estava ressequida pelo sol.

Uma vez transpostos os morros que se elevam uniformemente uns por cima dos outros, formando pequenas serras, e que são inteiramente cobertos por "catingas" e "carrascos"*, atravessam-se, acompanhando o curso do Ressaca, pequenos prados cobertos de diferentes espécies de gramíneas; por toda parte novas aves, distinguidas por seu canto, e novos vegetais pela coloração de suas flores, causam-nos sensações agradáveis. Encontrei aí muitas vezes o ninho de uma ave, que ainda não foi descrita**466; é fabricado com grande número de pequenos pedacinhos de pau seco e suspenso a um galho, deixando apenas uma pequenina abertura redonda: cada ano coloca um novo em cima do antigo, de modo que encontrei uma fila deles que tinha 3 a 4 pés de comprimento, balançando-se num galho fino. Examinando umas dessas moradias aéreas, descobrimos que a parte inferior é habitada por uma espécie de rato***467, mesmo quando o pássaro ainda ocupa a parte superior.

Nos lugares em que a cobertura de vegetação permitia que a rocha aparecesse, encontrei "stauroлитs" de cristais simples, com um pouco de anfibolito no xisto micáceo. Os carrascos ou matas anãs, em que viajávamos, eram, com grande surpresa nossa, inteiramente despidas de folhas, como as florestas da Europa no inverno. Na minha chegada da Ressaca não pude obter explicação satisfatória desse fato. Um lavrador inteligente disse-me que, dois ou três anos antes, no mês de agosto, uma geada muito forte havia matado as árvores; outras pessoas,

(*) Chamam-se "carrascos" às matas mais baixas situadas nos limites das grandes planícies áridas e planas, denominadas "campos gerais"; têm dez a doze pés de altura, e parecem ser constituídas aproximadamente com as mesmas espécies de árvores; podem ser comparadas aos bosques de avelúas que se vêem em vários pontos da Alemanha, com que apresentam muita semelhança. Esses arbustos estavam todos mortos e, por isso, foi impossível determinar a que família pertenciam.

(**) *Anabates rufifrons*: é a *Sylvia rufifrons* do Museu de Berlim. Comprimento, seis polegadas e nove linhas; todas as partes superiores são pardo-acinzentadas, passando em certos pontos um pouco para o amarelado; frente e alto da cabeça guarnecidos de penas estreitas e pontudas não formando entretanto um penacho; fronte, castanho-avermelhado escuro, quasi imperceptível em cima dos olhos; partes inferiores esbranquiçadas, de um pardo-acinzentado claro; garganta e meio do ventre muito mais claros; uropígio e flancos tingidos de amarelo; asas e partes superiores pardo-acinzentadas, um tanto tingidas de oliva.

(***) *Mus pyrrhorhinus*, rato da catinga, e de cauda muito comprida; tamanho dum rato do campo, europeu; corpo de cor cinzento pardo sujo, aproximadamente da cor do "hamster"; região vizinha do nariz, grandes orelhas pouco aveludadas, e coxas, perto da cauda, castanhas.

(466) *Phacelodorus rufifrons* (Wied), vulgarmente "carrega-madeira" (Baía), "casaca de couro" (Pernambuco), etc. Reconhecem-se hoje várias raças na espécie, umas do este-sententrião brasileiro, outras do oeste de Mato-Grosso e repúblicas vizinhas.

(467) Na nota marginal (p. 177 do tomo II da edic. in-8.^a), em que esta espécie é pela primeira vez descrita, lê-se *Mus pyrrhorhinus*; em "Beiträge" (vol. II, p. 418) Wied corrigiu o nome específico para *pyrrhorhinus*, mais correto na forma. De acordo com as normas da nomenclatura à grafia original deve prevalecer. Interessantíssima é a observação biológica registrada a seu respeito. O fato não tem sido verificado depois, fazendo crer não se tratar de uma associação no sentido biológico do termo. Nunca, pelo menos, pude testemunhá-lo, em inúmeros ninhos que tenho investigado. Há habitualmente nos ninhos do carrega-madeira insetos comensais que têm sido modernamente estudados por H. Lent e outros.

pelo contrário, achavam que a causa disso era a secura extrema do solo.

Resaca é uma pequena localidade em que três famílias de homens de côr cultivam um terreno situado numa pequena elevação, pouco inclinada e rodeada de carrascos; eriam também gado. Os bosques mortos, que limitam o horizonte por todos os lados, dão a êsse sítio um aspecto de uniformidade extremamente triste; só uma touceira de *Agave foetida* e algumas laranjeiras dão um pouco de alegria aos arredores das casas de barro. Nessas regiões, de aspecto melancólico vê-se apenas um pequeno número de animais; só o "vira-bosta" (*Tanagra bonariensis*) de plumagem preto-violácea brilhante e garganta mais vermelha dava vida aos bosques ressequidos. Deram-nos para morar uma das cabanas: estava infestada de "marimbondos", que se ocupavam em construir o ninho em nosso quarto, ninguém se podendo considerar seguro contra o seu ferrão. Os nossos animais, mesmo, que pastavam a pouca distância, tiveram que fugir; só depois de fecharmos a porta e as janelas foi que conseguimos nos pôr ao abrigo de tais insetos, que pareciam querer disputar o nosso alojamento. A' noite, sobreveio uma violenta tempestade; caíram torrentes de chuva acompanhadas de espessa saraiva; os meus homens, que nunca haviam visto semelhante meteoro ao longo do litoral, apanharam por curiosidade os grãos transparentes de gelo, testemunhando em altas vozes a sua surpresa.

Um pequeno vale despido, situado nas elevações cobertas pelo carrasco, conduz à "fazenda" da Ilha, distante de quatro léguas: apresenta esta um aspecto selvagem e pouco agradável, pois os bosques que a rodeiam são uniformes e em parte secos; vêm-se por toda parte, árvores secas ou plantas de brejo, de modo que daí não se desfruta nenhuma vista. Musgos e fetos crescem em vários pontos. Felizmente para os viajantes, o "canário" (*Emberiza brasiliensis* Linn.) e o "pintassilgo" (*Fringilla magellanica*), dois dos pássaros brasileiros que melhor cantam, dão-lhes alguma distração⁴⁶⁸. O "virabosta" (*Tanagra bonariensis*) se apresenta aí em pequenos bandos; os mais velhos, que têm o peito vermelho, raramente se reúnem aos outros. Um outro "tangará" que não vi descrito ainda⁴⁶⁹, poisa muda no alto dos arbustos mais altos; encontram-se aqui sobretudo muitas

(*) *Tanagra capistrata*: comprimento, 6 polegadas e 12 linhas; envergadura 9 polegadas e 8 linhas. Lembra muito pela forma exterior o pisco (Pyrrhula); em redor da maxila inferior, preto; bochechas e metade anterior do vértice cinzento-pardo claro; garganta, em baixo do pescoço, peito e alto do abdôme amarelo-avermelhado pálido; tôdas as partes superiores cinzento-azuladas.

(468) O "canário da terra" (como é geralmente chamado, por opposição aos verdadeiros canários de importação) ou *Sicalis flaveola* (Linn.), da nomenclatura científica, inclue três raças brasileiras, reconhecido pela generalidade dos ornitologistas; uma nordestina, *S. fl. brasiliensis* (Gmelin), uma oeste-meridional, *S. fl. pelzelni*, Sclater e outra este-meridional, *S. fl. holti* Miller. A esta última, cuja descrição pode ser procurada na revista ornitológica norte-americana "The Auk" (vol. XLII, p. 254), pertence o passarinho referido por Wied. O "pintassilgo" (no original "Pintasilgo") corresponde à formahoje chamada *Spinus magellanicus alleni* Ridgw.

(469) *Schistochlamys ruficapillus capistratus* (Wied), é raça nordestina de um pássaro conhecido no Brasil meridional por "sanhaço-pardo" e "bico de veludo" (teste Iber. & Ihering).

espécies de papa-moscas e as espécies maiores que têm afinidades com elas e que Buffon denominou "Becardes" e "Tyrans", e foram chamadas por Azara "Suiriris". As "Becardes" são mais raras aqui do que nas províncias mais baixas*470.

O terreno descamba cada vez mais até Ilha, e os arbustos diminuem também de altura na mesma proporção, até que se avistem os "campos gerais", que surgem como um mundo novo. Planícies imensas e inteiramente descampadas, ou então colinas de declive suave que se prolongam em série, cobertas de capim alto e ressequido e de arbustos esparsos, se desdobram a perder de vista. Esses "campos", que se estendem até o Rio São Francisco, Pernambuco, Goiás e além, são cortados em diferentes direções por vales, em que nascem rios que descem do planalto para o mar. O mais notável deles é o Rio São Francisco, que nasce na Serra da Canastra, que se pode considerar como formando o limite entre as "capitanias" de Minas Gerais e Goiás. Nos vales que cortam essa cadeia e esses planaltos nus, as margens dos rios e ribeiros são guarnecidas de florestas; matas isoladas se vêm assim escondidas nessas depressões, principalmente nas proximidades das fronteiras de Minas Gerais; esse tipo de florestas é um dos principais traços característicos dessas regiões descobertas. Imagina-se, às vezes, ter diante de si uma planície contínua, e inopinadamente a gente se encontra nos bordos de um vale estreito, profundamente escarpado, ouvindo-se um rio murmurar no fundo, e o olhar mergulha nos cimos duma floresta cujas árvores variadamente floridas lhe guarnecem as margens. Aqui, na estação fria, o céu se mostra constantemente coberto e o vento é contínuo; na estação seca, o calor é sufocante, toda a vegetação rasteira seca e o solo arde; a água potável falta totalmente. Essa descrição prova que os "campos gerais" do Brasil oriental, embora desprovidos de florestas e em geral planos, diferem entretanto das estepes do Velho e do Novo Mundo, de que Humboldt nos fez uma descrição tão bela e fiel**; pois os "lanos"

(*) Costuma-se geralmente confundir as duas espécies mais comuns, e o próprio Sonnini caiu nesse erro. Foram elas chamadas por Linneu *Lanius pitangua* e *L. sulphuratus*, e se pareciam muito. Essas repetições de formas nas aves são muito frequentes no Brasil; mas os dois pássaros diferem tanto pelo bico que não podem ser confundidos. O que faz ouvir sem cessar esse grito: "bentiví" ou "tictiví", tem o bico estreito e alongado; o outro, que repete distintamente "gnel-gnel", tem um bico largo e abaulado. Sonnini se engana dizendo que o "nei-nei" de Azara pronuncia em Calena a palavra "tictiví"; este é, como acabei de dizer, o grito do *Pitangua*. O mesmo erro cometeu Vieillot na sua "História Natural das Aves da América septentrional"; escreve, tomo I, p. 78, que o tictiví repete algumas vezes "gnel-gnel", que é o grito de outra espécie, *Lanius sulphuratus* de Linneu. Azara distinguia, no entanto, com muita exatidão, pelo grito e pela forma, esses dois pássaros muito comuns no Brasil.

(**) *Ansichten der Natur*, tomo I, p. 1 e *Voyages au Nouveau Continent*, etc., t. II, ps. 147, 148 e 149, inclusive a nota.

(470) Apesar de todo o cuidado e acerto com que discute Wied as relações entre os dois pássaros que o povo geralm nte confunde sob o nome de "bem-te-vi", não logrou escapar à grande confusão que havia no tangente ao nome científico que lhes compete. O nome "Pitanguá" é oriundo de Marcgrave, que sob ele descreveu em seu clássico livro o que eu chamaria de "falso bem-te-vi", isto é, o "bem-te-vi de bico chato" ou "nei-nei". Linneu aproveitou não só o nome, como a própria descrição do autor seiscentista, donde ser o "nei-nei" o pássaro a que chamou *Lanius pitangua* e hoje, com o progresso da Sistemática, denominado *Megarhynchus pitangua* (várias subespécies, espalhadas da Argentina à América Central). *Lanius sulphuratus* Linneu baseia-se em *Lanius cayensis* luteus de Brisson, que outra cousa não é senão o "bem-te-vi" comum.

ou as "estepes" do norte do Orenoco e os "pampas" de Buenos-Aires não se assemelham aos "campos gerais", e as estepes do Velho Mundo ainda menos. Esses campos gerais não são perfeitamente planos; sua superfície apresenta alternadamente fracas elevações e planaltos, mas seu aspecto é uniforme e inanimado, sobretudo na estação seca. Todavia, não são tão despidos como os llanos e os "pampas", e menos ainda que as estepes do Velho Mundo, pois são sempre cobertos de ervas que às vezes crescem bastante; pequenos arbustos cobrem comumente os declives e algumas vezes o planalto todo; por conseguinte, os raios do sol não produzem efeitos tão violentos como nos "llanos", e nêles não se recebem os ventos secos e abrazantes, nem os turbilhões de areia, tão incômodos para os viajantes nos llanos da América, nos desertos da África e Ásia, e nas estepes da Ásia.

Quem vem do litoral, começa por galgar esse primeiro degrau de montanhas do interior do Brasil. que não são muito elevadas na região por mim percorrida, pois que aí não cai neve, e as geadas e granizos são fenômenos muito raros: aliás, grande parte das árvores conservam a sua folhagem todo o ano, porém o mesmo não se dá um pouco mais a oeste em alguns pontos elevados; continuando-se a viajar em direção à parte mais alta dos "campos gerais", atinge-se a cadeia de montanhas que se estende por sobre êles, e que não se pode comparar à Cordilheira dos Andes da América espanhola e não apresentam nem cimos cobertos de Neves perpétuas nem vulcões. Eschwege deu-nos a descrição das altas "serras" de Minas Gerais e Humboldt explicou as conexões entre as cadeias de montanhas das Américas espanhola e portuguesa*.

As diversas regiões da América meridional despidas de florestas só se assemelham entre si pela natureza animada e se distinguem sobretudo das estepes do Velho Mundo porque os seus habitantes primitivos, no tempo da descoberta européia, se achavam no mais baixo grau de civilização, vivendo exclusivamente da caça, ao passo que os do Velho Mundo eram nômades, estado esse que de forma alguma existiu na América.

Partindo da "fazenda" de Ilha, cheguei, ao cabo de uma légua e meia de marcha, ao quartel Geral do Vale, nos limites da "capitania" de Minas Gerais; atravessam-se planícies cobertas de capim alto e seco, onde se avistam, aqui e ali, árvores isoladas, que o vento conserva muito baixas, e capoeiras esparsas. Observei vários pássaros novos, entre outros o papa-moscas de cauda comprida e bifurcada (*Muscicapa Tyrannus* Linn.)⁴⁷¹, que voa desajeitadamente por causa

(*) Voyages aux régions équinoxiales du nouveau continent, tome II, p. 153.

(471) *Muscivora tyrannus* (Linn.), vulgarmente "tesoura" ou "tesoureira". No Brasil meridional só aparece com o verão, emigrando no inverno, provavelmente para as regiões oeste-sudestinais da América do Sul. Em Outubro vi grandes bandos migratórios e altivolantes na região de Chapada (Mato Grosso), em marcha para leste.

de suas longas retrizes muito incomodativas, e outras espécies do mesmo género.

Alancei Valo à luz dos relâmpagos : é uma pequenina casa de barro, habitada por um furriel e dois soldados, que o alferes comandante do posto do Arraial do Rio Pardo envia para af. São encarregados, para evitar o contrabando, de revistar todos os viajantes que chegam e partem, e, presentemente, de trocar as moedas espanholas ("cruzados") por portuguesas, operação lucrativa para o governo. Si bem que essa casa não nos tenha podido abrigar mesmo da chuva, decidí passar algum tempo nela, para poder conhecer os "campos gerais".

Estava-se no fim da estação das chuvas, quando me instalei nesse local ; a séca já era bastante considerável e acompanhada de muito vento ; sofriam-se alternadamente tempestades violentas e pequenas chuvas. A temperatura era rude, fria e desagradável para nós, que, durante a nossa estadia na costa, nos havíamos acostumado a um clima inteiramente diferente. De manhã, num tempo de nevoeiro, o termómetro Réaumur se mantinha a 14 graus ; num tempo seco, acompanhado de alguns raios de sol, ou num tempo coberto e ventoso, o termómetro se mantinha no inverno a 19 graus e meio. Essa temperatura e a ausência total de mosquitos lembrava muito a nossa pátria. Obrigou-nos outrossim a mudar de vestimenta. Reconhecemos também que poderíamos suportar grandes exercícios e, por conseguinte, empreendemos excursões por todos os pontos desse país solitário e agreste.

Encontrámos, na porção desses campos gerais que confina com o sertão da Baía, fazendas isoladas e situadas a grande distância umas das outras ; nelas se cultivam milho e outros vegetais ; a criação do gado, porém, constitue o principal ramo da indústria, embora a quantidade de gado cornífero dessas paragens não seja de modo algum comparável ao que se encontra nos llanos*. As vacas só dão pouco leite, devido à secura das pastagens, de sorte que tivemos grande dificuldade em obter por dinheiro essa bebida que os alemães tanto apreciam. Cria-se aquí grande quantidade de cavalos, e os habitantes só saem a cavalo de suas casas : é muito raro ver alguém andando a pé. Os vaqueiros geralmente se vestem de couro. As mulheres usam chapéus de feltro pretos e estão tão habituadas quanto os homens a andar a cavalo. Para tornar bem macios os couros de veado, esfregam-se os mesmos com miolos de boi, depois de cortidos ; os selvagens da América do Norte empregam o mesmo processo para preparar as peles de animais. Julga-se no sertão que as peles assim preparadas são muito macias, mas afirma-se que não duram mais de um ano, e, para torná-las mais duráveis, esfregam-nas com sebo e em seguida com miolos.

O comércio entre Minas e Baía se faz aquí por diferentes caminhos. Grandes tropas de sessenta a oitenta burros, ou mais, vão e vêm sem

(*) ALEX. VON HUMBOLDT, *Voyage au Nouveau Continent*, etc., t. II, cap. 17.

parar, transportando mercadorias, principalmente sal, que falta em Minas. Descarregam-se os burros em Valo para serem revistados, depois segue-se comumente pela estrada, ao longo do rio Gavião. E' espetáculo interessante o de uma dessas tropas, aliás características dos campos gerais e representado na vinheta do 7.º capítulo d'êste volume na edição in-4.º. Sete burros formam um "lote" conduzido e atrelado por um homem, que dele cuida. O primeiro animal da tropa tem uns arreios pintados e guarnecidos de numerosos guizos. O chefe da tropa vai a cavalo, na frente, com alguns de seus associados ou ajudantes; todos vão armados de compridas espadas e vestem botas de couro castanho, que sobem até muito em cima. Cobre-lhes a cabeça um chapéu de feltro cinzento claro. Essas tropas interrompem às vezes a triste uniformidade d'esses campos.

Encontram-se poucas criaturas humanas nessas paragens; em compensação, a grande quantidade de animais selvagens e de plantas faz com que bem depressa se esqueçam os seus rudes habitantes. A natureza d'esses campos gerais difere tanto da dos campos da região inferior da costa que o naturalista tem muito com que se ocupar quando dispõe de tempo necessário para tanto. Por estarem esparsos, só se encontram acidentalmente muitas coisas curiosas; por isso só podem ser encontradas pouco a pouco; quanto aos vaqueiros, homens agressivos, indolentes e exclusivamente ocupados de cuidar de seus animais, nenhum auxílio se pode esperar da parte deles. Só a muito custo se consegue, mediante boa paga, que eles cacem para nós. Afastados de qualquer pretensão ao título de homens instruídos, consideram o estudo da história natural e os trabalhos que a acompanham como uma ocupação tola e pueril. Só pude aqui obter o que busquei com o meu próprio esforço ou pela caça; daí a razão por que os meus caçadores estavam constantemente ocupados.

O número dos quadrúpedes é aqui menos considerável do que nas florestas inferiores. Todavia, encontra-se em Minas Gerais uma espécie de veado que se chama "veado-campeiro"⁴⁷²; é provavelmente o *Cervus mexicanus* dos naturalistas, que se torna tão grande quanto o nosso cabrito montês; seus chifres têm três ramificações, têm cauda, e o pelo é pardo avermelhado. Esses animais preferem a planície nua às florestas e fogem dando saltos prodigiosos, quando pressentem o inimigo. E' difícil matá-los e é preciso, sobretudo, atentar para donde sopra o vento, si se deseja sair bem sucedido no tiro. Aproveita-se tanto a carne como o couro d'esse animal.

(*) O "Guazuti" de Azara. O "matacani" que Humboldt viu nos llanos de Calabozo pertence sem dúvida também a essa espécie. Azara fala de uma variedade branca d'esse veado.

(472) *Dorcelaphus bezoarticus* (Linn., 1766), vulgarmente "veado campeiro", "v. branco", etc., ao qual a generalidade dos autores julga corresponder o *Cervus campestris* de Fr. Cuvier. *Odocoileus mexicanus* (Gmelin) é espécie norte-americana, de que temos nos banhados do extremo norte do Brasil uma muito afim, *Odocoileus gymnotis* (Wiegmann). Miranda Ribeiro, vê neste último o *C. campestris* Cuv. e propõe chamá-lo *Odocoileus suaçuapara* (Kerr.).

Si se penetra mais no campo até às cabeceiras do Rio São Francisco, encontram-se principalmente na Serra do Canastra e nas grandes florestas de outras regiões, a grande espécie de veados cujos chifres têm cinco pontas ou mais em cada divisão, e que aqui se chama "veado galheiro" ou "çuapara"⁴⁷³; é idêntico provavelmente ao "guazupucu" de Azara. O veado mateiro e o catingueiro* vivem nas florestas dos vales; quer um quer outro se caçam com cães e são aproveitados da mesma forma que as outras espécies. Conta-se que o veado grande, fato que todavia não testemunhei, quando se vê ferido precipita-se sobre os caçadores; é o que fazem também os veados da Europa, quando estão no cio. Entretanto não se dá, aqui, aos do Brasil, o grau de inteligência que atribue aos veados da Europa uma obra recentemente publicada**; afirma-se ali que esses, quando feridos, sabem achar ervas salutares que colocam sobre os ferimentos. E' difficil, que os nossos caçadores da Alemanha tenham jamais observado uma inteligência tão marcada ou um instinto tão judicioso nos animais selvagens.

O "guará" ou "lobo"^{***474} habita, juntamente com os veados, as regiões descampadas. Parece ser comum em todas as zonas da América Meridional desprovidas de matas. Eis por que Cuvier considerou-o com razão o *Canis mexicanus*. Todavia, seria talvez mais conveniente tirar-lhe o nome do hábito de viver nos campos, que o caracteriza. perfeitamente. Foi também denominado *Ursus cancrivorus*, mas nada tem de comum com os ursos⁴⁷⁵; tal denominação convém melhor ao *Lotor* ou *Procyon* da América Meridional; nas vizinhanças da costa oriental, habita os manguesais, e é conhecido pelo nome de "guaxinim". O "guará" ou lobo vermelho não é raro em Valo, e mais comum ainda se vai tornando à medida que a gente se aproxima de Minas. Todos os habitantes me asseguraram que ele nunca ataca os animais vivos.

As florestas e os cerrados, sobretudo nos vales, são habitados pelo "guariba" preto (*Myctes*), que é provavelmente o "Caraya" de

(*) Guazupita e Guazupira de Azara.

(**) Vide Eschwege, *Journal von Brasilien*, parte 1, p. 202, em nota.

(***) "Aguara-Guazu", de Azara.

(473) A aplicação do nome "çuapara" (escrito também "suapara", "çuassô-apara", etc.), tem sido objeto de cerrada discussão, que não caberia pormenorizar nesta emergência. Pelo depoimento de Wied, parece fôr de dúvida que ele também se usava para o grande veado galheiro dos banhados do Brasil centro-occidental (*Dorcelaphus dichotomus* (Illiger)), mais conhecido hoje por "cervo". Em Marcgrave, todavia, p nome "Cuguacô-apara" aplicar-se-ia, segundo Miranda Ribeiro, ao veado dos banhados amazônicos, *Odocoileus gymnotis* Wieg., donde grandes divergências na nomenclatura deste último (cf. Mir. Ribeiro, *Rev. Museu Paulista*, XI, ps. 213 e ss.). "Guazupucu", descrito no Paraguai por Azara, é o nosso "cervo".

(474) *Chrysocyon jubatus* (Desmarest). Animal de avantajado porte, muito alto de pernas, de vida antes solitária, e que nem de longe tem a ferocidade do seu homônimo do Velho Mundo.

(475) Parece-me bastante singular a alegação de que se tenha attribuido ao "guará" o nome de *Ursus cancrivorus* Illiger; não encontro, pelo menos, nenhuma explicação para ella. Todos os autores, inclusive o próprio Wied, nas suas "Beiträge" (vol. II, p. 301) reconhecem pertencer tal nome ao "guaxinim" (*Procyon cancrivorus* Ill.), na nomenclatura actual, mais conhecido no sul do Brasil por "cachorro do mato de mão pelada", ou simplesmente "mão pelada".

Azara⁴⁷⁶. É uma raridade peculiar a esta região. O macho tem o pêlo negro carregado e muito longo; a fêmea, ao contrário, é cinzento amarelado pálido, diferença notável, que raramente se observa entre os macacos. Costuma-se caçar ativamente os machos, por causa de seu belo pêlo negro, que serve de cobertura para as selas, e daí a razão de a fêmea ser muito mais comum. Essa espécie parece distinguir-se de *Myctes belzebul* principalmente pela diferença de coloração dos dois sexos, pois nessa espécie ambos os sexos são pardo escuros. Esses macacos, vivendo apenas nas "catingas", não podem ser considerados propriamente animais do "campo", a que, em compensação, com todo direito cabe o grande comedor de formigas (*Myrmecophaga jubata* Linn.), chamado pelos brasileiros "tamanduá bandeira" ou "cavalo" e extra-ordinariamente abundante. A grande quantidade de ninhos de termitas, tão profusamente espalhados no "campo" por toda parte, formando montículos achatados, distantes apenas uns dos outros dez a vinte passos, fornece a esse animal farta alimentação; ele cava naqueles ninhos, com suas unhas compridas e recurvadas, buracos de que depois as pequenas corujas se servem para fazer o ninho⁴⁷⁷.

Dentre os novos produtos da natureza que tive aqui oportunidade de encontrar, o avestruz da América ou "ema" (*Rhea americana*)⁴⁷⁸ foi para mim dos mais interessantes. Essa grande ave, o avestruz da América, é muito comum nos campos gerais, onde entretanto é raramente caçada. Uma fêmea, com quatorze filhotes, que haviam nascido seis meses antes, vivia tranquilamente nos arredores de Valo. Ninguém a inquietava; foi preciso que chegassem europeus ávidos para perturbar-lhe o sono e atentar contra a sua vida. Essa ave, desconfiada e muito arguta, descobre a presença dos caçadores de muito longe; é preciso, pois, muita precaução para agarrá-la. Na corrida, ela fatiga um cavalo porque foge, não seguindo uma linha reta, mas fazendo numerosos desvios. Quando a "ema", com seus quatorze filhotes que já haviam atingido mais da metade de sua esta-

(476) *Alouatta caraya* (Humboldt), vulgarmente "bugio preto" (nome que só caberia aos machos porque as fêmeas são claras), ocorre nas matas do Brasil centro-meridional, inclusive os sertões de São Paulo, Minas e Bahia. Foi de fato descrito primeiramente no Paragui por Azara, com o nome indígena de "caraya", que vem a ser o mesmo que "carajá", aplicado a certa tribo. *Simia caraya* Humboldt (1811) baseia-se exclusivamente na descrição de Azara e é o primeiro nome científico aplicado à espécie, que veio ulteriormente receber diversas denominações tais como *Stentor niger* Et. Geoffr. (1812) e *Myctes barbatus* Spix (1823). Nas matas costeiras do Brasil este-meridional vive outro bugio, *Alouatta fusca* (E. Geoffr.), já várias vezes referido por Wied (cf. p. 43, nota 1 e p. 118, nota 3). O nome genérico dos "guaribas" ("guariba" se usa em todo o norte, de preferência a "bugio"), por direito de prioridade, é *Alouatta* Lacépède, 1800; são-lhe sinônimos *Myctes* Illiger, 1811 e *Stentor* Et. Geoffr., 1812.

(477) Refere-se Wied à "coruja buraqueira", *Speotyto cunicularia grallaria* (Temm.), de que já houve antes alusão.

(478) Duas raças distinguem-se seguramente entre as "emas" do Brasil: *Rhea americana americana* Linn., do nordeste (norte da Bahia, Pernambuco, Ceará, etc.) e *R. a. intermedia* Rothschild & Chubb, do Brasil meridional (São Paulo, Minas, Goiás, Mato Grosso). Uma terceira raça, peculiar ao Prata, *R. a. albescens* Arrizbalazaga & Holmberg (= *R. rothschildi* Brab. & Chubb), ocorrerá ainda provavelmente nas zonas limítrofes do Brasil oeste-occidental (sudoeste de Mato Grosso). A ema é uma ave polígama; tem-se como certo que todas fêmeas de um bando põem num mesmo ninho, ocupando-se depois o macho da incubação dos ovos, cujo número atinge por vezes algumas dezenas. Há, a este propósito, no folklore nordestino, interessante estrófe, coligida por Gustavo Barroso ("Terra de Sol"):

Quantos ovos põe a ema?
A ema nunca põe só,
Põe a mãe e põe a filha,
Põe a neta e põe a vô.

tura, apareceu pela primeira vez, depois que debalde a havíamos esperado desde muitos dias, três dos meus caçadores se puseram logo de emboscada; as "emas" foram enxotadas na direção em que estavam os caçadores; foram porém tão espertas quanto elas, e não se deixaram enganar. O acaso trouxe então um vaqueiro a cavalo, bem armado, que logo se decidiu a agarrá-las; começou por seguir lentamente o bando, depois correu a todo o galope, e, após diversas tentativas conseguiu matar um dos filhotes, saltando prontamente do cavalo. Um tiro bem certo de chumbo grosso abateu a ave maior. Renovámos várias vezes esse gênero de caçada, e um dos meus caçadores, em direção ao qual se enxotaram três "emas", matou uma delas, adulta; tratava-se de uma fêmea; media quatro pés e cinco polegadas de comprimento desde a ponta do bico até a extremidade da cauda, e sete pés de envergadura; pesava cinquenta e seis libras e meia. Encontrei no seu estômago pequenos côcos e outros frutos muito duros e muitas espécies de ervas, restos de cobras, gafanhotos (*Gryllus*) e outros insetos. A carne da "ema" tem um gosto um tanto desagradável, e não se come. Dizem que engorda muito os cachorros. Aqui se emprega a sua pele para fazer perneiras, onde ainda se pode ver o lugar das penas. Fazem-se bolsas com a longa pele do pescoço; os ovos, cortados pelo meio, servem de cabaça ou tigela e as penas, de leque.

A "seriema" (*Dicholophus cristatus*, Illiger)⁴⁷⁹, outra ave muito veloz na carreira, é o companheiro constante da "ema" nos campos gerais. Ouvimos soar de todos os lados a sua voz altissonante; ela é constituída de várias notas repetidas com pouco intervalo umas das outras, desde a mais alta até a mais baixa. Vimos muitas vezes essa ave desconfiada passear aos pares como os perús, mas nunca conseguimos matá-la. Tentei debalde durante muito tempo cercá-la a tiros, até que um dia um plantador do lugar, que se achava montado num cavalo muito corredor, encontrando-me e sabendo o quanto eu desejava vivamente obter uma dessas aves, prometeu-me fazer com que eu visse como se deve proceder para apanhá-las. Dirigiu-se pelo capinzal seco até o ponto em que se ouvia a voz das seriemas, e logo que as avistou, poz o cavalo a todo o galope. Perseguiu-as assim, sem se cansar, através das colinas suavemente inclinadas e das vastas planícies, empenhando-se sobretudo em impedir que a ave, que corria velozmen-

(*) *Palamedes cristata* Linn., *Carliana*, Marcgrave, p. 81. Azara parece haver descrito um indivíduo jovem, pela cor que atribue à iris e ao bico: pois aquela, nos indivíduos velhos, é sempre branco-pérola, e este vermelho-cinábrio.

(479) *Carliana cristata* (Linn.). Esta interessantíssima ave, sobre que tanto se tem escrito, foi objeto de exaustivo estudo por parte do falecido Prof. Alípio de Miranda (cf. *Rev. Museu Paulista*, XXIII, ps. 37-162, com figs.). O notável zoólogo paulista, concluiu pela existência em *Carliana cristata* de nada menos de quatro raças geográficas, a que denomina *cristata*, *leucofimbria*, *schistofimbria* e *azarae*.

Ainda hoje a seriema é muito comum nas vastas planícies desampadas do interior. Viajando de automóvel é comum surpreenderem-se casais de seriemas, que se põem a correr, fugindo à aproximação do veículo, enquanto que para isso lhe sobrem forças, sem jamais atinarem com o meio mais fácil de escapar-lhe, desviando para a direita ou para a esquerda da estrada. Uma vez prestes a serem alcançados, erguem o vó em supremo esforço, para galgar a primeira árvore, tal como não-lo descreve o príncipe. Nessas ocasiões acontecem-lhes por vezes serem atacadas pelos grandes gaviões, que espertam empoleirados à beira dos caminhos, e não temem travar luta com a grande presa enfraquecida. Fato desta ordem observei com grande espanto, viajando de Chapada para Campo Grande, há pouco tempo atrás.

te, entrasse no mato. De nossa cabana, onde ficáramos, seguimos com olhos impacientes o vaqueiro, galopando sem parar, até que o animal se cansasse. A ave levantou vôo até uns trezentos passos adiante; mas as suas asas fracas em breve lhe recusaram serviço, e o caçador ficou então seguro da presa. A ave nessas ocasiões ou se empoleira numa árvore pouco alta ou então se estende por terra; no primeiro caso, dá-se-lhe um tiro, no segundo apanha-se viva. O nosso "vaqueiro" aproximou-se dela, desceu do animal, e com grande alegria nossa, trouxe viva uma bela seriema.

Essa ave tão interessante, cuja melhor figura, embora não perfeita, se encontra no tomo 13 dos "Annales du Museum d'Histoire Naturelle de Paris", parece ser para a América o que o secretário (*Gypogeryan africanus*) é para a África. As duas se parecem muito pela forma e pelo modo de vida. A "seriema" se distingue por uma crista de penas estreitas, e alongadas, que existe sobre o nariz; seu pescoço é coberto de longas e belas penas, que ela eriça à moda do nosso alcaravão (*Ardea stellaris* Linn.) e o seu bico é carmim. Suas asas são curtas e fracas, mas as suas pernas compridas se aproximam da melhor maneira possível à corrida. Sua carne, cujo gosto parece com o da galinha, é muito procurada; mas não é por isso que a caçam. Os meus caçadores, que perseguiram essa ave com particular afã, encontraram, em fins de fevereiro, um ninho dela numa pequena árvore do "campo". Era construído de gravetos, com revestimento de argila e continha dois filhotes. Querendo apanhar o macho e a fêmea adultos, os caçadores se esconderam nas proximidades da árvore; mas as aves desconfiadas não se deixaram enganar.

Os "campos" do interior do Brasil possuem muitas outras belas aves, entre outras o grande tucano (*Ramphastos Toco* Linn.)⁴⁸⁰ e grande quantidade de beija-flores (*Trochilus*), várias espécies de *Tanagra* e outras, desconhecidas ainda dos naturalistas, como por exemplo a gralha azul de cauda branca⁴⁸¹, o beija-flor de chifre⁴⁸², o colibrí

(*) *Corvus cyanoleucus*. Comprimento, treze polegadas e cinco linhas; envergadura das asas, vinte e duas polegadas e quatro linhas. Na frente, penacho de penas delgadas, de nove linhas e meia de comprimento, recurvadas para trás, e bem distintas de todas as penas do alto da cabeça. Cabeça e peito pretos; belos reflexos de azul indigo pálido no alto do pescoço e nos flancos; partes inferiores do pescoço, costas, baixo das costas, asas e metade superior da cauda do mais belo azul anilado; peito e todas as partes inferiores e extremidades da cauda, branca de neve.

(**) *Trochilus cornutus*, um dos ornamentos desse lindo gênero. Comprimento do macho, 4 polegadas e 5 linhas; envergadura das asas, 4 polegadas e 5 ou 6 linhas; bico reto, com 6 linhas e meia de comprimento; cauda longa, estreita, cuneliforme, acuminada; as duas penas do meio mais compridas de 3 linhas que as mais vizinhas e estas 8 linhas e meia mais compridas que as seguintes. Alto da cabeça e face cobertas de penas rijas de coloração azul escuro furta-cór, com 4 linhas de comprimento por cima de cada olho, e formando assim de cada lado da cabeça um penacho pontudo de reflexos violeta, vermelho de fogo e verde; parte restante do alto da cabeça azul escuro, com reflexos verde azul, azul de aço, azul do céu e ultramar; mento, garganta, lados da cabeça até as

(480) O "tucanassú", tão comum em Mato-Grosso e Goiás, ao contrário das outras espécies do gênero, perde os cerrados e campos descobertos às matas propriamente ditas. Cf. Oliv. Pinto, *Rev. Museu Paulista*, XX, p. 72.

(481) *Uroleuca cristatella* (Temminck). Embora tenha sido de fato, o descobridor da ave, o nome que lhe propuzera, *Corvus cyanoleucus*, já tinha sido ocupado por Latham (1801) para uma espécie europeia. Peculiar ao planalto centro-brasileiro.

(482) *Helictes bilophum* (Temminck, 1820). *Trochilus bilophus* Temm., embora baseado em exemplares remetidos por Wied, invalida, por precedência de um ano, *Tr. cornutus* Wied, 1821. Espécie encontrada nos campos do Brasil central (Goiás, Minas Mato-Grosso).

de coleira roxa^{*483}, o melro vermelho-amarelado^{**}, cujo ninho é artisticamente construído de barro e que, por essa razão, os brasileiros chamam de "joão-de-barro"^{*484}; o tentilhão de topete preto^{***485} e a coruja do campo^{****486} que faz seu ninho em terra, nas casas das ter-

relhas, azul preto carregado, mas coberto de penas não irizadas, que no meio da garganta têm quasi 6 polegadas de comprimento e formam aí uma barba pontuda caindo sobre as penas brancas de leite da parte inferior do pescoço, cuja coloração realça a tonalidade. Toda a porção inferior do pescoço e todas as partes inferiores e a cauda, branco de leite; flancos do peito verde de cobre; parte posterior da cabeça e todas as partes superiores verde de cobre brilhante, da mesma forma que as rectrizes, internas e externas, e as duas longas penas do meio da cauda. Os dois penachos da frente da cabeça, cada qual formado de 6 penas maiores, colocadas umas em frente às outras; a sua ponta é verde doirado, o meio doirado, e a raiz vermelho de cobre. Descrevi esse novo colibri um tanto minuciosamente por ser extremamente lindo.

(Suplem.). Quando essa última parte da Relação de minha viagem estava no prelo, o Sr. Temminck mandou desenhar esse colibri em seu "Nouveau Recueil de planches colorées d'oiseaux" e denominou-o *Trochilus bilophus*. Foi eu que lhe dei um exemplar dessa bela espécie, e também o primeiro a encontrá-la nos Campos Gerais.

(*) *Trochilus petasophorus*. Comprimento, 4 polegadas e 10 linhas e meia; envergadura das asas, 6 polegadas e 8 linhas; bico muito pouco recurvado; cauda arredondada, de penas largas e fortes; toda a plumagem de um belo verde doirado brilhante; penas da cauda de ponta azul escuro, com reflexos violetas; garganta verde, de reflexos de várias tonalidades; parte inferior do pescoço, peito e ventre superior verde, com reflexos azues; ventre mesclado de um pouco de branco; listas de reflexos azues carregados desde o canto do bico até às orelhas, e depois até à nuca. Atrás da orelha, tufo de penas largas, arredondadas, tesas, com lampejos metálicos, e reflexos brilhantes verde arroxeado; é interrompido na nuca. Uropígio e porção inferior da cauda brancos.

(**) *Turdus figulus* do Museu de Berlim.

(***) *Fringilla ornata*. Comprimento, 4 polegadas e 6 linhas; envergadura das asas, 6 polegadas e 11 linhas e meia. No alto da cabeça, pendão de penas estreitas, de mais de 8 linhas de altura, um pouco recurvadas para trás: elas são negras, da mesma forma que a roda do bico, o mento, o papo, o meio da parte inferior do pescoço, do peito, e da barriga. Lados da cabeça e do peito, branco; lados do pescoço e de todas as partes superiores, bem como o ventre e o uropígio, amarelo vermelho pálido; parte posterior da cabeça e nuca, cinzento esbranquiçado; todas as partes superiores, cinzento; coberturas das asas e da cauda, branco, as primeiras misturadas de cinzento claro; raiz da quarta e da quinta retriz branca, o que produz uma mancha branca em cima das asas; metade superior da cauda, branco; as duas penas do meio quasi que inteiramente cinzento pardo; as outras com a metade da ponta preta e uma pequena lista preta em cima. Fêmea de coloração uniforme mesclada de cinzento, amarelado e castanho; não tem penacho; cauda branca na raiz.

(****) *Strix cucullaria*, MOLINA, *Historia natural do Chile*, p. 233. AZARA, *Voyages*, etc., tomo III, p. 123. Essas corujas são muito comuns nos campos gerais; elas nidificam nos buracos que os tatús e outros animais escavaram nos formigueiros.

(Suplem.). Molina em sua descrição não se refere às manchas escuras que eu observei no ventre das aves dessa espécie, por mim encontradas no Brasil. Talvez haja ele esquecido, na sua descrição muito sucinta, de mencionar esse carácter. O que é certo é que a coruja (*chouette*) que encontrei é a "Urucurea" de Azara.

(483) Belo bella-flor cuja primeira descrição se deve a Vieillot (1816), que o denominou *Trochilus serrirostris*. Em 1840, G. R. Gray fez-lo tipo do género *Petasophora*, com o que seria perpetuado o expressivo nome proposto por Wied, não fosse o fato de ser ele precedido por Colibri Spix (1824), de idéntica aceção (*Colibri crispus* Spix = *Tr. serrirostris* Vieillot). *Colibri serrirostris* existe no norte da Argentina e em todo Brasil central e este-meridional (do Paraná à Bala).

(484) *Furnarius figulus figulus* (Lichtenstein, 1823). É o "joão de barro" comum nos Estados do Nordeste, onde é conhecido por appellações várias, tais como "amassa-barro" (Recôncavo da Bala), "maria de barro" (Ceará), "casaco de couro" (Pernambuco), etc.. Não deve ser esta, todavia, a espécie de que se occupa o autor nessa passagem; pois, a ocorrência do pássaro nos confins da Bala e Minas não só iria de encontro ao que se sabe hoje de sua distribuição, como ao próprio autor no vol. III das "Beiträge" (p. 670), onde, ao descrevê-la sob o impróprio nome de *Ophirhynchus rufus*, informa-nos só havê-la encontrado no Recôncavo e vizinhanças (Nasareth, Rio Jequiriçá). O pássaro em questão outro não pode ser senão o comum "joão de barro" de São Paulo e Minas (*Furnarius rufus badius* (Licht.)), cuja distribuição alcança o norte da Bala (Joazeiro). Como pedreiro (*F. figulus*), não tem os méritos do verdadeiro "joão de barro", pois na construção dos ninhos associa largamente a argamassa de argila, pedaços de pau, gravetos, etc., aproveitando frequentemente ôcos de árvores e buracos naturais (teste Dias da Rocha).

(485) *Fringilla ornata* é nome ordinariamente attribuído a Lichtenstein (1823). Vê-se, entretanto que ele já houvera sido proposto por Wied, acompanhado de boa descrição que o torna perfeitamente válido. Ele se applica a um "papo-capim" muito semelhante ao que hoje se denomina *Sporophila caeruleus* (Vieillot, 1817). Como a forma típica desta espécie ocorre em Minas-Gerais, até talvez as fronteiras com a Bala, é impossível dizer, sem exame dos exemplares de Wied, caso existentes, si a ave por ele encontrada em Barra da Vereda pertence ou não à forma *caeruleus* propriamente dita. No caso afirmativo *Fr. ornata* Wied passaria a simples sinónimo de *Fr. caeruleus* Vieill.

(486) *Sphyrapicus cucullaria grallaria* (Temminck), vulgarmente "coruja buaqueira", já anteriormente mencionada.

mitas. O tucano grande, cujo bico vermelho e colossal os "mineiros" muitas vêzes empregam para fazer polvarinhos, se encontra principalmente nos lugares onde há plantações de goiabeiras (*Psidium pyrifolium*) ao pé das casas; é, porém, muito difícil de alvejar.

Encontrei, em Valo, um sub-oficial ("furriel") regularmente instruído, que me forneceu muitas particularidades sobre a sua terra natal. Era um dos dois soldados que acompanharam Mawe na sua viagem a Tejuco. Limitado exclusivamente à sua companhia, passei oito dias em Valo com um tempo rude e desagradável; o céu, porém, logo clareou, o termômetro subiu muito, e o calor se tornou muito forte. Ao meio-dia, o termômetro Réaumur ao sol elevou-se em poucos minutos a 30 graus e meio, e, à sombra, numa casa aberta e exposta ao vento, manteve-se a 20 graus⁽⁴⁸⁷⁾. O calor era tanto mais desagradável quanto a ausência total de florestas e árvores obrigavam-nos a ficar, todo o dia, sem abrigo, fora, contra os raios do sol. Em poucos dias, a relva e as outras plantas ficaram como que queimadas e os burros sem o que comer. As "emas", que até aqui, em virtude do mau tempo pouco se mostraram, apareciam agora em abundância, quer adultas, quer jovens; obtive assim um terceiro espécimen, tão pesado que um homem, sozinho, não podia carregar. Sem preparo, para a coleção, ocupou toda a minha gente um dia inteiro.

As nossas excursões botânicas forneceram-nos também uma colheita bastante considerável. Encontrámos várias plantas novas, entre outras lindas mimosas muito baixas, ornadas de pendões de flores róseas e brancas, e uma outra de flores escarlates*. Mas vi frustada minha esperança de encontrar a única árvore do Brasil que se assemelha ao abeto da Europa, a *Araucaria*, que se encontra em Minas Gerais e em outras partes altas do interior do país**. Os arbustos floridos do campo estavam repletos de inúmeros beija-flores. Acreditava-se que esses lindos pássaros só se alimentavam de mel das flores; mas já o Dr. Brandes, tradutor da História Natural do Chile, de Molina, encontrou restos de insetos em seu estômago, o que deve estar de acordo com os fatos⁽⁴⁸⁸⁾.

Tendo passado alguns dias nas fronteiras de Minas Gerais, uma indisposição devida ao clima, e que poderia se ter agravado si eu houvesse descurado, obrigou-me a renunciar ao meu projeto de penetrar nessa província. Incômodos insignificantes, principalmente feridas, e mesmo doenças da pele, tomam facilmente um mau caráter neste clima

(*) (Suplem.). Nees von Esenbeck denominou essa planta *Acácia asplenoides*: *inermis, foliis bipinnatis, partialibus bi-trijugis, 12, 15 jugis, sessilibus, petiolo communi hirsuto, spicis globosis pedunculatis, terminalibus, corymbosis*.

(**) MAWE, *Travels*, etc., p. 275.

(487) Convertidos à escala centígrada, temos, respectivamente 37°, 50 e 25°.

(488) Não há mais dúvida em que os beija-flores pratiquem uma alimentação mista, em que entram largamente, senão de modo predominante, pequenos insetos (que muitas vezes vêm buscar na própria teia das aranhas), ao lado das secreções açucaradas das flores. Em cativeiro consegue-se mantê-los por tempo variável com mel e xarope; mas não tardam a succumbir a este regime incompleto e artificial.

quente, si delas nos descuidamos. Vários moradores da região, que trabalharam na abertura da estrada, através das matas, desde Ilhéus, trazem ainda marcas e cicatrizes de tenazes feridas ou doenças da pele que em parte sararam lentamente, e alguns, mesmo, ainda apresentam chagas abertas desde dois anos. A má alimentação, que se compõe, em parte, de carne seca, não contribue pouco para corromper os humores, efeito esse que se manifesta em úlceras malignas^{*489}. Dizem também que a mistura de raças diferentes, neste país, onde a população se compõe de brancos, vermelhos e negros, gerou várias doenças novas, dantes desconhecidas**.

Quero aproveitar a oportunidade de dizer algumas palavras sobre o clima dos "campos gerais", expondo, a seguir, tudo quanto sabemos a seu respeito.

Si bem que várias doenças tornem os países quentes perigosos, sobretudo para os estrangeiros, várias outras há peculiares às zonas temperadas e frias, de que aí se sofre muito menos; entre essas são de notar as doenças de peito, a gota e outras semelhantes. O Brasil, estendendo-se do equador até o 35° de latitude sul, tem uma temperatura muito variada. A porção dele que é descrita no relatório da minha viagem, é muito mais favorecida do que as outras, no que respeita ao clima e ao solo. Ela pode, de modo geral, ser tida como fértil, pois, na maioria das províncias, o calor e a humidade se acham reunidos em proporções convenientes. As terras altas são as únicas que sofrem de falta de água na época da seca; as florestas orvalhadas compensam até certo ponto, essa falta, sem no entanto se poderem evitar, nessas regiões, as secas que matam grande parte do gado. Nessa metade do ano não caem chuvas, o solo se fende com o calor e a secura: não se sente grande alívio de manhã e à tarde, pois que a passagem do dia para a noite e da noite para o dia, entre nós tão agradável pela sua frescura, aqui se dá demasiadamente depressa, sendo o dia e a noite de duração quasi igual; há noites longas que ordinariamente começam pouco depois das sete horas.

Nas regiões baixas e planas, ao longo da costa do Brasil, a estação da seca é mais agradável porque o ar, as águas e as altas florestas refrescam a atmosfera, e, nos meses frios, a temperatura continua a

(*) SOUTHEY, *History of Brazil*, tomo I, p. 238; e PISO, *Das Doenças*.

(**) SOUTHEY, p. 327.

(489) Não podemos censurar o autor por motivo das idéias que professava sobre a etiologia das moléstias, por mais que elas hoje nos pareçam extravagantes. Basta lembrar que o conhecimento dos microorganismos patogênicos data apenas do final do século passado. As úlceras atônicas de que faz aqui menção o nosso viajante não teriam todas por certo a mesma origem; mas, na sua generalidade é provável que pertencessem à entidade nosográfica conhecida por "úlceras tropicais" ou "úlceras fagedênicas", ocasionada pela presença de uma bactéria e um espirilo em vida simbiótica. O povo chama a estas úlceras de "ferida brava" e não as distingue da chamada "úlceras de Baurdt", que é produzida por agente totalmente diverso, a *Leishmania brasiliensis* Gaspar Vianna.

Martius, que era médico, ocupava-se largamente de medicina na longa narrativa de sua célebre viagem naturalística em companhia de Spix. As observações que coligira sobre o tema foram ao depois compendadas num livro de que, sob o título *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros*, a Cia. Editora Nacional acaba de editar uma tradução brasileira, enriquecida de preciosos comentários e notas do Prof. Pirajá da Silva.

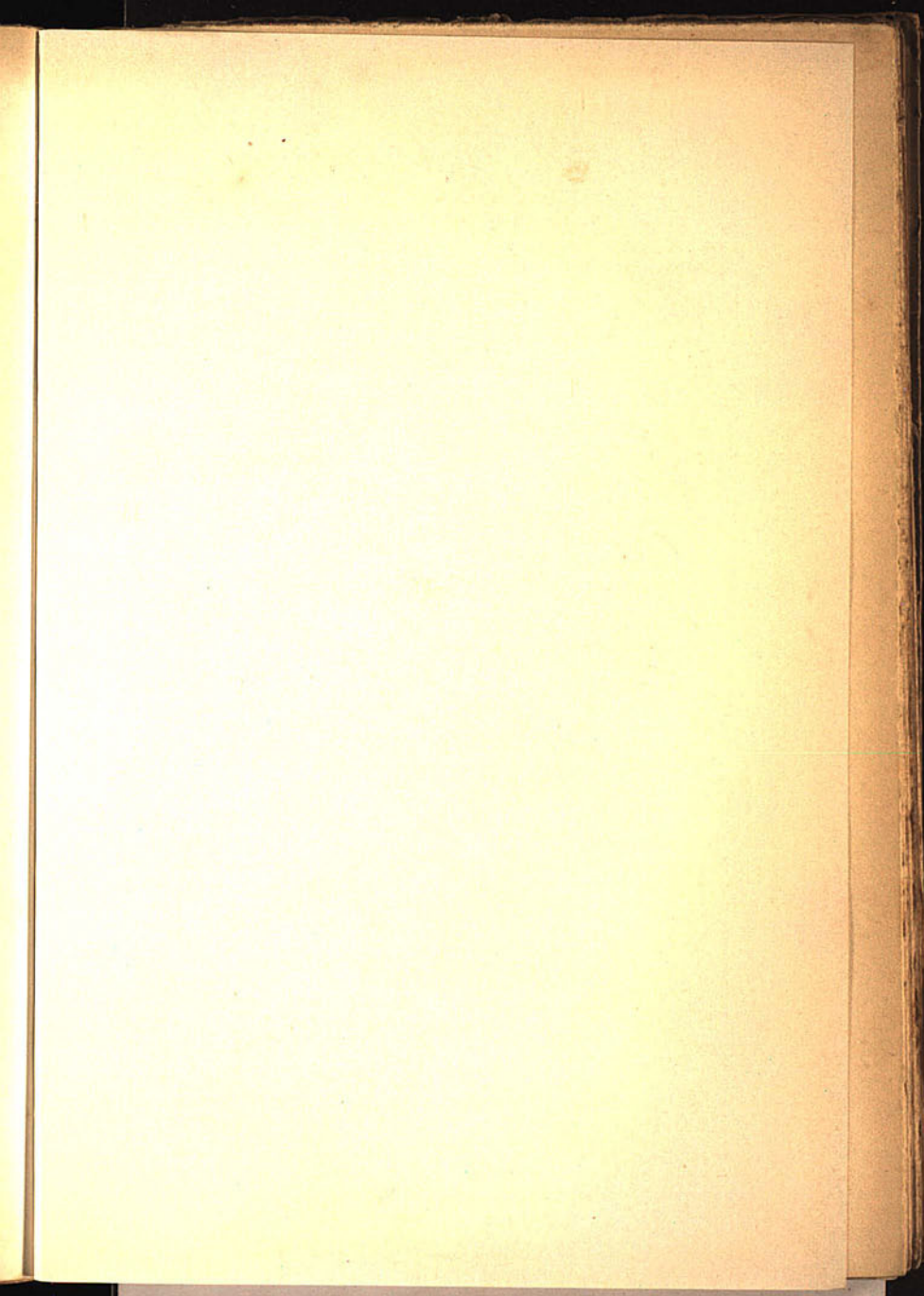
ser muito suave. Não cai geada nessa região ; nunca vi o termômetro Réaumur descer af abaixo de 13 graus Réaumur e, na estação quente, nunca, à sombra, observei temperatura muito acima de 30 gráus⁴⁹⁰. O que faz para todo o ano uma temperatura igual e deliciosa, que na estação fra se assemelha um tanto à dasnossas belas primaveras, sendo também a época das flores e dos frutos.

Não é na estação fria, mas na época do calor e da sêca mais fortes, que as mais violentas tempestades sobrevêm ; a terra, então, alterada, é humedecida e reanimada por chuvas extremamente fecundas. Depois de algumas semanas de alternativas de chuvas abundantes e fortes calores, as plantas ressequidas do "campo" ou das regiões altas e descampadas crescem a vista d'olhos, e mesmo nas províncias inferiores, cobertas de matas, uma vida nova e mais ativa se manifesta no reino vegetal. Chove comumente durante os meses de fevereiro, março, abril e maio ; dá-se o nome de estação fria aos meses de junho, julho, agosto e setembro ; é durante os meses de outubro, novembro, dezembro e janeiro que reina o maior calor. Aliás, essas estações diferem conforme a província, si são mais setentrionais ou mais meridionais ; viu-se em certos anos a chuva cair apenas durante seis semanas, outras vêzes durante maior período de tempo, mas engana-se quem pensar que, durante todo êsse tempo, a chuva cai todos os dias, sem parar.

Faz-se geralmente na Europa uma idéia bastante inexata dêsses longínquos países. Pode-se attribuir êsse erro a certos viajantes, que não se limitaram a tratar sômente do que viram e a escritores que fizeram descrições de regiões em que nunca puzeram os pés. Essas descrições, escritas nos gabinetes e compostas sobre tema escolhido, com as mais interessantes citações de autores conhecidos, e arranjados pela fantasia sem nenhum conhecimento da matéria, podem agradar pelo primor do estilo e a forma atraente com que são apresentadas, mas não possuem nenhum valor intrínseco, pois estão repletas de erros. Como evitar os erros e as inexatidões, quando não se tem presente, aos olhos, o objeto de que se deseja traçar a imagem ? Aplicam-se ao conjunto traços que só convén às partes. Como, por exemplo, se pode supôr que todas as partes de um país tão grande como o Brasil se pareçam umas com as outras, quando cada província apresenta a sua particularidade distinta ? Assim é que se lê em mais de um livro que em todo o Brasil, se encontram fetos arborescentes ; exagera-se em geral a beleza do país ; fala-se de macacos que riem e tagarelam ; de pássaros canoros que chilreiam ; de laranjeiras que crescem nas florestas ; de *Agave foetida* em cima das árvores ; de toda sorte de propriedades absurdas attribuídas às serpentes ; fazem-se descrições exageradas das florestas. O fato é que raramente se encontram reunidas todas as coisas agradáveis e interessantes, como o imagina um autor sentado em sua poltrona, depois de haver tirado suas descrições aos viajantes acostumados a representar tudo com exagerada beleza.

(490) O que equivale a 16° e 37° centígrados, respectivamente.

The first of these is the fact that the University of Chicago is a private institution. This means that it is not subject to the same regulations as public universities. For example, it is not required to have a board of trustees or a faculty senate. This gives the University a great deal of freedom in its internal affairs. It can set its own policies and procedures without having to answer to any external body. This is a major advantage of being a private institution. It allows the University to be more responsive to its own needs and to the needs of its students. It can also be more innovative in its teaching and research. For example, it can create new departments or programs without having to go through the usual bureaucratic process. This is why the University of Chicago is able to be so successful in its various fields. It is able to attract the best faculty and students, and to provide them with the best education and research opportunities. This is the result of its freedom as a private institution. It is able to do things that public universities cannot do. This is why it is so respected and admired around the world. It is a true leader in higher education. It is a model for other universities to follow. It is a source of inspiration and pride for all who are associated with it. It is a place where the best minds come to learn and to work. It is a place where the future is being shaped. It is a place where the world is being better. This is the University of Chicago. It is a place of excellence. It is a place of hope. It is a place of light.





Boi perseguido pelos vaqueiros.

VIAGEM DAS FRONTEIRAS DE MINAS GERAIS AO ARRAIAL DE CONQUISTA

Vareda. — O trabalho dos vaqueiros. — A caça da onça. — Arraial da Conquista. — Visita aos Camacans de Gibóia. — Algumas palavras sobre essa tribu.

Para ir, do lugar em que nos achamos, até a Bafa, tem-se que atravessar todo o "sertão" da "capitania" de que essa cidade é capital; por isso, tomei o mesmo caminho por que vim, descendo o curso do Ribeirão da Ressaca até Vareda. O calor era exaustivo, e, por isso, procurávamos com empenho a sombra que nas davam as velhas mimosas, de alvos galhos floridos, e de fôlhas de um belo verde, delicadamente recortadas. Belas *Cassia* de cimos arredondados, carregados de flores amarelo vivo, perfumavam-nos com seu suave aroma. Achei um "jacaré" (*Crocodilus sclerops*)⁴⁹¹ morto no Recesso; a presença desse reptil nesse local prova que elle, às vêzes, sobe bem acima no curso dos pequenos riachos. Os ninhos de termitas eram extremamente numerosos em todos os pontos, quer deescampados, quer cobertos de mata; elles se formam aos poucos pela adição sucessiva de novas camadas de terra, que acabam por formar um edificio, que a chuva e os agentes atmosféricos achatam, dando-lhes a forma deprimida que lhes é própria. Pode-se de algum modo fazer uma idéa de sua prodigiosa quantidade, levando em conta a extensão imensa do interior do Brasil e o número desses pequenos animais que occupam cada uma dessas habitações, sabendo-se que não se podem dar vinte passos sem encontrar uma dessas construções. Azara refere-se a esses termitas denominando-os "cupi"⁴⁹².

Chegados, pela segunda vez, à fazenda de Vareda, occupámo-nos por algum tempo em caçar aves palustres, que nos maiores museus da Europa, raramente se encontram reunidas, na proporção em que são vistas aqui. Os colhereiros côr de rosa (*Platalea ajaja* Linn.), os "jabirús", os "tuiuiús", as "curicacas", as "seriemas", os "carões"⁴⁹³

(*) AZARA, *Voyages*, etc., vol. I, p. 190.

(491) Sobre os jacarés da costa oriental do Brasil, veja-se a nota inserta na primeira parte. Segundo Wied ("Beiträge", I, p. 70), a denominação "ururau", corrente em nossos dias, era aplicada ao macho velho de um casal, em que a garganta se tingia mais intensamente de amarelo, ao passo que os indivíduos comuns recebiam a de "jacaré tinga".

(492) "Cupim", da nossa linguagem vulgar. Aos ninhos denomina o povo "casas de cupim".

(493) Colhereiros (cf. nota 445), jabirús (nota 441), tuiuiús (idem), curicacas (nota 454), seriemas (nota 479), carões (v. pag. 229).

e muitas outras vivem aqui em harmonia, e vão, aos bandos, de uma "lagoa" para outra, mostrando-se cada espécie, nêsse jardim zoológico natural, com os traços característicos e originais que lhes imprimiu a natureza. As nossas caçadas nunca eram bem sucedidas, quando tinham por objetivo as "seriemas" e as "curicacas" (*Tantalus albi-collis* Linn.); em compensação, eu obtive algumas aves, até então desconhecidas dos naturalistas.

Encontram-se, nas "catingas" desta região, duas espécies de papagaios; uma é o "papagaio verdadeiro" (*Psittacus amazonicus* Lath. e Kuhl.)⁴⁹⁴, procurado principalmente pela facilidade com que aprende a falar, a assobiar e cantar; denominei outro *Psittacus vinaceus*⁴⁹⁵. Ao cair da noite, se retiram, soltando gritos, na parte mais alta da floresta que escolhem para passar a noite. O caçador, então, não tem mais que esperá-los ou procurá-los para ter certeza de alguns tiros felizes.

O pavoncinho (*Vanellus cayennensis*)⁴⁹⁶ é muito comum em todos os campos desta região; como a maioria das aves, é muito arisco em relação ao homem; mas é visto a passear tranquilamente pelo chão, entre o gado que pasta, enquanto o melro e o caracará branco (*Falco crotophagus* ou *degener*)⁴⁹⁷ poisam pacificamente no dorso das vacas. A superfície das águas era animada por patos e mergulhões de várias espécies, entre as quais duas se distinguem por sua plumagem de belos reflexos, o "aréré" (*Anas viduata* Linn.)⁴⁹⁸ e uma outra, de cabeça preta, que Lineu chamou *Anas dominica*⁴⁹⁹.

A natureza, animada, sempre bela, sempre ativa, e variada, apresenta aqui um sensível contraste com a grande massa dos habitantes, que são tão rudes e ignorantes como o gado a que emprestam os seus assíduos cuidados e que constituem o único objeto de seus pensamentos. Aos "vaqueiros", com propriedade poderíamos chamar homens encourados, pois se vestem de couro da cabeça aos pés. O seu chapéu redondo de couro serve-lhes, em caso de necessidade, de prato

(*) O Dr. Kuhl, a quem enviei a descrição dêsse novo papagaio, publicou-a em seu *Conspectus psittacorum*, p. 77.

(**) Muito bem representada nas *Planches enluminées de BUFFON*, n.º 808. E' encontrada também no Senegal, na Africa, donde foram enviadas para a França exemplares absolutamente semelhantes aos do Brasil.

(494) A espécie a que se refere o autor, tanto pelo que nos diz a denominação vulgar, como muito principalmente pela descrição que dela nos deu ("Beiträge", IV, p. 213) é a que atualmente denominamos *Amazona aestiva* (Linn.). Distingue-se de *A. amazonica* (Linn.), existente talvez na zona, principalmente por ter os encontros das asas vermelhas, e não verdes, como o resto. E' a espécie preferida pelos amadores, donde o seu nome de "papagaio verdadeiro".

(495) *Amazona vinacea* (Kuhl), espécie descoberta por Wied e hoje aparentemente rara na zona onde foi assinalada pela primeira vez. Abunda ainda nas matas do Brasil este-meridional (Paraná, sul de São Paulo).

(496) *Belonopterus chilensis lampronotus* (Wagler), vulgarmente "queço-queço" (vide p. 39, nota 3 e p. 50).

(497) *Milvago chimachima chimachima* (Vieill.), vulg. "cará-cará branco", "pinhé", gavião carapateiro", etc.

(498) *Dendrocygna viduata* (Linn.), vulgarmente "ireré", "marreca viuva", etc.; das mais comuns em quasi todo o Brasil.

(499) *Nomonyx dominicus* (Linn.), "marrequinha", "paturi", "cã-cã", etc.

e copo de beber; sua roupa, que às vèzes não tiram durante longo tempo, protege-lhes o corpo contra os arbustos espinhosos, que enchem as solidões em que são obrigados a passar grande parte da sua monótona existência guardando e pegando gado, conforme já descrevemos, o que põe frequentemente a sua vida em perigo. Correm menos risco quando pegam cavalos, pois obrigam todo o bando a entrar no "curral" que existe em todas "fazendas", feito de moirões muito fortes. Uma vês aí dentro, examinam-se os feridos, amansam-se os potros, etc. O curral tem duas divisões, uma para bois e outra para os cavalos. Quando se deseja pegar um destes, o "vaqueiro" com o "laço" na mão, avança para o meio do terreiro e faz os cavalos correrem em volta d'ele; o laço é uma longa tira de couro, tendo na ponta um anel de ferro, pelo qual se faz passar a outra ponta; segura-se o nó bem aberto com a mão direita e o resto da tira de couro se enrola, regularmente, com a mão esquerda; o "vaqueiro" fa-lo girar constantemente por sobre a sua cabeça, exercício no qual, à força de hábito, se tornou tão hábil que, no meio de uns sessenta cavalos, apertados uns contra os outros, êle atira o laço na cabeça daquele que escolheu. Logo que o cavalo se sente preso, recua para se desembaraçar do laço, mas vários homens caem sobre êle, seguram-no, amarram-no e derrubam-no. Muita vez o cavalo aprisionado se mostra muito indócil, levanta-se nas patas trazeiras, corcoveia para todos os lados, escoiceia para a direita e para a esquerda; mas o nó corredio, que tem ao pescoço, e que o aperta cada vez mais, impede-o de resistir muito tempo. Acontece mesmo frequentemente que, o animal se fere muito nessas ocasiões, tendo-me acontecido ver um jumento cair morto no terreiro; mas a grande quantidade de cavalos disponíveis torna a perda de alguns pouco sensível. Logo que o potro é dominado, põe-se-lhe uma sela às costas, passa-se-lhe um freio na bôca e um negrote o monta, mete-lhe as esporas e chicoteia-o; depois o soltam, e êle começa a correr em volta do cercado, ou então a empinar e escoicear; mas o "vaqueiro" fica imóvel e fatiga o animal até que fique coberto de suor e ceda, vencido pela força. Os "vaqueiros" consideram questão de honra domar assim os cavalos mais bravios, e são nisso extremamente hábeis: algumas vèzes perdem a vida, acidente que não afeta muito o proprietário, seu senhor, pois trata-se apenas de um negro de menos, de que êle não faz maior caso do que do gado. As "bolas" * que se usam nos pampas de Buenos-Aires e em toda a região vizinha têm muita relação com o "laço"; usam-nas também para apanhar o gado e todos os animais selvagens, tendo sido empregadas, outrossim, contra tropas inimigas; não são conhecidas, porém, aqui no sertão.

Si as occupaões dos vaqueiros são penosas e fatigantes, em compensação passam o resto do tempo na ociosidade e quando os seus rebanhos; dormem ou descansam todo o dia. Comer e dormir são

(*) Vide AZARA, *Essai sur l'hist. natur. des quadr. du Paraguay*, vol. I, ps. 52 e 125 e ainda outros escritores.

as suas únicas distrações. A sua alimentação é substancial e consta de leite, usado para o consumo tanto dos homens e dos animais, como para fabricação de queijos, que não costumam vender, de farinha e de carne seca. Eis como se prepara essa carne : não se salga a carne de boi, corta-se a mesma em camadas finas que se põem a secar ao sol, em cima de tiras de couro ; em dois dias ela adquire tão grande solidez que se torna dura e sonora como o chifre ; essa operação exige algum cuidado para que o ar e o sol penetrem por igual em todas as partes.

O produto da criação de gado no sertão é considerável, pois há um excelente consumo na capital : esse recurso falta nos outros pontos do interior do Brasil, onde também se cria importante quantidade de gado, motivando assim o seu preço muito mais baixo. Nas margens do Rio São Francisco compra-se um boi de grande tamanho por 2.000 réis (cerca de $\frac{1}{2}$ "Carolín") ; na Bafa, pelo contrário, esse mesmo animal custaria 9.000 a 11.000 réis. Os proprietários dessas fazendas de criação, costumam enviar, uma ou duas vezes por ano, tropas de bois ("boiadas") ou de cavalos ("cavalerias") para a capital, onde as vendem prontamente. E' fácil calcular o montante do produto desse comércio. Suponhamos que uma boiada se componha de 150 a 160 cabeças de gado ; sendo o preço médio de um boi 10.000 réis, o resultado da venda da boiada será de 5.000 patacas (cerca de 5000 florins). Os cavalos são relativamente mais caros, pois um mau cavalo, já bastante servido, custa raramente menos de 16000 a 18000 réis. E' tanto mais vantajoso criar gado, nessa região, quanto esse ramo da economia rural se explora com pequena despesa. A única despesa adiantada, indispensável, é a da compra de escravos ; a alimentação do gado nada custa, nesse clima quente, em que se desfruta um verão contínuo. O gado está durante todo o ano nos pastos ; somente as secas contínuas lhe podem causar dano. Aliás os proventos da criação de gado poderiam ser muito maiores nestes lugares, caso os habitantes não se obstinassem em seus antigos hábitos, e se occupassem em melhorias ou tratassem de conhecer aquelas que vêm sendo introduzidas em outros países, há muito tempo.

E' um espetáculo interessante o dessas imensas pastagens, cheias de bois e cavalos, entre os quais passeiam tranquilamente aves grandes de diferentes espécies. Os touros, certos de sua força, exercem seu domínio sobre os rebanhos. Cada qual tem a sua área, que defende, e de onde, mugindo com a cabeça baixa e batendo o solo com as patas desafia para o combate o seu vizinho rival. A's vezes, esses ativos animais se enfrentam, lutam durante horas inteiras ; o vencido cede o campo ao vencedor. O gado do sertão é de estatura medíocre, cheio de carne e robusto ; os touros têm os chifres maiores que os europeus e o pincel de pêlos da ponta da cauda extremamente basto ; a sua coloração é pardo-escuro ou cinzento-amarelada ; mais raramente são malhados. Criam-se também, no sertão, porcos, que fornecem grande quantidade de tocinho.

Uma das principais ocupações do "vaqueiro" é proteger os rebanhos contra os animais carnívoros. Conhecem-se nessas solidões três espécies de grandes felinos, que atacam os bois e os cavalos; são a "onça pintada" ou "jaguaré", o "tigre" preto e a onça vermelha ou "sussuarana"⁵⁰⁰.

A primeira e a última são as mais comuns; há duas variedades ou raças da primeira, como entre as panteras e leopardos da África. E' assim que a pele de uma delas apresenta, também, manchas mais numerosas e pequenas. Obtive a pele de cada uma destas variedades, sem ter visto, porém, o animal inteiro.

Em muitos pontos do Brasil, chama-se "canguassú" a onça grande que se distingue por manchas maiores, em forma de anel e menos numerosas; no sertão da Baía, pelo contrário, dá-se aquele nome à variedade de malhas pequenas. Si se adota a opinião dos naturalistas franceses ("Dictionnaire des Sciences Naturelles", t. VIII, p. 225), que pensam que o tigre preto não passa de uma variedade da onça pintada, o do sertão da Baía deve então pertencer à raça de pequenas malhas, ou "canguassú", pois, no seu pêlo, bastante escuro, distinguem-se manchas pequenas e numerosas, que são ainda mais escuras. Vi grandes couros de cor bruno-escura, com malhas arredondadas e cheias, que me disseram pertencerem igualmente à espécie do tigre preto; isso me leva a pensar que esse grande felino é de espécie diferente da da onça pintada⁵⁰¹.

A onça vermelha (*Felis concolor* Linn.) ou "Guazara" de Azara, é o menos perigoso desses animais, comquanto atinja tamanho considerável; só ataca o gado novo; ao passo que a onça pintada, assim como o tigre preto, matam o boi mais pesado e podem carregá-lo com os dentes a uma grande distância. A's véses degolam alguns bois numa mesma noite, sugam-lhes o sangue e devoram-lhes mais tarde a carne. Costumam ter nas "fazendas" bons cães para caçar esses perigosos carnívoros; seguem-se-lhes os traços sangrentos quando, saciados da carnificância, eles se metem numa sarça espinhosa ou cheia de bromélias, para descansar. Logo que o animal avista os cães, procura trepar numa árvore que esteja inclinada, e então lhe atiram, para fazê-lo

(*) *Felis onca* Linn., *Felis brasiliensis* e *Felis concolor* Linn., a última das quais é, sem dúvida a "Guazara" de Azara.

(500) Wied refere-se sempre à "onça parda" (ou "sussuarana") sob o nome de onça vermelha ("rothe Unze").

(501) Em que pese a opinião de muitos caçadores, a generalidade dos zólogos não admite a existência de mais de duas espécies de onças na América do Sul — a "onça pintada" e a "onça parda" ou "sussuarana". Não obstante, autores há que advogam o reconhecimento de outras formas especificamente autônomas. Está neste caso J. A. Allen (cf. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, XXXV, p. 575 e ss.) que ao mesmo tempo que separa as onças malhadas das concolores respectivamente nos gêneros *Panthera* Okan (1816) e *Puma* Jardine (1854), reconhece no primeiro duas espécies bem caracterizadas morfológica e geograficamente, a que denomina *Panthera onca* (Linn.) e *P. paraguayensis* (Hollister). Admitida esta distinção, à espécie lineana devem ser exclusivamente referidas as do Brasil oriental, restringindo ao Paraguai e Mato-Grosso a pátria da forma *paraguayensis*. A chamada "onça preta" ou "tigre" não constitui espécie à parte, mas corresponde a variação individual de que é suscetível qualquer das duas formas referidas. Da onça parda, *Puma concolor*, (Linn.) parece ocorrer no Brasil apenas a raça típica.

cair desse refúgio pouco seguro (há uma figura desta caçada na vinheta deste capítulo na edição in-4.- alemã); mas a caçada não é sempre assim tão fácil; as grandes onças não costumam ceder terreno tão prontamente aos cães; muita vez matam um ou dois, carregam-nos e devoram-nos. Havia no "sertão", a pouca distância de Valo uma grande e famosa onça, que nunca fugia dos cães. Três "vaqueiros" tinham ido certa vez ao mato para procurar seu gado, quando seus cachorros descobriram o rasto fresco dela e puzeram-se ao seu encalço. Os três homens estavam sem espingarda, e armados somente com as suas longas "varas" semelhantes a lanças, e discutiram si seria razoável aproveitar ou não essa rara oportunidade; resolveram aproveitar e marcharam corajosamente em direção ao monstro, que se mantinha de pé, ameaçadoramente, no meio dos cães postos por terra. A onça atacou de pronto, ferindo os três caçadores, um após outro; êsses, porém, bateram-lhe repetidamente com os paus dando-lhe muitas facadas. Um deles, menos corajoso, tentou fugir depois de ferido. O mais bravo deles estava estendido em terra, sob as garras do animal, e o medroso, então, retomou a coragem e atacou o animal com redobrado vigor, matando-o a pauladas. Os homens, gravemente feridos, tiveram grande dificuldade de voltar à noite para suas casas. Indicaram o local em que tão bravamente haviam combatido; foram aí e encontraram a onça estendida sobre o próprio sangue e rodeada dos cães mortos. Essa aventura, conhecida de todo êste "sertão", e que me foi narrada por várias pessoas dignas de fé, prova que não tinham razão os que acusavam de covardia a onça sul-americana. Nos primeiros tempos da descoberta, em que os animais ferozes eram mais numerosos nos pontos habitados, sobravam exemplos de pessoas por êles atacadas e mortas, si bem que essa espécie de acidentes fossem aí mais rara que os que se contam da Índia e da África. Fatos dessa natureza foram relatados por vários autores, como por exemplo o jesuíta Eckart* e outros.

Independentemente das grandes espécies a que acabo de me referir, encontram-se no sertão da Baía gatos selvagens mais pequenos e também lindamente pintados. Citarei entre outras o "mbaracayá" (*Felis pardalis*), o "gato mourisco" denominado em muitos lugares "hyrara"⁵⁰² (*Felis Jaguarundi*); um outro, de pêlo ruivo não mosqueado, provavelmente a "eyra" de Azara, e, finalmente, um quarto pertencente a uma espécie nova a que, em razão de sua longa cauda, dei o nome de *Felis macroura*. Forneei uma descrição completa dêle ao doutor Schintz de Zurich, que pensa aproveitá-la em sua tradução do "Règne Animal" de Cuvier. Apresenta quasi o mesmo desenho do

(*) Vide, além de outros, von MURRS, *Reisen einiger Missionaire*, etc., p. 542.

(502) Dir-se-ia haver engano do autor em atribuir ao gato mourisco o nome local de "Hyrara" (= irara), peculiar, como se sabe, a outro carniceiro (*Tayra barbara* (Linn.), muito comum em certos pontos do interior do Brasil (p. ex. na região do Rio das Almas, no sul de Goiás) e também conhecido por "papa-mel". Esta suposição desfaz-se, porém, diante das informações suplementares fornecidas por Wied, ao occupar-se de *Felis jaguarundi* Fischer, no vol. II das "Beiträge" (p. 380).

"mbaracayá" ou "chibiguazu" de Arara; é porém, menor, mais delgado e tem uma cauda muito mais longa. A caça dos diferentes animais próprios para comer daria aos "vaqueiros" com que variavelmente a sua alimentação, si nessas regiões longínquas a pólvora e o chumbo não fossem tão escassos e tão caros; essa a razão por que os caçadores não são comuns em várias zonas, e os habitantes dessas comem invariavelmente farinha, feijão preto e carne de boi.

O gênero de vida uniforme, que prende o "vaqueiro" ao seu gado, em companhia do qual cresce e vive ininterruptamente, faz desses homens seres rudes, ignorantes, indiferentes a tudo o que lhes é estranho, que não se entregam a nenhuma reflexão sobre si mesmos, e não fazem nenhuma idéia do resto do mundo que os rodeia. Escolas, estabelecimentos de instrução para o povo, são coisas inteiramente desconhecidas nestas paragens, e não se tem promovido mais a cultura espiritual dessas gentes que a conservação de suas vidas, pelos recursos da medicina. Restam ainda infinitas coisas a fazer e a desejar para esse vasto reino, fracamente povoado; sem dúvida, um governo ativo e empenhado no bem-estar de seus súbditos fixará, com o tempo, a sua atenção sobre assunto tão relevante.

O tempo, que em Vareda se havia mostrado até então ventoso e fresco, sofreu uma grande mudança; tornou-se agora extremamente quente, embora o calor na verdade fosse um tanto mitigado pelo vento. A 5 de março, que foi um dia dos mais quentes, o termômetro Réaumur elevou-se ao meio dia até 28 graus e meio; à tarde, desceu a 15 graus e, uma hora mais tarde, quando caía o sereno, já estava apenas marcando 14 graus⁵⁰³. O sereno foi extremamente abundante durante a noite, bonita e clara; é ele só que humedece a vegetação, emurcheceida pelos calores do dia.

Não conseguindo descobrir muitos produtos naturais que esperava encontrar neste lugar, resolvi deixar Vareda e seguir para o Arraial da Conquista. Afastei-me, pois, dos "campos" descobertos, atravessei com a minha tropa uma região seca e coberta de "catingas" ou florestas baixas e ressequidas, e passei a noite em "Os Porcos", lugar cuja população era composta, exclusivamente, de duas famílias de gente de côr. Retiram sua subsistência da cultura dos campos e criação de gado; nessas solidões afastadas, nada sabem do resto do mundo: a nossa chegada lhes causou extrema surpresa. Todo mundo se juntou para nos olhar com um ar estupefato, e foram mesmo chamar a gente das vizinhanças para vir examinar a grande curiosidade que acabava de chegar às suas moradas. Esses homens apalpam nossos cabelos perguntaram-nos si sabíamos ler, escrever e rezar; si éramos cristãos e que língua falávamos: não nos deixaram socegar sinão quando lhes

(503) Reduzindo à escala centígrada, temos, para as temperaturas referidas, os seguintes valores, aproximadamente: 35, 18 e 17 graus.

demostramos provas de nossa habilidade em assuntos diversos. A presteza com que escrevamos, os nossos livros com gravuras, as cores e os desenhos, bem como as nossas espingardas de dois canos, que lhes mostramos, todos esses objetos causaram-lhes grande espanto; acabaram por declarar que a nossa situação era bem superior a deles, porque estávamos em condições de poder conhecer o mundo; em seguida unanimemente observaram que havia no mundo homens singulares, que não temiam se expor às fadigas e perigos de tão longas viagens, para buscar, nos países longínquos, pequeninos insetos, que se maldizem no lugar e pequenas plantas, que só são procuradas pelas vacas.

Passei um dia em Porcos com o fito de conseguir um belo par de "tuiuiús" (*Mycteria americana*)⁵⁰⁴; mas, embora essas aves ali se conservem constantemente à beira de uma "lagoa", não conseguimos matar uma só, pois são muito desconfiadas e ariscas. Também tirei a prova de que essas grandes aves vivem também de rapina, porquanto vi uma delas perseguindo no vôo, com grande afan, uma ave aquática.

Após uma curta caminhada cheguei ao Arraial da Conquista, principal localidade da zona. Durante o trajeto encontrei trechos interessantes, cobertos de belíssimas matas. Lindas árvores e arbustos floridos ornavam o caminho com a extrema variedade de suas flores; alguns deles exalavam um cheiro de jasmim muito agradável. As casas de "cupim" são muito espalhadas em toda a extensão da mata. Alguns prados, fechados em toda volta pela mata, interrompem agradavelmente a uniformidade desses massivos de árvores. O seu verde-vivo, as belas gramineas e as arundináceas, que os compõem e atraem a atenção do botânico, lembravam-me o frescor dos prados das zonas temperadas, concorrendo para avivar ainda mais esta impressão dos quadros tranquilos e encantadores das florestas de minha pátria um veado, que pastava por entre as ervas altas. Acostumados a logo declarar guerra a todos os animais, meus caçadores, encobertos pelas moitas, avançaram para surpreendê-lo; atiraram sobre ele; mas ele fugiu e os cães o perseguiram inutilmente. Foi ser preza, com toda probabilidade, de algum morador de Porcos, que tenha testemunhado a nossa caçada.

Encontrei num velho tronco a bela e inofensiva cobra que aqui chamam "cobra verde", mas que não se deve confundir com a espécie perigosa, que se designa pelo mesmo nome em outros lugares.⁵⁰⁵

Encontrei no Arraial o "capitão-mór" Antônio Dias de Miranda, comandante dêste importante distrito; recebeu-me da forma mais

(504) *Jabiru mycteria* (Licht.), quasi universalmente conhecido por "jaburú" (cf. p. 60, nota 5).

(505) O autor chama atenção para a necessidade de distinguir as cobras de cipó verdes do gênero *Philodryas* Wagler (= *Chlorosoma* Wagl.) da jararaca verde ou "surucucú de patioba", *Bothrops bilineatus* (Wied), por ele próprio descoberta e muito perigosa. Wied, em apêndice ao segundo volume de sua obra, dá a descrição *in extenso* desta última.

hospitaleira possível, alojando-me em sua casa que, na ocasião estava deshabitada.

Arraial da Conquista, principal localidade do distrito, é quasi tão importante como qualquer vila do litoral. Contam-se aí umas quarenta casas baixas e uma igreja em construção. Os moradores são pobres; daí a razão por que os ricos proprietários das redondezas, as famílias do "coronel" João Gonsalves da Costa", do capitão mór Miranda e algumas outras empreenderam a construção da igreja às suas expensas. Independentemente dos recursos que a cultura dos campos fornece para a subsistência dos habitantes, a venda do algodão e a passagem das "boiadas", que vão para a Baía. lhes proporcionam outros meios de vida; as boiadas que vêm do Rio São Francisco passam também por essa localidade; algumas vêzes vêem-se chegar, numa semana, para mais de mil bois, que se destinam à capital. O gado comumente emagrece, durante o longo trajeto que têm que percorrer, motivo pelo qual deixam-no descancar, aí, durante algum tempo, e mandam-no para se refazer nos pastos mais próximos.

Grande parte dos moradores de Arraial compõe-se de trabalhadores e de rapazes desocupados, que ocasionam muitos distúrbios, pois não há polícia nesta localidade. A malandrice e uma inclinação imoderada para as bebidas fortes são traços distintivos do caráter desses homens; daí resultam disputas e excessos frequentes, que tornam detestável esse lugar, de má fama para as pessoas mais sérias e consideradas, que vivem em suas fazendas espalhadas em torno. Fomos frequentemente incomodados por pessoas embriagadas e algumas vêzes foi a grande custo que nos desembaraçamos dessa gente, que singularmente nos aborrecia. Trazendo cada um, como é perigoso costume da terra, um estilete ou um punhal na cintura, esses homens grosseiros e imorais, que nenhuma espécie de vigilância contém, cometem frequentes assassínios e outras violências. Algumas semanas antes de nossa chegada, um morador havia matado a tiros um outro. Eis por que nunca será demais recomendar aos viajantes que procedam com a máxima cautela em Arraial da Conquista, para evitarem, para si e para o seu pessoal, aborrecimentos muito sérios.

O naturalista encontra sempre, entre os habitantes, caçadores de que se pode servir para obter exemplares de história natural. Obtive aqui, entre outras coisas, a rapoza do Brasil que, na noite precedente, havia roubado galinhas aos moradores. Esse animal é o "aguarachay" de Azara, espécie de cor cinzento-amarelada ou branco-acinzentada suja, que se acha disseminada por toda a área da América meridional, desde que, provavelmente, a rapoza cinzenta de Surinam, e talvez mesmo a rapoza da Virginia, são da mesma espécie. Ao longo de toda a costa oriental, dá-se geralmente a esse animal o nome de "cachorro do mato"; mas em Conquista o confundiam com uma outra espécie

e chamavam-no "raposa"⁵⁰⁶. Comparando-se atentamente a sua forma e a distribuição de suas cores com as da raposa da Pensilvânia (*Canis griseo-argenteus*, "Renard tricolor"), conclue-se que ambos se parecem muito e pode-se supor que o "aguarachay" deva ser considerado como uma variedade produzida pelo clima.

A situação de Conquista não é desagradável, sobretudo por que, do fundo do vale, cercado de colinas suavemente inclinadas, avistam-se os flancos e os cimos dessas colinas cobertas de matas. Numa das vertentes, sombreada por umbrosas florestas, Conquista forma um retângulo alongado. A igreja, construída no lado mais alto, ocupa o meio deste. As matas espessas, que enchem toda a área em volta do retângulo, dão-lhe a aparência de um prado verde claro e tornam muito agradável o aspecto da vila.

Todas essas redondezas eram outrora cobertas pela mata. Um "conquistador", isto é, um "capitão" aventureiro, tendo vindo de Portugal com um bando de homens armados, fez a guerra aos primitivos habitantes do território; estes eram os índios "Camacans", cujo domínio, segundo se diz, se estendia até às proximidades da posição atualmente ocupada pela Vila da Cachoeira de Paraguassu, ou até os pontos ocupados pela tribo dos "Cariris" ou "Kiriris". Apos-sou-se do território e fundou o "arraial", que ficou denominado Conquista. Finalmente, depois de ter concluído um acordo com aqueles selvagens e começado a constituir o seu estabelecimento, notou que os seus soldados diminuam de dia para dia; acabou por vir a saber que os índios os atraíam, cada qual por sua vez, no interior da mata, sob um pretexto qualquer, e aí os matavam. Um soldado, que havia sido assim levado para o mato por um Camacan, a uma distância tal que a este teria sido possível dar cabo dele, foi bastante valente para matar o índio com uma facada, e, de volta ao arraial, revelou ao comandante a pérfida conduta dos Camacans. Este, depois de ordenar a seus homens que tivessem as armas prontas, convidou todos os selvagens para uma festa e, enquanto confiadamente se entregavam à alegria, foram cercados de todos os lados e quasi todos mortos. Depois disso, os selvagens embrenharam-se nas matas, e o arraial conseguiu repouso e segurança. O crescimento da população vai comprimindo cada vez mais esses índios; vivem ainda reunidos em pequenas "ran-

(506) Wied não fornece dados que esclareçam sobre qual seria a outra espécie com que em Conquista era confundido o "cachorro do mato" de que se ocupa. A respeito mesmo da identidade deste último é permitido discutir. Se consultarmos a monografia de H. von Ihering no VIII vol. da *Rev. do Museu Paulista*, (p. 211) ele seria efetivamente, como supoz Wied, a espécie descrita por Azara, com o nome de "Aguaracha", (*Pseudalopex gymnocercus* (Fischer, 1814)), comum aliás nos estados meridionais do Brasil (Rio Grande do Sul a São Paulo), onde move ativa e funesta perseguição às aves dos campos, às perdizes e codornas em particular. Esta hipótese é decididamente contrariada porém pelo que sabemos sobre a distribuição geográfica do "graxaim", cientificamente conhecido ainda por *Canis brasiliensis* Schinz (1821) e *C. azarae* Waterhouse (1839); todas as razas, em compensação, existem para que se pense ser ele a que se costuma chamar em Minas "raposa do campo" (*Eurothocyon vetulus* (Linn.)), que muito se assemelha ao graxaim em aspecto e hábitos, comquanto menos e de focinho mais curto. Um e outro não devem confundir-se com o verdadeiro "cachorro do mato" (*Cercodon thous* (Linn.)), representado em quasi todo o Brasil por várias raças geográficas. A distribuição destes é objetivamente difícil baseia-se, em grande parte, em caracteres osteológicos.

charias" ou "aldeias", sòmente em parte conhecidas nas grandes florestas que se estendem desde o Rio Pardo, através do Rio dos Ilhéus, até o Rio das Contas. Não vão absolutamente até o litoral, pois horas isoladas de índios "Patachós" erram nesse intervalo, até quasi o último desses rios. As "aldeias" de Camacans mais próximas dos estabelecimentos portugueses, cultivam o milho, o algodão e a banana; os índios, não obstante isso, vivem em estado de completa rusticidade; na sua maioria andam nus, sendo sempre a caça a sua principal occupação. O govêrno colocou, nessas aldeias, diretores portugueses para civilizar os selvagens; mas êsse processo atua muito lentamente e com pouca eficácia, pois os diretores são, êles próprios, homens inculcos, muitas vêzes soldados ou marinheiros, e portanto pouco indicados para lhes grangear a confiança. Os pobres índios são tiranizados, tratados como escravos, mandados a trabalhar nas estradas e a derrubar as matas, mandados a levar mensagens a grande distância, recrutados para servir contra os "Tapúias" inimigos; como, por outro lado, isso fazem sem ou quasi sem receber pagamento algum, não é de extranhar que, sempre propensos à liberdade, não tenham nenhuma boa disposição para com os seus opressores.

Tendo avistado, na minha viagem através das florestas virgens, "Camacans" completamente selvagens, tinha eu o desejo de visitar a aldeia desses índios, situada a um dia de viagem do "Arraial", nas grandes matas da Serra do Mundo Novo, e que é conhecida pelo nome de Gibóia. O caminho que conduz a ela é selvagem e desigual, entrecortado continuamente de mediocres elevações e pequenos vales. No começo desse caminho, a região é ainda um pouco habitada, o campo foi desembaraçado de florestas e cultivado; mas, logo depois, mergulha-se na grande mata virgem. Encontram-se aí, sobretudo na sua orla externa, touceiras compactas de taquarassús, onde pela primeira vez encontramos o picanço albi-negro (*Lanius picatus* Linn.)⁵⁰⁷. Um pouco adiante, as grandes árvores se entrelaçam das mais singulares plantas trepadeiras, enquanto sôbre os velhos troncos em putrefação crescem fetos, *Piper*, *Begonia*, *Epidendrum*, *Cactus* e muitos outros gêneros de plantas. O silêncio que reina nessas solidões, é interrompido pelo canto forte das araras vermelhas, do "surucúá" (*Trogon*) e outras aves. Nessas paragens, onde o amigo e pesquisador da natureza é solicitado a cada passo por coisas interessantes e novas, éramos obrigados a parar por muito tempo e penetrar no âmago das matas em perseguição de animais que até aí não havíamos tido ocasião de ver. Várias belas aves se nos depararam aos olhos; entre outras o "ma-

(507) *Lanius picatus*, nome de Latham (*Index Ornithologicus*, 1790, I, p. 73) e não de "Linneu", cai na sinonímia de *Lanius leucianus* Gmelin. O pássaro referido por Wied, corresponde a *Cisnotia leucianus major* Cabanis, da nomenclatura atual e é conhecido vulgarmente por "pintassilgo do mato" e "prebixim".

nakin" de duas penas mais longas na cauda (*Pipra caudata* Lath.)⁵⁰⁸ era muito comum; encontrámos também um novo "tangará" de coco-ruto amarelo vivo⁵⁰⁹.

Depois de percorrer uma região que apresenta numerosas irregularidades de terreno e que permite apenas um estreito caminho praticável a cavalo, chegámos ao vale de "Gibóia", rodeado por todos os lados por altas florestas virgens. Aí é que se acham construídas as pequenas choças dos índios, que começam a se curvar à vontade de seus opressores, adotando seus usos e costumes. Essas construções estavam cercadas por touceiras fechadas de bananeiras, por traz das quais as árvores gigantescas da floresta, serradas umas contra as outras, se erguiam como colunas de um pórtico, entrelaçadas por uma multidão de diversas plantas, formando como que uma muralha. Do fundo dessas matas sombrias, ouvia-se sair frequentemente o agradável canto da "pomba amargosa" (*Columba locutrix*), de que já falei.

As choças dos índios são feitas de madeira e barro e cobertas de cascas de árvore. Seus moradores são, alguns, mais ou menos vestidos, outros ainda completamente nus; cultivam milho, banana, mandioca, um pouco de algodão e muita batata; contentes com os produtos que lhes dá a natureza, vão, todavia, até hoje, buscar fóra o farinha de que necessitam.

O sr. "capitão-mór" Miranda, que nas solidões das montanhas vizinhas cria muito gado, por acaso tinha negócios no lugar e aí se achava na mesma ocasião que eu, o que me proporcionou o interessante espetáculo duma dança de índios Camacans. As boas qualidades do sr. Miranda o fazem querido de todos. Um viajante não deve, portanto, deixar de travar conhecimento com ele; aliás, é o primeiro personagem do distrito. Passei a noite em sua companhia em Jibóia, e, no dia seguinte, voltei com ele para o "Arraial".

Os índios "Camacans" diferem pouco, no aspecto exterior, dos seus irmãos da costa oriental; são bem talhados, de estatura média,

(*) *Tanager auricapilla*. Comprimento, 6 polegadas, 2 linhas e meia; envergadura das asas, 8 polegadas e 11 linhas. Alto da cabeça, amarelo limão carregado; orla da fronte, lados do vértice e vizinhança dos olhos, pretos; região da orelha, parte inferior das bochechas e toda a parte superior do corpo, cinzento oliva, um pouco mais carregado nas costas; asas e cauda pretas; larga lista branca transversal no meio da asa; lado externo da asa e as duas retízes internas da cauda pretas; todas as partes inferiores desde o bico amarelo-alaranjado claro; essa cor contrasta bem com as penas negras do canto da boca. A fêmea não tem alto da cabeça de cor amarela.

Essa espécie de tangará parece ser o "Lindo brun à huppe janne" de Azara, tomo III, p. 244; mas nesse caso, o escritor espanhol descreve as cores desse pássaro muito superficialmente e mesmo com pouca exatidão.

(508) *Chiroxiphia caudata* (Shaw & Nodder, 1793). Passarinho bastante comum nas matas de São Paulo e Minas, onde tem os nomes de "tangará" e "dancador" e é bastante conhecido pelo chamada dança a que se entregam os casais na época das núpcias. O macho é azul claro e preto, com topete encarnado; a fêmea não tem topete e é toda verde. Ninguém parece tê-lo encontrado na Baía, depois de Wied. Vieillot (1819) deu-lhe o nome de *Pipra longicauda*, baseando-se em Azara, que descreveu o pássaro no Paraguai.

(509) *Trichothraupis melanops* (Vieillot), vulgarmente "titê de topete". Passarinho dos mais banais nas matas do Brasil este-meridional. Ainda nas "Beiträge" (III, p. 538) não se tinha convencido Wied de que a sua suposta nova espécie era a mesma anteriormente descrita por Azara, sob o nome de "Lindo pardo de topete amarelo"; base exclusiva de *Muscicapa melanops* Vieillot. O momento é asado para lembrar a transposição de sentido sofrida pelo termo "tangará" ao ser introduzido na linguagem dos eruditos, que o tiraram da família dos "dancadores" para a dos "sanhaços"; paraticaram-na, a princípio, os autores do século XVIII e foi, em seguida, acompanhada por todos os autores estrangeiros.

robustos; têm hombros largos e bem pronunciados os traços fisionômicos de sua raça. Reconhecem-se de longe porque até os homens deixam cair ao longo das costas os seus compridos cabelos *. A pele apresenta uma bela cor morena, algumas vezes bastante carregada, outras um tanto amarelada ou avermelhada. Andam geralmente nus e quando se vestem, é só parcialmente. No primeiro caso, os homens usam, no lugar competente, a "tacanhoa", já mencionada com referência aos Botocudos (representada na figura 4 da estampa 14, edição in-4.-), e conhecida entre os Camacans pelo nome de "hiranaika". Arrancam ou cortam as sobrancelhas e todos os pêlos do corpo, e furam algumas vezes as orelhas, tendo o orifício a dimensão de um grão de ervilha. De tempos em tempos, têm a fantasia de pintar o corpo com "urucú" e "genipapo", a que juntam uma outra tinta pardo-avermelhada, que denominam "catuá" e que retiram da casca duma árvore que desconheço.

Tinha visto nas margens do Rio Grande de Belmonte o resto duma tribu de índios que a si mesmos se dão o nome de Camacans; os portugueses denominam-nos "Meniã". Segundo aprendi, êsses "Meniãs" constituem realmente um ramo dos Camacans, porém degenerado; não são mais da raça indígena pura, tendo a maioria deles o cabelo encarapinhado dos negros e também a cor escura, e com exceção de dois velhos, não sabem mais a sua língua. Os exemplos desta, que citarei adiante, não podem, pela mesma razão, ser considerados como os de seu verdadeiro idioma; as diferenças, que se encontrarão entre êsse idioma e o dos legítimos Camacans, não deverão induzir em erro, sobre o assunto, os linguistas, pois a experiência demonstra que, entre os povos indígenas da América, a separação em tribus, famílias e hordas influiu muitas vezes sobre a linguagem, de sorte que se encontram diversidades e variações de dialeto nos diferentes ramos duma nação que, por outros aspectos, se assemelham totalmente. Encontrar-se-ão, pois, no vocabulário dos "Meniães" várias expressões que êles tiraram dos povos de que são vizinhos.

Os "Camacans" foram outrora um povo inquieto, amigo da liberdade, belicoso, que defendeu palmo a palmo o seu território contra os portugueses e só depois de graves derrotas se viram forçados a embrenhar-se mais profundamente nas florestas; o tempo estendeu também gradativamente a sua ação sobre êles. Entretanto os traços distintivos de sua raça não se apagaram; e são sempre animados de amor por sua terra e pela liberdade; é difícil levá-los para longe dos lugares em que nasceram; não vão sinão com repugnância para as zonas cultivadas pelos europeus e preferem, como todos os selvagens, voltar às suas florestas sombrias. Tornados circunspectos e desconfiados pelos exemplos frequentes de medidas tirânicas tomadas pelos brancos, êles esconderam as crianças e os rapazes no mato, quando

(*) Vários povos da América, entre outros os índios da Guiana, usam os cabelos compridos como sinal de liberdade; eis porque êles cortam os cabelos dos escravos, e fazem o mesmo quando estão de luto. Vide BARRÉRE, p. 128.

os visitámos. Habitaram-se pouco a pouco com moradas fixas, com as cabanas de madeira e mesmo com as que são construídas de barro e cobertas com placas de casca de árvores. Não se deitam em rédes como as tribus da "língua-geral", que habitam ao longo da costa marítima; fazem em suas choças "camas" para dormir, formadas de um estrado de paus assente sobre quatro estacas, que cobrem depois com "estôpa". As crianças costumam dormir no chão, com os cachorros.

Os "Camacans" de que estamos tratando parecem se aproximar, sob vários aspectos, dos "Goyatacazes". Fabricam potes com argila cinzenta, e são mais industriais que as tribus da costa oriental. Não possuindo animais domésticos*, sabem, com a sua dextreza na caça, arranjar o alimento animal de que necessitam; mas conhecem muito bem as vantagens que lhes assegura o cultivo das plantas úteis; plantam, junto a suas choças, banana, milho e mandioca, cuja raiz assada eles comem, e batatas. Colhem também pequena quantidade de algodão e com ele fazem cordas muito bem feitas. As mulheres, principalmente, sabem torcer os fios com muita delicadeza e trançar lindas cordas de quatro fios; usam-nas em toda sorte de coisas, principalmente nas suas vestimentas e enfeites; os homens ornaram com elas as suas armas. O "guyhi" ou avental das mulheres (estampa 21, fig. 4 na edição in-4.-), parte principal de seu vestuário, consiste numa pequena tira artisticamente formada de cordões estreitos, cujas pontas terminam em duas borlas e de que pendem, em grande número, cordões para formar um avental; as mulheres amarram essa pequena tira em volta dos quadris; esses aventais compõem a sua única vestimenta, quando levam ainda uma vida um tanto selvagem; dantes, elas nem isso conheciam; andavam inteiramente nuas, tendo depois atado em volta dos quadris, um pedaço de casca de árvore. Nunca se admirará quanto se deve a arte com que essas gentes rudes sabem fabricar os cordões desses aventais; para mais embelezá-los, tingem-nos alternadamente de bruno-vermelho, com "catuá", e de branco.

Outro trabalho manual dessas ninfas da floresta é uma espécie de saco, feito de cordões de algodão trançado, que esses índios suspendem onde quer que vão, quando deixam as suas choças; compõem-se de cordões amarrados ou entrelaçados, em que o branco alterna variadamente com o amarelado ou o bruno-avermelhado da tinta de "catuá" e são pendurados aos ombros por meio de tiras igualmente trançadas. Quando os homens vão caçar, levam sempre essa espécie de saco, que fiz representar na figura 5 da 12.ª estampa (edição in-4.- alemã).

As armas dos "Camacans" provam que os homens dessa tribo possuem maior indústria inata que as outras tribus dos Tapúias. O seu arco ("cuang") é forte, de pau de "braúna" que é castanho preto carregado, muito bem polido, e muito mais bem fabricado que o das outras tribus. Fazem, ao longo de toda a parte anterior, uma ranhura,

(*) Os Camacans não conhecem nenhum animal doméstico além do cão, que lhes veio da Europa, o que prova que nenhum povo indígena da América foi nômade. Ver sobre o assunto von Humboldt, na descrição de sua viagem, vol. II, p. 160.

que é pouco menos profunda que a do arco dos Machacarís. Esses arcos, cuja altura ultrapassa a dum homem, são muito flexíveis e fortes. As flechas ("hoay"), sobretudo, são esmeradamente trabalhadas. São de três tipos, como as das outras tribus, porém, da mesma forma que as dos Machacarís, têm abaixo da ponta um longo segmento de madeira de braúna, depois do qual, começa o cabo, feito de bambú, a que se deve juntar ainda as penas, entre as quais é costume existir dois pequenos tufo de penas pintadas. Para guarnecer a parte inferior da flecha, empregam penas de araras vermelhas e azues, cuidadosamente escolhidas, arrumadas e amarradas com precisão; os tufo são alternadamente entrelaçados com tiras de algodão branco e vermelho bruno, o que lhes dá um aspeto muito elegante, como se vê na figura 3 da 21.ª estampa (edição in-4.- alemã).

Fazem também flechas ornamentais, que são tão delicadas, finas e trabalhadas com tanto cuidado, que a gente não pode deixar de se surpreender com o fato de que obras como essas possam ter saído de mãos tão grosseiras, ajudadas por instrumentos tão ruins. Essas flechas, feitas de "braúna" pardo-escura, ou do belo lenho vermelho do pau-brasil, são extremamente lisas, polidas e brilhantes, ornadas de tufo de algodão, brancos ou tintos de vermelho, como se vê na figura 3 da 21.ª estampa (edição in-4.- alemã).

Fabricam igualmente longos bastões lisos, que outrora se viam às vêzes nas mãos dos chefes. Nas ocasiões solenes, principalmente nas dansas os chefes trazem à cabeça um barrete de penas de papagaio, artisticamente confeccionado; dão-lhe o nome de "charó". Prendem cada pena a uma rede de fios de algodão; o barrete, portanto, é encimado por um grande apanhado de penas que circunda a cabeça como uma corôa. Para isso se empregam penas da cauda do "jurú" (*Psittacus pulverulentus*), ou qualquer outra espécie de papagaio, no meio das quais se ergue comumente um par de grandes penas, tiradas de cauda de "arara". As penas são verdes e vermelhas e fazem uma bellissima vista. Os barretes de penas usados pelas tribus inidgenas das margens do Rio Amazonas, quando os espanhóis e portugueses o visitaram pela primeira vez, eram feitos como os dos "Camacans", que acabo de descrever; tem-se uma prova disso na bela coleção de ornamentos de penas existente ainda hoje no Museu de Lisboa. Bar-rère nos informa que as tribus da Guiana também usavam semelhantes barretes.

A dextreza dessa tribu em todos os trabalhos manuaes, torna-a muito útil aos portugueses, depois que parte dela se civilizou um pouco. Aproveitam-se esses indios no desbravamento das terras, porque derubam as árvores com grande presteza, servindo-se habilmente do machado. São caçadores experimentados, excelentes no uso do arco, conforme várias vêzes testemunhei, e alguns deles manejam muito bem a espingarda. Estão atualmente encarregados de repelir os ataques dos "Botocudos" no Rio Pardo; o "capitão" Paulo Pinto, que foi posto à frente deles, fá-los marchar para tais expedições. Eles

temem os "Botocudos", que, pouco antes de minha visita a esse lugar, haviam matado alguns "Camacans" no Rio Pardo; por isso examinaram com muita atenção, e dando mostras de raiva, o moço boto-cudo Queck, que eu levava comigo. Dizem, aliás, que eles são bravos e têm aprisionado muitos desses bárbaros.

Os "Camacans" acolhem muito bem os estrangeiros e quando em 1806 o "capitão-mór" João da Silva Santos veio a este "sertão", em visita a uma "aldeia" desses índios, foi recebido festivamente. O chefe pintara de vermelho a cabeça, os pés e os ante-braços; tinha à cabeça um belo barrete de penas; ao pescoço trazia grosso cordão de algodão tinto de vermelho, terminando por duas penas de dentes de animais e cascos de "anta"; seus compridos cabelos flutuavam-lhe nas costas e na mão trazia uma longa "vara" de madeira vermelha, sem dúvida páu-brasil, liso e delicadamente trabalhado; pintara um crescente preto em cima e em baixo dos olhos. O "cauí" não faltou nesse dia e os Camacans dansaram a noite toda.

Além de armas e diversos trabalhos, esses índios vendem aos europeus tochas de cera, que espalham um cheiro agradável, quando queimam; fabricam-nas muito engenhosamente; fazem com elas compridos cordões, que em seguida enrolam artisticamente em peças alongados a que externamente grudam grandes folhas. Os "Camacans" vendem também mel, que colhem em grande quantidade nas florestas: essa substância é um dos petiscos que eles mais apreciam; são aliás muito pouco delicados em matéria de alimentação. Encontrei em suas choças pés de "anta" em completa putrefação e que eles comiam, assim mesmo, como coisa muito apetitosa; em compensação não tocam na carne do "tatú verdadeiro" (*Tatou noir* Azara)⁵¹⁰ que os europeus muito apreciam.

Tal como na maioria dos povos selvagens, os homens tratam suas mulheres com certa rudeza, embora sem maldade. Parte dos Camacans, que mantém relações mais íntimas com os portugueses, fala já um pouco a língua destes; o idioma dos Camacans tem qualquer coisa de bárbaro, por causa do grande número de sons nasais e guturais; cortam bruscamente o fim das palavras, falam baixo, com a boca aberta pela metade. Quando fazem uma boa caçada, ou têm outra ocasião qualquer de se divertirem, não deixam de celebrar uma festa, acompanhada de dansas e de cantos: reúnem-se então em grande número e começam cortando transversalmente o tronco de uma "barriguda" (*Bombax*), árvore essa que contém uma medula tenra e sucosa, e a esvaziam deixando ficar, porém, o fundo. Obtêm assim um recipiente com 2 a 2 pés e meio de altura, e o colocam num terreno plano, entre as suas choças ou em suas proximidades. Enquanto os homens trabalham nisso, as mulheres se ocupam em preparar o "cauí" com mandioca ou milho. Doze ou dezesseis horas antes, mastigam os grãos de milho (é a substância que preferem para tal bebida, mas empregam

(510) *Dasyptus novemcinctus* (Linn.), "tatú verdadeiro", "tatú galinha".

também batatas), cuspiendo num vaso os grãos mastigados, e acrescentando depois água quente; despejam depois a mistura no vaso de casca de árvore, onde continua a fermentação; então, acende-se o fogo por baixo, depois de fixada a base num buraco cavado na terra⁵¹¹.

A esse tempo todos se paramentaram convenientemente para a dança: os homens se pintaram com longas listas negras; as mulheres, com círculos formados de meias-luas concêntricas por cima dos seios, linhas no rosto, etc. Alguns ornaram a cabeça com seus barretes de penas e enfiaram penas pintadas nas orelhas. Um deles segura na mão um instrumento feito de uma porção de cascos de "anta", amarrados em dois maços por meio de tiras; chamam-no "*herenehediod*"; serve para marcar o compasso e produz um som muito forte quando sacudido (vem êle representado na fig. 3 da 22ª estampa, edição alemã in-4^{to}). Servem-se também às vezes de um pequeno instrumento cujo nome é "*kechiech*" (a pronunciar como em alemão) e que consiste numa cabaça ôca, com um cabo de madeira; contém algumas pedrinhas e, quando se sacode, faz também ouvir um som. Esse instrumento tem inegáveis afinidades com o "maracás", o ídolo doméstico dos Tupi-nambás e outros povos indígenas do Brasil, que também dele se serviam em suas danças. Nos primeiros tempos da descoberta, os Espanhóis encontraram instrumentos semelhantes na América setentrional, na Flórida, por exemplo*.

Começa então a dança; quatro homens, inclinando-se um pouco, avançam e, com passadas medidas, dispõem-se em círculo, conservando-se uns por de traz dos outros; todos repetem, com pouca modulação, hoi! hoi! hê! hê! hê!, enquanto um deles acompanha essa toada com o ruído do instrumento, que, de acordo com a sua fantasia, ora é mais forte, ora mais suave. As mulheres, nesse momento, se metem na dança, e ficam duas a duas, com a mão esquerda nas costas umas das outras; depois os homens e as mulheres, alternadamente, fazem voltas sem parar, ao som dessa encantadora música, em torno do vaso que contém a desejada bebida. Dansam, assim, no rigor do sol, na estação mais quente do ano, com o suor a escorrer-lhes ao longo de todo o corpo. Dirige-se então cada qual ao vaso, de onde, com uma "cúia", tiram o "cauí" e o bebem. As mulheres acompanham o canto com sons a meia-voz, sem nenhuma espécie de modulação, e marcham simultaneamente com a cabeça e a parte superior do corpo inclinadas. Esses selvagens dansam assim a noite inteira sem se fatigarem, até que o vaso esvazie. A 20.ª estampa (na edição alemã in-4.ª) dá uma sugestiva representação de uma tal festa. Essa dança parece ter alguma semelhança com a dos "Coroados" de Minas Gerais**.

(*) Ver BARRERE, p. 156 e SOUTHEY, *History of Brazil*, tomo I, p. 635. Não encontrei entre os Camacans os cocolhos que usam nos pés várias tribos do Brasil e da Guiana, em suas danças.

(**) Cf. v. ESCHWEGE, *Journal von Brasilien*, parte I, p. 142.

(511) A técnica de fabricação do "cauí" foi descrita por mais de um viajante e especialmente pelos cronistas do século do descobrimento. Entre as notícias mais antigas e ao mesmo tempo mais circunstanciadas sobre o assunto está a dada por Jean de Lery (*Voyages au Brésil*, edic. Gaffard, tomo I, ps. 141-169) que tem sido a principal fonte informativa para a generalidade dos autores.

Algumas vêzes os dansadores se dividem em duas filas que ficam em "vis-à-vis", de modo que uma recúa sempre diante da outra. Nas ocasiões solenes, quando a noite foi passada a dansar, segue-se-lhe muita vez outro exercicio. Os índios jovens, para ostentarem a sua fôrça, correm à floresta, cortam um grande pedaço cilíndrico de um tronco de "barriguda", que é muito pesado enquanto está cheio de seiva, e nele enfiam um pau, para poderem carregá-lo mais facilmente. O mais forte do grupo toma dêste pedaço de tronco, coloca-o sôbre os hombros e, carregado dessa maneira, corre para a sua cabana. Todos os outros o perseguem, procurando arrebatá-lo o fardo; essa luta se continúa até que chegam ao lugar em que estão reunidas as belezas da tribu, que lhes dirigem os seus aplausos. A's vêzes o pedaço de madeira é tão pesado que um ou outro campeão se machuca. Assim que chegam ao fim da corrida, costumam, mesmo banhados de suor, precipitar-se no rio para se refrescarem, prática em que não poucos já têm encontrado a morte.

Quando um "Camacan" cai doente, deixam-no sôzinho; si ainda pode andar, procura por si a sua subsistência, pois, do contrário, se verá absolutamente privado de qualquer ajuda. Essa indiferença pelos doentes e os fracos se observa entre os indígenas do Orenoco, onde o desprezo que lhe votam só tem rival no estoicismo com que sofrem as suas dôres e até esperam a morte, tal como se lê na relação de vários viajantes, entre outros Gumilla*. Os Camacans conhecem poucos medicamentos; empregam para curar os doentes um processo praticado pelos Bogais ou Semmels, pelos Aruaques e outras tribus da Guiana**, que consiste em lançar sôbre êles a fumaça do tabaco: durante a operação, o médico murmura palavras que infelizmente ninguém compreende. Si um doente vem a falecer, toda a tribu se reúne em volta dele, e, com a cabeça inclinada por cima do cadáver, todos, homens e mulheres, soltam berros terríveis, durante dias inteiros. Essa dôr fingida dura às vêzes muito tempo; fazem intervalos de descanso, mas, quando se pensa que as lamentações terminaram, recommçam com renovada intensidade. O morto fica às vêzes deitado por muito tempo, até que seja enterrado. Dizem que consideram as almas dos mortos como suas divindades, dirigem-lhes preces e atribuem-lhes as tempestades. Acreditam também que as almas dos mortos, quando não foram bem tratados durante a vida, voltam sob a forma de uma onça para fazer mal aos vivos; daí a razão de botarem, junto do cadáver, numa "cúia" ou numa "panela" um pouco de cauí, bem como arcos e flechas. Todos êsses objetos são colocados por baixo do morto, enchendo-se em seguida a cova e acendendo uma fogueira em cima.

Acrescentarei a essas poucas particularidades sôbre a notável tribu dos Camacans, alguns traços que tirei da *Corografia Brasileira*, obra que na Alemanha só deve ser conhecida de poucos leitores. "Os

(*) Vide GUMILLA, *Histoire de l'Orénoque*, tomo I, p. 328.

(**) QUANDT, *Nachrichten von Surinam*, p. 61.

"Mungoyó", escreve o seu autor (que parece não ter conhecido o nome de "Camacans" que essa tribo a si se atribue), tribo com a qual foi concluído um tratado de paz em 1806, se achavam reunidos, numa meia dúzia de aldeias pouco povoadas, nas proximidades e ao norte do Rio Patipe (Rio Pardo). Cada família vive isolada em sua cabana e todas cultivam diferentes espécies de batatas, abóboras, inhames, melancias, e excelente mandioca (trata-se no caso, de "mandioca-doce" ou "aipí"); colhem também muito mel. Em cousa alguma são menos econômicos do que com os produtos das abelhas. Tiram a cera de mistura com os insetos, e limpam essa massa com uma espécie de peneira; metem a cera e as abelhas numa certa porção d'água e obtêm assim uma bebida embriagante, que os põe de bom humor e às vezes os torna furiosos. Preparam também outra bebida espirituosa com um infuso de batatas e mandiocas esmagadas, que não tarda a fermentar.

Quando nasce uma criança, o pai lhe dá um nome, sem qualquer outra cerimônia. Choram os mortos e os enterram nus, em posição sentada*; cantam e dansam ao som dum instrumento tão simples quanto pouco sonoro e que consiste numa corda fina, esticada num arco**. As mulheres trazem franjas de algodão delicadamente trançadas que lhes caem na frente do corpo até os joelhos. Os homens cobrem a nudez com uma tapagem de folhas de palmeira entrelaçadas***; afóra isso, nada mais cobre o seu corpo bem proporcionado. Passam a maior parte do tempo caçando nas matas ou procurando frutos. A fabricação dos potes de argila é o único ramo de indústria que cultivam. Fazem foles com couro de veado, e, quando querem despojar esse animal de sua pele, principiam a fazê-lo pelo pescoço. Consideram o cão o mais útil dos animais domésticos; é o único que criam para a caça. Os instrumentos de ferro é o que mais invejam dos europeus. Seus remédios consistem em emplastos, compostos com ervas maceradas, em decoção e em banhos; conhecem-nas, quer por experiência própria, quer pelo conhecimento transmitido pelos antepassados. O arco e a flecha são suas únicas armas, não só para a caça, como para a guerra. Os "Mongoiós" que abraçaram a religião cristã preferem as armas de fogo".

(*) Dizem que eles abandonaram esse modo de enterrar.

(**) Não encontrei entre os Camacans o instrumento de que a "Corografia Brasileira" faz menção: talvez o tenham obtido nas aldeias ou vilas dos negros vizinhos dos portugueses, pois eles possuem um instrumento semelhante que frequentemente tocam.

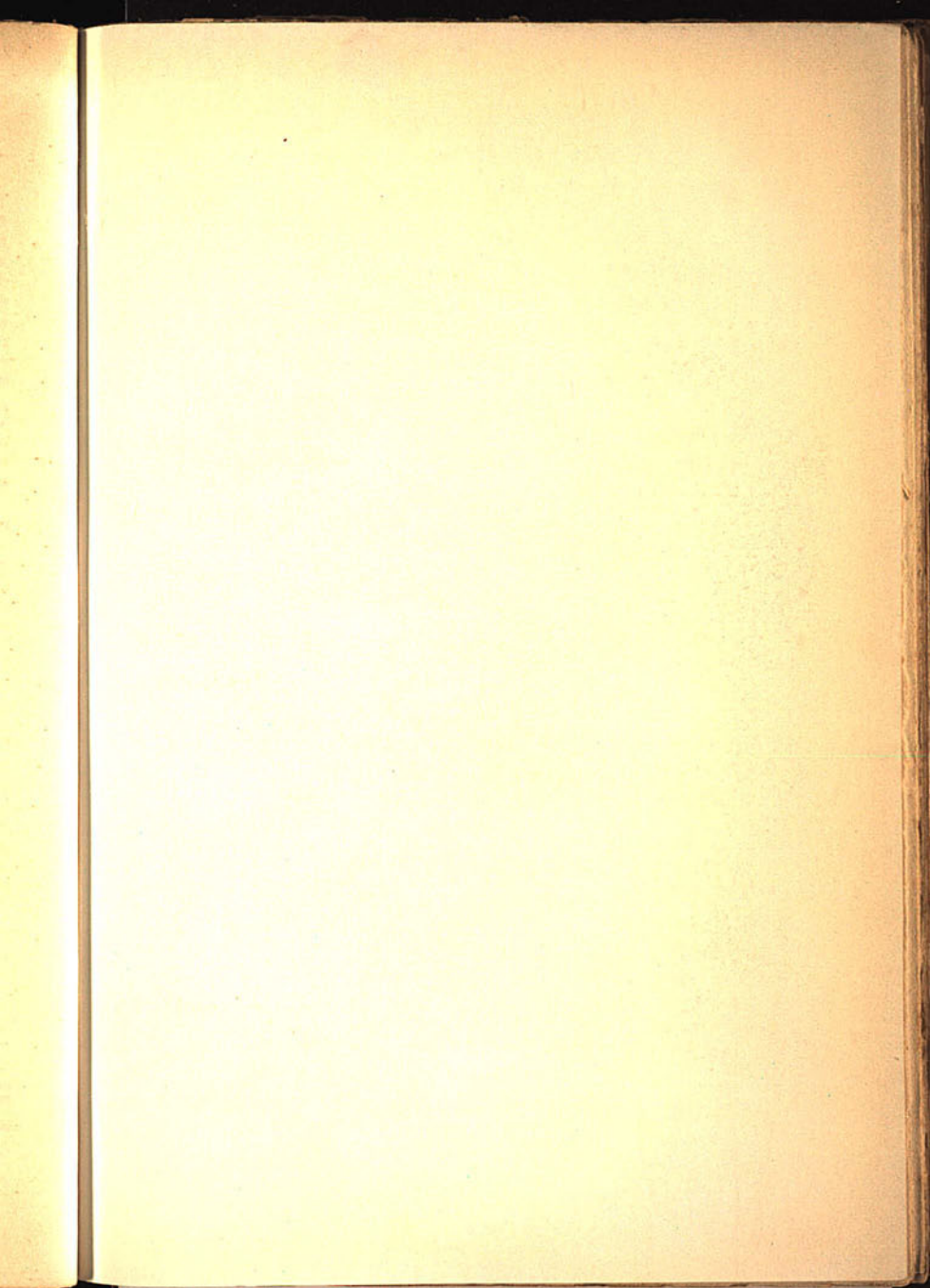
(***) Esta bainha das folhas da "issara" vem representada na fig. 4 da estampa 14 (da edição In-4.ª alemã) e concorda exatamente com a dos Botocudos.

the first of these is the fact that the function $f(x)$ is not continuous at $x = 0$. This is because the limit of $f(x)$ as x approaches 0 from the right is 1, while the limit as x approaches 0 from the left is 0. The second fact is that the function $f(x)$ is not differentiable at $x = 0$. This is because the derivative of $f(x)$ at $x = 0$ does not exist. The third fact is that the function $f(x)$ is not twice differentiable at $x = 0$. This is because the second derivative of $f(x)$ at $x = 0$ does not exist.

It is also true that the function $f(x)$ is not continuous at $x = 0$ if we consider the limit of $f(x)$ as x approaches 0 from the left. This is because the limit of $f(x)$ as x approaches 0 from the left is 0, while the limit as x approaches 0 from the right is 1. The second fact is that the function $f(x)$ is not differentiable at $x = 0$ if we consider the derivative of $f(x)$ at $x = 0$. This is because the derivative of $f(x)$ at $x = 0$ does not exist.

The third fact is that the function $f(x)$ is not twice differentiable at $x = 0$ if we consider the second derivative of $f(x)$ at $x = 0$. This is because the second derivative of $f(x)$ at $x = 0$ does not exist. It is also true that the function $f(x)$ is not continuous at $x = 0$ if we consider the limit of $f(x)$ as x approaches 0 from the left. This is because the limit of $f(x)$ as x approaches 0 from the left is 0, while the limit as x approaches 0 from the right is 1.

The second fact is that the function $f(x)$ is not differentiable at $x = 0$ if we consider the derivative of $f(x)$ at $x = 0$. This is because the derivative of $f(x)$ at $x = 0$ does not exist. The third fact is that the function $f(x)$ is not twice differentiable at $x = 0$ if we consider the second derivative of $f(x)$ at $x = 0$. This is because the second derivative of $f(x)$ at $x = 0$ does not exist. It is also true that the function $f(x)$ is not continuous at $x = 0$ if we consider the limit of $f(x)$ as x approaches 0 from the left. This is because the limit of $f(x)$ as x approaches 0 from the left is 0, while the limit as x approaches 0 from the right is 1.





A caça da onça.

VIAGEM DE CONQUISTA À CAPITAL DA BAIA E ESTADIA NESSA CIDADE

O vale pitoresco de Uruba. — Cachoeira. — Coronel João Gonçalves da Costa. Rio das Contas. — Rio Jiquiriçá. — Lage e desagradável incidente aí ocorrido. — Prisão em Nazaré das Farinhas. — Rio Jaguaribe. — Ilha de Itaparica. — Cidade de São Salvador da Baía de Todos os Santos.

Para ir do arraial da Conquista, através do sertão da Baía, à capital da capitania, podem-se escolher vários caminhos. A estrada principal de Minas Novas e de Minas Gerais a essa cidade, passa pela vila de "Caieté"⁵¹², vila do Rio das Contas e Vila da Cachoeira de Paraguassú. Mais próxima do Arraial, onde me achava eu, há uma outra, acompanhando o curso do Rio Gavião. A ela se chega em dois dias de viagem; mas, representa um rodeio. O caminho que as "boiadas" da zona de Conquista costumam tomar para atingir a capital é o mais curto; foi este que eu preferi, porque poucos viajantes o frequentam, tanto mais que umas tropas acabavam de ser atacadas por salteadores, nas margens do Gavião.

A chamada estrada das boiadas, que é relativamente boa na estação seca, até à fazenda de Tamburil, foi feita à sua custa pelo coronel João Gonçalves da Costa, que até agora não recebeu qualquer indenização do governo por esse e vários outros empreendimentos igualmente úteis, a que consagrou parte de sua fortuna.

Deixando-se o Arraial, entra-se numa região uniformemente montanhosa e coberta de matas, onde as colinas e morros se sucedem ininterruptamente, de modo a descortinar-se sempre atrás das serras novas serras, cobertas todas de matas de pouca altura, que se estendem até os arredores do Arraial. Essa vasta solidão, onde hoje não se encontra mais que um pequeno número de pessoas, era ocupada há apenas uns sessenta ou setenta anos, pelos "Camacans", seus primitivos habitantes; retiraram-se todas para as grandes florestas vizinhas da costa, onde, por muito tempo, desfrutaram de um território de caça que ninguém lhes virá disputar.

Nas matas despovoadas das cercanias de Conquista, outra ocupação não achei sinão observar as diferentes plantas, cujas flores impressionam o olfato dos viajantes pela suavidade de suas emanações, antes

(512) "Caieté" no original. Deve ser Caieté, hoje cidade de cerca de 40.000 habitantes, situada 625 kms a sudoeste da cidade de Salvador e a cerca de 400 kms. da costa marítima.

mesmo de serem vistas. As fazendas ou habitações isoladas, que se encontram a três, quatro, cinco e até seis léguas de distância umas das outras, raro interrompem a monotonia dessa estrada. No primeiro dia fiz uma parada para passar a noite na fazenda da Preguiça; a casa muito bonita e construída de tijolos, sobressaía vantajosamente entre todas as outras da região, si bem que não fosse muito grande. Ao crepúsculo ouvimos soar, nos charcos vizinhos, o concerto entoado pelas rãs arborícolas, que lembrava o som produzido pelas marteladas duma porção de ferreiros, o que lhes valeu a denominação de "ferreiro"⁵¹³; não conseguimos, entretanto, apanhar nenhum desses curiosos animais.

Um dos nossos homens, que marchava na retaguarda da tropa, matou com uma paulada, num galho que estava baixo, um grande bacurau, ave a que já me referi pelo nome de *Caprimulgus aethereus*⁵¹⁴. E' bastante comum nas matas, alimentando-se principalmente de borboletas; persegue as espécies grandes, tais como *Papilio Nestor* e *Menelaus*, de magnífica coloração azul e a branca *Laertes*, Fabr.⁵¹⁵. Essa prodigiosa ave crepuscular, cuja guela espantosamente larga é perfeitamente adaptada à captura de insetos, não lhes engole as grandes asas, que se vêem em toda parte espalhadas pelo chão.

Encontrei nessas matas uma outra espécie de bacurau provavelmente ainda desconhecida; é muito linda e se distingue pela iris alaranjado vivo⁵¹⁶.

No nosso segundo dia de viagem, a contar da partida de Preguiça, depararam-se-nos muitas borboletas, daquelas duas espécies acima

(*) *Caprimulgus leucopterus* é o nome que dou a essa bela espécie que não encontrei descrita em nenhuma obra de história natural. Fêmea: comprimento, 11 polegadas, 6 linhas; envergadura das asas, 22 polegadas e 6 linhas; iris alaranjado vivo; bico muito largo e da forma do de *Caprimulgus grandis*; tarso curto e n.º; alto de 4 linhas no máximo; asas estreitas e compridas; cauda composta de 10 penas aproximadamente iguais, sendo as duas externas apenas um pouco mais curtas; plumagem à primeira vista negro bruno, bastante carregado; grandes tectrizes posteriores formando semente uma longa mancha esbranquiçada nessa parte do corpo, ventre mais claro que o resto, puchando mesmo a branco; cabeça negro bruno, pequena mancha branco-amarelado em cima de cada olho e lista semelhançamente colorida até o bico; parte posterior da cabeça bruno com linhas transversais amarelo avermelhado pálido; nuca e parte superior do pescoço com listas esbranquiçadas; dorso negro bruno com estreitas raias transversais esbranquiçadas ou amarelo avermelhadas; parte inferior das costas negro bruno mais carregado; ombros negro bruno; tetrizes médias e posteriores branco marmoreado de cor negro bruno nas pontas e nas barbulas externas; cauda negro bruno muito carregado com sete listas transversais marmoreadas mais pálidas; interior das asas negro bruno; mento esbranquiçado, com as penas um tanto amareladas e escuras nas pontas; garganta cinzento bruno mesclado de amarelo; parte inferior do pescoço e alto do peito semelhantes, apenas misturados com um pouco de amarelo avermelhado e marcados com grandes manchas negro bruno; ventre e partes inferiores cinzento esbranquiçado, marmoreadas; peito e ventre listados. As cores do macho são mais claras ou mais esbranquiçadas que as da fêmea.

(513) Cf. p. 124, nota 2.

(514) Cf. p. 168, nota 1.

(515) *Morpho menelaus* (Linn., 1758), grande borboleta de esplêndido azul, das mais comumente empregadas hoje em trabalhos de ourivesaria. *Papilio Menelaus* Linn. e *P. Nestor* Linn., ambas primeiramente noticiadas pela Mlle. Merlan, na Guiana, significam, respectivamente o macho e a fêmea de uma mesma espécie. *Morpho Laertes* (Fabr.), bem menor, é um branco opalino, com manchas pardas escuras características junto ao bordo anterior das asas. E' provável que a denominada *P. Nestor* por Wied., venha a ser outra que não a assim chamada por Linneu.

(516) *Nyctibius leucopterus leucopterus* (Wied.). Forma rara, de que não consta serem conhecidos outros exemplares além do colecionado por Wied. Chapman (*Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, LV, p. 275), que estudou no American Museum, de que são hoje propriedade, os dois exemplares a ela atribuídos pelo viajante-naturalista, informa que só a fêmea pertence a *leucopterus*, o macho sendo "uma forma de *Nyctibius griseus*". Segundo o mesmo autor a ave brasileira é coespecífica de que Ridgway descreveu em 1912 no Equador, com o nome de *Nyctibius maculatus*.

referidas. As árvores eram aqui mais altas, mais folhudas e mais unidas do que nos primeiros dias. Aquelas grandes borboletas voavam aos bandos, em volta do cimo das árvores, para onde as atraía uma infinidade de perfumosas flores amarelas e brancas; não nos foi possível, por isso, apanhar uma só com a rede. As asas desses magníficos insetos, batidas pelos raios ofuscantes do sol do meio dia, reluziam com um brilho incomparável, mormente quando observadas de cima. As asas azul-celeste de *Papilio Menelaus* exhibia reflexos de um soberbo violeta, as de *Nestor* reflexos azues, dos mais diversos matizes. A grande borboleta branco-azulada, *Papilio Laertes* de Fabricius, existe também muito comumente nessas matas e é mais fácil de apanhar que a *Mene-laus*. No sul se encontram essas duas magníficas borboletas azues, mesmo nas cercanias do Rio de Janeiro. São o principal ornamento das florestas; pode-se-lhes juntar a *Papilius leilus*, negra com listas verde dourado, que encontrámos com particular abundância em Vila-Nova de Almeida e em Mucurí. É muito comum nas zonas descampadas, mesmo quando próximas do mar.

Na primeira parte da relação de minha viagem, afirmei que as *Nymphales* eram, em certa região, muito numerosas, e agora observarei, outrossim, que as *Heliconii* formam em geral a família mais comum de borboletas nas zonas que percorri. Adejam em todas as matas, notadamente *Heliconius Phyllis*, *H. Sara*, e *H. Egena*, assim como muitas de suas variedades e afins. Nos prados e nas pastagens, uma das borboletas que mais frequentemente se vê é *Papilio plexippus* Fabricius, encontrada até na América setentrional; em todas as grandes florestas virgens, vive a borboleta que, não resta dúvida, produz com a sua tromba um som semelhante ao de uma matraca, a *Clímena* (Cramer, est. XXIV, F.), que traz em cima de suas asas o número 88. Outras belas espécies, tais como *Nimas*, *Zacynthus*, *Polydamas*, *Mutius*, *Doliceon*, etc., são muito raras.

Estando o calor extremamente forte nesse dia, os nossos animais de carga, esgotados, buscavam sofregamente água, o que quasi nos ocasionou uma perda; um dos burros atirou-se de repente num charco, fazendo com que a água entrasse nas caixas e quasi estragasse completamente tudo o que nelas se guardava. O viajante está exposto em tais ermos a frequentes acidentes desse gênero, perdendo, muita vez, pela indocilidade dos animais de carga, pela negligência dos tropeiros ou pelas chuvas, o fruto de assíduas pesquisas e de longas e penosas caminhadas.

Tendo deixado a mata, entrei numa zona em que altas colinas, suavemente arredondadas, se cobrem de mato rasteiro ou de vastas touceiras de "samambaia" (espécie de feto, *Pteris caudata*); e que cobre aqui e ali imensas áreas do solo, de ordinário os trechos desnudos das florestas, fato este pouco comum nas zonas quentes do Brasil, e provavelmente nas de todos os países quentes, pois, sob tal clima, é mais

(*) O Sr. Langsdorff me havia dito que também se encontra a mesma borboleta em Santa-Catarina.

raro crescerem juntas plantas duma mesma espécie do que nas zonas temperadas e frias*. Dizem que os brotos dêsse feto causam a morte do gado que os come. Atribue-se efeito semelhante, em relação aos cavalos, a uma espécie de *Bromelia* que aqui vive. Não chovia desde muito tempo, motivo pelo qual essas solidões achavam-se inteiramente secas. Sêcas dessa espécie ocasiona, em várias zonas do sertão da Baía, a morte de grande quantidade de gado, causando assim prejuízos consideráveis; eis porque se faz mistér reunir o gado frequentemente, com o fito de levá-lo para zonas mais húmidas. A's vêzes se põe fogo aos fetos nos lugares secos e altos, afim de fazer o solo produzir, com essa forma de adubação, um pouco de vegetação para os animais.

A natureza, todavia, espalhou nesses prados ressequidos alguns vegetais que parecem suportar perfeitamente a seca; entre outros, uma bela *Bignonia* de grandes flores amarelas limão vivo, que se ergue a uma altura de 8 a 10 pés, e uma *Cassia* de longos etames verticais, de côr alaranjado vivo; possuem ambas um aspeto magnífico. Esta última é uma árvore de que já tratei; sua folhagem verde clara forma uma copa perfeitamente cônica, donde se viam pender, então, longas vagens articuladas. Por entre as moitas do cerrado sobressai uma espécie de palmeira, que não atinge mais de 20 a 30 pés de altura e é a única representante que encontrei da família, nessa parte de minha viagem; as folhas "frondes" nascem em quatro ou cinco filas, e o cacho tem frutos do tamanho dum pequeno abricô, revestidos de póipa adocicada, côr de laranja. As araras os apreciam muito e quebram facilmente, com o bico, o carôço que se encontra neles. Dá-se a essa palmeira, nas proximidades de Nazareth o nome de "côco de licuri" que não se deve confundir com o "aricuri" já referido na primeira parte desta "Viagem"⁵¹⁷, com que muito se parece, principalmente no fruto.

A nossa marcha, através de áridas colinas, vinha cançando tanto os homens e os animais, que uns e outros corriam ávidamente para estanciar a sede ardente nos córregos que encontrávamos no fundo dos vales; a água dêstes era límpida e fresca, embora a que se bebe geralmente nesse sertão seja extremamente ruim. Apesar da falta de boa água nessas zonas secas e desnudas, o viajante facilmente observa que as febres são af muito mais raras que nas grandes florestas próximas do litoral. As que reinam nas zonas que percorri se distinguem das febres das outras províncias por um caráter mais benigno; assim é,

(*) Veja-se a respeito HUMBOLDT, *De distributione geographica plantarum*, p. 50. As plantas que vivem em sociedade no Brasil oriental são *Conocarpus* e *Avicennia*, várias espécies de *Rhexia*, alguns canjicos muito altos (*Bambusa?*), "ubá" e "taquarassô", as palmeiras anãs da costa, vários fetos, principalmente *Pteris caudata*, muitas espécies de gramíneas, *Cecropia*, *Bignonia* e outras.

(517) O "ouricuri" ou "licuri" ou "licuri" (*Cocos coronata* Mart.) é muito comum em grande parte do Recôncavo da Baía, tanto na terra firme, como nas ilhas. Seu grande valor econômico tem sido ultimamente divulgado por Gregório Bondar, do Inst. Central de Fomento Econ. da Baía. Os frutos maduros destacam-se espontaneamente dos cachos, caindo no solo onde os procuram vividamente o gado bovino e caprino que deglute o próprio carôço, rejeitando-o depois pelo intestino. Não são menos apeteidos também pelas aracúas (*Orateia aracus* Spix) e até pelo povo, que não me consta criminosos de qualquer malefício. Cumpre não confundir a presente com outra palmeira, *Cocos schizophylla* Mart. também vulgarmente chamada "aricuri", ou "licurioba", já referida por Wied à pg. 204.

que, por exemplo, ao longo do Rio São Francisco, na época em que as suas águas baixam, a região toda se vê infestada por epidemias que matam muita gente e se tornam, sobretudo, muito perigosas para estrangeiros e para os viajantes não aclimatados.

A' tarde, cheguei a Taquara, velha fazenda abandonada; só existiam aí duas miseráveis choças de barro, desmanteladas; estavam totalmente cobertas por arbustos, grandes touceiras de samambaias secas (*Pteris caudata*) e, em alguns pontos, por espessas macegas compostas de uma planta de 4 a 5 pés de altura, espécie nova de *Tagetes**, que espalha um cheiro forte muito agradável. Havia, nesse sítio, um curral, que são aproveitados para guardar, durante a noite, os bois das "boiadas" em trânsito. Tentámos dormir nas choças, mas uma quantidade prodigiosa de pulgas e bichos de pé cobriu, num abrir e fechar de olhos, toda a nossa roupa, de sorte que nos pareceu mais prudente acamparmos ao ar livre⁵¹⁸. Acendeu-se uma fogueira para cosinhar, e todas as moitas vizinhas foram batidas em busca de madeira seca; um dos meus homens descobriu, muito próximo donde estávamos, ao lado duma das choças, uma serpente de chocvalho ("cobra cascavel"). Fomos todos observá-la; o réptil estava tranquilamente deitado e não parecia absolutamente se inquietar com aquele número desusado de espectadores, de modo que nos foi fácil atordoá-lo, batendo-lhe com um pequeno pau, e matá-lo.

O resto da tarde foi consagrado ao exame da nossa presa, que, em seguida, foi colocada dentro dum barril de aguardente, que eu sempre levava comigo para tal fim. Essa aventura prova com evidência a inexatidão e o exagero das descrições que se têm feito da cascavel, pois esse animal, como o observou Bertram⁵¹⁹, só se torna perigoso quando alguém se aproxima muito dele sem o ver, irritando-o, portanto, e obrigando-o a se defender. Entre as diferentes espécies de serpentes é difícil achar uma que, por natureza, seja mais preguiçosa do que a cascavel (*Crotalus horridus*, Linn.). Daudin descreveu-a muito bem. Ela atinge um comprimento de 5 a 9 pés e uma grossura proporcional; sua coloração é muito simples: cinzento bruno, mesclado apenas de manchas em losango, mais claras e mais escuras.

Mal rompera o dia, após uma noite úmida, e a nossa tropa já estava carregada e em movimento. Atravessámos um trecho agreste, em que alternavam cerrados baixos e pastagens. Cássias de flores

(*) (Suplem.). *Tagetes glandulifera*, SCHRANK, *Plant. rar. H. Monac.*, n.º 54. E' talvez a mesma que *Tagetes minuta*; pelo menos a figura que Dillenius nos deu dessa planta e que Linneu citou, adapta-se-lhe muito bem. Veja-se SCHRADER, *op. cit.*, p. 714.

(518) Quem tenha experiência das viagens pelo sertão sabe o risco que se corre, procurando abrigo nos velhos ranchos abandonados, de ser devorado por esses insetos, aos quais se deve acrescentar, em certas zonas o "carrapato do chão", *Ornithodoros rostratus* Aragão, comum em Goiás, Mato-Grosso e repúblicas limítrofes. Cf. A. Neiva & Belisário Penna, "Viagem científica", etc., em *Mem. do Inst. Oswaldo Cruz*, VIII, fasc. III, p. 92; H. B. Aragão, "Obs. Ixod. Rep. Argentina", in *Nov. Reun. Soc. Arg. de Patol. Region.*, vol. III em hon. à mem. de Carlos Chagas (1939), p. 1476.

(519) Convém lembrar que a observação de Bertram, a quem se deve uma interessante narrativa de viagem rica em assuntos de História Natural (*Travels through North and South Caroline*, Philad. 1791), reporta-se a alguma das espécies norte-americanas do género *Crotalus*.

amarelo-vivo*, bignônias, mimosas e palmeiras-licuri formam aqui o interior das moitas, o que empresta aspecto pitoresco à paisagem, mau grado o seu caráter rude e selvagem. Profundos vales cortam, bruscamente, essas colinas de vertentes escarpadas; sombreiam-lhes o fundo espessas florestas, enquanto o solo, uniformemente constituído de argila vermelho-escura, deixa ver por toda parte, os montículos amarelados e cônicos das termitas. Anima a paisagem, aqui e ali, algum gado que, assustado pelo inesperado aparecimento de viajantes, olha com surpresa para eles.

Vêm-se em grande abundância nesse local o periquito de barriga alaranjada (*Psittacus cactorum*) e a pombinha de cauda comprida (*Columba squamosa*)⁵²⁰.

Quando se atravessam as "catingas" e os cerrados dessa região, nunca a gente se precavê bastante contra os pequenos galhos das árvores que ladeiam a estrada, pois se acham eles literalmente forrados de uma porção incontável de pequenos "carrapatos" (*Acarus*) que os fazem ficar totalmente vermelhos. Si acontece alguém tocar num desses galhos, sente logo um comichão insuportável em todo o corpo; esses pequeninos animais, que não são maiores que a ponta de um alfinete, se espalham por toda a parte e atormentam de tal modo que não dão repouso nem de noite nem de dia; até que a gente consiga se desembaraçar deles⁵²¹. Quasi todo o nosso pessoal sofreu dessa incômoda praga, contra a qual não se conhece meio mais seguro do que friccionar o corpo com uma infusão de fumo. Esses importunos insetos⁵²², constituem um dos maiores contratempos para os viajantes, nas regiões secas do interior da América Meridional, e, nesse particular, substituem os "mosquitos" das zonas florestais e úmidas. Alguns desses carrapatos atingem tamanho considerável e produzem muitas vezes perigosas feridas, quando não devidamente tratadas; produzem mesmo doenças cutâneas nos homens mal asseados⁵²³. No Paraguai chamam-no de "vinchuca"*** e "tique"*** na Guiana Francesa.

(*) (Suplem.). *Cassia speciosa*, SCHRADER, op. cit., p. 718.

(**) AZARA, *Voyages*, etc., t. I, p. 208.

(***) Vide BARRÈRE, *Beschreibung von Cayenne* (tradução alemã), p. 49.

(520) Sobre estas duas aves, já anteriormente tratadas vejamos as notas 449 e 441, respectivamente.

(521) Esses "carrapatinhos", também chamados "miculins", são as larvas hexápodes (o animal adulto tem sempre oito patas) de grande número de espécies, dentre as quais o muito conhecido e molesto "carrapato estrêla" (*Amblyomma cajennense* (Fabr.)) é, quasi sempre, a mais comum (cf. Neiva & Penna, op. cit., p. 90-92). E' durante os meses de estiagem (Agosto a Outubro) que esta praga assume em certos lugares as proporções de verdadeiro flagelo, desaparecendo, pelo contrário, quasi sempre completamente logo as primeiras chuvas, quando passa para os naturais hospedeiros em que conclue a sua evolução, ou morre ao acaso das intempéries.

(522) Não é ocioso lembrar que na aceção atual os carrapatos não pertencem à classe dos Insetos (*Hexapoda*), mas sim à das Aranhas (*Arachnoidea*).

(523) Sabe-se da enorme importância que vieram ter para a medicina os carrapatos, que muitas vezes são vectores normais ou ocasionais de agentes causadores não só de acidentes locais (úlceras malignas) como até de graves doenças, quer no homem (tifo exantemático), quer nos animais (piroplasmoses).

Vimos, aos montes, nos galhos, filhotes de gafanhotos (*Gryllus*), gênero que conta numerosas espécies no Brasil; alguns são muito grandes, outros se fazem notar por suas belas cores. Não tive ocasião de observar os numerosos bandos desses insetos que descreve Azara*. Parece que eles frequentam de preferencia os terrenos planos e descobertos.

Em breve achei-me no pequeno "arraial" de Poções⁵²⁴, cujo vigário pareceu-me grande apreciador de bebidas fortes, pelo menos a julgar pelo seu estado de completa embriaguez. O lugar conta uma dúzia de casas e uma capela feita de barro.

A pequena distância daí começam as terras do "capitão-mór" Antônio Dias de Miranda, que costuma residir na "fazenda" de Uruba, onde me convidara a visitá-lo. Seu pai, o "coronel" João Gonçalves da Costa, assim como vários de seus filhos, possuem em comum uma vasta extensão de terras, onde conservam grande quantidade de gado em estado selvagem.

A estrada passou em seguida por uma zona arenosa, coberta de arbustos secos. Vi aí três espécies de *Cactus* inteiramente novas. Uma se distingue por seus rebentos muito felpudos; outras por suas flores vermelho vivo, reunidas em corôa na ponta dos ramos, como em nossos cardos; têm quasi a cor das flores de *Cactus flagelliformis*.

Esse sítio era de aspeto muito pouco variado. O solo consistia quasi que exclusivamente de barro amarelo avermelhado; só o "côco de licuri" animava, raramente porém, a paisagem árida e selvagem. As araras, tão notáveis pela sua plumagem de um vermelho magnífico, eram extremamente comuns; poisavam várias vezes pertinho de nós, na sombra, sobre os galhos mais baixos das grandes árvores.

O calor era exaustivo; nenhuma aragem o amenizava, e o solo argiloso e árido, semelhantemente à areia de ofuscante brancura, refletia fortemente os raios do sol. Atravessámos vários ribeirões, de águas turvas e salgadas ("água salobra"); dois, porém, límpidos e frescos, nos deram força e ânimo, entre os quais o Uruba, cujas águas cristalinas serpenteia à sombra das matas, entre margens cobertas de vegetação virente.

A' noitinha, cheguei ao alto dum morro, onde acampámos ao pé dum "curral", a meia légua da fazenda de Uruba. A noite foi tranquila e agradável. A lua, com a sua doce claridade, destacava em diferentes tons as colinas circunvizinhas. Não cessámos de ouvir uma profusão de vozes animais, pois os "carrapatos", não nos deixavam pregar olhos. Quando o dia surgiu, meus olhos foram agradavelmente surpreendidos com a encantadora vista de um vale profundo, onde se

(*) AZARA, Voyages, etc., vol. I, p. 214.

(524) Wied escreve "Os Possões", por onde se depreende que, à semelhança de outros topónimos, o determinativo deveria ter sido, a princípio, invariavelmente usado junto ao que ficou sendo depois, sózinho, nome do lugar.

acha situada a fazenda de Uruba. Altas montanhas, cobertas de sombrias matas, formam vasta depressão, banhada pelo ribeirão Uruba; no fundo desse abismo está a "fazenda", cujos telhados vermelhos fazem pitoresco contraste com o fundo verde da vegetação.

Fui acolhido o mais amigavelmente possível na casa do "capitão-mór", embora este estivesse ausente. Sua família que, tanto quanto ele, é muito considerada nessas terras, cumulou-me de atenções. Levaram a amabilidade a ponto de mandar uma porção de provisões para a minha tropa, no morro onde estava o meu acampamento; vários escravos dos dois sexos foram incumbidos disso. Teria de bom grado passado alguns dias nessa hospitaleira casa, mas como o chefe da família estava ausente, e uma demora maior não me traria vantagens, decidi-me a prosseguir viagem nesse mesmo dia, e, ao meio-dia, reuni-me à minha gente. Na partida, recebi de presente uns belos papagaios, que falavam muito bem.

Chegámos de noite à "fazenda" de Ladeira, situada num vale muito profundo, no seio duma região extremamente montanhosa; pertence também à família do "capitão-mór". A descida, pela floresta monótona que cobre todas as redondezas, foi penosíssima para os animais; e uma chuva abundante, que durou toda a tarde, ainda veio aumentar os aborrecimentos da viagem. Chegadas ao fundo do vale, tivemos ocasião de contemplar novas cenas agrestes. Velhas árvores muito altas, cobertas de um emaranhado comprido de *Tillandsia*, que os portugueses denominam "barba de pau", ostentavam formas extremamente bizarras. Eram muito comuns as grandes "araras" vermelhas, tão pouco assustadiças, em razão da chuva, que continuavam pisadas, nas árvores, por baixo das quais passava a nossa tropa barulhenta. Vimos em Ladeira algumas choças mal construídas de pau e barro, porém bastante grandes, habitadas por negros escravos, que cuidam do gado nos campos em redor. Há também nesse local grandes plantações de algodão.

A seis léguas dessa fazenda está situada a da Cachoeira, onde reside o "coronel" João Gonçalves da Costa, pai do "capitão-mór". Desejava vivamente travar conhecimento com esse homem, que foi o primeiro a abrir estradas praticáveis no "sertão" e que combateu os índios de todas as bandas, pois eu esperava colher dele informações autênticas sobre a região. Continuei, pois, o meu caminho através dum deserto intransitável, onde as montanhas se acumulam umas sobre as outras, uniformemente cobertas de matas baixas, interrompidas, aqui e ali, por ásperos rochedos desnudos, de diferentes formas, mas de contorno em geral arredondado na parte superior. Nos trechos sem vegetação, via-se que o solo era constituído por argila amarelo-avermelhada. O caminho era ladeado de bosques de mimosas espinhosas, de folhas finamente recortadas, de mistura com algumas plantas com flores magníficas, entre as quais me contentarei de citar uma

bela espécie nova de *Ipomaea* de grandes flores vermelho fogo*. Os blocos de pedra, de formas as mais singulares, semelhando algumas vezes torres e torreões, e erguendo-se isolados do seio das matas, são habitados geralmente nessa região, pela pequena *Cavia* a que já nos referimos sob o nome de "mocó"¹⁵²⁵; caçam-na com grande empenho pela sua carne, tida como saborosa.

Outrora, as hordas dos Camacans inimigas erravam por essas solidões; os viajantes não se aventuravam aí sem correr perigo de vida; forçaram por fim os "Camacans" a se retirarem para as florestas mais próximas do litoral, e foi aí que, em 1807, concluiu-se com eles uma paz definitiva.

Reinava nessas áridas florestas, entremeadas de rochedos, um calor insuportável; nelas não se sentia a menor aragem; por todos os lados os raios solares se refletiam fortemente. O próprio solo escaldava, os homens e os animais arfavam exaustos; só as "araras" pareciam comprazer-se nessa temperatura abrazadora: voavam gritando em todas as direções, enquanto quasi todas as outras aves se deixavam ficar quietas, num galho à sombra, durante as horas mais quentes do dia. Quanto a nós, não nos foi possível fazer uma parada nas horas de calor mais intenso, e continuámos a caminhar até de noite. Fizemos alto, então, numa "fazenda" situada num prolongamento dos vales selvagens dessas montanhas.

Os negros, com as suas choças construídas em torno da habitação do Sr. "coronel" João Gonçalves da Costa, na fazenda da Cachoeira, formaram uma pequena aldeia, cuja situação nada tem de agradável, pois dela não se descortina sinão uma vista triste e inanimada, que me fez lembrar as pinturas de paisagens africanas. O proprietário, cuja casa pegara fogo havia pouco tempo, reside habitualmente num sítio, vizinho; só por acaso achava-se agora aqui. Era um velho de oitenta e seis anos, ainda ativo e robusto; vencia em vivacidade muita gente moça. Reconhecia-se sem custo que, em idade menos avançada, devia ter sido dotado de grande vigor, coragem e ousadia. Recebeu-me da forma mais amigável possível, testemunhando a alegria de poder ver um europeu. A sua palestra era instrutiva e cheia de interesse para qualquer viajante. Na idade de dezesseis anos, seguia a sua vocação, que era a de conhecer terras distantes. Abandonou sua pátria, Portugal, e veio estabelecer-se no meio das montanhas selvagens do "sertão" da "capitania" da Baía, onde se abria, às suas energias, um vasto campo de atividades para muitos anos. Combateu, com grande denodo e perseverança, os índios "Patachós", que ele denominava "Cutachós", os "Camacans" e os "Botocudos". Percorreu, fazendo despesas consideráveis e empregando os mais persistentes esforços, todas essas matas virgens; foi o primeiro a navegar vários rios, como o Rio Pardo,

(*) (Suplem.). *Convolvulus igneus*. SCHRADER, op. cit., p. 716.

o Rio das Contas, o Rio dos Ilhéus e parte do Rio Grande de Belmonte, descobrindo-lhes a embocadura no mar e as suas comunicações entre si. No Rio Pardo, sustentou vários combates contra os "Botocudos". Tais feitos lhe deram frequentes oportunidades de demonstrar um caráter extremamente decidido e grande perseverança de ânimo. Um dia, por exemplo, acompanhado de pequeno número de homens, armados, aproximou-se tanto duma grande "rancharia" de "Patachós" que não pôde mais voltar sobre seus passos; escondeu-se então o mais depressa que pôde com dois de seus homens, e mandou que os outros se retirassem. Não podendo contar com a permanência por muito tempo, nessa perigosa posição, sem ser descoberto, lançou-se inopinadamente no meio dos selvagens, dando dois tiros de pistola, com o que os poz em grande pânico, forçando-os à fuga, não sem que lhe deixassem nas mãos alguns prisioneiros. Mais tarde começou a civilizar e batizar muitos "Camacans"; depois utilizou-se vantajosamente dêles em suas incursões contra outros selvagens. Assegurou-me que os índios, reunidos aos brancos, demonstram sempre grande coragem nos combates.

Quando começou a se estabelecer nesses ermos, as florestas estavam cheias de animais ferozes. No primeiro mês matou 24 onças ("Jaguarété") e, nos meses seguintes, um certo número, que foi sempre decrescendo, de sorte que, por fim, pôde tentar a construção de um curral para o gado selvagem, o que a princípio teria sido absolutamente inexequível devido àqueles animais devastadores. Abriu, em seguida, várias estradas nas matas; a que se dirige, via Tamburil, às fronteiras de Minas Gerais é a mais importante de todas. Custou-lhe muito tempo e exigiu-lhe grandes adiantamentos em dinheiro, de que ainda não foi reembolsado pelo governo. Como recompensa, promoveram-no do posto de "capitão-mór" ao de "coronel". Passa a maior parte de seu tempo em suas diferentes "fazendas", onde faz grandes plantações de algodão e milho. Fornece êste último produto com grande generosidade e cortezia a todos os viajantes. O estrangeiro que percorre êsse isolado e quasi deshabitado "sertão", nunca há-de esquecer a hospitalidade recebida da família do "coronel" da Costa, e principalmente de seu filho, o "capitão-mór" Miranda. A lembrança desses homens de bem vive mesmo em afastadas terras, onde ficará imperecível o reconhecimento a que têm direito.

Depois de Cachoeira os montes continuam desertos e cobertos de de monótonas matas até o vale do Rio das Contas, aonde se chega após um dia de viagem. O calor intenso tornou penosíssima a falta d'água, durante toda essa travessia. As águas dos "corregos" têm um gosto salgado, devido provavelmente ao fato de atravessarem subterraneamente camadas de sal e enxôfre, pois são esbranquiçadas e turvas. Os ninhos de termitas e as "araras" são as únicas coisas notáveis do reino animal, que aí se vêem. Em compensação observei vários vegetais interessantes, entre outros um arbusto de 4 a 5 pés de altura, com gran-

des flores tubuladas amarelas, manchadas de violeta por dentro e folhas largas e lindíssimas*.

Exausto pelo calor sufocante e pelo tempo que ameaçava temporal, nem por isso deixámos de prosseguir em nossa marcha através das matas baixas, os "corregos" estavam, na maioria, secos; procurámos em vão um filete d'água para estancar a nossa sede. Finalmente, ao cair da tarde as montanhas se abriram um pouco, permitindo-nos divisar terrenos cuja disposição variada e cujo verdor dos diferentes tons nos anunciavam a proximidade dum grande rio; e, efetivamente, não tardámos em alcançar as margens do Rio das Contas.

Esse rio, que teve a princípio o nome de Jussiappe, nasce na comarca de Jacobina e recebe varios afluentes. Seu leito, no ponto em nos achávamos, media apenas 60 passos de largura, porém dizem que êle se larga logo depois e que, junto à sua foz, é muito considerável**520. Passámo-lo a vau, sem custo, montados em nossos cavalos; na sua margem setentrional viam-se duas cabanas, onde o proprietário dessas terras, o "coronel" Sá, poz duas famílias de negros escravos para tomar conta duma "venda". Os viajantes aí podem obter milho, aguardente e rapadura. O "coronel" habita uma importante "fazenda", situada cinco léguas abaixo, nas margens do rio.

As terras que margeiam o Rio das Contas, no ponto em que as pude contemplar, eram muito pitorescas. Montanhas de variadas formas, bastante cobertas de matas, se elevam de todos os lados; crescem-lhes na base pequenas matas espessas, formadas por grandes árvores, que entrecortam prados verdejantes. As margens são ensombradas por velhas mimosas, de fôlhas finamente recortadas, e ouve-se ressoar, no seio dessas matas fechadas, a voz rouquenha e forte das "araras". Essa região, muito pouco habitada ainda, passa por ser grandemente sujeita a febres⁵²⁷; entretanto, o velho "coronel" da Costa me assegurou que tais epidemias não são causadas pelo clima, mas sim pela corrupção de imensa quantidade de cápsulas de algodão que se costuma atirar no rio. Depois que se deixou de fazê-lo, as febres

(*) (Suplem.). *Holoregmia viscida*, Nees ab Esembeck: Class. Linn. Didymia Angiospermia; familia naturalis Bignoniacearum. Locus prope Spathodeam et *Crescentiam*. Charact. essent.: Calyx tubulorum, trilobis latere infero fissus. Corolla infundibuliformis, limbo quinquefido, subaequali. Nectarium-gymnobasicum, magnum disciforme. Rudimentum filamenti quinti. Capsula bilocularis.

(**) A *Corografia Brasílica*, tomo II, p. 101, dá sobre esse rio os seguintes informes: "Tem a origem, e seus primeiros afluentes na comarca de Jacobina, onde deles falaremos. Os que se lhe juntam em estoura pela margem septentrional, são: o rio Preto, o das Pedras, o Managerú, o Ribeirão d'Arcaia, o Pires, o Agua-Branca, o Oricó-guassú, que atravessam grandes matas, onde podem estabelecer, se numerosas colônias. Pela margem austral incorpora-se-lhe o rio Grungugi, que lhe é pouco inferior e cujo principal ramo é o rio Salina. Os Indios Patachós dominaram as suas adjacências. Abaixo desta confluência está o sítio dos Funis, onde o rio corre com rapidez repartido, e quasi escondido por entre penedias. Desemboca obra de dez léguas ao Sul da ponta de Mutá, e outras tantas ao Norte de Ilhéus. As sumacas sobem por êle quatro léguas até a primeira cachoeira, onde há uma populosa Aldeia com uma hermda.

(526) O trecho da "Corografia brasílica" constante da nota que na presente edição se transcreve literalmente da obra original, aparece vertido em alemão, com admirável fidelidade, no livro de Wied.

(527) Esse quadro até hoje pouco se modificou, sendotradicional a malignidade das febres palustres reinantes no vale do Rio Gongogi (cf. O. Pinto, *Rev. Mus. Paulista*, XIX, ps. 20-21).

se tornaram menos frequentes. Colhemos nos rios dessa zona, tais como o Ilhéus, o Taípe e outros, várias pequenas plantas aquáticas muito delicadas, das quais uma, *Azolla**, se mostra à tona d'água, e outra, *Potamogeton tenuifolius*, Humboldt e Bonpland** vê-se um pouco mais ao fundo; encontrámos esta última reunida a uma espécie de *Caulinia****.

A região banhada pelo Rio das Contas contém muitos exemplares notáveis para a história natural. Ao declinar do dia, observei grande quantidade de sapos (*Bufo aqua*, Linn.)⁵²⁸, alguns de dimensões colossais, cujo dorso cinzento-amarelado é coberto de manchas irregulares bruno-denegradas****; a voz do "ferreiro" se ouvia nos pântanos. Os caçadores do local me garantiram que aí se encontrava uma espécie de jacú (*Penelope*), que não habita nem mais ao sul nem mais perto da costa. Embora não tenha visto essa ave, a descrição que dela me fizeram deixa presumir que seja *Penelope cristata* de Linneu⁵²⁹.

Como nos aproximássemos, ao crepúsculo, do lugar em que os nossos burros pastavam, vimos esvoaçar em volta deles grande número de morcegos, fazendo grande barulho com o bater das asas. Com grande pesar de nossa parte, nada pudemos fazer contra esses ameaçadores inimigos, porque a escuridão nos impedia de atirar sobre eles. Ficámos bem inquietos pelos nossos pobres animais, o que tinha muita razão de ser pois que, quando voltou a luz do dia, os encontrámos todos escorrendo muito sangue; verificámos, então, que alguns haviam perdido tanto sangue que não estavam em condições de nos servir durante aquele dia. Esses vampiros (*Phyllostomus*) fazem um grande orifício na pele dos animais com os seus dentes, abrem-lhes a veia e sugam-lhes o sangue, que continua escorrendo muito tempo depois que dele se fartarem. Conta Koster que, em alguns lugares, costuma-se suspender por cima do animal uma pele de coruja para preservá-lo daqueles perigosos inimigos *****. Não pude determinar a espécie a que pertenciam esses morcegos, tão numerosos no lugar em que nos achávamos;

(*) (Suplem.). *Azolla magellanica* Willdenow; SCHRADER, op. cit., p. 715.

(**) (Suplem.). *Najas tenera*. SCHRADER, op. cit., p. 715.

(***) (Suplem.). *Caulinia* Willd. (= *Fluviatilis* Persson) *tenella*, Nees ab Essenbeck: C. folios oppositis, linearibus argute serratis flexilibus, caule trichotomo.

(****) Daudin publicou uma boa estampa desse animal em sua *Histoire naturelle des rainettes, des grenouilles et des crapauds*, est. XXXVII.

(*****). Cf. KOSTER, *Travels*, etc., p. 292.

(528) *Bufo aqua* Daudin cá na sinonímia de *Bufo marinus* Linn. Dos nossos sapos é o mais comum e também o que atinge maiores dimensões.

(529) *Penelope cristata* Gmelin é espécie centro-americana, extranha à fauna brasileira. O autor não voltou a fazer depois qualquer nova alusão à ave, a que se refere por informação dos naturais. É' quasi certo, porém, tratar-se da espécie descoberta pouco depois em Poções por Spix, que a descreveu com o nome de *Penelope fuscicauda*, aproveitando-lhe o nome vulgar. Ela ocorre em grande parte do interior da Bahia e vai até o Piauí.

todavia presumo, pelo que me informaram os habitantes, que se trata de "guandirás" ou "jandirás"*530.

Vl, ao partir, grande quantidade de belos pombos selvagens, que a princípio tomei por *Columba speciosa*, mas que logo depois me convencei pertencerem a uma espécie particular, que eu nunca vira e cuja carne é de muito bom paladar**531.

Segui, pelo espaço de aproximadamente uma légua, o vale do rio, e em seguida, rumámos para o Norte, em direção às montanhas. Essa região é pouquíssimo habitada. O solo é todo coberto de mata espessa; as bromélias e os altos "taquarussús" tornam impenetráveis os trechos mais cerrados. Aparece em abundância no lugar a bela gralha de barba azul a que Azara chamou Acahé*** (*Corvus cyanopogon*), mas que os naturais conhecem por "quem-quem"532.

Um dos meus homens, que marchava descalço junto dos burros, distinguíu, em tempo inda de poder matá-la com uma paulada, uma vrbora enrolada sobre si mesma nas folhas secas ao pé da estrada. A' primeira vista parecia, pela coloração e aspeto, ter a maior seme-

(*) O "Guandirá" das regiões que percorri, parece-me ser uma espécie diferente do vampiro comum (*Phyllostomus spectrum*): dou-lhe o nome de *Phyllostomus maximus*. Não só é maior que o vampiro de Azara ("chauve-souris troisléme" ou "chauve-souris brune"), como possui uma cauda, caráter que falta inteiramente ao último. O guandirá por mim encontrado tem as dimensões seguintes: comprimento, 5 polegadas e 1 linha, compreendida a cauda muito insignificante sômente indicada na membrana das asas; envergadura das asas, 22 polegadas e 10 linhas; altura da orilha externa acima da cabeça, 8 linhas; altura da membrana acima do nariz, entre 4 e 5 linhas; comprimento do polegar, 5 linhas e meia; comprimento do metatarso, 11 linhas e meia. Parte superior do corpo cinzento bruno carregado, às vezes um pouco avermelhado; partes inferiores mais pálidas.

(**) *Columba leucoptera* parece maior que a "trocais" (*Columba speciosa*); forma esbelta; bico anegado; pés vermelhos; plumagem cinzento-azulada; penas do pescoço marcadas por uma linha arqueada, estreita, escura; uropígio azul cinzento vivo; penas do bordo externo da asa e coberteiras superiores brancas, o que forma nessa porção da asa, uma larga cercadura desta cor.

(***) (Suplem.). Temminck, em sua bela obra intitulada *Nouveau Recueil de Planches coloriées d'oiseaux*, tab. 58, deu-nos uma figura do "Acahé" pela qual não se pode fazer uma idéia exata dessa ave; com efeito, as suas partes superiores não são absolutamente azues como a figura as representa, mas sim, quasi pretas; a cauda, particularmente, é preta; a parte superior do pescoço e a nuca são branco-azuladas, passando muitas vezes ao violeta. Pelo contrário, a bela cor azul, que ornava essa 58.ª estampa, pertence integralmente à gralha azul de cauda branca, que eu citei em curta nota à página 000 do segundo tomo desta descrição de viagem. É possível que, pintando essa estampa se tenha sido levado a erro pela descrição de Azara, pois devo observar que este naturalista, aliás tão escrupuloso, descreve as cores com pouca exatidão, ou muito superficialmente; assim é que ele, por exemplo, chama muitas vezes azul-celeste a cor plúmbica ou de cinza, azul-celeste, ou mesmo azul, o preto, com brilho apenas perceptível de azul, etc.

(530) Convém recordar que os morcegos hematófagos pertencem a uma família particular, *Desmodiidae*, cujos membros se reconhecem especialmente pela conformação característica dos dois incisivos centrais superiores, falciformes e estreitamente contíguos. A espécie mais comum é *Desmodus rotundus* (Geoffr.), de que é sinónimo *Desmodus rufus* Wied ("Abbildungen" e "Beiträge", II, p. 233), cuja descrição baseou-se num único exemplar, obtido no Espírito-Santo (Itabapuna) pelo naturalista germanico, que não pôde suspeitar-lhe porém o regimen alimentar.

(531) *Columba leucoptera* Wied corresponde precisamente à gralha ésto-brasileira de uma espécie descrita no Paraguai por Azara, com o nome de "Piazuro", e mais tarde denominada tecnicamente *Columba piazuro* por Temminck (1813). Entretanto, o nome proposto pelo zoólogo prussiano, precedido que fôra por *C. leucoptera* Linn. (espécie norte-americana, pertencente hoje ao género *Melopelia*), teve que ser substituído, donde chamar-se *C. piazuro marginalis* Naumburg a ave referida por Wied. A raça paraguaia, a que falta quasi inteiramente o branco no lado externo das asas, estende-se também pelo Brasil meridional (Rio Grande do Sul) e oeste-meridional (Mato-Grosso), onde é frequentemente confundida com *Columba speciosa* Gmelin, sob a denominação de "pomba troça". Acrescente-se que a forma ésto-brasileira foi por Wied, no vol. IV (pag. 459) das "Beiträge", erroneamente identificada a *Columba poecliptera* Vieillot, sinónimo de *C. maculosa* Temminck, ave platina, que no Brasil ocorre apenas no extremo sul (Rio Uruguai).

(532) No original "geng-geng". Já houve referência a esta gralha do Cap. XV.

lhança com a "jararaca"; mas, depois de examiná-la com mais atenção, reconheci que se tratava de espécie bem distinta^{*533}.

Entre os vários acidentes que testemunhei, limito-me a citar um apenas. Um chinês, que morava perto de Caravelas, na "fazenda" em que eu me achava, foi mordido por uma cobra. Como já era tarde e não dispunha de outro meio, amarrei o pé acima da ferida, sobre a qual se viam duas pequenas gotas de sangue; escarifiquei-a, e, em seguida, chupei-a longamente, pois ninguém ousava fazê-lo. Depois queimei a ferida com pólvora de caça, apliquei compressas de sal e, finalmente, fiz o homem ingerir sal misturado com aguardente.

O doente, tal como todos os que foram mordidos por cobra, sentia fortes dores no pé; receiava muito pela vida, tanto mais que várias pessoas de idade se mostravam descontentes com a forma pela qual elle havia sido tratado; deram-lhe, sem eu ver, uma infusão de plantas. Na manhã do dia seguinte, as dores tinham desaparecido; foram-se as inquietações; infelizmente não pude, nem mesmo aproximadamente, determinar a espécie de serpente, pois não a puderam matar.

O Sr. Sellow me comunicou um acidente mais grave: o jovem "Puri", que o sr. Freyreiss comprara em São Fidelis, foi, quando caçava, mordido no pé por uma vibora⁵³⁴, no mês de outubro de 1816. A perna estava um pouco inchada quando elle voltou para casa, meia hora depois; amarraram o pé, escarificaram a ferida e chuparam-na várias vezes; como não dispunham de outro sudorífico, deram aguardente ao enfermo; queimaram a ferida várias vezes com pólvora de atirar, depois deitaram-no numa rede e polvilharam a ferida com pó de cantárida. O pé inchou prodigiosamente.

Um cachorro mordido de cobra experimentou acidentes inteiramente diferentes, o que foi talvez devido à espécie do animal. Foi com um dos meus cães de caça, mordido no pescoço por uma vibora, nas moitas junto à areia da praia. O pescoço logo inchou, assim como a cabeça, e essas duas partes do corpo ficaram tão monstruosas que a custo se distinguíam os olhos. Ao cabo de três dias, durante os quais se teve que obrigá-lo a só ingerir líquidos, a inchação desapareceu da mesma forma que a doença; entretanto a pele do pescoço ficou

(*) Essa serpente venenosa pertence ao género *Cophias*, estabelecido por MERREM (cf. *Versuch eines Systems Amphibien*, pag. 154); é uma espécie ainda não descrita que denomino *Cophias holosericeus* por causa do seu bello brilho aveludado. Por sua forma e coloração parece muito com a jararaca (*Cophias atrox*), com que geralmente se confunde no Brasil; observando-as atentamente, verificam-se as diferenças. Cabeça chata e muito saliente no ponto de nascença dos maxillares, o que lhe dá a aparência de um ferro de lança; essas duas partes salientes são marcadas por uma lista clara longitudinal sobre fundo mais carregado; essas listas nascem em cima dos olhos. Parte superior do corpo bruno-escuro, cor de café, que rebrilha com um bello veludo, marcado de manchas mais claras, losangicas, distribuidas longitudinalmente no dorso, com as pontas opostas; comprimento, 22 polegadas e 6 linhas, inclusive a cauda com 3 polegadas e 5 linhas e meia; 46 pares de placas caudais.

(533) O autor nas "Beiträge" (vol. I, p. 490), volta a tratar dêsse offidio sob o nome duvidoso de *Cophias holosericeus*. Está-se geralmente de accordo em reconhecê-lo na espécie descrita por Wagler com o nome de *Bothrops newiedi* (vulgarmente "jararaca de rabo branco"), mediante exemplares colleccionados por Spix.

(534) "Viper" no original. Vibora é nome que os europeus de ordinário applicam, genericamente às serpentes venenosas.

sempre mole e caída. Uma cadela, ao contrário disso, referida por mim anteriormente na relação de minha viagem, foi mordida no quarto dianteiro perto de Vila-Viçosa; o seu corpo inchou muito, e, depois de ter uivado durante toda a noite, morreu no dia seguinte às dez horas da manhã.

Um mineiro, que ali se encontrava, trouxe duas raízes, cujas virtudes enalteceu; uma delas estava esponjosa e insípida, o que o fez rejeita-la; ao contrário fizeram uma forte infusão com a outra, que era muito amarga e parecia ser a raiz de *Aristolochia ringens*. E' difícil apurar se a evacuação que se seguiu foi devida à infusão, à aguar-dente ou à mordedura. A noite foi tranquila; no dia seguinte o pé e a perna estavam inchados com o dobro de seu tamanho natural. O doente sentia um tal grau de irritabilidade que, ao menor ruído, punha-se a gritar e chorar. Tendo o mineiro declarado que um doente nesse estado não pode ver mulher, o jovem índio, quando ouviu a voz de uma moça que ali se achava, bradou: "Maria, cala a boca!"

Como o sangue lhe escorria da boca, não lhe deram mais remédios, e aplicaram-lhe no pé fôlhas provavelmente de *Plumeria obovata*; o doente declarou que sentia um grande alívio. Espalhou-se, por cima da ferida, o pó da raiz dessa planta; o doente não tardou em sarar.

Numa pequena viagem, que o Sr. Sellow fez, nos arredores do Rio de Janeiro, encontrou um negro que, mordido por uma cobra, estava estendido por terra, parecendo sentir-se extremamente mal: tinha o rosto abatido, respirava ruidosamente, botando sangue pela boca, nariz e orelhas. Deram-lhe para comer gordura de um grande lagarto ou "teiú" (*Lacerta Teguzin* Linn.). E' um medicamento que se encontra sempre na casa dos camponeses do Brasil. Antes lhe haviam feito tomar internamente e aplicar por fora uma infusão duma espécie de *Verbena*, a que o Sr. Sellow deu o nome de *virgata*; dizem que é um poderoso sudorífico. Si bem que o Sr. Sellow não tenha podido aguardar o fim da cura, o que acaba de ser contado basta para dar idéia da maneira pela qual os habitantes do campo do Brasil tratam os doentes dessa espécie. E' exatamente como entre nós: cada qual conhece um remédio que é muito melhor do que o dos outros; depois recomenda-se por cima um certo número de Padre-nossos e Ave-Marias.

Terminada essa pequena digressão, volto à narrativa de minha viagem.

Passei a noite acampado num pequeno prado, rodeado de matas, conhecido por "Cabeça do boi". Notei junto de nós uma *Aristolochia* de enormes flores amarelas de forma muito snigular*. Humboldt menciona uma espécie desse gênero, cujas flores são de dimensões tais que as crianças cobrem com elas a cabeça como si fossem um gorro. Vi-me obrigado, para ter água para beber, a mandar procurá-la por vários dos meus homens. Depois de andarem longo tempo à procura, acharam enfim uma poça d'água bastante clara, em cima dum rochedo,

(*) (Suplem.). *Aristolochia marsupiflora*. SCHRADER, op. cit., p. 719.

no fundo da mata; guardaram também em suas vasilhas a água que se tinha conservado entre o caule e as folhas e ôcas das bromélias. Foi com tal recurso que pudemos desalterar a sede dos homens, dos cães e dos papagaios. Quanto aos nossos pobres animais de carga, que não puderam subir no rochedo em que se achava a água, foram obrigados a passar sem beber até o dia seguinte. Afim de aliviar o seu tormento o mais depressa possível, partí desde muito cedo e atravessei de novo vastas florestas, onde as árvores aumentavam progressivamente de altura, à medida que a costa se aproximava.

Entre vários vegetais novos, notei três espécies de *Ilex*, de belas folhas lustrosas, algumas muito grandes*. Os rebanhos de gado que se mandam vender na Baía estragam de tal modo essa estrada nos tempos de chuva, que os animais correm o risco de quebrar as pernas; além disso, as montanhas, muito íngremes, causam também grande obstáculo à sua marcha, mórmente quando há declive e o terreno untuoso e barrento está molhado, tornando-se escorregadio. Uma dessas montanhas foi particularmente penosa de escalar; foi preciso uma hora inteira para chegar ao alto dela. Havia aí árvores de *Bombax* ou "barrigudas", de troncos monstruosos. Suas grandes flores de cinco pétalas longas e esbranquiçadas, cobriam todo o solo em volta. Há muitas espécies dessas *Bombax* que se distinguem prontamente pela forma de suas folhas; em algumas são lobadas, porém as da que me refiro são inteiras. Vi sobre os troncos muitos lagartos de um belo verde diversamente matizado; não eram muito ariscos, porém inchavam o saco da garganta, logo que alguém se aproximava. Essa faculdade lhes valeu o nome de "papo-vento"⁵³⁵ que lhes deram os portugueses**.

No dia seguinte atravessei uma zona ondulada, parcialmente coberta de altas florestas; só encontrámos nela água turva e má para beber. Abundava aqui nas matas o "imbuzeiro", árvore do "imbu", fruto amarelo e arredondado do tamanho duma ameixa e de gosto aromático extremamente agradável***.

(*) (Suplem.). *Celastrus ilicifolia*. SCHRAEDER, op. cit., ps. 719 e 720. *Celastrus quadrangulata*. Op. cit., p. 716.

(**) *Agama catenata*, bela espécie ainda não descrita; comprimento do corpo, 3 polegadas e 5 linhas e meia; cauda, 6 polegadas e 11 linhas; alguns exemplares são maiores. Cór, verde capim claro; extremidade do focinho e listas transversais da cabeça, amarelo esverdeado, cercados de preto; o resto da parte superior da cabeça cinzento bruno, com listas mais carregadas. Ao longo do dorso, estende-se uma pequena crista membranosa, dentada, cercada duma série de manchas cinzento bruno carregado com bordos pretos, orlada por uma linha verde vivo; manchas do dorso um tanto esverdeadas no centro, ora mais próximas umas das outras, ora mais afastadas em losango; pequeno apêndice preto fora da linha verde, seguindo-se de cada lado do dorso uma larga faixa reta verde azulada pálido que se prolonga um pouco além da base da cauda, depois desaparece, terminando do lado verde do animal por uma série de pequenos pontos pretos muito juntos; pequenas manchas escuras isoladas, espalhadas sobre o fundo verde. Parte inferior branca, marcada em baixo dos olhos e de cada lado do pescoço por uma lista negro bruno, e salpicada de pequenos pontos e manchas negro bruno isoladas.

(***) *Spondias tuberosa* ARTUDA. Vide KOSTER, Traveis, etc., p. 496, em apêndice.

(535) Em lugar de "papa-vento", lê-se no original "Paga-Vento", aparentemente por simples lapso. A espécie corresponde à actual denominação de *Enyalitis catenatus catenatus* (Wied), e é vulgarmente conhecida por "papa-vento", (nome comum a numerosas espécies) ou "anjibú-acanga", segundo Amaral (Mem. Inst. Butantan, XI, p. 176).

Fazendas em que se possa passar a noite são raríssimas nessa zona. Em plantações outrora cuidadas, hoje deixadas ao abandono, vê numerosas moitas de soberbas *Bougainvillea brasiliensis*, tornadas inteiramente vermelhas pelas grandes brácteas, e, ao lado delas, realçando o quadro, a *Cassia* de flores alaranjado vivo.

Encontrámos nesse local, da mesma forma que em várias fazendas do sertão, um alpendre de forma particular, aberto dos lados e coberto por um teto; os forasteiros se metem dentro dele para passar a noite ao abrigo das intempéries. A casa do proprietário da "fazenda" de Santa Inês ficava nas imediações desse alpendre, cercando-a de todos os lados as plantações e a mata. Mostraram-me uma pele gigantesca de um "tigre" preto (*Felis brasiliensis*)⁵³⁶, morto havia pouco nas matas vizinhas; media 6 pés de comprimento fora a cauda; não me quiseram cedê-la, porque os portugueses a empregam como mantas de montaria.

As tropas de Minas e do sertão, que se tinham abrigado como nós sob o alpendre, levavam consigo muitos papagaios, ainda novos; ensinavam-lhes a falar para vendê-los na Baía.

Fazia luar, e o tempo estava belíssimo; aproveitei-o para mandar meu pessoal caçar rãs da espécie "ferreiro", extremamente abundantes nos charcos próximos. Armaram-se dum tição aceso e voltaram com vários desses animais. O "ferreiro" é uma espécie nova de rã, que ainda não foi descrita^{*537}. Não é muito grande; por isso mesmo a força da sua voz ainda mais surpreende. Encontrou-se também outra pequena rã que é elegantemente sarapintada **.

Depois de deixarmos Santa Inês, a nossa viagem se tornou mais amena. A região toma um aspeto mais romântico; as matas são mais altas e frondosas e dão por conseguinte mais sombra e frescura. Encontrámos com frequência água muito boa. A estrada desce sempre, cada vez mais, deixando perceber que nos vamos aproximando do litoral.

Em breve atingimos o vale banhado pelo Rio Jiquiriçá, que não é muito caudaloso, mas que se precipita espumando por sobre pitorescos rochedos, através de matas sombrias. "Fazendas" isoladas, com seus tetos vermelhos, mostravam-se de quando em quando, no meio

(*) Denominei-a *Hyla faber*; comprimento, 3 polegadas e 9 linhas; patas muito longas, dedos grossos, palmas arredondadas e fortes; meias-membranas natatórias nas patas anteriores; corpo amarelado, inteiramente tirante a cor de terra, com uma lista escura estendida desde o extremo do focinho até entre as côxas; côxas e pernas marcadas por faixas transversais acinzentadas pálidas; linhas escuras estreitas e em parte alteadas na porção anterior do corpo; pele lisa, apenas chagrinada de pontos salientes no ventre esbranquiçado; alguns indivíduos eram de cor oliva, porém, exceto essa diferença, pareciam pertencer à mesma espécie.

(**) *Hyla aurata*, espécie não descrita: comprimento, 1 polegada e 1 linha; coloração, verde oliva bruno carregado, algumas vezes bruno oliva; linha amarela ou amarelo doirado indo transversalmente de um a outro olho; linha semelhante na nuca, um pouco interrompida no meio, prolongando-se até à extremidade do corpo; de cada lado sobressai uma linha semelhante; algumas manchas amarelas ou amarelo doirado no alto das espáduas e das côxas.

(536) Cf. pg. 166.

(537) Cf. pg. 132.

de pequenos prados, situados nas vertentes das montanhas ; lembravam a paisagem dos Alpes europeus. Essas pequenas habitações campestres aumentam de número à medida que se desce o curso do rio.

A' noite, encontrei na "fazenda" de Areia várias famílias reunidas, e especialmente os moços da redondeza. Como era domingo, todos procuravam divertir-se cantando com acompanhamento de "viola" e fazendo toda sorte de brincadeiras. A' nossa chegada todos largaram o divertimento e correram para nos ver, enchendo-nos de perguntas. Como na maior parte das localidades do sertão aquí não existe igreja e os habitantes, que moram a pouca distância uns dos outros, se reúnem para ouvir missa em comum, e passam o resto do dia divertindo-se.

Caminhámos sempre seguindo o curso do rio, que se foi tornando cada vez mais forte e impetuoso ; viam-se através das velhas árvores das florestas as suas águas brancas de espuma e barulhentas ; são frequentemente avolumadas pelas águas de vários ribeiros, cujo leito é constituído apenas de rochas primitivas, completamente nuas ; corre-se a todo o instante o risco, atravessando-os a vau, de cair do cavalo. A argila untuosa e amarelo-avermelhada, que forma o terreno da maior parte da estrada, é por tal forma encharcada pela abundância das chuvas, que os caminhos ficam inteiramente sem firmeza ; as "boiadas", que por elles passam, agravam êsse inconveniente, com os buracos fundos que fazem. Os morros e os espigões que constantemente se succedem, aumentam a fadiga da marcha para os animais muito carregados, de forma que só se pode viajar muito lentamente.

Vim descobrindo sem cessar um número de habitações isoladas, que nos oferecia pontos de vista muito pitorescos, sobretudo nessa época em que, por efeito da grande humidade somada ao calor, a vegetação se desenvolve com riqueza e perfeição maravilhosas. Vi em alguns pontos muitas vigas, fortemente resistentes, empilhadas ; os índios juntam-nas assim para depois construírem jangadas, que fazem flutuar no rio até o mar. A "povoação" de Jequiriçá, situada na embocadura do rio, é em grande parte habitada por índios que comerciam com o "vinhático" e outras árvores úteis, abatidas por elles no seio das florestas e transportadas depois rio abaixo. Nas enchentes bastam três dias para a jangada chegar ao seu destino ; quando as águas baixam, essa operação exige o dobro do tempo. Cada tronco de madeira lhes é pago de 6.000 a 8.000 réis, cêrca de 19 a 25 florins em nossa moeda, pelo trabalho de derrubá-lo e transportá-lo. Vão, vestidos pela metade, ou mesmo inteiramente nus, sôbre as jangadas, e dirigem a marcha com uma longa vara, deslizando aquelas por cima dos rochedos de que o leito do rio está erissado, como si fosse formado de degraus. Essa tarefa seria perigosa para elles, si não fossem, como são, hábeis e experimentados nadadores.

Grande número dêsses índios estavam reunidos em Bom Jesus, fazenda inteiramente envolvida pela mata espessa, onde cheguei num domingo à tarde e passei a noite. Divertiam-se à moda portugueza,

tocando "viola". Mandáramos na frente a nossa bagagem e acendemos fogo num dos alpendres, para onde eles acorreram quando nos viram chegar.

Caiu chuva torrencial nessa noite, o que, com grande pezar nosso, ainda piorou mais os caminhos e nos tirou a esperança de podermos conhecer as curiosidades daquelas florestas; foi uma grande contrariedade, pois o canto de várias aves interessantes, com particularidade o do "jurú" (*Psittacus pulverulentus* Linn.), nos tinha feito ficar muito animados. Esperámos com impaciência que o dia clareasse, consolando-nos com uma mudança de tempo que viesse condizer com os nossos desejos. Estes, porém, não se realizaram. Todavia, como não me era possível permanecer no vale estreito de Bom-Jesus, dei o sinal de partida, apesar da chuva. Surgiu então um novo impecilho. O pequeno rio de Bom Jesus, que se reúne nesse ponto ao Jequiriçá, tinha engrossado de tal forma, durante a noite, que ameaçava inundar o nosso acampamento. Transpô-lo a vau não era mais possível; foi assim preciso, debaixo de aguaceiro torrencial, perder muito tempo em descarregar novamente os animais e fazer passar toda a tropa numa jangada, feita de quatro troncos de árvores. Durante essa operação, extremamente penosa, a nossa bagagem ficou totalmente molhada, e fomos obrigados a conservar no corpo o dia inteiro as nossas roupas encharcadas d'água.

Nos países equatoriais, pelas tempestades da estação chuvosa os rios se enchem tão depressa que, durante a noite, pode-se ser alcançado de surpresa pelas águas transbordantes; eles, porém, voltam aos seus limites naturais no mesmo curto espaço de tempo. A nossa marcha sob uma chuva violenta, que teria sido insuportável para homens franzinos, não nos molestava menos, embora estivéssemos afeitos à fadiga; mesmo assim, tivemos muitas coisas interessantes com que nos ocupar. As matas virgens que atravessámos se tinham tornado tão escuras, com o tempo encoberto e chuvoso, que já supúnhamos se aproximar a noite. São magníficas as selvas tropicais, quando, durante um dia claro, os raios do sol, dardejando através de sua espessura, realçam a beleza de sua sombria verdura; mas, quando a sua obscuridade é aumentada pela tonalidade fusca de um dia de chuva, o seu aspecto é ainda mais interessante. Surgem milhares de seres vivos, que ainda não se havia observado; bandos inumeráveis de rãs fazem ouvir o seu canto nas poças d'água e nos charcos, nas touças das bromélias, nos ramos das árvores, na superfície do solo; no óco de velhos troncos caídos por terra, juntamente com uma infinidade de plantas e de insetos faz-se também ouvir a voz forte e grave dum grande sapo, causando espanto aos forasteiros, que não atinam donde ela venha*. Os répteis, animados pelo calor acompanhado de umidade, adquirem toda a atividade compatível com a sua natureza. Os papagaios, notadamente os "jurús" (*Psittacus pulverulentus*) voam gritando de um lado para

(*) Não vi esse grande sapo de voz tão grave; é talvez o *Bufo* água de Linneu.

outro, para manterem em atividade as suas asas molhadas pela chuva. Fenecidas ao calor dos dias anteriores, as fôlhas das árvores e as flores vivamente coloridas duma porção de plantas carnosas ostentam toda a sua riqueza e parecem adquirir nova vida : *Dracontium*, *Caladium*, *Pothos*, *Bromelia*, *Cactus*, *Epidendrum*, *Heliconia*, *Piper* e uma infinidade de outras plantas de textura succulenta, que se desenvolvem em companhia dos fetos sôbre as árvores cobertas de musgos, levantam as suas sumidades e muitas delas enchem a mata das mais suaves emanações. Refrescados e reanimados, todos êsses ornamentos do reino vegetal, entre os quais cumpre colocar as palmeiras, a começar pelas espécies de *Cocos*, principal enfeite das florestas virgens, adquirem um grau de vigor mais acentuado, quando, após a chuva, os raios do sol lhes fazem sentir sua influência salutar.

Na tarde dêsse dia chuvoso, embarcámos em Corta-Mão, pequena "povoação" duma centena de casas, e transpuzemos o Jequiriçá que estava cheio e impetuoso. Passámos em seguida uma noite desagradável num engenho de farinha, aberto de todos os lados. Na manhã do dia seguinte, puzemo-nos de novo em caminho, e fizemos uma légua, para traz, para ir ter à "povoação" ou seja ao pequeno "arraial" de Lage, onde nos aguardava uma cena extraordinária e extremamente desagradável. Caminhávamos tranquilamente numa trilha muito fechada, que ia ter a Lage, povoado grande, situado num vale, quando, de repente, ví a passagem barrada por grande número de pessoas. Eram aproximadamente uns setenta homens munidos uns de armas de toda espécie, e outros simplesmente de paus ; precipitaram-se sôbre nós de todos os lados, de sorte que foi impossível nos opôr aos movimentos dêsse bando de homens brancos, mulatos e negros que mais pareciam uns bandidos. Alguns deles tomaram pelas rédeas o meu cavalo, gritando que eu estava prisioneiro e que não escaparia à sorte que tanto eu merecera. Tratavam-me de "inglês" ; alguns pareciam conceber tantos receios a meu respeito que conservavam os seus fusís a tiracolo apontados para mim. Apreenderam imediatamente os nossos fusís de caça, foices e pistolas ; arrancaram até das mãos de Queck, o meu pequeno Botocudo, o arco e as flechas. Alguns dos meus homens, por que se recusaram a entregar as suas armas, foram quasi maltratados. Mas quando nos viram desarmados, a coragem dessa canalha assumiu uma audácia incomparável. Pois si eram setenta homens armados contra seis desarmados ! Realmente, não era nada pequena a sua valentia ! Para nos livrar dêsse tumulto, de que nada eu comprehendia, e conhecer a causa de tão extranho tratamento, perguntei a êsse bando de loucos si tinham um chefe, como se chamava e onde estava ? Responderam-me laconicamente que o capitão Bartholomeu, que era o comandante, não tardaria a chegar, e me faria a devida justiça. Efetivamente, ví que se adiantava um homem de mau aspecto, sujo, esfarrapado e coberto de suor, com o fusil na mão. O seu zelo não lhe permitira esperar-nos à frente de sua companhia ; correrá ao nosso encontro, mas falhara o golpe. O aparecimento do

chefe poz fim, felizmente, às disputas que se haviam levantado sobre a posse de nossas pessoas, no seio desse bando de possesores ; aos gritos e vociferações dessa barulhenta multidão, succedeu um silêncio que me foi muito agradável ao ouvido.

Temendo não obedecer com bastante pontualidade às severas ordens de seu superior, o "capitão mór" de Nazareth, o "capitão" Bartholomeu fez tirar todas as nossas armas, até os nossos canivetes e facas. Fui, em seguida, com a minha gente, levada para uma casa aberta, situada na estrada ; um grupo de homens armados foi colocado diante de nossa sala, e um outro na porta. As portas e as janelas não se fecharam durante o dia, nem tampouco durante a noite, embora esta tivesse sido bastante fria. Deixaram entrar indistintamente marinheiros embriagados, negros escravos, mulatos, brancos e todos os ociosos que nos quizessem ver ; instalaram-se à vontade, durante todo o tempo que lhes aprouve ; sentaram-se em nossos bancos, enxotando-nos ; fizeram em altas vozes comentários políticos a nosso respeito, e não nos deram um só momento de repouso. Soube então que me tomavam por um inglês ou americano e que tinha sido preso por uma série de medidas de segurança tornadas necessárias por causa da revolução que rebentara em Pernambuco.

Esses fatos muito consternaram alguns dos portuguezes que eu levava comigo ; ficaram com má impressão a meu respeito, imaginando que os havia enganado. Minha "portaria", que certamente me teria valido em qualquer outra circunstância, de nada me serviu no caso, porquanto, embora mais de vinte pessoas enfiassem a cabeça ao mesmo tempo para lê-la, nenhuma compreendeu o seu conteúdo, e o comandante do bando ainda menos. E' o que prova sobretudo a qualificação de inglês que me deram no relatório dessa ocorrência, apezar da "portaria" expressamente declarar que eu era alemão. Aliás era bem provavel que em Lage ninguém suspeitasse que havia no mundo outros países além de Portugal e Inglaterra. Fizera em seguida um inventário de todas as minhas bagagens e entreguei as chaves de todos os meus cofres. Alguns dos meus guardas, levados pelo amor desordenado da presa de guerra, insistiam para que fossem abertos e revistados todos os meus objetos de uso ; mas o "capitão" Bartholomeu pensava por demais razoavelmente para o consentir. Ao meio dia os prisioneiros obtiveram um pouco de peixe salgado ; mas tiveram oportunidade de ver submetida a prova a sua paciência, escutando toda sorte de ditos ofensivos, até que a noite viesse pôr um termo a essa insuportável situação. Não nos trouxe ela, entretanto, muito descanso, pois os importunos não nos deixaram.

Fôra meu projeto descansar nos arredores de Lage, percorrendo as florestas da redondeza. Os meus animais de carga, muito fatigados, necessitavam também passar alguns dias descansando ; mas de manhã muito cedo chamaram-nos para nos pôr em marcha. Deram-nos para comer um pouco de mau peixe salgado ; em seguida, fizeram seguir

os nossos burros, que haviam sido esquecidos no tumulto e que, deixados sem comer a noite inteira, caíam de fraqueza. Não importava, era preciso partir. Uns trinta cavalariãos e infantes, armados de fusis e pistolas carregadas, nos foram dados como guardas; tinham constantemente o olho alerta para o menor dos nossos gestos. A' frente da comitiva ia um novo comandante; fechavam-na, os meus animais de carga. Atravessámos assim lindos trechos cobertos de matas. Em cada fazenda por que passávamos, corriam os moradores em chusma para nos ver, apontando com o dedo os criminosos e repetindo constantemente os nomes de "ingleses" e "pernambucanos". Ao cair da tarde, fizeram alto numa "fazenda" isolada, onde nos vigiaram severamente e onde, além disso, apenas havia o que comer, principalmente para os meus animais, que sofreram muita penúria. Enfim, um dos meus cavalos ficou tão cansado que foi preciso deixá-lo para traz.

No segundo dia de nossa viagem como prisioneiros, partimos, ainda de manhã muito cedo, e depois de percorrermos algumas léguas, encontrámos de repente um destacamento de trinta soldados de milícia, bem uniformizados, sob o comando do capitão da Costa Faria. O caso, então, tomou um aspeto mais sério aos olhos do povo. Durante a marcha, minha gente foi insultada de todos os modos pelos soldados; mostravam-lhes as armas carregadas, dizendo-lhes: "Olha para vocês, ingleses tratantes!" Batiam nos cavalos; não sabiam o que mais fazer para nos atormentar.

A' tarde, chegámos por um caminho intransitável, à "povoação" de Aldeia,⁵³⁸ situada próxima da costa; tem o aspecto de uma vila. Expede para a Baía pequenos barcos carregados com os produtos da redondeza. Uma légua depois, chegámos a Nazareth, nosso ponto de destino. Fizeram-nos atravessar o Jaguaribe no meio duma multidão incrível; puzeram-se guardas para vigiar as nossas bagagens e para manter um pouco em ordem toda a gente que se comprimia para nos ver. Eu próprio fui conduzido pelo "capitão" ao meu arrogante juiz, o "capitão-mór". Já estava escuro quando entrei em sua casa; não me apareceu logo; acenderam a sala e, depois, me chamaram. Um pobre acusado, trazido diante dum tribunal criminal, não teria sido olhado com mais curiosidade do que eu fui. Quanto ao "capitão-mór", honrou-me apenas com um olhar. Ouviu friamente as minhas queixas sobre o tratamento injusto e indigno que havia recebido; em seguida despachou outros criminosos, colocados na mesma categoria em que eu fora incluído. A minha paciência estava exgotada; não pude conter a indignação e a cólera. O capitão-mór, enfim, depois de ter por muito tempo examinado a minha portaria, declarou-me que esse documento, si bem que concebido em termos muito favoráveis para minha pessoa, não era bastante, que ia escrever o seu relatório incontinente ao governador da Baía, e que, enquanto aguardava a resposta, eu continua-

(538) Wied escreve "Aldéa". Aldeia foi primitivo topônimo da cidade de Aratufpe, distante 6 quilômetros da de Nazareth. Publiquei anos atrás algumas notas sobre a ornithologia dessa localidade, por mim visitada em excursão organizada pelo Museu Paulista (cf. Rev. Museu Paulista, XIX, p. 6 e ss.).

ria preso. Os cinco homens que me acompanhavam foram chamados e interrogados sobre o seu nome e lugar de nascimento e em seguida encerrados comigo no andar superior duma grande casa vazia; as portas se fecharam sobre nós. Felizmente já era noite quando nos conduziram para essa prisão; pois, de outro modo, a população nos teria talvez atirado pedras.

O "capitão-mór" se esforçou por diminuir as agruras da nossa situação tanto quanto o permitiam as suas instruções, atenção pela qual eu lhe manifesto de bom grado as expressões do meu reconhecimento. Desde que nos trouxeram a lenha e a água necessárias, fecharam-se as portas de nossa nova prisão; soldados ficaram montando guarda em volta da casa. Somente um dos meus homens, teve permissão para sair, sob escolta, afim de ir comprar os víveres de que necessitávamos. Passei assim três dias, ao cabo dos quais o governador da Baía mandou ordem para me porem em liberdade.

Esse desagradável incidente causou-me grande perda de tempo e de vários objetos interessantes que se estragaram, pois a nossa marcha forçada não me deixou tempo para fazer secar as coisas que se haviam molhado. Teria de boa vontade deixado imediatamente o território de Nazareth, que esse incidente me tornara odioso; mas a falta de navios que se dirigissem para a Baía me reteve ainda por oito dias nessa localidade, e forçou-me a estudá-la.

Nazareth, cognominada "das Farinhas", é uma "povoação" que bem merece o nome de vila. Suas ruas são bastante regulares; contém alguns edificios notáveis, e, incluindo as habitações isoladas das redondezas, que pertencem à paróquia, contam-se nela cerca de 8.000 almas. Possui duas igrejas; a principal é grande e bem construída. Nazareth das Farinhas acha-se situada sobre ambas as margens do Jaguaripe. Verdejantes colinas, cobertas em parte de campos cultivados e de casas, emprestem às margens do rio um aspeto risonho. Vêm-se, por toda parte, coqueiros e dendêzeiros, erguendo nos ares os seus caules esguios. O principal recurso do lugar é o seu comércio com a cidade da Baía. Todos os domingos e segundas-feiras um certo número de "barcos" ou "lanchas", carregados de produtos das plantações, partem para a capital. Descem elas o rio aproveitando o refluxo, atravessam à vela a baía de Todos os Santos, e chegam após vinte e quatro horas à cidade. A carga consiste principalmente em farinha, cuja produção não é, contudo, superior à de Caravelas e outros lugares situados mais ao sul; expedem também bananas, côcos, mangas, diversos outros frutos, toicinho, aguardente, açúcar, etc. Todos esses produtos são naturalmente mais caros aqui que nos lugares mais meridionais e afastados da capital; pois aí um alqueire de farinha só vale 1 pataca e meia ou 2 patacas (3 a 4 francos), ao passo que em Nazareth custa de 6 a 8 patacas. Mandam-se principalmente muitas frutas para a capital; porém não sabem cultivá-las. O coqueiro e a mangueira (*Mangifera indica* Linn.) crescem muito bem nas margens do Jaguaribe e tornam-se aí muito altos; mas não dão sinão frutos medíocres

e pequenos, enquanto que na Baía queima-se a casca das arvores rente ao solo, e, por esse meio, se obtêm frutos maiores e de gosto mais saboroso. O fruto do "dendezeiro", grande e bela palmeira da Africa, cultivada nessa região e chamada "côco-dendê", emprega-se na extração de um óleo de côr alaranjada, que é usado na comida. Várias frutas européas dão aqui muito bem, como por exemplo as uvas e os figos; esses últimos, porém, são tão ávidamente procurados pelas aves que se é obrigado a envolver cada um deles separadamente em papel. As macieiras, pereiras, cerejeiras e ameixeiras se cultivam também com resultado; todavia, dizem que há um inseto que não leva muito tempo para destruir essas árvores.

Parti sem pesar de Nazareth, onde havia passado toda a semana da Páscoa como prisioneiro e dirigi-me cheio de esperanças para a cidade da Bafa, onde projetava embarcar para a Europa. Comecei, de tarde, a descer o Jaguaribe. O dia tinha sido belo e sereno, o que nos prometia feliz viagem. Os barcos que partem semanalmente para a Bafa são pequenas embarcações cobertas com uma cabine que pode conter umas vinte pessoas; são de três mastros pequenos, os dois posteriores inclinados para traz. O "mestre" ou barqueiro é dono de alguns escravos, que lhe servem de marinheiros; mas, como não trabalham sinão contra a vontade, não se pode deles esperar muito socorro em caso de perigo.

As margens do Jaguaribe são pitorescas; várzeas verdejantes e colinas se sucedem umas às outras; vêm-se por toda parte fazendas garantidas de lindos coqueirais. Os proprietários são em geral oleiros; fabricam-se aí também muitas telhas; os produtos dessa indústria são mandados para a capital. A argila que esses oleiros empregam é de côr cinzenta; as vasilhas ficam vermelhas quando passam pelo fogo; dão-lhes ainda por dentro um verniz vermelho. Queima-se, principalmente nos fornos, lenha de mangues (*Conocarpus* e *Avicennia*), que contribue, segundo se diz, para dar uma côr vermelha às vasilhas. Os pescadores se opuzeram a princípio a que se cortassem essas plantas, supondo que atraíssem os peixes e caranguejos, e com isso facilitassem a pesca. Dizem mesmo que levaram as suas queixas ao Rio de Janeiro, não sendo porém atendidos.

A' meia-noite, deixámos cair a âncora diante da Vila de Jaguaripe. Ao nascer do dia, desfrutámos o panorama dessa pequena cidade, agradavelmente situada na margem meridional do rio, sôbre uma ponta de terra que forma a sua confluência com o Caípe; aquele recebe, além dêste, o Cupioba, o Tijuco, o Maragujipinho, o Aldeia e o Mucujo.

Jaguaripe é a localidade principal do distrito; aí é que devia residir o "capitão-mór", que no entanto mora em Nazareth. E' uma vila bem importante, porém mal povoada, pouco animada e bem menos comercial que Nazareth; exporta produtos de olaria para a capital. Vêm-se aí uma grande igreja e, junto das margens do rio a "casa da Câmara", que é a maior que encontrei em minha viagem.

Partimos ao raiar do dia, e ao cabo de uma légua, chegámos à embocadura do rio, à vista da grande ilha de Itaparica, chamada communmente Taparica, situada no golfo ou bafa de Todos os Santos, e que no seu lado occidental, é separada do continente apenas por um estreito canal. Os navios que vêm do Rio Jaguaripe tomam esse canal que é muito seguro, para chegar à "cidade" (Bafa); navegam entre a ilha e a terra firme; mas, assim como em toda essa viagem por água, é preciso dar atenção às horas da maré.

Nossa viagem ao longo da ilha de Taparica foi muito agradável e favorecida por um vento fresco. Avistam-se junto ao rio, bem como ao longe, encostas verdejantes, pitorescos morros plantados de coqueiros, lindas fazendas, enquanto, à toda volta, descortina-se o vasto panorama da superfície do rio, animada por barcos e canoas de pesca com suas velas de resplandescente brancura. Comprámos aos pescadores que passavam junto de nós uma quantidade de excelentes peixes e com eles preparámos um ótimo jantar. Logo depois a força da vasante nos fez dar de encontro a um banco de areia; só a custa de muito esforço e auxiliado pelo fluxo da maré é que nos pudemos livrar e flutuar de novo; mas uma rajada de vento fez de repente nosso barco tombar muito de lado, rasgando a melhor de nossas velas. Mau grado tudo isso, chegámos felizmente ao meio-dia na ponta setentrional da Ilha onde está edificada a vila de Itaparica. Deixámos aí cair a âncora para aguardar a volta da vasante.

A ilha de Itaparica tem de norte a sul uma extensão de 7 léguas; é fértil e bastante povoada. Divide-se em três paróquias; mas nela só existe uma única povoação ou vila. Todo o resto da população se acha disseminada pelo interior ou ao longo de suas praias. A maior parte de seus habitantes são pescadores.

A vila possui alguns edifícios bem construídos, instalações para a pesca da baleia e algumas igrejas. Os mercados são bem providos de toda sorte de peixes e frutas. Cultivam-se na ilha laranjeiras, bananeiras, mangueiras, coqueiros, jaqueiras, videiras, que dão frutos duas vezes por ano, etc.

A pesca da baleia é, em certos anos, muito produtiva nas águas do Brasil; em Itaparica todas as cârcas dos pomares e das roças são feitas com ossos de baleia⁵³⁹.

Exporta-se de Itaparica um pouco de aguardente de cana; fabricam-se cordas de piassaba que são, segundo se diz, muito duráveis.

(539) A pesca da baleia no Brasil, respeito à qual há vasta literatura (cf. Comte. Alves Câmara, in *Rev. Soc. de Geogr. do Rio de Janeiro*, V, ano 1889, ps. 17-43), foi já aqui objeto de oportuno comentário. Era proverbial a abundância d'esses cetáceos na baía de Todos os Santos, havendo larga referência ao assunto no relato de quasi todos os primeiros cronistas que conheceram a região. Gabriel Soares (capítulo CXXV), delas nos conta "entrarem na Baía muitas em o mês de Maio, que é o primeiro daquellas partes, onde andam até o fim de Dezembro que se vão". Cardim ("Tratados", edic. de J. Leite, 1925, p. 288) refere como das janelas do colégio dos jesuítas eram vistos os cardumes de peixes e baleias andar saltando n'água". Não obstante, muito incompletos, insignificantes mesmo, são os dados que temos sobre as diferentes espécies que visitavam os nossos mares. No Museu Paulista, há, provenientes dos mares de Santos, esqueletos completos ou parciais determinados como de *Balaenoptera musculus* (Linn.), *B. rostrata* (Müller) e *Megaptera nodosa* (Bonnaterre) ou "jubarte". Há, porém, ainda, além da *Physeter macrocephalus* Linn., ou "cachalote", registro autêntico da *Balaena australis* Desmoullins, além de outras, mais ou menos duvidosas.

Fazem-se cordas semelhantes em Amboina e em outras ilhas do Arquipélago oriental das Índias com os longos filamentos que crescem na base dos pecíolos das palmeiras*.

Da ponta setentrional da ilha de Itaparica, onde está edificada a vila, desfruta-se para o lado do norte uma bela vista do "Recôncavo", rodeado de montanhas de diversas formas, e coberto de velas brancas. Esse mar interior, famoso na história dos primeiros tempos do Brasil, mede 6 léguas e meia de norte a sul e mais de 8 de léste a oeste. E' em toda a extensão do seu perímetro abrigado por montanhas. Ao norte a pouca distância de sua entrada está situada a cidade de S. Salvador, que se costuma designar simplesmente pelo nome de Cidade ou Baía. No ponto mais distante dessa baía fica a foz do Paraguassú, comumente denominado Peruassú, oito léguas acima da qual, nas margens do rio, encontra-se a vila de Cachoeira de Paraguassú, que é a cidade mais importante e florescente da região, depois da capital. E' grande, bem povoada, e faz grande comércio com a Baía; todas as tropas vindas do interior param aí, para depois embarcarem para a capital, com seus animais e mercadorias. Todas as semanas partem dessa vila muitos barcos destinados à Baía.

Outrora essa zona era habitada pelos "Kirirís" ou "Carirís", tribu dos tapúias. O Pe. [Luiz Vincêncio Mamiani publicou a gramática dessa tribu **. Atualmente esses índios estão todos civilizados; o que deles resta é conhecido pelo nome de "Carirís da Pedra Branca"; são todos soldados. Quando o seu comandante recebe ordem de partir para uma expedição, eles levam consigo suas mulheres e filhos; à noite todos acampam. A cabana do comandante é colocada na frente das outras: ele os reúne para rezar a Ave Maria, e depois determinar-lhes o que devem fazer. Conta-se que esses militares índios, que mantêm obstinadamente os seus costumes, comem muito e não trabalham, causando por conseguinte ao Estado despeza maior do que os serviços que lhes prestam.

Os primeiros escritores que falaram do Brasil forneceram muitas particularidades sobre a história do Recôncavo ou Baía de Todos os Santos. Foi sobretudo famosa pelas guerras dos portugueses com as diferentes nações selvagens. Só depois de contínuos esforços, durante longa série de anos, com grandes perigos e sacrifícios inúmeros, conseguiram acabar, nessas hordas selvagens, com o costume cruel de comer os prisioneiros. Em tempos mais remotos ainda, várias nações indígenas disputaram essa região. Dizem que os "Tapúias" habitaram a princípio as margens do Recôncavo; foram daí expulsos pelos "Tupinaés" e "Tupinambás", que vieram das margens do Rio São Francisco e já estavam na posse dessas belas regiões, quando os portugueses desembarcaram nas costas do Novo Mundo. Christóvão Jacques des-

(*) Vide LABILLARDIERE, *Voyage à la recherche de La Pérouse*, t. I, p. 302.

(**) "Arte de grammatica da lingua brasilica da nação Kiriri", composta pelo P. Luis Vincencio Mamiani, da Companhia de Jesus, missionario nas aldeas da dita nação". Lisboa, 1699.

cobriu a baía de Todos os Santos em 1516. Em seguida os portugueses se estabeleceram aí, fizeram guerra aos indígenas, e os jesuítas conseguiram cativar os selvagens, deshabitá-los de comer carne humana, e por fim civilizá-los de todo.

Nosso barco ficou em Itaparica até ao cair da noite; levantámo-nos àncora no começo da vasante e atravessámos a baía, cuja largura é de 5 léguas entre esse porto e a cidade da Baía. Um vento forte se levantara, que agitava fortemente o mar, de sorte que a travessia em nossa pequena embarcação foi desagradável e fatigante; mas chegámos sem acidente à Baía lá pela meia-noite.

A cidade São-Salvador da Baía de Todos os Santos é a antiga capital do Brasil; foi durante duzentos anos a residência do Governador Geral desse país. Acha-se situada sobre a vertente de uma escarpada montanha que ladeia a baía: a sua parte mais importante está situada no alto; a parte restante, habitada principalmente por mercadores, está situada a beira-mar. Essa cidade mede uma légua de extensão de norte a sul; é construída bastante irregularmente, embora possua grande número de vastos edifícios. É bela a vista da Baía do lado do mar; entre os prédios vê-se verdejante arvoredado, constituído geralmente de laranjeiras. Si bem que a parte alta da cidade seja a mais importante, suas ruas não são calçadas, e mostram ainda vastos terrenos e pomares, separando muitas das habitações; mas a bela vegetação e uma perspectiva magnífica fazem esquecer os defeitos encontrados. Vários pequenos vales ostentam pomares e plantações em que os meus homens realizaram algumas excursões, matando animais interessantes, como por exemplo o pequeno sauí de tufo de pêlos brancos nas orelhas (*Simia Jacchus* Linn., ou *Jacchus vulgaris* Geoffr.)⁵⁴⁰, que nunca havíamos encontrado mais ao sul. Acharam também, nos edifícios da cidade uma bela coruja*, que muito se parece com a nossa coruja das torres⁵⁴¹.

O conde dos Arcos, governador geral, mandou construir recentemente uma larga e cômoda estrada que sobe da cidade baixa até o seu

(*) Essa ave é a que Marcgrave descreveu na p. 205 com o nome de *Tuidara*. Foi considerada como uma simples variedade da "coruja de igreja" da Europa (*Strix flammea* Linn.) cujas ligeiras diferenças seriam devidas ao clima. A do Brasil se assemelha à nossa pela maioria dos caracteres; entretanto, os seus pés, dedos e unhas parecem ser mais compridos e fortes; a plumagem é mais clara; as partes inferiores, em lugar de serem amarelo pálido como na nossa, são brancas, um pouco coloridas de amarelo em alguns pontos; observam-se também aí pequenas pintas isoladas mais escuras. A cara tem pouco da coloração bruna que cerca os olhos, e as penas retrizes têm, além das listas transversais mais carregadas, manchas marmoreadas mais visíveis; ao passo que na espécie europeia essas partes são quasi côm de ferrugem, não manchadas, e somente atravessadas por listas mais escuras. Já PENNANT fizera notar, em sua *Zoologie arctique* (trad. alemã de Zimmermann, t. II, p. 224), que a sua coruja branca tem a parte inferior do corpo inteiramente branca, o que condiz perfeitamente com as minhas observações sobre a coruja do Brasil.

(540) *Hapale jacchus* (Linn.) é o "sagui" vulgar em todo o litoral nordestino, desde a baía de Todos os Santos. Não obstante, os autores dão-lhe como pátria típica a ilha de Marajó, opinião tanto mais difícil de explicar, à primeira vista, quanto Linneu só lhe indica vagamente a procedência ("habitat in America"), abonando-se em vários autores, entre eles Marcgrave. Ocorre por vezes até nas ilhas mais próximas à terra firme (Madre de Deus) embora o fato parece de explicação difícil, a menos que se admita a interferência do homem.

(541) *Tyto alba tuidara* (Gray) na atual nomenclatura. Representa uma raça da coruja das torres europeia (*Tyto alba* (Scopoli), *Strix flammea* (Linn.)) e conta em sua sinonímia *Strix perlata* Lichtenstein.

palácio. Como não há carros nessa cidade, servem-se os habitantes, para subir e descer as ruas escarpadas, sem se cançarem, de uma "cadeira"; é uma espécie de cadeirinha com um assento encimado por um docél, e tendo cortinas em volta; é carregada por dois pretos. Sem esse recurso, não se poderia dar um passo na cidade, quer quando o tempo está bom e o sol é ardente, quer quando chove e as ruas não calçadas são intransitáveis.

A cidade alta está cheia de conventos e igrejas, das quais algumas belíssimas. Destacam-se também a fortaleza que domina a cidade e o palácio do governador, que é bastante grande; finalmente a praça d'armas. Nessa parte da cidade é que se encontra o tribunal régio e os colégios, entre os quais um ginásio, onde se ensina o latim e o grego, a filosofia, a retórica, as matemáticas, etc., e uma biblioteca de 7.000 volumes muito enriquecida pelo Conde dos Arcos; possui até várias obras novas sobre todos os ramos do conhecimento. Essa biblioteca está instalada no antigo colégio dos jesuítas; grande perda resultou de se não ter tido bastante cuidado com os papéis dessa ordem religiosa; foram em sua maior parte dispersados.

Os serviços prestados pelo Sr. Conde dos Arcos são suficientemente conhecidos para que eu possa fazer silêncio sobre eles*. Durante o tempo em que foi governador dessa província, nada esqueceu que lhe pudesse ser vantajoso; conhecendo a língua e as instituições dos países estrangeiros, instruído por suas viagens nas diferentes partes do Brasil, esse ministro ativo e esclarecido consagrou todo o seu tempo em introduzir melhoramentos. Honra e protege as ciências e as artes; põe um zelo constante e infatigável em sustentá-las e animá-las. Trata os estrangeiros com distinção: podem eles confiadamente contar com o seu apoio; fundou uma imprensa e uma fábrica de vidros; a cidade lhe deve um passeio público e diversos outros embelezamentos; instituiu uma loteria em benefício da biblioteca: o lucro dela é destinado à compra de livros; fez plantar no "Passeio Público" a verdadeira quina do Perú. Várias plantas da Europa e de outras regiões atraem aqui a atenção do botânico, entre outras o chorão (*Salix Babilonica*), que é muito belo e vigoroso. A quina, de Santa-Fé de Bogotá, ao contrário, não se parece ter dado bem neste país, provavelmente porque ele não convém à natureza dessa planta. Vê-se também um obelisco, que foi erigido para conservar a lembrança da estadia do rei nessa cidade.

O panorama que se desfruta na parte alta da cidade é magnífico. A baía estende ao longe a sua superfície serena e lisa; vêm-se as embarcações ancoradas ao longo de suas margens; outras se aproximam com suas velas enfunadas por um vento favorável, ou então apressam a sua marcha em direção ao Oceano, dando salvas de canhão para saudar a fortaleza. Descobre-se ao longe a ilha de Itaparica; e um

(**) Pouco depois de minha chegada à cidade da Baía, o rei nomeou o conde dos Arcos ministro da marinha, sendo seu título atual: Ilustríssimo Excellentíssimo Senhor Conde dos Arcos do Conselho de Sua Magestade, Ministro e Secretario d'Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos, etc.

anfiteatro de pitorescas montanhas fecha o horizonte por todos os lados, patenteando aspetos encantadores. Independentemente dos passeios públicos, providenciou-se na cidade alta pelos prazeres de seus habitantes com a construção de uma sala de espetáculos; esta, porém, é de gosto um tanto antigo, menor que a do Rio de Janeiro, e enfeitada por pequenos obeliscos, colocados em cima do telhado.

Contam-se na Baía 36 igrejas e grande número de conventos, por onde se pode fazer uma idéia da quantidade de eclesiásticos e frades que nela existem. Em alguns conventos de mulheres, as religiosas fazem lindas flores com as penas das aves do país, tão notáveis pela variedade e diversidade de suas côres. Elas mostram êsses ramos de flores aos estrangeiros que vêm visitar o Convento.

A parte baixa da cidade só tem umas poucas ruas ao longo da margem muito estreita; contém as lojas, os armazens dos negociantes, uma bolsa que se deve ao Conde dos Arcos, o arsenal e os estaleiros. Na ocasião em que aí estivemos, concluiu-se a construção duma fragata. As embarcações que se fazem na Baía são afamadas, pois as florestas do Brasil são ricas em excelentes madeiras de construção naval.

O comércio da Baía é muito ativo; essa cidade serve de entreposto para os produtos do Sertão, os quais exporta para as diversas partes do mundo; encontram-se em seu porto navios de todas as nacionalidades. Navios de passageiros mantêm comunicação constante com Portugal e Rio de Janeiro e, como bons veleiros que são, fazem a travessia em muito curto tempo. Os habitantes das praias vizinhas trazem todos os produtos de suas plantações para a capital, afim de trocá-los por mercadorias de diversos países. Essas trocas constantes e ativas rapidamente fizeram da Baía uma importante cidade, que deve exceder de muito em tamanho, o Rio de Janeiro. Pode-se fazer uma idéia da rapidez do progresso da cidade, levando-se em conta que, em 1581, contava apenas 8.000 habitantes e todas as cercanias da baía não possuíam mais de 2.000, entre os quas não se compreendiam nem negros nem índios*. Hoje a população da Baía se eleva a mais de 100.000 almas.

O aspeto interior dessa grande cidade não oferece um aspeto agradável; não se nota ali nem asseio, nem ordem, nem gosto; a arquitetura é pesada. Os jesuitas fizeram vir da Europa as pedras já preparadas para a sua igreja e o seu convento. As casas não são todas construídas com o mesmo gosto: algumas são altas, bastante parecidas com as da Europa e ornadas de balcões; outras, porém, baixas e bem insignificantes; todas no entanto com janelas envidraçadas. Durante a estação seca, o calor é insuportável, principalmente na cidade baixa; um mau cheiro de toda espécie a torna ainda mais incômoda. Uma multidão sempre em movimento, constituída em sua maior parte de homens de cor, agrava êsse inconveniente. Negros aos grupos de doze, vinte ou mais, para carregarem objetos pesados,

(*) SOUTHEY, *History of Brazil*, tomo I, p. 317.

marcham gritando e cantando afim de conservar o passo igual ; todas as mercadorias são transportadas assim do porto até à cidade ; outros mercadejam toda sorte de objetos de um lado para outro gritando para anunciar aquilo que estão vendendo ; de cada lado da rua, vêm-se os fogareiros que as negras conservam sempre acesos, para cosinhar e assar as gulodices, que vendem aos seus compatriotas, e que nada têm de apetitosas.

Os usos e costumes dos habitantes se parecem completamente com os dos portugueses da Europa ; dizem que nas classes altas reina um luxo desenfreiado. Os estrangeiros, filhos de nações marítimas e comerciais, são muitos numerosos ; há sobretudo muitos ingleses e, atualmente, um número também considerável de franceses ; pelo contrário, ainda são poucos os alemães e os holandeses.

Durante o dia não se vê nenhuma mulher nas ruas ; só ao findar do dia é que a sociedade elegante sai de suas casas, para gosar o fresco da tarde ; ouvem-se então os cantos e o som dos violões. Entre as diversões populares, nas ruas da Bafa, contam-se as procissões e as cerimônias religiosas, que se realizam frequentemente em consequência da quantidade incrível de dias santos. As ruas são então bem varridas ; cobrem-nas de areia branca e de flores ; iluminam-se as janelas, e as procissões, à luz de grande número de cirios que os fiéis levam na mão, marcham ao som dos sinos e aos estouros dos fogos de artifício, em direção à igreja, enfeitada para recebê-la. Os enterros se fazem igualmente à noite, à luz das tochas e archotes ; conserva-se ainda o funesto hábito de sepultar os mortos nas igrejas. Depois de receber o defunto a bênção e numerosas aspersões de água benta, fazem-no baixar ao jazigo subterrâneo : os padres se retiram, e os negros acabam de cobrir de terra o esquife. Após dois anos de intervalo, ouvi novamente o som do órgão nas igrejas e o tanger dos sinos.

Lindley e Andrew Grant, descreveram com bastante exatidão o Rio de Janeiro e a Bafa. Pode-se, pelas suas descrições, fazer uma idéia sobretudo das cerimônias religiosas em uso no país. Nessas duas capitais, que crescem todos os anos consideravelmente, fazendo progressos no caminho da civilização, não se vêm hoje tantas extravagâncias, tantos usos ridículos, nem os costumes pouco em harmonia com o espírito moderno, que esses viajantes observaram. Por exemplo, não existe mais a mínima diferença entre o modo de vestir dos habitantes das cidades do país e o dos europeus ; o luxo e a elegância reinam em alto grau por toda parte.

Grant, muito particularmente, em sua "Description of Brazil", falsieia uma porção de nomes e comete toda sorte de inexatidões, falando das coisas referentes à história natural.

Uma guarnição bastante numerosa vela pela defesa da cidade da Bafa ; aí se encontram quatro regimentos de tropas de linha e outros tantos de milícia, entre os quais um de negros e um de mulatos. O governador viu-se várias vezes na necessidade de empregar essas tropas

de homens de côr para reprimir as revoltas dos pretos escravos, pois estes formam a maioria da população da Baía. Os distúrbios de Pernambuco, que irromperam na ocasião de minha estada na capitania da Baía, haviam exigido o envio de todas as tropas disponíveis. Navios de guerra, carregados de soldados e armamentos, chegaram do Rio de Janeiro à Baía; os que se achavam no porto da Baía a eles se juntaram e foram bloquear o porto de Olinda ou Pernambuco.

Esses fatos deram ocasião a que na Baía se fizessem elogios à conduta do Conde dos Arcos. Graças à presteza e sabedoria das medidas que tomou, pôde conservar essa bela província para o rei, e conseguiu abafar o espírito de insurreição que alguns homens, cujas más intenções eram conhecidas, procuravam excitar para os seus interesses pessoais. Esses facciosos souberam atrair a seu partido vários sacerdotes, que, prevalecendo-se da ascendência que a religião lhes dava sobre o espírito inculto dos brasileiros, podiam se tornar muito perigoso para a tranquilidade pública. Martins, Ribeiro e Mendonça, chefes da conspiração, foram fusilados publicamente na Baía: alguns sacerdotes mesmo foram punidos com o mesmo suplício. Os habitantes da cidade da Baía deram por essa ocasião provas de sua fidelidade e sua dedicação ao rei; a insurreição foi por todos desaprovada; si mais instante se tornasse o perigo, a verdade disso se teria manifestado mais abertamente por atos.

Várias fortalezas põem a cidade da Baía ao abrigo dum ataque: a entrada da baía de Todos os Santos é defendida pelo forte de Santo-Antônio da Barra; a cidadela está situada na cidade alta; um outro forte foi construído no porto em frente da cidade, com várias baterias de canhões de grosso calibre; atiram com elles em certas ocasiões, principalmente nos dias festivos, e para responder à saudação dos navios que entram.

Minha demora na antiga capital do Brasil foi de curta duração; não tive tempo mesmo de visitar os estabelecimentos científicos da cidade, embora fossem ainda em pequeno número. Além da biblioteca pública, para cujo engrandecimento o Conde dos Arcos se empenhou com tanto zelo, o que se tornará de grande valia no difundir luzes nessa porção do país, encontram-se na Baía outras coleções de livros que possuem preciosíssimas obras antigas e modernas. Vários conventos, como, por exemplo, o dos franciscanos, possuem manuscritos antigos curiosíssimos sobre o Brasil. Vivem também na cidade alguns sábios, entre os quais o sr. Antônio Gomes, correspondente do conde de Hofmannsegg de Berlim, os Srs. Paiva, Bivar e outros, que se dedicam ao estudo das ciências, e particularmente ao da história natural. Devo à gentileza do primeiro, que possui uma bela biblioteca, alguns escritos interessantes sobre o Brasil, e às obsequiosas informações dos outros várias observações sobre o clima da cidade e dos arredores de São Salvador.

Fui muito bem recebido por várias pessoas instruídas. O Sr. Conde dos Arcos apagou com a sua afetuosa atitude para comigo, e

com o interesse que demonstrou pelo desagradável incidente que me succedeu em Nazareth, toda a penosa recordação dêsse dia tão infelizmente perdido, a que o levante de Pernambuco dera lugar. Devo também me referir com gratidão à acolhida que recebi da parte do Sr. coronel Cunningham, consul de Inglaterra, e de sua família; apressaram-se em cumular-me de provas de gentileza. Teria de bom grado aproveitado por mais tempo tanta boa vontade, si o meu vivo desejo de rever a minha pátria não fosse o bastante para me obrigar a aproveitar a oportunidade que para isso se me apresentava. Esta me fez apressar a volta para a Europa.

REGRESSO À EUROPA

*Viagem até Lisboa. — Travessia até Falmouth. —
Percurso terrestre pela Inglaterra. — Trojeto até Ostende.*

O "Princesa Carlota", navio da India, tendo entrado na Baía, em viagem de Calcutá para a Europa, afim de tomar provisão, o governo o requisitara para levar munições de guerra para Pernambuco. Cumprida esta missão, esse navio voltou à Baía. Era confortável e seguro; resolví não perder essa excelente ocasião de voltar para a Europa embarcando para Lisboa.

Tendo feito as minhas despedidas às pessoas de minhas relações, embarquei na tarde do dia 10 de maio; antes da noite o capitão Bethencourt mandou suspender âncora. O vento estava favorável para sairmos da baía; abriram-se todas as velas e não tardámos a perder a cidade de vista. Entretanto, tendo diminuído o vento, que só soprava fracamente, avistávamos ainda o litoral nos dias 11 e 12. O termômetro se mantinha, ao meio-dia e ao sol, a 24 graus e meio Réaumur; a 23 graus à sombra e a 21 graus às 9 horas da noite.

Na noite de 12 o vento refrescou de novo, de sorte que a 13 pela manhã a costa desaparecera de todo. Para nossa grande satisfação o tempo continuava bonito, sem fazer calor ou frio demasiado. Ao meio-dia, o termômetro se mantinha sempre a 26 e 28 graus. Todas as providências foram tomadas para uma viagem de longa duração, levou-se o cabo da âncora ("amarras") para o porão, etc. Já entráramos na zona dos ventos alíseos, que sopraram quasi continuamente na nossa direção les-sueste durante toda a travessia, com diferentes intensidades; o mar tomara uma bela tonalidade azul carregado⁵⁴².

No dia 15, achávamo-nos próximamente à altura da foz do Rio São Francisco. Viam-se algumas pequenas procelarias pretas isoladas, e com mais frequência uma ave branca de asas negras, semelhante ao ganso de Bassan ("Bass Goose")⁵⁴³. Tivemos um pouco de calmaria nessa porção do Oceano; mas, ao cair da noite, a brisa sempre refrescava.

(542) Essa tonalidade, peculiar ao mar alto, traduz a pureza das águas, muito pobres de planc-ton (nome dado, em conjunto, aos seres vivos muito pequenos em suspensão) que abunda, pelo contrário, nas águas verdes do litoral.

(543) A espécie a que se refere Wied, indubitavelmente do género *Sula* Brisson, é com toda probabilidade o "mergulhão" ou "atobá" (*Sula leucogaster leucogaster* (Bodd.)), grande ave picívora de dedos totipalmados, muito frequentes em certos pontos de nossa costa atlântica, e com especialidade na costa de São Paulo (Ilha dos Alcatrazes) e na baía do Rio de Janeiro. Sua multiplicação excessiva pode chegar a comprometer seriamente a piscosidade dos rios e baías, facto de que encontramos insuspeito

A 17 o vento esteve muito forte, dobrou-se o cabo Santo-Agostinho. No mesmo dia deixámos para traz Pernambuco, o que causou muita satisfação a todos os passageiros, pois que seria de recear ser o navio aprisionado pelos vasos de guerra portugueses que cruzavam em frente àquela cidade e que poderiam novamente requisitá-lo. Tendo o vento se tornado menos favorável, fomos obrigados a aproar para a ilha de Fernando de Noronha. Recebemos violentas rajadas e fortes quantidades de chuva, consequência comum das proximidades da terra. Vimos nessas paragens muitas aves marinhas e bandos numerosos de peixes voadores.

A 20 de Maio havíamos passado Fernando de Noronha. O vento se mostrou de novo favorável, o tempo calmo, e um belo luar se veio somar aos prazeres da travessia. Sentados no convés, sob a aragem fresca da noite, contemplávamos muita vez a magnífica claridade dos altos mastros e nas brancas velas do navio, meditando sobre essa audaciosa invenção, como o gênio humano vence e domina todas as partes do mundo. A garbosa nave singrava tranquilamente como um pássaro e sem o menor ruído produzido pelo vento, a prôa da embarcação muito carregada, erguia-se sobre as ondas, para afundar-se nelas novamente. com a sua pesada massa cortava as vagas rolantes, fazendo-as rebentar em alva espuma. Assim, já havia quatro meses que o Carlota viajava de Calcutá para, arrostando sem o menor dano os ventos e as tempestades, enquanto no cabo de Boa-Esperança, navios de guerra sosso-bravam ao seu lado.

Alegrou-nos saber que havíamos deixado atraz de nós a ilha de Fernando de Noronha, pois nesse tempo costuma ser desfavorável a aproximação de terra. Não obstante, muito senti não ter visto essa ilha, cujo comprimento consta ser de três léguas e é sede de um posto militar vindo de Pernambuco. Serve como lugar de banimento aos criminosos condenados a essa pena em Portugal. Os habitantes cultivam muita mandioca e fazem abundante pesca ao longo das ruas praias.

Um aumento considerável do calor, pois às 9 horas da noite o termômetro se mantinha entre 21 e 22 graus, pancadas de chuva entremeados de calmaria nos anunciavam a aproximação do equador; efetivamente, atravessámo-lo na noite de 22 para 23 de maio. Encontrávamo-nos de novo no hemisfério setentrional, fato que encheu de visível alegria a todos aqueles que, a bordo, haviam estado longo tempo separados de sua pátria.

As calmarias e as grandes chuvas se alternaram ainda durante oito dias; o calor era fortíssimo. A's vèzes a chuva caía com tanta

testemunho numa nota do Visconde de Taunay, que nos conta ter sido essa ave, "verdadeira peste do porto de Laguna, e tal o estrago que faz ao pescado, que a câmara municipal paga para a sua destruição" (in *Patagens Brasileiras*, Cia. Melhoram. de S. Paulo, 1926, p. 126). Sua similar européia (*Sula bassana* Linn.), "Fou de Bassan", dos franceses (nome originado da abundância com que se multiplica na pequena ilha de Bass, do golfo de Edimburgo), é conhecida em Portugal por nomes vários, como "mascato", "facão", "ganso patola", etc.. Em mares do Brasil ocorrem ainda *Sula dactylatra* Lesson (Ilha de Fernando de Noronha) e, na ilha da Trindade, *Sula sula* (Linn.).

violência que entrava em vários pontos do navio. Quando nos achamos no paralelo das ilhas do Cabo-Verde, o calor diminuiu sensivelmente, pois que ao meio-dia o termômetro ao sol não marcava sino de 23 a 24 grus; o vento era geralmente muito forte: impelia-nos demais para lêste e fazia o navio inclinar-se para o lado, de sorte que as ondas cobriam grande parte do tombadilho.

Os temporais desagradáveis, que reinaram constantemente sob o paralelo das ilhas do Cabo-Verde, eram algumas vêzes interrompidos à noite por intervalos mais tranquilos, e gosávamos de um belo luar. Sentados então à pôpa do navio, podíamos contemplar à vontade a bela constelação do cruzeiro, no hemisfério austral, resplendendo com o máximo do seu brilho.

A 4 de junho, o tempo estava coberto, sombrio, nublado, e o vento impetuoso; avistámos uma embarcação de três mastros que se dirigia diretamente para nós. Temíamos já que fosse um navio corsario, quando ela arvorou o pavilhão dos Países-Baixos.

A 9 atravessámos o trópico de Cancer, tendo pouco antes observado sargaços flutuantes e aves-dos-trópicos (*Phaeton aethereus* Linn.), que os portugueses denominam "rabo-de-junco". Os sargaços se tornavam cada vez mais frequentes, o que levou os portugueses a chamarem êsse trecho do Oceano Atlântico "mar de Sargasso". Ao meio-dia, sob a temperatura de 22 graus, e com o céu quasi encoberto, pescamos uma porção deervas marinhas, nas quais encontrámos um pequenino caranguejo e várias espécies de peixes miúdos, notadamente singnatos. As aves-dos-trópicos nos haviam seguido de 8 a 12 de junho, por conseguinte até o paralelo da ilha Palma; conservavam-se sempre a grande altura, o que impossibilitou que matássemos uma delas sequer.

A 14 o tempo se mostrou belíssimo e muito nos divertimos em pescar. Um bando de dourados (*Coryphaena*) seguia o navio desde a véspera, rodeando-o por todos os lados; o contra-mestre conseguiu afinal fregar um dêsse magníficos peixes. Extraordinário divertimento proporcionou-nos a contemplação dêsse animal sôbre o tombadilho; a coloração geral do corpo é azul-celeste, diversamente lustrado de reflexos côr de ouro, com ponteações de azul ultra-mar. A própria iris é de uma côr azul-dourada magnífica, que se torna amarela quando o peixe está morto; aliás, perde êle então muito de sua beleza. Sua carne saborosa muito nos agradou, não tardando a ser arpoado um outro dêsse belos peixes. Rodeavam ainda o navio "alvacoras"⁵⁴⁴ e uma outra espécie de peixes denominados "judeus" pelos portugueses⁵⁴⁵; mas não se pôde pescar nenhum.

A 15 havíamos já deixado o "mar de Sargasso" e não mais víamos dêsse vegetais flutuantes; em compensação, as calmarias eram fre-

(544) *Thunnus alalunga* vulgarmente "alvacora" ou "albacora" (o autor escreveu "Alvacore") é peixe da família dos escómbridas, cujo exemplo mais conhecido entre nós é a "cavala" (*Scomberomorus cavalla*). Ao mesmo gênero pertence, n. "judeu" (*Thunnus thunnica* Cuvier), próprio ao Atlântico europeu.

(545) *Syngnathus acus* (Linn.), vulgarmente "agulha do mar".

quentes e a noite a temperatura era comumente de 18 graos. No dia 18 achávamo-nos próximamente na altura de Gibraltar, observando-se na superfície calma do mar, moluscos em grande número; destacavam-se particularmente *Physalis*, *Medusa pelagica* e um *Beroe*; viam-se, também, golfinhos⁵⁴⁶ e a *Procellaria pelagica*.

A 19 a brisa, refrescando, permitiu-nos que aproássemos para os Açores e a costa de Portugal; ficou mais forte no dia 20; as vagas vinham arrebentar sobre o tombadilho; à tarde a chuva, acompanhada de rajadas de vento, obrigou-nos a ferrar quasi todo o pano. A 21 o tempo estava encoberto e ameaçador; o vento sibilava, a chuva caía em torrentes; a água corria ao longo do passadiço; as vagas espumantes batiam no navio com tamanha violência que lhe sacudiam continuamente o costado. Avistámos uma embarcação que, da mesma forma que nós, se esforçava com pouco pano em arrostar a fúria do vento e das ondas. Lá para o meio-dia o vento, que até então soprara do norte com a maior impetuosidade, virou bruscamente para noroeste; essa mudança quasi partiu os nossos mastros, e lançou-nos numa confusão terrível. Todos acorreram ao tombadilho, e cada um poz mãos a obra para arrear as velas, operação difficil por causa da chuva violenta que acompanhava a tempestade. O capelão de bordo, que era um "maratte" de Goa, o cirurgião e os passageiros expuzeram suas vidas nessa ocasião. Após muitos esforços, conseguimos escapar do perigo.

O navio se viu obrigado a dirigir-se para sudoeste, o que para elle era sair da rota. Mais tarde a violência da tempestade abrandou um pouco, porém o mar continuava muito agitado e o vento continuava a soprar violentamente, mantendo-se então o termômetro a 17 graus ao meio-dia e 15 — à noitinha. No dia seguinte o tempo melhorou e a temperatura subiu. No dia immediato a atmosfera esteve carregada e chuvosa, e o vento forte. O navio corria 7 nós com as rizes das velas inferiores serradas; estava excessivamente tombado para o lado, posição para a qual muito concorriam os seus mastros feitos de madeira do Brasil, muito resistente, porém muito pesada.

Podíamos attribuir esse tempo desagradável e variável às vizinhanças das ilhas Açores. Vimos muitas embarcações que lutavam, também, contra a tormenta. Observámos que a temperatura da chuva era mais elevada que a do vento; o termômetro exposto a este só atingia 15°, ao passo que, quando o retiravam dele, subia a 16°; manteve-se nessa altura até a noite.

Ao meio-dia entrámos no canal que separa Faial de Flores. Pelos nossos cálculos, supúnhamos estar ao norte da primeira dessas ilhas, mas, à tarde, quando as nuvens espessas que cobriam a superfície do mar se descobriram um pouco, avistámos, a uma distância de 5 léguas, um alto promontório que fazia parte da ilha de Faial. Distinguia-se

(546) No original "Braunfisch", nome alemão da espécie *Phocaena phocaena* Linn.

para cá da costa pedregosa e escarpada uma pequena ilha rochosa que fez reconhecer que se tratava do cabo denominado Ponta das Capelinhas.

O capitão Bethencourt rumou então um pouco mais para o norte, e afastou-se da ilha, que foi onde nasceu e que não revia desde muitos anos. Confesso que muito desejava conhecer Faial; mas foi preciso nos conformar em não visitá-la.

Navegámos com um bom vento. Cêrca de meia-noite, avistou-se uma escuna que foi logo reconhecida como um corsário americano. O alarma foi geral, virou-se prontamente de bordo, e, como pareciam estar dormindo a bordo da escuna, tivemos a felicidade de escapar a mais êsse perigo. Ao raiar do dia tinha-se perdido inteiramente de vista aquele navio.

A 24, o tempo esteve sombrio e tempestuoso; o mar muito carregado vinha toda hora bater com violência de encontro ao nosso navio, que corria a 8 nós. Em pouco estávamos ao norte da ilha Graciosa. Avistámos vários navios; evitámo-los cuidadosamente porquanto grande número de corsários cruzam comumente essas paragens. Eles espreitam ávidamente os navios portugueses que vêm da Índia com ricos carregamentos, e que em sua travessia para chegar à Europa fazem rumo pelas ilhas Açores; aliás as rotas de muitos navios cruzam nas vizinhanças dêsse arquipélago. O mar tinha uma coloração plumbea e estava coberto de espuma branca; agitava fortemente o navio, que um forte vento favorável de pópa impeliu para diante, enquanto desabava copiosa chuva. Ao meio-dia vimos passar por perto de nós uma grande vela ainda presa ao mastro, o que nos fez supôr que talvez uma embarcação houvesse naufragado na tormenta que aguentáramos.

A 25 passámos os Açores; o vento, sempre muito forte, impeliavos para as costas de Portugal; variava constantemente, dando muito trabalho à tripulação. Nossos vigias no alto do mastro grande, assinalaram várias velas ao largo, que evitámos por não termos canhões a bordo. O espaço que nos separava do continente europeu não era muito considerável, mas, por causa dos corsários, oferecia mais perigo do que a distância imensa que já havíamos percorrido. Observavam-se atentamente todos os navios. Cada dia avistava-se um grande número deles, e imediatamente tomava-se uma direção diferente.

Essa manobra deu sempre resultado. Na manhã do dia 28 reconheceu-se no horizonte um navio que parecia seguir a mesma rota que o nosso. O piloto do Carlota, que já havia sido prisioneiro dos corsários, observou tanto quanto o capitão e toda a tripulação, com a maior atenção, êsse navio, pois todos êles julgavam distinguir em suas manobras sinais ameaçadores para nós. Em breve não foi mais possível ter dúvida. O navio avançou direto sobre nós, e largou todas as suas velas para nos alcançar. Ao meio-dia, foi reconhecido ser uma escuna americana; era portanto muitíssimo provável que iríamos nos haver com

um corsário. Nesse instante elle deu um tiro de canhão para indicar que o devíamos esperar, e içou o pavilhão português. A confusão chegou ao auge; cada qual desceu ao seu camarote para esconder o que possuía. Abriram-se buracos no interior do navio para meter ali tudo o que havia de mais precioso, como papéis, dinheiro, etc., si bem que se não devesse esperar esconder nada aos olhos ávidos de piratas excitados pela presa. Entremettes, foi servido o jantar, que logo terminou. A's palavras de "a escuna vai nos abordar", todos se reuniram sobre o tombadilho. Nossos olhos se fixavam inquietos e no maior silêncio sobre a embarcação que vinha sobre nós a todo o pano. Tinham descoberto os seus canhões; toda a equipagem sobre o tombadilho nos olhava atentamente, e no meio dela distinguia-se negros e mulatos, o que ainda aumentava as nossas suspeitas. No momento em que esperávamos, com ansiedade difficil de descrever, a decisão da nossa sorte, o comandante da escuna tomou o porta-voz e nos perguntou quem éramos e donde vínhamos. Respondemos, bem inquietos sobre o que é que nos iam elles replicar, quando, — com que inesperada satisfação! — os nossos marinheiros postados no cesto da gávia, reconheceram que o pretenso corsário era um navio de guerra português. A alegria se espalhou a bordo do nosso navio, e reciprocamente nos felicitávamos. A escuna se chamava "Constância". O official que a comandava nos ordenou que o esperássemos, acrescentando que nos ia enviar um bote. O tenente que veio nele confirmou a falta de segurança dessas paragens. A "Constância" era com efeito uma bella escuna americana de dezoito canhões, que o governo português comprara e armara. Havia deixado Lisboa, oito dias antes, para cruzar essas paragens, contra os corsários que as infestavam. Quatro meses antes, uma fragata portugueza aprisionara um deles. Um outro perseguira e atacara um grande navio português que voltava da India; não o aprisionou porque este, que levava vinte canhões, se defendeu bravamente.

Satisfeitos como estávamos de ver esclarecido de modo tão favorável um fato que nos causara tantas apreensões, a "Carlota" abriu todo o pano; a "Constância" fez outro tanto, e depois de içar o seu escalor a bordo, ela passou por nós, levada pelo vento, com a velocidade duma flecha, desejando-nos boa viagem. Em breve nos separámos, pois os dois navios corriam um para léste e o outro para o sul. O tempo, de chuva e ventania, que os portuguezes denominam "aguaceiro", nos servia às maravilhas; em algumas horas perdemos de vista o "Constância". No dia seguinte avistámos muitos navios, que evitávamos sempre. A 30 de junho, sargaços flutuantes e outros indícios nos annunciaram a proximidade das costas europeias. Um desses sargaços semelha uma larga fita; os navegantes portuguezes deram-lhe o nome de "curiolas".

A's 2 horas da tarde o grito de "terra! terra!" se fez ouvir do alto do mastro grande, enchendo-nos de alegria. Em breve distinguimos, num longe brumoso, o "cabo da Roca" nas costas de Portugal;

a sua extremidade aparecia à nossa vista como uma ilha suavemente arredondada; o litoral não tardou em desdobrar-se mais distintamente aos nossos olhos, apesar das nuvens que obscureciam um pouco a beleza da perspectiva. Navios de diferentes nacionalidades viam-se ao longe; vários barcos de pesca aproximaram-se de nós, e demos-lhes a entender, por meio dum sinal que foi içado que desejávamos um piloto. Ao cair da tarde uma "muleta", navio de pesca de construção singular, tendo o pavilhão dos pilotos, encostou ao nosso navio. Trouxe-nos grande quantidade de excelente peixe, e um piloto de Cascais, que logo subiu para bordo. Já era muito tarde para que pudéssemos entrar no Têjo; bordejámos até a manhã do dia seguinte.

A 1.º de julho, ao raiar do dia, estávamos todos no tombadilho para saudar as costas da Europa. Infelizmente o tempo não estava suficientemente belo para que pudéssemos bem distinguir a terra. A nossa fota se dirigia para a foz do Têjo, formada ao norte pelo "Cabo da Roca" e ao sul pelo "Cabo d'Espichel"; este último, que avança muito para o mar, é menos elevado que aquele. O mar tinha o mesmo colorido verde claro de ao longo das costas do Brasil⁵⁴⁷. Às 9 horas o "Carlota" passou a barra; o mar aí se quebra com violência à direita e à esquerda nos rochedos. "Muletas", "barreiros" e outros barcos de pesca de bizarras formas, bem como navios espanhóis cruzavam em todos os sentidos e navegavam connosco.

Nesse interim, o nevoeiro se dissipara. Avistámos, então, as duas margens do rio que se erguiam suavemente inclinadas; cobriam-nas aldeias, casas de campo, igrejas. Apesar da largura do rio, distinguíam-se a brancura das casas e os campos que já haviam sido ceifados. Deixámos á direita o forte de "Torre de Bujio" e à esquerda o forte "São Julião". O Tejo se vái estreitando. Passámos à frente de duas fragatas francesas surtas no porto e que estavam sendo visitadas por uma "bombarda" portuguesa.

Ao meio-dia, aproximadamente, o "Carlota" ancorou na margem setentrional do Têjo, em frente de Belém, que constitue o começo da cidade de Lisboa. As casas se sucedem daí ininterruptamente até à capital. A' tarde recebemos a visita da saúde. Não pudemos deixar o navio sem que todos os passaportes tivessem sido rigorosamente examinados. Dois navios de linha, que se achavam ancorados perto da cidade, e que daí a poucos dias deveriam ir buscar em Livorno a arquidukeza Leopoldina da Austria, para conduzi-la ao Rio de Janeiro, enviaram a bordo do nosso navio um oficial, acompanhado por um destacamento, para escolher um certo número de marinheiros, pois que faltavam homens em sua tripulação. Fomos pouco depois obrigados, por falta de vento, a ancorar de novo. Ao cair da tarde e durante toda a noite, grande número de soldados se alojaram a bordo para vijiar os marinheiros; atirariam sobre qualquer navio que se aproximasse.

(547) Cf. nota 542.

A 2 de julho movemo-nos de novo em direção a Lisboa. O aspecto dessa grande cidade é magnífico; estende-se ao longo do Têjo sobre colinas suavemente inclinadas. Distinguem-se no meio do seu branco casario, todo coberto de telhas avermelhadas, grandes edifícios e notáveis palácios, entre outros o da Ajuda ainda não concluído, a massa imponente das igrejas, etc. Entre as construções crescem bosques de loureiros sempre verdes, laranjeiras, limoeiros, misturados aos pinheiros e ciprestes; o seu verde carregado forma o mais agradável contraste com o verde claro das oliveiras. Nota-se, dominando esses tufos de verdura, o jardim da rainha. Toda essa perspectiva, no entanto, tem qualquer coisa de severa, parado, despido; procura-se em vão a frescura das plantas claras; os olhos só se deixam impressionar pela cor queimada do solo, pela brancura das casas e o colorido pardacento das árvores.

Ao meio-dia ancorámos diante do cais do sul ("Sodré") e da estátua do rei João I, que se costuma designar pelo nome de "Memória"; estávamos entre dois grandes navios de três mastros, que, como nós, regressavam de longínquas viagens.

A vista do rio nesse ponto é belíssima. Para o lado da terra, parece um mar, pois as suas margens, extremamente baixas, são tão afastadas que nem se avistam. Embarcações de todos os tamanhos, carregadas de produtos das regiões vizinhas, cruzam-se a cada momento; o rio apresenta assim um aspeto movimentado do maior interesse. O termômetro de bordo se mantinha a 19 graus ao meio-dia; porém o calor era muito mais forte nas ruas. Fazia um tempo soberbo.

Lisboa vista do Têjo agrada muito mais à vista do que quando nela se penetra. O solo é onduloso, desigual; as casas são separadas e mal conservadas, as ruas sujas. A cidade ocupa uma considerável extensão ao longo da margem setentrional do Têjo. Só à beira do rio é que realmente se vê uma cidade regular com suas ruas longas, algumas das quais bastante largas. Nas partes altas da cidade as casas são separadas umas das outras por jardins e até por campos. As ruas, na sua maior parte, são estreitas, mal assejadas, exalando portanto um mau cheiro extremamente desagradável quando faz muito calor. As casas são de pedra, geralmente de vários andares; todas têm balcões, donde se desfruta a vista do rio e das belas regiões que banha. O número de igrejas e conventos é prodigioso, e vêm-se frades de todas as cores.

Essa capital possui vários edifícios públicos. Notam-se entre outros o arsenal com seus estaleiros, a Casa das Índias com a alfândega e a bolsa reunidas no mesmo edifício, perto da bela e grande praça do Comércio, onde se erige a estátua de João I.

Lisboa tem uma Ópera e duas outras salas de espetáculos. Os cais, principalmente o cais Sodré, em frente ao qual ancoram os grandes navios da Índia, são muito frequentados; à noite, sobretudo, servem de passeio aos habitantes que aí vêm tomar um pouco de fresco. Dizem que antigamente a afluência do público e de vendedores era muito

mais considerável, nesse trecho da cidade, situado à beira do rio, do que hoje, tendo o comércio diminuído muito de importância. Os portugueses acusam o governo britânico por essa decadência de sua prosperidade; e daí a razão por que os ingleses não são geralmente estimados. O comércio é mais importante com as Índias orientais do que com o Brasil; os ingleses arruinaram completamente este último.

Portugal é sob vários pontos de vista muito mais atrasado que os outros países da Europa. A própria capital não possui várias instituições úteis que se encontram em quasi todas as pequenas cidades dos países civilizados da Europa. Tudo aí é caro, os carros ("seichas") e os albergues são extremamente maus. O pequeno número dos que pertencem aos estrangeiros não valem muito mais. As ruas não são iluminadas de noite; as estradas principais são mal tratadas; o correio para Madrid ainda é exclusivamente a cavalo; não há guardas para a vigilância noturna da segurança das ruas; mas atualmente se vêm por toda parte postos militares, mormente depois do levante que há pouco se verificou.

Essa capital de um país meridional chama a atenção de um habitante do norte da Europa por várias particularidades. A água, que vem das montanhas de Cintra, a uma distância de 4 léguas, por um belo aqueduto em pedra talhada, é carregada em toda a cidade por homens, que a vendem em pequenos barrís. Esses carregadores d'água, pertencentes às classe mais atrasadas do povo, vivem em bandos numerosos, em todas as fontes públicas. Todas as manhãs, muito cedo, fazem passar pelas ruas da cidade vacas e cabras com campainhas ao pescoço; são mugidas em frente das portas dos compradores de leite. Encontram-se nas ruas uma multidão de jardineiros, camponeses, moleiros, que conduzem tropas de burros e jumentos carregados de frutas, hortaliças, legumes, farinha, etc., que vendem a qualquer transeunte. Trazem para a cidade principalmente grande quantidade de frutas.

Vêm-se em Lisboa muitos grandes jardins, cujas árvores frondosas atraem os passeantes. Mas os portugueses estão também na retaguarda das outras nações na arte da jardinagem. Vêm-se por toda parte ainda árvores cortadas à antiga moda francesa, desfiguradas pelas formas bizarras e ridículas que lhes dão. O jardim da rainha está situado em Belém, na parte inferior da cidade, próximo à "ménagerie", hoje completamente vazia; compõe-se o jardim de um bosque de grandes árvores de diversas espécies, entre outras choupos prateados, loureiros, alfarrobeiras, etc., próprias dos climas meridionais; formam aléas rodeadas de sébes cortadas a tesoura: uma multidão de pássaros animam com o seu canto o arvoredo. O Passeio Público, situado no centro da cidade, foi feito no mesmo plano: esse passeio, si bem que pequeno, proporciona um grande prazer pelo frescor que espalha em

plena cidade aquecida pelo sol. Entre as árvores do país, agradam sobremodo altos e belos *Cercis*⁵⁴⁸.

O palácio do rei, edifício de tamanho medíocre, acha-se a pequena distância do Passeio Público. Estão construindo em Belém um outro denominado "palácio da Ajuda", mas falta muito ainda para ser concluído. Os estrangeiros vêm com muito maior interesse o "gabinete de história natural" que não fica longe do palácio, e é contíguo ao jardim botânico. Dizem que aquele já foi muito mais rico; todavia contém ainda muitas coisas curiosas, provenientes das possessões portuguesas nas diferentes partes do mundo. Napoleão, que considerava justa presa todos os objetos em que podia pôr a mão, conquistou uma fama imperecível entre os portugueses pela pilhagem desse gabinete: pois ele foi o primeiro conquistador que não poupou sequer os estabelecimentos científicos, nos diferentes povos que despojou⁵⁴⁹. Havia outrora nessas salas uma importante coleção de animais do Brasil. Atualmente ela não mais existe: acha-se em Paris. Todas as outras nações obtiveram ao menos, pelo tratado de paz de 1815, grande parte das curiosidades que lhes foram tiradas: os portugueses, porém, não foram tão felizes, e choram ainda a perda que sofreram; seria fácil de reparar, si uma ordem do rei encarregasse naturalistas de percorrer as diferentes províncias do Brasil, para preparar exemplares notáveis para o museu de Lisboa. Possui, contudo, ainda várias peças de grande valor, entre outras uma coleção de armas, utensílios e ornamentos de penas das diferentes tribus do Brasil, principalmente do Maranhão; as cores desses ornamentos são magníficas, porquanto são feitas de penas de araras, ararunas, tucanos, guarubas e outras belas aves. Há também entre as raridades desse museu dois "manatis" com 6 a 8 pés de comprimento.

O jardim botânico nem vale a pena ser citado: compõe-se de quadras cercadas de sebes baixas e cortadas a tesoura, e onde vegetam, em estado meio selvagem, plantas comuns. Duas pequenas estufas estão quasi vazias; vêm-se ao lado dela grupos de cactos muito vigorosos, e um dragoeiro (*Dracaena Draco*), cujos frutos estavam maduros. O estudo da natureza não parece contar muitos amadores em Portugal, e os próprios produtos naturais do país são em grande parte estudados por naturalistas estrangeiros, e por isso não nos deve surpreender que, aqui se descuide da pesquisa dos exemplares de história natural das colônias deste reino.

O espetáculo das coisas defeituosas, que precisam ser ainda melhoradas e aperfeiçoadas em Portugal, é compensado pelo aspecto das belezas naturais do país, principalmente durante a primavera. Na

(548) *Cercis siliquastrum*, "olala" dos portugueses.

(549) A. Neiva, em seu substancioso "Esboço Histórico sobre a Botânica e a Zoologia no Brasil" aduz interessantes informes sobre este ato de pirataria científica. A maior parte do material arrebatado do Museu Zoológico de Lisboa provinha da célebre expedição enviada ao Amazonas em fins do século XVIII pelo governo de Portugal, sob a chefia de Alexandre Rodrigues Ferreira, cujos notáveis trabalhos, na sua maioria inéditos até hoje, lhe valeram ser cognominado Humboldt brasileiro.

época, porém, em que nos achávamos, o ardor do verão havia despojado o campo de todos os seus atractivos. Desejava, portanto, vivamente chegar a um país mais setentrional e procurar, em seu clima mais temperado, um seguro meio de me repôr das fadigas de minha longa viagem.

Os paquetes ingleses, dos quais muitos partem de Falmouth nos primeiros dias de cada mês, constituem uma realização das mais agradáveis para os estrangeiros. Toda semana, Lisboa oferece uma tal oportunidade de viajar para a Inglaterra. Dela me aproveitei e embarquei no paquete "Duque de Kent", comandado pelo capitão Lawrence.

A 12 de julho, ao meio-dia, partimos com uma boa brisa; des-cemos em pouco tempo o Tejo e, uma vez no mar, perdemos de vista Portugal no mesmo dia. No dia seguinte, o vento aumentou e o mar esteve um pouco agitado. Alguns passageiros enjoaram. Apesar dos ventos muitas vêzes contrário e das calmarias, que tivemos até às alturas do cabo Finisterra, na costa da Hespanha, chegámos felizmente a Falmouth ao fim de dez dias. Os paquetes ingleses merecem sinceros elogios dos passageiros: são muito limpos e confortáveis; é-se muito bem servido e a comida é boa; os marinheiros são gente de bem. Em tempo de guerra cada um desses navios, que se escolhem entre os brigues de guerra mais ligeiros, sólidos e bons veleiros, tanto quanto é possível, é armado com oito canhões e trinta e um homens; em tempo de paz a tripulação é de vinte e um apenas.

No dia 21, ao meio-dia, reconhecemos costas das ilhas Scilly⁵⁵⁰ e fizemos rumo para o canal da Mancha. A' tarde, o cabo Lizard surgiu do seio do Oceano. Que alegria experimentei, após um intervalo de dois anos e vinte e nove dias, por me encontrar de novo no mesmo ponto donde partira. Começava justamente a escurecer quando chegámos à entrada do canal e súbitamente apareceram à nossa vista os numerosos faróis que brilham na costa da Inglaterra. Na manhã seguinte, subindo ao tombadilho, vimos que estávamos tranquilamente ancorados no porto de Falmouth.

Falmouth é uma pequena cidade na embocadura do rio Fal; o porto, inteiramente cercado pela terra, é belo e seguro. De todos os lados, se vêm campos cobertos de verdura e belos prados; grandes árvores se erguem junto da cidade.

Desembarcados e com os passaportes visados, ficámos ainda alguns dias em Falmouth, onde fomos recebidos da forma mais amável em casa do Sr. Lawrence, o nosso capitão. Percorri os arredores da cidade, que achei muito aprazíveis; desfrutava-se um belo panorama, sobretudo quando se sobe ao forte Pendennis.

Parti para Londres no dia 24 de julho, fazendo uma viagem muito agradável. As grandes estradas são o que se podia desejar de bem

(550) Denominadas ilhas Sorlingues pelos franceses. O arquipélago comprehende 145 ilhas e ilhotas, das quais 6 são habitadas por uma população quasi exclusiva de pescadores.

tratadas nesse belo e rico país; a organização das estações de posta têm aí uma perfeição que não se encontra em qualquer outro país. Os cavalos são belíssimos, ótimos e todos de raça escolhida. Em cada parada, é-se servido com uma presteza que nada deixa a desejar.

O aspeto da província de Cornoalha, em que está situada Falmouth, agrada menos a vista que o dos outros condados que se atravessam na viagem; contém muitas charnecas, onde pastam bois e carneiros; muitos pântanos cheios de juncos e caniços; mas também muitos trechos aprazíveis. E' principalmente conhecido por suas minas, de que muitos viajantes já deram a descrição.

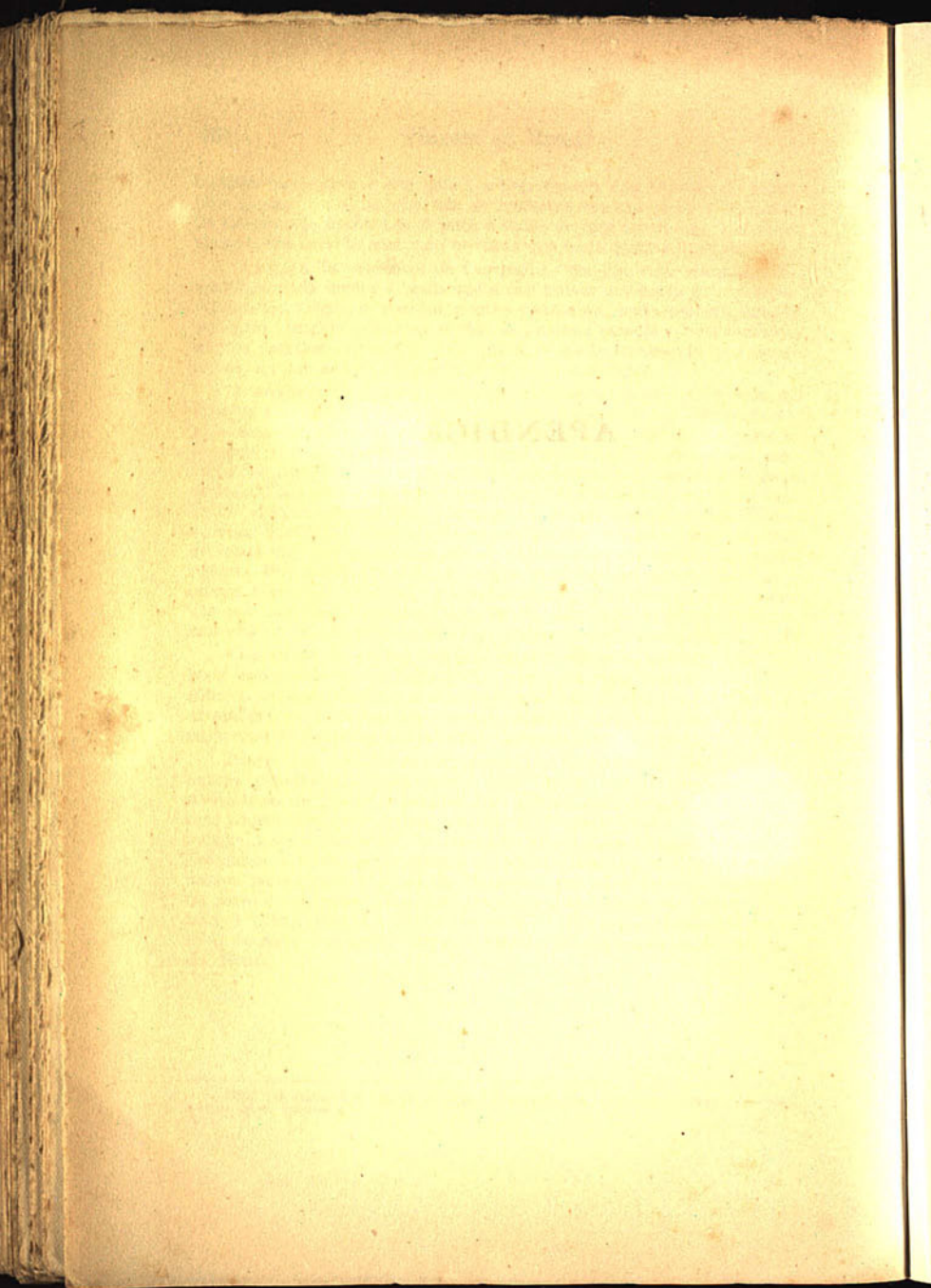
A aspereza de aspeto indicando um terreno pouco fértil, [que se observa em vários trechos da Cornoalha, desaparece no Devonshire; aí o viajante só encontra regiões de pasmosa fertilidade; prados e bosques do mais rico verdor, pastagens repletas de cavalos, bois, carneiros, se estendem por todos os lados em colinas suavemente arredondadas. Tudo está cultivado e tem vida. Em parte alguma se vê um trecho despido ou inculto; por todos os lados, aldeias muito limpas e lindas herdades; cidades onde as casas bem construídas e cuidadas denotam um bem-estar, que não se vê tão frequentemente em outros países. Em alguns trechos, o campo semelha um parque natural; aliás a arte soube criá-los, e o olhar descobre, nos vastos prados, regados por límpidas correntes, bosques de carvalhos, e, junto deles, a moradia do proprietário, vasta construção rica de bom gosto.

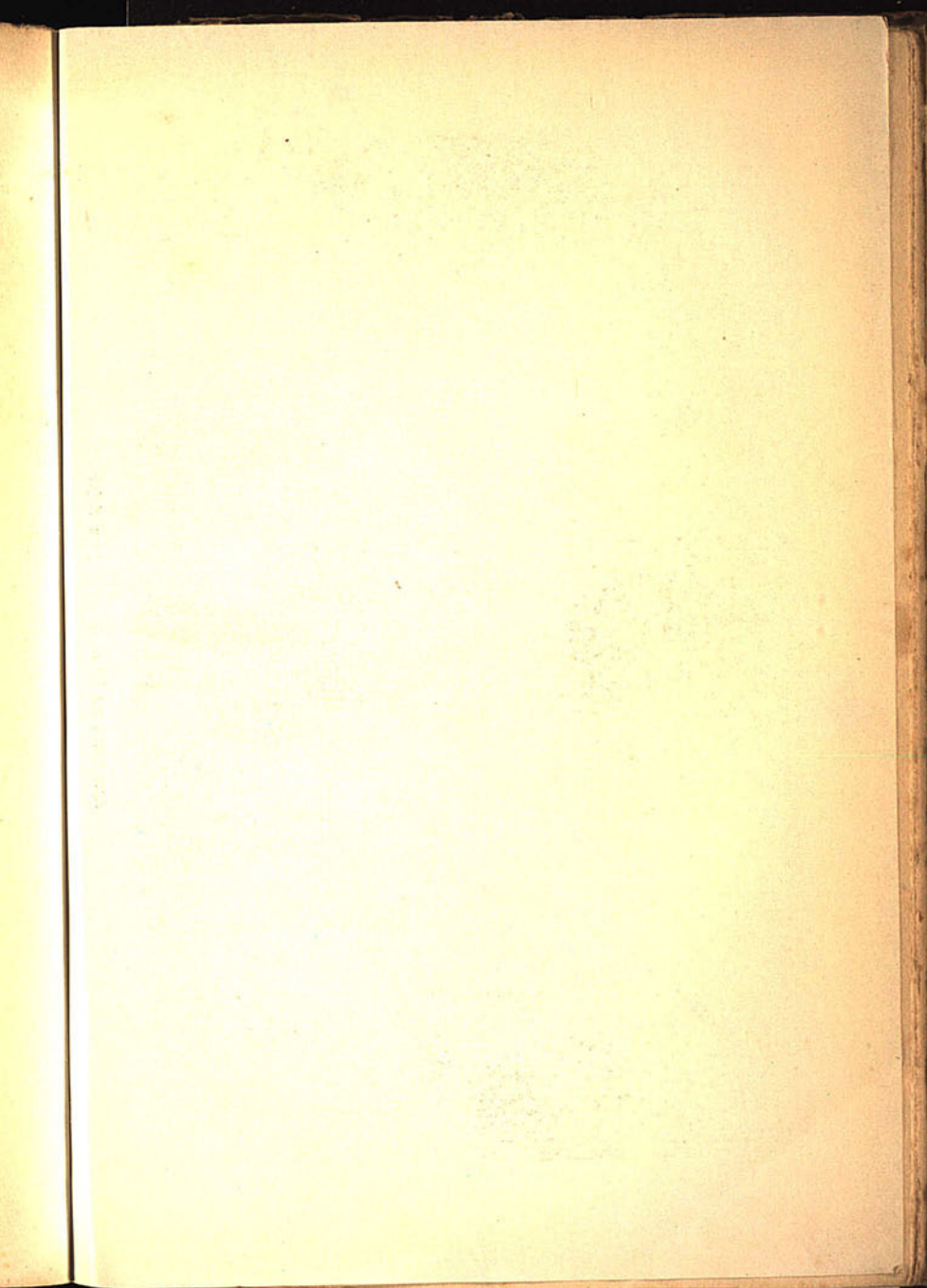
Contam-se 84 milhas inglesas de Falmouth a Exeter, uma das mais lindas cidades da Inglaterra, construída regularmente e situada sobre o pequeno rio Ex; a sua população é de 18.000 almas. Os seus arrabaldes, na bela estação em que estamos, lembravam um jardim, cujo aspecto causa agradável entretenimento aos viajantes.

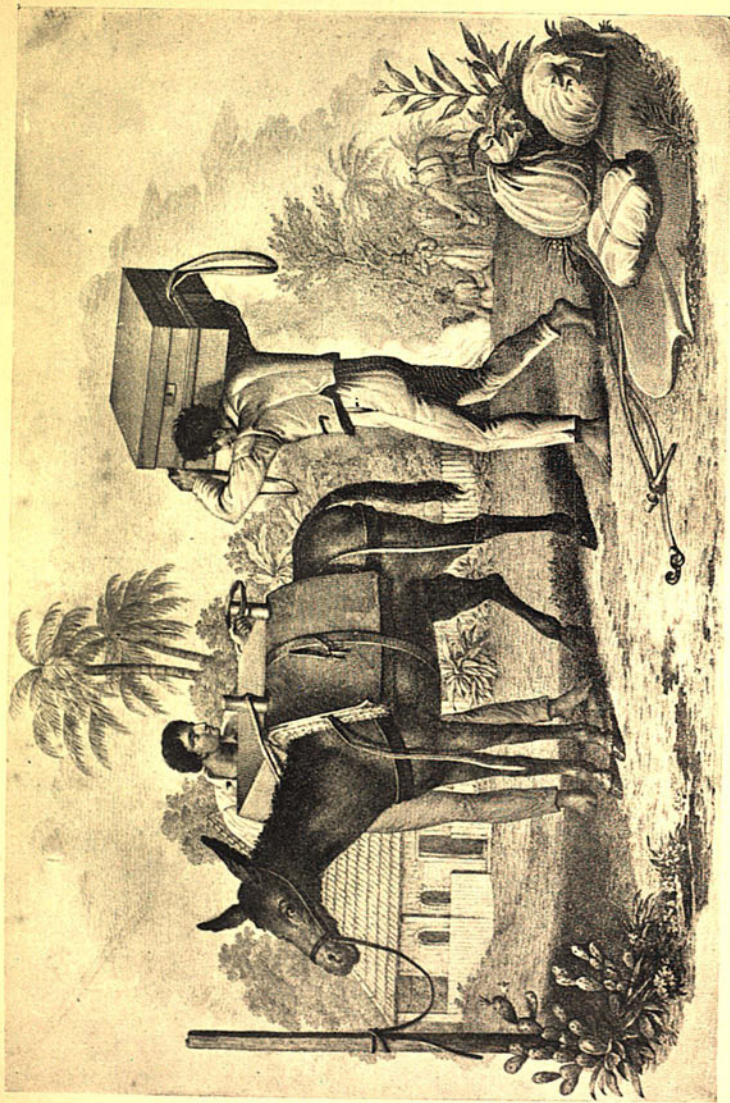
Passei por Salisbury. Atravessei o Willshire, o Hampshire e outras províncias, percorrendo sem cessar regiões encantadoras. A distância de Exeter a Londres é de 176 milhas inglesas. Só permaneci poucos dias nessa grande capital. Partí para Dover, de onde embarquei para o continente. A minha travessia para Ostende foi feliz. Deixámos a costa da Inglaterra à tarde; antes da meia-noite estávamos percorrendo a costa de Flandres. Ao raiar do dia, entrámos no porto de Ostende. Tomei logo a estrada que passa por Gand, Bruxelas e Liège, para ir a Aix-la-Chapelle⁵⁵¹. Foi nessa cidade que ouvi falar de novo o alemão. Breve cheguei à minha pátria, nas margens do Reno.

(551) No original lê-se, em vez de Liège e Aix-la-Chapelle, "Lüttich" e "Aachen", seus respectivos nomes germânicos.

APENDICE







Apresetando um burro de carga para viajar.

SOBRE A MANEIRA DE SE EMPREENDEREM NO BRASIL VIAGENS RELATIVAS À HISTÓRIA NATURAL

Espero que os naturalistas hão-de acolher favoravelmente os resultados da experiência de um viajante sobre a maneira mais conveniente de fazer coleções nos climas equinoxiais, podendo, pelo que lhes vou dizer, avaliar os obstáculos que se deparam na execução dêsse gênero de projetos. Embora todos os espaços da zona tórrida se pareçam geralmente nesse ponto de vista, cada qual, entretanto, se distingue por certas particularidades; eis porque tratarei especialmente do Brasil; os conselhos que eu darei poderão, porém, com algumas modificações, ser aproveitados em todas as regiões da zona tropical.

O Brasil, país imenso, geralmente montanhoso ou acidentado e ainda pouco cultivado, apresenta grandes dificuldades para o naturalista, pois nele nunca se pensou na comodidade daqueles que o percorrem. Na Europa, uma viagem é motivo de prazer e distração, porque se cuidou de tudo quanto pode ser útil ou agradável aos viajantes; este encontra facilmente com que satisfazer todas as necessidades que se sentem em semelhante situação.

O Brasil, pelo contrário, tem permanecido até agora no mais baixo grau de civilização; só possui um pequeno número de estradas e nenhuma que se possa considerar uma grande estrada. O viajante, só em muitos lugares, pode encontrar um teto em que se abrigue, pontes para as travessias dos rios e ribeirões, e até mesmo o alimento mais estritamente indispensável. Vê-se muitas vezes obrigado a se prover de coisas, de que só se lembra no caso de já ser bastante esperimentado. Não se conhece, no Brasil, o meio tão fácil e cômodo de transportar em carros as mercadorias. Só se empregam burros, cuja índole teimosa aumenta ainda de muito as dificuldades do transporte; não carregam muito peso e custam muito caro. Verdade é que, em certas regiões montanhosas, o uso de béstas de cargas é de grande vantagem; mas, mesmo assim, esse meio de transporte, não se pode comparar com o transporte sobre rodas, tal como existe na Europa. E', porém, até o presente, o único praticável, dado que nesse país não existem grandes estradas.

Si se pretende percorrer o interior do Brasil, é preciso antes do mais arranjar bons animais de tropa. Eles custam barato em Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande, mas são pelo contrário muito caros em

outras províncias(1). No Rio de Janeiro, pode-se comprar a um mineiro toda a sua tropa por de 33 a 25.000 réis cada burro (o que vale aproximadamente 6 "Carolin", dinheiro alemão, por peça). Na Baía pode-se comprá-los na Vila de Cachoeira de Peruassú ou Paraguassú. Os estrangeiros nada entendem sobre o modo de tratar esses animais; não sabem nem limpá-los, nem curá-los quando caem doentes. Eis porque é aconselhável contratar um "tropeiro" ou "arrieiro". São homens que desde moços tiveram a profissão de transportar mercadorias em animais. Sete animais carregados formam o que se chama um lote; esse número exige um tropeiro. Habituaados com tudo o que concerne às caminhadas no interior, esses homens conhecem perfeitamente as mínimas particularidades do seu ofício; são afeitos à fadiga e sóbrios como todos os brasileiros, dormem no chão puro quando é preciso, marcham ao lado dos burros ou montados num destes, conforme o que se tenha combinado. Si se teve a felicidade de encontrar um bom tropeiro, está vencido o ponto principal da empresa; pode-se contar que a viagem será bem sucedida. Todas as manhãs ele carrega e à tarde descarrega os burros, e, depois que os animais acabam de pastar durante a noite, reúne-os no dia seguinte de manhã, quando chega a hora da partida. Muita vez, vê-se obrigado a correr atrás deles para encontrá-los, mas conhece tão bem o seu rastro e seus costumes que acaba por descobri-los.

A maneira de carregar os burros no Brasil merece ser mencionada pois é engenhosa e simples. Um bom animal carrega 8 "arrôbas" (uma "arrôba" vale 32 libras) e às vezes eleva-se a carga até 12 "arrôbas". Põe-se primeiro no lombo do burro uma albarda (chamada "cangalha"); esta é de madeira, e tem uma forte saliência vertical nas duas extremidades da parte superior; suspendem-se nelas, de cada lado, as caixas. Afim de diminuir a pressão dessa cangalha, forram-na internamente com um capim seco, de longas folhas estreitas, e que é estendido bem por igual; põe-se por cima desse colchão de capim um coxim feito de esteira, e cobre-se este com um pano de algodão. A albarda assim acolchoada é ainda guarnecida de um couro recortado; a parte externa deste tem dois orifícios para deixar passar as pontas da cangalha, em que se suspendem as caixas. Amarra-se, na frente dessa cangalha, uma correia larga e, atrás, uma outra comprida: essas duas correias são indispensáveis quando se sobe ou desce uma montanha. Uma tira de couro cru, fortemente amarrada e presa a um nó, dá a volta da cangalha e fixa-a solidamente.

O animal, na cabeça, só leva um "cabresto" de couro cru, ou de crina de cavalo trançada, que passa por traz das orelhas e deixa a boca do animal livre para pastar e beber. A rédea, que se prende ao cabresto e com a qual se amarra o burro, quando este está arreado, é presa à cangalha; uma vez tudo isso pronto, deixam-se os animais marchar livremente uns atrás dos outros.

A carga consiste em duas caixas de mesmo tamanho; pendura-se cada uma delas de um lado da cangalha; convém que não sejam nem

muito grandes nem muito pequenas. O comprimento mais próprio é de 29 polegadas do Reno ; fazem-se de madeira branca e leve, e são protegidas por uma coberta de couro, com os pêlos para fora. Em cada uma de suas extremidades há uma argola de ferro ; fazem-se passar por baixo duas correias de couro, que se cruzam para melhor segurá-lo, e mete-se por dentro de cada argola uma alça de couro que serve para suspender as caixas nas pontas da cangalha.

Quando o tropeiro põe a carga no animal, toma a caixa aos ombros e amarra-a à cangalha, tomando o cuidado em que o equilíbrio da carga se estabeleça dos dois lados, para não incomodar o animal. A vinheta do capítulo VIII (edição in-4^{ta}.) representa o trabalho dos tropeiros e o aspeto externo da cangalha. Si as caixas não tiverem um pêso igual, põem-se outros objetos na mais leve para torná-la mais pesada. A carga bem colocada e firme, cobrem-na com um grande pedaço de couro curtido, com o pêlo para fóra, que se fixa com uma longa correia de couro ; essa operação lhe fez dar o nome de "sobrecarga". Numa das pontas tem um gancho de ferro, com que se pucha a outra ponta, provida duma grossa cravelha de pau, até que a correia esteja bastante apertada para a ponta do gancho nela poder entrar, mantendo-a firme, e dão-lhe então vários laços. Para impedir que a carga escorregue para a frente ou para traz da cangalha, fazem-se passar pelas duas pontas uma nova correia que prende melhor as caixas. O animal assim convenientemente carregado, deixam-no caminhar livremente e pastar até que, toda a tropa pronta, possa pôr-se em marcha. No fim de cada dia de viagem, dá-se a cada burro, depois aliviá-los da carga, uma ração de milho : esta é posta, como para os cavalos na guerra, num pequeno saco suspenso ao pescoço do animal, ou então espalhada sobre pedaços de couro. Esse alimento é muito substancial e necessário sobretudo nas viagens fatigantes.

As caixas, que se empregam para as cargas dos burros, só se encontram até agora em certas cidades, como o Rio de Janeiro, Vila Rica e Bafa ; são muito bem construídas, porém muito caras. Em todas as pequenas cidades e povoações do interior do Brasil e mesmo do litoral, não se consegue encontrar caixas tão boas e duráveis, pois não há nelas marceneiros, mas tão somente carpinteiros. As caixas que fazem são demasiadamente grossas e pesadas ; as suas diversas partes só se prendem com pregos ; não servem absolutamente para viagem. E' portanto indispensável prover-se das caixas necessárias nas grandes cidades.

Para se conseguir, no meio de um país estranho, conservar nessas caixas exemplares de história natural, é preciso introduzir nelas adaptação especial. Dispõem-se vários fundos delgados de madeira leve uns por cima dos outros, separados por intervalos desiguais afim de que, nestes, se possam pôr objetos de diferentes tamanhos : fixam-se pequenas escoras em pé, nos quatro cantos da caixa para aguentar os fundos. Nas caixas destinadas aos mamíferos e às aves, êsses fundos

ficam nus, mas para os insetos são forrados com uma camada de "pita", de 5 a 6 linhas de espessura, que substitue perfeitamente a cortiça européia, ou que até é melhor do que ela. E' a medula das hastes florais de *Agave foetida*⁵⁵², planta muito comum no Brasil, mas que não se encontra em todas as suas zonas. Os arredores do Rio de Janeiro e outros lugares fornecem uma quantidade suficiente. Como os pedaços dessa medula não são muito largos, são fixados em pequenas placas sobre a tábua do fundo.

Emprega-se, para empacotar os exemplares de história natural, algodão muito barato em toda parte, principalmente nos lugares distantes do litoral. Uma arrôba de 25 libras só me custou 2 a 3 patacas, isto é, cerca de 7 francos, na zona litorânea que percorri. Custa mais caro na vizinhança das cidades onde tem maior procura por parte dos negociantes. Em pleno sertão da Bafa valia 4.000 réis e na cidade da Bafa 8.000 e até 10.000 réis a arrôba. O algodão bem batido e catado é inegavelmente a melhor coisa que se pode empregar no empacotamento do material de história natural; preserva-o mesmo da umidade. Sabendo com antecedência o viajante, com certa segurança, necessária, guardará nos seus caixotes vazios uma provisão suficiente.

Si se quer colecionar mamíferos e aves, mandam-se na frente caçadores bem municiados de chumbo de todas os tamanhos, dando-lhes ordem de atirar sem distinção sobre tudo o que virem. Madrugasse para chegar cedo ao lugar escolhido para ponto de parada, para se ter tempo de preparar os animais que forem mortos. Tomam-se logo informações de quais sejam os melhores caçadores do lugar, manda-se que venham, trata-se com eles, dá-se-lhes pólvora e chumbo, que se teve a precaução de trazer da Europa; pois, si bem que no Brasil não faltem tais munições e sejam de boa qualidade, custam excessivamente caro; encontram-se também no interior do país, bem como grãos de chumbo, porém de má qualidade. Dão-se aos caçadores as instruções necessárias sobre a maneira de guardar os animais que matam; caçam com diligência e são pagos à razão de um florim por dia⁵⁵³. Fazem-se preparar imediatamente as peles dos animais mortos; quanto às aves, porém, sem empregar arame e depois de colocar-lhes as asas em posição conveniente, e em ordem todas as penas, colocam-se sobre uma tábua, que pode ser o próprio fundo das caixas. Essa tábua deve ser coberta de algodão; os animais ficam assim alguns dias expostos ao sol. Si se precisa partir antes que as peles estejam completamente secas, basta envolvê-las com algodão para que se conservem na posição em que foram arrumadas. Prega-se uma etiqueta em cada uma, onde se anota o sexo do exemplar, razão pela qual é útil ter prontas de antemão um certo número delas.

Não precisarei dizer que é necessário esfregar as peles com um bom sabão arsenical, como o melhor meio de preservá-las. O sol no

(552) *Fourcroya gigantea* De Cand., nome atual.

(553) O florim ("Gulden") correspondia quasi exatamente a 320 rs. de nossa moeda de então.

Brasil seca com uma presteza extraordinária, sobretudo no verão, todas as peles de animais; bastam poucos dias para que a pele dos maiores quadrúpedes fique dura como pau.

Outra coisa será na época das chuvas. A grande umidade do ar se opõe a que tudo se seque, e como faz ao mesmo tempo muito calor, os pés das grandes aves, principalmente das aves de rapina, das garças e dos grandes galináceos, se estragam muitas vezes ao cabo de dois ou três dias até o calcâneo. Para evitar êsse inconveniente, o Sr. Freyreiss, que tem muita habilidade e experiência em preparar toda sorte de material de história natural, inventou uma lata de fôlha de Flandres, onde as aves, convenientemente colocadas sobre algodão, são suspensas por cima de um fogo brando: viram-se de vez em quando para impedir que se queimem e também para secá-las. A tampa da lata fica um pouco aberta para a humidade se evaporar. Em um ou dois dias, as peles estão suficientemente secas. Verdade é que, às vezes, êsse processo faz perder, às aves mais belas, parte do brilho de suas cores, e a gordura das aves aquáticas se derrete e espalha sobre a plumagem; todavia, não se conhece até o presente meio melhor para o viajante poder evitar que se estraguem valiosos exemplares, nas florestas quasi sempre fechadas e húmidas, onde o sol nunca penetra, e se é obrigado a dormir ao relento.

Muito mais incômodo e penoso é colecionar répteis. Só em poucos lugares é que se pode encontrar aguardente pura e forte; em todos os lugares habitados só há de má qualidade. A comumente chamada "água ardente de cana" é muito fraca; precisa ser frequentemente renovada nos bocais em que se guardaram répteis, que, sem essa precaução, não ficariam conservados. A aguardente forte, a que os brasileiros chamam "cachaca"⁵⁵⁴ é muito mais útil nesses casos. Contudo, a principal dificuldade é a falta de vidros convenientes, que muitas vezes não se tem meio de remediar. Não se encontram nunca no interior do país garrafas ou frascos com gargalo suficientemente largo; só se pode, portanto, fazer entrar nas garrafas serpentes que não sejam grossas. Além disso, o transporte de vidros é muito arriscado; o burro, quando se zanga, joga no chão a sua carga, e toda a coleção de répteis está perdida. Noutro vasilhame pode acontecer que a aguardente vaze, inutilizando da mesma maneira os espécimens. Vasilhas de barro vidradas por dentro de nada valem para tal operação; não conservam a aguardente por muito tempo; seu emprêgo me fez perder várias curiosidades. Aliás só se podem obter êsses potes nas cidades; não são menos frágeis que os de vidro e são mais pesados.

Sai-me sempre bem colocando os pequenos animais em frascos arrumados separadamente, em caixas cheias de algodão. Para os grandes répteis, levava comigo um pequeno barril de excelente fabricação européia; formava a metade da carga de um burro. Era de

(554) No original lê-se "agou ardente" e "cachassa".

carvalho, e infelizmente foi logo perfurado por vermes⁵⁵⁵. Remediei sofrivelmente êsse inconveniente, mandando bezuntar o barril com uma boa camada de alcatrão, e passando por cima dêste um invólucro de lona; tinha na parte superior um grosso batoque que, rodeiado de pano, se adaptava perfeitamente à abertura: esta era tão larga que se podia introduzir a mão até o fundo do barril. Estava cheio de aguardente muito forte e continha vários répteis; antes de mergulhá-los, fazia envolvê-los em algodão. Para pendurá-lo na cangalha do burro, enfaixaram-no em correias de couro, formando em cada ponta uma presilha. E' bom notar que toda vez que se pode, deve-se tratar de ficar livre da coleção de anfíbios, enviando-a para o seu lugar de destino, o que apresenta quasi sempre grandes dificuldades. Viando-se ao longo da costa, tem-se a vantagem de encontrar embarcações, que podem ser aproveitadas, para levar os objetos colecionados, para um ponto escolhido como depósito comum. No interior, essas ocasiões de expedição são mais raras, motivo pelo qual é forçoso adquirir cargueiros em número bastante para transportar todo o material recolhido; precisa-se, ainda, renovar várias vêzes a aguardente, o que custa muito caro. Dos répteis só se podem empalhar alguns lagartos e algumas tartarugas; e, ainda assim, é preciso proceder com muita precaução, pois, do contrário, facilmente resultam erros e falsas descrições nas classificações de história natural.

Para se fabricarem no Brasil bons barrís, deve-se empregar madeira de vinhático; mas não é fácil encontrar um hábil toneleiro. O naturalista deve descrever sempre os répteis logo depois de mortos, porque, nos climas quentes, a aguardente altera as côres dêsses animais com uma rapidez incrível.

Pode-se aplicar em geral aos peixes os conselhos precedentes; são, na maioria, muito grandes para poderem ser postos em aguardente; o colecionador tem que se limitar a enchê-los de algodão; as côres, porém, não se conservam. Não se pode empregar o sabão de arsênico para os peixes e os répteis; substituímo-lo vantajosamente por tabaco em pó.

Quando se deseja colecionar insetos é preciso fazer uma grande provisão de alfinetes que não devem porém ser de aço, para que a ferrugem não as destrua em pouco tempo. Pode-se usar "pita" em lugar de cortiça. Os insetos, logo depois de espetados, são prontamente mortos ao calor da chama; enchem-se de algodão as aranhas grandes, processo êste que se aplica também às grandes borboletas; estas, porém, exigem mais cuidado e habilidade. Os insetos mortos há pouco tempo ou mesmo os que já foram secados, são sujeitos, no Brasil, a serem atacados por uma porção incontável de pequeninas formigas, que os devoram rapidamente; chegam mesmo a penetrar

(555) Os "vermes" a que se refere Wied nada têm que ver com os animais a que atualmente se restringe o emprego desse nome; trata-se de quaisquer larvas xilófagas de insetos, mais provavelmente coleópteros. Mesmo no estado adulto, abrem galerias no lenho e correspondem à appelação genérica de "brocas". Há uma espécie que perfura os tubos grossos de chumbo dos condutores telefônicos.

nas caixas fechadas, quando estas não são de fabricação perfeita. O melhor meio de defesa contra tais inimigos é espalhar tabaco em pó sobre os insetos, que se tira depois facilmente soprando em cima. Para apanhar insetos voando, é preciso ter rédes próprias, presas na ponta de compridos paus, pois muitas borboletas voam muito alto e rápido.

Quanto aos vermes e moluscos⁵⁵⁶, coloquei, em pleno mar, algumas fisálias e medusas no alcool que se conservaram muito bem, sobretudo as últimas. Os tentáculos das fisálias se estragaram, só a vesícula não sofreu alteração. Fazer uma coleção de todos esses animais é uma empresa cheia de dificuldades e muito dispendiosa; não é possível fazê-la completa.

Os objetos que convem no caso levar da Europa para o Brasil limitam-se a facas, tesouras e outros instrumentos de boa qualidade e a uma boa receita para fazer sabão arsenical, que se pode preparar na Baía ou no Rio de Janeiro.

Para se colecionarem vegetais, não se pode empregar com vantagem papel de embrulho sem cola; é muito mole e seca facilmente uma vez molhado. As plantas das regiões quentes são geralmente mais suculentas do que as dos climas temperados; por conseguinte, não é possível secar lentamente como entre nós as plantas aéreas, pois que apodrecem. Só se deve empregar nessas zonas papel forte e com cola, que se põe todo dia ao pé do fogo, e depois se colocam nele as plantas quando ainda está quente, operação muito incômoda por causa do calor e da fumaça.

Quando as plantas já se acham secas podem ser postas em papel sem cola, e remetidas para o seu destino. Mergulham-se as plantas carnosas durante oito a dez minutos em água fervendo, de modo, porém, que o vapor não atinja as flôres; em seguida comprimem-se como de costume as folhas, e elas perdem o seu suco. Depois de chuvas seguidas, é necessário expôr ao sol o material colhido, enxugar a humidade que se forma na superfície das plantas, e expôr de novo ao sol as partes que foram limpas.

As coleções de mineralogia são as mais fáceis de colher e conservar; mas o seu transporte luta com grandes obstáculos. Em pouco tempo se reúne material para completar a carga de um burro, aumentando-se assim consideravelmente o número de homens e animais necessários, o que acarreta grandes despesas. Muita vez não é possível conseguir outros animais e deve-se, também, levar sempre em conta que alguns podem fugir. Formei, no interior das florestas, uma coleção das diferentes rochas que encontrei, e vi-me obrigado a jogar fora essas amostras por não ter tido mais onde comprar animais para transportá-las.

Não se pode guardar muita coisa em pequenas caixas; por outro lado, os grandes caixotes são também incômodos, pois a sua largura,

(556) Lembremo-nos que o autor incluía entre os Moluscos os Celentéreos.

tanto quanto o seu peso, os torna estorvantes nas trilhas estreitas das florestas. Julguei poder pôr os meus caixotes perfeitamente ao abrigo da humidade da chuva, mandando-os forrar de lata por dentro, mas ficaram tão pesados que tive logo que renunciar a êsse recurso. Si as chuvas não duram muito tempo, um pedaço de couro estendido sôbre as caixas preserva-as suficientemente. E' aconselhável nas épocas de chuvas seguidas suspender a viagem ; quando não se conta com uma habitação humana nas vizinhanças, constrói-se uma cabana, ou, pelo menos, um abrigo ("rancho"). As florestas oferecem material suficiente para tanto e a gente se serve para êsse fim, como se viu na relação de minha viagem, quer de fôlhas de palmeira, quer da casca de diferentes árvores, tais como o ipê, a sapucaia, etc. Durante os períodos de chuvas constantes, juntam-se as caixas, tanto quanto possível, umas às outras, põem-se por baixo delas pedaços de páu para que não fiquem em contato com a terra molhada, e cobre-se as mesmas com os couros que serviram para as cargas dos burros.

Enfim, recomendo aos viajantes, que queiram percorrer o Brasil, entregarem a navios seguros o material de história natural, guardado em caixas bem acondicionadas e fechadas. Devem dividí-lo, si possível, em várias remessas afim de que, no caso de um naufrágio, tudo não se perca. Quando as caixas vão fechadas, deve-se mandar revesti-las de couro, com o pêlo para fora. Esses couros são muito baratos no Brasil ; deixam-se mergulhados em água até amolecer, depois do que são esticados em cima das caixas por meio de pequenos pregos e em seguida fixados sólidamente com pregos grandes. O couro, secando, se torna duro como pau e protege a caixa contra todos os inimigos externos, principalmente contra a humidade do ar marítimo que faz mofo com muita facilidade o material de história natural.

VOCABULARIO DOS POVOS INDIGENAS DO BRASIL DE QUE SE FAZ MENÇÃO NESTE RELATORIO DE VIAGEM

O investigador interessado em descobrir a origem e a primitiva história dos povos indígenas do Brasil, não encontra, como já disse em páginas atrás, nem hieroglifos nem monumentos de qualquer espécie, que possam servir de fio para guiá-lo em sua marcha, porquanto, nas florestas virgens, a espécie humana ainda não se elevou acima do estado de incultura que por toda parte caracterizou a sua existência primitiva. Não restam, portanto, para se empreenderem pesquisas dessa natureza, outros recursos senão o exame atento e a comparação cuidadosa das línguas, que são o produto mais rudimentar da razão humana. O conhecimento delas espalhará, sobre o espaço imenso dos tempos antigos, uma tenue claridade que nos guiará nessa trilha tão difícil com auxílio de tais luzes nos tempos modernos, de iluminar, e graças à qual eminentes sábios se tem esforçado por chegar a importantes descobertas. Já que é extremamente difícil adquirir uma noção exata das línguas e idiomas inúmeros que se falam num país tão vasto como o Brasil, ao menos se é recompensado por esse trabalho, pois que é o único meio de se poder julgar da origem e afinidade de povos esparsos, separados e algumas vezes transportados a grandes distâncias uns dos outros. A dissemelhança total das línguas faladas por povos às vezes contíguos, é realmente um tema do mais alto interesse para o homem que raciocina, e, nesse particular, nenhuma parte do mundo rivaliza com a América. Contam-se no Novo-Mundo 1.500 a 2.000 línguas e idiomas diferentes, assunto sobre o qual os trabalhos de Severin Vater na obra "*Mithridates*" são preciosíssimos *. Ele pensa que o número deles se eleva no máximo a 500, e que as línguas da América Setentrional diferem das da Meridional. Só uma longa permanência nessas terras pode levar a uma noção precisa dessas línguas. O viajante, que só vê de passagem esses povos, tem ocasião apenas de se impressionar com a pobreza de seus idiomas e sua maior ou menor afinidade entre si. Não posso, portanto, prometer fornecer elementos consideráveis para o conhecimento da gramática dessas línguas; e devo limitar-me a dar fragmentos de vocabulários que, mesmo assim, poderão servir para julgar das relações mais ou menos estreitas entre elas.

(*) Vide S. VATER, in *Mithridates*, vol. 3, parte 2ª, ps. 373 e ss.

A língua que parece ser a mais disseminada na América Meridional é a dos povos Tupís ou Língua Geral, a que também pertence a dos Guaranís. E' conhecida já há muito tempo, tendo vários escritores dela falado, entre elles Maregrave e Jean de Lery, que prestaram importantes contribuições ao conhecimento do assunto. Passarei por ela em silêncio⁵⁵⁷ e limitar-me-ei a dar vocabulários das diversas tribus Tupúias com que tive relações; ver-se-á que a linguagem que falam difere totalmente das de seus vizinhos imediatos, com que vivem sem pre em guerra. A tribu dos "Carirís" ou "Kirirís", atualmente civilizada e que habita nas proximidades da Baía, se distingue também por uma língua especial; já referi anteriormente que o jesuíta Mamiani havia nos dado dela uma gramática, impressa em Lisboa no ano de 1699; por isso, embora eu tenha visto essa tribu, não falarei dela para evitar repetições. Parte das línguas dos Taptúias diferem muito entre si, mas, no entanto, encontram-se nelas grande número de nomes e vocábulos comuns a algumas delas; por exemplo, *tupan* ou *tupá* que serve para designar o ser supremo.

Para apresentar ao leitor vocabulários de todas as tribus de índios que visitei, tencionei extrair, da obra de Eschwege sobre o Brasil, os dos Purís, Coroados e Coropós, pois que o número de vocabulos dessas três tribus que eu reuni é um tanto reduzido; mas achei depois que me devia abster e só publicar o que eu mesmo recolhi.

Todos os índios do Brasil não têm a mesma pronúncia. Alguns pronunciam o fim das palavras como os alemães e outros como os franceses. Uma tribu fala pelo nariz, outra pela garganta e uma terceira pelo nariz e pela garganta ao mesmo tempo; já, numa quarta,

(557) Foram os jesuítas os maiores conhecedores da primitiva língua dos aborígenes do litoral, que dela necessitavam para exercer a sua missão de catequese e evangelização do gentio. Dessa língua, a que costumavam chamar simplesmente "Língua brasileira", mas cujo uso generalizado entre as tribus tupís deu motivo a que depois se denominasse "Língua geral" (entre os próprios tupís era conhecida por "Abânheénga", ou "Nhéeng-cató"), ficaram-nos assim numerosos vocabulários, como também gramáticas mais ou menos completas, de que os interessados poderão obter exaustiva resenha no trabalho de Alfredo do Valle Cabral, dado a lume no tomo VIII dos *Anais da Biblioteca Nacional*. Graças aos esforços de Plínio Ayrosa, na época presente um dos mais profundos e incansáveis investigadores do assunto, há, acompanhadas de estudos críticos, edições recentes de alguns desses vocabulários, entre os quais se salientam pela sua importância, o "Diccion. Portuguez-Brasileiro e Brasileiro-Portuguez" (inserto na *Rev. do Museu Paulista*, tomo XVIII, 1934, ps. 17 a 319) e o "Vocabulário na Língua Brasileira" (publicado como volume XX da *Col. do Depart. de Cultura de São Paulo*, ps. 1-433, 1938). Atribuição do douto editor, com abundância convincente de argumentos, o primeiro a Frei Onofre, obscuro missionário do Maranhão (e não a Fr. Mariano Velloso, como até então se supuzera), e o segundo ao Padre Joseph de Anchieta, undinamente havido como o maior de todos (cf. "Cartas" etc. do Pe. J. de Anchieta, com notícias e comentários, de Ant. de Alcantara Machado et al., tomo III das *Cartas Jesuíticas*, edic. da Acad. Brasil. de Letras, 1933). Referência especial deve ser feita, entre os vocabulários, ao "Glossaria linguarum brasiliensium" de Martius (Erlangen, 1863, ps. XXI-548), que sobre ser um dos mais completos e autorizados que existem com relação ao idioma tupí, encerra ainda os de grande número de outras tribus, pelo que é de consulta indispensável a todos quantos se interessarem particularmente pela contribuição etiológica prestada pelo livro do príncipe de Wied. Há ainda vocabulários especializados da língua tupí, relacionando-se mais diretamente com a matéria do livro agora anotado o que sob o título "Nomes das aves em língua tupí" publicou Rodolpho Garcia, o erudito diretor da Biblioteca Nacional (in *Bol. Museu Nacional*, vol. V, n.º 3, 1929, ps. 1-54). Nenhum outro idioma indígena deixou na língua falada atualmente no Brasil traços de longe sequer comparáveis aos da "língua geral", que em meados do século passado era falada ainda correntemente pela gente de São Paulo. Sobre o assunto serão consultados com proveito a bela série de artigos publicados em 1938 por Arthur Neiva, no "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro e cuja anunciada reimpressão em volume anciosamente se espera. No que tange às línguas brasileiras, consideradas em globo, merece ainda particular registro o trabalho de Ch. Loukotka, "Línguas indígenas do Brasil" (in vol. LIV da *Rev. do Arquivo Municipal*, de São Paulo), onde aparece resumido, com extraordinária clareza e completa informação bibliográfica, tudo quanto se sabe sobre a sua primitiva distribuição no solo brasileiro.

esses sons faltam por completo. A maioria dos vocábulos de algumas línguas Tapúias são ricas em vogais; as suas terminações se pronunciam em parte como em francês e em parte como em alemão.

Os exemplos que dou da língua dos Botocudos são os mais numerosos, graças ao concurso de meu Queck; mas não pude obter dele informações satisfatórias sobre a estrutura mesma da língua. O viajante que deseja anotar os vocábulos dos idiomas de um povo deve mandar pronunciá-los por uma pessoa pertencente a esse povo; pois, si os recolhe de uma terceira pessoa pertencente a outra nação, escreve-os á inexatamente; é uma observação que a minha experiência me permitiu fazer. Os vocábulos botocudos que eu escrevia pela pronúncia dos portugueses eram incorretos, porque esses fazem sempre ouvir no fim das palavras um som que se aproxima do *i*; por exemplo, a palavra "kerengcat", que em botocudo significa "cabeça", é pronunciada sempre pelos portugueses do Brasil "kerengcati"⁵⁵⁸ e um europeu a escreveria dessa forma. Eis, sem dúvida, porque se vêem vocábulos da língua de um mesmo povo escritos de modo diverso pelos viajantes que publicaram seus vocabulários; essas variações devem ser naturalmente grandes em indivíduos de nações diferentes; concordam, entretanto, nas questões principais, e, sob esse ponto de vista, simples listas de vocábulos podem ser úteis para o sábio que se ocupa com o estudo das línguas.

E' geralmente difícil fazer os selvagens repetirem várias vezes os nomes dos objetos, o que no entanto é absolutamente necessário para se representar com exatidão os sons bárbaros. Pensam que se pretende caçoar deles e, então, não há meio de induzi-los a fazer o que se deseja, ainda que lhes acene com as mais tentadoras promessas.

Poderia dar frases inteiras de algumas das línguas brasílicas, mas elas seriam menos autênticas que os simples vocábulos, a mesma expressão tendo às vezes várias significações; aliás, quando só se passou pouco tempo entre os índios, pode-se decifrar o sentido da frase, mas nunca o de seus diversos elementos.

1) VOCABULÁRIO DOS BOTOCUDOS

OBSERVAÇÕES. O som nasal é frequente na língua dos Botocudos; esta não possui som gutural; abunda em vogais; casos há em que o som de algumas consoantes é muito confuso e não se distingue, o que o torna algumas vezes ininteligível, si bem que o seja menos que outras línguas Tapúias. Algumas instruções são necessárias para a leitura das palavras dos vocabulários:

- r só se pronuncia com a ponta da língua e nunca com a garganta; casos há em que essa letra tem o som de *l*;
- g tanto no meio, como no começo é sempre lingual, no final é porem gutural.

(558) O *i* está por *e* mudo: "querengcate" deveria escrever-se.

Quando no começo duma palavra uma consoante vem precedida duma outra, como *nn, mn, mb, np, nd*, etc., a primeira quasi não se pronuncia; têm-se exemplos frequentes dessas palavras nas línguas da América, com *mbaya, mborebi, ndaio, mbaracayá*, etc..

Si se notar alguma diferença na maneira pela qual as palavras vão escritas no texto do livro e no vocabulário, esta é que prevalece.

O *n* é pronunciado pelo nariz.

A pronúncia dada às palavras obedece à moda alemã, a não ser que se faça alguma explicação em contrário⁵⁵⁹.

Abóbora, *amiaknon* (*kn* nasal).

Abrir (os olhos), *ketom-amang*.

Acenar, chamar, *kia-keli* (*l* entre *l* e *r*).

Acenar com a cabeça, *can-ap-máh*.

Acender, *Numprück*.

Adeante, à frente, *mung-merong* (*e* breve), literalmente: ir com força.

Adorado (entre), *paí-tupan* (*pan* frequentemente *sôa* como *pat*).

Afiada (a faca está muito), *karack-meráp-gicarâm*.

Água (vai buscar!), *magnán-ah*.

Água, *magnán*.

Água fria, *magnán-niimtiack*.

Água quente, *magnán-igilá* (*i* muito breve e indistinto).

Aguardente, *magnan-coróck* (a primeira palavra como em francês).

Agudo, afiado, *meráp*.

Aldeia ("rancharia" no mato), *kjiem-urukú* (muitas casas ou choças).

Algodão, *angnouáng* (*ang* como *ack*, tudo pelo nariz e mal distinto).

Alto, *orón*.

Alvejar, *jagintché*.

Amarelo, *nuidck*.

Amargo, *niángcorock*.

Anacan (papagaio), *Hátarat-cudgi*.

Ananás, *Mánan*.

Anca, *keprótam* (*e* breve).

Anhuma, *Ohí*.

Anta, *Höchmereng*.

Anzol, *Mutung*.

Apagar, *Nuci*.

Aranha (uma), *angcorf*.

Arara (papagaio), *Hátarat*.

Areia, *gnúmiang*.

Arco, *neem*.

Arrancar, *Amack* (segundo *a* no céu da boca, quasi como *ü*).

Arremessar (uma pedra), *carung-ang-gring* (o último *g* pouco audível, tudo pelo nariz).

Aroz, *japkenin* (*ke* pelo nariz, mal distinto).

Árvore, *ichoön*.

Ása, *bacan-gnimaak*.

Assar, *op*.

Assobiar, *náh* (*á* só meio pelo nariz).

Assoar, *kigin-gnoreng*.

Atirar (com espingarda), *pung-apúng*.

Atirar em peixe (com a flecha), *impock-ald*.

Avarento (mais ou muito), *king-gikarâm*.

Ave (grande), *bocan-á-räck* (primeiro *a* entre *á* e *ö*).

Avarento, *king*.

Balbuciar, gaguejar, *te-óng-ton-ton* (*te-óng* pouco separados).

Bambá (ou caníço), *com*.

Barba, *giákiiót*.

Barriga da perna, *maak-egniek* (*e* breve).

Barrilête de bambú, *káckrock* (*a* como *á*).

Barro, argila, *naak* ou *nnaak* (primeiro *n* apenas audível).

Batata, *gnúnana* (*gn* apenas audível).

Bater, *hang*.

Batoque (do beíço), *gnima-tó*.

Batoque (da orelha), *nu-má* (antes do *n* o *g* quasi não se ouve).

Beber, *joóp* ou *jióp* (primeiro *i* apenas audível).

Beija-flor, *moróckniung*.

Belo, *ae-rahá*.

Bexiga (bólia), *nitchmangkuck*.

Bico (um) comprido, *jiun-oron*.

Bico (de ave), *jiun*.

Bóca, *gnima* ou *kigaak*.

Bocejar, *mpáháck* (*m* apenas audível).

Boi (chifre de), *krán-tiuem*.

Boi, *bocling-gipakiú*.

Bofetada, *nipmaun*.

Bom, *ae-rehá*.

Bom (não é), *ton-ton*.

Bom (é), *ae-rehá*.

(559) Para o leitor português convém acrescentar: *gn* pronuncia-se como em francês, isto é, *ná*; *á* *sôa* como *e* ou entre *a* e *e*; *ü*, como *u* francês, entre *u* e *i*; *w* como *v*; *g*, mesmo antes de *e* ou *i*, como *gn* e nunca como *j*.

Bonito, *ae-rehá*.
 Botocudo, *engeráck-mung* (em muito breve).
 Braço (o), *Kgiporóck*.
 Branca (uma couxa), *pá-i-iockundng*.
 Bruno (pardo), *npurúeck* ou *nprúck*.
 Bruto, *tiip*.
 Bucho, barriga, *cuang-mniáck*.
 Buraco, *mah*.
 Cabeça (dôr de), *kerân-ingerung* (e breve).
 Cabelo (da cabeça), *kerân-kâ* (primeiro muito breve).
 Cabelo (cortar o), *kerân-mang*.
 Cabelo louro, *kerân-kâ-niom*.
 Cabeça, *kerâng-cal*.
 Cabelo preto, *kerân-kâ-him*.
 Cabelo ruivo, *kerân-npuruck*.
 Caçar (ir à caça), *nio-kná* (kn pelo nariz).
 Caçar (em lugar distante), *nió-kná-amorung*.
 Cacete (bordão), *lchoon* (o mesmo que páu).
 Cadáver (animal morto exalando mau cheiro), *unám* (n quasi inaudível).
 Caiador, branqueador, *pa-i*.
 Caír, *gnaráck* (gn pelo nariz).
 Calmaria, *larú-t-cuhú-amnúp*.
 Calva, *krân-niom*.
 Cantar, *ong-ong*.
 Cão, *engóng* (quasi como em português : eng muito breve e apenas audível).
 Capivara (Hydrochoerus), *njimpon*.
 Capueira (galináceo selvagem), *hárarat*.
 Caramujo, *gnocudeck*.
 Carogo (de fruto), *jiám* (i apenas audível).
 Carne, *bacan-gnick*.
 Casa, choça, *kjiém*.
 Casar, *kjiém-ah*.
 Casca, cortiça, *tchon-cat*.
 Cauda (de ave), *joká*.
 Causado, *niimperáng*.
 Cavalo, *bacan-niaugorock* ou *pómo-kenám*.
 Cavar (o chão), *naak-awit* (como *auwít*).
 Casca de árvore (sobre a qual dormem), *tchoon-cal*.
 Cego, o olho é cego, *ketom-entjagemeng* (tja como chia, em breve).
 Cera, *póckekát* (ô breve e entre ô e ú).
 Cérebro (o), *manjáck* (primeiro a algo alongado).
 Cheio, *mat* (a entre á e ô).
 Cheirar, *cuá*.
 Chifre de veado, *krân, tioném*.
 Chorar, *puck*.
 Chora (êle), *há-puck*.

Chuva, *magnan-ipô* (primeira palavra como em francês, ô palatal).
 Cinza, *tídeo* (ti quasi como ch).
 Claro, *amchiú*.
 Cobra, *engarang* (eng como n, muito breve).
 Coçar, *kiagantjép* (tje como tche).
 Côco (selvagem), *pontidack*.
 Côco (outra espécie), *ororé*.
 Colar, coleira, *pó-it* ou *pó-uit*.
 Combate (duelo a cacete), *giacacú* (g como gu).
 Comer, *nungeit*.
 Comprar, *comprá* (tomado dos portugueses e modificado).
 Conduto auditivo, *kniaknot-mah*.
 Construir (uma choça), *kjiém-lárat* (ambos a muito breves, pronunciados quasi como á).
 Coração, *hátung*.
 Corar, ter vergonha, *há-ráng* ou *erang* (e breve, a palatal), êle enrubescce ou córa.
 Corda de arco, *neem-gitá*.
 Côrneo, o mesmo que "chifre de veado".
 Correr (grande distância), *emporóck-morung*.
 Correr (com grande pressa ou ímpeto), *emporóck-uruhú*.
 Correr, *emporóck* (m muito breve, apenas audível).
 Cortar, *nut-náh*.
 Coruja (pequena), *nu-knúng*, (kn pelo nariz).
 Costela, *tô* (ô entre ô e ú).
 Couro, ou pele de um animal, *bacan-cat* (segundo a palatino, quasi como ô).
 Cotia, *Maniakening* (e às vêzes inaudível).
 Cotovelo, *miugreniot-nom*.
 Cova (para defunto), *naák-mah*.
 Côxa, quadril, *maken-dehopock* (um e entre k e n apenas audível).
 Cozinha (êle), *há-mot* ou *aeot*.
 Craneo (humano), *heráng-hong* (o primeiro e quasi inaudível).
 Criança, *curuck* (nín pelo nariz).
 Crescer, *máknót-knot* (kn indistintamente nasal e palatal).
 Cúria ou prato de mesa, *pókn-djinvin* (dji como em francês).
 Curvo, *ntang* (a palatino só em parte).
 Curiango (Caprimulgus) *niimpántium* (tiu como tchu).
 Cuspir, *kniákerit*.
 Cuspir, *nupitá*.
 Dansa, *ntack*.
 Dê cá, *up*.

Dêdo (do pé), *pô*.

Dêdo, *pô* :

polegar, *pô-â-räck* ;

indicador, *pô-iopú* ;

médio, *pô-cupa-niém* (talvez pelo seu uso no arco, embora não haja nenhuma prova disso) ;

anular, *pô-cupa-curück* ;

mínimo, *pô-cudgi* ou *pô-cruck*.

Delgado, *nnin*.

Defunto, cadáver, *kuém*.

Dentada de cobra, *engcarang-coróp*.

Dentes (muitos), *kiiún-uruhú*.

Dente (um) *kiiún*.

Despertar, *Merat* (r e a pouco distintos).

Destripar (um animal), *cuang-awó* (cua sóa indistintamente, quasi como *w*, ó breve).

Diabo, *jantchong* (ch como g).

Direito, *táh-toh* (ô entre ô e á).

Distender (o arco), *neem-gitá-merong-ong*.

Dóce, *cuí*.

Dói, *há-ingerung*.

Doente, *maun-maun*.

Dôr-de-barriga, *cuáng-ingerung*.

Dôr-de-dente, *kiiún-ingerung*.

Dôr de peito ou cansaço, *mimingerung*.

Dormir, *kuckjún*.

Dorso (as costas), *núkniah*.

Duro, rijo, *meróng* (e breve).

Ele, ela, *há* ou *á*.

Embaixo, *pawin* (quasi como *aú*).

Embarcação, canôa, *tióngat* (isso parece significar que as canôas são feitas de casca de árvore).

Empurrar, *nútick*.

Enganar, *up*.

Enrolar, *nurat*.

Enterar (um morto), *merám*.

Espécie, *carapóck* ou *carapó* (ck apenas audível).

Espêto (de assar carne), *tchoon-meráp* (e breve) textualmente : um pau pontudo.

Espingarda, *pung*.

Espingarda de dois canos, *pung-uruhú*.

Espinho, *tacan* (segundo a gutural).

Espuma, *kórop* (ô quasi palatal).

Espirrar, *nákgning* (gni como nh).

Estojo (Para o membro vir), *gidcan* (g palatino).

Estrêla, astro, *niore-át* (e breve).

Estremecer, *neurúh* (n quasi indistinto).

Eu, *kgick* ou *kipick*.

Excremento, estêrco, *gniing-kú* (gni indistintamente nasal).

Faca, *karacke*.

Face (a), *njiimpong*.

Falar, dizer, *ong*.

Feder, cheirar mal, *uwám* (w pouco audível).

Feijão (preto), *erá-him*.

Feio, *ton-ton*.

Ferver, (está fervendo), *há-mot* ou *he-mot*.

Flauta, flautim, *u-ah* (levemente pelo nariz).

Flecha (atirar com a), *uagike-nung-gring* (o primeiro g não se percebe).

Flecha (matar com a), *uagike-nutá*.

Flecha com fisga, *uagike-nigmerang*.

Flecha com ponta de bambú, *uagike-com*.

Flecha, *uagike*.

Flecha para passarinhos miúdos, *uagike-bacan-numóck*.

Fogo, *chompáck*.

Fôlha (de planta), *jiám*.

Fome, *tu*.

Formiga, *Pelick-náck-náck*.

Forte, fôrça, *meróng*.

Fraco, *engeniocck* (eng palatal e breve).

Frio, *ampurá*.

Fumaça (de fogão), *tchou-gikaka*.

Fundo, *mat* (a entre á e ô, quasi como este último).

Furar, espetar, *nungcoró*.

Furtar, *ningkáck*.

Fuzil (de acender), *nom-nan*.

Gaivota (Larus), *naak-naak*.

Galinha, *capucá*.

Gambá, *njuntju*.

Gato do mato (Felis pardalis), *kuparack-nigmáck* (g apenas audível).

Gato do mato (outra espécie, Felis macroura), *kuparack-kuntiack*.

Gema (do ovo), *nnáck* ou *nniáck* (textualmente : o amarelo).

Geme (o mutum, Crax Linn.), *cónt-chang-ha-hing*.

Generoso, *kan* (pelo céu da boca, quasi como ô).

Gibóia, *cuong-cuong-gipakicú*.

Globo (ocular), *ketom-him* (e breve).

Gôta, *magnán-knin*.

Grande, *gipakjú*.

Grávida (mulher), *cuáng-â-räck* (isto é, o ventre é crescido).

Gritar, *ong-merong* (isto é, falar alto ; o ng é mal audível).

Grosso (é), *ae-räck*.

Guariba (macaco), *cúpilick*.

Guerra, luta, *kiakuiem* ou *jaktiam*.

Hombro, espádua, *Corón*.

Homem, *uahá*.

Inchaço (proveniente de pancada), *gniong*.
 Intestinos, *cuáng-orón* (literalmente, o "comprido na barriga").

Ir, *mung*.

Ir devagar, *núng-negnóck* (a última palavra nasal).

Irmã, *kgi-culá* (a como *á*).

Irmão, *kgiparack*.

Jacaré, *ae-há*.

Jacutinga (ave), *pó-coling*.

Jaguatirica, *poknién*.

Japú (pássaro), *jake-ráün*, ou mais propriamente: *tiakeráün*.

Joelho, *nakerinjam* (pron. indistintamente palatina e nasal).

Lágrima, *ketom-magnán* (literalmente: água dos olhos).

Lamber, *númerang*.

Largo, *ae-ráck*.

Largo, amorón.

Lavar, *kiiüm* (como nadar).

Leite, *pó-cling-parack*.

Leque de penas amarelas ou a cauda do Japú, *nucangan* ou *jakeráün-ioká*.

Leve, *mah*.

Liga (jarreteira), *merúknignim* (e breve, *rukni nasal*, *gn* como *nh* português).

Limpar, esfregar, *numaun*.

Límbo, *kuring*.

Língua, *kgjtióck* (i como *ch*).

Longo, *oron*.

Louro (cabelo), *kerán-ká-niöm*.

Lua (quarto de), *tarú-carapóck-cudgi*.

Lua (meia), *tarú-carapóck*.

Lua cheia, *tarú-gipaktú*.

Lua nova, *tarú-him*.

Lua, *tará*.

Macaco, *Hieräng*.

Machacaré (tribu), *mawong*.

Macuco (ave), *angcowóck*.

Mãe, *kiopá*.

Magro, *kníán*.

Mamão (Carica), *pattaring-gipaktú*.

Mão, *pó*.

Mar, *magnan-á-ráck* (*gnan* como *nhân* português).

Mastigar, *miáh*.

Mata (floresta), *tchoon-uruhtú* (muitas árvores).

Mel, *mah-rá* (primeira sílaba longa, *rá* breve, tudo pelo nariz).

Mentir, *japün* (*ü* entre *u* e *ü*).

Mergulhar, *múkarack* (*kara* pelo nariz).

Milho, *jadrün*.

Miriki (ou "mono"), *kupó* (*u* como *ü* ou *ö*).

Môça, mulher, *jóknang* ou *jókunang*.

Molar (dente), *kjun-äráck*.

Mole (tenro), *gnenióck* (*gn* como *nh*).

Molhado, *kníót* (*k* apenas audível).

Morcego, *niákenat* (*ken* indistintamente nasal).

Morder, *coróp*.

Morrer, *kuém*.

Mosquito, *jókunang* (entre *k* e *n*, às vezes não se ouve nenhum *u*).

Mudo, *ong-nuck* (*nuck* de *am-nup* ou *amnuck*, a negação).

Muito, *gicarám*.

Muito, *uruhtú*.

Mutum (Crax), *cóntchang*.

Nadar, *kiiüm* (i breve).

Não, não quero, *amnúp* ou *amnuck*.

Nariz, *kgitn*.

Narina, *kgitn-mah*.

Nariz (arqueado), *kgitn-ntang*.

Nariz (reto), *kgitn-táh-töh* (*ö* entre *ä* e *ö*).

Negro, *engora* (*en* mal se ouve).

Ninho (de ave), *bacán-tiem* (segundo a palatino).

Noite, *tarú-te-tú*.

Nuvem, nevoeiro, *tarú-nion*.

Olhar de esgueira, *ketóm-iojáck*.

Olho, *Ketom* (e breve).

Oncá negra ("tigre"), *kuparack-him*.

Oncá parda (sem malhas), *kuparack-nim-puruck* (primeiro *u* apenas audível).

Oncá pintada, *kuparack-gipaktú*.

Orelha, *kníaknon* (*kn* nasal).

Orgão genital masculino, *kjúck* (o mesmo que cauda de mamífero).

Ortiga, *giacu-láck-táck*.

Osso, *kjáck*.

Ovas (de peixe), *impoock-giping*.

Ovelha, *pó-cling-cudgi* (o *i* meio como *r*).

Ovo, (de ave), *bacan-ningcü*.

Paca (Coelogenys), *acóron*.

Pai, *kgikan*.

Palmatoadá, *pó-ampáng*.

Palmito (bróto tenro de palmeira), *ponti-áck-aldá*.

Pálpebra, *ketóm-kat*.

Pancada, *nup-maun*.

Panela, *nát-neck*.

Panela (a) cozinha, *nát-neck-hámot*, ou *i-mot*.

Páu, árvore, *tchoon*.

Pássaro (pequeno), *bacan-cudgi*.

Patachó ou Cutachó (tribu), *nampuruck* (*kn* breve e indistinto).

Pato do mato, *catapmting*.

Pé, *pó*.

Pedra de amolar, *carátung*.

Pedra, rochedo, *cardtung*, muitas vèzes como *cardú*.
 Pegada, rasto, *pó-niep* (*niep* pelo nariz).
 Peito, *brust*.
 Peixe, *impock* (o algo alongado).
 Pele, *cat*.
 Pele branca, *cat-niôm*.
 Pele bruna, *cat-nprück*.
 Pele preta, *cat-him*.
 Pena (de ave), *gni-maak* (o *k* frequentemente inaudível).
 Pequeno, *cudgi* ou *pmáck*.
 Perna, *maak*.
 Pés (os), quando doentes ou doloridos, *maak-gitia-gikarám*.
 Pesada, *mókarang* (o entre *õ* e *á*).
 Pescar, *impock-avéck*.
 Pescaço, *kjipuck*.
 Pestana, *ketom-ká*.
 Pestanejar, *merák* (r quasi como l).
 Pica-páu (ave), *aeng-ang* (como *ain* francês).
 Pimenta (Capsium), *tom-cháck* (*ch* quasi como *g*) ou *tchom-jáck* (a primeira sílaba derivará talvez de *tchoon*, páu).
 Pintar, *novung*.
 Pisar, andar, *tang*.
 Planta (do pé), *pó-pmim* (p quasi inaudível).
 Pólvora de caça, *pung-gningcú* (*gn* como *nh*).
 Pombo, *kõuem* (*õ* palatal indistinto).
 Ponteagudo, *meráp* (e breve), como afiado.
 Pôr do sol, *tarú-te-mung*.
 Porco do mato (Caitetú ou Taitetú), *hó-kuang*.
 Porco (doméstico), *curáck-gipakiú*.
 Porco-espinho, *acoró-ió* (último *ó* breve).
 Pouco, *amnúp*.
 Preguiça (animal), *ihó*.
 Preguiçoso, indolente, *camnúck* (a um pouco gutural).
 Preto, *him*.
 Próximo, *nahrang*.
 Puxar, *núnchoró*.
 Queimar-se, *jiól* ou *j-ól*.
 Queixada (porco - Dicotyles labiatus), *curáck-nipmantiocú-niôm*.
 Queixo, *knip-mah* (o primeiro vocábulo pelo nariz).
 Quente, *kigitiá*.
 Rã, sapo, *nuang*.
 Raiz, *kigitang*.
 Rasgar, quebrar, *núngnióng*.
 Relâmpago, *tarú-te-merán* (*án* como em francês).

Rio (o) é muito fundo, *taidack-mot-gikarám*.
 Rio (o) é muito razo, *taidack-mah-gikarám*.
 Rio (quando no período de maior cheia), *taidack-ngimpung*.
 Rio, *taidack* (algo pelo céu da boca).
 Rir, *hang* (a palatino com *õ*).
 Rosário, *pó-it* ou *pó-uit*.
 Rosbar (do cão), *mporom-peng*.
 Roubou (ê) e fugiu, eu o vi, *njngkäck-kigick-piep*.
 Ruím, *ton-ton*.
 Saco, *tang* (a meio palatal).
 Saliva, *gni-ma-kniot* (*gni* como *nh*).
 Saltar, *nahang* (segundo a só meio palatal).
 Sangue, *comtjáck* (*tiá* como em *tcha*).
 Sangria (depois de se ter fustigado com a planta *Giacu-tóck-táck*), *Kiaka-tóng*.
 Satisfeito (muito), *cuang-gipakiú-gikarám* (isto é, o ventre está muito grande).
 Sêco, *niimchá*.
 Sentar-se, acocorar, *njêp*.
 Sim, *he-e* (os dois e muito breves).
 Só, *Mokenam*.
 Sobrancelhas, *Kánká* (a palatino, e indistinto, quasi como *õ*).
 Sóbrio, *cueng-e-mah* (o ventre é vazio — e apenas audível).
 Sol (o), *tarú-di-pó*.
 Sol a pino, meio-dia, *tarú-njêp*.
 Solpêdo (animal de um casco), *pó-mokenam*.
 Subir, trepar, *mukiáp*.
 Sucuri, *ketomeni'p*.
 Sugar, *kiaká-ack*.
 Suor, suor, *cuang-eiú*.
 Suspirar, *nohón*.
 Tamanduá-bandeira, *cuían* (a semi-palatal).
 Tamanduá-mirim, *cuían-cudgi*.
 Tarde, pôr do sol, *tarú-lemung*.
 Tartaruga, *corotiock* (*tio* como *tcho*).
 Tatú, *kuntschung*.
 Tatú-canastra. (Das. gigas Cuv.) *kuntschung-cocan*.
 Terra, chão, *naak*.
 Tesoura, *keprotám*.
 Testa, *can* (a semi-palatal).
 Tibia (osso da perna), *kiiáck*.
 Tição (páu de braza), *tchoon-keróng*.
 Tornozelo, *õ-nimh-nong* (pron. nasal, antes como *hn*).
 Tossir, *uhúm*.

- Tremer de frio, *aed-rã* (ambos palata indistintos).
 Trilha, caminho, *emporong* (em muito breve e pouco audível e bem assim o o médio).
 Trovão, *laru-ta-coung*.
 Tutano (medula óssea), *kjidack-iotom*.
 Um, *mokeram*, (*ken* pelo nariz).
 Umbigo, *gnick-na-gnik* (*gni* como *nh* e *ckna* pelo nariz).
 Unha (das mãos e pés), *pó-crang-kenal* (*ken* pelo nariz).
 Urina, *niim-kiang*.
 Urra (a onça), *cuparack-hã-hú*.
 Urrar (refer. à onça), *hú*.
 Urubá, *ampô* (*ô* entre *ô* e *ú* alemães).
 Vadear (passar a vau), *mung-magnan-mah* (significa, literalmente: passar através da água raze).
 Valente, muito valente, *jakjiám-gicarâm*.
 Vasio, ôco, *mah*.
 Veado, corça, *pó-cling*.
 Veia, *Pónim-gni*.
 Vela (de cera), *karantâm* (primeiro a muito breve).
 Velho, *Makniám*.
 Venha cá!, *ning* (*g* apenas audível).
 Vento (o), *larú-te-cuhú* (*te* pouco audível).
 Vento (si está muito forte), *larú-te-cuhú-pmeróng*.
 Ventre, *cuang*.
 Vêr, *piep*.
 Verdadeiro, verdade, *japaúin-amnúp* (literalmente: não é mentira).
 Vermelho, *tióngkrân* (como *ichion*).
 Verruga, *ki-áng* (pelo nariz).
 Vespa, marimbondo, *pangnonion* (*a* entre *á* e *ô*, *ng* como *nh* e apenas audível).
 Voar, *mung*.

Escrevi em parte esse vocabulário quando me encontrava às margens do Rio Grande de Belmonte; aumentei-o depois, à medida que o jovem Queck fazia progressos na língua alemã. Tive ocasião depois de fazer examinar esse botocudo pelo Sr. Goetling, sábio dotado de singular poder de penetração para o estudo aprofundado das línguas, que teve a gentileza de comunicar-me o resultado de suas investigações sobre a língua de que nos ocupámos. Sem dúvida, quando Queck vier a possuir melhores conhecimentos do alemão, será possível fazer importantes aditamentos a esse ensaio; mas, tal como é, a interessante exposição do Sr. Goetling, que abaixo literalmente transcrevo, bastará para dar uma idéa exata da língua desses selvagens.

SOBRE A LÍNGUA DOS BOTOCUDOS

A língua dos Botocudos é muito rica em onomatopéias, isto é, em palavras que imitam um som próprio de determinada coisa empregando o som ou o movimento da coisa que se quer designar. Eis por que a raiz do vocábulo é muita vez dobrada, o que também se dá nas outras tribus quando formam palavras semelhantes. Assim, o Botocudo chama a gaiota *nack-nack*; o pica-pau *eng-eng*, imitando o grito dessas aves. Pela mesma razão, uma espécie de "ortiga" se chama *kjacu-läck-läck*; uma borboleta, *kjacu-käck-käck*; uma formiga, *plik-näck-näck*; a maior das cobras terrestres, *encarang cuong-cuong jipakiú*; essas reduplicações se observam também em *ton-ton*, mau, em *maun-maun*, doente (ao contrário, *nup-maun* significa pancada). Assim também falar se exprime por *ong*, cantar *ong-ong*; espingarda

se diz *pung* e atirar com a espingarda *pung-e-púng* (imitação do ruído). Essas palavras compostas são formadas da mesma forma que *πορφύρεος* ou *πορύρα* em grego, pela reduplicação de *πυρ*; pois o vocábulo propriamente é *πορπύρεος* ou como nos nossos vocábulos infantís, *pa-pa, ma-ma, bon-bon*. São comuns a todos os povos, embora menos numerosos do que nós Botocudos. Todas as reduplicações das línguas antigas pertencem a essa categoria.

Em seus substantivos e adjetivos, os Botocudos não conhecem a distinção do gênero; todas essas palavras são, por conseguinte neutras, da mesma forma que em cada língua, mesmo nas mais ricas, os nomes das coisas são os mais antigos e por isso os menos suscetíveis de flexão. E', porém, muito notável que esses selvagens conheçam dois casos, o que lhes permite representar a relação do sujeito com o objeto: têm um caso subjetivo, tomando essa palavra no sentido de denominador (*casus rectus*) e um caso objetivo. O primeiro não tem caráter exterior e o segundo só se emprega quando dois substantivos se seguem, exercendo o segundo a função de objeto. Essas relações, que equivale às do genitivo, dativo, e acusativo, se exprime pela sílaba *te* (que sóa quasi *ti* ou *de*), colocada antes da segunda palavra. Aliás o selvagem não pratica estreita observância a essa lei, e, na vivacidade da conversa, pode faltar a ela: ao passo que, na composição dos substantivos que exprimem uma força oculta, ou qualquer coisa relativa à divindade, por uma espécie de temeroso respeito êsse *te* nunca é esquecido. E' o que se verifica sobretudo na palavra *tarú*. Êsse vocábulo, extremamente notável, originariamente designa apenas a lua, provavelmente também o sol, mas depois, por uma associação de idéias muito natural, passou a significar também o tempo. A lua tem, sem dúvida, maior importância do que o sol, aos olhos do Botocudo para a noção do tempo, porque lhe dá um meio mais fácil de ter um sinal exterior preciso para dividi-lo; provavelmente por essa razão recebeu o sol apenas o nome derivado de *tarú-ti-po*. *Po* significa pé; assim a denominação de sol equivale a de *corredor no céu*. Corresponde integralmente às de *υπερίων* (o que anda alto céu) e *λυχάβας* (o que se apressa sua carreira luminosa), que a princípio designou o sol e depois o ano entre os gregos. E' evidente que *tarú* é também o nome do sol, pois que *tarú-te-ning* significa o levantar do sol; e *tarú te mung* o pôr do sol. *Ning* (vir) e *amung* (ir-se-embora), são verbos cujos infinitivos estão empregados aqui como substantivos; mas, nesse caso, *te* pode ser omitido, como em *tarú-niep*, meio-dia (de *niep*, sentar-se, porque então o sol parece estar fixamente sentado). Pela associação da idéia do tempo com a palavra *tarú*, explica-se a palavra *tarú-te-tú*, a noite (literalmente, o tempo em que não se tem que comer), denominação para a qual o grande apetite dos Botocudos fornece uma fácil interpretação (*tu* significa fome). *Tarú-te-cuong*, o trovão, ou mais propriamente quando ronca, pois *cuong* deve imitar o ruído do trovão; *tarú-te-merân*, o ráio, ou mais pròpriamente quando se deve fechar as pálpebras,

meráh significando piscar ; *tarú-te-cuhú*, o vento, (isto é, quando brame) ; *cuhú* imita o bramido do vento.

Esse *te* se encontra também em outras composições de palavras, por exemplo : *po-t-ingerung* (dôr no pé) ; quando, porém, nessas composições a palavra que precede termina por consoante, põe-se de lado o *te* : *maak-ingerung* (dôr na perna). Junto do adjetivo, *êsse te* não aparece. Assim, diz-se *tarú-him* (lua nova), *him*, significa preto (por exemplo, *ketom him* a menina dos olhos, porque todos os botocudos têm os olhos negros) ; *tarú-niom*, céu coberto, nuvens (*niom* significa branco).

Os Botocudos formam o plural acrescentando a palavra *ruhú* ou *uruhú* (vários, muito) ; por exemplo, *pung-uruhú*, duas espingardas, uma espingarda de dois canos e, em geral muitas espingardas ; *tchoon-uruhú*, árvores, florestas ; *kjem-uruhú*, casas, aldeia.

Os diminutivos se formam pela adição da palavra *njin*, pequeno, que é um adjetivo abreviado ; assim *kruck-nin* significa criancinha, meninote, *magnang-nin*, gota, pequena água.

Uma regra rigorosa é que o adjetivo nunca pode vir antes do substantivo a que se refere, mas sempre depois dele ; por exemplo, *uahdh* ou *uahd-oron*, homem gordo ou alto, *uahdh-pmäck*, homem pequeno. Os graus de comparação do adjetivo são formados da seguinte maneira : 1.- o comparativo, pela adição de *urúh* (ou *uruhú*, o mesmo que forma o plural) ; por exemplo, *amp-urúh*, mais agudo (isto é frio) ; *ampe-ot* significa afiar ; 2.- o superlativo, pela adição do advérbio *jikaram* ou *gikaram* (muito), como por exemplo, *cuang-mah-jikarm*, muito esfomeado (literalmente, abarriga está muito vazia).

O pronome substantivo *kjick* (eu) vem sempre colocado antes ; exemplo, *kjick-piep*, eu o vi, *kjick-ioop*, eu bebo. De todos os pronomes possessivos, os Botocudos parecem conhecer sòmente *kjiack*, meu ; por exemplo, *kjick-kjuck-magnan-ioop*, eu bebo a minha água. Entretanto, parece que o pronome possessivo não difere muito do substantivo pronominal da primeira pessoa ; pois Queck tanto diz *kjick-maak*, minha perna, quanto *kjuck-maak*. A variação do *u* em *i* nas palavras *kjick* e *kjuck* não deve surpreender, pois da mesma diz-se *kuém*, morte e *uámm* cadáver.

Os verbos estão sempre no infinitivo e no particípio e sua forma não parece diferir da dos substantivos. E' porém muito de notar que grande quantidade dêsses vocábulos comece por um *n*, que parece ser movel, ou terminem por um *p*. Essa particularidade tem talvez uma causa ; aliás, o *n* parece destinado principalmente a indicar o infinitivo, como se verá pelos exemplos que citarei adiante. A terceira pessoa do verbo se forma dum modo baseado sôbre a essência da língua e a origem do verbo. O verbo substantivo (ser) consiste propriamente na palavra *het* (êle é, ela é), que comumente aparece sob a forma abreviada *he* ; ou então simplesmente *e*, precedendo nesse caso o verbo ; exemplo : *hé-mot*, isto ferve, *he-múng*, êle partiu ; *het-nohónn*, êle suspira ; *he-ning*,

êle vem ; e *rehā* ou *ž-rehā*, é bom. Essa palavra *hé* vem repetida, segundo a moda botocuda, em *hē-e-e* ou *hē-e* que significa sim, isto é, isto é assim ; *hē-kjúm-m'rong*, éle nada bem. Na palavra *ampe-ôt*, afiar, julga-se reconhecer uma terminação especial que se conservou na sílaba *ôt* pois *amp* por si significa agudo, e daí *amp-uruh*, frio ; talvez mesmo essa sílaba *ôt* provenha do verbo substantivo *het* ; o mesmo parece se dar com a palavra *i-ôt*, queimar-se. Essa maneira de compôr assim os verbos com o verbo substantivo é muito natural ; por exemplo : éle bebe se decompõe facilmente em éle é bebedor ; sômente o que entre nós parece próprio dos verbos intransitivos entre os botocudos se estende a todos os verbos.

Para dar a conhecer a maneira simples pela qual os Botocudos exprimem as suas idéias, bastará citar os exemplos seguintes :

1) Êles encontram o mel produzido pelas abelhas selvagens no ôco das grandes árvores, e, portanto, êles chamam essa substância de *mah-rā* ou *mah-rehā*, isto é um buraco doce ou um buraco bom.

2) A principal ocupação dos homens é a raça, *njoknd*, eis porque, não tendo sido as suas costas curvadas pelo exercício de um officio, êles designam o trabalho por *iopeck*. As mulheres, porque não vão à caça, são obrigadas a ficar em casa ; assim sendo, a mulher é denominada *iokanang*, palavra que tem provavelmente afinidade com *njoknd*, pois *n* parece designar o indicativo ; assim, *nunge-ring*, atirar, se aproxima de *angering*, lançar, e *iôp* de *njoop*, beber ; *ng* ou *neck* é sem dúvida uma contração de *amnup* ou *amnuck* (nada) ; na composição das palavras costuma aparecer como *nuck*, como em *cam-nuck*, preguiçoso. Isso corresponde aproximadamente, em alemão, a *Weib*, que significa — aquela cuja ocupação é tecer (*weben*). De modo análogo, em alemão, a mulher (*Weibe*) opõe-se ao guerreiro (*Degen*, o que leva a espada), como também, no velho direito saxão, os *Schwertmagen* (*Schwert*, espada), isto é, os parentes do lado paterno, opõe-se dos *Spillmagen* ou *Spindelmagen* (*Spille* ou *Spindel*, fuso), ou parentes do lado materno.

3) O dedo indicador se diz *pó-iopú* ; *iopú*, vem de *iôp*, beber, e, principalmente, lamber ou chuchar ; assim *pó-iopú*, o dedo com que se chucha ; é efetivamente o mais cômodo dos dedos para se fazer essa operação ; por motivo semelhante, o indicador se diz em grego *λίχαιός*.

O fogo se designa pela palavra *tschoom päck*. Pensando-se na maneira por que os Botocudos produzem o fogo, esfregando rapidamente dois pedaços de pau um contra o outro, a etimologia dêsse vocábulo, derivado de *tschoom*, (madeira) e *iopéck*, (mover-se com velocidade) é evidente.

A idéia de verdade e bondade é expressa entre os selvagens de uma fôrma muito clara, isto é, pela negativa. Assim *njinkäck* quer dizer ladrão, tratante, e *njinkäck-amnúp* um homem que não é tratante ; *iapawin* significa mentira, e *iapawin-amnup*, verdade.

2) VOCABULÁRIO DOS MACHACARÍS

NOTA. A entonação deve ser nasal, mas nunca gutural. Muitas sílabas e palavras devem ser pronunciadas de modo muito singular, com o céu da boca, à semelhança do que acontece com os Botocudos.

Água, *cunaan*.
Anta (tapir) *tschad*.
Arco, *tsyhá*.
Árvore, *abaay*.
Bonito, *epai*.
Botocudo, *idcussân*.
Braço (o), *nipnoi* (nasal).
Cabelo, *inden*.
Caídor (um), *creban*.
Canôa, barco, *abasoi*, (o) separado).
Cão, *tochuckschauam*.
Cara (rosto), *nicagnim*.
Carne, *tiungin*.
Casa, *bedr*.
Comer, *tigman* (ig com o nariz).
Coração, *idekegná*.
Dedo, *egnipketakam* (gn como nh, kam mal distinto, pelo céu da boca).
Deus, *tupá*.
Espingarda, *bibcoy*.
Espinho, *minniâm*.
Fogo, *kescham*.
Galinha, *tsucacacan*.
Herva, grama, *schüi* (indistintamente).

Homem, *idpin*.
Ir (deixe-nos ir), *mámamá*.
Irmão, *idnooy* (nasal).
Jacaré, *maai*.
Macaco, *keschniong* (e breve).
Machado, *piim*.
Mão, *agnibiktân*.
Monte, *agniná*.
Mulher, *atitiom* (*etiatum*, u entre ð e ü).
Negro, *tapagnon*.
Olho, *idcay*.
Ouro, *tagnibá*.
Ovo (um), *niptim*.
Pau, madeira, *ke* (e palat. e breve).
Pé, *idpalá*.
Peito, *ilkematan*.
Peixe, *maam*.
Relâmpago, *tânjanam*.
Rio, *itacoy*.
Sangue, *idkáng* (a palatal).
Tatú, *coim*.
Trovão, *tátiná*.
Ventre, *inion* (nasal).

3) VOCABULÁRIO DOS PATACHÓS

NOTA. Tem essa língua grande número de palavras de pronúncia mal definida, meio pelo céu da boca; também muitos sons entre ð, ü e õ.

Aldeia (muita gente), *canan-palashi*.
Amigo, camarada, *itioy*.
Anta (tapir), *amachy* (ch como em alemão).
Anzol, *kutiam*.
Arco, *poilang*.
Árvore, *mnionipticajo*.
Beija-flor, *petlékétom*.
Boi, *juclan*.
Bom (é), *nomaisom*.
Bom (não é), *mayogendá*.
Braço (o), *agnipcaton*.
Brilhar, *niongnilochingá*.
Cabeça, *atpatoy*.
Cabelo, *epotoy*.
Cama, *miptschap*.
Canoa, *mibcoy*.
Cantar, *sumnitá*.

Cão, *koké*.
Carne, *uniin*.
Cavalo, *amaschep*.
Chifre, *niotschokptschoi*.
Comer, *oknikenang*.
Comprido, *miploy*.
Correr, *topakautshi*.
Coxa, anca, *tschakepkelon*.
Criança, *tschauam*.
Cuia, *tolsé*.
Curto, *nionham-ketom*.
Dedo, *gnipektó*.
Deus, *niamissum*.
Doente, *aktschopetam*.
Dormir, *somnaymohon*.
Espingarda, *kehekui* (e palatal).
Faca, *amanay*.
Feder, *niunghaschinguá*.

Fígado, <i>akiopkanay</i> .	Paciência, <i>niaistô</i> .
Filho, <i>nioactschum</i> .	Pedra, <i>micay</i> .
Flecha, <i>pohoy</i> .	Peito, <i>ekâp</i> (pron. indist.).
Frio, <i>nuptschaaplangang</i> .	Peixe, <i>maham</i> .
Gordura, <i>tomaisom</i> .	Pena, <i>potoitan</i> .
Grande, <i>nioketoinô</i> .	Pequeno, <i>kenetketô</i> .
Homem, <i>nionnactim</i> .	Perna, <i>palâ</i> .
Inimigo, <i>combater</i> .	Pescoço, <i>may</i> .
Irmã, <i>ehâ</i> .	Pintar (a côres), <i>noytanatschâ</i> .
Irmão, <i>eketannay</i> .	Polegar, <i>nüp-keô</i> .
Machado, <i>cachû</i> (ch como em alemão, u como ô).	Porco, <i>schaem</i> (e como u, palatal).
Mãe, <i>atôn</i> (ô entre ô e e).	Preguiça (animal) <i>gneüy</i> .
Mandioca, <i>cohom</i> .	Preguiçoso, <i>noktiokpetam</i> .
Milho, <i>pastochon</i> .	Quebrar, <i>tschadâ</i> .
Moça, <i>nactamamiam</i> .	Rã, <i>maudâ</i> .
Monte, <i>egnetopne</i> (e final breve).	Rio, <i>kekâtâ</i> .
Morder, <i>kaangtschaha</i> .	Sangue, <i>enghâm</i> .
Morrer, <i>nokschoon</i> .	Sim, <i>han</i> .
Não, <i>lapelapocpay</i> .	Sol, <i>mayon</i> .
Nariz, <i>insicap</i> .	Soprar, <i>ekepohô</i> .
Negro, <i>tomeningná</i> .	Terra, <i>chão, ahâm</i> .
Noite, <i>tomenieypetan</i> .	Um, só, <i>apeliâenam</i> .
Olho, <i>angudâ</i> .	Unha (das mãos e dos pés), <i>nionmenan</i> .
Ovo, <i>petetiâng</i> .	Velho, <i>hitap</i> .
Paca, <i>tschapâ</i> .	Vem, <i>nanâ</i> .
	Ventre, <i>etâ</i> (mal distinto).
	Vermelho, <i>coatô</i> (co separadamente).

4) VOCABULÁRIO DOS MALALIS

NOTA. Há nesta língua abundância de sons guturais e nasais; as palavras na sua maioria são pronunciadas de modo confuso, pelo que é muito difícil representá-las pela escrita.

Água, <i>keché</i> (ambos e breves).	Cão, <i>wocô</i> .
Alto, <i>amseltoi</i> .	Cara, <i>tielô</i> .
Anta, <i>amajô</i> (ô breve).	Carné, <i>junié</i> (e breve).
Arco, <i>soihé</i> (e breve).	Casa, <i>jeô</i> .
Areia, <i>nathô</i> (tom nasal).	Cavalo, <i>cawandô</i> .
Árvore, <i>me</i> .	Céu, <i>jamepaoime</i> (final breve).
Ave, <i>poignan</i> .	Chifre, <i>manaitke</i> (id.).
Barba, <i>esekô</i> (mal distinto).	Chover, <i>chaab</i> .
Bôca, <i>ajalocô</i> .	Cobra, <i>checheem</i> (ch gutural).
Boi, <i>tapiet</i> (e indist.).	Comprido, <i>escheem</i> (mal dist.).
Bom (ê), <i>epoi</i> .	Comer, <i>pomamenmeng</i> .
Bom (não é), <i>jangmingbos</i> .	Coração, <i>akescho</i> .
Bonito, <i>epoi</i> .	Côxa, <i>ekemnô</i> (e breve).
Botocudo, <i>epcoseck</i> (orelha-grande).	Criança, <i>akô</i> .
Braço (o), <i>niem</i> .	Dê-cá!, <i>naposnom</i> .
Cabeça, <i>akô</i> .	Dedo, <i>aniemkô</i> .
Cabelo, <i>aô</i> (mal dist.).	Dente (o), <i>aiô</i> .
Cair, <i>omâ</i> .	Deus, <i>amielô</i> .
Calor, <i>ejé</i> .	Dormir, <i>niemahonô</i> (o final breve).
Caminho, <i>paa</i> .	Espingarda, <i>poô</i> .
Camisa, <i>agüschicke</i> .	Espinho, <i>mimiam</i> .
Cantar, <i>niamekae</i> (final breve).	Eu, <i>pô</i> (breve).

Faca, *haak* (k quasi inaudível).
 Feio, *ereuura* (indist.).
 Filha, *ekokahá*.
 Filho, *hakó*.
 Flecha, *poi* (tódas as letras audíveis).
 Fogo, *cuidá*.
 Frio, *kapágnomingming*.
 Galinha, *sucaca*.
 Gato, *jongaít*.
 Herva, *achená* (e breve).
 Homem, *alenpiep* (e breve).
 Ir, *akehege* (e breve).
 Irmão, *hagno* (indist.).
 Jacaré, *ae*.
 Jacutinga, *pigná*.
 Leite, *pojó* (o indist.).
 Ligeiro, *aioihamoi*.
 Lua, *ajé* (e breve).
 Macaco, *küshnió*.
 Machado, *pe*.
 Mãe, *ate* (e breve).
 Mandioca, *cuniá* (á breve).
 Mão, *ajimké* (e breve).
 Milho, *manajá* (final breve).
 Morder, *niamanomá*.
 Morrer, *hephó*.
 Mosquito, *kepná*.
 Muitos, *akgnonachá*.
 Mulher, *ajente* (e breve).
 Mutum, *jahais* (mal distinto).
 Não, *alepomnocke* (id.).
 Nariz, *asejé* (final breve).
 Negro, *lapagnon*.
 Noite, *aplom*.

Olho, *ketó* (e breve).
 Onça (Jaguarété), *jó*.
 Ontem, *hahem* (a breve).
 Orelha, *ajepcô*.
 Osso, *akem*.
 Ouro, *toica*.
 Ovo (de galinha), *suckakakier*.
 Pai, *tanatámon* (ou indist.).
 Pau, *me* (e breve).
 Pé, *apá* (a entre a e o).
 Pedra, *haak*.
 Peito, *anjoche*.
 Peixe, *maap* (a meio como o).
 Pena, *põe* (indist.).
 Pequeno, *aguá*.
 Pescoço, *ajemio*.
 Porco, *jauem* (a e u separados).
 Preto, *echeemtom*.
 Raiz, *mimias*.
 Sangue, *akemje*.
 Sim, *koó*.
 Sobre, *jamemauem*.
 Sol, *hapem* (pelo nariz).
 Tamanduá, *kakee* (ambos e destacados e breve).
 Tatá, *conib*.
 Terra, *am*.
 Testa, *haké* (e breve).
 Trovão, *scape*.
 Um, *aposé* (e breve).
 Venha l, *pó* (mal distinto).
 Vento, *aoché* (e breve).
 Ventre, *aigno*.
 Vermelho, *pocalá*.

5) VOCABULÁRIO DOS MACONIS

Água, *cunaan*.
 Alto, *ecuplan*.
 Anta, *tia*.
 Anzol, *cagnagnam*.
 Arco, *paniam*.
 Areia, *awoon*.
 Árvore, *abooi*.
 Ave, *peloignang* (e breve).
 Banana, *atemlá*.
 Barba, *agnedhürn* (mal distinto).
 Bôca, *inicoi*.
 Boi, *inschicoi*.
 Bom (é), *epoy*.
 Bonito, *epoinam*.
 Braço, *agnim*.
 Cabeça, *epotói*.
 Cabelo, *endaen* (breve).
 Cair, *omnan*.
 Calor, *aboican* (a entre a e e).

Caminho, *pataan*.
 Camisa, *tupickchay*.
 Cantar, *nirmungkátá*.
 Cão, *pocó*.
 Cara, *incaay*.
 Carne, *tiungin*.
 Cavalo, *camató*.
 Céu, *becoy*.
 Chifre, *ecum*.
 Chover, *taeng*.
 Cobra, *cagná*.
 Comer, *uptumang*.
 Comprido, *eloitam*.
 Coração, *inkicha*.
 Côxa, *incajhé*.
 Criança, *idculó*.
 Cuiá, *cunatá*.
 Dedo, *agnipeuló*.
 Dê-cá, *aponenom*.

Dente, <i>etioy</i> .	Noite, <i>aplanman</i> .
Deus, <i>tupá</i> .	Olho, <i>idcaai</i> .
Dormir, <i>niamonnon</i> (prim. sílaba nasal).	Onça (jaguarété), <i>cuman</i> .
Espêto, <i>muschi</i> .	Orelha, <i>inipcoi</i> .
Espingarda, <i>bibcoi</i> .	Ossos, <i>ecobjoi</i> .
Espinho, <i>bimniam</i> .	Ouro, <i>taiud</i> .
Eu, <i>ai</i> .	Ovo (de galinha), <i>amniéntin</i> .
Faca, <i>patitai</i> .	Pai, <i>tatá</i> .
Feio, <i>niaam</i> .	Pau, <i>cô</i> (o gutural, entre o e u).
Filha, <i>atinang</i> .	Pé, <i>ingpatá</i> .
Filho, <i>incutó</i> .	Pedra, <i>comtai</i> .
Flecha, <i>paan</i> .	Peito, <i>inkematan</i> .
Fogo, <i>coen</i> (pelo nariz).	Peixe, <i>maam</i> .
Frio, <i>chaam</i> (ch como em alemão).	Penna, <i>potegnemang</i> ou <i>angemang</i> (e inaudível).
Galinha, <i>tiucacan</i> .	Pequeno, <i>capignan</i> .
Gato, <i>kumangnang</i> .	Perna, <i>idcasché</i> .
Herva, <i>scheüy</i> (e breve).	Pescoço, <i>incatakay</i> .
Hoje, <i>ohnan</i> (n final indistinto).	Porco, <i>tratketen</i> (en nasal).
Homem, <i>icüblan</i> .	Preto, <i>imnictam</i> .
Ir, <i>jamón</i> .	Raiz, <i>agniblaschaten</i> (en longo).
Irmão, <i>tschinam</i> .	Regato, <i>ecoinan</i> .
Jacaré, <i>maai</i> .	Relâmpago, <i>agnamam</i> .
Jacutinga, <i>macatá</i> .	Santo, <i>tupá</i> .
Leite, <i>atiedacün</i> (e breve, ü entre ô e û).	Sangue, <i>inkô</i> (ô entre ô e û).
Ligeiro, <i>moachichman</i> .	Serra (montes), <i>aptien</i> .
Lua, <i>puaan</i> (mal distinto).	Sim (exprime-se apenas pela inspiração de um pouco de ar).
Macaco, <i>kegno</i> (e indistinto).	Sobre, <i>pawipam</i> .
Machado, <i>bim</i> .	Sol, <i>abeaay</i> .
Mãe, <i>ahain</i> .	Tamanduá, <i>potoignan</i> (oi com o ô).
Mandioca, <i>coon</i> .	Tatú, <i>coim</i> .
Mão, <i>inhimancoi</i> .	Terra, <i>aam</i> .
Milho, <i>punadhiam</i> .	Testa, <i>incüy</i> (ü nasal).
Morder, <i>cuptumang</i> .	Trovão, <i>uplatiná</i> .
Morrer, <i>umniangming</i> .	Um, <i>epochenan</i> .
Mosquito, <i>kemnian</i> (e breve e indistinto).	Velho, <i>idkaloen</i> , (a e oe indistintos).
Mulher, <i>atí</i> .	Vem!, <i>abui</i> .
Mutum, <i>tschaschipoché</i> (sch brando, como j francês).	Vento, <i>thiam</i> .
Não, <i>poé</i> .	Ventre, <i>agniohn</i> (nasal).
Nariz, <i>inschicoi</i> .	Vermelho, <i>upekângcháng</i> .
Negro, <i>tapagnon</i> .	
Ninho, <i>mapkepá</i> .	

6) VOCABULÁRIO DOS CAMACANS CIVILIZADOS DE BELMONTE, CHAMADOS PELOS PORTUGUESES DE MENIENS

NOTA. Há nesta língua muitos sons palatais e especialmente nasais, de modo que as palavras são em geral pronunciadas de modo muito confuso para os estrangeiros.

Água, <i>sin</i> (n só em parte).	Areia, <i>ae</i> .
Alto, <i>insché</i> .	Árvore, <i>hi</i> .
Anta, <i>eré</i> (e indistinto).	Banana, <i>incrú</i> .
Arco, <i>huán</i> .	Barba, <i>jogé</i> (g como gu).

Bôca, <i>jniatagô</i> .	Mandioca, <i>kaiú</i> .
Bom (não é), <i>saú</i> .	Mão, <i>incrú</i> .
Bonito, <i>ingole</i> (i indist.).	Mata, <i>antô</i> (o breve).
Braco, <i>ighia</i> (indist.).	Milho, <i>kscho</i> (mal dist.).
Cabeça, <i>inro</i> (n só pela metade).	Morder, <i>imbrô</i> .
Cabelo, <i>iningê</i> .	Morrer, <i>juni</i> .
Caminho, <i>schá</i> .	Morto, <i>scha-tia</i> .
Cão, <i>jaki</i> .	Mulher, <i>schá</i> .
Capim, <i>assô</i> .	Nariz, <i>inschiucô</i> .
Carne, <i>kioná</i> .	Negro, <i>coalá</i> .
Casa, <i>tuwudá</i> .	Noite, <i>ulá</i> .
Chover, <i>si</i> .	Olho, <i>imgulô</i> .
Cobra, <i>ti</i> .	Onça (Jaguareté), <i>kalciamú</i> .
Comer, <i>jicudá</i> .	Orelha, <i>incogá</i> .
Comprido, <i>insché</i> .	Ovo (de galinha), <i>sacré</i> .
Coração, <i>niroschi</i> .	Pau, <i>hintá</i> (hin pelo nariz).
Cotia, <i>onschô</i> .	Peixe, <i>há</i> (nasal).
Criança, <i>canaiú</i> .	Pena, <i>ingé</i> (gé como gué portug.).
Deixe-nos ir, <i>niamú</i> .	Pequeno, <i>intan</i> .
Dente, <i>jo</i> (ambas as letras audíveis).	Pescoço, <i>inkio</i> (com os dentes cerrados).
Dormir, <i>jundun</i> (un pela metade).	Porco, <i>cuidá</i> .
Espinho, <i>inschá</i> .	Povo (homens), <i>tuji</i> .
Estrêla, <i>pinia</i> .	Preto, <i>cuatá</i> .
Faca, <i>kecio</i> .	Quente, <i>aniunggu</i> .
Feio, <i>saú</i> (a e u ouvem-se destacados).	Raiz, <i>kiaji</i> .
Filho, <i>camajô</i> .	Rio, <i>sin</i> .
Flecha, <i>hain</i> .	Sal, <i>schuki</i> .
Fogo, <i>jarú</i> (i).	Sangue, <i>isô</i> (i indist.).
Galinha, <i>asachá</i> .	Sim, <i>inu</i> .
Gambá, <i>cansché</i> .	Sol, <i>schioji</i> .
Gato, <i>intan</i> .	Tamandú (tam. bandeira), <i>tamandú</i> .
Hoje, <i>inu</i> (i acent.).	Tatú, <i>pá</i> (palat.).
Homem, <i>cahé</i> .	Terra, <i>é</i> .
Ir (depressa), <i>ni</i> .	Tigela, <i>enan</i> (e breve).
Irmão, <i>atô</i> .	Um, <i>wetô</i> .
Jacaré, <i>ué</i> .	Velho, <i>schoco</i> (pron. todas as letras).
Leite, <i>anjú</i> .	Vem!, <i>ni</i> (como entre os Botocudos).
Lua, <i>jé</i> .	Vento, <i>judá</i> .
Macaco, <i>caun</i> (mesma pronúncia da palavra portuguesa <i>cão</i>).	Ventre, <i>jundú</i> .

7) VOCABULÁRIO DOS CAMACANS OU MONGOÍÓS DA CAPITANIA DA BAÍA

NOTA. E' uma língua muito singular, cheia de palavras bárbaras e extensas, com muitos sons guturais, pelo que se diversifica profundamente das anteriormente tratadas. O final das palavras é pronunciado de um modo breve e indefinível. As vezes os sons nos parecem nasais, palataes e guturais a um tempo só. Abunda o *ch* alemão, além do *k* e *á*; e tem, de ordinário, pronúncia muito breve; no final das palavras acham-se com frequência o *a* e o *o*, mas tão destacados e breves como si o elocutor estancasse subitamente o som. As palavras devem ser pronunciadas à moda alemã, a menos que haja alguma recomendação em contrário.

Água, *sa* (a muito breve).
Alegria, *anchoro* (*ch* gutural, *ro* com a ponta da língua).

Alto, *hoinidá* (á breve, tudo pelo nariz).
Anzol, *kediahaie* (e breve, *hai* acent.).
Anta, *herá* (breve).

Arara, *teschoká*.
 Arco, *cuan*.
 Areia, *aadengarand* (*ada* breve, en apenas audível).
 Árvore, *hauuê* (*uê* breve, tudo pelo nariz).
 Assar,
 Ave, *schandá*.
 Bôca, *hárako*.
 Bodoque, *diapá* (*día* breve, *pá* idem).
 Boi, *hereró* (*he* indist.).
 Bom, *koiki*.
 Bonito, *scho-hó* (*scho* longo, *hó* breve e destacado).
 Borboleta, *schakreré*.
 Botocudo, *kuanikochiá*.
 Brago, *nichuá* (*ch* como em alemão, pelo nariz).
 Branco, *inkohéro* (*he* breve).
 Buraco, *ackó* (*ae* algo longo, *ko* breve).
 Buscar (vá ali e busque!), *ihand* (*a* breve).
 Cabeça, *hero* (lingual e muito breve).
 Cabelo, *ká* (muito breve e como que interrompido).
 Cair, *kogerachká* (mal dist.).
 Calcanhar, *hoaké*.
 Calor, *schahadio* (*dió* breve e como que interrompido).
 Caminho, *hyá*.
 Canôa, *hoinaká*.
 Cantar, *hekegnahekuechka* (pelo nariz, tudo breve e confuso).
 Capim, *kaí* (*a* e *i* algo separados).
 Cavalo, *cavará* (*o* meio como *ú*).
 Cêra, *hiot* (todas as letras separadas).
 Choça, casa, *dea* (breve, pelo nariz e céu da bôca).
 Chover, *tsorachka*.
 Cinza, *aechkeia*.
 Comer, *niukuá* (*niu* apenas audível, *kuá* acentuado).
 Coral (cobra), *dideré*.
 Correr, *niani*.
 Corça, *héndá*.
 Cotia, *hohion* (pelo nariz, sem acentuação particular).
 Criança, *koinin* (*nin* acentuado).
 Cuia, *keráchká* (*ach* breve e pelo céu da bôca).
 Dar, *adché* (*ch* palat.).
 Dá cá!, *nechó* (idem).
 Dansar, *ecoin* (nasal).
 Dedo (primeiro), *inhindió* (*inhin* breve e indistinto).
 Dedo (segundo), *ndiachhiá* (idem).
 Dedo (terceiro), *nájaenó*.
 Dedo (quarto), *ndiozgrá*.
 Dente, *dió*.

Dia, *ari* (*a* arrastado, *i* e *a* breves).
 Dormir, *hakegnehodochká*.
 Espêto, *ohindio* (*dió* breve, palatal e mal distinto).
 Espingarda, *kiakó*.
 Estrêla, *péo* (*o* cheio, acentuação em *e*).
 Eu, *echchá*.
 Faca, *kediahadó* (indist. e breve).
 Falar, *schakreré*.
 Fava, *kegná*.
 Filho, *kedigrá*.
 Flecha, *hoay*.
 Flôr, *huánhindó*.
 Fogo, *diachke*.
 Fôlha, *ere* (*e* muito breve).
 Fruto, *keráná* (*e* e *á* final curtos).
 Ferida, *andóhiu* (*dó* indist. *ui* separados).
 Gato pintado, *kuichhua-dan* (tudo destacado).
 Gibóia, *kta-hiá*.
 Grande, *iró-oró*.
 Homem, *hiemá*.
 Ilha, *kahoi*.
 Ir, *man*.
 Irmã, *ichodorá*.
 Irmão, *kiachkoodan* (as três últimas sílabas breves).
 Jacutinga, *shanensú* (*ü* entre *ü*, *e* e *ö*).
 Jacupemba, *schaheid*.
 Jaguatirica, *kuich-hua* (*ch* como em alemão).
 Jararaca, *dká-hiá*.
 Jazer, estar deitado, *konui*.
 Língua, *diacherá*.
 Lua (*a*), *hádiá* (acento em *diá*).
 Luz, *ichke* (*ich* gutural, *ke* breve).
 Macaco, *caun* (como a palavra portug. *cão*).
 Machado, *jakedochká*.
 Mão, *ninkre* (*kre* muito breve).
 Mar, *sonhiá*.
 Mata, *dochodiá*.
 Matar, *hendededau*.
 Mentira, *nechionán*.
 Moço, *crenán*.
 Monte, *here*.
 Morrer, *endiáná* (*diáná* breve).
 Morto, *hendededau* (*e* breve, *ch* palat.).
 Mutum, *schachedá*.
 Muitos (*eúhiáhiá* (*eú* apenas audível).
 Mulato, *kediachká* (*ach* gutural e palat.).
 Mulher, *krochediorá*.
 Nada, *hatschhoho* (*hatsch* algo alongado, *hoho* breve).
 Nadar, *sandedá*.
 Não, *moschi* (breve).
 Nariz, *nihiekó*.

Negro, *khohadã* (*kho* tão breve que apenas se ouve, *dã* breve).

Noite, *huerachká* ou *húerá*.

Olho, *kedô*.

Onça pintada, *jakô-dêré*.

Onça parda (sussuarana), *jakô-koarã*.

Onça preta, *jakô-hyã*.

Orelha, *nichkô* (*nich* pelo nariz, *ch* pouco audível, *kô* breve).

Paca, *hohion* (pelo nariz, e sem acent. particular).

Pai, *keandã* (e algo cheio).

Pau, madeira, *hoindã* (*oin* unido, *dã* breve).

Pedra, *keã* (nasal).

Peito, *kniochhere* (*here* breve).

Peixe, *huã* (nasal).

Pequeno, *krahado* (*kra* com a ponta da língua, *hado* muito breve).

Perna, *táchketse* (*ketse* breve).

Pescoço, *ninkhedio* (*khe* indefinível, *h* nasal, *diô* muito breve).

Pintar, *indãrã* (*dãrã* breve).

Polegar, *nede* (primeiro e indistinto, segundo breve).

Ponte, *hondia* (*diã* muito breve).

Porco (doméstico), *kuã-hirochã*.

Preto, *koachedã* (e apenas audível, *dã* breve).

Queimar, *undsedô* (*dsedô* breve).

Queixada (porco do mato), *kuã-hiã*.

Queixo, *nichkaran* (*nich* gutural, tudo muito breve).

Raiz, *kãse*.

Rêde, *huerachkachká* (tudo nas. e breve).

Regato, *sanhoã* (*hoã* breve).

Relâmpago, *tsahochkô* (*kô* breve).

Rio, *kedochhiã*.

Sal, *eschkê* (*esch* alongado, *kê* acent.).

Sangue, *kedio* (e e o breves).

Sim, *koki* (o indistinto).

Sobre, *hochoã* (tudo breve e indistinto, o a especialmente).

Sol (o), *hiosô* (*ô* entre *ô* e *ã*).

Soprar, *sckkt* (*i* breve).

Tamanduã bandeira, *perã*.

Tatã (grande), *panká-hiã* (*ã* destacado).

Terra, *chã*, e (breve).

Testa, *akê* (e breve e acent., a indist.).

Tossir, *cogerrã* (*rã* breve, nasal).

Trovão, *sankoray* (breve, *san* apenas audível).

Velho, *stahie* (*i* e e destac., e breve).

Vento, *hedjechke* (*je* como em francês, *ech* palat., *ke* indistinto).

Ventre, *kniooptech* (*ech* muito breve).

Vermelho, *cohira* (*co* quasi inaudível, *hira* pelo nariz, *rã* destacado e breve).

Voar, *hohdonichkô* (*ô* breve).

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

NOTA SOBRE A CARTA QUE ACOMPANHA
A SEGUNDA PARTE DESTA
RELAÇÃO DE VIAGEM

Essa carta indica a minha viagem através das grandes matas até o sertão e dêste até à Baía. Principia ao sul no Rio de Santa-Cruz e indica com bastante exatidão o litoral até o Rio Itaipé; isso quer dizer que eu procurei retificar de acôrdo com a minha própria experiência todos os pontos assinalados nas cartas de Taden e Arrowsmith os melhores que conhecia por ocasião de minha viagem. Pude me encarregar dessa retificação, porque, nas minhas diferentes explorações, notei sempre cuidadosamente o número de léguas de que um lugar estava afastado do outro. Foi mais difficil determinar exactamente os pontos das zonas do interior, sem ter o tempo nem os instrumentos necessários às observações astronômicas; não preocupava muito essa falha, deante das promessas que me fizeram o ministro Conde da Barca e mais tarde o Conde dos Arcos de me remeter uma carta dessa região; a morte porém do primeiro fez com que se esvanecessem as minhas esperanças nesse sentido. Tomei, por conseguinte, como base principal a carta de Arrowsmith; mas não se deve levar em conta sinão a rota que eu já seguí, e vai marcada por uma linha, pois não posso de forma alguma julgar da justeza da posição de todos os outros pontos situados de um e outro lado; julgo mesmo poder considerá-los em geral como mal colocados.

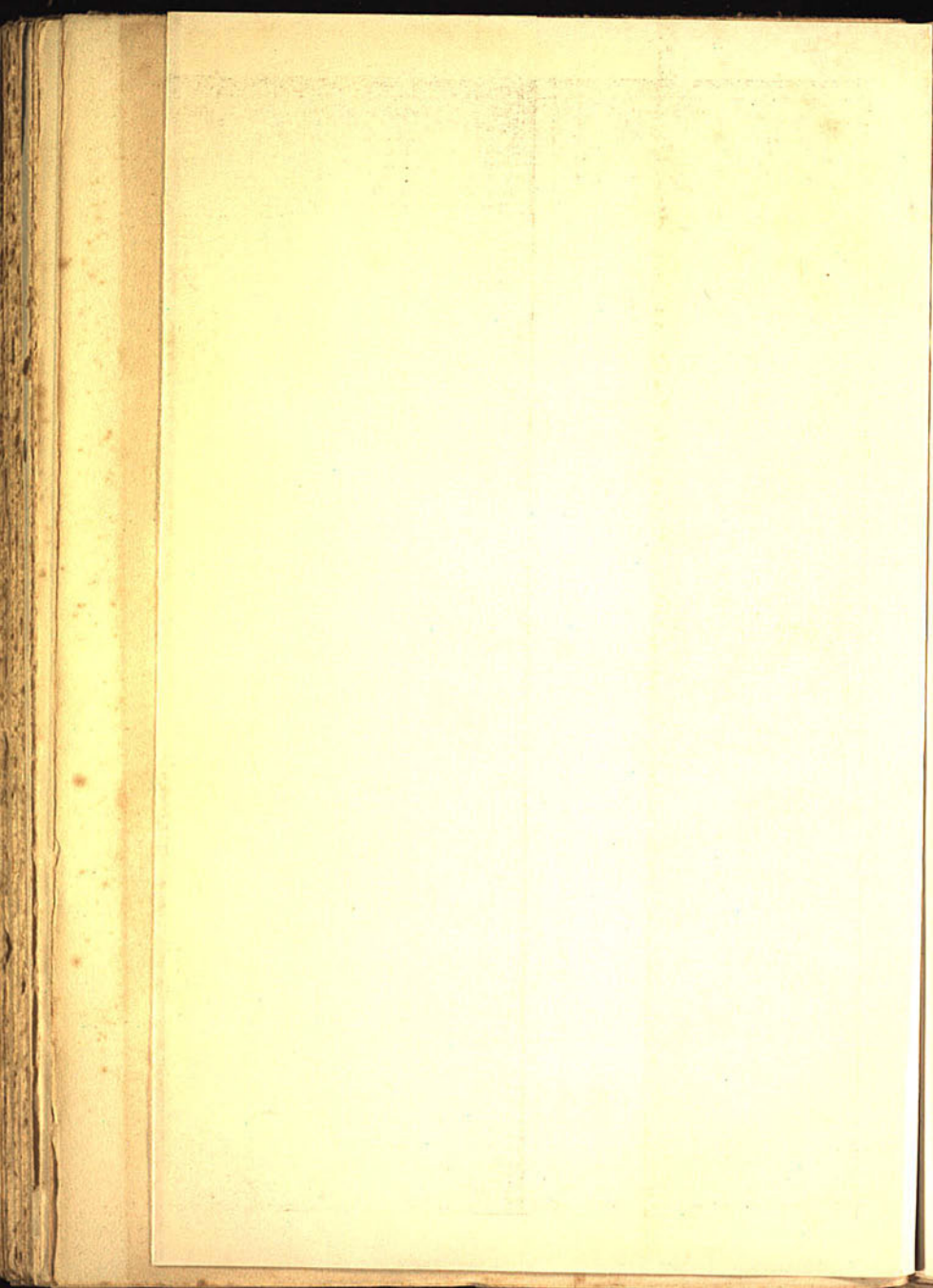
O curso do Rio Pardo é representado nessa segunda carta de modo um tanto diferente do que está representado pela outra, pois que nesta, eu não podia ainda ajuizar de seu curso no interior do país. Foi preciso mudá-lo, porquanto eu alcancei as margens dêsse rio na estrada do tenente-coronel Filisberto Gomes da Silva, acompanhando-as em seguida até Barra da Vareda, onde delas me afastei. Valo, na fronteira de Minas-Gerais, é o ponto do interior mais afastado da costa a que cheguei; está a 18 léguas de distância do arraial do Rio Pardo, construído sobre as margens dêsse rio, e assinalado sob o seu verdadeiro nome na carta de Taden, ao passo que na de Arrowsmith, vem designado pela denominação de Extrema. Esse ponto vai também

indicado em minha carta ; porém como Arrowsmith se enganou sobre a sua posição, cumpre também que na minha carta elle seja deslocado.

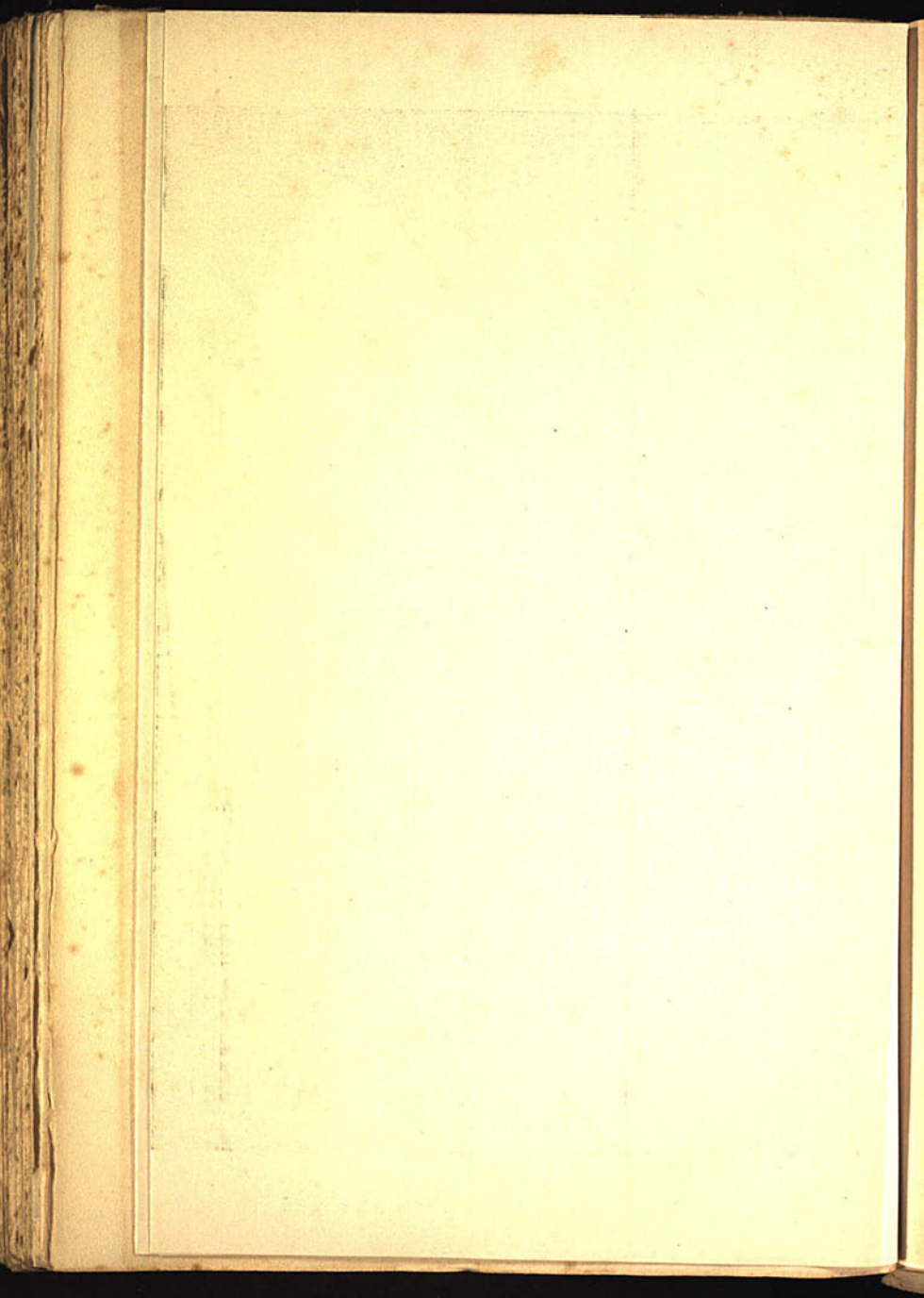
A estrada aberta pelo Snr. Filisberto da Silva através das matas segue exactamente a margem direita do Ilhéus ou Rio da Cachoeira : logo adiante, entretanto, se afasta e vai reunir-se ao Rio Pardo, o que indica naturalmente uma mudança no traçado dêsse último rio. Prometeram-me na cidade da Baía uma carta exata e especial dessa estrada ; mas até agora não a recebi. De acôrdo com as minhas observações, assinala todos os córregos, riachos, rios e montanhas mais importantes, os pontos em que acampámos à noite, e bem assim todos os outros pontos dignos de atenção ; poder-se-á assim acompanhar muito rigorosamente o diário da minha marcha através das matas. A minha viagem de Vareda à cidade da Baía foi feita a principio bem próximo das margens do rio dos Ilhéus, formando um ângulo muito agudo com o seu curso, pois a distância de Barra da Vareda ao Arraial da Conquista, ou a linha transversal de uma à outra estrada é apenas de dois dias de viagem.

Na estrada de Bom Jesus a Corta Mão, omiti alguns pequenos rios que são aproximadamente da fôrça do Jiquiriçá na última dessas localidades ; não pude, porém, determinar si tais rios eram ou não sinuosidades do Jequiriçá. Igualmente entre Lage e Aldeia, o meu e à natureza dos lugares. O riacho de Bom Jesus, perto da fazenda dêsse nome, foi deixado inteiramente de lado em vista do seu volume de águas pouco considerável. A costa, da embocadura do Itaipe até a entrada da Baía de Todos-os-Santos, ou Recôncavo, é muitopouco exata na carta de Arrowsmith, e por conseguinte na minha, pois não fiz essa viagem. Sobre êsse ponto dever-se-á consultar palatais pontos a "Corografia Brasílica", tomo II, p. 103 e seguintes.

Os limites da capitania da Baía vão assinalados por uma linha pontuada.







Índice das vinhêtas e estampas⁽¹⁾

TOMO I

	PAG.
I — Tempestade durante uma viagem marítima (gravada por Haldenwang, Carls-ruhe)	19
II — Vista da entrada da baía do Rio de Janeiro (gravada por Schnell, Darmstadt)	31
III — Caçadores brasileiros (gravada por Jacob Lips, Zurich)	41
IV — Cabana de pescadores, no Rio Bragança (gravada por C. Schleich, Munich)	77
15 — Vista da Fazenda de Tapebuçá e da costa marítima, com o monte de São João e a Serra de Iriri cercados pela mata virgem	84
V — Casa de campo, à margem do Paraíba (gravada por C. Schleich, Munich)	97
2 — Puris na choça (gravada por Seyffer e Rist, Stuttgart)	108
12 — Armas, adornos e utensílios dos Puris	110
Fig. 1, arco; 2 e 3, flecha guerreira e para a caça de grandes animais; 4, flecha para animais pequenos; 5, colar de frutinhas; 6, colar de espinhos de uma planta; 7, cesto de folhas de palmeira.	
1 — Vista da Missão de São Fidelis (gravada por Wagner, Leipsig)	114
VI — Casa de um lavrador brasileiro (gravada por C. Schleich, Munich)	117
13 — Trastes, adornos e armas dos Puris, dos Botocudos, dos Machacaris e dos índios da costa	124
Fig. 1, batoque; 2 arco dos Machacaris; 3, flecha dos mesmos; 4, batoque de orelha de Botocudo, copiado do de Capitão June; 5, batoque de lábio de botocudo; 6, "Jakeraium Joka", leque amarelo de penas, primitivamente usado pelos Botocudos, preso à testa; 7, rede de dormir dos Puris; 8, "Caratu", ou machado de pedra dos Botocudos.	
VII — Soldados de Linhares, com suas mochilas (gravado por M. Esslinger, Zurich)	139
4 — Vista do rochedo de Jucutucoara, no Rio Espírito Santo, perto de Vitória (gravado por Frenzel, Dresden)	144
5 — Viagem por um braço do Rio Doce (gravado por Veith, Dresden)	154

(1) — As estampas pertencem à edição alemã em grande formato da obra de Wied; umas (vinhêtas), acompanham-lhe o texto, em face de cada capítulo, as outras (estampas no sentido restrito) fazem parte do atlas tirado à parte. Na edição atual conservam-se as primeiras e a sua situação original, (a que o índice remete indicando o capítulo e a página, sempre ímpar, a que fazem face) ao passo que as segundas (fronteiras às páginas pares indicadas no índice) aparecem distribuídas, tanto quanto possível, em correspondência com o texto a que se reportam, sem consideração pelo seu primitivo número de série. Para maior facilidade nas remissões indica também o índice os números de série originais das vinhêtas (algarismos romanos) e das estampas (algarismos arábicos).

Sobre a autoria das estampas encontramos em Wied informações precisas. "Os desenhos que serviram para a confecção das gravuras, diz ele, foram na sua maioria, esboçados in loco por mim próprio e ulteriormente aperfeiçoados. Devo, porém, agradecer ao Sr. Sellow alguns desenhos originais, especialmente os retratos de Botocudos, por ele desenhados na câmara lúida, com muita fidelidade. Dele são também a vista da costa de Tapebuçá, da vila de Ilhéus e do Porto Seguro e mais alguns interessantes desenhos". (Nota do comentador)

VIII —	Ninho e ovos de tartaruga na costa marítima (gravado por J. Lips, Zurich).	163
IX —	Nossa choupana em Morro d'Arara (gravado por Reinhard, Wien)	187
6 —	Nas matas do Mucuri, em companhia do Capitão Bento Lourenço e seus "mineiros".	192
2 —	Purús na mata (gravado por Seyffer e Rist. Stuttgart)	198
X —	Choças dos Patachós (gravado por C. Schleich, Munich).	203
7 —	Patachós do Rio do Prado (gravado por Rist Munich).	208
16 —	Vista da vila de Porto Seguro, no Rio Buranhem (gravado por C. Schleich, Munich).	218
8 —	Vista da fés do rio e da igreja de Santa Cruz (gravado por Frenzel Dresden).	222
XI —	Botocudos. O Chefe Kerengnatnuck e sua família (gravado por Esslinger, Zurich).	229
9 —	Vista da Ilha Cachoeirinha e do Quartel dos Arcos, na fés do Rio Grande de Belmonte (gravado por F. Haldenwang Sohn Carlsruhe)	236
11 —	Duelo entre Botocudos no Rio Grande de Belmonte (gravado por Müller, Paris)	260

TOMO II

I —	Crâneo típico de Botocudo (gravado por Bitthauser, Würzburg).	273
17 —	Quatro retratos originais de Botocudos e, ao centro cabeça de múmia (gravado por A. Krüger, Florença).	276
14 —	Utensílios e ornatos dos Botocudos.	280
	Fig. 1, tubo "Kuntsechun-Cocana"; 2, instrumento de fazer fogo, "Nom-Nan"; 3, sacola de viagem; 4, estobo de folha de palmeira; 5, colar de sementes, chamado "Pohuit"; 6, faca, arranjada de modo a ser perdurada no pescoço; 7, osso de animal e nozes de coco, para comer; 8, copo de taquarussá, para beber água, chamado "kekroek".	
21 —	Armas e utensílios dos Botocudos	284
	Fig. 1, arco; 2, flecha comum; 3, flecha pequena de pau vermelho; 4, avental feminino; 5, sacola listada de caça.	
10 —	Família de Botocudos em viagem (gravado por Seyffer e Krüger, Stuttgart).	294
II —	Índios em viagem (gravado por Esslinger, Zurich).	315
18 —	Vista da Vila e do Porto de Ilhéus (gravado por Schnell, Carlsruhe)	324
III —	Viagem de canoa pelo rio dos Ilhéus (gravado por Haldenwang Carlsruhe).	333
IV —	Estada no Rio da Cachoeira (gravado por C. Rahl, Wien).	347
20 —	Grupo de Camacans na mata (panorama de Seyffer de Stuttgart e figuras de Bitthauser de Würzburg).	352
22 —	Ornatos e utensílios dos Camacans.	360
	Fig. 1, corça de penas; 2, "kechiech"; 3, "Herebehedioes", ambos instrumentos de musica.	
19 —	Festa dansante dos Camacans (gravado por J. Lips, Zurich).	368
V —	Desfile de uma tropa carregada (gravado por J. Lips, Zurich).	375
VI —	Boi perseguido pelos vaqueiros (gravado por F. Meyer, Berlin).	401
VII —	A caça da onça (gravado por C. Rahl).	421
VIII —	Apresentando um burro de carga para viajar (gravado por Esslinger Zurich).	453

INDICE ALFABETICO

dos

Nomes zoológicos e botânicos¹

Abobora 292
 Abutua 71
 Acarus 368, 426
 aestuans, *Sciurus* 50
 aethereus, *Caprimulgus* 174, 422
 aethereus, *Phaeton* 455
 africanus *Gypogerranus* 395
 Agama catenata 438
 Agave 96
 Agave foetida 39, 43, 83, 387, 470
 Agrião 39
 agrippina, *Phalaena* 352, 370
 agua, Bufo 432, 439
 Agua-viva 23
 Agua-pesqueira 267
 aguti, *Cavia* 367
 aguti, *Dasyprocta* 189, 193
 Airi 53, 83
 ajaja, *Platylea* 95, 381, 384, 401
 Almêcega 204
 albicollis, *Tantalus* 380, 384, 401, 402
 albus, *Diadurum* 318
 Alcedo alcyon 118, 121
 Alcedo bicolor 184
 alcyon, *Alcedo* 118, 121
 alector, *Craz* 109, 193, 266, 262, 286, 348
 Alisma 90
 Allamanda cathartica 101—378
 Alstroemeria ligula 63
 aluco, *Strix* 86
 Alvacora 455
 Amaryllis 82, 264
 amazonicus, *Psittacus* 177, 212, 213, 402

ameiva, *Lacerta* 75
 americana, *Ciconia* 79, 380
 americana, *Genipa* 107, 264, 334
 americana, *Mycleria* 380, 408
 americana, *Rhea* 393
 americanus, *Tapirus* 37, 127, 153, 173, 192, 249
 Ampelis atro-purpurea 193, 201
 Ampelis carunculata 60
 ampulacea, *Helix* 80
 Amyris 204
 Anabates atricapillus 364
 Anabates erythrophthalmus 363
 Anabates leucophthalmus 369, 368
 Anabates macrourus 364
 Anabates rufifrons 366
 Anacã 231, 363
 Anacardium occidentale 120, 169, 222
 anaconda, *Boa* 255
 Ananás 33
 ananas, *Bromelia* 33
 Anas dominica 402
 Anas moschata 49, 126, 154, 193, 233, 235, 238, 240, 248
 Anas vidua 93, 125, 128, 221, 402
 Anas virgata 231
 Adorinha 149
 Andorinha do mar 24, 149, 223, 231, 232, 234
 Andromeda coccinea 87
 Aninga 92
 aninha, *Plotus* 92, 245
 Anhua 235, 245

(1) - Nesta lista, preparada expressa e cuidadosamente para a presente edição pelo comentar, estão compreendidos apenas os nomes constantes do texto e das notas do autor, quer técnicos quer vernáculos. A grafia destes últimos aparece, não obstante, quasi sempre actualizada.

Os numeros em itálico remetem aos lugares em que o respectivo assunto foi versado no comentário; isso, até certo ponto, supre a falta de indice especial para os nomes usados nas notas incluídas nesse último.

- ani, Crotophaga* 46, 50, 100
Aninga (planta) 235, 267, 328
Anolis gracilis 353
Anolis viridis 353
Anta 187, 153, 173, 189, 191, 249, 255, 256, 383
Anum branco 100
Anum preto 46, 50, 100
Anú-grande 56
aperea, Cavia 365
Apeiba cimbalaria 321
aquilus, Pelecanus (v. *Fragata*) 24, 205
arabicus, Costus 71
aracari, Ramphastos 60, 81, 334, 369
Aracua 206, 207
Araçá 292
Araçaris 334
Arazea avicularia 49
Aranha caranguejeira 133
Arapaçá 363
Araponga 50, 55, 78, 81, 371
Arara 231, 234
Arara azul 84
Araras 185, 249, 262, 430
Arara vermelha 84, 104, 154, 184
ararauna, Psittacus 84
Araribá 71
Araticum 292
Aratá 177
Araucaria 33, 397
Arca 324
Ardea nycticorax 102
Ardea pileata 125
Ardea virescens 329
Argemone mexicana 182
argentea, Sterna 59
Aricuri (côco de) 200, 204, 206, 212
Aririnha 125, 193
Aristolochia ringens 435
Aroeira 223
aromatica, Linharia 362
Artocarpus integrifolia 33
Arum 53
Arum esculentum 216
Arum liniferum 79, 267
Asclepias curassavica 45
Asplenium marginatum 359
Ateles (veja *Miriqui*) 79, 235, 335, 338, 348, 355
Ateles hypoxanthus 79, 370
ater, Trochilus 269, 356
atricapillus, Anabates 364
atro-purpurea, Ampelis 183, 201
atroz, Viperia 189
Aublet 204
aurata, Hyla 437
aura, Vultur 51, 87, 236
auricapilla, Tanagra 411
Avicennia 75, 121
Avicenia tomentosa 176
avicularia, Aranea 49
Bacuráu 57, 86, 131, 234
Bagre 51
Baiagá (veja "Papa-ostreas") 81, 93 131
Baleias 40, 446
Balistes ventula 318
Bálsamo peruviano 304
Bambusa 82, 284
Banana 292
Banana do mato 335
Banisteria 61, 81, 82, 336
Barba de pau 344
Barba de velho 49
Barbado (veja *Guariba*) 74, 79, 110, 154, 190, 192
Barriguda 285, 291, 295
Barrigudas 349
Batara 241
Batata 292
Batuira 131
Bauhinia 62, 191, 336
Begonia 336, 411
Beija-flores 241, 395
Beija-flor de chifre 395
bellas, Bignonia 46
belzebul, Myceles 393
Bem-te-vi 46, 92, 388
Beroe 456
bicarinatus, Coluber 79
Bicho de pé 91, 207, 363
bicolor, Alcedo 184
bicolor, Trochilus 57
Bicudo 363, 378
Bignonia 61, 70, 84, 102, 264, 336
Bignonia bellas 46
Bignonia coriacea 43
Biguá (Corvo marinho) 78, 121
Biguatinga (v. *Anhinga*)
bilineatus, Cophias 182
bimaculatus, Bufo 49
Biza orellana 107, 279
Boa anaconda 255
Boa constrictor 75, 183, 202, 255, 382
Bombaz 39, 61, 285, 336, 349, 463
Bombaz ventricosa 250, 291
bonariensis, Tanagra 387
Bonnetia palustris 87
Borbolêtas 57, 352, 370, 423
Bougainvillea brasiliensis 43, 78, 248
Bradypus 298
Bradypus torquatus 69, 180
Bradypus tridactylus 180
brasilia, Tanagra 44, 57, 131, 244, 369
brasiliensis, Bougainvillea 43, 78, 248
brasiliensis, Cactus 352
brasiliensis, Caesalpinia 61 70

- brasilensis*, *Emberiza* 378, 387
brasilensis, *Falco* 94
brasilensis, *Felis* 166, 487
brasilensis, *Lepus* 45
brasilensis, *Lutra* 185, 193, 249
brasilensis, *Tanagra* 369
brasilensis, *Tinamus* 189, 348, 355
brasilensis, *Turdus* 328, 364
 Brejêduba 53
Bromelia 47, 61, 109, 169, 222, 440
Bromelia ananas 33
Buccinum 324
 Bufo água 432, 439
 Bufo bimaculatus 49
 Bufo cornutus 352
 Bufo margaritifera 353
 Bugio (v. Guariba e Barbado)
 Bulla 324
busarellus, *Falco* 92
Byssus 216
 Caburé (ou Caboré) 42, 88, 185
Cacoeiro 39
 Cachimbáu 262
 Cachimbo (veja Cachimbáu) 262
 Cachorro do mato 409
cactorum, *Psittacus* 380, 426
Cactus 47, 53, 57, 61, 121, 222, 411, 427, 440
Cactus brasilensis 352
Cactus pendulus 267
 Cação 241
 Caçaroba 217, 241
Caesalpinia brasilensis 61, 70
 Caitetú 153
 Caixeta 171
 Cajueiro 120, 169, 222
Caladium 53
Calceolaria 324
Callithrix melanochir 190, 358, 362
Callithrix personatus 126, 154
Caladum 267, 336, 340, 440
campestris, *Picus* 382
 Camurupi 241
 Camutanga 48, 189
canadensis, *Loxia* 367
 Canario 378, 387
carnivoros, *Ursus* 392
Canceroma cochlearia 329
 Canção 305, 351
 Canela 71
 Cangussú 216, 217
 Caninana 143
Canis mexicanus 392
 Canna 56
Canna indica 43
capistrata, *Tanagra* 387
 Capivara 249, 255, 263
Caprimulgus 57, 86, 102, 131, 185, 234
Caprimulgus aethereus 174, 422
Caprimulgus diurnus 384
Caprimulgus grandis 174, 259, 264, 422
Caprimulgus leucopterus 422
Capsicum 39, 319, 349
 Capueira 185, 233, 286, 348
 Cará-cará 94
 Caracará branco 402
 Cará do mato 292
 Caranguejeira 49
 Carão 229, 401
 carauna, *Numenius* 229
 Caravela (veja *Physalia*) 23
 Caraya (Guariba) 392
Cardium 324
 Cardo santo 182
caretta, *Testudo* 165
 Caribes 343
Carica 33, 236, 292
carpinifolia, *Sida* 95
 Carrapato 368, 426
carunculata, *Ampelis* 50
 Cascavel (cobra) 183, 381, 425
caspia, *Sterna* 59
Cassia uniflora 87
Cassius cristatus 241, 280
Cassius haemorrhous 115, 241, 267, 344
Cassius persicus 241, 243, 334
Casuarina 90
 Catauá 318
catenata, *Agama* 438
cathartica, *Allamanda* 101, 378
 "Caubi" 71
Cavia aguti 367
Cavia aperea 365
Cavia rupestris 378
caudata, *Pipra* 411
caudata, *Pteris* 379
Caulinia tenella 432
cayannensis, *Tantalus* 330, 364
cayennensis, *Oriolus* 241
cayennensis, *Tanagra* 369
cayennensis, *Vanellus* 50, 65, 88, 402
Cebus xanthosternus 263, 352, 355, 361
 Cedro 171
Cecropia 109, 133, 230, 284
Cecropia peltata 143
Celastrus ilicifolia 436
Cerambyx longimanus 194
Cercis silisquastrum 462
Certhia cyanea 43
cervicornis, *Prionus* 291
Cervus mexicanus 391
 Chama 324
Charadrius 51, 93, 131
 Chauá 48, 189
 Chimachima 215
Chlorophanes spiza 202

- Chochi 88
 Chora-lua (v. Mãe-da lua) 185, 234
 Chorão 448
 Choroão 348
chrysomelas, Hapale 356
Ciconia americana 79, 380
cimbalaria, Apeiba 321
Cinchona 304
cincta, Cotinga 202
 Cipó (cobra) 79
 Cipó cravo 62
 Cipó verdadeiro 191
 Ciri 267, 275
 Cleome 121
Clitoria 212
Clusia 204
 Coati 193
coccinea, Andromeda 87
coccinea, Ormosia 87
cochlearia, Cancroma 329
 Cobra coral 317, 318
 Cobra verde 408
 Côco (da Bafa) 198
 Côco de imbuiri 292
 Cocos 133, 334, 336
Cocos lapidea 224, 323
Cocos nucifera 74, 86, 96, 176
Coelogenys paca 189, 193
 Coendu 141
 Colheiro 95
 Colheiros 381, 401
 Coirana 71
collaris, Hirundo 65
Coluber 143
Coluber bicarinatus 79
Coluber formosus 190, 317
Coluber fulvius 63, 317
Coluber merremii 346
Coluber plumbeus 81
Coluber venustissimus 317
Coluber versicolor 347
Columba geoffroyi 241
Columba jamaicensis 241
Columba leucoptera 433
Columba locutriz 344, 412
Columba minuta 241
Columba oenas 235
Columba rufina 217, 241
Columba speciosa 184
Columba squamosa 372, 426
 Conchas marinhas e fluviais 324
concolor, Felis 233, 354, 405
Conocarpus 75, 121, 138, 213
Conocarpus racemosa 176
constrictor, Boa 75, 202, 255, 382
Conus 324
Convoleulus 123, 135
 Copaiaba 186
 Copaiva 304
Copaifera officinalis 304
Cophia bilineatus 182
Cophias holosericeus 434
 Coqueiro 74
 Coral falsa 63, 189, 317
corallinus, Elaps 317
coriacea, Bignonia 43
coriacea, Testudo 165
cornutus, Bufo 352
cornuta, Palamedea 235, 245
cornutus, Trochilus 395
coronatus, Psittacus, 48, 189
 Coruja do campo 366
 Coruja de igreja 447
 Corvo marinho (veja Biguá) 73
Corvus cyanoleucus 395
Corvus cyanopogon 356, 433
Coryphaena 455
Costus arabicus 71
Cotinga cincta 202
Craz alector 109, 193, 256, 262, 286, 348
 Crejoá 202
Crescentia cujele 104, 110, 284
crispa, Loxia 378
cristata, Penelope 432
cristatus, Cacicus 241, 280
cristatus, Dicholophus 394, 401
Crocodylus 102
Crocodylus sclerops 118, 119, 290, 343, 381, 401
Crotalus loeflingi 381
Crotalus horridus 183, 425
Crotophaga ani 46, 50, 100
Crotophaga major 56
crotophagus, Falco 215, 402
cruentatus, Psittacus 63, 363
 Crumata 241
Crypturus 291
Cuculus cayanus 44
Cuculus guira 100
Cuculus tenebrosus 85
 Cuieira 284
cujele, Crescentia 104, 110
cumanensis, Crotalus 381
cunicularia, Striz 396
 Cuphea 324
 Cupim, 52, 78, 408, 430
curassavica, Asclepias 45
Curculio imperialis 39
Curculio palmarum 291
 Curiango ("criangá") 131, 249, 384
 Curica 177, 213, 320
Curicaca 380, 384, 401, 402
 Cutia 189, 193, 367
cyanea, Certhia 43
cyanea, Nectarinea 142, 202
cyanooleucus, Corvus 395

- cyanogaster*, *Psittacus* 193
cyanopogon, *Corvus* 356, 453
cyanotropus, *Procnias* 142
cayanus, *Cuculus* 44
Cyperus 230
Cypraea 324
Cypselus 65, 248
dactylifera, *Phoenix* 74
Dasyprocta aguti 189, 193
Dasyppus 120, 193
Dasyppus gigas 282, 348
Dasyppus maximus 258
degener, *Falco* 402
Delphinus phocaena 22
Dendezeiro 444
Dendrocolaptes 62, 349, 363
Dendrocolaptes trochilirostris 359
dentata, *Perdix* 233
depressa, *Testudo* 326
Dicholophus cristatus 394, 401
dichotoma, *Mertensia* 94, 201
Dichidurus albus 318
dicolorus, *Ramphastos* 53, 181, 280, 369
Dicotyles 153
Dicotyles labiatus 192, 234, 245, 289
Didelphys 234
discolor, *Felis* 166
diurnus, *Caprimulgus* 384
dominica, *Anas* 402
Donax 324
Dourado (marinho) 455
Dracaena Draco 462
Dracontium 336, 440
Dracontium pertusum 53, 340
Dragoeiro 462
dufresnianus, *Psittacus* 241
Echinus 210, 216
Echinus pentaporus 223
Echites variegata 87
Elaps corallinus 317
Elaps ibiboca 317
Elaps maregraviæ 317
Elater 182
Elater noctilucus 86, 339
elegans, *Tanagra* 142
Ema 393
Emberiza brasiliensis 378, 387
Embira branca 285
Epidendrum 47, 53, 61, 336, 411, 440
erythrocephala, *Pipra* 142
erythrogaster, *Psittacus* 63, 241
erythrophthalmus, *Anabates* 363
esculentum, *Arum* 216
Espadarte 241
espelho, *Pomba* 241
Eugenia 78
Eugenia 336
Eugenia pedunculata 120, 121
Evolvulus phyllicoides 87
Jaber, *Hyla* 437
Falco brasiliensis 94
Falco busarellus 92
Falco crotophagus 215, 402
Falco degener 402
Falco furcatus 88, 129
Falco guianensis 360
Falco haliætos 267
Falco nudicollis 341, 347, 370
Falco palustris 92
Falco plumbeus 87, 129
Falco tyrannus 256
Jatuellus, *Simia* 69, 74
Felis brasiliensis 166, 437
Felis concolor 233, 354, 405
Felis discolor 166
Felis jagouarundi 406
Felis maroua 406
Felis onca 37, 131, 155, 217
Felis pardalis 193, 406
Felis tigrina 193
Felis yaguaroundi 193
Ferreiro (rã) 132, 437
ferruginea, *Striz* 88
Feto 47
Ficus 222, 284, 336
Figueira 100
figulus, *Turdus* 396
Filix 47, 201, 267, 378
Flamingo (veja "guará")
flammea, *Striz* 447
flaveola, *Nectarinea* 214
flavescens, *Picus* 63, 135
flavirostris, *Sterna* 231
foetida, *Agave* 39, 43, 83, 387, 470
Fôgo-apagou 372, 426
forficatus, *Haliaeetus* 198, 205
Formigas 52
formosus, *Coluber* 190, 317
Fragata 198, 24, 205
Franga d'agua azul 328
Fringilla magellanica 387
Fringilla nitens 143, 373, 378
Fringilla ornata 396
Fringilla pileata 373, 378
fruticosa, *Wikstroemia* 87
Fucus 25, 29, 121, 149
Fulgora laternaria 339
fulvius, *Coluber* 63, 317
furcatus, *Falco* 88, 129
Gafanhotos 427
Gaivotas 22, 28, 46, 55, 131, 149, 212, 311
Galbula magna 146
Gallinula martinicensis 328
Gambá 234
Gameleira 222, 284

- Garça real 125
 Garoupa 218, 219
garrulus, *Phasianus* 206
 Gato mourisco 193, 406
 Gato pintado 193
 Gaturamo 39
 Gavião de penacho 360
 Gavião do sertão 341, 347
 Gavião tesoura 86
geoffroyi, *Columba* 241
Genipa americana 107, 264, 334
 Genipapeiro 264, 334
 Genipapo 279
 Gibão de couro 247
 Giboia 75, 202, 256, 382
gigas, *Dasyatis* 282, 348
 Goiabeira 24, 33
 Golfinhos 456
 Goyaba 120
gracilis, *Anolis* 353
 Gralha (veja "Quem-quem") 356, 433
 Gralha azul 395
 Gralhão (veja Gavião do sertão)
Grammistes 318
grandis, *Caprimulgus* 259, 264
 Grapirá (v. *Fragata*) 198
 Graúna 70
 Gravata 295
grossa, *Loxia* 363, 364, 369
 Grubá 70
 Grumbari 70
Gryllus 427
 Guache 115, 241, 267, 344
 Guacu-pita 77, 153, 192, 259
 Guaianuí 75
 Guandirã (veja Vampiro) 211
 Guará 92, 392
guarauna, *Numenius* 229
 Guariba 74, 79, 126, 154, 365
 Guariba preto 392
 Guazubira 119
 Guazupita (veja Guacu-pita)
 Guazupucá 392
guianensis, *Falco* 360
guianensis, *Perdix* 185, 233, 348
guianensis, *Peitacus* 49, 65, 241
 Guigó 190, 192, 358, 362
Guilandina bonduc 204
guira, *Cuculus* 100
 Guirapiriba 340
 Guriri (côco) 60, 200, 206, 212
gurnardus, *Trigla* 22
guyanensis, *Tanagra* 369
Gypogerys africanus 395
Haematopus 88, 93, 131
haemorrhous, *Cassicus* 115, 241, 267, 344
haemorrhous, *Oriolus* 267
haliaetus, *Falco* 267
Haliaeetus forficatus (veja *fragata*) 198, 205
Heliconia 35, 47, 109, 132, 135, 334, 440
Helix 324
Helix ampulacea 80
Helix ovalis 80
Hapale chrysomelas 356
hercules, *Scarabaeus* 164
 Herva de bicho 74
 Herva moura 71
Hesperia 382
Hirundo collaris 54
Hirundo jugularis 247
Hirundo leucophaea 184, 247
Hirundo melanoleuca 247
Hirundo minuta 65
Hirundo pelagica 316
hirundo, *Sterna* 59
Hirundo violacea 149
holosericeus, *Cophias* 434
horridus, *Crotalus* 183, 425
Hyla aurata 437
Hyla faber 437
Hyla luteola 152
hypoxanthus, *Ateles* 79, 370
ibiboboca, *Elaps* 317
Ibis 91
Iceta 204
idomeneus, *Papilio* 57
Ilex 336, 436
ilicifolia, *Celastrus* 436
 Imbaúba 284
 Imbiú 70
 Imbú 292
 Imbuzeiro 436
 Imburi (côco de) 199
imperialis, *Curculio* 39
 Inambú 123, 291
Indaiá-assú 199
indica, *Canna* 43
indica, *Mangifera* 39, 30, 33, 443
 Ingá 292, 336
 Intanha 352
integrifolia, *Artocarpus* 33
 Ipê 171
 Ipê amarelo 70, 84, 101
 Ipê-tabaco 70
 Ipê-una 70
Ipecacuanha 71
ipecacuanha, *Pombalia* 71
Ipomoea 429
Ipomoea littoralis 204
 Irara 193
 Iraré ("araré") 402
 Issara 280
 Jabirú (ou Jaburú) 79, 380, 408
 Jaboticaba 292
 Jaburú 268, 276, 380, 384, 401, 408
 Jabuti 194, 344

- jacana*, Parra 50, 56, 264, 328
Jacaranda 61, 70, 335, 336
Jacarandá 71, 167, 171, 205, 320
Jacaré 102, 118, 119, 126, 155, 171, 179, 190, 290, 300, 343, 401
Jacchus leucocephalus 141
Jacchus penicillatus 232, 327, 358
jacchus, Simia 232, 447
Jacquinia obovata 147
Jacú (veja Jacupemba)
Jacupemba 60, 149, 193, 233, 286, 361, 432
Jacutinga 109, 193, 257, 286, 338, 353
Jaçanã 50, 56
jagouarundi, Felis 406
Jaguaretê 131, 155, 233
jamacaiti, Oriolus 385
jamaicensis, Columba 241
Japú 241, 280
Japuí 241, 243, 334
Jaquá (sic) 70
Jaqueira 33
Jararaca 182, 189, 235, 434
Jararaca verde 183
Jararacussú 189
Jassaná 264
Jatropha 336
Jatropha manihot 28
Jatropha urens 131, 305, 351
Jauarê 37
Jéquitiranaboa (veja Fulgora)
Jiquitibá 171
Jissara (côco de) 199
João de barro 396
João-corta-páu 86
João-grande (veja Fragata)
jubata, Myrmecophaga 164, 393
Judeu (peixe) 455
jugularis, Hirundo 247
Jundiá 241
Juó (Jaó) 123, 126, 131, 340, 350
Jupatí 256
Juriti (juruti) 241
Jurú 190, 415, 439
labiatus, Dicotyles 192, 234, 245, 289
Lacerta ameiva 75
Lacerta litterata 75
Lacerta teguixin 55, 122, 435
Lachesis 134
Lachesis mula 183
Lagartixa 363
Lagartixa de coleira 89
Lagarto 353, 363
Lampyrus 182
Lanius picatus 411
Lanius pilangua 46, 92
Lantana 35, 45
lapidea, Cocos 224, 323
Laranja da terra 79
Laranjeira 39
Larus 131, 212
Larus marinus 28, 59
Larus ridibundus 51, 59
laternaria, Fulgora 339
Laurus 70, 336
leucocephalus, Jacchus 141
leucogaster, Sula 73
leucoptera, Columba 433
leucoptera, Hirundo 184, 247
leucoptera, Penelope 109, 193, 286
leucopterus, Caprimulgus 422
leucophthalmus, Anabates 359, 363
Lecythis 248, 283, 285, 336
Lecythis ollaria 33, 84, 293
Lepas 324
Lepidium 39
Lepus brasiliensis 45
leucocilla, Pipra 142
Lichen rangiferinus 211
ligtu, Alstroemeria 63
lineatus, Picus 63
lineola, Loxia 378
Linharia aromatica 362
liniferum, Arum 267
litteata, Lacerta 75
littoralis, Ipomoea 204
littoralis, Remirea 166, 204
Lobo 392
loculator, Tantalus 79, 380
locutrix, Columba 344, 412
loeflingi, Crotalus 381
longimanus, Cerambyx 194
Lontras 125, 249, 361
Loricaria plecostomus 262
Loxia canadensis 367
Loxia crista 378
Loxia grossa 363, 364, 369
Loxia lineola 378
Loxia torrida 378
lunatus, Pelopaeus 80, 88, 89
luteola, Hyla 152
Lutra brasiliensis 125, 193, 249
Macaco (v. Macaco de bando)
Macaco de bando 263, 352, 355, 361
Maçaricos 50, 73, 121, 131
macao, Psittacus 84, 104, 154, 184
macavanna, Psittacus 49, 72, 79
macroura, Felis 406
macrourus, Anabates 364
Macra 324
Macuca 123, 189, 193, 291, 348, 355, 362
maculosus, Tinamus 95
Mãe-da-lua (veja Urutau) 174, 259, 264, 422
magellanica, Fringilla 387
magna, Galbula 146

- magna*, *Tanagra* 369
Maitaca 133, 202
Maitaca de cabeça vermelha 193
 "Majole" 71
major, *Crotophaga* 58
Mamão 292
Mamão do mato 349
Manati (v. *Peixe-boi*) 147, 168, 205
Mandioca 38
Mandioca brava 292
Mangifera indica 39, 30, 33, 443
mango, *Trochilus* 241
Mangues 75, 145, 167, 176, 212
Mangueira 39, 30, 33, 443
manihot, *Jatropha* 38, 60
Maracajá 193, 406
Maracujá 292, 385
Maracanã 49, 72, 65, 79, 148
marail, *Penelope* 60, 149, 193, 233, 286, 361, 432
Maranta 54
marcgravi, *Elaps* 317
margaritifera, *Bufo* 353
marginatum, *Asplenium* 359
Marimbondos 78, 146, 337, 338, 387
marinus, *Larus* 28, 59
Mariquina 49
Marreca 221
Martim-pescador 118, 121
martinicensis, *Gallinula* 328
Maruim 44
Massaranduba 70
mastacalis, *Muscicapa* 366
mazimus, *Dasyptus* 258
mazimus, *Phyllostomus* 433
Medusa pelagica 24, 267, 456
Melaleuca 90
melanochir, *Callithrix* 190, 358, 362
melanogaster, *Plotus* 328
melanoleuca, *Hirundo* 247
melanonotus, *Psittacus* 202
melanopterus, *Picus* 188
Melastoma 133, 264, 336
menstruus, *Psittacus* 133, 202, 241
Mergulhão (*Sula*) 73, 328
Mero 218, 219
merremii, *Coluber* 346
Mertensia dichotoma 94, 201
Metrosideros 90
mezicana, *Argemone* 182
mezicanus, *Canis* 392
mezicanus, *Cervus* 391
Micos 192
midas, *Testudo* 165, 315
miliaris, *Noctiluca* 25
Mimosa 43, 61, 70, 71, 96, 336
minuta, *Columba* 241
minuta, *Hirundo* 65
minuta, *Sterna* 59
Miriqui 79, 107, 235, 335, 338, 348, 351, 370
misya, *Pyrrhula* 378
mitratus, *Psittacus* 193
Miuá (veja *Anhinga*) 245, 328
Mocó 378, 429
molle, *Schinus* 223
Mono (veja *Miriqui*)
Morcegos 249, 432
Morcego branco 318
moschata, *Anas* 49, 125, 154, 193, 233, 238, 233, 235, 240, 241
moschilus, *Trochilus* 379
Moura (*Herva*) 71
Murez 324
Musa 33
Mus pyrrhorinos 386
Muscicapa 349
Muscicapa mastacalis 366
Muscicapa ricularis 334
Muscicapa rupestris 247
Muscicapa tyrannus 389
Muscicapa vociferans 178, 344
Mustela 193
mula, *Lachesis* 183
Mutucas 130
Mutum 109, 193, 256, 262, 348, 353
Mycetes 110, 192, 392
Mycetes belzebul 393
Mycetes ursinus 74, 79, 125, 126, 154, 365
Mycteria americana 79, 380, 408
Myiothera 349, 378, 383
Myrmecophaga jubata 37, 164, 193, 290, 383, 393
Myoxylon peruijerum 304
Myrtilus 336
Mytilus 324
naevia, *Tapera* 86
naso, *Vespertilio* 184
Nasua 193
Neclarinea cyanea 142, 202
Neclarinea flaveola 214
nigra, *Rhynchops* 149, 154, 229
Nerita 324
nilens, *Fringilla* 143, 373, 378
Noctilio 234
Noctiluca miliaris 25
noctilucus, *Elater* 86, 339
noctivagus, *Tinamus* 123, 133, 340, 350, 362, 371
nucifera, *Cocos* 74, 86, 96, 176
nudicollis, *Falco* 341, 347, 370
nudicollis, *Procnias* 50, 55, 371
Numenius carauna 229
Numenius guarana 229
nycticorax, *Ardea* 102
Nymphaea 90, 118

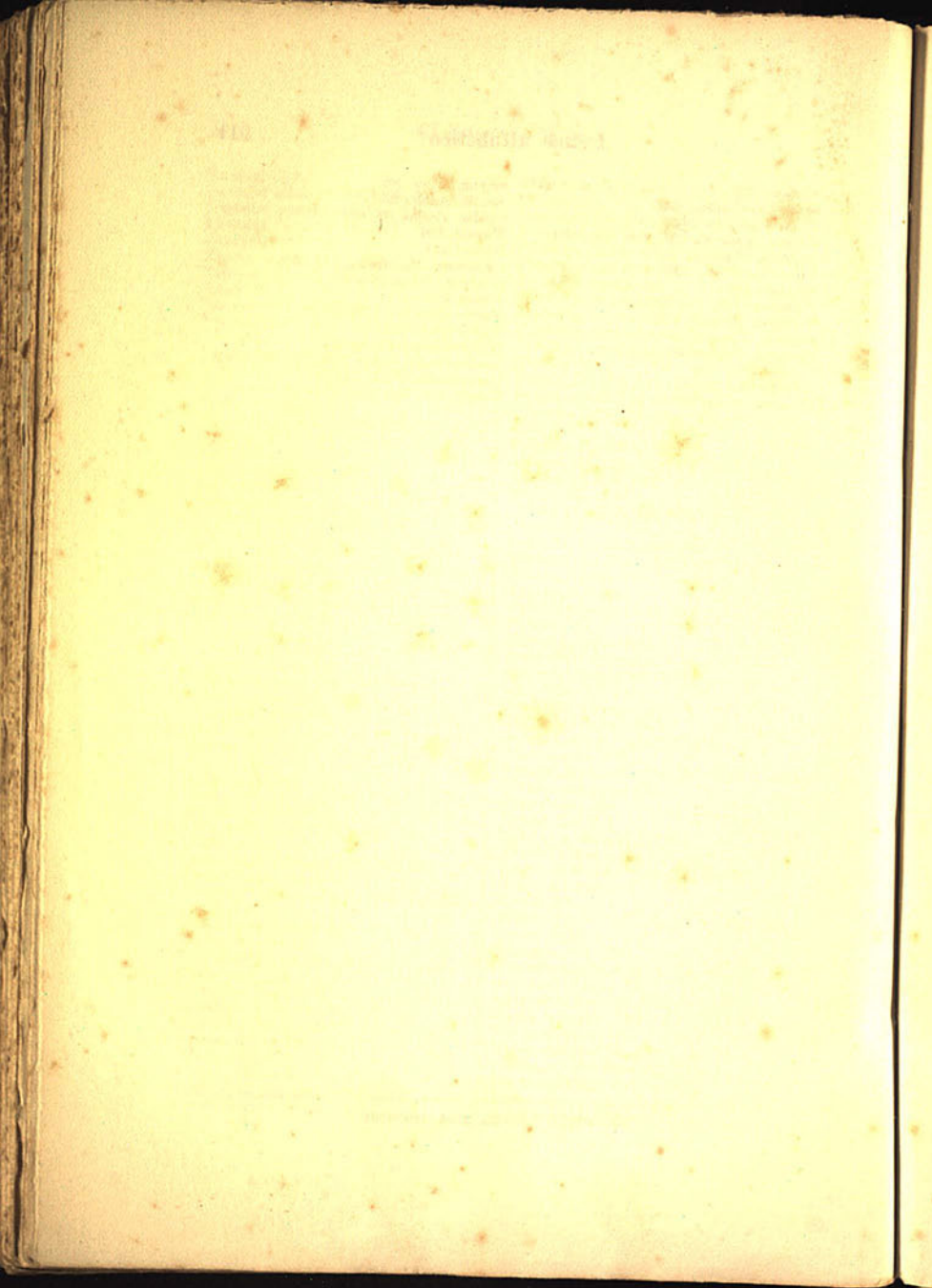
- obovata*, *Jacquinia* 147
obovata, *Plumeria* 435
occidentale, *Anacardium* 120, 169, 222
ochrocephalus, *Psittacus* 177, 212, 218, 320
oenas, *Columba* 235
Oenothera 371
officinalis, *Copaifera* 304
Oitica 171
Olaia 470
Oleo-pardo 70
ollaria, *Lecythis* 33, 84
onca, *Felis* 131, 155, 217
Onça parda ("vermelha") 233, 249, 405
Onça pintada 217, 230, 233, 268, 338, 359
Onça preta 153, 166, 437
Onça vermelha 233
Opetiorynchos turdinus 364
orellana, *Biza* 107, 279
Oriolus cayennensis 241
Oriolus haemorrhous 267
Oriolus jamacaii 385
Oriolus violaceus 50
Ormosia coccinea 87
ornata, *Fringilla* 396
ornatus, *Trochilus* 45
orphoeus, *Turdus* 89
Ostrea 324
Ouriço do mar 210, 216
ovalis, *Helix* 80
Paca 189
paca, *Coelogenys* 189, 193
Paineira 39
Palamedea cornuta 235, 245
palmarum, *Curculio* 291
palmarum, *Tanagra* 318
Palmito (côco de) 199
palustris, *Bonnetia* 87
palustris, *Falco* 92
papa, *Vultur* 355
Papa-capim 396
Papa-ostreas 131
Papagaio 50, 320
Papagaio verdadeiro 402
Papilio (var. esp.) 423
Papilio idomeneus 57
pardalis, *Felis* 193, 406
pareola, *Pipra* 142
Parra jacana 50, 56, 264, 328
Parraqua (veja *Aracua*)
parraqua, *Penelope* 206
Passaro preto 374
passerinus, *Psittacus* 241
Passiflora 61, 292, 336, 340, 385
Patella 324
Pati (côco de) 199
Pato 193
Pato almiscarado 233, 235, 154, 238, 240, 241
Pato de crista 384
Pato do mato 125, 233, 235
Pau-brasil 61, 70, 171, 205
Pau d'arco 340
Pau de embira 285
Pau de estôpa 283, 285
Pau de leite 371
Paullinia 147, 336
Pavó 63, 135
Pavoncinho (veja "Quero-quero") 50, 63, 88
Pecari 37
pedunculata, *Eugenia* 120, 121
Pêga 241
Peixe-boi (veja "manati") 147, 168, 205
pelagica, *Medusa* 24, 267, 456
pelagica, *Procellaria* 22, 456
pelasgia, *Hirundo* 316
Pelecanus aquilus 24, 205
Pelopaeus lunatus 80, 89
pellata, *Cecropia* 143
pendulus, *Cactus* 267
Penelope 257
Penelope cristata 432
Penelope leucoptera 109, 193, 286
Penelope marail 60, 149, 193, 233, 286
Penelope parraqua 206
penetrans, *Pulex* 91, 207, 363
penicillatus, *Jacchus* 232, 327, 358
pentaporus, *Echinus* 223
Perca punctata 318
Perdiz dentata 233
Perdiz guianensis 185, 233, 348
Perdiz (veja *Codorna*) 95
Periquitos 349
Peroba 71, 171
persicus, *Cassius* 241, 243, 334
personatus, *Callithrix* 126, 154
pertusum, *Dracontium* 53, 340
Peruá 318
peruiferum, *Myrozylon* 304
petasophorus, *Trochilus* 396
Petraea volubilis 254
Phaeton aethereus 455
Phalaena agrippina 352, 370
Phasianus garrulus 206
Ohocaena, *Delphinus* 22
Phoenix dactylifera 74
Pholas 324
phylicoides, *Evolvulus* 87
Phyllanthus 267
Phyllostomus 57, 432
Phyllostomus maximus 433
Phyllostomus spectrum 211, 230
Physalia 23, 26, 456
Physalis (veja *Physalia*)
Piabanha 187, 241, 349
Piaçaba (côco de) 200, 323

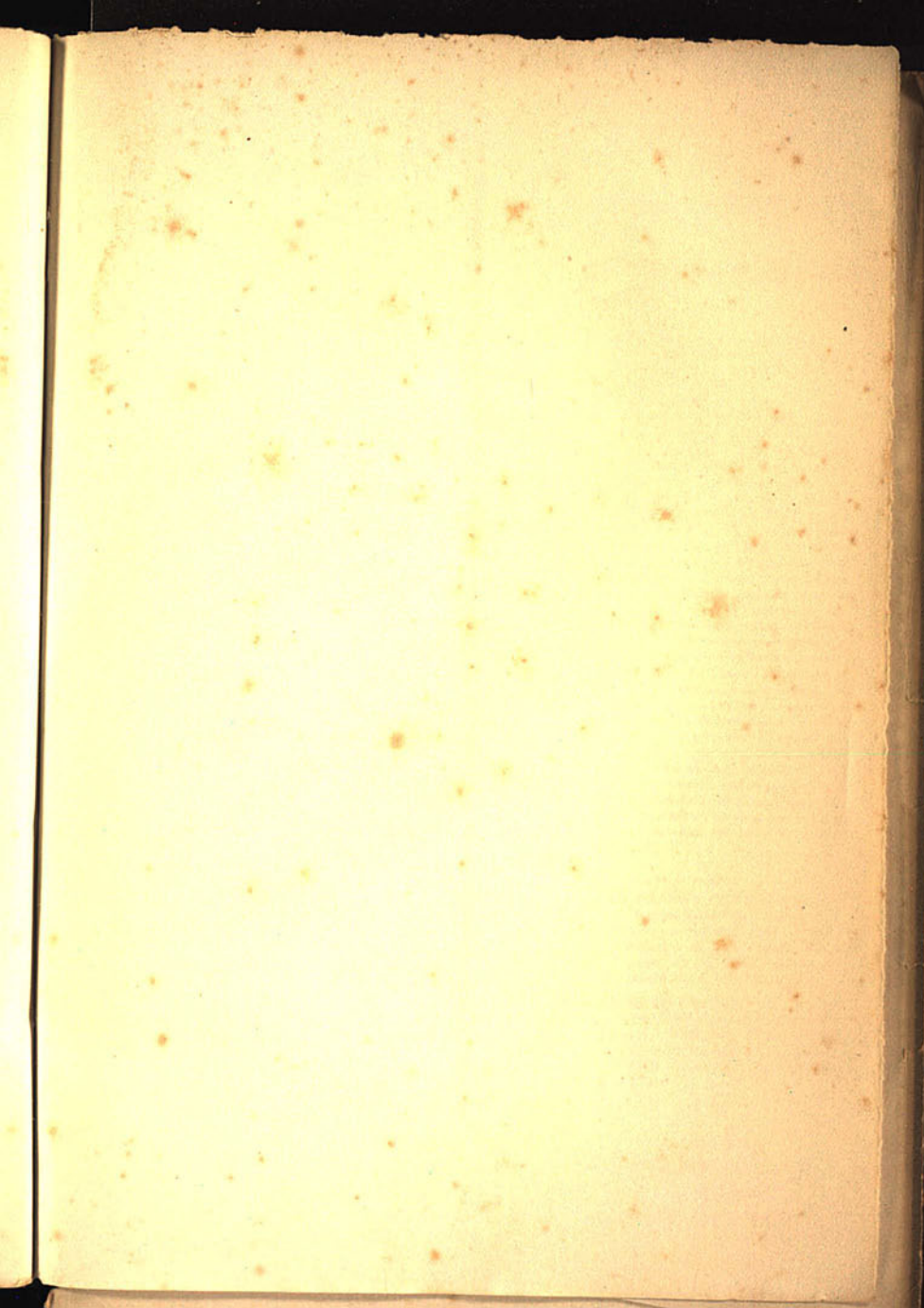
- Piaçoca 50, 56, 328
 Piau 169, 187, 241, 349
 Piau de capim 169
 Picapara 328
 Pica-pau do campo 382
pictatus, *Lanius* 411
Picus 349
Picus flavescens 63, 135
Picus campestris 382
Picus lineatus 63
Picus melanopterus 126
Picus robustus 135
pileata, *Ardea* 125
pileata, *Fringilla* 373, 378
 Pimenteira 39, 319
 Pindoba (côco de) 199
Pinna 324
Pintassilgo 387
Piper 366, 411, 440
Pipra 369
Pipra erythrocephala 142
Pipra leucocilla 142
Pipra pareola 142
Pipra strigilata 142
 Piranhas (veja *Caribes*) 343
Pisidium pyriferrum 33, 120, 397
Pitanga 292
pitangua, *Lanius* 92
 Pitanguira 121
 Pissandó 200
 Pita 470
pitangua, *Lanius* 46, 92
Platalea ajaja 381, 384, 401
plecostomus, *Loricaria* 262
Plotus aninga 92, 245
Plotus melanogaster 328
Pipra caudata 411
Platalea ajaja 95 (95)
Plotus 235
Plotus surinamensis 328
Plumbago 205
plumbeus, *Coluber* 81
plumbeus, *Falco* 87, 129
Plumeria obovata 435
Pocassú 217, 241
Podiceps 328
Podoa 328
Pomba amargosa 344, 412
Pomba espelho 241
Pomba trocax 184
Pomba verdadeira 184
Pombalia ipecacuanha 71
Pontederia 118, 264
Posoqueria 323
Potamogeton tenuifolius 432
Pothos 440
 Preá 365
 Preguiça 180, 298
 Preguiça de coleira 69
Pristis serra 154, 241
Prionus cervicornis 291
Procellaria 22, 212, 223
Procellaria pelagica, 22, 456
Procnias (veja *Araponga*) 81
Procnias nudicollis 50, 55, 371
Procnias cyanotropus 142
Procyon 392
Psittacus amazonicus 177, 212, 213, 402
Psittacus ararauna 84
Psittacus cactorum 380, 426
Psittacus coronatus 48, 189
Psittacus cruentatus 63, 363
Psittacus cyanogaster 193
Psittacus dufresnianus 241
Psittacus erythrogaster 63, 241
Psittacus guianensis 49, 65, 241
Psittacus macao 84, 104, 154, 184
Psittacus macauvanna 49, 72, 79
Psittacus melanotus 202
Psittacus menstruus 133, 202, 241
Psittacus mitratus 193
Psittacus ochrocephalus 177, 212, 320
Psittacus passerinus 241
Psittacus severus 231, 241, 363
Psittacus squamosus 241
Psittacus vinaceus 402
Psittacus pulverulentus 190, 415, 439
pulsatrix, *Strix* 259
Pteris caudata 379
Pulex penetrans 91, 207, 363
pulverulentus, *Psittacus* 190, 415, 439
punctata, *Perca* 318
Putumujá 167, 171
pyriferrum, *Pisidium* 33, 120, 397
pyrrhorinos, *Mus* 386
Pyrrhula misya 378
Queixada (porco) 192, 289, 153, 234, 245
Quem-quem 356
Quero-quero 50, 63, 65, 89, 402
Quirua (veja *Crejoá*)
Rabo de junco 455
racemosa, *Conocarpus* 176
Ramphastos aracari 60, 81, 334, 369
Ramphastos dicolorus 53, 181, 280, 369
Ramphastos loco, 395, 397
rangiferinus, *Lichen* 211
Raposa 410
Remirea littoralis 166, 204
Rhea americana 593
Rhexia 46, 56, 143, 264, 336
Rhizophora 75, 213
Rhynchops nigra 149, 154, 229
Ricinus 149
ridibundus, *Larus* 51, 59
ringens, *Aristolochia* 435
rivularis, *Muscicapa* 334

- Robalo 187, 241
 robustus, *Picus* 135
 Rôla 241
 rosalia, *Simia* 49, 55, 74, 81
 rosea, *Vinca* 205, 206
 ruber, *Tantalus* 92
 rufifrons, *Anabates* 386
 rufina, *Columba* 217, 241
 rufiventris, *Turdus* 57, 203
 rupestris, *Cavia* 378
 rupestris, *Muscicapa* 247
 Sabacú 329
 Sabaiá 57, 203
 Sabaiá-cica 193
 Sabiá-do-mato-virgem 179
 Sagui (veja Sauim)
 Sai 202
 Sai-assú 126, 143, 154, 231
 Saíra 142
 Saliz babilonica 448
 Salmo friderici 349
 Salvia 337
 Salvia splendens 45
 Sangue de boi (veja Tié-piranga) 244
 Sanhaço de coqueiro 318
 Sapos 353, 432
 Sapo-marinheiro 264
 Sapucaia 33, 84, 100, 248, 292, 293
 sapphirinus, *Trochilus* 45, 241
 Sauim 69, 141, 232, 327, 447
 Sauim cinzento 358
 Sauim preto 356
 Sauim vermelho 81, 49, 55, 74, 232
 Scarabaeus hercules 164
 Schinus molle 223
 Sciurus aestuans 50
 sclerops, *Crocodylus* 119, 118, 290, 343, 401
 Scomber 318
 Sebastião 179, 344
 Sepeira 71
 Sergueira 70, 167
 Seriemá 394, 431
 serra, *Pristis* 154, 241
 severus, *Psittacus* 231, 241, 363
 Sida carpinifolia 95
 silens, *Tanagra* 364, 369
 siliquastrum, *Cercis* 462
 Silurus 51, 241, 318
 Simia fatuellus 69, 74
 Simia jacchus 232, 447
 Simia rosalia 49, 55, 74, 81
 Siri 75, 223
 Socó-boi 329
 Sofré 385
 Sophora 121, 204
 Sovi 87
 speciosa, *Columba* 184
 appectrum, *Phyllostomus* 211, 230
 spiza, *Chlorophanes* 202
 splendens, *Salvia* 45
 Spondias tuberosa 436
 Spondylus 324
 Squalus 241, 318
 squamosa, *Columba* 372, 426
 squamosus, *Psittacus* 241
 Stachytapherta 89
 Stelio torquatus 363
 Stentor 74
 Sterna 46, 51, 131, 232
 Sterna argentea 59
 Sterna caspia 59
 Sterna flavirostris 231
 Sterna hirundo 59
 Sterna minuta 59
 Sterna stolidus 24
 stolidus, *Sterna* 24
 Strelitzia 47
 strigilata, *Pipra* 142
 Striz aluco 86
 Striz cunicularia 396
 Striz ferruginea 88
 Striz flammea 447
 Striz pulsatriz 259
 Strombus 324
 Suçupara 392
 Suiriris 388
 Sula 453
 Sueuriuba 290, 255, 256
 Sucurupora 241
 Sula leucogaster 73
 Surucur 62, 80, 81, 154, 369, 411
 surinamensis, *Plotus* 328
 Surucucú 134, 183, 382
 Sussuarana 233, 249, 354
 Sylvia 363
 Sylvia trichas 215
 tabulata, *Testudo* 194, 344
 Talha-mar 149, 154, 229
 Tamandua bandeira 37, 163, 164, 193,
 290, 383, 393
 Tamandua-cavalo
 Tanachura (v. Tanajura)
 Tanagra 43
 Tanagra auricapilla 411
 Tanagra bonariensis 387
 Tanagra brasilia 44, 57, 131, 244, 369
 Tanagra brasiliensis 369
 Tanagra capistrata 387
 Tanagra cayennensis 369
 Tanagra elegans 142
 Tanagra guyanensis 369
 Tanagra magna 369
 Tanagra palmarum 318
 Tanagra silens 364, 369
 Tanagra violacea 39
 Tanajura 52, 294

- Tangará 142
Tantalus albicollis 380, 384, 401, 402
Tantalus cayannensis 330, 364
Tantalus loculator 79, 380
Tantalus ruber 92
Tapera naevia 86
 Tapicuré 92, 94, 229, 248, 364
 Tapireté 37
 Tapirus 249, 256, 383
Tapirus americanus 37, 129, 153, 192, 173, 249
 Tapiti 45
 Taquarussá 82, 109, 284, 295
 Tartarugas 211, 234
 Tartaruga careta 322
 Tartarugas de água doce 230, 326
 Tartarugas do mar 165
 Tatú-assú 282, 348
 Tatú canastra 348, 383
 Tatú-peba 120
 Tatú verdadeiro 120, 189, 416
 teguizín, *Lacerta* 55, 122, 435
 Teiú 122, 357, 435
 Tellina 324
tenebrosus, *Cuculus*, 85
tenella, *Caulinia* 432
tenuifolius, *Potamogeton* 432
 Termitas (v. Cupim)
 Tesoura 389
Testudo caretta 165
Testudo coriacea 165
Testudo depressa 326
Testudo midas 165, 315
Testudo tabulata 194, 344
Theobroma 39
 Tico-tico rei 374
 Tió 57, 131
 Tió-piranga 244
 Tigre 166
tigrina, *Felis* 193
Tillandsia 49, 267, 344, 428
Tinamus 291, 350
Tinamus brasiliensis 189, 348, 355
Tinamus maculosus 95
Tinamus noctivagus 123, 133, 340, 350, 362, 371
Tinamus variegatus 348
 Tiriba 63, 363
 toco, *Ramphastos* 395, 397
Todus 100, 146
tomentosa, *Avicennia* 176
torguatus, *Bradypus* 69, 180
torguatus, *Stellio* 363
torrida, *Loxia* 378
 Trafra 187, 349
trichas, *Sylvia* 215
tridactylus, *Bradypus* 180
Trigla gurnardus 22
Trigonocephalus 182
Tringa 131
trochilrostris, *Dentrocloptes* 359
Trochilus ater 259, 356
Trochilus bicolor 57
Trochilus cornutus 395
Trochilus mango 241
Trochilus moschitos 379
Trochilus ornatus 45
Trochilus petasophorus 396
Trochilus sapphirinus 45, 241
Trochus 324
Trogon 81, 369, 411
Trogon viridis 62, 80, 154
 Tropeiro (v. Sebastião) 179, 344
 Tsiu 374
tuberosa, *Spondias* 436
 Tucano 53, 133, 181, 280, 369
 Tucanussá 395, 397
 Tucum 83, 295
 Tuiuiú 268, 276, 380, 384, 408
Turbo 324
turdinus, *Opetiorynchos* 364
Turdus brasiliensis 328, 364
Turdus figulus 396
Turdus orphoceros 89
Turdus rufigentris 57, 203
 Turnera 90
Turnera ulmifolia 90
tyrannus, *Falco* 256
tyrannus Muscivora 389
 Ubá 230
ulmifolia, *Turnera* 90
uniflora, *Cassia* 87
urens, *Jatropha* 131, 305, 351
Uricana 191, 323
ursinus, *Mycetes* 74, 79, 125, 126, 154, 365
Ursus cancrivorus 392
Urtica 131, 305
 Urtiga 305
 Urú (veja Capueira) 185
 Urubú (comum) 51, 221, 267
 Urubú de cabeça vermelha 86, 236
 Urubú-rei 355
 Urué 279
 Urutau (veja "mãe-da-lua") 174, 259, 264, 422
 Vampiro 211, 230
Vanellus cayennensis 50, 54, 88, 402
variegata, *Echites* 87
variegatus, *Tinamus* 348
 Veado campeiro 391
 Veado galheiro 392
 Veado mateiro 78, 153
ventricosa, *Bombaz* 250, 291
ventula, *Balistes* 318
Venus 324
venustissimus, *Coluber* 317

- Verben* 435
versicolor, *Columer* 347
Vespertilio naso 184
viduata, *Anas* 93, 125, 128, 221, 402
vinaceus, *Psittacus* 402
Vinea rosea 205, 206
Vincudo 227
Vinhatico 167, 171, 205
Violacea, *Hirundo* 149
violacea, *Tanagra* 39
violaceus, *Oriolus* 50
Vipera atrox 189
Vira-bosta 372, 387
virescens, *Ardea* 329
virgata, *Anas* 231
viridis, *Anolis* 253
viridis, *Trogon* 62, 80, 154
Vismia 336
Visnea 264
vociferans, *Muscicapa*, 178, 344
volubilis, *Petrea* 254
Voluta 324
Vultur aura 51, 236, 87
Vultur papa 355
Wikstroemia fruticosa 87
xanthosternus, *Cebus* 263, 352, 355, 361
yaguaroundi, *Felis* 193
Zabelê 291, 350, 362, 371







"BRASILIANA"

Série

GRANDE FORMATO

★

INICIAMOS a série "BRASILIANA" — formato grande — com a edição brasileira da notável obra "Viagem ao Brasil", por MAXIMILIANO, Príncipe de Wied Neuwied, já vertida para o inglês e o francês. A quem já teve contacto com essa obra de primeira ordem, pela leitura do original alemão ou de qualquer das traduções, francesa ou inglesa, não poderá passar despercebido o interesse particular que representa, para os estudos sobre o Brasil, a divulgação, em língua vernácula, desse volume geralmente tão pouco conhecido. A tradução feita sobre a edição francesa e cuidadosamente revista de acordo com o original alemão, as anotações lançadas ao pé da página ou no fim dos capítulos por um dos nossos maiores especialistas em zoologia, e a nitidez das primorosas ilustrações do texto, mostram a evidência o empenho que pusemos não somente em conservar, na edição brasileira, todo o interesse do original, mas em atualizar e enriquecer o texto primitivo de comentários seguros e oportunos. A nova série da coleção não podia, pois, iniciar-se melhor e estamos certos de que o público brasileiro lhe dispensará o mesmo acolhimento com que consagrou definitivamente a iniciativa da "BRASILIANA", animando-nos a novos empreendimentos em favor da cultura nacional.

Próximos volumes:

"OS BORÓROS ORIENTAIS" (Orariumgudoge) pelo Padre ANTÔNIO COLBACCHINI. — Contribuição da Missão Salesiana de Mato Grosso para o estudo de Etnografia Brasileira. — Edição profusamente ilustrada.

"O BRASIL CENTRAL" por KARL VON DEN STEINEN. — Expedição em 1884 para a exploração do rio Xingú. — Tradução e notas de CATARINA BARATE CANABRAVA. — Edição ilustrada.

★

Edições da

COMPANHIA EDITORA
NACIONAL
SÃO PAULO



SÃO PAULO EDITORA LTDA., IMPRIMERIA, PUA REGO FREITAS, 490.